



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

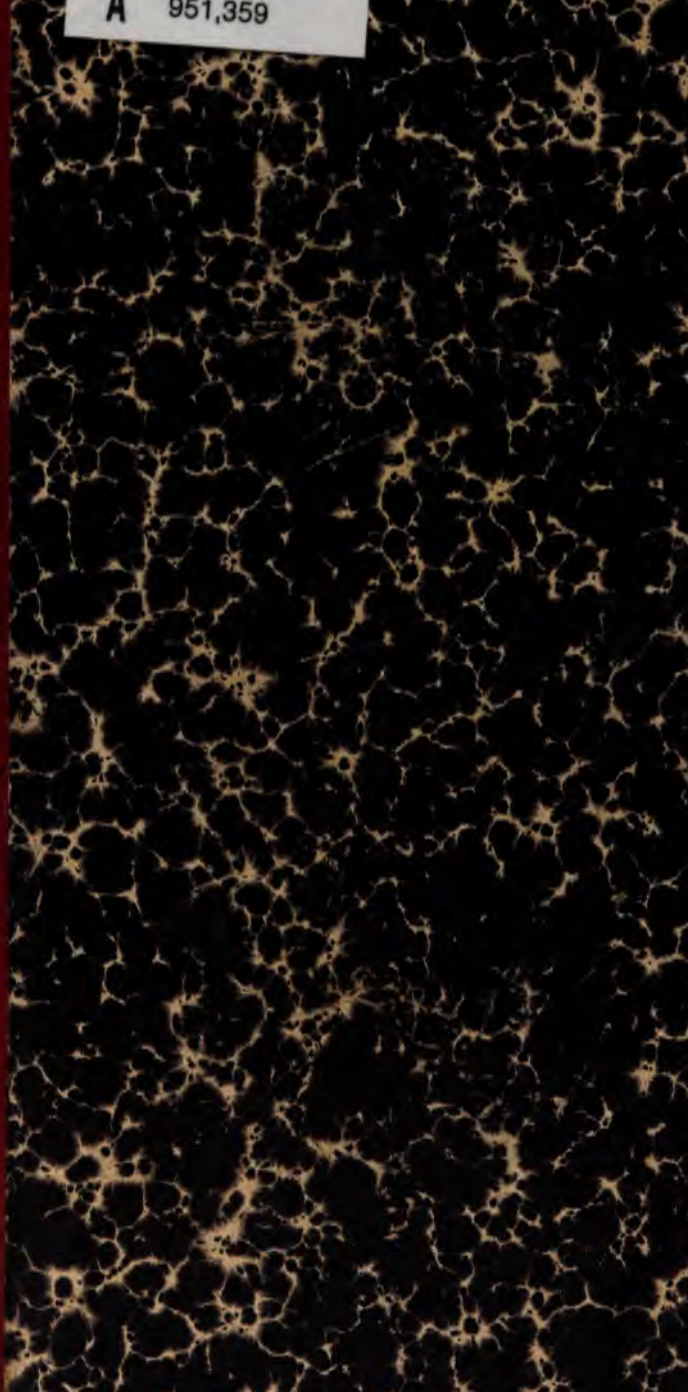
We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

A 951,359





PROPERTY OF

*University of  
Michigan  
Libraries*

1817



ARTES SCIENTIA VERITAS





REVISTA

**LITTERARIA.**





REVISTA  
**LITTERARIA.**  
PERIODICO

DE

LITTERATURA , PHILOSOPHIA , VIAGENS ,  
SCIENCIAS , E BELLAS-ARTES.

---

.TOMO TERCEIRO

2.º ANNO.

---

PORTO:

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE  
LARGO DE S. JOÃO NOVO N.º 12.

---

1839

AP

55

Am. 2

V. 3-4

MARÇO DE 1839.

---

REVISTA  
LITTERARIA.

---

Economia Política.

**DOS IMPOSTOS**

ARTIGO PRIMEIRO

Secção 1.<sup>a</sup>

*Definição, e origem dos impostos.*

CHAMA-SE *imposto*. — *tributo*. — *contribuição* a parte do que os particulares possuem, consagrada á satisfação das necessidades do corpo social.

Todo o imposto é um encargo, e um sacrificio que o contribuinte faz de parte de sua propriedade para posar em segurança do que lhe resta, e desta sorte obter certas vantagens; se este sacrificio não é contrabalancado pela vantagem que obtem; se a compensação que lhe dá direito o sacrificio não está em proporção com este, o imposto é *iniquo*.

O interesse do contribuinte consiste em obter a maior somma de vantagens á custa do menor sacrificio; portanto o governo que souber dar aos mem-

bro do Estado a maior somma de vantagens com a menor somma de sacrificio, é aquelle que melhor desempenha a sua missão.

O contribuinte pagará voluntariamente o imposto que lhe for lançado, quando vir e por si mesmo se convencer, de que a somma de todos os impostos é religiosa e fielmente empregada na satisfação das necessidades politicas, de cuja satisfação lhe resultão as vantagens, para ter as quaes fez um sacrificio.

Os termos *imposto*, *contribuição*, *tributo* não exprimem realmente a mesma idéa, ainda que vulgarmente tomados na mesma acceção.

Diz-se *imposto*, quando a quota com que cada individuo tem de concorrer para os consumos do Estado, foi estabelecida ou decretada arbitrariamente por um principe, ou por uma classe d'individuos.

Diz-se *contribuição* quando a quota com que cada individuo tem de concorrer para as *necessidades* do Estado foi livremente consentida por todos os individuos, ou pela maioria nacional, para proveito de todos.

O *imposto* é o encargo decretado pelos governos absolutos e despoticos; e não tem outros limites que a paciencia dos povos: a *contribuição* é o subsidio dos Estados representativos; o seu limite está nas necessidades do serviço publico, julgadas pela vontade nacional.

O termo *contribuição*, ou *tributo* presuppõe uma igual repartição dos encargos do Estado; mas o *imposto* sendo arbitrariamente decretado, pode ser desigualmente repartido: a *contribuição* deve affectar igualmente a cada um dos contribuintes; o imposto pode carregar sobre uns, e exceptuar outros.

Todavia estes tres termos são synonymos na acceção vulgar; assim os consideraremos.

Não ha nação sem governo; este tem por objecto *proteger* os individuos que compõem a nação: a missão do governo é esta protecção, e consiste ella em garantir-lhes liberdade, segurança no interior, e o direito de propriedade; eis-aqui o que o governo deve aos povos; mas para que elle preencha a sua missão os povos devem ao governo os *meios* necessarios para fazer efficaz aquella protecção.

Estes meios consistem na cessão d'uma pequena parte do direito individual, que é anterior a toda a associação, para á custa deste sacrificio cada um conservar illesa a parte que lhe resta.

As nações subsistem por si mesmas, porque subsistem do que produzem; mas para que a producção se eleve ao gráo a que ella pode chegar, é mister a ordem: é pois a ordem a condição vital das sociedades.

Cumpra pois que os povos prestem ao governo os meios da manutenção da ordem: estes meios são a *submissão ás leis* fundamentaes e organicas feitas pela propria sociedade; e os *recursos precisos* para o custeamento das despesas indispensaveis, que demanda a consecução daquelle fim; no qual consiste a vida das nações; isto é, a ordem.

Tres são as funcções que o governo tem a preencher.

1.º Proteger a sociedade contra os ataques, e violencias das outras nações independentes.

2.º Defender cada membro da sociedade em particular da malevolencia e injustiça d'outro membro

3.º Erigir, e entreter estabelecimentos uteis ao publico; pois que não podem ser criados, e entretidos por conta dos particulares.

Em summa; os governos devem aos povos, como fica dito, — *liberdade, segurança, e instrucção.*

Os povos devem aos governos, *obediencia á lei, e meios pecuniarios* para a manutenção da ordem: estes meios constituem o redito publico, com o qual se satisfazem as despesas publicas, isto é, aquellas que são em interesse commum da sociedade.

A origem dos *impostos, tributos, ou contribuições*, está nas necessidades da sociedade; as despesas, que ellas custão devem sahir da sociedade, isto é, dos particulares, ou dos productos de seus fundos productivos.

E como é a sociedade que deve prestar os meios para satisfazer as despesas, fica-lhe inaufervel o direito de julgar da importancia e limites das necessidades do Estado; de regular as despesas proporcionaes, e de votar-lhe os meios competentes.



Logo, para que estes meios sejam legaes, para que seja legitima, e competente a quota com que cada particular deve *contribuir* para a formação do *redito geral do Estado*, é preciso que aquelles meios sejam *geralmente* consentidos pela vontade nacional; entendendo-se que esta é expressa pela maioria de seus representantes *livremente escolhidos*.

Mas se a vontade nacional é condição precisa para a votação legal dos impostos, ella não é a *primeira*; ha outra que lhe antecede, é a *possibilidade* da contribuição: não basta que certo numero d'individuos queirão constituir-se em sociedade; é mister que possam prestar os meios para manter-se. A sociedade que *quer* constituir-se, *pode* sempre constituir-se: para *melhor poderam* manter-se em sociedade, para *mais proficua e livremente* poderem os individuos usar de suas faculdades, é que elles se associarão.

As necessidades publicas são a medida reguladora dos impostos; e quando os governos sahem desta medida, elles procedem immoralmente; e por fatalidade quasi sempre elles sahem fóra della.

O preço de todo o imposto é a *protecção*: os impostos são pagos em consequencia d'um contracto tacito de reciprocidade, bilateral, ou synallagmatico, pelo qual o povo concorre com uma parte da sua propriedade, para receber em troca a *segurança, liberdade, independencia, e ordem*.

Aquelles que cedem esta parte *querem*, e tem o direito de *querer*, estar seguros de em paz e livremente exercerem sua respectiva industria; é para isto que elles fazem o sacrificio dessa cessão.

A prodigalidade insensata dos governos é a causa primaria do máo emprego da fortuna publica.

Se os impostos são calculados unicamente na somma sufficiente para cubrir as necessidades do Estado; se são conveniente, e igualmente repartidos, os povos os pagão sem violencia, e sem queixume; elles considerão então essa divida como a mais sagrada.

## Secção 2.ª

### *Fontes dos impostos.*

A *industria*, os *capituaes*, e as *terras* são os tres fundos

productivos, de cujos renditos podem sahir os impostos : como sem estes tres fundos não ha producção, e como sem producção a sociedade não pode subsistir, todo o imposto ou contribuição que ataca directamente a industria, e os capitães, terá por consequencia a mais ou menos proxima aniquilação da sociedade.

O redito publico deve formar-se do escote do redito dos particulares; quando estes não tem redito não podem prestal-o ao Estado; e se este exige do particular o seu fundo productivo, faz-lhe uma verdadeira espoliação.

Cumpra que o governo tenha em lembrança, que tudo quanto elle recebe pelo imposto é perdido pelo contribuinte, se da leal applicação da somma dos impostos lhe não resultão as vantagens, pelas quaes se desfez d'uma parte da sua propriedade.

A quota que a cada contribuinte compete será tanto maior, quanto menor fôr o numero das contribuintes; quanto menor for a massa contribuinte; quanto mais difficil e dispendioza for a arrecadação dos impostos.

Se pois todos os membros da nação não concorrerem para a formação do redito publico em proporção de seus meios : se os meios de cada um não forem tantos quantos ha possibilidade de que sejam; isto é, se a producção não está elevada ao gráo d'extensão a que pode ser elevada; ou, mais claramente, se os fundos productivos (terras, capitães, e industria) não produzem quanto podem produzir; se a riqueza nacional se acha em abatimento: é evidente que a porção que toca a cada um dos contribuintes é precisamente maior; e que ha manifesta injustiça quando, alguem fique sem contribuir; que ha grande violencia quando essa porção absorva a maior parte do redito do contribuinte, e que haverá formal espoliação quando essa porção lhes leve não só o redito, mas o fundo productivo.

Cumpra pois ao legislador meditar com a mais seria e profunda attenção que o effeito do imposto que vae decretar seja tal, *que não isente um só individuo, que seja exactamente distribuido, segundo o principio de repartição adoptado, e que não ataque por modo algum os fundos productivos.*

E' claro que os impostos serão tanto menos onerosos, quanto maior for o numero dos contribuintes, e maior a massa tributavel; e quando se verificão estas duas condições? quando a industria estiver no mais alto gráo de prosperidade. Então um insignificante imposto produzirá grande massa de reddito publico.

“O meio mais efficaz que o governo tem d'augmentar seus rendimentos é *enriquecendo seus súbditos.*”

Assim o dizão em 1595 os magistrados que em Hespanha forão então encarregados de melhorar o estado de finanças!

Quanto maiores forem os reditos dos individuos, quanto maior for o numero d'individuos que tenha reditos; tanto maior será a quantia resultante d'um imposto, por pequeno que seja.

Quando os impostos provém dos reditos d'um dos tres fundos productivos, elles não diminuem a producção, comtanto que não absorvão senão uma mui pequena parte do *producto liquido*: mas como o imposto pode affectar um só destes reditos sem tocar no outro; e como é mister que cada contribuinte concorra com uma parte proporcional a suas facultades, é tambem mister que o legislador tenha em vista que nenhum reddito escape ao imposto.

A obrigação dos governos, o objecto especial de sua missão é dar amplitude e extensão á industria, tirando todos os estorvos que a empecem, facultando a accumulacão dos capitães, e promovendo a livre concorrência; só assim poderá augmentar prodigiosamente seus meios, diminuindo ao mesmo tempo o gravame dos impostos.

### Secção 3.<sup>a</sup>

#### *Limite dos impostos.*

A primeira obrigação da representação nacional é meditar bem as despesas publicas; na sua maior economia consiste a simplificação da *arte das finanças*; esta arte é difficil porque não é bem conhecida; ou não se quer conhecer a arte d'economisar.

A vida das nações ficar-lhe-ha mui cara se os governos fiserem despesas mui fortes; os gastos es-

strictamente necessários, são o limite dos impostos; quando a sua somma total excede este limite, isto é, quando os gastos dos governos tem outra applicação que não seja afiançar ao contribuinte a *protecção* que o governo lhe deve, é um attentado contra a sua propriedade, é uma *espoliação*. Tal é o principio regular dos impostos.

Que importa, que a maioria dos representantes vote impostos se a nação os não pode pagar?

E bastará por ventura que a nação os possa pagar? não; ella deve primeiro saber quanto lhe cumpre pagar, e não mais.

Para que sem grande *gizvame* possa pagar os impostos estrictamente necessários para o custeamento das despesas publicas, é preciso que a sua industria se ache em certa situação; tanto maior for a sua prosperidade, tanta maior é a sua faculdade de contribuir; mas a industria presuppõe capitães, instrucção, liberdade, e actividade de trabalho; logo cumpre facilitar a accumulção dos capitães, e a actividade do trabalho, que são os principaes motores da industria; so assim poderão os contribuintes obter os meios successivos de prestar ao Estado uma parte para custear as despesas publicas; estes meios são os renditos provenientes dos fundos productivos; logo os impostos devem sahir dos renditos; e o seu limite está nas faculdades destes renditos; e no valor dos capitães.

Se os impostos sahissem d'outra parte, a faculdade contribuinte cessaria em pouco.

O systema actual d' impostos na Europa data dos ultimos tempos do feudalismo; o rendimento das nações era até então formado por outro modo.

#### Secção 4.

#### *Das differentes especies d'impostos.*

Não é do objecto da Economia Politica individuar os impostos que com diversas denominações se conhecem, essa tarefa pertence a um tratado de finanças publicas; o que é porem da alçada daquella sciencia é mostrar os efeitos dos impostos, segundo sua importancia, modo de lançamento, e ainda systema d' arrecadação.

Não ha contribuição que possa provir d' outras fontes, como dito é, que não sejam a renda da terra, os renditos do capital, ou os lucros da industria: por dous differentes modos se podem obter os impostos lançados sobre cada uma destas tres fontes, e suas ramificações.

1.<sup>o</sup>— *directamente*, quando o contribuinte tem de dar para o imposto uma parte de seu reddito, determinada segundo certos principios.

2.<sup>o</sup>— *indirectamente* quando o contribuinte paga o imposto lançado sobre o consumo do producto de que carece.

São essencialmente distintos; o primeiro recahe sobre o rendimento; o contribuinte tem de desfazer-se d'uma parte deste, que ha-de entregar ao collector; e esta parte é em proporção de seus meios: o segundo recahe sobre a despesa, ou para melhor dizer é pago pelo individuo que tem de comprar os productos d' outro individuo.

O sacrificio determinado pelo imposto directo é visivel, é sem disfarce; o individuo a quem elle toca sabe exactamente a parte que de sua riqueza tem de dar ao governo; e como é mais facil avaliar este sacrificio, do que a vantagem que resulta da sua leal applicação, os contribuintes manifestão grave repugnancia em entregar directamente ao governo uma parte ainda que minima de sua riqueza, e o governo para prevenir seus queixumes, e fazer menos odiosas as contribuições, em vez de lançal-as sobre a producção immediata do contribuinte, lança-as sobre os productos que estes tem de comprar; disfarçando por este modo o que effectivamente pagão, e convertendo apparentemente a natureza forçada da contribuição, em uma convenção espontanea; de modo que quando o imposto indirecto é muito modico, confunde-se com o preço natural do genero tributado.

Trataremos em especial de cada uma destas duas especies d' impostos.

Os financeiros tambem conhecem outras duas especies de tributos ou impostos, propriamente quanto á denominação.



1.º *Impostos geraes*, quando abrangem todas as classes indiscriminadamente.

2.º *Impostos particulares*, quando somente comprehendem uma ou algumas classes.

### Secção 5.ª

#### *Dos effeitos geraes dos impostos.*

Segundo Ricardo, quanto o contribuinte paga d'impostos é quanto o governo possui em vez do contribuinte, e por tanto a somma total do redito geral não sofreu diminuição; proposição verdadeira em quanto á sua enunciação abstracta; mas puramente illusoria quando considerada em seu effeito; e na verdade, os productos com que o contribuinte fica, depois de separada a parte prestada ao governo, augmentão precizamente de preço para elle contribuinte, porque com esse restante não pode comprar a mesma quantidade de productos; que compraria com a totalidade do seu redito; e só os poderia comprar se nessa parte restante pudesse elevar o preço proporcionalmente ao valor do que deu d'imposto; o que nem sempre, ou quasi nunca lhe é possível, poia que os preços dependendo das leis do mercado, isto é da concorrência, e não tendo a quantidade produzida alguma diminuição, por estar na sua totalidade na mão do productor, ou parte em sua mão, e parte na mão do governo, os preços não podem variar; porque, pouco importava que o productor quizesse elevar o preço, se o mesmo genero se vendia a par d'elle por preço mais baixo!

O imposto é pois para quem o paga uma perda formal; considerado elle quanto ao effeito immediato que o contribuinte sente.

As faculdades do contribuinte são realmente menores; o preço dos productos que tem de comprar sobe para elle realmente, por que tem de privar-se d'uma parte destes productos, avaliada pelo preço do que cedeu para o imposto: logo o effeito necessario dos impostos é diminuir a procura;

augmentando *realmente* o preço dos productos, não augmentão igualmente as faculdades do consumidor; effeito commum a qualquer causa que augmente os gastos de producção. Se em rasão de causas mui especiaes, e de circumstancias accidentaes o consumo d'um producto ainda se sustenta sem diminuição, é porque o consumo d'outro declina preciaamente.

Quando; pôr tante, os productos são mais caros por effeito dos impostos, a nação é mais pobre; porque não pode consumir a mesma quantidade que d'antes; e por tanto sofre privações; porque a importancia da massa do imposto sendo pelo governo empregada em consumo não immediatamente reproductivo da industria, é massa que podia ser empregada como capital reproductivo; por que deixando menos reíto liquido ao contribuinte, o força a privações, ou o impede de fazer economias com as quaes accumula capitaes, que virião a ser motores e instrumentos da industria. Ora é evidente que os impostos, que os productores são obrigados a pagar, fazem parte dos gastos da producção, e em última analyse augmentão precisamente o preço de seus productos; e como o imposto é inquestionavelmente um encargo, um incommodo, ha uma natural tendencia para cada qual se exonerar delle lançando-o sobre outro membro da sociedade; o productor pois sempre que possa ha-de lançal-o sobre o consumidor, augmentando o preço do producto, é este pois quem na maioria dos casos paga o imposto; mas não sempre; ha casos, e não será difficil mostral-os, como mostraremos fallando dos impostos directos sobre a renda da terra, ou sobre as utilidades do capital, em que o productor por mais que queira desfazer-se do encargo, fazendo-o pagar pelo consumidor, não pôde, e tem de o sofrer immediatamente. A. Smith disse, que os impostos directos lançados á propriedade terrena recaião sempre sobre o proprietario; mostraremos que esta proposição não é exacta, porque muitas vezes recae sobre o consumidor; mas recaia sobre este ou sobre o productor, o imposto é uma perda immediata para a producção.

Mas, como é que alguns Economistas ousarão asseverar, que no imposto não se dá tal perda, porque o governo o restitue outra vez no consumo que faz? Pois o governo quando cede uma parte da importancia do redito publico, seja qual for o titulo porque o cede, não recebe por isso um equivalente? este equivalente é material, quando compra generos de consumo; e é immaterial quando paga serviços immateriaes, em todo o caso paga o equivalente de serviços productivos: se v. g. torna a entregar ao contribuinte a porção do redito, que este lhe deu a titulo d'imposto, será acazo gratuitamente? e se for por generos, não foi o equivalente destes generos que o contribuinte agora lhe entrega? não ficou elle em todo o caso sem a importancia do imposto? mais claro; se o contribuinte paga 100 d'imposto ao governo; devendo para isto privar-se do valor de 100 vendendo, talvez, generos que equivalem a 100, quando o governo lhe torna a dar os mesmos 100 por equivalente de generos que recebe em troca, não ficou o contribuinte em todo o caso privado de 100?

E como é ainda que alguns Economistas ousão asseverar que os impostos são os *estimulantes da industria*, e que cada augmento d'encargos publicos excita e augmenta proporcionalmente a industria do paiz?

Esta maxima é tanto mais perigosa, quanto alguma apparencia de verdade encerra, quando os impostos são mui módicos, e a nação é muito industriosa.

Analizemos o effeito do imposto, e veremos o absurdo da proposição. Os impostos que em ultima analyse recahem sobre os objectos de consumo geral, forçam o pobre a um de tres arbitrios; 1.º — a augmentar o preço do seu trabalho; 2.º — a restringir seu mesquinho consumo; 3.º — a aperfeiçoar a sua industria.

Quanto ao *primetro*, nem sempre depende dello augmentar o preço de seu trabalho, porque este preço, o seu *jornal*, ou *salario*, é fixado pela lei da concorrência ou do mercado; e quanto aos dous outros, elles não são efficazes para o habilitarem

a pagar uma contribuição pesada, principalmente em paiz pouco industrial, no qual a subsistencia da classe operaria é misera, portanto ou ha-de trabalhar mais do que pode, para com o excesso de trabalho pagar a contribuição, ou ha-de diminuir a sua despesa; e como é que ha-de diminuir esta, se ella é já misera! como é que o excesso do trabalho lhe ha-de render o que precisa para a contribuição! e como é que sem desfalque preciso de suas forças, sem risco da sua existencia ha-de pedir ás suas forças mais do que ellas lhe permitem? este esforço seria ainda possivel no caso d'um imposto assaz modico.

Se um individuo para pagar, v.g., 100 d' imposto o pode fazer trabalhando mais alguma coisa, ou economizando o equivalente, sem tocar em seu capital; se este imposto for elevado a 200, 300, ou mais, poderá elle pagal-os com o excesso, do trabalho, ou com a importancia da economia, dada a sua possibilidade? mas é forçoso que os pague; não lhe resta outro arbitrio senão entrar por seu capital; e se este capital, se o seu fundo productivo são suas faculdades fysicas; não tem outra opção que *morrer de fome, ou de trabalho*. E se o capital é numerario! ha-de diminuir este motor da industria. A maxima é portanto uma pura decepção; e os impostos exorbitantes são em vez de estimulantes da industria os estimulantes da pobreza.

*Os impostos que absorvem a totalidade ou a maior parte dos productos da industria destroem a industria, impedem as economias, e por tanto a formação de capitães, instrumentos essenciaes da industria, e não deixão ao productor outra alternativa, que a humilhação, ou a desesperação.*

Em tal caso estão precisamente quasi todos os impostos ultimamente decretados pelas *segundas constituintes*!

Legisladores! dae impulso á industria pelos meios competentes, pelos meios directos, naturaes, por aquelles que dicta a razão, e que a *livre concorrência* ordena: por aquelles que estão d' accordo com a liberdade bem entendida; augmentae a massa tributavel, diminui os impostos, e vós enriquecereis o thesouro, e felicitareis a nação!

Legisladores! os impostos onerosos que sobre-carregão os contribuintes, forçando-os a entrar por seus capitães, isto é, em seus próprios fundos productivos, tem por consequencia necessaria a mais ou menos remota aniquilação nacional. Legisladores! occorrei quanto antes a este mal!

Quando os impostos são pagos pelo consumidor, o que quasi sempre acontece; *quando principalmente recahem sobre os objectos do consumo diario do trabalhador*, elles augmentão o preço nominal do trabalho, e diminuem a taxa real dos salarios, bem como as utilidades do capital; este necessario effeito dos impostos tem por consequencia prejudicar a propriedade nacional, arruinando a industria, ou impedindo-lhe a reparação, se ja está arruinada.

Se as utilidades do capital são grandes como nos Estados Unidos, e o paiz pode accumular grandes capitães, que importa que ahí sejam mui elevados os salarios, se os lucros da capital são grandes, se as contribuições são mínimas! Mas o contrario acontece actualmente na Peninsula Iberica com o sistema d'impostos *ineptamente* seguido: elle impossibilita a accumulação de capitães; estorva as empresas que podião ser *utilmente feitas com capitães estrangeiros*, e forçã a exportação d'alguns que ainda existem, porque seus proprietarios temem dar-lhe applicação correndo manifesto risco de os perder, e de se arruinarem, já pela oscillação continua do estado politico, já porque o gravame dos impostos lhes tira todo o prospecto de colher lucros de seus capitães.

Para que a industria prospere, e para que a taxa dos lucros dos capitães suba ao seu mais alto estalão, sem o emprego de meios artificiaes, isto é, *sem restricções ou monopolios*, cujo effeito é *prejudicar sempre muitos consumidores, em vantagem de pouquissimos productores*; importa, que os trabalhadores possam comprar os objectos de seu diario consumo, assim nacionaes, como estrangeiros, no mercado que lhos offereça pelo preço mais vantajoso: porque os lucros do capital diminuem quando os salarios augmentão, e augmentão quando estes diminuem,



e como o trabalhador e sua familia tem de subsistir do salario, o preço nominal deste tem d' augmentar na razão do augmento do preço dos generos de seu consumo, e este augmento é justamente quanto diminuem os lucros do capital.

Assim o interesse da sociedade exige *formalmente* que se suprimão, ou sensivelmente diminuão os impostos que recahem sobre os objectos de consumo, cujo bom mercado contribue a elevar os lucros do capital, a renda da terra, e o valor da propriedade terrena, fazendo prosperar a industria; só quando esta faz progressos é que a renda da terra s'eleva: compare-se, para prova desta verdade, o que é hoje a renda da terra com o que é hoje tambem a industria nacional.

Engana-se pois, e mui grosseiramente, a classe proprietaria quando quida utilizar, fazendo suportar pelas outras classes a parte dos impostos, que ella deve pagar.

O que importa é que todas as classes paguem pouco, mas paguem proporcionalmente, e tenham muito de que pagar pouco.

Os impostos que recahirem sobre os capitães em mui pouco tempo devorarão os meios da produção; cumpre abrogar promptamente os impostos que tal effeito produzem; e todo o imposto o produzirá, quando por seu gravame e excesso absorver o reddito do contribuinte, e o force a entrar no capital; ou quando immediatamente affecte este.

Tal será o effeito da monstruosa *lei das decimas ultimamente decretadas*, se ella for executada conforme a sua disposição: o terror que ella inspira é já tal, que o cidadão quer prescindir d' um de seus mais bellos direitos politicos, o da escolha de seus representantes, para não pagar *oito mil reis* d' impostos, que é a *decima* do minimo rendimento, que dá o direito da votação.

E com quanto estejamos convencidos que o *censo* deve ser a baze daquelle precioso direito, do qual certamente depende a estabilidade, e a ordem do estado social, é contudo innegavel que o effeito da lei das decimas está em manifesta contradic-

ção com o principio da maxima extensão dos votantes nas eleições, tão propugnado quando se debateu a lei eleitoral! A lei das decimas deu o triumpho aos Deputados que procurárão uma base de censo, que foi regeitada por aquelles mesmos que approvárão a lei das decimas! Misera ignorancia!

A Economia Politica encarrega-se de fazer conhecer qual é o systema de contribuições ou impostos que menos offensivo seja á industria. Todo o imposto que faz encarecer o producto põe desde logo o consumidor em estado de o não consumir, ou de consumir muito menos porção; de modo que aquella porção que por esta causa deixa de produzir-se nada rende para o Estado.

E' bem elaro que o preço do producto, elevado acima das faculdades do consumidor, torna-lhe inaccessible a fruição do producto; assim os impostos d' entrada, ou ditos *protectores*, estão neste caso; os productos que então deixão de consumir-se nada rendem para o Estado, e os poucos que se consomem não rendem tanto quanto renderião aquelles que virião a consumir-se, quando seu preço fosse menor: já em outro artigo fica notado outro inconveniente ainda maior que é a diminuição da produção; por quanto não dando os estrangeiros seus productos de graça, só podem pagar-se-lhes com outros productos, que fôra mister produzir; e desta permutação vem interesse reciproco, por que cada nação paga os productos que recebe com aquelles que menos lhe custão a produzir, ou que produz com vantagem superior a aquella porque os produziria a outra nação, se os quizesse produzir em si mesma.

Por tanto os impostos exagerados rendem tanto menos para o Estado, e custão tanto mais á nação, quanto elles impedem que se produza.

O preço dos generos é na verdade de fundamental importancia na economia social. E' de immediata intuição que cada consumidor é relativamente mais rico, ou é relativamente menos pobre, quanto por melhor preço pode comprar os objectos que precisa para seu consumo, quer seja na satisfação de suas necessidades, quer na fruição de commodidades: assim

os impostos não nos depauperão tanto pela quantia que nos tirão, como pela elevação dos preços nos objectos de nosso consumo.

Todo o imposto é portanto um sacrificio exigido de certas pessoas, e de suas acções; e é ao mesmo tempo uma especie de multa lançada sobre a industria, que é a acção mais favoravel ao corpo social, a constitutiva de sua vida, e, depois das riquezas naturaes, aquella que amenisa a sua existencia; é portanto manifesto que sendo este o effeito necessario do imposto, e sendo por outra parte indispensavel que o corpo social contribua com os meios precisos para a protecção dos individuos, e para a manutenção da ordem entre elles, cumpre que elle seja reduzido ao minimo, porque cumpre que o corpo social, para gozar o bem da protecção e da ordem, faça o minimo sacrificio.

Os impostos são em ultima analyse pagos pelo redito, ou pelos capitães.

Se os capitães chegam a ser affectados pelos impostos, a producção é radicalmente interessada no seu motor principal; a industria só pode prosperar com o augmento progressivo dos capitães, e estes só podem augmentar, ou quando a producção annual excede o consumo annual, ou quando este diminue ficando a producção no mesmo estado: ora os impostos impedem o augmento da producção, e daão que o consumo seja por sua causa tambem diminuido, esta diminuição é devida, não á economia sem diminuição de commodidades, mas a uma economia forçada por falta de meios competentes para ter os objectos de consumo, elevados em preço por causa dos impostos.

Quando pois os consumos do governo sustentados pelos impostos tiverem por effeito o augmento de producção, o que pode effectivamente acontecer, quando elles são empregados nos objectos de publica utilidade; como na latitude dada ás vias de communicação, estradas, canaes, portos de mar, pontes, &c, ou mesmo na manutenção das instituições, do que resulta efficaz protecção aos industriaes, como são a força de mar e terra, compe-

tentemente organizada, e a administração judicial e civil; a instrução publica; quando, dizemos, da applicação leal e judiciosa dos impostos estritamente precisos, e não mais, resulta augmento de producção, ou diminuição do consumo superfluo, o imposto não descarregará seu golpe sobre o capital, mas sim aonde deve descarregal-o; que é no redito. Se pois o governo, e a nação continuarem a fazer as mesmas despezas, quando a reproducção annual vae em decadencia, por causa da diminuição dos capitaes, os recursos nacionaes declinarão rapidamente em progressão ascendente, sendo a miseria a consequencia necessaria do tal systema. O contrario acontecerá se a producção annual fór em progressão ascendente; e eis aqui o que se viu na nação ingleza, quando, ao mesmo tempo que os impostos crescião (durante o tempo da guerra com a França,) causas extraordinarias, e inesperadas, e taes forão os grandes descobrimentos mecanicos de Arkwright, e Watt, fizerão elevar a producção annual a um grão espantoso, que sobre-compensou muito o effeito dos impostos, e que salvarão a nação; por estas causas nunca os impostos chegarão a entrar pelos capitaes, elles recahirão somente nos renditos, progressivamente crescentes em rasão daquellas causas, de que o juizo do governo inglez tirou todo o partido, e o qual promoveu a maior latitude compativel com sua peculiar situação.

Os impostos, como fica dito, impedem as accumulações, e portanto a formação dos capitaes, e produzem effectivamente os mesmos effeitos que produz um terreno ingrato, o mau clima, a falta de habilitade, d'actividade, ou de conhecimentos industriaes; e posto que estes sejam seus geraes effeitos, deve comtudo notar-se que elles são mais ou menos funestos segundo os objectos escolhidos para serem tributados.

E' preciso que elles não cheguem a affectar o capital; e não cuidemos que por não serem immediatamente lançados aos capitaes, deixão de affectar estes instrumentos da producção; pertence á Eco-

nomia Politica fazer conhecer a acção dos impostos, e antes que as tristes consequencias mostrem o erro, cumpre á sciencia denunciá-las, para desviar ao governo a responsabilidade do mal necessario. Tal será o effeito dos empréstimos, como já fizemos ver em outra parte; nenhum empréstimo se mantém sem ser á custa d'um imposto preciso para pagar o juro; nenhum empréstimo se faz sem que aos capitães se tire o emprego mais proficuo aos interesses nacionaes.

Ainda que anticipamos alguma coisa as doutrinas que temos de expender, não podemos resistir ao impulso que nos dá a leitura do Capitulo 2.º do Liv 5.º da Riqueza das Nações, Tom. 4.º pag. 346, ed. de Garnier, igualmente reproduzido por Ricardo.

Os impostos sobre as transmissões da propriedade do *morto ao vivo* cahem definitivamente e immediatamente sobre a pessoa a quem a propriedade é transmittida. Os impostos sobre as vendas das terras (sisas, laudemios &c) cahem na sua totalidade sobre o vendedor; este quasi sempre está na precisão de vender, e d' aceitar o preço que pode obter; o comprador nem sempre está na precisão de comprar, e não dá maior preço que aquelle que lhe apraz offerecer. ... taes impostos cahem sempre sobre pessoa que está em estado de necessidade, e são por tanto duros, e oppressivos.

São estes em summa os effeitos geraes dos tributos, porem descendo ao exame especial de cada um delles, nós os acharemos mais sensiveis; não sendo menos para mencionar, que por isso que o imposto é um sacrificio, não pode deixar de antever-se, que muitos individuos procurarão forrar-se a elle, tendo pouco escrupulo de occultar, ou pelo menos diminuir consideravelmente os seus renditos, afim de os subtrahir á quota com que é de toda justiça, que concorrão para os encargos sociaes; circumstancia attendivel que deprava os costumes, e introduz habitos nocivos ao bem da sociedade, e é o germe da immoralidade, dando causa a perquisições degradantes, e a pretexto com que os exac-

tores fiscaes cubrão e desculpem suas violencias, e vexações.

O reflexo de circumstancias geraes, e especiaes faz variar ao infinito a influencia dos differentes impostos, e a gravidade do pezo com que carregão sobre os contribuintes, em rasão de sua situação individual na sociedade.

Será difficil fazer um *exame* analytico completo de todos os impostos directos e indirectos, para de cada um delles reconhecer o effeito especial, e a vantagem, ou o prejuizo que delles proveem á sociedade: nós propomos-nos a examinar alguns: e será facil aperfeiçoar, ou *será facil* seguir o mesmo methodo d'indicação, para aquelles impostos que não passarem por nosso exame.

---

---

## Sciencias.

### **CURSO DE PHRENOLOGIA.**

#### **Sexta Lição. ( 1 )**

---

SENHORES: Já estaes prevenidos para ouvir nesta lição o exame minucioso de cada uma das faculdades que residem no cerebro. Começaremos pelos instinctos, com quanto nos reste o pezar de não estarmos ainda em estado de determinar exatamente as partes do cerebro que correspondem ás acções das visceras internas. Já a este respeito temos expendido nossa opinião. Os instinctos estão mais intimamente ligados com as visceras, do que os sentimentos, que com tudo o estão mais do que as faculdades intelletuaes; donde vem que a intelligencia é muitas vezes obrigada a estimular os sentimentos e instinctos, pelo meuos na maior parte dos cazos.

O apparelho instinctivo compõe-se dos dous systemas nervosos — intra e extra-craneario; — e quando o primeiro está em acção no cerebro, o ultimo necessariamente ha-de deixar de estar em descanso nas visceras. Pela mesma lei, todas as vezes que o systema visceral de nervos é primeiro excitado, é logo repetido o estimulo no systema correspondente dentro do craneo. Todavia, como as visceras são menos numerosas do que os instinctos, não podemos dar como regra geral, que a cada instincto pertence um systema nervoso particular. Os instinctos obrão sobre as differentes visceras, e cada qual mais ou menos intensamente, e de va-

rios modos. Assim, na serie d'abalos, que elles fazem algumas pessoas sentem uma affecção do coração; outras sentem os effeitos no estomago; outras nos pulmões, ou no canal intestinal, na pelle &c; porem o instincto mais evidentemente ligado com um systema nervoso externo, é, sem duvida alguma, o da geração.

Alguns phrenologistas começam a historia dos instinctos pela *alim-mentividade*; outros preferem principiar pelo *amor da vida*. Entretanto, como estes dons sentimentos instinctivos não são geralmente admittidos, e como pertencem ás massas lateraes e medianas do cerebro, reservamos o seu exame para quando chegarmos a essas parte do systema nervoso; e começaremos, a exemplo de Gall, pelo estudo da geração. A conveniencia deste methodo prova-se pelo facto de que a geração deve prender as outras funcções, por que ella tende a preservação da especie, em quanto que o objecto das outras é a conservação do individuo. De mais a mais o cerebello, que é geralmente reputado séde deste instincto, compõe um systema á parte, que nós podemos examinar independentemente do resto dos centros nervosos.

O instincto gerador, que nós podemos denominar *erotismo*, foi chamado por Gall "amor physico, e amor dos sexos,, Spurzheim chamou-lhe *amatividade*. Este instincto, qualquer que seja o nome que se lhe dê, é collocado no cerebello, o qual é imitação do cerebro, é composto de dous lobulos lateraes que formão uma esfera irregular; e comunica com o cerebro por um centro commun, a que os anatomicos derão o nome de *protuberancia annular*, *mesocephalo*, ou *ponte de Varolio*, e que ao mesmo tempo serve para o pôr em comunicação com a medulla espinal. O corpo do cerebello é composto de materia nervosa cinzenta e branca, e está situado nas fossas inferiores do occipital, por baixo da dobra da dura-mater chamada tenda do cerebello. A sua posição é marcada exteriormente por duas eminencias lateraes; interiormente é separado do cerebro não só pela tenda do cerebello, como tambem por uma crista ossea que forma o limite do seio transverso: é importante evitar o engano de tomar a crista por alguma projecção do cerebello. No homem



vivo está encoberta a região do cerebello pelos musculos posteriores do pescoço: contudo pode-se avaliar facilmente o seu grão de desenvolvimento pela largura e prominencia da parte posterior e superior do pescoço, e da parte posterior e inferior da cabeça. Nota-se que esta largura pode depender d'outros órgãos situados mais lateralmente, mas nós agora fallamos tão somente do desenvolvimento da porção media. As proporções do cerebello para o cerebro varião conforme a idade e sexo dos individuos.

1.º *Idade.* — Na infancia quando toda a massa do cerebro ainda está pouco desenvolvida, o cerebello está para o cerebro como 1 : 13, ou 1 : 15; e ás vezes mesmo 1 : 20. Assim neste periodo da vida o cerebello é a decima-quarta parte, ou vigesima do cerebro. No adulto já é muito mais desenvolvido: proximo á puberdade é rapido o crescimento, e mudão extraordinariamente as proporções entre elle e o cerebro. O cerebello no adulto é a oitava, setima, ou sexta parte, e até a quinta do cerebro.

2.º *Sexo.* — O cerebello é geralmente mais desenvolvido no sexo masculino em relação ao cerebro. A mesma observação tem lugar a respeito dos animaes, em que o cerebello é communmente mais desenvolvido no macho do que na femêa. Daqui vem que são quasi sempre os machos quem primeiro provocão o acto gerador. E isto para alguma couza servio a Gall no discurso de suas obras.

O cerebello não é sempre considerado como principal órgão do amor physico. Os antigos considerárono antes como uma especie de armazem para as ideas; entretanto, suas expressões não são bem claras, e é difficiloso dizer se elles fallão dos lobulos posteriores do cerebro, e não do cerebello. Alguns escriptores tem considerado o cerebello como séde da memoria; esta idea porem não tem fundamento algum. Galeno suppoz que elle tinha alguma particular influencia sobre as visceras, e considerou toda a massa do cerebro como séde exclusiva do entendimento e da intelligencia. Desta sorte, segundo o seu systema, é o cerebello o principal órgão que move o coração, os pulmões, o systema digestivo, bem como o apparelho re-

productor que forma parte das visceras. Por muitos annos professarão os physiologistas esta theoria. Se dermos credito ás observações de Gall, o cerebello não tem outra funcção mais do que a de presidir á geração: mas os physiologistas modernos tem produzido varias opiniões differentes desta. Assim, o cerebello é considerado como regulador do movimento muscular por uma numerosa classe de experimentadores sobre animaes vivos. Elles fundão esta opinião no facto de que quando o cerebello está ferido, ou cortado, os movimentos musculares são irregulares, e o animal deixa de ser capaz de os dirigir conforme a sua vontade; nós porem podemos obter um resultado semelhante dividindo varias partes da base do cerebro, e proximo dos tuberculos quadrigemeos por exemplo; n'uma palavra, damnificando aquelles pontos em roda dos quaes estão concentrados os principaes nervos do movimento muscular. Eu confesso que não posso entender o que os physiologistas querem dizer com a expressão *regulador dos movimentos musculares*. — A bem de qual faculdade regula o cerebello estes movimentos? Será para a intelligencia, ou para a vontade? Não se sabe. A vontade igualmente dirige o movimento na criança e no adulto, no ennucho e no homem perfeito; e com tudo o cerebello apresenta muitas variedades nestes differentes casos. Eu sei que os sectarios desta theoria podem responder, que ainda que o cerebello perca uma parte do seu volume quando deixa de exercitar os órgãos genitales, assim mesmo ainda fica com bastante para regular os movimentos. Eu não nego que este órgão exerça uma certa influencia sobre a acção muscular, como ides ver. Só o que eu desejo, é mostrar que esta não é a unica funcção sobre que elle influe, e tambem exerce mui decidida influencia sobre o apparelho da reproducção. Encaremos porem esta questão n' outra luz. Regulará acaso o cerebello a acção muscular como meio para melhor exercer a sua funcção principal? Eu entendo isto dentro de certos limites. Neste sentido, o seu poder sobre os musculos vem a ser um attributo inherente á geração. Muitas vezes tenho eu observado que quando se bate no pescoço d'um frango, elle é immediatamente accommettido do desejo de cor-

rer para traz por alguns minutos : e certas molestias do cerebello fazem cahir para traz o doente. Um mancebo que tinha este orgão desarranjado em consequencia do vicio do onanismo, sentia uma forte inclinação de andar para traz ; e algumas vezes cahiu ao chão , mas sempre para traz. Mas provarão estes factos que o cerebello governa em todos os cazos os movimentos musculares ? não : e antes pelo contrario mostram que elle obra especialmente sobre os musculos exteriores da cabeça , da espinha , da bacia , e das extremidades inferiores — musculos que se contrahem com energia no acto da copula. Eu estou convencido que o poder de regular o movimento muscular com precisão , isto é , de produzir grande destreza manual , &c. não é de modo algum proporcional ao volume do cerebello. Eu sei de bastantes pessoas que tem cerebellos bem grandes , e que são excessivamente acanhadas em suas acções. Ha um outro orgão de que eu vos vou fallar , e que parece influir muito mais sensivelmente na regularidade do movimento muscular que constitue a agili-  
dade e destreza : e vem a ser o orgão da mechanica , de que ainda havemos de fallar. Entretanto , examinemos o nexó que ha entre o cerebello e o aparelho muscular da locomoção.

O cerebello influe sobre todo o systema muscular ; este facto é positivamente demonstrado por observações pathologicas . A effusão entre as fibras convergentes d' um dos hemisferios cerebraes , e a sua ruptura , produzem uma hemiplegia tão perfeita , como a que resulta da effusão , ou outra qualquer lezão nos corpos estriados , e nos thalamos dos nervos opticos ; daqui necessariamente se segue que os differentes musculos devem estar em relação com o cerebello por via dos seus nervos. Não é pois para admirar se os musculos entram em convulsão quando se excita este orgão , ou se se paralysão quando se comprime. Ora todos os musculos concorrem mais ou menos para o acto re-  
ductivo , posto que alguns contribuem mais do que outros ; e dahi vem a razão por que elles estão ligados com o cerebello.

Ainda faremos mais algumas ob-  
servações a este respeito. Dissemos que no

cerebello o unico agente do movimento muscular. A prova disto é facil, porque se o cerebro deixa de obrar, ou se obra imperfeitamente, não tem lugar os movimentos necessarios para levar a effeito o acto gerador; o que mostra que o cerebello só, sem a concorrencia do cerebro, nada pode. Nós admitimos a possibilidade de elle contribuir para regular o movimento d' accordo com o cerebro, e com a volição, — e de induzir o cerebro a governar certos movimentos que estão ligados com as suas funcções; porque nós observamos isto em varios animaes domesticos, nos quaes os movimentos geradores começam a operação logo que percebem o sexo contrario n'uma dada attitúde. Todos vós sabeis que nem mesmo a presença da fema é necessaria para determinar estes movimentos, per quanto elles tem lugar no cão quando vós o ergueis do chão d'uma certa maneira. Ora neste caso é evidente, que o cerebello só, sem cooperação do cerebro não pode produzir os movimentos a que alludimos: quando porem o cerebro tambem coopera, então este ultimo orgão exercendo a funcção d' um instincto regula os movimentos para um fim determinado por meio da vontade. Eu attribuo neste caso ao cerebello a direcção dos movimentos, actos e aptidões ligados á geração; sustento porem que isto não tera lugar sem permissão e auxilio do cerebro, e que é so deste modo que o cerebello pode ser considerado como regulador do movimento dos musculos; donde vem que o cerebro tem sempre a faculdade de suspender os movimentos do cerebello relativos ao acto de reproducção, circumstancia, que como vós todos sabeis, muitas vezes acontece.

Gall tinha por costume citar um antigo poeta grego em apoio das opições relativas ao cerebello; nós porem temos outros meios de chegar á verdade e muito mais seguros e philosophicos do que as ideas de um poeta. Gall foi o primeiro a estabelecer como facto positivo que o cerebello é o instrumento primario da geração; e provou este facto mostrando com numerosos exemplos que as pessoas de cerebello volumoso, indicado pelo maior desenvolvimento da porção posterior e interior da cabeça tem mais pro-

pênsão ao acto gerador de que os individuos de ~~esse~~ *esse* ~~conformação~~ *conformação*. D' então para cá tem sido sempre confirmadas as observações de Gall por todos aquelles que estudão esta questão attenta e imparcialmente; e os phrenologistas actualmente possuem grande numero de exemplos que mostrão a sua exactidão. Com tudo, alguns adversarios da doutrina phrenologista affirmão que se tem encontrado mais vehemente annatividade em individuos de cerebello pequeno ou em quem este orgão estava mais ou menos destruido.

Eu não sei bem até que ponto se deva confiar em semelhantes factos. Pelo que me pertence, declaro que não lhe dou fé em quanto não forem observados por phrenologistas. Nós devemos considerar com muito particular cautella os factos que são unicamente attestados pelos inimigos d'um systema, sobre tudo quando sabemos ate que ponto as pessoas designadas podem levar as suas falsidades. Nós possuímos numerosos documentos em apoio da opinião que sustentamos; todos os dias repetimos as nossas observações, e sempre com o mesmo resultado. Se ha excepções, e não as negamos; ellas ainda estão por explicar; nossos adversarios não só devem ser convidados para que deem as suas provas, mas tambem para fazerem collecções que realmente sejam oppositas ás nossas, e sustentadas por historias authenticas. Elles porem ainda não fizeram isto, e nós por conseguinte podemos com razão duvidar das suas asserções. Eu desafio os nossos adversarios para que apresentem as suas provas; pela minha parte, desde que tive conhecimento da doutrina de Gall, nunca examinei pessoas que se queixassem da falta d'acção, ou da infidelidade do systema gerador sem achar a região do cerebello consideravelmente deprimida. Quando alguém me mostra criança com tendencia prematura para este acto, eu logo dirijo a minha attenção para o cerebello, e sempre o acho muito desenvolvido. Isto nunca me falhou; e eu posso afeitamente citar os nosos adversarios para que apresentem algum facto pathologico, que possa ser comparado com os que eu possuo. Gall tambem notou que a irritação do cerebello se propaga aos órgãos geni-

taes, e os entretêm em estado d'excitação morbida: e isto é perfeitamente conforme com o que se observa em algumas molestias. M. Serres fez a mesma observação, e factos analogos são contados por varios outros escriptores, em quem podemos confiar; alem do que também são citados factos contradictorios. Nossos adversarios dão exemplos de inercia dos órgãos genitales, coexistindo com certas molestias do cerebello, com tuberculos, tumores scirrhosos &c.; mas todos nós sabemos como as molestias chronicas modificão o exercicio dos órgãos affectados; um simples principiante em medicina conhece isto. Assim uma molestia do cerebello que a principio produzia excitação dos musculos e aparelhos da reproducção, em consequencia da sua natureza inflammatoria, pode terminar em desorganisação, e destruir a acção do centro nervoso, e em vez de excitar, pode determinar o movimento opposto.

Por tanto estas objecções perdem grande parte do seu valor; e de mais a mais todos nós sabemos que uma moderada excitação do cerebro exalta os sentimentos e faculdades intellectuaes, &c., ao passo que uma excitação muito forte as paralyza porque produz a congestão. Porque motivo pois se não ha-de admitir que o systema gerador é algumas vezes excitado por uma moderada irritação do cerebello, que sendo demasiada, produz um estado opposto? Assim deve ser, e com effeito assim é; os adversarios porem d'uma doutrina só olhão para os factos que lhes são adversos. Outros escriptores pretendem provar uma certa coincidencia entre as molestias da medulla espinal, e a excitação extraordinaria, ou morbida dos órgãos genitales. Isto posso eu facilmente concebê-lo; porque os ramos nervosos que communicão o sentimento e movimento ao aparelho da geração, não vem immediatamente do cerebello, mas sim da espinal medulla. Donde vem que quando esta ultima se irrita, os órgãos da geração devem sentir o estimulo: isto, torno a dizer, é muito natural; e achareia multidão d'exemplos a comproval'-o nas obras do Snr. Ollivier, e na experiencia do Snr. Segalas, que provocou a ejaculação seminal d'um porquinho da India, irritando a

medulla espinhal na região lombar. Um tronco nervoso irritado produz também a excitação de todas as partes a que se distribuem os ramos que delle nascem.

Assim, já vedes que estas objecções são de pouco valor, e que nada podem contra a observação empirica quotidiana.

Gall levou a ousadia de suas asserções ao ponto de dizer que o desenvolvimento dos órgãos genitales nada tinha com a sua actividade; que estes órgãos podião ser inertes, ainda que muito desenvolvidos; uma vez que o fosse pouco o cerebello. Custou-me ao princípio a acreditar isto, mas por fim convenceu-me a experiencia. Eu tenho visto a inercia dos órgãos genitales no homem com um desenvolvimento muito consideravel desses órgãos; mas o cerebello estava deprimido; e muitas vezes tenho observado o contrario em condições oppostas; — tantas vezes, que não me foi possível duvidar por mais tempo. Posso certificar-vos, Senhores, que so depois de longa e profunda reflexão, e depois de ter colligido numerosas observações que provassem a sua exactidão, é que me deliberei a tomar a defeza da phrenologia.

No entretanto é mister que expliquemos a maneira porque o cerebello obra na função genital, que parece ser a principal função deste órgão. Gall não tratou talvez este ponto com bastante cuidado; mas eu verei se posso supprir o que elle omittiu, tanto, ao menos, quanto o permittirem meus fracos recursos.

As ideas relativas á geração não são certamente produzidas pelo cerebello, ellas pertencem aos seus órgãos proprios. Este facto que é de facil observação nos animaes, alguns dos quaes são excessivamente dados ao acto gerador, apesar de serem muito obtusas as suas ideas. Portanto não devemos attribuir todas as ideas eroticas ao cerebello, que excita estas ideas no homem pelo seu modo de exaltar o cerebro, e as conserva porque pouco a pouco se poz em relação com estas ideas. Depois que as percepções dos sentidos tem chegado á intelligencia, ellas se associarão com o cerebello á proporção do seu desenvolvimento, assim como outras ideas se associão com outras propensões. Eu já vos dei algumas no-

ções a este respeito. Por tanto não considereis o cerebello como sede immediata das ideas venereas, mas como excitador destas ideas, como meio de as entreter e de as provocar.

O cerebello parece excitar primitivamente os órgãos genitales á secreção e á erecção, no desenvolvimento da puberdade: em primeiro lugar, vê-se que o cerebello começa a engrossar antes que os órgãos genitales se desenvolvão. Portanto é elle quem os põe em acção, quem os faz desenvolver, quem os excita finalmente para os dous phenomenos de que depende a sua acção, — a secreção do fluido prolifico, e a erecção. Mas elle excita ao mesmo tempo o aparelho encephalico; e por conseguinte obra de necessidade em duas direcções, porque as ideas relativas á geração tomão quando o cerebello se desenvolve, um aspecto inteiramente differente do que antes tinham. O cerebello excita pois tanto a intelligencia como os sentimentos, e em troco disso recebe a excitação das duas origens que ja mencionamos, a saber, secreção do fluido seminal e erecção. Agora ja podeis perceber como a excitação geral pode começar na imaginação pela percepção d' algum objecto externo, ou se pode originar nos proprios órgãos genitales; a natureza porém do objecto não permite que eu entre em particularidades sobre esta materia. No ultimo caso, logo que os órgãos são excitados, obrão sobre o cerebello, que reage sobre o cerebro; ou estimulam primitivamente o cerebro, e neste caso é secundaria a acção do cerebello.

O desenvolvimento normal do cerebello é sustentado pela persistencia da acção geradora: quando os órgãos genitales, especialmente os testiculos, desaparecem, o cerebello diminue em volume. Isto prova-se examinando individuos que tenham sido castrados; nestes encontra-se o cerebello pequeno, é mais estreita a porção inferior do occiput em quanto o resto da cabeça conserva as suas dimensões normaes. Quando o touro passa a boi, vê-se a nuca estreitar sensivelmente: todavia, esta estreiteza não chega ao grão em que se observa quando a castração foi feita antes do desenvolvimento dos órgãos



genitales e do cerebello; e tambem o apparelho muscular conserva mais volume e energia nos animaes castrados depois da evolução dos órgãos genitales, do que naquelles que o forão antes. E' este um facto que tem sido bem observado, e de que agora se tira proveito. Se se quer obter um cavallo forte; por exemplo, não se sujeita a operação que o faz capão, antes de estar completamente desenvolvido. Neste cazo nunca a estreiteza da nuca se torna tão consideravel, como se a operação tivesse sido feita antes da evolução genesica, posto que ella tenha tido lugar d'uma maneira muito sensivel. Daqui resulta por necessaria consequencia, que em quanto os órgãos genitales conservão a sua acção, o cerebello se mantem no seu volume normal, e que quando elles são removidos, e que esta acção desaparece, o cerebello e os musculos, perdendo tambem alguma couza da sua actividade, experimentão diminuição de volume.

Temos ainda outro facto bem importante, e mais interessante, porque tem servido de argumento pro e contra a opinião que agora sustentamos. Quando em um individuo da especie humana se faz a castração depois do pleno desenvolvimento do cerebello e dos órgãos genitales, elle ainda conserva algumas ideas eroticas; não acontece porem assim se aquella operação se fez antes da puberdade. Todos vós sabeis que nos paizes em que se tolera esta mutilação, certos eunuchos não deixão de ter inclinação para o sexo feminino, nos casos em que a extracção dos testiculos foi feita depois da puberdade. Aquelles que d'entre vós não tiverem esquecido o que lêrão nos classicos latinos, hão-do-se recordar d'umas poucas linhas de Juvenal que eu não ousou citar, e nas quaes o poeta critica a luxuria das mulheres romanas, que demoravão o periodo da castração, ate que os seus escravos passassem a idade da puberdade, a fim de satisfazerem sem perigo as suas paixões (1). Nessa idade ja o cerebello chegou ao seu completo desenvolvimento, e modifica

---

(1) Sunt quas ennuchi imbelles, ac mollia semper oscula delectant, et desperatio barbae, et quod abortivo non opus est. &.— JUVENAL, Sat. VI.

os outros órgãos cerebraes de tal modo que as ideias venereas não desaparecião de todo, e podia haver erecção sem secreção.

Por esta occasião lembra-me uma observação pathologica, e ao mesmo tempo physiologica que me parece digna da vossa attenção. A irritação venerea, sendo excessiva, determina uma especie de sensação que consiste n'um mixto de dor e prazer nos nervos do systema genital, dos órgãos visinhos, e ate mesmo nos musculos dos lombos, e das coxas. Esta perversão da sensibilidade augmenta sempre, e termina por uma consideravel debilidade na energia muscular; a especie de paraplegia imperfeita, que aqui resulta, é ordinariamente incuravel.

E' ja tempo de vos mostrar alguns exemplos de grande desenvolvimento do cerebello. Aqui temos um muito notavel; olhae para a região occipital desta caveira, na qual vedes um enorme espaço entre os buracos auditivos, dando á cabeça a semelhança da d'um bruto. Pois este individuo foi réo de varios crimes relativos ao instincto gerador, que o obrigáram a expatriar-se. Notae tambem como as porções lateraes da cabeça em que reside o *egoismo*, dominão tudo o mais, e offuscão os órgãos da intelligencia; do que se segue que os órgãos de que seus crimes provierão não erão reprimidos por algum outro. Aqui tendes mais modelos de cerebellos muito desenvolvidos em homens dotados de grande capacidade intellectual, e de sentimentos elevados, e cujas reputações attestão que nelles o instincto gerador nunca deu lugar a um unico acto reprehensivel. Esta agora é a cabeça d'um homem que tinha uma paixão decidida pela historia natural; amava ao mesmo tempo o bello sexo; e assim vedes que o seu cerebello está muito desenvolvido, posto que sejam grandes as suas mais nobres faculdades, e o caracter honrado que elle após si deixou prova que o órgão da *amatividade*, posto que poderoso, não era despótico.

A mesma nota é applicavel á cabeça do proprio Gall; e de varios outros individuos distinctos. Aqui tendes a cabeça de Pigault Lebrun, cujas novellas são muito eroticas sem serem grosseiras. Em

est'outra cabeça podeis observar como os órgãos da *estima de si*, e do *desiço d'appreciação* estão bem desenvolvidos, — como, finalmente, ha com que contrabalançar a acção do cerebello. Tal é o modo porque nós devemos sempre considerar os diferentes órgãos.

Podiamos, se quizessemos, multiplicar muito estes exemplos, temos porem uma natural repugnancia em os dar, porque haviamos de recorrer a personagens bem conhecidas, para podermos dar alguma authenticidade aos nossos factos. Aqui temos nós alguns exemplos contrarios. Esta cabeça era d'um mathematico, que aborrecia o bello sexo, que nunca se cazou, e que, segundo se conta, foi sempre virgem. Est'outra pertenceu a um outro individuo, cujas disposições erão exactamente semelhantes. Vós facilmente podeis conceber como nas acções destes homens influem todas estas partes que vedes predominantes na região anterior e superior da cabeça, e não as da região posterior, em que se nota uma consideravel depressão. Agora se examinarmos os craneos dos grandes criminosos e malfitores, vereis na caveira de Bontillier, por exemplo, que era homem dado a toda a casta de vicios, por ultimo, infamado de parricida, vereis, digo, um enorme desenvolvimento das massas posterior e lateraes, sem contrapezo algum da parte anterior do cerebro. Nos homens que commetterão crimes vergonhosos procedentes da preponderancia do cerebello, ha sempre uma falta de desenvolvimento nos órgãos correctivos,

*Auxiliares da amatividade.* — Do facto que acabamos de mencionar podemos determinar quaes órgãos favorecem a acção do cerebello, e quaes, pelo contrario, tendem a moderar a sua influencia: e este mesmo methodo seguiremos no exame de todos os outros órgãos. A acção do órgão que regula o systema gerador é favorecida por todos os affectos terrosos, — como a amizade, a inclinação, e sobre tudo o amor filial. A imitação, jucundidade, imaginação, consideravel actividade dos órgãos da musica, a benevolencia &c., — todos estes concorrem, ou provocão, como diz o vulgo, para a tentação!

*Antagonistas.* — As propensões e faculdades que se oppõem á acção deste órgão, são — a ira, o odio, e a circumspecção; por quanto estes ultimos órgãos obrigão o homem a reflectir, e em quanto dura esta operação, perde a acção do instincto uma parte da sua energia. Permitta-se-nos que ainda a estas acrescentemos o órgão do acceio ou limpeza. Quasi todos os miseraveis (couza pasmoza!) são indifferentes aos attractivos do bello sexo. Um dos maiores antagonistas desta funcção é a modestia; junta á pouca confiança em si. Esta ultima produz as mais das vezes uma especie de impotencia relativa, que ocorre so debaixo de certas circumstancias, e que é compativel com fortes faculdades geradoras.

Posso asseverar que o systema de Gall me servio de muito para o diagnostico da anaphrodisia e suas variadas formas. Desta sorte a primeira vista d'olhos {descobre individuos cuja impotencia depende da falta de ousadia, e amor proprio junto com o augmento de credulidade e illusão. O observador attento igualmente percebe a condição opposta. Individuos muito orgulhosos tem sempre a certeza de fazer bom uzo de seus meios, por moderados que sejam. Por aqui talvez nós possamos explicar como certos homens de curta intelligencia, mas presumidos e valentes, são sempre felizes com o bello sexo. E' curioso traçar o nexó das opiniões vulgares com a anatomia e physiologia do cerebro; por outra parte não é menos certo que a faculdade geradora enfraquece pelo constante exercicio da reflexão, causalidade, e meditação; pelos estudos de mathematica que são de natureza espinhosa, por toda a especie de trabalho mental que chame força nervosa para os órgãos da intelligencia. O excesso d'ordem, e d'harmonia tambem são desfavoraveis a esta faculdade. Os homens qui que se nota a influencia destes órgãos, por via d'um comportamento methodico bem regulado, são geralmente isentos dos erros produzidos por um cerebrollo excessivamente crescido. Entre tanto, deveis lembrar-vos que em algumas occasiões o órgão é tão poderoso que triumpho de todo e qualquer obstaculo. As influencias a que ate aqui se tem alludido, observão-se em

ambos os sexos, especialmente no feminino; que, geralmente fallando, supporta o estado de celibato mais facilmente do que o masculino. Finalmente, todas as paixões tendentes para o egoismo, tudo o que favorece ou excita a reflexão e meditação, embaraça a influencia do instincto gerador: ao passo que a jucundidade, a dissipação, a presumpção, o orgulho, a imaginação, e o aborrecimento á applicação intellectual, o fazem mais activo e preponderante.

Examinemos agora as consequencias que resultão do crescimento excessivo do cerebello, considerado como órgão do instincto gerador. Excessos dependentes desta causa diminuem ou destroem a acção nervosa mais certamente do que alguma outra, porque o acto gerador é um tanto convulsivo; elle enfraquece mais sensivelmente não só a energia locomotora, mas também as faculdades intellectuaes, e opera sobre todo o individuo em gráo muito prejudicial. Elle dá lugar a uma grande variedade de molestias, especialmente ás desordens convulsivas, perturbação do apparelho circulatorio, e desarranjo da digestão. Nem o character escapa aos seus effeitos, por quanto os excessos dos prazeres venereos sempre trazem comzigo, se não estupidez, pelo menos deploravel indolencia. Taes são as principaes consequencias que resultão do predomínio de que fallamos. Na educação da mocidade devem ellas ser sempre bem attendidas, e aquelles que se sentem dominados pelo órgão que nos occupa devem recorrer a tempo aos correctivos que ja mencionamos, se não se querem expor á degradação phisica e moral, e abreviar o curso da sua existencia.

*Defeito.* — O imperfeito crescimento do órgão chamado — do amor phisico —, é nocivo aos affectos benevolos; e nós ja dissemos que os affectos malevolos tendião a deprimir a função geradora. Este defeito deixa predominar os sentimentos d'egoismo. Geralmente fallando, as pessoas que julgão bem dos homens, antes querem ver esta propensão excessiva do que deprimida, porque é indubitavel que ella exerce favoravel influencia nas disposições benevolas. E para prova disso demos os Eunuchos, cujo egoismo é proverbial. Nos tempos em que vivemos ja se não vêem

eunuchos ter grande representação na sociedade; mas se consultamos a historia, veremos que já houve alguns que occuparão eminentes lugares na jerarchia social, como de ministros de estado, generaes &c.; e em todas as occasiões tem sido caracterisados como egoistas, mesquinhos e pusilanimos, cheios de zelos, e faltos de benevolencia.

A *depravação* do instincto gerador tem muito menos connexão com o predominio de cerebello do que ao principio se suppoz. Esta especie de corrupção depende mais da ausencia de sentimentos elevados, e das faculdades intellectuaes; e augmenta com a falta de educação, maos exemplos, e separação dos sexos: algumas outras inclinações podem concorrer para a sua producção; como por exemplo o amor dos filhos, porque estas affeições tem entre si alguma analogia. A propensão para o mesmo sexo pode depender de que o individuo tenha mais outras propensões proprias do sexo opposto. Assim, é de crer que o gosto que faz que um homem substitua outro homem á mulher provenha do predominio d'alguns órgãos proprios da mulher no sujeito passivo. Igualmente o vicio analogo na mulher faz desconfiar que ella tem alguma couza da organização masculina, ao menos no encephalo. Muito conviria verificar a exactidão destas ideas, porque é triste couza que ao instincto gerador, cujo objecto é tão positivo, e tão directo — reunião dos dous sexos, — se attribua a culpa dos vícios vergonhosos que aviltão o homem sem alcançar o fim que a natureza se propoz.

A propensão para a geração adquire certo gráo de predominio com o exercicio, com tanto que este não suba ao ponto de exhaurir as forças, e deteriorar os órgãos; assim como diminue e enfraquece com a falta de exercicio. Este ultimo facto é bem sensivel nos cenobitas, e em todos os que observão á risca o celibato. Tanto o sexo masculino como o feminino depois de terem resistido com algum trabalho durante a juventude a esta propensão, chegam por fim a ser senhores della, ou deixão de sentir a sua influencia em uma idade em que outros individuos, que não tem tido a mesma abstinencia, gozão ainda da

faculdade geradora em grão subido. Tudo isto concorda perfeitamente com o que já dissemos quando fallamos da castração; é um facto bem averiguado que esta faculdade se mantém por muito tempo no sexo masculino quando tem um conveniente exercício, e quando as differentes visceras não padecem; em circumstancias oppostas não tarda a perder a sua energia.

Fallei mais extensamente da função reproductora por ser de muita importancia; e em geral todos os phrenologistas a collocão em lugar eminente; e na verdade que é ella o mais importante dos humanos instinctos, por ser o que determina a continuação da nossa raça.

Posto que não tenhamos tempo para tratar nesta lição de outro órgão, nem por isso se creia que destinemos uma sessão inteira para cada faculdade.

---

## Bellas Artes

---

DEZENHO OBTIDO PELA LUZ, OU PROCESSO SE-  
GUNDO O QUAL OS OBJECTOS POR SI MESMOS SE DE-  
ZENHÃO SEM SOCORRO DE LAPIS. (\*)

Na primavera de 1834, diz M. Talbot, comecei eu a ensaiar um methodo, que ja ha mais tempo eu tinha tenção de experimentar, com o intento de applicar a um objecto util a propriedade tão curiosa que tem o nitrato de prata de se corar quando se expõe aos raios violentos da luz do sol. Éas o que eu me propoz fazer para aproveitar esta propriedade, que os chimicos ja desde muito tempo tinham descoberto.

" Pareceu-me que devia primeiramente estender sobre uma folha de papel sufficiente quantidade de nitrato de prata, e expor depois o papel aos raios do sol, tendo previamente posto de permeio algum objecto que lançasse sobre o papel uma sombra bem limitada. A luz cahindo no resto do papel devia fazel-o negro, em quanto as partes assombradas se conservarião brancas. Esperava eu que daqui resultasse um desenho ou imagem que representasse até certo ponto o objecto que a tinha produzido; mas ao mesmo tempo me lembrava que tinha de conservar estes desenhos em uma pasta, e que não os podia ver senão a uma luz artificial.

" Tal foi o meu primeiro projecto antes de ser

---

(\*) O interesse que estão actualmente excitando as experiencias de M. Daguerre sobre a arte de fixar os desenhos na Camara obscura faz com que aqui copieinos a memoria de M. Talbot, em que nos dá a historia de todos os ensaios que sobre este objecto tinha feito. Se, como parece, elle obteve resultados menos brillantes que os que chegou a alcançar o sabio artista francez, tem todavia o merito de reconhecer que havia ainda muito campo a descobrir, e de indicar o caminho que seguiu, e por onde se devia marchar. N dos RR.



ampliado e corrigido pela experiencia. So passado tempo, e ja depois de ter obtido muitos resultados inteiramente novos, é que me lembrei de indagar se este methodo tinha já sido practicado ou proposto por alguém: soube que com effeito ja tivera sido tentado, mas sem perseverança, e em pequeno numero de cazos: nem mesmo pude descobrir documentos satisfactorios, que explicassem miudamente a maneira de o practicar com vantagem. O que eu achei mais positivo sobre este ponto foi uma memoria de Sir Humphry Davy publicada no primeiro Volume do Jornal da *Royal Institution*. A primeira idea destes ensaios parece ser devida a Wedgwood, que, junto com Sir H. Davy, fez grande numero de experiencias, todas baldadas. Um dos maiores obstaculos que estes dous experimentadores encontráram, foi o não poderem fazer com que deixasse de se fazer negro o papel, sobre o qual se pintavam as imagens, por cauza da acção da luz sobre o nitrato de prata. Esta circumstancia, e a declaração de que não tinham podido obviar a este inconveniente, seriam bastantes para me fazerem suppor inexequivel o meu projecto, se por fortuna eu não tivesse descoberto, antes de ler a tal memoria, o meio de vencer tamanha difficuldade, e de fixar a imagem de maneira que ella podesse expor-se á luz sem se destruir ou deteriorar.

“No decurso das experiencias a que eu procedi notei, não sem grande admiração minha, a variedade de effeitos que se pode obter d'um limitado numero de processos, combinando os de differentes maneiras. E' desta sorte que imagens obtidas por este methodo, e que no fim de um anno tinham apparecido perfeitamente conservadas, se alteravam com tudo no anno seguinte, em quanto outras conservavam toda a sua pureza. Esta circumstancia junta com o facto de se terem perdido os meus primeiros dezenhos (porque o papel se tinha feito todo negro) determinára-me a observar por longo espaço de tempo as mudanças que experimentariam estes dezenhos, porque eu receava que por fim todos tivessem a mesma sorte que os primeiros. Porem, com

grande satisfação minha, vi que os meus temores erão mal fundados; e como muitos destes dezenhos que eu conservei por tempo de cinco annos ainda não tem o mais pequeno signal de alteração, julgo-me autorisado a dar alguma importancia aos resultados das minhas experiencias, e ás conclusões que dellas posso deduzir. As imagens por este methodo obtidas são brancas, mas o fundo em que assentão pode ser de diversas cores.

„ E' tal a variedade de processos, que este methodo comprehende, que variando somente as proporções, e alguns trabalhos pouco importantes de manipulação, podem-se obter as côres seguintes:

*Azul Celeste*

*Amarello*

*Cor de roza*

*Pardo mais ou menos carregado*

*Preto.*

Falta só neste numero a cor verde, e um pardo muito carregado que é quasi preto. O azul produz bello effeito; semelhante ao da louça de Wedgwood, cuja pintura é branca em fundo azul. Os dezenhos em que esta cor se emprega conservão se intactos, com tanto que estejam guardados em uma pasta, porque a materia que os produz não é sujeita a modificação alguma espontanea, e não carece de nenhum meio conservador. Estas diversas modificações de cores são outros tantos compostos chimicos differentes, que os chimicos até hoje não tinham distinguido. Os primeiros objectos cuja imagem eu pretendi obter forão folhas e flores, quer frescas, quer tiradas do meu *herbario*: umas e outras forão reproduzidas com tanta fidelidade e exactidão, que se distinguão as immensas nervuras das folhas, e os tenues pellos que cobrem as plantas &c. As flores mais compostas e delicadas erão copiadas com tão minuciosa exactidão que nem faltavão os meaos orgãos que so com auxilio de microscopio se podem ver. E com tudo um desenho destes que levaria a um artista semanas inteiras de assiduo trabalho, alcança-se com os meios que a chimica põe á nossa disposição em tão pouco tempo, e com tão

pouco-trabalho, como o mais simples e menos complicado desenho. Um exemplo unico será bastante para fazer entender a minuciosa exactidão com que por este methodo se podem reproduzir os objectos. Tendo um dia obtido a imagem de um pedaço de renda cujo riscado era muito complicado, mostrei-a a algumas pessoas situadas a poucos pés de distancia, perguntando-lhes se achavão exacta a reprodução? Responderão-me que eu quéria enganar-as, porquanto ellas bem vião que aquillo não era um desenho, mas a propria renda.

Desde os primeiros tempos em que eu me dediquei a estas experiencias, comecei a ter grande pena por ver que tão bellos desenhos obtidos pela acção da luz, estavão condemnados a uma existencia ephemera, e tomei logo a resolução de descobrir um meio, que, quando não impedisse inteiramente a sua destruição, a retardasse ao menos quanto fosse possível. E as considerações seguintes fizeram-me conceber a possibilidade de chegar a este resultado.

O nitrato de prata que se fez negro com a acção da luz ja não é chimicamente a mesma substancia, que era antes daquella modificação. Por conseguinte, se um desenho obtido pelos raios solares se submeter a uma outra operação chimica, poderá esta ultima produzir effeitos sobre as partes brancas do desenho, e sobre as que forem pretas, e não seria impossivel que depois desta ultima operação, as partes primitivamente brancas e pretas deixassem de ser susceptiveis de soffrer mais alguma modificação espontanea; ou tambem, que no caso que ellas ainda a podessem ter, não resultasse com tudo que as duas cores differentes tendessem a assemelhar-se e confundir-se. No caso pois em que ellas podessem ter algumas mudanças sem deixarem de ser differentes, a imagem seria conservada, e desta sorte obtinha o fim que me propunha.

Se se affirmasse que a exposição do desenho á luz do sol devia necessariamente reduzir as duas côres do que elle se compõe a uma só tinta e des-

truir assim a imagem, profetisa-se uma asserção, que seria indispensavel provar. Eu fiz o seguinte raciocinio designando pela letra A a exposição á luz do sol, e por B uma operação chimica indeterminada. Ora como se não pode demonstrar a priori que o resultado final da serie d'operações A B A deva ser o mesmo que o de B A, parece razoavel continuar as experiencias variando a operação B ate se descobrir a que corresponda ao fim proposto, ou ate que se tenham feito tantas operações que se pereçam as esperanças de encontrar a que conviria.

“ Os meus primeiros ensaios foram infructuosos, como eu tinha previsto; mas depois de algum tempo achei um processo que me satisfaz; e não tardou que descobrisse um segundo. Inclinei-me mais especialmente a um destes processos, porque o outro exigia mais cuidado na operação; posto que fosse igual, senão superior ao primeiro em quanto á perfeição do resultado.

“ Esta operação chimica, que eu chamo *processo de conservação* (1), é muito mais efficaç do que eu suppunha. O papel que primitivamente era tão sensivel á luz fica tão insensivel depois desta operação, que deixando eu alguns desenhos expostos ao sol de verão por mais de uma hora, não experimentarão a minima alteração.

“ Este phenomeno, que em poucas palavras eu acabo de mencionar, parece-me tão maravilhoso como qualquer dos grandes phenomenos que o estudo da natureza nos tem ate hoje revelado. A couza menos estavel deste mundo — uma nuvem, emblenia proverbial do que ha de mais passageiro e mais mudavel, pode ser apauçada pelo encanto da minha operação mágica, e fixar-se para sempre na posição que parecia não dever occupar mais que um instante!

“ Antes de passar mais adiante deve dizer; que não é absolutamente indispensavel recorrer ao meio

---

(1) M. Talbot escreveu ultimamente uma carta ao Instituto da França em que declarou este processo. Consiste em submeter o papel em que se quer fixar a imagem a uma lavagem com uma solução pouco concentrada de iodreto de potassium, de hypossulfito de potassa ou de soda, ou de chlorreto de bismuth.

de conservação; se eu me dei ao trabalho de o procurar foi porque suppoz ao principio que semelhantes desenhos perderião com o tempo todo o seu valor: senão houvesse meio de os preservar desta alteração; a experiencia porem mostrou-me depois que ha outros muitos modos de alcançar o mesmo fim, e de dar aos desenhos uma certa duração, uma vez que se tenham abrigados da acção directa dos raios solares. Todavia ser-me-ia penoso dar conta de todos os meios de obter este resultado, porque nem sempre tomei nota das circumstancias que me poderão esclarecer sobre este ponto; de modo que foi mais por acaso que eu fiz estas observações, tendo só notado que alguns dos desenhos que eu não havia submettido ao processo de conservação tinham não obstante conservado a sua nitidez e brancura por tempo de um anno, e de dous, em quanto outros preparados em differentes circumstancias se fizeram inteiramente negros em espaços de tempo dez vezes menores. Tomo rota, e denuncio este facto, cuja importancia será impossivel prever neste momento, porque ainda que na maior parte dos cazos seja mais prudente ter o trabalho de applicar o processo de conservação ás imagens obtidas, com tudo ha outros em que se poderá julgar mais util não fazer semelhante applicação contentando-nos com desenhos que podem conservar a sua brancura á sombra muitos annos. Assim o naturalista que deseja em uma viagem conservar a imagem das plantas que encontrou, sem se dar ao trabalho de as secar, e de as conduzir, não tem mais do que pegar em uma folha de papel preparado, fazer-lhe cahir em cima a imagem da planta que quer conservar, e fechal'-a na sua carteira. O defeito destes desenhos é não ser bem igual o fundo; mas isto pouco importa quando so queremos a utilidade, sem nos importar a belleza do effeito obtido.

“ Agora direi alguma couza sobre os differentes ramos da arte a que o meu methodo me parece applicavel.

*Retratos de perfil; ou tirados pela sombra do rosto.* Pelo que toca a exactidão não tem comparação

alguma um retrato obtido por meio da acção dos raios solares sobre o papel preparado, com o que é traçado pela mão do mais habil artista, cujo menor desvio pode alterar extraordinariamente a semelhança.

*Pintura em vidro.* Os desenhos que se obtêm expondo as pinturas em vidro á luz do sol, e recebendo a imagem sobre o papel preparado, produzem um mui notavel effeito. Todo o vidro que rodeia a pintura deve estar pintado de preto, como aquelle que algumas vezes é empregado na lanterna magica: na pintura do vidro não deve haver as cores amarella ou vermelha vivas, porque estas duas cores interceptão os raios violetes, únicos que produzem o effeito chimico. As pinturas assim obtidas são as que mais se parecem com as que são o producto do pincel do artista. As pessoas a quem as tenho mostrado tem julgado que são verdadeiras pinturas confessando ao mesmo tempo que são d'um genero inteiramente novo, e que deve ser difficil de apprender. So nestas pinturas é que me tem sido possivel obter diversidade de cores; entretanto por falta de vagar não pude levar mais adiante as minhas investigações. Era por certo um immenso progresso se se chegasse a poder reproduzir os objectos com as suas cores naturaes. Eu por mim não me atrevo a ter esperanças de que já mais se chegue a este resultado: no entretanto já é um passo para esta descoberta o ter podido obter alguns indicios de variedades de cores.

*Appliação ao microscopio.* Esta é certamente a parte das minhas descobertas mais importante e mais util: e consiste na applicação do meu methodo á reprodução da imagem dos objectos amplificados pelo microscopio solar.

“ Os objectos que o microscopio offerece a nossos olhos, com quanto pareçam maravilhosos, offerecem pela maior parte uma indecifrável complicação. É verdade que a vista pode comprehender a totalidade dos objectos que se apresentam no campo da visão; porem o pincel não pode reproduzir as innumeraveis minucias que offerece a natureza em suas

obras. Qual artista teria o saber e a paciência necessária para as copiar? e suppondo mesmo que elle o podesse fazer, não seria isso á custa d' um tempo precioso que elle podia aproveitar melhor em objectos muito mais uteis? Por estas razões tratei eu de substituir o inimitavel pincel da natureza, aos esforços que em vão faria a arte para reproduzir effeitos tão complicados:

“ Meus primeiros ensaios foram perdidos, posto que eu tivesse escolhido um dia claro, e fizesse cahir sobre o papel preparado uma boa imagem do objecto.

Quando voltei passada uma hora, nada encontrei que se parecesse com um desenho: e estava ja disposto a abandonar esta experiencia quando me lembrei de examinar se na verdade o muriato de prata era de todas as substancias a mais sensivel á acção chimica dos raios do sol. Ainda que eu não tivesse facto algum a oppor a esta opinião geralmente recebida, determinei contudo continuar as minhas tentativas neste sentido até me convencer experimentalmente da verdade ou falsidade de tal opinião.

“ Comecei por tanto uma outra serie de experiencias sobre as diversas preparações que são susceptiveis de receber influencia da luz solar, e logo obtive satisfactorios resultados, e até maravilhosos. Entretanto devo dizer que eu só considerava esta questão practicamente; porque hei de confessar que me é impossivel explicar theoricamente a razão porque um papel preparado por tal processo é mais sensivel á luz, do que o que passou por differente preparação.

“ O resultado destas experiencias foi a descoberta d' um modo de preparação muito superior em sensibilidade ao que ate ali eu tinha empregado ( 1 ), e deste modo posso realizar completamente todos os effeitos que eu d' antes só em theoria reputava possiveis.

---

( 1 ) Esta preparação consiste em cobrir o papel de camadas alternas de chlorureto de sodium e de nitrato de prata, mettendo-o em fracas soluções aquosas destes dous saes. Depois de cada immersão é mister ter cuidado de deixar secar bem o papel.

Quando uma folha de papel, que eu chamo sensível (*sensitive paper*), collocada na camera obscura recebe do microscopio solar a imagem amplificada d'um objecto qualquer, o desenho fica prompto no fim, pouco mais ou menos, d'um quarto d' hora. Eu ainda não empreguei vidro que augmentasse muito por cauza do enfraquecimento da luz; mas com um papel mais sensível poder-se-ha usar de vidros mais convexos.

“ Desta sorte não só se economisará tempo e trabalho, mas também se obterá a representação dos objectos que s' alterarem tão rapidamente que não dê em tempo a desenharem-se com lapis, como são algumas crystallisações microscópicas.

“ Agora direi alguma couza sobre o gráo de sensibilidade do papel sensível; advertindo que ainda estou mui longe de suppor que elle tenha tocado as raias da perfeição.

“ Quando se aproxima uma folha de papel sensível a uma janella onde não dê o sol, logo começa a fazer-se negra. Por isso quando se prepara este papel á luz do dia, não deve deixar-se descoberto nem um momento, mas arrecadalo logo em uma gaveta, ou fazel-o seccar á noute ao calor do lume. Antes de me servir deste papel para obter a imagem d'um objecto, exponho-o por alguns momentos á luz para lhe dar uma leve cor, com o fim de conhecer se o fundo está igualmente distribuido. Se passados alguns instantes o papel offerecer este character, é provavel que até ao fim o conserve; mas se eu observo sobre alguns pontos manchas mais carregadas do que o resto da folha, então ponho-a de parte; porque se me servisse della, expunha-me a que o fundo em vez de apresentar a cor preta uniforme indispensavel para a belleza do dezenho, mostrasse largas manchas brancas que aniquilarião todo o effeito.

“ O papel que é tão sensível á luz simples d'uma janella, ainda o é mais á que provém directamente dos raios luminosos: e é tal a rapidez com que o effeito se produz que se pode dizer que o desenho acaba e começa ao mesmo tempo. Pode-se avaliar em



meio segundo o tempo, necessario para obter a luz solar a imagem d'um objecto, e com signaes perfeitamente distinctos.

*Architectura e Paisagem.* A applicação do meu methodo aos casos que de que aqui vou fallar é talvez a mais admiravel; pelo menos foi a que assombrou mais as pessoas que examináram a minha collecção de desenhos feitos a luz do sol.

“ Não ha ninguem que ignore os bons effectos que se obtem da camara obscura, e que não tenha admirado a facilidade com que ella reproduz com todas as cores os objectos collocados da parte de fora. Muitas vezes meditava eu no interesse que este apparelho offereceria se chegassem a fixar-se no papel as engrandecidas vistas que por momentos nelle se pintão, ou mesmo se somente fosse possível fixar os contornos e as sombras dos objectos ainda que privados de todas as cores que os matizão. A facilidade com que eu tinha chegado a fixar as imagens engrandecidas pelo microscopio solar, deu-me esperanças de poder pelo mesmo processo obter a imagem dos objectos collocados fora da camara obscura, posto que fossem illuminados por uma luz muito menos viva. Como na aldeia eu não tivesse camara obscura fil'a d'uma grande caixa a que adaptei uma lente objectiva, a qual enviava a imagem dos objectos externos para o lado opposto ao em que estava situada. Este apparelho provido d'uma folha de papel sensitivo foi collocado a 100 varas pouco mais ou menos de distancia d'um edificio favoravelmente allumiado por um sol de verão ao meio dia. Passada uma hora achei sobre o papel uma imagem bem distincta d'este edificio, excepto das partes que estavam á sombra. Em bem pouco tempo vim a reconhecer por experiencia que com pequenos apparelhos era o effeito produzido em menos tempo, e deste sorte cheguei a obter com pequenas caixas, e com pequenas lentes muito convexas, desenhos de notavel exactidão, mas em tão pequenas proporções que parecião não poder ser senão o resultado do trabalho d'algum artista lilliputiano, sendo preciso serem examinados com uma lente para distinguir todos os objectos minimos que em si encerráram.

1. No verão de 1885 obtive grande número de desenhos da minha casa de campo. O methodo que adoptei era o seguinte. Depois de adaptar uma folha de papel sensitivo ao foco de cada uma destas pequenas camaras obscuras; levava comigo umas poucas que ia collocar em diferentes posições ao redor da casa; depois de meia hora tirava-as todas achando em cada uma desenhados em miniatura os objectos diante dos quaes esteve collocada.

Esta descoberta parece-me que devera ser útil aos viajantes que não souberem desenhos, ou tam bem ao artista que nem sempre pode ter tempo para reproduzir com o seu lapis todos os objectos que elle reputa dignos de fixarem a attenção. Puesto que a imagem obtida por este trabalho da natureza differe da que o artista desenharia, e não possa realmente substitui-la, todavia deve elle ter-se em muitos casos por feliz podendo obter em tão curtos momentos a representação dos objectos, de que nem a lembrança poderia conservar.

*Desenhos de pedações de escultura.* Quando eu quizzo tirar a imagem d'uma estatua ou d'um baixo relevo, exponho-as a uma luz do sol muito viva, e colloco em conveniente distancia uma pequena camara obscura com o papel preparado. Estes ensaios ainda não foram muito adiantados por mim; mas não duvido que se obtenhão, deste modo d'applicar o meu methodo, importantes resultados, e que se possa empregar com grande vantagem em muitas circumstancias.

*Cópias de gravuras.* Podem-se obter mui facilmente copias de gravuras ou fôrtilles; para este effeito applica-se o papel sensitivo á gravura, de modo que as figuras estejam em contacto com o papel. O contacto entre as duas folhas deve ser geral, pois que o menor intervallo altera extraordinariamente o resultado produzindo uma massa vaporosa em lugar dos traços distinctos do original. Expõem-se estas folhas á luz do sol que atravessa logo o papel, excepto nos pontos em que obstem as linhas opacas da gravura, e obtem-se a imagem exacta do desenho. Davy e Wedgwood tinham já tentado esta experiencia; mas não teve bom exito porque lhes faltava o papel sensitivo.

meio, segundo o tempo necessario para obter a luz solar a imagem d'um objecto, e com signaes perfeitamente distinctos.

*Architectura e Paisagem.* A applicação do meu methodo aos casos que de que aqui não fallar, é talvez a mais admiravel; pelo menos foi a que assombrou mais as pessoas que examináram a minha collecção de desenhos feitos a luz do sol.

“ Não ha ninguem que ignore os bons effectos que se obtem da camara obscura, e que não tenha admirado a facilidade com que ella reproduz com todas as cores os objectos collocados da parte de fora. Muitas vezes meditava eu no interesse que este apparelho offereceria se chegassem a fixar-se no papel as engrandecidas vistas que por momentos nella se piazão, ou mesmo se somente fosse possível fixar os contornos e as sombras dos objectos ainda que privados de todas as cores que os matizão. A facilidade com que eu tinha chegado a fixar as imagens engrandecidas pelo microscopio solar, deu-me esperanças de poder pelo mesmo processo obter a imagem dos objectos collocados fora da camara obscura, posto que fossem illuminados por uma luz muito menos viva. Como na aldeia eu não tivesse camara obscura, fiz a d'uma grande caixa e que adaptei uma lente objectiva, a qual enviava a imagem dos objectos externos para o lado opposto ao em que estava situada. Este apparelho proximo d'uma folha de papel sensitivo foi collocado a 100 varas pouco mais ou menos de distancia d'um edificio favoravelmente allumiado por um sol de verão ao meio dia. Passada uma hora achei sobre o papel uma imagem bem distincta d'este edificio, excepto das partes que estavam á sombra. Em bem pouco tempo vim a conhecer por experiencia que com pequenas apparelhos era o effecto produzido em menos tempo, e desta sorte cheguei a obter com pequenas caixas, e com pequenas lentes muito convexas, desenhos de notavel utilidade, mas em tão pequenas proporções, que não poder ser senão o resultado do gum artista lilliputiano, sendo precisos nados com uma lente para distinguir minimos que era a encerravão

## Miscellanea.

### RELIGIÃO, AMOR E PATRIA.

ROMANCE HISTÓRICO. (\*)

#### V.

A guerra civil tinha rebentado em Portugal. D. Miguel, o Nero moderno; havia calçado aos pés a Carta Constitucional, dada por seu augusto irmão aos Portuguezes, e se declarára rei absoluto. Ainda fresca e presente a todos era a reminiscencia do assassinato do marquez de Loulé; e do envenenamento de D. João VI, e entretanto, o receio de uma, de ficar Portugal colonia do Brasil se reconhecessem como Rainha a filha do Imperador; a esperança de outros de que D. Miguel, apenas rei, lançaria hum espesso véo sobre seu tenebroso e sangui-nario passado, e, recordando-se da gloria de seus antepassados, da virtude de seus avós de Bragança, de uma vez se corrigiria; e emfim, a ambição de muitos sem fé, sem honra, sem pudor, sem dignidade, e sem consciencia, o ajudarão a subir a esse throno que resplandecera com tanta gloria, a cingir esse diadema, onde encrustados se achavão os lucros ganhados na Asia, a descoberta da America, e as victorias obtidas contra os Mouros e Castelhanos. Prostituição do espirito humano! Vergonha eterna a esses que se não pejarão em pugnar pelo governo de um filho assassino do seu pai, de um monarcha assassino do seu povo! Maldição eterna sobre aquelles, que com as armas ou com a penna, o defenderão e sustentarão.

Formou-se em Coimbra huma sociedade de Portuguezes honrados, amigos de sua patria e da liberdade. Elles declararão guerra ao tyranno, odio

(\*) Nojas em No 14 da Ristia Litteraria. 25 de Maio

“O tempo necessário para obter esta copia varia segundo a grossura do papel em que estiver a gravura. Quando o papel é muito grosso, basta mais hora para obter uma boa copia. Deste modo reproduzi eu gravuras muito delicadas, e cheias de muitas figuras pequenas que se conservão com grande nitidez. Não deve haver receio de que o papel, preparado altere a gravura, uma vez que ambos estejam bem seccos. Entretanto se se observar alguma mancha na gravura depois da operação, será ella fácil de tirar com uma preparação chimica que não altere a gravura.

“Nestas especies de copias as sombras e os claros estão ás avessas; mas se uma copia depois de passar pelo processo da conservação poder expor-se aos raios luminosos, sem se alterar, pode esta então ser copiada pelo mesmo processo, e ministrar assim a repetição exacta da gravura; porque nesta segunda copia os claros e os escuros tem ja recuperado suas primitivas posições. Este processo seria principalmente util para obter sem grande despesa a copia de gravuras raras e unicas, mas que não fossem tão procuradas que merecessem a pena do serem de novo gravadas.

“Terminarei fazendo algumas notas sobre uma circumstancia particular que ja assignalei, e que é de grande importancia; e vem a ser a disposição que offerecem algumas folhas de papel sensitivo de ficarem insensíveis á luz. Não era facil explicar a causa desta alteração; entretanto creio que se pode attribuir a uma *falta de equilibrio*. O processo seguido para esta preparação pode produzir dous compostos chimicos diversos, e sobre os quaes a acção da luz solar não produz effeitos exactamente semelhantes. Vê-se por tanto que segundo a preparação do papel levar mais para um ou para outro destes compostos, o que depende de circumstancias apparentemente pouco importantes, e até certo ponto inapreciaveis, assim se obterão effeitos inteiramente differentes em relação ao modo d'acção da luz solar.

## Miscellanea.

### RELIGIÃO, AMOR E PATRIA.

#### ROMANCE HISTÓRICO. (\*)

V.

A guerra civil tinha rebentado em Portugal. D. Miguel, o Nero moderno, havia calcado aos pés a Carta Constitucional, dada por seu augusto irmão aos Portuguezes, e se declarára rei absoluto. Ainda fresca e presente a todos era a reminiscencia do assassinato do marquez de Loulé, e do envenenamento de D. João VI, e entretanto, o receio de uns, de ficar Portugal colonia do Brasil, se reconhecessem como Rainha a filha do Imperador; a esperança de outros de que D. Miguel, apenas rei, lançaria hum espesso véo sobre seu tenebroso e sangunario passado, e, recordando-se da glória de seus antepassados, da virtude de seus avós de Bragança, de uma vez se corrigiria; e emfim, a ambição de muitos sem fé, sem honra, sem pudor, sem dignidade, e sem consciencia, o ajudarão a subir a esse throno que resplandecera com tanta gloria, a cingir esse diadema, onde enrustados se achavão os lucros ganhados na Asia, a descoberta da America, e as victorias obtidas contra os Mouros e Castelhanos. Prostituição do espirito humano! Vergonha eterna a esses que se não pejarão em pugnar pelo governo de um filho assassino de seu pai, de um monarcha assassino de seu povo! Maldição eterna sobre aquelles, que com as armas ou com a pena, o defenderão e sustentarão!...

Formou-se em Coimbra huma sociedade de Portuguezes honrados, amigos de sua patria e da liberdade. Elles declararão guerra ao tyranno, odio

(\*) V. a p. 1.ª da 1.ª edição da Patria Libertada, p. 100.

( 54 )

ao despotismo, e organisarão hum batalhão sagrado, como o de Thebas antiga. Os estudantes, jovens cheios de enthusiasmo e de amor, esperança da patria, das sciencias e das artes, recrutavão-se quotidianamente, para fazer parte dos defensores da Carta, para unirem seus destinos aos della, para por ella pugnar até a ultima gôta de sangue, e com ella vencer ou morrer.

Erguei-vos! vós, mancebos, já que os velhos dormem o somno da indifferença pelos destinos da patria! Erguei-vos valentes e bravos! empunhae a espada, combatei pela liberdade, já que em vossas veias gira o mais nobre sangue, já que em vossos peitos bate a mais sagrada paixão, já que em vossos cerebros germina a mais bella idéa! Erguei-vos!... que se deixem outros garrotear em suas casas, assassinar em seus leitos!... Vós tendes enthusiasmo por tudo quanto é grande, e o enthusiasmo é força, é valor. Vós tendes coragem para bem cumprir uma missão, e a vossa é a de salvar a patria, de defender a liberdade, os direitos, os foros e as garantias de hum povo!

Erguei-vos, mancebos!

O partido do infante organisou-se tambem, e nelle figurava toda a baixa classe da sociedade, que não tendo que perder, mirava com ciúme as riquezas alheias, e se preparava para um dia as chamar suas.

Antonio Gonçalves, o parente de Isabel, de que já vos falei, entreteinha relações de amizade com o chefe do partido do usurpador. Ambos, nutridos as mesmas paixões, alimentando os mesmos vícios, possuidos da mesma sede de sangue e de riqueza, alistárão-se debaixo das mesmas bandeiras politicas.

Eugenio, porém, ao principio, não quiz ligar-se a partido algum. Contento de amar e de ver correr seus dias doces e alegremente nos braços daquelle que lhe prendêra o coração, embora como que não fizesse parte da sua familia, embora separado vivea de seu pae, o amor bastava para espargir flores sobre sua existencia, perfumar a estrada que elle

deixar percorrer o caminho a dita e ventura que ambicionasse.

Mas, assim como amor venceu a religião, a patria venceu-o a elle. Que coração haveria no mundo, cujas aras tão pouco logo patriótico abracasse, que em presença da luta que se passava em Portugal, não olvidasse seus sentimentos apaixonados, suas idéas de amor, não deixasse de parte considerações tão mesquinhas, tão curto egoísmo, tão corresse as armas? Que homem seria esse a quem pouco importasse o destino da patria, seus proprios interesses, e a gloria que sobre elle que nasceria? Egeu não corria a pertencer á sociedade dos Jardinheiros de Coimbra.

Os partidos derão começo ás hostilidades. Assassínatos commettião-se todos os dias, á luz do sol, á vista dos homens. A anarchia ceifava as mais respeitaveis cabeças, e o desordem era geral em Coimbra, e em algumas localidades mais do reino. O que umha vez fôra cobria esses homens, que assim se sacrificavam sem interesse seu e do paiz. Era o partido dos constitucionaes que quotidianamente perdiam seus melhores nos punhaes dos salteadores, que se intitulavão defensores do throno e do altar. (\*)

Às noites, os bandos de assassinos percorrião as ruas, cantando em choro o hymno do seu rei.

A' vante, Miguel!

Não ha que temer, não!

Os braços são nossos,

E' vosso o poder.

Por vós, por a patria,

O sangue daremos;

Por gloria só temos

Vencer, ou morrer.

E aquelles que não querião unir suas vozes ao grito desenfreado de taes homens — infelizes! — o sangue lhes não girava por muito tempo nas veias!...

(\*) Se previmos que não eramos maiores da exactissima historia — N dos RR.



Chegou enfim o momento da luta geral...  
Cruzarão-se os ferros em campo.

A's armas, ó Lusos!

O ferro empunhemos;

Maria c'o a Carta

Ao throno elevemos.

Combater e soffrer por huma tão bella e santa causa não era acaso a maior da glórias? Victorioso, que renome! Vencido, que lagrimas a seus infelizes! Vencedor ou vencido, sempre havia alguma coisa digna das almas generosas, e prazer do triumpho, ou as delicias do martyrio!

## VI.

Era noite. Isabel estava no seu aposento, triste e pensativa. A sorte dos combatentes ainda se não havia decidido; a luta foi renhida. Ella ajoelhou diante de huma imagem da Santissima Virgem, e pediu-lhe, com respeito e devoção, que do alto da sua morada celeste lançasse os olhos de misericordia sobre o seu amante, que a guerra lhe arrancára dos braços. Nove horas soavão.

Hum homem pallido, com os olhos espantados e huma pistola na mão; entra de repente. Era Eugenio. Ella reconheceu-o, e gritou-lhe, atirando-se aos seus braços:

— Estás salvo?

— Não.

— Mas vives?

— Vencido.

— A victoria?

— E' delles.

— E agora?

— Só me resta a morte, ou o exilio.

— O ultimo: ao menos, salva tua vida.

— Se a queres salvar, vem comigo.

— Não posso.

Elle sorrio sardonicamente. Ella começou a chorar. Espectaculo terrivel, onde o coração do homem,

não póde conservar-se impassivel !

— Pois morrerei, disse-lhe elle desesperadamente.

— E queres tambem ver-me morta ? perguntou-lhe Isabel.

— Tu morrer !... Oh ! nunca !... Por piedade assim me não mates !

— Então , fuge.

— Eu fugir sem ti ? Ir mendigar a estranhos lares , longe do unico ente no mundo que eu amo ? Oh ! não ! Vem comigo , Isabel ! Partamos para o Brazil , para esse imperio nascente que tantos recursos offerta aos infelizes !... Deixemos esta terra regada com o sangue dos martyres da liberdade ; terra profanada por sicarios e bandidos !... Deixemos Portugal entregue a D. Miguel e a seus infames satellites ; vamos respirar a atmosphera da liberdade.

— Eu !... Como és injusto !... Posso acaso deixar minha familia , meu velho pae, minha boa e terna mãe , para seguir-te ; quando sei que de desgostos elles morrerão !... E , seguindo-te assim , não perderei eu mesmo parte da tua estima , e poderá sobreviver-lhe o amor ?

Eugenio conheceu então toda a enormidade de sua situação... Elle balanceava até ali , entre o cadafalso e a fuga , porque pensava que esta seria seguida de todas as venturas do presente , guardando-se apenas a reminiscencia de um funebre passado... E agora a justa decisão de sua amante o fez estremecer todo... á emigração longe de sua patria , á saudade que o devia carcomir por aquelle sólo de seus primeiros prazeres , de seus primeiros dias e dos seus amores , ligava-se a idéa da ausencia de Isabel , da unica creatura que d'elle tivera piedade em criticas circumstancias !...

— Coragem ! lhe disse ella para socega-lo ; coragem e esperanza , Eugenio !... Deus é todo poderoso !... Elle se lembrará do nós !... Parte , ama-me sempre , e confia que um dia , voltando á patria , mais feliz do que agora , mais contente e alegre , de novo me revejas e conheças !... No entanto , posso-te afiançar humia fidelidade eterna !

“O tempo necessário para obter esta copia varia segundo a grossura do papel em que estiver a gravura. Quando o papel é muito grosso, basta uma hora para obter uma boa copia. Deste modo reproduzi eu gravuras muito delicadas, e cheias de muitas figuras pequenas que se conservão com grande nitidez. Não deve haver receio de que o papel, preparado altere a gravura, uma vez que ambos estejam bem seccos. Entretanto se se observar alguma mancha na gravura depois da operação, será ella facil de tirar com uma preparação chimica que não altere a gravura.

“Nestas especies de copias as sombras e os claros estão ás avessas; mas se uma copia depois de passar pelo processo da conservação poder expor-se aos raios luminosos sem se alterar, pode esta então ser copiada pelo mesmo processo, e ministrar assim a repetição exacta da gravura; porque nesta segunda copia os claros e os escuros tem ja recuperado suas primitivas posições. Este processo seria principalmente util para obter sem grande despesa a copia de gravuras raras e únicas, mas que não fossem tão procuradas que merecessem a pena de serem de novo gravadas.

“Terminarei fazendo algumas notas sobre uma circumstancia particular que ja assignalei, e que é de grande importancia; e vem a ser a disposição que offerecem algumas folhas de papel sensitivo de ficarem insensíveis á luz. Não era facil explicar a causa desta alteração; entretanto creio que se pode attribuir a uma *falta de equilibrio*. O processo seguido para esta preparação pode produzir dois compostos chimicos diversos, e sobre os quaes a acção da luz solar não produz effeitos exactamente semelhantes. Vê-se por tanto que segundo a preparação do papel levar mais para um ou para outro destes compostos, o que depende de circumstancias apparentemente pouco importantes, e até certo ponto inapreciáveis, assim se obterão effeitos inteiramente differentes em relação ao modo d'acção da luz solar.

## Miscellanea.

### RELIGIÃO, AMOR E PATRIA.

#### ROMANCE HISTÓRICO. (\*)

#### VI.

A guerra civil tinha rebentado em Portugal. D. Miguel, o Nero moderno, havia calcado aos pés a Carta Constitucional, dada por seu augusto irmão aos Portuguezes, e se declarára rei absoluto. Ainda fresca e presente a todos era a reminiscencia do assassinato do marquez de Loulé, e do envenenamento de D. João VI, e entretanto, o receio de não ficar Portugal colonia do Brasil se reconhecessem como Rainha a filha do Imperador; a esperança de outros de que D. Miguel, apenas rei, lançaria hum espesso véo sobre seu tenebroso e sanguinario passado, e recordando-se da gloria de seus antepassados, da virtude de seus avós de Bragança, de uma vez se corrigiria; e emfim, a ambição de muitos sem fé, sem honra, sem pudor, sem dignidade, e sem consciencia, o ajudarão a subir a esse throno que resplandecera com tanta gloria, a cingir esse diadema, onde enrustados se achavão os lucros ganhados na Asia, a descoberta da America, e as victorias obtidas contra os Mouros e Castelhanos. Prostituição do espirito humano! Vergonha eterna a esses que se não pejarão em pugnar pelo governo de um filho assassino de seu pai, de um monarcha assassino de seu povo! Maldição eterna sobre aquelles, que com as armas ou com a pena, o defenderão e sustentarão!

Formou-se em Coimbra hum sociedade de Portuguezes honrados, amigos de sua patria e da liberdade. Elles declararão guerra ao tyranno, odio

(\*) Extracto de *Os Lusitanos* de D. Antonio de Almeida.

tas arvores, são lindas estas flores; mas não são a natureza, as arvores! as flores do meu paiz natal.

E que lagrimas, que pranto copioso lhe escapavam dos olhos, e lhe inundavam a face, quando com seu pensamento se via no oceano a distancia que o separava de sua amante e de sua patria! quando elle via, como uma barreira invencivel, esse oceano immenso que se collocára no meio para aterrar as imaginações, separar homens que se procuravam e se entendião... oceano sem principio nem fim; immovel hoje, enfurecido amanhã; risinho agora, tenebroso logo.

Quantas vezes, passeando elle, pelo morro do Castello, e espreitando ahi a vista pela vasta bahia do Rio de Janeiro, vendo entrar e sair quotidianamente navios para todas as partes do mundo, ao abrir de cada vela que se largava, ao menor movimento que faz a embarcação quando ergue a ancora e se dirige ao mar, sentia seu coração despedaçar-se-lhe, e uma voz interna como que convidava-o a enviar pelos ventos a patria as tristes saudades de um exilado, que com o pensamento nella, de dor definhava longe.

A felicidade, dizia elle consigo, não é mais que uma illusão terrivel. Embora no berço mil brados de alegria nos saudassem, embora nossa infancia se embalsamasse com perfumes e amor; um anjo embora descêsse do céu para adocar nossas horas, alegrar nossos instantes, nem assim poderíamos dizer — Somos ditosos! — porque a felicidade é uma especie de sonho sem sentido, de loucura de momento! A felicidade é palavra sem significação, sem objecto que exprima!

“Eu tinha uma mãe que amava, trocava de conselhos com ella sorriso por sorriso, caricias por caricias. E com tudo ella morreu! Feliz? Oh! que não!... Meu pae a torturava...”

“Restava-me uma amante... Oh! Isabel! Isabel! Quando pronuncio este nome, elle queima-me o coração como uma lava do Vesúvio.”

“Tinha uma patria, que é feito de homens indignos lhe sorvem a ultima gota de sangue...”

gue !... Só o infeliz emigrado pode comprehender o que seja uma patria !...

“ Uma mãe, amante, ... uma patria, não te peço mais nada, oh meu Deus !... ”

## II.

No Brazil, violentas commoções rebentavam todos os dias : a guerra civil parecia imminente e perto que os partidos estavam exasperados, as paizões irritadas, e o governo impotente e fraco. Uma luta terrivel se preparava : luta desastrosa para o paiz, porque della resultou a sabida do homem que desprezara sceptro, corôa, reino, familia e paiz natal, para unir seu destino á sorte de um povo nascente, partilhar seus trabalhos, suas fadigas e sua gloria !... Luta não manchada no seu principio, com o sangue de irmãos, mas que, relaxando no futuro todos os laços da sociabilidade, a união, preparou as sanguinarias rebelliões do Pará, Bahia e Rio Grande.

D. Pedro I, o herôe da independência do Brazil, abdicou a corôa, em favor de seu filho e deixou o seu paiz de adopção, e partio para de novo empunhar as armas, e combater pela liberdade de outro povo.

Seu nome inscreveu-se na pagina a mais gloriosa dos annaes de duas nações, ... uma que na hora da decadencia pretendia regenerar-se e a outra encetando apenas a sua carreira.

Eugenio correu com enthusiasmo, a alistar-se nas fileiras dos braves que deão salvar Portugal das garras do despotismo atroz que sobre elle pesava... Novamente se sacrificava pela liberdade... mas agora com prazer maior, com mais sublime enthusiasmo. Elle ia rever aquelles lugares donde se deslizarão seus primeiros annos, rever Isabella que elle importava o resto?

Liberdade ! liberdade ! Eis tu um sonho náo um relampago passageiro, que passas e desapareces ? Rios de sangue humedecerão teu berço que res ainda mais pranto, mais lagrimas, mais dores, mais sangue ? .....

# PARTE III.

## I.

Estamos no Porto, leitor, na cidade mais nobre e mais leal do reino de nossos avós. Ei-la cercada de um exercito immenso, capitaneado por um general estrangeiro, que acreditou vencer homens livres, como venceu os escravos do Bey de Argel! — E o povo que guardava e defendia seus muros, era pouco, mas bravo, mas escolhido; que aprendeu a morrer, mas não a entregar-se ... Erão esses poucos homens, que afundarão as frotas do infante nas agulhas da Ilha Terceira; os poucos que resistirão ás balas e ao punhal, á morte no campo da batalha, e á morte nos cantos e lugares ermos; erão os poucos que se batêrão como cães desesperados, que destruirão e derrotarão as bellas tropas do usurpador ....

E o seu valor, e o seu enthusiasmo communicava-se a todos que os vião e os rodeavão. O bello sexo partilhava tambem a gloria; homens e mulheres lutavão em esforços, em denodo, em coragem, em resignação ... Homens e mulheres sacrificavão-se alegres e contentes pelo bem e liberdade de sua patria.

— Como vae elle? perguntou uma mulher coberta com um manto preto, entrando para o hospital dos officiaes, ao medico que d'elle sabia.

— Melhor; respondeu-lhe o Doutor. — E' preciso socego. E ella se encaminhou com outras mais do seu sexo, que se applicavão a curar e tratar dos feridos, para uma sala, onde se achavão muitos leitos. Sentou-se perto de um, e terna e melancolica começou a olhar para quem nelle tranquillamente dormia.

Quem a visse naquella posição, de certo que se admiraria de encontrar uma tão bella senhora empregada em semelhante mister.

Tinha a phisionomia melancolica e romantica das formosas Venezianas; as mais bellas filhas do

Adriatico; um corpo delicado de Franceza, e uma graça e doçura de Brasileira, e uns olhos fogosos de Hespanhola. Os cabellos ondevão-lhe sobre os hombros, tão pretos como o ebano ...

— Isabel, disse-lhe o doente, acordando e ganhando vida com o aroma virginal que em torno d'elle se évaporava; já aqui tão cedo? Como se pagão tantas finezas?

— Se por ti deixei meus pais, minha familia, que mais poderei fazer, que exceda aquelle sacrificio?

Eugenio, que era o doente, encheu-lhe a mão de mil beijos, e admirou com toda a liberdade uma tão grande devoção, tão sublime amor da parte de uma joven ...

Apênas chegou ao Porto com a heroica expedição que acompanhou o duque de Bragança, elle soube que ali se achava a familia de sua amada, cuja lembrança e amor mais ainda havia exaltado a ausencia de alguns annos: procurou-a immediatamente. Um minuto mais que tardasse, adeus, nobres sonhos da infancia, adeus, ventura da vida! ... porque os pais de Isabel partião novamente para Coimbra, e deixavão o Porto, que acabava de ser tomado e occupado pelo ex-imperador do Brazil.

Isabel não ponde suster a vista de seu amante; ella estava prestes a entrar para um convento, sepultar no segredo e no mysterio das praticas religiosas uma vida, que ella recusava dedicar a outrem, que não fosse aquelle que sua alma escolheira, que seu coração dominára.

Deixou familia, e em despeito dos desejos e esperanças de seus pais, ficou no Porto, esperava a todo o instante que Eugenio se restabelecesse de umas feridas que havia recebido no primeiro combate que teve lugar entre as tropas do usurpador e o exercito constitucional; logo que este se fortificou na cidade.

Eugenio considerava-se o homem mais feliz do mundo, por ter conseguido reinar sobre aquelle coração como em um templo; elle não cessava de admirar, a par de seus encantos physicos, ao lado dessa belleza que eclipsava tudo, aquella eandera d'alma, aquelles agorres sentimentos de heroína que batião no peito de Isabel.



Cada vez mais amoroso, mais apaixonado; elle dividia seus pensamentos entre os cuidados que reclamava o seu posto e emprego, e os carinhos que dedicava a seu amor. Nem a patria, nem Isabel, tinham rasões de queixa, porque elle soube amar a ambos, e com a mesma força; e Isabel unicamente, lembrando-se de quando em quando que uma bala do inimigo o poderia roubar á patria e ao seu amor, deixava cahir algumas lagrimas de seus olhos, que se deslisavão sobre seu bello rosto, como fios de perolas ...

## II.

O dia havia sido terrivel, e quem olhasse para as aguas do Douro, que roncando tristemente marchavão para o oceano, pensaria que o rio só despejava ondas de sangue.

Os dous exercitos, sitiante e sitiado, espantárão-se á vista de tanta carniceria. Foi uma das mais terribes batalhas que tiverão lugar, durante essa época memoravel e gloriosa do cerco do Porto. Os vencedores a denominarão — 29 de Setembro.

A noite que succedeu a esse dia pareceu com elle partilhar as dores. Escura em demasia, verdade é que occultava o horror do campo ensanguentado; mas quem por ali acaso fosse, a cada passo se abalroava com um cadaver, ou escorregava no sangue coalhado que cobria o chão....

Se dos bivaques militares escapava de instante a instante uma luz, como que amortecida, a seu roxo reflexo, como á tócha de uma furia, scenas se mostravão, que só o inferno poderia igualar .... que Satanaz unicamente poderia ver sem estremecimento e horror.

Os edificios da cidade do Porto, principalmente a *Torre dos Clerigos*, donde pendia uma ou outra luz desgarrada, atravessando o negro horisonte, assemelhavão-se ás ruinas de Thebas e Palmyra, onde somente echão a voz agoureira do môcho e o canto funebre da coruja. Apenas o silencio do tumulto, que reinava naquelles lugares, era interrompido pelo rumor pezado das vagarosas passadas do

soldado que estava de guarda, ou pelos gritos raros e distantes de alguma sentinella perdida.

Um homem, entretanto, errava pelas margens do Douro que banhão a base do convento da Serra do Pilar. Seria algum genio infernal, que no meio de tantos horrores, se dirigisse acaso ao campo da batalha, para rir-se, zombar e galhofar com os mortos?

Elle approximou-se do rio, medio-lhe com os olhos a profundidade, e atirou-se no meio de suas vagas.

Ao barulho, entretanto, das aguas fendidas por seus esforços, a sentinella do Porto gritou-lhe o sobresaltada: — Quem vem lá?

Elle estremeceu; hum terrivel pensamento o deteve; se retrocede, a sentinella fará sem duvida fogo; se continua a atravessar o rio, que resposta lhe ha-de dar elle, que ignora o santo e a senha?

Pára, portanto, e espera immovel, apenas erguendo acima de agua a cabeça. O guarda, nada mais ouvindo, attribue aquelle rumor á correnteza e choque das vagas; immediatamente porém de novo elle resôa: e — quem vem lá? grita o sentinella.

— Amigo, responde-lhe do rio uma voz forte.

— Chegue á falla!

E a sentinella o foi reconhecer.

— Meu bravo, disse-lhe o homem, eu não sou espião. Toma este dinheiro. Eu te juro que aqui venho por cauza de uma mulher somente.

— Aqui não se passa, recuae, respondeu-lhe o guarda, ide á outra sentinella.

Então o homem se encaminha para a outra sentinella, que estava postada na distancia de trinta passos daquelle lugar. Offereceu-lhe o dinheiro, a sentinella recebeu-o, e entrou na cidade.

No seguinte dia, no lugar reservado ao supplicio dos traidores, um desgraçado, com os olhos vendados e de joelhos, recebia vinte balas no coração.

Era a segunda sentinella que se fuzilava...

A primeira, acaso adivinhaes quem seja?

O proprio duque de Bragança, ex-imperador do Brazil!!!

### III.

— Ai! gritou Isabel, saltando do seu leito, toda tremula. Quem sois vós? Que audacia aqui vos trouxe?

— Quem sou? respondeu-lhe um homem alto, magro, com a physionomia pallida e macilenta; e acompanhando esta phrase com um riso sardonico e infernal. Quem sou? Pois assim esquedeste Coimbra e seus habitantes, e tua propria familia?

— Antonio Gonçalves! gritou ella, reconhecendo-o!

— Sim, Antonio Gonçalves! E cuidavas que elle te havia desamparar no meio de uma soldadesca sem disciplina, sem freio; de homens sem pundonor, sem religião?

— Dei-vos, por ventura, o direito de velar sobre mim?

— Não, mas tomei-o por minhas mãos, porque te amava.

— Agradeço-vos, e no mommento actual vos não posso ouvir fallar assim. Sou casada.

— Bem o sei.

— Então deixae-me, e para sempre.

— Oh! Eu deixar-te! Ehganaste; agora que te tenho em meu poder, que te posso calcar a meus pés... desamparar a minha victima! ... Isabel! estamos sós!

Ao ouvir esta palavra, a infeliz Isabel deixou-se cair sobre o leito, com os olhos espantados; e como querendo sahir fora de suas orbitas. Ella comprehendeu toda a enormidade do abysmo em que se achava... olhou com horror e desprezo para esse homem, que assim pretendia abusar de suas forças contra uma fraca mulher.

Elle approximou-se do leito.

— Recuae, gritou-lhe ella, e chegando-se para uma janella que dava sobre um pequeno e estreito beco, onde estava a casa situada, disse-lhe mansamente, e como fazendo esforço sobre si mesma; se dères um passo para mimos, eu me atirarei por esta janella fora.

— Batao! respondeu-lhe elle fustosamente; minha vingança será ainda peor... Elle morrerá...

De repente abre-se a porta do fundo, Eugénio se precipita dentro da camera. Infame! exclamou elle, e avançou com a espada desembainhada...

Gonçalves tira precipitadamente do bolso uma pistolla e a dispara...

Isabel, percebendo este movimento, atirou-se sobre seu esposo para salvá-lo... Foi ella quem recebeu o tiro, e cahio banhada no seu sangue!

#### IV.

..... Um povo immenso enchia a praça das execuções militares. Um homem, accusado de se ter introduzido na cidade eterna, como espião do exercito de D. Miguel, e de haver assassinado a esposa de hum tenente do bravo batalhão dos voluntarios constitucionaes, ia ser fuzilado:.....

O sol appareceu, com a sua magestade, no dia 10 de outubro de 1832. Por cima das bellas colinas, que cercão as duas margens do Douro gravitava elle lentamente, em um brilhante céu azul-claro.

O Douro relava mansamente suas agnias, fulgurando com os raios do sol que se quebravão na sua superficie. Dir-se-ia que o rio naquella dia pretendia erguer a cima, e mostrar a todos, as palhetas d'ouro do seu leito.

Os dois exercitos, constitucional e miguelista, marchavão um contra outro.

Vencedores! será acaso para vós este o sol de *Austerlitz*? Vencedos! que nome lhe darei? Erguei-vos, victimas de *Waterloo*!... o astro do dia, do seio do seu esplendor, vos allumia e esclarece.

Tocarão as trombetas! Abtriopas se collocão em linha de batalha. A quem a victoria? Oh! Senhor

dos exercitos, olhas para os defensores da patria.

Um estrondo horroroso se fez ouvir. Todo o furor descompassado dos raios, quando estremecem e atemorizam a terra, não poderia igualar o rumor que produzirão esses milhares de abrazadas balas, que do exercito dos sitiantes partirão. Do Porto lhes responderão do mesmo modo, e em um momento, a cidade e as bellas torres e ameias, as montanhas e os dous exercitos, desapparecerão em uma nuvem de fumo, de cujo seio apenas escaparão, de quando em quando, os gritos e gemidos dos agonisantes...

Os sitiantes dirigirão-se então para o convento da Serra. O forte que ahi foi edificado, domina o Porto, e sua posição é optima para manobrar. Os miguelistas parecião não ter outro fito senão a sua tomada. Elles subirão denodadamente até cima; lá porém havião bravos, que responderão aos sitiantes com o fogo mais energico e impetuoso. Mas já lá se vai a tropa constitucional rendendo, e seu estandarte sendo presa dos inimigos, quando um joven official se atira imprudentemente á brécha, ahi derroca e derriba tudo o que se lhe antepõe, e de novo, entre rios de sangue, ergue o real estandarte.

Este acto de heroismo dá novo vigor aos constitucionaes: em um instante, os miguelistas mais corajosos, que subirão ao forte, são d'elle precipitados.

Os sitiados não se batem ja como homeus, mas como tigres furiosos, que dispersão e estragão tudo: nadão alegres no sangue de seus inimigos, e esse sangue borrija os estandartes bicolores da rainha de Portugal.

Durou tres dias o ataque do forte da Serra. Os constitucionaes ganharão a victoria. Deus é justo.

Entre os bravos, porém-cuja morte teve de chorar o exercito libertador, contou-se o valoroso tenente que salvára o estandarte e o forte, na occasião do principal ataque.

Chamava-se Eugenio José do Souto, e era tenente do batalhão dos voluntarios.

*J. do C. do Rio de Janeiro.*

P. S.

---

## Miscellanea.

---

### A Abadessa de Castro.

**O** Melodrama tem-nos mostrado tantas vezes os salteadores italianos do seculo XVI; e tanta gente tem falado delles sem os conhecer, que agora nenhum de nós os pode julgar com exactidão. Pode dizer-se em geral que estes salteadores forão a opposição contra os governos atrosos que na Italia, succedêrão ás republicas da idade media. O novo tyranno era pela maior parte o cidadão mais rico da defuncta republica, que para seduzir o povo aformoseava a cidade com bellas igrejas e quadros magníficos. Taes forão os Polentinis de Ravenna, os Manfredos de Faenza, os Riarios de Imola, os Canes de Verona, os Bentivoglios de Bologna, os Viscontis de Milão; e por ultimo os menos guerreiros e mais hypocritas de todos, os Medicis de Florença. Dos historiadores destes pequenos estados nenhum se atreveu a narrar o sem numero de envenenamentos e de assassinatos ordenados pelo medo que atormentava estes pequenos tyrannos; porque taes historiadores erão pagos por elles.

Attenda-se que cada um destes tyrannos conhecia pessoalmente cada um dos republicanos de quem sabia ser execrado, (o Grão-Duque de Toscana conhecia Strazzi); que muitos destes tyrannos morrerão assassinados, e far-se-ha uma idea dos odios inveterados, das eternas desconfianças que fizerão desenvolver tanta sagacidade e coragem nos Italianos do seculo XVI, e tanto talento em seus artistas. Ver-se-hão essas paixões profundas tolher a origem deste prejuizo assaz ridiculo que se chamava honra no tempo de M.<sup>me</sup> de Se.

~~vigência~~ e que consiste principalmente em sacrificar a própria vida para servir o senhor de quem se nasceu escravo, e para agradar ás damas. No século XVI, a actividade de um homem, e o seu merecimento real não podião manifestar-se em França e causar admiração senão no campo de batalha ou nos duélllos, e como as damas amão a valentia, e mais que tudo a coragem, ficarão ellas sendo os juizes supremos do mérito de um homem. Foi então que nasceu o espirito *de galanteria* que destruiu todas as paixões, e o mesmo amor, a prol do tyranno cruei a quem todos obedecemos — o amor proprio. Os reis protegêrão o amor proprio, com muita razão: dahi veio o imperio das fitas.

Na Italia distinguia-se o homem por todo o genero de merecimento, tanto pelos grandes golpes de espada, como pelas descobertas nos manuscriptos antigos, e se não vêde Petrarca, idolo do seu tempo. Uma senhora do século XVI amava um homem que soubesse bem grego, tanto e mais do que teria amado um militar valente. Eis a grande differença entre a Italia e a França. Eis a razão porque a Italia vio nascer os Raphaelis, os Giorgions, os Ticianos, e os Corregios, em quanto a França produzia todos as valentes capitães do século XVI hoje tão desconhecidos, e cada um dos quaes havia morto grandissimo numero de inimigos. Peço que me desculpem estas verdades que a muita gente parecerão desagradaveis. O certo é que as vinganças atrozes e necessarias dos pequenos tyrannos italianos da idade media conciliárão aos salteadores o coração do povos. Os salteadores erão odiados quando roubavão os cavallo, o trigo, o dinheiro, em uma palayra tudo quanto lhes era necessario para viver, mas no fundo do coração os povos os estimavão, e as raparigas das aldeas preferião a qualquer outro o mancebo, que uma vez na vida tinha sido obrigado a *andar a la machia*, isto é, a refugiar-se nos bosques, e a acotar-se ao pé dos salteadores em consequencia de alguma acção nimiamente imprudente.

Hoje todo o mundo teme por certo encontrar salteado-

res e mas quando elles são castigados todos tem pena. O motivo é por que o povo tão fino tão motejador, quer de todos os escriptos publicados debaixo da censura de seus senhores, lê habitualmente os poemas que narrão com fogo a vida e feitos dos salteadores mais famigerados. O que elle acha de heroico nestas historias encanta e excita o genio artista que vive constantemente nas classes baixas, e alega disso elle está já enfastiado dos louvores de encomenda dados a certa gente, á qual tudo o que não é d'officio neste genero, lhe toca *os fios d'alma*. E' mister advertir que o povo miúdo da Italia soffre certas couzas das quaes o viajante nunca tomaria nota, ainda que vivésse no paiz dés annos. Por exemplo, ha quinze annos, antes que a prudencia dos governos tivesse expulsado os salteadores, não era raro vellos, contando com o bom resultado de suas tentativas, castigar as iniquidades dos governadores das pequenas cidades. Estes governadores, magistrados absolutos, cujo ordenado nunca era de mais de vinte escudos por mez, estão ordinariamente ás ordens da familia mais consideravel do paiz e a qual por este meio bem simples opprime os seus inimigos.

Se os salteadores não conseguão punir sempre estes governadores despotas, ao menos escarnejão delles, e affrontavão-nos, o que não é pouco aos olhos d'um povo espirituoso. Um soneto satirico consola-o de todos os seus males, e jamais se esquece d'uma injuria. Eis aqui outra differença capital entre o Italiano e o Francês.

No seculo XVI se um Governador de uma cidade condemnava á morte um pobre habitante, que era odiado por alguma familia poderosa, não era raro ver estes salteadores atacar a prisão, e fazer toda a diligencia para o salvar. Pela sua parte a familia poderosa não confiando muito nos oito ou dez soldados encarregados de guardar a prisão, recrutava á sua custa uma porção de soldados temporarios. Estes, a que davão o nome de *bravi*, velavão em torno da prisão, e encarregavão-se de escoltar ate ao lugar do supplicio o pobre diabo cuja morte havia sido comprada. Se



nesta familia poderosa havia algum joven , era elle quem se punha á testa destes soldados improvisados. Semelhante estado de civilisação faz , é verdade , gemer a moral ; mas em nossos dias temos o duello , o luto , ou enojo , e os juizes não se vendem ; mas estes uzos de seculo XVI erão perfeitamente apropriados para crear homens dignos deste nome.

Muitos historiadores que ainda hoje meramente por costume andão ao serviço da litteratura empirica das academias , pretendêrão dissimular este estado de couzas , que em 1550 , pouco mais ou menos , fez apparecer homens de talentos abalisados. Nesses tempos forão suas mentiras recompensadas com todas as honras de que podião dispor os Medicis de Florença , os d'Estes de Ferrara , os Vice-Reis de Nápoles &c. Um pobre historiador por nome *Gianone* quiz levantar uma ponta do véo ; mas como elle ousasse dizer só parte da verdade , e ainda assim empregando expressões ambiguas e obscuras , tornou-se por isso muito aborrecido , o que não obstou a elle morrer em uma prisão na idade de 82 annos a 7 de Março de 1758.

A primeira couza pois que deve fazer quem quizer conhecer a historia da Italia , é não a ler nos autores geralmente approvados. Em parte nenhuma se deu tanto valor ás mentiras , e em parte nenhuma forão tão bem pagas.

As primeiras historias que se se creverão em Italia depois do barbarismo do seculo IX , já fazem menção de salteadores , e fallão delles como existindo desde tempos immemoriaes. Vede a compilação de Muratori. Quando desgraçadamente para a felicidade publica , para a justiça , e para o bom governo , mas felizmente para as artes , as republicas da meia idade forão abolidas , os republicanos inai-deciddos , aquelles que prezavão a liberdade mais que a maioria dos seus concidadãos , refugiárão-se nos bosques. Naturalmente o povo vexado pelos Baglionis , pelos Malatestis , pelos Bentivoglios , pelos Medicis , etc. amava e respeitava os inimigos destes. As crueldades dos pequenos ti-

rannos que succedêrão aos primeiros usurpadores ; como, por exemplo, as crueldades de Cosme , primeiro Grão-Duque de Florença , que fazia assassinar os republicanos refugiados até em Veneza e em Pariz , e que dêrão mais recrutas a estes salteadores.

Limitemo-nos porem somente aos tempos vizinhos áquelle em que viveu a nossa heroína . No anno pouco mais ou menos de 1550 Alphonso Piccolomini Duque de Monte-Mariano, e Marcos Sciarra commandavão com boa fortuna quadrilhas armadas que nas vizinhanças de Albano desafiavão os soldados do Papa , nesse tempo muito valentes. A linha de operações destes famosos chefes que o povo ainda admira , estendia-se desde o rio Pó e lagoas de Ravenna até ás matas que então cobrião o Vesuvio. A floresta da Faggiola , tão celebre em faanhas , situada a cinco legoas de Roma na estrada de Napoles , era o quartel general de Sciarra , que no tempo do pontificado de Gregorio XII reuniu varias vezes muitos mil soldados. A historia circunstanciada deste illustre salteador seria fabulosa aos olhos da geração presente , porque ninguém acreditaria nunca os motivos de suas acções. Elle só foi vencido em 1592. Quando vio os seus negocios mal figurados e sem remedio , capitulou com a republica de Veneza, e passou ao serviço della com os seus soldados mais fieis , ou mais criminosos, como quizerem. A instancias do governo Romano , Veneza que tinha capitulado com Sciarra , mandou-o assassinar , e enviou os seus valentes soldados auxiliar os Turcos na ilha de Candia. Mas a prudencia Veneziana bem sabia que reinava em Candia uma peste devastadôra , e em poucos dias os quinhentos soldados que Sciarra tinha conduzido para o serviço da republica ficárão reduzidos a sessenta e sete.

Esta matta da Faggiola , cujas arvores gigantescas cobrem um antigo volcão , foi o ultimo theatro das faanhas de Sciarra. Todos os viajantes dirão que o sitio mais magnífico das admiraveis campinas de Roma cujo aspecto

lugubra parece propício para tragedias; a sua sombria vegetação serve de coroa aos cumes do monte Albano.

Esta magnifica montanha é devida a uma antiga erupção volcanica anterior muitos seculos á fundação de Roma.

Em uma época que precedeu todas as historias ella surgio do meio da vasta planicie que n'outro tempo se estendia entre os Apeninos e o mar. O Monte Cavi que se eleva rodeado das lugubres sombras da matta Faggiola, é o ponto culminante; vê-se de toda a parte, de Terracina e de Ostia; de Tivóli e de Roma. A montanha de Albano hoje coberta de palacios é quem termina do lado do meio dia este horisonte de Roma tão decantado ãos viajantes.

Um convento de monges negros substituiu no cume do Monte Cavi o templo de Jupiter Feretriano; onde os povos latinos vinhão sacrificar em communhão e estreitar os laços de uma especie de federação religiosa. Protegida pela sombra de magnificos castanheiros o viajante chega em algumas horas aos penedos enormes que ainda restão das ruinas do templo de Jupiter; mas debaixo destas sombras tão deliciosas neste clima ainda hoje o viajante olha com pavor para o fundo do bosque com medo dos saltadores. Chegando ao cume do Monte Cavi accende-se lume para fazer o comer. Deste ponto que domina todos os arrabaldes de Roma vê-se ao poente o mar que parece distar dali dous passos; posto que esteja a trez ou quatro legoas; distinguem-se os máis pequeninos bateis, e com um oculo mesmo de pequeno alcance podem contar-se as pessoas que vão á borda do barco de vapor para Napoles; para todos os outros lados esprião-se os olhos por uma magnifica planicie que termina ao nascente pelo Apenino; acima da Palestina, se ao norte por S. Pedro e os outros grandes edificios de Roma. Do Monte Cavi, por não ser muito elevado, distinguem-se as cousas mais muidas deste paiz; que para ser sublimis não carece da illustração historica e scenica que o tornaria insignificante recinto de bosque si qualquer pedaço da parede arcaica

que se vê, quer na planície, quer na encosta da montanha, traz á memoria alguma daquellas admiraveis batalhas narradas por Tite Livio, onde se desenvolveu tanto patriotismo e tanta coragem.

... Ainda hoje se pode seguir, para chegar ao pé das ruínas do templo de Jupiter Feretriano, e que servia de muro ao jardim dos Monges negros, a *estrada triumphal* trilhada antigamente pelos primeiros reis de Roma; ella é calçada com pedras muito regulares; e no meio da floresta da Faggiola achão-se algumas muito grandes.

A borda da extincta cratera, que agora está cheia de agua limpida, formando o lindo lago de Albano que tem de circumferencia cinco a seis milhas, e profundamente encravado no rechêdo de lava, estava situada Alba a mãe de Roma, que a politica Romana destruiu desde o tempo dos primeiros reis. Assim mesmo as suas ruínas ainda existem. Alguns seculos depois, um quarto de legoa distante de Alba, para o lado da montanha voltado para o mar, edificou-se Albano, a cidade moderna, mas separada do lago por uma cortina de rochedos que occultão a cidade ao lago e o lago á cidade. Apenas ella se avista da planície, os seus edificios brancos sobresaem no verde escuro da floresta, que coroa por toda a parte a montanha volcanica, tão estimada dos salteadores.

Albano que tem hoje cinco a seis mil habitantes, não tinha nem trez mil em 1540, quando florescia na primeira ordem de sua nobreza a poderosa familia de Campireali, cujas desventuras vamos narrar.

Esta historia é trasladada de dous volumosos manuscritos, um Romano e o outro Florentino. E com grande risco ousei reproduzir o estilo delles, que é o das nossas antigas legendas. O estilo mimoso e compassado da época actual teria sido a meu ver pouco conforme com as acções que tinha a narrar, e sobre tudo com as reflexões dos autores. Elles escreverão no anno de 1598; e eu imploro a indulgencia do leitor para elles e para mim.

## II.

“Tendo escripto tantas historias tragicas , diz o autor do manuscripto Florentino , terminarei com esta que é de todas aquella cuja narração me dá mais pena. Vou falar da famosa Abadessa do Convento da Visitação de Castro, Helena de Campireali, cujo processo e morte tanto derão que fallar nas melhores sociedades de Roma e de toda a Italia. Já no anno de 1555, os salteadores dominavão nos suburbios de Roma, e os magistrados vendião-se ás familias poderosas. No anno de 1572, que foi aquelle em que teve lugar o processo, Gregorio XIII. Buoncompagni subio á cadeira de S. Pedro. Este santo Pontifice reunia todas as virtudes apostolicas; mas o seu governo civil era algum tanto fraco: elle nem soube escolher juizes probos, nem reprimir os salteadores; affligia-se com os crimes, mas não sabia castigal-os: parecia-lhe que applicando a pena de morte tomava sobre si uma enorme responsabilidade. O resultado deste modo de considerar as couzas foi povoar d'um numero quasi infenito de salteadores as estradas que conduzião para a cidade eterna.

“Para viajar com alguma segurança era mister ter amizade com os salteadores. A floresta da Faggiola que está sobranceira á estrada de Napoles por Albano, era desde muito tempo o quartel general de um governo inimigo do do Santo Padre, e muitas vezes Roma se vio obrigada a fazer tratados como se fosse de potencia com potencia, com Marcos Sciarra, um dos soberanos da floresta. O que fazia a força destes salteadores era o serem estimados pelos homens do campo seus vizinhos.

“A linda cidade de Albano tão vizinha do quartel general dos salteadores viu nascer em 1542 Helena de Campireali. Seu pae passava por ser o fidalgo mais rico do paiz, e nesta qualidade tinha cazado com Victoria Carafa, senhora de vastissimas possessões no reino de Napoles. Eu poderia citar alguns velhos ainda vivos que conhecêrão

muito bem Victoria Carafa e sua filha. Victoria foi um modelo de prudencia e espirito, mas a pesar de todo o seu talento não ponde prevenir a ruina da sua familia. Couza singular! As terriveis desgraças que formão o triste objecto da minha historia não podem, segundo penso, attribuir-se em particular a nenhuns dos actores que eu vou apresentar ao leitor; vejo infelizes, mas realmente não vejo, nem posso achar culpados. A extrema belleza, a alma terna da joven Helena erão para ella dous grandes perigos, e tornão desculpavel Julio Braciforte seu amante; da mesma sorte que a estupidez de monsenhor Cittadini bispo de Castro pode tambem servir-lhe de escusa ate certo ponto. O seu adiantamento rapido na carreira das honras ecclesiasticas era devido á honradez de seu comportamento, e mais que tudo á sua nobre presença, e ao rosto mais regularmente bello que era possivel encontrar-se. Acho escripto á cerca delle o seguinte; que não era possivel vel-o sem o amar. — Como eu não pertendo lisongear ninguem, não dissimularei que um santo monge do convento do Monte-Cavi, que muitas vezes tinha sido surprehendido na sua cella elevado muitos pés acima do chão, como S. Paulo, sendo conservado nesta posição extraordinaria unicamente pela graça divina, tinha profetisado ao senhor de Campireali que a sua familia acabaria com elle, que só teria dous filhos, mas que ambos morrerião de morte violenta. Foi por causa desta profecia que elle não ponde achar casamento na sua patria, o que o obrigou a ir procurar fortuna a Napoles, onde teve a de encontrar grande riqueza, e uma mulher capaz, pelo seu talento e prudencia de mudar o mau fado delle, no caso de ser isso possivel. Este senhor de Campireali era tido por homem muito honrado e muito esmolér, mas tinha pouco espirito, o que fez que pouco e pouco deixasse a habitação de Roma, vivendo por fim continuadamente no seu palacio de Albano. Entregou-se á cultura das suas terras situadas naquella rica planicie que se estende da cidade até ao

mar. Por conselhos de sua mulher mandou dar a seu filho Fábio, joven muito ufano pelo seu nascentimento, uma educação magnifica, e semelhante á de sua filha Helena, que foi um modelo de belleza, o que ainda se pode verificar pelo seu retrato, que existe na collecção Farnese. Depois que eu comeciei a escrever a sua historia fui ao palacio Farnese a fim de considerar o invólucro mortal que o ceo tinha dado a esta mulher, cujo fatal destino deu tanto que fallar, e inda hoje occupa a memoria dos homens. A forma da cabeça é uma oval allongada, a testa ampla, os cabellos castanhos. A expressão da sua phisionomia pende para alegre; tinha os olhos grandes muito expressivos, e as sobrancelhas castanhas formavão um arco perfeitamente bem lançado, os beiços muito delgados, e os contornos da boca parecião desenhados pelo famoso pintor Corregio. Comparada com os outros retratos que ornão a collecção Farnese tem um ar de rainha. É muito raro encontrar reunidos um ar alegre e ao mesmo tempo magestoso.

“Depois de ter passado oito annos completos como pensionista no convento da Visitação da antiga cidade de Castro, para o qual se mandavão naquelle tempo a maior parte das filhas dos principes Romanos, Helena regressou á sua patria, mas não deixou o convento sem fazer offerta de um calix magnifico ao altar mór da igreja. Apenas chegou a Albano seu pae mandou vir de Roma mediante grande salario, o celebre poeta Cechino então muito velho; o qual ornou a memoria de Helena com os mais bellos versos do divino Virgilio, e de Petrarca, Ariosto e Dante, seus famosos discipulos.”

Aqui é o traductor obrigado a omittir uma longa dissertação acerca dos differentes quinhões de gloria que o seculo XVI conferia a estes grandes poetas. Parece que Helena sabia latim. Os versos que lhe fazião decorar fallavão de amor, e de um amor que nos parecia bem ridiculo, se nós o encontrassemos em 1839; fallo daquellê amor apaixonado

do, que se nutre de grandes sacrificios, que só pode existir cercado de mysterios, e que está sempre visinho das mais terriveis desgraças.

Tal era o amor que soube inspirar Helena, quando apenas contava desassete annos de idade, a Julio Branciforte. Era este um dos seus visinhos muito pobre, que habitava uma mesquinha choupana edificada na montanha, a um quarto de légua da cidade, no meio das ruinas de Alba, e a borda de um precipicio de cento e cincoenta pés tapetado de verdura que rodeia o lago. Esta choupana que está proxima das lugubres e magnificas sombras da floresta da Faggiola foi posteriormente demolida quando se edificou o convento de Palazzuola. Este pobre mancebo só tinha de seu o seu ar jovial, e a indifferença não fingida, com que supportava a sua má fortuna. Tudo quanto se podia dizer em seu abono era que tinha uma figura expressiva sem ser bella. Mas sabia-se que elle tinha combatido com valentia sob o commando dos principe Colonne, e nas fileiras dos seus *bravi*, em duas ou trez empresas muito arriscadas. Apesar da sua pobreza, e de não ser formozo, nem por isso as donzellas de Albano deixavão de crer que elle possuia um coração que lhes seria muito lisongeiro conquistar. Sendo bem recebido em toda a parte, Julio Branciforte so tinha tido amores muitos passageiros ate o momento em que Helena voltou do convento de Castro.

“ Pouco tempo depois que o grande poeta Cechino se transportou de Roma para o palacio de Campireáli para ensinar a esta joven as bellas-lettras, Julio, que o conhecia, dedicou-lhe uns versos em latim sobre a felicidade que tinha a sua velhice em ver tão lindos olhos contemplar-o, e uma alma tão pura ser perfeitamente feliz quando elle approvava as suas ideas. Os ciumes e o despeito das raparigas a quem Julio namorava antes da chegada de Helena, inutilisárão em breve tempo todas as precauções que elle tomava para occultar a sua paixão nascente, e confessei que este amor entre um mancebo de vinte e dous



anos e uma sapariga de desassete, foi começado d'um modo que a prudencia reprova. Não havia ainda tres mezes quando o Snr. de Campireali reparou que Julio Branciforte passava muitas vezes por baixo das janelas do palacio ( que ainda se vê no meio da grande rua que sobe para o lago. ).

“ A franqueza, e aspereza de genio, consequencias da liberdade de que gozão as republicas, e o habito das paixões desenfreadas, e ainda não reprimidas pelos usos monarchicos, patenteão-se no primeiro passo do senhor de Campireali. No mesmo dia em que elle se escandalizou das frequentes apparições do joven Branciforte, logo o injuriou nos seguintes termos.

“ Como te atreves tu a passar tão repetidas vezes por baixo das minhas janellas, e a olhar de uma maneira impertinente para o quarto de minha filha ? tu que nem ao menos tens roupa para te cubrires ? Se não fosse o receio que tenho de que os visinhos interpretem mal a minha acção, darte-hia trez sequins de ciro para ires a Roma comprar um vestuario mais decente, para que ao menos a minha vista e a de minha filha se não offendesse com o aspecto dos teus andrajos .,

“ O pae de Helena exagerava sem duvida o mau estado do vestuario do joven Branciforte, que não era de farrapos. Era sim feito de estofos muito ordinarios, mas muito limpos e escovados a miudo : é porem necessario confessar que ja se lhe via o fio. Julio affligio-se tanto com a reprehensão do senhor de Campireali, que nunca mais tornou a apparecer de dia por diante da casa.

“ Como já dissemos, os dois arcos restos de um antigo aqueducto, que servião de paredes mestras á choupata edificada pelo pae de Julio, e por este herdada, só distavão quinhentos ou seiscentos passos de Albano. Para descer deste lugar elevado á cidade moderna era Julio obrigado a passar por diante do palacio de Campireali. Helena não tardou a perceber a ausencia do joven singu-

lar, que, segundo dizião as suas amigas, tinha abandonado todas as outras relações para se consagrar inteiramente á ventura que parecia ter em olhar para ella.

“ Uma noite de verão, era quasi meia noite, a janella de Helena estava aberta, e a donzella respirava a viração de mar que se sentia muito bem na collina de Albano, ainda que esta cidade esteja delle separada por uma planicie de trez legoas de extenção. A noite era escura, e o silencio tão profundo que se ouviria o som de uma folha que cahisse. Helena encostada á janella, pensava talvez em Julio, quando vio uma couza que se assemelhava á azia silencioza de uma ave nocturna que passava vagarosamente perto da janella. Retirou-se assustada. Não lhe veio á idea que este objeto lhe podia ser appresentado por alguem que estivesse na rua. Janella era no segundo andar que tinha de altura mais de cincoenta pés; repentinamente pareceu-lhe que aquillo que passava de uma para outra parte por perto da janella a que estava recostada era um ramo de flores; e o seu coração palpitou com violencia. O ramo pareceu-lhe estar atado na extremidade de duas ou trez cannas, especie de compridos juncos semelhantes aos bambus que nascem nas campinas de Roma e que dão varas de trinta pés de comprido. A frouxidão das cannas e a viração forte que fazia davão alguma difficuldade a Julio em manter o ramo exactamente defronte da janella onde elle suppunha que Helena podia estar; e alem disso a noite estava por tal forma escura, que da rua nada se via a tão grande altura. Immoavel diante da sua janella, Helena estava profundamente agitada. Pegar no ramo, não equivalia a uma confissão? Ella não sentia alem disso nenhuma das impressões que uma aventura deste genero desperta hoje em uma donzella d’alta sociedade preparada para o mundo com uma bella educação. Como seu pai e seu irmão Fabio estavam em caza, a sua primeira idea foi que o menor barulho seria immediatamente seguido de um tiro disparado sobre Julio. Ella compadeceu-se do risco que corria este pobre

mancebo. A segunda idea foi que ainda que ella o conhecesse muito pouco, era comtudo a pessoa que mais estimava depois da sua familia: emfim depois de alguns momentos de hesitação pegou no ramo, e mesmo ás escuras ao tocar as flores sentio que havia um bilhete atado no pé d'uma dellas. Correu á escada para o ler diante da luz que estava no altar de Nossa Senhora. Imprudente ! disse ella logo que as primeiras linhas a fizerão corar de prazer, se me vêem, estou perdida, e a minha familia não cessará de perseguir este pobre mancebo. Voltou para o seu quarto, e accendeu o candieiro. Este momento foi delicioso para Julio, que envergonhado da acção que acabava de praticar, e como que para se esconder na profunda escuridade da noite se tinha cingido com o tronco enorme de um dos carvalhos sempre verdes de forma extravagante que ainda hoje se vêem defronte do palacio de Campireali.

Na sua carta contava Julio com a maior ingenuidade a humilhante reprehensão que o pai de Helêna lhe tinha dado. "Verdade é que eu sou pobre, dizia elle e difficilmente vós podereis fazer ideia do excesso da minha pobreza. Eu possuo unicamente a choupana que vós talvez já notasseis debaixo das ruinas do aqueducto de Alba; á volta della ha um pequeno jardim de que eu sou o hortelão, e cujos legumes me sustentão; possuo tambem uma vinha que está arrendada por trinta escudos por anno. Na verdade eu não sei bem o motivo porque vos amo; eu conheço que não posso propor-vos que venhaes participar da minha miseria, e no entretanto se me não amaes, a vida não terá para mim o menor preço, e escuzado é dizer que a daria mil vezes por vós; e no entanto antes da vossa vinda do convento esta vida não era infeliz, ao contrario era cheia de sonhos os mais brilhantes. E por isso posso dizer que o aspecto da felicidade me tornou infeliz. De certo, ninguem então no mundo ousaria dirigir-me as palavras com que vosso pai me injuriou: o meu punhal

imediatamente me vingaria. Eu então com a minha intrepidez, e minhas armas considerava-me igual a todos; nada me faltava. Agora porem tudo mudou; ja sei o que é medo. Mas tenho escripto de mais. Talvez me desprezeis. Se assim não for, o pelo contrario tiverdes compaixão de mim, não obstante os pobres vestidos que me cobrem; sabej que todas as noites, ao dar a meia-noite no convento dos Capuchinhos, eu estarei debaixo do grande carvalho defronte da janella para que eu olho de continuo, porque supponho que é a do vosso quarto de dormir. Se me não desprezaes, como faz vosso pai, lança-me uma das flores do ramo, mas tende cuidado que não fique em alguma das cornijas, ou das varandas do palacio ,,

Esta carta foi lida e relida muitas vezes: pouco a pouco se innundarão de lagrimas os olhos de Helena: ella considerava com ternura o magnifico ramo, cujas flores estavam atadas com um fio de seda mui forte. Quiz arrancar uma flor, mas não poudes; e depois foi accommetida de remorsos. Entre as donzellas romanas havia o prejuizo de que arrancar uma flor, mutilar de qualquer modo um ramo dado pelo amor, era expor esse mesmo amor a acabar. Ella temia que Julio se impacientasse, e correu á janella, mas logo que la chegon lembrou-se que devia ser muito bem vista, porque o seu quarto estava muito alumiado. Helena não sabia que signal desse, porque todos lhe pareciam significar muito.

Envergonhada retirou-se para dentro. Mas o tempo passava; e de repente lhe veio uma idea que muito a atormentou: Julio ia talvez persuadir-se que ella, á semelhança de seu pae, o desprezava por ser pobre! Ella vio sobre uma meza uma amostra de preciozo marmore, atou-a ao seu lenço, e lançou este lenço para o pe do carvalho defronte da sua janella. Depois fez signal para que se ausentasse; e immediatamente ouviu que Julio lhe obedecia; por que ao ir-se embora não lhe importou que seus passos fossem ouvidos. Quando elle chegou ao cume da cin,

tura de rochedos, que separa o lago das ultimas cazas de Albano ella ouvio-o cantar canções amorosas ; e então fez lhe signaes d'adeus ja menos tímidos, e depois foi ler novamente a carta.

No outro dia e nos seguintes houve cartas e entretenimentos semelhantes ; mas como em terras pequenas, e principalmente na Italia, em tudo se repara, e alem disso Helena era por aquelles sitios a donzella mais rica, e prendada, não tardou que o senhor de Campireali fosse avisado que todos os dias depois da meia noite se via luz no quarto de sua filha, e ella á janella, sem ter medo algum dos mosquitos que muito incommodão, e impedem que se goze das bellas noites nos campos de Roma. O senhor de Campireali preparou a sua espingarda e a de seu filho, e á noite logo que derão onze horas e trez quartos, avizou Fabio, e ambos se dirigirão para uma grande varanda de pedra que havia no primeiro andar do palacio, mesmo por baixo das jaaellas do quarto de Helena. Os grossos pilares da balaustrada de pedra defendião-os ate á cinta dos tiros que lhes podessem atirar da rua. Deu meia noite ; pai e filho ouvirão distinctamente um pequeno sussurro por debaixo das arvores que guarneção a rua em que era sito o palacio, mas o que muito os admirou foi não apparecer luz na janella de Helena. Porém ella, ate ha pouco tão simples, e parecendo uma criança pela vivacidade dos seus movimentos, tinha mudado de character depois que amava. Ella bem conhecia que a mais pequena imprudencia punha em imminente risco a vida do seu amante : se um senhor da graduação de seu pae matasse um pobre homem como Julio Banciforte, livrar-se-ia so com ausencia de tres mezes que fosse passar a Napoles : no entretanto os seus amigos em Roma arranjarião o negocio, e acabaria tudo com o offerecimento d'uma alampada de prata para o altar da Senhora, cuja invocação estivesse a esse tempo mais em moda. Pela manhã ao almoço conheceu Helena pela physionomia de seu pae que elle tinha grande motivo

de colera , e pelo modo porque elle a olhava logo desconfiou que era ella a causa. Foi logo lançar uma pouca de poeira nas cronhas das bellas clavinas que seu pae tinha ao pe da cama : e cobrio igualmente com uma ligeira camada de pó os punhaes e espadas. Todo esse dia andou ou fingio andar muito alegre , correndo de continuo toda a caza de baixo a cima : a cada instante chegava á janella resolvida a fazer algum signal negativo a Julio, se tivesse a fortuna de o avistar. Porem ella não estava prevenida : o pobre rapaz tinha ficado tão profundamente humilhado com a apostrophe do rico senhor de Campireali, que nunca mais passou de dia por. Albano : era so por obrigação que elle vinha nos domingos á missa da freguezia. A mãe de Helena , que a adorava , e que lhe não podia recusar couza alguma que pedisse , sahio tres vezes com ella neste dia , mas foi de balde , porque Helena não poudo avistar Julio. Isto a fez desesperar : mas que não seria quando perto da noite indo passar revista ás armas de seu pae , vio que duas clavinas tinham sido carregadas, e que se havião posto mãos em todos os punhaes e espadas ? Ella não se distrahiria da sua mortal inquietação , a não ser o nimio cuidado que punha em fingir que não desconfiava de couza alguma. Recolheu-se ás dez horas da noite , e fechou á chave a porta do seu quarto que communicava com o da mãe , e depois foi-se encostar á janella , deitando-se no chão para não poder ser vista de fora. Qualquer poderá talvez fazer idea da anciedade com que ella ouvio dar as horas : em todo este tempo nunca lhe lembrou arrepender-se, como era costume, da rapidez com que se tinha afeiçoado a Julio , o que poderia contribuir para que elle a julgasse menos digna do seu amor. Este dia deu maior impulso aos negocios de Julio do que seis mezas de constancia e protestos. Para que me hei-de eu illudir a mim mesma ? disia Helena consigo. Acazo-o não amo eu com todas as veras de minha alma ?

A's onze e meia vio ella muito bem seu pae e irmão collocarem-se de embuscada na grande varanda de pedra

debaixo da sua janella. Dous minutos depois de dar meia noite no convento dos capuchinhos ouviu também distinctamente os passos de seu amante que parou debaixo do grande carvalho : ella ficou muito contente por ver que seu pae e irmão parecião não ter ouvido nada : só a anxiedade do amor é capaz de distinguir um tão leve murmurio. Helena fez immediatamente estas reflexões : Elles matão-me, mas não importa : é preciso que a todo o risco eu evite que a carta desta noite seja surprehendida, senão perseguirão eternamente o pobre Julio. E logo se benzeu, e segurando-se com nma mao á varanda de ferro da sua janella debruçou-se quanto poudé sobre a rua. Não havia decorrido ainda a quarta parte d'um minuto quando o ramo atado, segundo o costume, na ponta da comprida canna, encontrou o seu braço. Ella agarrou o ramo ; mas puchando o com força, fez com que a canna fosse bater na varanda de pedra. Immediatamente se ouvirão dous tiros, que forão seguidos de perfeito silencio. Seu irmão Fabio não sabendo, por cauza da escuridade da noite, se o que havia batido contra a varanda seria ou não uma corda pela qual tivesse alguém descido do quarto de sua irman, fez fogo sobre a propria varanda della : porque no outro dia vio a marca da balla que se tinha achada sobre o ferro. O senhor de Campireali havia disparado sobre a rua para debaixo da varanda em que estava, porque Julio tinha feito algum barulho segurando a canna próxima a cahir. Julio também tendo ouvido barulho por cima da sua cabeça, tinha adivinhado o que ia succeder, e por isso se abrigou debaixo da propria varanda de pedra.

Fabio tornou a carregar rapidamente a clavina, e não obstante a regunancia de seu pae, correu ao jardim de caça. abriu a pequena porta que deitava para a rua visinha, e depois veio pé ante pé examinar as pessoas que passeavão debaixo da varanda do palacio. A este tempo Julio, que nessa noite viera bem acompanhado, achava-se a vinte passos de distancia, encostado a uma arvore. Helena inclinada sobre a sua varanda, e tremendo pelo seu amante, encetou logo

conversa em voz alta com seu irmão , que ella ouviu andar na rua ; e perguntou se elle tinha morto os ladrões.

— Não queiraes illudir-me com a vossa maldita astucia. gritou elle da rua , que andava medindo em todos os sentidos , mas preparaes vossas lagrimas porque eu vou matar o insolente que ousa subir á vossa janella. Ainda bem não tinhão sido ditas estas palavras quando Helena ouviu sua mãe bater á porta do seu quarto.

Helena foi abrir depressa , dizendo que não podia saber como semelhante porta podesse estar fechada.

— Não zombes de mim, meu anjo , disse-lhe a mãe , teu pae está furioso , e receio que te mate. Vem para a minha cama ; e se tens alguma carta da-ma , que eu a escondo.

Helena respondeu ; — Eis-ahi o ramo , e a carta está entre as flores. Apenas filha e mãe estavam na cama , entrou o senhor de Campireali no quarto de sua mulher ; elle vinha da capella onde tinha tirado tudo do seu lugar para ver se achava alguma couza. O que deu mais que entender a Helena , foi ver que seu pae pallido como um espectro andava vagaroso , e como quem tinha ja tomado uma resolução. — Estou morta , disse Helena consigo.

Nós alegramo-nos em ter filhos , disse o pae passando perto de cama de sua espoza para ir para o quarto da filha a tremer de raiva , mas affectando a maior placidez d'animo ; nos alegramo-nos em ter filhos , e deviamos chorar lagrimas de sangue quando a prole é feminina. Oh Deus meu ! será possível que a leviandade das filhas deshonre um homem que ha sessenta annos não deu motivo algum para delle se fallar ! E dizendo isto entrou no quarto da filha.

— Estou perdida , diz Helena para a mãe , as cartas estão debaixo da peanha do crucifixo ao lado da janella. — A mãe salta logo da cama abaixo , e corre a seguir o marido dirigindo-lhe reprehensões desarrasoadas para o fazer desabar da colera que tinha concentrada. Conseguiu o seu intento. O velho tornou-se furioso ; quebrou quanto encontrou no quarto da filha ; mas a mãe pôde apanhar as cartas



da filha sem elle perceber. Dahi a uma hora depois que o senhor de Campireali entrou para o seu quarto, que ficava ao lado de sua mulher, e restabelecido o socego em toda a casa, disse a mãe para a filha. — Eis-aqui as tuas cartas; eu não as quero ler, bem vês quanto estiverão para nos custar. Eu no teu lugar queimava-as. Adeus, da-me um braço.

Helena entrou para o seu quarto toda lavada em lagrimas; parecia-lhe depois destas palavras de sua mãe, que já não amava Julio. Já se preparava para queimar as cartas, mas quiz primeiro tornar a lê-las. E na verdade leu-as e releu-as tantas vezes, e com tanta attenção que já o sol estava mui alto sobre o horizonte, quando ella se resolveu a seguir um tão saudavel conselho.

O dia seguinte era domingo; e Helena foi para a igreja com sua mãe, por fortuna sua o pae não a acompanhou. A primeira pessoa que ella viu na Igreja foi Julio Branciforte. Com um simples lançar d'olhos ella se certificou de que elle não tinha sido ferido. Deu-se por muito feliz; os acontecimentos da noite antecedentes já estavam a mil legoas de distancia da sua memoria. Ella tinha preparado cinco ou seis pequenos bilhetes escritos em pedaços de papel velho, e sujos com terra molhada, de forma que não se estranhasse se algum se visse sobre as lages da Igreja. Em todos elles havia o seguinte avizo;

“ Tudo se descobrio menos o seu nome. Nada de apparecer na rua; aqui viremos mais vezes.

Helena deixou cahir um destes pedaços de papel; um lançar d'olhos deu avizo a Julio, que logo o apanhou e partio. Uma hora depois chegando a casa encontrou na escada principal do palacio um pedaço de papel que attrahio o seu reparo pela semelhança exacta com os de que se tinha servido na mesma manhã. Apanhou-o sem sua mãe ver, e leu o que segue:

“ Daqui a trez dias elle voltará de Roma para onde lhe é forcoso partir já. Ouvir-se-ha cantar, dia claro, nos dias de feira, no meio do barulho dos aldeões, ás três horas. ”

( Continua. )

---

## Revista Litteraria.

---

*Da antiga escravidão*, por M. de Saint-Paul.

DEVERA' a historia absolver ou condemnar a escravidão? A primeira organização regular e permanente do trabalho seria, como se tem dito, uma necessidade social sob o imperio do polytheismo? O seu desenvolvimento estaria ligado de uma maneira intima e directa ao desenvolvimento da propriedade, do poder commercial, e da força militar? A escravidão nasceria do seio das famílias, ou do meio dos arraiões, do povo pastor, ou do povo guerreiro? Como é que sobre este abysmo de profunda desigualdade, que separava em duas especies os homens do mundo antigo, passarão tantos seculos sem o arrasarem? Todas estas questões por muitas vezes suscitadas, tem tido mui diversas soluções. Justo Lipsio, *Laurentius*, *Vadlano*, *Jugler*, *Blair* e em outra serie de estudos *Bodin* e *Montesquieu*, tratarão este importante objecto, uns por mera curiosidade investigadora, e outros como motivo de critica philosophica. *Bodin* declara a escravidão contraria aos mais simples elementos de direito natural. *Montesquieu* condemna-a igualmente com toda a authoridade da sua valente razão. Mas em nossos dias tem a escravidão encontrado defensores. Homens, que a si mesmos se intitulaõ historiadores, tem opposto sua erudição facticia á profunda sabedoria do *Espirito das Leis*. A philosophia e a logica dos artigos *Variedades* dos periodicos diarios abrogarão a sentença de *Montesquieu*; e posto que estes ataques sem calculo nem força não tenham feito mal á verdadeira sciencia; posto que a mesma critica que prometia uma revolução não produziesse mais do que um insignificante motim, todavia a sua influencia deixou alguns laivos nos es-

a força, a raça e a belleza; os homens oriundos de uma nação independente são pouco procurados dos compradores, porque na servidão ainda nutrião instinctos de liberdade. Os Hespanhoes são vendidos por preço vil porque se receava a sua propensão para o homicidio, pagavão-se com tudo por bom dinheiro as qualidades lascivas das Phrygias, as graças e o espirito das mulheres de Milet. Entretanto o preço das mais bellas raras vezes se elevava acima de 450\$000 Rs. do nosso dinheiro. Na Thracia, na Africa e nas Gallias era facil adquirir uma rapariga por alguns punhados de sal, ou por um pouco de vinho; na Sicilia tinha menos valor o copeiro do que o copo; desta sorte uma moeda de ouro ou um punhado de sal entregavão ás mais torpes fantasias do vicio a mocidade e a belleza. A mulher e o mancebo reduzidos á misera classe de servos devião soffrer tudo ao senhor e aos seus amigos. Em Roma pedia mesmo a cortèzia que antes dos banquetes se offerecessem escravos para os prazeres dos convidados, e por um singular requinte de barbaria e depravação, imprimião-se com ferros em brasa versos obscenos no seio das mulheres que tinham envelhecido.

A historia da escravidão antiga achá-se reconstruida neste livro, algumas vezes com menos nexo e methodo, mas sempre com igual interesse. O autor annuncia um trabalho geral e completo; oxalá que elle não desista desta idea. Porem se elle quer que a sua obra occupe distincto lugar entre as obras philosophicas, é mister que mostre menos pretenções; que escolha as suas authoridades com menos levandade, e que não cite senão nomes que tenham credito no mundo dos estudos serios, e que desconfie com prudencia daquella escolha que substitue as visões ás deducções simples e logicas, e o paradoxo á realidade. Insistimos neste ponto, porque hoje em dia á força de querer ser novo, chega-se, quando menos se pensa, a ser falso; e nós temos visto o bom senso francez tão claro e tão logico chegar-se a obscurecer de todo, mesmo em espiritos distinctos, com as trevas do symbolismo e das formulas.

---

---

## Noticias scientificas:

---

CHIMICA ORGANICA E PHISIOLOGIA — *Dos gazes contidos no sangue ; e de theoria da respiração.* — Comparando entre si os resultados dos investigações feitas á cerca da respiração , e particularmente sobre a formação do acido carbonico que sahe na expiração , fica-se admirado das notaveis contradicções que ellas apresentam. Ainda é questão se a formação do acido carbonico tem lugar nos pulmões pela oxidação d'uma parte do carbono do sangue na presença do oxigeno do ar ; ou se o sangue venoso quando chega aos órgãos respiratorios contem o acido carbonico já formado , de modo que estes órgãos não fação mais que separal'-o. M. Magnus fez por muitos annos numerosas experiencias, já auxiliado pelo doutor Bertuch, já sosinho , tendentes todas a decidir definitivamente esta questão : e o seu resultado é que faz objecto d'uma memoria , de cuja doutrina vamos dar uma informação aos nossos leitores. O autor conclue por fim que o acido carbonico existe formado no sangue venozo ; mas julgamos melhor apresentar as proprias palavras.

“ Fiz passar hydrogeno a través d'uma solução de potassa caustica para o privar do acido carbonico que ainda podesse conter ; depois quando a sua passagem a través da agua de cal deixou de fazer um precipitado qualquer , fil'o conduzir pelo sangue venoso. Aqui produzio elle uma escuma tão consideravel , que foi necessario pôr a garrafa do sangue em comunicação com outra vasia por via d'um tubo de vidro. Este ultimo servio para receber as porções de escuma impellida pela evolução gazosa , e fez que a experiencia podesse continuar sem ser preciso interrompel'-a a cada momento para esperar que o liquido abaixasse. O gaz depois da passagem pelo sangue veio atravessar a agua de cal , na qual fez abundante precipitado. A maior parte destas expe-

riencias serão feitas em sangue de homem são.

“ Mas a mesma experiencia foi feita com sangue de cavallo extrahido de uma das jugulares

„ Não se creia entretanto que eu emprego o hydrogeno por ser melhor para a extracção do acido carbonico ; porque se se uzar do azote obtem-se o mesmo resultado. E' pois manifesto que se dous gazes de natureza tão differente dão identico resultado, é porque o acido carbonico existe já formado no sangue , e não é no pulmão que elle se compõe.

„ Eu tentei depois extrahil-o pela maquina pneumatica ; e para este effeito me servi do aparelho descripto mais acima, e que consiste n'um frasco contendo sangue , posto em communicação com outro destinado a receber a escuma levada pelo gaz, communicando este segundo com um outro que contem agua de cal ; d'este ultimo parte um tubo que vai á maquina pneumatica : pela subtracção do ar nenhum phenomeno apparente se manifesta primeiro ; mas quando o barometro tem abatido uma pollegada , a agua de cal turva-se, principalmente se houver o cuidado de não fazer o vazio senão lentamente.

“ Para determinar quantitativamente o acido carbonico extrahido do sangue pelo hydrogeno , fiz uzo do tubo de globo de M. Liebig. Uma unica experiencia me sahio bem. Em todas as outras, o desenvolvimento do acido carbonico continuou até á putrefacção do sangue. Posso por tanto affirmar que a quantidade obtida equivale a um quinto do volume do sangue empregado.

“ Se o acido carbonico existe formado no sangue venoso , sua separação nos pulmões effectua-se por um phenomeno analogo ao que se produz quando um liquido que contem um gaz qualquer absorve um outro para deixar sahir o primeiro ; e então , ao acido carbonico expirado será substituida uma quantidade correspondente d'oxigeno , exactamente segundo as leis que nós devemos a M. Dalton , sobre a absorpção dos gazes pelos liquidos.

“ Mas parece-me , que nos casos em que estes factos fossem contestados, não seriam inuteis outras provas , e por esse motivo é que me tenho occupado em demonstrar a prezença do oxigeno no sangue arterioso.

Tornar-se-ha certo, se a veracidade deste facto se pode levar á evidencia, que o oxigeno absorvido no acto da respiração, não é sómente empregado para formar o acido carbonico. Esta ultima prova me pareceu tanto mais indispensavel, quanto se teria sempre pretendido, como fizeram M M. Gmelin, Mitscherlich e Tiedmann, que o acido carbonico obtido por via do hydrogeno, do azote ou da maquina pneumática, provinha da decomposição d'um bi-carbonato de sódá que existia no sangue. Porque M. H. Rose vio que este sal exposto no vacuo perde uma parte do seu acido carbonico. Pela minha parte tenho observado, que se se faz passar na pressão atmospherica ordinaria uma corrente d'hydrogeno atravez d'uma dissolução de bi-carbonato de sódá, este perde uma porção de seu acido.

Para provar a existencia do oxigeno no sangue arterioso, apresentão-se difficuldades sem numero, e posto que as experiencias feitas sobre este objecto datão de 1834, não é senão agora que eu terminei o exame que tinha comprehendido. Durante este intervallo as experiencias de M. M. Hossman e Stevens teem sido fortemente contestadas. M. Theodore Bischoff, professor na Universidade d'Heidelberg, publicou experiencias que contradizem completamente as destes ultimos. Elle repete as experiencias de M. Muller sobre a respiração das rãs em o gaz hydrogeno, assim como as experiencias sobre a coloração do sangue por alguns sées. Ajudado em parte de suas experiencias por M. Gmelin, verificou a presença do acido carbonico no sangue. No fim de seu trabalho, conclue que é necessario voltar á theoria da respiração dada por M M. Hassenfratz e Lagrange, que consiste em admittir que no pulmão, ha simplesmente separação d'acido carbonico pela absorpção do ar atmospherico. Mas para fazer admitir esta idea, a exposição das theorias propostas não basta, os factos é que devem ser citados, e sobre tudo factos concludentes.

„ Se esta substituição do oxigeno ao acido carbonico tem lugar segundo as leis de Dalton, o acido carbonico não deve ser inteiramente expellido, e por consequente o sangue arterioso deve contel-o tambem. Por tanto M. Bischoff assegura que o não achára

n'este ultimo cazo, o que me fez emprehender as experiencias que vão seguir-se. Ellas tiverão por fim saber d'uma maneira geral quaes erão os gazes contidos no sangue, se elles existião no sangue venoso como no sangue arterioso, e se as proporções erão as mesmas tanto n'um como n'outro. Ellas me provárão: 1.º que o acido carbonico não era o unico gaz contido no sangue venoso, que o azote e o oxigeno existem igualmente; 2.º que o sangue arterioso continha estes trez gazes como o sangue venoso, mas que as proporções não erão as mesmas.

„ Eis aqui o mappa dos resultados obtidos.

# CENTIMETROS CUBICOS

Sangue d'um cavallo	} 125 derão 9,8 de gaz.	$\left\{ \begin{array}{l} 5,4 \text{ acido carb.} \\ 1,9 \text{ oxigeno.} \\ 2,5 \text{ azote.} \end{array} \right.$

Sangue venoso do mesmo cavallo colhido 4 dias depois da extracção do sangue arterioso.....	} 201.....52,2.....	$\left\{ \begin{array}{l} 8,8 \text{ acido carb.} \\ 2,3 \text{ oxigeno.} \\ 1,1 \text{ azote.} \end{array} \right.$

O mesmo.....	} 194.....15,2.....	$\left\{ \begin{array}{l} 10,0 \text{ acido carb.} \\ 2,5 \text{ oxigeno.} \\ 1,7 \text{ azote.} \end{array} \right.$

Sangue arterioso d'um cavallo velho, mas robusto.	} 130.....16,3.....	$\left\{ \begin{array}{l} 10,7 \text{ acido carb.} \\ 4,1 \text{ oxigeno.} \\ 1,5 \text{ azote} \end{array} \right.$

O mesmo.....	} 122.....10,2.....	$\left\{ \begin{array}{l} 7,0 \text{ acido carb.} \\ 2,2 \text{ oxigénio.} \\ 1,0 \text{ azote.} \end{array} \right.$

Sangue venoso do mesmo cavallo colhido 3 dias depois	} 170.....18,9.....	$\left\{ \begin{array}{l} 12,4 \text{ acido carb.} \\ 2,5 \text{ oxigénio.} \\ 4,0 \text{ azote.} \end{array} \right.$

Sangue arterioso d'uma vitela.....	} 123.....14,5.....	$\left\{ \begin{array}{l} 9,4 \text{ acido carb.} \\ 3,5 \text{ oxigénio.} \\ 1,6 \text{ azote.} \end{array} \right.$

O mesmo.....	} 108.....12, 6.....	{ 7,0 acido carb. 3,0 oxigeno. 2,6 azote..

Sangue venoso da mesma vitéla colhi- do 3 dias depois	} 153.....12, 3.....	{ 10,2 acido carb. 1,8 oxigeno. 1,3 azote.

O mesmo.....	} 140.....7, 7.....	{ 6,1 acido carb. 1,0 oxigeno. 0,6 azote.

„ Resulta desta lista ; que não é só o sangue venoso que contem acido carbonico, mas que o sangue arterioso está no mesmo caso, e que alem do acido carbonico, um e outro contem oxigeno e azote. Nota-se mais que o sangue arterioso contem mais oxigeno proporcionalmente com o seu acido carbonico que o sangue venoso. Com effeito, o oxigeno contido n'este ultimo equivale quando muito á quarta ou quinta parte de seu acido carbonico, tanto que o que se acha no sangue arterioso equivale á terça parte, e aproxima-se mesmo da ametade.

„ O que ha ainda de notavel, é que o sangue arterioso da vitéla é mais rico que os outros em oxigeno, em quanto que o sangue venoso deste animal é o mais pobre do dito gaz. Será porque nos individuos nóvos a quantidade d'acido carbonico formado é menor que nos outros? A quantidade total dos gazes obtidos nestas experiencias parece subir a um decimo ou um oitavo do sangue empregado. De resto, estas proporções não podem ser ainda reputadas como exactas, porque as experiencias não teem durado todas o mesmo tempo, porque ellas não tem sido conduzidas todas com a mesma rapidez, e porque so um muito pequeno numero dellas ha sido levado ao fim. Mas como a relação entre o oxigeno e o acido carbonico tem constantemente ficado invariavel, deve-se reputar acabada esta parte das experiencias.

„ Se fosse possivel esgotar todos os gazes que estes diversos sangues contem, poderia affirmar-se que se acharia tanto mais oxigeno no sangue arterioso, quanto menos acido carbonico o sangue venoso contivesse,



Mas esta comparação não pôde estabelecer-se senão isolando a totalidade dos gases que um e outro contem; resultados que não pôdem obter-se.

„ Não se pôde portanto adquirir a prova que o acido carbonico expirado seja substituido por uma quantidade correspondente d'oxigeno. Mas as experiencias precedentes bástão para demonstrar que sua formação não tem lugar nos pulmões. Poderia mesmo ser que os tres gases, acido carbonico, oxigeno e azote, existissem ao mesmo tempo no sangue, pois que est'ultimo se tem encontrado nos pulmões em contacto com elles todos.

O auctor chega depois á theoria da respiração.

„ A que conclusões, diz elle, deverão levar-nos as experiencias feitas até hoje sobre a respiração? O acido carbonico produz-se durante a circulação do sangue, ou é simplesmente absorvido por est'ultimo? Todos os resultados obtidos se conformão em quanto ás proporções reciprocas d'acido carbonico expirado e d'oxigeno absorvido. Mas em quanto uma parte dos experimentadores pertende que estas quantidades são sempre as mesmas, como deveria ser se o gaz oxigeno não fosse empregado senão para formar o acido carbonico nos pulmões, outros, pelo contrario, pertendem que é mais o oxigeno inspirado que o acido carbonico expirado. M. M. Allen e Pepys observão que isto tinha constantemente lugar quando o mesmo ar é respirado muitas vezes.

„ Este facto, por mais inexplicavel que seja por outras theorias, parece ser uma consequencia immediata da hypothese que consiste em admittir que a expiração do acido carbonico se faz segundo as leis pelas quaes um liquido deixa um gaz absorvido, quando se acha em contacto com outro. Est' outra consequencia observada por M. M. Allen e Pepys, é tambem inexplicavel como a precedente, a saber que, pela respiração do oxigeno puro, ou d'uma mixtura d'oxigeno e d'hydrogeno, é continuamente expirado o azote, cujas quantidades são proporcionaes ao volume inteiro do animal; o que provaria que não é só ao ar que elle deve ser attribuido.

„ Falta-nos ainda demonstrar, por ultimo, que

acido carbonico extrahido do sangue é em tão grande quantidade que pode formar todo aquelle que os pulmões expirão. Nas analizes feitas para verificar a quantidade que estes ultimos fornecem, tem-se obtido os numeros mais disparatados. Os que, por exemplo, dão M. M. Allen e Pepys excedem evidentemente muito o que deverião ser. Se os numeros dados por estes chimicos fossem exactos, serião necessarias, segundo o calculo que fez M. Berzelius seis libras e um quarto d'alimento solido para equivaler á quantidade de carbóno que se consumisse em 24 horas. Tomando pois os resultados publicados por M. H. Davy, como termo medio entre os de Lavoisier, e de M. M. Allen e Pepys, posto que a conta pareça ainda um pouco grande, nós obteremos treze pollegadas cubicas para representar a quantidade d'acido carbonico expirado por um homem.

Se se admittre alem disso que a cada pulsação, chega aos pulmões uma onça de sangue, resultarão 75 pulsações por minuto, e a passagem de cinco libras de sangue no mesmo tempo. O que representa o minimo de tudo o que se póde admittir, porque é verosimil que passão n'um minuto por estes orgãos dez libras de sangue. Um terço d'estas cinco libras produzem treze pollegadas cubicas ( ou pollegada cubica por libra ); mas nós temos visto mais acima que o sangue continha pelo menos um quinto de seu volume d'acido carbonico, e como uma libra representa vinte e cinco pollegadas cubicas, cada libra de sangue conterá pelo menos cinco pollegadas cubicas d'acido carbonico; daqui pois se vê, que nada se oppõe a admittir a theoria proposta, pois que as experiencias provão que a quantidade d'acido carbonico contido no sangue venoso é mais que sufficiente para fornecer a quantidade expirada.

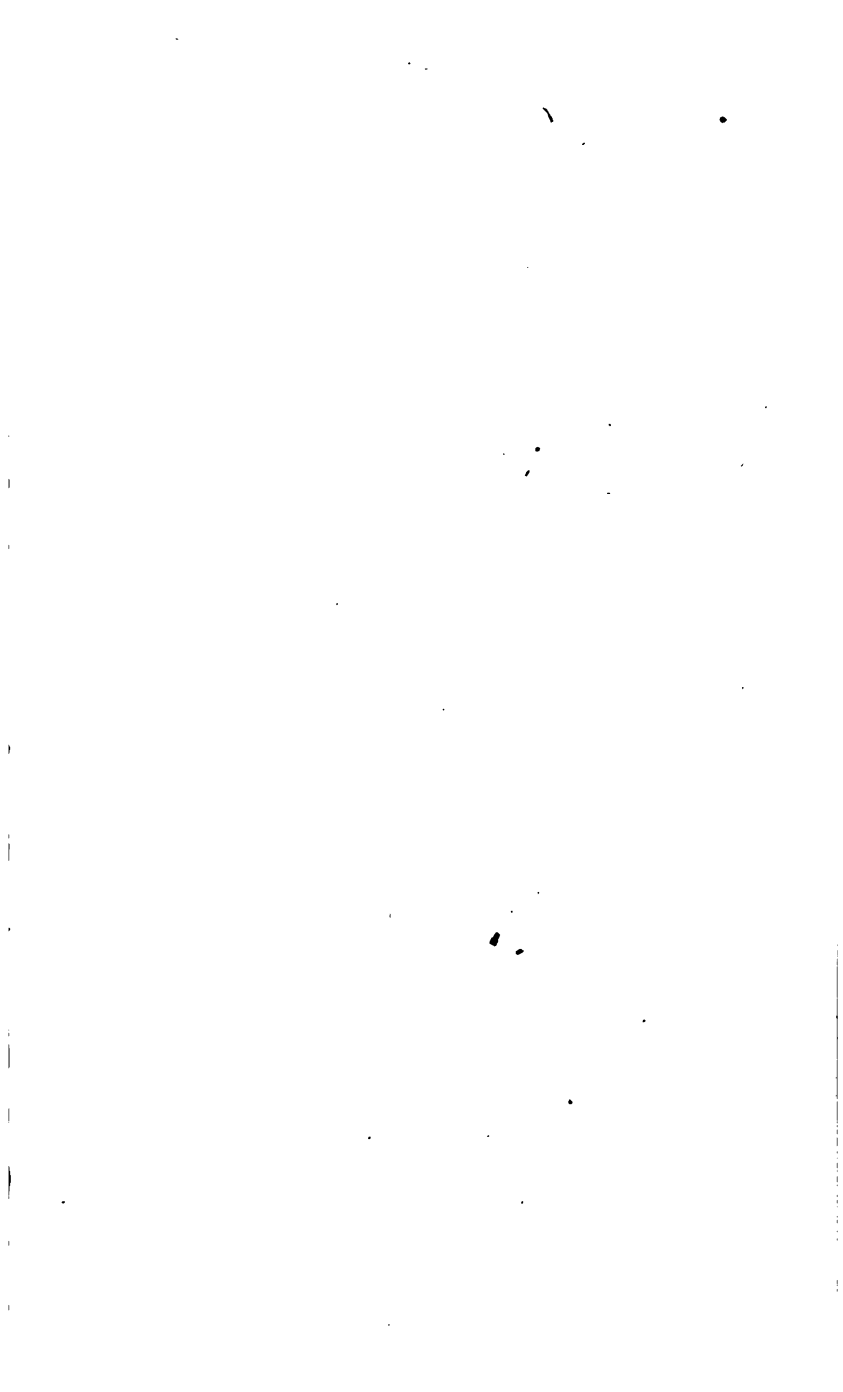
# INDICE.

---

das materias contidas neste

Numero.

- I. ECONOMIA POLITICA — Dos impostos... 5
- II. SCIENCIAS — Curso de Phrenologia..... 24
- III. BELLAS ARTES — Dezenho obtido pela luz. 41
- IV. MISCELLANEA — Religião, Amor e Patria  
( *Romance Historico* ) ... 53
- V. ——— A Abadessa de Castro ... 71
- VI. REVISTA LITTERARIA — Da antiga es-  
cavidão, por M. de  
S. Paul..... 91
- VII. NOTICIAS SCIENTIFICAS — Chimica orga-  
nica e Phisiologia 95





ABRIL DE 1839.

---

# REVISTA LITTERARIA.

---

Economia Politica

**DOS IMPOSTOS**

ARTIGO SEGUNDO (\*)

Secção 6.ª

*Theoria do lançamento dos impostos.*

Parte 1.ª

*Impostos directos.*

As despesas que demanda a manutenção da ordem social não podem ser satisfeitas sem o concurso dos meios com que os membros da sociedade devem *contribuir*, na razão de suas faculdades; e todavia os contribuintes considerão como um *sacrificio* a contribuição com que concorrem, dado que sua applicação deva ser para bem commum: aquella é a origem do imposto, esta a sua natureza. No

(\*) Veja-se o numero 14 da Revista Litteraria.

artigo antecedente ponderámos os seus effeitos geraes; mas muito importante é considerar os effeitos particulares das differentes especies d'impostos, ou a maneira porque com elles são affectadas as differentes classes da sociedade.

Para que este exame possa ser proficuamente feito, é mister expender antes os fundamentos essenciaes, ou normas que impreterivelmente se devem ter em vista para o lançamento dos impostos.

Todos os escriptores tem adoptado as maximas expostas por Adam Smith, e tão exactos são os principios que ellas consagrão, que mui poucas modificações lhe tem feito o tempo, e a experiencia: procuraremos resumil-as sem alterar a sua essencia; e são as seguintes.

1.<sup>a</sup> Cada um dos subditos da nação deve contribuir para as despezas do Estado, na proporção mais approximada á extensão de suas faculdades.

2.<sup>a</sup> A quantia com que cada individuo tem de contribuir, deve ser certa e não arbitraria.

3.<sup>a</sup> Todo o imposto deve ser lançado e arrecadado pelo modo, e no tempo que mais commodo seja ao contribuinte pagal-o.

4.<sup>a</sup> Todo o imposto deve por tal modo ser combinado, que a differença entre a quantia que o contribuinte desembolsa, e aquelle que entra no thesouro seja a menor possivel.

Todas estas quatro maximas resumem-se nestes quatro pontos: 1.<sup>o</sup> *igual repartição*; 2.<sup>o</sup> *certeza da quantidade*; 3.<sup>o</sup> *commodidade do contribuinte*; 4.<sup>o</sup> *d'arrecadação*.

E se a estas quatro maximas fundamentaes reunirmos o principio, que cada um dos grandes financeiros conhecidos adoptou como fundamento de suas operações, e que é seu caracteristico peculiar, teremos achado toda a theoria syntelologica; o seu desenvolvimento é a tarefa da Economia Politica, ou é propriamente a applicação das doutrinas que a sciencia expende. —

1.<sup>o</sup> ordem, e economia; principio de Sully.

2.<sup>o</sup> criação d'industria; — „ — de Colbert.

3.<sup>o</sup> liberdade de trabalho; — „ — de Turgot.

4. extensão do credito; — „ — Pitt.  
 5.º publicidade de contas; — „ — Necker.

O estabelecimento dos impostos reduz-se pois á observancia impreterivel do seguinte dogma.

Os impostos devem ser calculados de modo que menos prejudiquem o trabalho, que menos tolhão a accumulção dos capitaes, que com o minimo sacrificio do contribuite produzão o maior redito para o thesouro; que seja conhecido de todos sua total importancia, e sua leal applicação. —

Nem todos os impostos (talvez o menor numero) recahem sobre o individuo que directamente os paga; grande numero delles são méros avanços feitos por individuos que só apparentemente são contribuintes; o conhecimento cabal e exacto daquelles que em ultima analyse os pagão é a difficuldade principal, que se offerece neste ramo da sciencia social.

A igualdade de repartição é a primeira maxima do celebre economista Escocoz; e *para saber se uma contribuição é repartida igualmente, deve ter-se em attenção menos os meios daquelles que directamente a pagão, que os meios daquelle sobre quem ella recae.*

Os impostos são concedidos aos governos, como dito é, para a manutenção integral da sociedade, e fazel-a gozar da maior somma de bens; estes bens consistem na ordem, na paz interna, e externa, e no progresso da sua civilisação; *ordem, e prosperidade é a missão dos governos; e se o sacrificio, que cada um membro faz com a parte que contribue para as despesas ou consumos do Estado, tem sua fiel applicação, não poderemos dizer que os consumos publicos são improductivos; é verdade que a sua acção é indirecta, mas é tal que sem ella não ha ordem, não ha industria, não ha prosperidade.*

Não ha um só individuo que não participe dos bens resultantes do pacto social, mas a vantagem de que cada um participa não é nem pode ser igual; por tanto não pode ser igual o sacrificio feito por cada um para o bem commum; reconhecer pois a vantagem, que da sociedade resulta a cada individuo, ou determinada classe d'individuos, é o primeiro dever do fianceiro, para com este elemento poder calcu-



lar a proporção do seu sacrificio; eis-aqui em que consiste a *igualdade de repartição*.

Não é menos essencial que cada um dos contribuintes saiba com certeza, se não d'um modo permanente, ao menos em cada anno, a importancia da contribuição que deve ao Estado, o tempo em que ha-de pagal-a, e o modo como a ha-de pagar; este conhecimento importa-lhe muito, porque o põe a abrigo das vexações, extorsões, e embuste dos exactores, — classe d'individuos, que sendo precisa, é comtudo sempre odioza ao povo, menos pelo officio que exercem, porque o povo reconhece que tem de concorrer para as despesas publicas, mas pela natural propensão que nelles se dá para a corrupção, e para a insolencia: se a igualdade da repartição do imposto, e a plena convicção de que o governo procurou cuidadosamente respeitar este principio, faz menos difficil a arrecadação do imposto, a certeza da quantia, do tempo do pagamento, e do modo porque deve ser feito, é condição não menos essencial, e talvez ainda mais importante para o contribuinte, muito mais indulgente para com a desigualdade, que pode facilmente remediar-se, que para com a incerteza, e seus accessorios, que o tem em perpetua anciedade.

E' tambem d'intuição immediata que a commodidade de pagamento é objecto de maior attenção; o governo o que precisa é da importancia da contribuição, interessa pois em que ella seja paga pela maneira mais suave e commoda para o contribuinte; cumpre-lhe tornar menos pesado, ou mais toleravel o sacrificio que este faz, porque não deve esquecer-se que o imposto é effectivamente um onus, e um sacrificio que do contribuinte s'exige.

Teria aqui lugar o exame da questão por muito tempo debatida á cerca dos impostos directos, e indirectos, e de preferencia d'uns a outros; questão finalmente resolvida contra os impostos indirectos, o que em lugar competente se demonstrará.

Não será, por fim, preciso muito esforço para reconhecer que a arrecadação dos impostos deve ser por tal modo feita, que custe o menos possivel ao

contribuinte, ou que no thesouro entre a maior somma possível do imposto, conservando-se o praso de tempo mais curto fóra do thesouro desde que sahio da mão do contribuinte; por quatro differentes modos pode o imposto fazer sahir das mãos do povo quantia maior do que realmente exigem as necessidades do Estado, ou ficar fóra das mãos do povo e dos cofres do thesouro tempo sem relação com as mesmas necessidades.

1.º pelo numero d'agentes que sua cobrança exige, e pelas concussões a que estes dão ausos.

2.º pelos obstaculos ou tropeços que d'elle provem á industria, desviando o povo da applicação a certos ramos de commercio e trabalho, em que muita gente poderia grangear subsistencia.

3.º pelas multas, penas pecuniarias, e outros incommodes que se lanção aos contribuintes que procurão por malicia, ou por necessidade evadir-se ao pagamento do imposto, de que resulta a ruina destes e o prejuizo da sociedade. Todos os impostos pesados tem este inconveniente.

4.º enfim pela sugeição em que se colloca o contribuinte a visitas e varejos frequentes, e outras odiosas indagações dos agentes fiscaes, que o expõe a vexações, e oppressões inuteis, e muitas vezes a malversações filhas do calculo do espirito fiscal, ou do abuzo da indagação fiscal. Estas vexações são realmente uma despesa, porque equivalem ao preço que o contribuinte consentiria pagar para eximir-se dellas.

Se bem meditarmos nestas quatro maximas e seus consequentes, e depois passarmos a fazer a applicação de tão importante doutrina aos impostos que carregão hoje sobre a infeliz nação portugueza, será mais facil vêr, que nem uma dellas foi respeitada, e que por tanto a crassa ignorancia da maioria dos mandatarios da nação presidio á votação dos fataes impostos que a opprimem, e que forçosamente terão d'estrangular a industria, ou aquelles ramos d'industria, que se devem considerar como fontes de nossa riqueza. A idéa fantastica, e puramente illusoria da independencia dos productos estrangeiros tem fascinado muita gente de boa fé, e illudido as

massas credulas. Tornaremos a repetir o que por muitas vezes temos escripto : nenhuma nação dá a outra os seus productos gratuitamente , porque estes productos lhe custão trabalho que tem um valor mui real ; se pois os estrangeiros nos trazem productos é porque nós lhos pagamos com outros productos , que elles podem produzir pelo mesmo preço ; quando não tivermos com que pagar-lhes seus productos, ou elles possuão havel-os d'outra parte por menor preço do que nós lhos vendemos, de certo não nos virão trazer os seus, e nós ficaremos sem vender os nossos ; e como todas as nações tem uma industria peculiar, cujos productos não podem ser imitados, ou produzidos pelo mesmo preço por outra qualquer nação, é mister tirar todo o partido desta vantagem natural, produzindo pelo menor preço possível o mais que se poder produzir ; eis a industria que de preferencia deve ser protegida, e aquella que nos dá os meios para comprar os outros productos, que nos é impossível imitar, ou fabricar pelo mesmo preço, e com a mesma qualidade com que os estrangeiros nos vendem. Neste cazo está a industria vitícola.

Não nos esqueçamos que os impostos tem precisamente de sahir das tres fontes — *rendas da terra, lucros do capital, renditos da industria*, e que por tanto todo o imposto que affecte uma só destas fontes com exclusão das outras, ou ha-de augmentar o preço dos productos, ou não podendo estes subir, ha-de recahir sobre o productor, o qual não podendo de modo algum com este desfalque, ha-de precisamente retirar seus capitaes da producção, que lhe não rende interesse ao nivel das outras industrias : tal imposto é por tanto desigual. Para que uma industria prospere, é mister que ella renda dos capitaes pelo menos tanto interesse, *servatis servandis*, como outra qualquer ; se assim não acontece o capitalista retira todos seus capitaes para os empregar na industria mais rendosa para elles ; e deste necessario procedimento do capitalista resulta a prompta cessação da industria, de que seus capitaes erão os motores.

Fazer conhecer qual o systema d'impostos, que menos incompativel seja com os progressos da indus-

tria é objecto da maior importancia da Economia Politica ; os governos pelo que pertence á producção, distribuição, e permutação das riquezas, não devem fazer mais , que dar-lhe a mais ampla liberdade : o interesse particular está sempre em harmonia com o interesse publico , quando o monopolio , o privilegio, a fraude, a violencia , as restricções odiosas não se interpõem na marcha da industria ; mas quando se trata do estabelecimento dos impostos , cumpre-lhes mais especialmente, antes de os decretar, ponderar cuidadosamente, tendo em attenção os principios fundamentaes , que subministra a Economia Politica , quaes os seus effeitos, qual a extensão do producto do mesmo imposto em comparação das necessidades para que elle foi lançado, e a leal declaração de tudo isto , para que os contribuintes tenham cabal instrução das forças do imposto, e de sua applicação.

## PARTE I.ª

### IMPOSTOS DIRECTOS.

#### Divisão 4.ª

*Poderão reduzir-se os impostos a um so proporcionado ao redito do contribuinte ?*

Por muito tempo a resolução deste problema foi o objecto das meditações dos Economistas ; grandes vantagens resultariam para a administração , arrecadação, e contabilidade, do systema d'impostos calculado sobre esta base ; prevenir-se-ão por este modo os actos arbitrarios, as dilapidações, e abusos geralmente commettidos pelos agentes fiscaes , e reduzir-se-ão muito as relações entre estes agentes e os contribuintes : é innegavel que este systema seria verdadeiramente util, porem os Economistas ainda até agora não poderão estabelecê-lo de modo que se preenchessem todas as maximas indicadas por A. Smith , e sobre cuja observancia estão d'accordo todos , de modo que parece impossivel a sua adopção, ainda que fôra mui grande a sua utilidade.

Como o principio que deve primeiro occorrer é o da igualdade da repartição, ou que a repartição da massa necessaria para as despesas do Estado deve ser feita por todos os membros da sociedade em proporção de suas faculdades, ou riqueza, parece que o estabelecimento deste systema seria o mais simples, facil, e commodo, e satisfaria ás demais condições exigidas nas outras maximas, principalmente a do custo da arrecadação; e na verdade assim o fôra, se os contribuintes possuidos da verdadeira idéa de seus proprios interesses, e de seus deveres para com a patria, fossem mais leaes em suas declarações, unica base que poderia solidamente adoptar-se para a repartição dos impostos.

Sem o cabal conhecimento dos rendimentos de cada contribuinte, os effeitos do imposto serão sempre os mais perniciosos, seja o lançamento feito como for, e seja qual for a epoca da arrecadação; ora este conhecimento é que é moralmente impossivel; e todavia é desta condição que depende a maior igualdade possivel da distribuição do imposto, e da avaliação da quota que pertence a cada contribuinte; sendo não menos difficil achar o modo como levantar as sommas precisas ao governo, com o minimo detrimento da industria; eis-aqui as duas grandes difficuldades; — o gravame do contribuinte; e o detrimento da industria; e força é reconhecer que sendo ambas mui grandes, a maior é a do modo como reduzir aquelle gravame á sua minima expressão; e para conseguir este vantajoso, e desejado resultado é absolutamente necessario conhecer com exactidão os recursos de cada um dos contribuintes, conhecimento que o governo não pode obter, sejam quaes forem os meios que empregue; e como seria mui facil illudir a verificação deste conhecimento, quando mesmo á força de vexações, violencias, e injustiça o governo podesse obtel-o, é evidente que esta base será sempre defeituosa e fallivel, e que o imposto que unicamente assenta sobre ella, isto é, o redito do Estado que só desta fonte derivar de verá ser o menos productivo.

A renda da terra, que é uma das fontes da

prosperidade, e dos renditos, pode na verdade ser facilmente conhecida, sem mesmo recorrer ao cadastro, operação dispendiosissima, difficilissima, sugcita a variações infinitas, successivas, e mesmo rapidas, ainda não concluida perfeitamente em nenhuma das nações, aonde ella foi comprehendida; é por isto, que em attenção á despeza enorme que ella demanda, e á pouca utilidade comparativa que ella produz, todas tem desistido desta empreza.

Na verdade o proprietario de raiz não pode esconder a sua propriedade, nem o conhecimento do seu valor, e rendimento.

Os capitães são a outra fonte da riqueza, e portanto d'imposto em rasão de seus renditos, que muito facil fora determinar, e distinguir nas suas duas essencias, *como fixos, e como circulantes* ou reproductivos; porem não é tão facil bem separar a parte que pertence a uns, e a outros; a que toca ao *juro*; e a que deve adjudicar-se *aos lucros do empresario*, o que se comprehende debaixo da fraze — *utilidades do capital*, pois o *juro* pertence ao dono do capital, e os *lucros* são propriamente o *rendito do empresario*: as difficuldades para ter este exacto conhecimento são insuperaveis: e não se rinde que por ser assaz notoria a taxa do *juro* em certas localidades, seria por isto facil conhecer este elemento, e por elle determinar o outro, resultando daqui a força dos renditos relativos a certo capital, ficando tambem facil em consequencia o lançamento do imposto em relação aos renditos do contribuinte; porquanto nada ha mais facil que fazer passar os capitães de mão para mão, simular os contractos, e multiplicar os subterfugios para illudir o pagamento do imposto; e quando o governo recorre a meios violentos para o arrecadar, estes serão inefficazes, e terão por necessario resultado afugentar os capitães para fóra da nação, pois ao capitalista nunca faltão meios de os fazer passar; e subtrahir á acção das contribuições excessivas e vexatorias. O que fica dito é relativo ao *juro*, mas é ainda mais difficil reconhecer a importancia dos lucros do empresario, porque elles são extremamente

variaveis em cada anno ; na industria fabril e commercial se um anno ha perda, outro se ganha, e em um se ganha muito, em outro se ganha pouco; a avaliação d'um meio termo é tambem mui difficil ; o empresario d'industria, e o commerciante não podem considerar os seus lucros do mesmo modo que o proprietario considera a sua renda, isto é, não podem ter os lucros na categoria da renda ; arruinar-se-ão em pouco , se tal confissão fizessem ; o proprietario sim pode achar qual é a sua renda media , mas aquelles não.

Ao que fica dito accresce ainda outra observação attendivel , e que não deve esquecer por modo algum , posto que mui pouca attenção se lhe tenha dado ultimamente pelas nossas cortes constituintes , quando se votou a lei da decima, e a dos sellos &c.

Os commerciantes, por grande que sua fortuna seja , tem sempre interesse em exagerar-a, pois que elles carecem de *credito* maior que sua fortuna , porque se aquelle é o productor desta , o credito não existe sem fortuna material (o que já cabalmente demonstramos , tratando do credito ) : já se vê pois quão pesados virião a ser os impostos calculados sobre uma baze falsa , e o prejuizo que de tal calculo resultaria : — 1.º ao contribuinte que carregaria com imposto superior á sua proporção real ; 2.º á igualdade da repartição, suscitando os clamores daquelles, que se julgassem comparativamente gravados quando o lançamento fosse feito sobre uma baze real , e quando para com aquelles se fizesse algum desconto arbitrario em attenção á baze apparente : por outra parte, as outras classes de contribuintes , para evadir sua renda á acção da contribuição , tem todo o interesse em fingir-se mais pobres. E' vulgarmente sabido que a *alma do negocio é o segredo* , e é por isto que todos os commerciantes empregão o maior cuidado em ter em segredo as suas operações , e sua fortuna , para evitarem os concurrentes ás operações, e para poderem exagerar a sua fortuna : a franqueza não será , nem poderá ser jamais , o movel do commerciante.

E como o systema d'um unico imposto exige como necessaria condição , mais que outro algum sys-

tema , que as operações fiscaes sejam publicas, e que a fortuna dos contribuintes seja publicamente conhecida de todos , o credito dos commerciantes , e os segredos economicos de cada um , serão necessariamente revelados , e cabalmente avaliados , com grave prejuizo do interesse individual , e até social. Tal casa commerciante prestes a fazer ponto ou banca-rota , fez um esforço para salvar-se mediante o credito que ainda tem , a especulação foi feliz , e com ella salvou-se e a seus credores; se ao momento em que põe em execução o projecto , que realisado a salvou , fosse conhecido , e publico o estado de sua casa , jamais o projecto iria a effeito , ella se perderia , e com elle seus credores : a hypothese contraria tambem é possível , e d'uma e d'outra ha na verdade numerosos exemplos.

Qualquer medida pois que o governo tomasse para avaliar a fortuna da classe commercial , seria o golpe mortal do commercio.

A industria fabril é a outra fonte de riqueza e d'imposto : mas em seus redditos se achão confundidos os salarios do trabalho , e as utilidades de capital por modo tão intimo , e de tão difficil separação , que para a fazer com exactidão fôra mister que o governo empregasse violencias , e vexações , que seriam a morte da industria ; por outra parte isentando do imposto a classe mais numerosa da sociedade , aquella que effectivamente pode pagar a maior somma dos impostos , dado que a quota individual seja a minima , privar-se-ia o Estado da maxima fonte do seu redito , e commetter-se-ia com tal isenção a maxima injustiça.

Se a esta consideração unirmos a determinação da época da arrecadação , dobrará mais o embaraço : se para a quota modificada e exigível conviesse arrecadar diariamente , o contribuinte perderia muito tempo sem utilidade alguma para o Estado , em razão da despesa que demandaria ; se conviesse arrecadar mensal ou annualmente , o que conviria ao Estado , e algumas vezes ao contribuinte , seria pretexto sufficiente para a fraude , ou para extorções , pois que as utilidades do jornaleiro , operario ,



e empresário dependem muito de sua saúde, e da procura do trabalho, circumstancias nimamente variaveis.

Só a renda da terra é a que com mais facilidade, e com menos inconvenientes pode ser conhecida; mas seria grave injustiça, se por esta razão, se onerassem exclusivamente os proprietarios de raiz com toda a massa das contribuições necessarias para a manutenção do Estado.

Incumbe pois ao governo calcular as suas despesas tomando por base essencial a mais *estricta economia*; por aqui começará a operação do lançamento do imposto; e cumpre que o contribuinte tenha o mais cabal conhecimento, e publico testemunho de que ella foi respeitada com lealdade, sem o minimo dolo, ou dissimulação.

Determinada a despesa, cumpre variar os impostos, mesmo para que sejam moderados, para que affectem a todos de modo que menos prejudicial seja ao individuo e á sociedade, fazendo com que as quotas se aproximem o mais possivel da igualdade proporcional da repartição; afim de que os renditos de cada uma das fontes da riqueza contribua como lhe cumpre; isto é, para que uns não fiquem por concorrer, e outros sejam quotados imperfeitamente; esta razão é cabal para concluir que as bases dos impostos não podem deixar de ser muitas e diversas, e que a idéa d'um só imposto sobre uma base unica affectaria sobre modo uma das fontes da prosperidade, deixando a outra intacta; ou faria recahir a maxima parte do imposto sobre aquella fonte que menos pode pagal-o, deixando intacta ou pouco tributada aquella que poderia pagar.

Nenhum rendimento deve ser isento de contribuição, nem mesmo as *rendas do Estado*; estas estão ou devem estar para os capitalistas na mesma razão que outra qualquer collocação.

Por outro lado é principio incontroverso (Macculloch) que é essencialmente vicioso todo o imposto, cujo pagamento ou arrecadação facilmente s'illude: se é facil avaliar aproximadamente a renda das terras, e das casas, ou propriedades fixas, não ha nada mais difficil do que fazer o mesmo calculo a-

proximado em relação aos salarios, e honorarios; ás utilidades do capital empregado na industria fabril, e commercial, e daqui nasce a impossibilidade da repartição igualmente proporcional.

O imposto sobre a renda das propriedades de raizé aquelle que menos ataca a industria, e que menos inconveniente tem, mas não pode ser unico sem grave injustiça; pois que os impostos devem ser pagos por todas as classes. Os principios que devem servir de norma aos governos ficão sufficientemente discutidos; elles tem por objecto

- 1.º menor desigualdade de repartição;
- 2.º que a fraude possa menos facilmente provocar-se, e commetter-se;
- 3.º que a arrecadação se faça com o menor numero d'agentes;
- 4.º que s'empregue a menor violência nella.

E' mister portanto procurar outra baze de lançamento dos impostos, que não seja o *modo directo*.

---

# MEDICINA.

## DA HYDROSUDOPATHIA.

*Ou systema therapeutico fundado sobre a acção combinada da agua fria, e da excitação da perspiração cutanea.*

---

### I.

“ Um novo methodo curativo de todas as enfermidades pelo uso da agua fresca faz rapidos progressos em Vienna. Nas grandes hospedarias desta Capital ja se não serve senão agua em todas as mesas. Já se começa a tirar partido desta nova industria; e a agua das fontes se vende a 50 centimos o litro ( 80 reis cada meia canada ) como mais effcaz que a do Danubio. ”

Esta ironia, que leramos no *Journal des Debats* de 3 de Setembro de 1837, julgámos ao principio ser acintemente forjada, para desafiar o riso d' algum leitor; mas depois conhecemos ter fundamento mais grave n'um novo methodo therapeutico, de que a agua é o principal agente, e cuja vóga todos os dias cresce em Alemanha.

De muito interesse julgamos sempre para os que exercem, ou profissão qualquer ramo da faculdade medica o conhecimento de todas as descobertas, ou factos, que por taes se inculcão, na arte de curar. Por isso daremos noticia desta nova e extraordinaria medicina, servindo-nos dos extractos do *Art.º*, que a este respeito Mr. Louis Fleury, Cirurgião interno dos Hospitaes em Paris, publicou nos *Archives générales de Medicine*; extractos, que se achão no *Jornal le Temps* de 12 de Dezembro de 1837 19 de Janeiro, e 2 de Fevereiro de 1838.

Nas montanhas da Silesia austriaca, a igual

distancia de Glatz e de Neiss, 1800 passos acima do nivel do mar, n'uma fertil encosta, donde a vista se estende ao longe sobre uma admiravel paizagem, se acha uma pequena aldea de 17 fogos, cujos primeiros habitantes pertencem á geração, que hoje está a finar-se. Ha poucos annos ainda o viajante e o artista, que folgão de percorrer os sitios pictorescos das montanhas, paravão desacompanhados para reclamar uma hospitalidade nunca negada nesta pequena colonia de pastores e de cultivadores. Seu nome era apenas conhecido na Cidade de Freiwaldau, situada 600 passos abaixo na base do rochedo, que sobre seu topo suspende esta meia duzia de choupanas. Hoje a Cidade é um accessorio da aldea. *Graefenberg* (tal é o nome da aldea) é o ponto de reunião dos principes da Alemanha, dos viajantes, que concorrem de todas as partes do mundo. *Graefenberg* vai metter a um conto Carlsbad, Ems, Baden-Baden. Seu nome anda na bocca de todos; os poetas o cantão em seus versos; e o facil enthusiasmo da nação germanica tira daqui materia para numerosas obras, cujas edições se succedem com profusão.

Este renome tão rapidamente adquirido é obra d'um simples paisano, que o acaso, a par talvez da observação, levou a formar um estabelecimento medico, cujos meios d'acção parecerão sem duvida extravagantes, se hem que fundados na applicação extensa e regularisada de duas potencias therapeuticas, mui desprezadas em nossos dias; a agua fria, e a excitação da perspiração cutanea.

Das obras alemans, publicadas sobre este tratamento, e das notas, que o Barão de Ch ..., que o estudou por espaço de 6 mezes, teve a bondade de communicar a Mr. Louis Fleury, collige este as seguintes particularidades.

“ *Vicente Priesnitz* nasceu a 4 de Julho de 1799 em uma das choupanas do cume do *Graefenberg*, graças á abastada posição de seus pais, recebeu uma educação sufficientemente boa que desenvolveu nelle um espirito d'observação, um tacto, e uma penetração pouco ordinaria. Apenas na adolescencia, no-

tou, ajudando seu pai nos trabalhos ruraes, que nos casos d'entorse, de contusão, e de tumor nos pés dos cavallo, se conseguia rapidamente a cura esfregando-os com agua fria. Verificou muitas vezes este facto; certificou-se da efficacia deste meio; e empregou-o em muitos animaes: o successo foi sempre em abono de todos estes ensaios, que desde logo lhe inspirarão grande confiança nas virtudes da agua fria.

“ Em 1816, o mancebo Priesnitz caio abaixo d'um cavallo feroso, que lhe imprimio as ferraduras na face, fez-lhe graves contusões no braço esquerdo; e fracturou-lhe duas costellas. Um cirurgião, que foi chamado, fez esforços prolongados para remediar a deslocação dos fragmentos, e não o podendo conseguir, declarou que se o doente escapasse do perigo, que o ameaçava, ficaria por longo tempo soffrendo dores, e com deformidade. O rapaz descontente desta sentença, tentou tratar-se a si mesmo. Neste intento firmou o peito no angulo d'uma cadeira, e sustendo a respiração, fez retomar as duas costellas sua primeira direcção; ligou-se com uma toalha molhada, bebeo agua em abundancia, e curou ao fim d'alguns dias.

“ Esta cura, bem simples no entender d'um medico, affectou vivamente a imaginação de Priesnitz: attribuiu aos meios, que empregára, o que todos os dias é o resultado só dos esforços da natureza; e entregou-se com novo ardor á indagação sobre os effeitos geraes produzidos pelo frio, e sobre as leis, que regem a sua applicação no tratamento das molestias ao homem. D'entre todas estas experiencias farei menção d'uma somente. Dous porcos forão alimentados, um com alimentos frios, e outro com alimentos quentes: no 1.º os intestinos forão achados rijos, brancos, resistentes; ao mesmo passo que no 2.º erão vermelhos, amollecidos, e rasgavão-se tão facilmente, que não poderão servir para encher carne de conserva.

“ Priesnitz tendo sido levado a reconhecer os bons effeitos da agua fria no tratamento d'um grande numero de molestias, julgou bem depressa no-

tar que uma indicação indispensavel para tornar sua applicação o mais efficaz possível, era submetter a pelle a fortes e frequentes transpirações; e estes dous meios combinados tornarão-se a base de sua medicação. Applicando-os n'alguns casos, de gotta e rheumatismo, sararão os doentes. Suas curas soarão pelas vesinhanças, e sua pequena casa não foi bastante para receber os numerosos visitantes, que vinhão procurar os seus conselhos. Sua reputação cresceo rapidamente, e os montanhizes em breve o considerarão como um protegido do ceo. No pensar d'elles a agua não tinha por si virtude alguma, e só devia a sua acção a uma secreta potencia, infundida a Priesnitz. E' assim, que por toda a parte, aos olhos do vulgo as couxas as mais simples tomão uma apparencia de maravilha, sem a que seriam muitas vezes rejeitadas com despreso. — Mas estes mesmos successos acarretarão a Priesnitz numerosos inimigos. Os curas lançarão anathemas contra sua arte diabolica; os medicos e os veterinarios o denuncião como exercendo illegalmente a medicina; e a auctoridade viu-se obrigada a intervir. Em 1830, o governo austriaco concedeo a Priesnitz a auctorisação de receber doentes, e de os tratar na forma do seu methodo. Desde esta epocha o seu estabelecimento adquirio um rapido desenvolvimento, porque tendo reunido só 54 pensionistas em 1830, contou 64 em 1831, 118 em 1832, 206 em 1833, 256 em 1834, 342 em 1835, 469 em 1836.

Hoje Priesnitz fez construir tres grandes casas, que não bastão para conter os doentes, que lhe chegão de toda a parte; e a pequena Cidade de Trewaldan viu-se obrigada a fazer erigir aqui uma parochia filial. Estabelecimentos analogos se formão em differentes pontos. O Doutor Emel organisou um a 2 legoas de Vienna, com Kaltenleitgelb perto de Rodaun; o Doutor Niederrune no Condado de Glatz; o Doutor Lehmann a 3 milhas de Breslaw; outros ainda vão ser erigidos em Baviæra, Saxonia, em Freyberg, no Wurtemberg; e diz-se que até em S. Petersburgo.

## II.

O tratamento, que tem grangeado a Priesnitz a reputação, de que goza em Alemanha, offerece a considerar 1.º o regimen alimentar; 2.º a acção exercida sobre a pelle; e 3.º o uso da agua fria.

“1.º Regimen alimentar = Segundo Priesnitz a experiencia demonstra que a alimentação quente determina perniciosos effeitos em todos os animaes. Ora estando o homeu submettido pouco mais ou menos ás mesmas leis geraes, pensa elle que os frequentes desarranjos, que sobrevêm em suas funcções digestivas, são devidos somente ao uso d'alimentos, cuja temperatura é mui elevada, e que seria facil prevenil-os, ou remedial-os comendo frio, e escolhendo a agua para unica bebida. Outro principio, a que elle dá grande importancia, é que a diéta, bem longe de ser util, só serve na maioria dos casos para enfraquecer o doente, e roubar á economia o poder, de que carece para resistir ao mal. Sabido é que esta opinião é tambem commum a um grande numero de medicos.

“Eis-aqui o regimen seguido em Graefenberg. — Almoça-se leite frio, pão e manteiga: ao jantar come-se de tudo, á excepção de especiarias, quanto pede o appetite; são permittidos alguns manjares quentes ás pessoas, que só tem molestias leves, mas nos casos graves todos os alimentos são frios; não se bebe senão agua fria, e esta regra não soffre excepção para ninguém: a cea é semelhante ao almoço. Durante o dia, nos intervallos dos comerres, deve-se beber agua fria por muitas vezes; a dose prescripta para 24 horas é de 20 a 30 copos pouco mais ou menos.

“2.º Acção exercida sobre a pelle = Em todos os tempos se tem julgado util excitar frequentemente a transpiração, como provão os *sudatori* dos Romanos, dos Gregos, dos Turcos, dos Russos, &c. mas não é menos importante saber gradual-a, provoc-a, actual-a, finalmente terminal-a da maneira a mais vantajosa possivel.

“ Priesnitz pensa que todos os meios, que apenas produzem uma transpiração, por assim dizer, passiva, são nocivos; que o vapor exerce uma acção perniciosa sobre os pulmões e o cerebro; que para desenvolver uma transpiração salutar cumpre produzi-la activando e concentrando as funções vitaes.

“ Para este effeito emprega o seguinte processo. — Deita-se o doente, inteiramente nú, n’uma cama d’um ou dous colchões de plumas com cobertores de lã, nos quaes se abafa muito bem; apparelho este, cuja fabrica é mui minuciosamente descripta pelos AA. Alemães. A cabeça conserva-se um pouco levantada. Quando a transpiração está bem estabelecida, abrem-se as janellas, e dá-se ao paciente no 1.º dia a quarta parte d’um copo d’agua fria; porção esta que se vai continuamente augmentando, e no fim d’alguns dias bebe um copo inteiro todos os quartos d’hora.

“ A duração do tempo de cada curativo, que se começa a contar desde o momento, em que o suor se manifesta, varia segundo os individuos, e segundo a natureza de sua molestia; e prolonga-se desde um quarto d’hora ate seis e mesmo sete horas. Nos primeiros dias da cura, o suor estabelece-se difficultosamente; mas bem depressa se torna tão abundante, que Mr. Ch... o vio repassar o apparelho, e os colchões, e correr pelo chão.

“ 3.º — Applicação da agua fria. — Mergulhos — Quando se julga conveniente pôr termo á transpiração, tirão-se os colchões de pennas, levanta-se o doente embrulhado nos cobertores, lava a cara e o peito com agua fria, e vai mergulhar-se n’uma grande pia cheia d’agua. Esta agua, proveniente de diferentes fontes, é conduzida ao estabelecimento das partes superiores da montanha por canos que tem quasi 1300 toezas de comprimento: sua temperatura nos maiores calores nunca excede a 7.º de Reaumur: no inverno desce algumas vezes a 2.º, e mesmo a 0.º. Tomão-se mergulhos nesta pia em todas as estações; ao principio só se demoram os doentes o tempo da immerção, ao diante deixão-se estar 2 ou 3 minutos, e ás vezes mais. — Priesnitz affirma ter-se demorado



alli uma vez dez horas continuas, para se curar d'uma *febre quente*. Os que chegam de novo a Graefenberg não tem muitas vezes, a coragem de supportar uma sensação, que com effeito é mui penosa ao principio: neste caso dão fim á transpiração n'uma banheira, que contem duas ou tres pollegadas d'agua a 12.º, ou a 16.º — Durante este noviciado, que se prolonga por quasi uma semana, abaixa-se successivamente a temperatura do banho, e prepara-se assim o doente para se mergulhar na pia. Immediatamente depois da immersão veste-se, dá um passeio a pé, e recolhe para almoçar.

Alem dos banhos de mergulho, de que acabamos de fallar, administrão-se outros parciaes *loco dolenti*; e usão-se tambem emborcaçãoes, clysteres, e compressas d'agua fria.

“*Semicupios* — Lanção-se em um vaso appropriado quasi tres pollegadas d'agua fria, e o doente se conserva aqui assentado de 20 minutos até uma hora. Durante este tempo tem o cuidado de esfregar todas as partes mergulhadas n'agua, e de molhar por intervallos o baixo ventre.

“*Pediluvios*. — Mettem-se os pés em meia pollegada d'agua fria, e esfregão-se um com o outro, ou com a mão. A agua aquece rapidamente, e ás vezes é absorvida.

“*Banhos dos membros* — Mergulha-se o membro affectado n'uma pequena quantidade d'agua fria, contida n'um vaso appropriado á forma das partes; e ha sempre o cuidado de esfregar com força o membro mergulhado.

“*Banhos de cabeça* — Segundo a séde do mal mergulha-se o rosto, ou o occiput n'uma bacia, que tenha tres pollegadas d'agua.

Em todos estes banhos é necessario demorar-se no mergulho até que o liquido tenha aquecido á custa do calorico da parte mergulhada, de forma que não pareça frio.

“*Emborcaçãoes*. — Empregão-se em Graefenberg duas sortes de emborcaçãoes; as do estabelecimento, das quaes se usa o menos possivel, em attenção a não serem dispostas de maneira propria para produzir

grande effeito ; e as do bosque , as quaes são situadas nas montanhas a meia hora de marcha da casa , sem defensão das injurias do ar : a agua chega em canaes elevados acima do chão 10 ou 15 pés , e forma ao cair uma columna de pollegada e meia de diametro . E' a esta massa , que se expõem as partes doentes , á excepção da cabeça e peito , por espaço de 5 minutos ao menos até uma hora ao mais . Estas emborcações tomão-se igualmente em todas as estações , qualquer que seja a temperatura . Mr. de Ch ... viu pessoas , que as tomavão no meio das neves e dos gelos ; e elle mesmo se sujeitou a ellas nas noites de Janeiro e Fevereiro de 1837 .

“ *Clysteres frios* — Tomão-se á noite , e sua administração nada offerece de particular . Ao principio fazem experimentar uma sensação penosa , e a necessidade de os expulsar immediatamente ; mas ao depois o intestino habitua-se a conservá-los .

“ *Compressas molhadas* — Segundo a affectão e o fim , que se pertende alcançar , applicão-se sobre as diferentes partes do corpo compressas ensopadas n' agua fria que se renovão mui frequentes vèzes , ou que pelo contrario se deixão estar até seccarem de todo . Em alguns casos faz-se uso d'uma cinta de 5 pés de comprimento ; da qual se molha uma ponta na extensão de 18 pollegadas : applica-se esta parte molhada sobre o abdomen , e o resto enrola-se por cima .

“ *Lençoes molhados* — Em fim emprega-se ás vezes um lençol molhado , no qual se envolve o doente , como quando se abafa para provocar o suor . Nas molestias inflammatorias agudas , a cujo tratamento é mui principalmente consagrado este apparelho , como por exemplo na pneumonia , renova-se todos os 5 minutos .

“ *Ordem do tratamento ; seus effeitos geraes ; sua duração ; e fim , a que se dirige* — Os diferentes meios curativos , que temos examinado não são indistinctamente empregados ; e bem se pode presumir que é impossivel indicar todas as modificações , que se fazem em sua successão , em sua combinação , e em sua natureza , segundo a idade , o sexo , a for-

ça, a constituição do doente, o genero de sua enfermidade, as complicações della &c. Só a sagacidade do medico as pode appropriar ás circumstancias, e aqui apenas se podem expôr as generalidades.

“A's 4 horas da manhã abafa-se o doente para transpirar, o que dura, como vimos, mais ou menos tempo, e termina pelo banho de mergulho. Então passeia-se ate ao almoço: passada uma hora toma-se uma emborcação, ou um semicupio: ao meio dia janta-se: das 3 ás 6 horas da tarde segundo curativo semelhante ao da manhã, mas menos demorado; segundo banho de mergulho: ás 8 horas ceia-se: ás 9 horas semicupio, banho de pés, ou clyster: ás 10 horas deitar. Os doentes, que preferem transpirar uma só vez, prolongão o curativo da manhã até ao meio dia, e ficião libertos no resto do dia.

Disse acima que se fazião algumas concessões a favor dos principiantes; mas no fim d'oito dias devem-se sujeitar ás regras, que se acabão de prescrever. Passado mais ou menos tempo, começam a apparecer erupções cutaneas, furunculos, ás vezes em numero consideravel; sobrevêm diarrhea; formão-se abcessos em diferentes partes do corpo; reapparecem symptomas venereos, que ha muito havião cessado; e pela apparição d'algun destes phenomenos é que a cura se julga dever ser efficaz. A crise manifesta-se ordinariamente no fim de 6 semanas, ou 2 mezes; renova-se ás vezes em diferentes intervallos; e o tratamento interno prolonga se por 4, 6 mezes ou um anno, segundo a gravidade dos casos.

Numerosas são as molestias, que Priesnitz julga poder combater vantajosamente; mas não nos persuadamos que elle quer fazer do seu tratamento uma panacea universal; mostrando neste ponto mais boa razão, do que a maior parte dos innovadores. Elle attribue ao seu methodo grande efficacia principalmente nos casos de rheumatismo, de gotta, de syphilis constitucional, nas molestias da pelle, sem exceptuar os exanthemas, nas hemorrhoidas, nas fistulas, nas carias, nos engorgetamentos chronicos

do apparelho digestivo. Applica-o em algumas molestias inflammatorias agudas, nas anginas, nas ophthalmias; e não receia, como já disse, envolver um doente atacado de pneumonia ou de peritonite n' um lençol ensopado em agua fria.

### III.

Mr. Louis Fleury não se limitou no seu artigo á exposição das regras, que constituem o methodo de tratamento preconizado por Priesnitz; julgou conveniente apreciar o seu valor, e apresentou a este respeito interessantes considerações. Quiz associar nomes mais ou menos illustres ao nome de Priesnitz, e buscou nos escriptos de nossos predecessores os factos tendentes a confirmar as asserções do Curandeiro de Graefenberg.

“Se agora, diz Mr. Fleury, tratamos de apreciar o valor therapeutico do methodo de Priesnitz, devemos considerar em separado os meios, que elle emprega; depois o sistema de tratamento, que resulta da reunião delles; e a final a acção, que esta reunião pode exercer sobre as differentes molestias.

*Uso da agua interiormente* — Não repetirei aqui, prosegue Mr. Fleury, todos os argumentos, que se tem accumulado para provar que a agua, como bebida *natural* do homem, deve ser preferida a todas as outras. Rousseau no seu *Emile* a defendeo com a eloquencia de sua palavra; e eu somente trarei á memoria que a agua é de todos os líquidos o que melhor mata a sede, que facilita a digestão, e que segundo as experiencias de MM. Leuret e Lassaigue é indispensavel á formação do chylo. — Considerada como meio therapeutico, diz Mr. Ratier, a agua é d'uma incontestavel efficacia; a ella só se devem muitas vezes certas curas, cuja gloria se attribue a mui differentes causas. Ella diminue o calor febril, activa as secreções e as exhalações; e evidentemente modifica os seus productos. — Seria vantajoso que os medicos espalhassem no publico estas ideas, e

ra Piza ; outras para Sena ; poucas ou nenhumaes geraes. Donde nascião incertezas no foro , contendas de jurisdicção, delongas nos negocios, encolhimento dos pobres por fraqueza, continuação dos ricos em seus abusos , injustiças faceis , ruinas de familias , rancores inevitaveis. Havia outro sim leis criminaes, já crueis, já insufficientes: commercio desfavorecido, agricultura descuidada, sólo pestilencial, possessões mal seguras, colonos pobres, grande divida publica, impostos onerosissimos.

A tudo deo remedio o bom Leopoldo. Extinguiu os magistrados superfluos, ou pouco proficuos, ou privilegiados, e entre estes os da *regalia*, tolhendo deste modo toda a prerogativa, que subtrahisse aos tribunaes ordinarios as causas, que dizião respeito aos interesses da corôa. Isentou as *Communs* dos foros privilegiados, e as fez livres na administração dos seus bens. Deo-lhes faculdade não somente de examinar, mas também de julgar da oportunidade dos encargos publicos, por modo que o corpo dos *Communs* veio a formar na Gran-Ducado uma representação nacional para certos e determinados effeitos. E como, fossem além disso relevados das dividas que devião ao erario, e pagos e satisfeitos das que o erario lhes devia a elles, forão elevados a grande prosperidade, a qual cresceo ainda mais pelo melhoramento do Cadastro.

Supprimidos, como dissemos, os privilegios individuaes, e os foros privilegiados, adquirirão as pessoas, e as corporações igualdade de direitos, quanto á justiça. Taes forão as Ordenações introduzidas por Leopoldo.

A' cerca das Criminaes ; extinguiu também toda a immundade e parcialidade de foro ; abolio a pena de morte, a tortura, o crime de leza-magestade, a confiscação de bens, e o juramento dos reos. Determinou que houvesse uma querella para começar e formar a instancia, e que o querellante respondesse pela verdade d'accusação : que os contumazes fossem restituídos á integridade de defeza ; que do producto das multas e penas pecuniarias se formasse ( coisa digna da grandissimo louvor ) hum deposito separado para soccorro e beneficio daquelles innocentes, a quem o

necessario e livre curso da justiça sujeita ás vezes ás molestias de um processo e até do carcere ; e também para soccorrer os condemnados por delictos alheios ; com o que fundou ( cousa maravilhosa ! ) um fisco que dava , em vez de tirar. Estabeleceo penas proporcionadas aos delictos ; e não contente com isto , encarregou a composição de um novo Codigo Toscano ao Auditor da Rotta Vernaccini , e ao Conselheiro Ciani , homens , um e outro , que não só querião , e sabião , mas também estavam persuadidos que era possível fazerem-se cousas boas e uteis nesta materia de Leis : o que não sem razão se deve notar nestes nossos dias , em que alguns quererão ensinar , que a melhor legislação que ha , he a dos tempos barbaros.

Forão os effeitos conformes ás piedosas intenções de Leopoldo : porquanto depois destas novidades vivia-se na Toscana uma vida felicissima : os costumes não só erão bons , mas também nobres : os delictos rarissimos , e tão depressa punidos , como perpetrados : as prizões vazias : tudo florecente. Assim esta Provincia , que ja havia dado ao mundo tantos bons exemplos , vindo ao poder de um principe humanissimo , deo também o exemplo de um corpo de leis de tal modo temperado e ordenado , que nem o Governo podia desejar maior segurança , nem os povos maior felicidade.

Para este mesmo resultado concorrerão não pouco as novas providencias de Leopoldo a bem da agricultura e do commercio. Elle libertou os colonos de vexações , e as terras da servidão. Limitou a faculdade de instituir fideicommissos , e reunio a faculdade dos pastos ao dominio do terreno , extinguindo , ou abrogando a antiga lei dos pastos publicos , pela qual era vedado aos proprietarios e colonos fechar as suas herdades , vendo-se elles forçados a deixal-as expostas aos animaes bravios , com gravissimos estragos das searas. Nascerão desta providencia notabilissimos effeitos : por que as colheitas crescerão , e os animaes se domesticarão.

Considerando depois quanto os arrendamentos geraes dos impostos erão molestos aos povos , e penosos aos bons Governos , Leopoldo os abolio. Acabou o exclusivo do tabaco , agua-ardente , e ferro : todos tiveram

a liberdade de lavrar minas : moderarão-se as gabellas sobre os contractos , e o direito real do papel timbrado.

Bem sabia Leopoldo , que todas estas reformas havião de diminuir as rendas do erario ; mas nem por isso desistio dellas, estimando mais o bem publico do que os interesses do fisco. Assim mesmo diminuirão estes muito menos do que se esperava : porque a prosperidade do paiz , e a circulação mais activa dos generos , que d'ahi resultou ; supprirão em grande parte aquelle deficit. Admiravel argumento de que a prosperidade dos povos , filha da liberdade , e não já a excessiva graveza dos impostos he a mais copiosa fonte das riquezas publicas.

Demais : supprimirão-se as alfandegas interiores : abrírão-se novas estradas, e canaes ; fizeram-se de novo, ou se restaurarão portos , e lazaretos ; affiançou-se aos estrangeiros em Leorne o livre exercicio da religião ; abolirão-se as corporações das Artes , e as matriculas ; aos impedimentos e estorvos subrogarão-se premios , facilidades , e isenções , maiormente em beneficio das artes das sedas , e lanificia , objectos essencialissimos do commercio da Toscana. A liberdade da exportação da sedas , mediante hum imposto modico , aproveitou tanto , que sendo o seu provento na Toscana , no anno de 1780 de lib. 163 : 478 , subio em 1789 a bem 300:000 lib.

Mas para voltarmos de novo ao governo das propriedades ruraes ; não só Leopoldo o melhorou muito , melhorando a condição dos colonos ; mas tambem restituiu á cultura aquellas terras que por sua má-qualidade jazião incultas. Assim , o val-de-chiana , o de Nievole , terras alias ricas e fecundas ; assim em grande parte o districto de Pietrasanta , e as fronteiras do littoral Leornês e Pizano , empregando-se a proposito , e segundo os lugares , cortaduras , atarramentos , muros , e canaes , forão , pelos seus cuidados , enxugados , tornados salubres ; e finalmente restituídos á cultura.

Mas obra de muito maior importancia , e de quasi insuperavel difficuldade , foi o enxugamento dos terrenos Sanezes alagadiços , levado a tal ponto que havia esperança de se ver de todo concluido. São estes terrenos pantanosos uma como vastissima lagoa , que

desde os confins da provincia de Piza até os do Estado Ecclesiastico se estende ao longo do mar, por espaço de quasi 70 milhas, e em largura, teria dentro, de 5 ou 6 até 15 a 18. A planura de Grosseto he a porção mais consideravel destes pantanos. Nestes lugares os terrenos, não submergidos, são tão fecundos, quanto o ar he doentio e pestilencial.

Já em tempo de Fernando I de Medicis se tinha feito parte desta obra, e muitas lagoas tinham sido reduzidas a estado de cultura. Por incuria porem dos successores de Fernando, as terras e a atmosfera voltarão ao primeiro, ou ainda a peor estado. Leopoldo apenas elevado ao throno, cuidou logo neste beneficio, Mandou áquelles lugares o P. Ximenes, mandou Ferroni e Fantoni, mathematicos de claro nome, e mui doutos na Hydraulica. Já a planicie de Grosseto, ja o lago, ou por melhor dizer o pantano de Castiglione, partes principalissimas d'aquellas albufeiras se tinham reduzido a hum estado toleravel. Esperavão-se maiores melhoramentos, esperava-se chegar a conseguir o final intento. Empregavão-se aterramentos por meio das agoas do Ombrone e do Bruna introduzidas nos tempos das tempestades; empregavão-se canaes e diques nos sitios mais opportunos... etc.

Alem disto Leopoldo, convencido de que as povoações raras fazem o ar insalubre, e quando são frequentes o tornão sadio, alliciou com premios e isenções assim os naturaes, como os estrangeiros, e principalmente os habitantes do agro romano a fixarem suas moradas n'aquelles sitios, mandando-lhes pagar pelo erario a quarta parte do preço das novas eazas, e distribuir-lhes terras, já gratuitamente, ja por preços modicos, ou com foro enfiteutico, e até dando-lhes dinheiro de emprestimo, e seguro asylo a quem ali viesse acolher-se. Por este modo cresece a povoação, os terrenos cultivárão-se, o ar se tornou sadio. Peiorarão depois as obras pela difficuldade dos tempos: permanecem contudo ainda, e permanecerão por muito tempo nos pantanos Sanezes os vestigios da generosidade de Leopoldo.

Nem merecem menos louvor as Ordenanças deste justo e magnanimo principe ácerca da divida do Estado.



Mais de 3000 lugares do Monte foram cancellados , restituídos os capitaes aos credores com o producto da venda dos proprios da Corôa , e até applicando-se a esse mesmo fim os capitaes , provenientes do dote , e contradote da Rainha sua mulher , e outros do seu proprio patrimonio privado. Deste modo se amortizou em grande parte a divida que tanto gravava o erario : e ao mesmo tempo que em outros estados de Italia crescia cada dia a divida publica , não para outro fim, senão para criar e sustentar soldadesca ; na Toscana, pelo contrario, pelas providencias de Leopoldo, a mesma divida publica se extinguiu para fundar um governo paternal , e benigno , quieto e tranquillo no interior , e de segurança e boa fe para os visinhos.

E nem por isso se tinham em menos conta as providencias , que erão de utilidade , e de ornamento ; porquanto ao mesmo passo se criavão escolas , conservatorios , recolhimentos , hospícios , e hospitaes. Ordenavão-se melhor os estudos de Piza, e de Sena ; fundavão-se novos palacios , aform-seavão-se os antigos , abrião-se novos passeios , enriquecião-se as livrarias , augmentava-se o gabinete de Physica , e plantava-se um Horto botanico.

No meio de tudo isto o Principe , como justo , e sincero que era , não quiz envolver-se em escuridade. Fez publicar a demonstração por entrada e sahida das rendas do Estado desde 1765 ate 1789. Neste como espelho da economia Toscana se veem as economias ja verificadas , os impostos moderados , e o dinheiro publico convertido em obras pias ja de alivio para os povos , ja de ornamento para o paiz.

Mas he já tempo de falarmos das reformas feitas por Leopoldo , na Toscana , no que respeita ás Disciplinas Ecclesiasticas , materia de tanta gravidade , que deo tamanho brado , e que despertou a geral expectação na Italia e fora della.

Os antigos Toscanos , mais propensos a enriquecer os conventos do que as parochias , deixarão aquelles ricos , e estas pobres. As maximas relaxadas dos Jesuitas , e a Constituição *Unigenitus* havião sido accitadas na Toscana sem opposição. Mas quando foi elevado ao episcopado de Pistoia o Hippoliti, começa-

rão os livros de Porto-Real a andar pelas mãos dos ecclesiasticos. Arnould, Nicole, Duguet, Gournay, Quesnel vierão a ser os seus livros mais estimados. Esta inclinação e affeição á escola de Porto-Real se augmentou muito, quando Scipião Ricci succedeo a Hippoliti na Se Episcopal de Pistoia. Gostou disto Leopoldo, e em 1787 convocou uma assemblea dos bispos da Toscana, a quem propoz 57 artigos todos relativos á reforma da disciplina ecclesiastica. Muitos destes artigos forão adoptados; alguns forão modificados, e alguns outros ficarão reservados para melhores tempos.

O Principe com o parecer de prelados veneraveis por doutrina, e integridade de costumes, procedeo ás reformas mais desafogadamente. Estabeleceo que as parochias fossem providas por concurso; que se augmentassem os seus redditos; que se não pagasse taxa alguma a bispos estrangeiros; que se annullassem as pensões de qualquer especie que fossem, impostas sobre os beneficios curados; que o destino dos fundos vinculados com applicação a usos religiosos, ou a usos indifferentes, pouco uteis, se commutasse de modo que o provento desses fundos se empregasse em augmentar as escassas congruas dos parochos mais necessitados; que com isto, e em compensação de taes applicações desistissem os parochos da exacção dos dízimos, e dos outros direitos da estola; que os parochos fossem obrigados a residir; que ninguém podesse ter mais de um beneficio, ainda que simples fosse, muito menos sendo de residencia; que todos os sacerdotes, que tivessem beneficio de residencia, fossem addictos á igreja, onde o beneficio era fundado, e os simples sacerdotes á igreja do seu domicílio, com dependencia do parcho, e obrigação de o ajudar no seu officio; que os beneficios, ou fossem de nomeação regia, ou de collação ordinaria, sómente se conferissem a quem tivesse servido, ou actualmente servisse á igreja; que os regulares, e os conegos dependessem do parcho, e fossem obrigados a coadjuval-o em tudo o que elle necessitasse desse auxilio; que se provesse á subsistencia dos ecclesiasticos pobres, ou enfermos; que se abolissem os eremitorios, salvo os que fossem uteis; que se sup-

primissem todas as confrarias , associações e congregações de igual natureza ; que a todas se substituissem tam-somente as de caridade ; que os templos , oratorios , re-féitorios , e estancias destas associações supprimidas se applicassem gratuitamente aos parochos : que os reli-giosos regulares dependessem do bispo , nem toma-sem o habito antes dos 18 annos , nem professassem antes dos 24 ; que as religiosas não tomassem o habito antes dos 24 annos , nem professassem antes dos 30 ; que se extinguisse o S. Officio ; que as censuras de Roma , em quanto ás penas temporaes , e os monitorios de excommunhão sem o regio beneplacito , nem se exe-cutassem , nem podessem publicar-se , ou attender-se no foro externo ; que se entendesse abolido o privile-gio , que gozavão os ecclesiasticos de chamar os leigos ao seu foro , e que elles mesmos nas causas criminaes fossem em tudo , e por tudo equiparados aos seculares ; que as curias ecclesiasticas conhecessem das causas me-ramente espirituaes , e somente impo-sessem penas da mesma natureza ; que os Ordina-ros celebrassem cada dous annos Synodos Diocesanos para conservação da pureza da doutrina e santidade da disciplina.

Estas deliberações do principe Toscano , aindaque molestissimas á Corte de Roma , não tocavão comtudo no substancial da Autoridade pontificia , que já des de alguns seculos ou tacitamente consentida , ou expres-samente reconhecida pela igreja , pretendem os papas ter plena e absoluta. Tem os Curialistas Romanos esta opinião , que o papa he o unico vigario e repre-sentante de Christo , e seu plenipotenciario , e que todos os mais bispos do mundo são vigarios , não de Christo , mas do pontifice romano , de maneira que não haja na igreja senão um bispo só universal , que receba de Christo todo o deposito da autoridade ecclesiastica , a qual por elle seja communicada com medida aos subalternos. Mas Scipião Ricci não parou nestas deliberações , antes sempre attento a trazer o governo da igreja aos seus principios , tinha já opinado na as-semblea dos bispos Toscanos que se ampliassem as faculdades não só dos bispos , mas tambem dos paro-chos , querendo , á maneira dos antigos costumes dos christãos , que uns e outros tivessem voto deli-

berativo nos Synodos Diocesanos. Estatuio pois no seu Synodo, que o bispo recebia de Jesu Christo immediatamente todas as faculdades necessarias para o bom governo da sua Diocese; que estas mesmas faculdades se não podião alterar, nem impedir; que o bispo podia sempre, e devia recobrar seus direitos originarios, quando o exercicio delles tivesse sido por qualquer modo interrompido, se o maior bem da igreja o exigisse. As quaes proposições soárão tão mal nos ouvidos romanos que Pio VI alguns annos depois as condemnou como erroneas, e até scismaticas. Acrescentou ainda o Ricci algumas doutrinas, que parecêrão temerarias e injuriosas á Santa Sé, por exemplo, que o limbo dos meijnos era uma fabula pelagiana; que segundo o antigo costume devia haver um só altar em cada igreja; que a liturgia devia celebrar-se em lingua vulgar e em voz alta; que o chamado thesouro das indulgencias era uma invenção escolastica, e que a extensão dellas aos defunctos era uma opinião quimerica, e destituida de fundamento; que a convocação do concilio nacional era um dos meios canonicos de pôr termo ás controversias sobre a fé e costumes. Emfim summamente desagradou a Roma aquella proposição do concilio de Pistoia, na qual se approvárão os Quatro Artigos da Assembleia do Clero Gallicano de 1632, e esta proposição foi a que Pio VI particularmente taxou e condemnou como temeraria, escandalosa, e injuriosa á Santa Sé por uma bulla sua.

Grande rumor levantárão na Italia as doutrinas do Synodo de Pistoia, maiormente quando em Roma fóram condemnados. Publicárão-se então innumeraveis escriptos de pessoas doutissimas nas sciencias ecclesiasticas, uns a favor de Roma, muitos a favor de Pistoia. A lide pendia todavia como suspensão. Dizião os papistas que começavão a fazer-se em Italia as heresias de Lutero. Dizião os defensores de Ricci, que começava a p... h... saudavel á prepotencia romana. Os... que em... vão em seus discursos... as de... ade, e moderação, i... a favor... or numero... e ja... excess... de Ro- ma se ha... olerav...

vantagem a seus adversarios , e cada dia adquirião maior partido,

Estas feridas penetravão tanto mais o coração do Pontifice , quanto no próprio reino de Nápoles se professavão as mesmas , ou pouco differentes doutrinas , etc. etc.

B. C.

---

---

## HISTORIA MODERNA.

### Sexta Lição.

NA nossa ultima reunião não podêmos acabar o exame do estado da Igreja do seculo V ao XII. Depois de ter estabelecido que ella devia ser considerada em três aspectos principaes, primeiro em si mesma, na sua constituição interior; na sua natureza, como sociedade distincta e independente; depois em suas relações com os soberanos, com o poder temporal; e finalmente nas suas relações com os povos, ainda não satisfizemos senão ás duas primeiras partes. Cumpre por tanto que hoje vos faça conhecer a Igreja em suas relações com os povos. Tratarei depois de tirar destes exames uma apreciação geral da influencia da Igreja sobre a civilisação europea desde o V até ao XII. seculo. Verificaremos em fim as nossas asserções com o exame dos factos, e com a historia da Igreja nesta epocha.

Não vos custará a comprehender que fallando nas relações da Igreja com os povos, eu tenho de usar só de termos muito geraes. Eu não posso entrar no desenvolvimento das praticas da Igreja, e das relações habituaes do clero com os fieis. O que vos devo patentear são os principios dominantes, e os grandes effeitos do systema e do procedimento da igreja para com o povo christão.

O facto característico, e para melhor dizer, o vicio radical das relações da Igreja com os povos é a separação dos governantes e governados, a não influencia dos governados sobre o governo, e a independencia do clero christão a respeito dos fieis.

Este mal devia ter sido necessariamente originado pelo estado do homem e da sociedade, porque se introduziu na Igreja christan quasi desde o seu principio. A separação do clero e do povo christão ainda não era completa na epocha a que nos referimos; pois que em certas occasiões na eleição de

bispos, por exemplo, ainda havia algumas vezes intervenção directa do povo christão no seu governo. Esta intervenção porém fazia-se cada vez mais fraca e rara; e foi do segundo seculo da nossa era em diante que havia começado a enfraquecer visivel e rapidamente. A tendencia para a separação e independencia do clero vem a ser em certo modo a historia da Igreja desde o seu berço.

Daqui provem, Senhores, e escuzado é dissimular-o, a maior parte dos abuzos que desde essa epocha, e mais tarde ainda tanto custarão á Igreja. Entretanto não é justo que absolutamente lhos imputemos, nem que consideremos esta propensão para a independencia como particular ao clero christão. Na propria natureza da sociedade religiosa ha uma forte inclinação para elevar os governantes muito acima dos governados, para attribuir aos governantes alguma conza de distincto e divino; mas isto é effeito, da missão de que se encarregarão, e do character com que se apresentam aos olhos dos povos. Com tudo semelhante effeito é mais funesto na sociedade religiosa do que em outra qualquer; porque nella trata-se da razão, da consciencia, e do destino futuro dos governados, isto é, do que ha nelles mais intimo, mais individual e mais livre. E' possivel que o homem, posto dahi lhe resulte grande mal, abandone a uma authoridade exterior a direcção de seus interesses materiaes, e do seu destino temporal. Não é ainda para estranhar o philosopho que annunciando lhe que está a caza a arder responde: "Vão dizel'-o a minha mulher, porque eu não me metto nos negocios domesticos,," Mas quando é interessada a consciencia, o pensamento e a existencia interua será um verdadeiro suicidio moral entregar-se qualquer a um poder estranho, será uma servidão mil vezes peor do que a do corpo, do que a da gleba.

Tal era todavia o mal que sem prevalecer completamente, como irei mostrar, invadia cada vez mais a Igreja christan em suas relações com os fiéis. Vós, Senhores, já visteis que para os proprios clérigos e no gremio da Igreja faltava um penhor á

liberdade. Fora da Igreja e para os leigos era muito peor: porque ao menos entre os ecclesiasticos havia discussão, deliberação, e desenvolvimento de faculdades individuaes; o movimento do combate era ate certo ponto um supprimento á liberdade.

Nada disto porem havia entre o clero e o povo. Os leigos assistião ao governo da Igreja como simples espectadores: e assim não admira que começasse logo a vogar e a prevalecer a idea de que a theologia, as questões e os negocios religiosos são dominio privilegiado do clero; que unicamente o clero tem direito não so de os decidir, mas ate de tratar delles; e que de modo a'gum devem os leigos intro-metter-se nisto. Na epocha de que fallamos estava ja esta theoria em plena voga, e foi necessario que decorressem seculos, e que apparecessem revoluções terriveis para a destruir, e para fazer entrar d'alguma maneira as questões e sciencias religiosas no dominio publico.

Por tanto a separação legal do clero e do povo christão estava quasi concluida tanto de facto como de direito antes do duodecimo seculo.

Entretanto, Senhores, eu não quizera que vós supposseis que o povo christão não tinha nesse tempo influencia alguma sobre o seu governo. E' verdade que lhe faltava a intervenção legal, mas não a influencia. Isto é quasi impossivel em todo o governo; e muito mais em um governo fundado em crenças communs aos governantes e governados. Por onde quer que se desenvolve esta communhão de ideas, onde quer que o governo e o povo forão impellidos pelo mesmo movimento intellectual, haverá entre elles um nexu necessario, que nenhum vicio de organização poderá absolutamente romper. Para me explicar melhor irei buscar um exemplo perto de nós, e na ordem politica; em nenhuma epocha da historia de França teve o povo francez menos acção legal por via das instituições do que nos seculos de sasete e deoito nos reinados de Luiz XIV e Luiz XV. Ninguem ha que desconheça que quasi toda a intervenção directa e official do paiz no exercicio da authoridade, havia a esse tempo acabado. E com



tudo não se pôde duvidar que o publico, ou o paiz teve então sobre o governo muito mais influencia que em outros tempos, em tempos, por exemplo, em que os Estados Geraes são muitas vezes convocados, em que os parlamentos se intromettião na politica, e em que a participação legal do povo no poder era muito maior.

E' pois indubitavel, Senhores, que ha uma força que não está contida nas leis, e que, quando lhe parece, zomba das instituições, é a força das ideas, da intelligencia, e da opinião. Na França dos seculos XVII e XVIII havia uma opinião publica muito mais poderosa do que em qualquer outra epocha: e com quanto ella estivesse desprovida de meios legaes para ter acção sobre o governo, influa com tudo indirectamente pelo imperio das ideas communs aos governantes e governados, pela impossibilidade em que se achavão os governantes de não deixar de attender á opinião dos governados. Na Igreja christã do século V ao XII aconteceu o mesmo: o povo christão não tinha realmente acção legal; mas havia um grande movimento de espirito em materia religiosa; este movimento arrebatava simultaneamente leigos e clérigos, e desta sorte o povo tinha influencia no clero.

No estudo da historia, Senhores, é mister que a todos os respeito se attenda muito ás influencias indirectas, porque ellas são muito mais efficazes, e algumas vezes mais salutares do que communmente se imagina. E' natural aos homens querer que a sua acção seja prompta e apparente, aspirar ao prazer d'assistir aos seus triumphos, ao termo de seus esforços. Isto porém nem sempre é possível, e até mesmo nem sempre util. Ha tempos e situações em que as influencias indirectas e imperceptiveis são as únicas boas e praticaveis. Darei ainda outro exemplo tirado da ordem politica: o parlamento de Inglaterra por mais de uma vez, mas particularmente em 1641, reclamou, á maneira de muitas outras assembleas em crises analogas, o direito de nomear directamente os primeiros empregados da coroa, os ministros, conselheiros de Estado &c.; elle conside-

rava esta ingerência directta no governo como garantia immensa e preciosa. Elle algumas vezes a exerceu, mas sempre se sahio mal da prova: as escolhas erão mal combinadas, e os negócios mal administrados. E com tudo que succede hoje em Inglaterra? Não é por ventura a influencia das Camaras que decide da formação do ministerio, e da nomeação dos grandes empregados de coroa?

E' sem duvida; mas por uma influencia indirecta e geral em lugar d'uma intervenção especial. O effeito a que a Inglaterra por muito tempo aspirou, alcançou-o em fim, mas por differente meio, porque o primeiro sempre lhe sahio mal.

Ha uma razão, Senhores, pela qual eu peço licença para me deter um pouco: a acção directta suppõe nos individuos a quem ella é confiada, muitas mais luzes, razão, e prudencia; porque tendo de alcançar o fim de repente e d'um salto, deverão ter a certeza de o não errarem. Pelo contrario, as influencias indirectas não se exercem senão a través de obstaculos, e depois das provas que as contem e rectificação; antes de conseguirem o seu resultado são condemnadas a ser discutidas, a verem-se combatidas, e fiscalisadas; se triunfão, é de vagar, conditionalmente, e em certos termos. E' por isso que quando os espiritos ainda não estão muito adiantados, nem maduros para que se lhe confie com segurança a acção directta, são preferíveis as influencias indirectas, posto que pela maior parte sejam insufficientes. Era assim que o povo christão influiu sobre o seu governo, muito incompletamente, e ate creio que muito pouco; mas entretanto influiu.

Havia ainda outra causa de união entre a Igreja e os leigos, que era a dispersão, para assim dizer, do clero christão por todas as condições sociaes. Quasi por toda a parte, quando uma Igreja se tem constituido independente do povo que ella governava, a corporação dos sacerdotes tem sido formada d'homens quasi igualmente situados: não quero dizer com isto que deixassem de haver mui grandes desigualdades; com tudo, em todo o caso o poder pertencia a collegios de padres que vivião em commu-

nidade, e que do fundo d'um templo governarão o povo sujeito ás leis. A Igreja christian tinha uma organização inteiramente differente. Desde o misero tegurio do colono e do servo junto ao castello feudal até ao palacio do rei, havia em todos os pontos um padre, um membro do clero. O clero andava associado a todas as condições humanas. Esta diversidade na situação dos padres christãos, esta partilha de todas as fortunas, foi um grande principio de união entre o clero e os leigos, principio que faltou á maior parte das Igrejas investidas do poder. Os bispos, chefes do clero christão, entravam tambem, como ja se viu, na organização feudal, por serem ao mesmo tempo membros da hierarchia civil e da ecclesiastica. Daqui provierão interesses, hábitos, e costumes communs entre a ordem civil e a ordem religiosa. Tem-se censurado muito, e com razão, os bispos que ião á guerra, e os padres que vivião vida de leigos. Por certo que era isto um grave abuso; mas era menor e menos funesto do que foi depois a existencia desses padres que nunca sahião do templo, e cuja vida era inteiramente separada da vida commun. Bispos associados ate certo ponto ás desordens da vida civil valem assim mesmo mais do que padres completamente estranhos á população, aos seus negocios, e costumes. Neste sentido houve entre o clero e o povo christão uma paridade de destino, e de situação, que a não corrigir, ao menos attenuou o mal da separação dos governantes e governados.

Agora, Senhores, admittida esta separação, e determinados seus limites, como venho de fazer, segue-se indagar como é que a Igreja christian governava, e de que maneira influa sobre os povos sujeitos ao seu imperio. Como contribuia ella, por um lado para o desenvolvimento do homem, para o progresso interior do individuo; e por outro lado para melhoramento do estado social.

Pelo que pertence ao desenvolvimento do individuo, eu não creio que na epocha de que tratamos, a Igreja se importasse muito com elle: ella empenhava-se em inspirar aos poderosos do mundo

sentimentos mais benignos, e mais justiça nas relações delles com os fracos; nestes entretinha ella a vida moral, sentimentos e esperanças d'uma ordem mais elevada do que aquellas a que pelo seu destino quotidiano devião aspirar. Com tudo não julgou que para o desenvolvimento individual propriamente dito, para aliviar a natureza pessoal dos homens, concorresse muito a Igreja nessa epocha; ao menos para os leigos. Tudo quanto ella fazia não sahia do seio da sociedade ecclesiastica; importava-lhe muito o desenvolvimento do clero, e a instrução dos sacerdotes; para estes havião-se instituido escolas em que se ensinavão todas as disciplinas que permittia o deploravel estado da sociedade d'então. Erão porem escolas ecclesiasticas unicamente destinadas para instrucção do clero; fora disto a acção da Igreja era indirecta, e exercitava-se por meios muito lentos, que obstavão ao progresso das ideas e dos costumes. E' certo que ella promovia a actividade geral dos espiritos pela carreira que abria a quantos reputava capazes de a servir; mas a isto somente se limitava tudo o que ella fazia nessa epocha para o desenvolvimento intellectual dos leigos.

Ja para o melhoramento do estado social era mais forte a acção da Igreja, e mais efficaz. E' certo que ella lutou obstinadamente contra os grandes vícios do estado social, contra a escravidão; por exemplo. Está dito e repetido que a abolição da escravidão no mundo moderno era completamente devida ao christianismo. Parece-me que isto é exageração: a escravidão subsistio por muito tempo no seio da sociedade christã sem que ella a estranhasse, ou parecesse por isso irritada. Foi mister o concurso de muitas causas, um grande desenvolvimento d'outras ideas, e outros principios de civilisação para abolir este mal dos males; está iniquidade das iniquidades. Entretanto não se pode duvidar que a Igreja empregou a sua influencia para a restringir; e temos disso prova cabal: a maior parte das formulas de libertação ou alforria em diversas epochas são fundadas em motivos religiosos; é em nome de ideas religiosas, de esperanças futuras, e da i-

gualdade religiosa dos homens que quasi sempre se pronunciava a formula libertadora.

A Igreja trabalhava simultaneamente para acabar com diferentes usos barbaros, e melhorar a legislação criminal e civil. Vós, Senhores, sabeis ate que ponto esta legislação, era então absurda e funesta, apazar de conter alguns principios de liberdade; sabeis que provas futeis, como o combate judiciario, e o simples depoimento d'alguns homens erão tidos como os unicos meios de chegar á descoberta da verdade. A Igreja forcejava por lhe substituir meios mais sensatos, e mais legitimos. Fallei ja da differença que se nota entre as leis dos Visigodos, feitas pela maior parte nos concilios de Toledo, e as outras leis barbaras. E' impossivel comparal-as sem admirar a immensa superioridade das ideas da Igreja em materia de legislação, de justiça, e em tudo o que interessa a indagação da verdade, e o destino dos homens. E' certo que a maior parte destas ideas erão tiradas de legislação romana; mas se a Igreja as não tivesse guardado e defendido, se as não tivesse propagado, por certo que terião perecido. Quem quizer saber do emprego do juramento nos processos, abra a lei dos Visigodos, e verá o prudente uso que delle se faz:

„ O juiz para conhecer bem a cauza interrogue pri-  
 „ meiramente as testemunhas, e examine depois os autos,  
 „ a fim de que a verdade se descubra com mais certe-  
 „ za, e que se não recorra com facilidade ao juramen-  
 „ to. A indagação da verdade e da justiça quer que os  
 „ autos d'uma e d'outra parte sejam bem examinados, e  
 „ que a necessidade do juramento pendente sobre a cabe-  
 „ ça das partes; appareça sem se esperar. E o juramen-  
 „ to defira-se so nas causas em que o juiz não tiver che-  
 „ gado a descobrir nenhum documento, prova, ou indi-  
 „ cio certo da verdade. „

Em materia criminal a proporção entre as penas e os delictos é determinada por noções philosophicas e moraes mui justas. Vê-se ali esforço do legislador illustrado que luta contra a violencia e irreflexão dos costumes barbaros. O titulo — *De coede et morte hominum*, comparado com as leis correspon-

dentes dos outros povos, é exemplo manifesto daquelle combate. Alem disto o danno quasi so por si é que parece constituir o crime, e a pena é procurada na repartição material que resulta da composição. E' por tanto o crime reduzido ao seu elemento moral e verdadeiro, a intenção. Os diversos grãos de criminalidade, o homicidio absolutamente involuntario, o homicidio por inadvertencia, o homicidio provocado, o homicidio com premeditação ou sem ella, estão ali distinctos e definidos quasi com tanta exactidão, como se encontram nos codigos modernos, e as penas varião igualmente em justissima proporção. Ainda aqui não pára a justiça do legislador: elle tratou de abolir, ou ao menos de attenuar essa diversidade de valor legal estabelecido entre os homens pelas outras leis barbaças. A unica distincção que se guardou foi a do homem livre e a do escravo. Pelo que respeita aos homens livres a pena não varia segundo a origem nem segundo o genero de morte, mas unicamente segundo os diversos grãos de culpabilidade moral do homicida. Em quanto aos escravos, como se não ouzasse tirar de todo aos senhores o direito de vida e de morte, tentou-se ao menos restringil'o submettendo-o a um processo publico e regular. O texto da lei merece que o cite mos.

„ Se é certo que nenhum culpado ou cumplice do crime deve ficar impune, com quanta maior razão não se deve reprimir aquelle que commetter um homicidio com má tenção, e sem motivo! Por tanto, como há senhores que por orgulho, sem mais razão alguma, matão tão frequentes vezes os seus escravos, convirá que se extirpe inteiramente tão licencioso abuso, e que se ordene que a presente lei seja eternamente observada por todos. Nenhum senhor poderá matar sem sentença publica algum escravo ou escrava que lhe pertença, nem outra qualquer pessoa que lhe esteja sujeita. Se um escravo ou qualquer outro servo commetter um crime que chame sobre si pena capital, seu amo ou senhor, ou o accusador darão immediatamente parte ao juiz do lugar em que se commetteru o crime, ou ao conde, ou duqna. (a) Depois da discussão do ne-

(a) Ao Senhor donatario.

.. gocio . se se provar o crime , o culpado cumprirá a  
 .. sentença , soffrendo a pena de morte , que sobre elle  
 .. mandará executar o juiz ou o próprio senhor ; mas de  
 .. modo que se o juiz não quizer matar o accusado , la-  
 .. vrará por escripto contra elle uma sentença capital .  
 .. e então fica a arbitrio do senhor matal-o ou perdoar-  
 .. lhe . Na verdade se o escravo por uma fatal audacia ,  
 .. resistindo a seu senhor o ferio com uma pedra , ou com  
 .. alguma outra arma ; e se o amo ou senhor querendo  
 .. defender-se e cheio de colera , matou o escravo , não  
 .. será tido como homicida . Mas será mister provar que  
 .. o facto se passou desta sorte ; e que seja pelo teste-  
 .. munho dos escravos ou escravas que estivessem pre-  
 .. zentes , e pelo juramento do autor do mesmo facto . Quem  
 .. quer que por pura maldade , e pôr sua propria mão  
 .. ou por mão alheia tiver morto o seu escravo sem sen-  
 .. tença publica , será notado de infâmia , declarado in-  
 .. capaz de servir de testemunha , obrigado a passar o  
 .. resto de seus dias no exilio ou a fazer penitência , e  
 .. seus bens irão aos parentes mais proximos , a que a  
 .. lei concede a herança . , ,

Nas instituições da Igreja , Senhores , ha um  
 facto , de que geralmente se não tem feito cazo :  
 e é o seu systema penitenciario , systema que de-  
 ve excitar muito a curiosidade de o estudar , porque  
 em quanto aos principios e applicação do direito pe-  
 nal , está em perfeita harmonia com as ideas da  
 philosophia moderna . Se estudaes a natureza das  
 penas que a Igreja impunha , e das penitencias pu-  
 blicas , que erão o seu principal modo de castigo ,  
 vereis que ellas tinham por primeiro objecto excitar  
 arrependimento na alma do culpado ; e o terror mor-  
 ral do exemplo na dos espectadores ; e isto alem  
 da idea de expiação que lhe andava annexa . Em  
 these geral não sei se será possivel separar a idea  
 da expiação da idea de pena ; e se independente-  
 mente da necessidade de provocar o arrependimento  
 do culpado , e de affastar aquelles que podessem vir  
 a ter a tentação de o ser , ha ou não em toda a  
 pena uma occulta e imperiosa necessidade de expi-  
 ar a falta commettida . Pondo porem de parte esta  
 questão , é evidente que o arrependimento e o exem-  
 plo são o fim que a Igreja quer alcançar com o seu

systema penitenciário. E não será este, Senhores, o fim d'uma legislação verdadeiramente philosophica? Acaso não foi, em nome destes principios que no seculo passado, e ainda em nossos dias os mais illustres publicistas reclamarão a reforma da legislação penal europea? Abri, se quereis, os seus livros, os de Bentham, por exemplo, e admirareis todas as semelhanças que haveis de achar entre os meios penaes que elles propõem, e os que a Igreja empregava. Elles não foram provavelmente lá buscados, nem tambem a Igreja podia prever que o seu exemplo ainda algum dia seria invocado para apoiar planos de philosophos, que não tinham muito de devotos.

Finalmente ella empregava igualmente todos os meios possiveis para reprimir na sociedade o recuso á violencia, e guerras continuas. Ninguém ignora o que erão as trevas de Deus, e uma multidão de medidas semelhantes pelas quaes a Igreja lutava contra o emprego da força, e forcejava por introduzir na sociedade mais ordem, e mais brandura. Os factos que dizem respeito a isto são tão conhecidos, que me julgo dispensado de fallar mais nelles.

Taes são, Senhores, os pontos principais que eu tenho a apresentar-vos no que toca ás relações da Igreja com os povos. Nós a considerámos nos tres aspectos que eu annunciei; conhecemos-a agora por dentro e por fora, na sua constituição interior e nas suas duas situações. Resta pois que do que sabemos, deduzamos por inducção e por conjectura a sua influencia geral sobre a civilisação europea. E, se me não engano, este trabalho está quasi feito, ou ao menos muito adiantado; a simples enunciação dos factos, e dos principios dominantes da Igreja, revela e explica a sua influencia; os resultados juntamente com as causas ja em certo modo vos foram presentes. Entretanto se pretendemos resumil-os, chegaremos, segundo penso, a duas asserções genericas.

A primeira é que a Igreja devia ter exercido mui grande influencia sobre a ordem moral e intellectual na Europa moderna, sobre as ideas, sentimentos, e moral publica. O facto é evidente; o de-



desenvolvimento moral e intellectual da Europa foi essencialmente theologico. Corra-se a historia desde o quinto ate ao decimo sexto seculo, e ver-se-ha que é a theologia quem possui e dirige o espirito humano; todas as opiniões tem um resabo de theologia; as questões philosophicas, politicas, e historicas são sempre consideradas debaixo d'um ponto de vista theologico. A Igreja é de tal sorte soberana na ordem intellectual, que ate mesmo as sciencias mathematicas e physicas tiveram de se submeter ás suas doutrinas. O espirito theologico é, para assim dizer, o sangue que correu nas veias do mundo europeu ate aos tempos de Bacon e Descartes. Aquelle em Inglaterra, e este na França, forão quem pela primeira vez desprendêrão a intelligencia dos laços theologicos.

O mesmo facto se encontra em todos os ramos da litteratura; os hábitos, sentimentos e linguagem theologica denuncião-se a cada passo. Com tudo esta influencia foi salutar; não só ella entreteve e fecundou o movimento intellectual na Europa; mas o systema de doutrinas e de preceitos em nome dos quaes ella imprimia o movimento, era muito superior a tudo quanto se conhecia no mundo antigo; pois que havia simultaneamente movimento e progresso.

A situação da Igreja deu alem' disso ao desenvolvimento do espirito humano no mundo moderno, uma extensão e variedade que elle ate ali não tinha tido. No Oriente a intelligencia é toda religiosa; na sociedade grega é quasi exclusivamente humana: naquella desapparecem a humanidade propriamente dita, a sua natureza e destino actual; nesta é o homem, as suas paixões, seus sentimentos e interesses actuaes que occupão todo o terreno. No mundo moderno o espirito religioso entra em tudo, mas sem excluir nada. A intelligencia moderna tem juntas as duas marcas de humanidade e de divindade. Os sentimentos e interesses humanos occupão importante lugar em nossas litteraturas, e com tudo o caracter religioso do homem, a porção de sua existencia que se refere a outro mundo, mostrão-se a cada passo; de modo que as duas grandes fontes

do desenvolvimento do homem, a humanidade e a religião, manñárão ao mesmo tempo e em abundancia; e apesar de todo o mal, e de todos os abusos que interviêrão, não obstante tantos actos de tyrannia, a influencia da Igreja pelo lado intellectual desenvolveu mais do que comprimio, alargou mais do que estreitou.

Pelo lado politico porem é differente o caso. E' certo que a Igreja abrandando os sentimentos e os costumes, desacreditando e expulsando grande numero de praticas barbaras, contribuiu energicamente para o melhoramento do estado social; mas na ordem politica propriamente dita, no que diz respeito ás relações do governo com os subditos, e do poder com a liberdade, não me parece que, em geral, a sua influencia fosse boa. Neste ponto a Igreja sempre se apresentou como interprete e defensora de dous systemas, do theocratico, ou do imperial romano; isto é, do despotismo, ora debaixo da forma religiosa, ora debaixo da forma civil. Examinae todas as suas instituições, a sua legislação, os seus canones, e a mesma forma do processo; e achareis sempre como principio dominante a theocracia, ou o imperio. Quando se via fraca, recorria a Igreja ao poder absoluto dos imperadores; quando se sentia forte arrogava-o todo a si em nome do seu poder espiritual. Mas não é justo que nos limitemos a certos factos ou cazos particulares. A Igreja certamente invocou amiudadas vezes os direitos dos povos contra o mau governo dos principes; muitas vezes tambem o approvou, e suscitou insurreições. Não poucas igualmente ella sustentou perante os soberanos os direitos e interesses populares. Mas quando a questão dos direitos politicos se collocou entre o poder e a liberdade, quando se tratou de estabelecer um systema de instituições permanentes, que possessem realmente a liberdade a salvo das invasões do poder, a Igreja quasi sempre se passou para o lado do despotismo.

Não nos faça porem isto estranheza; nem tomemos toda a culpa á fraqueza humana do clero, ou a algum vicio particular da Igreja christan. Existe outra causa mais profunda e mais forte.

A que tende uma religião, seja ella qual for? tende a governar a vontade e as paixões humanas. Toda a religião é um freio, um poder, e um governo. Ella vem em nome da lei divina para dominar a natureza humana. E' por tanto com a liberdade que ella tem mais relações. E' a liberdade humana quem lhe resiste, e que ella quer vencer. Tal é o intento da religião, a sua missão, e a sua esperança.

E na verdade, ao mesmo tempo que as religiões contendem com a liberdade humana, ao mesmo tempo que ellas aspirão a reformar a vontade do homem, ellas não tem para obrar sobre o homem outro meio moral alem d'elle mesmo, da sua vontade e liberdade. Quando ellas obrão por meios exteriores, pela força, pela seducção, e finalmente por meios estranhos ao livre concurso do homem, então tratão-no como se trata a agua, o vento, como uma força puramente material; desta sorte não alcanção o que pertendem; não chegão até á vontade, nem a governão. Para que as religiões satisfação realmente ao seu objecto, é mister que ellas se fação acceitar da propria liberdade; é mister que o homem se submeta, mas voluntaria e livremente, e que conserve a sua liberdade mesmo no meio da sujeição. Taes são os dous problemas qua as religiões tem de resolver; mas de que frequentes vezes se tem esquecido; por quanto tem considerado a liberdade como obstaculo e não como meio; e tem desconhecido a natureza da força á qual se dirige, comportando-se com a alma humana, como se fosse com uma força material. Em consequencia deste erro é que ellas tem ido quasi sempre tomar posição ao lado do poder e do despotismo contra a liberdade humana, considerando-a unicamente como um adversario, e affadigando-se mais para a conter do que para a defender. Se as religiões tivessem comprehendido bem os seus meios d'acção, se ellas não se tivessem deixado apoderar d'uma tendeneia natural, mas enganadora, terião então visto que é necessario proteger a liberdade para a dirigir moralmente, e que a religião não pode, nem deve obrar senão

por meios moraes; ellas terião respeitado a vontade do homem apprendendo a governal-a. Mas de tudo isto se esquecêrão, e por fim o poder religioso veio a soffrer da mesma sorte que a liberdade.

Eu não levarei mais adiante, Senhores, o exame das consequências geraes da influencia da Igreja sobre a civilisação europea; ellas ficão resumidas nestes dous resultados, — grande e salutar influencia sobre a ordem intellectual e moral; e influencia mais funesta do que util sobre a ordem politica propriamente dita. Resta agora fiscalisar por meio dos factos as nossas asserções, e verificar pela historia o que nós temos deduzido da propria natureza e da situação da sociedade ecclesiastica. Vejamos então qual foi, desde o quinto ate ao duodecimo seculo, o destino da Igreja christan, e se com effeito os principios que eu vos expuz, e as consequencias que delles tirci, se desenvolvêrão taes quaes eu presumi.

Não acrediteis, Senhores, que estes principios, e estas consequencias apparecêrão simultaneamente, e com a clareza com que as apresentei. E' um erro grave e muito commum quando se considera o passado a seculos de distancia, esquecer a chronologia moral, e, singular esquecimento! esquecer que a historia é essencialmente successiva. Tome-se para exemplo, a vida d'um homem, como Cromwell, Gustavo Adolpho, ou o Cardeal Richelieu. Este homem entra na carreira, caminha, adianta-se; acontecimentos extraordinarios influem nelle; assim como elle influe sobre grandes acontecimentos; chega por fim ao seu termo; e então é que o conhecemos, mas no seu todo, tal, para assim dizer, qual depois de longo trabalho sahio das officinas da Providencia. Ora no seu principio elle não era o que depois foi, em nenhum momento da sua vida foi elle completo e acabado; mas successivamente se foi fazendo. Os homens formão-se tanto moral, como physicamente; mudão todos os dias, seu ser continuadamente se modifica. O Cromwell de 1650 não era o Cromwell de 1640. E' certo que ha um fundo d'individualidade, que é o *mesmo* homem que persiste; mas quahtas ideas, sentimentos, e vontades tem nelle mudado!

Quantas couzas ha elle perdido e alcançado ! Em qualquer momento que consideremos a vida do homem, não ha nenhum em que elle tenha sido tal qual o vemos quando chegou ao seu termo.

E com tudo, Senhores, é este o erro em que tem cahido a maior parte dos historiadores ; por terem adquirido uma idea completa do homem, considerão-no sempre da mesma maneira em todo o decurso da sua carreira ; para elles é o mesmo Cromwell que entra em 1628 no parlamento, e que morre dahi a trinta annos no palacio de White-Hall. E em materia de instituições, e d'influencias geraes commette-se constantemente a mesma falta. Façamos mais esforços, Senhores, para a evitar ; eu ja vos apresentei em globo os principios da Igreja, e o desenvolvimento das consequencias. Ficae sabendo que historicamente não é verdadeiro este quadro. Tudo isto foi parcial, successivo, lançado em differentes pontos no espaço e no tempo. Não espereis encontrar na narração dos factos o nexa e ordem prompta e systematica. Veremos agora despontar um principio, apparecer logo outro ; tudo será incompleto, desigual e disperso ; no fim da carreira chega-se aos tempos modernos para poder então achar o nexa. Eu vou expor-vos os diversos estados porque a Igreja passou desde o 5.º ate ao 12.º seculo ; dahi não tiraremos a completa demonstração das asserções que vos apresentei ; mas veremos razões poderosas para pressentir a sua legitimidade.

O primeiro estado em que a Igreja se nos mostra no seculo 5.º é o estado de Igreja imperial, de Igreja do imperio romano. Quando o imperio romano cahio, suppunha-se a Igreja no termo da sua carreira, no seu triumpho definitivo. Ella tinha em fim vencido completamente o paganism. O ultimo imperador que assumio a qualidade de soberano pontifice foi Graciano, que morreu pelos fins do seculo 4.º Este Graciano ainda era chamado summo pontifice como o tinham sido Augusto e Tiberio. A Igreja igualmente se persuadia ter chegado ao termo da sua luta contra os hereticos, principalmente contra os Arianos, que era a principal das heresias daquel-

le tempo. O imperador Theodozio havia promulgado contra elles leis efficazes e rigorosas. A Igreja por tanto estava de posse do governo e da victoria sobre os seus dous mais poderosos inimigos. Foi nesta conjunctura que ella vio desaparecer o imperio romano e que se achou rodeada d'outros pagãos e d'outros herejes, os Barbaros, os Godos, os Vandalos, os Borgonhezes e os Francos. A queda era immensa! E' por tanto natural que no gremio da Igreja se conservassem vivas affeições pelo imperio. Assim a vemos depois tão partidista do regimen municipal, e do poder absoluto. E logo que ella conseguiu converter os Barbaros á sua fe, tratou immediatamente de ressuscitar o imperio. Dirige-se aos reis barbaros, conjura-os para que se fação imperadores romanos, que assumão todos os direitos dos imperadores romanos, e que entrem com a Igreja nas mesmas relações em que ella estava com o imperio. Tal foi o trabalho dos bispos nos seculos 5.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup>; tal era então o estado da Igreja.

A tentativa não podia sahir bem; não havia meio nenhum de restaurar com Barbaros a sociedade romana. A Igreja da mesma sorte que o mundo civil, tambem cahio na barbaria: e foi este o seu segundo estado. Se compararmos os escriptos dos chro-nistas ecclesiasticos do oitavo seculo com os dos seculos precedentes vemos extraordinaria differença. Desapparecêrão todos os vestigios de civilisação romana, ate a propria linguagem; parece mesmo, permitta-se a expressão, que tudo se está a atolar no lado da barbaria. Por uma parte são os Barbaros que entram no clero, e que se fazem padres e bispos; os bispos por outra parte adoptão a vida barbara, e sem deixarem a sua diocese, fazem-se chefes de bandos, e vagão pelo paiz, saqueando, e guerreando como os companheiros de Clovis. Em Gregorio de Tours lê-se de muitos bispos, e entre outros Salone e Sagittario que assim passarão a vida.

No seio desta Igreja barbara desenvolverão-se entre tanto dous factos importantes. O primeiro foi a separação do poder espiritual do poder temporal. Foi

nesta epocha que este principio se desenvolveu ; e bem natural era isto , por quanto a Igreja não tendo podido ressuscitar o poder absoluto do imperio romano para ser sua participante , tinha necessariamente de buscar a sua salvação na independencia. Ella teve de se defender a si mesma por toda a parte , porque a todos os instantes era ameaçada. Cada bispo , e cada padre via que seus vizinhos barbaros estavam continuamente a intervir nos negocios da Igreja para invadir suas riquezas , seu dominio e seu poder ; e então para se defender não tinha outro remedio senão dizer :

“ A ordem espiritual está completamente separada da ordem temporal ; vós não tendes direito de intervir. „ Este principio foi em todos os pontos a arma defensiva da Igreja contra a barbaria. „

Um segundo facto importante pertence á mesma epocha ; e é o desenvolvimento da ordem monastica no Occidente. Foi no principio do sexto seculo que S. Bento deu a sua regra aos monges do Occidente , pouco numerosos ainda então , e que depois se multiplicarão prodigiosamente. Os monges a esse tempo ainda não eram membros do clero ; eram reputados leigos. E' verdade que se iam procurar entre elles padres , e ate bispos ; mas foi so no fim do 5.º seculo e principio do 6.º que os frades em geral forão considerados parte do clero propriamente dito. Vio-se então padres e bispos metterem-se frades , julgando que com isto fazião um novo progresso na vida ecclesiastica. Por taes motivos tomou repentinamente grande desenvolvimento na Europa a ordem monastica. Os frades movião mais a imaginação dos barbaros , do que o clero secular ; tanto o seu numero como a singularidade da sua vida infundião respeito. O clero secular , o bispo , o simples padre nenhuma impressão fazião ja na imaginação dos barbaros acostumados a vê-los , a maltratá-los , e a roubar-los. Atacar porem um mosteiro e os santos varões que o habitavão era reputado um grande crime. Os mosteiros durante a epocha barbara forão um asilo da Igreja , assim como a Igreja era um asilo para os leigos. Os homens piedosos

acoutavão-se ali, da mesma sorte que no Oriente se tinham refugiado na Thebaida para escaparem á vida mundana e á corrupção de Constantinopola.

Taes são na historia da Igreja os dois grandes factos precedentes á epocha barbara; por um lado o desenvolvimento do principio da separação do poder espirital e do poder temporal; e por outro o desenvolvimento do systema monastico no Occidente.

Não fim da epocha barbara houve uma tentativa de ressuscitar o Imperio romano; e foi a de Carlos Magno. A Igreja e o soberano civil contrahirão de novo uma estreita alliança: foi epocha de grande docilidade; e por isso de grande progresso para o pontificado romano. A tentativa falhou novamente; o Imperio de Carlos Magno cahio; mas ficárão á Igreja as vantagens que ella havia tirado da sua alliança. O papa ficou definitivamente chefe da christandade.

Pela morte de Carlos Magno começa de novo o chaos; e nelle tornão a cahir a Igreja e a sociedade civil: ella porem surge logo em trando nos quadros do feudalismo. É este o seu terceiro estado. Pela dissolução do Imperio de Carlos Magno aconteceu com pequena differença o mesmo que na ordem civil: toda a unidade desapareceu; tudo se tornou local, parcial, e individual. Vê-se começar então na situação do clero uma luta que áquelle tempo se não tinha observado: é a luta dos sentimentos e do interesse do possuidor do feudo com os sentimentos e o interesse do padre. Os chefes da Igreja estão collocados entre estas duas posições: uma tende a prevalecer sobre a outra; o espirito ecclesiastico já não é tão poderoso e tão universal; o interesse individual occupa mais lugar; o gosto da independencia, os hábitos da vida feudal, relaxão os laços de jerarchia ecclesiastica. No seio da Igreja faz-se então uma tentativa para prevenir os effeitos desta relaxação. Tenta-se em varios pontos por meio d'um systema de federação, pelas assemblies e deliberações communs organizar Igrejas nacionaes. Nesta epocha, e com o regime feudal é que se encontra o maior numero de concilios, de convocar



ções, de assembleas ecclesiasticas, provinciaes e nacionaes. E' particularmente em França que parece ser seguido com mais ardor este ensaio de unidade. Hincmar, arcebispo de Reims, pode ser considerado como representante desta idea; elle trabalhou assiduamente para organisar a Igreja Franceza; procurou e empregou todos os meios de correspondencia e união que podião contribuir para a unidade da Igreja feudal. Assim vemos Hincmar manter d'um lado a independencia da Igreja a respeito do poder temporal; e do outro a sua independencia a respeito do papa: foi elle que quando soube que o papa queria vir á França, e que ameaçava os bispos com excomunhão, disse: *Si excommunicaturus venerit, excommunicatus abibit.*

Mas a tentativa de organisar assim a Igreja feudal não teve melhor resultado do que o tinha tido a reorganisação da Igreja imperial. Por nenhum meio se poudo restabelecer a unidade nesta Igreja: a sua dissolução era cada vez maior. Cada bispo, cada prelado, cada abbade limitava-se cada vez mais á sua diocese ou ao seu mosteiro. A desordem crescia pela mesma causa. E' o tempo dos maiores abusos da simonia, da disposição inteiramente arbitraria dos beneficos ecclesiasticos, e de maior desordem de costumes entre os padres.

Esta desordem scandalisava em extremo o povo e a melhor parte do clero. E por isso desde o principio desponta um espirito de reforma na Igreja, e uma necessidade de procurar alguma authoridade que ajunte todos os elementos, e lhes imponha uma regra. Cláudio bispo de Turin, Agobard, arcebispo de Leão fazem nas suas dioceses alguns ensaios deste genero; mas elles não estavam em estado de acabar semelhante obra, não havia no seio da Igreja mais que uma força que podesse fazel-o, e era a corte de Roma, o papado. Assim vemos que ella começou logo a prevalecer. A Igreja no decurso do seculo XI passou ao seu quarto estado, ao estado de Igreja theocrática e monastica. O creador desta nova força da Igreja, tanto quanto cabe a um homem crear, foi Gregorio VII.

Nós, Senhores, estamos acostumados a julgar Gregorio VII como um homem que queria fazer tudo immovel, como adversario do movimento intellectual, do progresso social, e como homem que pretendia reter o mundo em um sistema estacionario ou retrogrado. Mas, Senhores, isto não é exacto, Gregorio VII foi um reformador, como o foram Carlos Magno e Pedro Grande, por via do despotismo. Elle foi na ordem ecclesiastica o mesmo que estes dous soberanos foram na ordem civil. Elle quiz reformar a Igreja, e pela Igreja a sociedade civil, introduzindo mais moralidade, mais justiça, e mais regras; elle quiz fazer isto por via da Santa Sé, e para proveito della.

Ao mesmo tempo que elle tentava sujeitar o mundo civil á Igreja, e a Igreja ao papado, com o fim da reforma e do progresso, e não com o fim estacionario e retrogrado, uma tentativa identica, e um movimento igual se produzia no seio dos mosteiros. A necessidade d'ordem, de disciplina e de rigidez moral era mais que muito sensivel. Neste tempo Roberto de Molema introduzia em Cister uma regra severa; S. Norberto fazia a reforma dos Congregos; foi tambem então o tempo da reforma de Clunies, e finalmente da grande reforma de S. Bernardo. Nos mosteiros reina uma fermentação geral; os monges velhos defendem-se, e achão isto mau, dizendo que attentão contra a sua liberdade, que é necessario ir com os costumes do tempo, e que é impossivel voltar á Igreja primitiva; tratão por ultimo todos estes reformadores de loucos, visionarios e tirannos. Abra-se a historia da Normandia, d'Orderico Vital, e lá se encontrarão a cada passo estas queixas.

Tudo pois parecia redundar em proveito da Igreja, da sua unidade e do seu poder. Mas em quanto o papado procurava assumir o governo do mundo, em quanto os mosteiros se reformavão pelo lado moral, alguns homens poderosos, posto que senhores, reclamavão para a razão humana o direito de ser ella alguma couza no homem, o direito de intervir nas suas opiniões. A maior parte não ata-

cava as epiniões admitidas, e as crenças religiosas; elles so disião que a razão tinha o direito de as provar, e que não bastava serem ellas affirmadas pela authoridade. João Erigeno, Roscelin e Abailardo foram os interpretes por meio dos quaes a razão individual tentou reclamar a sua herança; eis os primeiros autores do movimento de liberdade que se associou ao movimento de reforma de Hildebrando e de S. Bernardo. Quando se procura o caracter dominante deste movimento, vê-se que não era uma mudança d'opinião, uma revolta contra o systema das crenças publicas; era tão somente o direito de raciocinar revindicado pela razão. Os discipulos de Abailardo, pedião lhe, segundo elle mesmo nos diz na sua *Introducção á Theologia*, “ argumentos philosophicos ” e proprios para satisfazer a razão, supplicando-lhe ” que os instruisse, não a repetir o que elle lhes ensinava, mas a entendê-lo, porque ninguém o poderia crer sem o ter entendido; e alem disso é ridiculo ” ir prégar aos outros couzas que não pode entender, nem aquelle que professa, nem os que elle ensina... Qual poderá ser o objecto do estudo da ” philosophia, senão conduzir para o de Deus, ao ” qual tudo se deve referir? Com que vistas se permite aos fieis a leitura de escritos contendo couzas ” mundanas, e a dos livros dos Gentios senão para os preparar para a intelligencia das verdades ” da Escritura Santa, e para lhes dar a habilidade ” necessaria para as defender?... E’ principalmente ” com estas vistas, que se deve ajudar a razão com ” todas as forças, a fim de impedir que sobre questões tão difficeis e tão complicadas como as que ” fazem o objecto da fé christan, não cheguem muito facilmente as subtilezas de seus inimigos a alterar ” a pureza da nossa fé.”

A importancia deste primeiro ensaio de liberdade, deste reaparecimento do espirito d'exame, fez-se logo sensivel. A Igreja apezar de entretida com a propria reforma não deixou de temer: declarou immediatamente guerra a estes novos reformadores, cujos methodos muito mais a ameaçavão do que suas doutrinas. Este é o grande factu que apparece no fim

do undecimo, e principio do duodecimo seculo, no momento em que a Igreja se apresenta no estado theocratico e monastico. Pela primeira vez nesta epocha se empenhou uma luta séria entre o clero e os homens de pensar livre. As disputas entre Abeilardo e S. Bernardo, os concilios de Soissons e de Sens, em que Abailardo foi condemnado, não são mais do que a expressão deste facto, que na historia da civilisação moderna occupa mui distincto lugar. Eis a principal circumstancia do estado da Igreja no seculo XII, no ponto em que nós hoje a deixaremos.

Ao mesmo tempo, Senhores, produzia-se um movimento de natureza differente, o movimento de independencia das communs. Singular inconsequencia dos costumes ignorantes e grossciros! Se a estes cidadãos do povo que conquistavão apaixonadamente a sua liberdade se tivesse dito que havia homens que reclamavão o direito da razão humana, o direito d'exame, homens que a Igreja tratava de herejes, elles os terião de certo apedrejados ou queimado immediatamente. Por mais de uma vez estiverão expostos a este perigo Abailardo e seus amigos. Por outra parte, estes mesmos escriptores que reclamavão o direito da razão humana fallavão dos esforços libertadores das communs como d'uma desordem abominavel; e da dissolução da sociedade. Entre o movimento philosophico e o movimento municipal, entre a independencia politica, e a independencia nacional, parecia haver guerra aberta. Tiverão de decorrer seculos para reconciliar estas duas grandes potencias, e para lhes fazer entender a communiidade dos seus interesses. No seculo XII já não tinham nada commum, como mostraremos na proxima lição, fallando da independencia das Communs.

---

## *Ultimos Alentos*

DE NOSSO ANTIGO GOVERNO REPRESENTATIVO.

---

( Capitulo d'um escripto inedito. )

Em Janeiro de 1668 se juntarão os Tres Estados do Reino em Cortes na Cidade de Lisboa, tendo por objecto principal a deposição d'El Rei D. Affonso 6.º, e a entrega da Regencia do Reino a seu irmão o Infante D. Pedro com o titulo de Principe Regente. Não sendo nosso proposito historiar aqui as escandalosas machinações desta tão notavel epocha, basta saber que as Cortes ao mesmo tempo concederão um subsidio de 400  $\text{m}$  cruzados para sustentação das Praças e guarnições, por espaço de tres annos, e 100  $\text{m}$  cruzados para pagamento da divida aos Assentistas, até que fosse satisfeita. O primeiro cuidado do Principe Regente logo que tomou as redeas do governo foi terminar a lucta, que por 27 annos sustentava o Reino, posto que victoriosamente, á custa de tantos sacrificios, contra o poder de Castella: para o que foi assignado o Tratado de paz em Lisboa a 13 de Fevereiro, e publicado nas cortes de Lisboa e Madrid a 10 de Março do mesmo anno de 1668. — O Povo Portuguez costumado desde a Acclamação a ver observar religiosamente as suas leis primitivas e fundamentaes, segundo as quaes tantas vezes desde aquella epocha fora chamado a decidir de accordo com o Reinante os negocios mais arduos do

Estado : este Povo tão zeloso de suas prerogativas, das quaes reputava com razão ser a maior a de impor a si mesmo os subsidios e tributos necessarios para occorrer ás publicas despesas, e determinar a maneira da sua cobrança e applicação ( a ); prerogativa, que hoje é geralmente reputada como a maior belleza do systema representativo : este mesmo povo, digo, tinha bem fundadas esperanças de, passados os tres annos por que concedera os 400,000 cruzados, ver, ou acabar este imposto, ou ser novamente chamado para conhecer da necessidade de sua prorrogação; a qual alias se fazia a todos visivelmente desnecessaria depois da publicação da paz. Achou-se porem illudida a expectação do povo portuguez; levou um golpe mortal o seu antigo governo representativo; ficaram inutilisados alguns esforços, que fez para o consérvar; e o passo franco ao motu proprio, sciencia certa, poder real e absoluto, que não reconhece na terra superior.

Sigamos o fio destes successos em uma de nossas Villas. O Principe Regente fez dirigir ao Ouvidor de... em 28 de Fevereiro de 1671 a Carta seguinte —  
 “ Ouvidor da Comarca de... Eu o Principe vos en-  
 „ vio muito saudar. Por serem acabados os tres annos,  
 „ nos, porque o Reino prometteo contribuir com quatro  
 „ centos mil cruzados para a despeza dos presidios, que  
 „ hoje ha nelle, demais dos cem mil cruzados cada  
 „ anno té serem satisfeitas as dividas dos assentistas; e  
 „ as razões, que então justificarão esta contribuição serem hoje não só as mesmas, mas ainda maiores; e  
 „ ser preciso conservar os cabos e soldados, que com  
 „ tanto valor e tanto á custa de seu sangue defendêrão  
 „ este Reino, por não haver outro meio mais efficaz de  
 „ perpetuar a paz, que hoje se logra, que a conservação  
 „ dos ditos soldados e presidios: mandei escrever ás camaras do Reino, e em particular á dessa Villa, cabeça  
 „ de comarca, quanto importa que se continue esta nova  
 „ contribuição por outros tres annos. E porque o tempo é já muito entrado, e convém fazer logo os  
 „ lançamentos na mesma forma dos annos proximos.

( a ) porque ( diz Gomes Eanes d'Azurara, Cap. 20 da *Tôrre de Ceuta* ) se ( El Rey D. João o 1.º ) ouvea de lançar *seidm*, FORA NECESSARIO de fazer ayuntamiento de Cortes. &c.

„ passados , vos ordeno que logo que esta receberdes  
 „ sem mais dilação com os officiaes da camara, dessa  
 „ Villa deis ordem a se fazerem os lançamentos deste  
 „ anno presente com toda a brevidade , assim os to-  
 „ cantes aos quatrocentos mil cruzados dos prezidios ,  
 „ como aos cento dos assentistas , dispondo este negr-  
 „ cio de maneira, como superintendente que sois destes  
 „ lançamentos e cobrança , que por todo o mez de  
 „ março fique o lançamento feito , pera nesse tempo  
 „ se poder cobrar o primeiro quartel , e se continuar  
 „ com a cobrança dos mais quartéis a seu tempo , em  
 „ que vos haveis com tudo o cuidado , diligencia , e  
 „ bom modo ; e fio de vosso bom procedimento , e do  
 „ zelo , com que acudis a meu serviço , temeis muito  
 „ por vossa conta o ajustamento deste negocio , que tão  
 „ importante é , fazendo-me avizô pela Junta dos Tres  
 „ Estados de como fica executado , para assim ter que  
 „ agradecer. Escrita em Lisboa vinte e oito de feve-  
 „ reiro de seiscentos e setenta e um — O Principe —  
 „ O conde de Pontével — Pera! o Ouvidor de ... — ”  
 Esta carta foi remettida á camara desta Villa , inclusa  
 em Precatoria do Ouvidor , a qual sendo aberta em ve-  
 reação de 6 d’Abril de 1671 perante a nobreza e povo,  
 se lavrou o Auto seguinte — “ E consultando com a  
 „ dita nobreza e mais povo , que presente estava , por  
 „ todos em commum voz foi dito que aceitando todas  
 „ as comarcas do primeiro banco o dito tributo , visto  
 „ estar acabado o contracto , que se fez em cortes pe-  
 „ los tres annos , que se acabarão no ultimo de 670  
 „ annos , estavam prestes para seguirem o que as ditas  
 „ camaras e comarcas do primeiro banco , como são  
 „ Évora , Elvas , Santarem , Coimbra , e o Porto. E  
 „ protestão não aceitando as ditas comarcas , e não  
 „ se seguindo o assento , que sobre este tributo se fez  
 „ em cortes , em razão de ser acabado o contracto pri-  
 „ meiro dos tres annos , e não se fazer segundo , não  
 „ pagar tributo algum sem novo contracto , nem con-  
 „ sentirem em tal repartição , guardando sempre o es-  
 „ tilo , que seguirem as comarcas sobreditas do primei-  
 „ ro banco , com protesto de obedecerem sempre ao  
 „ Principe nosso Senhor , e o servirem como leaes vas-  
 „ sallos com suas vidas e possibilidades. — ” Esta

resposta foi logo communicada ao Ouvidor; e d'este subindo sem demora ao conhecimento do Principe Regente, tornou o dito Ouvidor, por ordem particular de S. A. a instar em nova Precatoria de 16 d'Abril que se fizesse o lançamento do subsidio: sobre o que tornou novamente a ser convocada nobreza e povo a 24 d'Abril, e — “ por elles foi dito que elles estavam obedientes a S. A. como leaes vassallos, mas que muito particular tinham protestado o não distribuirem a dita repartição sem aceitarem e repartirem primeiro as comarcas do primeiro banco; e porque tem por noticia que Evora, Santarem, Coimbra, e Porto não tem acceito, e andarem requerimentos sobre isso; em quanto se não averiguassem os requerimentos, não podião consentir. — ”

Estas opposições dos Povos longe de dobrarem os conselheiros do Principe, fizeram pelo contrario subir de ponto suas pretensões. Ordenou a Junta dos Tres Estados ao Ouvidor que cumulativamente com os subsidios mencionados se lançasse logo o real d'agua, que dantes estava imposto para as fortificações; ordem, que o Ouvidor communicou em Precatoria sua, á qual poz o *Cumpra-se* nesta Villa João d'Alvarenga Ribeiro, Vereador mais velho, e Juiz pela Ordenação; e apresentada em camara de 25 d'Abril, os Officiaes della responderão á dita notificação “ que Sua Alteza, que

„ Deos guarde, nas ultimas cortes, que se fiserão, foi  
 „ servido mandar levantar todos os tributos, que estavam  
 „ impostos por cauza das guerras, em a qual resolução  
 „ se entendeu o dito real d'agua, como com effeito  
 „ se executou a dita resolução, mandando que se não  
 „ pagasse. E assim mais, que o que se alvidrou nas  
 „ ditas cortes para o sustento e conservação do Reino  
 „ forão 400<sup>l</sup> cruzados, a saber 150<sup>l</sup> cruzados para  
 „ o sustento de 3<sup>l</sup> homens e seus officiaes e reforma-  
 „ dos, havendo-se respeito ao Terço de... , armada,  
 „ e o mais, que se paga por outros tribunaes; e as-  
 „ sim mais 250<sup>l</sup> cruzados, que o Reino dá pera as  
 „ fortificações, e embaixadores, e mais gastos do Rei-  
 „ no; e que como nesta quantia se apprehendião as  
 „ ditas fortificações, como constará do assento, que  
 „ disso se fez; disserão não consentião no dito real



„ d'agua , protestando não se lhe tomar por desobe-  
 „ diencia a Sua Alteza , valendo-se do capitulo , que  
 „ do assento neste particular se fez , e alem disso pelo  
 „ povo estar demasiadamente carregado do tributo , que  
 „ se lança , sendo caso que consintão as camaras pro-  
 „ testadas ; e protestão que sendo caso que as comarcas  
 „ do primeiro banco , e mais camaras dellas consintão  
 „ no dito real d'agua somente por este respeito das  
 „ fortificações , não se attendendo ao tributo , que se  
 „ lança , estão prestes pera fazerem o que Sua Alteza  
 „ lhes ordenar , como leaes vassallos e obedientes seus .  
 „ = ” Esta resposta revertendo pelo Ouvidor a S. A.  
 „ tornou este pela mesma Junta dos Tres Estados a 30  
 „ d'Abril a repetir ao Ouvidor a mesma ordem , e este  
 „ a communicar á camara que impuzesse o real d'agua ,  
 „ alem da nova contribuição , que S. A. manda lançar :  
 „ e em Vereação de 19 de Maio = “ estando juntos em  
 „ camara João d'Alvarenga Ribeiro , Vereador e Juiz  
 „ pela ordenação , e Manoel de Faria Barreto , e Chris-  
 „ tovão de Soveral Neto Vereadores , e Antonio Car-  
 „ valho , Procurador do concelho , pera effeito de darem  
 „ cumprimento á dita carta , ali perante elles Juiz e  
 „ Vereadores e Procurador do concelho parecerão Braz  
 „ Martins , e Domingos Banhã , e Francisco Gomes .  
 „ Procuradores e Escrivão dos Misteres , e por elles  
 „ foi dito á elles Juiz e Vereadores e Procurador do  
 „ concelho que á sua noticia lhe viera que por um Pre-  
 „ catorio , que o Ouvidor desta comarca passara a esta  
 „ camara em virtude de uma carta de Sua Alteza ,  
 „ mandava que se lançasse o real d'agua para effeito  
 „ da conservação das fortificações , alem do novo tribu-  
 „ to , que Sua Alteza mandava mais lançar : que elles  
 „ ditos Procuradores e Escrivão requerião a elles di-  
 „ tos Juiz e Vereadores e Procurador do concelho da  
 „ parte do povo que não consentissem em tal lança-  
 „ mento , por quanto nas ultimas cortes , que se fize-  
 „ rão , o novo tributo , que se lançou , se incluia na  
 „ quantia delle o necessario para as ditas fortificações ;  
 „ pelo que o povo não era obrigado ao tal real d'agua ;  
 „ e que protestavão o povo não o pagar , sendo caso  
 „ que o novo tributo continue : e que assim o requerião  
 „ a elles Juiz e Vereadores , e requerião lhe tomassem

„ seu requerimento , e protesto ; o que visto por elles ,  
 „ a requerimento dos ditos Procuradores , mandarão  
 „ chamar a nobreza , e mais povo desta Villa , a som-  
 „ de campa tançada , os quaes se ajuntarão nesta ca-  
 „ mara , a quem propozêrão o requerimento dos ditos  
 „ procuradores dos misteres , que por todos em vozes  
 „ foi dito que requerião a elles ditos Juiz e Vereadores  
 „ não dessem cumprimento á dita carta do Ouvidor  
 „ quanto ao real d'agua , que se manda impor pera  
 „ as fortificações , visto incluír-se a despeza dellas : na  
 „ nova contribuição , que se manda lançar ; nem menos  
 „ lançassem a dita nova contribuição , sem primeiro se  
 „ averiguar se aceitavão as comarcas do primeiro banco  
 „ na forma , que se tinha protestado ; e que requerião a  
 „ elles Juiz , e Vereadores , e Procurador do Concelho ;  
 „ por ser requerimento do povo todo disserão que elles  
 „ não desobedecião ás ordens de Sua Alteza , e querião  
 „ dar cumprimento ao dito precatorio , por quanto o  
 „ Juiz lhe requeria que o dessem ; e pelos ditos Procu-  
 „ radores e mais povo foi dito não querião consentir no  
 „ real d'agua , nem no novo tributo , sem se averigua-  
 „ rem primeiro as razões acima ditas , de que o Juiz e  
 „ Vereadores , e Procurador do Concelho mandarão fa-  
 „ zer este termo , que assignarão com os procuradores  
 „ e Escrivão dos Misteres ; e pelo dito Juiz foi requeri-  
 „ do a mim Escrivão lhe passasse uma certidão de co-  
 „ mo lho requereo aos vereadores , e procuradores do  
 „ concelho , e aos procuradores do povo , e mais povo  
 „ dessem cumprimento a esta carta , e se lançassem os  
 „ tributos contêudos nella , assistindo-lhe , por quanto  
 „ elle só o não podia fazer , e protestava não lhe pre-  
 „ judicar este termo ; e pelo dito povo foi dito que sem  
 „ embargo do requerimento do dito Juiz tinha respon-  
 „ dido : de que tudo fiz este termo , que elles assigna-  
 „ rão. E eu Gregório de Faria Barreto , Escrivão da  
 „ camara ; que o escrevi = Seguem-se as assignaturas  
 „ = ” Esta opposição cançava já a paciência dos  
 „ tribunaes e dos aulicos do Principe , a quem parecendo  
 „ neste caso mais facil cortar o nó , que desatal-o , fize-  
 „ rão escrever ao Ouvidor a seguinte breve , mas bem ex-  
 „ pressiva carta = “ Ouvidor de... Eu o Principe vos en-  
 „ vio muito saudar. Convem a meu serviço que logo

„ que receberdes esta carta vades á Villa de..., e pren-  
 „ dais a Braz Martins , e Domingos Banha , Procu-  
 „ radores do Povo , e Francisco Gomes , Escrivão dos  
 „ Misteres , o os remettais presos á cadeia do Limoeiro  
 „ desta cidade ; e feita esta diligencia lanceis naquella  
 „ Villa a nova contribuição , e o real d'agua : e se por  
 „ parte dos Vereadores se vos fizer a isso repugnancia,  
 „ os prendereis tambem , e enviareis na mesma confor-  
 „ midade , avizando-me pela Secretaria do Estado de  
 „ Bragança do que obrardes nesta diligencia , que é da  
 „ importancia que sabeis. Escrita em Lisboa a dez de  
 „ Julho de 671 annos. — O Principe — Para o Ouvidor  
 „ de... == ” Em cumprimento de tão terminante ordem  
 veio o Ouvidor a esta Villa, e apresentou em camara de  
 3 d'Agosto a carta antecedente == “ e por estarem pre-  
 „ sentes João de Alvarenga Ribeiro , Vereador mais ve-  
 „ lho , e Juiz pela Ordenação , e Manoel de Faria Bar-  
 „ reto vereador segundo , e Christovão Soveral Neto,  
 „ Vereador mais moço , e Antoujo Carvalho , Procu-  
 „ rador do Concelho ; e Braz Martins , e Domingos  
 „ Banha , Procuradores do Povo , e Francisco Gomes ,  
 „ seu Escrivão do mesmo Povo ; e por todos foi dito  
 „ uniformemente que elles não punhão duvida alguma  
 „ aceitar os ditos tributos , como aceitavão , e por este  
 „ se obrigavão a fazer os ditos lançamentos logo ,  
 „ como leaes vassallos de Sua Alteza ; e que nunca en-  
 „ contrarão suas ordens ; e somente por terem informa-  
 „ ção que nas comarcas d'Evora , e outras do primeiro  
 „ banco , se não tinha aceito , fizeram alguma demo-  
 „ ra neste lançamento ; e que sem embargo de estar a  
 „ mesma duvida em pé , por se não haver decedido ,  
 „ fazião a dita aceitação com protesto que resolvendo-se  
 „ a que não paguem as referidas comarcas , como tam-  
 „ bem a cabeça desta comarca , ficarão estes lança-  
 „ mentos em proveito de cabeção das Sizas. E por en-  
 „ tanto tratavão de fazer o dito lançamento , e cobraça  
 „ delle. De que tudo mandarão fazer termo , e man-  
 „ darão que a dita ordem de Sua Alteza se esten-  
 „ desse no Livro dos Rezistos , para della constar a  
 „ todo tempo == ” Dest'arte decahiõ finalmente a ca-  
 „ mara e povo de seus tão antigos foros , fazendo quan-  
 „ to nelles coube por salvar a sua dignidade n'um protesto,

unico e inutil desafog) em casos semelhantes, de que por desgraça abundão os exemplos.

Este procedimento do Governo, o maior passo na verdade que podia dar-se para o poder absoluto, não foi contudo bastante para fazer esquecer logo á Nação quaes erão os seus direitos, e a pratica d'antes usada em identicas circumstancias: e assim por largos tempos conservou um espirito de liberdade e de independencia, que os Reis claramente conhecião, e que, pozto que não temessem, respeitavão. Seirão-me disto boas testemunhas o meo Príncipe quando Rei D. Pedro 2.<sup>o</sup>, e seu filho ElRei D. João 3.<sup>o</sup>. O 1.<sup>o</sup> em Carta para esta mesma camara de 15 de Novembro de 1706, depois de expor os extraordinarios sacrificios pecuniarios, que tem feito para sustentar em campanha dous exercitos, e um delles em paiz estranho; e a impossibilidade de continuar a guerra só com as rendas ordinarias do Estado: manda que continue o subsidio das decimas, que se paguem sizas dobradas, e que das rendas dos Concelhos se tire uma terça alem da que se acha consignada para as fortificações: concluindo a sobredita Carta — “ E estou certo de vossa lealdade, amor, „ e zelo que tendes a meu serviço, e da conservação „ e gloria do nome portuguez, contribuireis com este „ subsidio de boa vontade para huma occasião de tão „ uteis e gloriosas consequencias; e porque a urgente „ necessidade não permite a dilação de convocar o Reino a Cortes, como dezejava, e vos é notorio; querendo tambem evitar as despezas, que costumão fazer os povos com os seus Procuradores, e reservar as pera tempo, em que lhe seião menos sensiveis, alem de serem estes pelas suas pessoas necesarios para as disposições militares, que se offerecerem em suas terras; fica sendo preciso que sem este requisito contribuades com este novo subsidio; e espero do zelo, com que me servis, e do cuidado, com que deveis attender a vossa propria conservação, o executeis assim: e podeis estar certos que desvanecido o embaraço das circumstancias presentes vos convocarei a Cortes, pera que nellas vos certifiqueis das justas e inexcusaveis causas, que tenho pera o estabelecimento destes novos tributos, porque a minha tenção

„ é não só de guardar os vossos foros e usos louvaveis,  
 „ mas ainda alliviar-vos de qualquer encargo: e que as-  
 „ sin o geyde procurar com todo o cuidado, corres-  
 „ pondendo com as verdadeiras demonstrações da ini-  
 „ nha Real benevolencia, e affecto, com que amo a  
 „ meus vassallos, e a lealdade e zelo, com que me ser-  
 „ vís que é o motivo, que me tem posto no presente  
 „ empenho; procurando a vossa segurança, e a con-  
 „ servação de meus Reinos = ” ElRey D. João 5.<sup>o</sup>  
 nos primeiros annos do seu reinado usava da mesma  
 linguagem. Em Carta para a mesma Camara de 25  
 de Janeiro de 1709, — manda que continue o tributo  
 das Decimas, e Sizas dobradas, e diz que espera o  
 fação com a mesma boa vontade, com que até alli  
 o tem feito = “ sem embargo de se não celebrarem  
 Cortes pelos impedimentos, que ainda assistem; e co-  
 nheceis = ” E em Carta de 30 de Janeiro de 1712,  
 na qual impõe o tributo do *Novo usual* ( que erão 4  
 rs. em cada arratel de carne, e 5 rs. em cada cana-  
 da de vinho, alem das mais contribuições, que já  
 pagavão estes generos ) porque a urgentissima neces-  
 sidade assim o pede = “ sem embargo de se não ce-  
 „ lebrarem Cortes, porque a dilação de convocar-as  
 „ seria mui prejudicial na presente conjunctura, não  
 „ sendo a minha tenção alternar, ou abolir por esta  
 „ causa os privilegios dos ditos Reinos = ”

---

## Artes.

### ESTABELECIMENTO AGRICOLA DE MR. DE FELLEMBERG EM HOFWIL NA SUISSA.

---

Na Academia das sciencias moraes e politicas de Paris, sessão de 28 d'Abril de 1838, fez Mr. Dunoyer em nome da Secção de moral um Relatorio acerca do estabelecimento de Hofwil na Suissa, creado e dirigido ha 40 annos com um constante zelo, e continuado successo por Mr. de Fellemborg, correspondente da Academia.

O grande estabelecimento de Hofwil não é somente uma eschola d'agricultura, é ao mesmo tempo uma grande casa d'educação, aonde todas as classes da sociedade achão o grão d'instrucção, que lhes é necessario nas diversas carreiras, a que os mancebos se destinão. Entre nós (os Francezes) a instrucção, que se recebe nos collegios e em quasi todas as nossas escolas de diversos grãos, é distincta de toda a educação professional, de tal sorte que os mancebos de todas as classes, quando entrão no mundo, nada sabem da profissão, a que se tem destinado; e depois de terem recebido uma instrucção mais ou menos litteraria, são obrigados a começarem de novo a apprender o que lhes cumpre para o seu estado. Mr. de Fellemborg parece ter conhecido a tempo este inconveniente, e é o que lhe suggerio o plano d'uma grande casa d'educação, em que os mancebos recebessem ao mesmo tempo uma duplicada instrucção, intellectual e professional. Considerando a agricultura não só como a mais util de todas as profissões, e a mais generalisada; mas também como aquella que mais era abandonada ao imperio da rotina; creou primeiramente um grande estabelecimento agricola, no qual os agricultores das

classes pobres recebem gratuitamente a instrução theorica e pratica, que lhes é necessaria em sua profissão.

Mr. de Fellemborg, diz o relator, fazendo de seus alumnos, ou d'uma grande parte de seus alumnos, cultivadores, quiz que fossem cultivadores esclarecidos; e começou por reunir em Hofwil tudo o que podia fazer um estabelecimento agricola, sábia e poderosamente organizado; a saber, um grande terreno d'experiencias, em que os diversos processos agricolas se sujeitão a experiencias repetidas. — Um terreno modelo, para onde são transplantados, e definitivamente applicados os melhoramentos assim obtidos. — Uma fabrica de aperfeiçoamento para os instrumentos aratorios. — Uma fabrica dos instrumentos definitivamente adoptados para uso do estabelecimento de Hofwil e do publico — Emfim um instituto especial d'agricultura para o ensino theorico da arte agricola.

Pouco a pouco em torno destes estabelecimentos fundamentaes se tem erigido outros institutos, destinados a receber as diversas classes de alumnos, que o fundador se propunha educar: um especialmente reservado para as classes ricas; outros affectos ás classes intermedias; dous emfim reservados ás classes pobres; e entre estes um mui extenso para rapazes, e outro menor para raparigas, mas situado bem junto da habitação de Mr. de Fellemborg, e ao qual Madame de Fellemborg e suas filhas se tem reservado o direito de dirigir por si mesmas. — Os alumnos destes diversos institutos se encontram no estabelecimento agricola, cujos trabalhos se fazem dabaixo dos olhos de todos; mas posto que se encontrem, não se confundem, e ficão unidos pelos laços d'uma estima e benevolencia reciprocas, conservando as posições respectivas, que tem na sociedade.

Com quanto a vida seja no seu fundo activa em Hofwil, nem porisso se passa unicamente no estabelecimento agricola, nem é atenuada pelos trabalhos praticos e theoricos deste estabelecimento. Como cada classe tem o seu instituto á parte, recebe o ensino geral e especial, que mais é appropriado

a seu ulterior destino. Este ensino sim é no instituto superior menos elevado do que aquelle, que se recebe em nossos estabelecimentos universitarios; mas por outra parte é muito mais variado. Os alumnos de todos os institutos se entregão á gymnastica, e cultivão mais ou menos todas as artes d'imaginação, o canto, a musica, o desenho linear.

Mr. de Fellemborg tem-se principalmente applicado a dar uma boa direcção ao caracter moral de seus alumnos. Faz observar, na carta, que escreveu á Academia, quanto se torna urgente que seja disvellada a educação moral e religiosa no estado presente dos espiritos — “ Sem duvida nos terá maravilhado, escreve elle, a formidavel desproporção, que se faz notar em nossa civilisação entre o desenvolvimento das disposições moraes e religiosas, e o accrescentamento, que tem adquirido os meios de gozar, accrescentamento, que arrasta cada vez mais as familias de todas as classes, mesmo na mais mesquinha posição, a ceder sem medida e sem prudencia ao attractivo dos prazeres materiaes. Só um desenvolvimento intelligente e mui disvellado, ( ajunta Mr. de Fellemborg ) das affecções moraes e religiosas do homem poderá moderar um pouco estas fataes tendencias, e preservar as novas gerações da perda daquillo, que a nossa civilisação contem de mais precioso. = ,

Em summa o systema d'educação estabelecida em Hofwil, considerado em si mesmo, e abstrahindo de seus resultados, é essencialmente pratico. Instruindo seus alumnos, os prepara para uma profissão: não tem o inconveniente de os fazer sair de sua classe; e dando-lhes todos os meios de melhorarem sua condição, deixa-os na classe, em que os achou. Em lugar de lhes dar a todos uma educação uniforme, appropria cuidadosamente sua educação a seu estado. Não desenvolve certas faculdades da intelligencia com detrimento de todas as outras; e sobre tudo se applica a fazer contrahir aos alumnos habitos moraes e religiosos dando a todas as partes do ensino um caracter religioso mui elevado, e profundamente sentido.



Em quanto aos resultados obtidos, a Secção da Academia lamenta não estar sufficientemente esclarecida pelas peças, que tem á vista, para emittir uma opinião formal com todo o conhecimento de causa. Mas se este systema d'educação offerece alguns pontos mais especiosos do que solidos, e que tem parecido susceptíveis de critica a alguns membros: ha outros sobre que todos tem combinado, e é para reconhecer as intenções philantropicas, e a nobre sacrificio do fundador da cauza de Hofwil, que depois de ter consagrado quarenta annos de sua vida á direcção e accrescentamento de seu grande estabelecimento agricola, o offerece em puro dom á Republica de Berne. = Seria difficil, diz Mr. Lannoyer, concluindo o seu relatorio, terminar por um acto mais nobre: uma vida tão generosa, e tão activamente empregada.

---

## Miscellanea.

---

### A Abadessa de Castro. (\*)

Helena admirou-se desta partida para Roma. Acaso temerá elle os tiros de meu irmão? dizia ella tristemente. O amor tudo desculpa, excepto a ausencia voluntaria que é o maior dos supplicios. Em vez de passar o tempo em agradável meditação, e de se occupar inteiramente em analisar as razões que ha para amar o amante; a vida é agitada por suspeitas cruéis. Mas, finalmente, poderei eu pensar que elle já me não ama? dizia Helena durante os trez longos dias da ausencia de Branciforte. Repentinamente a sua tristeza foi substituida por uma alegria desordenada: no terceiro dia vio-o apparecer ao meio dia passeando na rua por diante do palacio de seu pae; vinha vestido de novo, e com luxo. Nunca a elegancia do seu porte, e o aspecto alegre e animado do seu semblante tinham brilhado com maior esplendor, e nunca tambem antes deste dia se tinha falado tantas vezes em Albano da pobreza de Julio. Erão os homens, e mais que tudo os mancebos que repetião esta cruel palavra. As mulheres, e principalmente as raparigas, não falavão senão na sua linda figura.

Julio gastou o dia todo a passear pela cidade, e parecia querer indemnisar-se dos dias de reclusão a que a sua pobreza o havia condemnado. Debaixo da sua nova tunica andava Julio, bem armado, como convinha a um amante. Alem da espada e do punhal elle trazia vestido o seu *giacco* especie de collete comprido feito de malhas de fer-

ro, muito incómodo para trazer; mas que perseverava os corações italianos de uma triste molestia, de que naquelles tempos se sentião repetidas vezes os pungentes ataques; fallo do receio de ser morto ao voltar a esquina de uma rua por um dos inimigos que ninguem deixava de ter. Neste dia Julio esperava poder ver Helena, e alem disso elle tinha alguma repugancia em se achar só consigo mesmo na sua casa solitaria; e o motivo era o seguinte. Ranucio, antigo soldado de seu pae, depois de ter feito com elle dez campanhas nas tropas dos diversos *condottieri* (\*), e ultimamente nas de Marco Sciarra, tinha acompanhado o seu capitão quando as suas feridas o obrigarão retirar-se. O Capitão Branciforte tinha suas razões para não querer viver em Roma, onde se arriscava a encontrar os filhos de homens que elle matára; mesmo dentro dos muros de Albano não tinha la grandes desejos de se pôr inteiramente á disposição da autoridade regular.

Em vez de comprar, ou de alugar casa na cidade, antes quiz edificar uma, situando-a de maneira que pudesse ver de longe quem o viesse visitar... Achou nas ruínas de Alba uma posição magnifica: podia, sem ser visto dos vizitantes indiscretos, refugiar-se no bosque onde reinava o seu antigo amigo e patrão, o príncipe Fabricio Colonna. O capitão Branciforte fazia muito pouco caso do futuro de seu filho. Quando elle deixou o serviço tendo apenas cincoenta annos de idade, mas crivado de feridas, calculou que poderia ainda viver dez annos, e depois de edificar a sua casa gastou cada anno a decima parte do que tinha ajuntado nos saques das cidades e villas a que tinha tido a honra de assistir. Comprou a vinha que rendia a seu filho trinta escudos, para tapar a boca a um proprietario de Albano muito sarcástico, que lhe tinha dito uma vez em que elle disputava com calor sobre os interesses e honra da cidade — que na verdade a um proprietario tão rico como elle é que pertencia dar concelhos aos *anciões* de Albano =.

(\*) Chefes de saltadores.

O capitão comprou a vinha, e annunciou que compraria muitas ontras; dahi a tempos encontrando o chasqueador n'um sitio retirado matou-o com um tiro de pistola.

O Capitão depois de passar oito annos neste modo de vida morreu: seu ajudante de campo, Ranucio, adorava Julio; no entretanto cansado da ociosidade entrou no serviço do principe Colonna. Vinha muitas vezes ver "o seu filho Julio," era o nome que lhe dava; e na vespera de um perigoso assalto que o principe devia sustentar na sua fortaleza de Petrella, tinha levado Julio para combater ao pé de si. E vendo que era muito valente, disse lhe:

— E' preciso na verdade que tu sejas louco, e alem disso basbaque para viveres ao pé de Albano como o ultimo e o mais pobre dos seus habitantes, quando pelas tuas façanhas e com o nome de teu pae podias ser entre nós um guapo aventureiro; fazendo ao mesmo tempo a tua fortuna. — Estas palavras atormentarão Julio; elle sabia latim, que lho tinha ensinado um padre; mas como seu pae fazia escarneo de tudo o que dizia o padre, que não fosse latim, não tinha por tanto instrucção alguma. Porem em pago desta, vendo-se desprezado pela sua pobreza, abandonado na sua casa,ahi havia adquirido um certo senso commum tão ousado que faria admirar os sabios. Por exemplo, antes de amar Helena, e sem saber o motivo, elle era apaixonado pela guerra, mas tinha aversão ao saque, que era considerado por seu pae o capitão Ranucio, como o entremez destinado a fazer rir, e que vem depois da seria tragedia. Mas este mesmo bom senso adquirido nas suas solitarias reflexões fazia o supplicio de Julio depois que amava Helena. Esta alma, outrora tão indifferente, não se atrevia a consultar ninguem nas suas duvidas, e estava cheia de paixão e de miseria. Que não diria o senhor de Campireali, se soubesse, que elle era um soldado aventureiro? então é que elle o reprehenderia asperamente e com razão! Julio tinha sempre fundado as suas esperanças no estado militar, como um recurso certo para o tempo em que elle já

tivesse gasto as cadeias de ouro e outras joias que tinha encontrado no cofre de ferro de seu pae. Se Julio não tinha escrupulo de roubar ( sendo tão pobre ) a filha do opulento senhor de Campireali ; era porque naquelle tempo os paes dispunhão dos seus bens depois da sua morte conforme quizerão ; e o senhor de Campireali podia deixar a sua filha unicamente mil escudos. Outros problemas occupavão muito a imaginação de Julio. 1.º Para que cidade se refugiaria elle com a joven Helena depois de a ter desposado e roubado a seu pae ? 2.º onde iria elle buscar os meios para se sustentar a si e a ella ?

Quando o Snr. de Campireali lhe dirigio a amarga reprehensão , que tanta impressão lhe fizera , Julio esteve trez dias na maior desesperação , e na mais pungente afflicção : elle nem podia resolver-se a matar o velho insolente ; nem a deixal-o viver : passava noites inteiras a chorar : finalmente resolveu consultar Ranucio , o unico amigo que tinha no mundo : mas comprehendet-o-ia este amigo ? Debalde o procurou em toda a floresta da Faggiola , vio-se obrigado a tomar a estrada de Napoles para alem de Velletri , onde Ranucio commandava uma embuscada ; elle estava ali com numerosa companhia esperando Ruy d'Avalos , general espanhol , que ia para Roma por terra ; sem se lembrar que ainda ha pouco , e diante de muita gente elle tinha fallado com desprezo dos soldados aventureiros de Colonna. O seu capellão lembrou-lhe esta pequena circumstancia muito a proposito : e Ruy d'Avalos tomou o partido de armar um pequeno barco e de fazer a viagem embarcado.

Apenas o capitão Ranucio acabou de ouvir a narração de Julio, disse-lhe ; — Descreve-me exactamente a pessoa desse senhor de Campireali , afin de que a sua imprudencia não custe a vida a algum honrado habitante de Albano. Logo que termines o negocio que aqui me retém , has-de ir a Roma ; e terás cuidado em te mostrar ali em todas as estalagens , e outros lugares publicos a todas as horas do dia ; e preciso que ninguem possa desconfiar de ti por causa dos teus amores com sua filha.

Julio teve muito trabalho em acalmar a colera do antigo companheiro de seu pae, e foi obrigado a mostrar-se arrenegado. — Tu pensas que eu vim pedir-te a tua espada? disse-lhe elle por fim, eu creio que tambem tenho uma; o que eu vim pedir-te foi um conselho prudente.

Ranucio terminava todos os seus discursos por estas palavras — Tu és novo, ainda não foste ferido; o insulto foi publico; e a um homem deshonrado até as mulheres despresão.

Julio disse que desejava reflectir mais sobre o que o seu coração queria, e apesar das instancias de Ranucio que pertendia absolutamente que elle tomasse parte no ataque que se ia fazer á escolta do general hespanhol, onde, dizia elle, se alcançava honra sem fallar nes dobrões, Julio voltou sózinho para a sua pequena choupana. Foi ali que na vespera do dia em que o Snr. de Campireali the atirou um tiro, elle tinha recebido Ranucio e o seu ajudante, que vinhão dos contornos de Velletri. Ranucio empregou a força para ver o cofre de ferro, onde, o seu patrão o velho Branciforte, guardava em outro tempo as cadeas de ouro, e outras joias, cujo valor não julgava util gastar depressa. Ranucio achou lá dous escudos.

— Aconselho-te que te mettas frade, disse elle para Julio, tu tens para isso todas as virtudes; do amor da pobreza aqui está a prova; em quanto a humildade, tu te deixas vilipendiari no meio da rua por um opulento d'Albano: só te falta ser hypocrita e gulotão.

Ranucio metteu á força cincoenta dobrões no cofre. — Dou-te a minha palavra, disse a Julio, que se daqui a um mez o Senhor de Campireali não estiver enterrado com todas as honras devidas á sua nobreza e á sua opulencia, o meu ajudante, aqui presente, ha-de vir com trinta homens demolir a tua pequena casa, e queimar os teus pobres trastes. E preciso que o filho do capitão Branciforte não faça neste mundo uma triste figura por causa do amor. —

Quando o Snr. de Campireali e seu filho atirarão os dous tiros estavam Ranucio e o ajudante postados debaixo da

varanda de pedra : e Julio teve o maior trabalho possível para os não deixar matar Fabio, ou pelo menos roubal-o, quando este fez a imprudente sortida passando pelo jardim, como já dissemos. O argumento que fez socegar Ranucio foi o seguinte : — E' preciso não matar um mancebo que ainda pode ter algum préstimo ; em quanto ha um velho peccador mais culpado que elle, e que só serve para dar de comer aos bixos da terra. —

No dia seguinte ao desta aventura Ranucio entranhou-se na floresta, e Julio partiu para Roma. O prazer que elle tinha de comprar vestidos novos com os dobrões que Ranucio lhe havia dado era muito contrabalançado por esta idea bem singular para o seu seculo, e que annunciava os altos destinos que no futuro lhe estavam reservados. Elle dizia consigo. "E' necessário que Helena saiba quem eu sou." Qualquer outro homem da sua idade e do seu tempo só teria cuidado em gozar do seu amor, roubar Helena, sem pensar nem levemente no que seria della dahi a seis mezes, ou na opinião que ella poderia ter delle.

Depois que chegou a Albano, e na mesma tarde do dia em que Julio ostentava a toda a gente os bellos vestidos que trouxera de Roma, soube pelo velho Scotti, seu amigo, que Fabio tinha sahido da cidade a cavallo para ir dahi a tres legoas ver umas terras que seu pae possuía na planicie á borda do mar. Mais tarde vio elle o Snr de Campitreali acompanhado de dous padres tomar o caminho da magnifica rua de carvalhos verdes que ornão a borda da cratera, no fundo da qual se estende o lago de Albano. Dez minutos depois uma velha se introduzio affoutamente no palacio de Campitreali com o pretexto de vender boas fructa, e a primeira pessoa que encontrou foi a pequena tia Marietta, intima confidente de sua ama Helena, a qual muito corou ao receber um lindo ramo de flores. A carta que o ramo encobria era de extensão fora do commum. Julio contava tudo quanto tinha soffrido desde a noite dos tiros ; mas por um pudor bem singular não se atrevia a patentear-lhe aquillo de que qual-

quer outro mançebo de seu tempo tanto se ufanaria ; e era o ser filho de um capitão celebre pelas suas aventuras ; e ter-se elle mesmo assignalado pela sua bravura em mais de um combate. Mas parecia-lhe a elle que estava de continuo a ouvir as reflexões que estes factos inspirarião ao Snr. de Campierali. E' preciso saber que no seculo XV as donzellas ainda um tanto affeitas ao bom senso e simplicidade republicana , estimavão mais um homem por as suas proprias acções do que pelas riquezas amontoadas por seus antepassados , ou pelas façanhas destes. Mas erão principalmente as donzellas plebeas que nutrião estas ideas. As que pertencião á classe rica ou nobre tinhamo medo dos salteadores , e , como é natural , tinhamo em grande estima a nobreza e a opulencia. Julio terminava a sua carta com estas palavras = Ignoro se os vestidos decentes que eu trouxe da Roma vos fizerão esquecer a cruel injuria que me fez ha pouco uma pessoa que vós respeitaeis , causada pela minha apparencia miservel. Eu podia vingar-me , deya tel-o feito ; a honra assim o exigia : porem eu não o fiz em atenção ás lagrimas que a minha vingança teria custado a uns olhos que eu adóro. Isto pode provar-vos , se por desgraça minha ainda o duvidaes , que se pode ser muito pobre , e ter com tudo sentimentos nobres. Tenho finalmente a revelar-vos um segredo terrivel , e que de certo nada me custaria a dizer a outra qualquer mulher , mas não sei porque estremeço quando penso em vol-o revelar. Elle pode destruir em um momento o amor que me tendes , e protesto nenhum da vossa parte me satisfaria. Quero ler nos vossos olhos o effeito da minha confissão. Um destes dias ao anoitecer hei-de ir ter convosco ao jardim que está por de traz do vosso palacio. Nesse dia Fabio e vosso pae estarão ausentes : logo que eu tenha a certeza que , apesar do seu desprezo por um pobre rapaz mal vestido , elles não podem roubar-nos tres quartos ou uma hora de conversação , apparecerá por baixo das janellas do palacio um homem que andará a mostrar aos rapazes uma raposa mansa. Mais



tarde ao toque de Trindadês , haveis de ouvir um tiro ao longe , nesse momento approximaê-vos do muro do jardim , e , se não estiverdes só , cantae ; e se tudo estiver silencioso , este vosso escravo tremulo se lançará á vossos pés , e vos contará couzas que talvez vos horrorizem . Em quanto não chega este dia decisivo e terrivel para mim , não me ornarei a arriscar a appresentar-vos o ramo á meia noite : mas pelas duas horas da manhan hei-de passar cantando , e talvez da vossa varanda de pedra deixareis cahir uma flor colhida por vós no jardim . Talvez sejam estas as ultimas demonstrações de amizade que deis ao infeliz Julio . — ”

Dahi a tres dias o pae e irmão de Helena tinham ido a cavallo para a quinta que possuião á borda do mar . devião sair de lá um pouco antes do pôr do sol para poderem estar em caza ás duas horas da noite . Mas quando ião a montar virão que não só os dous cavallos , mas todos quantos havia na quinta , tinham desaparecido . Muito admirados deste roubo ousado procurarão os cavallos , que se encontrarão no dia seguinte na matta de arvores altas proxima ao mar . Os dous Campirealis , pae e filho , forão obrigados a voltar para Albano em um carro puchado a bois . Nessa noite quando Julio se apresentou aos pés de Helena era quasi noite escura , e a pobre menina estimou muito esta obscuridade ; ella apparecia pela primeira vez diante daquelle homem que amava ternamente , e que muito bem o sabia ; mas ao qual ella nunca tinha fallado .

Uma observação que ella fez , deu lhe alguma coragem . Julio estava mais pallido e tremia mais do que ella . Ella via-o a seus joelhos : “ Certamente ; dizia elle , eu não estou em estado de vos fallar . ” Houve no entre tanto alguns momentos que devião ser muito felizes ; elles olhavam um para outro , mas sem poderem articular uma so palavra , e immoveis como um grupo de marmore muito expressivo . Julio estava de joelhos com uma mão de Helena entre as suas , esta com a cabeça inclinada considerava-o attentamente .

Julio bem sabia que segundo os conselhos dos seus amigos que todos pertencião á mocidade dissoluta de Roma, elle devia tentar alguma couza ; mas só esta idea lhe causou horror. Sahio deste extase , e talvez da mais viva felicidade que pode dar o amor com a lembrança de que o tempo vaa rapidamente ; e que os Campirealis não devião tardar. Elle conheceu que tendo a alma tão escrupulosa não podia sentir felicidade permanente em quanto não fizesse á sua amante a terrivel declaração : que na opinião dos seus amigos de Roma seria uma rematada loucura.

— Tenho-vos fallado d'uma declaração , que eu talvez não deveria fazer-vos , disse finalmente a Helena. Aqui começou Julio a fazer-se pallido , e accrescentou com visivel embaraço , e quasi que sem poder respirar ; — Talvez que eu vá ver desaparecer para sempre sentimentos cuja esperança me sustenta a vida. Vós pensaes que eu sou um pobre ; mas ainda isto não é tudo : *eu sou saltador , e filho de saltador.*

Ao ouvir isto , Helena, filha d'um homem rico , e que tinha todos os temores proprios da sua raça , sentio que ia desmaiar ; e receou cahir ao chão. Que afflicção não será para este pobre Julio ? dizia ella consigo : elle cuidará que eu o desprezo. Elle estava aos seus joelhos. Para não cahir ella encostou-se a elle , e pouco depois cahio em seus braços desfallecida. Ja viuos como no seculo XVI era prezada a exactidão nas historias de amor : porque não era a intelligencia quem as julgava , mas sentia-as a imaginação , e a paixão do leitor identificava-se com a dos heroes. Os dous manuscritos porque nos guiamos , e particularmente aquelle que apresenta algumas locuções proprias do dialecto florentino , dão muito pelo miudo a historia de todas as reuniões que houve depois desta. Os perigos tiravão todos os remorsos que a donzella podia ter: muitas vezes forão aquelles extremos : mas com tudo isso não fizeram senão inflamar estes dous corações , para os quaes erão fortunas todas as sensações porcedentes do seu amor. Muitas vezes estiverão Fabio e

seu pae a ponto de os surprender. Elles andavão furiosos por desconfiarem que erão enganados : a fama publica fazia-lhes saber que Julio era o amante de Helena , e com tudo elles nada vião. Fabio joven impetuoso e arrebatado , e altivo alem disso pela nobreza de seu nascimento , propoz a seu pae mandar assassinar Julio , dizendo-lhe ; — Em quanto elle for vivo , correrão sempre grande risco os dias de minha irman. Quem nos dirá tambem que a nossa honra não obrigará a ensopar as mãos no sangue dessa obstinada ? Sua audacia subio ja ao ponto de não negar o seu amor ; vós a vistes responder ás vossas reprehensões com um silencio de indifferentismo : ora pois ! seja esse silencio a sentença de morte de Julio Branciforte — Mas repara primeiro respondia-lhe o senhor de Campirali , quem foi o pae delle. E' verdade que nos não é difficil ir passar seis mezes a Roma , e nesse entretanto fazer desaparecer esse Branciforte da superficie da terra. Mas quem nos diz a nós que seu pae , que mesmo cheio de crimes foi bravo e generoso , generoso a ponto de enriquecer muitos dos seus soldados , ficando elle pobre ; quem nos diz , repito , que seu pae não tem ja amigos , ou no bando do duque de Monte-Mariano , ou no de Colonna , que se refugia muitas vezes na matta da Faggioletta , distante daqui só meia legoa ? Em tal caso seremos todos assassinados sem remissão , tu , eu , e talvez tambem tua desditosa mãe. —

Estes colloquios entre o pae e o filho , amiudadas vezes repetidos , não erão absolutamente ignorados por Victoria Carolina , mãe de Helena , e levavão-lhe a desesperação ao fundo d'alma. O resultado das dissensões entre Fabio e seu pae , foi assentarem que não convinha á sua honra soffrer tranquillamente a continuação dos bantos que circulavão em Albano. E como não era prudente fazer desaparecer este joven Branciforte , que todos os dias parecia mais insolente e que , demais a mais , depois que andava mais decentemente vestido levava a arrogancia a ponto de nos lugares publicos dirigir as suas fallas tanto a Fabio , como ao proprio senho

de Campireali , fazia-se necessario lançar mão d'algun dos dous seguintes expedientes , ou de ambos ao mesmo tempo ir toda a familia habitar para Roma , e tornar a metter Helena no convento da Visitação de Castro , onde se conservaria ate se lhe arranjar casamento conveniente.

Nunca em tempo nenhum tinha Helena feito a sua mãe a declaração do seu amor , uma e outra amavão-se ternamente , passarão juntas a vida , e com tudo nem uma so palavra tinham proferido sobre um objecto que a ambas quasi igualmente interessava . Mas pela primeira vez se denunciou com palavras o objecto quasi unico do pensamento d'ambas . quando a mãe deu parte á filha de que a familia ia residir para Roma , e que talvez ella tivesse de estar recolhida alguns annos no convento de Castro.

Esta conversação era imprudente da parte de Victoria Carafa , e so a excessiva ternura com que amava sua filha a pode desculpar . Helena , cega pela paixão , quiz mostrar ao seu amante que não se envergonhava da sua pobreza , e que não tinha limites a confiança que fazia da sua honra . " Quem tal havia de acreditar ! exclama o autor florentino , que depois de tantas praticas que tiverão no jardim com eminente risco de morrerem ali mesmo ambos , e ate uma ou duas vezes no proprio quarto de Helena , esta com tudo isso ainda era pura ! Confiada na sua virtude propoz um dia ao amante sahirem do palacio á meia noite pela porta do jardim , e irem passar o resto da noite na pequena casa delle edificada sobre as ruinas d'Alba , e distante dali mais d'um quarto de legoa . Disfarçárão-se com habitos de frades franciscanos : Helena era de estatura grande , e por isso parecia um frade noviço de 18 ou 20 annos . O que é incrível , e mostra claramente o dedo de Deus , é que na estreita vereda aberta na rocha , e que ainda hoje passa entre o muro e o convento dos Capuchinhos , Julio e sua amante vestidos de frades encontrárão o senhor de Campireali e seu filho Fabio com quatro criados bem armados e um pagem adiante com um archote acceso , que vinhão de

Castel Gandolfo, aldea situada nas margens do lago que fica dali perto. Os Campirealis e seus criados para deixarem passar os dous amantes, collocárão-se á direita e á esquerda d'este caminho aberto no rochedo, e que terá, quando muito, oito pés de largo. Oh! quão feliz teria sido para Helena se naquelle momento fosse reconhecida! Ella teria morrido logo ali d'um tiro de pistola disparado por seu pae ou irmão, e o seu supplicio não duraria mais d'um instante: mas o céo tinha ordenado d'outra sorte (*superis aliter visum*)

“Accresce mais uma circumstancia a este singular encontro, a qual a *signora* de Campireali, que chegou a viver perto de cem annos, contava algumas vezes em Roma diante de pessoas mui graves, e de provecta idade, e que m'a communicárão quando a minha insaciavel curiosidade as interrogava sobre este e muitos outros objectos.

“Fabio de Campireali, que era um mancebo mui ufano da sua coragem, e cheio d'altivez, notando que o frade mais velho não saudava seu pae nem a elle, tendo de passar tão perto d'ambos, disse: — Ora aqui temos um maroto d'um frade bem pouco humilde! Sabe Deus o que a taes deshoras elle e o companheiro vão fazer fora do convento! Estou capaz de lhes arrancar os capuzes da cabeça para lhes ver as caras! ... — Julio ao ouvir isto agarrou o punhal que levava debaixo da tunica, e collocou se entre Fabio e Helena. A este tempo apenas a distancia d'um pe o separava de Fabio: o ceo porem não quiz assim, e por milagre acalmou o furor destes dous mancebos, que dentro de pouco tempo tinham de se ver bem de perto.”

No processo que depois se instaurou a Helena de Campireali, quizerão allegar este passeio nocturno como prova de corrupção. Elle era o delirio d'um coração novo inflamado pelo amor, mas era um coração puro.

### III.

Convem saber que os Orsinis, rivaes eternos dos Co-

lonnas, e omnipotentes então nas aldeas mais vizinhas de Roma, tinham feito condemnar á morte pouco tempo antes pelos tribunaes do governo, um rico lavrador chamado Balthazar Bandini, natural da Petrella. Seria eufadonho referir agora as diversas acções que se imputavão a Bandini; a maior parte serião hoje crimes, mas não podião ser julgados com tanto severidade em 1559. Bandini estava prezo em um castello pertencente aos Orsinis, e situado na montanha para o lado de Valpontone a seis legoas d'Albano. O Barigel (\*) de Roma acompanhado de cento e cincoenta dos seus esbirros passou uma noite inteira na estrada; elle vinha procurar Bandini para o levar para Roma para as prisões de Tordinona: Bandini havia appellado para Roma da sentença que o condemnava á morte. Mas, como ja dissemos, elle era natural da Petrella, fortaleza pertencente aos Colonnas: a mulher de Bandini veio dizer publicamente a Fabricio Colonna, que estava na Petrella. — Então deixaes assim morrer um dos vossos fieis servos? — Colonna respondeu: — Não permita Deus que em tempo algum eu me affaste do respeito que devo ás decisões dos tribunaes do papa, meu senhor! — Seus soldados immediatamente receberam ordens, e mandou avizo a todos os seus partidistas para que se preparassem. O ponto de reunião foi dado nas visinhanças de Valpontone, pequena villa edificada no cume d'um rochedo pouco elevado, mas que tem por muralha um precipicio continuo e quasi vertical, da altura de sessenta a oitenta pés. Para esta villa, pertencente ao papa, é que os partidistas dos Orsinis, e os esbirros do governo tinham transportado Bandini. Entre os mais zelosos sectarios do poder era contado o senhor de Campireali e Fabio seu filho, que demais a mais ainda tinham algum parentesco com os Orsinis; Branciforte e seu pai erão afeiçoados aos Colonnas.

Nas circumstancias em que não convinha aos Colonnas manifestar as suas acções, recorrião elles a uma mui simples precaução: a maior parte dos ricos aldeões romanos,

( \* ) Chêfe d'archeiros, ou de quadrilheiros — meirinho.

tanto algum dia como agora, pertencião a alguma companhia ou irmandade de penitentes, os quaes nunca apparecem em publico senão com a cara coberta com um panó de linho furado em dois pontos correspondentes aos olhos. Quando os Colonnas não querião que se soubesse d'alguma empreza sua convidavão os do seu partido para virem ter com elles vestidos de penitentes.

Depois de longos preparativos marcou-se finalmente para um domingo a transferencia de Banditini, que era o objecto unico de todas as practicas por aquelles sitios. No dia fixo ás duas horas da manhã mandou o governador de Valmontone tocar a rebate por todas as aldeas da charneca da Faggiola. Vião-se os aldeões sahir em grande numero de cada povoadó. ( Os costumes das republicas da meia idade em que havia um combate para obter qualquer couza que se desejasse, tinhão conservado muita bravura no coração dos povos. Hoje em dia em occasiões destas ninguem appareceria.)

Naquelle dia podia-se notar uma cousa singular : ao passo que os destacamentos d'aldeões armados se entranhavam na charneca, o seu numero diminuia ametade; os partidarios dos Colonnas dirigião-se para o lugar designado por Fabricio. Seus chefes parecião persuadidos de que nesse dia não haveria combate; de manhã tinhão recebido ordem de espalhar este boato. Fabricio percorria toda a charneca com a melhor parte da sua gente montada em potros ainda por amansar, pertencentes ás suas caudelarias. Elle passava uma especie de revista aos diversos destacamentos que ião chegando, mas não lhes fallava porque qualquer palavra podia fazer mal. Fabricio era um homem alto, magro, de uma agilidade e força incriveis; tendo apenas quarenta e cinco annos ja os cabelos da cabeça e os bigodes erão excessivamente brancos, o que muito o desgostava, porque por este signal se podia reconhecer a sua presença em lugares onde elle antes quereria passar incognito. Logo que os aldeões o vião, gritavão: *Vira Colona!* e logo

punhão os seus capuzes de paño de linho. O proprio principe trazia o seu capuz sobre o peito, prompto para o poder enfiar logo que avistasse o inimigo.

Este não se fez esperar: o sol nascia apenas quando um corpo de mil homens pouco mais ou menos, pertencentes ao partido dos Orsinis, e vindo do lado de Valmontone, penetrarão na charneca, e vierão passar á distancia de trezentos passos, com pouca differença, dos partidistas de Fabricio Colonna, que este tinha mandado deitar no chão. Alguns minutos depois de terem desfilado os ultimos dos Orsinis que formavão esta vanguarda, poz o principe a sua gente em movimento: elle tinha resolvido atacar a escolta de Buidini um quarto d'hora depois de ter entrado na matta. Neste lugar a charneca está cheia de pequenos rochedos da altura de quinze a vinte pés, que são formados d'antigas torrentes de lava nas quaes os castanheiros crescem prodigiosamente a ponto de interceptarem a luz do ceo. Como aquellas torrentes mais, ou menos atacadas pelo tempo, fazem que o terreno seja muito desigual, para poupar a estrada principal muitas pequenas subidas e descidas inúteis, fizeram-se excavações na lava, de forma que muitas vezes a estrada vai tres ou quatro pés acima da floresta.

No lugar do ataque projectado por Fabricio havia uma clareira coberta d'hervas, e cruzada em uma de suas extremidades pela estrada principal. Esta estrada tornava depois a entrar na matta, a qual neste lugar sendo cheia de tojos e arbustos mettidos por entre as arvores ficava inteiramente impenetravel. Foi a cem passos pela charneca dentro e de ambos os lados da estrada que Fabricio pozou os seus peões. A um signal que o principe deu, cada aldeão compoz o seu capuz, e tomou posição com a sua espingarda atrás d'um castanheiro: e os soldados do principe postarão-se a tras das arvores mais vizinhas da estrada. Os aldeões tinham ordem mui positiva de não atirarem se não depois dos soldados, e estes se devião fazer fogo quando o inimigo estivesse a vinte passos. Fabricio mandou cortar



á pressa umas vinte arvores que arremessadas sobre a estrada, já estreita naquelle sitio, a fazião inteiramente intransitavel. O capitão Ranucio com quinhentos homens seguiu a vanguarda: elle tinha ordem para a não atacar senão quando ouvisse os primeiros tiros d'espingarda disparados das arvores que interceptavão a estrada. Quando Fabricio Colonna vio seus soldados e partidistas bem collocados, cada um atraz da sua arvore, e cheios de resolução, partiu a galope com todos os seus que vinhão montados, e entre os quaes era apontado Julio Branciforte. O principe tomou por uma vereda á direita da estrada principal, que ia ter á extremidade da clareira mais desviada da estrada.

Poucos minutos depois da ausencia do principe vio se vir ao longe pela estrada de Valmontone uma numerosa tropa de cavalleiros, que erão os esbirros e o Barigel, escoltando Bandini, e todos os cavalleiros dos Orsinis. No meio delles vinha Balthazar Bandini com quatro carrascos aos lados vestidos de vermelho, os quaes tinham ordem para executar a sentença dos primeiros juizes; e matar Bandini, se vissem que os partidistas dos Colonnas o podião libertar.

A cavalaria de Colonna chegavá apenas á extremidade da clareira mais desviada da estrada, quando ouviu os primeiros tiros da emboscada por elle collocada na estrada principal adiante das arvores cortadas. No mesmo momento mandou correr a galope a sua cavalaria, e dirigio a carga sobre os quatro algozes vestidos de vermelho que cercavão Bandini.

Não seguiremos a narração deste pequeno combate que duraria uns tres quartos d'hora: os partidistas dos Orsinis apavorados de surpresa fugirão em debandada: mas na vanguarda foi morto o bravo capitão Ranucio, acontecimento este que teve uma funesta influencia sobre os destinos de Branciforte. Apenas tinha este descarregado algumas cuteladas, aproximando-se sempre dos homens vestidos d'encarnado, quando se achou cara a cara com Fabio Campireali.

Este montado em mais fozpe cavallo, e defendido com

um *giacco* dourado exclamava ; — Quem são estes misera-  
veis mascarados ? Vamos a cortar-lhes as máscaras com as  
espadas : vejamos que tal me porto nesta obra ! — E nisto  
Julio Branciforte recebeu um golpe horizontal sobre a tes-  
ta. Este golpe foi dado com tanta habilidade que o pano  
que lhe cobria a cara cahio ao mesmo tempo que sentio  
os olhos cegos pelo sangue que corria da ferida , que com  
tudo não era grave. Julio desviou o seu cavallo para ter  
tempo de respirar e de limpar o sangue do rosto. Elle  
queria tambem a todo o custo evitar a occasião de comba-  
ter com o irmão de Helena , mas o seu cavallo estava ja  
a quatro passos de distancia de Fabio , quando recebeu no  
peito uma furiosa cutilada que não penetrou por causa do  
seu *giacco* , mas que lhe tirou a respiração por um mo-  
mento. E quasi ao mesmo tempo ouviu gritar aos ouvidos :

— *Ti conosco , porco* : bem te conheço vilão ruin !  
Ja sei como ganhas o dinheiro para substituirees os teus far-  
rapos.

Julio vivamente estimulado esqueceu-se da primeira re-  
solução que havia tomado , e voio sobre Fabio , e disse-lhe em  
voz alta :

— *Ed in mal punto tu venisti (\*) !*

Depois de descarregados de parte a parte alguns gol-  
pes de espada tinha cahido esfarrapado a um e outro o res-  
tido que cobria as suas cotas de malha. A cota de Fabio  
era dourada e magnifica , a de Julio das mais ordinarias :

— Em que monte de esterco achaste tu o teu *giacco* ?  
exclamou Fabio.

Neste mesmo momento Julio achou a occasião que des-  
de meio minuto procurava. A soberba cota de malha de  
Fabio não lhe ajustava bem no pescoço , e Julio dirigio-lhe  
ao pescoço um pouco descoberto uma estocada que penetrou.  
A espada de Julio enterrou-se quasi um palmo na gargan-  
ta de Fabio , fazendo rebentar o sangue em golfadas.

( \* ) Infeliz de ti ! que vieste em ma hora !

— Insolente ! gritou Julio ; — e nisto galopou para os homens vestidos d'encarnado, dous dos quaes ainda estavam a cavallo a cem passos de distancia. Quando se ia aproximando deiles cahio o terceiro : mas no momento em que Julio ia a chegar ao quarto , este vendo-se cercado de mais de dês cavalleiros disparou uma pistola a queima-roupa sobre o malfadado Balthazar Bandini , que logo cahio ao chão. Vendo isto Branciforte , disse para os que estavam ao pe :

— Meus amigos , visto não termos ja aqui que fazer , vamos perseguir estes esbirros que fogem cada um para sua parte. — Todos o seguirão.

Quando dahi a meia hora Julio veio para onde estava Fabricio Colonna , este senhor lhe fallou pela primeira vez em sua vida. Julio encontrou-o transportado de colera , contando achal'o ebrio de alegria por uma victoria completa , e inteiramente devida ás suas boas disposições : por quanto os Orsini tinham tres mil homens , e Fabricio para este combate não havia reunido mais de mil e quinhentos.

— Nós perdemos o nosso bravo amigo Ranucio , disse o principe a Julio , em mesmo acabou agora de lhe tocar o frio corpo. O pobre Baltazar Bandini está ferido mortalmente. Assim na verdade nós nada ganhamos. Porem a sombra do bravo capitão Ranucio hãde apparecer bem acompanhada na presença de Plutão. Já dei ordem para se enforcarem nos ramos das arvores todos os prisioneiros. Não sejaes omissos , senhores , no cumprimento das minhas ordens , disse elle erguendo a voz. — E partio a galope para o lugar em que foi o combate da vanguarda. Julio era como que o segundo commandante da companhia de Ranucio : seguiu o principe , que depois de chegar ao pe do cadaver do bravo soldado que jazia rodeado de mais de cincoenta cadaveres inimigos , segunda vez se apeou para apertar a mão de Ranucio. Julio imitou-o , e começou a chorar. — Tu és muito novo , disse o principe a Julio , mas assim mesmo vejo-te coberto de sangue , e teu pae foi um bravo , que recebeu mais de vinte feridas no serviço dos Co-

lonnas. Toma o commando do resto da companhia de Ranucio, e conduz seu cadaver á nossa Igreja da Petrella; e tem cautella, por que podes ser atacado na estrada.

Julio não foi atacado, porem matou com uma cutelada um dos seus soldados, que lhe disse que era muito novo para commandante. Esta imprudencia foi boa, porque Julio ainda ia todo coberto do sangue de Fabio. Em toda a extensão da estrada elle ia encontrando as arvores vergando com o peso dos homens que se enforcavão. Este espectáculo que causava horror, junto á morte de Ranucio e sobre tudo á de Fabio, fazia-o quasi louco. Sua unica esperanza, era que provavelmente se ignoraria o nome do vencedor de Fabio.

Passemos em claro os mais feitos militares. Julio dahi a tres dias poudo vir passar algumas horas a Albano; elle dizia aos seus conhecidos que uma febre violenta o fizera demorar em Roma, porque teve de ficar de cama uma semana inteira.

Porem reparou Julio que todos o tratavão com mais respeito; as pessoas de maior consideração erão as primeiras a cumprimental-o; e alguns imprudentes chegarão ate a chamar-lhe — *senhor capitão*. Passou muitas vezes por diante do palacio Campireali, que encontrou todo fechado, e como o novo capitão era muito timido quando se tratava de fazer certas perguntas, foi so no meio do dia, que elle poudo determinar-se e interrogar Scotti, velho que sempre o havia tratado com summa bondade.

— Onde estão os Campirealis? vejo fechado o seu palacio!

— Meu amigo, respondeu Scotti com subita tristeza, esse nome nunca mais deve ser proferido pela vossa boca. Vossos amigos estão persuadidos que foi elle quem vos provocou, e por toda a parte o espalhão; mas finalmente elle era o obstaculo principal ao vosso casamento, e pela sua morte fica uma irmã excessivamente rica, e que vos ama. Pode-se ate dizer, e esta indiscrição agora é virtude, que

ella vos ama a ponto de vos ir vizitar de noite á vossa pequena caza d'Alba. Assim pode-se dizer por interesse vosso, que vós ja ereis marido e mulher antes do fatal combate dos *Giampi* ( é o nome com que se designou o combate que descrevemos ). — O velho interrompeu por ver que Julio chorava.

— Vamos para a estalagem , disse Julio — Scotti seguiu-o : derão-lhes um quarto , no qual se fechárão por dentro , e Julio pediu ao velho licença para lhe contar tudo quanto se tinha passado nos oito dias antecedentes.

---

---

## Revista Litteraria.

---

Extractos das memorias do Principe Talleyrand Perigod, antigo bispo d'Autun &c. colligidos e ordenados pela condeça O... du C. autora das *Memorias de uma senhora de bem.* ( *d'une femme de qualite* ) 4. Vol in 8.<sup>o</sup> Paris 1839.

Hoje em dia apenas morre alguma pessoa de importancia logo a especulação começa a trabalhar por satisfazer as impaciencias do publico, o qual quer por força que lhe contem toda a vida privada daquelle que figurou muito na scena do mundo. Uma tal tendencia dos animos é que nos tem mimoseado com um sem numero de memorias, cuja serie vai ter mais alguma importancia com a publicação dos que annunciamos, relativas ao principe Talleyrand. E na verdade qual é o homem que nestes ultimos 50 annos se collocou na mesma altura da esphera politica? Eu bem sei que o que mais se deseja é que estas memorias tenham o cunho de authenticidade, que tanto se preza nesta qualidade d'obras. Este ponto é muito delicado, não insistiremos nelle com receio de fazer suspeitas as nossas asserções. Daremos com tudo um summario das materias da obra, que será o melhor testemunho a favor da immensa variedade d' objectos que a fazem recommendavel á attenção do publico.

O principe de Talleyrand começa por descrever com sublimidade o fim do reinado de Luis XV; os ministros Choiseul, e d' Aiguillon; a intriga de *madame Dubarry*, a acclamação de Luis XVI, a Rinha, *Monsieur* ( depois Luis XVIII ), o conde d'Artois ( depois Carlos X ), a familia Polignac, a sua

sociedade, os Rohans, os costumes da nobreza, do clero, dos capitalistas, dos magistrados, e da classe media: os d'Argental, Luxembourgs, Villars, Thibonvilles, Ville-Vieilles, Lekains, Ponteuils, Raucourts, Sainvals, Vestris, Pervilles, &c.: depois ao passo que se adianta, o drama augmenta em fogo; vem o cardeal de Rohan e o collar, Cagliostro, e suas impenetraveis *peloticas*; Mesmer e seus prestigios, Beaumarchais, Necker e Franklin.

O principe é depois nomeado bispo. Seguem-se algumas particularidades relativas a esta nomeação. Vem depois a assemblea dos notaveis: os estados geraes; Cazalis, Maury, Mirabeau, Bailly, Mounier, Clermont-Tonnerre, Barnave, Lally-Tollendal, Brienne, Lamoignon, Bezenval, Condé, Conti, la Rochefoucault, la Fayette &c. pintados e julgados pelo principe, como ja tinha feito a d'Alambert, Diderot, d'Holbach, Grimm, Marmontel &c.

Toma depois uma parte activa nos negocios publicos; passa a Inglaterra; a convenção considera-o emigrado. Pinta-se a familia, e a corte de Jorge III, e muitos membros do parlamento britannico; dirige-se aos Estados-Unidos: considerações sobre a patria de Washington, onde é bem recebido, sem contudo perder as sandices da patria, á qual ~~ma-~~dama Stael, pela sua influencia no directorio, faz que elle volte.

Descrevem-se os principaes caracteres daquella epocha: o principe é successivamente elevado ás maiores dignidades do estado, ate que por intrigas de Fouché e de outros decahe da graça de Napoleão.

A queda do Grande Homem faz figurar novamente o principe na scena politica; por duas vezes elle colloca a coroa de França sobre a cabeça dos Bourbons. No quarto de seculo que decorre desde a ultima restauração apparece sempre o principe avaliando habilmente todos os grandes factos politicos, cujas verdadeiras causas elle muitas vezes indica.

O vasto quadro que estas memorias apresentam acha-se completo com a historia dos ultimos annos do principe, e com interessantes promenores relativos a sua morte.

---

## Noticias Scientificas.

---

*Assucar de leite* — O Snr. Haz annuncia que tem chegado a fazer fermentar o assucar de leite. Eis aqui a nota que elle communicou a este respeito a uma sociedade sabia de França.

„ Tem-se em principio designado debaixo do nome assucar, as substancias de sabor doce. Tem-se depois notado que a maior parte das substancias que se consideravam como assucar, eram susceptiveis de se decompor pela fermentação vinoza em alcool e em acido carbonico, e se dividia o assucar em dous grupos, um capaz de produzir o alcool e o acido carbonico, e outro incapaz de fermentar. Neste ultimo grupo classificava-se particularmente o assucar de leite e a mannite. Nestes ultimos tempos, as analyses dos Senhores Opermann, Liebig e Brunner provárão que a mannite continha mais hydrogeno do que era necessario para formar agua com todo o seu oxigeno, e o Snr. Pelouze fez ver que o assucar de betarraba, que recentemente espremido, não continha mannite e nada mais que assucar de cana, entretanto depois de ter passado pela fermentação mucosa não continha, pela maior parte, mais que a mannite e o acido lactico e nenhum assucar. E' por tanto evidente que a mannite não é uma especie d'assucar, mas sim um producto de sua decomposição. O assucar de leite é por conseguinte o unico que se mette na classe dos assucares, e que se não crê susceptivel de fermentar. Debalde Pallas se elevou contra esta opinião que se funda principalmente sobre experiencias de Fourcroy e de Vauquelin. Em uma obra impressa em St.-Petersbourg em 1776 T. 1. p. 133, elle fez observar que todas as povoações nomadas, como os Mongols, os Kaluoks, os Basclikirs e



outras, preparão com o leite um licor espirituoso com que se embriagão. Pallas dá mesmo uma descripção muito exacta da maneira de preparar esta bebida. Persistiu-se e persiste-se ainda apesar disso na primeira opinião. Todos os autores de chimica a seguião, e o Snr. Thenard, em a nova edição de seu *Tratado* chega a separar o assucar de leite das outras especies d'assucares, e propõe chamal'-o *Lactina*.

“ Ora ja eu tenho feito experiencias com o fim d' esclarecer esta questão, e posto que o lugar e a estação fossem desfavoraveis ao fim a que me propunha, pude com tudo fazer fermentar o leite em vasos de madeira. A fermentação estabelece-se por si mesma, sem se l'he ajuntar couza alguma; basta para isso que a temperatura não seja muito baixa, e não é mesmo de rigor mexer o leite. Ella dura por longo tempo, e o desenvolvimento de gaz é bastante forte para ser ouvido a certa distancia. Eu recolhi o gaz que se desprendia, e submettido á acção da potassa caustica, foi absorvido todo á excepção d'uma pequenissima quantidade, que talvez fosse o proprio ar que não excedia a 0,01. — O licor fermentado foi separado do caseum e submettido á distillação. O producto obtido era acido; foi saturado de carbonato de soda e tornado a distillar. Não se obteve de cada vez mais que o primeiro quarto do liquido. O liquido assim obtido foi misturado com um excesso de carbonato de potassa que se apodéra da agua e põe o alcool em liberdade. — Este foi separado pela distillação dos saes que continha, e rectificado com a cal viva para o obter puro. O liquido assim tratado tinha um cheiro particular. — Submettido á analize, obtive em 0, 48 g.<sup>m</sup> do liquido, 0, 8,27 d'acido carbonico, e 0, 561 d'gua. Estes resultados dão.

C.....47,64

H.....12,96

O.....39,40

---

1 00,00

Ora como 47,64 de carbono indicação 90, 46 partes d' alcool, contendo

$$90, 46 = \begin{cases} \text{C}.....47,64 \\ \text{H}.....11,66 \\ \text{O}.....31,16 \end{cases}$$


---


$$21,27$$

Resulta que restão ainda 1,3 d' hydrogeno que reduzidos a agua equivalem a 11,81 deste liquido, o que junto a 90,46 d'alcool dá um excesso de 2,27.

“ Vistos os cuidados que eu puz nesta analize, tive por certo haver evitado toda a humidade accidental. Não me restava mais do que suppor a presença d'uma substancia mais rica em hydrogeno. Ora nos sabemos pelas analizes do Snr. Dobereiner, que durante a fermentação, se produz a ammoniaca — A dissolução alcoolica do chlorureto de platina produziu no liquido um precipitado tão abundante, que eu primeiramente suppuz erro. Ella foi repetida com uma nova porção de liquido preparado á parte. O precipitado foi recolhido sobre um filtro, secado, e decomposto n'um tubo de vidro. A quantidade consideravel de sal ammoniaco recolhido tirou toda a duvida. Então eu não podia equivocar-me; o cheiro particular do liquido não provinha senão da ammoniaca. Para obter o alcool puro, comecei por privar o liquido da agua, rectificando-o sobre a cal viva. O liquido obtido foi depois misturado com algumas gotas d'acido sulfurico, e destillado a banho maria, n'uma temperatura tão baixa que o não fizesse ferver. — O liquido obtido tinha com tudo um ligeiro cheiro de ether.

0,513 gm. derão C=0, 995 H=0, 596

Composição do alcool.

C= 53, 43.....52, 66

H= 12, 90.....12, 90

O= 33, 67.....34, 44

---

100,00

---

100,00

O cheiro ethereo explica sufficientemente o pequeno augmento de carbono. Parece por tanto evidente que o liquido obtido era com effeito identico com o alcool ordinario. Para maior segurança, elle foi misturado com um pezo igual d'acido sulfurico, e deu pela distillação ether ordinario.

“ Depois disto, torna-se evidente que visto que toda a especie de leite que fermenta produz alcool, e, visto não se ter descoberto nunca no leite senão o assucar de leite ordinario, que este assucar é susceptivel de fermentação.

“ Eu creio que duas razões teem particularmente contribuido a induzir as observadores a erro; primeiro era possivel que o fermento ordinario não fosse o conveniente para decompor o assucar de leite, que parece offerecer maior resistencia que outras especies d'assucar; e em segundo lugar, a sua decomposição não marcha senão vagarosamente.

“ Eu misturei uma dissolução diluida d'assucar de leite com uma certa quantidade de leite que estava em plena fermentação, e averiguei que o liquido fornecia uma quantidade d'alcool evidentemente mais consideravel que aquella que poderia fornecer mais leite acrescentado. Poderia alguém desejar que esta ultima experiencia fosse conduzida com todo o cuidado que requer uma experiencia quantitativa, mas eu julgo dever abandonar este cuidado ás pessoas que se não acharem convencidas ainda de que o assucar de leite é susceptivel de fermentação,,

---

---

## Variedades.

### Geographia industrial.

---

A Inglaterra é uma immensa officina, um vasto laboratório, uma feitoria universal. — A França é uma fazenda rica, e que tende para se fazer fabrica. — A Alemanha é um campo mal cultivado, porque são philosophos, e não camponezes, ou que o cultivão. — A Italia meridional é uma villa ( fazenda de recreio ) arruinada — A Italia septentrional é um prado artificial. — A Belgica é uma forja — A Hollanda é um canal de regadio — A Suecia e a Dinamarca são arsenaes — A Polonia é uma charneca — A Russia é um poço de neve. A Suissa é uma queijeira. — A Grecia é um campo inculto. — A Turquia é um campo de pouzio — A Azia é um bosque — A America septentrional é uma caixa cheia — A America meridional é uma loja — As Antilhas são fabricas de refinar assucar — A India é uma mina d'ouro. — O Egypto é uma eschola d'apprendizes — A Africa é uma fornalha — A Algeria é um viveiro — A Hespanha é uma caixa vazia. — *E Portugal uma quinta arrendada.*

---

# INDICE.

---

das materias contidas neste

Numero.

- I. SCIENCIAS — Economia Politica : *dos impostos* ..... 103
- II. ——— — Medecina: De Hydrosudopathia 116
- III. LITTERATURA — Elogio de Leopoldo, Grão Duque de Toscana..... 131
- IV. ——— Historia Moderna : *Sexta lição* 141
- V. ——— Historia Nacional — Ultimos alentos do nosso antigo governo representativo ..... 164
- VI. MISCELLANEA — A Abbadessa de Castro 177
- VII. REVISTA LITTERARIA — Extractos das memorias do Principe Talleyrand..... 197
- VIII. NOTICIAS SCIENTIFICAS — Assucar de leite. 199
- IX. VARIEDADES — Geografia industrial..... 203

M A I O D E 1839.

---

# REVISTA LITTERARIA.

---

Economia Politica

**DOS IMPOSTOS**

Divisão 1.<sup>a</sup>

*Impostos directos sobre a propriedade terrena.*

§. 1.<sup>o</sup> Considerações preliminares.

**E**m quanto a industria fabril e commercial, por sua pouca importancia, não constituirão ramo distincto da industria agricola, e a terra era cultivada unicamente pelo proprietario, ou por seus servos, os impostos serão unicamente lançados á propriedade terrena; e para isto bastava conhecer com exactidão a quantidade da producção; em tal cazo este imposto recahia visivelmente sobre a classe proprietaria; separadas porem por sua nova importancia, e desenvolvimento a industria commercial e fabril, e deixando a classe agricola de cultivar a terra por sua conta, seus productos tem de ser divididos,

1.<sup>o</sup> pelo immediato cultor que com seu fundo productivo, trabalho e suor, cultiva a terra.

2.º *pelo capitalista*, que adianta com seus capitães o fundo productivo e motor do trabalho.

3.º *pelo proprietário*, que cede temporariamente o uso da faculdade creadora do seu fundo productivo, que é a terra;

e então a questão do imposto sobre a propriedade terrena tornou-se muito mais complicada, de mais difficil resolução, e de maior influencia sobre a prosperidade das nações.

Para a resolver cumpre recordar alguns principios, que são como lemnas necessarios. —

1.º = Se os capitães applicados ás diversas industrias não rendem, *servatis servandis*, os mesmos lucros, que, havemos designado com a expressão de *utilidades do capital*, os capitães não tardam a passar da industria menos lucrativa para aquella que rende mais. =

Este principio estabelecido por Ricardo, apesar de ser controvertido por J. B. Say na sua latitudo abstracta, nem por isso é menos verdadeiro; elle só deixa de verificar-se quando ha *vicio* na administração publica; isto é, quando sua acção é impedida pelo monopolio, pela violencia, ou fraude, ou por accidentes politicos, que não podem entrar em linha de conta quando o objecto é tratado segundo os principios scientificos. O principio é verdadeiro; e se tambem é verdade que os capitães rendem lucros diversos, o que parece contrario ao principio, circumstancias mui particulares determinão o capitalista que de seus capitães tira menos lucros, que outros tiram dos seus, a conserva-los na mesma applicação; porque em sua estimação essas circumstancias tem um valor, que eleva esses lucros numericamente inferiores ao mesmo gráo, pelo menos, que tem os outros: os lucros em ultima analyse são realmente iguaes: é facil imaginar hypotheses, do que ha exemplo real, em que se prove a exactidão do theorema de Ricardo. —

2.º — Para assentar o imposto terreno, e conhecer fundamentalmente seus effectos, é essencialmente preciso dividir as terras segundo a sua qualidade productiva, ou fertilidade; e ainda que seja variadissima esta gradação, poderemos, sem inconve-

niente, e só por causa de methodo, considera-las divididas em tres qualidades;

3.<sup>a</sup> — terras estereis.

2.<sup>a</sup> — terras medias.

1.<sup>a</sup> — terras ferteis.

Poderemos considerar na cathogoria de estereis aquellas que não produzem ( entre nós ) mais de 7 sementes por uma; e são aquellas cujo producto apenas rende para cubrir os gastos de producção, e para os lucros ou utilidades ordinarias dos capitaes fixos e circulantes applicados á cultura. As terras mais ferteis podem render de 60 a 70 sementes sobre uma; devendo ter-se muito em linha de conta a differença proveniente da facilidade das regras; e não menos a *situação, e localidade das terras*, que muitas vezes constitue as mais ferteis na cathogoria das estereis, achando-se por isto em abandono fatal; e outras, ainda que de boa qualidade, as constitue na cathogoria das mais ferteis, e taes são aquellas que se acham na vizinhança das grandes povoações, ou pontos de consumo, e com facil transporte dos productos do lugar da producção para o da extracção.

3.<sup>o</sup> — O *preço regulador* dos generos é aquelle pelo qual elles ficão nas terras mais estereis.

4.<sup>o</sup> — Entenderemos por proprietario, para mais facil intelligencia da doutrina, o possuidor, dono, ou senhor d'uma terra que paga renda; ficão excluidos desta cathogoria os donos de terras, cujos productos apenas cobrem os gastos de producção, e dão as utilidades ordinarias do capital; estes donos podem considerar-se como simples capitalistas.

5.<sup>o</sup> Chamamos *renda* a parte que sobra da producção deduzidos os gastos que esta custa, e as utilidades do capital nella empregado.

6.<sup>o</sup> Na industria fabril e commercial confundem-se as expressões *producto liquido*, e *utilidades do capital*; nestas duas industrias estas duas expressões são uma e a mesma coisa; na industria agricola, porem o *producto liquido* resolve-se em *utilidade do capital*, e *renda do proprietario*. A *renda é nulla*, quando o importe dos productos apenas cobre os gastos de producção, e as utilidades do capital; se estas deixassem



d' existir o terreno ficaria precisamente inculto ; e se ainda se cultiva algum terreno que pareça não render estas utilidades , é porque o capital nas duas formas porque elle s' emprega , *fixo* , e *circulante* , é tão minimo , que parece que não tem valor assignavel : e muitos exemplos vemos desta circumstancia : em tal caso basta que a terra unicamente renda o salario do trabalho , isto é , o estricto necessario para a subsistencia do cultivador. E' facil de conjecturar qual será o estado de pobreza , de miseria , ou de falta de civilisação do paiz , ou sitio em que este phenomeno se observe !

7.º Os impostos que são lançados directamente á industria fabril e commercial , são regulados precisamente sobre as utilidades do capital. Assim quando elles reduzem estas utilidades a estalão inferior áquellas , que elles produzem em outras industrias , aquellas em que taes impostos recahem são promptamente abandonadas , muito mais quando ellas absorverem essas utilidades , e muitissimo mais e sem excepção , quando os mesmos impostos entrem pelos capitães.

8.º Se os impostos directos lançados sobre a industria agricola absorverem a renda da terra , sem affectar as utilidades do capital , podem as terras ainda cultivar-se , se o proprietario , que é senhor e dono de sua propriedade a quer cultivar como capitalista , ou se quizer ceder o seu uso sem auferir renda alguma. O primeiro caso é mui commum. O proprietario que é ao mesmo tempo senhor dos capitães fixos occupados na cultura , e dos circulantes , de que elle carece , subsiste então á custa das utilidades do seu capital , mas se nem estas utilidades elle pode auferir , então para viver tem elle mesmo de empregar-se no trabalho , e subsistir pelo que llo corresponde como salario.

## § 2.º *Effeitos dos impostos directos sobre as propriedades terrenas.*

Agora poderemos entrar nesta espinhosa materia. ( Flor. Estr. Part. 4.ª T. 5.º Cap. 5.º ).

Os impostos sobre a propriedade terrena podem assentar em cinco diferentes bases.

1.<sup>a</sup> *extensão das terras*; 2.<sup>a</sup> *utilidades do capital empregado na industria agricola*;

3.<sup>o</sup> — *producto liquido*; 4.<sup>o</sup> *producto crú ou total*; 5.<sup>o</sup> *renda da terra*.

Adam Smith affirmou ( Livr. 5.<sup>o</sup> Cap. 2.<sup>o</sup> Art.<sup>o</sup> 1.<sup>o</sup> pag. 281 a 299 ) que os impostos sobre a propriedade terrena, arrecadados em rasão da extensão da terra, de seus productos, das utilidades do cultivador, ou ainda debaixo da forma de *dizimo*, são sempre pagos pelo proprietario, que em ultima analyse é sempre o contribuinte; porque ainda que o rendeiro o pague immediatamente, é só como adiantamento.

Esta proposição pareceu tão bem provada pelo patriarcha Escocês, que quasi todos os Economistas a tem adoptado como dogma; todavia, posta em toda a sua extensão, ella é um erro, cujas consequências são da maior gravidade; só depois que se descobriu a verdadeira origem da renda é que se poud reconhecêr o erro: estes impostos na maioria dos casos recahem sobre o consumidor, e portanto affectam directamente a industria, que ou retrogada, ou quando muito estaciona; elles conservam na miséria as classes cujo recurso unico é o trabalho, e oppõe-se ao estabelecimento d'um plano de finanças conciliador dos interesses de todas as classes.

( A ) *Primeira base*; a extensão das terras postas em cultura.

Os impostos lançados sobre esta base produzem um dos quatro seguintes resultados.

1.<sup>o</sup> — *Recalhirão sobre o consumidor, que pagará ao governo o producto do imposto, porem de mais a mais em alguns casos a maior porção do imposto passará a favor dos proprietarios.*

Este resultado verificar-se-ha sempre que as terras em actual cultura forem todas igualmente gravadas: a rasão é porque não são todas igualmente productivas. Demonstra-se: Os productos das terras

inferiores, ou de 3.<sup>a</sup> qualidade apenas rendem: o que é preciso para cubrir os gastos de produção, e utilidades ordinarias do capital; o imposto terá por efeitos necessarios ou elevar o preço dos productos até á importância, pelo menos, do mesmo imposto; ou forçará o productor a abandonar a cultura, para salvar o capital, e emprega-lo em mais lucrativa industria, porque quando não seja possível elevar o preço do producto, o imposto sahirá precisamente do capital. Posto isto, supponhamos para mais se evidenciar a demonstração, 1.<sup>o</sup> que uma dada porção de terra, v. g. uma geira das terras de 3.<sup>a</sup> qualidade, produz 100 alqueires de trigo,

das terras de 2.<sup>a</sup> d.<sup>a</sup> produz 200 d.<sup>os</sup>

das terras de 1.<sup>a</sup> d.<sup>a</sup> produz 300 d.<sup>os</sup>;

2.<sup>o</sup> que o preço mediõ do alqueire de trigo nos annos ordinarios seja de 800 rs.; e que a cada geira de terra indistinctamente se lance a contribuição ou imposto de 4:800 rs.

E' evidente que o lavrador das terras d' inferior qualidade, para que continue a lavra-las, terá de cargar ao valor dos seus 100 alqueires de trigo mais 4800 rs., de modo que vendendo-os antes a razão de 800 rs., agora terá precisamente de os vender a razão de 848 rs.; pois com effeito

100 alq. a 800 produzem .....	80:000 rs.
e com o imposto .....	4:800

importão em 84:800

que divididos pelos 100 alqueires vem a ser o preço de cada um 848 rs. —

E a sua situação como productor é neste caso a mesma que antes do imposto, porque elle apenas obteve dos productos os gastos de produção, e utilidades ordinarias do capital, que devem ser mui pequenas; e que constitue o *preço regulador* 800 rs. antes do imposto, e 848 rs. depois do imposto; de modo que vendendo os seus 100 alqueires por este preço, e pagando 4800 rs. d'imposto fica exactamente com 80000 rs. como d' antes: é evidente, que o consumidor pagou o excesso em 48 rs. em alqueire, que é a parte que do imposto cabe a cada alqueire.

Vejam os agora qual é a situação dos proprietários das terras de qualidade media, e superior; e acharemos que sua condição é muito mais favoravel que antes do imposto: porque, o preço do trigo d'igual qualidade seja qual fôr o sitio em que foi produzido tem o mesmo preço no mercado, e assim o proprietario das terras de 2.<sup>a</sup> qualidade venderá os seus 200 alqueires de trigo por ..... 169:600. e deduzindo o imposto ..... 4:800

---

ficar-lhe-hão ainda ..... 164:800 rs.  
quando antes do imposto  
tirava só em 200 alq. a 800 — ..... 160: 000.

---

isto é, ganha uma vez o imposto ..... 4:800.

Assim o consumidor pagou duas vezes o imposto, uma para o Estado, e outra em favor do proprietario.

E segundo o mesmo raciocinio se verá que o proprietario da terra de 3.<sup>a</sup> qualidade obteve vendendo os seus

300 alqueires de trigo a ..... 848 — 254:400.  
dos quaes deduzido o imposto ..... 4:800

---

ainda lhe ficão 249:600  
quando só teria se os vendesse a 800, — 240:000

---

lucrando duas vezes o imposto — 9:600 de modo que sobre o consumidor vem a cair o imposto ao Estado, e duas vezes a sua importância em favor do proprietario.

E' evidente que o *preço regulador* 848 rs. dado pelos productos da terra d'inferior qualidade, é aquelle que precisamente adoptam os proprietarios das melhores terras 1.<sup>o</sup> porque a todo o productor convem o maior preço do seu genero; 2.<sup>o</sup>, porque se o quisesse vender pelo preço anterior de 800 rs., ou menos, o resultado seria abandonar-se logo a cultura das terras d'inferior qualidade, e aquellas que até então erão de 2.<sup>a</sup>, passariam para a cathegoria das inferiores, que teriam de regular o preço, de modo que o proprietario ficaria sem renda e passaria para a

classe de *capitalista*; o mesmo aconteceria ao proprietário das melhores terras, ou de 1.<sup>a</sup> qualidade, de modo que se estê com a idea de mais prompta venda abaixasse o *preço regulador*, passaria por este facto para a qualidade inferior, abandonando-se a cultura das terras de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> qualidade: as consequências de tal arbitrio seriam obvias, — pura perda para os proprietarios, — miseria, fome, e morticínio na população por falta de alimento, porque por ella haver crescido, é que se actualmente acham em cultura as terras medias, e inferiores.

Esta demonstração é rigorosa; ella appresenta evidentemente os resultados do imposto lançado em ordem á extensão da propriedade indiscriminadamente.

O outro resultado póde ser,

2.<sup>o</sup> *Recahir todo o imposto sobre o consumidor sem tocar no proprietario.* Verificar-se-ha quando o imposto fôr lançado tendo em consideração a *extensão, como á qualidade da terra*; v. g. lançado na razão de 1 ás terras inferiores, de 2 ás medianas, e de 3 ás superiores; isto é, no exemplo figurado 4:800, 9600, e 14400.

A demonstração antecedente evidenciará que neste caso o proprietario deixa de lucrar, o que lucrava, pois que vai inteiramente para o Estado; de modo que todos os tres productores ficam em igual condição: o que prova em favor da theoria do *imposto progressivo* de que fallaremos.

O consumidor é ainda quem paga o imposto: veremos agora que o 3.<sup>o</sup> resultado será;

3.<sup>o</sup> — *Recahir ( o imposto ) simultaneamente sobre o consumidor, e sobre o proprietario em proporções iguaes, ou desiguaes.*

Dá-se este resultado quando, lançado o imposto ás terras de differente qualidade, a importancia recebida pelo governo excede o montante da alta do preço a que o imposto fez subir o producto total das terras todas: A razão é, porque supposto unicamente o augmento do preço dos generos causado pelo imposto ( em cujo caso o augmento não é bastante para cubrir toda somma lançada pelo Estado ), sobre a classe proprietaria é que

recahe a differença , e só sobre ella, por que se fosse sobre o capitalista , diminuindo-lhe as suas utilidades , elle retiraria logo o seu capital , para o empregar em mais productiva industria. Evidencêmos este resultado com o exemplo. Supponhamos que o imposto lançado ás terras d'inferior qualidade foi como até agora 4:800 ; que o das de 2.<sup>a</sup> foi 19:200; que o das de 3.<sup>a</sup> foi 33:600 ; destas 12 moedas recahirão 6 sobre os consumidores, e as outras 6 sobre os proprietarios ; como é facil concluir seguindo a demonstração precedente : assim,

O *preço regulador* das terras d'inferior qualidade passou como vimos de 800 rs. a 840 rs. em razão do imposto ; o producto total das 3 differentes qualidades de terra , mas da mesma extensão , foi de 600 alqueires, o consumidor pagará 48 rs. que é o augmento (differença entre 800 rs. e 848 rs.) que teve cada alqueire e que em 600 alqueires é 28:800 e não paga mais, porque por effeito do imposto o preço regulador não subiu mais ; portanto os proprietarios tem de pagar os outros 28:800, ou 6 moedas que faltão para prefazer as 12 ou 57:600 que o Estado ha de receber.

Se o imposto fosse de 4:800 ao terreno inferior, 14:400 ao mediano , 28:800 ao superior , o Estado receberia 48:000 ou 10 moedas, das quaes, como é claro, os consumidores pagarião 6, ou 28:800 rs., e os proprietarios só 4 , ou 19:200 rs.; &c.

De modo que o imposto, que tenha por base a extensão das terras, repartido porem de modo que as terras de melhor qualidade sejam gravadas em mais forte proporção , que o augmento de preço que seus productos tem em razão do imposto, recahe simultaneamente sobre o consumidor e proprietario em proporções iguaes , ou desiguaes. —

Por ultimo o resultado do imposto será

4.<sup>o</sup> *Recahir inteiramente sobre o proprietario ; sempre que as terras menos productivas forem isentas d'imposto.*

Este resultado sahê evidentemente das demonstrações antecedentes : como o terreno inferior qualidade não sofre imposto , os productos destes terrenos não sofrerão augmento algum no preço que tinhão , e como destes é que vem o *preço regulador* , é claro

que o consumidor continua a pagar o alqueire de trigo pelo mesmo preço que tinha; isto é no exemplo adoptado, por 800 rs. ; e como o capitalista não paga também o imposto , porque sofreria diminuição em suas utilidades, o que o obrigaria a retirar seus capitães, resta só o proprietario para pagar o imposto lançado sobre os terrenos ferteis , exceptuados os d'inferior qualidade.

Passemos agora a indicar os resultados do imposto , tendo em attenção a segunda baze ; ou " as utilidades do capital empregado na industria agricola ; " elles redussem-se unicamente a trez.

1.º *O imposto recae todo sobre o capitalista ;* quando elle for lançado também sobre as utilidades dos capitães empregados em todas as outras industrias.

Como este imposto não pôde por maneira alguma fazer augmentar o preço do genero , porque a livre concorrência tendo por effeito levar o capitalista a empregar seus capitães na industria que, em igualdade de circumstancias ; melhores utilidades lhe renda, visto que no caso presente todas as industrias são igualmente gravadas , o equilibrio entre aquellas utilidades fica inalteravel ; e tendo o imposto de ser deduzido destas utilidades , os gastos de producção , unica fonte donde pôde prover o augmento de preço do genero , ficão intactos, e assim o capitalista não pode descarregar sobre o consumidor o imposto que lhe foi lançado ; nem o capitalista tem em outra alguma industria utilidades maiores , porque a *todas* , segundo a hypothese , foi lançado o mesmo imposto ; por isso continua a conservar seus capitães aonde os tem ; também não pode fazer recahir o imposto sobre o proprietario , porque a renda deste provem da differença da producção entre as terras d'inferior, e de superior qualidade ; e esta differença fica intacta ; de modo que o imposto diminui unicamente as utilidades do capital , sem affectar o consumidor , ou o proprietario.

Prosigamos na mesma hypothese das 3 qualidades de terras ; e supponhamos mais que com o mesmo capital cada uma produz na razão de 1, 2, 3 : seja o capital empregado, v. g. 4.000 3000 rs., seja a producção da terra inferior 1:000 alqueires de trigo ; a da 2.ª 2:000 a

da 3.<sup>a</sup> 3:000.; sejam mais as utilidades do capital computadas no seu estado ordinario de 10 por 100; e seja por fim o imposto sobre as utilidades de qualquer capital empregado em industria nacional de qualquer denominação, reputado em 5 p. 100 destas utilidades; vejamos qual é o resultado da hypothese.

E' evidente que sendo o capital da hypothese 4.000\$000 rs., 10 p. 100 as suas utilidades, serão estas 400\$000 rs., e 5 p. 100 destas importam em 20\$000 rs.; assim o imposto de 5 p. 100 sobre taes utilidades importa na nossa hypothese em 20\$000 rs., o que as faz reduzir a 9½ p. 100. Como pelas razões expostas o capitalista não pode empregar os seu 4.000\$000 rs. em industria mais lucrativa, isto é, que lhe renda mais de 9½ p. 100 [ porque com effeito 20\$000 rs. são ½ por 100 de 400\$000 rs. ] elle conservará os seus capitães na mesma industria em que os tem; e como o cultivador da terra inferior não tinha razão para elevar o seu genero a maior preço do que aquelle por que o vendia antes do imposto, nem quando quisesse eleva-lo poderia, em razão da livre concorrência, elle continuará a vender o seu trigo a razão de 800 rs. preço regulador da hypothese, e os 1000 alqueires produzirão 800\$000 rs. dos quaes serão 400\$000 rs. para as utilidades do capital, e os outros 400\$000 rs. serão para pagar os salarios do trabalho, que constituem os gastos de produção: e depois do imposto elle continuará ainda a vender os seus 1000 alqueires de trigo por 800\$000 rs., e tirando delles 400\$000 rs. para os gastos de produção; dos 400\$000 rs. restantes de usará 20\$000 rs. que são os 5 por 100 sobre as utilidades do capital ficando com 380\$000 rs., de modo que as ditas utilidades em vez de serem computadas em 10 por 100 o ficam sendo em 9½.

Os cultivadores das terras de qualidade de superior ficam nas mesmas circumstancias; e continuarão a pagar a mesma renda que antes; isto é, 1000 alqueires as medianas, e 2000 as superiores.

Se pois o proprietario da terra tambem o é do capital, elle fica com tudo o que sobra dos gastos da produção, das utilidades do capital, e do imposto lançado sobre essas utilidades: se porem o capital agricola



pertence ao rendeiro e ao proprietario, ao primeiro a parte que chamamos " capital circulante ou reproductivo, " e ao segundo o " capital " fixo, no " primeiro caso, " ( quando o proprietario é tambem o capitalista ) o imposto recae no proprietario como capitalista, no " segundo " recae sobre o proprietario, e sobre o rendeiro, ambos como capitalistas, e cada um na proporção do valor do seu capital.

Pode o imposto na hypothese da baze que estamos examinando, ter por 2.º resultado, — *recuher inteiramente sobre o proprietario* :

E verificar se ha quando imposto fór unicamente lançado as utilidades do capital agricola, com excepção dos capitaes empregados em outras industrias, exceptuando ainda aquelle que estiver empregado na cultura das terras d'inferior qualidade. Porque, como o imposto não affecta o preço regulador, não recae sobre o consumidor; nem tambem sobre o capitalista, por que ficam exceptuados os terrenos menos productivos, rendendo por isto o mesmo que rendião; nem o cultivador das terras melhores pode tirar de seus capitaes maiores utilidades que as ordinarias, porque as outras industrias as não rendem. Assim se ás terras das duas qualidades superiores se lançar um imposto de 20,000 rs. ( 5 p. 100 sobre as utilidades do capital ) ficando isentas as inferiores, o cultivador venderá seus fructos como d'antes, continuando a tirar os mesmos 10 p. 100 d'utilidades, porque como ellas não estão gravadas com imposto, darão as mesmas utilidades que rendem as outras industrias não gravadas tambem; e como o *preço regulador* não augmentou, os outros cultivadores, que continuão a ter as mesmas utilidades continuão a vender os fructos pelo mesmo preço que d'antes; logo fica a renda para pagar o imposto, e della será deduzido, de modo que neste caso o proprietario é sobre quem recae o imposto.

Nesta hypothese do imposto ser lançado ás utilidades do capital, teremos em 3.º resultado; — *recuher sobre o consumidor, e ainda maior somma que aquella que o Estado lança, em favor dos proprietarios.*

Acontecerá isto sempre que do imposto sobre as utilidades do capital forem exceptuadas as outras in-

dustrias. Porque tal exclusão faz precisamente augmentar os preços do productos da industria gravada, e, se estes preços não augmentão, os capitaes renderião menos que os que se acham empregados em industria não gravadas, e seriam logo retirados daquelle para estas; a producção cessaria, e se não cessa é por que os productos poderão ser augmentados em preço, cujo augmento sahê precisamente do consumidor. Suppondo pois que as utilidades ordinarias do capital são de 10 p. 100, se a cada uma das trez diferentes qualidades da terra se lançar 20\$000 rs. (v. g.; ou 5 por 100 sobre as utilidades do capital) as quaes mediante o capital da hypothese 4.000\$000 rs. produza 1000, 2000, 3000 alqueires de trigo; o dono da terra inferior que vendia os seus 1000 alqueires por 800\$000 rs. tem de os vender por 8.200\$000 rs.; e sua situação como capitalista ficaria do mesmo modo; o dono das terras de 2.<sup>a</sup> qualidade venderia os seus 2000 alqueires por — 1.640\$000, e deduzindo os 20\$000 que pertencem ao Estado, ainda lucra 20\$000 rs. que sahem do consumidor; e o dono das terras de 3.<sup>a</sup> qualidade, venderia os seus 3000 alqueires por 2.400\$000 rs., e pagando os 20\$000 ao Estado, fica demais com 60\$000, que por effeito do imposto sahirão da mão do consumidor, ficando o 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> dono de melhor partido que d'antes do lançamento do imposto.

( C ) O imposto lançado “sobre o producto liquido da industria agricola,” pode ter um dos trez resultados seguintes.

1.<sup>o</sup> — *Recahe simultaneamente sobre o capitalista, e sobre o consumidor;*

Quando o imposto é lançado sobre os capitaes: pois que como as utilidades de todos os capitaes empregados em qualquer industria são igualmente gravados, o preço dos generos não sofre alteração; e pois que a diminuição das utilidades do capital agricola está na mesma razão que a dos outros capitaes, a totalidade do imposto não pode recahir só sobre os capitalistas agricolas, porque como estes não podem elevar os preços de seus generos, a parte do imposto que peza sobre as terras de melhor qualidade é levantada sobre a porção do producto que constitue a renda do proprietario:

e para mais clara ser a demonstração, continuemos sempre com a mesma hypotese; — as utilidades ordinarias do capital a 10 p. 100; o imposto sobre o producto liquido, de 5 p. 100; a terra inferior que com o capital de 4.000\$000 rs. dá 1000 alqueires, será tributada com 20\$000 rs.; a que produz (com o mesmo capital) 2000 alqueires será tributada com 60\$000 rs., a que (com o mesmo capital) produz 3000 alqueires será tributada com 100\$000 rs. — Agora, como o cultivador da terra d'inferior qualidade não sofre augmento nos seus gastos de producção venderá como d'antes os seus 1000 alqueires a razão de 800 rs., e terá 800\$000, dos quaes tirará a metade para os gastos, e da ametade restante, que constitue as utilidades do capital sahirão os 20\$000 rs. do imposto, reduzindo-as a 380\$000, ou a razão de 9½ p. 100, taxa em que igualmente estão as outras utilidades em razão do imposto ser geral. E como o *preço regulador* do trigo não augmentou, o cultivador da terra de 2.<sup>a</sup> qualidade venderá os seus 2000 alqueires por 1.600\$000 rs., dos quaes tirará os 400\$000 rs. dos gastos, e da 1.200\$000 rs. sahirão 5 p. 100 ou 60\$000 rs., mas como o capitalista não pode sofrer maior diminuição que 20\$000 rs., porque aliás os capitaes agricolas renderião menos que os outros, dos 60\$000 rs. pois competem 40\$000 ao proprietario, cuja renda serão 780\$000 rs.; e com effeito:

Gastos de producção.....	400\$000
Liquido das utilidades deduzidos os 20\$000 rs. que lhe cabem...	380\$000
Parte do imposto que toca ao pro- prietario .....	40\$000
<hr/>	
Somma .....	320\$000
Imposto da producção de 2000 al- queires a 800 rs.....	1.600\$000
<hr/>	
Renda liquida.....	780\$000

Com o mesmo raciocinio provaremos, que dos 100\$000 rs., que pelo imposto recebe o Estado, pertence a só 20\$000 ao capitalista, e 80\$000 rs. ao proprietario. —

Com o que fica demonstrado este primeiro resultado.

2.º — *Recahe simultaneamente sobre o consumidor e sobre o proprietário :*

Quando o imposto ( nesta hypothese ) não affecta os productos liquidados das outras industrias : e com effeito o capitalista agricola tem d'elevantar o preço dos generos para que suas utilidades estejam no nivel das utilidades dos outros capitaes, sem o que abandonaria a cultura.

Este augmento necessario recahe sobre o consumidor ; assim o preço regulador que era antes do imposto 800 rs. passará a ser 820 rs., com o augmento dos 5 p. 100 sobre as utilidades do capital ; de modo que neste caso o capitalista descarrega toda a parte do imposto que lhe toca sobre o consumidor ; e por tanto os 1000 alqueires em vez de serem vendidos por 800\$000 rs., o deverão ser por 820\$000. o que faz elevar o preço do trigo a 820 rs. o alqueire, os 2000 alqueires serão vendidos por 1.640\$000 mas o capitalista recebendo por inteiro a sua parte que são 400\$, e abatendo nos 400\$000 dos gastos restão 840\$ — dos quaes tem de sahir o imposto que são 60\$ que tem de pagar o proprietario ficando só com 780\$, quando antes do imposto tinha 800\$, e com o mesmo raciocinio provaremos que os 3000 alqueires renderão 2.460\$ — rs. dos quaes sahirão primeiro intactos os 400\$ — dos gastos, os 40\$ — das utilidades e do restante 1.660\$ — sahirão os 100\$ — do imposto ; de modo que o proprietario receberá só a titulo de renda 1.560\$ — quando antes do imposto recebia 1.600\$ —

3.º *Recahe inteiramente sobre o proprietario ;*

Quando as terras d'interior qualidade forem exceptuadas do imposto ; e tambem as utilidades dos outros capitaes.

E' evidente que neste caso o preço regulador fica o mesmo que d'antes ; o capitalista tem de receber a mesma quota, sem o que passaria seus capitaes para outra mais lucrativa industria, portanto resta o proprietario para pagar todo o imposto.

( D ) O imposto lançado sobre " o producto total agricola " só pode ter um dos dois resultados seguintes :

1.º — *Recalhe todo sobre o consumidor :*

Quando elle é lançado sobre o producto de todas as terras indiscriminadamente ; porque recaindo immediatamente sobre as utilidades do capitalista agricola romperia o equilibrio entre as utilidades dos capitaes em outras industrias : e para que assim não aconteça tem os capitalistas de desfazer-se do imposto lançando-o sobre os consumidores , e não o fazendo assim o imposto poderia absorber as utilidades do capital inteiramente , e até entrar pelos capitaes. Mostremo-lo arithmeticamente.

Sobre a producção das terras de qual idade inferior ( 3.ª ), que supporemos 100 alqueires , e cujo producto vale, a 800 rs., — 80  $\text{\$}$  rs., lance-se o imposto de 4  $\text{\$}$  800 rs. ; — sobre a producção das de 2.ª qualidade ou 200 alqueires lance-se o imposto de 9  $\text{\$}$  600 rs. ; — e sobre a producção das de 1.ª qualidade , ou 300 alqueires lance-se o imposto de 14  $\text{\$}$  400 rs.

O primeiro productor para não tirar os 4  $\text{\$}$  800 das utilidades do capital, ou diminuir os gastos de producção, arbitrio impossivel sem comprometter a continuação della , tem de os addicionar aos 80  $\text{\$}$  rs. — em consequencia do que o preço sobe em alqueire a quantia de 48 rs., passando de 800 rs. a 848 rs., que fica sendo o *preço regular* — O 2.º productor obterá dos seus 200 alqueires—169  $\text{\$}$  600, dos quaes deduzindo 9  $\text{\$}$  600 rs. fica com 160  $\text{\$}$  rs.

O 3.º productor obterá dos seus 300 alqueires — 254  $\text{\$}$  400, dos quaes deduzindo 14  $\text{\$}$  400 ficará com 240  $\text{\$}$  -- rs.

Todos ficam effectivamente como estavam antes de imposto , e portanto foi o consumidor que o pagou. Se parece que , pagando os rendeiros immediatamente o imposto , e tendo por isto d'entregar menos porção de fructos ao proprietario , no caso de ser o pagamento estipulado por elles , são os proprietarios que pagão o imposto , pois que effectivamente no segundo caso só lhe entregão 94  $\frac{1}{2}$  pouco mais ou menos, e no terceiro lhe entregão 188  $\frac{1}{2}$  , não é assim , por que o valor primitivo 94  $\frac{1}{2}$  , e os 188  $\frac{1}{2}$  alqueires augmentado do que cada alqueire subio em razão do imposto valem o mesmo que d'antes, e portanto não foi sobre os proprietarios que o

imposto recado; e ~~visam a fazê-lo~~ por que alguns Economistas sustentão ser o proprietario quem paga este imposto.

2.º “Recahe inteiramente sobre o proprietario :” quando forem isentas do imposto as terras menos productivas, não excedendo elle a importancia da renda ; porque neste caso o preço regulador dado pelas terras menos productivas não teve alteração, pois nem a tiveram os gastos de producção, nem as utilidades ; não foi pois o capitalista, nem o consumidor que teve diminuição, logo foi o proprietario. —

(E.) Resta finalmente examinar a renda da terra, como base do imposto ; e é evidente que não ha senão um caso unico ; o imposto.

“Recahe inteiramente sobre o proprietario,” ; e tambem é evidente que em tal caso as terras de qualidade inferior são isentas d'impostos, porque essas não pagão renda ; não devendo com esta confundir-se por modo algum as utilidades do capital, que é o unico proveito (em muitos casos insignificantissimo) que dellas tirão seus donos, sendo elles ao mesmo tempo os proprietarios dos capitães fixos, e circulantes ; ou uma parte destas utilidades, conforme elles forem donos d'uns, ou d'outros capitães ; circumstancia que indevidamente tem feito a confusão com a renda, ou reputar como renda o que na verdade não é senão as utilidades do capital ; é nestas que exclusivamente consistem os redditos que muitas terras dão a seus donos, e pode dizer-se que o maior numero, pois que as terras da melhor producção, se possuidas por emphyteutas, ou subemphyteutas acham-se geralmente gravadas com firpos, pensões, laldemios, ou com encargos de muy diversa denominação, tendo todos um valor numerario ; o que artificialmente as reduz á categoria das menos productivas.

---

## HISTORIA NACIONAL.

### *Subre a verdadeira época do estabelecimento do Santo Officio da Inquisição em Portugal*

**O** estabelecimento do Santo Officio da Inquisição no nosso reino é um facto muito importante da historia portugueza, ou se considerem os motivos por que se julgou necessario esta instituição, ou se attenda aos multiplicados e deploraveis effeitos, que della resultarão. A sua historia merece consequentemente ser escripta com alguma extensão, e não menos com prudencia, imparcialidade, e boa fé. Nós deixamos essa ardua tarefa a mãos mais exercitadas, e munidas de melhores meios; e sómente intentamos neste discurso fixar a verdadeira época da sua introdução em Portugal.

He mui geralmente sabida (e ainda mal! que tambem por muitos ainda hoje acreditada) a monstruosa fabula, que attribuiu a entrada do S. Officio da Inquisição em Portugal a hum impostor castelhano, que fingindo-se nuncio apostolico, e munido de falsas bulhas, chegou (dizem) a illudir a corte de el-Rei D. João III; e a plantar dentro de Lisboa o tribunal da fé. E não he pouco para notar e admirar, que tres escriptores castelhanos acreditasse a impostura, e fossem os primeiros, que por seus escriptos a divulgáram, sendo um delles o doutor Luiz de Paramo, na obra que escreveu *de origine et progressu S. Inquisitionis*, para a qual devia ter-se préviamente instruido das cousas, que dizião respeito ao seu trabalho, e o podião illustrar.

Manoel de Faria e Sousa, a quem já em outro escripto qualificamos de *facil receptador de todas as fabu-*

las . que andão na nossa historia , deo acollimento tam-  
 bem a esta , tendo de mais a mais a imprudencia , ou  
 ligeireza , de attribuir o crime do impostor a hum ef-  
 feito da providencia do ceo , que quiz por esse modo  
 ( diz elle ) remover os obstaculos , que entre nós se  
 oppunhão áque se estabelecimento , e tirar d'ahi utili-  
 dade a bem da religião .

Já o douto benedictino Feijó refutou completa-  
 mente esta fabula no seu *Theatrum Critico Universal* ,  
 tom. 6 discurs. 3.º e no tom. 9 de *Additamentos e corre-  
 cções* , aonde diz , que entra no empenho de rebater  
 a falsidade , não só por ser *erro tantum* ; mas tam-  
 bem pelo particular motivo de *vindicar a nação portugue-  
 za da injuria que se lhe faz* em a suppor tão rude , que  
 se deixasse enganar de um miseravel embusteiro , em  
 negocio de tanta ponderação , e em circumstancias taes,  
 que a mais leve advertencia bastaria para descobrir a  
 impostura . A estes motivos nobres e generosos pode-  
 ria o benemerito escriptor acrescentar outro , não me-  
 nos digno do seu illustrado zelo , que era o de vindi-  
 car tambem a nação castelhana da injuria que lhe fez  
 o impostor , que se diz salido do seu seio , e que lhe  
 fizeram os seus escriptores , propagandando e divulgan-  
 do-a em seus escriptos (1) .

Não julgamos necessario repetir aqui os argu-  
 mentos , com que o illustre escriptor prova e persua-  
 de ser mera fabula . e mal tecida impostura , e que no  
 dito respeito se tem escripto ; mas para satisfazermos  
 a todo o genero de leitores , notaremos só aqui sum-  
 mariamente os dois argumentos mais terminantes e de-  
 cisivos , que elle expõe nos lugares citados .

O primeiro he que o inventor da fabula suppõe  
 a Inquisição estabelecida em Portugal pelo falso nuncio  
 no anno de 1539 , sendo certo que ella tinha entra-  
 do no reino alguns annos antes , como logo mostrare-  
 mos por documentos authenticos .

---

(1) O primeiro , que estampou a fabula , foi ( como já disse-  
 mos ) o doutor Luiz de Paramo na obra , que publicou *de origine  
 et progressu S. Inquisitionis* . O segundo foi D. Pedro Salazar de  
 Mendoza , na *Vida do Cardinal Taveira* . O terceiro foi um *ingenio de  
 esta corte* ( de Madrid ) , que escreveu a comédia intitulada " *El fal-  
 so nuncio de Portugal* " , assumpto , por certo , bem digno de hum eq-  
 uívoco .



O segundo he que o mesmo impostor suppõe , e diz expressamente , que em Portugal havia *estorvos que vencer , e ate repugnancia de el Rei ao estabelecimento da Inquisição* : e isto he tão falso , que el Rei D. João III. era o proprio , que desde muito tempo solicitava em Roma , com grande empenho , esse mesmo estabelecimento , como tambem logo mostraremos ; e toda a repugnancia que a isso havia , e houve , era da Curia romana ; aonde os christãos novos , e o seu dinheiro , tinham agenciado e alcançado poderosas proteções , e posarão por muito tempo grandes estorvos á pretendida instituição.

A estes dous argumentos podemos acrescentar outro não menos urgente , e vem a ser , que no proprio tempo que se suppõe ser o da vinda do falso nuncio , repugnava el-Rei D. João III. a que viesse a Lisboa *nuncio algum apostolico sobre cousas da Inquisição* , escrevendo a este respeito ao Santo Padre com as mais encarecidas expressões , e com tão determinada resolução , que constando-lhe que o *Bispo de Bergamo* vinha com aquelle character , e contra o que el Rei queria ; para Portugal , e já estava de caminho em Castella , lá mesmo mandou suspender a sua vinda , e se mostrou muito queixoso deste procedimento da Curia romana , como se verá da carta de el-Rei , que ao diante havemos de copiar.

Estes argumentos são mais que sufficientes para rebater a temeridade e ignorancia do inventor da fábula , e a simplicidade , ou antes positiva má fé dos que logo a divulgáram (2) , e dos que depois a adoptáram , e a tem repetido sem mais exame , mas com o mesmo espirito.

Desprezada pois , como merece , tão grosseira

---

(2) Dizemos *má fé* ; porque o doutor Paramo , referindo a fábula , e pondo consequentemente o estabelecimento da Inquisição em 1599 , tece logo a serie chronologica dos inquisidores gerens de Portugal , e nomêa como primeiro a D. Fr. Diogo da Silva , de quem diz que fora eleito para este emprego em 1586 : *anachonismo garrafal* ( como lhe chama Feijó ) que basta para mostrar o espirito do escriptor , e para fazer mui suspeita a sua sinceridade. O mesmo se pode presumir dos outros dous escriptores. por diversos motivos , que he escusado referir aqui : e o mesmo se pode tambem presumir dos modernos ( principalmente estrangeiros ) que adoptarão , e repetirão e repetem ainda o mesmo conto.

impostura, e mal tecida fabula, venhamos, sem mais preambulos, ao nosso assumpto.

Todos sabem pela historia, que sendo os Judeos expulsos da Hespanha pelos Reis Catholicos no anno de 1482, se acolherão a Portugal cousa de 20.000 cazaes, aonde el-Rei D. João II. os consentio debaixo de algumas condições, uma das quaes era, que até certo limitado tempo sahirião do reino, sob pena de que não sahindo ficarião reduzidos á condição de escravos: o que na verdade veio a verificar-se em muitos, que ou não quizerão, ou não poderão dar cumprimento ao ajuste no prazo determinado. (3)

He igualmente sabido o que se passou com esta infeliz gente no seguinte reinado de el-Rei D. Manoel; e como este Principe, cuidando attrahir os Judeos ao christianismo com brandura e beneficios, não só lhes restituiu a liberdade; mas tambem recusou o grande serviço de dinheiro, que elles, agradecidos, lhe offecêrão. *Hoc illi beneficio permoti* ( diz Osorio ) *ei magnam argenti pondus obtulere, quod Emmanuel accipere noluit; statuerat enim gentem illam beneficiis paulatim ad studium christianae pietatis allicere.*

Logo porém as cousas mudarão de figura; porque desejando el-Rei D. Manoel cazar com a Princeza de Castella D. Isabel, e pondo-lhe os Reis catholicos, e a propria Princeza a condição da expulsão dos Judeos, el-Rei se julgou na necessidade de sujeitar-se a esta humiliante condição; e estando em Muja no Dezembro de 1496, abi expedio e promulgou o fatal Edicto, pelo qual mandava sair do reino os Judeos e Mouros, *que não quisessem baptizar-se*, limitando-lhes prazo breve para a sahida, e até designando os portos, em que devião embarcar-se. Mas parece que ainda el-Rei tinha alguma esperanza, ou certamente desceo, de alcançar a conversão dos Judeos; por quanto demorava dar-lhes embarcações, em que podessem retirar-se, e até depois lhes vedou dous dos tres portos, que ao principio tinha designado para o embarque.

No anno seguinte de 1497, quando os Judeos,

---

(3) V.<sup>e</sup> Garcia de Rezende, na *Chron. de el-Rei D. João II.*, e Goes, na *Chron. de el-Rei D. Manoel.*

que não quizerão baptizar-se se preparavão para sair de Portugal, mandou el-Rei tomar-lhes os filhos de 14 annos para baixo, e distribui-los por varias terras do reino, para serem doutrinados na fé christãa, destinando para esta impia e deshumana execução o dia da Pascoela. Não se pôde ainda hoje ler sem grande sensibilidade e pungente magoa a singela narração que disto faz o chronista Damião de Goes, e que a nossa penna se recusa a repetir.

Em fim aquella desgraçada gente, vendo-se por tantos modos perseguida e vexada, pedio, que se lhe entregassem os seus filhinhos, e que se lhe concedesse uma moratoria de 20 annos, dentro dos quaes se não devassasse da sua crença, promettendo que se fariam christãos. O que el-Rei lhes concedeo, mandando tambem quebrar ( aos que quisessem sair ) o captivoiro, em que novamente havlão incorrido, do que muitos se aproveitarão para passar a Africa.

Todos estes procedimentos tiverão o effeito, que se devia presumir. Fizerão hypocritas em lugar de fazerem christãos, e poserão aquella miseravel gente quasi na forçosa necessidade de seguir, ou fugir no exterior uma religião, que no seu interior abominavão, e tinham por falsa. O salvo-conducto ou moratoria, que el-Rei lhes concedeo em 13 de Maio de 1497, para que contra elles se não inquirisse nos primeiros 20 annos seguintes, *para livremente e sem receio poderem viver, e expedir os habitos acostumados, e serem confirmados na nossa santa fé*, este salvo-conducto, digo, alias dictado pela bondade do soberano, foi effectivamente um novo laço, em que se enredarão os Judeos apparentemente convertidos: porque semelhante especie de moratorias não servem ordinariamente de outra cousa, que de fazer o crimé mais confiado, e de dar aos criminosos huma falsa segurança, ou esperanza de impunidade, que pôr ultimo vem a perdêl os.

Finalmente, quando el-Rei D. João III. subio ao throno em 1521 erão tantas as queixas da apostasia dos Judeos convertidos, e tantas as suspeitas contra a sua mentida, e mal-guardada fidelidade ao christianismo, que externamente professavão, que el-Rei se julgou obrigado a attender a este importante objecto; e

sabemos que encarregou a averiguação secreta d'elle ao doutor Jorge Temudo, como consta da carta, que este escreveu a elRei, em resultado do seu exame, datada de 4 de Fevereiro de 1524, da qual nos pareceu dar aqui a copia fiel, e he a seguinte:

*Carta do doutor Jorge Temudo a el-Rei.*

*D. João III.*

„ Senhor. Dipois de beijar as mãos a vossa Alteza, e rogar ao Senhor Deos por seus dias de vida, e acrescmentamento de seu Real estado. Quanto ao que V. A. de m'y quiz saber em Monte-mór: pela informação que do caso recebi, homaia secretamente que pude.

„ Seja V. A. perto que estes homões nom vão ás igrejas aos domingos e festas, assi como por ella está ordenado.

„ Nam se enterram nas igrejas, donde sam freques, nem elegem aelas se outuras; mas mandam, se em terrar nos adros de N. Senhora da Graça, de S. Roque, da Trindade, e do Carmo, e alguns delles se enterrão nas crastas destes mouteiros em couas altas e terra virgem.

„ Nunca tomam nem pedem ho Sacramento da Extrema-unção, e morrem sem elle.

„ Nom fazem testamentos; nem mandam ao tempo de seus emterramentos dizer nehuvas missas, oras, nem trintaíros, nem fazem saimentos aos oito dias, nem ao mez, nem ao anno, posto que alguns, muito poucos, quando se enterrão lhe digão alguma Missa; ia to se faz a muito poucos.

„ Ha hii presunçam que guardam ho sabbado, e Pascoas antigas.

„ Todos se confessam no tempo da coresma, e alguns tomam ho santo sacramento da Eucharistia em ho dia de quinta feira da Cêa, e em dia de Pascoa.

„ Quando sam doentes; confessam-se, e alguns tomam ho Sacramento da Comunhã, outros o mandão levar aos curas, e não ho tomam, dizendo que não podem, outros ho não pedem, e morrem sem ho tomar,

„ São muito caridosos aptre-si, e os seus; e pera ha gente de outra profissam nom usam de nenhuma caridade.

„ No tempo da peste enterrão muito bem os mortos, até os seus, como os estranhos posto que sejam d'outra nação.

„ Caçam-se á porta da igreja, baptizão seos filhos nellá, e isto fazem muito bem. Esta emformacam recebi pelos curas de alguãas igrejas desta cidade, com os quaes pratiquey este cazo em signal de confissam. Elles dizem, que se hii ouvesse Inquisicam que outras cousas mais claras se descobririão. Se V. A. mandar que misto se faça mais, falô hey asi como fazer todas as outras de seu serviço. Nosso Senhor, muito alto e muito poderozo Principe, Rei, e Senhor, a vida e estado de V. A. acrecente, e tenha sempre em sua santa guarda. De Lisboa ha 4 de Fevereiro de 1524., O doutor Jorge Teinudo., ( R. Archiv. gavet. 2: maço 2. original autografo: )

Esta carta era propria ( como se vê ) para confirmar a el-Rei no conceito, que já teria feito dos novos christãos, e para movê-lo a pretender com empenho o estabelecimento do Santo Officio da Inquisição, esperando deste modo obviar; ora com os castigos, ora com o temor delles, ás apostasias dos Judeos convertidos, tanto mais perigosas, quanto mais occultas, e impedir que elles tentassem fazer proselytos entre os Portuguezes com grave damno publico; e particular.

Entrou pois el-Rei neste empenho, soffrendo com tudo gravissimas contradicções em Roma, vencidas as quaes ( ao menos em parte ) despachou o S. P. Clemente VII. a sua Bulla para a erecção do tribunal, dada em 15 de Dezembro de 1531, na qual nomeava Inquisidor nestes reinos e seus domínios a Fr. Diogo da Silva da Ordem dos frades menores de S. Francisco de Paula.

He de crer que os Judeos, ou muitos delles, tentassem pôr-se a salvo da perseguição; que os ameaçava, sahindo do reino; porque logo a 14 de Junho de 1582 achamos expedida uma Ordenação de el-Rei, prohibindo aos christãos novos, debaixo de graves penas, sahir do reino, por mar, ou por terra, sem licença sua; e comminando outras tambem graves penas aos capitães, mestres, ou pilotos de navios, que levasseni para fora de Portugal dinheiro, prata, ouro,

joias, e pedraria dos mesmos christãos novos. Esta ordenação foi promulgada em Braga a 18 de Junho de 1532, e logo a 19, e dias successivos, em Barcellos, Villa do Conde, Zurara, Matozinhos, Leça, Porto, e em Vianna, Caminhã, Villa nova de Cerveira, Mondim, Valença, Ponte da Barca, Melgaço, e Prados, como consta dos documentos authenticos que se conservão no R. Archivo da Torre do Tombo. E cumpre notar aqui, que tendo el-Rei D. Manoel, por sua Carta de Lei, dada em Thomar no 1.º de Março de 1507, permittido aos Judeos livre e amplissima faculdade de sahirem do reino em navios portuguezes, levando suas fazendas e bens, e de voltarem a elle se assim o quizessem, revogando a defeza que d'antes havia a este respeito; tinha esta mesma Lei sido confirmada por el-Rei D. João III. por Carta de 16 Dezembro de 1524, cujos effectos agora se suspendião, ou annullavão

Os Judeos entretanto trabalhavão incessantemente em Roma, e os seus esforços não forão de todo baldados; por quanto obtiverão do mesmo S. P. Clemente VII. um amplissimo indulto geral dos delictos contra a fé pela bulla *Sempiterno Regi*, dada em Roma a 7 dos idos de Abril do anno da Encarnação do Senhor 1533, décimo anno do seu pontificado: (4)

Este indulto desagradou muito, e foi mal recebido por el-Rei de Portugal, por algumas clausulas, que parecerão exorbitantes, e insolitas; e fazendo-se contra elle reflexões mui energicas, o S. P. estranhou que cá se possessem embaraços ou delongas á execução da bulla, e passou a mandal-a executar peremptoriamente por novas letras suas Apostolicas, dirigidas ao nuncio, que tinha em Portugal; e dadas em Roma a 8 de Abril de 1534, undecimo do seu pontificado (5):

Desagradaveis podião ser as consequencias desta

---

(4) Vêja-se o " *Collectorio das Bullas, e Breves apostolicas*," *Casas, Alvarás, e Provisões Reaes*, que contém a instituição, e progresso do S. Officio em Portugal, varios Indultos e Privilegios que os Summos Pontifices e Reys destes Reynos lhe concederão. Impresso por mandado do Illm.º e Rm.º Sr. Bispo D. Francisco de Castro Inquisidor Geral, do Concelho de Estado de S. Mag. Em Lisboa: nos Estãos, por Lourenço Craesbeck. Impressor del Rey: anno 1684. em folh.

(5) R. Archiv. Guetu. 2: naq. 2. mto. 6:

discordia entre a Corte de Portugal e a Curia Pontificia, se a morte não viesse interpor-se com os seus ordinarios effectos. O Papa Clemente VII. falleceo no mesmo anno de 1534, e em seu lugar occupou a cadeira pontificia o S. P. Paulo III. e qual, depois de prolixas negociações, suspendeu os effectos da primeira bulla de 1531; promulgou em 12 de Outubro de 1535 um novo Indulto a favor dos Judeos; e cedendo em fim ás repetidas, e urgentissimas instancias de el-Rei, expedio a segunda bulla, *Cum adhuc magis*, dada em Roma a 19 das Kal. de Junho, (23 de Maio) do anno da Encarnação do Senhor de 1536, segundo do seu pontificado, para o effectivo e decisivo estabelecimento da Inquisição. E a esta data he que deve referir-se, e os nossos escriptores communmente referem o principio do S. Officio entre nós.

A bulla tinha dirigida aos Bispos de Coimbra, Lamego, e Ceuta como Commissarios apostolicos, e deixava a el-Rei a escolha e nomeação de outro Bispo; ou Ecclesiastico constituido em dignidade, e professor de Theologia ou de Direito canonico, que seria quarto Inquisidor. O Bispo de Ceuta, confessor de el-Rei, D. Fr. Diogo da Silva, aceitou a Bulla, e o cargo, com o titulo de *Inquisidor-nôr* por auto lavrado em 5 de Outubro do mesmo anno de 1536; promulgou em 18 de Novembro o Monitorio Geral, impondo a todos a obrigação da denuncia em os crimes de heresia, apostasia, e judaismo, e declarando especificamente os casos em que se incorria na suspeita do ultimo crime: e finalmente em 20 do mesmo mez de Novembro ordenou el-Rei por carta sua, dada em Evora, que todos os seus vassallos, e ministros de justiça cumprissem os *requerimentos*, *cartas*, e *mandados* dos Inquisidores, dando assim publica approvação, e sancção ao novo estabelecimento.

Em 10 de Junho de 1539 renunciou D. Fr. Diogo o cargo que por quasi tres annos havia exercido, e el-Rei, a quem competia a nomeação do successor, houve por bem confiar este difficil emprego ao *Infante D. Henrique*, seu irmão, *arcebispo de Braga*, *primiz de Espanha*, por Provisão Real de 22 do mesmo mez e anno, aceitaada pelo Infante arcebispo pelo auto de 3 de Julho immediato.

Damião de Goes ( na *Chron. de el-Rei D. Mandel*, P. 3. cap. 27. ) falando desta nomeação, explica-se pelos seguintes termos „ Foi depois (o Inf. D. Henrique) provido de Inquisidor Geral, no qual cargo padecio „ muitos trabalhos, e enfadamentos, principalmente „ naquelle tempo, em que não estava nada do que „ cumpria ao Officio da Inquisição posto em ordem „ e havia grandes contradicções, assi por parte do nú- „ cio, como de favores de Roma, e de grande nefficia „ de christãos novos, pelo muito poder que tinham. Du- „ rou isto muito tempo, e chegou a grandes trabalhos „ e riscos. Com tudo foi a Inquisição por diante, e fi- „ zerão-se muitos autos ” &c.

Os trabalhos, enfadamentos, e até riscos, de que neste lugar fala Damião de Goes: os incessantes queixumes e clamores dos Judeos em Roma; as grandes contradicções, que ali continuavão a experimentar os Ministros de el-Rei &c. &c. não pertencem ao restricto assumpto desta Memória; mas constão de muitos apontamentos, cartas, e documentos, que se conservão no R. Archivo da Torre do Tombo, e que devem ser cuidadosamente examinados por quem tomar a seu cargo escrever a historia da Inquisição. Nós somente daremos ainda aqui uma carta, que el-Rei D. João III. dirigio ao S. P. Paulo III. em 26 de Julho de 1540, não só porque a ella aludimos acima; mas também porque della se pode formar alguma idéa das difficuldades, que acompanharão os primeiros annos deste estabelecimento; da verdadeira origem dellas; e do muito que a prepotência dos christãos novos, e as suas negociações chegarão a contrastar as diligencias, o empenho, e o poder de el-Rei, e a apurar a sua paciencia. A carta he do teor seguinte.

*Carta de el-Rei D. João III.*

*ao S. P. Paulo III.*

„ Muito santo em Christo Padre, e bemaventurado senhor. O vosso devoto e obediente filho D. João por graça de Deos Rei de Portugal e dos Algarves daquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethio-



pia, Arabia, Persia, e da India &c, com toda a humildade envio beijar seus santos pés. Muito santo em Christo. Padre, e bemaventurado Senhor. O mais breve que nisto poder falar será o melhor, por escusar importunação de palavras em cousas muitas vezes ditas, e requeridas por mim a vossa Santidade, ainda que agora haja cousas novas, sobre que muito poderia dizer, que bastão para vossa Santidade haver por certo tudo o que de minha parte lhe he dito, e quam falsas são as informações, que em favor dos Christãos novos deste reino lhe são appresentadas: E creio que vossa Santidade terá visto as cartas, que á minha mão vierão, que lhe enviei por Francisco Botelho, fidalgo de minha casa, e por ellas verá quam necessaria he esta Inquisição, e o ser muito favorecida de vossa Santidade; pois taes industrias tem os desta nação para escusarem o castigo dos culpados, e por taes meios se atrevêrão ao fazer, como elles mesmos testemunhão por essas cartas (\*): e com danado atrevimento, confiando em suas invenções, sem nenhum receio, assi vivem mal, que não somente uns danão aos outros, mas ainda pervertem alguns christãos velhos, fazendo-os judaizar, e apostatar de nossa santa fé, até lhes tirarem o baptismo, óleo, e chrisma actualmente com ritos judaicos, e levantarem entre elles Messias, de que se fez justiça, segundo largamente vossa Santidade pode ser informado pelos processos, que lhe são enviados, passando de quaerenta annos, que são convertidos, e sendo já perdoados geralmente por vossa Santidade. E devendo eu de esperar, assi pela causa ser da honra de Deos, e tão importante ao bem das almas, e em tempo de tantas heregias, que se proseguisse este caso com favores novos de vossa Santidade; dizem estas cartas de seus procuradores estantes na Córte de vossa Santidade, e escritas aos principaes que tratavão o negocio, que tinham havido delle perdão geral para os hereges, e suspensão de Inquisição, e alcançado que viesse nuncio seu para a execução destas cousas, o qual vem á custa delles, e outras cousas feas, segundo nellas se contém. O que não podê-

(\*) Esta clausula allude (segundo parece) ás cartas, que por esse tempo foram apprehendidas na fronteira, vindas de Roma.

racrer, senão vira as cartas, e o grande alvoroço que juntamente logo mostrarão; e os Rescriptos, e Breves de perdões tão favoráveis, que de poucos dias a esta parte tem havido de vossa Santidade, encobrendo-lhe em suas informações a verdade do que passa, no que com tanta efficacia, tantas vezes, tenho pedido a vossa Santidade, que por serviço de Deos me creia, apontando-lhe as claras razões, e que não tem contra-dição, que ha para dever de ser d'elle crido. E são tão grandes os damnos, escandalos, e desserviços de nosso Senhor, que disto se seguem, que estando agora muitos prezos para se reconhecerem de seus erros, o não fizeram com esta novidade, e esperança de nuncio, e ficam uns e outros em suas heresias, sem nenhuma emenda, nem receio de castigo dellas, confiando que estão seguros com os remedios que procurão com falsas informações, e tão deshonestos meios, como publicação. E pois em todos os meus reinos sómente de ouvido se recebeo mui grande escandalo, que seria vendendo-o posto por obra? E por eu ver tão grande dissolução, e inconvenientes tão escandalosos, no que toca ao serviço de Deos, honra da se apostolica, e de vossa Santidade, e a obrigação, que tem de acudir a isto, escrevi ao Bispo de Bergamo, que vossa Santidade matida a mim por seu nuncio, que *lhe rogava que subreestivesse em sua vinda*, esperando em Castella recado de vossa Santidade, a que logo escrevi: e não sei se foi maior espanto para mim ver as cartas, que *dizião a maneira de que este nuncio havia de vir; e ouvir dizer, que estava ja em Castella*: porque até então a boa fé da obediencia, que tenho a vossa Santidade, e com que lhe represento muitas cousas, e a razão e justificação dellas, e outros grandes agravos que tenho recebidos, me certificavão que não viria nuncio, tantas vezes pedido por mim a vossa Santidade, *que o não mandasse*, por assi cumprir ao serviço de Deos e seu. Mas já que assi he, pelo amor de Deos lhe peço outra vez, sobre tantas, como mui obediente filho, que olhe que me deve dar inteiro credito no que lhe escrevo acerca de meus vassallos, de que nenhum outro interesse recebo, senão perder o serviço que me fazem com suas pessoas e fazendas, por se

salvarem suas almas, segundo muitas vezes o tenho informado: e sem lho dizer, devera, e devia bastar ser isto cousa tão notoria a todo o mundo, e tão clara que quem o quizer cuidar, o não pode contradizer: e como quem o vê com os olhos, e com tão piedosa razão como ácerca delles devo ter, me creem vossa Santidade, que não deve mandar nuncio a meus irmãos sobre estas cousas da Inquisição, pelas tão justas causas que para isso ha, e que vossa Santidade de tão longe não pode assi ver, nem saber como eu estou presente, e devo haver respeito a se fazer a Inquisição muito a serviço de nosso Senhor, e com toda a igualza, e consideração piedosa que pode ser, e as obras se podem conjecturar pelos ministros dellas, vendo vossa Santidade que o Infante D. Henrique, meu irmão, tem o cargo de Inquisidor Geral, de quem se poderá melhor o cargo fiar, que melhor o possa fazer? e quando alguma culpa manifesta, ou grave elle neste caso tivesse, e a vossa Santidade constasse primeiro, seria honesto, que lho mandasse notificar, e o modo porque o sabe, dando-me a mim conta disso, que vir nuncio a entender no cargo, que serve por serviço de Deos. E vossa Santidade, por lho dizer não sei quem, se moveo a prover por outra pessoa no que meu irmão faz, sem nenhuma cumprimento, que deve o mundo cuidar, em taes negocios e cousas, vendo a differença das pessoas? E se vossa Santidade quer publicar culpa notoria do Infante, queira considerar este caso como seu, e veja como o receberia espiritual e temporalmente. Mas não trato do que toca a meu irmão, nem da conta que delle vossa Santidade faz, é estima em que mostra que o tem, por quem elle he, e por ser meu irmão: somente lhe punho diante o deserviço de Deos a nosso Senhor, que sem duvida se seguiria do seu nuncio haver de entender nestas cousas: lembrando-lhe para mór justificação, que o modo que com estes se tem, são carcereas abertos, recebendo-lhes todas suas defezas, contraditas as testemunhas, e não perdem seus bens, e são benignos e caritativamente amoeitados por pessoas espirituaes para os tornarem ao conhecimento da nossa Santa fe. E pois assi se faz, e tantos (inconvenientes do contra

rio) se seguirão, lhe peço affectuosamente, e requie-ro, que haja vossa Santidade por bem de não *monu-  
nunciar a entender em cousas tão escandalosas*: porque em outra maneira não poderei deixar de usar em meus reinos e senhorios; com meus vassallos, do poder que Deos e as Leis em tal caso me dão; porque nunca Deos queira, que em meus dias consista, que haja nelles hereges, sem eu, pelo não serem, fazer tudo o que a um Rei christão he justamente possível; pois lhes não quero suas fazendas, nem outra coisa, salvo a pureza da fé e salvação de suas almas. Muito santo em Chris-to Padre, e bemaventurado Senhor, Nosso Senhor por muitos annos conserve sua pessoa a seu santo serviço. Escrita em Lisboa a 26 de Julho de 1540, (Extra-hida do R. Arch. e já impressa no *Discurso contra a heretica perfidia do judaismo* ... por Vicente da Costa Mattos. Lisboa. 1625: 4.º)

A esta muito notavel carta juntaremos ainda ou-tra de 10 de Fevereiro de 1542, escrita pelo Infan-te Inquisidor Geral ao seu agente em Roma. He do teor seguinte;

*Carta do Infante D. Henrique Inquisidor  
Geral ao seu Agente em Roma.*

„ Pedro Domenico. Vi a carta que me escreveis, feita a 3 de Agosto passado, em resposta da que vos escrevi, que trabalhásseis porque sua Santidade revo-gasse o privilegio de Duarte da Paz (\*), e o breve con-cedido a Beatriz Fernandes, e o que o Papa respon-deo a isso, e que o por em dilação: e seguindo vexo, até agora não he feito mais nada, porque não vi mais resposta vossa acerca d'isto. Ao presente não tenho mais sobre isto que vos escrever, senão que o mal he em muito grande entre estes christãos novos, e o que se suspeitava a primeira delle, se acha agora por expe-riencia ainda muito mais: e os que são condemnados não podem allegar serem condemnados por testemu-

(\*) Este Duarte da Paz, Cavalleiro da Ord. de Christo, tinha sido, e era hum dos mais activos agentes dos Judeus em Roma; e parece que tinha obtido ser isento da jurisdicção da Inquisição. A isto allude esta clausula da carta.

nhos falsos, ou de christãos velhos, porque todos até agora o são por suas proprias confissões, e testemunhos de christãos novos. São cá comprehendidos em cousas tão feias, e abominaveis, contra nosso Senhor, e sua santa fé catholica, que se não poderião crer, se não fossem tão claras, e tão provadas com o são. Um capateiro em Setubal, christão novo, por nome Luiz Diz, se fez Messias, e com milagres feitiços proveou muitos christãos novos a crerem que o era, e o adorarem, e lhe beijarem a mão por Messias, e fazerem outras exorbitancias com elle, entre os quaes havia fisicos, e letrados, que erão tidos por homens de bem. Outros se fazem profetas; e um mestre Gabriel, christão novo, fisico, andava em Lisboa pregando aos christãos novos, de caza em caza, a lei de Moisés, e se provou que circumcideu muito numero delles, e fez muito damno. Outro em Coimbra adquirio a si muitos discipulos, aos quaes lia em hebraico, e os convertia á lei de Moisés. Tambem em Lisboa fizeram com uma christã velha, que se tornasse judia, e com grande solemnidade lhe cortarão as unhas, como costumão em tal auto, e fizeram todas as mais superstições; e se achou em Lisboa uma casa, em que se ajuntavão, e tinham synagoga secretamente, o que tudo está provado, e averiguado por elles mesmos. Quiz tocar isto brevemente para onde vos achardes, e virdes ser tempo, e poderdes dizer, e representar: e se este (*expresso*) não partira tão depressa, eu vos mandára o traslado das sentenças, que se deo contra elles; e porém se vos parecer necessario, o farei logo. E nosso Senhor sabe, que o zelo del-Rei meu Senhor, e meu, nesta parte, não he outro, salvo ser elle servido, e sua santa fé catholica exalçada e acrecentada. Escrita em Evora a 10 de Fevereiro. Jorge Coelho Secretario a fez, de 1542., (Vem copiada e impressa no obra acima citada, e acha-se no R. Archiv. Gavet. 2. maço 2. num. 54.).

---

Aqui pomos termo a este nosso trabalho, do qual, e dos documentos authenticos que nelle citamos, se colhe manifestamente:

~~1.º Que a Inquisição foi primeiramente creada~~  
da a Portugal em 1531 por Bulla Pontificia, que não  
teve execução.

2.º Que foi depois estabelecida definitivamente,  
e de um modo permanente, em 1536, tendo então  
o primeiro Inquisidor Geral, e sendo authorizada  
por el-Rei.

3.º Que foi el-Rei D. João III. o mais empenha-  
do neste estabelecimento, combatendo, e vencendo,  
não sem grandes desgostos, as repugnancias da Cór-  
te de Roma.

4.º Que he huma miseravel fabula a que attribue  
a um falso nuncio a origem da Inquisição em Portu-  
gal; e que he inexacto tudo o que a este respeito tem  
dito os escriptores modernos, e quasi tudo o que em  
geral ácerca deste estabelecimento em Portugal escre-  
veo o Sr. Llorente etc. etc.

B. C.

---

# Litteratura.

**LOPO DE FIGUEIREDO**

OU

**A CORTE DE D. JOÃO II**

DRAMA HISTORICO EM TRES ACTOS COMPOSTO  
POR I. P. DE M. S. E PELA 1.<sup>a</sup> VEZ REPRESENTADO NO THEATRO DA RUA DOS CONDES  
EM LISBOA .....

---

## PROLOGO.

**P**ersuadimo-nos que nossos Leitores folgarã de lêr o interessante e bem desenvolvido drama historico, que com o titulo de **LOPO DE FIGUEIREDO** já passou pelas provas publicas, das quaes, como fomos testemunhas presenciaes, resultou a seu aucto o devido reconhecimento de seus talentos, e da erudição especialmente nacional em que abunda. Devemo á generosidade de tão estimavel amigo a permissão de publicar em nossas paginas esta preciosa producção do seu genio; e com tanto mais praser o publicamo quanto o assumpto colhido em nossa historia patria, um entre os muitos, que ella offerece, dos mais dignos de serem tratados dramaticamente, sendo desempenhado por nosso illustre amigo com a maior exa

cidade historica. Se uma critica , por não diser acintosa , pelo menos nimiamente severa , e por ventura injusta , procurou pela imprensa periodica , anuviar o merito que evidentemente se descobre nesta bella composição , nós , sem pretender explicar os motivos que impelliram o critico a preconceituar o publico sobre o merecido louvor , devido a nosso illustre compatriota , entendemos que muito pelo contrario nos cumpre alentar todos os eruditos , e aquelles em que o genio brilha , mui principalmente quando a imprensa amplamente rebateu aquella , que sem offensa , podempz designar temeraria critica , em cujo desforço coube ao proprio auctor do drama a parte mais importante , dando em sua resposta novas provas de erudição , e talentos , não menos que de comedimento , e de polidez : mas deixando esta desagradavel , e talvez inoportuna circumstancia , que todavia entendemos dever transeuntemente mencionar , e tanto mais quanto della resulta gloria a nosso amigo , porque da contestação litteraria não lhe veio senão uma nova occasião de mostrar-se erudito e cavalheiro , passaremos a dizer alguma cousa em relação á composição dramatica. —

O assumpto é sem duvida um dos mais bellos que offerece a nossa historia. A catastrophe do Terceiro Duque de Bragança , por certo lamentavel , tem sido vivamente explicada por nossos historiadores ; é certo que as circumstancias em que se achava D. João 2.º eram as mais criticas , e que exigiam de sua parte a mais vigorosa decisão para se emancipar da influencia , e preponderancia sobre modo molesta , e mesmo opprobriosa com que os Grandes desde muito tempo contrastavam a acção real ; a politica deste illustrado principe o havia determinado a fazer no reino decisivas reformas , das quaes em seu entender ( e a experiencia o confirmou ) deviam resultar consequencias fecundas em vantagem da auctoridade e prerogativa real ; e não menos da emancipação do povo , e de seus attendiveis direitos ; com uma classe poderosissima em tal epoca entendiam aquellas reformas ; e dado que esta classe possa até certo ponto ser relevada da pretensão de querer sustentar a frui-



ção de privilegios, que o tempo, mas não o direito lhe havia outbrgado, tudo quanto se estava passando mostrava claramente á perspicacia do rei, que se elle affrouxasse um pouco na resolução que havia tomado, nem conseguiria collocar-se na posição em que o nascimento o havia situado; nem grangearia para o povo aquelle beneficio a que este tinha direito; e muito ao contrario passaria a ser rei só no nome, e quasi nullo na auctoridade: não podemos pois attribuir a catastrophe do Duque a ressentimentos concentrados, pela parte que teve seu avô; o primeiro Duque de Bragança D. Affonso, na fatal intriga de que foi victima o Infante D. Pedro, avô de D. João 2.º; ou a outro qualquer motivo de desaffeição deste Monarcha contra o Duque, seu tão proximo parente, cujos relevantes meritos e serviços aquelle nem desconhecia, nem emulava. O Duque como primeiro, e mais conspicuo representante da nobreza portuguesa, occupava uma posição que a politica não podia deixar de reconhecer tremenda, e minace, uma vez que o rei, penetrado sómente dos sentimentos que naturalmente lhe inspirava a consaguinidade, e até o proprio dictame da humanidade, contemporisasse com as pretenções da nobreza, talvez sobremodo altivas; assim veio elle desgraçadamente a ser innocente victima da politica, que em casos taes se esquece absolutamente de vinculos ao primeiro parecer indissolueis, para exclusivamente se lembrar d'um interesse muito mais importante, por ser interesse nacional, ao qual D. João 2.º, como Rei, entendeu fazer o penoso holocausto, a que como homem e parente o coração lhe repugnava. — Forçoso era em taes circumstancias converter pretextos em crimes provados, para d'algun modo ressalvar a necessidade do golpe, e rodeal-o de circumstancias taes que aos coetaneos mesmo fosse difficil decifrar de que lado estava a justiça; aconselhando a politica o golpe, e encobrendo as razões com que nò juizo humano podesse ser avaliado; e como em conjuncturas taes nunca faltam verdugos da humanidade, que sirvão para ultimar o projectado plano, a má ventura do Duque permittio que a vingança de Lopo de Figueiredo,

homem d'humilde extracção, e que por meios não consentidos por lei alguma, queria elevar-se rapidamente a jerarchia, que só por outros lhe podera ser permittida, que pouco tempo antes havia sido contador da fazenda do Duque, e por este despedido de seu serviço, estando agora empregado no serviço d'ElRei, lhe fornecesse provas, que a não serem as circumstancias, e difficuldades em que este laborava, jamais poderiam conceituar-se como bastantes para condemnar qualquer homem á pena ultima; e na verdade que valor podem ter em direito copias de cartas, pois que nem os originaes appareceram! Lopo de Figueiredo, instigado pelo demonio da vingança, foi o instrumento principal desta catastrophe, e até segundo bem attendiveis informações o executor da sentença. O nosso erudito, e engenhoso compatriota aproveitou habilmente todas estas circumstancias, e convertendo em paixão amorosa as relações, talvez bem innocentes, e até bem distantes deste sentimento, que se davam entre Lopo de Figueiredo, e uma Dama, pupilla da Duqueza, deu com esta paixão mui poderoso auxilio ao sentimento da vingança, que tão obstinadamente o movia contra o Duque. Assim o auctor dispõe admiravelmente o espectador no primeiro acto, para nos dous seguintes ver o cabal desenvolvimento, e desempenho da acção; offerecendo plenamente correctos os caracteres dos interlocutores, e em exacta harmonia com o estilo, e uso da corte de D. João 2.º O caracter de Fernam Rodrigues está o mais dignamente conforme com o que a historia nos relata deste varão illustre, apresentando-se como modelo, e primor da honra portuguesa. A Duqueza de Bragança offerece o mais bello typo de sensibilidade, de dignidade, e de respeito; os affectos d'esposa, e de mãe são exprimidos pela maneira a mais conforme ao seu nascimento, relações, e situação. Antam de Faria mostra-se, como na verdade a historia nol'o figura, dotado do genio daquella politica fria, e insensivel que, pertendendo conseguir calculados resultados, cura pouco dos meios, nem se abala com o influxo dos affectos, sempre efficaç, quando não regulado pela norma da politica. A in-

genuidade de Beatriz está interessantemente desenvolvida, e o mais conforme ao caracter que representa. E' sobremodo pathetico o monologo de Lopo de Figueiredo.

Achamos pois que este bem tecido drama, em que demais a mais notamos uma linguagem fluente, pura, e correcta, é um dos ornamentos da nossa litteratura, dando a seu auctor legitimos direitos de louvor, e á nação a que pertence os mais gratos fundamentos para o contar entre os litteratos que sustentam, com os respeitaveis nomes contemporaneos dos auctores illustres do Auto de Gil Vicente, do Fronteiro d'Africa, do Emparedado, e dos dois Renegados, o renome nacional.

— NOTA. Este Drama é offerecido á Illm.<sup>a</sup> e Exm.<sup>a</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Rita Sillessor.

---

## INTERLOCUTORES.

---

D. JOAM 2.º Rei de Portugal.

A DUQUEZA DE BRAGANÇA, D. Izabel d'Alemcastro.

BIATRIZ, Donzella nobre do serviço da Duqueza.

ANTAN DE FARIA, Camareiro, e Privado d'ElRei.

FERNAM RODRIGUEZ PEREIRA, Camareiro do Duque de Bragança, e seu Privado.

ALVARO PIRES, Pagem do serviço da Duqueza.

LOPO DE FIGUEIREDO, Criado d'ElRei, que fôra Contador da Fazenda do Duque de Bragança, riscado do seu serviço.

O BISPO D'EVORA, D. Garcia de Menezes — *não fala*

AYRES DA SILVA, Camareiro mór d'ElRéi — *não fala*

FERNAM MARTINS MASCARENHAS, Capitam dos Ginetes da Guarda d'ElRei — *não fala*

PAGENS D'ELREI —

GUARDAS —

*A acção é em Evora em 1483.*



## ACTO PRIMEIRO

*Vista de sala nos Paços d'ElRei, em Evora, que eram nas cazas de Ruy de Mello, Conde d'Olivença; (hoje do Ex.<sup>mo</sup> Duque de Cadaval.) Meza á direita com tinteiro &c. cadeiras, duas portas de cada lado e uma no fundo.*

### SCENA I.

ANTAM DE FARIA, E LOPO DE FIGUEIREDO.

„ ANTAM „ — O plano é bem traçado : mas como houvestes vós estas cartas? *(tem umas cartas na mão)*

„ LOPO „ — Lembrado estareis da questão entre ElRei, e os Senhores á cerca do preyto, e menagem, suscitada nas Cortes de 1481; e do Capitulo dos povos sobre a entrada dos Corregedores nas terras dos Donatarios.

„ ANTAM „ — Muito bem; porque fui eu quem o lembrou a ElRei, como o meio mais seguro de lhes diminuir o poder.

„ LOPO „ — O Duque Dom Fernando, segundo do nome, e terceiro de Bragança, foi escolhido pelos grandes por seu Procurador; era necessario que elle mostrasse as suas Cartas, e Doações, para provar o seu direito : tinha-as em Villa Viçoza, e mandou ao Bacharel Joam Affonso, actualmente seu Contador da Fazenda, as fosse buscar, porem elle estava doente, e mandou seu filho.....

„ ANTAM „ — Que v'as deu.

„ Lopo „ — Não. Elle é rapaz, e nada entendendo de Cartorios; pedio-me que secretamente o acompanhasse, para como sabedor do archivo as procurar; fui com elle, e n'uma bocêta achei essas cartas, que vos trouxe, por as julgar interessantes ao serviço d'ElRei.....

„ ANTAM „ — E muito. Mas ellas não são as originaes !!!

„ Lopo „ — Eu mesmo as copiei; e se não trouxe as proprias, foi para que se não achassem me- nos: podeis estar certo que as copiei fielmente...

„ ANTAM „ — Valioso é por certo este serviço; não o deixará ElRei sem galardão...

„ Lopo „ — Não o careço, que meu desejo é provar minha gratidão; porque expulso, e maltratado me acolhestes, e déstes favor.

„ ANTAM „ — Se provardes a verdade do que me affirmais, tereis as terras da Commendadeira, que são de grande valor; capazes de satisfazer a ambição mais difficil de contentar.

„ Lopo „ — Não são de certo as cartas dos Reis de Castella, o maior documento, mas testemunhas tendes vós que jurarão... o que quizerdes... Pero, e Gaspar Juzarte, Lopo da Gama, Affonso Váz, João Lopes; Jerónimo Fernandes, e Fernam de Lemos.....

„ ANTAM „ — Firmados no apoio dos Reis da Castella, e no seu poder, e riquezas, ouçam os Grandes ir d'encontro á vontade d'ElRei; mas elle não têm a docilidade de seu pai, e mais depressa acolhe os populares, a quem têm acrescentado os privilegios, já dando-lhes foraes, já despachando-lhes seus capitulos...

„ Lopo „ — Contra vós, Senhor Camareiro, não

genuidade de Beatriz está interessantemente desenvolvida, e o mais conforme ao caracter que representa. E' sobremodo pathetico o monólogo de Lopo de Figueiredo.

Achamos pois que este bem tecido drama, em que demais a mais notamos uma linguagem fluente, pura, e correcta, é um dos ornamentos da nossa litteratura, dando a seu auctor legitimos direitos de louvor, e á nação a que pertence os mais gratos fundamentos para o contar entre os litteratos que sustentam, com os respeitaveis nomes contemporaneos dos auctores illustres do Auto de Gil Vicente, do Fronteiro d'Africa, do Emparedado, e dos dois Renegados, o renome nacional.

— NOTA. Este Drama é offerecido á Illm.<sup>a</sup> e Exm.<sup>a</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Rita Sillessor.

---

## INTERLOCUTORES.

---

D. JOAM 2.º Rei de Portugal.

A DUQUEZA DE BRAGANÇA, D. Izabel d'Alemcastro.

BEATRIZ, Donzella nobre do serviço da Duqueza.

ANTAM DE FARIA, Camareiro, e Privado d'ElRei.

FERNAM RODRIGUEZ PEREIRA, Camareiro do Duque de Bragança, e seu Privado.

ALVARO PIRES, Pagem do serviço da Duqueza.

LOPO DE FIGUEIREDO, Criado d'ElRei, que fôra Contador da Fazenda do Duque de Bragança, riscado do seu serviço.

O BISPO D'EVORA, D. Garcia de Menezes — *não fala*

AYRES DA SILVA, Camareiro mór d'ElRéi — *não fala*

FERNAM MARTINS MASCARENHAS, Capitam dos Ginetes da Guarda d'ElRei — *não fala*

PAGENS D'ELREI —

GUARDAS —

*A acção é em Evora, em 1483.*





genuidade de Beatriz está interessantemente desenvolvida, e o mais conforme ao caracter que representa. E' sobremodo pathetico o monologo de Lopo de Figueiredo.

Achamos pois que este bem tecido drama, em que demais a mais notamos uma linguagem fluente, pura, e correcta, é um dos ornamentos da nossa litteratura, dando a seu auctor legitimos direitos de louvor, e á nação a que pertence os mais gratos fundamentos para o contar entre os litteratos que sustentam, com os respeitaveis nomes contemporaneos dos auctores illustres do Auto de Gil Vicente, do Fronteiro d'Africa, do Emparedado, e dos dois Renegados, o renome nacional.

— NOTA. Este Drama é offerecido á Illm.<sup>a</sup> e Exm.<sup>a</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Rita Sillessor.

# INTERLOCUTORES.

---

D. JOAM 2.º Rei de Portugal.

A DUQUEZA DE BRAGANÇA, D. Izabel d'Alemcastro.

BEATRIZ, Donzella nobre do serviço da Duqueza.

ANTAM DE FARIA, Camareiro, e Privado d'ElRei.

FERNAM RODRIGUEZ PEREIRA, Camareiro do Duque de Bragança, e seu Privado.

ALVARO PIRES, Pagem do serviço da Duqueza.

LOPO DE FIGUEIREDO, Criado d'ElRei, que fôra Contador da Fazenda do Duque de Bragança, riscado do seu serviço.

O BISPO D'EVORA, D. Garcia de Menezes — *não fala*

AYRES DA SILVA, Camareiro mór d'ElRéi — *não fala*

FERNAM MARTINS MASCARENHAS, Capitam dos Ginetes da Guarda d'ElRei — *não fala*

PAGENS D'ELREI —

GUARDAS —

*A acção é em Evora em 1483.*



## ACTO PRIMEIRO

*Vista de salla nos Paços d'ElRei, em Evora, que eram nas cazas de Ruy de Mello, Conde d'Olivença; (hoje do Ex.<sup>mo</sup> Duque de Cadaval.) Meza á direita com tinteiro & cadeiras, duas portas de cada lado e uma no fundo.*

### SCENA I.

ANTAM DE FARIA, E LOPO DE FIGUEIREDO.

„ ANTAM „ — O plano é bem traçado : mas como houvestes vós estas cartas? *(tem umas cartas na mão)*

„ LOPO „ — Lembrado estareis da questão entre ElRei, e os Senhores á cerca do preyto, e menagem, suscitada nas Cortes de 1481; e do Capitulo dos povos sobre a entrada dos Corregedores nas terras dos Donatarios.

„ ANTAM „ — Muito bem; porque fui eu quem o lembrou a ElRei, como o meio mais seguro de lhes diminuir o poder.

„ LOPO „ — O Duque Dom Fernando, segundo do nome, e terceiro de Bragança, foi escolhido pelos grandes por seu Procurador; era necessario que elle mostrasse as suas Cartas, e Doações, para provar o seu direito: tinha-as em Villa Viçoza, e mandou ao Bacharel Joam Affonso, actualmente seu Contador da Fazenda, as fosse buscar, porem elle estava doente, e mandou seu filho.....

„ ANTAM „ — Que vo-l'as deu.

„ Lopo „ — Não. Elle é rapaz, e nada entendendo de Cartorios; pedio-me que secretamente o acompanhasse, para como sabedor do archivo as procurar; fui com elle, e n'uma bocêta achei essas cartas, que vos trouxe, por as julgar interessantes ao serviço d'ElRei.....

„ ANTAM „ — E muito. Mas ellas não são as originaes.!!!

„ Lopo „ — Eu mesmo as copiei; e se não trouxe as proprias, foi para que se não achassem menos: podeis estar certo que as copiei fielmente...

„ ANTAM „ — Valioso é por certo este serviço; não o deixará ElRei sem galardão...

„ Lopo „ — Não o careço, que meu desejo é provar minha gratidão; porque expulso, e maltratado me acolhestes, e déstes favor.

„ ANTAM „ — Se provardes a verdade do que me affirmais, tereis as terras da Commendadeira, que são de grande valor; capazes de satisfazer a ambição mais difficil de contentar.

„ Lopo „ — Não são de certo as cartas dos Reis de Castella, o maior documento, mas testemunhas tendes vós que jurarão... o que quizerdes... Pero, e Gaspar Juzarte, Lopo da Gama, Affonso Váz, João Lopes; Jerónimo Fernandes, e Fernam de Lemos.....

„ ANTAM „ — Firmados no apoio dos Reis de Castella, e no seu poder, e riquezas, ousam os Grandes ir d'encontro á vontade d'ElRei; mas elle não têm a docilidade de seu pai; e mais depressa acolhe os populares, a quem têm acrescentado os privilegios, já dando-lhes foraes, já despachando-lhes seus capitulos...

„ Lopo „ — Contra vós, Senhor Camareiro, não

é menor a malquerença, que não soffrem elles perder a privança d'ElRei, que de juro e verdade possuíam...

„ ANTAM „ — Mas ElRei tambem lhes fêz appresentar os seus pergaminhos para lha conceder; os meus eram mais antigos; fui-lhe dado como camareiro, quando era ainda Principe, e desde então que o sirvo, com zelo, e fidelidade. Durante a louca romaria de D. Affonso 5.º a França, teve ElRei tempo de conhecer os Grandes; e as festas que pela vinda de seu Pae fizeram, bem lhe deixaram vêr quanto elles folgavam que elle não governasse, porque lhes não dava a mesma liberdade, e illimitada jurisdicção, que seu Pae lhes tolerava, em prejuizo dos povos. Muitas vezes me disse elle... Eu abaterei os poderosos do throno, e exaltarei os humildes... Tem procurado indispor ElRei contra mim..., mas não o conseguirão...

„ LORO „ — Deveis com tudo reccar a influencia do Duque de Vizeu...

„ ANTAM „ — Não o temo; longe da vista, longe do coração; ElRei não gosta delle.

„ LORO „ — Mas é irmão da Rainha, e da Duquesa de Bragança; e a Rainha lhe conservará senão a amizade, ao menos a consideração d'ElRei...

„ ANTAM „ — Tambem não a temo; enganaes-vos se pensais que nos Paços, podem muito as relações do sangue, e parentesco. ElRei não gosta della: detesta-a em segredo..., não o mostra..., mas seus amores por D. Anna de Mendonça são de todos sabidos, ella os não ignora, e que tem um filho por nome D. Jorge, que está com a Infante sua Thia, no Convento de Jesus d'Aveiro, onde como filho d'ElRei é criado...

„ LORO „ — Eu o ouvi dizer ao que foi meu amo: estranhando com palavras, e bem severas, o procedi-

mento d'ElRei ; como se elle não fosse homem...

„ ANTAM „ — A differença da idade , e condição da Rainha sua mulher ; e os encantos de D. Anna são o motivo de seus excessos , que um vasalloy devêra sempre respeitar... Eu vou escrever-lhe , dar-lhe-hei novas de seu filho (*Começa a escrever*)...  
(*á parte*) E dir-lhe-hei quanto favor deve ao Duque de Bragança...

„ LOPO „ — (*á parte*) Bella maneira de conservar a privança ; lisongear as paixões , e fomenta-las...

„ ANTAM „ — Levai esta carta a D. Anna de Mendocça , e trazei a resposta... a ElRei... (*dá-lhe a carta*)

„ LOPO „ — Mas logo começa o saráo , não poderei entregar-lha , a não ser na presença da Corte...

„ ANTAM „ — Trazei-ma ; eu lha entregarei (*á parte*) assim mostrarei a todos sou privado d'ElRei...

„ LOPO „ — Cumprirei o que mandais... (*sáhe*)

## SCENA 2.<sup>a</sup>

ANTAM DE FARIA ; só.

Vai cego instrumento da minha politica ; pensas que não leio no teu coração ? lá vejo escriptas em letras de fogo as duas palavras mágicas : o teu fim é a posse de uma donzella , e teus meios ? ... ; sou eu... , é de mim que és esperas... ; e acha-los-has , porque me serves para meus fins. Em quanto lutas com o incendio que te abraza , eu tenho a cabeça fria , e o coração socegado , e calculo teus movimentos , como o espingardeiro a força da pólvora , e o pézo do pelouro : tu és a arma que leva a morte , eu sou a mão que dirige a pontaria , e que a dispara. Queres vingar uma affronta ; eu quero mudar a face a uma monarchia ; queres alcançar a mão de

uma mulher rica, e formosa, eu quero alcançar o poder sem parceiro: um dia as Chronicas dirão os feitos do Reinado de D. João o 2.º; embora; serei eu quem exercitará o imperio, em quanto elle conserva os emblemas da Soberania. Elle ahi vêm: vejamos como está hoje... o prazer de vêr o filho, tem-no feito esquecer seus planos mais particulares.

### SCENA 3.ª

O REI, e ANTAM DE FARIA.

„ ANTAM „ — Tão grande é o prazer de Vossa Alteza, pela feliz chegada do Snr. Príncipe Dom Affonso, que de todos, e de tudo se tem esquecido.

„ REI „ — E' verdade: os sentimentos de pae, tem-me feito esquecer que sou Rei: e tenho sido feliz, mais do que eu pensava; a separação de meu filho ha mais de dous annos, ia-me quasi acostumando a não vê-lo; mas agora que o vejo, e meu filho unico...

„ ANTAM „ — Unico ! ...

„ REI „ — Tens razão; não é unico: Dom Jorge tambem é meu filho: delle me lembrarei sempre como tal: se não é legitimo, não é por minha culpa; cazaram-me de quinze annos... Mas eu estimo a vida do Principe n.eu filho, porque vejo em fim acabadas essas terçarias de Moura, que me tinham quasi em captiveiro, porque davam aos Grandes de minha Corte uma influencia; que me contrariava. Minha Sogra a Infante Dona Brites prendia-me os braços, e nem ao menos podia julgar-me Rei, pois que tinha por vassallos seus filhos; e genro, que na Infante achavam a protecção da Mãe, e de Senhora da vida do herdeiro da minha coroa...; agora posso respirar á minha vontade...

„ ANTAM „ — Mas o poder delles não diminuiu, porque só a casa de Bragança tem cincoenta Villas, e fortalezas de que recebe preyto.

„ REI „ — Porem o Duque as tem de mim ; e por mim.

„ ANTAM „ — Não o diz elle assim ; diz que as tem de juro , e herdade para sempre...

„ REI „ — Mas nas Côrtes de 481, prestou-me o juramento do preyto , e menagem , conforme a formula nova que mandei...

„ ANTAM „ — Juntando ao juramento o protesto de que seus direitos não ficavam prejudicados ; e com Vossa Alteza traz demanda a esse respeito... assim como á cerca da entrada dos Corregedores nas terras de sua jurisdicção.

„ REI „ — E os Dezembargadores julgarão quem tem melhor direito...

„ ANTAM „ — Assim o devem fazer, mas nem sempre o fazem. E se julgarem que está da parte do Duque?

„ REI „ — Não se attreverão a tanto ; que quando eu mando , quero ser obedecido.

„ ANTAM „ — Assim o entendo eu, Senhor, mas não pensam todos da mesma forma ; e vassallos com duas mil lanças , e dez mil infantes acostumados aos combates , não são faceis de convencer.

„ REI „ — E' vassallo demasiado poderoso para monarchia tão pequena ; é preciso ou dilata-la pelos Algarves d'além-mar , ou fazê-los menos poderosos. O Duque é altivo , não admira , é neto de D. Joam 1.º , mas não cabe em seu peito uma aleivosia...

„ ANTAM „ — E' filho de quem causou a morte



ao desgraçado Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, na batalha d'Alfarrobeira, Pae da mãe de Vossa Alteza.

„ REI „ — E' verdade: porem, a cortezia com que o Duque recebeu o Principe em Portel, e nas suas terras por onde elle passou, na sua vinda de Moura; os banquetes, e festas que lhe deu, fortes penhores são de sua lealdade, e mostram bem que tem uma alma nobre, e generosa.

„ ANTAM „ — Tudo isso faz elle, para ostentar seu poder, e riquezas; a sua casa é mantida com tanto luzimento como a de Vossa Alteza: os seus criados são das primeiras familias do Reino; e seu estado é tal que mais parece de Rei, que de vassallo, a differença está nas cores, e divisas de sua casa.

„ REI „ — Dezejo diminuir-lhe o poder, para que não me possa empecer o meu; porem confesso quebrou o desejo, a sua vinda á Côrte acompanhando o Principe. Correu hoje as cannas em seu, e meu obzequio, e fê-lo com bisarria.

„ ANTAM „ — Foi dess'arte que elle captivou, se não enfeitçou a ElRei vosso Pae; e creio que já vos tem meio enfeitçado tambem. Queira Deus que tão breve não esqueçais os serviços, como esqueceis...

„ REI „ — De tudo me lembro, nem em memoria nos excede nosso Primo de França. Quanto dera elle por vos ter ao lado em lugar do seu Oliveira, e Cardeal *la Buluc*!!

„ ANTAM „ — E vós, Senhor, que tanto elogiáis sua politica, parece que esqueceis foi feito prisioneiro de seu Primo Duque de Borgonha, Carlos o Temerario: permitta Deus que o mesmo vos não succeda; por esquecerdes por uma festa, e um banquete, ou um torneio, vosso proposito, que deixais em meio caminho.

„ REI „ — Nosso Primo Luiz II, tem saber,

mas não tem valor pessoal ; suas guardas são escocesas , está sempre no seu paço de Plessis das Torres , que mais é a cidadella de uma fortaleza , do que o Palacio de um Monarcha : a minha guarda é Portuguesa , e eu tenho a minha espada , e o meu braço que nunca nos apertos me faltaram.

„ ANTAM. „ — *(á parte)* Nada o move hoje ; tenho quasi perdidas as esperanças , mas o Duque não me suplantará *(alto)*. Mas se vós , Senhor , visseis estas cartas , talvez não pensáreis da mesma forma ; estivesseis menos tranquillo !

„ REI „ — E de quem são ellas ?

„ ANTAM „ — Dos Reis de Castella para o Duque de Bragança , e para seus Irmãos o Marquez de Monte-mór , Conde de Faro , e D. Alvaro.

„ REI „ — Que dizem ellas ?

„ ANTAM „ — Tratam deslealdade a Vossa Alteza , e a seus reinos.

„ REI „ — Deixa-m'as ver. *(toma as cartas das mãos de Antão de Faria , examina-as , e torna a dar-lhas)* Estas não são as lettras de nossos Prinhos Fernando e Isabel.

„ ANTAM „ — São copias fieis.

„ REI „ — Quem as tirou ? e como as houvestes ?

„ ANTAM „ — Lopo de Figueiredo mas deu , e elle foi quem do archivo do Duque as copiou...

„ REI „ — E' parte suspeita ; foi expulso pelo Duque. Mas guarda-as... examinarei de vagar se' conhecido ; bom é ter sempre as armas promptas para combater o inimigo , e no tempo de paz juntar munições para a guerra. Eu vou alguns momentos para o quarto de meu filho ; tomai conta não falte cousa

alguma para que o sarão seja luzido ; é em obsequio a sua vinda ; a corte assistirá e alguns Fidalgos Castelhanos que com elle vieram por acompanhá-lo : não se diga que as festas reais são agora menos brilhantes, que d'antes eram.

„ ANTAM „ — Não se dirá, por certo ; mas sim que á corte de Vossa Alteza, nenhuma iguala em primor, e louçania (*sáhem*).

#### SCENA 4.

ALVARO PIRES só.

Estou cansado com tanto prazer ; tenho tido todos os dias uma indigestão completa ; touros , cannas , justas , torneios , honras , sarões , banquetes , cêas , e eu sempre prompto , e presente a tudo ; como estou ao serviço da Duquesa minha Senhora , e ama , não ha remedio senão acompanhá-la para toda a parte ; ainda bem que o sarão de hoje põe termo a tantas festas ; amanhã posso acordar descansado , que de madrugada não iremos nós para Villa Viçosa. Quem me dera já lá. Tenho umas saudades da minha Princeza Miraguarda. Mas eu tenho-as affogado , e tanto que estou mais gordo. A Corte para dous , ou tres dias agrada , diverte-se a gente a vêr tantas caras , e de tantas formas ; mas a obrigação de estar serio , cá em mim faz-me logo vontade de rir. Agora vim eu lá de dentro porque vi um figurão , que fazia rir as pedras , e eu não queria levar algum puchão d'orelhas. Mas onde estará este Lopo de Figueiredo , desde que sahio de casa do Duque nunca mais lhe fallei á minha vontade : deve estar encantado ; encantado está elle , e tal é o encantamento que merece a pena perder a liberdade por elle. Ah! vêm o Camareiro de meu amo , que de certo está no quarto do Principe , ou no d'ElRei...

SCENA 5.<sup>a</sup>

ALVARO e FERNAM RODRIGUES:

„ ALVARO „ — Bôas noutes, Snr. Fernam Rodrigues

„ FERNAM „ — Bôas noutes, Alvaro : que fazeis aqui ?

„ ALVARO „ — Vim dar uma volta por estas salas, estava cansado de não fazer nada : minha senhora e ama, estava no quarto da Rainha sua irmã com Beatriz, e como lá não era necessario, pedi licença, e puz-me ao fresco.

„ FERNAM „ — Já viste o Principe ?

„ ALVARO „ — Tambem essa é bôa pergunta ! porque ? eu sou cêgo ? não estava elle ainda hoje nos touros.

„ FERNAM „ — Perguntava se tinhas ido ao seu apozento.

„ ALVARO „ — Não ; que fui ao da Rainha, como dice, onde estava minha ama com Beatriz ; e á fé que as Damas da Corte não folgaram de a vêr no sarão.

„ FERNAM „ — Pelo contrario, julgo que todos folgaram de vê-la.

„ ALVARO „ — Todos, pode ser ; mas todas, isso de certo não ; que a formosura de Beatriz a todas porá ao canto ; e vós sabeis, senhor Camaréiro, que as mulheres não perdoam umas ás outras a formosura alheia : os Cavalleiros no sarão hão-de brigar por causa della ; porque quando appareceu com a Duqueza nas festas, todos olhavam mais para ella, que para os que corriam os touros, ou a argolinha. E como eu estava ao pé della via os adema-

nes de todos , e sabe Deus o que me custava sustentar uma gargalhada , ou fazer-lhes uma visagem .

„ FERNAM „ — Pois já devias deixar-te dessas travessuras , que podem custar-te caras ; nem muito pode tardar que deixes o serviço de Pagem , pelo de Moço fidalgo .

„ ALVARO „ — Eu assim estou melhor , rio , e só vós ralhais sempre comigo ; depois é outra vida .

„ FERNAM „ — E Beatriz ?

„ ALVARO „ — Já vos dice que ficou com sua ama , hoje faz ella mais conquistas que Alexandre ; ó Sar. Rodrigues , não é assim que se chamava aquelle cavalleiro das Cruzadas ?

„ FERNAM „ — Não era cavalleiro das Crusadas , era Rei de Macedonia .

„ ANTAM „ — Tambem para o meu cazo é o mesmo , que seja Turco , ou Christão . Beatriz não fará cazo de suas novas conquistas .

„ FERNAM „ — Porque ? haverá alguém que ella prefira ??

„ ALVARO „ — Cá eu não me mêtto com as vidas alheias , vós tendes-me sempre ensinado a ser discreto , e calado ; e eu não quero , por descobrir segredos de Donzellas , ter alguma costella quebrada ; que se ellas nos deitão os tampos dentro , seus ruções fazem-nos o mesmo , e mais ao vivo .

„ FERNAM „ — As mulheressão caprichozas ás vezes : queira Deus que Beatriz não empregue mal o seu amor .

„ ALVARO „ — Quem o feio ama bonito lhe parece , e ainda bem que assim é , se não , pobre de mim Alvaro Pires , filho quarto de um fidalgo pobre , com esta cara , teria de ir para um mosteiro dar a Deus o

que o demonio não quiz, como por hi succede ás vezes a tantas Donzellas, com tanta vocação como eu. Lá começou o saráo, que os instrumentos derão o signal: estas malditas chirinolas, e sacabuxas, serão bonitas, mas parece mais a musica do inferno, que para animar: as danças dos cavalleiros, ou acompanhar um prestito real.

„ FERNAM „ — Ahi vem ElRei, com a cõrte, que para as sallas se encaminha: vamos nós primeiro tomar lugar ao pé de nossos amos...

„ ALVARO „ — Não: deixae-o passar, gozamos o prazer de os vêr... iremos apoz elle...

#### SCENA 6.<sup>a</sup>

( *Passa ElRei acompanhado do Bispo d'Evora, do Camareiro mor e do Capitão dos Ginetes; conversando com os que lhe vão ao lado* ).

„ FERNAM „ — ElRei vai rizonho, como nunca o vi, conversa com Aires da Silva, seu Camareiro mór, e com o Bispo d'Evora D. Garcia de Menezes...

„ ALVARO „ — Que era melhor para cavalleiro, e trovador, que para Bispo.

„ FERNAM „ — Não digais mal do nosso Bispo, tão moço, e tão nobre: é o de melhor, e mais saber entre os Prelados, e Grandes.

„ ALVARO „ — Tambem para isso não é necessario muito; que elles gostão mais dos prazeres que dos livros, e das cartas d'amores que das Horas, e do Breviario.

„ FERNAM „ — Não vos fica bem, a vós, dizer isso; que se o elles sabem...

„ ALVARO „ — Não que vós sois de segredo , e também sabeis como eu , que Margarida Tinoco... mas, chiton ! que o Bispo se me ouve... e as paredes do Paço são chocalheiras...

„ FERNAM „ — E pela boca perde o peixe... vamos.

„ ALVARO „ — Tendes razão ; mais olhai como vai inchado o capitão dos ginetes da guarda, Fernam Martins ; parece que leva ElRei na barriga...

„ FERNAM „ — Se queres , fica só.

„ ALVARO „ — Não , Senhor , eu vou também convosco. (*sahem ambos* ).

## SCENA 7.<sup>a</sup>

LOPO DE FIGUEIREDO só.

— Alli está , no meio das festas , e dos prazeres , obrigando a todos a ama-la com sua belleza , a admirar-la com seus encantos , e a respeita-la com sua modestia. E outrem ha-de possuir tantas prendas ... ? e eu ? educado com ella desde a infancia , amando-a antes de saber conhecer este sentimento... correspondido por ella , talvez sem o perguntar a si mesma ; eu hei-de perde-la ? Oh ! mal o haja a hora do meu nascimento... ! pobre... e desvalido... como aspirar a conseguir a mão de uma Donzella, rica , nobre , e formosa ? ! eu o pensei possível... mas em breve fiquei enganado... facil foi conhecer-se meu amor por Beatriz , o Duque o soube ; reprehendeu-me , como se o amor attendesse a condições ... ! ! nem o meu emprego de Contador da Fazenda enchia a distancia que de Beatriz me separava... busquei o unico meio que tinha de a possuir... o Duque o percebeu... fui expulso de sua caza... riscado do seu serviço... envidado aos olhos dos homens , e talvez della... Que me ficava ? o crime , o remorso ; o amor que até alli me enchia de prazer a existencia , tornou-se em

fogo infernal que de continuo me abraza ; e a vingança é o unico prazer que me resta : terrivel será ella... que o bicho vil que rasteja na terra , se o pizão, morde, e seu veneno cauza a morte com dores violentissimas : eu tambem as soffro... e ella !!! ah ! que nem ao menos lhe tenho podido fallar , justificar-me a seus olhos , embora o resto me fugisse como do leprozo. Mas de mim mesmo quem me esconderá !! ah ! que de mim mesmo me pejo... ! e não posso acabar com o remorso que me punge... ! não importa , eu o farei callar. Na carreira dos crimes tudo vai do primeiro posso , os outros são a sua terrivel consequencia , que como o facto nos arrasta. Eu quizera retrogradar , não posso , irei ávante. Oh ! felis raio de esperanza , alli vem o Pagem da Duquesa , elle me alcançará meio de fallar a Beatriz.

#### SCENA 8.ª

LOPO E ALVARO,

„ ALVARO „ — Oh ! Senhor Lopo de Figueiredo ! por aqui ? !

„ LOPO „ — Sim, Alvaro, por aqui. De que nasce a tua admiração ?

„ ALVARO „ — Julguei tinhas morrido , que tanto ha que te não via ; ou que te havias mettido frade, tendo renunciado ao mundo , e suas grandezas.

„ LOPO „ — Nem morri , nem renunciei ao mundo ; estou ao serviço d'ElRei , ou ao de Antam de Faria, seu Camareiro...

„ ALVARO „ — Que valle o mesmo , porque é quem todo lo manda. Bem diz o rifão , que ha ruins que tem ventura : tu foste expulso de caza do Duque meu airo , e riscado do seu serviço por...

„ LOPO „ ( *agarrando com violencia a mão de*



*Alvaro* ). — Se continuas aqui mesmo te arrancarei a lingua.

„ *ALVARO* „ ( *fazendo mimições, e bizuagens com a dor* ). — Ai, ai, ai! minha rica mãozinha; parecia que ma querias quebrar: já vejo, Lopo, que mudando de senhor não mudaste de costumes: sempre gostaste de levar as cousas á valentona!

„ *LOPO* „ — Contigo a força, com outros o geito, com a maior parte ambas as cousas. Estou ao serviço d'ElRei; sou privado de Camareiro; se me fizeres o serviço que de ti espéro, todo o meu valimento, todo o favor d'Antão de Faria te prometto.

„ *ALVARO* „ — Conforme for o serviço. — não regeito o teu favor... quem sabe? isto do mundo dá tantos tumbos... Olha, se fosse um Alvará de promessa de algum officio bom quando vagar... se tu me alcançasses...

„ *LOPO* „ — Eu t'o prometto, amanhã t'o darei, pois que um tenho eu que me deu o Camareiro. mudar-se-ha para o teu nome, por que o nome está em branco.

„ *ALVARO* „ — Que delicia! eu benzi-me hoje com a mão direita!!! mas então que hei-de eu fazer:!

„ *LOPO* „ ( *á parte* ) — Interesseiro-vil! se o mandasse commetter um crime, o fizera...

„ *ALVARO* „ — Grande é o serviço, que vos dá tanto que pensar: poderei eu fazê-lo?

„ *LOPO* „ — É grande, e muito grande; e só tu agora o poderás fazer.

„ *ALVARO* „ — Mas então que hei-de eu fazer? estou arrebrandando já por servir-te, ( *á parte* ) isto é por haver á mão o tal Alvará.

„ *LOPO* „ — Tu conheces Beatriz?

„ALVARO,, — A Donzella da Duqueza?! oh! se conheço: não sou eu do serviço da mesma Senhora, e Ama?

„LOPO,, — Pois eu quero vê-la.

„ALVARO,, — Se é só isso, facil é, barato ganhei o Alvará. Olhai (*mostrando-lhe com a mão para dentro dos bastidores*), além, além, na ultima salla; acolá está perto da Duqueza, que está ao pé da Rainha. Olha, olha, agora está com ella fallando o Conde de Marialva Meirinho mór.

„LOPO,, — Sim, quero vê-la, mas tambem quero fallar-lhe; o serviço que te peço é, que vás dizer-lho.

„ALVARO,, — Agora, no meio do saráo, cercada de toda a còrte, que parece que ella é a Rainha! é impossivel...

„LOPO,, — Guardarei o Alvará...

„ALVARO,, — Não, isso não; mas que lhe hei-de eu dizer?

„LOPO,, — Que alguém, que a estima bem mais do que a vida, nêsta salla a espera, e lhe dezeja fallar.

„ALVARO,, — E se me perguntar quem é?

„LOPO,, — Da-lhe este anel, (*tira-o do dedo, e da-o a Alvaro*) ella o conhece; é o unico penhor que me prendia á vida... vai, espera occasião propria de a acompanhâres até aqui... ninguem reparará, por que tu és Pagem da Duqueza, é teu dever servir as suas Donzellas: eu andarei por aqui perto; que longe della o coração me não cabe no peito.

„ALVARO,, — Fica descansado; se não vier, não será por culpa minha; que eu farei as diligencias como para mim. (*á parte*) Podéra não, assim terei mais seguro o Alvará. Elle é que a deu em cheio... expulso por... [*faz acção de apunhar com a mão*]

mas não se diz , que pode ouvir... e já dá Alvarás!! assim vai o mundo... ( *em quanto diz as ultimas palavras vai sahindo* ).

„ LOPO „ — Interesseiro !.. vendêras a alma a troco de algumas dobras...! mas que é o mundo ? que se faz nelle que o interesse não seja o primeiro movel ? a uns o ouro , a outros o poder , a outros a gloria , e o renome , em quazi todos o amor , e o odio. ( *fica pensativo , e quando vê entrar para a Scena Fernam Rodrigues vdi para retirar-se dizendo á parte* ) Ah! vem o Camareiro do que foi meu amo ; não posso supportar a sua vista , é como um juiz severo que me pede contas.

## SCENA 9.ª

LOPO , E FERNAM RODRIGUES.

„ FERNAM „ — Assim vos ides , Lopo ? !

„ LOPO „ ( *quazi sem olhar para elle* ) — Que me quereis ?

„ FERNAM „ — Nada. Pensei que tendo-vos eu criado , me fallarieis... Os ares do Paço não ensinão a gratidão.

„ LOPO „ — ( *á parte* ) Tem razão ; que mal me fez elle ? nenhum : o bem que poudes , e foi muito : educou-me como seu filho , e como tal me tratou sempre. ( *alto* ) Perdoas-me... tinha que fazer... não podia demorar-me...

„ FERNAM „ — Sim , Lopo , já não careceis de mim , nem de meus conselhos ... Queira Deus que sejais feliz ; é difficil porem , quando não estamos bem connosco mesmos...

„ LOPO „ [ *agitado* ] — Eu o estou ; porque inno-

sente fui expulso : foi tirania do Duque n'um accesso de seu furor ; por não ter...

„ FERNAM ,, — Folgaria que assim fosse ... mas... em todo o tempo é tempô ... estaes em favor , aproveitae-vos delle com moderação , e para o bem ; fazei com vossas boas acções por dissipar a idéa que *alguem* de vós possa ter formado...

„ LOPO ,, — Pensem de mim o que quizerem , não me abaterei a justificar-me...

„ FERNAM ,, — Um erro não é um crime quando se emenda ; vós estaes em boa idade ainda , tomai o conselho de quem vos viu crescer , e vos ajudou na infancia...

„ LOPO ,, — Foi uma aleivozia , que eu farei pagar bem caro...

„ FERNAM ,, — Não são essas as minhas lições por certo ...

„ LOPO ,, — Sempre me ensinaste a desagravar-me , eu o farei...

„ FERNAM ,, — Deus será o juiz da maneira que o fazeis. Ligado aos inimigos do que foi vosso amo, vos criou , e deu emprego... vosso ar soturno , e azia-go... ah ! Lopo , se maus pensamentos vos assaltão , desterrai-os , um crime gera outro , e mau fim espéra a quem tal vereda seguir...

„ LOPO ,, — Sou grato a quem me abrigou na desgraça ; a quem me abriu os braços , quando os demais me cercavão as portas , e com infamia. Eu sigo o meu destino , segui vós o vosso : sofri esse Duque ativo , e arrogante , vós que sois nobre... eu servi a quem se não peje de ter por servidores aos desvalidos , sem riqueza... [*á parte*] Não posso mais... respeito este homem ; mas a idéa de que elle sabe o motivo porque fui expulso de casa de seu amo... põe-me o sangue em combustão.

SCENA 10.ª

FERNAM, LOPO, E ANTAM DE FARIA.

„ ANTAM,, (*em voz baixa para Lopo*) — Entregaste a carta?

„ LOPO,, [*em voz baixa para Antam*] — E eis aqui a resposta. [*entrega-lhe uma carta*].

„ ANTAM,, (*para Lopo*) — Eu a entregarei a El-Rei, agora mesmo no sarão... (*alto para Fernam*) Boas noutes, Senhor Fernam Rodrigues.

„ FERNAM,, — As mesmas vos dezejo (*á parte*) O Camareiro d'ElRei com tanta intimidade com Lopo, a quem d'antes detestava! misterio ha hi...

„ ANTAM,, — Creio tereis gostado das festas, pela feliz chegada do Principe?!...

„ FERNAM,, — Reaes tem sido; como convinhão a quem as dava, e a quem as recebia.

„ ANTAM,, — Nunca tão lustrozas, e magnificas se fizeram em Portugal ...

„ FERNAM,, — De vagar, Senhor Camareiro, no tempo do Snr. Dom Affonso 5.º, que sancta gloria haja, se não eram mais luzidas, eram mais animadas; sempre nas justas o primeiro Lidador era ElRei, e o actual, sendo Principe, alli apprendeu as qualidades do cavalleiro: ja vêdes que agora não é assim.

„ ANTAM,, — Os Fidalgos agora, parece que fogem da Corte; por isso a sua falta foi sensivel nas festas.....

„ FERNAM,, — Se o favor é todo para os populares, que são quem cercão ElRei, não admira que evitem a concorrência...

„ANTAM,, — Nelles tem achado a obediencia, e amor, que os grandes mostravam a seu Pai... E de certo não é airozo a tantos senhores, e grandes não andarem na corte, nem virem a ella por tão fausto motivo, como o desfazimento das terçarias...

„FERNAM,, — Muita gente ha, e de bom juizo, que o não julga tão feliz como parece... o tempo o mostrará...

„ANTAM,, — E não longe estará elle (*á parte*) A luta ha-de em breve decidir-se: ou eu, ou elles...

„FERNAM,, — E dê Deus a justiça a quem a tem. Vou para as sallas ver se meu senhor, e amo o Duque de Bragança quer algum de meus serviços.

„ANTAM,, — Comvosco irei, que a ElRei tenho de entregar esta carta. E' de D. Anna de Mendoca.

„FERNAM,, (*á parte*) — Da concubina d'ElRei!! lisongeando seus torpes amores, é que possui o seu favor!! [*sahem Fernam, Antam*]

## SCENA 11.ª

Lopo, pensativo, BEATRIZ entra com ALVARO,

„ALVARO,, (*para Beatriz*) — Elle aqui deve esperar-nos.

„BEATRIZ,, — Mas como fallar-lhe? se alguém vier?  
[*fallando com Alvaro.*]

„ALVARO,, — Descançai que ninguem virá; os novos momos que entrarão a todos tem distraídos: e que venhão, eu estou comvosco...

„BEATRIZ,, — Meu Deus! dai-me o valor de que eu careço!! livrai-me de mim mesma, e dos tormen-

tos que soffre minh'alma. Elle é infeliz... e eu também... como recuzar vê-lo... ? ouvi-lo ? e negar-lhe um favor innocente , que eu desejo tanto como elle...

„ LOPO „ ( *vendo-a , corre para ella* ) — Beatriz , minha Beatriz ! mas não vos posso dar esse nome ; fui proscripto de caza do Duque , também me proscreverias do teu coração ?...

„ BEATRIZ „ — Eu ? ! ah ? Lopo , nunca : a minha ventura acabou com a tua... lagrimas tem sido o meu sustento... obrigada a occulta-las , ellas me affogavam alma : e a dor que me opprimia o peito , nem um suspiro a diminuia , que juntos no coração , não ouzavam sahir delle...

„ LOPO „ ( *beijando-lhe a mão com a vehemencia da ternura.* ) — Ah ! quanto eu dou por bem soffridas minhas magoas... agora as bemdigo... que por ellas tenho o testemunho do teu amor... sim... eu o comprara á custa da minha vida , á custa da eternidade...

„ BEATRIZ „ ( *reprehendendo-o com candura* ) — Não blasfemes , que Deus ouve tão bem o ai do desgraçado , como a impreciação do impio : se és infeliz , não chames sobre ti a cólera divina..

„ ALVARO „ ( *á parte , passeando , como quem espreita que alguém não venha interromper os amantes.* ) — Olha que sermão de moral !! se os missionarios que ElRei manda para alem mar fossem taes , á fé que poucos devotos lá teria Mafoma...

„ LOPO „ — Beatriz ! se Deus não quer blasfemias , não mande anjos como tu habitar entre os homens. Sabes tu o que se têm passado na minha alma , desde que deixei de ver-te ? desde expulso por um... por o teu senhor , e amo , perdi o bem de viver junto de ti ? de te ver a cada momento ? Os tormentos dos condemnados são nada ao pé dos que eu tenho soffrido... eu era pobre ; mas rico de meu amor , e minhas esperanças , via correr os dias tão puros como

os dos anjos : eu era desvalido ... mas teu amor , tuas virtudes ennobreciam a minh'alma , julgava-me superior a todos os homens... Envilecido... vilipendiado... maltratado... perdi esse thezouro de esperanças , e só então me conheci pobre... julguei què me esquecias... e só então me conheci desvalido... e as pulsações que até ali d'amor só eram , foram d'então ávante de saudade , não da que é balsamo suave , mas da que nos mirra como o sepulcro... Era o ciume , de tudo , e de todos ; por te verem , por te ouvirem... E a vingança , que , como o sino dos finados , dobrava no meu coração os sons lugubres do passamento...

„ BEATRIZ ,, — Por piedade , Lopo , que tuas expressões me matam... não falles assim... que ao mesmo tempo que folgo de te ouvir , um tremor involuntario se apossa de mim... não , nem sempre seremos desditozos...

„ LOPO ,, — E de ti só depende a minha ventura... tu és senhora do teu coração , sê minha espôza...

„ BEATRIZ ,, — Dependo do Duque de Bragança ; educou-me desde a mais tenra infancia , devo-lhe o amor de filha , porque de pai me tem servido na minha orfandade.

„ ALVARO ,, ( á parte ) — O homem vai logo ás do cabo : quer ser como o outro cavalleiro , chegar , ver , e vencer ; o cazo está passar o Rubicon...

„ LOPO ,, — Mas ao Duque devo eu a minha affronta , a minha desventura...

„ BEATRIZ ,, — Elle é cavalleiro ; ninguem tão nobre , e generoso como elle...

„ LOPO ,, — Mas por vosso amor , que elle em mim conheceu , expulsou-me de sua caza ; e não querendo que a mais nobre Donzella da Duqueza despozasse um pobre... riscou-me do seu serviço ; que o que elle queria era riscar-me para sempre do teu coração ,



tirando-me a esperança de poder ser teu espozo...

„ ALVARO „, [*á parte*] — Como elle sabe levar a-gua ao seu moinho...

„ BEATRIZ „, — Mas eu não serei ingrata para com elle... Falla-lhe ; justifica-te : elle te acolherá de novo: eu juntarei ás tuas as minhas supplicas ; elle cederá a ellas , e eu serei tua espoza... mas só com o seu consentimento.

„ ALVARO „, (*d parte*) — A rapariga defende-se palmo a palmo...

„ LOPO „, [*pensativo , e com expressão de maldade no rosto*] — E quando o Duque não se opponha á nossa união , tu...

„ BEATRIZ „, — Eu serei tua mulher...

„ LOPO „, — Jura-lo ?

„ BEATRIZ „, — JURO ; que não ha mister juramentos para se cumprir o que se dezeja.

„ LOPO „, — Pois tu serás minha...

„ ALVARO „, (*á parte*) — Já estou farto de ser espectador : não hão-de gostar , tenham paciencia , o mesmo fiz eu até agora. (*alto*) Vamos , vamos Beatriz , muito vos tendes demorado ; não venha por hi alguém.

„ BEATRIZ „, — Tendes razão , Alvaro. Adeus Lopo , Adeus...

„ LOPO „, — Conheço , que é força que nos separemos... mas , Beatriz , quando tornarei a ver-te ?

„ BEATRIZ „, — A'manhã partimos para Villa Viçoza. Agora só quando tiveres vencido o Duque.

„ LOPO „, — Eu o vencerei , sim , eu o ven-

cerei; mas amanhã partires...! ah! permite que antes da partida te falle, e veja...

„BEATRIZ,, — Não é possível, Lopo...

„LOPO,, — Tudo é possível a quem como eu te ama. Alvaro nos dará os meios... diz-me que me fallará antes da partida...

„ALVARO,, (*á parte*) — Elle dispõe de mim como de couza sua; e eu mettido nestes assados!! mas o Alvará? quanto mais me dever mais me pagará.

„BEATRIZ,, — Adeus Lopo...

„LOPO,, — E não me dás ao menos, um luzeiro de esperança, que me alente?! queres murche o meu coração como as folhas no outono? ...

„BEATRIZ,, — Tudo farei... tudo... que não seja contrario ao que devo a mim, e a ti mesmo... Adeus...

## SCENA 12.<sup>a</sup>

Os PRECEDENTES : a DUQUEZA , ELREI  
E FERNAM.

„REI,, (*para a Duqueza*) — De certo, ha muito que não tive tão completa satisfação...

„DUQUEZA,, — E todos tomão parte na ventura de Vossa Alteza.

„REI,, — Nem todos, Senhora Prima, e irmã; alguns ha. que nem á corte quizerão vir, para com suas pessoas, e luzimento de seu estado, a fazerem mais brilhante.

„DUQUEZA,, (*á parte*) — Falla de meus Cunhados, o Marquez de Monte-mór, Conde de Faro, e D. Alvaro. (*alto.*) Estou certa porem, que não lhes pezará pouco, não terem tido lugar de fazerem esse serviço a Vossa Alteza.

„ REI „ — Os serviços que não temos direito a exigir, são os que mais agradecemos; porem muitos ha que não querem que eu lhes deva favor. Os instrumentos vão dar o signal para a cea: quereis vós Senhora, tomar parte nella com a Rainha vossa Irmãa?

„ DUQUEZA „ — Far-vos-hei companhia, e tomarei sempre de bom grado parte em vossos prazeres, e pezares.

„ ALVARO „ (*á parte*) — Ainda bem; tinha medo que dissesse que não; e o meu estomago dê ha muito que tocava ao refeitório...

### SCENA 13.ª

LOPO, BEATRIZ, ALVARO, REI, DUQUEZA,  
FERNAM, E ANTAM DE FARIA.

„ ANTAM „ — Por Vossa Alteza esperão a Rainha, o Principe, e o...

„ REI „ — O Duque está com elles: vamos nós, não é bem que os façamos esperar. Permitti-me que eu mesmo vos conduza (*dando-lhe a mão*). Lopo, conduzi a Donzella da Duqueza.

„ Duqueza „ — Lopo ...! o que foi Contador do Duque? perdoae-me, Senhor, quando meu marido não quer os serviços de um seu criado, não os devo eu querer tambem ... e Beatriz é minha Donzella. Fernam Rodrigues, conduzi a Beatriz ...

„ REI „ (*com ar offendido, mas d'affabilidade affectada*) — Eu pensava que, não digo nos meus reinos, mas ao menos na minha caza, poderia governar só.

„ BEATRIZ „ (*á parte, dando a mão a Fernam*) — O' meu Deus! que desventura!

„ LOPO „ (*quando todos vão a retirar-se, á parte*) — Infeliz!! não esperava este golpe...!! elle é de morte ... porque me roubou até a derradeira esperança; mas, renascerá, e mais viçosa, como o cipreste que nasceu na campa.

## ACTO SEGUNDO.

*Vista de salla no Palácio do Duque de Bragança em Evora : (hoje extincto Convento do Carmo. ) Uma porta de cada lado, outra no fundo, uma porta falsa á direita : meza e cadeira.*

### SCENA 1.ª

ALVARO PIRES, só.

— Ora graças a Deus, que hoje vamos para Villa Viçosa. O mez de Junho não é agradável em Evora, não tem arvoredos a cidade, o ar é doentio: Villa Viçosa sim, tem mattas, e florestas; bem lhe cabe o nome que lhe pozeram; parece que se ri para a gente. Com que anciã estou eu por lá chegar; tenho lá os meus amores, mas não são como os de Lopo, são mais baixos, e por isso mais comezinhos. Veremos se elle cumpre a sua promessa, o interesse tambem é d'elle ... parece-me que já tenho o Alvará n'algibeira. E dizem que se não pescão trutas a bragas enxutas, olé se pescam! de hontem para hoje, e sem ao menos perder o somno da manhã, ganhei eu mais que se tivesse ido pelejar em Africa, e lá tivesse deixado aos mouros uma perna ou um braço. Porém Lopo ainda é mais feliz do que eu; expulso de caza de meu Senhor, por ter uma destas habilidades que são falta d'habilidade em arithmetica, ganha o favor do Privado d'ElRey, e por arte magica enfeitiça o coração de Beatriz, que morre por elle ... mal empregada!! tão rica, tão nobre, e tão formosa, se fosse para mim ... filho quarto de um Fidalgo, que tem tantos pergaminhos, e tão pouco pão!? mas entendam-se lá com mulheres! o ponto está que alguma couza se lhes metta na cabeça, e que lha contrariem; vai tudo pelo pó do gato. Oh! ei-la que vem! como vem bonita! fica-lhe tão bem a tristeza! aposto que passou mal de noute ...

SCENA 2.<sup>a</sup>

ALVARO, E BEATRIZ.

„ BEATRIZ „ — Bons dias, Alvaro.

„ ALVARO „ — Para mim bem bons são elles que nos vamos para Villa Viçozza: mas vós pareceis-me agora mais triste que de costume, ainda que triste de ha muito vos veja sempre.

„ BEATRIZ „ ( *sentando-se* ) — Sim Alvaro, estou triste e bem mais do que nunca ...

„ ALVARO „ — Aposto eu que são saudades; ora deixai-vos disso, que saudades são securas, e vós, como não sois homem, não as haveis de affogar com a borraxa.

„ BEATRIZ „ — Em lagrimas as affogarei, que só ellas serão o meu allivio ...

„ ALVARO „ — Mal o haja quem as faz derramar e que a esses olhos matadores tira o brilho d'alegria, quem faz que se desbotem as côres das vossas faces ...

„ BEATRIZ „ — Não o digaes, Alvaro, que as pragas nem sempre cahem no chão: ha magoas, que atormentando-nos, nós bemdizemos, e prezamos a origem dellas; vós não o sabeis talvez, e permitta Deus o ignoreis ...

„ ALVARO „ — Cá eu não gosto das couzas que me dão magoa; mas quem corre por gosto, não cança.

„ BEATRIZ „ ( *á parte* ) — Não o tornarei a vêr de certo Alvaro lhe não daria meio para fallar-me... talvez pela derradeira vez ... ainda me soam n'alma as palavras da Duqueza ... e elle ...? foi humilhado na presença de todos ....

„ ALVARO „ ( *á parte* ) — Como esta triste! co

tadinha, tenho pena della...! pois não sou uzeiro a isso: era bem feito que a atanasasse, só para me vingar de me tratar assim como de resto: mas não. (*alto*) Beatriz! não lestes vós nunca nos livros de cavallaria, que havia magicos, malandrinos, e encantadores??

„ BEATRIZ „ (*á parte*) — Elle folga, e ri, por que não ama, nem é capaz d'amar. (*alto*) Sim, tenho lido; mas livros são esses, que se nós as mulheres com elles folgamos, bem sabemos mentiras, e fabulas as suas historias.

„ ALVARO „ — Qual fabulas! ha de véras magicos, e encantadores, que com suas artes, e varias de condão curão as feridas das batalhas com balsamos milagrosos, e os males do coração com palavras misticas ...

„ BEATRIZ „ — Tempos são estes, que dessas cousas se não acham ....

„ ALVARO „ (*em tom d'empyrico*) — E se vos eu dissesse que eu era um encantador? então não me achais vós com cara d'encantador??

„ BEATRIZ „ (*surrindo-se a custo*) — De magico dissereis antes.

„ ALVARO „ — De magico? como vós quizerdes: e magia foi não pequena, a de fazer que em vosso rosto vislumbresse um raio d'alegria, como o sol em dia de nevoeiro. Mas como ainda assim vós sois incredula, vou mostrar-vos todo o poder da minha arte maravilhosa.

„ BEATRIZ „ — Por mercê, Alvaro, travessura é de pagem motejar de tudo, e de todos; mas tende piedade de mim, que as feridas do coração, não são como as das batalhas, a que se põem novosapparelhos para sararem; aquellas em se lhe tocando gangrenão, e cauzão a morte; e vós que não podeis curar as que me affligem, não as augmenteis com vossos motejos ...

„ ALVARO „ — A's vezes de donde se não espera vem o remedio: e como vós sois como S. Thomé, que não creís sem vêr; sabeí, que hoje, aqui mesmo, e logo vereis ....

„ BEATRIZ „ — Acabai, acabai ... dizei-m'o ...

„ ALVARO „ — Ah! agora já ides acreditando no meu poder milagroso: como já tendes fé, cobrai esperança (*á parte*) E se ella tivesse caridade comigo.... (*alto*) Hoje antes da partida ... vereis .. vereis ...a... Lopo de Figueiredo.

„ BEATRIZ „ — Mas como? se me parece impossivel?!

„ ALVARO „ — Elle virá ter comigo, e eu acabarei o encantamento.

„ BEATRIZ „ — Ah! muito vos devo. (*á parte*) Mas eu vêr Lopo, e á puridade...? não falta eu ao meu dever? não: eu o verei na prezença de Alvaro, e na de Deus que está em toda a parte ...

„ ALVARO „ — De certo muito me deveis, que se o Senhor Duque vem a saber que eu tenho liações com Lopo...!! pobre Alvaro...!! irei para o andar da rua, e não terei um Antão de Faria que me acolha, irei.... sabe Deus para onde... (*com affectada tristeza*).

„ BEATRIZ „ — Não, Alvaro, vós nada soffrereis por minha cauza; eu sou rica; vós não sereis pobre.

„ ALVARO „ (*á parte*) — Bello...!! sol na eira, e chuva no nabal: comerei a dous carrinhos; não sou eu o primeiro... nem serei o ultimo. (*alto*) Como está feito o meu encantamento vou tratar do cavalleiro ferido; e cura-lo-hei por certo, porque é menos incredulo do que vós. Adeus, e ficai-vos aqui, dar-vos-hei novas minhas. Ahi vem a Duqueza, deixa-me escapar, (*á parte*) aliás, não ganharei o meu Alvará (*sue*).

## SCENA. 3.ª

## DUQUEZA E BEATRIZ.

„ DUQUEZA „ — Sempre triste, sempre triste, Beatriz! nem as festas te distrahiram; nem ao menos reparaste que eras a inveja de todas as Damas da Rainha minha - Irmã.

„ BEATRIZ „ — Favor é vosso, Senhora, mas eu trocara bem essa qualidade que me invejavam sem razão; que não está hi a ventura ....

„ DUQUEZA „ — De certo: mas em Villa Viçosa para onde hoje partiremos, acharás de novo a tua antiga alegria...

„ BEATRIZ „ — A tristeza converteu-se-me em natureza; e já agora, não se mudará em mim.

„ DUQUEZA „ — Para que pensar assim? a ventura quando menos se espera, chega; e não sei eu em que mais feliz podéras ser!! só se já não és minha amiga!! ou não estás contente d'alguem do meu serviço!!

„ BEATRIZ „ — Eu deixar d'amar-vos? estar descontente de vós? de vós que como filha me tendes sempre tratado?! de vossa caza? onde todos me tratam como sendo della?

„ DUQUEZA „ — Agora sim, agora estou satisfeita: não te quero vêr triste. Em Villa Viçosa meus filhos te distrahirão.. elle são teus amigos, e tanto que apenas sabem os nomes de seus pais, logo pronunciação balbuciando o teu! Com que ancia eu estou por abraça-los... por beija-los mil vezes...

„ BEATRIZ „ — E com razão, Senhora, que são tão meigos, tão lindos ....

„ DUQUEZA „ — Ah! e qual é a mãe que acha feios os seus filhos? tu não sabes qual é o amor de uma mãe ...



„ BEATRIZ „ — Em vós o vejo ... que da minha não recebi eu os mimos . . ! sem a conhecer a perdi . . ! mas vós tendes-me feito esquecer a sua falta, e a de meu pai, que apenas conheci também ...

„ DUQUEZA „ — E queira o ceo não tenhas nunca a sentir a sua perda . ! bem cêdo ficaste orfan ! teu pai morreu como heroe no campo da batalha, o Duque recebeu o seu ultimo suspiro ... o teu nome foi o ultimo que proferio entregando-te á sua protecção ... tua mãe já não existia; fôra Dona da Snr.<sup>a</sup> Infante minha mãe, e tu comigo vieste quando cazei com o Duque de Bragança ... eu, e elle vos serviremos de pais ...

„ BEATRIZ „ (*commovida*) — E como taes vos respeitarei sempre ...

„ DUQUEZA „ (*com ternura*) — Sim, Beatriz, quando te vejo, sempre me lembro que posso deixar também orfãos os meus filhos : o coração se me parte... quando os deixo, ainda que por poucos dias, sempre temo não os tornar a vêr ... agora, quando por occasião da vinda de meu Sobrinho, fui obrigada a vir á côrte, para comprazer com o Duque, e com minha Irmãa e Cunhado ... parecia-me, que me não podia arrancar de seus braços ; que era a ultima vez que os via, ou que uma longa separação os apartava de mim : o mais velho, o meu Phillippe, parece que me entendeu as magoas do coração ; ao despedir-se, com os olhos arrazados de lagrimas, e com a voz cortada de soluços, pedia-me que o não deixasse, que me não tornaria a vêr ... (*limpando as lagrimas* ).

„ BEATRIZ „ — Em breve, Senhora, lhes matareis as saudades, e as vossas acabarão ao vê-los. (*á parte*) Só eu me definharei com ellas ...

„ DUQUEZA „ — Sim, hoje mesmo os apertarei contra o seio ; que logo partiremos ; o Duque assim o ordenou ; foi despedir-se d'ElRei, da Rainha, do Principe, e de meus Irmãos o Duque de Vizeu, e D. Manoel.

„ BEATRIZ „ — Ah! vêm o Camareiro , elle vos dará novas suas. (á parte) Virá annunciar a partida... ! e eu ... nem um Adeus poude dizer-lhe ....

SCENA 4.<sup>a</sup>

DUQUEZA , BEATRIZ , E FERNAM.

„ DUQUEZA „ — Que novas me dais de vosso amo ?

„ FERNAM „ — Sahio , e não quiz que o acompanhassem : hia ao Paço , e de lá a caza do Senhor de Vizêu , despedir se.

„ DUQUEZA „ — E vós tudo tendes prompto para a jornada ?

„ FERNAM „ — Só falta partir. Tomára eu que já o tivéssemos feito , ou que não tiveramos cá vindo .. !

„ BEATRIZ „ — Porque ? Senhor Rodrigues !

„ FERNAM „ — Porque estas antigas questões d'ElRei podem começar de novo , e elle ...

„ DUQUEZA „ — Elle como Rei não , deve querer senão o que fôr justo ....

„ FERNAM „ — Não deve , mas pode ; e nesse jogo quem perdêra , fora meu amo ... elle não faz caso do que eu lhe digo ... não é o mesmo combater no campo , ou estacada , que lutar com as intrigas dos cortezaos.

„ DUQUEZA „ — E quem ha-de ousar lutar com elle ? ninguem ousaria tanto.

„ FERNAM „ — De face a face ninguem por certo ... mas á traição .... E avizos recebeu elle dos Senhores seus Irmãos , que á côrte não viesse por occasião do desfazimento das terçarias ; e elles assim o fizerão ...

„ DUQUEZA „ Por isso hontem no saráo , ElRei se mostrou sentido , e doestou-os por não terem vindo.

„ FERNAM „ — E o tempo mostrará se fizeram bem, ou mal. Eu seguira o seu conselho ... mas vós sabeis como é o Duque meu Senhor, não é possível contraria-lo, nem elle conhece temor; que aonde ha perigo, sempre acha prazer em affronta-lo.

„ DUQUEZA „ — Mas tendo um pleito com ElRei fôra mostrar-se pouco leal á sua pessoa, se deixasse de vir á corte, e de acceitar o seu convite; e tomar parte nas festas pela vinda do Principe, e fim das terçarias de Moura.

„ FERNAM „ — E nunca se fizessem, se havião desta arte desfazer-se; que não vejo eu hi, segurança para o reino, antes começo de guerras, e desgraças ...

„ DUQUEZA „ — Pois agora, que ainda hontem acabarão as festas, pela celebração das pazes de Portugal com Castella, já vós estais agourando cazos funestos e desastrosos para o reino?

„ FERNAM „ — Vós não sabeis o que é Antam de Faria; elle era o mais empenhado neste negocio; e delle, accreditai-me, não pode vir couza que boa seja ...

„ DUQUEZA „ — Mas que poder, que lugar, ou que influencia pode ter Antam de Faria, para que assim o temais?,

„ FERNAM „ — Se com a lança o vira em ris-te, não o temêra, á primeira carreira o desmontára ... que os cavalleiros do Duque de Bragança delle tem apprendido a não temer recontros; mas a sua lança, é a intriga ... arma traiçoeira que fere de soslaio, e contra a qual não ha arnez que lhe resvalle os golpes ..... Camareiro d'ElRei, é seu privado .....

„ DUQUEZA „ — Ayres da Silva, seu Camareiro era.

„ FERNAM „ — Ayres da Silva é seu Camareiro

mór; mas nobre, e honrado senhor não comprára a privança d'ElRei pelo preço que a tem Antam de Faria; quem está affeito a quebrar lanças nos escudos mouriscos, não quer as honras do Caduceo ...

„ DUQUEZA „ — E não poucas lagrimas tem custado a minha Irmãa: a ventura não está no throno está no centro da familia ...

„ FERNAM „ — Vêde como ElRei hontem fallou por occazião de Lopo ...

„ BEATRIZ „ (*á parte*) — Desgraçado! como ficou a sua alma, com as palavras da Duqueza! parecia que a dor o suffocára ... e eu ..! ai de mim!

„ DUQUEZA „ — Ide vós, Senhor Camareiro, vêde se me trazeis novas do Duque; dá-me cuidado sua tardança, e vossas palavras mais desejo me fazem de partir para as nossas terras ...

„ BEATRIZ „ (*á parte*) — Ah! e eu não o tornarei a ver ... nem ao menos lhe darei uma expressão de conforto ... que a bem careço para mim mesma ...

„ FERNAM „ — Eu vou saber se chegou; e voltarei dar-vos recado. (*sahe*)

## SCENA 5.

### DUQUEZA, E BEATRIZ.

„ DUQUEZA „ — E tu, Beatriz, tens tudo prompto para a partida? não te esqueceu mandar fazer alguma compra aos mercadores estrangeiros, que virão á cõrte por occazião das festas ... tão cedo não terás occazião de comprares tão bons estofos, gallas tão vistozas ...

„ BEATRIZ „ — De nada careço agora ... de que me servem as gallas, a mim? (*á parte*) se de dó tenho coberto o coração?!

„ DUQUEZA „ — A quem , senão a ti , assentarão ellas melhor ? a uma Donzella da tua condição , e não a quem por idade , ou qualidade lhe não convem .

„ BEATRIZ „ — Se o permittis vou dar ordem a tudo o que para a partida poder faltar-me .

„ DUQUEZA „ — Pois sim , Beatriz ; ahí vem o Camareiro , que me fará companhia . .

„ BEATRIZ „ (*d parte*) — Vou escrever-lhe , e pela primeira vez ... conjura-lo-hei que se justifique para com o Duque ... para que não faça a minha , e a sua infelicidade ... (*sahe*)

## SCENA 6.ª

DUQUEZA , E FERNAM .

„ DUQUEZA „ — Então não chegou ainda ?

„ FERNAM „ — Até agora , não ; e quando eu hia procura-lo , um pagem veio dar-me este bilhete , que um peregrino lhe entregára . Ao Sr. Duque de Bragança e Guimarães , diz elle por fóra , .

„ DUQUEZA „ (*pegando no bilhete*) — Deixai-m'o ver . Está fechado com um fio de seda ... não devo abri-lo .

„ FERNAM „ — Perguntei pelo peregrino que o trouxera , disseram-me que apenas o entregara desapparecêra ...

„ DUQUEZA „ — Misterio parece conter ... um peregrino trazer uma carta , sem dizer de quem , e não esperar esmola como romeiro , ou paga como caminheiro . ! !

„ FERNAM „ — E não conheceis vós a letra ... ? . .

„ DUQUEZA „ — Não : que parece contrafeita ; vizos tem algumas cifras da letra de minha Irmãa ; mas ,

della não é possível, assim a não mandára, e com mysterio! para que?... quizera manda-la ao Duque, mas elle não deve tardar.

„ FERNAM „ — Como vos approuver; alguns pagens mandei o procurassem, e que se o vissem lhe dissessem que vós o esperaveis...

„ DUQUEZA „ — Fizestes bem, que se elle muito se demora, hoje não poderemos partir; e cada dia que estou longe de meus filhos, parece-me um seculo.

„ FERNAM „ — Tambem eu me desejara em Villa Viçosa; nunca de lá sahi com tanto pezar, e poucas vezes forão para festas; ou para jornadas d'Africa, pelear com mouros, ou para batalhas com Castelhanos... e agora que vinha para ver os regozijos pela vinda do Snr. Principe Dom Affonso, um pezo me opprimia o coração...

„ DUQUEZA „ — Saudades erão de seu avô, a quem não verieis, como d'antes; a paz do Senhor seja com elle.

„ FERNAM „ — Amen. Segui-o sempre, porque meu amo o não deixava nunca; que essa vez que obrigado a guardar Damas o não poudo seguir, bem se viu a sua falta.

„ DUQUEZA „ — Quando?

„ FERNAM „ — Na batalha de Touro; alli foi mandado ficar em defeza da cidade, ou antes da Snr.<sup>a</sup> D. Joanna: ah: que se o Duque estivesse na batalha na ala de ElRei, com suas lanças, não se perdêra o estandarte real, nem a seu filho se devêra a victoria! victoria de que tanto alardêa, e que julga escurecer o nome glorioso do Africano...

„ DUQUEZA „ — Mas a batalha foi nossa. que tres dias guardamos o campo...

„ FERNAM „ — Assim foi; mas desde esse dia nasce a malquerença d'ElRei contra o Duque.

„ DUQUEZA „ — Se elle não esteve na peleja, como pode ser responsavel pelo dezar que ElRei sofreu na sua ala??

„ FERNAM „ — Quando o Principe, hoje Rei, entrou vencedor em Touro, triunfante, e cheio de gloria; o Duque vendo-o perguntou-lhe por ElRei, o Principe respondeu com frieza „ *a sua ala foi rota, e delle não ha novas* „ O Duque enfurecido tornou-lhe „ *não ha novas d'ElRei! e ha vivo ainda um cavalleiro, um portuguez, e seu filho??* O Principe corrido da severa, mas justa reprehensão, mandou por toda a parte procurar ElRei, que a Castro Nunho se havia retirado, com bem poucos dos seus, julgando perdida a batalha.

„ DUQUEZA „ — Mas depois de tantos annos como se ha-de meu Cunhado lembrar de palavras proferidas n'um excesso de zelo pelo serviço d'ElRei seu pai?

„ FERNAM „ — D. Affonso magoado por ver murchos em Touro, os louros d'Arzilla, e Tangere, perdidas quazi as esperanças de tomar o sceptro de Castella; que de sua espôza era, e lhe usurparam; foi para França; pensando achar em Luiz II um aliado; como elle conhecia mal aquelle monarcha!! julgava-o cavalleiro, porque era Rei, e tinha a espada de Carlos Magno! enganava-se: deixou a governança do reino ao Principe, que anciozo do sceptro não tardou em chamar-se Rei.

„ DUQUEZA „ — Mas seu pai assim lh'o ordenara, quando partiu para França.

„ FERNAM „ — No excesso de sua dor, até quiz ir morrer nos areaes da Palestina; não contava tornar ao reino; mas quando apportou em Cascaes, e que ao Principe vierão dar a noticia, lembrada estareis, Senhora; elle passeava junto do Tejo, com alguns senhores que o seguião, e turbado pela noticia perguntou: *e agora o que haremos de fazer?* o

Duque, por ser o que mais cerca delle se achava, disse „ *Como, Senhor, o haveis de receber, senão como a vosso rei, a vosso senhor, e pai?* „ O Principe não replicou, tomou o conselho, mas pegando n'um seixo da praia, com elle atirou ao rio; elle fazendo saltos por cima d'agua, até que se afundou.

„ DUQUEZA „ — Nada vejo em tudo isso, que mostre inimizade d'ElRei contra o Duque.

„ FERNAM „ — Não o pensou assim o Cardeal Dom Jorge da Costa, que apenas viu a acção d'ElRei, chegando-se ao Duque, disse-lhe em segredo „ *Vedes, senhor, aquella pedra que ElRei atirou com tanto impeto? Pois eu vos seguro que me não dê a mim na cabeça* „, e sem mais demora foi-se caminho de Roma.

„ DUQUEZA „ — Mas já dous annos ha que elle governa, e sempre tem acolhido bem o Duque; até em Almeirim tiveram ambos uma conferencia, e desde então cresceu no Duque o amor que lhe tinha, se é possível.

„ FERNAM „ — Assim m'o disse elle tambem. Mas elle o simbolo da honra, da franqueza, e do valor, julga o coração de todos pelo seu; e incapaz d'uma aleivosia, a todos julga leaes ...

„ DUQUEZA „ ( *agastada* ) — Que dizeis, Fernam Rodrigues Pereira? ouzais duvidar da probidade de meu Cunhado e Primo? do vosso Rei?

„ FERNAM „ — Foi elle quem me ensinou a conhecê-lo: que não pensara eu que o filho d'Affonso 5.º não fôra digno de seu Pai!!

„ DUQUEZA „ ( *agastada* ) — Rodrigues, vosso amor pelo Duque, e sua caza, dão-vos liberdade demasiada, de que abuzais..

„ FERNAM „ — Não abuzarei por mais vezes, mas perdoai-me que vos diga, se D. Affonso 5.º ressus-



citara; e virá o que se está passando; quando ainda o seu cadaver não perdeu a forma tão bella que tinha; quando seu nome sôa ainda por toda a parte, seus feitos se lêem em todos os livros, se cantão por todos os jugraes, e trovadores ... se visse a sua espoza, a legitima rainha de Castella; a quasi mãe de seu filho; sem ter o titulo de Rainha que era por dous titulos augustos, e sagrados; sem o tratamento de Princeza que nascêra; chamada como por favor a excellente senhora ... e mettida n'um mosteiro, forçada a renunciar á vida, a seus direitos, e até ao seu proprio nome!!!. ah, que se D. Affonso o podesse ver da loiza que o cobre no convento da Batalha ... com a mão descarnada e fria ... com essa mão que o abençoara na derradeira hora da existencia ...

„ DUQUEZA „ ( *afflicta* ) — Não acabeis ... julgava vê-lo .. debaixo de vosso aspecto amaldiçoar seu filho .... e só essa idea horroriza uma mãe ...

„ FERNAM „ — Mas não o horroriza a elle... não que com torpes amores abandona a castidade de sua espoza, para se entregar ás torpezas de uma mulher, embora nobre, a vergonha das de sua qualidade e de seu sexo ..

„ DUQUEZA „ — Não sejais tão severo, perdoai as faltas alheias ...

„ FERNAM „ — Eu quizera que o meu Rei fôra impecavel, para que todos o amassem, e respeitassem, dessem por elle o seu sangue, e seu ultimo maravedil, como eu estou prompto a fazê-lo ...

„ DUQUEZA „ — Mas o Duque não acaba de chegar; procurai-o vós mesmo, ou no Paço, ou em casa de meus Irmãos: a outra parte não poderá elle ir.

„ FERNAM „ — Eu vou, Senhora, e não tornarei sem novas suas. (*sahe*)

## SCENA 7.ª

### A DUQUEZA só.

— Honrado Camareiro .. nunca tão leal serviu Prin-

cipes... de vós aprenderão meus filhos as qualidades do Christão, e Cavalleiro. Nunca em tua alma coube um sentimento ignobil; quizeras que todos fossem mais que tu, para os respeitares. São ponderosas suas reflexões... quem ouza ir d'encontro á vontade de seu pai no leito da morte, é máu filho, e máu filho nunca pode ser bom Rei... (*sahe*)

## SCENA 8.ª

BEATRIZ, só.

(*Senta-se, como esperando*) — As horas passam e tão rapidas! e elle sem vir! e d'um momento para o outro partiremos... sem que talvez o torne a vêr..! como ouzaria elle ir ás terras do Duque? ah! nem eu o quizera; seu genio ardente... fizera a sua, e minha desventura! ah! quanto eu o amo! e com que amor! elle não pode ser culpado: culpado! quem ama como elle! quem tem uma alma como a sua! é pobre...! e que importa? dever-me-ha seu nome, seu poder, sua riqueza: e para quem posso eu querer esses bens que a fortuna me deparou, senão para ella? que eu adóro...! Sim, elle se justificará, e eu me gloriarei de meu amor á face de todos... (*sentem-se passos*) Sinto passos... é elle!!.

## SCENA 9.ª

BEATRIZ, E ALVARO.

„ ALVARO „ — Por ora ainda não... (*á parte*)  
E santos de caza não fazem milagres.

„ BEATRIZ „ (*envergonhando-se*) — Cuidei .... como vós me tinheis promettido ....

„ ALVARO „ — E pela minha parte ainda não falei: se não vier, a culpa não é minha...

„ BEATRIZ „ — Mas como pode elle entrar sem ser visto??

„ ALVARO „ — Não vos dizia eu que era encantador ? e se vós magico me chamastes , tão pouco em mim confiais ? entregai-vos em meu poder, e vereis !  
( á parte ) Ficava bem servida ...

„ BEATRIZ „ — Sempre folgando, e rindo ! ah ! tende piedade de mim !

„ ALVARO „ ( á parte ) — Eu pena della ! pena tenho eu de mim ; que me como d'inveja ...

„ BEATRIZ „ — Então não me dizeis nada ? ! ?

„ ALVARO „ — Não motejarei agora , fallo serio ; e já vêdes que raro me acontece. Lopo têm uma chave do meu quarto , que por uma escada de caracol com esta sala communica ; ninguém por alli costuma servir-se por escura a comunicação ; e elle costumado aos andames da caza aqui virá ter , sem ser visto ..

„ BEATRIZ „ — Porem ve-lo-hão entrar para o vosso quarto ...

„ ALVARO „ — Não tenhais cuidado : pensarão que sou eu : emprestei-lhe o meu forragoulo e nelle rebucado ninguém o differencará de mim.

„ BEATRIZ „ — Só quem vos não conhecer a ambos, que tanta differença fazeis. Tremo que o conheçam , ah ! que se o Duque o encontrásse em sua caza tendo-o despedido ...!

„ ALVARO „ — E que tendes vós com isso ? se fosse eu que com taes cerimoniaes estivesse.. vá ! eu sim ! em que lençoes ficaria : mas tudo Deus ha-de fazer pelo melhor.

„ BEATRIZ „ — Por elle , por elle é que eu tremo..

„ ALVARO „ — Pois se tanto tremeis , e receais as convulsões, o remedio não está na botica : vou para

o meu quarto, lá esperarei Lopo, e quando elle chegar, dir-lhe-hei...

„ BEATRIZ „ — Dir-lhe-heis ??

„ ALVARO „ — Dir-lhe-hei, que trate d'outro officio, que este deu em droga. (*á parte*) Assim eu era tolo, que elle me diria „ eu trazia-te o Alvará, mas trata d'outro officio, que este deu em droga.

„ BEATRIZ „ — Não, meu Alvaro, não lhe digais tal.

„ ALVARO „ — Agora já sou vosso Alvaro?! Então que lhe hei-de dizer..?

„ BEATRIZ „ — Eu sempre vos estimei... e sou-vos tão obrigada..

„ ALVARO „ — Não pensava eu isso. (*á parte*) A rapariga é os meus peccados; que eu por ella me deitasse a perder! quem ha hi que me não desculpara? mas por cauza d'outro!... é mau officio... são ossos delle.. e que custam a roêr.. mas o Alvará...

„ BEATRIZ „ — Olhai, Alvaro, eu vou da janel-la da outra sala ver se o vejo entrar para o vosso quarto... quando tiver chegado, aqui voltarei. (*á parte*) Eu o conhecerei, qualquer que seja seu disfarce. (*sahe*)

## SCENA 10.ª

ALVARO, só.

Aqui estou eu feito espargo no monte; á espera de um amante, como se eu fosse alguma Dona, ou Donzella! Se fosse ás escuras tinha que ver! era facil o engano: a minha voz sonora, e maviosa.. o meu corpo tão esbelto. ! Que bella peça para o entrudo! era bem pregada! mas com Lopo fôra arriscado.. não é para folias, e assim como a modo de brinco podia mandar-me para melhor

vida. Nada, com lume não ha folguêdo, e elle...! que parece tem polvora no coração. E' melhor anda cá por donde anda a rapoza... Creio ouvir passo na escada... é elle.. (*abre a porta falsa*)

SCENA 11.<sup>a</sup>

ALVARO E LOPO (*que entra pela porta falsa.*)

„ ALVARO „ — Tarde vieste : não parece amante quem faz esperar.

„ LOPO „ — Tarde !! `porque? ja partio??

„ ALVARO „ — Agora mesmo, *fartou-se de esperar.*

„ LOPO „ — Desgraçadô !! nem ao menos um Adeus!

„ ALVARO „ — Lá por isso não te desconsolles ; *alegra-te que aqui estou eu que direi um cento. Adeus! Adeus! (motejando-o com vizagens.)*

„ LOPO „ (*agarrando-o, furioso*) — Malvado ! *atreves-te a escarnecer-me !*

„ ALVARO „ (*fazendo vizagens com a dor, e forçando por se livrar das mãos de Lopo*) — Ja hontem me hias quebrando esta mão, agora est'outra... *ficava bonito sem mãos.*

„ LOPO „ — E sem lingoa, para não tornares a motejar-me.

„ ALVARO „ — Já te esqueceste que foste meu companheiro, que tantas vezes brincavamos juntos...

„ LOPO „ — Sim, então era eu feliz.. hoje.. o mais infeliz de todos os homens...

„ ALVARO „ — Ora deixa-te dessas asneiras; bem dizia eu que tu á força de lêr, havias de trelêr : estás com os livros de cavallaria mettidos na cabe-

ça, pensas que as mulheres são Princezas encantadas: porque não fazes tu como eu?

„ LOPO „ (*á parte*) — Como elle ! alma de lodo ! incapaz d'um sentimento : só o do interesse... (*alto*) Pois que não posso vê-la... aqui tens o Alvará .. eu não falto á minha palavra.

„ ALVARO „ — Nem eu á minha , aqui onde me vês. Olha : acolá vêm...

### SCENA 12.<sup>a</sup>

ALVARO , LOPO , e BEATRIZ.

„ LOPO „ (*correndo para Beatriz*) — Ah ! minha querida Beatriz ! ainda torno a vêr-te..! julguei tinhas partido...

„ BEATRIZ „ — Eu estava na janella esperando vêr se entravas para o quarto de Alvaro , a quem disse que logo voltaria.

„ LOPO „ — Alvaro ! de bom grado te perdôo : feliz foi o engano.

„ ALVARO „ — Como gostas das couzas fora do commum... mas custou-me cara a brincadeira : a minha pobre mão que o diga , que ainda me está chiando.

„ BEATRIZ „ — Mas , Lopo , se aqui te surpreendem...

„ ALVARO „ — Eu irei postar-me de sentinella , e guardarei o campo ; ao primeiro rumor do inimigo tocarei o alarma ; e tu , Lopo , pés para que vos quero, esgueiras-te pela escada, e poês-te ao fresco.

„ BEATRIZ „ — Mas estai perto... e correi logo...

„ ALVARO „ (*á parte*) — A Donzella acha fraca a embarcação e o mar com parceiros ; quer que eu lhe sirva de amarra... (*suhe*)

„ LOPO „ — Mas tu não partirás...! não... ainda poderei vêr-te, e vêr-te muitas vezes. .

„ BEATRIZ „ — Hoje.. e talvez dentro de pouco partiremos... e esta será a ultima vez que te eu veja, se tu não abrandares o Duque...

„ LOPO „ — O Duque ? sim eu o abrandarei; tenho esperanças, que lhe fallarei, e breve; e como tu me juraste que quando elle se não oppozer...

„ BEATRIZ „ — Repete-me, Lopo, mil vezes essas palavras... que me dão a vida...

„ LOPO „ — A's vezes a lingua não pode exprimir os sentimentos do coração...

„ BEATRIZ „ — O Duque se esquecerá do passado, e nós tambem, porque sereinos venturozos...

„ LOPO „ — De certo; elle se esquecerá de tudo, e eu tambem, que tu occuparás só o meu pensamento, e delle varrerás todas as ideas do passado...

„ BEATRIZ „ — O' meu Deus ! tanta ventura ! e quando eu de tudo desesperava ? perdoai-me se desconfiei de vossa Providencia. vós bem sabeis que o meu coração é innocente...

„ LOPO „ — Sim, puro como o dos anjos... (*dá parte*) E o meu ? como o carvão tirado das fornhalhas do inferno...

„ BEATRIZ „ — Porem tu estás triste, e pensativo ? que tens ? não me dirias tu a verdade ? seria só por consolar-me?..

„ LOPO „ — Não : eu dizia-te a verdade... mas o receio de perder-te ! de te vêr partir ! de que me esqueças !...

„ BEATRIZ „ — Eu esquecer-te? nunca. Devo amizade, e sujeição ao Duque de Bragança.. elle pôde tudo... mas não me fará esquecer de ti... de ti que eu amo tanto... mais depressa iria n'um mosteiro acabar meus dias amargurados... mas elle não é capaz de tirania; tu me seguraste que elle...

„ LORO „ — De tudo se esqueceria.

„ BEATRIZ „ — E então que posso eu mais dezejar para ser feliz? e tu não te alegras como eu? é porque me não amas tanto...

„ LORO „ — Eu não te amar!! tu sentires mais amor do que por ti eu sinto!! é impossivel..! ah! tu não sabes nem saberás nunca, os sacrificios que tenho feito por tua cauza; tu não podes avaliar o que soffro... sim... o que tenho soffrido... ah! que se o soubéras, terias compaixão de minh'alma; soffréras tanto como eu... mas a tua dôr teria alivio, tua alma achára em tuas virtudes refrigerio... não me contestes a violencia do meu amor... que me fazes sentir a intensidade de meus tormentos...

„ BEATRIZ „ — E pensas tu que eu nada tenho soffrido? cuidas que o meu amor é menor do que o teu? não vês agora mesmo a que me arrisco, por teu amor? a minha reputação, a minha honra... se nos colhessem, que diriam de mim?

„ LORO „ — O que diriam?... mas nada tinhas a lançar-te em rosto! e eu? eu teria a sentir a mágoa de te haver feito soffrer por minha cauza...

„ BEATRIZ „ — Pois não te contestarei mais o teu amor.. mas acabarás tu a terrivel origem de nossos males?

„ LORO „ — Será em breve; quando? não o sei; mas sei que não está longe esse dia... e eu suspiro por elle.



„ BEATRIZ „ — E eu o bemdirei todos os dias da minha vida.. sabes tu , eu fiz voto de uma romagem , e tu irás comigo..?

„ LOPO „ — Que recuzarei eu a teu pedido..? anjo do céu? porque fatal destino hei-de eu estar separado de ti? tu me deras força para seguir o caminho da vida , como anjo da guarda me guiáras... e eu seria no seio da desgraça , venturozo...

„ BEATRIZ „ — Sim , eu fiz um voto , é difficil de cumprir , mas eu o cumprirei ; e com que gosto , porque tu és o objecto delle.

„ LOPO „ — Ah ! queira o céu , que os anjos te ouvissem , que teus votos serão tão puros como tu mesma... mas tu não partirás hoje... o dia vai alto... eu te verei ainda... o caminho é longo... hoje não partirás...

„ BEATRIZ „ — Queira Deus que assim fosse... mas têmho que assim não succeda... que sempre ás avés-sas acontece do que eu desejo.. e tu , se não partirmos , não fallarás ainda ao Duque ?

„ LOPO „ — Eu fallar ao Duque ? eu !!

„ BEATRIZ „ — Pois então não me dizias que em breve...

„ LOPO „ — Tens razão... nem eu penso n'outra couza... sim , eu lhe fallarei ; eu removerei os obstaculos que nos separam... (*ouve-se ruido*)

„ BEATRIZ „ (*assustada*) — Parece-me ouvir um som extranho...

„ LOPO „ — Não é nada... se fôr alguma couza , Alvaro nos avizará... que perto daqui está elle... tu lho recommendaste... eu sahirei por essa escada , por onde vim.

„ BEATRIZ „ — Será de certo o tropear dos ginetes, e azemulas em que temos de fazer jornada... desgraçada! quando tornarei a vêr-te...?

SCENA 13.<sup>a</sup>

BEATRIZ, LOPO, E ALVARO.

„ ALVARO „ (*correndo*) — O' meu Deus! qu'infelicidade! acudi, acudi Beatriz!

„ LOPO „ — Que é, Alvaro?

„ BEATRIZ „ — Foge, foge, Lopo. O que é? o que succedeu? foge.. foge (*para Lopo*)

„ ALVARO „ — Agora sim: agora não é preciso...

„ BEATRIZ „ — Dizei, dizei, que me ralaes o coração: a quem hei de eu acudir? que má nova nos trazeis?

„ ALVARO „ — A' Duqueza vierão dizer, que no Paço acaba agora de ser prezo por ElRei, o Snr. Dom Fernando Duque de Bragança, e Guimarães...

„ BEATRIZ „ — Oh! meu Deus, valei-nos! adeus Lopo, adeus!

„ LOPO „ — E assim me deixas? Beatriz!

„ BEATRIZ „ — Dizes bem, não devo deixar-te em quanto não te pedir primeiro, que vás ao paço, que peças a ElRei, ou a seu privado, de quem és amigo, que dê a liberdade ao Duque.. corre... corre... não te demores um instante.

„ ALVARO „ — A Duqueza apenas soube a nova por Fernam Rodrigues, cahio como morta... vinde, vinde soccorrêl-a...

„ LOPO „ (*á parte*) — Eu pedir pelo Duque de Bragança. ! por elle? neto de Reis, primo delles, e seu Cunhado! eu? ente vil.. e miseravel... eu...

## ACTO TERCEIRO,

*Vista de sala nos Paços d'ElRei em Evora.  
2 portas de cada lado ; janellas no fun-  
do ; e uma passagem secreta no  
fundo do theatro ; cadeiras, me-  
zas á direita e esquerda.*

### SCENA 1.ª

FERNAM RODRIGUES, só.

Barbaros ! nem ao menos me deixão servi-lo... a titulo d'hospede, deve ser servido pelos criados d'ElRei.. ! assim abuzão os homens das palavras : hospede ! e têm-no prezo ! e nem a sua espoza o deixão communicar !. Ainda ha poucos dias estas salas retumbavão com os instrumentos de festa, e de alegria, as damas as animavão ; agora solitarias, e silenciozas só repetem os echos dos meus suspiros ! Ah ! que á traição o colheram elles, que só assim o poderam ! não estar eu ao pé d'elle nesse momento ! que um dedo lhe não porião em quanto em mim houvesse folego de vida... !! Se ao menos consentissem que ao pé d'elle estivesse ! fosse igual o meu destino ! teria junto a si, um criado fiel, um amigo verdadeiro... destes que o ouro não compra, nem a ambição seduz ; um cavalleiro de Affonso 5.º armado por elle no campo da batalha... seu filho tambem o foi, e na mesquita d'Arzilla... mas a cobra que no acto appareceu... bem mostrava as roscas d'alma do novo cavalleiro... Alli vem o Camareiro d'ElRei, talvez ceda a meus rogos. Eu pedir-lhe?... não é por mim, é por meu amo..

### SCENA 2.ª

FERNAM, E ANTAM DE FARIA.

„ ANTAM „ (á parte) — Sempre me segue este

homem , como a minha sombra (*alto*) Que me que-  
reis , Senhor Fernam Rodrigues?

„ FERNAM „ — E ainda me perguntais o que eu  
quero ? quero vêr meu amo : quero servi-lo , e sof-  
rer com elle seu captiveiro...

„ ANTAM „ — Não chameis captiveiro á hospe-  
dagem que ElRei dá ao seu vassallo. Elle não ca-  
rece de vosso serviço agora , os criados d'ElRei o ser-  
vem como a seu amo. Sua Alteza deu ordem que  
ninguem lhe fallasse sem a sua expressa licença ;  
porque o Duque assim lho pedisse , para sua plêna  
justificação.

„ FERNAM „ — Elle justificar-se ? e de que o ac-  
cuzam ? a elle ! que é o symbolo da honra , e leal-  
dade.

„ ANTAM „ — Não somos nós seus juizes , outros  
devem decidil-o.

„ FERNAM „ — Juizes hão-de julgar o Duque de  
Bragança ! o neto de D. João 1.º ? é impossivel !

„ ANTAM „ — E porque não ? os Dezembargado-  
res da Supplicação tem a seu cargo o processo.

„ FERNAM „ — São incompetentes : só o podem jul-  
gar os seus Pares : e a não ser o Duque de Vizeu ,  
outro não tem elle em Portugal.

„ ANTAM „ — ElRei dispensa a lei ; e elle é o Pre-  
zidente do Tribunal , que consta de vinte e dous De-  
zembargadores...

„ FERNAM „ — ElRei. !! sendo parte , e juiz ao  
mesmo tempo ! oh ! que ha hi um requinte de mal-  
dade insupportavel... indigno do mais vil de todos os  
homens...

„ ANTAM „ — A paixão faz romper-vos em pala-

vas , que vos custarão caras , se ElRei não quizesse mostrar , que sua bondade não tem limites.

„ FERNAM „ — Bondade em João 2.º !!!

„ ANTAM „ — Deu os mais sabios deffensores ao Duque ; Diogo Pinheiro , e Affonso de Barros.

„ FERNAM „ — Deffensores ao Duque de Bragança !! nunca os careceu ; dae-lhe a sua espada , e a sua lança , parti-lhe o sol , e o campo , e ficará sempre o vencedor.

„ ANTAM „ — Não é esse o modo de se provar a verdade.

„ FERNAM „ — E' o juizo de Deus.. ! e vós duvidais de sua justiça !! ah ! que já não ha os cavalleiros Portuguezes. ! elles não deixaram que seu irmão d'armas fosse escarnecido, e atraído.. ! elles não consentiram que seus direitos fossem espezinhados como o mais inutil de todos os titulos.. !

„ ANTAM „ — Os cavalleiros ainda não morreram.. e elles fizeram o que deviam ; a ElRei obediencia , ao Duque amizade.. que por elle offereceram a ElRei em refens de sua liberdade , todas as suas villas , e fortalezas...

„ FERNAM „ — Ah ! que é de fidalgos tal feito ! e ElRei ?...

„ ANTAM „ — Não carecia lhe dessem o que delle , e por elle possuíão : tal a resposta que de sua parte levei ao Conde de Marialva.

„ FERNAM „ — E as fortalezas do Duque ? e seus vassallos? ..

„ ANTAM „ — Foram por sua ordem entregues a Alcaides d'ElRei.

„ FERNAM „ — E não bastava terem-no prezo ? ate quizeram prender seus vassallos , e servidores , com as

ordens, que por manha lhe extorquiram, e que elle proprio assignou, porque innocente: que, se deslealdade elle fosse capaz de commetter, as não déra; pois quem tem duas mil lanças, e dez mil infantes, não recebe a lei em Portugal, querendo dal-a.

„ ANTAM „ — Pois para que a receba, é que El-Rei obra desta forma.

„ FERNAM „ — E espera elle achar nas Comunas, e populares dellas mais sujeição, e amor? e quer abater os nobres, para que seu poder não ache obstaculos, e disponha a bel-prazer de seus vassallos? Engana-se, que elles com seu efémero favor ganharão forças de gigante, e lhe derrubarão o throno... cuspir-lhe-hão nas faces... pelas ruas o apedrejarão como animal derramado... no patibulo farão jorrar o seu sangue... e se embriagarão com elle... á virtude chamarão hipocrizia... e nos seus freneticos delirios após do throno, descrerão de Deús.!!!! cuja vingança tardia é para nós... mas... que chega a tempo, para quem a existencia é a eternidade, o tempo é nada...

„ ANTAM „ (*á parte*) — Horrível profecia! mas não se realizará no meu tempo:; e que m'importa que outros tenham a pagar o meu legado?

„ FERNAM „ — Então, nem ao menos me dais a esperanza de que poderei ver meu amo?

„ ANTAM „ — De certo o terieis visto, se mais cedo madrugasseis.

„ FERNAM „ — Eu madrugar!! que tanto ha que não cerro os olhos!! porque? onde está elle? não está no Paço?

„ ANTAM „ — Não. Hoje ante manhã daqui sahio com o Meirinho mór, e Ruy Telles...

„ FERNAM „ — Oh! feliz noticia! porque m'o não

havieis dito ? corrêra a encontral-os : mas para onde foram ?

„ ANTAM „ — Não o sei ao certo : melhor será que a outrem o pergunteis.

„ FERNAM „ — Eu vos agradeço a noticia : vou correndo procural-o...(sahe.)

„ ANTAM „ (*á parte , ao sahir Fernam*) — Agradece-me a noticia ! ora ainda bem que tem para mim palavras de tal natureza. (*sahe*)

### SCENA 3.<sup>a</sup>

DUQUEZA , BEATRIZ , E ALVARO PIRES.

„ DUQUEZA „ — A néta de Dom Duarte, esperando na antecamara do neto do mesmo Rei! (*senta-se*)

„ BEATRIZ „ — Talvez ainda não dessem o vosso recado...

„ DUQUEZA „ — Não é , ou não era Doña Izabel d'Alemcastro, Duqueza de Bragança , e Guimarães, uma pessoa tão desconhecida, que se não appressassem todos a servi-la... Ha vinte e dois dias que o Duque foi prezo , e com que aleivozia ! e ainda me não deixaram vel-o. ! nem ElRei me quiz receber... elle que ainda ha tão pouco me conduzia para a sala do festim...! que tem nas veias o mesmo sangue que eu...! ah ! que não sei , como de mágoa não tenho morrido...! Prezo o Duque , sem saber o destino que o espera... longe de meus filhos, que não ouzo ter ao pé de mim , com receio que m'os roubem...! Tenho-te só a ti , minha Beatriz , que tomas parte na minha dôr...

„ BEATRIZ „ — E que não fizêra eu por allivial-a?? Se vós o permittis , eu vou lançar-me aos pés d'El-Rei ; se elle recuza ouvir-vos , talvez mo não recuze a mim , orfã , donzella , que elle pensará vai pedir-lhe couza bem differente : eu o importunarei com

os meus rogos , com minhas lagrimas , e elle vos ouvirá...

„ DUQUEZA „ — E' inutil... tu bem vês como nos recebem! ninguém apparece... nem ao menos um porteiro...

„ BEATRIZ „ — Porem o Duque meu Senhor, é servido pelos criados d'ElRei , e com o acatamento devido a sua alta hierarchia.

„ DUQUEZA „ — Hipocrizia...! assim o embaraçam de ver , e fallar a seus criados... porque prezo o te-me ainda... a elle ! que só amor lhe consagrava... e que só dezejava servil-o...

„ BEATRIZ „ — Mas Frei Paulo , e Diogo Pinheiro vos seguraram...

„ DUQUEZA „ — E que podem elles dizer-me ? um o seu Confessor, o outro seu advogado... ambos amigos do Duque, e de sua caza... O coração estalla com a dôr, que tão grande é ella... que não tenho forças para resistir-lhe... A minha Irmãa tenho fallado... seu era o bilhete que o peregrino deixou para o Duque , não o recebeu a tempo... que nelle o avizava que fugisse... mas quando elle me chegou ás mãos já o Duque estava prezo... ElRei quando minha Irmãa lhe pediu pelo Duque , disse-lhe , *não me falleis mais nelle , seu processo está a cargo dos Dezembargadores da Supplicação ; elles resolverão como de direito fôr.*

„ ALVARO „ (á parte) — Hão de fazel-a bonita ! em boas mãos está mettido ; não me quizêra eu com tão honrada companhia...

„ BEATRIZ „ — Se vós, Senhora , me desseis licença , procuraria ao Camareiro d'ElRei...

„ DUQUEZA „ — Fôra escuzado... que é elle quem obriga ElRei com suas intrigas , a proceder desta ma-



neira... Convidar seu Primo, e Cunhado para sua caza... e prendê-lo elle mesmo...! a muito se abateu a magestade... tornando-se em agoazil...

„ BEATRIZ „, (*a medo*) — Eu quizéra... ainda. pedir-vos uma mercê... é privado d'Antão de Faria um conhecido nosso... e com elle tudo póde...

„ ALVARO „ — E' verdade, e tanto que até me deu um Alvará de promessa de um officio, com tanta facilidade como se fôra ElRei...

„ DUQUEZA „ — E quem é esse novo Senhor, que tanto pode ??

„ ALVARO „ — E' Lopo de Figueiredo.

„ DUQUEZA „ — Lopo de Figueiredo! o que foi meu Contador da Fazenda!

„ ALVARO „ — Esse mesmo: e vale tanto como Antão de Faria...

„ DUQUEZA „ — O que foi expulso pelo Duque?

„ ALVARO „ — O mesmo. Mas elle é bom rapaz; ha-de lembrar-se que vos comeu o pão: e se Beatriz lhe pedir...

„ DUQUEZA „ — E são estes os privados d'ElRei os que o cercão! não admira que os cavalleiros estejam nas prizões! ah! meu Deus, que horriveis ideas...

„ BEATRIZ „ — Sim, minha Senhora, deixai que lhe falle, elle foi comigo criado em vossa caza, tem por mim... amizade... e fará tudo por... vos servir.

„ ALVARO „, (*á parte*) — A' Donzella ia-lhe escapan-do a lingua...e sem mentir...não disse toda a verdade...

„ DUQUEZA „ — Fazei o que quizerdes: o que eu quero, é ver o meu espozô... é saber que destino o espera... para com elle o supportar,

„ ALVARO „ — Parece-me que ao longe o vejo passar por aquelle corredor, pensativo, e só.

„ BEATRIZ „ — Chamai-o, Alvaro, chamai-o, por quem sois.

„ ALVARO „ — Eu o chamo. Pst, pst, pst, o homem parece que está surdo. Psio ! Olé ! ó Lopo ! não ouves que te chamam aqui ?

SCENA 4.<sup>a</sup>

DUQUEZA, BEATRIZ, ALVARO E LOPO.

„ LOPO „, ( *para Alvaro* ) — Que me queres, Alvaro, porque me chamas tu ?

„ ALVARO „ — Pois tu não vês alli a Duqueza, e Beatriz ? ella quer fallar-vos : e creio me agradecerás haver-te-chamado ?

„ BEATRIZ „ — Sim, Lopo, eu pedi a Alvaro que vos chamasse, para que empregueis vosso valimento para com o Camareiro d'ElRei, a fim que a Duqueza, minha senhora, e ama, [*baixo*] e que foi tua, e que ainda o tornará a ser, se me estimas ainda, [*alto*] possa fallar a ElRei...

„ LOPO „, (*baixo para Beatriz*) — Se te estimo ainda...! e bem mais do que tu podes imagina-lo... que deixarei eu de fazer por agradar-te...? mas... (*alto*) ElRei ordenou que ninguem lhe fallasse dentro de uma hora... e só depois de passar esse tempo...

„ BEATRIZ „, (*para a Duqueza*) — Alegrai-vos, Senhora, que dentro de uma hora podereis fallar a ElRei. Lopo no-lo acaba de prometter : não é verdade, Lopo ?

„ LOPO „, (*com voz pausada*) — Se depois de

ella ter decorrido ainda pertender fallar-lhe , levarei o recado a ElRei ; mas antes é impossivel...

„ DUQUEZA „ — Eu vos agradeço... irei esperar para o quarto da Rainha, se tambem esse me não estiver vedado agora ! humilhação , sobre humilhação ! ( *á parte* ) Quando o pensára ! que teria de agradecer a um homem expulso por vil de minha casa , um favor que depende do Soberano de quem sou Cunjhada, e Prima , e que preferia a minha mão á da Rainha sua mulher ! ! ( *fica encostada , como irresoluta , e pensativa* ).

„ BEATRIZ „ ( *para Lopo* ) — Como te agradeço este favor ! a Duqueza já te agradeceu tambem... ella será sempre reconhecida...

„ ALVARO „ ( *para Lopo* ) — Tudo te corre ás direitas ! devêras de nascer n'um folle ; ahi tens agora a Duqueza tua amiga como d'antes : mas tambem ella é tão bôa , que mau cabo leve , quem lhe dá pezares. O Duque lá tem o seu bocado de genio ; mas é quando não vê côzias bem feitas ; que do mais , é manso como um cordeiro...

„ LOPO „ — São as ordens d'ElRei , nada tendes que agradecer-me ; nada mais fiz que repeti-las.

„ BEATRIZ „ [ *baixo para Lopo* ] — O Duque sabendo que tu serviste a Duqueza , quando elle estava prezo , quando todos lhe fugião... ha-de esquecer-se de tudo , e eu serei feliz...

„ LOPO „ ( *baixo para Beatriz* ) — Sim Beatriz , e m breve elle se esquecerá de tudo. ( *á parte* ) Ah ! que não possa eu sepultar-me nas entranhas da terra para fugir dos remorsos que me devorão , e até do meu amor , que os fez nascer. !!

„ ALVARO „ ( *á parte* ) — Com que cára está Lopo , parece que viu couza má...! se o vira a deshoras... tivera-lhe mêdo ! parece que está excomungado... tem

os olhos tão espantados !! nem parece que tem ao pé de si a sua...

„ DUQUEZA „ — No quarto da Rainha, esperarei a hora em que approuver a ElRei dar-me audencia; não como á Duqueza de Bragança, mas como á mulher de um seu vassallo, prêzo por elle mesmo nos seus proprios Paços... [ *levanta-se como para sahir* ].

„ BEATRIZ „ ( *bairo para Lopo* ) — E não has-de tu acompanha-la ? faz-lhe mais esse pequeno serviço...

„ LOPO „ ( *baixo, para Beatriz* ) — Ainda soam nos meus ouvidos as suas palavras no saráo; se alli nem á sua Donzella permittia acompanhasse...

„ DUQUEZA „ — Beatriz, Alvaro, esperai aqui por mim: se o Camareiro-mór aqui vier, dizei-lhe de minha parte, que a Duqueza de Bragança espéra no quarto da Rainha a hora em que deve ter audencia de sua Alteza. Lopo, conduzi-me, como sois criado d'ElRei, e elle não permite ao Duque o servir-se no Paço dos seus criados, eu gozarei da mesma honra...

„ LOPO „ — Farei o que ordenais. ( *á parte* ) Seu orgulho é aempre o mesmo... ( *conduz a Duqueza* )

„ BEATRIZ „ [ *para Alvaro, com ar satisfeito* ] — Oh ! de certo o Duque ficará outra vêz amigo de Lopo, como d'antes era...

„ ALVARO „ [ *para Beatriz* ] — Lá isso, ha-de custar-lhe...

„ BEATRIZ „ ( *para Alvaro* ) — E então porque não ?

„ LOPO „ ( *no fundo do theatro, e conduzindo a Duqueza* ) — Por aqui...ahi eram os quartos do Sr. de Bragança...

„ DUQUEZA „ ( *admirada* ) — Eram os quartos de elle ? e já o não são ! mas aonde está elle ? aonde o

levaram ? Lopo , dissei-me... eu vos darei tudo que de-  
zejardes... onde está o meu espozó ?

„ LOPO „ — Sahiu por ordem d'ElRei esta manhã  
acompanhado pelo Meirinho mór, e Ruy Telles.

„ DUQUEZA „ — Ambos são cavalleiros, e seus ami-  
gos... estou mais socegada. Mas aonde foram elles ?  
dizei-me , e dar-vos-hei riquezas, terras...

„ ALVARO „ ( *á parte* ) — Se lhe dessem menos elle  
havia de estima-lo mais... eu bem sei o que lhe da-  
va... um dardo : para lhe sacar as fallas do buxo mais  
depressa...

„ BEATRIZ „ — Dizei, Lopo, onde foi o nosso amo !  
( *á parte , chegando-se para elle* ) Sim o nosso amo,  
que elle foi-o vosso tambem , e torna-lo-ha a ser.

„ LOPO „ [ *com voz alterada* ] — Mudaram-no de  
prizão , para a caza de Gonçalo Vaz, de donde ouvi  
que sairía em breve.

„ DUQUEZA „ ( *com ár de devoção* ) — O' meu Deus !  
he assim fôr, eternamente me lembrarei de vossa in-  
finita mizericordia ...! Vamos, Lopo , vou agradecer já  
a minha Irmãa, e ella me confirmará tão agradável no-  
ticia. Lopo , eu vós darei provas de que sou reco-  
nhecida... vós me destes o balsamo da esperança,  
com que os golpes de coração melhoram... mas o re-  
ceio ainda os faz dôer ; e bem quizera perde-lo...

„ ALVARO „ — Bem vos dizia eu, que Lopo era bom  
rapaz ( *á parte* ) Mas a gente vê caras, e não vê  
corações...

„ BEATRIZ „ — Meu coração não me enganava...  
quando , Senhora , vos pedi , me deixasseis fallar a  
Lopo.

„ LOPO „ [ *para Beatriz , e Alvaro* ] — Eu virei cha-  
mar-vos quando m'o ordenarem.

„ DUQUEZA ,, — Sim : Lopo virá chamar-vos : eu vou vêr a Rainha , beijar-lhe a mão como Soberana , e as faces como Irmãa : de certo a ella devo , o actual favor d'ElRei ... ( *sabe com Lopo* ).

## SCENA 5.ª

BEATRIZ , E ALVARO.

„ BEATRIZ ,, [ *á parte* ] — Elle tem por mim ainda o mesmo , ou mais amor ! como elle esqueceu por minha cauza as palavras da Duqueza no sarão : acompanhou-a , e as ultimas palavras della , encheram-me de alegria...

„ ALVARO ,, — Em que pensais , Beatriz ? que estais resmungando , como quem falla só ?

„ BEATRIZ ,, — Eu ? não dizia nada : pensava...

„ ALVARO ,, — Em Lopo ? héim ! nada ; não : era em nosso amo. Quem lhe havia de dizer a elle que o ser politico , e bem criado , lhe havia de custar tão caro ? para que sahio das suas terras ? lá não eram capazes de o ir prender. Bem fizeram os Senhores seus irmãos , que nem vieram ás festas ; e corre por ahi , que fugiram para Castella. Bem avizado foi o Duque , e por elles , mas não quiz acreditar...

„ BEATRIZ ,, — E como julga-o possivel ?

„ ALVARO ,, — O cazo porem aconteceu , e desta forma... Foi o Duque despedir-se d'ElRei , elle estava com todos os Dezembargadores do Paço , mandou sental-o ao pé de si n'uma cadeira d'espaldar , pediu-lhe que se demorasse ; não houve negocio em que lhe não pedisse o seu parecer , e o seu voto foi sempre o que valeu : acabado isto , quando ia o Duque a despedir-se , conduzio-o ElRei á sua guarda-roupa ; e o Duque disse-lhe ,, Agora estareis bem certo de minha lealdade,, E com

razão o dizia, que muito da sua fazenda gastou elle nas festas que pela vinda do Principe se fizeram. E El-Rei, com muita affabilidade tornou „ Folgarei que mo proveis, e para isso ficareis no Paço, onde como em vossa caza sereis servido pelos meus criados „ O Capitão dos ginetes da guarda tomava com espingardeiros todas as entradas, e sahidas do Paço; e elle deu-se á prizão: e agora mudam-no...

„ BEATRIZ „ — Como é para ser solto...

„ ALVARO „ — E' que se fartariam do hospede: vinte e dous dias!! quando o adagio diz que ao terceiro! aqui ha misterio...

„ BEATRIZ „ — Sempre estais agourando tudo, e a todos.

„ ALVARO „ — E logo para caza do Gonçalo, que mora na Praça! tem má alcunha; isto de Baraços, só de pensar nelles, já me dóe a garganta...

„ BEATRIZ „ — Santo nome de Jezus! vós cada vêz me fazeis ter mais medo. E agora que eu estava mais satisfeita pelo serviço que Lopo fêz á Duqueza...! de certo o Duque o tomará para o seu serviço...

„ ALVARO „ — Toma-lo para o seu serviço não creio eu; nem ElRei consentiria que um seu criado mudasse de senhor, e amo.

„ BEATRIZ „ — Mas ha-de esquecer...

„ ALVARO „ — Elle tem tão bôa memoria! mas o tempo tudo faz esquecer... ainda que, ha travessuras...

„ BEATRIZ „ — Vós gostais de cortar, até as ideas de ventura... a Duqueza será agradecida, ella prometeu a Lopo se lembraria dos seus serviços...

„ ALVARO „ — E bom galardão terá elle... bem o

digo eu, ha ruins que tem ventura... mas o premio que elle dezeja...

„ BEATRIZ „ — Qual é ?

„ ALVARO „ — Porque? não o sabeis ? o vosso coração não o adivinha ? nem ao menos vos faz tef, tet...

„ BEATRIZ „ — Por certo palpita d'esperanças, e receios...e de prazer pela breve liberdade de meu senhor o Duque, meu protector, meu segundo pai.

„ ALVARO „ — E Lopo, não tem ahi tambem o seu quinhãozinho ?

„ BEATRIZ „ — Para que occulta-lo ? a vós que o sabeis.

„ ALVARO „ — E eu sou de segrêdo ; ( *á parte* ) quando me faz conta, já se entende.

„ BEATRIZ „ — Ahi vêm o Snr. Fernam Rodrigues ; e vem tão triste !

„ ALVARO „ — Parece um defuncto ; de certo não sabe da nova que nos dêu Lopo.

## SCENA 6.ª

BEATRIZ, ALVARO, E FERNAM.

„ FERNAM „, ( *como assustado* ) — Aonde está a Duqueza ?

„ BEATRIZ „ — Foi para o quarto da Rainha sua Irmãa, esperar a hora de poder fallar a ElRei.

„ FERNAM „, ( *impaciente* ) — Bem quizéra fallar-lhe...

„ ALVARO „ — Mas agora não é possivel : ella não está aqui : e quem ha-de levar o vosso recado ?



„ BEATRIZ „ — Ella porem não pode tardar, que por aqui passará para ir ao quarto d'ElRei.

„ FERNAM „ — Esperar ? ! mas ao depois será tarde...

„ BEATRIZ „ — Tarde ? se dentro de uma hora ha-de ter audiencia ? !

„ ALVARO „ — Agora mesmo no-lo segrou quem o sabe.

„ FERNAM „ — E quem ?

„ BEATRIZ „ — Lopo de Figueiredo a quem ElRei o disse, e que foi quem acompanhou a Duqueza ao quarto de sua Irmãa.

„ FERNAM „ [ *para Alvaró* ] — Alvaro, e tu, seu pagem, consentiste que outrem que não tu acompanhes-se tua Senhora, e ama ? ? na tua prezença...

„ ALVARO „ [ *com medo* ] — Eu... eu, Senhor Camareiro, não tive culpa...

„ BEATRIZ „ — Foi a Duqueza quem assim o ordenou ; dizendo, que visto que a seu marido não era permittido servir-se de seus criados no Paço, ella faria o mesmo.

„ ALVARO „ — E vós não sabeis a boa nova que elle nos deu ? que o Duque ia sahir logo.

„ BEATRIZ „ — Assim o disse elle á Senhora Duqueza, e nós bem o ouvimos. Como ella ficou contente ? ! e nós tambem. Deus permitta que assim seja ! que se mais tempo dura a prizão do Snr. Duque, ella não resiste á sua dor...

„ FERNAM „ — Respiro agora ! que uma mão de ferro me esmagava o peito... mas ainda o não posso crer... E para que tanta gente armada na Praça ?

„ ALVARO „ — Será guarda d'honra para o Snr. Duque : elle está nas casas do Gonçalo...

„BEATRIZ „ — E para lá foi com Ruy Telles , e com o Meirinho mór.

„ FERNAM „ — Com o Conde de Marialva ? não pode ser ; que um seu escudeiro me disse ha pouco, hontem de noute partira para Estremoz. De certo são justos os meus temores...

„ BEATRIZ „ — Então porque ? que ha de novo ? não estejais encobrendo o que sabeis...

„ FERNAM „ — Ao passar pela Praça era immenso o concurso da plebe que de toda a parte chegava ; e apenas me approximei todos me abriam caminho...

„ ALVARO „ — Faziam o seu dever : tanto por vossa qualidade , como por vosso emprego...

„ FERNAM „ — Muitos carpinteiros cerravam taboas, e grandes traves, e barrotes : carros conduziam madeiras... como para armação de casas : e sendo tanto o afan com que todos trabalhavam, não ví signaes de ser para festa , que nem uma só cantiga se ouvia ; nem um brinquedo. E o povo a olhar... e eu olhei tambem ; mas todos fugiam de encontrar os seus com os meus olhos... não poudo conhecer a razão , perguntei-a , porem todos encolhiam os hombros , e viavam-me as costas.

„ ALVARO „ — E' cazo extranho !

„ BEATRIZ „ — Como hoje são vinte de Junho talvez seja para fazerem alguma armação para a vespera, e dia de festa de Sam João , que como é o Santo do nome , e o Patrono d'ElRei , e da Cidade...

„ FERNAM „ — Pode ser ; e que me não fallassem por ser criado do Duque, e elle estar prezo... fui á caza onde me disseram que elle estava , mas não me deixárão entrar ; derão a mesma resposta , que até aqui me tem dado sempre : e com elle me disserão que estava Fr. Paulo... Vim avizar a Duqueza do que se passava ; e receber as suas ordens ; e porque horri-

veis ideas me nascerão n'alma. ( *á parte* ) mas tanto? era impossivel. (*alto*) E a um tiranno, qual a razão que o vence?

„ ALVARO „ — O mêdo, Snr. Rodrigues, é quem guarda a vinha.

„ FERNAM „ — O medo? ! agora de que o ha-de elle ter? ( *baixo* ) Tem-no prezo, e Alcaides postos de novo, e por elle nas suas fortalezas. ! ah ! que eu tenho bem motivos para temer.!!

## SCENA 7.ª

DUQUEZA, BEATRIZ, ALVARO E FERNAM.

„ DUQUEZA „ ( *no fundo do theatro ao entrar vira-se para os bastidores como fallando a Lopo* ) — Lembrar-me hei sempre do serviço que acabais de fazer-me.

„ BEATRIZ „ — Então, minha Senhora, fallastes á Rainha?

„ DUQUEZA „ ( *sentando-se* ) — Não.

„ BEATRIZ „ — Pois tambem ella não vos quiz fallar!!

„ DUQUEZA „ — Estava no quarto d'ElRei, e lá me espéra talvez para que suas lagrimas juntas ás minhas possão abrandar esse coração de ferro... essa alma empedernida...

„ FERNAM „ — Cada instante que se demora a vossa ida á presença d'ElRei, póde ser fatal: tudo temo...

„ DUQUEZA „ ( *assustada* ) — Porque? aonde está? para onde o leváram? que nova desgraça me annunciais?

„ FERNAM „ — Está em caza de Gonçalo Váz, a que chamão dos Baraços.

„ DUQUEZA „ ( *agitada* ) — Dos *baraços* ! oh ! meu Deus ! que horrivel alcunha ! até um nome é para mim um motivo de terror ! Sim , eu vou aos pés d'ElRei... embora os guardas , e porteiros mo impeção ; eu os moverei com minhas lagrimas , com meus rogos , e meus suspiros... elles terão piedade de mim... serão compassivos com uma Princeza... com uma desgraçada mulher... mãe e espôza ... E se minhas lagrimas os não moverem , dar-lhes-hei o ouro que possúo , as minhas joias , as minhas riquezas , que para nada me servirão melhor...

„ BEATRIZ „ — Socegai... elles terão piedade de vós ... e quem será tão barbaro que a não tenha ? comvosco ! tão boa , tão generosa , tão amiga de soccorrer os infelizes . !

„ DUQUEZA „ — Mas que hei-de eu esperar de guardas rudes , e grosseiros , se meu cunhado , digo , se ElRei lhes dá o exemplo ? E meus filhos ! ! meus queridos filhinhos... se os eu aqui tivéra... suas vozes innocentes serão mais facilmente ouvidas . ¿ Quem seria capaz de resistir a tres anjos , pedindo a liberdade de seu pai ? ?

„ FERNAM „ — Estão em Villa-Viçosa , Senhora , e louvai ao céo que lá estejam... não tem ao menos visto as lagrimas de sua mãe , e não sabem as desgraças da sua familia.

„ DUQUEZA „ — Tendes razão : eu devo louvar a Providencia , tanto na boa , como na má fortuna ; talvez que o ter-me deslembreado della tantas vezes , me trouxesse este castigo do céo... mas se eu sou a culpada , porque não cahe sobre mim só a cólera divina ? ?

„ ALVARO „ ( *á parte* ) — Infeliz Princeza ! até eu , incapaz de commover-me , estão-me as lagrimas bailando nos olhos . ( *limpa os olhos* ).

„ BEATRIZ „ — Não prometteu ElRei de vos ouvir ? não o disse Lopo ?

„ FERNAM „ ( *á parte* ) — Sempre Lopo , sempre Lopo ... ah ! delle pouco posso eu esperar ! mas quem sabe ? os erros emendão se ás vezes... talvez elle seja um desses...! Deus o queira...

„ BEATRIZ „ — A hora estará quasi passada, que muito não faltará para que as dez sòem na Igreja da Sé.

„ FERNAM „ ( *á parte, e com voz misterioza* ) — E' hora aziaga... á mesma em que morreu o Snr. D. Duarte , irmão da Duqueza de Bragança ! Deus o tenha á sua vista...

„ DUQUEZA „ ( *levantando-se* ) — Não esperarei mais tempo. Se por vontade me não dêrem entrada , meus gritos , minhas lagrimas commoverão a todos... vinde... vinde vós tambem comigo , ajuda-me a conseguir o que dezejo... vós que me servis com tanto amor...

„ ALVARO „ — Esperai , Senhora , que alli vêm o Camareiro d'ElRei ; de certo vos trará a licença para lhe fallardes.

## SCENA 8.ª

DUQUEZA , BEATRIZ , FERNAM , ALVARO ,  
E ANTAM.

„ DUQUEZA „ ( *com despeito* ) — E ainda , Snr. Camareiro , serei obrigada a esperar mais tempo na ante-camara d'ElRei ? como o mais humilde dos seus vassallos...? ?

„ ANTAM „ ( *sempre com frieza* ) — Não me cumpre a mim , seu criado , investigar o motivo de suas acções ; meu dever é cumprir as suas ordens ; é somente o que eu faço : dezejando em tudo servir-vos quanto não for em desserviço de meu amo.

„ DUQUEZA „ — Nem a minha Irmã...! como se o throno quebrasse os laços do sangue ? ! mas eu

nasci junto delle , que meu Pai, o Infante Dom Fernando, era Irmão de Dom Affonso 5.º e foi jurado Príncipe herdeiro destes reinos... e não pensára nunca, sua filha pedisse mercê a ninguem... mas eu agora vo-la peço... alcançai-me audiencia d'ElRei... da Rainha... deixai-me fallar a minha Irmãa, que seu amor por mim alcançará de seu marido, o que minhas lagrimas não conseguirem.

„ FERNAM „ ( *para Antam* ) — Não era este o uzo da corte de D. Affonso 5.º; ouvia, e sempre, os que pediam audiencia...

„ ANTAM „ ( *alto para Fernam* ) — Se eram nobres: sendo plebeus, o seu Privado, e Conselheiro, era quem os ouvia...

„ DUQUEZA „ ( *com vehemencia* ) — Mas eu sou nobre... sou neta de reis, filha de um Príncipe, Cunhada, e Prima d'ElRei, Irmãa da Rainha... ( *com brandura* ) Tendes razão... eu não devo jactar-me de um acázo da fortuna... poderá ter nascido eu uiva choupiana... e alli fôra mais feliz... todos procedemos do primeiro homem, e seu peccado trouxe a todos nós a maldição de Deus... e eu a sinto neste momento...

„ FERNAM „ ( *com vehemencia successiva* ) — Mas o Privado de Affonso 5.º; que é o Duque de quem fallais, não tratava os plebeus com o orgulho com que vós tratais a sua espoza... Ide, Senhor Camareiro, e se não ides, vou eu... forçarei as portas, e se me perguntarem a razão do meu proceder... direi... que estando os criados d'ElRei ao serviço do Duque de Bragança, eu, seu criado, fazia o serviço que os criados de Sua Alteza eram obrigados a fazer-lhe, annunciando-lhe a vinda de sua Cunhada, e Prima...

„ ANTAM „ ( *á parte* ) — E' muito...! mas elle é capaz de faze-lo. ( *alto* ) Guardai vossos serviços para quando ElRei vo-los pedir... em elle os querendo, vol'o ordenará.

„ FERNAM „ — Não a mim; que só por Senhor co-

nheço um: o Duque de Bragança e Guimarães, Conde de Barcellos, e d'Ourém.

„ ANTAM „, (*á parte*) — ElRei teve agora esses despachos. (*alto*) Senhora, o tempo tem passado, logo serão horas de fallardes a ElRei, se o quizerdes.

„ DUQUEZA „ — Eu vos perdôo a maneira porque me recebeis; porque em fim me conduzis á presença d'ElRei. Vamos, Beatriz, (*para Fernam, e Alvaro*) e vós vinde também. (*sahem todos*).

## SCENA 9.<sup>a</sup>

LOPO DE FIGUEIREDO, só.

Cumprirá seu juramento: sim, Beatriz será minha!... ella ignorará para sempre, a parte que tenho nos successos de hoje. (*com vehemencia sempre crescendo*). E por ella, só por ella é que o demonio da vingança ganhou a posse do meu coração...? como compatíveis sentimentos tão contrarios?? como allia-rem-se todas as delicias do éo, com todos os tormentos do inferno?? ah...! um mau Planeta presidio á primeira hora de minha existencia!... de certo... que um homem só não era capaz de tanto amor... e tantos crimes... Amava... e com todas as potencias de minha alma... e uma distancia infinita me separava do objecto do meu amor... busquei fazer desaparecer essa distancia... não o poudo conseguir... só me restava um meio... o rapto... escolhi-o, porque no meu amor achava a desculpa... mas carecia meios para effectua-lo... não os tinha bastantes para a força d'ouro alcançar protecção em Castella, onde, como em toda a parte, é elle a carta de recommendação mais segura... o cofre do Duque de Bragança estava cheio... e eu era o Contador de sua Fazenda... roubei-o...! tudo tinha preparado para o rapto... ella innocente nem o suspeitava... mas amava-me... seus olhos mo dizião... e eu esperava que ella me perdoaria... O Duque teve necessidade de dinheiro nesse dia... e somma grande... eu a tinha despendido nos appres-

tes do rapto... pedio-me os livros dos contos... conheceu o meu roubo, expulsou-me... riscou-me do seu serviço... maltratou-me de palavras, e espancou-me...! Elle estava armado, e eu sem armas; elle valente, e eu... fraco...! um duello... não... não era possível... elle, nobre, e meu senhor; e eu, seu vassallo... fora açoutado com baraço, e pregão pelas ruas de Villa-Viçosa... e Beatriz? ouvia as vózes do pregoeiro, e o retinir dos açoutes... o meu nome feito baldão... e as maldições das mães, que a seus filhos me mostraram... ah! desprezado por ella...! detestado por todos... só me ficava... morrer... nam tinha valor para tanto... que á vida me prendia o meu amor, e a minha vingança... Antam de Faria era Privado d'El Rei... homem intrigante... detestava o Duque porque lhe fazia sombra o seu poder... procurei-o... prometti lhe meios de supplantar o seu rival... acolheu-me, deu-me a sua confiança... e eu por satisfazer a minha affronta... fui perjuro... falsario... delator... e vendi o sangue do justo... ( *como em delirio* ) Mas enfim tudo se saberá... e estou perdido...!!

SCENA 10.<sup>a</sup>

LOPO, E ANTAM DE FARIA.

„ ANTAM „ ( *sempre com frieza* ) — Perdido ! vós ! e porque ? não estais satisfeito ?

„ LOPO „ ( *sempre com vehemencia* ) — Eu satisfeito ? com inferno dentro do coração ... ? e posso estar satisfeito ?

„ ANTAM „ — Tende a cabeça mais fresca, e lembrai-vos que chegou o dia porque tanto suspiraveis ...

„ LOPO „ — Sim, eu desejava este dia como o padecente o da sua morte ... como o condemnado no inferno deseja uma sede d'agua que o refrigere, e que ao bebê-la ... é um mixto de enxofre, e de chumbo derretido ... Sim ... tudo se saberá ... e estou perdido...! Beatriz amaldiçoar-me-ha ... e perdidas as es-



peranças do céu, perco as da terra, que lhe havia posposto ... !!

„ ANTAM „ ( *rindo de escarneo* ) — Ah ! ah ! ah !

„ LOPO „ ( *dezesperado* ) — Que rizadas infernais são essas ?? e vós rides ? e vós motejais com a morte ... com a deshonra ... e com DEUS !!! ?

„ ANTAM „ — Só de vós é que me eu rio ... pois não é ElRei, tanto como vós, interessado, que este processo se ignore ?? e eu ? não terei o mesmo interesse ? e vinte e dois Dezeimbargadores que o assignaram ? não teremos nós o poder de fazer calar os indiscretos ? e sê-lo-hião os interessados no segredo ... ? Ora deixai-vos desse fogo que nasce do coração não affeito a negocios de estado, em que a cabeça pensa, o coração cala, e a mão é prompta ...

„ LOPO „ — E' verdade ... tendes razão ; o segredo morrerá connosco.

„ ANTAM „ — E homem morto não falla. De mais o Pagem da Escrivania, que é trovador, e faz proza, Garcia de Rezende, comporá umas trovas, e escreverá uma Chronica, como lhe eu mandar ; que ao serviço d'ElRei o puz eu ... e dirá o que eu quizer, porque não escreve senão o que eu lhe mando ..

„ LOPO „ — E ahi está o que é a historia dos homens ! um cadaver que não falla .... com um rotulo em vez de coração ... em vez de sangue e vida, tem os movimentos que outros quizerem dar-lhe ...

„ ANTAM „ — E' um trecho de filosofia, o que acabais de dizer ; mas assim por ella se dirá o que se agora passa ... seremos nós quem o contaremos, e julgaremos nossas proprias acções ...

„ LOPO „ — Porem dentro de nós teremos um juiz, e bem mais severo ... o remorso ... e vós mesmo o tereis tambem ... acordareis no meio do somno ... e vereis fantasmas horrorozos .... são os remorsos que pungem ... são os precursores do inferno ...

„ ANTAM „ ( *no fundo* ) — Tempo ha para pôr bem com todos ....

„ LOPO „ — Mas é preciso ... propozito ... contricção, e emenda ... e quem calcula, e faz os crimes para depois arrepender-se .. essa hora de contricção não chega ... e o inferno o receberá entre as horríveis rizadas dos condemnados ... que de antemão o aguardam ....

„ ANTAM „ — Filosofo ainda ha pouco; moralista agora ... ah ! ah ! não vos sabia de tantas prendas !..

„ LOPO „ ( *furioso* ) — Infame .... tu és o demonio que me persegue ... deixa-me ... tu não terás a minha alma ... toma ... toma, aqui tens o meu corpo... ( *como delirando* ) ..

„ ANTAM „ ( *á parte* ) — Elle delira ... pode ser-nos fatal .. ( *alto* ) Lopo, queres tu que Beatriz ouça o que dizes ? ella está alli dentro ... talvez perto daqui ...

„ LOPO „ ( *em contracções d'horror, e espanto* ) — Beatriz ... alli dentro ... perto daqui ... ah ! tu queres que eu soffra em vida todos os tormentos, que só depois da morte me esperão .....

„ ANTAM „ — Socega .. ella nunca o saberá ...

„ LOPO „ ( *com transporte de prazer infernal* ) — E será minha ... sim ... será minha ... eu a iria buscar fosse aonde fosse ... e vós mo promettestes .... este o meu galardão, ( *com horror* ) e o inferno.

„ ANTAM „ — E te-lo-has : mas ouve-me ( *falla-lhe ao ouvido* )

„ LOPO „ ( *pensativo, e em convulsões* ) — Sim .... eu o farei .... e quem senão o homem vil, e offendido ... ?

„ ANTAM „ ( *vai dentro, e volta logo com uma trou-*

*xa, que lhe entrega e que elle com horror aceita* ) — Ninguem te conhecerá ... aqui ha uma passagem secreta para a caza ... por alli voltarás sem que te vejam.

„ LOPO „ (*correndo para a porta secretu*) — Ficareis satisfeito ... e eu tambem .... (*sake com precipitação* ).

## SCENA 11.ª

ANTAM DE FARIA, só.

— Recêei que o não fizesse. Mas de que não é capaz o homem possuido por uma paixão forte ! estas as maquinas , por certo complicadas , que um homem de Estado faz mover para chegar a seus fins ... A luta era grande , mas eu serei o vencedor , e que importa porque preço ! Não tardará a tocar o sino da Igreja de Santo Antam ... os espingardeiros , e alabardeiros da guarda estão prevenidos , tomarão as portas para impedir não vá com sua presença causar alguma sedição popular ... que facil é trocarem o amor em odio ... o que dezejão são grandes espectaculos ... hoje tem um de seu gosto ... e eu repetirei para que não percam os bons costumes ....

## SCENA 12.ª

DUQUEZA , BEATRIZ , ALVARO , FERNAM ,  
E ANTAM.

„ DUQUEZA „ (*entra , triste , com passos vagarozos, senta-se, e depois de breve pausa*) — Ainda não pode fallar a ElRei ....

„ ALVARO „ — Mas á Rainha vossa Irmã fallastes vós , Senhora ; e boas novas vos deu ella ... o Senhor Dom Diogo , Duque de Vizeu , foi mandado para Santarem , até nova ordem d'ElRei ... de certo ao Sr Dom Fernando Duque de Bragança farão o mesmo , mandando o para alguma das suas terras ...

„ DUQUEZA „ — Assim o devo esperar ; mas tenho assim mesmo um receio que não posso vencer ... um presagio de desgraças ainda maiores do que as que tenho soffrido ...

„ BEATRIZ „ — Sempre na tristeza o coração se compraz com idéas tristes ; vós , Senhora , deveis des-terra-las .... que em breve tereis o prazer de ver vosso espozó , e eu de beijar-lhe a mão. .

„ FERNAM „ — Tambem eu o espero : elle nos fará esquecer as magoas que temos soffrido por seu respeito.

„ DUQUEZA „ — Assim o dezeja . crer o meu coração. E como não poderei talvez fallar a ElRei , vamos esperar para nossa caza ... faremos preceas ao todo poderoso para que nos não abandone.

( Quando vai a levantar-se para sahir , ouve-se ao longe uma voz que pouco a pouco se vai sumindo )

„ Voz „ *Justiça que manda fazer o muito alto e poderoso Rei o senhor Dom João 2.º por crime de alta traição a elle , e a seus reinos na pessoa de .....*

„ DUQUEZA „ ( *afflicta* ) — Justo Deos ! que vo-  
zes serão aquellas ?

„ ALVARO „ — Parecem d'um pregoeiro da Corte pregoando um Padecente ....

„ DUQUEZA „ — O' meu Deus ! quem será o desgraçado ? Senhor Antam de Faria , quem é o infeliz . . ?

( *Tocam badeludas em uma sineta e Antam de Faria com voz de gravidade e de hypocrita devoção durante um silencio grande* )

„ ANTAM „ — Rezemos por alma do Snr. D. Fernando , que foi Duque de Bragança , e que agora acaba de padecer ....

„ DUQUEZA „ ( *cahindo desmaiada nos braços de Beatriz, Fernam e Alvaro* ) — O' meu Deus! perdoai-lhe sua morte....

„ BEATRIZ „ — Que horror! oh! isso não é verdade ... quem ousaria mata-lo ... tão nobre ... tão bom Senhor! Snr. Camareiro, dizei-nos que não é verdade ... que foi engano vosso ...

„ FERNAM „ — Infames! o céo punirá os vossos crimes.!.! ( *fallando para a Duqueza, em voz baixa, mas que se distinga bem* ) Senhora! vós sois mãe ... e deveis a vossos filhos todo o amor daquelle que lhes roubaram .. vivei para elles ... que são seus filhos ...

„ DUQUEZA „ ( *entre desmaios, fallando para Fernam* ) — Sim: viverei para elles .. Fernam Rodrigues ... são seus filhos, mas elles in'os roubarão ... a caza de Bragança está proscripta ... Salvai-os ... salvai-os ... ja que eu não posso ... servi-lhes de pai ... de amigo ... de protector e de mestre = eu vo-los entrego ... vós me dareis conta delles na presença de Deus ... ( *cahe desfallecida* )

„ FERNAM „ ( *para a Duqueza em voz baixa* ) — Elles serão meus filhos .. eu os protegerei, ou morrerei por elles .... leva-los-hei â Corte de Castella ... Fernando e Izabel lhes darão amparo ... são seus sobrinhos ... eu os salvarei ... e ainda virá o dia em que o ramo dos Braganças provará ao mundo a innocencia de seu chefe, e a tyrannia de seus assassinos ...

*Vai para sahir, e os guardas, que ás vozes do pregosoiro havião apparecido na scena, pertendem embarca-lo, elle tira da espada e abre caminho por entre elles dizendo: E' villania.!. eu sou um cavalleiro; não sereis vós quem me embaçareis o passo. ( sahe )*

SCENA 13.ª E ULTIMA

DUQUEZA (*desmaiada*) BEATRIZ, E ALVARO (*sustendo-a*) ANTAM (*com semblante impassivo*) e LOPO DE FIGUEIREDO *sahindo da passagem secreta, coberto da cabeça aos pés, cingido de uma corda de esparto, com um cutello ensanguentado nas mãos ; todos estão virados para os espectadores, elle tira o vestido que o cobre todo, atira com o cutello, e sahe para a scena, cerrando-se a porta por onde veio ...*

„ LOPO „ (*com os olhos espantados d'horror*) — Ah. ! ...

„ BEATRIZ „ (*ouvindo o suspiro, olha, e todos*) — E' Lopo ... dizei que não é verdade ...

„ LOPO „ (*delirando*) — Sim ... é verdade ... Pediu uns figos lampões e uma vez de vinho ... escolheu os mais maduros ... comeu ... e bebeu tranquilamente ... como no meio d'um banquete de vodas ... Pela janella desceu para o corredor que estava armado, e coberto de baetas negras, e disse para Frei Paulo: *A bem, á moda de França* ... com passos seguros caminhou para o cadafalso ... que mais alto no fim do corredor se erguia ... viu Francisco da Silveira fazendo as vezes de Meirinho mor, porque o Conde de Marialva se dimittira para não ver a sorte do seu amigo ; e virando-se para os que hião ao lado disse ... „ *Como está gulum Francisco da Silveira* „

„ BEATRIZ „ (*erguendo as mãos, e*) — O' meu Deus... !!

„ LOPO „ (*sempre no mesmo tom*) — Sobe os degraus do cadafalso .... responde aos Psalmos da Igreja, que Frei Paulo, e seus companheiros entoavão em voz baixa ... o Pregoeiro lança o pregão ... e elle responde „ *Digam, e fação o que quizerem, mais fizeram ao Redemptor no Calvario* ... elle mesmo se

deitou no taboleiro fatal, tirou um relicario do pescoço, e uma carta do peito que deu a Frei Paulo, fallando-lhe em segredo ... e com os olhos fitos na Igreja de Santo Antonio ... disse ao algoz .... Eu te perdôo ... um grito de todo o povo „ Jesu „ retumbou na Praça .... e a cabeça cahio decepada .....

„ BEATRIZ „ — Perdoai-lhe, meu Deus, á sua alma...  
( *vendo Lopo coberto de manchas de sangue nas mãos e vestido* ) Mas vós estais coberto de sangue...!!!  
que tendes ? de quem é elle...???

„ LOPO „ — DO DUQUE DE BRAGANÇA .....

„ BEATRIZ „ — A maldição de Deus cáia sobre os seus algozes .... ( *desfallece ajoelhando ao pé da Duqueza* )

„ LOPO „ — E' a sentença do ETERNO, proferida pela boca de um anjo,

---

**FIM.**

---

## NOTAS

### AO DRAMA LOPO DE FIGUEIREDO.

Era minha intenção publicar por extenso todos os documentos historicos relativos ao processo, e morte do Duque de Bragança Dom Fernando 2.º; tinha colligido, e coordenado a maior parte delles; porem erão tão volumozos, que fôrniarião um grande oitavo d'impressão: e como seria abuzar da paciencia dos leitores transcrever em longas paginas citaçoens, algumas fastidiosas, e todas faceis de encontrar nas suas fontes primitivas, abandonei o projecto, limitando-me a indicar as autoridades em que me fundei para a leitura do meu drama, em relação á sua parte historica: e quem as consultar, sem paixão, verá que o titulo do drama **CORTE DE DOM JOÃO 2.º 1483** é o mais exacto possivel naquelle genero de composições; tendo eu a grande difficuldade a vencer, fazer que o espectador se interesse pela sorte do Duque, não obstante não apparecer em scena; era delicadeza minha não fazer apparece-lo, porque seus augustos descendentes não tivessem a magõa de ver ir um seu progenitor da scena ao cadafalso. As fontes de donde tirei a parte historica são as seguintes:

Processo do Duque de Bragança D. Fernando segundo, que se acha na Torre do Tombo, Gavêta 2.ª maço 2.º numero 2.º

Historia Genealogica da Caza Real, Tomo 5.º desde paginas 401 até paginas 464.

Provas á mesma historia numeros 84,85,86,87, 88,89,90.

Garcia de Rezende, Vida, e feitos d'ElRei D. João 2.º Capítulos 26,27,29,30,31,35,36,37,38, 39,40,42,43,44, e 45. (A edição de que uzo é de 1622)

Christovão Rodrigues Acenheiro, Chronica dos Reis de Portugal (Ineditos de historia portugueza, publicados pela Academia Tomo 5.º) paginas 285 até 306.



Ruy de Pina , Chronica d'ElRey D. João 2.<sup>o</sup>  
(Ineditos de historia publicados pela Academia 'tomo  
2.<sup>o</sup>) Capítulos 4,5,6,8,9,10,11,13,14.

D. Agustin Manuel y Vasconcellos , vida de Dom  
João 2.<sup>o</sup> desde paginas 38, até 120.

Marquez d'Alegrete, *De rebus gestis Joannis secun-*  
*di* ; desde paginas 60 até 92.

Christoval Ferreira y Sampaio ; vida e feitos do  
principe perfeito.

Faria e Souza , Europa portugueza tomo 2.<sup>o</sup> pa-  
ginas 441.

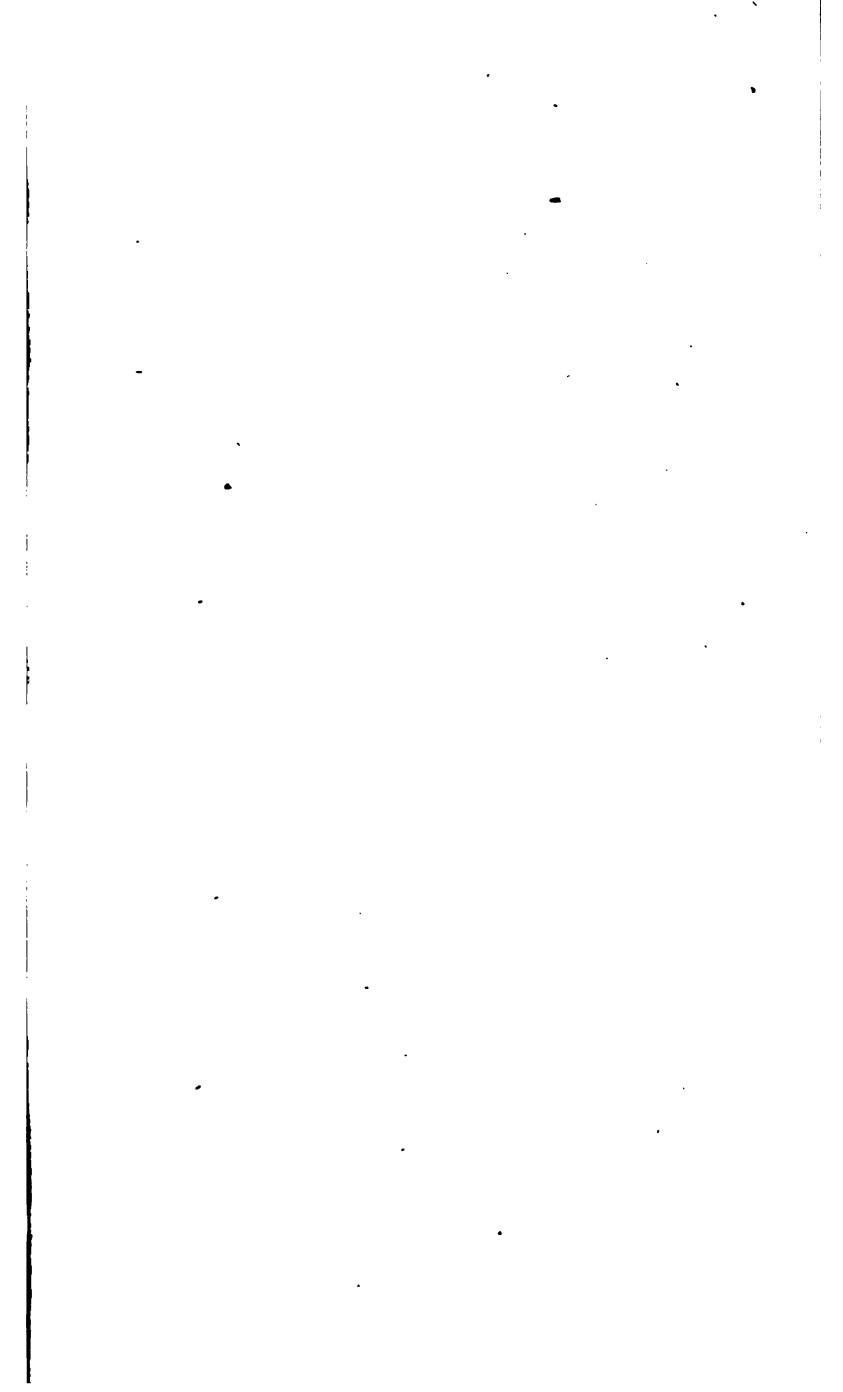
Brito , Elogio dos Reis de Portugal , Elo-  
gio 14.

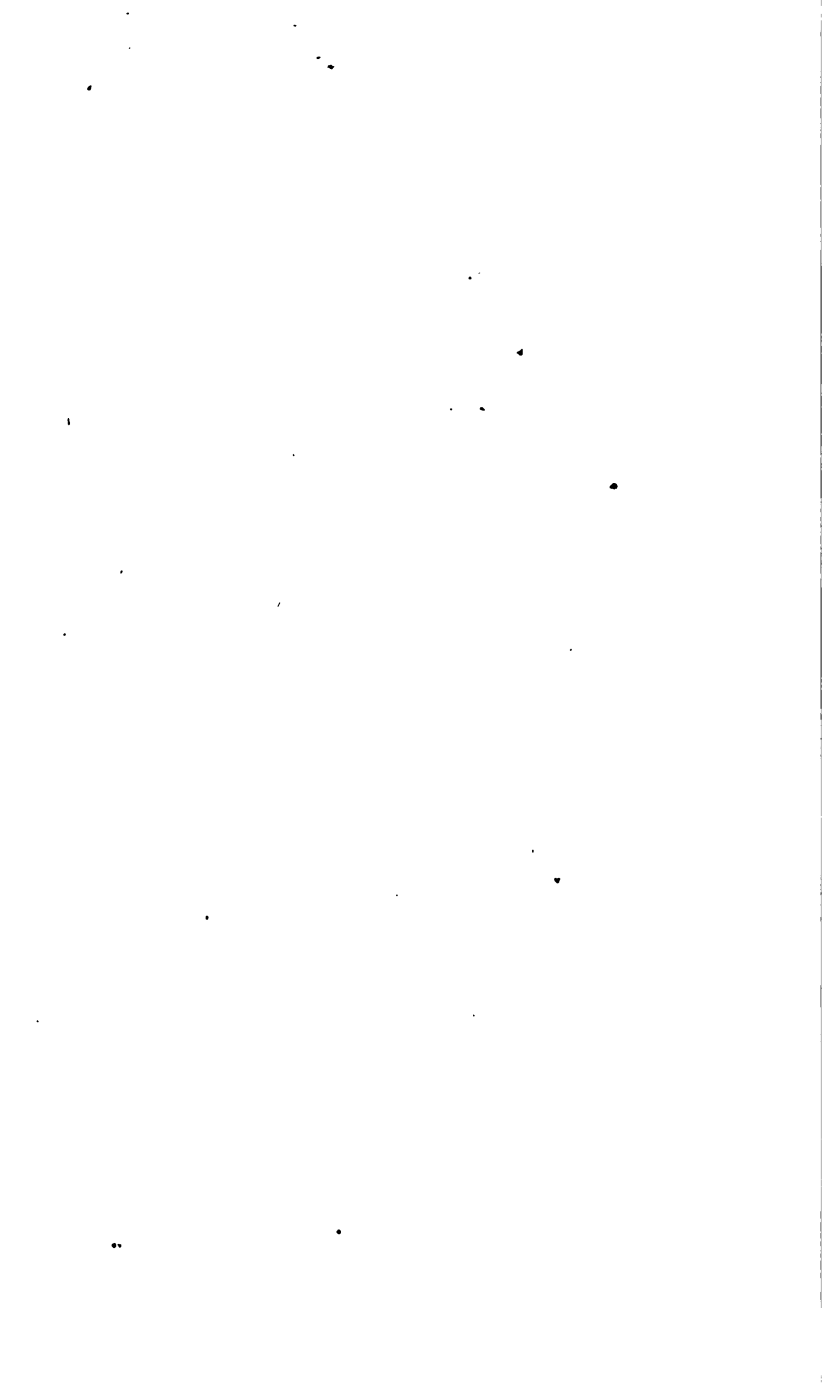
La Clede , histoire generale de Portugal ; tomo  
3.<sup>o</sup> paginas 468.

Quem tiver a paciencia de consultar todos estes  
documentos , e historias ; e attender a que é mais  
facil defender e justificar um Rey , do que a sua  
victima ; e examinar juridicamente o processo , e a  
defeza feita por Diogo Pinheiro , Dezembargador do  
Paço , e depois Bispo do Funchal , que se acha nas  
Provas á historia genealogica da caza real, facilmente  
ficará convencido da innocencia do Duque de Bragança.  
Nem outra couza mais foi o seu julgamento , e exe-  
cução , do que o preludio da grande luta entre o  
poder real , e o aristocratico ; luta que então se  
pelejava com o mesmo encarniçamento , com que no  
seculo actual se disputão a victoria o poder real , e  
o democratico.

Por bem pago me dou do meu trabalho , pelo  
bom acolhimento do publico , e pelo juizo formado por  
dous illustres litteratos portuguezes , os Senhores Con-  
selheiros , Agostinho Albano da Silveira Pinto , e  
Manoel Maria da Costa e Sá , que eu possuo como  
documentos preciosos ; sendo-me por extremo lizon-  
geira a opinião emitida pelo S.<sup>r</sup> Conselheiro Gar-  
rett no seu relatorio feito ao Conservatorio Geral da  
arte dramatica , no anno corrente. Approveitando esta  
occazião para agradecer a Mr. Doux , e aos actores  
da Rua dos Condes os seus favores quanto ao esme-  
ro na sua representação,

---





JUNHO DE 1839.

---

# REVISTA LITTERARIA.

---

## Philosophia e Moral.

*Da LIBERDADE considerada como elemento de força e como elemento de fraqueza.*

NADA é mais difficil do que fixar com exactidão e manter inalteravel o sentido das palavras com que se exprimem os objectos de immediata relação com os oppostos interesses e paixões dos homens. Os mesmos seres physicos, os objectos materiaes se desnaturalizão em certo modo e chegão a parecer differentes do que são a respeito dos individuos que os considerão debaixo de diversos aspectos, e com oppostas intenções. E se isto acontece com os seres physicos, com muito mais razão succedêra com os seres moraes que não são objecto de sensações directas, e que tem feições mais difficis de determinar. De nada serve que fallando delles se designem com uma mesma palavra ou se lhes dê um mesmo nome, porque debaixo deste nome comprehende cada um qualidades differentes. Até a mesma identidade do si-

gnal que os representa serve ás vezes para manter o erro , e confundir as ideas em vez de as aclarar.

Neste caso se acha a palavra liberdade , e é por ventura d'entre todas a que está mais exposta a soffrer em sua significação estas alterações. O objecto que ella designa affecta immediatamente a universalidade do genero humano , porque todos os homens desejão obrar do modo que melhor lhes cumpre , e affecta-os differentemente porque são differentes , e muitas vezes até oppostos seus desejos. Para o avaro consiste a liberdade na accumulção de thesours , e na segurança de seus cofres : para o iracundo consiste no poder de se vingar : para o despota na escravidão de seus subditos : para os escravos em sahir da oppressão ; para o homem justo no respeito dos direitos dos outros : para o vicioso a liberdade é a dissipação : para o philosopho é o estudo da natureza : para o menino são os jogos da infancia : para o homem laborioso é o trabalho ; para o lavrador é a propriedade e o amanho de suas terras : para o enfermo é a assistencia do medico , e a melhor applicação de remedios : para o ambicioso é o predominio e ascendente sobre seus semelhantes ; para o penitente em fim é o sacrificio dos seus gostos.

Assim é como todos querem a liberdade , porque todos tem desejos a satisfazer mais ou menos fortes ; e é tambem assim que a liberdade se modifica segundo os desejos de cada um , tomando os matizes da sua paixão e affectos predominantes. Por isto é que se diz que a liberdade tomada no seu sentido mais geral e a faculdade que tem o homem de obrar segundo a sua vontade , ou de assentir com seus desejos e satisfazer-os. Se o homem não tivesse desejos , não se concebe como podesse ter liberdade ou pelo menos seria para elle de todo inutil e ociosa , não tendo nada que preferir , nem em que se podesse exercitar.

Isto nos faz ver que a liberdade se aprecia tanto mais , quanto mais fortes e mais vehementes são os desejos ; porque sendo mais fortes , mais apetece poder os satisfazer. Debilitando-se ou sendo mais pre-

guiçosos, também proporcionalmente se debilita o apreço desta liberdade; e se chegam a cessar, ou a ser de todo nulos, também cessa ou vem a ser nullo para o individuo aquelle apreço.

Como os desejos do homem tem constante tendencia para o melhor, isto é, para o que é mais vantajoso attentas as circumstancias, também o apreço que faz da liberdade sendo o meio de satisfazer aquella tendencia, ha-de infallivelmente caminhar no mesmo passo. E' assim que a liberdade de satisfazer um desejo mui subordinado se olhará também como cousa respectivamente mui subordinada. E se este desejo chegasse como muitas vezes succeda, a converter-se em aversão, e a ser tido como nocivo, também como aversão e como couza nociva se olharia a liberdade de o satisfazer. Tal é o motivo porque ninguém aprecia a liberdade de se condemnar; e não só a não apreciação, mas nem sequer a quererão possuir e positivamente a aborrecem. Todos desejarão não ter disposição nem liberdade de se fazerem infelizes, de trabalharem inconsideradamente para a sua ruina, e de occasionarem a sua morte; e com tanta mais vehemencia o desejarão, quanto mais caras e valiosas lhes forem a fortuna, a felicidade, e a vida. Todos desejarão que uma barreira insuperavel os separasse para sempre dos objectos nocivos, e naturalmente se interposesse entre elles e os precipicios em que estivessem expostos a cahir. Se em momentos de colera ou desesperação alguns attentão contra a propria vida ou contra a sua existencia, restabelecida depois a tranquillidade de espirito, dão graças e bendizem o amigo que á viva força lhes arrancou a arma das mãos.

Destas considerações devemos deduzir que, o mesmo valor e subordinação que ha entre os desejos a respeito da vontade, o mesmo ha também a respeito da liberdade. Ainda que não sejam objecto principal das determinações da vontade senão os desejos predominantes, os desejos de objectos que a intelligencia lhe apresenta como melhores, como preferiveis, nem por isso se pode dizer que os outros são inúteis ou nocivos, ou que é mau tê-los. Pelo

contrario são um bem inapreciavel, uma parte muito importante da ordem moral do universo. Se não tivéssemos estes desejos; se os objectos da natureza não estivessem formados de modo que os excitassem em nós outros por meio de prazer e da dor, por meio de impressões agradaveis ou desagradaveis, não chegaríamos a conhecer aquelles objectos; não haveria moralidade nas acções, e por ultimo a vontade não teria materia para se exercitar, preferindo o melhor. Sem precederem observações, experiencias, e comparações entre estes desejos, não pode a vontade exercer a sua função distinctiva, que é preferir, ou escolher. O mesmo exactamente se deve dizer da liberdade. Sem que o individuo seja livre para observar, medir, comparar, e experimentar os objectos, não o pode depois ser para exercer a sua função também distinctiva, que é seguir a vontade, e abraçar o melhor. Assim a vontade e a liberdade, tão intimamente connexas, dirigem-se ao melhor como termo commum, ainda que antes tenham de exercer ambas a sua acção especial sobre objectos de melhor interesse. Pelo contrario este exercicio, e este exame anterior tanto para uma como para outra é a preparação necessaria, e o meio indispensavel para exercerem devidamente a sua função final respectiva.

Porem estas funcções preparatorias, posto que sejam indispensaveis, não devem jamais confundir-se com as principaes, como o tem feito alguns philosophos, dando assim occasião a mil erros, e notavelmente, o fez M. Tracy caracterisando a vontade como faculdade geral de sentir desejos. Entre o simples sentir de desejos e a acto da vontade de preferir entre os varios, ha um espaço immenso, e uma differença essencial: e a mesma se acha entre as operações preparatorias de exame, experiencia e medida, e a outra posterior a estas experiencias, de abraçar o melhor; que é a operação final da liberdade. E não so é a mesma esta differença entre as funcções principaes e subordinadas da vontade, e entre as analogas da liberdade que acabamos de citar, mas ate um mesmissimo erro fez desconhecer esta differença, em um e outro caso.

Este erro, pelo que diz respeito á vontade , consiste em haver generalisado com demasia , attendendo , para a caracterisar, mais aos actos simples, posto que numerosos de sentir desejos , do que ao mais complexo , porem menos frequente de preferir entre elles. Pelo que toca á liberdade , consiste este erro em haver acreditado que por esta se exercer em todas as acções permittidas pela lei , ou contidas dentro do seu circulo , obrava sobre ellas do mesmo modo , e com o mesmo indivisivel objecto. O homem, dizião , está obrigado a executar estritamente tudo o que manda a lei perceptiva ; é livre porem para executar como quizer as acções que a lei permite , ou que se achão no circulo da lei permissiva. Desta sorte vierão a caracterizar a liberdade pela faculdade de executar estas acções, sem advertir que entre ellas ha classes distinctas e de diversa importancia , como temos indicado ; e que assim como a vontade se não caracteriza pelo simples acto de sentir desejos , mas pelo de preferir entre elles , do mesmo modo não se ha-de caracterisar a liberdade pelo acto simples de executar acções permittidas , mas pelo de aspirar a executar as melhores. Como é privativo da vontade preferir entre os desejos , assim é privativo da liberdade preferir entre as acções.

Creio que este modo de considerar a liberdade ficará sendo tão exacto e luminoso , como é falso e equivoco , posto que vulgarmente admittido , o indicado pelos philosophos e politicos. Se para o demonstrar me demorar mais do que parecer regular, desculpem-me em attenção a estar muito arreigado ao erro que me proponho combater.

A reconhecida limitação da intelligencia e mais faculdades do homem não o deixão chegar d'uma so vez á perfeição em nenhum dos ramos que se vê precisado a cultivar para satisfazer as necessidades tanto physicas como moraes da vida. Mil dividas , mil tentativas , mil ensaios e mil experiencias tem de anticipar o gozo de seu desejo , e a posse da perfeição apetecida : e ainda ás vezes quando ciliada havê-la alcançado , e achar-se em tranquilla pos-



se de seu objecto, descobre outro objecto superior, e vê que a sua supposta perfeição não o é verdadeiramente, ou é, quando muito, um meio de chegar a outra. Se aquelles ensaios e experiencias lhe são indispensaveis para alcançar o seu objecto final, quem lhe estorvasse a sua execução, causar-lhe-ia um grande mal, e commetteria juntamente a maior injustiça; mal e injustiça cujo valor e gravidade deveria avaliar-se exactamente pelo valor ou pelo bem do objecto de que o privavão. Mas se o supposermos collocado em uma ordem de cousas differente, em que sem necessidade alguma daquelles ensaios e experiencias lograsse espontaneamente o seu objecto; aquelle mal e aquella injustiça seriam nulos, ou cessariam de todo, e deverião ate considerar-se como um bem, pois lhe pouparão o trabalho que necessariamente traz consigo o ter de executar semelhantes ensaios. Isto faz ver claramente que as acções consideradas como meio de conseguir algum fim ou algum objecto, se aprecião e tomão todo o seu valor e importancia do valor do objecto a cuja posse se dirigem: *denominatio fit a fine.*

O valor pois da liberdade que o homem tem para executar esta classe d'acções, é exclusivamente tirado do valor do objecto a cuja posse se encaminhão, e por elle precisamente se mede. Poderá as vezes obrar por mero exercicio, diversão, ou passatempo; porem é mister advertir que então este exercicio, diversão e passatempo serão, como ás vezes podem ser, o objecto final de que fallamos. Em quanto ao mais, o homem com seus estudos, ensaios e experiencias dirige-se sempre para conseguir o objecto que mais o move, que mais excita a sua attenção, e para o conseguir da maneira mais perfeita e vantajosa attentas suas circunstancias. Esta vantagem preferente é quem lhe excita a attenção em todos os cazos; e aquelles ensaios e tentativas não são, se bem repararmos, mais do que meios de chegar a maneira mais decidida e perfeita de obrar em cada genero; e alcança-la é o termo do seu desvelo e sollicitude, e o cumprimento

de seus desejos. Se a liberdade se reduzisse vagamente ao simples *poder preferir* olhado em si mesmo, ao simples poder de obrar d'um ou d'outro modo, então seria inútil, ociosa, e até nociva, porque constitua o homem em continuada e incommoda dúvida, fluctuação ou hesitação. O que a faz realmente útil e interessante é poder ella por via desta fluctuação, do ensaio, e do estudo, achar o melhor em cada ramo, e a maneira mais vantajosa de obrar attentas todas as relações. Aspirando o homem constantemente á perfeição, e desejando sempre obter o melhor resultado possível do uso de suas faculdades, seria uma monstruosa contradicção suppor nelle desejo algum nem vontade d'obrar só por puro obrar, ou d'uma maneira distincta daquella que a todos os respeitos se lhe figura mais vantajosa. Poderá equiparar-se ás vezes, poderá adoptar como mais perfeita uma maneira d'obrar, que o não seja tanto como outra: poderá de certo, porem em quanto assim a reputa, ella obrará na sua vontade como se realmente o fosse, e produzirá os mesmos effeitos.

E' por tanto mister distinguir dous grãos differentes na idea geral de liberdade, ou o que vem a ser o mesmo para o effeito, admittir duas especies de liberdade; uma pela qual seguindo os movimentos da vontade nos dirigimos aos objectos por esta preferidos como seu termo: e outra pela qual attendemos aos objectos subordinados que conduzem a este termo; n'uma palavra, uma liberdade considerada como fim, e outra como meio. Prescindindo das denominações mais adequadas, que talvez tenhamos de lhes dar em outro escrito, designal-as-hemos por agora; a 1.<sup>a</sup> com o nome de liberdade de *perfeição* ou de *acção*; e a 2.<sup>a</sup> com o de liberdade de *ensaio* ou de *exame*.

A verdade e importancia desta distincção, e o erro dos politicos em não a ter estabelecido, descobre-se ao mais leve exame nas artes, nas sciencias physicas, nas moraes, nas leis, na historia da vida commum, e ate no instincto de todos os homens.

Se a liberdade consistisse simples e indistincta-

mente, na faculdade de obrar dentro do circulo da lei, como geralmente se diz, traçadas as leis ou regras geraes d'uma arte qualquer, deveria deixar-se ao artista que obrasse segundo seu livre arbitrio. Este seria o seu bem, este o bem da arte, esta a sua perfeição, porque tambem seria esta a sua maior liberdade. E ainda aqui não fica. O artista menos esperto seria no primeiro dia mais livre em suas acções do que outro que tivesse muitos annos de experiencia; pois em quanto este se considera sujeito a infinitas regras subordinadas, o primeiro não reconheceria nenhuma, ou para melhor dizer, divagaria por todas. Isto devêra sem duvida alguma dizer-se adoptado o principio. Entretanto succede o contrario, e ninguem ha que não diga que o segundo usa de mais liberdade no exercicio da sua arte do que o primeiro, apesar de que suas mais pequenas acções se executão todas com sujeição a certas regras que o mesmo uso lhe ensinou. Tambem se observa que o primeiro não vai adquirindo liberdade em suas acções senão ao passo que, imitando o segundo, se vai sujeitando ás mesmas regras ou outras analogas, e mais pontualmente as observa. E não posso com verdade dizer-se que aprende a arte, que a exerce com liberdade, que conseguiu o seu objecto, e obteve o fructo do seu trabalho, em quanto a liberdade vaga, confusa, incerta, e esteril no seu principio se não converter na liberdade activa, fecunda e perfeita que traz o uso espontaneo de successivas regras.

Uma sciencia determina-se por umas poucas verdades genericas que fixão o seu character e natureza; porem estas verdades, regras ou leis não constituem a sua perfeição, nem são sufficientes para a professar com proveito. São necessarias muitas outras subordinadas, que o mesmo estudo, uso e pratica vão ensinando. E não só são necessarias, mas bem considerado o caso, ate a perfeição desta sciencia não consiste em outra cousa mais do que descobrir e fixar estas regras, em sujeitar a ellas as operações, e fugir quanto se possa do livre e ocioso vagar que offerecia a simples adver-

tencia daquellas primeiras leis. Esta sciencia, escrava ao principio, pode dizer-se que não vae adquirindo liberdade senão ao passo que vae descobrindo e observando novas regras. Esta é a sua natural tendencia, e estes os esforços constantes dos sábios que a professão.

Um physico necessita certamente de muita liberdade para experiencias, observações, e ensaios: mas para que quer elle esta liberdade? Será unicamente para experimentar, ou para ensaiar? Não, por certo. E' para descobrir alguma interessante propriedade nos corpos que submette a tão prolixo exame. Descoberta esta propriedade que era o objecto primordial e unico de seus desvellos, já não dá apreço aquella primeira liberdade *d'ensaiar*, que lhe proporcionou a *perfeita*, que desejava servir-se deste corpo para usos ate então desconhecidos.

Para que quer o mechanico a liberdade de seus ensaios, calculos, provas e combinações, se não para levar suas machinas á maior perfeição, e alcançar por este meio o maior augmento e liberdade no desenvolvimento de suas forças?

Quem, ao ver um soldado nos primeiros dias de aprender o exercicio, notará em seus movimentos e acções outra couza que não seja violencia e constrangimento? E com tudo no regrado destes movimentos, e na rigorosa observancia destas regras está precisamente a liberdade das evoluções militares, e ate a liberdade do mesmo individuo, que em principio se suppunha escravizado.

Passando agora ao campo das proprias leis, a respeito das quaes se diz que a liberdade é a faculdade de fazer tudo o que ellas não prohibem, ou, o que vem a ser o mesmo, a faculdade de obrar dentro do circulo que ellas tração, ninguém julgaria que os mesmos que a sustentão, não a considerassem como um bem por si, como um bem essencial, como um bem que deveria entender-se o unico possivel dentro do circulo traçado. Assim devêrão fazer para serem consequentes. Entretanto observamos o contrario. Por consenso unanime de todos os homens, e que aquelles não contradizem, concorda-se em que é necessaria uma sci-

encia particular que contenha leis d'outra especie, qual é a moral, destinada a fixar, a limitar, e a circunscrever as acções ainda mesmo dentro do indicado circulo. Assim se vê que se as leis politicas e civis não influem, por razões que não são para aqui, nas acções relativas á sobriedade, á temperança, á ira, e outras varias affeições, não é de nenhum modo porque approvem a liberdade dellas, nem tenham por cousa util deixal'-as sem regras; mas por que não está na sua indele, nem no character da acção regulal'-as. E é isto tão certo, que os partidarios mais zelosos da liberdade politica e civil não podem deixar de invocar o auxilio da moral, ate mesmo para os actos mais internos.

Iguaes argumentos nos subministra a historia em todas as suas epochas, e especialmente a historia dos povos livres. Não se considerava livre por excellência a republica de Esparta? E acaso não estavam ali sujeitas e determinadas, mais talvez do que em nenhuma outra parte, as acções do cidadão? Tudo na vida publica e privada estava sujeito a regras, ate aquellas mesmas acções que nas outras partes são consideradas como insignificantes, os passeios, os exercicios, e os jogos. A tal ponto subia nesta parte a sua austeridade, que para a expressar ao vivo e com toda a verdade, não acháram os politicos meio mais adequado do que comparar aquella republica ao convento da Trapa. Não consideravão pois os espartanos que houvesse opposição entre a perfeita liberdade, e a indefinida sujeição das acções a regras. Conhecerão ao menos por instincto, e posarão em pratica a indicada distincção: conhecerão que ha uma liberdade distincta da faculdade de mover-se dentro do circulo da lei, uma liberdade distincta da liberdade de ensaio, uma liberdade robusta que consiste em obrar o melhor, e em observar rigorosamente em cada situação a regra que conduz ao perfeito.

A vida commun e o instincto advertem-nos isto mesmo. Pergunte-se a um lavrador porque razão deseja que o deixem em liberdade a respeito da sua lavoura, e logo responderá sem hesitar, que

é para chegar por meio d'ensaios e experiencias a conhecer e praticar as regras mais conducentes a fazer a perfeita e vantajosa. Pergunto se a um trabalhador qualquer qual é o objecto primórdial de seus desvellos, e responderá logo, que é achar as maneiras de fazer mais facil e productivo o seu trabalho. Nem um nem outro, nem mil e mil que se interrogassem, darião outra resposta, porque esta é a idea instinctiva que os guia a todos. E se algum replicasse, que era para disfructar a liberdade exclusivamente, seria ou por não entender a pergunta, ou por considerar esta liberdade como meio indispensavel de chegar á apeteecida perfeição, ou por ver esta confusamente embebida naquella. A prova evidente desta asserção é que não ha ninguem, a não ser louco ou mentacpto, que convencido inteiramente de haver alcançado a maneira mais perfeita de obrar, o methodo mais vantajoso em um ramo qualquer a todos os respeito, não dê valor algum ás outras maneiras e methods menos vantajosos, ou, o que é o mesmo, á liberdade d'ensaio. Nem se alleguem contra isto os caprichos, ou o que chamamos *quero porque quero*; porque alem de que as regras se deduzem dos cazos ordinarios, e não dos raros caprichos que possa ter algum individuo, se pausadamente se quizerem observar estes caprichos, achar-se-ha que se não dirigem á liberdade em si mesma e como termo, mas sim á liberdade como meio de poder em toda a occasião escolher o melhor, ou o mais agradável que na idea do individuo é sempre o melhor. A estes caprichos não se lhes dá tal nome senão porque se não vê distinctamente o objecto que os move, e ate a própria pessoa que os tem confunde-os com o objecto apparente que exteriormente se lhes offerece; que é a liberdade.

Não attendendo os politicos a uma divisão tão assignalada como a manifestão as precedentes reflexões, e collocando todo o bem e valor da liberdade no poder ou faculdade de fazer ou não fazer, deverião para serem consequentes pôr a perfeita liberdade nos meninos, e nos dementes, se menos nos imbecis e idiotas; por quanto os meninos e esta especie

de dementes são os que sensíveis e moveis ás mais variadas e ligeiras impressões, possuem em gráo subido tamanha liberdade, e são os perfeitamente livres. Se pois o não fizerão, é porque o erro a que os conduzia o seu principio era mais que muito crasso, e até contrario ao senso commum. Assim para sahir deste mau passo buscarão um correctivo na intelligencia, fazendo-a companheira da liberdade; não advertindo com tudo que este correctivo posto que interessante, não os tirava de sua ma posição. Mas nem por isso deixarão de considerar a liberdade como um ente unico e homogeneo, sem advertirem que era distincto. Por este caminho chegou o erro a criar raizes, e a dar-se uma definição incompleta da liberdade. Tomou-se a parte pelo todo; confundio-se o meio com o fim, e deu-se a provar a seiva da planta em vez do seu sazoadado fructo.

A divisão estabelecida sendo ja por si mesma tão sensível, pode sê-lo ainda mais com um exemplo physico, de cuja classe nunca faltão para fazer palpaveis e confirmar as mais abstractas verdades. Porque, diga-se de passagem, eu nunca vi verdade alguma moral de certeza provada, que não tivesse outra analoga na ordem physica, sem que eu admitta identidade, antes mui profunda differença entre estas duas ordens. O vapor produz-se na natureza e em nossas machinas, e estes dous modos de producção tão identicos em seu principio, e tão differentes em seus effeitos, offerecem-nos a mais cabal idea, não so das duas especies de liberdade de que tratamos, mas tambem dos effeitos que vamos analysando. O vapor que se produz na natureza por via do calor, espalhando-se pela atmosfera ao passo que se produz, e que apenas dá indicios do grande principio de força que contém, offerece a maior analogia com a liberdade d'ensaio, que não tendo em si força nem unidade, facilita á experiencia e ao exame meios de as adquirir. O vapor que se produz em nossas machinas não podendo diffundir-se pelo ar, utilizando e reunindo os elementos de força, por meios que vistos superficialmente parecerião constrictivos, produz a união tão activa e variada de effeitos que

admiramos, e representa ao vivo essa liberdade de perfeição, fim e remate da primeira.

Porem não só são distinctas estas duas liberdades como acabamos de ver, mas alem disso oppostas entre si. Um menino lança por acazo a mão a uma taca: a mãe para o não descontentar, e movida mais pelo carinho do que pela razão, deixa-o brincar com ella, a pezar de ver o perigo em que está de se maltratar. O pae pelo contrario attendendo mais á razão do que aos carinhos, arranca-lhe immediatamente das mãos a arma, sem lhe importár se o entristece ou arrenega. Desta sorte tanto o pae como a mãe ambos attendem á liberdade do filho, mas com variadas considerações. A mãe só olha para uma liberdade vaga, finalmente para uma liberdade d'ensaios; o pae pelo contrario, para uma liberdade perfeita, qual é a liberdade da vida, ou dos membros do filho que está em perigo de ser destruida. Eis duas liberdades em luta: a liberdade do uso d'estes membros e a d'um innocente folguedo. A conservação d'uma é a destruição natural da outra. Se se permite a do brinquedo, é impossivel que a primeira cedo ou tarde se não destrua, e se está se conserva, é atacada a outra. Supponhamos agora um louco furioso dos que continuamente attentão contra a propria existencia. Quem deverá dizer-se que verdadeiramente favorece ou augmenta a sua liberdade, será o que lhe desprende as cadeas, e que o deixa andar por onde elle quer, ou o que o conserva amarrado, e o tem debaixo da sua immediata inspecção? Parecerá que á primeira vista é o primeiro; todavia por pouco que se reflecta, logo se verá que é o segundo. De que pode na verdade servir ao infeliz aquella apparente liberdade, senão de augmentar a sua escravidão, quebrando a cabeça antes de dar dês passos, inutilizando seus membros, ou perdendo a vida? E se debaixo da inspecção do outro conserva o uso destes membros, e destas faculdades, não conserva ao menos toda a liberdade de que o seu infeliz estado é susceptivel? Porque em fim a liberdade comprehende-se no uso destas faculdades, e para ella, olhada em si mesma, é bem indifferente se o



obstáculo que se lhe oppõe está em um objecto physico, na falta de direcção propria, ou na authoridade residente em outro homem. Se attendermos á liberdade d'ensaio ninguem é mais livre do que um ignorante, sendo tanto maior a liberdade quanto a ignorancia. Falto de meios para conhecer a razão das cousas, e apreciar as vantagens de mil determinações confusas que está na sua mão tomar, virá a ser o alvo de outras tantas impressões que simultaneamente affectem sua sensibilidade, será como um corpo grave colocado no centro d'um circulo, com igual inclinação para todos os pontos da circumferencia, será como um passarinho privado da vista, e que esvoaça no espaço. Neste homem é summamente ampla a liberdade d'ensaio; pode-se reputar quasi indefinida, é tão extensa quanto é possível imaginar-se; e quanto mais extensa se imaginar, mais limitada e reduzida será ou deverá tambem imaginar-se a liberdade de perfeição; porque ou quasi não existindo, ou fluctuando esta entre mil oppostas tendencias, virá a ser insignificante, ou totalmente nulla. E qual é a razão dos contrarios resultados que nos offerecem estes exemplos, das oppostas direcções que se descobrem entre uma e outra liberdade? E' porque se desconhece sua natureza intima, porque se procurão onde se não achão, e porque se confundem: é porque a liberdade do menino ha-de achar-se precisamente na razão do pae, a do louco na vontade do seu director, e a do ignorante na intelligencia do que o instrue, e impelle para o bem.

Porem as duas liberdades de que fallamos não são oppostas como se quizer, são sim oppostas por opposição maior, isto é, contradictorias; porque levadas ao ultimo extremo, uma é expressão de força e outra de fraqueza, como vamos mostrar.

O grão de força com que se move e obra o homem, mede-se em todos os cazos pelo excesso do impulso motor sobre os impulsos contrarios ou em sentidos oppostos. Nisto ha a mais exacta paridade com o que succede na acção dos corpos physicos, ou na acção mechanica. Se um homem se colloca no centro d'um circulo e é impellido para todos os

pontos da circumferencia por impulsos iguaes, ficará immovel e sem acção, como outro que collocado no mesmo ponto não soffresse impulso algum. Se um destes impulsos é maior que qualquer dos outros, elle produzirá um movimento tanto maior em uma certa direcção, quanto maior for o seu excesso d'energia. Ainda maior e mais energico será o movimento, se não houver mais d'um so impulso. Pelo contrario quanto mais iguaes, multiplicados, complexos, divergentes ou discordes forem os impulsos, mais debil e frouxo será o movimento no physico, e mais debéis igualmente e mais frouxas serão no moral as tendencias e determinações para seguir e abraçar o objecto desejado, e por consequente menor será a acção do individuo, menor o esforço, e maior a debilidade. E quanto mais só, simples e independente se offerecer o objecto á vontade, quanto mais predominantes as suas qualidades, maior será a força d'acção para elle. Tudo é acção e força quando ao homem se apresenta um caminho unico e certo; e tudo é duvida, hesitação, perplexidade e franqueza quando simultaneamente se apresentam muitos. As duas liberdades pois estão entre si na razão inversa relativamente á força. Quanto maior é a liberdade d'ensauio, menor é a de perfeição; e quanto maior esta é, menor é a primeira. Quando a razão apresenta ao homem o melhor, e como tal a vontade o abraça, a hesitação logo acaba, e pode dizer-se que a liberdade chegou ao seu termo, á sua perfeição e complemento. Então é ella synonyma de força e com esta se confunde, pois toda a acção do individuo se emprega no seu effeito sem ser contrabalançada por oppostas tendencias, nem diminuida pela indecisão e perplexidade, que o exame necessariamente produz.

Esta classe da liberdade na sua ultima perfeição, e depois de chegar ao mais subido gráo de força e energia, é a que se acha em Deus, no qual andândo a par a vontade e o poder, e conhecendo perfeitamente o que é melhor em cada genero attentas todas as relações e circumstancias, nelle se confundem o entender, o querer e o obrar, e entende sem exame, quer sem hesitação, e obra sem fraqueza. No ho-

mem é limitada esta liberdade, porque é limitada a sua intelligencia, a sua liberdade e o seu poder; chega porém ao mais alto gráo do perfeição que lhe é dado alcançar, quando conhecidas pela reflexão, estudo e experiencia as maneiras mais vantajosas de obrar, se encosta decididamente a ellas, e desenvolvendo sem hesitação as suas forças, tem toda a energia que estas lhe dão, e os seus resultados são grandes e vantajosos quanto o podem ser. Neste sentido pode e deve dizer-se que o apice, o ponto culminante da liberdade, se acha no absolutismo da razão. Homem perfeitamente livre é aquelle que conhece o melhor, o mais conforme com a razão a todos os respeito, e por isso mesmo mais accessivel e grato á vontade; e este homem é o que com mais facilidade, decisão e força pode vencer todos os obstaculos que se oppõem á propensão que naturalmente o leva a abraçar aquillo que reconhece ser o mais vantajoso, perfeito e melhor. Esta é a liberdade forte e energica que representou tanto ao vivo um philosopho da antiguidade quando disse: *Quod optimum inter homines est, libertas est.*

Ainda aqui não pararemos. Não só é contradictoria a idea que nos dão da liberdade os philosophos e politicos, reunindo em confusa liga os dous extremos de liberdade e força, mas é alem disso retrograda e immoral. E' retrograda, porque louvando-se nella, e fazendo-se consistir levemente a sua natureza, seu ser, e sua perfeição nessa faculdade de movimento dentro do circulo da lei, nesse vago poder de fazer e desfazer, retarda-se e impede-se e muda de natureza a acção do estímulo, do principio util d'acção contido nella, que é a tendencia para o melhor, como fica demonstrado. E tanto se retarda e desnaturalisa esta acção, quanto se entende communmente que o bem e a *al-banza* recahem sobre aquelle movimento como na realidade se entende. E' immoral, porque sendo a liberdade d'ensaio por si mesma imperfeita, transitoria e em parte viciosa, e tendo no homem uma innata permanente e moral tendencia a sair deste estado, e buscar a perfeição, como tambem já se provou, deve com

boa razão, reputar-se immoral e vicioso tudo quanto perturbar ou contrariar aquella legitima tendencia.

E não faço o mais pequeno reparo em chamar innata, moral e legitima aquella tendencia, por ser isto uma deducção a mais natural e importante dos factos até ao presente estabelecidos.

Se ha uma tendencia para sahir da liberdade d'ensaio e passar para a de perfeição, como está demonstrado tanto na natureza physica do homem como na moral; se as sciencias, artes, leis, moral, e instinctos nos dizem tão claramente que o bem está precisamente em transformar a liberdade d'ensaio em liberdade de perfeição, é claro que aquella não pode ser objecto dos desejos do homem, não pode ser a liberdade que tanto se elogia, e se exalta. Porque seria a maior contradicção que esta liberdade fosse objecto dos desejos do homem, e que della mesma elle tirasse uma constante e perpetua tendencia para sahir desta mesma liberdade, uma força interior destinada a repellil-la: prova esta que confirma as já allegadas: prova demonstrativa do erro dos politicos. Quanto tem dito e estabelecido a este respeito, tudo é falso e contradictorio. Representando a lei como um circulo, figurarão a liberdade do homem como um movimento contido neste circulo, que está impellindo sempre a circumferencia; quando é absolutamente o contrario. Porque, posto que haja este impulso, ha tambem outro muito efficaz para o centro, e neste consiste a perfeição. Assim as leis, do mesmo modo que as regras nas artes e sciencias, que tambem ahi devem considerar-se leis, são primeiramente geraes, e ao passo que se caminha para a perfeição, vão-se descobrindo, demarcão-se e fixão-se as maneiras de executar cada acção do modo mais vantajoso, e estas maneiras vão natural e successivamente tomando tambem o nome e a natureza de leis e regras, podendo representar-se melhor com uma multidão de circulos concentricos que se vão aproximando do centro, do que com um só circulo simples. E' por isso que a perfeição eminente das acções humanas está mui longe de se encontrar nas leis politicas, ou civis: estas determinão-nas até certo

ponto; as leis moraes ainda mais; o mesmo fazem, quando lhes toca, as de economia tanto publica como privada: e n'uma palavra, quantos modos se descobrem de as fazer mais perfeitas e apropriadas aos fins multiplicados para que as executamos, são outras tantas leis que os fixão e concentão. O mesmo exactamente se deve dizer, nas artes e sciencias, das regras, e dos modos determinados de obrar muito adequados que se vão descobrindo e fixando ao passo que se caminha para a perfeição, como já se indicou. A liberdade d'ensaio será útil, interessante, e até necessaria quanto se quizer, porque uteis e necessarios são tambem o estudo, a observação, as experiencias, e até as proprias duvidas; porem é mister não esquecer que esta liberdade é o indicio da ignorancia e da fraqueza, e a liberdade de perfeição é o signal da razão e da força. Aquella apresenta o homem pelo lado imperfeito e fraco; ao contrario esta pelo lado perfeito, forte, e espirituoso. Aquella apresenta o envolto no turbilhão de inconstantes sensações, de impressões fugaces; esta ostenta-o collocado na esfera do poder e da intelligencia, e obrando segundo a razão permanente das cousas.

Sem as distincções indicadas, sem este impulso moral bem conhecido, sem esta tendencia bem exposta, tudo na liberdade se confunde e desnaturaliza, e as declamações em todos os tempos muito celebradas a seu favor podem sem violencia nem esforço notavel de genio applicar-se igualmente á liberdade e á tirannia, á liberdade e á escravidão; ao verdadeiro e ao falso; á fraqueza e á força. Porque é evidente que, se estas duas liberdades são distinctas e oppostas entre si, se possuem qualidades repugnantes, se o augmento d'uma traz consigo ou supõe necessariamente a necessidade da diminuição ou destruição da outra; quanto for elogio d'uma debaixo deste aspectto, será vituperio da outra; ou então, se se quizer applicar a ambas, terá de exprimir uma notoria contradicção. Aos que assim indistincta e conjunctamente fallão da liberdade e a exaltão, pode-se-lhes com razão perguntar: — De que liberdade quereis vós fallar? Se fallaes da liberdade de perfeição attende

que não a deveis confundir com a liberdade d'ensaio: não deveis attribuir-lhe qualidades que a facção desconhecer, que deprimão sua perfeição e a degradem. Exaltae-a quanto quizerdes, que nunca serão ociosos nesta parte os vossos desvelos, nem desmedidos vossos elogios. Tende porem cuidado de a pintar fielmente tal qual ella é, e não usurpeis o nome respeitavel da matrona recatada e honesta, para immerecidamente honrar com elle a meretriz abjecta e vil. Fallaes acazo da liberdade d'ensaio? neste cazo deveis limitar-vos a não alterar suas cores naturaes: deveis limitar-vos a offerecel'-a como um inéio de chegar ao bem, e não como se por si mesma o fosse: deveis marcar d'um modo indelevel a linha divisoria que a separa da outra: deveis apresental'-a ao publico tal qual é, debil, imperfeita, cega e enferma; e não enganar nunca os espectadores adornando-a falsamente com as joias e roupas magnificas usurpadas á outra. Fallaes porem da liberdade em geral, comprehendendo indistinctamente a d'ensaio e a de perfeição? Então deveis limitar vossos discursos só ao pequeno numero de qualidades communs a ambas, advertindo que se o não fizerdes incorrereis em contradicção palmar, as vossas declamações não serão mais que aranzel confuso, insigne prova de ignorancia ou má fé, mixto impuro de verdade e de erro, quadro mentiroso, e monstro horrendo —.

Pode dizer-se que estas reflexões nada provão por serem excessivamente geraes, pois se não referem a liberdades particulares, como a civil, a politica e outras. Responde-se porem que por isso mesmo que são geraes é que as comprehendem a todas; porque comprehendem a liberdade na sua essencia, e descem até aos elementos de toda a liberdade. O que unicamente se pode dizer é que faltão as deducções e o desenvolvimento d'alguns pontos; mas a extensão e objecto deste discurso não permitem que se entre no exame particular d'estas e d'outras especies de liberdade, como faria, se chegasse a publicar um tratado d'esta faculdade que tenho começado ha muitos annos, e que ainda não acabei: tanto

por conhecer a insufficiencia do meu talento ; como por estar persuadido que os principaes talentos que na França e em outros paizes se occupão destas materias , com mais meios , consideração e recompensas , não podião deixar de em breve tempo emprehender tão interessante obra. Bastará por agora dizer , que se por liberdade politica se entende a parte que os governados tem na formação das leis , tanto mais fundas se deverão buscar as raizes desta liberdade , quanto mais dentro do circulo se achão estas mesmas leis , ou por outra , se achão com a expressão d'outras mais interiores , mais difficeis de fixar , e mais delicadas.

Talvez tambem objectem que serão verdadeiras as nossas reflexões á cerca da liberdade considerada em abstracto ; mas que toda a liberdade legal , toda a liberdade realizavel na sociedade humana , ha-de necessariamente conter-se dentro do circulo da lei , e que por consequente é verdadeira a descripção ou definição que os politicos dão da liberdade , e que eu tanto impugno. A esta objecção quasi que não sei que resposta dê , porque me parece antecipadamente desvanecida para quem tiver comprehendido as miulhas antecedentes reflexões. Por tanto só direi que a mesma luz forte e viva da verdade deslumbrando a vista , faz que se não distinga o pequeno erro nella contido. Se a definição dos politicos não tivera tanta porção de verdade , não occultaria por tanto tempo a parte de falsidade que a contamina. Quando o erro é claro , palpavel e evidente , deixa em certo modo de ser erro por ser facil de distinguir , e porque todos o descobrem e evitão. O verdadeiramente nocivo , o que chega a ser inteiramente prejudicial , é o que cresce , vive , e vigora á sombra da verdade , e nos faz dizer com Aristoteles : *parvus error in principio in fine fit maximus*. Quem pode negar que ha-de haver liberdade para qualquer se mover dentro do circulo de lei ? Quem pode negar que o homem não ha-de passar deste circulo ? Pois encuberto assim com verdades tão claras , nutre-se e cresce insensivelmente o equívoco , e a viciosa tendencia que indicamos.

Erro semelhante a este se poderá notar em certa obra celebre, e a certos respeito interessante, qual é a Moral Universal. A sombra de verdades claras, de conselhos salutarés, e de rigorosa virtude, occulta, conforme eu entendo, um principio eminentemente immoral, como espero mostrar-o com toda a evidencia em um ensaio sobre esta obra; e outra de M. Bentham que pecca no mesmo vicio. E não o farei fundado nas impugnações e censuras que com mais ou menos razão se lhe tem dirigido por diversas considerações, porem collocado precisamente no terreno da philosophia, porque na minha opinião, tambem é philosophico o principio do erro: qual eu o concebo.

Outros exemplos d'esta classe poderão encontrar-se nas obras philosophico-politicas de J. J. Rousseau tão fecundas em grandes erros. Se este philosopho tivesse meditado mais profundamente sobre a liberdade, e lhe tivesse procurado uma origem muito pura e legitima, não lhe fora necessario recorrer por fim á escravidão para seu apoio, limitá-la a determinados climas, e circunscrevê-la a pequenos estados; e sobre tudo evitaria a mais que muito paradoxo, para não dizer absurda, expressão de *obligar os homens a ser livres*; ou antes poderia muito bem proferir a sem com tudo fazer rir seus leitores.

Seja porem isto como for; seguindo o fio do discurso, e omitindo outras considerações de menor importancia, direi, que com quanto os politicos não podessem achar nos antigos uma theoria explicita da liberdade do baixo do aspecto porque a consideramos, era-lhes ao menos dado descobrir em suas obras indicações luminosas que a ella os conduzissem.

Se em vez de partir de noções incompletas do homem, e de ideas abstractas, ou, para melhor dizer, mal deduzidas, porque só o serem abstractas não é defeito, como por opposto vicio ás vezes se supõe, se tivessem antes dedicado a meditar sobre aquellas indicações em vez de as desprezar, ou pelo menos de não reparar nellas, por ventura chegarão mais promptamente á verdade, e por caminhos mais directos.



Bastára-lhes ter ouvido a Pitagoras que a liberdade era a Ambrosia do sabio; a Epicuro que "*libertas nomen virtutis erat*"; ,, a Cicero que "*liber est is estimandus qui nulli turpitudini servit*"; ,, a Diogenes "*quod optimum inter homines est, libertas est.*" ,, e a tantos outros que em lucidos intervallos não poderão deixar de distinguir uma verdade tão interessante e fundamental.

Em ultimo lugar, se lhes parecia incommodo e ocioso o exame e meditação daquelles philosophos para estudar a liberdade, tivessem ao menos reparado no manancial que desde tanto tempo a produz em seu proprio paiz; tivessem recorrido á fonte mais pura, mais caudal, e mais inexgotavel da liberdade do mundo, o evangelho. Não me pertence a mim, nem eu intentarei citar no seu sentido religioso ou espiritual a passagem de S João que diz: ,, e conhecereis a verdade, e a verdade vos fará livres. ,, Affirmo porem que esta passagem entendida humanamente, ou applicada á politica, apresenta a idea de liberdade mais verdadeira, mais philosophica e mais profunda que nenhum philosopho antigo ou moderno em tempo algum concebeu. O mesmo e no mesmo sentido podera affirmar da passagem de S. Paulo: "*ubi spiritus Domini, ibi libertas,*" ,, a qual encerra a mesma idea fundamental debaixo d'outro aspecto um tanto differente, ainda que não de menor interesse. Nestas passagens vemos o principio de toda a liberdade como que entranhado nas couzas, a intelligencia como que personalisada que o vivifica, a *ratio summa* mencionada por Cicero, que produz a perfeita concordancia entre as acções e as couzas. e o homem dirigido por estes impulsos harmonicos, caminhando para a perfeição. Já se disse, e convem repetil'-o muitas vezes; aquelle que melhor comprehender a verdade das couzas, o que melhor conhecer a sua natureza, o que melhor apreciar as suas exigencias em todos os cazos, em todas as situações, e em todas as circumstancias, este se aproximará mais da perfeita liberdade de obrar, e será verdadeiramente o mais livre.

Creio que basta o que dito fica para caracterisar a liberdade em ambas suas accepções, em que me

propuz considerad'-a. Falta agora, depois de assim caracterisada, examinal'-a em sua acção e em seus effeitos. Fal'-o-hei compendiosamente, porque não só vae ja largo este discurso, mas tambem, depois do que temos exposto, faceis são de deduzir muitas consequencias.

O erro dos politicos, e especialmente dos politicos modernos, consiste, segundo indicamos, em haver considerado a liberdade como um ente simples e homogeneo, confundindo assim nella cousas differentes, oppositas e ate contradictorias; e em ter por consequencia attribuido a esta liberdade em geral uma perfeição e força, que só pode convir a uma de suas duas partes componentes. Para que o homem seja livre, diz-se que é necessario que possa mover-se de differentes modos, e que tenha uma certa latitude para obrar. E isto é exacto. Acrescentão mais, que nesta faculdade é que consiste a liberdade. E aqui é que está o erro. A liberdade não se constitue, não se completa pela simples faculdade de querer, de obrar, e de se mover. Para se completar e poder-se chamar um bem e uma perfeição propriamente tal, é mister que a esta faculdade de se mover, a esta força expansiva se acrescente outra força compressiva destinada a fixar e a dirigir este movimento para o seu fim, para o seu objecto e natural perfeição. So então é a liberdade completa. E não digão por acazo os politicos que é isto mesmo que elles defendem, fazendo consistir a liberdade não na faculdade de se mover como se quizer, mas de se mover dentro do circulo da lei, fazendo esta lei o officio da força a que chamo compressiva. Por que ainda que as leis quer civis quer politicas a certos respeitoes pertençam a esta força, estão com tudo mui longe de a constituir totalmente, porque esta força é formada por uma tendencia indefinida para a perfeição, como ja provei.

Cicero é quem me offerece o mais claro e adequado exemplo destas duas forças em sua tão bella como philosophica definição da liberdade, que mui especialmente me compraz citar, convertendo em prova o que talvez com leveza me poderião apresentar como objecção. *Libertas*, diz elle, *est potestas vi-*

*vendi ut velis*: eis a força expansiva: depois accrescenta: *is vivit ut vult qui recta sequitur*: eis a força justamente compressiva. E digo justamente, porque é proporcionada á anterior, e com ella se corresponde; differenciando-se desta sorte da incompleta e limitada que os politicos pensarão encontrar no seu circulo da lei. Mutilando estes assim o correctivo ou força compressiva virão-se depois precisados a mutilar a liberdade, e a dar della uma noção mesquinha, incompleta, mal dirigida, origem dos funestos erros e contradicções que temos indicado. Cicero não receou, por certo, como os nossos politicos, dar á liberdade toda sua natural e indefinida extensão, porque tinha um correctivo tambem natural indefinido nesse sublime — *vivit ut vult qui recta sequitur*; nessa vontade permanente e radical que tão imperfeitamente explica a eschola sensualista, a qual communmente é professada por aquelles politicos.

Quanta differença d'uma a outra definição tanto no modo como na substancia, tanto no principio como nas consequencias!

Eu não me metterei a qualificar o merito philosophico das obras do orador romano: direi comtudo afoitamente, que ao reflectir nesta e outras passagens semelhantes, com muita repugnancia poderia vir a abraçar o parecer daquelles que o tratão de frouxo em philosophia. Pode, sem medo de errar, asseverar-se que elle entrou mais profundamente na materia, do que nenhum outro philosopho, excepto do os textos ja citados da escriptura que tambem netrão quanto podem, porque penetrão ate

Todavia estas duas forças perfeitas applicão pelos phenomenos phisicos que a formação do vapor. Para que seja indispensavel haver um espaço que contem o liquido que o ha de produzir o mesmo vapor desenvolve a actividade que lhe é inherente, e fechado por algum corpo que nida extensão do mesmo espaço, falta o que o impede, e, o vapor o

corpo que fecha este espaço, falta a causa compressiva, e o vapor espalhando-se então pela atmosfera não produz nenhum effeito. Eis aqui um exemplo phisico exactissimo do que são as duas forças moraes indicadas, e do que é a escravidão e a liberdade dos nossos politicos. Sem lugar, sem espaço para que o homem desenvolva convenientemente suas faculdades, não ha principio nem elemento de liberdade. Sem força directora, e sem força comprimente aquella se desvanece e evapora, e não produzem effeito algum estas faculdades. Este effeito pode pois cessar por dous meios oppostos — por suffocar-se na sua origem a virtude que c'ha de produzir, e por evaporar-se e desvanecer-se. O despotista diz: "Ninguem tem faculdade de se mover fora de mim; eu sou o principio unico de toda a acção, de todo o impulso, e de todo o movimento." O politico diz: "Movei-vos quanto quizerdes; movei-vos em todas as direcções, e com toda vossa actividade, pois que nestes movimentos é que está a perfeição, o bem inextimavel da liberdade". Ambos errão; ambos raciocinão injustamente; porque um impede o uso natural das forças; e outro as destroe com o demasiado uso.

Mas ainda que ambos se achão em igual erro, apesar disso o despotista raciocina consequentemente, e não tem contra si mais do que o erro; porém o politico, com quanto nos custe dizell-o, ajunta ao erro a consequencia. A acção daquelle é simples. Considerando-se centro unico de todo o movimento, concede o que quer — pouco, muito, nenhum, conforme julga conveniente para sua segurança; mas sem que se possa reprehender, e a não ser pela sua injustiça. Porém a acção deste é composta. Ao mesmo tempo que excita os individuos ao movimento, que põe em acção sua força expansiva, deve excitar a força compressiva que ha de dirigir estes movimentos, e deve excital-a contemporaneamente e com a mesma força com que excitou a outra. Quer isto dizer, que ao mesmo tempo que excita os movimentos, ha de excitar a força que os ha de comprimir e dirigir; pois d'outra sorte estes movi-

mentos ficarião sem direcção, e não produzirão effeito; do mesmo modo que o não produziria o vapor, ainda que elle se formasse em grande quantidade, uma vez que se deixassem abertos muitos buracos nos tubos que o recebem.

Assim como a resistencia dos tubos ha-de ser tanto maior, quanto maior é a força expansiva do vapor, porque a não ser assim rehentarião os tubos e o effeito se frustraria; pela mesma razão se o politico quer pôr em movimento as forças dos individuos, com a mesma ou maior porfia se ha-de occupar em as conter e dirigir. Desattender esta segunda acção, é incorrer em uma contradicção grosseira: é o mesmo que se lançasse dentro d'um globo de tela muito fina muitas balas de chumbo, e imprimindo-lhes um movimento muito forte e direcções variadas, não quizesse que aquelle tecido se rompesse. E' o mesmo que se excitasse grande numero de rapazes a um jogo violento dentro d'um pequeno circulo, e não quizesse que elles passassem a ligeira linha que na arena os cercava, nem cahissem nos precipicios que rodeavão da banda de fóra aquelle circulo. Quem não vê o absurdo que estas supposições envolvem? Quem não vê que para conter o movimento daquellas balas, tem as paredes do globo de offerecer uma resistencia proporcionada; e que para conter o dos rapazes, não basta só traçar uma linha na terra, mas oppor-lhes resistencia igual?

Dir-se-ha que para isto ha a lei, cujo officio é conter os movimentos dentro de seus justos limites. Porem duas cousas differentes podem ser aqui entendidas por lei. Pode entender-se uma regra baseada na razão das cousas, e nos habitos; isto é, uma regra que todos vissem sahir das relações das cousas, e que fossem levados a seguil'a convencidos de sua justiça e utilidade. E. pode também entender-se uma regra simplesmente prescripta pelo legislador, e possível de acceitar tão sómente pelos subditos, em consequencia do obediencia que a elle se deve. Entendida no primeiro sentido, digo que a lei tem com effeito a força compressiva que se requer, e ha correspondencia entre esta força, e a contraria, entre o movimento e a sua direcção. Entendida no segun-

do sentido, digo que a lei representa aquelle tenes tecido, ou insignificante linha. Ao ouvir algumas pessoas fallar da lei, ninguém diria senão que a considerão como um ser phisico, como uma entidade, como um corpo. Não advertem que as expressões, imperio de lei, mandado da lei, e outras semelhantes, são expressões figuradas que em sua essencia nada mais exprimem do que um accordo d'acção em muitos individuos, dimanado da força que para elle encontrão nas couzas. Não advertem que assim como é fortissimo e se confunde com a própria acção dos individuos quando tem este fundamento, do mesmo modo, é extremamente debil quando só está escrita, como quasi sempre acontece.

Estas reflexões fazem lembrar outra inconsequencia demasiado frequente, que é confundir a acção ou força material com a moral apesar de serem entre si tão distinctas. E daqui provem o absurdo desgraçadamente tão commum, de querer excitar para a acção material, e cuidar que a contem e dirigeu pela acção moral, sem reparar que a força phisica só se corresponde com a phisica, e a força moral com a moral. Deixemos porem estas considerações que com quanto sejam de muito interesse, nos levarião mais longe do que permite a extensão deste discurso, e limitemo-nos a duas consequencias importantes que se deduzem do modo porque considerámos a liberdade.

A primeira é que se transforma em questão de facto a questão tão controvertida em direito relativa á liberdade. Se o bem e justiça que a caracterisção consistem, como é provado, em transformar a liberdade d'ensaio em liberdade de perfeição; isto é, em passar do estado de opinião, de duvida, de exame e de experiencia, ao de razão, ao de recta acção, e de força, não se ha-de indagar principalmente, como se costuma, onde reside, e qual é o direito; mas sim qual é o modo mais adequado de chegar, ou de se aproximar á indicada perfeição. E daqui se chegaria a concluir que nunca pode ser uma reunião de vontades.

A segunda consequencia é que quando se necessita obrar, é mister recorrer á liberdade de perfeição, e fugir da de ensaio, ainda quando aquella se não

possua no grão, que seria de desejar. Esta verdade tão palpavel e observada em todas as materias, parece só esquecida dos politicos. Em um exercito de quarenta mil homens, por exemplo, pode moralmente asseverar-se, que haverá um, seis, dez, ou mais individuos que tenham melhor talento para mandar do que o general. E a quem, estando este exercito em frente do inimigo, e a ponto de entrar em renhida peleja, occorren já mais a idea de ir procurar estes individuos, e entregar-lhes repentinamente o commando; e ainda mais, recolher os votos de todos para se certificar de quem elles erão, e achá-los? Ninguém por certo. Então o que precisamente se necessita é acção; e o que for prompto, fixo, determinado e conforme será o melhor. Então a liberdade do exercito longe de estar nas liberdades dos individuos, está pelo contrario na cega e punctual observancia das ordens do general. Toda a liberdade d'exame, toda a liberdade d'ensaiar, toda a liberdade individual é então exactamente a escravidão do exercito; e toda a escravidão, ou sujeição a aquellas ordens é exactamente a sua liberdade. Assim como tudo é força, acção e energia na liberdade da perfeição, assim tudo é debilidade e fraqueza na liberdade d'ensaiar ou d'exame. Posto que no presente discurso me propozesse fallar em geral; todavia chegando a este ponto não posso deixar de fazer uma applicação, e dizer: quão estranho se me faz o clamor continuo que ouvimos, já no Congresso, já fora d'elle, dizendo que é mister crear um governo forte; que é mister dar força ao governo; como se a força podesse crear-se, e crear-se de repente e á vontade; e como se podesse nascer força donde não ha senão elementos de fraqueza. Semelhante pedido, faz-me lembrar a expressão tão repetida de — *não ha plume* — que o presidente emprega para exprimir que o estado da discussão já não permite que se conceda. Pois da mesma sorte, quando ouço pedir força para o Governo, parece-me ouvir uma voz superior á do presidente, a voz da ordem moral das cousas, que diz: “Não ha força..”

E não se pense que eu attribua esta falta de força mais a uma do que a outra da opiniões domi-

nantes: mais á exaltação, do que a moderação, ou vice-versa: estou tão longe disso que já no anno de 1835 expuz o meu juizo sobre este objecto, publicando as seguintes phrases: "Estas denominações, systematizadas como as vemos, paredem-me vagas, incompletas e superficiaes. Julgo tão extravagante resolver pela exaltação ou pela moderação muitas questões politicas e moraes, como o fôrã explicar só pelo frio ou calor todos os phenomenos phisicos e quimicos, ou querer excluir dellés algum destes agentes. Eu não vejo nas denominações senão um duplicado e confuso ontologismo. A exaltação e a moderação não são principios nem forças ordinarias, como communmente se annuncia; mas modos diferentes de acção, que admittem em politica tanta variedade, como em medecina os remedios que se adoptão, já tonicos e excitantes, já emollientes e sedantes conforme as molestias. Ainda se poderá acrescentar que estas denominações reúnem todos os defeitos da practica e da theoria, como os reúnirão as vistas contradictas do que pretendesse prohibir-mos saltar ou correr, porque caminhar é o mais frequente exercicio dos pés; ou do que quizesse que saltassemos ou corressemos sempre, porque assim em um instante se anda grande espaço." Prescindindo agora das pessoas particulares de uma e outra opinião, que não tocarei no mais pequeno ponto, devo acrescentar que a exaltação e a moderação, no meu sentir, não fizerão mais do que conservar, e pôr reciprocamente em harmonia seus mutuos acertos ou desacertos.

Nem se creia tão pouco que ao fallar d'esta falta de força, queira eu attribuir sua causa ás formas representativas. E' inteiramente o contrario. Eu creio que a força dos governos está na representação, e que não podem ser uteis e justos sem serem representativos. Determinar porem como hão-de sê-lo, e que é realmente o que hão-de representar, *hoc opus, hic labor est.* Isto me propuz eu a manifestar, com demasiada confiança talvez de minhas forças, na obra annunciada sobre a sociabilidade politica. Desde já direi que nunca sube comprehender como se possão representar vontades, que é a faculdade mais variavel e movei do homem, no modo ordinario de a enten-



der e empregar. E agora não deixarei de repetir a observação que me fez em certa occasião um joven lavrador que não sabia ler nem escrever — Se, aqui entre nós, disse elle, devemos reconhecer que em toda a sociedade ha uma grande parte entre ignorantes e maos, o voto geral delles participando das suas qualidades, deve tambem ser ignorante e mau. — Prescindindo da exaggeração e inexactidão que esta idéa possa encerrar, é mister reconhecer que contem grande porção de verdade. Ao que pertendesse negal'a podia-se replicar com o dito do proprio J. J. Rousseau, que com razão, mas por um contra-principio, admittio a necessidade d'um legislador distincto; sobre o que por ventura foi julgado com nimia indulgencia por seus impugnadores; e cuja fraqueza, diga-se de passagem, foi ao principio em grande parte causa da celebridade do Contracto Social.

Diz-se que estes governos estão mui aperfeiçoados; mas eu não entendo este aperfeiçoamento vendo-os conservar muitos vicios essenciaes dos antigos, e creio que em vez de atacar deverião estar na defensiva, e que com razão se lhes poderia dizer com o poeta: *Parce puer stimulis et fortius utere lario*. Certamente se aperfeiçoarão, ou para melhor dizer, systematizarão as formas, porem de que valem as formas, ou de que serve aperfeiçoal-as; quando se não aperfeiçoão os principios nem nelles se toca? Essas interpellações, esses equilibrios, essas maiorias e minorias, esses valores numericos, essas apelações e outras mil regras parlamentares, não apresentam senão uma pura liberdade d'ensaio; e não é estranho que as acompanhe a fraqueza, posto que muitas vezes lhes sóbra a força para fazer pequenas couzas. Eu não fazia muito reparo em dizer que semelhantes formulas encerrão duas terças partes de sophisma. Aproveitem os povos a restante, que mui utilmente lhes pode servir, e fação com que nunca com razão se lhes dirija a terrivel reconvenção da Escritura: *Quare populi meditati sunt inania*? (\*)

(\*) O artigo que deixamos estampado é copiado da Revista de Madrid. A conformidade das ideas que desenvolve, com pensamentos que tantas vezes nestes ultimos tempos nos tem entretido, causou-nos impressão forte, e determinação fixa de propagar estas verdades, ignoradas do maior numero; e cuja ignorancia, seguindo entendemos, tem sido cauza de grandes males em todas as nações que tem querido ser livres.

---

# Litteratura e Historia

## Portugueza.

---

ANDRÉ DE REZENDE.

MANOEL SEVERIM DE FARIA.

---

TRASLADACÃO DE SUAS CINZAS.

---

Os MONUMENTOS sepulchraes, que desde a mais remota antiguidade se conservão em todos os paizes, habitados por homens civilizados, são boas testemunhas do quanto em todos os tempos, e em todos os lugares, as familias respeitãrão sempre as cinzas de seus maiores, e os povos honrãrão a memoria dos que bem merecêrão da patria. Levados destes sentimentos, naturalmente gravados no coração do homem, acabão os Eborenses de dar uma publica demonstração do quanto se empenhão em perpetuar a memoria do Mestre André de Rezende, e do Chantre Manoel Severim de Faria, salvando do imminente risco de se perderem os restos mortaes destes insignes varões, trasladando-os a lugar, onde possam ser decentemente conservados, e devidamente acatados.

Antes porem que entremos na narração do modo como os Eborenses se houverão na trasladação de tão veneraveis cinzas, não será fora de proposito escrever um breve summario das vidas destes seus compatriotas.

# ANDRÉ DE REZENDE.

Nasceu em Évora nos últimos annos do 15.<sup>o</sup> seculo. Seu pae, que era uma das pessoas principaes da Cidade, faltou-lhe quando elle apenas contava a tenra idade de dous annos. Se a perda de um bom pae, sempre irreparavel, pode disfarçar-se; é somente nos braços d'uma mãe carinhosa e desvelada; só então a orfandade é menos para lamentar, e se torna tão suave, quanto o pode todavia ser um infortunio. Carinhosa e desvelada foi sempre para com seu filho a mãe d'André de Rezende; seus desvelos lhe promoverão o adiantamento, e por elle o credito, de que gozou entre naturaes e estranhos. Assim lhe pagou elle com tanto amor, como logo teremos pela occasião, em que a morte lha roubou.

Na verdura dos annos abraçou André de Rezende o instituto religioso do Patriarcha S. Domingos, cujo habito vestio no antigo Convento da sua pátria. Começava então a correr o 16.<sup>o</sup> seculo; a quem o antecessente transmittira pejudas d'esperanço futuro, fecundas sementes d'uma das mais memoraveis transformações do genero humano. Chegára o termo da transição da idade media para a moderna. Recentes descobertas, successos inesperados, havião, por assim dizer, accendido nos espiritos uma conflagração geral, no meio da qual as letras erão cultivadas com um ardor, com um enthusiasmo, que apenas pode imaginar-se.

Tocado deste geral enthusiasmo, o nosso Rezende, como quem se achava forte com a consciencia de sua superioridade, não tardou muito em conhecer que nem o claustro, nem ainda a patria lhe ministravão a solida e extensa instrucção, por que impaciente anhelava. — *Costumavão naquelle tempo alguns Frades*, ( diz o illustre Fr. Luiz de Souza, fallando do mesmo Rezende; Histor. de S. Domingos. Parte 1.<sup>a</sup> fol. 267 ) *que tinham desejo de saber, e possibili-*

*dade de bolça, sair do Reino, e ir estudar a Paris, pela falta, que avia de estudos em Portugal* — Por isso, com licença de seus superiores na Religião, e á custa da caça de sua mãe, sahio da patria, e frequentou successivamente as Universidades de Alcalá de Henarez, Salamanca, Paris, e Lovaina; em todas as quaes não somente maravilhou com seus progressos os sabios mais abalisados, mas travou com elles tão estreitas correspondencias de afeição e amizade, como são para ver em suas elegantes cartas, e em outros escriptos.

Em Flandres, por intervenção do nosso Embaixador D. Pedro Mascarenhas teve accesso perante o Imperador Carlos Quinto, de quem foi singularmente estimado, e a quem com o Embaixador acompanhou de Flandres a Allemanha na expedição, que foi soccorrer Vienna d'Austria, cercada pelos Turcos. Nenhum dos historiadores, que fallarão de Rezende, alcançou sufficientes noticias, pelas quaes seguisse suas viagens desde Allemanha até voltar á Patria. E' porem de erer que por esta occasião fizesse caminho por Italia, donde aliás se sabbe ter vindo ordenado d'ordens sacras; e tornasse pela França.

Estinado dos Sabios, protegido dos grandes, obsequiado por testas coroadas, voltou á Patria, quando lhe chegou a noticia do fallecimento de sua mãe; resoluta a exilar-se novamente apenas houvesse satisfeito ao que cumpria a seu respeito e amor filial, Desta sua resolução, e da quanto foi sensivel á perda d'uma tal mãe, nos deixou elle perpetuo testemunho n'um elegante epitaphio latino, que em memoria della compoz, e que Diogo Mendes dei Vasconcellos encontrou entre os seus papeis, e estampou no epitome, que escreven, de sua vida.

Não levou porem a effeito a resolução de deixar novamente a Patria, por lho impedir a auctoridade d' ElRei D. João o 3.º: que um homem, que em terras estranhas se havia tornado tão celebre, não foi maravilha que entre os seus compatriotas se fizesse acredor de grande estima e consideração. Assim que não tardou a ser empregado no serviço do Paço. Nos escriptores modernos, que fallão de Rezende,

é vulgar ler-se que o fora na qualidade de Mestre dos Infantes, irmãos d'ElRei. O mesmo Rezende porem nos não consente admittirmos esta opinião. Na *Vida*, que escreveu, do Infante D. Duarte ( pag. 10 ) nos diz expressamente que o Mestre do Infante Cardeal D. Affonso era Ayres Barboza ; e o dos outros dous Infantes, D. Henrique , e D. Duarte Gaspar Moreira, de que conta ser = *bom Jurisconsulto, e meão latino, mas pouco pratico, e accommodo ao modo que se hão tratar os engenhos sublimes e altivos, e mais de Principes de tão tenra idade ; com o que os Infantes aproveitavão pouco, e elle lhes era enfadonho, que ouvião suas lições mais por reverencia e temor do Cardeal, que os constrangia, que por affeição do mestre* = Donde nos parece estarmos auctorisados a concluir que o emprego de Rezende na Caza do Cardeal D. Affonso outro era, que não de Mestre. A opinião, geralmente seguida, só pode ser fundada na má intelligencia daquelle lugar, em que Diogo Mendes de Vasconcellos refere que o Cardeal, já depois de homem feito, e Prelado da Igreja Eborense, folgava tanto de ouvir a Rezende que ia repetidas vezes assistir a suas lições á propria escola, que era dentro do Palacio do mesmo Infante ( a ). O que nós não entendemos significar que o Cardeal fosse discipulo de Rezeude.

Depois da morte deste Principe em 1540, então foi Rezende sem duvida alguma Mestre do Infante D. Duarte: mas a maneira, porque no principio da *Vida* deste Infante conta como veio a ser seu Mestre, nos confirma na opinião de que nem foi nomeado Mestre dos Infantes por ElRey, nem o foi verdadeiramente mais do que deste Infante D. Duarte. Eis as palavras de Rezende. ( *Vida do In-*

---

( a ) „ Sed in primis charus extitit Alphonso Cardinali, regis „ Joannis fratri, qui adeo Rezendii consuetudine, et doctrina „ delectatus est, ut ad ejus scholam, et ludum literarium ven- „ tilare, et illum docentem audire, jam ætate adulta, tantus „ Princeps, ea gravitate, authoritate, regii que stemmatis ma- „ jestate præfulgens minime gravaretur. Erat autem schola ædi- „ bus ipsius Cardinalis, et Eborensi ecclesiæ ita contigua, ut „ ad eam per atrii sui porticum, paucis nobilibus stipatus com- „ meari posset.

fante D. Duarte, pag. 1-3 ) = „ Por falecimento do „ Infante Cardeal Dom Affonso Vosso Tio ( h ) de „ gloriosa memoria, o Infante Dom Duarte Vosso „ Pay, que está em gloria ; sabendo que eu era ido „ a Nossa Senhora de Guadalupe por seu manda- „ do, pôs tanta diligencia em me mandar buscar , „ que em Merida me achou hum homem da estri- „ beira , que a isso inviou com hum carta , em que „ me dizia , que nenhuma cousa fizesse de mi, até „ me não ver com S. A. porque se temeo, que eu „ sabida a triste nova da morte do Principe , que „ com tanto amor servia, não seria muito não tor- „ nar ao Reynó, como por ventura pela fantasia „ me passou. E avisado disso, o Enviado não me „ largou mais, até ser em esta cidade, onde S. A. „ de volta do mosteiro de Penalonga, onde estivera „ dando alguns dias ao nojo, e sentimento, me man- „ dou chamar, e em aquelle primeiro aspecto dei- „ xou fazer aos olhos seu officio, des hi enxugan- „ do-os com huma Real e heroica humanidade, me „ disse assi. *Padre mestre, eu sei bem o amor, que „ o Curdeal meu senhor e Padre, vos tinha, e a leal- „ dade com que vós o servieis, por o qual tenho para „ mi, que farei á sua bemanenturada Alma grande „ seroiço, em vos agazulhar a vos comigo, e a mi „ convosco ; rogo-vos que aceiteis assento em minha casa „ para meu mestre, e dos filhos que Deus me der , „ que o mais eu o proverei como vos sejais contente.* „ A isto lhe não respondi mais, nem estava a tem- „ po de responder mais que beijar-lhe por isso a „ mão : bem que o gosto do Paço eu o tinha já „ perdido ; mas mercê tão liberal e honrosa com que „ a podia eu servir, senão com me entregar ao que „ S. A. de mi mandasse? Fiquei então em seu ser- „ viço com nome e officio de seu mestre actualmen- „ te e com o direito de ser de V. Excellencia, e „ das Senhoras suas irmans, tanto que os nosso Se- „ nhor trouxesse á idade competente para letras. Não „ possuí muito tempo este bem, por ser Deus ser-

---

( h ) Rezende falla com o Snr D. Duarte, Duque de Guima-  
rães, filho do Infante D. Duarte, cuja Vida escreve.

„ visto leyar S. A. dahi-a tão poucos mezes. Eu como „ já corrido de tamanhos embates da fortuna, me recolhi á minha patria e livraria, até que o Illustrissimo Cardeal Dom Henrique vosso Tio se quiz „ servir de mi; as mais vezes em Evora, e algumas vezes „ sendo ainda forçado ver corte, contra meu gosto „ Ao Cardeal D. Henrique foi Rezende tão afeito, como se pode ver de outros muitos lugares de suas obras, e o declarão os importantes negócios, de que este Principe o encarregava, mórmente aquelles, a que era mister applicar vasta erudição. Tal foi, por exemplo, o arranjo do Breviario Eborense, que sahio estampado em Lisboa no anno de 1548 „ Professore Humanidades na Universidade, que então estava em Lisboa; e ao depois tambem teve o mesmo exercicio em Coimbra: noticia, que principalmente se conserva por duas Orações latinas suas, recitadas perante o Corpo Acadenico, a 1.<sup>a</sup> em Lisboa em 1534, e a 2.<sup>a</sup> em Coimbra em 1551.

Tendo entregado no anno de 1555 as Escolas menores de Coimbra aos Padres da Companhia de Jesus, se recolheu Rezende á sua patria, aonde continuou a promover, quanto em si era, a instrucção de seus compatriotas. Abrio Aula de Latim, disciplina, que naquelle tempo comprehendia, por assim dizer, um Curso de Humanidades: mas aqui mesmo foi novamente sacrificado seu nobre zelo pela illustração patria ao calculado e invariavel plano, que para estender sua influencia poz sempre em pratica aquellá, então nova, milicia politico-religiosa. O Cardeal D. Henrique, que ao principio a guerreára, era então o seu mais incançavel patrono. Fundando para a Companhia em Evora um dos mais sumptuosos Collegios, que ella teve, erigio nelle em 1529 uma Universidade; mandando ao mesmo tempo fechar todas as outras Escolas, que havia na Cidade, salvo a do Mestre Rezende, que foi expressa e unicamente exceptuada daquella ordem: mas elle (dizem os AA. Jesuitas) para dar exemplo, não quiz utilisar-se desta graça, e fechou tambem a sua. Mais nos inclinamos a suspeitar que a isto o demovesse o desgosto da invasão jesuitica, que em toda a parte o pe-

seguia, já em Coimbra e Evora, como professor; já talvez no Paço, como valido dos Príncipes; e o desejo de arredar-se das intrigas desta, posto que nascente, já então poderosa Companhia, cuja tendência á dominação universal não poderia escapar á penetração de um homem, como Rezende, político e conhecedor dos homens, e das couzas do seu século. Seja como for, é certo que aquella excepção a favor de Rezende mostra bem o crédito de que gozava para com os Príncipes, e a Nação, crédito tão solidamente arregado que não pôde ser abalado pelo poder Jesuitico.

Deste elevado conceito, em que justamente era tido por seus compatriotas, resta ainda um monumento, que promete longa duração, um monumento, em cuja fabrica não entrou mão d'architecto, nem d'esculptor; mas assim mesmo mais glorioso para elle, que os mármorez, e que os bronzes. Este monumento é um nome, é o nome d'uma Rua, identifico com o de Rezende. Para que a patria do *Alpinino* Camões venha ainda a ter uma Rua, dedicada á sua memoria, foi mister que a autoridade publica a decretasse. Não foi por decreto superior, mas por um espontaneo impulso da mais sincera gratidão e obsequioso respeito, que os Eborenses, esquecendo o antigo nome da Rua, onde Rezende habitava, lhe chamarão dahi ávante a = *Rua do Mestre Rezende* = Alli existem ainda as suas proprias cazas, e ao que por seu aspecto parece, não muito desfiguradas do estado, em que elle as habitara. No Jardim, cujas paredes havia ornado de grande numero de Lapidaz Romanas, e outras antigualhas, se conservão ainda duas daquellas Lapidaz, um epitaphio portuguez do meado do Seculo 15.º, e uma inscripção em verso latino, a qual (segundo se lê em Barboza, Biblioth. Lusit.) foi obra de Rezende para o frontispicio d'uma casa de prazer, a construida na era quinta. As outras Lapidaz forão pela maior parte trasladadas em 1605 por mandado d'El Rey D. Philippe 2.º para a Praça publica da Cidade, aonde inda hoje se conservão por baixo da varanda dos Paços do Concelho. Das que ficarão no Jardim algumas se tem consumido.



Tão apuixenado era do estudo e exame das antiguidades, que (como nos certifica Diogo Mendes de Vasconcellos) nunca fazia jornada que não levasse provimento de ferramentas próprias, para desenterrar e descobrir quaesquer vestígios d'antiguidade, que encontrava; não se poupando a despesa, nem trabalho; e indagando sempre com summa diligencia nos proprios lugares as antigas tradições. — Se vivêra neste nosso tempo nem a celebridade do seu nome, nem o respeito de sua pessoa, o salvara da mofa, e do escarneio dos modernos *progressistas*. Ignorantes! que não alcançam mais do que lhes descobre sua curta vista; que não sabem que o passado, o presente, e o futuro formão um todo tão compacto, que quem o considerar em retalho vai sempre, como elles, precipitar-se no pelago das illusões e absurdos!

O genio de Rezende não era para se dar por contente com a satisfação d'uma mera curiosidade: deduzia resultados d'alta monta daquillo mesmo, em que outros apenas acharião motivo para estereis dissertações. Com a simples descoberta d'uma pedra prestou um tão relevante serviço á sua patria que só por elle merece ser acclamado o seu mais benemerito filho; serviço, não transitorio, mas perdaravel, e por cujo beneficio corre ainda hoje nas praças e ruas d'Evora em fontes sumptuosas a famosa *Agua da Prata*.

Á pedra, a que nos referimos, e que é do numero das que se conservão no logar indicado da Praça publica, diz assim =

Q' SERTOR

HONOREM NOMINIS SUI ET COHORT FORT  
EBORENSVM MVNIC VET EMER VIRTVTIS ERGO  
DON DON BELLO CELTIBERICO DEQVE MANVBUS  
IN PVBLIC MVNIC EIVS VTILITATEM VRB  
MOSNIVIT EOQVE AQVAM DIVERSEIS IN DVCT  
VNVM CONLECTEIS FONTIB PERDVCENDAM CVR.

Isto é:

„ Quintus Sertorius ... ob honorem nominis sui, et co

„ hortis fortissimorum Eborensium municipum ; vetera-  
 „ norum , emeritorum , virtutis ergo donis donatorum  
 „ bello Celtiberico , de que manubiis in publicam  
 „ municipii ejus utilitatem , urbem mœnivit , eoque  
 „ aquam diverseis in ductum unum conlecteis fontibus  
 „ perducendam curavit ,

E em portuguez quer dizer :

„ Quinto Sertorio ... para honra do seu nome , e do  
 „ Terço dos mui valentes Cidadãos do Municipio de  
 „ Evora , veteranos apozentados , e por seu valor pre-  
 „ miados na guerra da Celtiberia : e á custa do pro-  
 „ ducto dos despojos , tomados aos inimigos , em u-  
 „ tilidade publica deste Municipio fortificou a Cida-  
 „ de , e para dentro della fez vir , reunida em um  
 „ só Cano , a agua de diversas fontes.

A noticia perpetuada nesta pedra , conferida com as tradições populares , e por ventura com algumas passagens dos antigos historiadores , descobrio a Rezende a existencia do aqueducto Romano de Sertorio , o qual com a mudança , que os tempos fizeram nas couzas do Reino , com a entrada dos Godos , e d'outras gentes barbaras , se destruiu , sem ficar delle mais que alguns pequenos vestigios. Este parecer de Rezende foi impugnado : houve quem negasse a possibilidade da agua poder vir á Cidade , por parecer que esta estava mais alta , que as fontes d'onde aquella nasce. Especialmente o Bispo de Vizeu , depois Cardinal, D. Miguel da Silva , Escrivão da Puridade d'ElRey D. João o 3.<sup>o</sup> acrescentava que nem Sertorio aqui estivera , nem a obra era Romana ; e que a Lapidra era modernamente forjada por alguem interessado na vangloria da patria. Estas objecções forão uma fortuna para Evora porque promovendo novas indagações da parte de Rezende , lhe derão occasião a compor uma Apologia contra o dito Bispo em abono da existencia do Aqueducto , na qual ( segundo se exprime Diogo Mendes de Vasconcellos ) parecia ter empregado em prol da Patria os reconditos Thesouros da antiguidade , e da sua erudição. Infelizmente perdeu-se obra tão recommendavel , apezar da promessa do mesmo Diogo

Mendes de, a dar á luz com outros opusculos do A. que tendo sido impressos em separado, estavam já naquelle tempo esquecidos, ou quasi extinctos. A' vista desta Apologia ficou tão fora de duvida a existencia do Aqueducto, que não houve difficuldade alguma em persuadir a ElRey D. João o 3.<sup>o</sup> que o mandasse reedificar pelos logares, por onde os vestigios antigos mostrarão que viera em tempo de Sertorio; e se começou a pôr em effeito no anno de 1531. Ao depois o Cardeal D. Henrique acrescentou muito este Aqueducto; e ElRey D. Philipe 2.<sup>o</sup> o mandou reparar com grande dispêndio, e lhe deu Regimento em 17 d'Abril de 1606, por se haver desencaminhado o primeiro, que lhe ElRey D. João 3.<sup>o</sup> dera. Continuou a merecer a protecção de todos os Soberanos, que se seguirão, porque de todos se achão repetidas Provisões em proveito da conservação deste celebre Aqueducto. Por ellas se lhe applicava o producto das multas impostas por decisão judicial em certas Comarcas da Provincia. Hoje porem, tendo cessado a cobrança destes renditos por effeito da reforma de nossas instituições administrativas e judiciaes, ficarão as despesas da conservação a cargo do Cofre Municipal, que apenas pode dispor annualmente d'uma modica quantia, muito inferior á que seria indispensavel para devidamente reparar Obra de tal magnitude. Pois havendo da Cidade ás principaes fontes, d'onde a agua vem, pouco mais de duas leguas e meia, tem o cano real pelas voltas, que dá para ganhar queda, perto de cinco leguas, de comprimento, em partes por baixo da terra e em partes por cima deHa; em arcos, que ao entrar da Cidade são magestozos por sua altura e segurança.

Mas tornando ao nosso Rezende, é bem que digamos que foi sempre muito dado ao exercicio da pregação; passando justamente por um dos eximios Pregadores de seu tempo. Foi escolhido, para pregar no Synodo Diocesano, que em Evora celebrou o Arcebispo D. João de Mello no 1.<sup>o</sup> Domingo de Fevereiro de 1565, e consta do Sermão, que saio impresso no mesmo anno, e que não apparecendo já hoje, parece ser um daquelles opusculos, de que fallou Diogo Mendes de Vasconcellos.

Nunca perdeu o amor á sua Religião Dominicana, se bem que por effeito de suas occupações vivea sempre fora da clausura, obtida para isso a competente licença de Roma: o que todavia não parecia do aos Prelados da Religião conforme com o rigor da disciplina monastica, instarão apertadamente para que despiesse o habito ou voltasse para o Convento; Não estiverão pelas licenças, que por varias vezes lhes appresentou, e tanto fizeram que a final lhe tirarão o habito, que por mais de 30 annos havia vestido: o que tudo por extenso narra em seu testamento, onde tambem declara ter alcançado faculdade da Sé Apostolica para poder testar, e dispor de todos os bens que por sua industria e trabalho houvesse adquirido; por quanto do patrimonio, que lhe poderia vir por morte de sua mãe, os padraes tomarão logo posse estando elle em Paris.

Logrou alguns Beneficios Ecclesiasticos, como forão o Priorado de S. Joaninho em Evora; e o de N. S.<sup>a</sup> da V.<sup>a</sup> d'Aguiar, cujas tenues rendas gastava pela maior parte no ornato das igrejas, e em outras despesas do culto; de maneira que a não seriam as tenças que recebia d'El Rey, e do Cardeal D. Henrique, não forão aquellas rendas bastantes á sua sustentação. Não fez do seu valimento na corte degraos para subir ás honras, e ás riquezas; pelo contrario, perdido em breve o gosto do Paço, nada lhe aprazia mais do que o retiro e descanso da sua livreria.

Foi irmão de Garcia de Rezende, tão conhecido na nossa litteratura pela sua Chronica d'Elrey D. João 2.<sup>o</sup>, e pelo celebre Cancioneiro.

Quando já entrado em annos teve André de Rezende um filho, por nome Barnabé de Rezende, que deixou por herdeiro de seus bens, e a quem em seu testamento, por ser de menor idade, nomeou tutor, declarando que estava ao serviço do Duque de Aveiro, a cuja protecção o recommenda. Os Religiosos de S. Domingos conservarão no seu Tombo a noticia de que Barnabé de Rezende tivera um filho, o qual fallecera sem successão.

Aos 9 de Dezembro de 1573 morreu André de

Rezende na sua patria, e foi enterrado, como em seu testamento ordenara, no mosteiro de S. Domingos na sepultura, que para isso partilhara com os Padres. A sepultura era no Claustro ao subir do degráo da Caza do Capitulo; que parece que os Padres não lhe permittirão a honra de ser sepultado entre os outros Religiosos dentro do Capitulo, em virtude de o terem obrigado a largar o habito, e o reputarem por isso degradado dos privilegios religiosos. Tanto pode a ira, ainda mesmo nos animos daquelles que por instituto profissão sopear as mesquinhas paixões deste mundo!

Diogo Mendes de Vasconcellos nos deixou retratado a Rezende como homem d'estatura elevada, olhos rasgados, cabello crespo; rosto um pouco tri-gueiro, mas de semblante alegre, e não carregado; igualmente severo para com seus domesticos e discipulos.

O longo Catalogo de suas Obras pode ver-se na Bibliotheca Lusitana. São pela maior parte, segundo o uso do seu tempo, escriptas em latim; mas sempre, quer em prosa, quer em verso, no gosto da mais pura latinidade. Do que escreveu na linguagem patria apenas nos restão dous Livrinhos; um da = *Historia da antiguidade da cidade de Evora* =, impresso ainda em sua vida, e notavel pela singularidade da orthographia, no maior rigor ethymologica: outro da = *Vida do Infante Dom Duarte* =, mandada publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1789. No prologo diz o illustre José Correa da Serra que neste Opusculo = ao mesmo tempo que se achão „ feitos de hum Principe; por quem a Caza Real ho- „ je reinante subio ao Throno, feitos pouco conhe- „ cidos, e de que o Author foi testemunha, vê-se „ juntamente huma pureza de lingua, e huma lo- „ cução natural e suáve, cheia de urbanidade e de „ decóro, summamente propria do assumpto e das „ circumstancias, que o movião a escrever. O pla- „ no da obra mostra no Author huma delicadeza de „ gosto filia do conhecimento dos Gregos e Romanos „ originaes, e hum largo exercicio de escolher as „ suas idéas e palavras proporcionando-as com escriu-

„ pulosa attenção ; ao tempo , ás pessoas , e ás cir-  
 „ cunstancias , attenção ; que he a unica origem de  
 „ todos os acertos na materia de saber escrever — —

Alem destes dous Livrinhos sahio tambem em portuguez , no mez d'Outubro de 1570 , impressa em Evora por André de Burgos , 4.º , — *Ha Sancta vida , e religiosa conversão de Fr. Pedro Porteiro do Mosteiro de Sancto Domingos de Evora* — : mas a tal ponto tem chegado a raridade deste livro , que quasi se pode reputar extincto. O A. da Bibl. Lusit. em certo modo se vangloria de o ter visto ; e nós debalde o procuramos na preciosa Colleeção de Livros rarissimos da Bibliotheca Publica Eborense.

A vida de hum homem da qualidade de Rezende não era para ser tratada em tão curto espaço : mas nem o tempo , nem o lugar nos permittirão maior extensão. Talvez algum dia venha a sair menos resumida. Por agora daremos fim a esta materia com as seguintes reflexões.

André de Rezende ; quando escreveu em latim , usou sempre antes do seu nome do baptismo d'um prenome , indicado pela letra *L*. Duas são as interpretações , que se podem dar a este *L*. Segundo a 1.ª significa *Lucio*. Graves razões militão a favor desta opinião. Diogo Mendes de Vasconcellos , tão douto , como mostra por seus estimaveis escriptos , e que em Evora tratou a Rezende por muitos annos com estreita amizade e familiaridade , poz ao Livro das Antiguidades da Lusitania este titulo — *Libri quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae à Lucio Andrea Resendio olim inchoati , et à Jacobo Menetio Vasconcello recogniti atque absoluti* — : aonde o prenome que Rezende sempre indicou só pela inicial *L* , se acha interpretado por extenso *Lucio*. Poucas folhas adiante no mesmo Livro escreve — *Carmen Jacobi Menetii Vasconcelli in laudem LUCII Andreae Resendi* — Na folha , que se segue , um Epigramma de Manoel Cabedo de Vasconcellos , sobrinho de Diogo Mendes , em louvor deste e de Rezende ; começa — *Lucius antiquam patriam dum à morte pararet — Eripere &c.*

Facil é dar a razão da adopção deste prenome. E' bem sabido que no principio do 16.º seculo a lit-

teratura classica Grega e Latina era o estudo dominante; e a tal ponto chegava então o enthusiasmo da imitação dos bons modelos da antiguidade... que os humanistas os mais eruditos folgavam de tomar um nome talhado por molde grego ou romano. Tão abundantes são os exemplos, que só é difficil a escolha. Bastará porem mencionar que a celebre Antonio de Nebrixa se chamau *Ælius Antonius Nebrisenfis Grammaticus*, preferindo o pronome *Ælius*, por ser natural da Andalusia, ou Betica, Provincia, na qual em tempo dos Romanos era mui frequente este nome, e se acha ainda em muitas inscripções. Christovão de Escobar adoptou a nome de *Lucius Christophorus Bergbarius*. Finalmente é vulgar aos Escriptores daquella epocha acrescentarem aos seus proprios nomes os prenomes de *Aulus*, *Caius*, *Cnaeus*, *Publius*, *Titus*, &c. Por tanto o testemunho de seus contemporaneos e amigos, e uso geral dos litteratos da epocha, e alem disso o facto, bem verificado, de elle nunca usar de tal inicial quando escrevia em portuguez, ou quando assignava o seu nome, como nos certificamos pelas assignaturas de seu proprio pynho: *Meestre Andre de Rezende*, parecem não deixar lugar á menor duvida de que o *L.* significa *Lucio*.

E nesta firme persuasão estavamos, dispostos a deffende-la tenazmente contra todas as objecções, quando nos veio á mão uma copia do testamento de Rezende, na qual se lê a verba seguinte: *Mando que sobre a minha sepultura se ponha hum campana de marmor que tenho em minha caza, e que seja renogada, e que se lhe ponha hum letreiro que diga: Licenciatuſ Andreas Rezendius hic situs est. — pon-do hum L. e hum A. grandes, e hum H. S. E. com dous pontos em cada letra; e o mais bem feitas, e bem talhadas, e iguais, e esta se pora a entrada do Capitulo meo = A' vista desta explicação dada pela propria boca de Rezende, parece que todos os testemunhos, e discursos antecedentes ficão de nenhum valor. Mas porque razão se não assignava elle tambem *Licenciado*, quando escrevia em*

portuguez? como pouda illudir-se Diogo Mendes de Vasconcellos, e os outros sabios, que de perto o tratão, a ponto de não acertarem na significação desta inicial, por elle constantemente usada em latim? deixaria Rezende de proposito a ambiguidade do L para poder accommodar-se ao gosto de Latinos, e valgaes: para uns *Lucio*, para outros *Licenciado*? a lembrança de que haverá erro nas copias do testamento custa a admittir; e impossivel julgamos poder rectificar hoje este facto, porque o testamento autentico, depois de ser possuido por Manoel Severim de Faria, passou para a Livraria do Conde do Vimieiro, e sem duvida se perderia com ella no terremoto de 1755. A primeira lição é tambem rejeitada no acreditado *Jornal do Panorama*, onde (n.º 83 de 15 de Dezembro de 1838, pag. 400) notando o dia da morte de Rezende, diz = Dezembro 9, 1573 = „ Faleceu em Evora o nosso illustre André de Rezende, a quem alguns erradamente chamão Lucio „ André de Rezende. = Felizmente a questão é mais curioza do que util; mas ainda assim não julgamos de todo perdido o tempo que com ella se despende, porque naturalmente nos interessa sempre tudo o que diz respeito a um homem, tão celebre como André de Rezende.

## MANOEL SEVERIM DE FARIA

A illustre familia dos Severims deu á Cathedral de Evora uma longa serie de Chantres e de Conegos. De todos elles o mais celebre é Manoel Severim de Faria, Lisbonense por nascimento, mas propriamente Eborense por criação, emprego e residencia, e morté. Nasceu no anno de 1583, e desde menino foi assistir em casa de seu Tio Balthazar de Faria Severim, Chantre e Conego na Sé de Evora. Na Academia desta Cidade cursou, e se graduou o moço Severim em Artes e em Theologia, distinguin-



do-se desde logo pelos seus progressos no estudo das Humanidades. No anno de 1604 acompanhou a seu Tio, encarregado pelo Cabido d'Evora de ir cumprir o voto, que esta Communidade fizera a N. S.<sup>a</sup> de Guadalupe em acção de graças pelo beneficio da extincção da peste, que em 1599 devastara este Reino.

Seu Tio, resolutio a trocar a vida do seculo pela austeridade do claustro da Cartucha, aonde tomou o nome de D. Basilio de Faria, e foi 3.<sup>o</sup> Prior, renunciou nelle primeiramente a Conezia em 1608, e depois o Chantrado em 1609. A sua applicação a todos os ramos da historia antiga e moderna, ao estudo da Sagrada Escripura, e Theologia, o fez um dos homens mais instruidos do seu tempo. Com muito dispendio, e apurado gosto juntou uma selecta Livraria, abundantissima principalmente dos mais preciosos, raros, e até unicos monumentos, pertencentes á historia patria. Esta Livraria passou depois quasi toda para a do Conde do Vimieiro; uma das mais celebres e copiosas do seu tempo, como pela descripção, (ainda que não completa) que dos seus Mss. nos deixou o Conde da Ericeira na Collecção da Acad. R. da Hist. Portug. do anno de 1724, facilmente se pode avaliar. Desgraçadamente ficarão tantas riquezas litterarias consumidas no fatal terremoto de 1755. Com igual desvelo e curiosidade colligio Severim tambem um copioso Museo de Estatuas, vasos, Medalhas, e Moedas Gregas, Romanas, Gothicas, e Portuguezas. Este Museo não ha noticia de que se conservasse depois da sua morte. Investigou com indefesso trabalho diversos Archivos e Cartorios, donde extrahio irrefragaveis documentos para estabelecer fundamentalmente as opiniões, que seguia, merecendo ser venerado como o mais celebre antiquario do seu tempo, não somente pela erudição historica, mas pela judiciosa critica, de que usava, não se deixando preoccupar do amor da Patria, para lhe adoptar glorias fabulosas.

Foi com o Deão Fernando de Mello nomeado pelo seu Cabido em 18 de Dezembro de 1634 para cumprimentar a Duqueza de Mantua, D. Mar-

garida d' Austria, quando passou por Evora para Lisboa com a incumbencia de Governadora deste Reino, cujo obsequio a Princeza recebeu com benevolas expressões, não permittindo que lhe beijassem a mão.

Sentindo-se gravado d' annos e achaques se resolveu a renunciar as duas Prebendas em seu Sobrinho Manoel de Faria Severim, tomando este posse da Conezia em 1693, e do Chantredo em 1642 com pensão de 300\$, rs.; cedendo-lhe o resignado um Beneficio simples, que tinha na Collegiada de Santa Maria d' Obidos. Erigindo-se em Evora um novo Baluarte com o nome de *Theodosio*, em obsequio do Principe deste nome, lançou no alicerce a 28 d' Abril de 1652 a 2.<sup>a</sup> pedra, e a 1.<sup>a</sup> o Deão, a 3.<sup>a</sup> o Mestre de Campo, Diogo Gomes de Figueiredo, e a 4.<sup>a</sup> Antonio Borges, Vereador mais velho; levando cada pedra gravado o nome de quem a lançou.

Adoptou e favoreceu a lembrança de seu sobrinho, e successor, dotando e fundando com profusa liberalidade o Collegio dos Meninos Orfãos de Evora, hoje incorporado na grande Casa Pia da mesma Cidade. Opprimido d'ictericia, e preparado com os devidos soccorros espirituaes, falleceu em Evora a 25 de Setembro de 1655, quando contava 72 annos d' idade. Seu corpo acompanhado das Communidades Religiozas, Clero, e Confrarias da Cidade, Nobreza e Povo, foi conduzido ao Convento da Cartucha, em cujo cemiterio se lhe deu sepultura. Sobre a campa estão abertas as armas dos Severins e Farias, com a seguinte inscripção =

L  
ME, SEVERIM, DE FARIA,  
CHANTRE. E Co DA STA SE DE-  
VORA, ELEGEIO, PARA SI  
ESTA, SA, ASSI POR SUA DEVA-  
ÇÃO, COMO POR ESTAR  
NELLA, O CORPO, DO P<sup>E</sup>, D.  
BAZILIO, DE FARIA, SEV TI  
O E ANTECESSOR, Q, FALE-  
CEO SENDO PRIOR DESTE  
CONVENTO A 5. DABRIL DE  
1625.

Foi, segundo se lê na Bibl. Lusit. ornado de uma perfeita, e organização corpulenta; teve os azues; a cor do rosto pallida; e o semblante agradável.

Escreveu grande numero d'obras estimaveis, principalmente illustradoras da historia patria; das quaes apenas sairão á luz as seguintes =

Discursos varios Politicos = Evora, 1624, 4.º

Noticias de Portugal = Lisboa, 1655, fol.

Promptuario Espiritual = Lisboa, 1651, 4.º

Das obras Mss; cujo catalogo vem na Bibl. Lusit, mencionaremos somente aqui o = *Indice do Cartorio do Cabido d'Evora* = apresentado a 18 de Março de 1642: obra d'excessivo trabalho; e summamente interessante a esta respeitável Corporação, em cujo Cartorio se guarda com a estimação devida.

Tratan lo deste celebre e distincto Portuguez, dizem os AA. do Diccionario da Lingua Portug. publicado pela Acad. R. das Scienc. de Lisboa = Com „ dificuldade se achará quem durante a propria vida, „ conseguisse hum credito tão plausivel entre os seus „ concidadãos, nem mais geral estimação dos sabios „ seus contemporaneos. A candura e modestia do „ seu character, o digno emprego das suas rendas, „ ou em actos de caridade christã, ou em livros „ e antiguidades, huma sciencia animada pelo espi- „ rito da Religião, hum zelo indefesso pelo esplendor da sua patria, huma participação sem reserva de seus grandes estudos, e da sua selectissima „ Bibliotheca para todos, que de huma ou outra cou- „ sa querião aproveitar-se, constituirão este meritis- „ simo Ecclesiastico a pessoa mais autorizada e respeitavel por virtudes e letras, que em seu tempo „ se conhecia em Portugal. Testificação isto elogios „ perpetuos dos escritores coevos, e quando elles deixão de ser forçado obsequio da adulação e tributo do servil interesse, são meramente voluntaria offerta, que a merecimentos superiores não pode escusar-se. O illustre Chantre de Evora não era „ hum poderoso, era sim douto e pio. Estes titu-

„ los , que só dão real e solida gloria , serão os que  
 „ lhe grangearão nome tão celebrê e apreço uni-  
 „ versal ==

### III.

#### TRASLADAÇÃO.

Pouco tempo depois da extincção das Ordens Religiosas foi decretada a demolição do Convento de S. Domingos de Evora, para em seu lugar se formar uma nova praça com a denominação de = *Praça de D. Pedro* =. Era este Convento das mais antigas fundações da Cidade, por ter tido o seu principio no anno de 1286, septimo do reinado d'el Rey D. Diniz. Apenas se tratou de começar esta demolição, não faltarão logo Cidadãos, amantes da honra da patria, que pugnassem pela conveniencia de salvar daquella inevitavel ruina os restos mortaes de André de Rezende, o mais famoso, e benemerito dos Eborenses. Chegou este objecto a ser tomado em consideração pela Camara Municipal; mas por então não teve effeito tão louvavel desejo. O progresso da demolição do edificio tornava cada dia mais e mais urgente tomar uma definitiva deliberação. Praticado pois este negocio com o actual Administrador Geral, Manoel Alves do Rio Junior, este Magistrado não só approvou plenamente esta resolução, mas tomou sobre si dar o primeiro impulso para a levar a effeito. Propostos varios arbitrios, concertou-se finalmente que á Camara Municipal se devia encarregar esta trasladação, que se podia considerar como um dever do Municipio. Escreveu logo neste sentido o Administrador Geral á Camara, insinuando-lhe que se as forças do Cofre do Municipio não podessem soffrer aquella despesa extraordinaria, poderia uma Comissão composta de Cidadãos amantes das letras, e zelosos da honra da patria, adquirir por meio de uma subcripção voluntaria os fundos necessarios, para se poder levar a effeito uma acção, em que tanto interessava a honra, e grati-

dão de todos os habitantes do Município. Seguiu a Camara tão judicioso arbitrio, e em 5 de Janeiro do corrente anno de 1839 nomeou para membros desta Commissão aos Cidadãos = Jose Joaquim de Moura, Deão da Cathedral = D. João d'Annunciada, Conego = Francisco Manoel de Campos, Juiz de Direito de Comarca = Antonio Jose da Cunha e Sá, Medico = Joaquim Heliodoro da Cunha Riva-ra, Medico. =

O primeiro cuidado da Commissão foi promover a indispensavel subscrição, e achou generosa cooperação nos Cidadãos, constantes da Lista appensa, cujos nomes merecem não ficar em silencio. Pareceu á Commissão que os ossos de tão illustre finado não poderião ser mais honradamente depositados, do que no templo da Cathedral da sua patria. Deliberado este ponto, entrou a Commissão nas diligencias de erigir-lhe um monumento, que não desmerecesse da grandeza da Cidade, e da celebridade do morto. A este empenho satisfez o Cabido da Cathedral; pondo á disposição da Commissão um sumptuozo tumulo, que na Claustro da Sé de tempo immemorial se conservava vazio, e que foi transportado para o lugar destinado para a deposição das Cinzas, em um dos angulos do cruseiro da Igreja, á parte direita da entrada da porta, dita do Sol. Apenas faltava ao tumulo a cobertura, mas para este fim servio a mesma pedra, que em S. Domingos cobria a sepultura de Rezende, na qual apagado o antigo epitaphio

L. A. RESENDE.

HIC SITUS EST. ( c )

mandou a Commissão abrir um novo, composto por um de seus membros, que diz assim :

---

(c) Note-se que neste epitaphio se não seguiu á risca a ultima vontade de Resende, rasão, porque a Commissão não teve escrúpulo de apaga-lo, e de substituir-lhe o novo.

# L. ANDREÆ RESENDII

## MEMORIÆ DICATVM.

EX AEDE DOMINICANA FVNDITVE EVENISA  
TANTI VIRI CINERES  
IN PERPETVVM GRATI ANIMI MONVMENTVM  
CVRA ET SVMPTIBVS EBORENSIVM,  
QVIBVS DECVS PATRIÆ CARVM,  
HVC TRANSLATI AN. MDCCCLXXXIX.

E em portuguez quer dizer:

„ Dedicado á memoria de André de Resende. —  
„ Do Convento de S Domingos, inteiramente arra-  
„ zado, forão as Cinzas de tão grande Varão trasla-  
„ dadas para este lugar, para perpetua lembrança de  
„ animo agradecido, por diligencia e á custa dos Ebo-  
„ renses, que prezão a honra da Patria. — Anno de  
„ 1839. =

Progredião os preparativos, quando a Commis-  
são recebeu em 18 de Março nova incumbencia da  
Camara Municipal, a quem o Administrador Geral  
novamente havia insinuado quanto seria conveniente  
a trasladação das cinzas de Manoel Severim de Fa-  
ria pela mesma occasião e maneira, que fossem tras-  
ladadas as de Resende. Manoel Severim de Faria  
jazia, como dissemos, no Cemiterio do Mosteiro da  
Cartucha na mesma sepultura de seu Tio. Foi fa-  
cil reconhecer a differença dos ossos dos dous Seve-  
rins. Os do Tio estavam mais superficiaes, soltos, e  
desordenados, por terem sido revolvidos por occasião do  
enterro do Sobrinho. Os deste ultimo estavam no fundo  
da sepultura entre duas grossas camadas de cal, apre-  
sentando o esqueleto completo e intacto. Alem dis-  
so o estado de conservação d' uns e outros era bas-  
tante para fazer distinguir os mais antigos dos mais  
modernos. Julgou a Commissão do seu dever tras-  
ladar a ambos para o novo jazigo, que lhes desti-  
nou na 1.ª Capella da nave direita da Sé, dedica-  
da a Santo André Avellino, aonde ficárão separados,

e cobertos com a mesma Campa, que os cobria na Cartucha, no alto da qual se accrescentarão estas palavras :

TRASLADADO EM 1839.

Finalmente chegou o dia 30 de Julho, em que teve lugar a solemnidade da trasladação. Pelas dez horas da manhã concorrêrão á Cathedral, em virtude de convite, que a Commissão lhes havia dirigido, a Junta Geral do Districto, as Authoridades e Corporações Civas e Militares, o Cabido, as Collegiadas, os Alumnos da Caza Pia. Muitos outros cidadãos de differentes classes vierão tambem assistir á solemnidade. — O Parocho da semana, acompanhado de um dos membros da Commissão, conduzio á Sé em carruagem os Ossos de Rezende, que se acharão muito bem conservados. Os de Severim, como jazia em distancia da Cidade, tinham antecipadamente sido conduzidos da mesma maneira. Collocados uns e outros no cruzeiro do templo, na eça, que lhes estava preparada, foi com a conveniente pompa e acompanhamento de musica vocal e instrumental, celebrado um solemne officio de exequias pelo Cabido, e mais Clerezia da Cathedral, que gostosamente se promptificarão a este serviço, como dignos Eborenses, que são : officiendo o Deão, Vigario Capitular interino do Arcebispado. Acabado o officio forão os ossos dos illustres finados depositados nos seus competentes jazigos. Os dos Severins conduzidos pelo Chantre e Thesoureiro mór, e os de Resende pelos dous Conegos mais antigos. Por ultimo o Conego D. João d' Annunciada, membro da Commissão, recitou uma Oração funebre, que não menos honrou a memoria dos Varões, que celebrava, do que acreditou o talento e eloquencia de seu Author.

C. R.

LISTA dos Cidadãos Eborenses, que offerecêrão de  
nativos para a trasladação dos ossos do Mestre  
André de Resende, e do Chantre Manoel  
Severim de Faria.



Jose Joaquim de Moura (Deão)	
D. João d' Annunciada	
Francisco Manoel de Campos	
Antonio Joze da Cunha e Sá	
Joaquim Heliodoro da Cunha Rívara	
Manoel Alves do Rio Junior	
Antonio de Torres Vaz Freire	
Antonio Joaquim da Silva e Souza	
Joze Joaquim de Moura Junior	
Antonio Jacintho da Cunha Vieira	
Antonio Pereira da Silva	
Francisco de Brito Casco Solys	
João Theodoro Pinto da Maia	
Francisco de Paula Cordovil de Brito	cada um
Manoel Joze Affonso Vianna	1200 reis.
Luis Philippe Pereira do Carvalho	
Jeronimo d' Alcantara Limpo Esquivel	
Francisco Joze Ferreira de Carvalho	
Abbadêça de Santa Clara	
Antonio Feliciano Varella Ramalho	
Eleuterio Francisco Castello-Branco	
Abbadêça do Salvador	
Prioreza do Paraíso	
Luis de Macedo Guerreiro Reimão	
Estevão Joze Vieira Junior	
Francisco Joaquim da Fonceca	
Jacintho da Roza Abrantes e Oliveira	
Prioreza do Convento Novo	1000
João Rafael de Lemos	960
Limpos (Irmãos)	} 800
Joze de Jezus e Silva	
Francisco Joze Fernandes	
Ignacio Fiel Gomes Ramalho	
Joaquim Joze de Souza	} cada um
Joaquim Manoel da Fonceca	
Joaquim Antonio de Souza Mattos	
	720



Manoel Joze, da Costa Braga	}	cada um 480
Joze Mathias Carreira		
Joze Joaquim d' Almeida		
Joze Rodrigues da Cruz Vianna		
Antonio Joze de Carvalho e Castro		
Jacintho Francisco Espada		
João Nepomuceno da Silva Leitão		
D. Marianna Victoria Fiuza		
Joaquim Miguel d' Andrade		
Antonio Francisco Puppe		
Ambrosio Metella de Villa Lobos		
Joaquim Apparicio da Gama		
Bento Pereira Machado		
Francisco Joaquim Telles Jordão		
Pedro Paulo de Vasconcellos		
Joze Maria, Franco		
Joze Carlos de Gouvea		
Antonio Joaquim Lobo, Mexia		
Padre Jeronimo Joaquim d' Oliveira		
Manoel Gomes Ferreira		
Joze Pereira de Soutto	}	cada um 240 reis.
Guilherme Antonio d' Oliveira		
Ao todo		49,8640

Alem destes

O Cabido offereceu o tumulo para Rezende, e a Cera, que ardeu na Capella Mór durante o officio das exequias.

Antonio Alberto Correia as Cantarias necessarias para assentar o mesmo tumulo.

# O PAGEM DE DOM DINIZ.

ROMANCE HISTORICO.

1

Formozo pagem servia  
Raynha Santa Izabel,  
Elle mari bem a guerra,  
Por lhe ser muito fiel;  
Quando a Raynha appar'cia  
Estava junto ao seu docel;  
Entre os mais o distinguia;  
Era o mais bello donzel;  
E ninguem o excedia  
Em adestrar um coreel.  
Outro pagem qu' isto via  
Tragava da inveja o fel,  
E dentro d'alma nutria  
Projecto horrendo, cruel,  
Como talvez não teria  
Nenhum descrido infel.

2

A Dom Diniz busca arteiro  
Segredos tem a dizer,  
Em que interesse o reyno inteiro,  
Honra de sua mulher.  
„ Ha um pagem treicoeiro  
„ Qu' affronta vos quer fazer.  
„ E eu, por ser verdadeiro

„ Ao meu Rey, que é meu dever,  
 „ Tão negro crime e certo  
 „ Occulto não devo ter;  
 „ E se eu fui o primeiro  
 „ Que tal crime poud'vêr,  
 „ Seja elle o derradeiro  
 „ Que tal ouse commetter,  
 Sêde, Senhor, justiceiro  
 Como um Rey o deve ser.

3

Apenas o Rey ouviu  
 Do pagem a delação,  
 Feroz crime cobrio  
 De raiva seu coração;  
 Negros sobrolhos franzio  
 De chama seus olhos são;  
 E taes vozes proferio  
 Turvada a voz, a razão:  
 „ Por Jesus que nos remio  
 „ D'eterna condemnação,  
 „ O pagem que dellinquo  
 „ Terá justa punição,  
 „ Que as chamas que elle potrio  
 „ Em chamas se tornarão,  
 „ E selos que produzio  
 „ Em chamas se apagarão.

4

Tocão monteiros buzinas,

Pois ElRey vai encontrar  
 Pellas do Tejo campinas  
 E seus montes, vão caçar  
 Os libréos de raças finas  
 Já começam a ladrar ;  
 E já meneam as crinas  
 Os ginetes a ringar  
 As luzentes colubrinas,  
 Azagaias vão brilhar  
 Contra as rapozas ladinas  
 E ussos vão batalhar  
 Estão em paz agora as Quinas  
 Já não ha quem derrotar  
 Mas espadas e damasquihas  
 Não se devem enferrujar

## 5

Monta ElRey no seu cavallo  
 Toma no punho o falcão  
 Não ha fossô, não ha vallão  
 Que elle não salte de roldão ;  
 Parece o peito agita-lo  
 Profunda consternação ;  
 Manda aos seus queirões deixá-lo  
 Qu' elle procura a solidão  
 E devem ir esperá-lo  
 Nas selvas que ao longe estão ;  
 O pagem mandou segui-lo  
 O pagem da delação  
 Querendo assim premia-lo

Do que julgava afeição;  
Entre os mais quizes extremos  
Em signal de galardão.

6

Forão seguindo a corrente  
D'um ribeiro tortuoso,  
Que de Lisboa ao ponente  
Vai morrer ao Tejo undoso.  
E que parece domo  
Em o seu leito arenoso  
Alcantara (\*) lhe chama a gente  
Já de tempo fabuloso.  
Talvez da ponte excellente  
Tomasse o nome vaidoso.

Vai o pagem mui contente  
Cheio de si, orgulhoso,  
Infernal prazer já sente  
Por ver que o Rey afanoso  
Contra os pagem innocente  
Vai desconfado e despeitoso.

7

Negrol-fumo sobe aos ares  
Das cavernas dos fornos;  
Ouvem-se ao longe cantares  
Que ressoam nosouteiros.  
De misterios singulares  
De feitiços e feitiçeiros.

(\*) Alcantara quer dizer, ponte de pedra.

Ha tradiçoens populares  
Entre os zagaes, pegureiros.

Chegão aos fornos da cal  
„ Quem bateo? quem bate ahi?  
„ E' o Rey de Portugal  
„ Vinde forneiros aqui.

9

Negra turma chamuscada  
D' homens tismados sahio,  
E o Rey com voz pausada  
Taes palavras repetio.

10

„ Quem primeiro perguntar  
„ Se está feito o que ordenei,  
„ Ide-o no forno queimar,  
„ E galardão vos darei;  
„ Deixalo embora gritar  
„ Seus gritos não attendei,  
„ E nas chamas abraçar  
„ Seu corpo todo fazei;  
„ Minha jura heide guardar,  
„ Que por Jesus eu jurei,  
„ Hade em chamas acabar;  
„ Que em chamas abrazareí  
„ Atrevido, que afrontar  
„ Ousa a mulher de seu Rey.

Já ElRey voltou da caça ,  
 Chama o pagem da Raynha ,  
 Manda o recado lhe faça ,  
 E que o faça bem asinha ;  
 Não previne elle a desgraça  
 Que lhe o Rey urdido tinha ;  
 Nem pela mente lhe passa  
 Que elle á morte o encaminha .

Junto ao berço do Infante  
 Estava a Raynha Izabel ,  
 Eis que chega nesse instante  
 O seu pagem , e donzel ,

„ Que ordenais de mim Senhora , ?  
 „ ElRey mandou-me sahir ;  
 „ Mas não deyo sahir fora  
 „ Sem vossas ordens cumprir .

„ A' missa tocou agora  
 „ E como eu não posso ir ,  
 „ Vai tu , ó pagem , implora  
 „ Ao cee de nos acudir .  
 „ Que o Infante Affonso chora  
 „ Se elle aqui não me sentir ;  
 „ E aguda febre o devora

„ Vai por elle pedir a Deos.

Pagem

„ Eu vou já, e sem demora

„ A missa por vós ouvir,

„ A Virgem nossa Senhora

„ Nos queira sempre assistir.

13

Foi o pagem p'ra igreja

Ouvir a missa ; ouviu mais ;

Pedio a Deus o proteja ,

E as pessoas Reaes :

E que são o Infante seja

D' agudas dores mortaes.

14

Já as missas se rezarão ,

Já o templo se fexou ;

As palavras lhe lembrarão ,

Recado que ElRey mandou.

Passos o encaminhão

Ao lugar que elle indicou.

Já forneiros acabarão

O que lh' ElRey ordenou ,

Pois outro pagem queimaraõ

Que as palavras perguntou ,

E nas chamas o lançarão

Logo que as pronunciou.

Nem seus gritos o livrarão,



Por que ElRey assim jurou ;  
 E nas chamas acabarão  
 Malvado que o delatou.

15

O pagem veio contar  
 O que vira, a seu Senhor ;  
 Não poudo ElRey duvidar  
 D' injusto ser seu furor ;  
 E que Deus quiz castigar  
 O infame delator,  
 Por que ousou calumniar  
 Da Raynha o puro amor,  
 Foi justo fosse penar  
 Do talião o rigor.

Lisbôa, 29 — Julho — 1839.

L. P. M. S.

## Miscellanea

### A CONDESSA DE SALISBURY.

Alguém estimará talvez ver Alexandre Dumas em paralelo com Walter Scott como Novelista historico; extrahimos da sua ultima novella, a Condessa de Salisbury, o seguinte fragmento.

— Eduardo de Inglaterra dá um torneio no parque de Windsor: no momento em que principia a scena que vamos relatar, Guilherme Douglas, afilhado do Rei, e Guilherme de Montaigna sobrinho do conde de Salisbury acabão de entrar na estacada.

Os dous mancebos atacáão-se com tal impeto que lhes foi impossivel calcular bem as distancias: por este motivo, apesar do ferro das duas lanças ter tocado nos dous capacêtes, elles resvaláão por cima do aço fazendo-o ferir fogo: de maneira que os dous cavalleiros, arrebatados pelo impeto da carreira, passáão alem um do outro sem reciprocamente fazerem maior damno. No entanto ambos fizerão parar os cavallos com a valentia e destreza de cavalleiros consumados; e trazendo-os de novo aos lugares designados, preparáão-se para novo ataque.

Desta vez Douglas dirigio o ferro da sua lança contra o escudo do adversario, e apanhou-o pelo meio do peito com tal violencia que a quebrou em tres pedaços, e com a força do choque Guilherme debrou-se ate á garupa do cavallo. Guilherme tinha feito tão boa pontaria á cimeira de Douglas, que lhe tirou o capacête da cabeça, e isto com tal valentia, que ao Escocez rebentou o sangue pelo nariz e pela boca. A' primeira vista cuidou-se que estava gravemente ferido, mas elle mesmo deu signal de que não era nada: pegou em outro capacête das mãos do seu pagem, pediu uma lança nova, e voltou a procurar terreno para novo ataque.

Guilherme pela sua parte tinha-se indireitado como um arbusto flexível que o vento vérga quando passa; e fazendo voltar o seu cavallo foi logo tomar novamente a sua posição, e esperar que o adversario estivesse prompto. Douglas não o fez esperar muito. Os juizes do campo dêrão pela terceira vez o signal, e os dous mancebos arrojão-se um contra o outro com um furor augmentado pelos precedentes ataques.

Desta vez encontrarão-se com tal violencia que o cavallo de Douglas esbarrou, e tendo rebentado a silha do cavallo de Guilherme, os dous campeões cahirão por terra. Douglas poz-se a pé repentinamente, e Guilherme ergueu-se sobre um joelho; mas primeiro que o Escocéz ganhasse ametade da distancia que o separava do seu adversario, cambaleou, e poudo ver-se pelo sangue que corria pelo peito d'aço abaixo, que elle estava gravemente ferido.

Os juizes do campo acudirão logo, e cruzarão as suas lanças entre os dous mancebos: foi somente então que elles repararão que Guilherme tambem devia ter recebido alguma ferida grave, por quanto depois de ter feito diligencia para se sustentar em pé tinha cahido sobre os dous joelhos e sobre uma mão. Com effeito os dous adversarios tinham-se ferido ao mesmo tempo: a lança de Guilherme havia atravessado o escudo de Douglas e resvalando pelo peito d'aço tinha ido enavar-se por baixo do espaldar em quanto que a de Douglas atravessando a viseira tinha ferido Guilherme acima da sobrançella, e tinha-se quebrado, pregando-lhe o capacête á cabeça.

Os juizes do campo virão logo quão graves erã os ferimentos, e apeando-se forão os primeiros que socorrêrão os feridos; o senhor João de Beaumon correu ao pé de Douglas, e Salisbury a Guilherme e em quanto levavão o Escocéz para fora da estacada elle esforçou-se por tirar o conto da lança que tinha ficado na ferida, mas Guilherme suspendeu lh a mão.

— Não, meu Tio, disse elle, porque tenho medo que com o ferro vá a vida; chamai somente o padre, pois quero morrer como bom christão.

— Porque não queres que venha um cirurgião primeiro? perguntou Salisbury.

— Um padre, meu Tio, não ha tempo a perder, accreditaí o que vos digo.

— Senhor, gritou Salisbury ao Bispo de Lincoln que estava sentado ao pé da Rainha, vinde aqui por quem seís, porque ha perigo de vida.

A condessa deu um pequeno grito, muitas senhoras desmaiarão; e o Bispo desceu as escadas e veio para junto de Guilherme occupar o lugar de Salisbury.

Então no meio do campo achando forças para este ultimo acto de religião, Guilherme de Montaigne de joelhos com as mãos erguidas confessou-se mesmo armado; depois o Bispo de Lincoln deitou-lhe absolvição diante de todas aquellas damas que oravam pelo ferido, e de todos aquelles cavalleiros que pedião a Deus a mercê de morrerem tão santamente.

Dada a absolvição, Salisbury chegou-se a seu sobrinho, o qual estando em estado de graça, e não receando já a morte, deixou de se oppor a que lhe tirassem da ferida o ferro que lá tinha ficado. Então Salisbury o fez deitar de costas, e pondo-lhe um pé no peito ponde com um movimento de extensão arrancar-lhe o conto da lança da ferida; e desafiando logo o capacete, que ainda não tinha sido possível abrir por estar, como já dissemos, pregado á cabeça, conseguiu alivial-a do seu involucro de ferro. Guilherme desmaiou: os seus pagens correrão para o socorrer, e o conde de Salisbury ajudado por elles transportou-o para a sua tenda.

Chegou logo o medico do rei enviado por elle mesmo, e examinou o ferido. Salisbury que amava Guilherme como filho, esperou com anciedade o fim deste exame, que não podia ser muito favoravel ao joven cavalleiro. O medico pediu que lhe trouxessem o ferro da lança, e pela nódoa de sangue que o cubria facil foi ver que elle tinha penetrado duas polegadas, e por isso o medico abanou a cabeça, como homem que não espera couza boa. Neste momento chegarão os criados do rei, para transportarem Gui-

lherme de Montaigu para um quarto no castello de Windsor; mas o medico oppoz-se por achar o doente muito fraco para supportar a mudança.

Salisbury vio-se obrigado a apartar-se de Guilherme antes que elle tivesse recobrado os sentidos, porque a sua missão o chamava para junto de Eduardo. Era nessa mesma noite que elle devia partir para ir buscar a Margate o contracto de Olivier de Clisson, e levar-lhe, bem como ao Senhor de Harcourt, a ordem regia que lhes restituia a liberdade. Salisbury era um destes homens em quem as affeições domesticas só tinham lugar depois dos deveres publicos: elle deixou pois Guilherme tendo-o recomendado ao Medico, como se fosse seu filho.

A condessa havia pedido ao rei licença para não assistir á ceia, e o rei tinha-lha concedido immediatamente: pois bem como os outros elle tinha feito idea da dôr que ella devia sentir com semelhante desastre.

Todos sabião com que respeito e com que fidelidade o joven a tinha guardado durante o captivo do conde; e ainda que muitos suspeitassem que no proceder da sobrinha havia o quer que fosse mais terno que o simples laço de parentesco, comtudo a reputação de virtude de Alix estava tão bem firmada, que nenhuma quebra soffreu com este desvelo. Posto que fizessem justiça á condessa não desconfiando da pureza dos seus sentimentos para com o seu castellão, ella nem por isso deixava de lhe ter uma amizade quasi fraternal, a que é preciso ajuntar aquelle sentimento de terna compaixão que experimenta quasi sempre uma mulher, por mais virtuosa que sêja, para com o homem que interiormente a ama e sem esperança.

Tambem quando Salisbury entrou, nem por isso fez por encobrir as suas lagrimas, persuadida que elle menos que ninguem lhe criminaria a sua afflicção.

Com effeito Salisbury precisava de toda a sua coragem para não chorar igualmente: elle vinha despedir-se della, por quanto apezar das instancias de Eduardo para o reter, o inflexivel mensageiro tinha resolvido desempenhar uma missão cuja importancia elle bem avaliava. Partio nessa mesma noite recomendando Guilherme ao cuidado da condessa.

Esta separação, posto que tivesse de ser muito curta, fazia-se debaixo de auspícios tão tristes, que foi acompanhada de parte a parte de d'um pressentimento tão doloroso, que se Salisbury fosse homem de coração menos fiel ao seu rei, e de animo menos firme nos seus deveres, teria pedido a Eduardo que escolhesse alguém para acabar em seu lugar a transacção que havia encetado; mas o conde no momento em que lhe veio esta idea repellido-a como se commettêsse um crime, e tirando novas forças da vergonha da sua fraqueza, despedio-se de Alix deixando-lhe a liberdade de o esperar em Londres, ou de voltar para o castello de Wark.

O que o medico tinha profetisado aconteceu; Guilherme tornou a si, e o medico que tinha recebido de Eduardo ordem para tratar dos dous feridos aproveitou este momento para ir ver Douglas, cujo estado ainda que grave não era perigoso.

Guilherme era atormentado por uma febre ardente, e, apesar da sua fraqueza, tinha momentos de delirio durante os quaes dous homens mal podião obrigar-o a conservar-se deitado. Nestes momentos parecia-lhe que via uma sombra, para a qual forcejava por se arremessar, e que, discreto ate mesmo no seu delirio, elle chamava sem a nomear, umas vezes com gritos, outros com supplicas. Foi durante um destes momentos de exaltação que a condessa levantou subitamente o reposteiro que pendia á porta da tenda, e fez substituir a realidade da sua presença aos sonhos febris que a tinham precedido. Por um movimento natural, os dous homens que o seguravão largarão-no vendo, contra a sua expectação, apparecer o ente fantastico que elle chamava; e Guilherme mesmo como se a sua visão tivesse tomado uma forma, em vez de se lançar para ella, fez na cama um movimento de recuar, com os olhos fitos, o peito arquejando, e erguendo as mãos na attitude de quem supplica. A condessa fez signal, e os guardas de Guilherme sahirão, ficando com tudo á porta da tenda, para poderem entrar á primeira voz que os chamasse.

— Sois vós, senhora, ou é algum anjo que reves-

tio a vossa forma para me fazer mais suave a passagemdesta para a outra vida?

— Sou eu, Guilherme, respondeu a condessa: vossotio não podia vir porque sahio em serviço do rei; e como não vós queria deixar sosinho, por isso vim eu.

— Oh! sim, sim; sois vós; bem vos conheço a falla. Eu estava a ver-vos mesmo ausente, mas não ouvia vossas palavras: com a vossa vinda suspendestes o delirio, e affugentastes os fantasmas. Sois vós na verdade? agora morro feliz!

— Não, Guilherme, vós não morrereis, replicou a condessa, estendendo ao ferido uma das suas mãos que elle tocou com um mixto de respeito e amor impossível de exprimir. Vosso estado não é tão mortal, como pensaes.

Guilherme mostrou um sorriso misturado de tristeza, e disse-lhe:

— Escutae, tudo Deus faz pelo melhor; e mais vale morrer, do que viver desgraçado: não queiraes illudir-me, senhora, e não desperdicemos as forças que me restão em me fazer recobrar esperanças inuteis: a pena que me acompanha na minha morte é não estar mais ao pe de vós para vos guardar.

— Para me guardar, Guilherme! e de quem? nossos inimigos, Deus louvado, já passarão para além das fronteiras.

— Oh! Senhora, não é de vossos inimigos que mais vos deveis recear: ha um bem mais terrivel para vós do que esses incendiarios escosseses, e conquistadores de castellos das fronteiras; e desse, Senhora, já eu por duas vezes vos livreí, sem que vós de tal couza tenhaes desconfiado. Ora escutae-me: ainda agora eu estava delirante, mas o delirio dos moribundos é talvez uma *segunda vista*! e no meio do meu delirio eu vos via nos braços desse homem, ouvia vossos gritos; vós gritaveis que vos soccorressem, e ninguém apparecia, porque eu estava prezo nesta cama com correntes de ferro; eu teria dado, não a minha vida porque vou morrer já, mas a minha alma, reparae bem, a minha alma por toda a eternidade, para vos ir soccorrer, e com tudo não podia: oh! que soffrimento!... agora muito vos agradeço porque viestes.

— Isso, Guilherme, era o delirio da febre: eu bem sei que vós quereis fallar do rei.

— Sim, sim, é delle que eu fallo: escutae, Senhora; é possível que ate aqui fosse delirio; mas agora ja o não é; vós bem vêdes, não é assim? que neste momento estou em meu perfeito juizo! Pois olhae, basta que eu feche os olhos, para immediatamente vos ver como ainda ha pouco, e ouvir os vossos gritos; oh! que isto é cruel!

— Guilherme, Guilherme, exclamou a condessa aterrada tambem pelo accento de verdade com que o moribundo lhe fallava, socegae por quem sois, vo-lo peço.

— Oh! sim, sim, quereis que eu tenha socego para morrer; pois eu tambem vos peço que me restituaes esse socego.

— E para isso o que é preciso que eu faça? respondeu Alix com tom de profunda piedade; fallae, porque o que me for possível, hei-de fazel'-o.

— E' preciso partir, exclamou Guilherme com os olhos scintilantes, partir no mesmo instante; affastar-vos deste homem. Pelo que a mim toca, agóra que vos vi, morrerei bem sosinho; fazei-me a promessa de que haveis-de partir.

— Mas para onde quereis que eu va?

— Para qualquer parte onde elle não esteja. Vós ignorais até que ponto elle vos ama: vós não o visstes, por que para o ver erão precisos olhos que tivessem ciumes; este homem ama-vos a ponto de commetter um crime se for necessario.

— Oh! vós assustais-me, Guilherme.

— Meu Deus! meu Deus! eu sinto que vou morrer! morrer antes de vos ter convencido que este homem é capaz de tudo: jurai-me que partíreis ... amanhã, esta noite ..... jurae ...

— Eu o juro, Guilherme, disse Alix, mas vós não haveis de morrer, eu volto para o Castello de Wark, e logo que estiverdes restabelecido haveis-de lá ir estar comigo. Guilherme! que tens??

— Senhor; Senhor! tende piedade de mim! murmurou Guilherme.

— Guilherme! Guilherme! exclamou a condessa abaixando-se para elle.



— Meu Deus ! Meu Deus !

— Alix , Alix , balbuciou Guilherme , Adeus , eu amo-vos. Então reassumindo todas as suas forças se lançou com seus braços ao pescoço da condessa ; e aproximando-a tanto a si quanto elle para ella se aproximava, tocou com seus labios os labios de Alix , e cahio sobre o travesseiro.

Ella recebeu desta sorte ao mesmo tempo o seu primeiro beijo e o seu ultimo suspiro.

No dia seguinte pela manha a condessa , como tinha promettido na vespera a Guilherme , foi despedir-se da Rainha , que ao principio não queria deixal a partir , mas logo depois admittindo uma desculpa tão legitima como a Alix dava para deixar os regosijos e folguedos, não insistio senão quanto era preciso para lhe provar o seu sentimento por se ver separada della. Pelo que diz respeito a Eduardo , este depois de ter instado um pouco , á semelhança da Rainha, cedeu como ella , e com um ar de indiferença , que acabou de convencer a condessa de que o desgraçado mancebo , cuja morte ella lamentava , se tinha assustado sem fundamento. Sómente como a condessa tinha de atravessar terras nas quaes os salteadores das fronteiras fazião de um instante para o outro invasões, o rei exigio della que acceitasse uma escolta , e fez com que ella lhe promettesse de não repousar senão nas cidades muradas , ou nos castellos fortificados.

A condessa poz-se a caminhar , e no primeiro dia foi ficar a Hertfort , pois tinha partido tarde , e só lhe tinha sido possivel caminhar neste dia dez legoas ; achou ali o seu aposento preparado , porque um postilhão a precedia , como quando a rainha viajava. Era uma das ultimas attentões de Eduardo , e Alix não vio nella mais do que uma cortezia exagerada , mas que no entretanto ella explicava pela antiga amizade que o rei tinha ao conde de Salisbury.

No dia seguinte foi dormir a Northampton , onde , graças ás mesmas reaes precauções , achou um aposento digno della , e de quem lho offerecia , mas o chefe da escolta veio prevenil-a de que a jornada do dia seguinte era grande , e que era preciso partir muito cedo se queria chegar ao aposento que o rei tinha mandado preparar.

Com effeito a condessa poz-se a caminho ao amanhecer ; ao meio dia a escolta descançou em Leicester , e só partirão ás tres horas da tarde ; e posto que se estava então no tempo dos dias grandes , com tudo chegou a noite sem que se devizasse no horizonte alguma apparencia de cidade ou de castello. Andarão ainda pouco mais ou menos duas horas , quando finalmente se viu brilhar uma luz no meio das trevas. Alguns minutos depois a luz descubrindo-se fez sobresahir as torres e os muros d'um castello fortificado ; e ao passo que avançavão , a condessa pareceu-lhe que reconhecia por certos signaes , que tinha na lembrança , uma residencia que lhe não era estranha ; finalmente quando chegou á porta as suas duvidas desapparecêrão. Ella estava no castello de Nottingham.

A condessa estremeceu , pois a este castello estavam ligadas cruentas recordações. Alix entrou nelle com um terror que mais se augmentou , quando viu que o quarto que lhe tinham preparado era aquelle mesmo em que tinha sido prezo Mortimer , e onde tinha sido assassinado Dugdale ; por isso não teve ella animo de cear , contentando-se de molhar os labios em uma taça de vinho aromatico. De resto não havia motivo de enganar-se no quarto , por quanto ella o conhecia bem : era o mesmo em que Madama Philippa lhe tinha narrado toda aquella tragica aventura , na mesma noite em que tinham chegado Gauthier de Mauny e o conde de Salisbury.

Se então que ella estava ao pé da rainha , rodeada das suas damas , e guardada pelo seu fiel castellão , Guilherme de Montaigu , não lhe tinha sido possível eximir-se a um sentimento de terror , hoje que ella se achava só naquelle mesmo Castello , no meio de homens quasi desconhecidos , e sangrando-lhe ainda o coração pela morte recente daquelle de quem cada objecto do quarto lhe trazia á memoria , ou o respeito , ou os desvelos ... Mas ja ali não estava para a defender ou guardar o desgraçado mancebo cujo coração era tão fiel , e cujos receios por ella lhe vinhão agora á memoria. Por isso se tinha ella deixado ficar na cadeira em que se tinha sentado , com o co-

tovêlo encostado á meza onde estava o candieiro, não ousando olhar para traz com medo de ver algum fantasma, ainda que defronte della estava uma recordação real, e era a moessa feita em uma das pilastras do fogão pela espada de Mortimer. A vista desta marca levou naturalmente Alix a recordar-se de que maneira tinha sido prezo Mortimer. Ella lembrou-se de um subterraneo que communicava com os fossos do Castello, de uma porta falsa feita no tapamento; ella recordou-se muito bem que a rainha lhe tinha dito que o subterraneo estava tapado de pedra e cal, e que a porta já se não podia abrir, mas não obstante, era-lhe impossivel dominar o medo de que estava possuida. O que o augmentava ainda era uma grande prostração que ella attribuia ao cançasso da jornada, e que julgou combater bebendo novamente alguns góllos do vinho aromatico, que já tinha provado quando chegou; mas o que ella tomava como um cordial, longe de produzir o effeito que esperava, fez que a especie de prostração que tinha começado a appossar-se della, se tornasse mais intensa. Quiz-se então levantar e andar, mas viu-se obrigada a segurar-se á cadeira: parecia-lhe que tudo andava á roda; sentia que neste momento estava dominada por uma força invencivel, e que já não tinha imperio sobre si; vivia em mundo donde tinha desaparecido a realidade. A luz tremula do candieiro animava até os objectos immoveis, as figuras esculpidas no estuque movião-se; pareceu-lhe que ouvia um barulho ao longe semelhante ao do ranger de uma porta, mas isto como em um sonho. Emfim veio-lhe á ideia que o vinho que ella tinha bebido poderia muito bem ser um narcotico cujos effeitos ella estava sentindo: quiz gritar, mas faltou-lhe a voz. Então ella reunio todas as suas forças para ir abrir a porta; mas apenas tinha dado alguns passos, uma realidade terrivel se seguiu a todos estes sonhos: uma taboa do tapamento correu, e um homem lançando-se no quarto recebeu-a nos seus braços no momento em que ella ia cahindo desmaiada .....

..... Certo de que a negociação entabulada por Salisbury teria o mesmo resultado quer elle estivesse presente, quer ausente, Eduardo tinha por conse-

quencia voltado todas as suas vistas para Flandres : e por isso quando o conde, que tinha voltado para Londres oito dias depois da partida do rei, chegou ao porto de Sandwich, onde lhe tinham dito que encontraria Eduardo, elle soube que tinha partido na véspera com o conde de Suffolk, Jean de Beaumont, o conde de Lancastre, o conde de Derby e grande quantidade de barões e cavalleiros a quem tinha dado ponto de reunião naquelle porto, sem lhes dizer para que os reunia. Salisbury ao principio estranhou o não ter elle sido designado para tomar parte em uma expedição tão importante, mas conhecendo a rapidez das resoluções de Eduardo, presumio que o projecto a que elle dava execução tinha sido deliberado instantaneamente, e por alguma noticia inesperada; em consequencia do que resolveu-se a ir ter com a condessa ao castello de Wark e esperar ali as ordens d'el-rei.

O Conde deixou por conseguinte as praias do mar e seguiu o seu caminho através das campinas, fazendo pequenas jornadas, porque vinha sem comitiva alguma, e por consequencia trazia um só cavallo. Ora como naquelles tempos de dissensões todos os cavalleiros andavam armados, era muito difficil que a sua cavalgada, por muito valente que fosse, tendo de supportar o peso do cavalleiro com sua armadura de ferro, pudesse andar mais de dez a doze legoas por dia. Foi pois só no fim de cinco ou seis dias de marcha que o conde chegou ao alto das collinas de Roxburgh, do cimo das quaes elle vio em fim o castello de Wark. Tudo lhe pareceu no mesmo estado em que elle o tinha deixado, e no entretanto quando o avistou apoderou-se d'elle uma tristeza inexplicavel, e este sentimento foi tão profundo, que em vez de lançar o seu cavallo a gallope para estar alguns momentos mais depressa ao pé da sua amada Alix, elle ao contrario retardou-lhe o passo e foi-se chegando a tremer, e como homem sobre quem está imminente um perigo que desconhece, mas a quem um pressentimento adverte da existencia deste infortunio. Entretanto nenhuma mudança notavel justificava semelhantes presagios; a bandeira tremulava na torre, as sentinellas passeavam sobre os terrassos com um passo lento e monotono.

que indicava que tudo estava tranquillo interna e externamente. Alguns aldeões das vizinhanças que tinham vindo trazer os víveres para o dia seguinte, sahião pela porta principal, e voltavão para suas aldeas. Salisbury teve ideas de os interrogar; mas não sabia sobre que lhes havia de fazer perguntas. Venceu por fim este momento de fraqueza, e convencido pelo testemunho de seus olhos de que a imaginação o enganava, fez andar mais veloz o cavallo, e em pouco tempo chegou ao fundo da collina em cujo cume estava edificado o castello. Apenas ali chegou, vio logo pelo signal da sentinella, que era reconhecido, e subio rapidamente o caminho da plataforma.

Chegando diante da porta, já seus officiaes o esperavão; mas não era só por elles que contava ser recebido. Alix era quasi sempre quem primeiro lhe apparecia. Com tudo por mais depressa que elle subisse a estrada, havia tempo bastante de a advertir da sua chegada. Por acaso não estaria no castello? mas se lá não estava, para onde poderia ter ido? Por tanto não deve cauzar admiração se a primeira palavra que o conde pronunciou foi o nome de sua mulher. Mas o escudeiro que lhe segurava a redea do cavallo, sem lhe responder, apontou para o castello. O conde não ousando fazer mais perguntas, apeou-se, e correu appressado para o pateo: ahí parou um pouco, porque não vendo a condessa no balcão da escada, onde a esperava encontrar, dirigio successivamente os olhos para todas as jancellas, esperando vê-la em alguma; nenhuma porém estava aberta: então correu para os degraus subindo-os com tanta velocidade quanta lhe permittia a pezada armadura, e dirigio-se para o quarto de sua mulher; todas as salas por onde tinha de passar estavam desertas; finalmente abrindo uma ultima porta, vio em pé no meio da caza a condessa vestida de preto, e tão pallida que parecia proxima a exhalar o ultimo suspiro.

O conde ficou um instante mudo e tremulo á vista deste espectaculo, porque não podia adivinhar o que tinha acontecido; finalmente vendo que a condessa ficava immovel, caminhou para ella, e rompeu o silencio perguntando-lhe com voz treimula:

— Que vos aconteceu , senhora , por quem deitastes luto ?

A condessa com voz tão fraca que apenas poudeser percebida por Salisbury , respondeu :

— Senhor , ando de luto pela vossa honra , que cobardemente me foi roubada no castello de Nottingham pelo rei Eduardo d'Inglaterra.

---

# INDICE

## das materias contidas nos N.<sup>os</sup> XVII e XVIII.

### N.<sup>o</sup> XVII.

- I. SCIENCIAS -- Economia Politica — *dos impostos* ..... 207
- II. HISTORIA PORTUGUEZA — Sobre a verdadeira epocha do estabelecimento da Inquisição..... 224
- III LITTERATURA PORTUGUEZA — Lopo de Figueiredo — *Drama Historico*. 240

### N.<sup>o</sup> XVIII.

- IV. PHILOSOFIA E MORAL — Da Liberdade.... 310
- V. LITTERATURA E HISTORIA PORTUGUEZA — André de Rezende, e Manoel Severim de Faria..... 339
- VI. ——— O Pagem de D. Diniz — *Romanço Historico*..... 363
- VII. MISCELLANEA — A Condessa de Salisbury.. 371

# INDICE ALPHABETICO

## Materias contidas no 3.º Volume da Revista Litteraria.

### A

Abbadessa de Castro ... ..	177
Amatividade, <i>instincto</i> e seguintes... ..	24
Assucar de leite... ..	190
André de Rezende ... ..	339

Broussais — Phrenologia ... ..	24
--------------------------------	----

Chimica organica gases contidos no sangue ...	95
---	----

Condessa de Salisbury ... ..	371
------------------------------	-----

Dezenho — obtido por via da luz ... ..	41
--	----

Drama ... ..	240
--------------	-----

Economia Politica ... ..	5, 103, 207
--------------------------	-------------

Elogio de Leopoldo, grão Duque de Toscana	134
---	-----

Escravidão — (da antiga ... ) ... ..	91
--------------------------------------	----



Gazes contidos no sangue ... ..	95
Geographia industrial... ..	203
Governo representativo ( ultimos alentos do )...	164
Guizot ( Curso da Historia Moderna ) ... ..	141

## H

Historia Moderna ... ..	141
„ Nacional ... ..	164 224
Hydrosudopathia ... ..	116

## I

Impostos ... ..	3, 103, 207
Inquisição — epocha do seu estabelecimento...	224

## L

Leite — ( assucar de ... ) ..	199
Leopoldo ( elogio de ... ) ... ..	131
Liberdade ( da ... ) ... ..	310
Lopo de Figueiredo ... ..	240

## M

Manoel Severim de Faria ... ..	339
Medecina — Hydrosudopathia ... ..	116

## P

Pagem de D. Diniz — <i>romance</i> ... ..	363
Phrenologia ... ..	24

## R

Religião , ( amor e patria ) <i>romance</i> ... ..	53
Respiração ( theoria da ) ... ..	92

S

Salisbury ( a condessa de )	...	...	...	...	713
Sangue — gazes que contem	...	...	...	...	95
Severim de Faria — V. <sup>e</sup> Manocl					

T

Talleyrand — extractes das Memorias	...	...	197
-------------------------------------	-----	-----	-----

---

THE ... ..  
... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

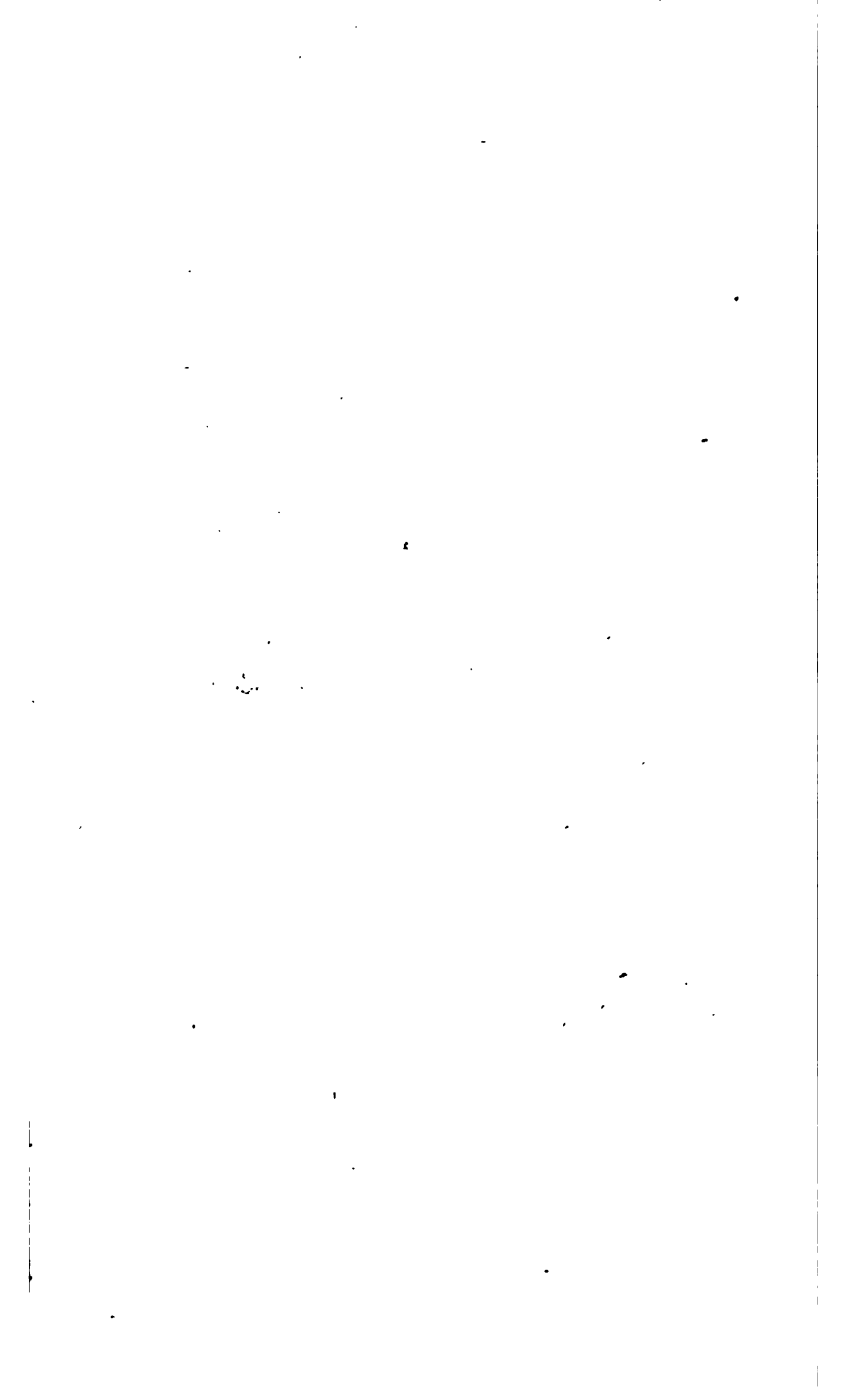
... ..

... ..

... ..

... ..

REVISTA  
**LITTERARIA.**



REVISTA.  
**LITTERARIA.**  
PERIODICO

DE  
LITTERATURA, PHILOSOPHIA, VIAGENS,  
SCIENCIAS, E BELLAS-ARTES.

---

TOMO QUARTO

3.º ANNO

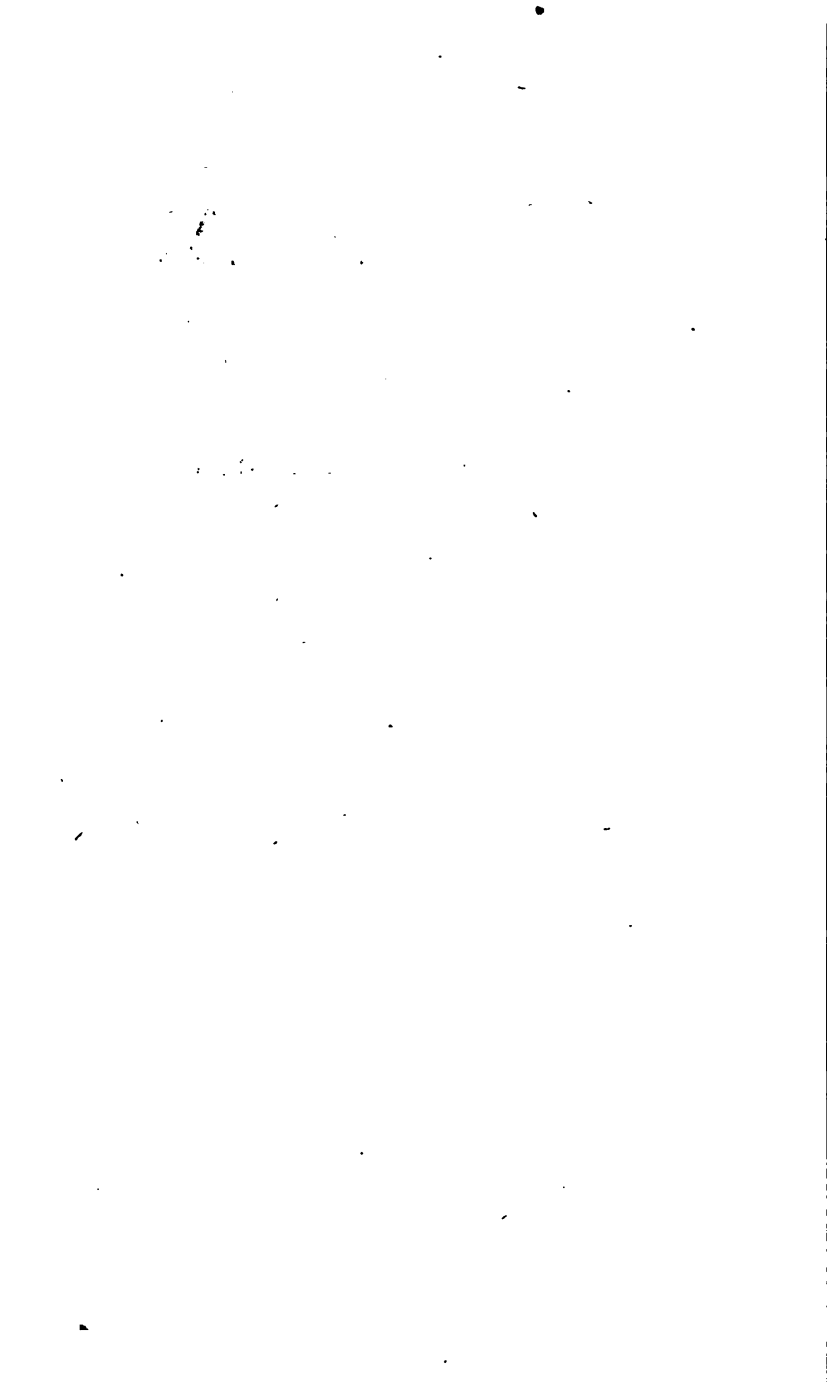
---

PORTO:

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE  
LARGO DE S. JOÃO NOVO N.º 12.

---

1839



---

N.º XIX.

REVISTA

# LITTERARIA.

---

Sciencias.

---

**ECONOMIA POLITICA.**

TERCEIRO ARTIGO.

*Continuação da*

Secção 6.ª — *Theoria do lançamento dos impostos.*

Parte 1.ª — *Impostos directos.*

Divisão 1.ª — *sobre a propriedade terrena.*

§.º 3.º *Considerações sobre a materia precedente.*

**R**eflectindo mesmo perfunctoriamente sobre a doutrina exposta, que nos parece arithmeticamente demonstrada, e que fundamentalmente é a doutrina de Ricardo, seguida por Flores Estrada, aonde a tomamos, procurando com tudo appresental-a a nossos leitores por maneira que mais intelligivel lhes ficasse ;



será facil tirar logo per immediata conclusão que o imposto sobre o propriedade terrena, tal qual hoje se acha lançado, produz mais deploráveis effeitos, porque não affectando em sua generalidade, como devia ser, a classe proprietaria, recae quasi todo sobre os consumidores, que constituem a classe mais numeroza e mais pobre da sociedade, que não só paga o imposto ao Estado, mas por cumulo de mal paga ainda uma somma adicional, que passa para as mãos dos proprietarios.

Como o custo da produção nas terras d'inferior qualidade estabelece o *preço regulador dos generos de primeira necessidade*, é impossivel gravar estas com impostos sem augmentar o preço regulador, ou o valor cambiavel dos mesmos generos; de modo que será manifesto absurdo affirmar que os impostos recahem sobre os proprietarios, quando o valor venal de sua renda augmenta na proporção que o custo de produção dos productos agricolas cresce em razão do imposto.

Outra consequencia não menos importante é, que o Estado poderá com o imposto tirar toda a renda ao proprietario, mas nunca poderá levantar sobre as utilidades do capital agricola maior imposto que aquelle que lançar ás utilidades do capital empregado em outras industrias.

A primeira maxima d'A. Smith exige que os Governos não lancem impostos, que não affectem igualmente todos os membros da sociedade; e não se cuide que ella fica observada levantando sobre cada contribuinte uma somma igual. Tres são as fontes da riqueza e são essas mesmas as fontes do imposto, mas dellas todas a que menos prejuizos causa ao progresso da riqueza e prosperidade geral, se for mais gravada com o imposto, é innegavelmente a renda terrena, como a temos entendido, fallando do producto liquido; porque:

1.º Por grande que seja o imposto sobre a renda, elle não estorva o impulso da industria, pois que os proprietarios não são precisamente productores; elles recebem as riquezas que os outros produzem no fundo productivo de que tem a propriedade, mas sem

que o capital e o trabalho tenham sua respectiva utilidade, o progresso da industria não pode fazer-se.

2.º A renda da terra é o effeito, e não a cauza da prosperidade da nação, porque a riqueza nacional não cresce sem que o capital aumente, e sem que o salario natural do trabalho tenha sua devida recompensa.

3.º A renda da terra apenas utiliza aquelles que a possuem; mas a sociedade geral tira grandes vantagens das utilidades do capital, e do trabalho, pois que o proprietario recebe a sua renda podendo viver no ocio, em quanto que os renditos do capital e do trabalho são o producto da actividade.

4.º A renda da terra é muito menos sujeita a sinistros, que os capitães empregados nas manufacturas, e no commercio. A razão do rendimento do capital agrícola é certamente muito menor que a do capital industrial, mas a differença é compensada pela segurança d'um, e risco d'outro: se pois somente em attenção dos renditos se lançar maior imposto á industria, de modo que para satisfazê-lo seja preciso chegar ao capital, o effeito será muito maior contra o industrial, pois que pequena porção de capital pôde render-lhe o mesmo que uma grande porção de capital agrícola; julga-se que as utilidades do capital industrial devem pelo menos ser a dobro das do capital agrícola, e se estes se costumão computem 10 por 100, aquellas serão de 20 por 100 pelo menos; eu creio que a computação das primeiras em 10 por 100 é já forte demais, ella corresponde pouco mais ou menos ao juro de  $3\frac{1}{2}$  ou 4 por 100, e bem poucas serão as propriedades rusticas, e mesmo urbanas que rendão este juro, como vulgarmente s'entende: só algumas propriedades excepçionaes por sua qualidade ou situação darão este juro: o que passamos a mostrar.

O valor de qualquer especie de renda deverá ser julgado:

1.º — quanto á sua importancia annual.

2.º — quanto á firmeza e segurança desta importancia

Logo o valor da riqueza daquelle que possui.

2 mil cruzados será o dobro daquelle que possui 10, uma vez que a renda proveniente de cada um destas capitães seja fixa, segura, e independente da vida, e da industria de cada um dos possuidores destas capitães: mas se a renda daquelle que possui os 10 mil cruzados for igual ou superior á daquelle que possui os 20, porem dependente de sua vida, e industria, ninguem dirá que a propriedade daquelle tenha igual ou superior valor á propriedade deste.

Por tanto para lançar-se o imposto deve ter-se menos em vista o valor do producto annual, que a natureza do fundo productivo: deverá pois considerar-se como *injusta, iniqua, leziva e desigual* a lei que lançar v. g. 10 por 100 d'imposto ás utilidades precarias, e arriscadissimas da industria fabril e commercial (a), e exigir o mesmo do redito da propriedade de raiz, particularmente rustica; este redito é constante (pelo menos em termo medio de certo numero d'annos) é seguro, e continúa mesmo depois da morte do proprietario; o primeiro redito é variavel, é contingente, e até muitas vezes se aniquila com a vida de seu proprietario.

O systema d'impostos pois mais compativel com o progresso da industria, e que torne mais supportavel o sacrificio que para sua defesa, e para a prosperidade do Estado, exige a nação, *deve ter por base a renda da propriedade terrena*, como a havemos entendido, distinguindo bem esta renda das utilidades do capital, cujas partes ambas constituem o *producto liquido*: as de mais industrias não devem ser exoneradas do imposto, tal isenção seria injusta, e odiosa, mas a quota que lhes toca deve considerar-se mais como em rasão supplementar, e para prefazer a differença que se faz mister para chegar á quantia precisa para cubrir as *despesas essencial e estritamente necessarias*: o exacto calculo destas, e sua fiel

---

(a) Eis-aqui o erro capital que apresenta a celebre lei das decimas do congresso constituinte de 7 de Abril de 1838: esta lei é evidentemente iniqua, e como tal inexequivel, só em relação d'este principio; e muito mais o será ainda se for considerada quanto ao methodo porque se hade julgar do redito de cada individuo contribuinte. Esta lei é o testemunho mais authentico da crassa ignorancia dos individuos que a votarão!

e publica demonstração é a condição essencial com que o imposto se justifica.

Nesta repartição interessa mui evidentemente o proprietario, e ainda mais do que o maior numero dos proprietarios cuida; porque sendo da natureza de todo o imposto prejudicar mais ou menos os progressos do capital, da industria, e da população, é evidente que só na razão do augmento de cada uma destas tres condições pode crescer o valor da renda do proprietario.

Não nos cançaremos em desenvolver uma proposição tão clara.

Não é tão difficil como vulgarmente se cuida o conhecimento do redito annual dos contribuintes, e as perdas ou riscos, a que elle está exposto. diffi-  
culdade offerecida por muitos Economistas quanto á determinação do imposto terreno; posto que seja um pouco difficil avaliar as utilidades do rendeiro; 1.<sup>a</sup> porque as terras não produzem todas igualmente; 2.<sup>a</sup> porque entre aquellas que produzem igualmente umas carecem de mais capital e trabalho que outras; que é o mesmo que dizer, que a mesma quantidade de productos não representa sempre a mesma quantidade de rendimento; ou que os productos devem ser comparados com a unidade de capital, e de trabalho; 3.<sup>a</sup> porque o rendeiro tem muitas vezes de distrahir de seus productos uma parte variavel affectada ao pagamento dos salarios, ao dos juros do capital reproductivo que muitas vezes não é apparente; e ao do juro do capital fixo empregado pelo proprietario (que não constitue renda), ou ao pagamento da renda; cujos quatro capitulos só o proprio rendeiro pode cabalmente conhecer.

Mas para conhecer-se a renda do proprietario bastará avaliar o juro que deve arbitrar-se ao capital fixo por elle empregado na propriedade, quando haja, porque separada esta parte, tudo o mais que o proprietario recebe é renda.

Com este mesmo criterio conheceremos quasi as terras mais ou menos productivas, ou aquellas que não podem pagar renda. Não é pelo gráo de sua fertilidade que devem ser avaliadas, que é o mesmo

que dizer pelo seu producto total, mas sim pelo liquido; se deduzidos os gastos de producção a que devem addicionar-se os juros do capital circulante ou reproductivo, se deduzir mais ainda o juro do capital fixo, pertencente em todo ou em parte ao proprietario, sobrar alguma couza, essa sobra é a renda; se nada sobrar deve entender-se, que aquillo que o proprietario recebe não é renda, mas sim utilidades do capital fixo, que elle tem de conservar inalteravel, e carecendo para isto de despendir annualmente uma quantia variavel; esta situação é de todo o rigor, posto que vulgarmente confundida na practica.

E' por isto que as avalições feitas como vulgarmente se fazem pelos louvados são mui grosseiras, e inexactas. —

Desta mesma confusão procede outro erro não menos commum, e que geralmente de muito boa fé profissão quasi todos as proprietarios: elles cuidão que o imposto sobre a propriedade terrena, como elle está hoje lançado, peza exclusivamente sobre elles; e para d'algum modo o diminuir pedem leis *restrictivas*, chamadas *protectoras da agricultura*, que lhes são bem mais onerosas que aquelle imposto. No artigo *Cereaes* será tratado este objecto, e por isso delie prescindiremos aqui. —

#### §.º 4.º — O Dizimo.

E' uma contribuição terrena que levanta de dez um, ou 10 p. 100, não sobre o valor do producto total de agricultura, mas sobre esse producto; o que não é o mesmo.

Com effeito: supponhamos que uma propriedade terrena produz 10 moios de trigo, cujo valor pelo preço necessario de 800 rs. por alqueire, ou 48\$ — por moio, importa em 480\$ sobre os quaes se lançou a contribuição de 10 p. 100, 48\$ — rs: é claro que o contribuinte tem de vender os seus 10 moios de trigo por 480\$ — rs. mais 48\$ — rs. ou por 528\$ — rs. de modo que o preço necessario do alqueire subio a 880 rs. Se do producto total 10 moios se deduzir um, que é o dizimo, este terá por effeito elevar o preço dos 9 restantes ao mesmo que antes rendião os 10; isto é, o contribuinte para não perder,

ou para lançar de si o effeito do dizimo sobre o consumidor, terá de vender os 9 moios pelos mesmos 480\$—rs. e assim o moio vem a sahir a 533\$333 rs. e o alqueire a 888 rs. e 0,88, isto é quasi a 890rs., de modo que o effeito do dizimo pago do producto total é fazer pagar ao consumidor o alqueire de trigo por maior preço, do que o pagaria se a contribuição fosse deduzida do seu valor, isto é por mais 10 rs. no cazo presente. — E' este o seu primeiro inconveniente; pois que assentando sobre o producto total, e sendo igualmente tributadas as terras de qualidade superior, o seu effeito necessario é elevar o preço dos fructos, como fica anteriormente provado, e recahir inteiramente sobre o consumidor.

Sejão 3 qualidades de terreno dos quaes o 1.º produza 100 alqueires, de trigo; o 2.º 200, o 3.º 300 ditos, que ao preço corrente de 300 rs rendem — 80\$ —; 160\$ — rs.; 240\$ — rs. e aos quaes seja lançado sobre o producto total 100, 200, e 300 alqueires. Como o cultivador do 1.º tem de vender os 90 alqueires que lhe restão pelos mesmos 80\$ — rs., porque a não ser assim entraria por seu capital, e deixaria de cultivar, o preço regulador será de 888, 88 rs. pelos quaes venderá os 90 alqueires e lhe renderão 79,999; isto é os 80\$ — rs. O cultivador do 2.º terreno tirará 16 alqueires para o dizimo, 100 alqueires para os gastos de producção (como o 1.º cultivador) e entregará ao proprietario a título de renda 84 alqueires, que o proprietario venderá pelo preço regulador 888,88 rs. — Pelo mesmo estilo se verá que o 3.º proprietario deduzidos 24 alqueires para o dizimo, e 100 para os gastos de producção, entregará ao proprietario 176 alqueires, que venderá pelo preço regulador 888,88 rs. pagando o consumidor este excesso; e como este preço tambem regulará o do trigo que se deu ao dizimo, o decimador venderá os 10 alqueires do 1.º terreno, não por 8\$ — rs., mas por 8888; os 20 do 2.º por 17:776; devendo só receber 16\$ — rs.; e os 30 do 3.º por 26:640 devendo receber 24\$ rs. — Eis-aqui o effeito do dizimo! de modo que em vez de ser a contribuição de 10 p. 100, vem a ser de 11,11 por 100.

Por este modo exactamente se vê que é o consumidor que a paga. Alguns EE. asseverão que não, porque pela separação de 1 de 10 que a terra produzio não augmenta nem diminue a quantidade do genero no mercado; quando não ha dizimo, dizem, os productos são como 10, e como 10 a sua venda; o mesmo equilibrio subsiste quando 9 partes ficam na mão do proprietario, e 1 em outra mão; em todo o caso são 10 os que vão ao mercado: mas não veem que o preço necessario é regulado antes que o genero vá ao mercado; aquelles que argumentão assim tem em conta o preço corrente, quando é o preço necessario de que deve partir-se.

A unica excepção que esta regra sofre, é quando pela colheita ordinaria os productos não chegam para cubrir os gastos de producção, e pagar o dizimo, porque então o *deficit* recae sobre o dono do capital agricola.

Mas o consumidor não só paga este excesso de preço, a que, por effeito do dizimo, é elevado o genero, augmentando-se tambem pela mesma razão o producto real do mesmo dizimo, mas se houverem terras, dado que de igual qualidade, que não paguem dizimo, os proprietarios destas não só lucrão esse dizimo, porem um augmento de renda; como é facil de provar.

Sejão as terras de 3.<sup>a</sup> qualidade umas isentas, e outras não; e supponhamos que uma mesma extensão de terra, com os mesmos capitaes, produz 300 alqueires de trigo; devendo destes sahir 100 para os gastos, pertencerão os outros 200 á renda, ou ao proprietario; mas d'um terreno paga-se dizimo, e d'outro não; e como o valor dos productos deve ter subido em razão de que o dizimo foi lançado ás terras de qualidade inferior, isto é, um decimo mais sobre o valor que tinham, ou que terião se não existisse o dizimo, é evidente que o rendeiro vendendo 90 alqueires pelo preço assim augmentado, tem agora tanto como antes tinha vendendo 100; portanto em vez de 200 que entregava ao proprietario, entrega-lhe 210; mas o terreno que paga dizimo, como tem a deduzir 90 para gastos, porque

estes 90 em razão do augmento de preço representam o mesmo que os 100, e 30 para o dizimo (em genero), entregará ao proprietario a titulo de renda, 180, cujo valor porem será igual ao que tinham os 200, antes do dizimo. De modo que o dono da propriedade isenta recebe dous beneficios; 1.º o da isenção do dizimo, o que lhe faz augmentar a renda, como vimos; e 2.º o do augmento de preço do genero; isto é, no caso presente 30 alqueires, que tal é a differença entre 210 e 180; o dono da propriedade não isenta, salva ao o dizimo, em razão do augmento de preço. Portanto é ainda neste caso o consumidor que paga o mesmo dizimo, e não o proprietario, como á primeira vista parece: e o augmento de lucro que tem os proprietarios das terras d' igual qualidade, que forem isentas delle: inconveniente mui attendivel. (\*)

Mas ha ainda outro maior, e é, que seja qual for a renda, ou a systema d' impostos, o consumidor paga o dizimo, não proporcionalmente a seus haveres, mas em razão do seu consumo; pois, que o industrial cujo patrimonio unico está nos seus braços, se tiver muita familia, pagará muito maior somma, do que o capitalista ou proprietario celibatario; os consumos daquelle serão muito maiores; e quando fossem iguaes, é evidente que seus meios são relativamente muito menores. De modo que o dizimo é um imposto lançado contra a primeira maxima de A. Smith, sem embargo da opinião contraria de Ricardo, que com o que fica dito, está plenamente refutada; porque é sempre sobre o consumidor que tal imposto recae.

Se recahisse sobre o cultivador ainda seria mal repartido, assentando sobre o producto total, e não sobre o *producto liquido*, como deveria ser: com effeito se o producto total for 10, e o liquido for

(\*) Ainda que o dizimo seja immediatamente pago pelo proprietario ou colono, estes não fazem mais que uma anticipação, porque della se cobrem logo que vendem o seu genero pelo augmento de preço, a que em razão do imposto elle é elevado; porque em fim o dizimo é um imposto, nunca uma propriedade, quer do governo, quer do clero, deste muito menos, apesar do quanto se diga.



8; pagando um dos 10, é exactamente  $\frac{1}{10}$  do que lhe fica liquido; e  $\frac{1}{10}$  se o producto liquido fôr 6; e se o producto total fosse todo preciso para cubrir os gastos e utilidades do capital, o dizimo seria tirado do próprio capital fixo, ou empregado na cultura; quando pois fosse o lavrador sobre quem o dizimo recahe, seria este imposto desproporcional a seus renditos, como fica provado.

O dizimo não é imposto fixo, nem em quanto á quantidade, nem em quanto ao valor; porque quando a industria cresce, e com ella a população que obriga a cultivar mais terras, ainda que d'inferior qualidade, se as de superior já estão esgotadas, faz não só augmentar a massa do producto total, mas o valor do producto, em razão da maior despeza que demandão as terras d'inferior qualidade, que dão o preço regulador; é evidente que os mesmos capitaes, empregados na mesma extensão de terreno d'inferior qualidade darão menor producto, que terá d'augmentar de valor venal, para que aquelles reu-dão as mesmas utilidades, por cujo motivo tambem augmentará o preço dos generos colhidos em terrenos de qualidade superior, em proveito só dos proprietarios como se tem visto em quanto temos deixado escripto.

Se pois uma nação que já não tem mais terras de qualidade superior, tem de cultivar as de 2.<sup>a</sup> e esgotadas estas as de 3.<sup>a</sup> em razão do augmento e progressos que tem tido sua industria e população, terá precisamente de colher da mesma extensão de terras, menos producto com os mesmos capitaes; se das 1.<sup>as</sup> colher um milhão d'alqueires, v. g., cujo producto liquido forem 800 mil: se das 2.<sup>as</sup> colher o mesmo milhão com o producto liquido de 600 mil: se da 3.<sup>a</sup> colher o mesmo milhão com o producto liquido de 500 mil alqueires, é evidente que o dizimo em relação ás 1.<sup>as</sup> é  $\frac{1}{8}$ ; ás 2.<sup>as</sup> é  $\frac{1}{6}$ , ás 3.<sup>as</sup> é  $\frac{1}{4}$ : e quando nessa nação houverem localidades, em que não se cultivem ainda as terras de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> qualidade, o dizimo levantará a mesma quantidade que d'antes, isto é  $\frac{1}{8}$  do producto liquido, mas com um differente valor, porque será o do preço regulador.

dado pelos terrenos d'inferior qualidade, em razão do augmento dos gastos de producção.

O dizimo pois é mui oneroso imposto, porque nem é igual, nem certo, nem ainda é sacrificio proporcional aos meios dos contribuintes, porque é maior, quando os contribuintes tem menos meios.

Supponhamos que 30 alqueires de trigo é o termo medio do pão que annualmente consome cada individuo da classe laboriosa, cujo alimento principal é o pão; e que em virtude do dizimo paga 20 rs. por alqueire de mais do que pagaria não existindo este imposto; elle pagará annualmente 600 rs.; e se sua familia for composta de 5 pessoas, pagará annualmente 3:000 rs., contribuição assaz excessiva para esta classe, e mui superior áquella que pagariam capitalistas, e proprietarios, dado mesmo que consumissem tanto pão, como a classe dos lavradores, o que assim não é: — mas a differença é ainda mais onerosa nos annos de escacez, e d'esterilidade; sem ainda considerar o dizimo em relação aos outros generos de consumo quotidiano.

Para aquelle que recebe dizimo nunca ha máo anno, porque o valor do genero augmenta, mas para o que o paga a razão não é a mesma, como facil é de ver. Se o lavrador carece de 30 alqueires para seu sustento e os colhe, tendo pago ao dizimo, v. g. 3; cobrando 20, e pagando 2 ao dizimo tem de comprar 10; e como o preço do genero augmenta em razão da escacez, o que recebe o dizimo tem nos 2 o mesmo valor que tinha nos 3, mas o lavrador tem de comprar 10 por preço mais elevado. Este imposto pois não está estabelecido em bases de equidade, ou em relação com o redito do contribuinte.

Feito bem o calculo o dizimo não tira so o decimo sobre o producto agricola; nós já tocamos neste ponto no principio deste artigo; e E. E. ha que pertendem que elle levante 33 p. 100 sobre as utilidades do capital, e do trabalho empregado na mais importante industria; e fazendo assim augmentar o preço dos generos mais necessarios elle oppõe-se á procura do trabalho, diminue as utilidades do capital, e estanca as fontes da industria, e da producção da riqueza. —

Cumpra por fim notar que o **dizimo** não tem afinidade alguma com a renda da terra, senão em sahir dos productos da terra, tendo de mais a mais por destino a applicação para quem nada contribue para a producção. A renda, como vimos, não faz parte dos gastos de producção, é o que sobra destes gastos, e das utilidades do capital; não ha renda quando não ha sobra, mas o dizimo é levantado sobre os productos extrahidos da terra, antes de se fazer a deducção dos salarios do trabalho, e as utilidades do capital: a renda é invariavel em quanto dura o arrendamento, mas o dizimo cresce sempre que o rendeiro por effeito de sua intelligencia, zelo, e invenções augmentar o seu producto.

O rendeiro paga gostoso a renda, porque seu fundo productivo (terras) que não é *seu*, mas sim do proprietario, não colheria as vantagens que colheu; mas o dizimo é pago a quem nada contribuiu para a producção.

Em vista pois do que precede, o dizimo seria um imposto de mais equidade, se delle fossem isentas as terras d'inferior qualidade, e lançado só sobre o producto liquido, e não sobre o producto total: por este modo não faria augmentar o preço regular dado por aquellas terras, nem o sacrificio por elle imposto seria na razão inversa das utilidades do capital agricola; assim recahiria sobre as classes mais ricas da sociedade, sem influir nos salarios, nas utilidades do capital, e por tanto nas accumulações subsequentes, ou na formação de novos capitães.

### *Divisão 2.<sup>a</sup> sobre as utilidades do capital.*

Mostramos que A. Smith s'enganou quando proferio que os impostos terrenos só recahião sobre o proprietario; mostraremos que tambem s'enganou proferindo que os impostos sobre as utilidades do capital já fixe, já circulante recahe sobre o consumidor somente.

Para proceder com exactidão cumpre necessariamente distinguir, — o imposto lançado sobre as utilidades de qualquer capital empregado na industria

sem excepção, isto é, imposto geral lançado sobre as utilidades dos capitaes; ou — imposto parcial lançado sobre as utilidades d'um certo ramo d'industria: o primeiro recahe sobre os capitalistas; o segundo sobre o consumidor.

E' facil a demonstração; porque no primeiro caso o imposto não destróe o equilibrio das utilidades; os capitalistas não podem illudir os efeitos do imposto, augmentando o preço aos generos, porque não são elles os que augmentão esse preço, mas sim aquelles que fazem uzo dos capitaes, e como os gastos da produção não augmentarão, aos empresarios não convem augmentar o preço dos productos, porque diminuiria o consumo, sem utilidade dos empresarios, e com prejuizo dos consumidores; assim são os capitalistas que sofrem o imposto, ficando todavia equilibradas todas as utilidades dos capitaes.

Os capitalistas ficão tendo menor redito, mas o redito do governo augmenta na mesma proporção; se pois o valor do dinheiro continuar a ser o mesmo, o valor dos productos não variará, e a procura será sempre a mesma; salvo se o Governo empregar a importancia deste imposto ao pagamento dos juros da divida publica a credores estrangeiros; ou em fornecer subsidios a alguma nação alliada; porque em tal caso a sahida de numerario para estes fins influirá muito sobre a industria.

O effeito de tal imposto geral será difficultar a accumulção dos capitaes, e a diminuição deste motor affecta precisamente os progressos da industria, e da população.

O imposto parcial lançado a certos ramos d'industria com excluzão d'outros, rompendo o equilibrio das utilidades do capital, faria afugentar estes para as industrias mais productivas; assim, para que aquellas conservem aos capitalistas os mesmos lucros, é mister elevar os preços dos productos destes ramos d'industria de modo que cubrão o imposto, e conservem o equilibrio das utilidades do capital; recahe por tanto o imposto sobre os consumidores. E' certo que os capitalistas não podem transportar seus capitaes d'uma industria para outra sem correr o risco de grandes

perdas; mas o primeiro resultado seria diminuir a produção, e por tanto conservando-se a procura a mesma, como acontece com os objectos de primeira necessidade, elle teria por effeito necessario augmentar o preço do genero offerecido e necessitado, e por tanto evitada a necessidade do transporte dos capitães.

E' facil de concluir que se a industria affectada assim nas utilidades do capital, fôr de generos de luxo, e não de consumo geral, ella produzirá melhor effeito diminuindo as despezas superfluas, que as violências, e vexações das leis sumptuarias, criadas para reprimir as despezas excessivas. Só as classes mais ricas chegariam aos objectos de luxo, e só sobre ellas recahiria o effeito do imposto, como parece d'equidade; sendo forçado a conter-se em seus limites aquelle, cujos renditos apenas cheguem para os objectos de primeira necessidade.

A supressão do dizimo, à vista do que fica exposto, não é um beneficio unicamente feito á agricultura, mas a todas as industrias, porque, como impossito que é, grava todas as industrias.

O dizimo tem os inconvenientes das contribuições directas, e indirectas; paga-se desembolsando por uma vez grandes quantidades, e é tão custoso em sua arrecadação, e sujeito a fraude como os indirectos; demais não é lançado sobre as rendas possiveis ou provaveis, mas sim sobre as effectivas.

O dizimo tem os seguintes vicios — 1.º como systema d'impostos tem os vicios dos directos e dos indirectos; 2.º ataca os capitães; 3.º é forçosamente desigual; 4.º é immoral; 5.º ataca a produção, impedindo a cultura de muitos baldios vantajosos, e impedindo o melhoramento dos não baldios.

Quanto ao ultimo é claro que a cultura dos baldios exige precisas anticipações, que devem ser cobertas pelos productos; é mister pois contar com estes para pagar aquellas, e demais a mais as utilidades competentes do capital, sem o que essa cultura seria uma perda formal; mas alem disto é mister que elles produzão a vantagem de 10 p. 100 do capital anticipados, sem o que o dizimo destruirá o mesmo capital; outro tanto pode dizer-se do terreno em cultura que se dezeja aperfeiçoar.

*Divisão 3.ª sobre os Salários.*

Quando expozemos a theoria dos salarios, fizemos uma essencial distincção entre *salario necessario*, e *salario corrente*; e dissemos que aquelle consistia no estricto necessario da subsistencia do trabalhador, e de seus filhos, relativa ao consumo d'um anno, e não de um dia, sendo este o que determina o *jornal*; e igualmente dissemos que o segundo era determinado pelas leis do mercado, ou pela relação entre a offerta, e a procura do trabalho.

O preço dos salarios reduz-se sempre ao seu *estalão necessario*, em razão da propensão natural no homem á propagação da especie; assim, qualquer imposto lançado aos trabalhadores, ou sobre os generos de seu ordinario consumo, não recae sobre elles; e por tanto sempre que isto acontecer veremos augmentar-se o salario; e se não augmentasse, como é que o trabalhador com o mesmo salario poderia comprar os objectos de seu necessario consumo, encarecidos em razão do imposto? ou com menos salario, diminuido em razão do imposto que se lhe lançou, poderia elle comprar aquelles objectos, ainda que não houvessem subido de preço? o resultado necessario seria a diminuição progressiva e rapida nesta classe, elles deixariam d'existir, e diminuindo os trabalhadores, diminuia a offerta de trabalho, augmentando a procura deste, e por tanto o augmento necessario do preço do salario; e quando este preço passasse além de seu *estalão normal e necessario*, o impulso dado por esta causa á população augmentaria em pouco o numero de trabalhadores, e por tanto a offerta, diminuindo a procura, seguindo-se logo a baixa no preço do salario.

E como o imposto sobre *todos os salarios* não augmenta o preço dos generos de consumo diario do trabalhador, por tanto o augmento de preço que elle tem de fazer a seu salario, para poder comprar aquelles generos, visto que o imposto lhe causou uma diminuição, recahirá precisamente sobre as utilidades do capital: note-se que dissemos *todos os salarios*, se assim não fosse, o augmento viria a recahir sobre o

consumidor, porque rompendo-se o equilibrio entre as utilidades dos capitaes, sahirão logo os que se occupassem em industrias menos lucrativas, para aquellas que mais o fossem: assim quando o imposto sobre os salarios for geral, o effeito recae todo sobre as utilidades do capital; e tal é necessariamente o effeito da lei das decimas, applicada aos lucros, não diremos bem, á recompensa do trabalho; isto é, em ultima analyse aos salarios do trabalhador!

O imposto lançado aos objectos do consumo diario do trabalhador tem por effeito augmentar o salario deste; e tal augmento recae sobre o capitalista, e sobre os consumidores não pertencentes á classe dos trabalhadores.

E como o salario, ou o preço dos serviços dos trabalhadores não pode augmentar, senão augmentando a procura do trabalho, ou diminuindo o numero dos trabalhadores, todo o augmento daquelle preço recae a final sobre os consumidores.

O imposto sobre o salario póde vir a recahir sobre o trabalhador quando o seu effeito for diminuir a procura do trabalho; o consumidor então renuncia ao consumo do genero, ou diminue muito a quantidade deste consumo; este effeito é um obstaculo ao progresso da industria; o trabalhador paga este excesso, quando elle pode pagar o imposto.

Comtudo o imposto sobre o salario augmenta quasi sempre a procura de trabalho; porque não recahindo sobre o capital, não diminuem os recursos que os capitalistas consagrão á industria; e o governo tendo novos meios de comprar trabalho, ou os seus productos, deverá crescer a procura de trabalhadores; e logo que o preço dos salarios chegue ao seu nivel natural, então o effeito do imposto vem a recahir sobre as utilidades do capital, como já vimos; esta ultima causa cessa, quando os novos meios, que o governo adquirio, tiverem por applicação o *pagamento de juros do capital estrangeiro*, e sua *amortisação*; ou os *subsídios pagos e outras nações*; em geral quando esses meios não forem consumidos dentro do paiz, mas forem mandados para fora: neste caso nem augmenta a procura de trabalho, nem o salario s'eleva, e o im-

*posto recahe sobre o trabalhador*, se havendo algum excesso no estalão normal do trabalho, este chega para o pagamento do imposto; se não chega, então o imposto recahe sobre o capitalista,

Deste raciocínio resulta o effeito deste imposto " Que quando o preço do salario excede o estalão normal, se este augmento procede do augmento da procura do trabalho, o imposto recahe sobre o capitalista; mas se não ha augmento da procura de trabalho, o imposto recahe sobre os trabalhadores. ,,

Este principio é de rigor; e será facil, fazendo del-  
le a devida applicação aos factos, deduzir *no estado actual de cousas* a quem mais affectão os impostos indirectos lançados sobre os generos do consumo diario do trabalhador; bem como os impostos directos ( a decima ) lançados sobre o seu trabalho: o resultado está na razão composta destas duas cousas; e *não será difficil reconhecer o que se sente*, isto é, o augmento de preço em todos os generos de consumo manufacturados, e por tanto a necessaria diminuição de procura do trabalho, ou dos productos do trabalho.

Mas redarguir-nos-hão : — O preço dos generos de primeira necessidade está mui baixo; o milho o vinho, &c. estão baratissimos, a vossa theoria é falsa, e desmentida pela experiencia, e ha prosperidade real!! Que cegueira! O que ha na verdade é muito menor consumo desses generos, ou d'outros de que se achão privados os lavradores, e em geral todos os consumidores. E como é que o consumo pode ser menor quando o preço daquelles generos está mui baixo? é uma pura falsidade quanto dizeis, é uma calumnia contra as leis dos impostos, é o espirito de partido que assim vos faz fallar! ....

A resposta seria simples, pedindo a quem assim argumenta que *espraie a vista por toda a parte, que applique os ouvidos ás vozes que os ferem*, os olhos lhe appresentarão o quadro horrivel da miseria e da penuria, e os ouvidos levarão a seu coração, se não *for de pedra*, os ais, e os gemidos da indigencia! *será isto prosperidade!* O consumo é menor, porque os meios para comprar os generos são cada vez mais es-



cassos ; os empregados publicos sem os seus ordenados em dia comem a credito , menos , e mais caro ; a industria productiva caminhando a passos de gigante para a sua ruina , fornece cada vez menos recursos ; o que vemos é prosperar a *industria violenta* , os *roubos* , o *peculato* , a *agiotagem* ; e as *malversações* , como effeito necessario da falta dos pagamentos aos empregados , e agentes do governo , ou antes das leis ; e dos meios aos verdadeiros industriaes. Que importa que um alqueire de milho custe um vintem senão houver esse vintem !

*Mas o nosso actual estado não é o normal , mas sim violento.*

Quando os salarios não forem bastantes para alimentar os trabalhadores faltarão precisamente a offerta do trabalho ; e a maior parte dos trabalhadores perecerá definhando-se ; venderão primeiro os poucos objectos que possuem , e depois virão as epidemias , que os dizimarão , e redizimarão ; até os poucos que restarem farão com que aumente a procura de trabalhadores , agora em proporção com o trabalho existente , e o salario subirá.

Mas cumpre examinar ainda mais os effeitos do augmento dos salarios por causa do imposto sobre elles.

Vimos que o seu mais commum effeito é diminuir as utilidades dos capitaes ; e por tanto como os capitalistas é que o sentem , pouco lhes importa que o imposto seja lançado ao salario directamente , cahindo depois indirectamente sobre elle , como logo directamente ; o mais é , como já em outro lugar notamos , o estorvo que esta diminuição nas utilidades faz ás *accumulações dos capitaes* , cujo augmento , como motor da industria , dá impulso á procura de trabalho ; de modo que ainda por esta forma o prejuizo do imposto affecta os trabalhadores ; e posto que o effeito geral dos impostos seja prejudicar directamente a producção da riqueza , aquelles que recahem sobre os objectos de consumo do trabalhador , são os que mais a affectão.

Este effeito sómente se não dá quando os impostos peçam sobre a renda , sobre o luxo , e sobre os productos nacionaes exportados.

O trabalho é a primeira fonte da prosperidade geral, e do bem estar individual; é d'elle que vem tudo quanto tem valor para o homem; por tanto os impostos que o entorpecem atacão a industria, impedindo, ou dificultando directamente a accumulacão dos capitães; o trabalho é o patrimonio da especie humana, mas em especial da classe laborioza. Os trabalhadores são o capital vivo d'uma nação; — o juro deste capital, e suas utilidades (o seu preço, ou o seu salario) é o que lhes dá os meios d'adquirir certa e necessaria instrucção, e os meios precizos para a conservação de sua existencia, saúde, e forças: por tanto os impostos que tirarem uma parte a estes juros, cuja applicação é a que vimos, fará milhares de victimas.

Os impostos sobre os objectos de consumo diario do trabalhador devem encarecer todos os productos nacionaes: se elles affectassem unicamente os objectos de luxo já estes encarecerião, o que não tem inconvenientes.

O effeito pois dos impostos sobre os salarios, ou sobre os objectos de seu consumo, é diminuir as utilidades do capital, ou a justa remuneração do trabalho.

Toda a doutrina dos impostos sobre salarios se reduz por ultimo aos tres casos seguintes.

1.º — *Quando a offerta do trabalho excede a procura.* Os trabalhadores não podendo augmentar o preço do salario acima do preço do mercado, e sendo elle já insufficiente para supprir á sua subsistencia, o imposto augmenta precisamente sna miseria: neste caso não está a seu alcance augmentar o preço do salario, para que o pague o consumidor.

2.º *Quando a offerta do trabalho iguála á procura.* Este é o estado normal da sociedade; e como neste cazo o salario é sufficiente para a manutenção do operario, o imposto romperia logo este equilibrio, diminuindo a sua subsistencia, pois que elle não pôde augmentar o salario, ou ha-de ser pago pelo empresario d'industria; e este não podendo augmentar o preço de seus productos em proporção ao imposto, seus interesses diminuem como se fossem directamente gravados; e em pouco tempo parará com ella, ou

applicará seus capitães a industria mais productiva se a houver.

3.º *Quando a proeura do trabalho excede a offerta.*  
Neste cazo o preço do mercado excede o preço real, e dado que em tal cazo o operario pode pagar o imposto sem detrimento de sua subsistencia, não pode com tudo fazer economia com que melhore sua fortuna; por outro lado o empresario pagando salarios tão fortes, ainda que effectivamente não pague o imposto, este não o grava menos, porque se não existisse, tendo os operarios mais meios, o progresso da população da classe operaria tambem seria sensivel, e em pouco tempo o equilibrio entre a offerta e a procura do trabalho se restabeleceria, e o preço do salario se reduziria ao preço real.

---

Louis se constitue, funda uma sociedade; publica um volume de seus trabalhos (a), forma finalmente uma *escola*, não uma escola universitaria e estipendiada, mas uma livre reunião de homens, que marchão ao mesmo fim, e applicão ao estudo das sciencias os mesmos processos. Este 1.º vol. de *Memorias*, que promette outrós apoz si, não regularmente, por que os collaboradores de Mr. Louis não se compromettem a achar a verdade em epochas fixas, é precido d'uma exposição dos principios do *methodo*, feita pelo proprio Mr. Louis; é um verdadeiro manifesto, uma profissão de fé, e ao mesmo tempo uma resposta ás objecções dirigidas ao *methodo numerico*. Em nenhuma outra parte poz Mr. Louis tanto cuidado em desenvolver suas ideas, e em estabelecer as regras da observação dos factos; e de sua generalisação. — Não será pois sem interesse passar pelos olhos esta exposição; discutir os seus principios, e apreciar o valor d'um *methodo*, que se annuncia como o unico proprio para colligir os materiaes; e constituir as leis da sciencia. O juizo do publico é tanto mais necessario nestas circumstancias; quanto a *Sociedade Medica d'Observação* não submette os seus trabalhos ás academias. Como todos os innovadores ella tem confiança em si mesma; e sobre tudo não julga poder achar juizes entre os medicos, partidistas por habito, quando não é por convicção, dos *methodos* velhos, que ella vem combater.

Eis donde parte Mr. Louis. = „ Os medicos da antiguidade derão descripções mui imperfeitas das molestias, que observárão; deixárão-nos numerosos preceitos de *therapeutica*, mas destituídos de provas. Os medicos modernos não tem sido mais felizes; suas observações são tão incompletas, que pela maior parte não podem servir para o adiantamento da sciencia; suas doutrinas tem caído em esquecimento á proporção que o espirito d'exame tem feito progressos = „

Depois de ter feito esta triste observação sobre o passado da sciencia, sobre a longa e penosa marcha, que ella atéqui tem feito sem alcançar o seu

---

(a) *Memoires de la Société médicale d'Observation. Tom. 1.er*

Paris é mui propria para favorecer estes poderes rivaes. Não é mister pertencer á Eschola para ensinar a Medecina; todo o medico de partido d'um Hospital pode fazer-se professor de clinica . rodear-se d' alumnos; e se tem talento , bem depressa se apinham aos bandos em volta das camas de seus doentes , e desertarão até das lições do professor da Faculdade.

Longe de nós o intento de deprimir com isto os sabios medicos da Eschola. Mas não se pode dissimular que o ensino da Faculdade se limita a um circulo muito estreito ; fica muitas vezes atrazado , e deixa ganhar a dianteira ao movimento geral das sciencias. A Faculdade vive demasiadamente sobre suas proprias ideas , não faz esforços para ultrapassar um certo nivel; faz-se elementar de mais , abaixando-se ao alcance de seus alumnos , em lugar de os elevar á altura , em que ella mesma deveria collocar-se. O merito dos Professores da Faculdade julga-se , mais do que deve ser , pelo numero dos alumnos , que atrahem a seus cursos ; o ponto mais importante não é encher os amphiteatros , mas expender ideas fecundas. A ignorancia dos discipulos accomoda-se ás vezes mais com a mediocridade , do que com um profundo saber ; e pela minha parte , terei em pouco um professor , que se fizer sempre comprehender por um milhar d'ouvintes.

Não nos devemos admirar d'achar fora da Faculdade homens mais adiantados , habituaados aos methodos severos ; e que comprehendendo melhor os progressos e as verdadeiras necessidades da sciencia , se esforção para corresponder-lhe. Só quero fallar dos homens , que levantão uma especie d'ensino a par do da Eschola , e não dos simples trabalhadores , que em silencio fazem adiantar a sciencia , mas que a não professão. A estes não se devem pedir contas dos motivos do seu zelo ; e é bem sabido que não é necessario ser professor d'uma Faculdade , para enriquecer as sciencias com uteis descobertas.

Mas quando homens , que não pertencem ao ensino , congregão em volta de si alumnos , reúnem um auditorio , professão doutrinas , fundão sociedades . e

finalmente se fazem chefes d'*escola* ; podem-se examinar seus motivos , e sobre tudo seus direitos, e ver se estão ao n'vel da missão , de que espontaneamente se encarregarão.

Um destes homens , que sem ter talvez tal pretensão , sem outra mira , que a vontade de esclarecer pontos obscuros , de substituir uma observação vaga e incompleta por *methodo* mais exacto , se tem cercado d'alunos estudiosos , se tem feito o chefe de sectarios , adherentes a suas doutrinas ; n'uma palavra que tem fundado uma *Eschola* , é Mr. Louis.

Mr. Louis é , como sabemos, Medico do Hospital da Piedade (*Hopital de la Pitié*) , para onde foi nomeado depois de ter ido a Gibraltar observar a febre amarella. Tinha viajado primeiro na Russia. Tinha-se feito conhecer no Hospital da Caridade (*Hopital de la Charité*) por profundos estudos , e minuciosas indagações sobre a phthisica , sobre a febre typhoidea , o pleuriz , o rheumatismo , &c.<sup>a</sup> Estabeleceu muitas leis com o auxilio do *methodo numerico* , de que fez uma applicação particular ao estudo das molestias : e como este *methodo* tem feito uma certa bulha no mundo ; como tem excitado bastantes discussões ; como serve de bandeira aos defensores , e de alvo ao adversarios de Mr. Louis ; como em fim está de novo posto em questão neste momento , mesmo na Academia de Medecina , não podemos dispensar-nos de dizer a seu respeito algumas palavras.

Mr. Louis é um espirito exacto , e sceptico , inimigo dos — *pouco mais ou menos* ; que bem cedo se desgostou da pouca exactidão , que a maior parte dos auctores tem empregado na descripção dos factos. Propoz-se substituir as palavras *algumas vezes* , *muitas vezes* , n'um certo numero de casos , ordinariamente , por algarismos , cujo valor fosse o mesmo para todo o mundo ; que se podessem juntar uns aos outros , e addiccionar de maneira , que apresentem no fim d'um certo tempo um total respeitavel , d'onde saíssem naturalmente leis a salvo das interpretações , e dos systemas.

Mr. Louis igualmente comprehendeu a vantagem de applicar-se com tanto cuidado ao exame dos fa-

ctos miudos, e á observação dos phenomenos os mais communs e os mais vulgares, como tem empregado muitos auctores em colligir os factos exceptionaes, e em indagar os phenomenos raros e curiosos. Em fim assentou que para um bom observador o resultado era indifferente, e nada tirava ao merito de suas indagações: como só a verdade se procura, pouco importa que ella seja favoravel ou contraria a tal ou tal opinião recebida. Mr. Louis não fez consistir sua gloria em achar outra couza, ou em provar por outro modo, que seus predecessores; conheceu que tanto merito havia em confirmar por provas numerosas e solidas, verdades duvidosas e mal estabelecidas, como em fazer novidades; porque, repito, a unica couza interessante para nós, é a verdade.

Não quer isto dizer que dos trabalhos de Mr. Louis não tenha resultado novidade alguma: veremos o contrario: mas queremos somente mostrar que para elle toda a verdade tem seu preço, e o ponto importante é estabelecê-la sobre uma base duravel.

Mr. Louis entrou a trabalhar sem curar do resultado, e esta differença, ou antes mesmo esta independencia, era um fiador certo de boa fé, e d' imparcialidade. Desligado de tudo o que ordinariamente suffrea estes sentimentos nos homens; não tendo amor algum a suas proprias opiniões; não as estimando em mais do que as dos outros; seus passos não podião deixar de ser livres e francos; e não havia receio de que sacrificasse alguma couza ao triumpho d'um sistema.

Mr. Louis tomou por modelo os trabalhos dos physicos, como aliás ostentão fazel-o, sem tanto direito como elle, todos os medicos desde o primeiro até ao ultimo. Como se houve Mr. Arago, perguntou elle, para descobrir as relações, porque as perturbações da bussola estão ligadas com a apparição de certos phenomenos meteorologicos, taes como as auroras boreaes? Este celebre astronomo não cavou na imaginação: para perceber estas relações nada poz de sua casa; tomou o mais simples e mais seguro caminho: n'uma palavra pôz-se a observar a marcha

da agulha magnetica, e a apparição das auroras boreaes; mas não se contentou com observações vagas e approximativas: notou hora por hora a posição da agulha; inscreveu cada observação regularmente; e quando teve um sufficiente numero d'algarismos, reuniu-os; addicionou-os; comparou-os com o numero das auroras boreaes; comparou as epochas; e desta forma vio naturalmente que estes dous phenomenos, tão remotos, tão diversos, marchavão sempre a par; adquirio para a sciencia um facto novo, uma descoberta importante; e como este facto não se funda sobre uma concepção, mas sobre a observação, não depende d'outro posterior o desmentil-o: e está tão solidamente estabelecido, quanto o pode fazer um homem neste mundo. — E' pois assim que devem proceder as sciencias, e particularmente a medecina, se quer um dia por-se a par das sciencias positivas, e não ser posta em questão todos os dias. — Mr. Louis, fiado mais que nunca na bondade de seu *methodo*, tem tratado de colligir factos com todo o cuidado e exactidão possíveis, sem desprezar, nem ommittir couza alguma; não lhe tem fallecido o tino, nem a perseverança: não tem cedido nem ao tempo, nem ás miudezas das particularidades; todos os seus sentidos tem trabalhado; e bem sabido é quanto se acha exercitada a finura de seu ouvido, como elle maneja a percussão e a auscultação; quanto em fim é seguro seu diagnostico.

Ainda nos recordamos do tempo, em que era motivo de riso ver Mr. Louis sentado á cabeceira d'um pobre phthisico, passando horas inteiras a examinal-o, e a perguntal-o; escrevendo minuciosamente a historia de toda a vida do seu doente; querendo conhecer até as menores particularidades, as menores circumstâncias, remontando até ao pae e mãe, aos irmãos e irmãs, cujas molestias tinhão alguma relação com a d'elle, notando cada dia os progressos do mal; seguindo sua marcha até ao fim; e por ultimo completando sua observação pelo exame de todos os orgãos, e pela exacta descripção de todas as lesões. — Pelo cuidado, que empregava nestas observações, pelo escrupulo que tinha em nada despre-



zar, parecia que Mr. Louis tratava d'alguma molestia rara, curiosa, e mal conhecida; e que queria enriquecer a sciencia com um facto, que ainda não possuía: porque, a ser phthisica, que poderia elle achar nesta molestia, tão antiga, e tão commum, que não tivessem observado tantos outros medicos antes d'elle? Mas é exactamente applicando-se aos factos os mais vulgares, que Mr. Louis mostrou quanto a descripção delles é muitas vezes menos completa, que a dos casos raros; porque estes excitão um interesse e uma curiosidade, que aproveita á sciencia. Em fim quando Mr. Louis reuniu um sufficiente numero d'observações, depois de as enumerar, analysar, e comparar entre si, appresentou, não uma opinião mais ou menos provavel, mas sim resultados fundados em algarismos, deduzidos d'uma addição, e rigorosos como a propria arithmetica.

Desd' então o *methodo numerico* foi, não fundado, porque não é uma creação nova, mas applicado ao estudo das molestias: desd' então ninguem mais serio da maravilhosa paciencia de Mr. Louis, e de sua coragem para recommençar a observação das molestias, como se ella nunca tivesse sido encetada. — Seu *methodo* foi tomado em tom serio, foi atacado e defendido: Mr. Louis continuou sem se alterar. contentando-se de responder a seus adversarios, que elle não fazia outra couza mais do que fazem todos os medicos; que elle somente substituiu ao calculo approximativo sobre que ordinariamente se fundão as opiniões, um calculo positivo; e que em vez de dizer = *vi muitas vezes: tal meio tem tido bons resultados na maioria dos casos* = queria antes poder dizer = *Vi 8 vezes sobre 10: curei 12 doentes sobre 15 por tal methodo.*

Durante longo tempo a escola de Mr. Louis não se fez conhecer senão por trabalhos particulares, por artigos de Jornaes, e por algumas discussões academicas. Eu não fallo dos numerosos alumnos, que attrahidos pela reputação do mestre, tem já levado seu *methodo* ate aos paizes estrangeiros: nós não nos deviamos occupar deste *methodo*, em quanto elle não saía fora dos limites d'um hospital; mas agora a doutrina de Mr.

Louis se constitue, funda uma sociedade, publica um volume de seus trabalhos (a), forma finalmente uma *eschola*, não uma *eschola* universitaria e estipendiada, mas uma livre reunião de homens, que marchão ao mesmo fim, e applicão ao estudo das sciencias os mesmos processos. Este 1.º vol. de *Memorias*, que promette outrós apoz si, não regularmente, por que os collaboradores de Mr. Louis não se compromettem a achar a verdade em epochas fixas, é precido d'uma exposição dos principios do *methodo*, feita pelo proprio Mr. Louis; é um verdadeiro manifestô, uma profissão de fé, e ao mesmo tempo uma resposta ás objecções dirigidas ao *methodo numerico*. Em nenhuma outra parte poz Mr. Louis tanto cuidado em desenvolver suas ideas, e em estabelecer as regras da observação dos factos, e de sua generalisação. — Não será pois sem interesse passar pelos olhos esta exposição, discutir os seus principios, e apreciar o valor d'um *methodo*, que se annuncia como o unico proprio para colligir os materiaes, e constituir as leis da sciencia. O juizo do publico é tanto mais necessario nestas circumstancias, quanto a *Sociedade Medica d'Observação* não submete os seus trabalhos ás academias. Como todos os innovadores ella tem confiança em si mesma; e sobre tudo não julga poder achar juizes entre os medicos, partidistas por habito, quando não é por convieção, dos *methodos* velhos, que ella vem combater.

Eis donde parte Mr. Louis. = „ Os medicos da antiguidade derão descripções mui imperfeitas das molestias, que observarão; deixarão-nos numerosos preceitos de *therapeutica*, mas destituídos de provas. Os medicos modernos não tem sido mais felizes; suas observações são tão incompletas, que pela maior parte não podem servir para o adiantamento da sciencia; suas doutrinas tem caído em esquecimento á proporção que o espirito d'exame tem feito progressos = „

Depois de ter feito esta triste observação sobre o passado da sciencia, sobré a longa e penosa marcha, que ella atéqui tem feito sem alcançar o seu

---

(a) *Memoires de la Société médicale d'Observation. Tom. 1.º*

fim ; Mr. Louis pergunta a causa d'um tão deploravel erro. Não é nem o trabalho , nem o genio , que tem faltado á medecina : quantos nomes famosos não vemos consagrados pela historia desde Hippocrates até Morgagni , até aos Corvisart , Pinel , e Laennec &c. ! que tem faltado a estes trabalhadores infatigaveis , a estes sabios de primeira ordem , a estes homens de genio , para observar a natureza , e deixar-nos monumentos duraveis ?

Ha 40 annos , diz Mr. Louis , podia-se ainda fazer uma semelhante pergunta a respeito das sciencias positivas , taes como a physica e a chimica : os homens de genio não lhes tinham faltado , e com tudo só depois desta epocha é que fizeram rapidos progressos. Que meios pois empregou a chimica ? quiz a exactidão , pezou e contou , calculou *tudo*.

A causa , que conservou por tão longo tempo a chimica na infancia , isto é , a falta de methodos rigorosos , obrou da mesma sorte sobre os destinos da medecina ; parece que esqueceu na pratica , o que se admittia em principio , que a medecina é uma sciencia d'observação. Uma vez admittida esta proposição , diz Mr. Louis , uma só couza havia a fazer. e vem a ser , observar com exactidão e indistinctamente todos os factos , considerar cada doente como um problema a resolver , interrogar *todas* as funcções durante a vida , descrever *todos* os órgãos depois da morte ; e depois de ter colligido um sufficiente numero de factos semelhantes , analysal-os com cuidado , e tirar delles as consequencias. Em lugar disso tem-se colligido somente factos incompletos , e tem-se querido resolver o problema sem ter para isso todos os dados.

Não impugnaremos a exactidão destes principios. e seria fora da razão querer criticar a feliz applicação , que Mr. Louis fez delles a trabalhos , em que brilham uma exactidão escriptural , uma riqueza de promenores e resultados novos , que só a estatistica podia pôr em evidencia. As *Memorias* que acaba de publicar a *Sociedade Medica d'Observação* justificação bem a excellencia deste *methodo*.

Mas como por certo ha-de acontecer que os prin-

cípios de Mr. Louis sejam mal interpretados ; como por muitas vezes já nos pareceu que se exaggeravão as vantagens do seu *methodo* ; julgamos dever mostrar o que se pode esperar d'elle , os serviços que elle é capaz de prestar á sciencia , e as illusões , que poderia produzir ; tanto mais , quanto nos parecem em demasia absolutas certas phrases da propria exposição de Mr. Louis.

Que as observações dos antigos são imperfeitas , que se não acha um só ponto da sciencia tratado completamente n'um auctor , não digo dos seculos , mas dos annos passados ; que a mór parte dos preceitos deixados pelos antigos medicos não se fundão sobre um numero sufficiente de factos bem descriptos , bem analysados , bem pezados e contados ; tudo isto é innegavel : mas como julgaremos agora estes factos , em que ponto de vista nos poremos para apreciar a sua exactidão ? do ponto de vista elevado , a que os progressos do sciencia nos tem conduzido , e do qual nós podemos descobrir aquillo , que mais em baixo se não percebia. Vemos hoje o que falta ás observações de nossos antecessores , porque á medida que nós subimos , o horisonte se alarga diante , e nossa vista abraça uma extensão mais consideravel. Mas o que nos não deve esquecer é que em cada epocha os bons observadores tem tido a intenção de serem tão completos , quanto é possivel ; e com effeito elles não tem deixado d'observar tudo o que sua vista , tudo o que seu espirito podia attingir com o auxilio dos meios e dos instrumentos , que possuião ; elles tem applicado ao estudo da natureza tudo o que seu genio lhes tem inspirado ; elles tem levantado algumas pontas do véo , e não é culpa sua , nem ainda dos *methodos* , se não tem podido rasgar-o d'alto abaixo. Elles não podião por exemplo , referir á 1.<sup>a</sup> vista os symptomas da paralyisia a um pequeno deramamento de sangue através de substancia cerebral ; da mesma sorte que antes da descoberta do Novo Mundo se não podia construir uma Carta Geral do globo.

Mas , haverá quem diga , que se o *methodo numerico* tivesse existido , que se methodicamente se ti-

vessem os observadores applicado a examinar todos os órgãos, a não desprezar miudeza alguma, não se teria deixado de reconhecer mais cedo a relação existente entre o derramamento de sangue no cerebro e a paralyisia dos membros; entre o desenvolvimento dos tubérculos nos diversos órgãos e a existencia desta mesma materia nos pulmões; que para isto bastava ver, notar todas as lesões, colligir factos, e contal-os. Responderei que só se observa bem o que se suspeita, e o que se procura: eu não creio nas grandes descobertas, que per si mesmas apparecem no fundo d'uma columna d'algarismos, e de que se dá fé, fazendo somente uma addicção.

Não nós acontece todos os dias lendo experiencias e observações, não notar um facto, que mais tarde nos fará impressão justamente no momento, em que este facto nos interessar, e em que nós o procuramos? Pois bem, o mesmo acontece quando lemos a natureza, e para isto não quero outras provas, além dos trabalhos do proprio Mr. Louis, ou dos medicos de sua eschola.

Por certo que não é cousa facil apanhar Mr. Louis descuidado; sua vista é penetrante; seu espirito rigoroso; suas observações colligidas com mão de mestre, e nellas não se conhece pela maior parte das vezes vacuo algum: mas que prova isto? que Mr. Louis é um excellente observador; porem não que seu *methodo* seja infallivel, e que por meio d'elle se possa chegar a mais, do que a verdades relativas. Nelle, como em todas as obras humanas, se encontra o provisorio, porque o definitivo e o absoluto não são deste mundo.

Mas pressente-se bem que não sou eu quem posso so demonstrar o que falta aos trabalhos de Mr. Louis. Para isto seria necessario que eu fosse mais longe do que o ponto mesmo, a que elle chegou; e ninguém me supporá tal pretensão. Não é a mim que isto está hoje reservado, mas se-lo-há á manhã a outro qualquer, quando a sciencia tiver progredido mais um passo.

Curemos por tanto de citar alguns exemplos, proprios para fazer comprehender todo o meu pensamento.

Mr. Louis descreveu a historia da febre typhoidea, e das lesões, que se encontram nesta molestia, com um talento, com uma penetração e uma exactidão mui notavel: por certo que nada omittio, nada desprezou de tudo aquillo, que lhe pareceu proprio para esclarecer as causas, o principio, a marcha, e as alterações desta terrivel enfermidade: tudo o que sua sciencia medica lhe poudo inspirar; tudo a que a severidade de seu juizo, e sua rigorosa exactidão lhe permittirão observar; tudo o que poudo cair debaixo de seus sentidos, de seu espirito, e de seu escalpello, foi escrupulosamente notado. Um tal trabalho é um verdadeiro serviço, prestado á sciencia; e jamais será inutil consultal-o; mas para completal-o já hoje lhe falta alguma couza; e passados alguns annos, quem quizer refazer a historia da gastro-enterite, não achará nas observações desta molestia, colligidas por Mr. Louis, tudo o que lhe for necessario encontrar alli. Mr. Louis terá sim fallado da cor das materias no jejunió, mas não terá dito se ellas são acidos ou alcalinas; se ellas continhão os elementos do sangue, ou animalculos, como Leuwenheek diz têl-os visto em liquidos analogos; o sangue tambem não foi observado por Mr. Louis; sua fibrina não foi separada, sua consistencia apreciada, &c. &c. — E note-se bem que eu não antecipo sobre o futuro; não faço supposições; não imagino factos, aos quaes só descobertas futuras darão nascimento: pelo contrario colloco-me no meio da sciencia tal qual ella é, com os meios, e com os recursos, de que ella pode actualmemente dispor. Não que eu queira taxar a Mr. Louis de ser incompleto em suas indagações (nem Deus tal permitta!), quem terá a pertença de ser completo? Mr. Louis forneceu com mão larga bons e solidas materias; o que elle não fez, o que elle não vio, outrem o verá e fará; e é assim que os elementos da sciencia se accrescentão de dia em dia; nem é dado a um só homem fazer tudo, mesmo em um só ponto.

Longe pois de rejeitarmos os documentos incompletos, que nos transmittirão os bons observadores antigos, devemos recolhel-os, conserval-os incessan-

temente com o maior cuidado. Ha sempre em um homem superior, quando interroga a natureza, observações justas, pontos bem apanhados, que não são para desperdiçar: o que falta n'um, acha-se n'outro; e é assim que uma epocha ajunta para a seguinte, e que os factos se estabelecem. Ha muita moeda falsa nesta riqueza, que nos tem legado, mas ficaríamos bem pobres, se renunciássemos esta herança. Nós pela nossa parte seremos tambem para nossos successores o que nossos antecessores são para nós; e assim vai a sciencia e o mundo.

Seria pois, a nosso ver uma pretensão exaggerada, o querermos rejeitar os antigos materiaes, a datar do dia de hoje a bôa observação; seria demais disso um grande erro crer que nos será permitido com o auxilio de nossos methodos aperfeiçoados, chegar a outra couza alem d'uma superioridade d'observação relativa: nós ficaremos tanto abaixo dos seculos futuros, quanto estamos acima dos seculos passados.

Adianto ainda mais, e sustento que seria mais facil a um homem, profundamente erudito, de fino juizo, e a par da sciencia, tratar a fundo a historia d'uma molestia com os materiaes dispersos, que actualmente existem, do que indo por si mesmo á busca dos factos, não se aproveitando mais do que de suas proprias observações. Sem duvida que resta uma multidão de pontos para esclarecer: e é a isto que devem applicar-se nossos methodos, e nossas investigações. Eu tambem sou daquelles que pensão que a sciencia da medicina está em grande parte por fazer; mas não deixa por isso de ser uma illusão imaginar que nossa sciencia, apesar de sua imperfeição, não possua mais dados sobre a maior parte das molestias, do que seria possivel a um só homem adquirir em dez annos.

A proposito dos progressos da medicina falla-se das sciencias phisicas; citão-se os que a chimica tem feito desde que se trata de analysar com cuidado, pezar regularmente, e contar: eu por mim creio que a immensa impulsão dada a esta sciencia lhe vem d'uma causa mais poderosa e mais elevada; a bella theoria de Lavoisier sobre a combustão tem por certo contribuido mais para este movimento, do que todas

as analyses de Vauquelin ; e para mostrar que não basta pesar e contar , reflecta-se que Scheele tinha visto tambem que o ar , em que se faz arder um corpo , diminue de volume ; tinha medido esta perda ; outros tinham igualmente notado este facto antes d'elle ; mas que tinha dahi resultado para a sciencia ? uma theoria engenhosa , na qual se combinava esta porção d'ar com o phlogisto para o fazer escapar para fora , e produzir o calor ; ate que Lavoizier veio com o seu genio mostrar que este ar se combinava com o corpo queimado , se solidificava , e que desta combinação resultava o calorico , que não é nem corpo , nem substancia divisivel e ponderavel ! Eis o que fez dar um passo immenso á sciencia , o que a fez entrar em uma via nova e fecunda , e lhe revelou bastantes mysterios !

O mesmo acontece com as grandes descobertas em medicina ; e para não trazer continuo á memoria as da circulação do sangue , da vaccina , e da quina ; digo que aquella que substituir o actual romance sobre a digestão por uma boa theoria desta funcção , fará por certo dar um maior passo a esta parte da sciencia , e á historia das molestias do estomago , do que o farião todos os factos colligidos pelos melhores methodos sob a influencia das ideias reinantes.

A comparação com as sciencias exactas é por outra parte mui propria para illudir. Entre um e outros phenomeno physico , taes como , a dilatação do mercurio no thermometro , e a elevação da temperatura ; a altura da columna barometrica , e o pezo do ar ; as perturbações da agulha magnetica , e a apparição das auroras boreaes ; &c. , as relações são simples , faciles de perceber no seu todo , de contar , e de addicionar. A estatistica é d'uma applicação segura á solução d'um problema , que consta de poucos elementos. Não assim os phenomenos naturaes , e os que dependem da vida dos seres organizados : nada ha mais complicado do que esta ordem de couzas , e antes de resolver uma questão por algarismos , e por uma addição , é necessario que factos numerosos tenham sido observados , verificados repetidas vezes , em circumstancias convenientes , por espiritos exactos , e d'uma probidade scientifica a toda a prova.



Não fazemos applicação disto a Mr. Louis : elle sabe muito melhor que nós a arte d'observar bem, e não ignora que os maiores inimigos do *methodo* que defende, são os seus partidistas exaltados, superficiaes, ou apaixonados. Se algumas de suas pretenções nos parecem exaggeradas, nem por isso consideramos o seu *methodo*, como menos proprio para prestarmos grandes serviços, e o unico capaz de satisfazer os observadores severos, e os espiritos rectos.

( *Ex. do Jornal des Débats. 6 Junho 1837.* )

---

---

D. SEBASTIÃO O ENCOBERTO.

---

Com este titulo acaba de publicar-se um brilhante ensaio de litteratura *romantico-poetica*, que denunciando a vastidão do genio do autor, é não menos um documento cabal do muito que tem aproveitado da leitura dos nossos classicos, e com especialidade do mais moderno de todos, do, não ha muito tempo falecido, o respeitavel Francisco Manoel do Nascimento, cuja elocução o autor tomou por modelo; e na verdade nos parece ter não só imitado, porem ainda talvez perpassado, pelo menos na obscuridade da construcção grammatical, e no guindado da elocução; pois se os termos escolhidos, e muito *adrêde* empregados, são de cunho e mais puro e casto; se aquella (salvo alguma rara excepção, e talvez por apoucamento de nossa intelligencia) é sempre regular, não podemos com tudo deixar de dizer que, com quanto nos foi aprazivel a leitura do engenhoso *Romance-poema*, com quanto então admirassemos a imaginação do poeta, e a litteratura do erudito, pareceu-nos que nem sempre a propriedade dos termos foi a mais adequada. que muitas vezes tambem nos pareceu ella forçada, e nascida da intenção anticipada de ressuscitar alguns termos obsolêtos, mas sem duvida classicos; e quanto á construcção, posto que mui de *proposito* carregada de *tropos*, e *figuras*, nem por isso ficou mais *romantica*, e amena; ao contrario abstruza, difficil, e excogitada; de modo que por isto grande numero de versos offerece rispídos e ingratos ao ouvido, sem aquella suave harmonia que prende o leitor, antes o repelle, e afasta; e não podemos entender que o *arrojo de pensamentos* que a poesia demanda, exija tanto da construcção grammatical, e de escolha de termos obsolêtos, e antigos, que seja mister sacrificar-lhe a me-

lodia, e o canôro do verso, tornando *descommunal* a elocução e a phrase! Estaremos em erro, sere-mos faltos da *uncção* romantica, não abundaremos em litteratura dos nossos classicos, constituir-nos-hemos talvez em temerarios, rigidos, e até incompetentes censores do, todavia precioso, Romance-poema, de que estamos dando conta a nossos leitores, mas não poderá negar-se, que junto a uma grande eru-dição, a uma vasta imaginação poetica, o genio fe-cundo e brilhante do auctor não offerece ao leitor a-quella doce harmonia, aquelle *enlevo d'alma*, aquelle bater do coração que lhe dá a leitura dos Lusíadas, do Affonso Africano, da Ulissea, do ameno Bernar-des, do *magestoso* Elpino, e de muitos outros assim antigos como modernos, sem mesmo exceptuar o e-rudito, e admiravel Filinto, modêlo do nosso autor. Preciza o leitor, para bem entender o Romance-poema, applicar-lhe tanta attenção quanta quasi de-manda o estudo da mathematica: e por vezes nos pareceu haver-nos sido mais facil entender as *func-ções analyticas de Ligrange*, que outrora estudamos, que agora o Romance-Poema: não será assim, e mui-to folgaremos nós que o não seja, que não somos nós eivados d'inveja nem pretendemos disputar os lou-ros, que de mui bom grado entendemos haver o au-tor merecido; mas é nossa convicção que bem lon-ge de vermos deslizar diante de nossos olhos um es-tilo attrahente, melodioso, *suavemente romantico, na-turalmente reinontado*, topamos com transposições for-çadas, estudadamente arranjadas, com versos rispi-dos, arranhando os ouvidos, e o coração; e com uma affectação de elocução tão singular, que ( será por mingoa de litteratura nossa ) não encontramos em Gil Vicente, mesmo em Jorge Ferreira de Vasconcellos, e até no proprio Filinto; e deste particularmente na traducção dos Martires e do Silio Italico, que com quanto muitas vezes abstruza é forçada é todavia um modêlo, e quasi sempre um enlêvo. Sublime é por certo o estilo do Romance-poema, admiravel o entre-cho, *romantica* na verdade a idéa, fecunda a imagina-ção do poeta, vasta a erudição do autor, mas nem por isso o consideramos ameno, e delectoso, posto

que o tenhamos por muito instructivo, e rico em linguagem em algumas boas e felizes comparações, e em pensamentos sublimes: reputamos mesmo esta original producção, como uma aquisição nova da nossa litteratura, que por esta deve ser acolhida e honrada, dando-lhe um lugar distincto em seu alcaçar. Parece-nos que se muito *adrêde* o auctor não rechea tanto o seu Romance-poema de *tropos e de figuras*; se seguisse mais, sem os forçar, os vãos da sua imaginação; se não estudasse tanto em fazer transposições continuas, que tanto enlevão, quando raras, e espaçadas, quanto fatigam quando repetidas, e successivas, esta nova producção, com quanto admiravel, sublime, e em nosso pensar preciosa, fôra lida com mais aprazimento, com mais deleite, e talvez sem inferior attenção, e com mais interesse.

Posto que a imprensa periodica tenha já dado conta do assumpto e entretcho do poema, nem por isso nos julgamos desobrigados de o fazer pelo modo que o entendemos. E' elle composto em cinco cantos: no primeiro começa o poeta descrevendo a *madrugada seguinte* ao terrivel dia 4 d'Agosto de 1578; Elrei D. Sebastião desfallecido, e quasi exanime procurando hospitalidade na isolada habitação do velho Ismael, Moiro, que outrora fôra mui valido na côrte do Xeriffe; um cavalleiro Moiro, Selim, filho d'Ismael, a quem o rei havia na força da batalha salvado a vida, porque pouco cavalheiramente estava a ser morto por alguns Portuguezes, contra os quaes o Moiro valentemente se debatia, reconhece o rei vagueando no campo da batalha entre os mortos e moribundos, e cobrindo-o com seu proprio manto, o toma na garupa, e o conduz fora do campo a sitio donde lhe aponta a casa do pae, e á qual deve ir procurar azilo, em quanto que elle vai á Côrte cumprir outra missão; é nestes termos, e quando o velho Ismael, e sua filha Zilla choravam morto na batalha o filho e irmão, que o Rei bate á porta pedindo hospitalidade a inimigos, entre os quaes com tudo é a hospitalidade virtude privilegiada; e ao receber-o reconhecem o manto de Selim, que julgaram por certo morto pelo incognito guerreiro portuguez;

mas nem por isso a hospitalidade lhe é negada, ao contrario o velho o acolhe compassivo, e a filha carinhosa lhe presta soccorros medecinaes, que lhe havia ensinado uma Moira; ambos o agazalham fazendo o reclinar sobre um divan moirisco: é neste momento que entra o Moiro Ali, companheiro d'armas de Selim, e amante de Zilla, e sem reparar ainda no recostado e desfallecido incognito começa a contar o theor da batalha; o como, e por quem o irmão fôra salvo, as proezas que os Moiros fizeram, bem como as suas proprias, numerando entre ellas a de elle mesmo haver morto o rei dos Portuguezes; e por tal modo exaltava suas façanhas menoscabando o valor portuguez, que o rei que como moribundo o escutava, não podendo conter-se mais, e fazendo um esforço, procura a espada, para responder ao Moiro, que nelle reconhece o rei christão, supposto morto!

São na verdade muitas as bellezas que neste primeiro canto se encontrão, e muito mais realçarião ellas a não ser aquelle defeito, se o é, a que temos alludido! Começa elle:

„ Donde vindes, ó briza! donde vindes  
 „ Co' o invergar diaphano tão prenhe  
 „ De fresquidão, de meigas harmonias?  
 „ Os fogos do teu manto nigri-cérulô  
 „ Ao celeste roubaste-os veu nocturno?

E' sem duvida poetica esta invocação, mas a transposição do quinto verso é dura, e desnecessaria; continua porem bella, e verdadeiramente sublime:

„ O' Zephиро sombrio, tanto luxo  
 Para quem é, tanto esplendor, e galas?  
 ... ..  
 e ... .. “ O' puras brizas,  
 „ Dizei-o! — o dia apenas ha fugido  
 „ Ajoujado de calma, ardor, e fogo;  
 „ Apenas se sumiu: e eis já vindes  
 „ Tão frescas adejando sonoras?! ...

E' na verdade bella esta allusão ao dia antecedente 4 d'Agosto, em que se déra a ominosa batalha d'Alcacer-quivir. — E' não menos bello o seguinte:

„...” Fogem,  
 „ Umas sobre outras rolam, como as ondas,  
 „ As idades do mundo, — e por imperios  
 „ Quaes tendas de um só dia, outros imperios  
 „ Sumiram-se !... nem o peregrino encontra  
 „ Essas médas d'arêa, que inda hão visto  
 „ No deserto, os que lá passaram crastinos !....

porem julgamos que a *crastinos* do ultimo verso, ainda que exprime a idéa do poeta, refferindo-se aos peregrinos que pelo deserto passassem *um dia depois*, torna a construcção pouco regular; mas é na verdade sublime o resto de toda esta, que chamaremos estancia; na seguinte porem parece-nos muito forçada e desnecessaria a seguinte transposição, pois que o pensamento poderá exprimir-se por modo mais claro, e em verso talvez mais suave :

.....  
 „ Uma isolada estancia entre sicómoros;  
 „ Piedozo moimento, onde carpir-se  
 „ Vem saudade materna *parecendo*;  
 e outro tanto diremos da seguinte,

„ Pesada cahe a loisa do sepulchro  
 „ Mas sotopõem o olvido a ferros *males*,  
 „ E após descanso eterno ! ...

E' excellente, poetica, e expressiva a resumida narração da batalha que faz Ali,

— „ A'larma, a'larma, ó bravos,  
 „ A trompa reboôu, e o écho ao longe  
 „ Repercutiu: a'larma !... N'um instante  
 „ Mais velozes, que o aquilão infrêne,  
 „ Ambas as hostes rompem, nos dois pólos,  
 „ Com azas sombrias, se expandiam  
 „ Legiões temerozas, fôgo espirra,  
 „ Morde o freio impotente, sorve a terra  
 „ Intrepido ginete; mas ainda  
 „ O raio atreador descança, ainda !  
 &c.

e mais que muito excellente e fecunda a comparação que na estancia 21 se faz d'um campo da batalha

juncado de cadaveres de combatentes antes de mortos, com o embate de duas torrentes despenhadas em um mesmo leito;....

„ Quando duas torrentes fragorozas  
„ Em catadupa espumea se despenhão  
„ De quebradas oppostas, cahem ambas  
„ No leito muito exíguo a um tempo, embatem  
„ Indignadas as ondas se guerreiam! ....  
„ De cerrado escarcéo *ares* s'encheram,  
„ Que humida nevoa enturva *escurecidos*,  
„ E da queda o trovão abala as plagas;  
„ Mas o furor que guardam n'um só leito,  
„ Mas essa dura briga, que se travam  
„ E' frustrada! ... lá rodam misturadas.  
„ Suas ondas: — unidas se devolvem!

E' toleravel aqui a transposição dos *escurecidos* *ares*; porem mui pouco nos parece a seguinte:

„ A morte a êsmo vò! ... inteiro acaba  
„ Este, quando já a outro se lhe espraíam,  
„ Como o tronco fraudado de sete *ramos*,  
„ Pelo pó torpe os membros decepados; &.

Não passaremos sem mencionar os seguintes versos, em que Ali, referindo como dera a morte ao Rei diz

..... „ Porem a longa affronta  
„ Que temos soffrido aos Luzos tanto tempo,  
„ Vai ser lavada, e já!. Com esta adága  
„ Eu mesmo o commetti! a ensanguentada  
„ Fronte lhe bandeou, como o alto tope  
„ Do freixo aos crebros golpes do machado;  
„ E pendeu... e pendeu! e cahe!... Inulto?  
„ Inulto, não!!! de subito murmura  
„ Atterradora voz; — e agora mesmo ....

E' admiravel o pensamento da estancia 28, quando dá conta de como D. Sebastião fôra salvo

„ Desse campo infausto'  
„ Onde o brilho, o primor, a gala, a pompa.  
„ De portuguezes se apagou; e aonde  
„ Lago de sangue escorre, e se enfeixava

„ Basta messe d'extinctos; se levanta  
 „ Qual torvo espirito , que entre mortos folga.

No resto deste canto ha bellezas continuadas ;  
 ha viço , por assim dizer , d'imaginação , ha sublimi-  
 dade de pensamentos e de poezia , mas um pouco  
 sacrificado tudo isto ao estilo , que por forçado , faz  
 desbotar tanta belleza.

Oh ! que amena seria esta leitura se á natureza  
 cedesse o artificio ! se o genio fecundo do autor não  
 se prendesse , com o lemaranhado da construcção ! ....  
 E tambem nós prevemos a censura que os fanaticos  
 sobre nós desabam ... paciencia ! ... Em 1839 não  
 pode , por mais que o queiram , prosperar , ou ressus-  
 citar-se estilo obsoleto ! ...

Porque , se sabemos que Horacio disse ,

*Multa renascentur , quæ jam cecidere , cadentque ,  
 Quæ nunc sunt in honore vocabula , .....*

Tambem não ignoramos que elle restringiu esta  
 sentença com a clausula

*si volet usus*

*Quem penes arbitrium est , et jus , et norma loquendi*

Tambem sabemos que Aristoteles , na sua poetica ,  
 defende a novidade de muitas palavras usadas por  
 Homero , e reprehende os criticos que por isto cen-  
 suravam o Poeta Grego ; e lemos em Isocrates ( na  
 vida de Evagoras ) ter este grande orador a mesma  
 opinião que Aristoteles ; opinião seguida por Cicero a  
 respeito dos oradores , que amplifica ainda a favor  
 dos Poetas , dizendo ,

*In utroque frequentiores sunt et liberiores Poetæ ;  
 nam et transferunt verba , cum crebrius , tum etiam  
 audatius ; et priscis libentius utuntur , et liberius no-  
 vis : mas o si volet usus de Horacio tem tal força  
 que não é licito despeital-a , incorrendo-se pela sua  
 inobservancia muito justa censura.*

O *nequid nimis* deve , nos parece , andar sempre  
 ligado ao *si volet usus* , e dentro destes limites , quem  
 poderá censurar a resurreição de palavras antigas , se  
 ellas exprimem competentemente as ideas , quando  
 outras equivalentes não haja , novas ? mas qual ouvi-



do se não ressentirá quando outras em uso commum são substituídas desnecessariamente por aquellas, e muitas vezes forçada e affectadamente! Nós bem sabemos, por exemplo, que *fedi-frago* foi usado por Fr. Bernardo de Brito, e da Monarchia Lusitana a *desenterrou* Filinto Elisio, se com alguma propriedade no argumento da traducção do Silio Italico, um tanto forçadamente pelo nosso illustre Poeta no canto 5.º; e temos para nós que sempre hade *cheirar* mal aquelle *fedi-frago*, com quanto tão auctorizado.

Neste mesmo canto começa o poeta a indicar quem é este moiro Ali, cujo nascimento só sabe Ismael, e de quem a historia vem mais explicita no canto 2.º dando-o como filho de Zara, irman d' Ismael, e de um hespanhol, que por ver seu thilamo polluido por um cavalleiro portuguez, depois de assassinar este, e a espoza infida, fugira para Africa, e renegara, protestando vingança em portuguezes; e a occasião lha depara, na bella Zara, que estava para desposar-se com um Portuguez; força-a com ameaças de assassinar noivo e irmão, no caso de revelar o segredo, ou não sobreviver ao opprobrio; mas no entanto faz tambem morrer o Portuguez, e a triste Zara perece depois de pezares dando á luz o filho do renegado, que era Ali; Ismael sabia que Ali era filho de sua irman, mas suspeitava que o pai era o que havia de ser seu espozo, e por isto o protegia e estimava, destinando-o até para espozo de sua filha Zilla. Socios na infancia, Ali e Selim, passaram a ser amigos, e companheiros d' armas. Sympathicos sentimentos inspirára o misero rei a Zilla; e Ali, que ao reconhecer o concebeu com negros ciumes nefandos projectos, parte rapidamente para Fez a fim de os dar á execução. Ei-lo na 1.ª Estancia do canto 2.º em caminho de Fez;

„ Meditações escuras involviam  
 „ Qual serro imbricômado, um cavalleiro,  
 „ Que africos plainos vae cortando. A passo,  
 „ Desconhecendo o ardor impaciente  
 „ De seu senhor, um bom corcel d'Arabia,  
 „ O intrepido Quivir, salta colêando,  
 „ Em repressas curvetas, mas soffreado.

„ O sol s' erguera magestoso e simples !  
 „ Monarcha faustuoza vêm tapizes  
 „ Onde as côres sem par pleitêam brilho,  
 „ E graça, e pompa, e suavidade, e força  
 „ As plantas rutilantes deslizar-se-lhe.

Parece-nos sybillino ... mas não será ; e assim  
 prosegue sua jornada.

„ Todo embebido

„ Em sotturnos pensares tempestuosos,  
 „ Em damnadas tenções todas funestas,  
 „ Segue via da côrte : — a natureza  
 „ Balda por tal genio seus primores !  
 „ Não os vê, não os sente : unico attento  
 „ A essa mansão, onde reinára outrora  
 „ Serena paz, socego da borrasca,  
 „ Que por ventura lhe está sobre ! *A virgem*  
 „ E o Rei, o tal espectro pavoroso,  
 „ Seu prisioneiro ! o Rei a ornar-lhe o triumpho !

A par de grande belleza, e do modo como indica  
 os projectos d' Ali, sentimos ter de notar o emenda-  
 vel defeito indicado em grifo, e que facil fora ao  
 autor emenda-lo. Ali atravessa o campo da batalha do  
 dia antecedente, e é magnifica a descripção que delle  
 faz o auctor,

... .. E em toda a terra  
 „ Se erguem combros de palidos, extinctos,  
 „ De moiros, de christãos — preza da morte !  
 „ Movimento, fragor, estrondo horrisso,  
 „ Hoatem, e — hoje paz, socego fundo !

Depois passando ás abas do Athlas vae procurar  
 pouzada em uma choupana,

„ Deixa o corcél, e a ténue impulso a porta  
 „ Da caverna se abriu mysterioza.

Vivia nella um Moiro, dado aos exercicios da  
 feitiçaria, que, ao avistar Ali, reconhece nelle seu  
 filho ... e foi então que este soube quem era seu  
 pae.

Este canto é quasi todo occupado com o epizo-  
 dio da historia do renegado, pae d' Ali, cuja per-

versidade o poeta descreve brilhantemente, quando na narração que está fazendo ao filho, — diz;

„ Terrôres do inferno,  
„ Remorsos implacaveis, dezespêros  
„ De salvação eterna, arrotei tudo ! ...

Conta-lhe além disto como se iniciára nos mysterios do magia; e como procurando um mago

„ Seu adepto me quiz : e eu, que só vélo  
„ Sobre ti, vivo vida acompanhada  
„ De demonios, espiritos, duendes,  
„ Que me servem, te abonam mil venturas;  
„ Novas me dão de ti, da côrte novas, —

Então o filho o informa do que vira na caza d'Ismael, e de seus intentos, que o mago, de tudo conscio, approva, e aconselha que

„ Parta ja para a côrte, em Fez agera,  
„ Prestes move-se, o Rei mui prestes veja,  
„ E o empenhe, a que Selim recompensando,  
„ O guarde em commissão de si não longe;  
„ Que assim o filho, d' Ismael tão brando,  
„ Prezo da gratidão, nobre piedade,  
„ Empecerá jamais nossos conlóios,  
„ Que ao Rei, e á pura Zilla apparelhamos.

O canto prosegue e conclue com a entrada de Ali em Fez ao pôr do sol, á hora em que se iaõ fazer as preces da tarde; e é bella a apostrofe á hora do pôr do sol.

O canto 3.º comprehende quazi todo o sonho, *entresonho*, ou delirio de D. Sebastião; e não podemos bem definir o que é,

„ Não é sonho  
„ Não é delirio, e d' ambos participa ! ...

Mas aptes começa com uma prozopopeia a Portugal depois da Batalha d' Alcacer-quivir, e termina a primeira estancia, com os seguintes bellos versos, que bem poderemos applicar ao Portugal de hoje ! ...

„ Honra aos tempos passados ! ... Porem hoje,  
„ Hoje a lembrança dos passados tempos,

„ E ó luxo , e galas , que alardêa , ostenta  
 „ Na luza terra a natureza amiga ,  
 „ São crueis ironias ; pungem tanto ,  
 „ Quanto punge a iufeliz , que ferros dobram ,  
 „ O ameno , lindo , e magestozo aspecto  
 „ De jardins , que d'heróes bustos enfeitam !

Longo e mui longo nos pareceu , mesmo para sonho , este *que não é sonho* de D. Sebastião ! e por mais que o autor , como lhe cumpre , e mais bem lhe fica , o queira defender não julgamos que o consiga victoriosamente ; alludimos aqui á resposta ; que o mesmo autor deu ao juizo critico impresso no folhetim do Correio de Lisboa de 8 de Setembro , publicado no mesmo periodico de 17 desse mez.

Na estancia 4.<sup>a</sup> deste canto em que começa a dar conta do sonho , ou o quer que seja , que em todo o caso será longo demais para epizodio , e dos projectos de D. Sebastião , que o seguem de noite e de dia , vemos a par de bellos pedaços algum defeito ; e desagradavel cacafonia , que precisa correcção.

„ E o que ha d'elle a apagar tamanha sêde ?  
 „ — America ? Bem grande parte é lusa :  
 „ — Azia ? Fortes guerreiros lá fundaram  
 „ Imperio , que se alonga desde os fertéis  
 „ Plainos do Visapur ao golpho persico ;  
 „ E que cem fortalezas vão bordando  
 „ Té á origem do laureado Ganges !  
 „ — A Europa curva toda ao meigo jugo  
 „ Do vero culto , e em paz eléva a fronte ;  
 „ Só o Turco ... — *Africa , Africa ! Agarenos*  
 „ Tremei !

E' pouco toleravel a transposição do 4.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup> verso da estancia 13.<sup>a</sup> — durante a appareição do Infante D. Fernando no sonho ;

„ O luzo Rei mui commovido escuta  
 „ E *palpitante* o sancto egregio tio.

E já que havemos com muita satisfação indicado as bellezas , deve relevar-se que tambem apontemos o que menos nos agrada : na estancia 16.<sup>a</sup> depois do

fim do sonho , o poeta dá conta do que fazião Ismael e Zilla.

„ E tu que fazes filha dos dezertos !  
 „ Que fazes virgem linda , como os anjos ;  
 „ Pura , como o perfume de isolado  
 „ Florido Oasis ; — ou cristalina veia  
 „ Guardada n'um rochedo inaccessible  
 „ Para unico o ceo revêr bellezas ?  
 „ Zilla , a innocente Zilla se apiada , etc.

O *apiada* faz muito mal soante o verso , e o antecedente não exprime correctamente o pensamento.  
 Mas é excellente o seguinte

„ O Zilla , porque a medo vaes tentêando  
 „ O terno peito ; em timidez crescês ?  
 „ Coração de mulher , não engastado  
 „ Em refalsada liga ; ha hi quem ouse  
 „ A joia tão subida fixar preço !  
 — „ Vede-a a formosa moira ! — elle lhe pulsa ,  
 „ Tem por pequenô o seio , que lhe empola  
 „ Como onda em flor espumea ; quasi geme ; etc.

Começa o canto 4.º com uma bem traçada apostrophe á formosura , e ao sexo feminino , do qual é Zilla encanto amavel , que *sentada junta ao leito do regio imigo* , procura com o bom Ismael suavisar os tormentos do hospede ; ali a yemos tomando o *mellico alaude* ,

„ Em sumido gorgeio a voz desprende ,  
 „ E apóz canção , como em preludio , canta :

E' por certo bella a canção , e são lindas as quadras lyricas que o poeta faz cantar a Zilla ; este episodio é na verdade interessante ; .....

Virgem ! ó virgem que franqueias ,  
 „ Por extremo singella , o terno peito ! ...  
 „ Não vês que te escuta um estrangeiro  
 „ Candida Zilla ? .....

„ Cahiú em si ! corôu ! — toda confuza ,  
 „ Balbuciante e tremula interrompe-se ;

„ Busca o seio do paé ; nelle se esconde ;  
„ E o pranto que lhe filtra desses olhos ,  
„ Que aquecem , sobressaltam , rendem , pungem ,  
„ Assaz lhe revelou ! .....

A situação de D. Sebastião é na verdade perigoza, elle só tem por si a hospitalidade arabica, é os ternos nascentes sentimentos de Zilla, que sabe avaliar-lhe o perigo ; e Ismael receia muito de Ali, que apressado se retirára.

D. Sebastião que jámais poude sentir affecto feminino sente agora por Zilla sensação nova, e para elle desconhecida ; não se enganava Ismael !

Mas D. Sebastião, ainda dormindo, contemplado por Zilla ;

„ Dorme ! lhe diz com emoção extrema ,  
„ Dorme nobre senhor , egregio luzo !  
„ E ao menos em teus sonhos , tão ditozo  
„ Sejas , quão bem o anhela este meu peito !  
.....

..... Mas oh ! dorme desgraçado !  
„ Quem sabe o que o destino te prepara !  
„ Um sarraceno se me antolha , e quantos  
„ Por mim , por ti , receios me entram n'alma !  
.....

Os nascentes affectos de Zilla erão porem annuviados com infaustos presentimentos.

„ E tu Sebastião , tão brando somno  
„ Dormias , que invejara-o tenra infancia  
e neste somno continua a ter *roseos sonhos* , e nelles se vê amante , e amado por uma virgem

„ Bella e pura , como a serena aurora ;  
„ Porem vestes estranhas , que realçam  
„ Lindissimas feições , olhos tão lindos ,  
„ Que ao incauto , que os vio , a alma se fende ;  
„ Esses trajos revelão Oriente ,  
„ Dizem-na filha d'adustos climas  
„ Onde a de Christo fé mal penetrára ;  
„ — De linhage suspeita é talvez garfo ! ...  
„ E se o fosse , qu' importa ? — Ha n'outra face

„ Maior candor , mais limpida innocencia ?  
„ N'outros olhos mais fogo temperado  
„ De doçura , e deleite suavissimo ?  
„ Curta bôca , onda poisa e se esmorece.  
„ Riso que , quasi invito desprendêra ?  
„ Ha hi fronte mais pura , mais d'um anjo ?...

E' por certo bellissimo este trecho , e não só se descortina nelle o genio do poeta , mas a propriedade dos termos , e das comparações; mas D. Sebastião que ( ainda em sonhos ) estava vendo as festas que em Fez se celebravão pela victoria alcançada , tambem ouve vibrar o sino da morte , e ouve os padres entoando

„ Concedei-lhes : Senhor , descanso eterno  
„ E Luz eterna para elles fulja !

*A commoção não ha pintal-a !* Zilla o observava , e no rosto lhe divisa os evidentes signaes do que em sonho estava sofrendo :

“ Como elle sofre o desgraçado ! Ródam-lhe  
„ Frias bagas da face , ancêa. — Oh ! quanto,

.....

“ Quanto daria , se aventasse a cauza  
„ Daquelle harto penar , das aldavadas ,  
„ Que o coração intrepido lhe embate !  
„ E' um impossivel ! Fados iracundos  
„ Isto mesmo te vedam , triste Zilla !

E é neste momento , em quanto o Rei ainda continua a dormir , e talvez a sonhar que

“ Eis bulicio extraordinario  
„ Rompe , travadas praticas o seguem  
„ No limiar da socegada estancia ! ...

e era o pérfido Ali , que de volta já de Fez disputava com Ismael a féspeito do rei ;

” quer vê-lo , e prestes ; ...  
„ Seu prisioneiro o quer , e a Fez leval-o ! ...

mas o velho , respeitando os costumes arabes , procura desvanecer esta tenção a Ali , que , ingrato a quant aquelle devia , reziste com pertinacia , mas parece por fim ceder a tantas supplicas ,

„ Mas que por Ismael , e esposa ançada  
„ Tudo fará , para sanar-se tudo.

Zilla que com esta declaração de Ali fica mais  
tranquilla vai *acordar o rei* , que ainda em peza delos  
e possuido dos pensamentos que o agitavam , ao abrir ,  
dos olhos , vendo Zilla diante

„ Fora de si extatico a medita ;  
„ Toma-lhe a nivea mão , clama : — E's um anjo !  
„ E's um anjo do ceo ! como o não foras ,  
„ Sem este enlêvo , que me fende o peito ,  
„ E que só é de lá ; — como o não fôras ,  
„ Se um demonio feroz luctou contigo ,  
„ Te arremessou em trepida fogueira ? ...  
„ Mas tu zombaste-o , não é assim ? — yaste  
„ Ao ceo pura , e de lá vieste a ver-me ? ...  
„ Consolar-me ? .....

Neste mui bem imaginado devaneio de D. Sebas-  
tião , dá o poeta mui habilmente o pressentimento da  
peripecia , e indica mais uma circumstancia essencial ,  
de que Ali se aproveita para proseguir no comple-  
mento de seus projectos ; porque :

„ O infausto moiro  
„ Sobejo ha visto ... os palpitantes musc'los  
„ De sob a dura cutis se lhe torcem ,  
„ E as vêas se lhe increspam n'atra fronte  
„ Em sinistro diadema ! Abafa d'ira ! ...  
„ Nem sóla voz ! ... a dextra , que elle cerra ,  
„ Vezes duas tocou o alfange longo...  
„ Ségue-me , e treme ! brada , rei que foste !  
„ Ségue-me ! ... E trava co'uma mão de ferro  
„ O braço empalecido do monarcha ,  
„ D'apparição inopina assombrado ! ...

E' excellente este poetico pedaço ! São mui bem  
dezenhadas as paixões d'Ali , que agora excitado ain-  
da pelo crime , vai consumir em breve a sua obra ;  
mas o rei

„ Que enfraquecido , e debil á bem-pouco  
„ D'inumeras feridas tanto sangue  
„ Em copiozo jorro espadanava ;



„ Ora o não conhecereis: — té ao branco  
 „ D'aquelles olhos d'aguia a côr subiu-lhe;  
 „ Co' um impulso do moiro se desprende,  
 „ E aquelle corpo todo se alevanta  
 „ Ressumbrando hardimento, e magestade ...  
 — „ A ti virgem, , seus olhos s'endereçoaram  
 „ Cheios d'amor fitando-se em teus olhos,  
 „ Interpondo-se então c'os vastos membros,  
 „ Broquel te foi minaz, immovel, mudo! ...

Zilla pede soccorro; o velho corre a prestar-lho, mas Ali não se havia esquecido de vir acompanhado de satellites, que tambem se apresentam; debalde a virgem debulhada em lagrimas procura commover com attendiveis razões o inexoravel, e zelozo Ali, porque tudo é frustrado; então é que final e decisivamente o Rei

„ Accordou, e qual despertar medonho!  
 „ Ao tinir das espadas que se crusam! ...

Trava-se então vivissima altercação, e a familia do dezerto estava prestes a succumbir, quando de subito apparece Selim, que informado de tudo, forceja por accalmar Ali, e salvar o rei; mas seus rogos são baldados, forçozo foi recorrer á decisão das armas.

„ Armas e sangue! que escorrendo a jorros  
 „ Afogue essas esperanças, que despontam,  
 „ Como a flor que entre o fogo inda viresce!

O canto quarto acaba com o principio deste novo combate. E' dramatica esta apparição de Selim, e faz na verdade magnifico effeito, por que com ella se apressa mais naturalmente a peripecia do romance, que, como vamos vêr, vae acabar no 5.º e ultimo,

„ — Abre-se a liça, e já! — Voz nobre, e pia  
 „ Generosa, e de amor, responde hardida:  
 „ — Abra-se a liça, e já; crusem-se fe'ros!

E com effeito Selim não poda convencer Ali; ambos haviam sido companheiros na teura infancia;

„ Essa bekeza pura,  
 „ Toda afogada em pranto, a iranã, a esposa?  
 „ Tudo é baldado; as armas retiniram!

Trava-se pois o combate entre os dois :  
e D. Sebastião

„ Começa a despertar, e mal concebe  
„ Todo o horror, todo o crú de tal verdade ! ...  
„ Passa a mão pela fronte duvidosa  
„ D'um sonho lá do inferno ; —.....

.....  
„ Quer morrer, inlouquece ! — Elles ; a virgem  
„ Chorosa, e bella ; amigos tantos, tantos  
„ Sutterrados por elle ! — Um ferro ! um ferro,  
„ Clama ; — por mim mais sangue, oh ! não ; mais sangue !!  
— E continúa o poeta

„ Oh ! quem lhe déra um ferro !  
„ Mas em leal duello intrometter-se ? ...  
„ Leal duello aquelle ? ! Não ! ... — Attenta  
„ Como lá vem correndo a infida escolta  
„ Dos satellites vis, que o vil guarécem  
„ C'o torvo olhar, e desnudados ferros ! ...

E eil-o ahi aparelhado d'armas, que rapido fôra  
procurar no quarto da caza, combatendo ao lado de  
Selim ; correm os seis a ajudar Ali ;

„ Tambem tu, Ismael, ancião mui debíl,  
„ Suppezas outra vez a dura espada  
„ Em prompto auxilio ao filho tão querido,  
„ Que traçoeiro bando urge, socobra ;

Pensamento feliz, porem com pena o dizemos,  
pouco bem exprimido nos versos indicados : o poeta  
porem foi nos seguintes bem mais afortunado

— „ Triste velho desvia a vista anciada,  
„ Oh não vejas a morte de teu filho !  
„ Selim cahiu, e a vida lhe esvoaçou !  
„ Cahiu ! ... como frondoso esbelto choupo,  
„ Que poucas primaveras inda hão visto  
„ Piramidando á orla do regato. ...

Zilla não vê cair o irmão ; mas o combate pro-  
segue ; a afflicção de Zilla é extrema

„ Sobre o do irmão cadaver sanguinozo  
„ Desesp'rados combatem pae, e amante

„ O amante, o pae, morte. desafiam;  
„ Para vingar traição, infamia, e morte!  
— „ De horror pena, de susto assuberbada,  
„ Implora, geme, brama, e em cada golpe  
„ Que nós entes retine tão amados,  
„ Mil vezes morre!

No entanto ella vê que

„ Ao terno coração do pae, do velho  
„ Venerando lhe apontam ferro impio,  
e „ O peito inerte  
„ Do ancião co' o peito morbido abroquéla!  
„ Mas já um ferro o passou! ... e o sangue bôlha;  
assim vê cahir o pae, e nesse mesmo momento é que

Dá co' os olhos em frigido cadaver,

— Era o do irmão ..... impressões tão vehementes no estado em que ella se achava, erão superiores as suas forças:

„ Fugiu-lhe o sp'rito ao ceu, donde emanara!  
„ Como a brilhante exalação, que é filha  
„ D'almo sol, abandonou a terra impura  
„ Pela esphéa boiando recamada;  
„ Ou como ao pôr-da noite a rôla sobe,  
„ Para dormir, á cóma do pinheiro! ...

Bellissimo trecho que vale um poema!

No entanto D. Sebastião combate só Ali, seus companheiros já ficão mortos,

„ Elle os vê, e de raiva os dentes range;  
„ Forças invida, o corpo astuto furta  
„ Aos golpes furiosos do rei luzo,  
„ E com mão impia e firme ensopa o ferro  
„ N'um peito, que a elle infante acalentára!

Assim acaba o venerando Ismael morto ás mãos d'Ali! e continua o poeta

„ E quem a descrever furor, vehemencia,  
„ Com que Sebastião urge, carrega  
„ O traidor sarraceno, e se guerream  
„ Unicos dois do horrendo campo em meio?

Apezar de exaustão da forças e golpes da batalha,  
assim mesmo

„ O invejara o guerreiro mais altivo !  
„ Nelle prova-o assaz esse fedi-frago :

E quem não dirá que mui forçadamente aqui  
trazido foi o fedi-frago ? ...

D. Sebastião aperta cada vez mais o combate ,  
Ali esforça-se para evitar seus golpes ,

„ Mas ultrice a espada vòo-lhe com furia  
„ Apóz o infame dorso ; é baldá a fuga !  
„ O coração do improbo o pressente ; —  
cada vez mais se trava a contenda

„ Porem tamanha força extremam ; tanta  
„ Que ambos os ferros em pedaços vòam ! ...

Eil-os lutando a braços, D. Sebastião por tal mo-  
do o aparte que.

„ Sente o moiro que as forças lhe fallerem !  
„ Mas no cinto um punhal , que inda lhe resta ,  
„ Vae tomar-o com mão infame o perfido  
„ Cavalleiro ...

Sem outro recurso D. Sebastião para evadir o  
golpe do punhal

„ Então co' fronte rija lhe abalróa  
„ Com impeto tamanho o peito infido ;  
„ Guardado ao ferro por sêrica malha ,  
„ Com tal furia o chocou , que lhe rangeram  
„ Todos os ossos do arcabouço bruto ,  
„ E um echo lhe fugiu surdo , e da morte ! ...

Na verdade que devia ser grande a cabeçada ! e  
por mais que o nosso poeta queira esforçar-se por au-  
torisar este género de morte , nunca a poderá justifi-  
car como dramatica : assim acabou Ali

„ De morte foi ! ... Cahiu ! — rugindo insultos ,  
„ Ao creador , cuspiendo átras blasfemias .  
„ Co' o sangue negro , que lhe a boca espuma ! ...  
„ Cahia ! — porem nos braços , que inda a raiva  
„ Avigoram , de envolta o rei succumbe ;

„ E a livre dextra pela bôca enterra-lhe  
 „ Como em busca d'um coração que rasgue!  
 „ Terrível desesp'rado pensamento ! ...

E ainda que as blasfemias, que Ali proferia morrendo, demandassem violenta pena, o mesmo poeta acha terrível o pensamento que poz na mente de D. Sebastião naquelle momento. Este porem exaustito de cansasso, e do sangue que ia perdendo pelas reabertas feridas

„ Sobre os joelhos tremulos curvando,  
 „ Para o ceo ergue enturvecidos olhos;  
 „ Já os abaixou, e a um ai que surde, e morre,  
 „ Ao lado do inimigo cêbe; succumbe ! ...

O poeta não o considera como morto, mas *apenas vivo* entre os outros mortos, e actores do ultimo combate; foi a este tempo que elle faz apparecer o renegado pae d'Ali, que apezar do auxilio dos demonios, e da sciencia nigromantica que só para ser util ao filho apprendera, chega a deshoras; no entanto pareceu-nos bem traçado este final do romance, e excellente fructo do fecundo engenho do autor, que dá aqui conhecimento ao leitor do que na cabana do Athlas ficára accordado entre o renegado e o filho; e o uzo que devia fazer de seus philtros mortiferos ou narcoticos;

„ Entre os dois infieis foi trédo accordo  
 „ Lá no fragozo monte; — na familia  
 „ Generosa s'empreguem; depois roube-se  
 „ O rei para cadeias, e triumpho;  
 „ Para um leito a donzella polluido ! ...

A transposição final não a temos por necessaria, poetica, ou euphonica, bem como outra que em pouco vamos notar; é porem mui poetica a descripção que faz da figura do renegado ao ver o cadaver do filho; o leitor parece ter diante de seus olhos o monstro

„ ..... a grenha se te espêta,  
 „ E horrendas contracções o rosto torcem-te;  
 „ Ao filho viste deformada a face,

„ Roixa, immunda; clarão de reprovado ! ...  
„ Mas lagrimas, que é dellas ! séccão lagrimas  
„ No coração ao impio burriveis fogos ,  
„ E tal consolação foi-lhe vedada ! ...

não é menos bello a seguinte :

„ ..... Tomando  
„ A's costas o cadaver desse filho ,  
„ Em que unico pensou sem raiva , ou sanha ,  
„ Co' um pé desvia o rei dos Portuguezes ;  
„ E : — Ficarás ! murmura , egregio luzo ,  
„ Sepultado no seio dos abutres ;  
„ Com elles voarás ao ceo , que amavas ! ...  
„ Disse o sacril'go : — á estancia o morto leva,  
„ E o depõe entre os miseros que jazem  
„ Victimias delle ; ” —

E continua

„ Rápidos combustiveis , que mui faceis  
„ Arte sinistra em prompto lhe depara ,  
„ Nos angulos da estancia entorna bastos ;  
„ Já o incendio resôa crepitando  
„ Em clamorosas crebras labaredas ; &c.

Tambem é indubitavelmente poetica a descripção do incendio , em que foram consumidos todos os cadáveres ; e então para realçar este bello quadro o termina com a apostrophe do renegado , e com o genero de morte mui proprio d'um tal monstro ;

„ ..... Basta ! basta ! Satisfeito ,  
„ Contente sou , ó divindades do órco  
„ Rendo-vos graças , para vós já corro !  
„ — A que mais vida ? Não estou já vingado ?  
„ Minha cara vingança ! quantos foram ?  
„ Uma mulher ! um luzo ! ... alem de tantos ...  
„ Oh ! que me custou um filho , um filho caro !  
„ E — é tempo que vá ! Meu filho espera-me ! ...  
„ Fogos do inferno esperae , mais gente segue-me !  
„ — Disse ; e aonde as chamas mais avultam  
„ Lançou-se .... — ainda vivo o aceita o inferno !

„ Mas D. Sebastião ? ... parece que deve ter sido consumido nas chamas ; porem mui poeticamente é

apresentado na figura d'um espectro murmurando im-  
moto junto da pyra ; e se não fôra já longa esta analyse  
critica , e longo tambem o bello discurso posto na bo-  
ca do espectro mui gostosamente o offereceramos  
aqui a nossos leitores , entendendo demais , que não  
o deveramos cortar para por esse modo não desfalcar das  
belezas em que abunda , e que a curiosidade de nos-  
sos leitores deve ir admirar no original , de que lhe  
estamos dando conta. — O espectro desapareceu ;

„ — Mas revolutos dias , gente placida  
„ Das campinas a Pêz leva , que viram  
„ Destroços nesse prado , onde branqueára  
„ Mansão — piedoso timbre hospitaleiro !  
„ E que figura estranha , lampejando  
„ Loucura , e desvario , ante elles fôra  
„ Tão veloz , que préal-a era impossível ! ...

.....  
„ Que bastas vezes com assombro , e medo  
„ A espreitaram a vaguear pelas ruínas ! ..  
„ E alguém que o vira no solar paterno  
„ Affirmou ser o rei dos portuguezs ! ...

.....  
„ A egregia magestade apregoando :  
— „ SOU DOM SEBASTIÃO O ENCUBERTO ! ...

Persuadimo-nos haver dado a nossos leitores  
uma noticia circumstanciada do Romance - Poema ,  
D. Sebastião o Encuberto ; cuja invenção nos pare-  
ceu excellente ; e que por sua elocução entendemos  
que merece ser acolhido por nossos litteratos : tambem  
nos parece que na critica que lhe havemos feito não  
havemos perpassado os limites da decência , porque  
não foi nossa intenção só notar defeitos , mas fazer  
salientes algumas das muitas belezas em que abun-  
da , procurando nesta tarefa observar a mais stri-  
cta imparcialidade. Esperando que o autor nos faça  
esta justiça , lhe declaramos que aqui limitamos to-  
da a polémica sobre a sua excellente produção , e  
que julgamos , apesar de alguns defeitos , constituir  
um dos novos ornamentos da litteratura nacional.

---

## A NOVIÇA DE NORVENDORE.

Foi-nos enviada por um nosso amigo a seguinte chacara, imitação d'um romance alemão; é com muita satisfação que a publicamos; o nosso amigo é um joven litterato que com muito proveito cultiva a litteratura nacional, e se applica ao conhecimento das muitas bellezas da nossa lingua, sendo alem disto liberalmente favorecido das Musas: estamos bem persuadidos de que se o nosso amigo applicar a lição que tem de nossos patrios classicos, e o seu genio poetico a assumptos nacionaes, e em que felizmente abunda a nossa historia, nós teremos mais um cultor d'aquelle genero poetico tão usado quetrora, e que em nossa opinião tanto é grato ao ouvido, como ao coração.

1.  
Em terras lá d' Alemanha,  
Contam que n'antiguidade,  
Muito amada era Tareja,  
No verdor da mocidade;  
Entre as Damas e Donzellas  
Outra mais bella quem viu?  
Bella mais que todas ellas  
Tareja se pressentiu.  
Puro amor e verdadeiro  
Lhe jurou conde Fred'rico;  
D'entre tantos que a requestem,  
E' o amante mais rico.  
Por d'amor cauza tamanha  
Não tem conto os seus rivaes;



E com bem damnada sanha  
São seus imigos mortaes.

Cuidoza estava Tareja  
De tristuras rodeada,  
Que amor não consente esteja  
Dos cuidados descansada.

Ao fexar da noite estava  
Do Castello no terraço;  
E par'ceu-lhe que soava  
Hum tropel a longe 'spaço.

Eis que a levadiça ponte  
D'outra torre vê baixar-se;  
C'o fragor, que é d'uso sempre,  
Nos pouzos d'alem firmar-se;

Vê comprido sahimento,  
Vê as tochas a luzir;  
Dos padres triste lamento;  
Carpideiras a carpir.

Vê pagens, e cavalleiros  
Ouvio os sinos dobrar;  
São os restos derradeiros  
De quem vai a sepultar.

Desce da torre apressada,  
Quer saber quem ali vai:  
E' Fred'rico, e desmaiada  
Junto ao rio a triste cahe!

Triste, Tareja coitada!  
O seu Fred'rico expirou;  
Por amor d'ella em cilada,  
O Conde Arnaldo o matou.

Ai de mim triste mesquinha!  
Ja perdi meu cavalleiro;  
Vivirei vida sozinha,  
N'um izolado mosteiro,!

Em quanto assim falava  
As proprias penas carpindo,

Vê ir as aguas forçando  
Ligeiro batel subindo.  
Todos de sangue pintados;  
São os tres que nelle vem;  
O irmão, o conde Arnaldo  
E um seu pagem tambem:  
Mal que na praia abicaram.  
Em terra Arnaldo saltou,  
Os dois no barco ficaram  
E só com Tareja fallou:  
„ A meu rogo sempre esquiva,  
Sempre arisca te mostraste;  
Mas, cruel! a chama activa  
Com teu desprezo ateaste;  
Meu será teu lindo rosto,  
Será meu teu coração;  
Pois agora estou disposto  
A dar-te d'espozo a mão!  
Em aureo copo lustroso  
O roxo vinho deitou;  
E depois de ter bebido  
A' bella dama offertou.  
Que é uzo, e uzo antigo  
Que de tempo antigo vem,  
Beber o noivo primeiro,  
Depois a noiva tambem.  
Do dedo um anel tirando  
D'ouro o mais fino lavrado;  
„ Aqui tens, lhe diz, ó dama,  
Esta prenda do noivado;  
E tambem ora recebe  
Este signal em penhor,  
Do amor, que ha muito debes  
Ao teu conde, ao teu senhor ,,  
— Ser tua espoza fegeito;  
Sou desvalida donzella;

Eu tal prenda não aceito,  
 Nem eu posso cuidar d'ella.  
 Ja finou quem eu amava,  
 Quem eu amava acabou,  
 No teu amor não pensava  
 Sou de Deus que me creou—  
 „ E's de Deus que te creou?  
 No meu amor não cuidavas?  
 De quem se ha pouco finou  
 Remedio talvez esp'ravas? „  
 —Ai de mim triste mesquinha!  
 Ja perdi meu cavalleiro;  
 Viverei vida sozinha  
 N'um izolado mosteiro—  
 „ Tu a ser freira te vás?  
 Faze bem o que quizeres,  
 Eu farei o que me apráz—  
 Logo no barco saltando  
 Com tanta força remarem,  
 Que pouco tempo gastando  
 Na praia d'alem vararam,

## 2.

Mas Tareja, não mudou;  
 Pois é certo e verdadeiro,  
 Que mal o conde a deixou,  
 Noviza entrou no mosteiro.  
 Era já a noite em meio,  
 Arnaldo o pagem chamava,  
 E entre o furor, e o receio  
 Ao pagem assim bradava:  
 Thomaz! dous cavallos sella;  
 O melhor seja p'ra mim;  
 Dám'a lança e a rodella,  
 'Spada, banda carmezim.  
 Tambem has-de vir armado;

Entrar nesta cavalgada,  
 Que pode o d'emo damnado  
 Armar alguma cilada.  
 Logo, logo s'aballaram;  
 E vão ambos amofinados,  
 E mal no mosteiro param,  
 Batem á porta apressados.  
 —Hi quem bate a taes deshoras?  
 De dentro alguém perguntou.  
 „Venha a noviça cá fora,  
 Que por vê-la aqui me estou.,,  
 —A noviça com as freiras  
 Está agora rezando  
 Rezas santas do preccito  
 De quem 'stá noviciando:  
 Noviç' ou freira nenhuma  
 Sahe cá fora a te' falar,  
 Nem do côro sahe alguma,  
 Nem tu cá podes entrar:—  
 E o conde enfurecido,  
 „Quem mais qu' eu pode mandar?  
 E se já não for ob'deido,  
 O mosteiro vou queimar.,,  
 De quem andava apressado  
 Passos nisto se sentiram  
 E então de par em par  
 Vedadas portas s'abriram.  
 Era a formosa Tareja;...  
 Traz os cabellos cortados  
 No cordão a cinta preza;  
 Vestido, e manto nevados.  
 Traz hum copo na direita;  
 Roxo vinho lhe deitou:  
 —Quem; Senhor, aqui vos trouxe?  
 Quem, Senhor, cá vos mandou?—  
 Com falar mui concertado,

Assim ella lhe bradou ;  
 E com rosto carregado ,  
 A bebida lhe offertou.

Mas é uzo , e uzo antigo  
 Que de tempo antigo vem ,  
 Beber o noivo primeiro  
 Depois a noiva tambem :

Arnaldo o copo tomando  
 Hum pouco ficou calado ;  
 E depois a voz soltando  
 Assim fallou desesp'rado

„O ceo, a terra conjuro  
 Teu corpo ha-de ser meu ;  
 Por quem matei eu t'o juro,  
 Ou finde a vida aqui eu.,,

E depois arrebatado ,  
 O roxo vinho bebeu ;  
 Tem veneno misturado  
 Que logo a morte lhe deu :

E seu corpo todo armado  
 Tareja á cova deitou ;  
 E com as nevadas mãos  
 Cordas do sino puxou :

Mas de subito assombrada  
 Sobr' a terra ajoelhou ;  
 E de remorsos tomada  
 Canto dos mortos cantou.

---

## CHRONICA HISTORICO-POLITICA.

### PREAMBULO.

---

Quando em Julho de 1838 accordámos em alterar o titulo da *Revista*, e bem assim o fundo de seu primitivo plano, conformando-nos com as reflexões que nos fiseram nossos novos collocadores, supprimimos tambem o artigo da *Chronica*, para tornar puramente litteraria a nossa publicação; porem muitos de nossos respeitaveis assignantes nos observavam, que aquelle artigo., não destruindo em cousa alguma o plano fundamental, era com tudo importante, porque offerecia em resumo com a historia chronologica dos acontecimentos durante o intervalo da publicação, as reflexões criticas que a nós, redactores, se offereciam, dictadas pelo espirito d'imparcialidade que professamos: e que segundo o exemplo da *Revista dos Doiz Mundos*, da *Revista de Madrid*, da *Revista de Paris*, da *Britannica*, e d'outros periodicos litterarios amplamente acreditados na Europa, nós ficaríamos a salvo da censura a este respeito, uma vez que em nossas reflexões nos não deslisassemos da senda da imparcialidade: accedendo pois a tão justas observações, nós vamos publicar em cada numero esse resumo chronologico, historico, e critico dos acontecimentos politicos, principalmente da Europa. E' nosso dever prevenir nossos leitores a cerca de nossas opiniões politicas, declarando-lhes que inteiramente adversos a exagerações, tanto combatemos o *progresso* rapido, por incompativel com o estado actual de instrucção publica, e preconceitos populares, entendendo que deve promover-se rigorosamente aquella, e destruir habilmente estes por meio d'uma experiencia sensivel, e sem replica; como combateremos o *retrogresso* para instituições caducas, insubsistentes com o adiantamento das luzes e civilização da Europa, e comio absolutamente oppostas á

regeneração industrial, que é o espirito dominante do seculo; assim guerreando as arbitrariedades do despotismo, e ás *machiavelicas tendencias do absolutismo illustrado*, tambem pelejaremos contra as demazias da democracia.

Persuadidos de que a licença não é a *liberdade*, de que a lei é, como diz Cicero, a *razão dictada pela naturcza das couzas*, entendemos que esta (a natureza das couzas) é que deve ser arbitra entre nossos juizos, e nossas paixões. Constituidos neste *meio termo*, que temos por melhor e mais seguro trilha, muitas vezes seremos increpados pelos ultra-progressistas como parciaes, e tenaces adversarios de seus principios, e tambem o seremos por outros como fautores da demagogia: não tememos a censura, porque firmes em nossos principios, estamos mais que muito certos, de que não perpassaremos a linha traçada por nossas opiniões —

Vamos pois dar começo a esta, incontroversamente ardua tarefa. —

Escrevemos em 17 de Outubro

*Peninsula Hispano-Lusa: PORTUGAL.* Com grande pesar o dizemos, mas cumpre confessal-o, nunca o estado do paiz foi mais calamitozo: a falta de segurança individual, e de propriedade quasi toca no seu ponto culminante; o que pertence propriamente á administração publica nunca esteve mais baralhado, e confuzo: o povo geme sob toda a casta de flagellos; começando pelos impostos, nunca os geraes foram mais pesados; nunca os municipaes foram mais exorbitantes, arbitrarios, oppressivos, e contrarios ao desenvolvimento da industria; nunca as exacções mais vexatorias; nunca em consequencia a fraude esteve mais em voga; e nunca a authoridade publica teve menos garantias: a bella instituição do jurado está plenamente desacreditada, porque ella é a mais forte garantia da propriedade, precisa para isto que aquelles que hão-de fazel-a praticar deem á sociedade a mais segura garantia de sua probidade, e recebam da mesma sociedade a mais segura garantia da immuniidade dos juizos, e dos di-

ctames de sua consciencia : ora a *probidade* depende geralmente da instrucção, e da educação, e da independencia; e aonde estas essenciaes qualidades da maioria dos juizes de facto? — e a sua immunnidade? ella depende da acção das leis, da força da auctoridade, e da extensão da moralidade; mas aonde estas essenciaes condições?... daqui resulta que o mais precioso baluarte da liberdade, e segurança individual, e bem assim da propriedade, está inteiramente minado, e estas essenciaes condições sociaes no estricto rigor da palavra á mercê do arbitrio, e da immoralidade, ou do terror! E' innegavel que uma grande parte da cauza deste afflictivo estado *existe nas leis*, cujo espirito nimamente democratico paralysa a acção da auctoridade, quando esta é da nomeação do governo; e torna-a terrivelmente arbitraria quando electiva, por sua irresponsabilidade. E se não depende das leis, se estas são (o que negamos) as mais conformes á condição social, então o mal procede das auctoridades; e em tal caso é o governo exclusivamente imputavel da conservação das auctoridades, que ou por omissão, ou por commissão não executam formalmente as leis; mas nós procuramos ser justos, e sem libertar o governo de muita imputação, não lha carregamos toda; a outra é na verdade das leis, especialmente administrativas, que dando uma defeituosa extensão ao numero das auctoridades electivas, e não dando a precisa garantia aos eleitores, raras vezes a eleição remedeia o defeito que provém do seu excessivo numero; isto é, raras vezes é a urna a expressão da vontade dos eleitores, mas sim a de um partido interessado que, em rariissimos casos attende ao merito, mas quasi sempre deixa supplantado este pelo espirito dominante do mesmo partido; em tal caso o merito do eleito esta em ser fiel executor dos dictames do partido, embora lhe falleça a instrucção, a moralidade, ou a independencia! Nós diriamos que as leis eram as mais conformes á nossa condição social, se nellas houvesse a indispensavel garantia da immunnidade dos eleitores; e de que estes só fossem aquelles que *o deviam ser*; se assim fôra, a



eleição no maior numero de cazos recahiria no merito, porque apesar da diffusão da immoralidade, a maior parte do povo escolhe quasi sempre o mais digno, e raras vezes s'engana na escolha, quando deixado inteiramente ás suas inspirações. Muito nos vamos alongando nestas reflexões mas ellas vinham a pelo. O que deixamos dito refere-se ao estado moral do paiz: quanto aos seus interesses materiaes devemos notar, que por um lado se a natureza e espirito do regime constitucional, se a procreadora aura da liberdade, estão dando alento áquelles interesses, por outro lado uma politica myope abafa, tolhe, e entorpece os germes daquelle regime: assim os interesses industriaes são preconceitualmente considerados; afugentam-se os productos estrangeiros com a bôa intenção de facilitar a producção nacional dos analogos, mas por tal modo que dando prêa ao contrabando, santifica-se o monopolio, diffunde-se a immoralidade, e não se protege a industria nacional! Por outra parte querendo-se *alcançar o impossível*, isto é, querendo-se a absoluta independencia dos estrangeiros, sacrifica-se a producção mais valioza, a essencialmente valioza entre nós, que é a dos nossos vinhos! Esta nossa industria está pois actualmente no mais depressa estado, e a extração para os estrangeiros em grande abatimento; no mercado de Inglaterra encontra nos vinhos de Xerez um terrivel competidor, e nos de França concorrente bastante para abaixar-lhe o preço; e no mercado do Brazil?... a represalia a que recorreu esta potencia pelo seu decreto de 8 de maio do corrente anno, fexou como hermeticamente o mercado á nossa producção! Contamos com que o governo haja entablado serias negociações com o Brazil sobre este assumpto; é de certo este o seu dever, posto que nada transpire até agora; e é por certo esta uma das difficuldades com que elle actualmente luta; difficuldade que é mister com brevidade resolver e antes que nações mais previdentes, ou governos mais zelozos, e diligentes se hajam aproveitado da interrupção. Não menor é aquella em que elle actualmente se acha entalado com a Inglaterra,

por causa do trafico da escravatura; e reconhecendo que esta potencia não tenha por si tanta razão e justiça, quanta é sua força e acinte, o que muito lastimamos é que o nosso governo a quem estas ultimas circumstancias são tão claras como a luz do dia, não tivesse a habilidade d'evitar-lhe as consequencias sem comprometter a dignidade nacional. E' certo que o *Bill* que ultimamente passou em agosto no parlamento britannico, se por um lado humilha a dignidade portugueza, elle não é menos attentatorio aos direitos e decoro das outras nações; mas se por causa de nossa actual fraqueza o parlamento britannico legislou para Portugal (que não terá remedio senão passar pelo jugo da sua lei) como é que as outras nações a sofrerão? ella pois é só para as nações fracas, porque as fortes sustentarão o seu direito; assim o navio russo, que como implicado no commercio de escravatura havia sido aprezado pelos cruzeiros inglezes, e por isto enviado para seus portos, foi entregue ao governo da Russia para ser julgado em tribunal desta nação.

Outro desaguisado sobreveio ha pouco ao nosso governo, por causa da ilhota do Guadiana, de que a Hespanha quer apossar-se, e entendemos que indevidamente; aquelle declara em um seu acto official, que a desintelligencia, que sobre tal assumpto se havia suscitado, estava desvanecida, desistindo o governo hespanhol de sua pretensão; mas este nega tal desistencia, e ao contrario, sustentando a pretensão, manda que a ilhota se denomine — *ilha Isabel*! A ultima aprovação do trabalho da navegação do Douro, e seu formal cumprimento tambem faz laborar o nosso governo em desagradavel embarço, de modo que por os motivos que mui resumidamente levamos dito, entendemos que a sua posição em attenção ás relações estrangeiras é um tanto penosa, e gravemente embarçada; tanto mais que não podendo deixar de proceder em harmonia com as inspirações d'outra potencia invisivel, mas sensivel, os dictames desta são pouco proprios para cimentar uma conciliação necessaria, indispensavel para o verdadeiro estabelecimento da prosperidade pu-

blica. Felizmente achamos-nos desafiados, das tentativas miguelistas; porque o venturoso desenlace da questão que se pelejava nas margens do Ebro, tornou para sempre perdida uma causa, que o influxo do Genio de um *Homem Incomparavel*, do Grande Pedro, e do valor dos seus bravos, havia já acabado.

Não podemos deixar de mencionar outra bem desgraçada circumstancia, e é a continuação da desintelligencia com a côrte de Roma, de que habilmente se tem servido os absolutistas, já para excitar os fanaticos, já para assustar os de consciencia timorata, fazendo vogar um scisma, mal fundado é verdade, mas sufficiente para dar oquidado, e demandar, alem de providencias necessarias, a prompta conciliação com o Santo Padre; porque cada dia que esta se retarda fará augmentar as exigencias da Corte de Roma. Não podemos deixar de dizer, que neste negocio, tem havido mui pouco tacto desde seu principio; de modo que a censura recahe com toda a justiça sobre todas as administrações que tem estado no poder, desde a restauração.

Um dos maiores embaraços que se oppõe ao progresso verdadeiro da prosperidade nacional é a divida estrangeira; sobre este objecto, havemos largamente escripto, e remettemos para lá aquelles de nossos leitores, que mais ampla informação quizerem obter sobre ella. Esta divida é na verdade mui grande; o mal que ella causa é por certo immenso, mas não irremediavel; os meios estão indicados: no estado d'oscillação politica em que o paiz labora desde setembro de 1836; com a falta de segurança publica, e de vias de comunicação transitaveis com que se diminuem as despesas de transporte, e se ponham em facil contacto as diversas povoações do reino, e suas differentes produções, não é possível ver resurgido e propagado o commercio interno, que é uma das mais fecundas fontes da riqueza publica. da qual sem grande vexame hão-de manar os meios com que a divida se ha-de estancar.

De tudo isto nasce o ominozo desgosto em que a nação se acha; mais avultado ainda depois que vio

fraudadas suas esperanças com os resultados legislativos das Cortes ! E, com razão, mas como com uma representação, que por mais que se queira dizer, não é por certo a verdadeira expressão da urna, na qual os dois lados preponderantes se acham, senão em equilibrio, em tal posição, que nenhuma delles pode francamente levar ávante seu peculiar programma ! O lado direito tem dado a mais cabal prova da desistência de pretensões, hoje deslocadas; mas suas intenções, posto que provavelmente sinceras, não tem sido acreditadas; ou, antes não se tem querido acreditar, para não dar occasião a concessões, que mais tarde ou mais cedo ha-de o tempo trazer; o lado direito sustenta sinceramente a constituição de 1838, esperando que com o tempo hajam de por ella mesma fazer-se-lhe as necessarias alterações; mas o lado esquerdo avesso a taes alterações, pretende, como mui claramente se prova por suas votações, pelos discursos dos seus caudilhos, e pelos artigos dos periodicos de sua communhão, tornal-a mais democratica ! E, se o lado direito, por uma silenciosa resistencia ombarça o desenvolvimento daquelle manifesta tendencia, não terá elle assaz direito para merecer o louvor dos que só anhellam pela ordem e pela paz ? Nós não censuramos no lado esquerdo as suas tendências, censuramos a sua intolerancia; e se, como em pleno parlamento se disse, elle representa a democracia, procurando o triumpho de seus principios, preenche a sua missão; mas o lado direito tambem cumpirá com a sua disputando-lha vigorosamente; cada um tem as suas convicções; o lado esquerdo fará consistir a maior somma da prosperidade nacional na preponderancia da democracia, o lado direito, illustrado por a triste experiencia propria e estranha, entende que a ventura do povo está na justa proporção entre os principios democraticos e aristocraticos e anathematisando igualmente a aristocracia pura, appella para um *meio termo* pacifico, e fructifero. E se com justiça foram por algumas periodicos censurados os actos das Cortes, houve com tudo grave injustiça de sua parte em não discriminar bem as circumstancias, dando a cada um o que

é seu. Esperamos que os Deputados que vieram ás provincias aproveitem da lição que levaram , e que , menos fascinados pelas theorias e utopias , uns saibam modificá-las pelo bem fundado queixume dos povos , e outros , menos confiados em illusorias esperanças , bradem com mais energia pela satisfação das verdadeiras necessidades do povo ; uns e outros farão assim o seu dever.

HESPAÑHA. Depois de seis annos de guerra civil, na qual se tem practicado por ambos os partidos belligerantes inauditos attentados contra a humanidade , vem inexperadamente raiando a aurora d'uma paz tão dezejada quão necessaria para o restabelecimento da prosperidade da ensanguentada , e definida Peninsula Iberica ! A insurreição das provincias vascongadas foi *essencialmente* determinada pela conservação integral de *foros* e prerogativas , sancionadas por uma posse secular , e aneçadas d'uma abrogação immediata em consequencia das novas instituições constitucionaes plantadas com o efemero Estatuto Real. Os povos destas Provincias já haviam vigorosamente pronunciado em 1820 seu profundo desgosto pela perda daquellas antiquíssimas prerogativas , respeitadas por tantos monarchas ; e com effeito nem a Constituição de 1812 , nem o Estatuto Real collocavam aquelles povos em melhor situação politica ; as garantias individuaes , os direitos politicos , e civicos aſiançados ao cidadão hespanhol por qual quer daquelles dois codigos , ficavam muito áquem das vantagens , e immuniidades que desde tantos seculos gozavam os povos Bascos ; o regime constitucional que entre elles vigorava sem alteração , mantido por habitos profundamente arraigados , era indubitavelmente mais conveniente e proprio para conservar , e mesmo para progressivamente augmentar a prosperidade destas ricas provincias , que aquelle que poderia provir-lhes das novas instituições ; tudo marchava naquellas com o regular movimento d'uma maquina , mas as instituições constitucionaes acompanhadas de novas formulas , de processos novos , de estilos , e mesmo de regulamentos , e legislação , em opposição muitos delles com tudo quanto por longos

seculos se havia practicado , havia de trazer precisamente resistencias mais ou menos porfiadas , de que muito teria de resentir-se o bem-estar daquelles povos ; sua reacção pois foi inteiramente derivada desta poderosa cauza , na qual podemos confiadamente dizer nada figurava o principio dynastico. Os apostolicos que viam fugir-lhes das mãos a rica mina , que com tanto proveito lavravam desde muito seculos , não tardaram em levar D. Carlos para as provincias aonde a reacção havia rebentado , a fim de identificar sua propria cauza com a das provincias sublevadas , e ellas aceitaram a alliança , porque na possibilidade do triumpho viam mais segura a conservação de seus *foros* , objecto *primario* , *essencial* , e talvez unico , que os impellia a praticar esforços e prodigios , sendo o decisivo motor de seu enthusiasmo , e até de seu fanatismo : e D. Carlos , excitado pelos apostolicos , entendeu , que devia aproveitar tão favoravel ensejo para apoiar vigorosamente a sua cauza , que isoladamente em campo , teria ha muito tempo succumbido. A lei salica havia sido introduzida em Hespanha pelo absolutismo d'um monarcha ; e não assistiria igual direito a outro para a abrogar ? Se os direitos de D. Carlos á corôa d' Hespanha provinham de uma lei estabelecida por um rei despota , poderia ficar privado outro Rei despota de por o mesmo direito a derogar ? Todavia D. Carlos não reconhecendo em seu irmão faculdade para o privar d'um direito , que elle entendia competir-lhe ; não se sujeitando ao decreto de seu irmão , declarando-lhe franca e lealmente que nem cedia daquelle direito , nem o considerava auctorisado , ainda que rei para o privar d'elle , houve-se indubitavelmente com a mais louvavel lealdade , ainda que contraditorio consigo mesmo , quanto aos principios do absolutismo que professava ; e em taes circumstancias por maneira se houve que pode ainda defender-se ; mas quão differentemente procedeu em Portugal seu sobrinho D. Miguel ? a este não faltou um só titulo para que a historia o caracterise como usurpador , o mais caviloso , e infame de quantos a historia faz menção em seus annaes !

Os apostolicos exaltados, cuidando mais seguramente prear o patrimonio que lhes legára a ignorancia, e mesmo a iniquidade, esmeraram-se por incarnar sua cauza na de D. Carlos, e na dos foros, e empregaram habil e arteiramente todos os recursos da hypocrizia, e do fanatismo; não estremeceram de fazer correr em Hespanha rios de sangue, de canoisar as mais horriveis atrocidades, de santificar os mais itauditos crimes, novamente apresentando á Europa, e no seculo 19.º a Hespanha do seculo 16.º, quando conquistára o Mexico e Perú! E na verdade conseguiram fazer em nossos dias resurgir monstros ainda mais saihudos que os Pizarros e Almagros! Tantos horrores haviam fatigado os fanatisados povos, irreflectidos instrumentos de tão abominaveis hypocritas: ha muito que a guerra, e seus horrores haviam cansado os valentes Vasconços, e desde muito anhelavam elles por uma paz, que cada dia se lhes apresentava mais distante; se elles podessem salvar o verdadeiro motivo de seus sacrificios, se ao menos destes colhessem incolume a integridade de seus foros, a sua cauza ficava desde logo separada da de D. Carlos; e a deste desavisado principe immediatamente baqueava, e como este era o objecto secundario dos esforços daquelles, pouco e bem pouco s'importariam elles com tal resultado; porque o fructo de seus trabalhos ficava colhido. Não escapava esta consideração aos exaltados conselheiros de D. Carlos; e receosos de possibilidade deste evento, com a continuação dos horrores da guerra civil, com o incremento de crimes, e atrocidades perpetradas por aquelles povos, e ás quaes elles os excitavam, entendiam comprometter-los mais em uma cauza, que não era a sua, para assim, e com o receio das represalias, os tornar mais incarniçados, e irreconciliáveis inimigos dos constitucionaes. No entanto muitos homens moderados que no partido de D. Carlos, só viam os direitos que entendiam assistir-lhe reconheceram, estremeendo de tantos attentados, que por tal caminho a cauza dynastica em vez de se ganhar, corria cada vez mais risco; gemiam em silencio pelos horrores promovidos pelos exaltados, mas

não se atreviam a fazer-lhes frente, e fallar claro ao illudido principe; entre estes se achava o General D. Rafael Maroto, que sabendo-se aproveitar de circumstancias que casualmente lhe deparara a fortuna, reconhecendo a impossibilidade do triumpho do mesmo principe; e tremendo pela sorte que esperava a infeliz Hespanha, se por acaso esse triumpho chegasse a realizar-se, ou pela exacerbação dos horrores da guerra civil continuando ella, concebeu a feliz idéa de arrancar D. Carlos da influencia que o dominava; de conquistar em seu favor as possiveis vantagens, e de restituir a paz, e a reconciliação á península: este plano era sem duvida generoso, e patriótico, mas as difficuldades para o realizar apresentavam-se-lhe tão grandes, como na verdade eram; sem acabar por meio do exterminio com o partido exaltado, nada poderia conseguir-se; e como seria possível convencer o principe a acceder a este essencial preliminar em taes circumstancias? Todavia os espingardeamentos d'Estella provam de sobejo qual a coragem, denodo, e firmeza de Maroto; e qual ascendente este General chegou a ganhar no animo do pretendente. Desde que os acontecimentos d'Estella foram conhecidos na Europa, ninguém, dotado d'algum senso, deixou de ver que o exito provavel da cauza de D. Carlos, e mais conforme a seus interesses, e o mais proprio para apressar a pacificação da Hespanha, consistia em uma transacção com o governo de Madrid, em que se combinasse a dignidade e decore dos contendores, salvando o principio constitucional, e garantindo aos Vasconços a fruição de seus antigos foros. Por este meio evitava-se uma intervenção armada, que quando concedida por alguma das duas potencias fortes compromettidas no tratado da quadrupla alliança, não podia deixar d'aumentar a difficuldade da Hespanha, de a obrigar por tempo indeterminado a ser occupada por tropas estrangeiras, e de fazer crer ao mundo e á posteridade que o governo constitucional lhe fora imposto, não pela convicção e consentimento nacional, mas pela força das armas estranhas; consideração a que jamais se submeteria o orgulho hespanhol.



D. Rafael Maroto estava profundamente possuído destas idéas; e só os Apostolicos o poderão calumniar com o nome de traidor; pois elle não abusou da confiança do principe, illudindo-o, ou apresentando á sua consideração couzas diferentes daquellas que elle se propunha executar: os agentes das duas potencias ( França e Inglaterra ) viram então a possibilidade d'um arrançamento, e da conclusão da questão peninsular pelos proprios recursos da Hespanha; sem os sacrificios, e sem o dever d'uma occupação militar; viram que estava chegado o tempo em que era absolutamente necessario apressar a dezojada conclusão, não só porque a opinião estava madura na maioria dos habitantes das Vascongadas, mas porque a questão que se começava a debater no oriente exigia a pacificação prompta da península. E na verdade, quando mesmo fosse possível o triunfo sem condições, a incerteza do resultado, a duração indefinida da guerra, a prolongação de seus horrores, e a cauza da humanidade exigiam pôr termo aos males da Hespanha; pois que tratar com os insurgentes não era tratar com um inimigo estranho; mas com individuos pertencentes á mesma familia, discordes por cauza d'interesses mui reaes e materiaes, a respeito dos quaes era conveniente, quando não fosse absolutamente justo, fazer attendiveis concessões, das quaes resultava grande somma de bens, e vantagens; pois que a cauza da humanidade posta em uma concha de balança, a fazia pender para o seu lado, mais decisivamente que a espada de Breme; ainda que a supposta justiça avultasse da outra parte. Nem d'uma intervenção armada e directa poderiam obter-se mais favoraveis resultados, mais promptos, e menos repugnantes ao caracter nacional, e á independencia politica da Hespanha. Daquí procederam as conferencias de Lord John Hay com os generaes dos dois exercitos opostos; e a pacificação da Hespanha esteve a ponto de malogar-se, porque mal que os apostolicos a farejaram, desde logo começaram a anathematisar como traidores os transaccionistas, e a insinuar no pouco seguro animo de D. Carlos pensamentos terriveis,

e avessos a toda a conciliação. No entanto as transacções entre Espartero e Maroto haviam começado desde março, isto era publico, e mesmo D. Carlos o sabia, e com muita evidencia pelo proprio general Maroto mais d'um mez antes da convenção de Vergara; mas quando elle reconheceu que nada podia obter em favor de seu filho, e que parte de seus generaes pendia para a transacção para salvar as prerogativas das provincias, procura então desfazer-se de Maroto; e daqui a insurreição dos batalhões Navarros em Vera, que devia ser o preludio para a deposição do general, passo que nas presentes circumstancias era arriscado, pois que este tinha por si outros generaes subalternos, e grande parte das tropas que commandava; daqui a conferencia para que foram convocados os generaes de D. Carlos, e a que elle mesmo devia prezidir; nella foi Maroto interpellado á cerca dos projectos da transacção, e elle não só os confessou, mas declarou que se não fosse approvada, passaria a rompê-la immediatamente; esta conferencia teve lugar no dia 26 d'Agosto; no dia antecedente havia D. Carlos passado revista ás tropas para sondar-lhes o espirito; por esta occasião, profundamente magoado pelos promiscuos vivas a elle, e a Maroto, determinou irremissivelmente privar este do commando transferindo-o ao general Villa Real; da conferencia não proveio outro resultado senão cada qual sahír com as suas convicções; e Maroto, com a plena certeza de sua desgraça, a qual lhe convinha evitar sem perda de tempo, porque as cousas estavam chegadas ao seu termo final; e para isto marchou desde logo para Zumaraga no caminho de Victoria a duas leguas de Vergara, aonde já Espartero tinha chegado, havendo passado as formidaveis linhas d'Amurrio, as asperezas de Llodio e Areta, as posições d'Ochandiano, e occupado os fortes d'Urquiola e de Sodupe; a facilidade da marcha d'Espartero atravez de posições tão fortificadas, e tão debilmente sustentadas, não pode explicar-se por outro modo, senão como um principio do cumprimento da projectada transacção, afim de por este meio obri-

par D. Carlos a mais facilmente acceder a ella, repellindo as suggestões dos exaltados. A posição pois de Maroto era a mais delicada, e elle ou havia de concluir a transacção, salvar a cauza das provincias, e decidir a pacificação da península, ou ser victima dos exaltados, e malograr tão vantajosos resultados. — A convenção é finalmente assignada em Vergara no dia 31 d'agosto, e em termos assaz honrosos para ambos os exercitos: ella comprehendia desde logo as provincias de Biscaya e Guipuzcoa; esperando que Alava e Navarra viriam a acceder em pouco tempo ás mesmas condições, o que com effeito veio depois a acontecer. Desde então ficou decidida a cauza contra D. Carlos, que baldadamente ainda pertende suste-se, porque acoadado por Espartero é forçado a entrar precipitadamente por Undax em França no dia 14 de setembro, acompanhado de grande numero de tropas, e personagens, sendo aquellas desarmadas, e as armas entregues a Espartero. D. Carlos foi entretanto rezidir para Bourges, e o pessoal de seu partido mandado internar para dentro de França. —

No entanto as novas Cortes reuniram-se no 1.º de setembro; no congresso dos deputados figura a maioria progressista, em quanto que no senado se apresenta a maioria moderada. — O governo dando conta ás cortes dos faustos acontecimentos que acabavam de realisar-se, as previne de que cedo apresentará o projecto para a concessão dos foros, o que cumprio; é nomeada a commissão para o examinar; e esta se divide apresentando a maioria um projecto que destroe a proposta do Governo, e a minoria outro que mais della se aproxima; o partido progressista parece, que sobresaltado com tão inesperados successos, se propõe a combater a convenção de Vergara, ou a frustrar seus beneficos resultados, começando por não acceder á concessão dos foros; é crível que este procedimento aproxime uma crise ministerial no gabinete de Madrid, e se siga ou a queda e mudança do actual ministerio, ou a dissolução das cortes, e a appellação para a opinião publica, e agora depois da convenção plausivelmente pronunciada em favor da pacificação.

As provincias Vascongadas achando-se hoje em paz, receara, porem da decisão das cortes, as quaes dirigiram uma digna e vigorosa representação, temem de ver renovadas as hostilidades, e appellam para Espartero, que havendo empenhado a sua palavra, saberá lealmente cumpril-a, e salvar a Península da repetição das horrorosas scenas d'uma guerra civil, que as utopias d'um partido fascinado, não estremece de a reconduzir ! Entretanto elle lá vai para o Aragão, e Catalunha, recebendo em sua marcha os mais estrondozos e decisivos testemunhos de reconhecimento que os povos lhe dão como pacificador da patria ! . . elle lá vai marchando contra Cabrera, e o ex-conde d'Hespanha, contra esses dois *tigres baptisados*, que a despeito de todas as probabilidades, ainda ousam prolongar por mais algum tempo os males publicos; e taes são ainda os debeis, mas sauhudos caudilhos sobre quem confia *um partido, que morreu com a convenção de Vergara* ! Cedo, e mui cedo esperamos que elles terão a sorte que merecem e com este successo a final pacificação da península; devendo d'elle datar para ella uma nova era.

Isto escreviamos quando lêmos o extracto da memoravel sessão de 7 de outubro no congresso dos Deputados de Madrid: quem, attentos os precedentes, poderia esperar um tão fausto desenlace desta questão essencialmente vital para a pacificação da Península? o que é certo é que no principio da sessão, estando tudo preparado para um debate violentissimo, do qual pode ser que procedessem terriveis consequências, quando este effectivamente começava, como por encanto se segue a scena mais pathetica, e civica, que jamais talvez se haja visto em Parlamento algum: um dos oradores mais distinctos d'entre os antagonistas do ministerio tocado de mui simples mas sinceras expressões proferidas por outro membro do ministerio, e movido por uma inspiração civica, generosa, e verdadeiramente patriotica, depondo toda a sua eloquencia parlamentar, apagando todo o fogo das paixões, suspendendo toda a energia da sua opinião, passa a abraçar aquelle ministro, e lhe

assegura que em vez desta, o ministerio deve desde ja contar com o seu mais cordial apoio ; faz outro tanto o maior uumero dos deputados da opposição; e n'um momento da mais pura effusão de civicos sentimentos surge no congresso a paz , e a conciliação!.. A proposta do ministerio á cerca da concessão dos foros passa por unanimidade ! Tanto pode o verdadeiro amor de patria em corações generosos ! Nós omitimos as refflexões que em tropel nos estão acudindo ao bico da penna. Ditoza nação aonde taes scenas se representam ! Possa este salutar , admiravel e patriotico exemplo ter ainda imitação entre os Portuguezes !!

*Oriente.* A questão do oriente occupa quasi toda a attenção da Europa ; e o oriente parece ser hoje o campo da batalha aonde as ambições europeas dão o seu ponto de reunião. A morte do sultão Mahmoud , a ascensão tranquilla d'um successor ao throno de Constantinopla , a batalha de Nezib , ganha por Ibrahim-Pachá , filho de Mehemet-Ali , Pachá do Egypto ; a defeccão da esquadra Turca , e sua fuga e entrega áquelle Pachá , são acontecimentos de grande transcendencia , e que immediatamente affectão os variados interesses de grandes potencias da Europa. Os successores de Pedro Grande ainda não desistiram da idéa de um dia se sentarem no throno que aos antigos Imperadores Gregos conquistara Nahomet 2.º ! — A inscripção appresentada a Catharina 2.ª na sua viagem ás provincias meridionaes do Imperio Russo , e em uma das entradas de Kerson : — *E' por aqui o caminho que guia a Byzancio* está constantemente na lembrança dos Czars ; e nem estes nem a Europa deixam de ter bem presente aquella memoravel consideração de Napoleão á cerca da Russia.

“ Assentada sobre o pólo , dizia elle , e encostada aos gêlos eternos , ella não é atacavel senão trez ou quatro mezes ; mas ao mesmo tempo ella tem todo o anno para atacar a Europa ; em quanto a Russia não offerece a seus aggressores , mais que os incommodos , os rigores , e as privações d'um solo deserto , d'uma natureza morta , ou entorpecida , o povo

daquelle paiz correrá com prazer para as delicias do meio dia, e ajuntando a estas circumstancias fisicas uma população immensa, brava, endurecida, e passiva, não pode deixar de fazer estremecer a idéa d'uma tal massa, que não pode ser atacada nem de fianco, nem pela retaguarda, que inundaria tudo no cazo de triumpho, ou se retiraria para o meio dos gelos, para o seio da agonia, e da morte, que constitue as suas reservas, no cazo de uma derrota, e com a felicidade de tornar a apparecer se o cazo o exigir!. Não está ali a cabeça da hydra, o Antêo da fabula, que não será possível aniquilar senão colhendo-o pelo corpo, e afogando-o com os braços! ... A sorte da Europa está pendente da capacidade, e das disposições d'um só homem &c. — Por outro lado a hora final do Imperio Turco parece ter soado, e as grandes potencias da Europa o mais que poderão fazer é demoral-a. Depois que os Russos passaram o Pruth, e o Balkan, e chegaram a Adrianopoli, a sorte do imperio do crescente está julgada: mas o engrandecimento da Russia á custa das provincias Turcas bauhadas pelo Mediterraneo, e pelo mar Negro, será o preludio d'acontecimentos espantozos; com um pé neste mar, e outro no Baltico, com um braço sobre o meio dia da Europa, e outro sobre a Asia, quem não receará vêr as hordas caucasas correr livremente a Europa e Asia? Debatem-se pois no Oriente mui serios interesses, e a todo custo cumpre á Inglaterra, á França, á Austria, e á Prussia manter a integridade do Imperio Turco e quando os interesses peculiares de cada uma destas potencias possa soffrer alguma collisão, e embarçar por algum tempo a final solução da questão actual do Oriente, terão por fim ajustar se, porque o interesse de sua propria existencia, lhes facilitará a meio d'accomodação, com tanto que a Prussia fique nos limites que se acham assignados pelos ultimos tratados com a Porta. Embora Mehemet-Ali seja Principe e chefe hereditario do Egypto, e da Syria, pretensão de que não deziste, e a que será forçozo acceder, reconhecendo, todavia, este a supremacia ottomana, ainda que nominal, quanto ao

imperio, porem real quanto a alliança offensiva, e deffensiva; mas subsista indiviza para com as potencias da Europa, a sublime Porta, por que a existencia deste imperio é o penhor da independencia europea.

E' por isto que aquellas potencias, e apparentemente a Russia offereceram a sua mediação á Porta para accomodar suas desavenças com Mehemet-Ali, cuja mediação foi aceita. Junto dos Dardanellos se acha a esquadra alliada composta de 19 naos Inglezas, e 7 Francezas, alem de muitos outros vazos de guerra, em observação dos movimentos com que a esquadra russa ameaça Constantinopla na outra entrada do Bosforo, e impede que aquella vá junto desta capital passar o inverno, como pretendem os embaixadores Inglez e Francez, por que o Russo declarou ao Divan, que quando prestasse o seu consentimento áquella pretensão, este acto seria considerado como violação do tratado d'Unkiar-Skelessi.

E tal é o estado das cousas ao nosso alcance ao momento em que escrevemos ( 18 de outubro ) Esperemos os resultados desta importantissima questão, na qual a Europa inteira vivamente interessa.

INGLATERRA. — A sessão do Parlamento foi tão longa, como esteril; seus salientes trabalhos reduzem-se ao *celebre bill da escravatura*, e á redução dos direitos do porte das cartas do correio. Esta resolução é importante, e judiciosa; em pouco se reconhecerão seus resultados praticos, e elles serão mais uma prova e demonstração d'um theorema d'economia politica: = pequenos direitos lançados sobre grande massa tributavel produzem resultado muito maior, que grandes direitos lançados sobre pequena massa tributavel =. O porte das cartas em Inglaterra hoje reduzido a mui pequena quantia, fará crescer prodigiosamente as correspondencias, e por tal modo que o rendimento do correio subirá a somma muito maior que aquella que ordinariamente orçava.

Quanto ao estado politico deste paiz é com bem sentimento que vemos irem por elle grassando as ideas exaggeradas! E' um facto confessado por um minis-

tro da corôa em pleno parlamento, "que actualmente mais d'um milhão d'homens estão em insurreição contra as leis, e contra a sociedade !. alludia á celebre associação, hoje felizmente dissolvida, denominada *convenção nacional*; mas embora esta tentativa se haja malogrado, o que se vê é que a constituição ingleza começa a ser sustentada pela força, isto é por um principio contrario ao que tem servido de fundamento; este era a força moral, o seu prestigio começa a enfraquecer, pois as brechas feitas nas idéas não se reparam mais: a crise social pois em Inglaterra pode diser-se apenas suspensa; e bastará que um dia amanheça em que o ministerio *whig* não possa fazer frente ás difficuldades, suscitadas pelas especulações da *praça dos fundos*, para que a reforma exigida, e por mais radical que seja concedida, não fique abaixo das exigencias dos reformistas. Será mesmo difficil que o actual ministerio onse comparecer n'uma nova sessão com a esperanza de sair victorioso do combate; ou appellando por novas eleições, elle não tenha diante de si uma maioria conservadora, e resistir ás reformas, mandada por ellas!...

A festa do renascimento da cavallaria em Escocia, e nos Estados de Lord Englinton, é em nossa época *mais* do que uma parodia das proezas e façanhas de idade media. Parece-nos observar nesta festa, em sua magnificencia, na exactidão da observancia das etiquetas rigosamente guardadas nas justas, e torneios daquella idade, e especialmente na época, circumstancias e concorrentes, alguma couza mais que uma simples festa de cavallaria; não será ella o *reverso* da associação denominada *convenção nacional*?...


NORWEGA. — O Rei acaba de retirar a proposição que havia feito ao Storthing, para lhe conferir o veto absoluto, que este congresso lhe recusou.

O Storthing foi mandado separar-se; e se não podemos deixar de louvar sua firmeza, tambem entendemos que o rei procedeu como cumpria á sua dignidade, e cremos firmemente como cumpria á estabilidade constitucional.

HANOVER. — A Dieta Germanica evitando a re-



solução da questão de Hanover , não dictando medidas conciliadoras , deixa tudo no estado *quo* , e eisahi o Rei Ernesto em funesta discussão com o povo; discussão que fora facil á Dieta accomodar por meio de uma medida justa , e pacifica , qual era a restituição da derogada constituição ! Os resultados que de tal tenacidade a historia apresenta , ainda não serve de lição bastante á Dieta , e ao rei Ernesto ! o tempo o mostrará.



---

## Miscellanea.

---

### RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR.

---

#### *Brincadeira d'um aquartelado Inglez no Porto.*

Cheguei ao Porto pelas 5 horas da tarde, e recebi para mim, meu criado, e dous cavallos, um boleto para uma caza de consideração. O dono della era um advogado rico, e posto que eu soubesse que todos os quarteis da Cidade davão pela mesma; todavia pelo aspecto da caza concebi a esperança de que me caberia contar mais favoravel recepção, do que os outros; resolutio como eu estava em fazer para isso toda a diligencia.

A porta da rua estava aberta; subi por uma larga escada; e batendo a uma grande porta, acudio uma mulher d'olhos vesgos, que á pergunta que fiz, se o patrão estava em caza, respondeu encolhendo os hombros = *Não está em caza* = Expliquei a natureza da minha visita, apresentei o papel que a auctorisava, e immediatamente o semblante da dama tomou o mais assanhado aspecto, dizendo = *Cá não ha quartel, Senhor; nada, nada, nada* = Conheci que isto era peta, tanto pela apparencia da caza, como porque já sabia a disposição de muitos Portuguezes de se esquivarem ao incommodo de dar quartel a Officiaes Inglezes. Todavia eu estava determinado a obrar somente por intervenção das auctoridades; por quanto o Commandante das forças era muito escrupuloso sobre este ponto, e com razão: porque muitos

officiaes durante as primeiras campanhas se haviam comportado mui despoticamente em seus quartéis, e dado origem a boatos de tal natureza, que fizeram sair uma ordem geral a este respeito, cujos effeitos erão penosamente sentidos pelos officiaes de comportamento pacifico e conciliador. Coherente com o espirito desta ordem deixei a velha *Dona*, e ordenando ao meu creado que esperasse, voltei a caza das auctoridades portuguezas, que me haviam dado o boleto. Quando lhe descrevi a minha recepção, um delles rompeu em exclamações de raiva, declarando que a pessoa, para cuja caza eu fora aboletado, era um embusteiro, e partidista dos Francezes = *Teve em sua caza commodo bastante para quatro officiaes Francezes ( disse elle ); e se agora o não acha para vos, quando por toda a parte se aquartellão officiaes Inglezes, mandarei para lá uma duzia de soldados Portuguezes* = Fez então um escripto ao advogado, e recommendou-me que lhe não pedisse desculpa, mas dêsse ordem ao meu criado que logo descarregasse a bagagem para dentro de caza. Cumprí com estas instrucções: dei ordem ao meu rapaz que descarregasse, e poizasse os meus bahús &c., e subisse atraz de mim. A porta estava aberta, e sem cerimonia fui entrando ate ao quarto principal da caza, aonde encontrei o advogado com uma febre d'afflicção. Era elle um homemsinho, que parecia corado ao fumo dos seus 50 annos, vestido com um roupão cheio de nodoas, e empoado segundo o maior apuro da moda dos da sua profissão. Cresceu-lhe a febre ao grão de paroxismo quando me vio no interior das cazas, porque nunca esperou tal sobresalto. Repetio as mesmas palavras da velha com um arreganho de dentes, que inculcava ser sorriso: e fazendo por me despedir airoosamente affectava um risosinho, em que seus pequenos olhos não tomavão parte, antes descobrião a raiva figadal, que me teria pulverizado, se acazo fosse cousa, que estivesse na sua mão. Declarou que não tinha commodo para mim, nem para official algum: e se eu, houvesse tido bastante fraqueza para lhe falar a este respeito com civilidade, sua presumpção teria crescido com maior rapidez, do que se pensa:

porem eu friamente me lancei para cima de sua esplendida marquezia, e lhe dei a ler o escripto que trazia dos magistrados. Leu-o com effeito, e depois d'uma pequena pausa, e um comprido encolher d'hombrós, resmoneou um pouco sobre a grande difficuldade, em que se achava collocado por ter em sua caza um official aboletado: e me pediu que quizesse descer a um quarto, que elle tinha lá em baixo. Acompanhei-o, e depois de estar uma boa hora á espera que apparecesse a chave, abrio-se finalmente o quarto, donde entrei com elle. Aqui, me disse elle que mandaria pôr uma cama no chão, a unica que tinha: e que tambem faria vir para baixo duas cadeiras e uma banca; mencionando ao mesmo tempo que segundo as ordens de Lord Wellington não havia obrigação de fornecer mais cousa alguma, e que tudo o mais era voluntario da parte do dono da caza, em que o official se aquartelava. Apenas é possível dar uma exacta idea do quarto; supponho que havia seculos que servia de caza de despejo, coberto de teas d'aranha, humido, sujo, e escuro, sem vestigios de móvel de qualidade alguma, e de mais a mais cama no chão! este contraste com as superiores accomodações dadas aos officiaes pelo geral dos Portuguezes, excitou a minha indignação contra o pequeno advogado a tal ponto, que a não ser o respeito, que tinha ás ordens de Lord Wellington, creio que teria immediatamente punido o insolente e maroto do velho, assentando-lhe com o meu chicote em sua tostada pelle. Considerei um pouco: e depois pegando na chave pelo parte de fora da porta, e acenando com a cabeça ironicamente ao meu patrão, lhe disse = *Está bom* = Saí, e dei ordem ao meu criado para que metesse lá ambos os cavallo; porque como era mui difficil encontrar no Porto estribaria por favor, ou por paga, occorreu-me a idea de que assim não só dava por mim um substituto azado para tal accomodação, mas ao mesmo tempo punia, como elle merecia, o tal inimigosinho dos Inglezes.

Os cavallo foram logo metidos no quarto com admiração, confusão, e intensa mortificação do advogado. Nem o meu criado, nem eu mesmo podiamos conter

o riso á vista desta scena. O patrão no fervor de sua enraivada admiração apertava suas pequenas mãos, tremia todo de furor: a velhòrra da criada exclamava em altos gritos á porta = *Ai Jesus, Maria, José!* =: e os animaes, como usão todos os cavallos no cabo d'uma jornada, procuravão alliviar-se pela pratica daquellas acções, que n'uma salla de visitas pareceriam mal, e provocariam fortemente o riso: mas que n'uma estribaria podem passar. A scena só pode bem ser imaginada por quem a vio. O letrado então perdeu de todo a paciencia, e deu lugar á mais violenta e illimitada raiva. Chamava-me = *herege Inglez* = e claramente apregoava seu odio para com a Grã-Bretanha, e paixão pela França. Batia o pé na caza, fallava consigo so, e fazia arremecos; eu porem friamente lhe dizia que saísse para fora, se não queria ficar fechado com os cavallos; porque eu não podia por mais tempo estar na estribaria. Obedeceu com grande carranca, e praguejando, em quanto eu lhe dei com a maior *polidez* os agradecimentos pela accommodação, que em sua caza me havia franqueado, e parti para caza dos magistrados, a quem contei o caso. A galhofa, que fizeram, por esta brincadeira, não foi menor que a minha; recommendaram-me que conservasse o quarto para cavalharia. em quanto me demorasse no Porto, o que assim fiz: e deram-me outro boleto para uma caza fronteira á do letrado, aonde recebi a mais hospitaleira attenção nos poucos dias, que me demorei na cidade: e tinha o gosto de cortejar o torrado velho todas as manhãs, quando elle saía de caza: cortejos, a que nunca se dignou corresponder mais do que com uma carranca propria de seu semblante Jacobinico.

( *The Wars of Europe, or Annals of Military and Naval Warfare. London. 1838. pag. 297.* )

---

## O AMANTE D'UMA IMPERATRIZ.

---

**H**A na entrada que conduz o viajante de S. Petersburgo a Tzarskoicelo, uma pequena caza regular; construida, segundo os principios da arte grega, e notavel sobre tudo pelo bom gosto e pureza dos ornatos. O genio esclavonio, tão pouco dotado d'originalidade, reproduzio com paciencia todas as particularidades d'uma caza attica. As arvores, e os pinheiros do norte se agitam em torno destas elegantes collumnatas, e seu murmurio parece ser um amargo queixume contra esta invazão da arte brilhante e meridional nos paizes do septemtrião. Aqui vemos estes porticos, e estas arcadas, destinadas em outros tempos a offerecer aos passeantes uma doce sombra e uma salutar frescura, e que hoje o vento norte açoita por espaço de nove mezes, sibilando com ironia no meio destes frios marmores.

Aqui se veem as antigas estatuas, bellas pela sua nudez pagãa, que offende a vista em um paiz christão, e cauza arripios em um paiz gelado. Todas as janellas estão fechadas ha quarenta annos; e os pinheiros incultos, o terreno arido, as ruas do jardim apagadas e desfeitas, zombam hoje da arte e dos thezouros prodigalizados pela imperatriz, que em outro tempo creou este retiro para os seus amores.

A historia desta habitação é a historia tocante d'uma alma fiel e obscura, perdida pelo caprixo d'uma testa coroadada. A poucos passos de distancia da caza deserta, ha perto de vinte choupanas de *moujicks*, que parecem estar sementeas nas bordas do regato; e mais longe os tumulos dos habitantes d'aldea fazem voltear n'uma grande extensão de terreno suas ruas mortuarias. Deixei a estrada, e desviei-me do edificio grego e arruinado de Catharina para me dirigir para este cemiterio, n'uma tarde do ou-

tono de 1826. Não se ouvia sussurro algum: o ar era frio, e profunda a solidão. O monotono catalogo destes nomes de defunctos obscuros, e a ennumeração de todas as suas virtudes paternaes, filiaes, conjugaes &c., tinham já fatigado meus olhos, quando descobri em um canto do cemiterio uma pedra negra sem nome e sem inscripção. Assentei-me junto d'ella e perguntava a mim mesmo quem poderia ser o anonymo habitante desta sepultura. A igualdade tão gabada da morte, dizia eu, será tambem chimerica? pois tambem haverá paixões debaixo da terra, assim como as ha em cima della? ... Nenhum signal, nenhuma palavra havia que excitasse a memoria deste finado. Altas hervas cercavam o sepulcro; o verde musgo arredondava seus angulos, tudo annunciava que o corpo sobre que pesava a pedra jazia ali desde muito tempo. Mas para que era este silencio, e este esquecimento de inscripções funebres? Os crimes do defunto teriam sido tão horriveis que fosse indecoroso publicar-lhe o nome? Era este na verdade o unico tumulo cuja memoria não havia sido conservada por uma fiel afeição.

— Pobre dormiente! exclamei eu involuntariamente, sosinho entre estes mortos, tu te introduziste entre elles como se fosses um foragido! O anjo que no dia de juizo, vier a estes lugares para chamar seus habitantes, que nome te dará? Por quem o sabera elle? Será por esta dourada flor cuja raiz se tem alimentado no sangue de tuas veias? E terá ella falla para contar a historia d'aquelle que seus concidadãos não ousaram nomear?

A minha solidão foi interrompida pela apparição d'um velho *moujick* de barbas brancas, que havia ja alguns minutos se encostava a uma pá, e me observava em silencio. Parecia elle inteiramente pacifico neste reino da morte; e assemelhava-se a Caronte em p sobre sua barca fatal.

Voltei-me para elle, e perguntei-lhe o nome desta pedra muda, e com o seu barrete de pelles na mão respondeu:

— Este homem nunca viveu.

Roguci-lhe se explicasse mais claramente. E de-

pois de uma curta pausa, continuou com tom mais socegado :

— Quiseram que elle morresse, e querem que nunca tivesse vivido; foi riscado do rol dos vivos, e dos mortos. Se desejaes saber quem é este homem condemnado a este nada, ninguém n'aldea vos pode instruir senão eu; e ninguém melhor do que eu mesmo. Ah! se o ceo não tivesse ordenado d'outra maneira, não seria eu hoje o pobre Grabowitch, o coveiro; aquelle que dorme debaixo desta pedra teria um nome brilhante, que o marmore, o ouro, e o diamante ainda não seriam dignos de transmittir á posteridade. Mas não vades vós trahir-me, porque se bem que os tempos em que reinava a grande Tzarina sejam passados, e ninguém nesta aldea conheça já o pobre Andrei, e seu irmão o velho coveiro, a maldade com tudo nunca morre, e eu tenho um neto que é tambor na guarda imperial. —

Grabowitch calou-se. Aproximou-se da humilde pedra, com o barrete na mão, e os cabellos brancos fluctuando á mercê do vento, depois lançou uma comprida vista sobre o tumulo coberto das grandes ervas, como se elle fizesse penetrar seus olhos e seu espirito no mais recondito do sepulcro. A sua narração pareceu-me singular e caracteristica. A' semelhança de todos os Russos da classe inferior, á qual ainda não chegou a civilisação franceza, elle gostava de cobrir com um veio brilhante e imagens metaphoricas seus pensamentos e sentimentos: é n'isto, e somente n'isto que se revêla a origem oriental deste povo.

“ A minha memoria, me disse elle asentando-se perto do tumulo, é tão fiel ás recordações desses tempos do nosso esplendor passado, como o cão que guarda as riquezas do seu dono já morto. Eu estou vendo ainda esta Soberana, a representante de Deus, a Tzarina, quando seus olhos se volveram para mim e para meu irmão; foi na época da grande revista anterior á guerra contra os Turcos, a qual teve lugar nos arrabaldes da nossa aldea. A immensa planície que acolá vades, tão arida e tão triste, devieis então vê-la. A linha infinita dos uniformes, das armas e das bandeiras estendia-se até se perder de vista, soldados, officiaes,



generaes , batalhões em collumna cerrada enchiam o horisonte todo ; os ajudantes galopavam , os tambores tocavam , as vozes de commando misturavam-se aos passos estrepitosos dos cavallo. Neste tumulto espantoso as aves cortavam ligeiras os ares ; e nota-se que desde esse tempo abandonaram seus antigos ninhos. Logo no principio da revista , a Tzarina sahio da carroagem , e montou a cavallo ; e em quanto ella estava dando uma ordem a um official , cahio-lhe uma das luvas. Um ajudante de campo correu para a apanhar ; mas meu irmão , o joven Andrei , de joelhos diante da imperatriz , ja a esse tempo lha apresentava. Os olhos imperiaes fitaram-se sobre elle , e sobre mim : este olhar nunca mais me esquecerá.

Andrei , meu irmão , o homem mais bello d'aldea , e talvez da provincia , merecia na verdade um volver d'olhos da Tzarina. Era elle um aldeão que nascêra para principe. Talvez tenhaes reparado no nosso paiz em betulas novas com seus desimpedidos caules altos e direitos , izentos não só das plantas parasitas que crescem ao pé dos carvalhos , mas tambem das reptantes que cercam os olmos : taes são os verdadeiros filhos da Moscovia ; ellas são esbeltas , e desembaraçadas como a nossa raça. Sua forma é direita ; sua folhagem palida balanceia-se brandamente , e com negligencia ; pode-se dizer dellas que são o senhor da paisagem no meio de seus vassallos.

Tal era Andrei. Todos os paes o teriam dezejado para genro , e todas as donzellas para marido. Uma dellas , a joven Suéna , tinha , havia longo tempo , atrahido as attenções , e conquistado o coração d'Andrei , e Andrei lhe tinha inspirado tanto amor quanto elle sentia por ella. Chamado daí a pouco ás bandeiras de Catharina , partio com promessas de voltar , e com a resolução de se distinguir muito nos combates para voltar official , e para recobrar um dia sua liberdade á força de heroismo , e para apparecer diante de sua amada , não amante escravo , e obscuro , mas marido livre e glorioso. Apesar de taes promessas , e como por um presentimento do futuro , a separação tinha sido dolorosa para a donzella.

Inconsolavel depois da partida de seu amante ,

Suena tinha cahido poupo a pouco em uma melancolia mortal. Ella não se tinha reanimado senão um instante no dia da revista, quando tinha visto o seu Andrei desfilar na planície da aldea sua patria. Este dia tinha sido para ella um dia de festa, e de vida, até ao momento em que ella tinha visto Andrei levantar a luva da imperatriz, e esta lançar seus olhos sobre Andrei. Mas então ella sentio toda a extensão da sua desgraça: como mulher, ella tinha comprehendido o volver-d'olhos d'uma mulher: tinha comprehendido que o seu amante estava perdido para ella, e que o coração d'um homem não podia ser disputado por uma aldeã a uma imperatriz.

No entanto Andrei, que queria ser heroe, não sonhava senão combates, e não via senão inimigos. Joven e ardente, pensava sempre na gloria, e no amor. Catherina quiz ser para elle ao mesmo tempo objecto d'amor e de gloria. Ella ordenou-lhe que amasse, e não havia remedio senão obedecer-lhe. De entre todos os seus camaradas foi elle o unico que não marchou contra os inimigos da Russia. Em quanto outros alcançavam honra á custa do proprio sangue, a elle só cabiam curtos instantes voluptuosos, um clarão de grandeza, e no fim a morte! Parece-me que ainda o vejo encostado contra uma arvore acolá em baixo, com os olhos fitos sobre um ponto afastado, como o amante que segue de longe os passos de sua amada: eram nossos soldados que iam combater, e que seus olhos seguiam até ao ultimo limite do horisonte.

A aldea estava deserta; todos os homens que podiam tinham seguido as bandeiras da patria; só velhos, mulheres, e crianças, tinham ficado; e teve tambem de ficar como um velho, como uma criança, como uma mulher. Ah! se elle tivesse ficado por Suéna, se elle tivesse desertado por seu amor, teria sem duvida esquecido sua paixão pela gloria, vivendo em obscura felicidade junto da sua amante; mas não! era lhe preciso renunciar ás suas mais caras illusões, ou ás mais doces esperanças, era preciso esquecer suas duas espozadas, — a Guerra, e Suéna, — para vegetar em um palacio, para obedecer ás vontades da imperatriz: porque tal era o poder dos senhores neste

o riso á vista desta scena. O patrão no fervor de sua enraivada admiração apertava suas pequenas mãos, tremia todo de furor: a velhórria da criada exclamava em altos gritos á porta = *Ai Jesus, Maria, José!* =: e os animaes, como usão todos os cavallos no cabo d'uma jornada, procuravão alliviar-se pela pratica daquellas acções, que n'uma salla de visitas pareceriam mal, e provocariam fortemente o riso: mas que n'uma estribaria podem passar. A scena só pode bem ser imaginada por quem a vio. O letrado então perdeu de todo a paciencia, e deu lugar á mais violenta e illimitada raiva. Chamava-me = *herege Inglez* = e claramente apregoava seu odio para com a Grã-Bretanha, e paixão pela França. Batia o pé na caza, fallava comsigo so, e fazia arremecos; eu porem friamente lhe dizia que saísse para fora, se não queria ficar fechado com os cavallos; porque eu não podia por mais tempo estar na estribaria. Obedeceu com grande carranca, e praguejando, em quanto eu lhe dei com a maior *polidez* os agradecimentos pela accommodação, que em sua caza me havia franqueado, e parti para caza dos magistrados, a quem contei o caso. A galhofa, que fizeram, por esta brincadeira, não foi menor que a minha; recommendaram-me que conservasse o quarto para cavallariça, em quanto me demorasse no Porto, o que assim fiz: e deram-me outro boleto para uma caza fronteira á do letrado, aonde recebi a mais hospitaleira attenção nos poucos dias, que me demorei na cidade: e tinha o gosto de cortejar o torrado velho todas as manhãs, quando elle saía de caza: cortejos, a que nunca se dignou corresponder mais do que com uma carranca propria de seu semblante Jacobinico.

( *The Wars of Europe, or Annals of Military and Naval Warfare. London. 1838. pag. 297.* )

---

## O AMANTE D'UMA IMPERATRIZ.

---

**H**A na entrada que conduz o viajante de S. Petersburgo a Tzarskoicelo, uma pequena caza regular; construida, segundo os principios da arte grega, e notavel sobre tudo pelo bom gosto e pureza dos ornatos. O genio esclavonio, tão pouco dotado d'originalidade, reproduzio com paciencia todas as particularidades d'uma caza attica. As arvores, e os pinheiros do norte se agitam em torno destas elegantes collumnatas, e seu murmurio parece ser um amargo queixume contra esta invazão da arte brilhante e meridional nos paizes do septemtrião. Aqui vemos estes porticos, e estas arcadas, destinadas em outros tempos a offerecer aos passeantes uma doce sombra e uma salutar frescura, e que hoje o vento norte açoita por espaço de nove mezes, sibilando com ironia no meio destes frios marmores.

Aqui se veem as antigas estatuas, bellas pela sua nudez pagã, que offende a vista em um paiz christão, e cauza arripios em um paiz gelado. Todas as janellas estão fechadas ha quarenta annos; e os pinheiros incultos, o terreno arido, as ruas do jardim apagadas e desfeitas, zombam hoje da arte e dos thezouros prodigalizados pela imperatriz, que em outro tempo creou este retiro para os seus amores.

A historia desta habitação é a historia tocante d'uma alma fiel e obscura, perdida pelo caprixo d'uma testa coroada. A poucos passos de distancia da caza deserta, ha perto de vinte choupanas de *moujicks*, que parecem estar sementeas nas bordas do regato; e mais longe os tumulos dos habitantes d'aldea fazem voltear n'uma grande extensão de terreno suas ruas mortuarias. Deixei a estrada, e desviei-me do edificio grego e arruinado de Catharina para me dirigir para este cemiterio, n'uma tarde do ou-

generaes , batalhões em collumna cerrada enchiam o horisonte todo ; os ajudantes galopavam , os tambores tocavam , as vozes de commando misturavam-se aos passos estrepitosos dos cavallo. Neste tumulto espantoso as aves cortavam ligeiras os ares ; e nota-se que desde esse tempo abandonaram seus antigos ninhos. Logo no principio da revista , a Tzarina sahio da carroagem , e montou a cavallo ; e em quanto ella estava dando uma ordem a um official , cahio-lhe uma das luvas. Um ajudante de campo correu para a apanhar ; mas meu irmão , o joven Andrei , de joelhos diante da imperatriz , ja a esse tempo lha apresentava. Os olhos imperiaes fitaram-se sobre elle , e sobre mim : este olhar nunca mais me esquecerá.

Andrei , meu irmão , o homem mais bello d'aldea , e talvez da provincia , merecia na verdade um volver d'olhos da Tzarina. Era elle um aldeão que nascêra para principe. Talvez tenhaes reparado no nosso paiz em betulas novas com seus desimpedidos caules altos e direitos , izentos não só das plantas parasitas que crescem ao pé dos carvalhos , mas tambem das reptantes que cercam os olmos : taes são os verdadeiros filhos da Moscovia ; ellas são esbeltas , e desembaraçadas como a nossa raça. Sua forma é direita ; sua folhagem pallida balanceia-se brandamente , e com negligencia ; pode-se dizer dellas que são o senhor da paisagem no meio de seus vassallos.

Tal era Andrei. Todos os paes o teriam dezejado para genro , e todas as donzellas para marido. Uma dellas , a joven Suéna , tinha , havia longo tempo , atrahido as attenções , e conquistado o coração d'Andrei , e Andrei lhe tinha inspirado tanto amor quanto elle sentia por ella. Chamado dahi a pouco ás bandeiras de Catharina , partio com promessas de voltar , e com a resolução de se distinguir muito nos combates para voltar official , e para recobrar um dia sua liberdade á força de heroismo , e para apparecer diante de sua amada , não amante escravo , e obscuro , mas marido livre e glorioso. Apesar de taes promessas , é como por um presentimento do futuro , a separação tinha sido dolorosa para a donzella.

Inconsolavel depois da partida de seu amante ,

Suena tinha cahido poupo a pouco em uma melancolia mortal. Ella não se tinha reanimado senão um instante no dia da revista; quando tinha visto o seu Andrei desfilar na planície da aldea sua patria. Este dia tinha sido para ella um dia de festa, e de vida; até ao momento em que ella tinha visto Andrei levantar a luva da imperatriz, e esta lançar seus olhos sobre Andrei. Mas então ella sentio toda a extensão da sua desgraça: como mulher, ella tinha comprehendido o volver-d'olhos d'uma mulher: tinha comprehendido que o seu amante estava perdido para ella, e que o coração d'um homem não podia ser disputado por uma aldeã a uma imperatriz.

No entanto Andrei, que queria ser heroe, não sonhava senão combates, e não via senão inimigos. Joven e ardente, pensava sempre na gloria, e no amor. Catherina quiz ser para elle ao mesmo tempo objecto d'amor e de gloria. Ella ordenou-lhe que amasse, e não havia remedio senão obedecer-lhe. De entre todos os seus camaradas foi elle o unico que não marchou contra os inimigos da Russia. Em quanto outros alcançavam honra á custa do proprio sangue, a elle só cabiam curtos instantes voluptuosos, um clarão de grandeza, e no fim a morte! Parece-me que ainda o vejo encostado contra uma arvore acolá em baixo, com os olhos fitos sobre um ponto afastado, como o amante que segue de longe os passos de sua amada: eram nossos soldados que iam combater, e que seus olhos seguiam até ao ultimo limite do horizonte.

A aldea estava deserta; todos os homens que podiam tinham seguido as bandeiras da patria; só velhos, mulheres, e crianças, tinham ficado; e teve tambem de ficar como um velho, como uma criança, como uma mulher. Ah! se elle tivesse ficado por Suéna, se elle tivesse desertado por seu amor, teria sem duvida esquecido sua paixão pela gloria, vivendo em obscura felicidade junto da sua amante; mas não! era lhe preciso renunciar ás suas mais caras illusões, ou ás mais doces esperanças, era preciso esquecer suas duas espozadas, — a Guerra, e Suéna, — para venergetar em um palacio, para obedecer ás vontades da imperatriz: porque tal era o poder dos senhores neste

paiz , e a disciplina dos povos , que até mesmo as paixões destes obedecem áquelles , e até o amor se submete no coração dos subditos.

Na França , na Italia , ou em qualquer outra parte a donzella abandonada teria , senão realizado , ao menos meditado vingança ; á falta de punhal ou de veneno , votos ao menos teriam attentado contra os dias de Catharina ! Aqui porem a donzella curvou a cabeça , resignou-se a morrer , sem um murmurio , sem uma queixa.

O mancebo em outra nação , teria tentado salvar-se com sua amante , ou teria continuado ao menos a amal-a em segredo ; mas aqui , Andrei como subdito fiel , teve de ceder ás vontades da sua soberana ; fez generosamente todos os seus esforços para esquecer o primeiro amor , e para dar todo o seu coração a Catharina ; porque nossos senhores são nossos senhores , e nossas almas lhes pertencem , assim como nossos corpos.

Entretanto que Suéna suspirava em silencio , a vergonha , e desesperação d' Andrei eram offuscadas com rasgos do favor imperial. Os mesmos farrapos luzem , quando são dourados pela luz do sol.

O palacio que acolá védes , mandou-o a imperatriz edificar como por encanto , para o seu amante. Ella queria , dizia , passar ahi a bella estação longe do tumulto da capital com Andrei. A simplicidade , sinceridade , franqueza , e affeição d' Andrei , eram couzas totalmente novas para a Tzarina. Quando com olhos arrasados de lagrimas por causa das ternas saudades de Suéna , elle supplicava a Catherina que o deixasse seguir o exercito , nenhum volver-d'olhos ameaçador , vinha punir a sua ousadia. Ella , viuva d'um monarcha , convertia-se em adúladora e escrava do aideão , e se entretinha a instrui-lo nas sciencias e nas artes.

No fim do verão Catharina não voltou para a capital ; as compridas noites do inverno passava-as ella sosinha com Andrei ; á luz d'um candieiro estavam os dous amantes sentados um junto do outro , embebidos nesses mysteriosos entretenimentos que nenhum ouvido indiscreto podia escutar. Se o tempo estava bom davam passeios a pé ou a cavallo pelas visinhanças do palacio. O cão domestico não segue mais as-

aiduo os passos de seu dono, do que a Tzarina seguia os do seu amante. Mas neste nosso paiz a primavera e o sol vecejam e resplandecem com rapidez enganadora: e os caprichos d'alma são rapidos como os ardores do verão.

“ Eu, que ja fui o illustre irmão do bello favorito, estou hoje feito coveiro. A pá funeraria é o meu ganha-pão. Fazer as sepulturas para os meus semelhantes é asilo seguro contra a má sorte; e é este o meu unico recurso. Quem tal diria? O final da minha historia é triste, e poderá talvez accordar estupefactos os habitantes destas sombrias moradas. E' uma bem extraordinaria aventura. „

Callou-se. Meus olhos se firmaram na sua face engelhada. Nestas feições mirrhadas pela velhice queria eu descortinar a belleza d'Andrei, que tinha seduzido a imperatriz; estava a figurar sobre estas curtas espadoas uma cabeça coberta de compridos cabellos loiros, quando elle me interrompeu dizendo: „ Dispensae-me de vos contar particularidades inuteis. Ellas magoariam vosso coração, apesar de não terdes conhecido o meu Andrei, orgulho da minha mocidade, e o unico amigo do meu coração. Sua historia é muito dolorosa. Catharina mudou. Catharina não tardou a affeição-se d'outro homem mais sagaz, mais corteção do que meu irmão, e que por isso soube enlaçar o coração imperial com péias mais seguras. Em lugar d'amor o pobre Andrei não teve senão o odio desta mulher, que por fim não quiz mais vel-o, nem d'elle ouvir fallar.

“ O raio protector havia já desaparecido. Andrei tornou a ficar na sua antiga obscuridade. Porem era uma testemunha incommoda, e fazia-se mister dar cabo d'um homem que ia revelar para a aldêa os intimos segredos do leito imperial. Em consequencia disto um infame que trazia dragonas d'official provocou Andrei com insultos; e este exigio uma satisfação. Houve o competente desafio, e o combate foi á pistola. Toda a gente affirma que a arma que se deu á victima estava carregada de polvora secca. O assassino (dou-lhe este nome, e não terei razão para isso?) atravessou o coração d'Andrei com uma bala, e não ficou ferido.



“ Tal foi o desfecho desta amizade imperial. O cadaver foi levado de noite ao cemiterio; quebrou-se uma espada sobre a sua cova, e seu nome foi votado ao esquecimento, por ter, segundo diziam; violado as leis do duello. Eis a verdadeira historia do homem desconhecido que esta loisa cobre. „ Com-moveu-me na verdade a historia deste infeliz, que uma mulher havia escolhido para satisfação de seus prazeres, da mesma sorte que nós tomamos um criado para nos servir. Era um criado para a cama que se podia despedir como se faz aos outros. Mas esta politica que fazia que a amante deshonrasse o proprio tumulo do favorito parecia-me execranda. Esta mulher riscando até o mesmo nome d'Andrei, depois de se ter servido do seu amor, e ter tirado a sua vida, parecia-me facto tão monstruoso como certos actos dos imperadores da antiga Roma.

Grabowitch continuou: — “ Suena morreu depois d'Andrei; eis-ali seu tumulo. E como eu depois da desgraça de meu irmão me fiz coveiro para poder viver, colloquei esta terna victimia ao lado d'Andrei, como deveria ter estado durante a vida. „ E suspendendo por um instante o seu discurso, continuou depois em voz sumida; “ Como aqui ninguém nos ouve, posso dizer-vos que a Tzarina em quanto viveu, veio todos os annos vizitar o tumulo d'Andrei; e para vos dizer tudo o que eu penso, accrescentou elle na sua crença meio-christã e meio-escandinava, se Deus vingá lá no oco os delictos cá da terra, elle deve os ter lá juntado, como eu aqui fiz aos corpos. Estas duas almas separadas sobre a terra, deve elle tê-las cazado no paraizo á vista da imperatriz; será este o castigo, e o inferno dessa mulher, se ella ainda ama Andrei. „

O coveiro então auzentou-se pondo o dedo na boca para aconselhar silencio; mas eu quiz contar esta historia ignorada d'um pobre moujick moscovita, que pagou cara a honra de ser amado de sua soberana.

Quanto sangue não custa o capricho d'uma testa coroada! Quão grande é a tyrannia que se exerce até sobre os corações! Como é terrivel aquelle idolo que só se satisfaz com victimas humanas aos pares, e que sobre seus altares devora homem e mulher!

( *Blackwood's Magazine.* )

## Variedades.

---

### O PRADO EM MADRID.

O Prado é o salão de reunião de toda a sociedade de Madrid. Como no verão se não sáe pelo calor, é d'ajuste encontrarem-se as pessoas de tarde no Prado : aqui passeia-se, fazem-se cumprimentos, apresentam-se os amigos, conversa-se, fuma-se, e ( para o dizer de passagem ) ver-se-há aqui o que se não vê em outro algum paiz ; e vem a ser, o aguadeiro, e o lacaio segurarem o 1.º Ministro, ou o Grande d'Hespanha, que vai passando, para accender o seu cigarro ao delle. Bello e espaçoso passeio, cercado de formosos alamos, é o Prado o ponto de reunião de toda a bella sociedade de Madrid ; e é na verdade encantador o espectáculo dos engraçados trajes das Hespanholas, e dos rostos ainda mais engraçados, e meio-encobertos pela mantilha de blonde. Aqui fica a França muito atraz : tem, é verdade, muitos mais politicos experimentados do que a Hespanha ; mas sem offender, nem levemente, as amaveis Francezas, pode-se dizer com toda a verdade que se encontrarão no Prado mais mulheres formosas, e até bellas, n'um quarto d'hora, do que nas Tulherias em oito dias. Não quero dizer que se encontrará sempre no Prado o apuro do bom gosto, o elegante andar, e engraçadas maneiras das Parisienses : mas sim olhos tão brilhantes, cabellos tão negros, rostos tão frescos, formas tão perfectas, que são capazes de extasiar um pintor.

---

# INDICE

## do N.º XIX.

---

I.	ECONOMIA POLITICA — <i>Impostos</i> .....	5
II.	MEDECINA — <i>Mr. Louis, e sua escola</i> .....	25
III.	LITTERATURA — <i>D. Sebastião o Encoberto</i> .....	39
IV.	POESIA — <i>A Noviça de Norvendorf</i> .....	61
V.	CHRONICA HISTORICO-POLITICA .....	67
VI.	MISCELLANEA — <i>Brincadeira d'um aquar- telado Inglez no Porto</i> ...	87
VII.	..... — <i>O amante d'uma impe- ratriz</i> .....	91
VIII.	VARIEDADES — <i>O Prado em Madrid</i> .....	99

---

# INDICE ALPHABETICO

DAS

## Materias contidas no 3.º Volume da Revista Litteraria.

### A

Abbadessa de Castro ... ..	127
Amatividade, <i>instincto</i> e seguintes...	24
Assucar de leite ... ..	190
André de Rezende ... ..	339

### B

Broussais — Phrenologia ... ..	24
--------------------------------	----

### C

Chimica organica gazes contidos no sangue ...	95
Condessa de Salisbury ... ..	371

### D

Dezenho — obtido por via da luz ... ..	41
Drama ... ..	249

### E

Economia Politica ... ..	5, 103, 207
Elogio de Leopoldo, grão Duque de Toscana	131
Escravidão — (da antiga ... ) ... ..	91

Gazes contidos no sangue ... ..	95
Geographia industrial... ..	203
Governo representativo ( ultimos alentos do )...	164
Guizot ( Curso da Historia Moderna ) ... ..	141

## H

Historia Moderna ... ..	141
„ Nacional ... ..	164 224
Hydrosudopathia ... ..	116

## I

Impostos ..... ..	5, 103, 207
Inquisição — epocha do seu estabelecimento...	224

## L

Leite — ( assucar de ... ) ... ..	199
Leopoldo ( elogio de ... ) ... ..	131
Liberdade ( da ... ) ... ..	310
Lopo de Figueiredo ... ..	240

## M

Manoel Severim de Faria... ..	339
Medecina — Hydrosudopathia ... ..	116

## P

Pagem de D. Diniz — <i>romance</i> ... ..	363
Phrenologia ... ..	24

## R

Religião , ( amor e patria ) <i>romance</i> ... ..	53
Respiração ( theoria da ) ... ..	92

**S**

Salisbury ( a condessa de ) ... ..	713
Sangue — gazes que contem ... ..	95
Severim de Faria — V. <sup>o</sup> Manoel	

**T**

Talleyrand — extractos das Memorias ... ..	197
--	-----



• • • • •  
• • • • •

• • • • •

•

•

•

•

•

•

•

N.º XX.

REVISTA

# LITTERARIA.



Sciencias.

**ECONOMIA POLITICA.**

**COMMERCIO.**

O COMMERCIO—como a sua etimologia designa, é a troca ou permutação de mercadorias por outras mercadorias; vem de *commutatio mercium*; é a troca d'equivalentes.

Mas o commercio consiste essencialmente em levar os productos ao alcance dos consumidores; e assim a troca é uma consequência desta primeira operação, na qual propriamente está essencia da industria commercial.—E' a grande maquina que reparte por o mundo os beneficios da civilisação, e os thesouros dos conhecimentos uteis: e fazendo depender a existencia dos habitantes d'um paiz da existencia dos outros pelo mutuo gozo de suas especiaes commodidades, estabelece o poderoso principio d'união, e liga a sociedade das nações com os vinculos communs do mutuo interesse, e de reciprocas obrigações.

A differença de situação das mercadorias é já uma mudança d'estado, por meio da qual ellas adquiriram novo



*valor* ; porque essa mudança não se faz sem despesas, e sem o emprego de serviços semelhantes áquelles que prestam a agricultura, e as artes, que consistem em avanços de dinheiro, que demandão emprego de capital.; nos trabalhos de diversos agentes como commissarios — corretores, — armadores, — conductores, — almocreves, — barqueiros, — estafetes, — baforinheiros — &c. : os serviços de certas máquinas ; como — navios, carros — cavallos, caixas, roldanas, cabrestantes &c.

Tudo isto pertence á industria commercial, bem como tudo quanto é relativo ao escriptorio do commerciante.

As faculdades intellectuaes do homem estão constantemente occupadas na indagação da nossa felicidade, e em multiplicar os meios de subsistencia, commodidade, e gozo. O commercio, que effectua a troca das producções da terra, industria e talento de uma nação, por outras producções da terra, industria, e talento das outras nações, é meio importante d'augmentar e multiplicar aquelles meios, pois que em virtude da troca, não sómente as producções naturaes, que em abundancia a Providencia distribuiu n'uma porção do globo, e recusou a outra porção, se fazem communs a todas ; mas, faz com que e sólo de qualquer porção da terra possa ser applicado á producção daquellas cousas que elle pode produzir, e que a experiencia mostra que elle produz com melhor qualidade, em maior abundancia, e com menor despesa, do que o sólo d'outra porção da terra.

O commercio pois é o meio que habilita a população de cada districto separado a alcançar as maiores vantagens, derivem ellas da natureza, ou sejam acqvisição da applicação da industria, talento, e capital ; consumindo immediatamente muitas destas producções, e deixando grande, ou maior remanescente possível, para ser dado em troca por outras producções produzidas mais facil, e abundantemente, e de melhor qualidade em outros districtos do mundo.

*Eis-aqui como a industria commercial dá valor novo ás mercadorias, e o que não pode deixar de ser reconhecido pelo consumidor ; entendendo por consumidor o publico que compra os productos, que o commercio lhe apresenta.*

É com effeito, como pôde o consumidor desconhecer que o assucar, o café, o algodão &c. produzido na America deixe de ter mais valor nos mercados da Europa, do que nos mercados do paiz da sua producção?

O preço da venda, assim augmentado com as despesas, ou avanços, para que o producto appareça á vista do consumidor, constitue o *preço corrente* no lugar da venda.

Este preço corrente é o valor reconhecido por aquelle que compra a mercadoria ou o producto; é em dinheiro o equivalente do que o comprador daria se a pagasse com outra mercadoria, isto é, se fizesse a permutação.

Eis aqui pois em que consiste o commercio; — é na permutação dos productos; o mutuo consentimento dos permutantes, dando uma mercadoria ou producto, recebendo outra em troca, estabelece a *equivalencia* entre as cousas trocadas; nada importa que uma dellas seja dinheiro, *esta forma de mercadoria* não altera em cousa alguma a essencia da transacção; em todo o caso cada um dos permutantes ficou com valor igual ao que d'antes possuia; o facto da troca é a prova deste juizo: o *valor numerario do dinheiro*, *dado em troca pelo producto recebido*, é o preço corrente, dito *valor venal*.

Todo o empenho do commercio e da industria commercial é para chegar a este *preço corrente*, a este *valor venal*.

Esta simples exposição faz ver que no commercio ha verdadeira producção, no sentido em que definimos este vocabulo, porque ha real e effectivamente uma modificação da qual resulta uma commodidade, um augmento d'utilidade, que é o fundamento do valor.

Quando o comprador d'um producto o paga por mais do que elle vale, perde tudo quando o vendedor ganha; não pode licitamente ganhar alem do *preço corrente* por que comprou o producto, mais do que as despesas feitas, e o justo premio de sua agencia industrial, com o beneficio resultante do estado do mercado, isto é, da differença entre a procura e offerta; beneficio que umas vezes lhe pode ser favoravel, e é isto que o commerciante procura conhecer, e que ás

vezes conhece pelas noções commerciaes, mas que muitas vezes é o effeito do acaso; e outras vezes é tão negativo que chega a entrar na importancia das despesas, e do preço de compra; é então que elle sofre attendivel perda.

Porem mesmo neste caso o commerciante vendeu pelo preço que representa o valor actual do seu producto.

E' bem claro que nós abstrahimos os casos de fraude, ou todos os meios illicitos empregados por cada um dos permutantes para illudir o outro, e para chegar ao *preço de venda*, que é para elles o preço corrente: inteiramente no trafico commercial muitos destes meios illicitos se praticam; prevenil-os pertence as leis; fulminal-os e condemnal-os é o objecto da moral; a economia politica examina e analysa o phenomeno como elle deve ser pela natureza das cousas.

E como o commerciante não s'encarregaria d'apresentar em frente do consumidor aquellas mercadorias, de que este carece para satisfazer suas necessidades ou gratificar os seus appetites, sem a bem fundada esperanza de que o seu trabalho, diligencias, cuidados, e riscos hão-de ser competentemente compensados, é claro que elle não *trabalha para perder*: em tal caso não haveria produccão; e que toda a sciencia da sua industria consiste em conhecer bem o lugar da necessidade de certos productos, a natureza e qualidade desses productos, e os meios de os levar aonde elles são necessarios, com as menos despesas, para poder melhor sofrer a concorrência.

Se o acaso, a fortuna, ou o calculo favoreceu a especulação; isto é, se levou productos á preferença do consumidor quando elle os precisava, e quando não tinha concurrentes, quando a *raridade augmentava realmente seu valor*, o preço corrente que elle tem é excepcionalmente maior do que costuma ser normalmente; em tal caso a especulação pode completar só de per-si sua fortuna.

Este preço corrente *excepcional*, e não *normal*, é o effeito de circumstancias que obram como o monopolio, mas não são effeito d'um monopolio effectivo: que em economia politica não pode deixar de ser condemnado, ou que jamais pode ser indicado como meio

d'elevant o preço corrente; porque reduzir este preço corrente por interesse do consumidor, e do productor, é o final objecto daquella sciencia; naquella redução ganha o consumidor porque pelo mesmo valor obtém maior quantidade d'uma mercadoria, ou maior somma de mercadorias; e ganha o productor, não só porque despendeu menos na produção, mas com o augmento do consumo deu extensão á produção, e por este modo cresce a prosperidade, e a riqueza nacional.

O commerciante que fez o intermedio entre o productor e o consumidor, sendo ao mesmo tempo productor, opera sobre as mesmas bases quando o preço corrente é alto, ou baixo; o seu objecto consiste igualmente em lucrar na differença dos preços da compra e da venda, a qual pode ser a mesma sempre, quer as quantidades sejam grandes, quer pequenas; a differença entre 100 e 90 é a mesma que entre 11 e 1, que entre 1000 e 990.

Não será precisa grande reflexão para reconhecer que o commercio é a alma e o sustentaculo dos estados; estabelecendo o elo d'união entre os diversos povos da terra, communicando as produções de diversos climas, e latitudes, e aniquilando as distancias mais longinquas, mediante as communicações por mar e terra: a navegação é o seu principal instrumento; assim a navegação e o commercio andam a par; florecem, e definham na mesma relação.

O commercio não pode exercer-se em objectos que não sejam materiaes, pois são elles os unicos que podem mudar de lugar, e de mãos.

Considerado em quanto ao corpo politico, é propriamente a circulação interior dos productos nacionaes, ou coloniaes, a exportação do superfluo, e a importação dos productos estrangeiros para os consumir ou reexportar. Este modo pois de o considerar faz dividir o assumpto nas seguintes secções:

- 1.<sup>a</sup> Epítome da origem e historia do commercio.
- 2.<sup>a</sup> A industria commercial.
- 3.<sup>a</sup> O commercio em relação ás outras industrias, e ás finanças.

*Secção 1.ª Epitome da origem, e historia do commercio.*

(A) *Origem.* O commercio é tão antigo como as sociedades: o trafico entre os homens nasceu da desigualdade com que a natureza distribuiu as suas produções em diferentes pontos da terra; desigualdade feliz, porque ella é o fundamento da sociabilidade, e da civilisação. Ao principio as trocas começaram entre particulares visinhos; insensivelmente se foram ellas estendendo de povoações para povoações; de cidades para cidades, de provincias para provincias, depois de nações para nações, e por fim a todo o mundo conhecido. A necessidade foi quem fez nascer o commercio; o desejo d'obter commodidades, de satisfazer necessidades, e de gratificar appetites no progresso da civilisação, deu-lhe forças, e implitude;—o luxo, o gosto do superfluo, e outras causas o levaram ao estado de perfeição em que o vemos.

A agricultura e a industria são a baze do commercio, debalde Ganilh sustenta a opinião inversa. Na infancia do mundo, os homens sem artes, sem instrucção, viviam vida errante, e pouco differente da que viviam as feras, e neste estado ainda alguns viajantes tem achado nações; e entre elles appellamos para o authentico tetemunho do nosso respeitavel D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo de Braga, quando foi Bispo do Pará. —

As primeiras familias reunidas em sociedade não podiam desde logo occupar-se senão dos meios de prover a sua subsistencia, assim se estabeleceram suas primeiras relações commerciaes, por meio da troca das cousas mais necessarias á vida.

O homem não se limitaria a produzir exclusivamente um só dos numerosos objectos precisos para a satisfação de suas necessidades, se elle não tivesse a certeza, e a segurança d'obter, por meio da troca, aquelles que dezeja. O commercio facilitando as trocas deu origem á divisão do trabalho, e a divisão do trabalho estendeu a esféra d'acção do commercio; assim este, e aquella divisão são alternadamente causa e effeito.

Nas trocas ha por tanto uma utilidade reciproca, pois sem isso não as haveria; e são ellas o esti-

mulante mais efficaz para entreter a actividade da industria, e para operar a distribuição do trabalho pelo modo mais efficaz e economico. —

Assim se formaram esses grandes e colossaes imperios dos Egypcios, das Asyrios, dos Medas, dos Babylonios, e dos Persas; o commercio faz-se ainda hoje entre as nações selvagens das costas d'Africa, da America, e da Asia por meio da permutação, como nos primeiros tempos.

Nesses tempos não havia regra para avaliar os generos, cujo preço e valor era regulado só pela estimação, julgando-se a olho a quantidade, o peso, e o volume dos effeitos expostos á permutação.

Os progressos do commercio fôrã-se aperfeiçoando com o progresso da civilisação, com a applicação dos metaes preciosos ás suas operações, e com a invenção da moeda, da balança e dos pezos, que com tudo remonta aos tempos d'Abrahão.

Sem poder fixar o tempo em que os metaes começaram a servir para estabelecerem preço das mercadorias, pode diser-se que o Egypto foi o primeiro paiz aonde este trafico começou: na Escriptura não se falla d'ouro e prata como riquezas antes da viagem d'Abrahão ao Egypto, e diz Moysés que este Patriarcha veio d'ali mui rico em prata e ouro. Abimeleck, Rei de Gerar na Palestina, deu mil peças de prata a Abrahão por occasião do rapto de Sara.

No tempo de Jacob estendia-se o commercio a diferentes paizes, e consistia em diferentes mercadorias.—Do paiz de Galaad vinham os Ismaelditas e Madianitas, negociantes a quem José foi vendido por seus irmãos, em direcção ao Egypto: seu trafico consistia em resinas, aromas, e outras producções preciosas; a venda de José mostra que o trafico dos escravos estava de ha muito em uzo nestas regiões.—O commercio do trigo era mui grande no Egypto, que em tempos de escacez era o recurso dos paizes circumvisinhos.

Nos primeiros tempos o commercio foi inteiramente terrestre, e para isto foi primeiro preciso domesticar os animaes para servirem como meios de transporte; depois foi mister fazer estradas, e vencer os obstaculos oppostos pela natureza nas passagens dos rios,

pantanos , montes , &c. Semiramis empenhou-se em abrir as communicações em seu imperio. Segundo Herodoto foi Menés o primeiro soberano do Egypto que fez construir uma ponte sobre um dos braços do Nilo; e Diodoro attribue a Semiramis a construcção da magnifica ponte que em Babylonia atravessava o Eufrates. Nas regiões do Levante é que o commercio começou , os transportes faziam-se ás costas dos cavallos , e outros animaes de carga ; os carros erão pouco usados como meios de transporte de mercadorias ; os negociantes reuniam-se em extensas caravanas , e a maior difficuldade que se lhes oppunha era a da subsistencia , que eram obrigados a levar comsigo, bem como tendas e barracas para se abrigarem do sol ; assim viajou Abrahão , e assim se viaja ainda no Oriente.

Pouco depois s'inventaram os albergues ; Herodoto attribue aos Lydios esta invenção , mas é de crer que remonte a tempos mais remotos.

Deve reunir-se ao commercio terrestre aquelle que se faz por meio dos rios e canaes : mil occasiões e a-casos poderiam dar-se para verificar a invenção dos barcos ; começou-se pelas jangadas , depois pelas pyrogas ou canóas , que naquelles tempos tinham o nome de *monoxylons* , e animados os homens pela experiencia da navegação dos rios , abalançaram-se aos mares.

Foram os Fenicios , descendentes de Noé , que fixando-se nas costas da Palestina , primeiro se lembraram d'applycar a navegação no alto mar ao commercio ; estes povos são conhecidos na Escrip-tura pelo nome de Cananéos , que em lingua oriental quer dizer — *mercadores* , depois denominados Filisteus , e Fenicios pelos Gregos. Sidon foi a cidade sua capital , fundada por um dos filhos mais velhos de Chanaan. Tyro foi uma colonia de Sidon ; a gloria e a prosperidade daquella fez esmorecer a desta ; que com tudo aconteceu seculos depois. A terra que os Phenicios escolheram era ingrata , e esteril ; a industria suppriu o que a natureza lhes negava ; cultivaram as artes , as manufacturas , e as obras do gosto , e por tanto o commercio veio a ser o objecto capital desta nação : e lá é que foi a invenção da arithmetica , e da escripta. A visinhança do monte Libano of-

fereceu-lhe as madeiras de construcção , e em pouco o seu commercio foi estabelecido em todo o Mediterraneo , já extenso pouco tempo depois do diluvio , pois que Jacob assim o indica nas ultimas palavras dirigidas a seus filhos.

Os Egypcios não se applicaram ao commercio marítimo , seus principios religiosos os arredavam , mas Sesostris destruiu taes preconceitos ; construiu uma grande armada , e com ella se dispoz á conquista do mundo.

Os Phenicios perderam grande parte do seu territorio , que foi conquistado pelos Israelitas , mas Sidon não foi subjugada , seu commercio estendeu-se , estabelecendo *entrepotos* em diferentes lugares ; a irrupção do povo Hebreu no paiz de Chanaam deu occazião a que os Sidonios enviassem colonias para diferentes lugares ; os fugitivos dos diversos pontos da Palestina por não acharem territorio bastante em Sidon , esta lhes forneceu navios , que os transportaram , e daqui saíram numerosas colonias para Africa e Europa.

Até esta época ainda Tyro não figurava , ella foi edificada 40 annos depois da tomada de Troia , por uma colonia de Sidonios. Os primeiros estabelecimentos dos Phenicios foram na ilha de Chypre e Rhodes ; daqui passaram á Grecia, Sicilia , e Sardenha, e depois ás Gallias até á Hespanha , sem sahirem do Mediterraneo até ás columnas d'Hercules ; mas 1250 annos antes de J. C. elles os transposeram , e entraram no Oceano , tomando o côsta occidental da Hespanha , e assentaram seu primeiro posto em Cadix , cuja importancia reconheceram , não só pela segurança da posição , mas pelo commercio com a Betica ; na ilha hoje de Leão , lançaram os fundamentos de Cadix, com o nome se *Gadir*, palavra que exprime *refugio, tapalá*. Os Beticos possuíam muito ouro e prata , mas desconheciam as artes, e esta ignorancia servio muito aos Phenicios, que os provêram d'azeite, e d'algumas bagatelas por quantidade d'ouro e prata tal, que não podendo transportá-la em seus navios, tiraram das ancoras o chumbo com que as carregavam para o substituir por ouro e prata : alem destes metaes , elles levaram dali a cera , o mel , o pês , o vermelhão , o ferro , o cobre, o estanho &c. Tal foi o grande commercio que os Phe-



nicios exclusivamente fizeram por muito tempo com a Hespanha. Julguemos da quantidade d'ouro e prata dos Phenicios pela que os Israelitas acharam na Palestina, e pelo luxo e magnificencia que ali reinava. —

A historia nos transmittê a descripção de seu poder e riqueza; elles não poderiam subir a tão alto gráo de prosperidade, senão por uma sabia legislação protectora dos direitos individuaes, e da industria, que em todos os tempos tem sido o unico meio d'aumentar a população, e accumular riquezas.

Grande é por certo a impressão que sentimos ao lêr as descripções da grandeza das cidades do Egypto, e da Asia, o luxo dos principes, a magnificencia dos templos, dos palacios, e dos monumentos publicos; e a vista das ruinas destas grandezas, ainda hoje existentes a despeito da voracidade do tempo e das revoluções, nos confirma a verdade daquellas descripções; quem poderia emprehender, e acabar tão immensos trabalhos, senão povos ricos, industriosos, e adiantados nas artes da civilisação? elles são o documento authenticico da prosperidade da agricultura, da industria, e do commercio.

E por semelhante meio conhecemos tambem que em não menos florente estado se achavam estes tres mananciaes da publica prosperidade no tempo das republicas da Grecia, da Italia, da Sicilia, e até mesmo dos Romanos, dado que estes povos fundassem mais sua opulencia nas conquistas, e na devastação, e de tal modo, que a decadencia em que no tempo dos Imperadores se achava o commercio era extrema.

A face da terra foi mudada por duas nações; pelos Barbaros do Norte diffundindo-se no Norte da Europa, e pelos Arabes acomettendo-a pelo Meio-dia: Carlos Magno venceu aquelles, e resistio a estes: porem os primeiros occuparam quasi toda a Europa alem dos Pyreneos, e os segundos conquistaram a Asia, a Africa, e quasi toda a Hespanha. Os Arabes fundaram o maior commercio, que desde Athenas e Carthago ja mais se vira; senhores dos vastissimos territorios da Africa, da Asia Menor, e da Persia, foram-se estendendo até as Molucas e á China.

Collossal foi pois o imperio dos Arabes ou Sarrace-

nos; seu commercio estava no apogéo; com tudo a continuada luta sustentada pelos principes christãos do Occidente para rebater a potencia dos Barbaros, e dos Arabes, trouxe após de si a decadencia, e por fim a ruina do commercio na Europa.

Os seculos d'ignorancia que se seguiram, e o regime feudal déram-lhe o ultimo golpe; porque cada provincia, districto, ou senhorio, era uma particular soberania, e estado isolado: os solares, ou palacios eram outras tantas fortalezas, aonde os mercadores que se apresentavam eram tratados como espiões, exigindo-se-lhes sommas em resgate: os aldeões, quasi como escravos, vestiam-se de grosseiros tecidos de laã fabricados pela familia, e os senhores quasi sempre vestidos de ferro, com as armas na mão, em quasi continua guerra com seus visinhos, de pouco mais finos estofos se vestiam nos tempos communs e do descanso, porque os mais ricos e preciosos usados nos dias de cerimonia, e de grande magnificencia, eram preparados nas cidades, e vinham de França alguns, mas a maior quantidade vinha da Italia, e de Flandres, e os pagavam com os seus generos cereaes, e com seus vinhos; este era o commercio daquelles tempos até ao principio da queda do regime feudal; que começou no tempo das Cruzadas, com o reinado de S. Luiz, rei de França.

Os commerciantes não gozavam então de consideração alguma; elles eram quasi todos ou Judeus ou Italianos, e andavam expostos a continuas vexações, e a consideraveis extorsões de dinheiro, para o que os Governos eram faceis em inventar pretextos; foi este procedimento dos Governos a causa primeira da invenção das letras de cambio; nas mãos daquelles se achava o commercio nos seculos 11.º e 12.º; tão precaria situação era a causa da raridade do dinheiro, de modo que aquelles que o careciam só o podiam obter com grandes seguranças, e pagando grandes juros, não menos de trinta, e quarenta por cento, o que deu origem á invenção e estabelecimento das *Montes Pios*.

Foi então que começaram a florescer as repubblicas de Veneza, as outras da Italia, e as cidades Anseaticas, no principio do 13.º seculo, cujo commercio as enriqueceu, e aos Paizes-Baixos: —ahi ve-

mos o celebre *entreposto e porto franco do Bruges* : e foi tambem então que teve origem o commercio de commissão. Assim desde Carlos Magno até Carlos 5.º a sociedade europea foi dando impulso ao commercio apezar dos vicissitudes que continuamente a agitavam.

As cruzadas deram activo alimento ao *espírito d'associação*, e *d'empreza* das cidades anseaticas ; e o commercio marítimo, até então limitado á cabotagem, passou a ser de longo-curso : o proprio commercio inglez estava então nas mãos da liga anseatica, bem como o da Suecia, Dinamarca, Norwega, & Livonia, e em Novogorod, aonde os magistrados de Lubeck exerciam sobre as feitorias anseaticas grande influencia ; no fim de 13.º seculo já 7 cidades maritimos do Baltico s'uniram para defender os privilegios concedidos pelo rei de Norwega, e no seguinte seculo as cidades interiores d'Alemanha, e mesmo provincias inteiras, quizeram pertencer á liga, de modo que o acto de confederação geral foi lavrado em Colonia no anno de 1364 ; a associação tomou o nome de *Liga anseatica* : mas este *Corpo de Cem-braços, e sem cabeça*, não podia por isto mesmo subsistir muito tempo ; elle cedeu ao espirito d'anarquia que então dominava na Europa ; as potencias feudaes contribuíram para dar-lhe o ultimo golpe : no em tanto nós as vemos por muito tempo dictando a lei nos mares do Norte ; ellas fundaram o direito das gentes marítimo ; o commercio ditou a lei á barbaria ; estabeleceu o commercio do Baltico, importantissimo pela-se pelles, couros, grãos, canhamo, alcatrão, e madeiras de construcção : então não se conheciam as *alfândegas*, o commercio exercia-se em plena liberdade, sendo quasi inteiramente feito por meio dais permutações ; as transacções não se saldavam em dinheiro com os Russos, e foi isto o que deu origem a contrabando, e interlopio, que durou até que os Inglezes acharam o caminho para Arkangel pelo Mar Branco, que foi o golpe final da dissolução da confederação anseatica, posto que Lubeck, que era a capital, ainda conservasse por muito tempo seu esplendor. E' importante a historia das feitorias da liga anseatica, e seu regulamento ; de tudo se achará am-

pla descripção na obra de Blanqui, e especialmente da feitoria de Bruges que foi o principal *entrepoto* do commercio da Europa.

Algumas nações começaram a subtrahir-se á liga, formando associações especiaes protegidas pelo governo, e foi Elisabeth d'Inglaterra que lhe deu o maior impulso; ella estabeleceu as represalias d'alfandegas, preludio das lutas industriaes, que hoje tanto agitam as nações. O commercio começou a erigir-se em potencia, as nações passaram a combater-se tanto com os tiros de artilharia, como com os *das pautas*.

Assim a influencia das cruzadas, a confederação anseatica, e a criação das republicas italianas da idade media deram o maior impulso ao commercio, que conjunctamente com o estabelecimento das municipalidades, e do direito municipal forão o episodio da grande obra da emancipação dos povos, proseguida de seculo em seculo com inabalavel constancia. A aristocracia avoenga foi cedendo o terreno, ou a preponderancia á aristocracia *de seda, e de lã*—A liberdade do commercio era absoluta, e a organização da industria vigorosa; a pratica das transacções mercantis deu origem ás primeiras idéas financeiras da Europa; a prosperidade do commercio subio a seu ponto culminante no tempo daquellas republicas; Florença e Veneza erão dois Emporios commerciaes.

Hamburgo e Genova, apezar da exiguidade de seu territorio, representam hoje em miniatura o exemplo da prosperidade das cidades municipaes da idade media, e das republicas italianas, que mui bem se podem comparar a grandes cazas de commercio administradas com habilidade, e economia, dispondo então do commercio europeu.

Foram os Italianos os primeiros fundadores dos estabelecimentos de credito; foi em Veneza que se vio o primeiro Banco, e as suas notas em vigorosa circulação; esta cidade sem territorio, erigida no meio das aguas, collocada entre o Oriente, e o Occidente, achou no commercio sua fortuna, sua vida, e poderio; foi a Veneza que os Hollandezes, Inglezes e Francezes foram procurar o modelo das companhias que muito depois vimos estabelecidas para o commercio das Indias.

Ainda que seus portos são francos a todas as nações, ella procurou afincadamente a exclusão dos estrangeiros á concorrência commercial; não permittindo a circulação das mercadorias senão em suas proprias embarcações, e como senhores absolutos reinavam em todo o Mediterraneo; ella absorveu Piza, Genova, e Sicilia; a Hespanha occupada com os Mouros não a inquietava, a França desprezava o commercio; a Inglaterra ainda nem pensava nelle; e a Hollanda não existia; mas outros tempos vieram, os Portuguezes dobraram o Cabo da Boa Esperança, abriram caminho novo para a India; o poderio marítimo de Veneza estremeceu, e seu commercio passou ás mãos dos Portuguezes; o Emporio de Veneza passou para Lisboa.

E' nesta época que verdadeiramente começa o systema das alfandegas. E' certo que nos tempos feudaes, desde Luiz o Gordo até Carlos o Bello, neste episodio da emancipação do povo, muitos preconceitos commerciaes tiveram a sua origem, autorisados pela legislação intolerante e exclusiva do seculo 13.º, que promulgou as penas contra a usura, os regulamentos da alfandegas, a intervenção dos governos nas compras e vendas das mercadorias, e as tentativas do *maximum*; ou as almotaçarias, renovadas no reinado do terror em 1793, e as leis sobre os cereaes; e por fim sancionou os erros da balança do commercio.

O descobrimento da America, e as represalias do Imperador Carlos 5.º sobre os Venezianos, acabaram de constituir o systema prohibitivo, e a guerra das alfandegas; derrocando a liberdade do commercio, cujo longo reinado offerece os mais decisivos argumentos da sua preeminencia; em quanto que o resto da Europa se cobria de castelos e de cabanas, a Italia, aonde regia o systema commercial, edificava palacios e templos de marmore, e armava milhares de navios carregados dos productos das suas manufacturas; em quanto naquella, poucos opulentos exerciam uma terrivel tirania sobre milhares de pobres, de servos e d'escravos, a Italia organisava o trabalho, chamava os cidadãos todos sem distincção de qualidade ás honras, e á fortuna, uma vez que tivessem capacidade, saber, e

virtudes; e fôr sempre ditosa, se a aristocracia não introduzisse em seu seio com o favor das riquezas, e se o regime prohibitivo, e o monopolio não viesse entorpecer a marcha do commercio.

A passagem dos Portuguezes para a India pelo Cabo da Boa Esperança em fins de 1497; o descobrimento do Novo Mundo por Colombo; e Americo Vespuccio mesmo, o descobrimento do Brasil por Pedro Alves Cabral em 1500; o longo reinado de Carlos 5.º, fiseram uma revolução espantosa no commercio, nos costumes, na industria e no governo dos povos, e no poder das nações. A Europa fundou por toda a parte colonias; de que tiraria muito grandes vantagens, se mais apropriados fossem os principios sobre que as estabeleceram. A Italia no seculo 15.º deixava apòs si todo o resto da Europa; mas a Hespanha expulsando os Arabes, reunindo seus diferentes reinos em um só pelo consorcio de Fernão e Izabel, foi-se constituindo potencia respeitavel por sua extenção, agricultura e commercio; foi então que tiveram lugar os grandes acontecimentos que elevaram a Hespanha ao cumie do poderio, e deram aos Portuguezes a preeminencia dos mares: foi logo depois que Carlos 5.º appareceu á frente d'um imperio colossal.

Até á época daquelles descobrimentos a Europa commerciava para a India, ao principio por intermedio d'Alexandria no Egypto, mas depois as nações maritimas e commerciantes do Mediterraneo ião buscar aos portos do Egypto as mercadorias da India; assim se fazia este commercio no tempo dos Carthaginezes, e continuou ainda no tempo dos Romanos, até á perda de Constantinopla, cuja catastrophe poz exclusivamente nas mãos dos Venesianos o commercio europeu com a India; e tal era o estado das cousas, quando Vasco da Gama dobrou o *Promontorio das Tormentas*. Debalde a republica de Veneza tentou remediar o golpe descarregado sobre o seu commercio no Mediterraneo; a ligá européa contra elle acabou de arruiná-lo, bem como os rendimentos do Soldão do Egypto, que consistiam no direito de 5 por cento que as mercadorias da India pagavam por sahida em suas alfandegas: e a expedição dos Portuguezes,

commandada por Tristão da Cunha, á Ilha de Socotór e ao Mar Vermelho, concluida pelo grande Affonso d'Albuquerque, collocou nas mãos de .tes todo o commercio da Azia, e da Ethiopia, e firmou a liberdade Europea, quasi nas bordas do seu tumulo, aonde a levavam os rapidos progressos do poder dos Turcos. Aqui começa a brilhante época do esplendido poder dos Portuguezes.

Carlos 5.<sup>o</sup> apenas sobre o throne na idade de 20 annos, concebeu o projecto de destruir todos os reinos, e de não reconhecer algum rival; para sustentar guerras continuamente renascentes foi-lhe mister recorrer a medidas violentas; e á liberdade de commercio com que até entam haviam enriquecido tantas nações, elle substituiu o systema regular das contribuições, já inventado pelos financeiros italianos, foi então que começaram as extorsões de toda a especie, os alojamentos militares, os impostos excessivos sobre o consumo, que faziam encarecer o preço da mão d'obra, em detrimento das manufacturas; o gravame de direitos sobre a importação de materias primas, e sobre a exportação dos productos fabricados!! foi então que foi substituido ao livre exercicio das artes o monopólio dos *officinas* ( os gremios ) e do commercio. — O apparatus restrictivo estabeleceu-se então nas leis, e nos costumes.

Por esta e por outras causas politicas, que alienaram o bom senso dos governos europeos, o numerario, desertando da industria, se immobilisou na agricultura, mas esta, ferida no coração pela decadencia do commercio, pela legislação prohibitiva da exportação dos generos cereaes, succumbio debaixo de seus mortiferos golpes. O reinado de Carlos 5.<sup>o</sup> desviando violentamente a Europa das vias regulares da produção, esteve a ponto de a precipitar nos braços do velho regime feudal. Quantas erradas doutrinas ainda hoje temos a combater, nós as devemos ao Governo de Carlos 5.<sup>o</sup>, e de seu execravel successor: por aumento de males, consumindo os thesouros que lhe vinham do novo mundo, nem sendo bastantes a suas extravagantes despezas elle inundou a Europa em 1540 de copiosissima quantidade de moeda falsa; foi

então que nasceu o systema de balança do commercio, e dos monopolios, unicamente contrabalançado pelo contrabando, e interlopio.

O descobrimento das Indias Orientaes e Occidentaes excitou a febre e o frenesi de cada qual poder enriquecer-se em pouco tempo, e com pouco trabalho; a terra d'uma e outra India era a da promessa para os aventureiros; aquella mania deu origem aos preconceitos coloniaes, que privaram o mundo, e aos senhores do Novo-Continente, das grandes vantagens deste espantoso descobrimento; e o exemplo dos Hespanhoes foi desgraçadamente imitado pelas outras nações europeas, que seguiram o rasto dos Hespanhoes e Portuguezes em cata de novas terras. Portuguezes, Francezes, Inglezes, Hollandezes, Suécos, e Dinamarquezes, todos obedeceram aos mesmos prejuizos, e todos os expiaram cruelmente. O Brazil separou-se de Portugal; a França perdeu S. Domingos, a Inglaterra foi expulsa dos Estados Unidos: a Hollanda está reduzida á ilha de Java, e a Hespanha só possui Cuba e as Filipinas!

Os Hollandezes já projectos na sciencia commercial, que haviam apreendido no regime anseatico, conceberam o projecto d'estender sua actividade ás Indias Orientaes, e tirar de sua experiencia e discernimento o partido que os Portuguezes podiam tirar, e abandonaram inteiramente; elles começaram suas viagens em 1595, e em 1602 os Estados Geraes estabeleceram a Companhia das Indias, que sem exemplo na antiguidade, foi o modelo das que lhe succederam! — A guerra, como era natural, pegou entre Hollandezes, e Portuguezes; estes subjugados por Filipe 2.º, viram nos 60 annos do jugo hespanhol, sahir de suas mãos quasi todas as possessões que haviam descoberto e conquistado na India, e na America: no entanto a prosperidade do commercio hollandez, tambem teve a época da sua decadencia: largamente descreve o Abbadé Raynal as causas que a promoveram.

Os Inglezes com a emigração dos artistas flamengos, perseguidos pelas crueldades do Duque d'Alva, deram grande impulso á sua industria. Elisabeth soube aproveitar a conjunctura: mas o poder colossal



de Felipe 2.<sup>o</sup> comprimia o seu genio emprehendedor, os elementos ajudaram os Inglezes a livrar-se do poder comprimente; a derrota e naufragio da armada dita invencivel, os desafrontou, e poz em circumstancias de estender a sua navegação, e ir disputar aos Hollandezes as conquistas, que estes haviam feito aos Portuguezes durante o dominio hespanhol: depois de algumas vicissitudes, elles firmaram o seu estabelecimento na India, e passaram a fazer as allianças que mais convinham a seus interesses, começando pela Persia, em virtude da qual expulsaram os Portuguezes d'Ormuz, chave do commercio entre a India, e a Persia; contudo os Hollandezes disputavam-lhe palmo a palmo os pontos commerciaes da India, e conseguiram suspender-lhe os progressos, contorrendo indirectamente para isto as dissensões civis que deram causa ao assassinato juridico de Carlos 1.<sup>o</sup> — Cromwel respirando vingança contra os Hollandezes por causa do auxilio por estes prestado á familia proscripta dos Stuarts, menos para satisfazer sua vingança que para disputar-lhes o imperio dos mares, declarou-lhes a guerra, e fez promulgar o celebre acto de navegação (de 9 d'outubro de 1651). Os resultados deste acto não foram previstos no momento em que elle passou, os Inglezes sahiram victoriosos da luta maritima, suplantaram os Hollandezes, ganharam a supremacia dos mares, e em consequencia do seu acto fizeram-se senhores do commercio do mundo. As nações da Europa não viram a tempo, excepto a Suecia, as consequencias do acto de navegação, a Suecia não tinha forças para o disputar, e as outras nações quando se aperceberam de seus effeitos ja o não poderam cohibir. Com elle se firmou d'um modo fixo e permanente o systema restrictivo, e prohibitivo.

O poder commercial dos Inglezes foi successivamente crescendo, aproveitando as conjuncturas favoraveis, em que pelos erros politicos, e economico-politicos d'outras nações, elles poderam attrahir os artistas eximios do continente, e dar grande impulso á sua industria fabril. Em especial aproveitaram muito do descuido dos Portuguezes, que apezar dos conselhos de D. Luis da Cunha, d'Alexandre de Gusmão.

e Duarte Ribeiro de Macedo, prevaleceu a sua diplomacia fazendo o tratado de 1703, conhecido com o nome de *Methuen*; só com dous artigos acabaram com a industria portugueza de lanifícios, cujos fundamentos havia lançado o Conde da Ericeira: o tratado podia fazer-se; e contrabalançar os seus effectos, se com todo o fervor se applicassem á industria os abundantes capitães daquelle tempo: se chamando artistas de Flândres e de França, se fizessem prosperar as fabricas de lanifícios, e com a mesma materia prima com que os Inglezes fabricavam seus pannos, os Portuguezes cuidassem, como podiam, de fabrical-os tão bons, e ainda mais baratos do que os proprios Inglezes, se enfim não limitando ao mercado d'Inglaterra o consumo de seus vinhos, elles procurassem abrir outros, e augmentar o numero de concorrentes; tudo isto era então possível, as artes haviam prosperado em Inglaterra com a entrada de artistas eximios do continente, seus pannos eram fabricados da lan que compravam em grande parte na Península, os Portuguezes perdendo a occasião de fazer marchar a sua industria a par da ingleza, perderam para sempre até a esperança de poderem ser industriaes, capazes de concorrer no mercado com os Inglezes, e outras nações, que tem levado a acção das maquinas, e a dexteridade dos artistas ao gráo de perfeição, em que hoje se acham. E que diremos nós depois das invenções dos Hargraves, Arkwright, e Watt, e depois do tratado de 1810?

Com o tratado de Methuen a industria portugueza sofreu grande golpe mais pelas razões apontadas, que pelo proprio tratado; mas com a mudança da séde da monarchia para o Brazil por causa da invasão franceza, o commercio portuguez sentio o mais profundo golpe; esta mudança firmou desde logo a separação politica das duas porções do imperio lizitano; o tratado de 1810, pelo simples facto de não acrescentar um artigo em que resalvasse as estipulações feitas, no caso de que Portugal viesse ainda á mão de seu proprietario legitimo: mas conteu-se com esta perda para sempre, ou entendeu-se que devia abandonar-se Portugal á sua sorte: a primeira idéa

nasceu de ignorancia crassa, e a segunda da maldade, os factos mostraram que foi esta ultima causa a que teve mais parte na coordenação do tratado, tendo a ignorancia tambem grande quinhão — Em outro lugar falaremos deste tratado —

Desde então o commercio portuguez tem successivamente definhado, e com elle a industria; em 1836 uma dictadura *desnecessaria, imprudente, facciosa, e inexperta* sacrificou a classe commercial, e a classe agraria á classe fabril, o prejuizo daquellas foi immenso, e irreparavel, o beneficio destas foi comparativamente nullo, porque a mui pouco mais poderá ascender a situação de prosperidade desta classe.

No entanto o commercio em todas as nações vai prosperando, e na Inglaterra em grande e vantajosa proporção.

Dêmos um mui rapido esboço da historia do commercio, elle pode reduzir-se ás seguintes épocas. —

1.<sup>a</sup> — Desde Noé até á fundação de Sydonia e Tyro pelos Phenicios. — O Commercio foi exclusivamente interno. — Comprehende mais de 600 annos. —

2.<sup>a</sup> — Commercio externo dos Phenicios, e dos povos da antiga Grecia até á fundação de Carthago, colonia tyria. — Comprehende quasi 500 annos. —

3.<sup>a</sup> — Continuação do commercio Phenicio, e Carthaginez até á destruição de Tyro por Alexandre comprehendendo 900 annos. —

4.<sup>a</sup> — Commercio até á destruição de Carthago pelos Romanos, comprehendendo 150 annos. —

5.<sup>a</sup> — Commercio no tempo dos Romanos até á invasão dos Barbaros do Norte depois da divisão em Imperio do occidente, e Imperio do oriente. — Comprehende quasi 600 annos. —

6.<sup>a</sup> — Commercio nesta época até á criação dos Doges de Veneza. —

7.<sup>a</sup> — Commercio Venesiano até á fundação e progressos das Republicas Italianas. —

8.<sup>a</sup> — Dito até ás Crusadas. —

9.<sup>a</sup> — Liga ou confederação anseatica. —

10.<sup>a</sup> — Commercio até o descobrimento do Novo-Mundo, e passagem dos Portuguezes para a India pelo cabo da Boa Esperança. —

11.<sup>a</sup> — Até ao estabelecimento dos ~~Hollandese~~  
na India. —

12.<sup>a</sup> — Até o acto da navegação de Cromwel  
em 1581. —

13.<sup>a</sup> — Até á mudança da sede de monarquia  
portuguesa para o Brasil em 1807.

---

# Philosophia

## MEMORIA

SOBRE A INSUFFICIENCIA DO ENSINO DA PHILOSOPHIA RACIONAL PELO METHODO ORDENADO NO  
DECRETO DE 17 DE NOVEMBRO DE 1836. (a)

---

Todos os doutos sem difficuldade admittem, e na historia assás é demonstrada a influencia das opiniões philosophicas sobre as realidades sociaes. — Uma nação, por grande que seja, em que as sciencias physicas e mathematicas fossem exclusivamente cultivadas e honradas em prejuizo das sciencias moraes e politicas, cujo objecto é o estudo abstracto do homem, e o aperfeiçoamento social, seria sem duvida uma nação em plena decadencia. Em balde contaria no gremio de seus cidadãos, physicos, chimicos e mathematicos, que exclusivamente o fossem; em vão possuiria fabricas, canaes, e caminhos de ferro; em vão desenvolveria a mais incessante actividade: todos estes signaes exteriores d'uma grande prosperidade material não obstaríam a que rapidamente se abatesse áquelle gráo de barbaridade com presumpção de sciencia, em que todos os vinculos sociaes se afrouxam, e em que os Estados fenecem pelo isolamento e egoismo dos cidadãos. — O que constitue a nacionalidade, isto é, a força virtual de um povo, não são tanto as suas riquezas, como o pensamento commum, que o impelle, e faz querer e obrar, como se

---

(a) Esta Memoria foi remettida pelo A. ao Conselho Geral Director do Ensino Primario e Secundario.

fora um só homem , para alcançar o fim , que a providencia assignou á sua actividade. — Sejam embora quaes forem as preocupações do momento , e as doutrinas da moda , nunca nos deve esquecer que ha em toda a sociedade , a par dos interesses materiaes , outros interesses d'uma ordem superior , que tem por base o conhecimento de nossas faculdades intellectuaes , e por remate a indagação das causas finaes da sociedade , a exaltação da dignidade e da moralidade do homem , e o aperfeiçoamento do mechanismo dos governos.

E com effeito estas verdades , conhecidas ha longos seculos , tem sobre si chamado sempre a attenção de todos os legisladores dignos deste nome. — Limitando-nos porem ao recinto de nossa patria , bastará trazer á memoria a grande , e a todos os respeitos admiravel , Reforma dos Estudos ordenada no feliz reinado do Senhor Rei D. José , pela qual , proscriptas de nossas escolas as puerilidades e ineptias peripateticas , foram entre as Cadeiras dos Estudos Menores , hoje chamadas de Ensino Secundario , estabelecidas as de *Philosophia Racional e Moral*. Para ellas , seguindo o methodo pratico de ensino , entre nós sempre usado , buscou-se um texto resumido , ou compendio , sobre o qual se baseassem as prelecções do professor ; e geralmente se adoptou nas Escolas Regias o *Compendio de Genuense* para a Logica e *Metaphysica* ( *Philosophia Racional* ) , e para a *Ethica* ( *Philosophia Moral* ) o de *Heineccio* , a que ultimamente se substituiu o de *Job* , por serem estes os que naquella epocha mais se nivelaram ao estado da sciencia.

Esta com o correr dos tempos progredio , ou variou ( que não sei eu bem decidir se em *Philosophia Racional* ha progresso , ou se simplesmente variação na sciencia ) ; e então as prelecções oraes do professor suppriam ao que no texto das lições havia defeituoso ou omisso. Mas esta progressão ou variação da sciencia não pára , e a tal ponto chega de espaço em espaço , que não bastam já pequenas modificações no systema admittido ; é forçoso , seguindo o celebre preceito de *Bacon* , renovar-o desde os fun-

damentos. — Esta necessidade era perfeitamente conhecida entre nós, quando Sua Magestade A Rainha sancionou em 17 de Novembro de 1836 o Decreto, que deu nova organização á Instrucção Secundaria, dividindo no Art. 39 em duas Cadeiras, convem a saber na de *Ideologia, Grammatica Geral, e Logica*, e na de *Moral Universal* as duas disciplinas, ate alli comprehendidas em uma só Cadeira, com o titulo de *Philosophia Racional e Moral*.

Em conformidade com este novo plano foram ordenadas pelo Conselho Geral Director do Ensino Primario e Secundario as Instrucções para os Exames dos Concurrentes á Cadeira de *Ideologia*, (3.<sup>a</sup> dos Liceos), Instrucções, que inteiramente se amoldam ao methodo seguido por *Destutt de Tracy* nos seus *Elements de Ideologie*.

Por este methodo fui eu examinado perante os Delegados do Conselho Director; e accrescendo a estes precedentes a letra expressa da Carta, pela qual Sua Magestade em 10 de Novembro de 1837 me honrou com a nomeação de Professor proprietario e vitalicio da Cadeira de *Ideologia, Grammatica Geral e Logica* neste Lyceo Nacional de Evora; não tendo eu por outra via recebido do Conselho Geral Director instrucções algumas, a que me ligasse no ensino, tive para mim que forçoso me era abandonar *Genuense*, e seguir nas minhas prelecções o texto de *Tracy*, não por inteiro, attenta a sua extensão, mas em summaio, que ordenei no melhor modo que foi possivel á minha inexperiencia e tirocinio cathedratico.

Mas em breve reconheci que, se o methodo de *Genuense* e de seus contemporaneos não estava já, por antigo, a par dos conhecimentos da epocha actual; pouco menos se pode dizer do de *Tracy*, que data desde o passado seculo.

Nem se repute paradoxo esta minha asserção. Repare-se quão bastas vão as novidades pelo nosso actual seculo, e espero que breves reflexões provarão a verdade deste meu dito.

A verdadeira razão da divergencia dos philosophos, a origem de seus encontrados systemas, é sem

duvida o apparente combate entre a *sensibilidade* e a *razão*; a perpetua fluctuação do *eu* humano entre estes dous polos, entre estes dous moveis, unidos no fundo, mas sobre o theatro da vida separados e hostis (a). A' proporção pois que os philosophos por exigencias exclusivas tomaram mais especialmente para ponto de partida os *phenomenos da sensibilidade* ou as *ideias da razão*, a sciencia se tornou *sensualista*, ou *idealista*; *empirica*, ou *racional*.

Bacm encaminhando os Philosophos pela senda da verdadeira experiencia; deu azo a *Locke* para presentir todos os actos do entendimento humano encerrados nos *phenomenos da sensibilidade*, e esta idea fundamental, passando á França, foi amplificada por *Condillac*, fecundada por *Cabanis*, uniformisada por *Tracy*, e com pequenas variantes seguida pela maior parte dos philosophos francezes do 18.<sup>o</sup> seculo, e especialmente; com algumas modificações, pelo celebre professor ha pouco fallecido *Mr. de Laromiguiera*.

Mas esta philosophia, por isso mesmo que foi a predilecta do 18.<sup>o</sup> seculo, acha hoje numerosos e respeitaveis adversarios; é taxada (com razão, ou sem ella) de encaminhar á impiedade e ao materialismo; é taxada de ser essencialmente revolucionaria; de ter, por assim dizer, caducado, por isso que em grande parte tem já levado ao cabo a sua obra, e produzido tudo o que ora vemos em volta de nós.

Duas Escolas, postos que entre si rivaes, se levantam com tudo ligadas para combatel-a. Ambas ellas merecem, e devem ser conhecidas; devem ser expostas e explicadas n' um Curso de *Philosophia Racional*. — Assim que passará hoje por menos douto todo o que, prezando-se de philosopho, ignorar a existencia e as opiniões da celebre Escola fundada em Alemanha por *Kant*, que admittindo em nós noções preexistentes á impressão dos objectos sobre os órgãos das sensações, remoçando, e, por assim dizer,

---

(a) Muito ao largo se acha desenvolvida esta materia com apurada critica, e com tão vasta, como selecta erudição no *Essai sur la Psychologie* do nosso sabio Silvéstre Pinheiro Ferreira; 2.<sup>a</sup> edição, Paris 1828, 8.<sup>o</sup>



vestindo á moderna o antigo *idealismo platonico*, o alcunhou com o nome de *Philosophia Critica*; ou *Critica da Razão pura*. Eschola esta, cujas especulações *idealistas* foram ainda mais alambicadas por *Fichte*; e que depois senhoreando-se das sciencias naturaes pela applicação, que a estas de sua doutrina fizeram *Schelling* e *Hegel*, tão admiravel influencia tem exercido sobre a litteratura, e sobre a maneira de tratar todas as sciencias. Esta philosophia, por muito tempo contida dentro das raias da Alemanha, passou a França, e os esforços de *Mr. Cousin* para a naturalisar neste paiz, a fizeram alli geralmente conhecida: e por certo não merece ser abandonada sem exame.

A par desta, antes direi, sobranceira a esta temos a doutrina *espiritualista* ou *psychologica* da Eschola Escoceza de Edimburgo e de Glasgow, proposta por *Reid* e por *Dugald-Stewart*, vulgarisada por *Loyer-Collard* na lingua franceza aos povos do meio dia, e hoje habil e vigorosamente sustentada na Faculdade das Letras de Pariz pelo acreditado professor *Mr. Jouffroy*. — Esta doutrina atacando o *sensualismo*, como materialismo, pretende vindicar o lugar, no seu entender usurpado, ás faculdades intellectuales e moraes; e tanto corpo vai tomando no mundo litterario e scientifico, que na Academia das Sciencias moraes e politicas, que faz parte do Instituto de França, depois das recentes mortes de *Tracy* e de *La Romiguière*, a Eschola *Sensualista* de *Condillac* e de *Cabanis* apenas conta um defensor na Secção de Philosophia, que é o celebre physiologista e medico *Mr. Broussais*, cujo talento e actividade são todavia bastantes para esta tarefa.

Tal é a tendencia do espirito do nosso seculo, tal é a tendencia da philosophia, que aquillo mesmo que annos atraz se reputavam axiomas, hoje reputa problemas, e quando muito theoremas, cuja demonstração não assenta em bases assaz solidas.

Esta tendencia do seculo para o *espiritualismo* é que a doutrina de *Cabanis* e de *Tracy*, puramente *sensualista*, não pode representar; esta tendencia do seculo para o *espiritualismo* é que de necessidade se deve manifestar aos alumnos, para que conhe-

cendo sua verdadeira posição no mundo social e intellectual, saibam com acerto e conhecimento de causa dar a devida direcção a suas ideas e acções nas sciencias e na sociedade; e para que ao sair dos bancos das escolas não sirvam de mofa ao mundo, julgando-o outro do que em verdade é.

O *texto* pois das lições de *Philosophia Racional* não pode, nem deve, ligar-se hoje, que estamos quasi no meado do seculo 19.º á divisão da *Philosophia* estabelecida por *Tracy* em *Ideologia*, *Grammatica Geral e Logica*. Quem diz *Ideologia*, *Grammatica Geral e Logica* diz *Philosophia Sensualista pura*, e exclue do seu quadro o exame dos mais interessantes pontos da *Philosophia Idealista* ou *Psychologica*, á qual podemos chamar a *Philosophia do Seculo 19.º*

De mais disso, ainda mesmo admitindo e defendendo em todas as suas partes a *Doutrina Sensualista*, digo que o Plano de *Tracy*, em conformidade do qual foi ordenado nesta parte o Decreto de 17 de Novembro de 1836, e as Instrucções para o Exame dos Concurrêntes á 3.ª Cadeira dos Lyceos, não satisfaz ás necessidades do ensino. Alli na parte *Logica* apenas se dão os elementos da *Sciencia Logica*, e o Auctor expressamente declara que não é sua mente tratar da *Arte Logica*, isto é, da parte pratica, da que ensina as regras do bom e acertado discurso, que é sem duvida a mais interessante n'um Curso Elementar de *Philosophia Racional*. — Verdade é que estas regras se deduzem no systema de *Tracy* dos principios, que elle expõe; mas não é para alumnos inexpertos fazer facilmente estas deducções: convem apresentalhas promptas e comezinhas, que de ordinario o que mais facil parece depois de descoberto, é justamente aquillo que mais custoso foi em descobrir-se.

Mas ainda sem levar em conta os defeitos apontados no plano de *Tracy*, que o tornam insufficiente para o ensino elementar, tenho a dizer que a critica muito tem achado que cercear na sua obra; e entre outros respeitaveis testemunhos bastará citar o juizo (por ventura em demasia rigoroso) do nosso celeberrimo compatriota *Silvestre Pinheiro Pereira*, que escre-

veindo no annó de 1813 as suas *Prelecções Philosophicas*, assim se exprime no §. 321 — „ Quanto a Destutt-Tracy bastará dizer, que não obstante não „ lhe ser a *Philosophia* devedora do descobrimento „ de uma só verdade; pois na sua obra (como se „ verá na analyse que della faremos a seu tempo), „ nada mais se encontra de que doutrinas vulgares „ diluidas em tres grandes volumes de inuteis phrases: „ com tudo a cada passo se apregoa a si mesmo pelo „ primeiro que tratou dignamente esta sciencia; por- „ que! no seu conceito quantos sobre ella escreveram „ ou ignoravam a materia, ou apenas presentiram mui- „ to de longe as verdades de que estava reservado para „ elle o formar pela primeira vez hum corpo de dou- „ trina. Quem assim se elogia a si proprio, tem a „ intima consciencia de não merecer os louvores dos „ outros. = „

Por tanto concluindo repito que os *Elemens de Ideologia de Tracy* não satisfazem as necessidades do ensino da *Philosophia Racional*. Satisfazel-as ha porem um *Curso*, que desejo dividido em duas partes — Na 1.<sup>a</sup>, que poderá chamar-se *Historia Analytica do Entendimento* se exporão, e por uma desapaixona- da e judiciosa critica se reduzirão a seu justo valor todos os *systemas psychologicos*, hoje em voga e que tem manifesta influencia na direcção dos outros estudos. Assim no quadro desta 1.<sup>a</sup> parte devem naturalmente ter lugar a *Cranioscopia*, a *Phrenologia*, a *Ideologia*, a *Philosophia Alemã*, a *Philosophia Escocesa*, &c. Nella se deve encaminhar o espirito do alumno para discernir o bom e o mau de cada um destes *systemas*, e inculcar-lhe a mais ajustada analyse dos actos e operações do entendimento. — Na 2.<sup>a</sup> parte, que poderá chamar-se *Logica* se comprehenderão, alem da *Theoria dos Signaes*, os principios, que estabeleçam a base fundamental da *Certeza*, e a causa proxima do *Erro*; accrescentando todas as regras do *Raciocinio* e do *Methodo* necessarias para guiar o entendimento no descobrimento da *Verdade*, e na transmissão desta aos outros depois de descoberta.

Terminando devo declarar que certo estou de que o Conselho Geral Director melhor do que eu

sabe o que convem ao ensino; e que não tenho a louca e vã presumpção de dar-lhe novidade alguma nas reflexões, que lêvo escriptas. Todavia como incumbido do honroso encargo do ensino deste, o mais importante, ramo dos conhecimentos humanos, julguei do meu dever expôr sem reserva as reflexões, que são o resultado do meu primeiro anno de pratica no exercicio cathedratico.

Evora em 3. de Setembro de 1838

*Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.*

ADDITAMENTO A<sup>a</sup> MEMORIA ANTECEDENTE.

SENHORA: Em additamento, e em continuação da = *Memoria sobre a insufficiencia do ensino da Philosophia Racional pelo methodo ordenado no Decreto de 17 Novembro de 1836* =, que no fim do passado anno lectivo tive a honra de appresentar a Vossa Magestade pelo Conselho Geral Director do Ensino Primario e Secundario, julgo um rigoroso dever meu dar na presente occasião conta a Vossa Magestade, por via do mesmo Conselho, do methodo que segui no ensino da *Ideologia* no anno lectivo, que ultimamente terminou.

Naquella *Memoria* expuz as razões, que me levaram a abandonar a *Genuense*, e a seguir a *Tracy*; mas ao mesmo tempo declarei que com as doutrinas deste ultimo estavamos ainda mui longe de satisfazer as necessidades do ensino. Era pois de ver que eu não perderia a primeira occasião, que se me offerecesse para pôr nas mãos dos meus ouvintes um compendio, que mais se approximasse do estado actual da sciencia; isto é, um compendio, que representasse mais a philosophia actualmente viva e vigorosa do seculo 19.º do que a já morta do passado seculo 18.º.

Assim não duvidei ligar minhas lições ao texto da obrinha, que tem por titulo = *Elemens de Psychologie, Ideologie et de Logique, ou Art de Penser: par P. J. Jacquier, D. C. — A Paris — 1825.* 1 Vol. em 12.º de 274 paginas. — Esta obrinha divide-se em duas partes: a 1.ª (de pag. 1 a 119), que o A. intitula *Psychologia*, divide-se em 15 capitulos, nos quaes, depois de ter fallado da natureza da alma se occupa com sufficiente extensão das faculdades intellectuaes, e das ideas; reservando o ultimo capitulo para tratar dos signaes das ideas, que (diz elle com razão) podem ser considerados como uma faculdade intellectual externa. — Na 2.ª parte (de pag. 120 a 247), dividida em 16 capitulos, á qual dá o nome de *Logica* ou *Arte de Pensar*,

trata do methodo, dos motivos de nossos juizos, das causas da certeza e do erro; reservando o ultimo capitulo para os erros provenientes da linguagem e meios de os remediar. — Conclue por um interessante *Appendice* (de pag. 248 a 271) em 4 secções destinado á exposiçãõ da *Arte Syllogistica*, no qual não só se pode aprender e aproveitar o que ha de bom e de vantajoso nesta forma do discurso, mas ao mesmo tempo habilita o alumno para poder comprehender e evitar os abusos, que della faziam os peripatéticos.

Devo confessar que muito folguei de ver praticado neste livro um plano não mui diverso daquelle que eu, antes d'elle me chegar á mão, havia inculcado como o mais appropriado para uma obra desta natureza. — O A. com apurada critica e acertada escolha nas opiniões não se mostra partidario nem da escola alemã, nem da escola escocesa, nem ainda da escola sensualista. Aproveita de todas o que é de aproveitar, rejeita o que é para rejeitar, e apresenta uma doutrina uniforme, compacta e verdadeiramente philosophica, pela qual julgo se podem guiar sem perigo os espiritos dos alumnos.

Não quero com isto dizer que este livrinho seja isento de maculas (e qual é a obra de homens, que as não tem?); mas sim que é de todos os livros, que conheço desta especie, o que mais accommodado me parece para o ensino da *Philosophia Rational* ou da *Ideologia*, se antes assim lhe quizermos chamar. — N'uma traducção para portuguez, ou ainda para latim, poderia melhorar-se muito este compendio, já em notas, que modificassem ou desenvolvessem alguns pontos da doutrina do A., já inserindo-lhe mais alguns capitulos para dar devida extensão áquellas materias, que o A. tratou mais de leve, como por exemplo a theoria dos signaes, e da linguagem, &c. &c.

Quem concluísse tão interessante trabalho, alem de ganhar uma bem merecida gloria, faria á publica instrucção o mais importante serviço, de que na epocha presente a julgo necessitada. — Deos Guarde a Vossa Magestade — Evora 1.º de Setembro de 1839 — O Professor de Ideologia

*Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.*

## NAVEGAÇÃO DO RIO TEJO.

No ANNO de 1829 foi impressa em Madrid, por ordem do Governo Hespanhol, uma Memoria de que é auctor o Brigadeiro D. Francisco Xavier de Cabanes, com o intento de manifestar a possibilidade, e facilidade de fazer navegavel o rio Tejo desde Aranjuez até o Atlantico: a importancia do objecto, considerado em todas as suas relações, assim historicas e politicas, como commerciaes, e moraes, o pequeno conhecimento que em Portugal ha deste magnifico trabalho, sua mui connexa intimidade com a questão da *navegação do Rio Douro*, sobre que tanto se tem escripto, e a maior parte com menos conhecimento immediato e bem fundado do objecto em questão (ao que nos parece), do que por inspirações de partidos politicos, foi incentivo sufficiente para que em nossa *Revista* nos resolvessemos a dar um extracto, tão circumstanciado quanto compativel com os limites d'um extracto, daquella instructiva, curioza, e mui trabalhada memoria, e por este meio provocassemos o dezejo em algum de nossos leitores de a ler na sua integra, e de a fazer mais conhecida em nossa terra.

A navegação do rio Tejo foi já objecto de mui grandes considerações no reinado de Felipe 2.<sup>o</sup> (1.<sup>o</sup> de Portugal). Por diplomas deste monarca do 1.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> d'abril de 1581 foi nomeada uma commissão encarregada do reconhecimento do Tejo, e sua *navigabilidade*. O progresso dos trabalhos desta commissão e seus resultados vem amplamente descriptos na Memoria, bem como as copias de todas as peças officiaes deste tempo (e d'algumas daremos conhecimento a nossos leitores), circumstância que augmenta mais o interesse de levar ao cabo sua leitura. Por certas considerações não nos temos até agora deliberado a fazer mais conhecido o assumpto, e a Memoria; outras considerações porem de mais ponderação para nós, porque

procedem todas de obrigação que temos de pugnar por tudo quanto possa dar incremento aos interesses materiaes de nosso paiz, nos decidiram a publicar o extracto, e esperamos que não será sem interesse a sua leitura.

O autor comprehendeu o seu trabalho em 12 artigos, precedidos d'um mui erudito prologo; e addicionou-lhe um appendix com as peças justificativas que lhe diziam respeito. Começamos pelo extracto do

*Prologo.* O autor começa por notar quanto interessa á prosperidade d'uma nação o estabelecimento de communicações internas; sem ellas não se pode fomentar a agricultura, e a industria, porque aquella não pode dar consumo a seus excedentes, nem esta cambiar os seus productos; em consequencia do que o commercio interno não será senão mui languido, e pouco fructifero: é só por esta maneira que o *systema prohibitivo do commercio* calculado com a maior prudencia, e medida, poderá conseguir vêr prosperar os dous mais fecundos mananciaes da riqueza publica, sem os inconvenientes do contrabando: e é por isto que as nações, em que as vias de communicação se acham em grande adiantamento, tem crescido em civilização, riqueza e população laboriosa, e util, quando aocontrario definham, e successivamente empobrecem aquellas em que o governo não tem prestado serio cuidado a tão importante condição de prosperidade: e prova esta verdade com o exemplo de algumas nações.

Que comparação pode haver entre a fertilidade do solo de Gram-Bretanha com a da Peninsula? que foi a Hollanda, senão um descampado de pantanos, com pequenas povoações de pescadores? Se o exemplo destes dous industriosos povos fosse seguido por outros mais favorecidos da natureza, se estes, estudando bem a causa da progressiva riqueza daquelles, reconhecessem, que nas vias internas de communicação, em que elles se esmeraram, estava o grande segredo, não se achariam hoje em tão grande atraso a todos os respeito: e com effeito, que meio mais effcaz pode dar-se para fazer communs as commodidades e prazeres da vida, para equilibrar convenientemente a circulação do numerario, e o incremento das capitaes, fundamentos e elementos indispensaveis da industria; para



estabelecer emulação generosa , e productiva , que é tambem uma condição importante para o desenvolvimento daquella?

Todos os viajantes que tem peregrinado pela Italia tem admirado a sua abundancia, e mesmo opulencia , sem embargo de achar-se esta peninsula dividida em pequenos estados ; privada da protecção d'um governo poderoso, e das vantagens proprias dos estados compactos , posto que em todos os tempos haja sido constante theatro de guerras porfiadas , e assoladoras : mas este espantoso fenomeno é unicamente devido á natural configuração deste paiz , em cujo meio não ha um só ponto que exceda a quinze leguas de distancia ao mar , ou rio navegavel : e apesar de que haja decahido muito na ordem commercial desde que della desapareceram Veneza e Genova , ella deve seu esplendor e bem-estar ao estado de suas communicações , favorecido com é pela natureza.

Pelo contrario a França pode dizer-se que foi constantemente pobre até ao seculo de Luiz 14, e aos exforços de seu sabio ministro Colbert , foi então que se começou a canalisação interna deste paiz ; havendo poderosamente contribuido para o aperfeiçoamento de suas communicações internas o bloqueio geral de suas costas pelas forças maritimas da Inglaterra , que durou desde 1793 a 1814, e forçou os Francezes ao movimento extraordinario e simultaneo do trafico interior , arruinado já seu commercio maritimo : e todos sabem qual foi a admiração dos estrangeiros que invadiram este paiz , vendo a sua prosperidade interna ; e por tal modo que por effeito das communicações internas por terra , ou por agua , as producções fabris nesta industriosa nação haviam invadido o continente europeu , e acarretado para elle grande quantidade de riqueza.

A Hespanha que pela fertilidade natural , excellencia , e variadas exposições de seu solo , poderia avantajarse a toda a Europa em grandeza , e prosperidade, não mencionando mesmo as immensas vantagens provenientes das suas possessões transatlanticas (a) .

---

(a) O descobrimento do Novo Mundo e a acquisição da India talvez sejam a causa mais positiva da posterior decadencia da peninsula luso-hispanica ; não por essas vastas acqui-

calho daquella situação em que a propria natureza a collocara, e que por tanto tempo a fizera respeitavel; bastaram só cem annos para que do fastigio da opulencia se precipitasse no abismo do abatimento, e foi então que Carlos 3.<sup>o</sup> emprehendeu a sublime obra da sua regeneração (b): no seculo 17.<sup>o</sup> e nos reinados de Felippe 4.<sup>o</sup> e Carlos 2.<sup>o</sup> havia ella tocado no perigeo de sua decadencia; cujas principaes causas foram, a exportação de numerario por cauza das continuas guerras de Carlos 1.<sup>o</sup>: — a expulsão dos Mouros, e Judeos: — a emigração para as Americas; e outras mais. Comtudo, e apesar de tudo se a Península a par das mais nações tivesse pensado em imitar o impulso que ellas deram ao commercio interno, a industria agricola e fabril, que é alma da riqueza, teria superado o influxo daquellas causas. E com effeito o solo peninsular é tão variadamente excellente, não só por sua qualidade, mas por sua configuração, que o torna susceptivel de differentissimas producções, mesmo exóticas; e esta desigualdade de producções constituem por isso mesmo o incentivo da permutação, e a necessidade da vias de comunicação.

Assim vemos provincias em que a abundancia de cereaes é tal que se arruinam e corrompem nos celeiros, em quanto a Catalunha sem producção deste genero sufficiente para o consumo de seus habitantes, chegou a mandar comprar a Ragusa, á Sicilia, á Grecia, a Odessa, e aos Estados Unidos da America, o trigo que sobejava e apodrecia nos celeiros da Castella (c), passando para fora do paiz o numerario

ções, mas pela pessima politica seguida pela metropole a seu respeito: os Portuguezes, e Hespanhoes erraram torpemente pela maneira com que se houveram nas suas novas possessões, e pela politica que adoptaram a respeito da propria mãe patria. Com o pessimo systema colonial que estabeleceram, parece que se eivou a espantoza e opulenta fertilidade, e riqueza de tão felizes regiões ruina que por outra parte pouco aproveitou á metropole porque as diversas nações industriaes da Europa habilmente se aproveitaram do descuido, e indolencia dos habitantes da Península, que se constituíram *novos feitores* daquellas.

(b) O Marquez de Pombal sob o reinado do Magnanimo D. José 1.<sup>o</sup> também pelo mesmo tempo emprehendeu a regeneração portugueza, a morte prematura deste monarcha privou o paiz de vantajosos melhoramentos.

(c) Outro tanto diremos de Portugal; por muito tempo se pagou em *dinheiro metallico* o trigo que ficava mais barato man-

com que deviam prosperar as margens do Douro, do Pisuergas, e do Tejo. Como poderia haver prosperidade em um paiz cujas cidades se achavam isoladas umas d'outras, e separadas por bosques intransitaveis interpostos, por fragosas serranias, ou por caudalosos rios? e por que espaço de tempo não estiveram assim as principaes cidades do reino, — Saragoça, Granada, e Sevilha com a Capital? Assim os esforços feitos nos reinados de Fernando 6.º, e de Carlos 3.º tiveram merecida recompensa, por que despertada a nação do misero lethargo em que por mais de seculo e meio esteve submersa, ella recobrou vida, e alento, e começou a caminhar na estrada da civilisação: e oxalá que o principio economico-politico, de que então começou a reconhecer-se a grande influencia, tivesse mais extensão, por que muito maior caminho se houvera feito para a prosperidade: este principio é, =. que os capitaes numerarios agrilhoados nos cofres como se não existissem, e postos em circulação pela confiança garantida por um governo provido, e illustrado, bem como por uma legislação conveniente, multiplicam por maneira admiravel, e quasi incrível, a prosperidade; e a riqueza.

Sem embargo das calamitosas occorrencias politicas no presente seculo, é mister confessar que no reinado de Fernando 7.º muito se tem adiantado as communicações. — Os resultados deste systema são formar um grande povo, uma só familia, que tendo por virtude da ordem social necessidades communs, se tornarão tambem communs seus recursos, luzes, e experiencia, concorrendo todos com igual cooperação

dando o vir das referidas paragens, que trazel-o do interior do Alem-Tejo para Lisboa! E ainda hoje, apesar de uma legislação mais protectora da agricultura, a falta de estradas, de canaes, e de melhor construcção de transportes, faz com que a poucas leguas da Capital, para o Sul do Tejo, o trigo se venda pela terça parte do preço porque elle corre ali; se houvessem facéis vias de comunicação os lavradores do Alem-Tejo venderiam os seus cereaes por mais uma terça parte (pelo menos) do preço corrente, e os habitantes de Lisboa compral-o-iam por menos outra terça parte, ganhando uns e outros a ametade desses dois terços de differença de preços correntes — alem da vantagem da abundancia! E' aqui o lugar proprio de recommendar aos lavradores do Alem-Tejo que devem ter mais cuidado com a limpeza de seus cereaes; tanto da terra, e arêa, como das sementes inquinadas, que deterioram a sua qualidade, e difficultam a sua exportação.

para a prosperidade geral; sendo certo que o poder das nações provem da estreita união dos individuos que as compõe, pois que sem immediato contacto é impossível a reunião de suas forças.

Ora sendo a Peninsula o paiz mais azado para conseguir aquelles resultados, é pena que poucos paizes hajam que menos delles gozem; e isto quando toda Europa s'esmera por dar a esse systema o mais amplo desenvolvimento.

Não poderia a Peninsula toda estar circumdada de barcos de vapor, que fazendo com extrema actividade o commercio de cabotagem, daria grande impulso ao commercio entre os dois povos que a formam; em quanto atravessada em seu interior por numerosas estradas, por cânaes, e rios navegaveis, se trocassem entre os diversos pontos da superficie os productos differentes que nelles sobram, ou mesmo para consumo exterior enviando-os aos portos; para dahi serem levados aos estrangeiros, que delles carecem; e em pagamento delles serem trazidos outros exóticos que na Peninsula se precisam? não se equilibraria mais o preço das materias primas, com vantagem dos cultivadores, a quem sua mesma abundancia é agora prejudicial?

Se nosossos passados houvessem tomado tanto a peito este objecto como a Inglaterra, e a Hollanda, nós veriamos um notavel incremento em sua população, as montanhas cobertas de arvoredos, os campos cultivados, a industria em grande movimento, e no seu maior lustre o commercio. Fora sem duvida mister vencer grandes obstaculos para chegar a este resultado: mas em que empresas se não encontram elles? e quaes ha que uma patriotica preseverança não vença? quantos semelhantes áquelles, que teriamos de vencer, não venceram tambem já outras nações? não vemos nellas furadas as montanhas, por ser mais possivel este trabalho que romper estradas transitaveis para as subir até suas cumiadas, e de lá descer ás oppostas abas? não vemos quasi realisada a empresa de atravessar um rio por baixo de seu alveo? Concluamos de tudo isto, e de quanto mais poderiamos adduzir em prova, pelo que estamos vendo em outras nações, por ventura mais efficazmente diligentes em seus interesses,

que, apesar de todas as desgraças que tem sofrido a Península, fora bém mais facil superar os obstaculos procedentes dos preconceitos, do que aquelles que offerece a natureza! Jámais desenrolei, diz o autor, o mappa da Península, sem sentir os mais vehementes dezejos de que fossem navegaveis seus principaes rios, que parecem collocados com tal regular proporção e sabedoria, como as arterias do corpo humano! e accrescenta, que tendo seguido todo o curso do Tejo desde Aranjuez até Lisboa, durante a guerra peninsular, accompanhando o celebre Marquez de la Romana, pasmava de ver que um tão caudaloso rio, que atravessa de nascente a poente quasi duas terças partes da Península, e que em seus dous extremos tem dous mercados de tão grande concurrencia como Madrid e Lisboa, elle não houvesse fixado a attenção de tantas gerações passadas, é merecido um ensaio pratico para reconhecer-se poderia ou não ser navegavel: sendo a maior causa da sua admiração, suppondo a existencia de tal descuido, a navegação do Tejo desde Abrantes a Villa-Velha, promovida, e executada pelo engenheiro portuguez Anastacio (*José Anastacio de Figueiredo*), de que tão grandes vantagens se obtiveram então. E porque razão se não tem pensado em adiantar tão importante obra até Alcantara, Talavera, Toledo, e Aranjuez? Porque razão se não tem seguido o caminho indicado em antiquissimas relações, em que se declara haverem-se em outro tempo transportado grãos, e outros effeitos pelo rio Gualdaquivir desde Cordova até Sevilha, e *vice versa*? Porque razão, logo que a Hespanha sacudiu o jugo sarraceno, não applicou ella seus cabedaes e esforços a taes empresas, que lhe seriam muito mais productivas que a lavra das minas de ouro e prata! A experieucia mostra que, sendo entre todos os inconvenientes que á grande empresa de fazer navegaveis os rios se oppõe, o maior a necessidade de caminhos de sirga, para fazer com que os barcos naveguem contra a corrente, este mesmo é facilmente vencivel pela applicação das maquinas de vapor: e em todo caso a navegação do Tejo é obra de mais facil execução, e a mais propria para produzir áquelles que aprehenderem pingue

recompensa de riscos, e esforços (d). O autor pensava neste objecto, quando veio a seu conhecimento um projecto de navegação do Ebro, concebido quasi nos termos porque elle julgava poder tentar-se a empresa do Tejo: e estando por outro lado convencido da exactidão com que fora escripto o projecto de navegação geral da Península, coordenado nos fins do seculo 16.º por João Bautista Antonelli, deu principio á tarefa de reunir todos os dados, e de colher as ne-

(d) O A. quer provar sua asserção com os documentos notados com numeros 144 e 146 do Appendice.

Extracto do n.º 144 — *Artigo inserto na Gazeta de Madrid de 11 de Dezembro de 1838 relativo ao estabelecimento de barcos de vapor no rio Tibre.* Roma 9 d'Outubro. — No dia 22 de Setembro proximo, depois de uma hora e meia de dia chegou á embocadura do riacho o primeiro barco de vapor, que se vio nas aguas do Tibre, destinado a dar reboque ás embarcações que vem do mar até ao ponto conhecido com o nome de *Ripa grande*, em vez dos bufalos até agora empregados neste objecto. Foi construido em Placencia; tem de comprido 80 pés, de largo 18 e 8 pollegadas, e 6 com 6 de altura; do porte de 41 toneladas sem comprehender o lugar que a maquina occupa, feito em Londres, e é de força de 20 cavallos.

Extracto do n.º 146. *Cartas do architecto D. Agustin Marto Aria, durante o reconhecimento feito no rio Tejo desde os portos d'Aranjuez, Toledo, Talavera, Almarás, Garrobillas, Alcantara, e Caceres.*

1.ª Carta, a D. Francisco Xavier de Cabanes. Aranjuez 10 d'Abril de 1828 — ... sabe pela informação propria que a agua do Tejo não diminue de verão de modo que suspenda a navegação.

2.ª Ao mesmo. Toledo 15 d'Abril — diz que não ha incidentes no Tejo, desde a Ponte verde d'Aranjuez até duas leguas distante daquella Cidade; mas os obstaculos artificiaes são em grande numero, que carecem de muitas obras.

3.ª Ao mesmo. Talavera de la Reina, 24 d'Abril. — Diz que aproveitando uma valla que se está fazendo, e convertendo-a em canal se evitarão as obras, que custariam muito mais, que a conversão dita; — acrescenta *que o rio pede navegação com ancia, e com os braços abertos*: que tem muitos obstaculos artificiaes, mas que nem se devem mencionar pela simplicidade das obras que exigem; — que a navegação desde Aranjuez até Talavera é exequivel com pouca despesa, comparada com as grandes vantagens, que della tem de vir; e que consta haverem minas de carvão de pedra nos montes de Toledo até ás serras do Rubial, e Castejon.

4.ª Ao mesmo. Almaraz 3 de Maio, — diz que o rio é navegavel ainda até este ponto; — repete que ha obstaculos artificiaes, facilmente remediaveis; — que apesar da seca do anno as aguas são já muito abundantes neste ponto, e cada vez mais para baixo. — Nota com admiração, a despovoação, e incultura do paiz, e que a navegação do Tejo transformaria suas margens por modo que seus mesmos habitantes os não conheceram. —

5.ª Ao mesmo — Garrobillas 12 de Maio. Diz que sem embargo da escabrosidade extrema das margens o rio é ainda nave-

cessarias informações ácerca da navegação do Tejo, achando que este rio havia sido objecto de grande consideração no tempo de Felipe 2.<sup>o</sup>, sendo então intentada sua navegação com mui feliz exito pelo engenheiro Antonelli, que conseguia levar um barco desde o Oceano até Aranjuez, e dali pelo Jarama e Manzanares alem da ponte de Segovia ao sitio chamado *el molino quemado*, cousa que pareceria incrivel, se não fosse comprovada por authenticos documentos. Aquelle projecto foi abandonado não só pela distracção com outros negocios urgentes, pelos transtornos occorridos nos seguintes reinados, pela escacez de numerario, e principalmente pela separação, e independencia de Portugal: porem no ministerio de D. Luiz Lopes Ballesteros suscitou-se com grande enthusiasmo a antiga idéa, tanto mais que sendo mui custosa a construcção de canaes de derivação, e escaços

---

gavel, dado que se encontrem muitos obstaculos porem daquelles que se vencem; reduzem-se elles a limpar alguns passos para os profundar; e o numero diminuirá nos annos em que a secca não for tão grande; — ha muitas prezas, quasi todas da classes daquellas que não devem ser tomadas em conta podendo salvar-se as outras com mais ou menos despezas: — que a navegação ficará mais facil por meio da applicação do vapor, com que se supprimirão os caminhos de sirga.

6.<sup>o</sup> Ao mesmo. Alcantara 17 de Maio. — As margens até este ponto continuam a ser igualmente escabrosas, mas a navegação do rio é absolutamente possível. Desde Aranjuez até Villa-Velha em Portugal ha talvez 40 moinhos, dos quaes uns por outros não moem mais que metade do tempo, podendo bastar para o serviço sómente ametade delles ficando só aquelles que não impedem a navegação; e como muitos foram levantados só com o beneplacito das camaras, e interceptando a passagem do rio a que o publico tem direito, desapparecerão por este arbitrio muitas difficuldades; reparando-se e fazendo-se obras nas prozas daquelles, cujos proprietarios tem direitos positivos; e pagando-se o seu valor a outros. — Um barco de vapor poderá chegar d'Aranjuez a Villa-Velha (80 leguas) em 40 horas, e de Villa-Velha a Aranjuez em 80 pouco mais ou menos — Segundo noticias que recebeu, consta haverem minas de carvão em Brosas e Ceclavin, e em sua falta ha muito carvão vegetal.

7.<sup>a</sup> Ao mesmo. Caceres 27 de Maio. Diz que as unicas obras que ha a fazer desde Aranjuez até Villa-Velha são — algumas limpezas no rio; — encaixal-o em alguns pontos; — a destruição d'umas prezas, e reparo, melhor disposição em outras: — diz mais que o rio na presente estação levava bastante agua, e nunca chega a faltar para a navegação.

8.<sup>a</sup> Ao mesmo. — Talavera 8 de Junho. Diz que concluido o seu trabalhoso exame, tambem conclue que o Tejo é navegavel, e que a maior difficuldade que acha é *intental-a*.

os meios de os haver, deveria intentar-se a navegação d'alguns rios, pois que o custo das obras necessarias apenas ascenderia á vigesima parte do que exige a construcção daquelles canaes; não sendo muito inferiores os rendimentos.

E como El-Rei de Hespanha muito approvasse a idéa, o autor passou a coordenar a sua memoria enumerando nella todas as noticias e documentos que lhe foi possivel haver ás mãos, bem como os calculos, e orçamentos respectivos, o que tudo foi apresentado ao governo que então regia em Portugal, e que se mostrou disposto a cooperar na sua realisação, como na verdade cooperou. — Passamos ao extracto dos artigos da memoria.

Art.º 1.º *Razões que persuadem a importancia, probabilidade, e conveniencia de facilitar a navegação do rio Tejo. Noticia e exame dos principaes dados que se poderam reunir sobre esta materia, a saber, documentos relativos ao projecto de Antonelli; idem, pertencentes ao de Carduchi; idem, acerca do de Simon Pontero. Consequencias que naturalmente se deduzem destes dados.* —

Havia a tradição transmittido á posteridade que a navegação do Tejo fora intentada no seculo 16.º, que passados varios annos se repetiram as tentativas; porem as noticias eram desfiguradas, sem que houvessem provas claras da possibilidade da execução do plano: antes das ultimas indagações apenas eram conhecidos alguns promenores contidos na memoria de Garibay, e na relação do passeio que por as aguas dos rios Jarama e Tejo fez embarcado Felipe 2.º, e bem assim no que se acha na carta do P. M. Buriel, e no informe de Saavedra sobre varios pontos da navegação interna, sendo inédita parte destas noticias: porem por effeito d'ulteriores indagações poderam encontrar-se outras tão circumstanciadas e authenticas, que por ellas fica provada até á evidencia a possibilidade daquella navegação, assim como todas as de mais circumstancias historicas, estatisticas, e hydraulicas; e alem disto os motivos que deveram ter influido na cessação da empreza, e que devem considerar-se como um desdouro dos tempos passados, e como consequencias de não serem presididas aquellas



*tentativas pelo officio do agente do interesse individual.* ( são estas as expressões do Decreto de Fernando 7.º de 30 de Setembro de 1814, de 28 de Janeiro de 1816, e de 30 d'Agosto de 1819 )

Resulta de taes averiguações que esta idéa foi promovida em tres épocas diferentes, em tres diversos reinados, e por diversos meios; que a empresa foi reputada não só possível, mas facil, e julgada importante debaixo de todos os aspectos, sendo de mais a mais as obras necessarias para leval-a ao cabo orçadas em muito menor despeza do que communmente se pensava.

Muitas das difficuldades que se haviam apresentado foram successivamente diminuindo á proporção que augmentando-se a necessidade desta communicação por agua, avultou mais a importancia de seu estabelecimento, e se fiseram mais perceptíveis as vantagens della provenientes.

Desvaneceu-se muito a opposição que em outros tempos fazia a errada opinião dos proprietarios dos moinhos, que não vendo mais que sua ruina uma vez verificada a navegação, agora a consideram como meio seguro, e efficaç para dar maior valor, e accrescentamento de productos a suas propriedades. Também diminuíram muito as difficuldades resultantes da respectiva acção dos governos estabelecidos no territorio por onde o Tejo corre, porque entenderam melhor seus verdadeiros interesses. Em grande parte igualmente diminuíram os inconvenientes originados da inercia dos povos convisinhos das margens do rio, a gora convencidos que grande vantagem viria ao progresso de sua riqueza, e commodidades. E por fim, o invento das maquinas de vapor, com que se vence a subida dos rios por maior que seja sua corrente, acabou com a maior de todas as difficuldades, que é a construcção, e entretenimento dos caminhos de sirga; por ser possível practicar no alveo do Tejo uma veia constante de agua de  $3\frac{1}{2}$  a 4 pés de profundidade com 20 a 25 de largura, que é quanto se precisa para navegar. E deve-se reflectir ao mesmo tempo que a Peninsula, cujos interesses são identicos, principalmente depois da separação de suas

vastas colonias, não pode prescindir de se nivelar com as outras nações em industria, e naquella espirito de acrescentamento que cada dia produz mais uteis e admiraveis descobertas; porque de contrario ficaria em perigoso atrazo, tornando-se mais deploravel sua posição, porque nem nos anteriores tempos este espirito era tão prodigiosamente inventor, nem agora elle dispõe dos mesmos meios que tinha quando possuia aquellas ricas e vastas colonias. Assim, o systema de boas estradas, e de canalisação, aproveitando os numerosos rios que a atravessam em diferentes direcções, constituirá a condição mais importante para o restabelecimento de sua prosperidade. E' preciso pois tirar todo o partido dos principaes rios, cujo longo curso, e massa constante d'aguas offerce decisivas vantagens: e em tal caso estão o Tejo, o Douro, e outros.

João Baptista Antonelli era um acreditado engenheiro do tempo de Felipe 2.<sup>o</sup>, foi elle quem concebeu a possibilidade da navegação do Tejo, e o primeiro que propoz o plano, que foi adoptado por esta monarchia, por concelho do famoso Herrera, architecto do Escorial, e de Joanelo Turriano, tambem engenheiro, mui elogiado por Antonio de Morales, e Estevão de Garibay, celebres historiadores daquelles tempos, e finalmente aprovado pelos procuradores do Reino reunidos em Madrid pelos annos de 1583; votando para a sua execução cem mil ducados, quantia mui consideravel para aquelles tempos. O autor reúne no appendice final os documentos comprobativos de todas estas circumstancias, bem como da continuação da historia desta empreza, que foi seguida por Felipe 3.<sup>o</sup>, e com muito mais calor por Felipe 4.<sup>o</sup> pelos annos de 1641. —

O rio foi então de novo reconhecido pelos engenheiros Carduchi e Martelli, cujos escriptos se conservaram, e delles, bem como do plano d'Antonelli apresenta o autor uma copia fiel, que por sua curiosidade e instrucção merece ser lida; e ainda foi outra vez reconhecido pelos engenheiros Briz, e Simó Gil, no reinado de Fernando 6.<sup>o</sup>. Dos documentos do projecto d'Antonelli, que são em numero de 131,

se conhecem as seguintes particularidades : — A operação de tornar navegável o Tejo, descripta com tantos promenôres, e clareza, que quasi não ha mais requisito, ou noticia a dezejar ; — as propostas d'Antonelli, e as previas disposições d'El-Rei para que se segurasse a possibilidade da obra ; — a circumstanciada enumeração das obras que se fizeram, e dos pontos em que se effectuaram, &c. Ahi se vêem também especificados em uma longa série de cartas, os curiosos promenôres da viagem d'Antonelli desde Madrid, tanto de ida, como de volta pelos rios Jarama e Manzánares até o Tejo, e desde Aranjuez até Lisboa; resultando destes documentos a plena convicção da navegabilidade, e de que os trabalhos mais custosos tem de ser feitos no espaço que vai d'Aranjuez a Toledo, e principalmente desde Alcantara a Abrantes : as obras deste intervalló foram pelo mesmo Engenheiro emprehendidas e concluidas, havendo custado naquelle tempo a razão de 600 ducados por legua ; pouco mais do que haviam custado as 8 leguas que vão de Anvers a Bruxellas ; e as de Talavera la vieja até Toledo foram incumbidas ao Dr. Guillen, Alcalde mayor de Alcantara, segundo o plano d'Antonelli, naturalmente então occupado em outra commissão: o dito Engenheiro falleceu em 1588. Depois destas obras executaram-se diversas expedições desde Toledo a Lisboa, sendo cada uma de seis barcos. A navegação durou por alguns annos, em fins de 1594 consta uma interrupção de quatro mezes, mas no de 1600 aquella tinha inteiramente cessado ; reproduzindo-se a idéa de a recommençar em 1610. Até este tempo deve computar-se a primeira época da navegação do Tejo.

A segunda começa com o projecto de Carduchi em 1641. A terceira data de 1755 ; D. Carlos Simon Pontéro fez ressurgir a idéa, — e foram incumbidos do reconhecimento do estado do Tejo, e das obras que poderiam ser precisas os engenheiros Briz, e Simó Gil.

Artigo 2.º — *Possibilidade de realizar a navegação do rio Tejo, demonstrada pelas provas, ou dados reunidos ácerca desta empreza.*

E' de summa importância este artigo : o autor

começa por estabelecer = que qualquer projecto é sempre exequível, quando se possuem os meios necessários para remover os obstáculos que se oppõem, ou podem oppor á sua execução, uma vez que esta tenha por estímulo o previo conhecimento das vantagens, que elle deve produzir. No artigo 5.º trata destas vantagens, em relação á empreza da navegação do Tejo; agora examina os obstáculos fysicos, que podem reduzir-se aos seguintes = *pouco fundo; correnteza excessiva, saltos ou cataractas* produzidas por prezas de moinhos, ou de outras fabricas ( *cachões* é o termo empregado no rio Douro); — *áréas e terras movediças; — chéas ou enchentes extraordinarias; passos estreitos.*

*Pouco fundo.* O Tejo conserva geralmente em todas as épocas, com excepção d'alguns annos de grandes sêcas, ao menos 4 pés de profundidade, que é fundo mais que sufficiente para a navegação, tanto mais que a construcção de barcos que se propõe para ella, não exigirá mesmo toda esta quantidade d'agua.

*Correnteza excessiva.* Tem sido exagerada esta difficuldade, que a existir, dificultaria só a viagem para cima. São communmente navegaveis os rios á vela quando só tem de correnteza ( *desnivel* ) um pé por cada dois mil; isto é, quando é o  $\frac{1}{2000}$  da linha de seu curso; e por meio de sirga tendo 1 pé de correnteza por cada 1400, isto é, quando ella é  $\frac{1}{1400}$  daquella linha. Mostra a experiencia que no primeiro caso a velocidade das aguas deve calcular-se em menos de 2 pés por segundo; a qual diminúe á proporção que o rio se aproxima da embocadura, quando tem muitas voltas, ou inflexões, — quando o seu alveo ou madre é irregular, — e sobre tudo quando tem muitas prezas, que remansam as aguas nas assudes que formam, produzindo saltos, os quaes demandam *eclusas*, ou comportas para os passar.

A linha do rio Tejo desde Aranjuez até o Atlântico pode considerar-se como de 120 leguas (de 20 mil pés cada legua) isto é em 2.400 mil pés, proximaemente; e a *correnteza* total do rio pode expressar-se entre os sobreditos pontos em 1500 pés, isto é por  $\frac{1}{1600}$  da linha do curso.

Esta proporção fôra sem duvida consideravel,

porem não impediante ; mas para a corrigir tem as prezas , que são 60 até Abrantes ; e calculando-se a altura media destas em 5 pés , a correnteza se reduzirá a 1200 pés , e a proporção se reduzirá tambem a 1 : 2000 , que é mui regular para estabelecer a navegação por meio do vapor , ficando mui suave nos espaços entre as prezas , ou assudes.

Desde Aranjuez a Toledo ( 10 leguas ) o curso, do rio é tão regular que parece um canal.

Desde Toledo até á Ponte do Arcebispo ( 26 leg.) as margens do Tejo são bellissimas ; Antonelli as compara com as do rio Pó e outras na Lombardia.

Desde a Ponte do Arcebispo até Herrera ( 40 leg. ) ha espaços com difficuldades , que carecem de obras.

Se for conveniente o canal projectado por Salcedo , e pelo engenheiro Martelli no seculo 17.<sup>o</sup> , aprovado por Carduchi , desde o sitio de Silillos por o ribeiro Alcanfo, e rio Tietar , se economisarão muitas legoas , e evitarão os principaes obstaculos que o Tejo offerece em todo o seu curso.

Desde Herrera até Abrantes ( 17 leg. ) a navegação é muito mais facil , e tanto que a maior parte deste districto , ou desde Villa-Velha até Abrantes foi navegado em 1812 e 1813 , e ainda hoje sempre que o exige o interesse de transporte de effeitos.

Desde Abrantes até Santarem ( 11 leg. ) está continuamente aberta a navegação ; e dali para baixo é feita até por barcos de quilha.

*Saltos ou Cataractas naturaes.* Não ha algum desde Aranjuez até o mar , porque os unicos incidentes de tal natureza procedem das prezas.

*Saltos produzidos pelas prezas para os moinhos ou outras fabricas.* Fora grande o inconveniente de muitos se o seu remedio não fôra facil. Podem dividir-se as prezas do Tejo em 3 classes , 1.<sup>a</sup> *inferior*, quando o salto não exceda a 3 pés ; — 2.<sup>a</sup> *media*, quando a altura é de 3 a 6 pés ; — 3.<sup>a</sup> *superior* de mais de 6 pés de elevação ; e tambem são de 3 classes os meios de as obviar ; os da 1.<sup>a</sup> — são de quazi nenhum uso , podem regular-se abrindo passo por ellas , conservando a correnteza ( *desnivel* ) que por sua pe-

queuez exige mui poucas obras : as da 2.<sup>a</sup> remediaram-se por meio de um canal practicado nellas com comportas simples , ainda que durante a passagem seja preciso empregar maior força : e quanto ás de 3.<sup>a</sup> classe será preciso recorrer a canaes lateraes , aonde for possivel , ou a *eclusas* com comportas dobradas.

*Cachões* ( *Chorréros* em hespanhol ). E' o impedimento causado por uma especie de *fervura* ou cachão , cauzado pelas pedras , ou penhascos que o rio tem em seu alveo ; ou quando um *desnivel* maior que o ordinario produz corrente mais rapida.

Evita-se quebrando os penhascos , como se practica hoje em dia debaixo d'agua.

*Aréas e terras movediças* ; dellas procedem os *bancos*, e *baixios* , que aglomerando-se diminuem o fundo : estes incidentes no Tejo diminuem muito á proporção que se aproxima da sua embocadura , e só se vêem no verão ; elles se vencem com as *limpezas* , e *excavações* : e occorrem nas paragens em que o rio tem largura de mais , correndo as aguas por maior superficie , com diminuição da profundidade.

E' nestes casos que se usa do *encaixotamento* das aguas , com o que estreitando o passo se augmenta a corrente , e profundidade.

*Chéas extraordinarias*. Serão raras as occorrencias desta difficuldade ; em tal caso a navegação suspende-se por alguns dias , em quanto as aguas abaixam ; no entanto a navegação por vapor vence esta mesma difficuldade , quando o caso o exija.

*Passos estreitos* ; calhetas ( *galeiras* no rio Douro ). — Este inconveniente reduzindo o volume das aguas a passar por mais apertado espaço , produz redemoinhos , *cachões* , e velocidade de corrente. Neste caso estão no Tejo , — as pontes de Aceca , de Montalvan , de Talavera , do Arcebispo , del Cardenal , e de Alcantara ; são conhecidos os meios de remedial-os.

Quanto ás despesas necessarias com as obras indispensaveis para vencer estas difficuldades ; o autor neste mesmo artigo , referindo-se a dados competentes , e particularmente aos que offerece o n.º 64 do appendice , apresenta um sufficiente orçamento , e que não julgamos inconveniente ommittir-o neste extracto.

( *Continuar-se-ha.* )

# MEDICINA

DO ORGANICISMO,

ou Systema da *Medicina Organica* de Mr. Rostan.

---

Não é sem fructo que os medicos desde a infancia da arte até aos nossos dias tem tratado de approximar por considerações racionaes os elementos numerosos e dispersos, que entram no estudo do homem. Esta successão de systemas, de doutrinas, d'interpretações, que se mostra na historia da arte de curar, prova que a intelligencia humana não pode comprehender um grande numero de factos, senão quando elles são ligados entre si por alguns caracteres, senão quando elles estão reunidos em virtude de certas analogias.

E' bem interessante para o medico e para o philosopho seguir seculo por seculo as revoluções, que tem assignalado os progressos da sciencia, e demorar-se algumas vezes no exame das doutrinas, que as tem determinado.

O *organicismo* é de data modernissima, e ensinado com lustre por um dos mais distiuctos professores da faculdade de medicina de Paris. Queremos hoje fazel-o conhecer, dando o extracto d'uma notavel prelecção, que Mr. Rostan fez na enfermaria clinica sobre este objecto, que tantas vezes tem atrahido suas meditações.

Esta prelecção é consagrada á exposição dos principios, que o dirigem no seu ensino medico, e na sua pratica. Estes principios são pouco numerosos, claros, exactos, e seguidos pela generalidade dos medicos, se bem que impugnados pela maior

parte delles. Elles constituem o que se chama *medicina organica*, cuja systema é pela primeira vez publicado, sustentado; e desenvolvido por Mr. Rostan. Hoje as suas proposições fundamentaes nos parecem universalmente adoptadas. Para conceber que podessem ter sido disputadas, é mister trazer á memoria o tempo, em que pela primeira vez foram professadas, e que então vogavam principios oppostos.

### 1.<sup>a</sup> PROPOSIÇÃO.

Mr. Rostan, estabelece primeiramente que *o medico não deve ver no homem mais do que órgãos e funcções; que as funcções são effeitos*, e que não são mais do que uma consequencia da disposição organica. Os órgãos, diz elle, são dispostos para obrar; entram em acção, eis ahi a funcção. As funcções não podem ter logar sem órgãos, porque um effeito não pode existir sem a sua causa; nem ellas tão pouco podem preceder os órgãos pela mesma razão. Uma acção não pode existir sem agente; o movimento, por exemplo, sem um corpo que se mova. Se a vida não é mais que o complexo das funcções, estas sendo meros effeitos, é absurdo dizer que ainda pode existir independentemente da organização, e precedel-o. Pode por ventura a digestão existir sem órgãos digerentes; a respiração sem órgãos respiratorios; a circulação sem órgãos circulatorios; a visão, a audição, o olfacto, o gosto, o tacto, sem órgãos visuaes, auditivos, olfactorios, tacteis &?

Pelo que acabamos de dizer deve-se concluir que quando os órgãos e as funcções, que elles exercem, estão em um typo normal, o individuo se acha no estado *physiologico*; e temos então a anatomia e *physiologia* sãs, se assim o podemos dizer. — Quando os órgãos e as funcções deixarem de estar no typo normal, o individuo se acha no estado *pathologico*; e temos a anatomia e *physiologia* morbidas. — Anatomia e *physiologia* sãs, anatomia e *physiologia* morbidas, são pois as bases fundamentaes da medicina.

### 2.<sup>a</sup> PROPOSIÇÃO.

Ora se o homem é um composto d'órgãos, é



evidentemente que *estes órgãos diversos são susceptíveis de se alterarem mais ou menos conforme sua composição e conforme as causas que sobre elles obráram.*— Se todos os órgãos, que constituem o homem são compostos de vasos sanguíneos arteriaes e venozos, de vasos lymphaticos, de nervos, de tecido cellu-dar, e de tecido proprio; não ha razão para que cada um destes órgãos não possa adoecer primitivamente, e sem dependencia d'outro qualquer. Se cada um destes órgãos é directamente influido por um modificador particular ou por muitos, taes como os alimentos e as bebidas em relação ao estomago, o ar e os esforços respiratorios para o pulmão, as sensações e os actos intellectuaes e moraes para o encephalo; é rigoroso concluir que cada um destes órgãos poderá adoecer sem o concurso dos outros. — Todos os nossos órgãos pois podem tornar-se primitivamente doentes, e independentemente uns dos outros, sem que seja necessario que um delles seja primitivamente affectado, ou que o seja de um modo secundario.

### 3.<sup>a</sup> PROPOSIÇÃO.

A 3.<sup>a</sup> proposição fundamental do *organicismo* é *que nossos fluidos são susceptíveis de molestias.* Bem como os órgãos, os fluidos, que constituem a maior parte do individuo, são susceptíveis d'alterações. E com effeito, compostos d'elementos diversos devem estes elementos poder separar-se sob a influencia de causas, que directamente obram sobre elles. Nos vasos em que circulam, nas cavidades em que se demoram, podem os fluidos ser alterados e decompostos. Os elementos que os constituem, podem ser augmentados ou diminuidos de quantidade na sua totalidade ou parcialmente. Um destes elementos, dous, ou muitos podem ser superabundantes, ou mais escassos do que no estado normal. Em fim podem-se introduzir em sua composição corpos heterogeneos. — Os *solidistas* exclusivos sustentão que os fluidos são sempre alterados secundariamente; que sendo sempre o resultado do trabalho d'um órgão, este deve ser alterado com precedencia ao fluido. Mas

primeiramente não é exacto dizer que os fluidos são sempre o effeito do trabalho d'um órgão ; e suppondo que assim fosse , nada obsta a que uma causa obre directamente sobre o fluido segregado sem obrar sobre os vasos , ou sobre os reservatórios que o contem.

Aquí citou o professor para exemplo a polyne-mia , resultado d'uma alimentação superabundante , desproporcionada ás perdas soffridas pelo individuo ; demonstrou incontestavelmente que este estado de plethora sanguinea , com quanto constitua um estado morbido , pode ter logar sem que o estomago e os intestinos sejam affectados. O estado contrario é igualmente concludente. A anemia produzida por uma alimentação insufficiente , por perdas copiosas , por hemorrhagias , pela privação do ar e da luz , pode existir primitivamente sem previa alteração do ventriculo. Nestes dous exemplos o sangue é em todas as suas partes ou muito , ou mui pouco abundante. — Na chlorose parece que a materia córante é principalmente diminuida. — No escorbuto o sangue parece alterado em sua composição pelo facto d'uma alimentação insalubre. — Nas molestias por infecção um principio deleterio parece misturar-se com o sangue , e circular com elle no organismo. — Nestes diversos exemplos os fluidos estão doentes antes que os solidos se resintam da alteração. — O que dizemos do sangue deve rigorosamente poder applicar-se aos diversos fluidos , que entram na composição do corpo humano.

#### 4.<sup>a</sup> PROPOSIÇÃO.

Nella estabelece o professor que é possível dar-se no homem mais de uma só e a mesma affecção.

Esta proposição já havia sido desenvolvida na prelecção sobre a utilidade do diagnostico , e então disse Mr. Rostan que as phlegmasias da pelle não podiam ser todas da mesma natureza ; que era impossivel admittir que as zonas , as escarlatinas , os sarampos , as bexigas , as tinhas &c.<sup>a</sup> fossem só uma e a mesma affecção , variando apenas em sua séde ; que se estas affecções fossem consideradas como va-

riedades e epiphenomenos da gastrite, se devia explicar a razão porque a gastrite vaccinica preserva da gastrite variolica, e não das outras; porque a gastrite ordinaria não preserva da gastrite variolica: e porque a gastrite variolica, que preserva d'uma nova gastrite variolica, não preserva de todas as outras gastrites possiveis. Não será tudo isto porque em verdade existe outra cousa, que não é gastrite? Mas se as molestias da pelle são de muitas naturezas, porque razão as molestias das membranas mucosas, e outras não terão também muitas naturezas?

### 5.<sup>a</sup> PROPOSIÇÃO.

E' a seguinte = *As forças variam conforme os individuos* =

Nada influe no tratamento das molestias em mais alto gráo, do que o estado das forças dos individuos; com tudo foi exactamente isto que foi mister negar-se para chegar á conclusão de que sempre era preciso enfraquecer o doente; que este sempre estava forte em demasia; que a fraqueza era sempre apparente; e que as forças estavam concentradas por effeito da molestia. — E' quasi trivial dizer-se que todos os individuos estão longe de serem dotados das mesmas forças; que entre estas ha tanta differença como entre os individuos; que a força é tão real como a fraqueza; que uma e outra podem ser igualmente apparentes; que é da mais alta importancia reconhecer estes estados, e fixar bem os seus caracteres; que um certo gráo de forças é necessario á resolução das molestias; que muitas vezes o doente se acha acima deste gráo de forças, e que então é necessario fazel-o descer; que outras vezes acha-se abaixo, e que então cumpre fazel-o subir; e que em todos estes casos não podem convir o mesmo tratamento, os mesmos meios.

Taes são as proposições fundamentaes que o professor desenvolveu nesta prelecção. Se bem que incontestaveis logo á primeira vista, foi com tudo necessario corroboral-as com provas numerosas. Estas provas foram tiradas dos factos e dos raciocinios.

Temos pena de que o espaço nos não permita expô-las em toda a sua extensão. O summario que deixamos escripto nos parece dever ser sufficiente, para dar ao menos uma idea da philosophia medica adoptada pelo professor Rostan.

---

### ADYNAMIA.

Alguns annos ha que os medicos se debatem na arena scientifica á cerca das modificações, que podem sobrevir na forma das molestias. Alguns mais se applicam a conhecer o orgão affectado, do que a determinar o modo porque elle manifesta as perturbações que em si soffre. E' sobre uma questão deste genero que Mr. Chauvin chamou a attenção dos leitores na *Revue medicale* de abril de 1838.

Nem todos combinam sobre o sentido da palavra *adynamia*. A *adynamia* é a auzencia, ou pelo menos a diminuição em gráo notavel das forças motrises n'um doente. Se ella não deve figurar n'um quadro de molestias especiaes, se ella nem sempre reclama o mesmo tratamento, deve pelo menos occupar um logar n'uma pathologia geral. Com effeito não seria menos pernicioso desprezar sempre este symptoma, que algumas vezes é o principal d'uma molestia, do que consideral-o como constituindo sempre a essencia desta molestia. Uma das molestias, em que o symptoma *adynamico* é mui frequente, é sem contradicção a enterite folliculosa, ou febre typhoidea. Vem depois as febres perniciosas algidas e comatosas, a dysenteria, a cholera, a febre puerperal, certos pleurizes, pneumonias &c.<sup>a</sup> Esta consideração de que a enterite folliculosa produz frequentemente o symptoma *adynamico*, conduz o auctor a emittir algumas reflexões sobre a influencia, que exerce na dynamometria pathologica a séde do trabalho morbido. Os mais apparentes effeitos da affecção typhoidea dirigem-se

sobre a parte inferior do intestino delgado, aonde principalmente se pratica o trabalho immediato da nutrição. O estado adynamico é tanto mais decisivo, quanto a affecção morbida mais perto se chega desta séde, e ahi concentra sua acção. E finalmente mil factos provam que as affecções abdominaes tem uma grande tendencia para a adynamia, mormente aquellas que mais se approximam do centro da acção nutritiva. O excesso da dor, as affecções moraes vivas, os envenenamentos septicos ou miasmaticos, podem tambem produzir o estado adynamico: donde se vê que o tratamento deste symptoma deve ser tão variado, quanto as causas que o produzem. Uns pensam que apenas se profere a palavra *adynamia*, se deve logo empregar uma medicação tonica; outros querendo sempre sangrar não reconhecem a verdadeira adynamia. Uns e outros erram. Nada ha absoluto nos symptomas adynamicos; devem-se levar em conta no tratamento, e ter mórmente respeito ás causas, que lhe deram origem, ás circumstancias que os acompanham, e tambem o estado local dos órgãos que no-os apresentam. A' vista de tantas diversidades o auctor pensa que seria possivel estabelecer algumas regras geraes para a therapeutica do estado adynamico.

O redactor da *Revue* julgou dever ajuntar a estas considerações um resumo da doutrina vitalista ácerca da *adynamia* e da *putridéz*.

Segundo a doutrina vitalista a *adynamia* é um phenomeno de prostração, caracterizado por um abatimento geral da acção muscular, independente de toda a compressão, de toda a alteração material, e de toda a affecção especial ou do cerebro, ou do prolongamento rachidiano, ou dos nervos que delles derivam. O estado adynamico bem diverso então de toda a especie de parálisis coincide sempre, ou como causa ou como effeito, com uma desordem das funções nutritivas, que ataca a vida na sua origem; então cessam de ser normaes as secreções e as excreções, e todas peccam ou por excesso, ou por defeito, ou pela natureza de seus productos. O ultimo periodo da *adynamia* é marcado por phenomenos quasi

cadavericos, resultantes d'uma parte da alteração dos líquidos, e da outra d'uma diminuição progressiva da cohesão vital nos solidos. Estes ultimos phenomenos considerados na sua totalidade constituem a *putridez*, que é o ultimo termo da *adynamia*. Esta palavra *putridez* deve ser conservada na linguagem medica, porque exprime muito bem um facto geral d'observação. Para os partidistas da doutrina vitalista a *putridez* não inculca a idea d'uma putrefacção actual, mas somente, a de uma disposição, d'uma tendencia mais ou menos decisiva para a decomposição. A *adynamia*, posto que tenda á extincção da vida, ainda deixa com tudo esperanças de salvação, que dependem ou da natureza e da intensidade das causas, ou das disposições individuaes. Nos mais desfavoraveis casos ha ainda luta ou resistencia activa do organismo. A reacção, mesmo quando é salutar, passa muitas vezes occulta, e apenas se manifesta por seus effeitos definitivos. Quando a reacção é deficiente, ou quando não é proporcionada á intensidade da causa morbifica, o doente vai-se ficando gradualmente. Se a reacção é mais viva e mais prompta, pode appresentar todos os caracteres do estado febril, e então fica duvidoso o resultado pro ou contra o doente. E com effeito a febre pode produzir um movimento critico, ou sobre os tegumentos externos, ou sobre os tegumentos internos, ou sobre os *parenchymas* das visceras. O 1.º caso é favoravel, o 2.º e 3.º funestos. — As causas da *adynamia* são mui numerosas, e podem referir-se a tres principaes divisões — 1.ª causas hygienicas geraes; 2.ª causas hygienicas especiaes; 3.ª causas pathologicas. Vê-se pois que a *adynamia* não é um estado sempre identico; que pode resultar de causas mui diversas e mui oppostas; que por consequencia não pode ser considerada nem tratada em todos os casos da mesma maneira; e que finalmente, bem que possa appresentar-se com symptomas mais ou menos analogos em quasi todas as molestias, não constitue por si só nenhuma verdadeiramente.

---

## Viagens Scientificas.

*Viagem ao pólo austral.* — A Commissão encarregada pela Academia Real das Sciencias de Paris da redacção das instrucções que devem levar os viajantes da expedição de circumnavegação nas corvetas do estado *P Astrolabe* e *la Zélée*, apresentou cinco relatorios de que vamos dar noticia.

*Botanica.* — Estas instrucções redigidas por o Snr. Mirbel, não contem senão regras praticas sem que offereçam interesse algum scientifico. Encontra-se todavia a descripção d'um processo de transporte para os vegetaes, que julgamos util mencionar. Foi autor deste processo o jardineiro inglez Luschnath. Mette-se n'uma caixa, cujas peças são ajustadas para poderem conter agua, uma camada de terra argilosa redusida a bolo muito humido, e põe-se horisontalmente por cima, ao lado umas das outras, plantas lenhizas novas sem folhas algumas. Estende-se sobre estas plantas uma nova camada de terra argilosa, preparada como a primeira, e calcada fortemente com um malho, a fim de expulsar a agua e o ar superfluo, e de não deixar senão o espaço que as plantas devem encher: continuam-se a estender successivamente plantas e camadas d'argila até que a caixa esteja perfeitamente cheia, tendo sempre cuidado de calcar com o malho cada camada d'argila; finalmente fecha-se a caixa hermeticamente. Plantas lenhosas dispostas segundo este processo, tem sido enviadas do Rio de Janeiro a S. Petersbourg aonde teem chegado vivas pela maior parte depois d'uma navegação de mais de cinco mezes, e teem chegado assim a esta cidade especies que conduzidas pelo methodo ordinario morriam durante a viagem Este

processo é igualmente applicavel ás sementes. Dispoem-se sobre as camadas d'argila algum tanto afastadas entrè si, afim de que se ellas principia-rem a germinar durante a viagem, o que não é raro, se não offendam mutuamente.

O Snr. Mirbel recommenda tambem um outro apparelho inventado por o Dr. Nath Ward. Este apparelho que elle denomina estufa de viagem, offerece ainda mais provabilidade de proveito que o de Luschnath, mas não pode preencher o seu fim se não ficar exposto á acção da luz, e se sofrer alguma avaria grave durante a viagem. Consiste n'uma caixa draçado allongada, que tenha em cima um tecto en- formado por dous caixilhos dispostos de maneira que for mem um angulo agudo. Os dois pequenos lados da caixa sendo mais compridos que a sua base dous a tres centimetros servem de sustentar todo o apparelho; e elevando-se em angulo agudo por cima da abertura da caixa fecham os dous lados do tecto. Um dos caixilhos está fixo; e o outro seguro por alguns parafusos abaixa-se ou levanta-se á vontade, mas deve fechar exactamente a caixa em quanto dure a viagem; é então da maior necessidade que todas as partes sejam perfeitamente fechadas. Travessas de pau de 4 a 5 centimetros de largura, distantes uma da outra 7 a 8 centimetros, ajustam-se com a parte inferior e superior de cada caixilho, e serve de lhe dar solidez e de sustentar os vidros que são pequenos, mui espessos, embricados como as telhas d'um telhado, e betumados em todas as suas juntas. As maiores dimensões que convem dar ás *estufas de viagem* são 9 decimetros de comprimento, 7 d'altura e 5 de largura; e melhor é serem antes um pouco menores. A profundidade, abstrahindo do tecto, não pode ser menor que 26 centimetros quaesquer que sejam as outras dimensões. Quando se quer encher a estufa, tira-se o caixilho movel, mette-se no fundo da caixa uma camada de 3 a 4 centimetros de terra argilosa, antecedentemente humedecida, amassada, calcada, e não contendo agua que possa sensivelmente molhar, cobre-se esta camada com terra de boa qualidade. Os vegetaes são postos neste solo, umas vezes com raiz descoberta, outras vezes com a raiz em



torrão revestido de musgo secco, e outras vezes em potes. Assim dispostas e abandonadas a si mesmas, abrigadas da secura e da humidade, as plantas aturam uma mui longa viagem, mudando de latitude e clima sem que sua saude seja sensivelmente affectada. Ellas estão u'um estado que poderia chamar-se estacionario. Parece que a nutrição e a decomposição são nellas iguaes. A respiração continúa, as partes verdes conservam a sua cor, mas não ha crescimento notavel. Encomendadas feitas desta maneira do Paris para Calecut e de Calecut para Paris, teem excedido todas as esperanças, apesar de ter a viagem durado 8 a 9 mezes.

*Zoologia.* — O Snr. de Blainville, encarregado desta parte das instrucções, recomenda em geral:

1.º Procurar constantemente os animaes marinhos microscopicos que vem á superficie do mar no fim do dia, e que se podem obter por meio de redes d'estamanha nos flancos das embarcações; 2.º não esquecer de procurar a *Spirula* com seu animal que nos não é ainda perfeitamente conhecido; o animal do *Nautila* tostado (*flambé*) que falta nas collecções francezas; e finalmente o animal do *Argonauta* parasito ou não; 3.º não desprezar nenhum dos animaes parasitas, quer intestinaes, quer branchiaes, quer mesmo cutaneos, que poderem achar-se nos animaes de todas as classes, e ainda na espécie humana.

Elle chama mais particularmente a attenção dos naturalistas da expedição: 1.º para os *Chionis* ou Bico-em-bainha, que não existe em França senão empalhado, com uma unica parte do esqueleto; este passaro encontra-se frequentemente nas paragens das Ilhas Malouinas, da terra dos Estados e do cabo Horn, justamente nos lugares de donde a expedição deve tomar o seu ponto de partida para depois penetrar o mais possivel pelos gelos do polo austral; 2.º sobre as numerosas especies de *Phocas* e de *Cetaceos*; sobre tudo de golfinhos que atrahem ás mesmas paragens a maior parte dos navios empregados na pesca das baleias.

Recommenda depois disto que se colham todas as noticias possiveis sobre a raça dos Patagões, cuja historia não está ainda bem esclarecida; no Chili,

sobre muitos dos animaes indicados por Molina, entre outros o seu pretendido Cavallo de dous dedos, sua Seiche articulada e o Phytotomo, passaro cujo esqueleto falta ainda nas collecções francezas.; nas ilhas da Sociedade ou dos Amigos, sobre os mammiferos selvagens que se limitariam, segundo o Snr. Lesson, a uma só especie do genero *Mulot*, que os habitantes de Taiti chamam *Iore*; depois sobre os animaes domesticos trazidos pelos Europeus, para verificar se nesta parte como nas outras elles terão soffrido alguãs alterações depois de sua descoberta. Indica tambem como util analizar em que ponto acabam estes grandes Morcegos conhecidos pelo nome de *Roussettas* e que habitando as partes quentes do antigo continente, a Africa, a India e sobre tudo o Archipelago indiano, depois a nova Hollanda, até á terra de Van-Diemen, parecem acabar em Tonga, e não existir mais em nenhuma outra parte do Novo-Mundo, nem de suas vizinhanças. Em a nova Guiné, que os navegantes até aqui não tem feito senão costear, elle recommenda, se nella houver demora, que se faça por penetrar no interior desta grande terra para ajudar a reconhecer como é que s'encontra nesta ilha uma raça de negros entre homens d'outras raças, e se lá acabam os animaes do Archipelago indiano, ou se elles existem misturados com alguns dos que povoam a Nova Hollanda, continente singular, como é sabido a este respeito—que excepto o *Pteropus polycephalus*, e os *Hydromys*, a que se deve juntar a especie visinha dos Ratos, de que o Snr. Gray fez o genero *Pseudomys*, uma outra-especie visinha dos Chinchilas que o Snr. Lichtenstein chama *Hapalotis*, e por ultimo o Cão deixado ali talvez antigamente pelos Hollandezes, todos os mammiferos que até hoje se tem revistado pertencem á subclasse dos Didelphos, e á dos Ornithodelphos ou *Monotremes*. Será tambem curioso examinar aonde acaba o genero dos Ursos e o dos Paradoxuros ou *Martas* de caudas prehensiles, e se existem em a Nova Guiné; bem como se esta ilha contem ou não Macacos.

Em a Nova-Hollanda, na terra de Van-Diemen, e em a Nova-Zelandia dever-se-hão procurar mais,

particularmente os animaes monodelphos ; fazer por esclarecer a historia do Ornithorhincó e do Echidné ; e indagar sobre tudo do singular passaro , chamado Apteryx por não ter azas , e de que se não vio ainda senão um individuo na Europa , que é o que possui a sociedade zoologica de Londres , e que certamente constitue o mais raro objecto de sua collecção ornithologica. Este animal , de que parece que o Snr. Mac-Leay filho poude ha pouco tempo obter uma segunda pelle , é conhecido entre os selvagens da Nova-Hollanda pelo nome de *Kivikivi*.

*Observações nauticas e de Phisica geral.* — Não contem senão generalidades sem interesse scientifico.

*Geologia.* — Depois de ter lembrado as instrucções Geologicas já dadas para a expedição da *Bonita*, e de ter feito algumas observações geraes sobre a importancia que offerece a composição das amostras das rochas destas partes do hemispherio austral ; aonde quasi tudo é desconhecido ao geologo , especialmente nas visinhanças do pólo ; o Snr. Cordier , relator desta parte das instrucções accrescenta :

“ A estrutura da côdea do globo offerece-nos em todas as partes que tem sido bem observadas , indícios incontestaveis d’um phenomeno cuja noção se começa a vulgarizar , mas que não é menos extraordinaria e difficil d’explicar. Esta consiste em que a formação da côdea da terra tem sido em muitas épocas interrompida por fendas , deslocções , e desordens enormes , taes que as camadas que compõem os segmentos assim produzidos , se apresentam em posições muito inclinadas , varias vezes mesmo verticaes , e que os depozitos posteriores a cada uma destas revoluções se tem estendido em um grande numero de pontos sobre a extremidade dos depozitos anteriores. As consequencias desta ordem de cousas figuram desde muito entre as bases principaes da geologia. Sua generalidade é summamente provavel ; seria util porem que ellas fossem confirmadas no hemispherio austral mais exactamente do que o tem sido até hoje. E’ necessario saber positivamente se o phenomeno tem affectado tão fortemente o polo sul sobre o polo norte. Os Snrs. Naturalistas da expedição são

por tanto convidados a fazer o maior numero d'observações que lhe for possível ácerca da direcção e da inclinação das camadas, e a notar pelo miudo todas as circumstancias accessorias tendentes a augmentar o merito destas relações.

„ O período geologico em que nós vivemos foi immediatamente precedido d'um cataclysmo ( *diluvio* ) de que conhecemos desde muito indícios incontestaveis na Europa; e na Asia boreal. Estes vestígios consistem em depozitos moveis de areias, de cascalho e de seixos que não somente entulham o fundo d'uma multidão de valles aonde elles estão ordinariamente encubertos por alluviões fluviaes, mas, tambem cobrem immensas planicies, elevadas phãas, e chegam até ás bazes das mais altas montanhas. Estes depozitos que se designam pelo nome de *diluvium* ou terreno diluviano offerecem caracteres uniformes em toda a parte em que tem sido estudados; elles tem quasi sempre uma tenue espessura; seus materiaes são confusamente misturados; a maior parte das ossadas que nelles se encontram, tem pertencido a grandes mamíferos, cujas especies já quasi todas se perderam. Os seixos, e sobre tudo os grandes calhaos de rochedos que se acham intermeados nestes depozitos, sobre um ponto qualquer d'uma grande vertente continental, parecem evidentemente dos terrenos respectivamente superiores que fazem parte da vertente ou das montanhas que a terminam; e é o mesmo a respeito da encosta do lado opposto. Acrescentemos como particularidade notavel, que as ilhas situadas ao norte do antigo continente, e as situadas ao poente, como a Inglaterra e a Irlanda, teem soffrido os mesmos effeitos. Os geologos differem em opinião, não somente quanto á explicação do phenomeno, mas tambem quanto á sua generalidade. Muitos suppoem que elle não tem affectado senão uma parte da terra. O que antes de tudo importaria, seria determinar alguma couza a respeito da questão de saber se a grande inundação de que se trata foi universal. Nós sabemos já que ella se estendeu por uma grande parte da America Septentrional. As minimas noções do mesmo genero que os Snrs. naturalistas da expedição poderem obter no hemispherio austral serão preciosas.

Elles deverão evitar tres especies d'eros que se podem commetter na analize destes terrenos. Com effeito, tem-se algumas vezes confundido com elles, quer verdadeiras alluviões fluviaes que se acham fazendo as margens de correntes d'aguas actualmente muito estreitas, quer camadas moveis superficiaes fazendo parte d'um dos grãos do periodo paleotherianno, quer finalmente certas alluviões maritimas assaz modernas, de que fallaremos logo. Os exames em questão serão facéis de fazer, porque os lugares em que elles podem ter mais feliz successo são precisamente as planicies, as collinas, e as chãs que terminam quasi sempre as grandes terras ou grandes ilhas do lado do mar. Recommenda-se especialmente que se tragam amostras das areias, dos cascalhos, seixos e calhaos erraticos que compoem os depositos diluvianos que se forem conhecendo. Recolher-se-hão tambem as ossadas dos grandes mamiferos, e quaesquer reliquias organicas que se acharem.

„ Os geólogos distinguem com razão do grande systema de que se acaba de fallar, um certo numero de pequenos depositos maritimos, dispersos por alturas de 10 a 80 metros a cima do nivel do Oceano, sobre os lados da Suecia, da Inglaterra, da França, de Sardenha e das vizinhanças do Suez no Egypto, e que não contem senão restos de corpos maritimos pertencentes ás especies que actualmente vivem nos mares adjacentes. Estes depositos são as testemunhas dos ultimos acontecimentos geologicos de alguma importancia que tem affectado a estabilidade dos continentes nos paizes de que se trata. Se factos do mesmo genero viessem a ser conhecidos n'outros paizes e a multiplicarem-se, caracterizariam um phenomeno que, apezar de sua pouca intensidade, não teria por isso deixado de ser geral, e nós teriamos assim o conhecimento do ultimo esforço da natureza para trazer a terra ao estado em que a vemos. A esperanza de chegar a este resultado não é sem fundamento. Já o Snr. Lesson nas costas do Peru, e o Snr. d'Orbigny nas do Chili, observaram depositos de conchas modernas dispostas a cima do Oceano em taes alturas, que não teriam podido ser ali

levadas pelo effeito dos tremores da terra, tacs, pelo menos, como elles se manifestam depois dos tempos historicos. Os Snrs. naturalistas da expedição terão a repetir estas observações, quando abordarem a Valparaizo. Procurarão fazel'as extensivas a todos os pontos que vizitarem. Descreverão com cuidado os depositos que descobrirem. Tomarão amostras numerosas, assim como rochas immediatamente inferiores, particularmente aquellas a que algumas conchas adherirem ainda. Em fim determinarão exactamente a altura dos depositos a cima do nivel do mar, assim como sua espessura, sua extensão, e sua distancia das praias actuaes.

„ Aproveitarão tambem o descanso em Valparaizo para melhor obter resenhas, não só dos effeitos do tremor de terra em 1834, mas tambem do não menos violento de 1829 e de 1822. Pelo que refere M.<sup>me</sup> Graham, este ultimo terremoto teria, n'uma extensão de quasi cem milhas, elevado toda a costa do Chili tres a quatro pés Inglezes acima do Oceano. Mas esta noticia é contrariada pelas noticias que eu obtive de dous naturalistas de merito, a saber; o Snr. d'Orbigay, que visitou uma parte desta costa, e o Snr. Gay, que se occupa em explorar todo o paiz desde muitos annos. Existe por tanto questõa este respeito, e ha por isso necessidade d'augmentar os testemunhos. Exige-se dos Snrs. naturalistas da expedição, não uma opinião summaria, mas um exame circunstanciado dos factos que observarem, e uma especie de processo verbal de todas as noticias que poderem obter das pessoas illustradas. Visitarão particularmente o cabo granitico visinho de Valparaizo, aonde M.<sup>me</sup> Graham fez as observações que publicou.

As relações da expedição anglo-americana de descoberta executada em 1830, fez conhecer que as praias da Nova Shetland são cobertas de grandes calhaos erraticos formados de granito, e por consequencia d'uma natureza differente das outras rochas do paiz. O Snr. James Eights, naturalista da expedição, não hezita em considerar estes calhaos como conduzidos pelos gelos que annualmente veem encalhar e derreter-se sobre as praias de que se trata, e como in-

dícios de terras desconhecidas situadas mais perto do pólo que a terra de Trindade. Será curiozo verificar a natureza destes calhaos, suas dimensões, sua forma, a natureza das areias e dos cascalhos que os acompanham, e sobre tudo a maneira porque elles foram para ali conduzidos. Esta ultima consideração tem um interesse particular: entre os calhaos erraticos que em nossos climas fazem parte do terreno diluviano, ha-os principalmente na visinhança das altas cadeias de montanhas que são enormes, cujos angulos não são embotados, e que cauza admiração vel'os suspensos sobre picos elevados, e isto em alturas que sobem algumas vezes a oito e nove covados por cima dos valles adjacentes. Conhecem-se calhaos deste genero que tem 1200, 2400 e até 4200 pés cubicos que se acham incontestavelmente a distancias de mais de vinte leguas dos pontos de que se pode suppor que elles foram originariamente destacados. Por estes caracteres muitos geologos presumem que o transporte destas massas não pode ter tido lugar senão por intermedio dos gelos que teriam sido amontoados nas altas montanhas vizinhas, e arrastados pela grande irrupção diluviana. Qualquer que seja a importancia desta opinião, o facto que a Nova Shetland parece apresentar em ponto grande não deixa de merecer um exame particular.

„ Finalmente entre os fosseis que poderem apparecer nestas paragens bem como nas mais a que se abordar, recommenda-se d'uma maneira particular que se procurem Trilobitos, familia singular de Crustaceos, cuja perda remonta a tempos immemoriaes. Não se encontram com effeito restos delles senão em terrenos seccundarios os mais antigos. E' nas regiões temperadas do hemispherio boreal, e principalmente no norte da Europa e da America septentrional que estes curiosos restos fosseis teem sido até hoje observados. Appresentam-se nestas partes aos milhares amontoados na mesma camada. Sua descoberta nas rochas do hemispherio austral teria evidentemente um grande interesse. Uma tal investigação merece toda a attenção dos Snrs. naturalistas da expedição; e se forem felizes na descoberta terão enriquecido a sciencia com um importantissimo facto.,,

# Poesia

**JOAM PIRES**

[ por cognome ]

**DA BANDEIRA**

OU

**O ALFERES D' AFFONSO 5.º**

*Romance historico.*

## **CANTO 1.º**

- „ NEM a espada, nem a lança
- „ Posso nas mãos empunhar,
- „ Ai de mim ! triste lembrança !
- „ Nem bandeira tremolar. !
- „ Nem bordão de peregrino
- „ Pode meu corpo amparar...
- „ Nem meu pranto contino
- „ Minhas mãos podem limpar !
- „ Luiza ! já me esqueceste ?...
- „ Talvez tu óra suspires
- „ Por outro... se tal fizeste...
- „ Coração... ah ! não delires....
- „ Morto já tu me julgaste,
- „ E se agora tu me vires...
- „ Aquelle por quem me deixaste
- „ Vale mais que Joam Pires....
- „ Se algum nobre cavalleiro
- „ Poudes alcançar tua mão...
- „ Luiza.. ! morra eu primeiro,
- „ Não saiba tua traição :
- „ Que eu antes quero da morte.
- „ Ter ferido o coração...
- „ Do que ver o teu transporte,
- „ Saber tua ingratição.



Estas queixas magoadas,  
Em triste voz repetia,  
Cavalleiro, que trazia  
Nobres esporas douradas :  
Gorra negra na cabeça,  
Negra a côr do seu gibão;  
Contrastam co' a barba espessa,  
Cabellos, que louros são.  
Pardos olhos scintillantes  
Trazem sinaes de tristura;  
Louros anneis ondeantes  
Dão ás faces mór alvura :  
Gentil corpo estreita um cinto  
Da mesma côr do vestido.  
= *Alferes d' Affonso quinto*  
Onde vaes ?.. e tão sentido... ?? =  
Porque não montas ginête,  
Só montas em palafrem.. ?  
Onde está o capacête  
Que te ficava tão bem ?  
Onde está a tua espada ?  
Onde está tua armadura ?  
E a bandeira bordada  
Pelas mãos da formozura ?  
Onde estão as Luzas quinas  
Que na lança tremolavas,  
Quando as hostes Affonsinas  
Em torno dellas juntavas... ?  
Onde estão ? que é feito dellas ?  
Estão em poder do inimigo...  
Não podeste defendê-las ?  
Ou temeste a morte ? o p'rito ?..  
Como podes apresentar-te,  
Cavalleiro desgraçado,  
A'quella que soube amar-te  
Em quanto eras esforçado ?!

Ao cavalleiro dictava  
Taes vozes o coração :  
E pensando que apertava  
A já mutilada mão...  
Dores agudas sentia,

Dores porem que elle prezava  
 Pois de sua valentia  
 Sobejas provas lhe dava.

Em vêz do seu escudeiro  
 Traz um pagem só comsigo,  
 Que o seguio no captiveiro,  
 Como parente, e amigo :  
 E foi quem de suas fidas,  
 Nobre sangue lhe estancou ;  
 Suas esperanças perdidas  
 Quem lhe sempre conservou :  
 Era elle quem o vestia,  
 Era elle quem o calçava,  
 Sua cabeça cobria,  
 A montar quem o ajudava.

Pela serra do Mezio  
 Silenciozos caminhavam,  
 Era alli intenso o frio,  
 No rigor do inverno estavam.  
 Densas camadas de gêlo,  
 No caminho se formaram,  
 Atraver-se a commettê-lo,  
 Loucura todos julgaram.  
 Mas quem pode ao terno amante  
 As tenções contrariar,  
 Quando anciozo, e delirante  
 Vae saudades acabar ?  
 Ao fim da serra chegaram :  
 E do castello d'Aguiar,  
 Logo no vale avistaram,  
 Suas torres negrejar.

Um suspiro comprimido  
 No peito do cavalleiro,  
 Ou antes, como um gemido  
 Em o tranze derradeiro,  
 Que sahiu dos seios d'alma,  
 Veio nos labios sumir-se ;  
 Que da morte a fria calma,  
 Fez na morte confundir-se...

Ao vêr o nobre castello ,  
 Onde habita a sua amada ,  
 Onde jurou recebe-lo  
 Após a guerra acabada...  
 O suspiro comprimido  
 Até-li ; e que morrerá  
 Em seu peito ressequido  
 Quando o castello apparecêra...  
 Exhalou tão magoado ,  
 E de magoa tão sentida ,  
 E de prazer misturado ,  
 Que elle sentiu alma partida.  
 A cabeça meneando  
 Como em sinal de tristêza ,  
 Ou talvez como indicando  
 Sua cruel incerteza...  
 O pagem o percebeu  
 No gesto do seu senhor ;  
 Longo silencio rompeu ,  
 Como p'ra dar-lhe valor.

#### PAGEM.

Para que, senhor Alferes ,  
 Tanta dor , tanta tristura ?  
 Tua vida passar queres  
 Só em dôr, em amargura ?  
 Vaes achar na tua amada  
 Puro amor , fiel ternura ,  
 Das saudades descorada  
 Terá maior formozura.  
 Tu verás dom cavalleiro ,  
 Nos seus olhos a candura ;  
 E seu amor verdadeiro ,  
 Do seu gésto na brandura ;  
 Que um amor contrariado  
 Pela ausencia mais se apura ;  
 Quando o amante é desgraçado ,  
 E' conforta-lo doçura :  
 Tu verás como a teus braços  
 Correrá : como procura  
 Em os seus ternos abraços .

Dar-te d'amor sepultura.  
Vão findar os teus pezares ,  
Começar tua ventura ,  
Vaes jurar ante os altares  
Teu amor, tua fé pura.

ALFERES.

Quem sabe ? talvez perjura  
Olvidasse o meu amor.. !!  
Confortar em vão procura ,  
Teu affecto , o meu temor...

Outro suspiro do peito  
Arrancou tão magoado ,  
Qu'impoz ao pagem respeito ,  
E ficou mudo , e callado.

Muito tempo caminharam  
Té que o dia se findou ;  
Do castello ao pé chegaram,  
Que a ponte já levantou.

Tudo parece dormindo  
Do castello em derredôr ,  
E a neve está cahindo.  
Sopra o norte com furôr.

O pagem estava tranzido  
Do frio com o rigor ,  
E com rosto enternido  
Olhou para o seu senhor ;  
la fallar, mas callou-se :  
Pobre donzél tinha frio ;  
Era nobre, envergonhou-se ;  
O queixar-se é não ter brio.

O Alferes conheceu  
Do pagem muda afflicção,  
Para a sinêta correu ,  
Como quem diz=tens razão. =  
Que é uso do peregrino,  
Quando pede gazalhado ,  
Dar sinal naquelle sino

Que alli está um desgarrado;  
 Nem ha nenhum castellão  
 Que ouse negar a pouzada;  
 Quando a pede algum christão  
 Em noute fria, e gelada,  
 A sinêta hospitaleira  
 Nobre Alfêres quer tocar;  
 Inutil sua canceira  
 Suas mãos lhe faz lembrar.

ALFERES.

Fernam Pires ! nem sequer  
 Posso tanger este sino...!  
 Nada já posso fazer...  
 Ai de mim ! triste , mofino !

Tam veloz como a gazéla,  
 Que é pellos caës perseguida,  
 Correu o pagem tangê-la;  
 No castello foi ouvida.  
 D'altas ameias da torre  
 Uma voz bradou = por quem? =  
 Esta voz retumba, e morre  
 Pelas montanhas d'além.

ALFERES.

D'Aguiar pola Senhora,  
 Nobre dona do castélllo.  
 Implorar asilo agora  
 Nos obriga a noute, o gêlo.

Ferreos gonzos, e correntes  
 D'alta ponte se abaixaram,  
 Foram as portas patentes,  
 Dous guerreiros as passaram.

O Alfêres, e seu pagem  
 Com cuidado examinaram,  
 Vinham de paz, e viagem,  
 Nada mais lhes perguntaram.  
 Apenas os caminheiros

Alto fosso transpozeram,  
Logo a ponte alguns bésteiros  
Nas correntes suspenderam.  
Ante Alcaide são levados,  
Para dizerem quem são;  
Para serem perguntados  
Donde vem, para onde vão.

**ALCAIDE.**

Nas esporas que trazeis,  
Vejo que sois cavalleiro;  
Ordenae, senhor; que quereis?  
E vosso nobre escudeiro...

**ALFERES.**

Só vos peço gazalhado.  
Para mim, para meu pagem;  
A'manhã, apôz sol nado,  
Seguirei minha viagem.  
A' dona deste castello  
Tambem quizêra fallar.  
(Seu lindo rosto, tão bello,  
Quero alfim considerar).

O Alcaide não ouviu  
O resto da expressão.  
Dentro d'alma repetiu  
Dezejos, o coração.

**ALCAIDE.**

Eu darei vosso recado  
A' Senhora d'Aguiar,  
E sereis affortunado  
Se ella vos quizer fallar;  
Raras vezes do apozento,  
Ha dous annos, quer sahir,  
E' té-gora o seu tormento.  
Ninguém poudé descobrir:  
Tem vindo, nobres Senhores,

Ricos homens, infâncias,  
 Mas despreza seus Amores,  
 E não quer os seus braços.  
 Até d'ElRey um valido,  
 Cartas suas alcançou;  
 Também não foi attendido,  
 Nem ao menos lhe fallou.  
 Corre por certo que outrora  
 Amou nobre cavalleiro,  
 Cujá morte chora agora,  
 E que julgou prisioneiro.  
 Doce esperança alimentava,  
 Parece agora a perdeu,  
 Sua esperança a confortava,  
 Sua esperança feneceu.  
 A'manhã expira o prazo  
 Do tempo do seu encerro;  
 Traja sempre escuro vazo,  
 Vive aqui como em desterro.  
 Não ousam suas donzellas,  
 Suas mágoas distrahir;  
 Nem grinaldas, nem capellas,  
 Nem galas sohem vestir.  
 Tudo respira tristeza  
 Do castello no interior;  
 Se á dona murcha a belleza,  
 E' de saudade, e amor.  
 Qual seja sua intenção  
 Ninguém o soube ate-qui;  
 Mas forçada vocação  
 Pelo claustro percebi.  
 Pena é que tão formosa,  
 Tão nobre, e rica senhora,  
 Uma paixão desditoza  
 A ser freira a force agora.

Quem podesse ver o rosto  
 Do Alferes, bem veria  
 Transluzir prazer, e gosto,  
 E d'alma toda a alegria:  
 Como quem sabe a ventura  
 Que vae alfim possuir,

Desterra d'alma a tristura,  
 E sem querer, parece rir;  
 Que as mágoas de sua amada  
 Foi elle só quem lhas caixon,  
 E se foi tão desgraçada,  
 Foi so por elle que penou.

Nobre apozento lhe deram,  
 Boa cea, e gazalhado,  
 Grande fogo lhe acenderam,  
 Nobremente foi tratado.

Fernam Pires conheceu  
 Do seu parente a ventura;  
 De prazer emmudeceu,  
 Olha para elle com ternura;  
 E depois de algum momento  
 O ter mudo contemplado,  
 Disse assim — O teu tormento  
 Não dás por bem empregado? —

#### ALFERES.

Sou tão feliz que, receio.  
 Isto não seja illusão,  
 E não sei dentro do seio  
 Que me agoura o coração.

Uma nuvem de tristeza  
 Veio encobrir-lhe a alegria,  
 Entre a esperança, e a incerteza  
 Seu coração combatia.

Pouco a pouco a voraz chama  
 Secos lenhos consumiu,  
 Deitou-se o pagem na cama:  
 Alferes não se despiu.

Como longas lhe parecem  
 Da noute as horas compridas!  
 Passadas penas lhe esquecem,  
 Elle as dá por bem soffridas.  
 Mas seus membros fatigados  
 Não poderam resistir



Ao somno , que seus cuidados  
Vem nos sonhos repetir.

## CANTO 2.

Em teu camarim forrado  
De ricas tapessarias ,  
Em teu leito de brocado ,  
Luiza ! tu não dormias...  
Nem sequer pequeno instante  
Doce repouso gozava :  
Pensava no seu amante ,  
Que morto já reputava.  
Negros olhos tão formozos  
Como as estrellas des céos ,  
Volvia ao céu , lacrimozos ,  
Por entre suspiros seus.  
Negras tranças desatadas ,  
Em negros annéis cahindo  
Pelas faces descóradas ,  
E pelo collo tão lindo...  
Alvas mãos ao seio aperta ,  
Ao seio que é d'assucenas.  
No que faz já não acerta ,  
Tantas são as suas penas...  
Chega ao pé d'alta janella ,  
Que é de goda architectura ,  
Encostada aos frizos della ,  
Parece linda esculptura.

Estava a noute de luar  
Tão clara como de dia ,  
Deixou norte de soprar ,  
A neve já não cahia.  
Tristes olhos dilatando  
Pelas campinas geladas ,  
Como quem está recordando  
As venturas já passadas :  
Como quem da vida o gosto  
Pela morte quer trocar ,  
E que á força do desgosto  
Nem pode ao menos chorar...

Como quem remota esperança  
 Para sempre viu perdida,  
 Que quando vem á lembrança  
 Faz a magoa mais sentida:  
 Como quem vae despedir-se  
 Da derradeira illusão,  
 Em que poudes ahió nutrir-se  
 Dentro do seu coração...  
 Como o cisne, que nas agoas,  
 Em seu dia derradeiro,  
 Em doce voz suas magoas,  
 Ao morrer, canta primeiro...  
 Seu alaúde afinando,  
 O alaúde presado,  
 Que por quem está suspirando,  
 Em presente lhe foi dado;  
 Alaúde em que sohia  
 Ternas canções modular,  
 Quando amor nelle exprimia,  
 Ultima vez quer tocar:  
 Que vae hoje n'um convento  
 Tomar o véo de professa;  
 Este foi seu juramento,  
 Este dia hoje começa:  
 Os dous annos se passaram  
 Sem voltar o seu amante,  
 Noticias não lhe chegaram...  
 Ou morreu... ou inconstante  
 Outra dama preferiu...  
 Outra dama? ... não devia...  
 Quando p'ra Tóro partiu,  
 Eterno amor promettia...  
 E desta arte as suas queixas,  
 Em triste voz decantava  
 Nas magoadas endeixas  
 Qu'alaúde acompanhava.

## Canção.

- „ Já dous annos são passados,
  - „ Nobre Alferes não voltou...
  - „ Nem ao menos meus cuidados
  - „ Leve esperança alimentou...
- „ Foi na batalha de Tóro
  - „ Que a liberdade perdeu ,
  - „ Sua morte ha muito choro
  - „ Prisioneiro pereceu...
- „ Suas armas penduradas
  - „ De Segovia na matriz ,
  - „ De mil golpes traspassadas
  - „ Attestam morte infeliz...
- „ As manóplas não guardaram
  - „ As mãos fieis , tão valentes...
  - „ Cortadas dentro ficaram...
  - „ No altar estão pendentes.
- „ Hástea de lança quebrada
  - „ Hástea que foi da bandeira ,
  - „ Uma das mãos tem cerrada...
  - „ Seu elmo não tem viseira...
- „ Espada já partida...
  - „ Seu broquel todo quebrado...
  - „ Saia de malha rompida...
  - „ Seu arnez todo crivado...
- „ Tudo prova , e com certeza
  - „ Que elle não pode já viver...
  - „ Mal haja minha fraqueza
  - „ Que o não poudo soccorrer...
- „ Se ao pé delle eu estivesse...
  - „ Fora igual a minha sorte...
  - „ E se ao pé delle eu morresse
  - „ Bemdisséra a minha morte...

- „ Que eu lhe tinha consagrado  
 „ Um culto... como divino...  
 „ Era um *idolo* sagrado  
 „ Que me roubou o destino...
- „ Era um *idolo* querido  
 „ Feito de barro... quebrou-se...  
 „ Por mão potente ferido...  
 „ O seu altar, derribou-se...
- „ Seu altar era meu peito,  
 „ Sacerdote o coração...  
 „ O seu culto o meu affecto...  
 „ Que a morte lançou no chão.
- „ Fria lousa d'um convento  
 „ Será minha sepultura,  
 „ Encerrará meu tormento...  
 „ A minha alma assim o jura.
- „ Meus amargurados dias  
 „ Vou consagrar ao Senhor,  
 „ Que de minhas agonias  
 „ Tem visto todo o rigor...
- „ Elle será compadecido,  
 „ Breve a morte me dará,  
 „ Que tanto tenho soffrido...  
 „ Pouco posso viver já...
- „ Adeus serra do Mezio!  
 „ Adeus valle de Villa-Pouca!  
 „ Adeus castello sombrio!  
 „ Minha voz ouvi já rouca...
- „ Ultima vez meus lamentos  
 „ Teus echos retumbarão...  
 „ Que em um claustro meus tormentos  
 „ Breve os céos acabarão.,,

Nisto seus olhos formozos  
 Brotaram fios de pranto.

E seus dedos tão mimozos  
 Pararam, como d'encanto.  
 A manhã alvorecia  
 Já nas serras d'Alfarella,  
 E Luiza surprehendia  
 Inda encostada á janella:  
 Suas aias a encontraram,  
 Ao alaúde abraçada,  
 Que seus olhos se faxaram,  
 Talvez de chorar cançada.

Nos lavrados alizares  
 Quantas lagrimas chorou,  
 Em aljofres singulares  
 Frio gêlo transformou;  
 Lagrimas da formozura  
 Geradas no coração,  
 Do amante á sepultura  
 São d'amor terna oblação.  
 Este holocausto d'amor  
 Frio inverno fez gelar...  
 Assim do rei... do pastor...  
 Sohe a existencia acabar...  
 Que o gêlo da fria morte...  
 Respeitos não sabe ter,  
 A todos seu duro corte  
 Faz em gêlos converter:  
 So do *trovador* a chama.  
 Ella não pode apagar,  
 Nem seu amor, quando elle ama,  
 Pode em gêlos transformár...  
 Pode seu corpo gelado  
 Ter ignota sepultura,  
 Mas em canto sublimado  
 E' eterno... eterno dura...  
 O amor, que á sua lyra  
 Ternos versos inspirou,  
 Aquella, por quem suspira,  
 Da lei da morte isentou...  
 E se acazo amou *Elmira*,  
*Elmira* eterna ficou;  
 Té nem contra ella conspira,  
 Sempre a morte a respeitou.

Ao som da campa tangida (\*).  
 A nobre dama acordou,  
 D'um sonho a illusão perdida  
 Doce prazer lhe roubou.

„ Triste acordar é por certo  
 „ Ao rouco som destes sinos...  
 „ Fatal momento está perto  
 „ Vou decidir meus destinos „

Este foi seu pensamento:  
 Seus labios não o disseram,  
 Mas no rosto seu tormento  
 Suas aias conheceram....

Já os sinos da capella  
 Deram sinaes dos finados ,  
 Negro todo o ornato della,  
 De negro altares ornados

Uma eça levantada  
 Está no meio do cruzeiro,  
 E' no cimo rematada  
 Por armas d'um cavalleiro  
 Renques de palidos cirios  
 Ao longo estão do ataúde,  
 Em que pintou uns martirios  
 Linda mão d'artista rude...

Uma cifra entrelaçada  
 Tem um **J.** um **P.** um **L.**,  
 E' de ciprestes orlada  
 Sobre partido broqué.

Estão dous guantes do outro lado  
 Pegando n'uma bandeira,  
 Um Alferes mutilado  
 Jaz, sem arnez, sem vizeira.

Este emblema cercam lourba  
 Com este mote ao redor ,  
 „ Os presentes, os vindouros  
 „ Imitem o seu valor „  
 Agro prazer de tristeza

(\*) *Campa tangida é o dobrar de finados.* Vide o Elucidario de Fr. Joaquim de S. Roza.

Taes emblemas inventou,  
E foi a mão da belleza  
Que taes cifras debuxou.  
Esse pezo que no peito  
Sentimos como esmagar-nos,  
Quando das leis o respeito  
Nos ordena de calar-nos...  
Essa dôr reconcentrada  
Sem caber no coração,  
Essa mágoa suffocada  
Que nos augmenta a afflicção;  
Quando um ai pode exprimi-la,  
Quando podemos dize-la...  
E' quasi prazer senti-la...  
E' gloria quasi o soffre-la...  
Que é prazer essa amargura,  
Esse contino penar;  
Esse chorar tem doçura,  
Faz-nos bem o suspirar.

Quer antes d'ir encerrar-se  
Para sempre n'um mosteiro,  
E do mundo separar-se,  
Fazer-lhe as preces primeiro;  
Sanctos officios divinos,  
Por alma do seu amante,  
Annunciam roucos sinos  
Em triste voz dissonante:  
Ao depois delles rezados,  
Seu castello vae deixar,  
Seus bens em pios legados,  
Por sua alma quer legar:  
Aos na guerra prisioneiros  
Manda pagar o resgate,  
Institue seus herdeiros  
Aos que morrem no combate.  
Que é doce consolação  
Fazer feliz o que chora:  
Esta a crença do christão  
Que suas mágoas minora.  
E no seu tranze de morte  
Tem na céu esperanza ainda;

Terá no céu melhor sorte,  
Seu penar na campa finda.

Do castello os moradores  
A' capella concorreram,  
De Luiza os dissabores  
Em breve todos souberam;  
Todos lamentam seu fado,  
Todos receiam perdê-la,  
E pranto desentoado  
Ressôa pela capella;  
Nobre dama caridoza  
Seus vassallos vae deixar.  
E' uma mãe carinhoza  
Seus filhos estão a chorar:  
Choram a sua orfandade,  
Lamentam o seu destino;  
Choram d'amor, de saudade,  
O velho, o moço, o menino.  
Um pagem entrou correndo  
A bradar = *Elle não morreu.* =  
Luiza estava fazendo  
De ser freira o voto ao céu.  
Estes brados retumbaram  
Dentro d'alma de Luiza,  
Os seus olhos se fexaram,  
Cahe no chão, o rosto piza...  
Sem sentidos, quasi morta  
Vae o pagem soccorre-la;  
Quando o Alferes entra a porta,  
Nos seus braços vae sustê-la.

#### ALFERES

Luiza! eu não morri...  
E vivo só para ti...  
Entre penas eu vivi,  
Mas a todas resisti,  
Todas com gosto soffri,  
Por que algum teus olhos vi  
Que choravam só por mi.



## LUIZA

Vive , nobre cavalleiro  
 Vive tu , que eu já vivi,  
 E sê tu fiel herdeiro  
 Deste amor , por que eu morri...  
 De ser freira n' um mosteiro  
 Juramento proferi...  
 Adeus, nobre cavalleiro...  
 Vive tu , que eu já morri...

## ALFERES

Naõ queira o céo usurpar-me  
 Os direitos que adquiri,  
 No momento d'auzentar-me  
 A tua fé recebi ;  
 Nem elle pode disputar-me  
 Amor que tenho por ti;  
 Se elle quiz vida guardar me,  
 E trazer-me agora aqui,  
 Foi para recompensar-me  
 Das penas que já soffri.

Terno olhar quem descrevêra?  
 Do rosto a meiga expressão  
 Facilmente convencêra  
 Qu' Alferes tinha razão.

Em vez dos sinos de morte ,  
 Em vez de luctos, e prantos ,  
 E' d'alegria o transporte  
 Ferem o ar doces cantos.  
 Tudo respira prazer  
 No castello d' Aguiar,  
 Tanta dôr, tanto soffrer:  
 Vaõ amantes olvidar ,  
 Doce premio receber ,  
 Doce ventura gozar ,  
 Eterno laço tecer,  
 Que só Deus pode quebrar.

*J. P. de M. S.*

---

## CHRONICA HISTORICO-POLITICA

(Em 18 de Novembro.)

---

*Peninsula Hispano-lusa.* PORTUGAL — Desde 17 d' Outubro tudo se acha aparentemente no mesmo *Statu-quo* : dizemos no mesmo *Statu-quo* , quanto a segurança publica , e mais condições essenciaes d'ordem ; e de prosperidade ; e empregamos o adverbio *apparentemente* , porque essa mesma *quietação* em que o paiz parece estar é em nosso entender *symptoma* indicador d'*invisiveis projectos*. E na verdade ; como pode concordar semelhante *quietação* com o melancolico estado do paiz ? Qual é a classe satisfeita ? a dos funcionarios publicos , ainda que vá de quando em quando recebendo um mesquinho mez de pagamento ? a que chega essa expremida amostra para 7 , e mais mezes de divida , sem fallar nos *mezes* chamados *intercalares* ? Reduzidos a viver no meio de penuria , privações e vexames , ou a abusar do licito exercicio de suas funcções , *quando estas lho podem permittir* , está em todo o cazo em alternativa bem violenta , e tanto mais quanto nem queixar-se livremente pode , porque adiante dos olhos tem sempre o tremendo *hei por bem exonerar a F* ... ! e o mais é que mesmo fazendo bom serviço ! Não vimos nós ainda ha bem pouco exonerado um funcionario publico ( o digno chefe que ultimamente o fôra do corpo dos guardas barreiras do Porto ) havendo servido a aprazimento do Governo ! ... E se continuarmos a discorrer por as demais classes , não acharemos uma só , nem a dos agiotas , que se digam contentes com o actual estado politico , e que não digam uniuformemente , que a situação é ameaçadora , que a tranquillidade publica é *apparente* , e que mais

ou menos remotos resultados hão-de apparecer dos trabalhos assíduos dos agentes do *poder invisivel* que sopêa a nação ! Muitos apontam já a epocha da próxima reunião das camaras legislativas ; — conta-se com o não comparecimento de senadores em numero sufficiente para se constituir o Senado , — anteveem uma conversão em *convenção nacional* ; — ou a dissolução das Cortes ! ... são na verdade diversos os juisos sobre o futuro proximo a ser presente ; e não será isto a mais terminante prova da razão com que empregamos o termo *apparentemente* ? Apenas annunciamos a diversidade de pensamentos que correm no tracto social ; e sobre elles quando for tempo voltaremos mais de espaço ; e assim prevenimos nossos leitores de que qualquer *evento* , variavel é verdade segundo a phaze que nossa vizinha Hespanha for apresentando, *não nos colheu de subito* , nem foi para nós imprevisto : isto quanto ao estado do interior. — Quanto ao exterior alguma couza tem occorrido , que comtudo não fez ainda mudar nada a situação do governo para com outras potencias. O objecto da escravatura tem-se tornado cada vez mais serio ; a mediação da França , que se diz fôra muito sollicitada pelo nosso governo , parece que com mui plausiveis razões não fôra acceita pela Inglaterra ; e assim o esperavamos nós , tambem fundados em boas razões. A exigencia do pagamento das despezas feitas com a Divisão Ingleza auxiliar em 1827 e 1828 , tem cauzado attendiveis embarços ; e não menos o pagamento dos dividendos da divida estrangeira sobre a qual se mallogrou a *encetada , concertada e ultimada* transacção financeira , que pelo governo fôra *proposta* em uma conferencia , que elle tivera com certo numero de deputados. Sem entrarmos no merecimento da transacção , que a ser como vem expendida no *Evening mail* de 21 a 23 d' Outubro , não pode ter a nossa approvação , o que parece não padecer duvida alguma é , que o agente que de Londres veio encarregado desta missão , voltara com a formal segurança de que se iam expedir os competentes diplomas no sentido que na conferencia fôra vencido , mas no entanto uma consideravel reunião de deputados do la-

do esquerdo decidio ser necessario impedir a conclusão daquella accordada transacção, e parece que intimara o governo para desistir daquella expedição de diplomas, e para abandonar a operação ... Fora bem melhor tel-a *considerado* maduramente antes de a apresentar; fora melhor *reconsideral-a* depois de a apresentar, mas antes de comprometer-se, *segunda consta*, á ajustada decisão, porque difficilmente ficará incolume o credito do mesmo governo. Nós com effeito por mais que nos tenhamos esforçado, não vemos vantagem alguma na operação, a não ser para os credores, porque não *diminuindo nada* o encargo annual, pode-se affoutamente dizer que augmentando este, posto que apparentemente diminua o capital, o Thesouro ia collocar-se em successivos embaraços; isto dizemos na supposição, repetimos, de que a operação é tal qual a vemos expendida no referido periodico inglez. A redução de dívida, e a conversão do juro foi calculada para o termo de comparação 100, ou par real; e como a maxima parte dos titulos não foi emittida por este preço, mas sim por muito e muito inferior, em razão das circumstancias em que muitos dos empréstimos foram contrahidos, é claro que seus possuidores podiam sem inconveniente algum fazer grandes reduções no capital, e muito mais quando se lhes elevava o juro annual! Não insistiremos sobre o assumpto, que encaramos pelo lado que se nos apresenta, dispostos a mudar de conceito, se com effeito as couzas se não passaram pelo modo referido. —

Parêce tambem que os negocios com a Corte de Roma se acham agora mais bem figurados, circumstancia que muito estimamos e que entendemos ser devida mais á fysionomia politica da Hespanha, que a outras razões. Mui de propósito não analysaremos aqui as doutrinas da Pastoral do Bispo de Angra, com a qual nos não conformamos, achando contudo que o venerando Prelado é mui digno de louvor pela deliberação que tomou de prestar obediencia ao governo da rainha.

HESPANHA — A confraternisação do dia 7 de Outubro foi um acto puramente dramatico. Tambem nas cortes de Madrid se quiz *maraquear* uma scena da Assembleia

Legislativa na sessão de 7 de junho de 1792; o deputado Lamourette, Bispo de Leão, conseguiu por effeito d' um discurso vehemente e pathetico, produzir naquella assemblêa um momento d'enthusiasmo, e nelle o novo juramento de fidelidade ao rei, e poucos dias depois a assemblêa esqueceu-se completamente do prestado juramento: este illustre deputado foi depois victima do *furor revolucionario*, morrendo heroica e religiosamente na guilhotina no dia 11 de janeiro de 1794. — A scena pois que no congresso de Madrid se passou, foi exactamente uma farça, e suas consequencias foram identicas ás da assemblêa legislativa, porque no dia 18 as hostilidades da parte do partido exaltado romperam com mais vehemencia e animosidade, e em tal excesso na discussão da resposta ao discurso do throno pelo deputado Alonzo, que os ministros do reino e marinha pediram e obtiveram a sua demissão, ficando interinamente na primeira repartição o ministro de graça e justiça, e na segunda o da guerra: antes d'esta revolução havia sido em conselho de ministros proposta a dissolução das côrtes, votando *contra ella somente* o ministro da guerra Alaix, cuja opinião prevaleceu; as sessões do congresso foram continuando pelo mesmo theor, e *progressivamente* crescendo a animosidade d'alguns deputados, sem excepção de proprio Olózaga, que havia provocado o *abraço fraternal* do dia 7. Era impossivel continuarem os negocios neste estado; o conflicto devia cedo acabar por interesse da patria; a rainha entendeu que devia começar por demittir o ministro da guerra D. Isidro Alaix e substitui-lo interinamente pelo General D. Francisco Narvaes. Os decretos da demissão d'um, e da nomeação do outro são da data de 30. As sessões do dia 29 e 30 foram escandalosamente tormentosas: debalde no dia 29 os deputados Muñoz, Maldonado e Alvaro pretenderam defender o ministerio; seus discursos posto que eloquentes, e recheados d'argumentos fortes, e sem resposta, foram pronunciados entre o bulicio e desinquietação dos deputados exaltados, e o mais reprehensivel sussurro e voserias das galarias, sem que o presidente empregasse, como lhe cumpria, os competentes meios para chamar estas a

stricta expectação que lhes compete, e os deputados á ordem e decencia que lhes cumpre observar. No dia 31 foram lidos os dois decretos. A maioria exaltada, já prevenida por boatos anteriores, preparou-se para procedimento ulterior da parte do governo, e sem perda de tempo por uma estratégia d'opposição, foi apresentada pelos deputados Roda, Caballero, e Feliu a proposta *para o congresso declarar que os Hespanhoes, segundo o artigo 37 da constituição, não estavam obrigados a pagar contribuições e quaesquer impostos que não houvessem sido votados e authorisados pelas côrtes*; a qual proposta passou com a maioria de 91 votos contra 3. Em outras circumstancias esta proposta merecia a honra de moral e honesta, mas nas presentes ella não se apresenta senão como arma de partido, porque a declaração do congresso não tem mais força que a disposição do artigo 37 da Constituição cuja doutrina não ha um só hespanhol que não entenda: e é para notar, que quando em fevereiro deste anno (diz o Ecco del Commercio) se suspenderam as cortes anteriores, os periodicos da opposição todos bradaram que se infringia a constituição, por não estarem ainda então votadas as contribuições, intentando-se cobra-las sem aquella essencial condição, ao que responderam aquelles mesmos que hoje tão zelosos se mostram da guarda da constituição, não só repellindo os convites que tinham por fim assignar uma declaração, em que fosse consignada a opinião dos deputados sobre aquelle ponto, mas os promotores desta declaração foram denunciados quasi como conspiradores, e ridicularisados pelos órgãos da opinião progressista! Como os partidos são incoherentes e variaveis em seus proprios actos! hoje defendem com afínco o que hontem condemnaram com furor!! Na mesma sessão de 31, e pouco depois da leitura daquelles decretos, o general Narvaez appareceu, e depois de haver declarado que havia accedido a honrosa nomeação da rainha na firme resolução de observar intacta a Constituição vigente, leu o decreto daquelle mesmo dia em que a rainha mandava suspender as sessões das cortes até o dia 20 de novembro. —

...E' uma natural, que reconstruido o ministerio, e competentemente preparado, a rainha dissolva as presentes cortes, mandando, como a constituição decreta, proceder logo a nova eleição. Esperamos que o resultado desta, seja mais em interesse nacional, e que sejam eleitos homens *liberaes e constitucionaes* munda deslumbrados e fascinados pelo espirito do partido: é certo que a lei eleitoral feita logo depois d'uma revolução, e por aquelles mesmos que a provocaram e dezejam protrahir, está construida de modo que offerece milhares de recursos *ao abuso, á fraude, á violencia* e a quantos meios foram empregados na preterita eleição; circumstancia esta que *é sempre identica em todos os paizes, aonde a lei eleitoral foi elaborada sob os mesmos auspicios*; mas se o ministerio tiver a força competente, assim como hoje tem a opinião, pode reprimir os excessos, e manter em toda a sua plenitude a liberdade da urna. de modo que a todos os partidos ella se ache *franca, desassombrada, e incolume*, e pode-se com o mais seguro fundamento acreditar *que as eleições serão a livre expressão da vontade nacional*, e não a expressão dos partidos, ou antes da violencia e da fraude. E esta a condição vital do systema constitucional; sem ella este será sempre uma para decepção, e o paiz não terá de constitucional mais que o nome, porque *uma formal absolutismo; uma decidida tyrania* sera o seu governo em realidade; eis-aqui a fatal origem do *não merecido descrédito d'um systema*, cuja exacta observancia é a fonte inexhausta da prosperidade dos povos!! —

No ministerio, continuavam a ser recebidas felicitações pelo convenio de Vergara. — A Pacificação — é hoje a voz nacional; ella é a condição essencial da prosperidade peninsular: é mister que os partidos se curvem diante desta *sublime necessidade*.

O projecto sobre concessão dos fóros, passou no Sénado, e depois da sanção real, appareceu como lei no dia 25 d'outubro.

Espartero com a força do seu exercito aproximava-se de Morella e de Cantavieja que no Alto Arago são as duas formidaveis guaridas de Cabrera.

*Questão do oriente* — Nada tem progredido a questão do oriente. As diversas Potencias que tomaram a seu cargo a mediação nesta importante questão, tem cada uma por sua parte interesses peculiares. A Russia, como já notamos, não desiste da idéa dominante de ainda um dia mudar para Constantinopla a séde do seu imperio, mas não haverá potencia alguma europeia que deixe de cooperar para que nunca venha a realizar-se este pensamento, dado que a hora da dissolução do imperio ottomano esteja proxima a bater. Uma circumstancia attendivel, e que é bem meditada por todas aquellas potencias, é que a população da Valachia, Moldavia, Servia, Bulgaria, e Besserabia, que ascende a 12 milhões d'habitantes, aspira a constituir-se em nação independente: as potencias europeas não deixarão de auxiliar esta pretensão, pois que conhecida como é sua indisposição, e antipathia para com a Russia, seria esta nova nação o competente intermedio entre a Russia e Constantinopla; este acontecimento porém está ainda um tanto distante. Também ninguém ignora que Inglaterra emprega todos os esforços para abrir um caminho permanente para a India pelo Egypto, e é neste espirito que foi concebido o tratado celebrado em 18 d'abril deo 1838 entre esta potencia e a Sublime Porta, contra Mehemet Ali que tem recusado á Inglaterra a abertura de caminhos de ferro desde Alexandria ou Cairo até Suez; e é ainda debaixo deste principio que Inglaterra tomou a praça d'Adem na entrada do estreito de Babel-Mandel, e a vae fortificando por tal modo que virá a ser o Gibraltar do Oriente; alem do interesse immediato que daqui lhe provem para as promptas communicações com as colonias do Levante, ella prevê a realisação do pensamento fixo da Russia, e com tempo se prepara, tomando no Indostão a posição propria para contrastar as ultteriores tentativas da Russia, uma vez estabelecida a sede do imperio em Constantinopla, apossando-se do Egypto e a França em presença destes dois colossos por mais reclamações que fizesse, teria em resposta — que se contente com a posse d'Argel, e do territorio Africano que lhe pertence. É evidente que em tal caso a Austria e a Fran-



ça se achariam ligadas por seus communs interesses. No estado pois em que a questão se acha, a França com muita razão pugna pela manutenção do *Statu-quo*, que é o que mais lhe convem, procurando ligar-se com a Austria, e com a Prussia; e neste sentido é que, com a maior probabilidade, foram dictadas as instrucções que levou seu plenipotenciario M.<sup>r</sup> Pontois, cuja capacidade diplomatica é geralmente respeitada. — A França pois apoiada por aquellas duas potencias será a medianeira entre o Bachá do Egypto e a Porta, de cuja mediação virá a resultar a investidura hereditaria do Egypto, e da Syria em Mehemet Ali, que em tal cazo terá de restituir a Esquadra Turca que se lhe foi entregar a Alexandria. E' por esta maneira que pode explicar-se a separação que nesta questão faz a França da Inglaterra, bem como a união desta com a Russia, que é todavia sua mais temivel rival no imperio dos mares. —

No entanto um periodico inglez indica como noticia positiva a reconciliação entre o Sultão e Mehemet-Ali, com o sacrificio do Grão Visir Khosrew Bachá, o que parecia tomar consistencia com a influencia e progressivo augmento de Reschid Bachá.

FRANÇA — Occupa-se agora a imprensa periodica em discutir a grande questão, que cedo terá o seu debate nas camaras legislativas: *esta questão é a eleitoral*. O lado esquerdo da camara dos deputados quer dar extensão á capacidade eleitoral. Odillon Barrot que é principal campeão desta pertença, offerece-lhe comtudo limites rasoaveis; mas a extrema esquerda, representada nesta questão, por Laffite, Dupont (de l' Eure) Arago, e Martin (de Strasbourg) não se contenta com os limites propostos por Barrot, e tendo em vista o suffragio universal, e a santificação do numero, propõe — que a habilitação precisa para pertencer á guarda nacional, seja a sufficiente para ser eleitor, e que todo o eleitor seja elegivel! mas que garantia de corpo eleitoral pode este projecto dar á sociedade, se na impossibilidade de bem se entender e concertar em razão de seu excessivo numero, elle não pode deixar de ser movido pelo influxo de suas paixões! Na sessão de 1831 dizia com muita razão Montalivet = que

a capacidade eleitoral deve pedir-se a tudo que constitue a vida, e a força da sociedade; os mananciaes desta vida e desta força são — *o trabalho, a industria agricola, a propriedade, e a intelligencia*. E com effeito a propriedade, e a intelligencia são as capacidades que devem reconhecer-se; é evidente que naquella comprehendemos a industria assim fabril, como agricola, e commercial; e combinando esta capacidade com a *quota contribuinte* para o thesouro publico,ahi acharemos os elementos para dirigir a applicação da theoria. O principio da propriedade é o feixo da abobeda do edificio social na ordem eleitoral, e logo depois o da capacidade intellectual vem como subsidiario; as pretensões do numero não podem nunca ter as honras de principio, mas sim d'*antipodas d'um principio*.

E' sobre modo interessante a discussão do assumpto entre os representantes das diversas cores politicas sendo bem digno de notar-se que em *França* se acham nesta questão fazendo cauza commum os *legitimistas* com os *ultra-progressistas*; combinados marcham em força ao seu fim, para separar-se cada um a certa distancia; aquelles porque acham assim mais seguro o caminho de restabelecer o absolutismo, e estes o de ressuscitar a democracia pura: nova prova de que os extremos se tocam! o que se passa em *França* tem imitação em Portugal. ! —

Conformamos-nos com a opinião emittida pelo redactor d'um dos mais acreditados e respeitaveis periodicos europeos, —no qual lemos o seguinte: “ O projecto de *Laffite* reduz-se a que todos os que não sabem ler nem escrever são chamados ao governo do paiz; todos os que não possuem couza alguma governarão os interesses daquelles que alguma cousa possuem. —

E' o proprio Odillon Barrot que diz — que o suffragio universal, tal como o querem os *legitimistas e radicaes* terá por consequencia necessaria a *subversão completa* do edificio constitucional.

Uma boa lei eleitoral coordenada, dizemos nós, sobre as duas grandes bases — *propriedade, e intelligencia*, é pois a unica salvaguarda do regime constitucional, mais conforme ao maior interesse do maior numero.

Os periodicos legitimistas e progressistas censuravam o governo por negar a D. Carlos os passaportes por elle solicitados para sair de França; o governo tendo attenção ao dever que lhe incumbe pela execução do tratado de quadrupla alliança, havia procedido com toda a circumspecção; mas havendo-lhe o governo de Madrid enviado uma ordem do dia do conde da Hespanha na qual este chefe inseriu uma carta que D. Carlos teve a imprudencia d'escrever-lhe e a Cabrera, excitando-os á continuação da guerra, parece que o governo francez sustentará a recusa dos passaportes.

A França vae encetar nova campanha em Africa com o Dey de Tunes.

O Duque d'Orleães acha-se actualmte em Africa para tomar parte neste novo empenho militar. —

INGLATERRA — Parece que o casamento da rainha Victoria com seu primo o principe Alberto Coburgo sera officialmente annuciado na proxima sessão do parlamento.

Os Ingleses acabam de victoriosamente concluir a guerra no Affghauiston, restituindo o legitimo soberano Shah Shooja ao throno de Cabul, e expellindo o usurpador Dost Mahomed. A tomada do Ghuznee, que passa por ser a praça mais forte de Affrica, em duas horas de assalto pelas forças britannicas decidiu a sorte da campanha, devida ao acerto das operações do General Sir John Keau.

As pendencias com a China apresentavam aspecto grave. A politica Chinezesa determinada a acabar com o trafico commercial do opio, posto que seu uzo seja hoje uma das primeiras necessidades dos habitantes da China, circumstancia que tornará summamente difficil aquella empreza, havia feito apprehensão em Cantão d'uma avultada quantidade de caixas d'opio, valendo alguns milhoes de libras esterlinas, as quaes foram ultimamente destruidas pelos Chins. Os commerciantes Ingleses haviam todos sahido para Macao, ficando aquelle porto bloqueado para os navios destas nação. O governo Chinez havia decretado a prohibição do trafico dos navios do paiz com os estrangeiros em generos de qualquer especie, bem como de todo o

commercio estrangeiro, menos com os Portuguezes de Macão. A interrupção do commercio do chá com os Ingleses, será, para estes objecto de grande consequencia, no commercio com o

Suissa — A Republica Helvetica está muito ameaçada de dissolução, em razão de desintelligencia dos seus 22 Cantões: cinco cantões, Berne, Lucerna, S. Gall, Argovia, Basilea, Cidade não reconhecem o governo filho da ultima revolução.

Quatro, Appenzel, Schaffouse, Grisons, e Thurgovia, esperam instruções para se decidirem; mas parece que não reconhecerão o novo directorio.

Sete, Uri, Schwitz, Friburgo, Zug, Bâle, Vaud, e Genebra, reconhecem.

Tres, Basilea campo, Neuchâtel, e Tessino, são contra o directorio, mas reconhecem o presidente, por ser o que era antes da revolução.

Dois, Glaris, e Vallas, não estavam representados em Zurich.

HOLLANDA: — Dá muito cuidado aos capitalistas da Europa a crise financeira da Hollanda; o Rei parece que se propunha contrahir um emprestimo de 56 milhões de florins.

ESTADOS UNIDOS — A situação commercial de este paiz, e a proxima eleição do Presidente occupava a attenção publica.

São candidatos para a eleição o actual Presidente Mr. Van-Buren, e o senador Mr. Clay, natural do Kentucky, reputado como o homem mais eminente da opposição, por seu saber, eloquencia, e virtudes. Em 1812 já elle havia sido Presidente da camara dos Representantes.



R. S. Os Redactores da *Revista Litteraria*, em additamento ao que escreveram no preambulo do artigo *Chronica Historico-politica*, que daqui em diante continuarão a offerecer a seus leitores em quanto este periodico se publicar, tem a dizer — que *lhes é licito* ter, como a qualquer outro cidadão portuguez, uma opinião politica, conscienciosa e livre: — que não cedem a alguem em amor da patria, em desejos pela digni-

dade, e prosperidade de seu paiz, que desejáram ver no seu mais elevado ponto: — que pugnam denodamente pela manutenção do systema, e regime constitucional: — que suas opiniões acertadas ou erradas são *puramente suas, alheas absolutamente a inspiração estranhas*, e filhas *unicamente* de suas convicções: — que firmes nestes principios combaterão as opiniões com que se não conformarem, ainda que venham de amigos, e correligionarios politicos, com a mesma imparcialidade, independencia, e decoro com que hão-de combater as que em taes circumstancias vierem d'inimigos, ou de sectarios de principios differentes: — porque *suas opiniões sendo convicções proprias nada tem com individuos ou pessoas*: — que em consequencia, não sendo órgão de partido algum, não representando a politica de ninguem, ou de secção alguma, as proposições, theses, critica, ou conclusões que se publicarem no artigo *chronica* dos Redactores da Revista Litteraria representam *unicamente* suas convicções; sendo por tanto *temerarias, e inopportunas* as allusões que de taes opiniões se fizerem a designadas pessoas; — que sendo, nesta publicação litteraria, muito secundario o artigo *chronica*, e tanto como nos periodicos politicos é secundario qualquer artigo de litteratura, os mesmos Redactores se absterão de toda a polemica, sejam quaes forem as increpações, censuras ou provocações, que lhes forem feitas por estes periodicos; e que desta maneira lhes respondem d'uma vez por todas, tendo direito a esperar da boa fê, e lealdade dos redactores destes periodicos que no exame e censura que entenderem dever fazer á Revista, não *invertam, pervertam, alterem, mutilem*, ou *transformem* o que nella se achar escripto; por que os redactores declarantes tambem *lealmente* promettem reformar suas opiniões (\*) quando pelos argumentos com que forem

---

(\*) Se as reiteradas e acintosas exigencias do governo Ingles para com o de Portugal são na verdade indecorosos documentos d'uma orgulhosa prepotencia; se a arbitraria, e sem duvida temeraria repartição de fundos que lhe não pertenciam, e de que era mero depositario, que mandou fazer a individuos cujas reclamações ainda não haviam sido legalmente julgadas pelas autoridades portuguezas, unicas legitimas por todos os direitos, para delles cobrarem, é procedimento insolito, inesperado, e por ventura indigno d'um governo civilisado; não decisaivamente nos declaramos contra o indecente uso que elle faz da situação em que se acha collocado; se a força é o direito em

combatidos, reconhecerem por menos acertadas aquellas suas opiniões: —por ultimo concluem que sendo em um dos mais conspicuos jornaes da capital severamente *censurados* por haverem emittido doutrinas perigosas; todavia por esta gratuita asserção, destituida de provas, e que por izto não pode ter outra honra que a d'uma invectiva, não se retratam do que escreveram em relação á questão de escravatura; por que não sentindo seus adversarios mais que elles o desabrimento por certo *absolutamente* não merecido com que o governo e parlamento britannico acabam de tratar Portugal, nem por isso a situação deste paiz, de que muito se honram em ser cidadãos, situação que mais que muito deploram, é tal que possa pedir áquella uma razão, como já em tempos não mui remotos, teve occasião de pedir-lhe por outros motivos. „ A decisão do parlamento britannico, foi escripto no numero antecedente, se por um lado humilha a dignidade portugueza, não é menos attentatoria dos direitos e decoro das outras nações. Desejamos muito que Portugal se saia decorosamente desta desavença, e é bem possivel ainda este resultado se proceder com prudencia, com tino, e delicadeza, e não com provocações; e com *bravatas*. „

Esta é pois a sua primeira resposta, e é tambem a ultima a qualquer desafio polemico a que forem chamados, e a que não foram indifferentes se o espirito de sua publicação litteraria o permittira. —

## Os RR. —

---

que se funda, este jamais poderá justificar a inaudita injustiça com que procede: tudo isto é verdade, e como Portuguezes, que presamos o decoro nacional, não poderemos deixar de stigmatizar tal acinte, e tal orgulho; se porem se houvesse empregado mais alguma delicadeza, e talvez circumspecção e *tactica* circumstancia que nunca deve esquecer quando desgraçadamente na posição em que nos achamos, se não pode empregar outro meio, e de que habilmente em diferentes oportunidades se tem servido nações ainda mais fracas do que parece actualmente Portugal, entendemos que a tal ponto não teriam chegado as cousas, e que se podera ter evitado o prepotente desabrimento com que somos tratados.—Tal é o sentido em que escrevemos.

# Bellas Artes.

## DAGUERROTYPEIA :

ou

## Processo Photographico

de *M. Daguerre.*

---

**H**averá dous séculos que um physico napolitano, João Baptista Porta, observou que fazendo um pequeno buraco no postigo da janella d'um quarto bem fechado, ou melhor ainda em uma chapa metallica delgada applicada ao dito postigo, todos os objectos exteriores, cujos raios podem chegar ao buraco, vão pintar-se na parede do quarto que fica fronteira, com dimensões maiores ou menores segundo as distancias forem menores ou maiores; com as formas e situações relativas exactas, ao menos em grande extensão do quadro; e com as cores naturaes. Pouco tempo depois descobrio o mesmo physico que não é necessario que o buraco seja pequeno, e que pode ter qualquer largura, uma vez que se tape com um destes vidros polidos, que em virtude de sua forma tem o nome de lentes.

As imagens produzidas por intermedio do simples buraco são pouco intensas. As outras brilham com um esplendor proporcional á extensão superficial da lente que as gera. As primeiras sempre são mais ou menos confusas: pelo contrario as das lentes, quando são recebidas exactamente no foco, apresentam seus

contornos mui distinctos; e muito mais depois da descoberta das lentes achromaticas, — depois que ás lentes simples compostas d'uma só especie de vidros, e que por isso tinham tantos focos distinctos quantas as cores differentes na luz branca, se substituíram as lentes achromaticas, que reúnem todos os raios possiveis em um só fóco: e depois tambem que se descobrio a forma periscopica.

Porta mandou construir camaras obscuras portateis. Em todas havia um tubo mais ou menos comprido, e munido d'uma lente. O papel ou papelão branco sobre o qual se iam pintar as imagens, estava no foco da lente. O physico napolitano destinava os seus pequenosapparelhos para as pessoas que não sabem desenhar. Segundo elle, não era preciso mais que seguir com a ponta d'um lapis os contornos da imagem no foco para obter vistas exactissimas dos mais complicados objectos.

Não se realisou porem completamente o que Porta tinha previsto. Os pintores e desenhistas, particularmente aquelles que fazem os vastos paineis dos panoramas e dioramas, tem algumas vezes de recorrer á camara obscura, mas é so para traçar em globo os contornos dos objectos, para os collocar nas verdadeiras proporções de grandeza e posição, e para satisfazer a todas as exigencias da perspectiva linear. Pelo que toca aos effeitos dependentes da imperfeita diaphaneidade da nossa atmosphéra, e que se tem caracterisado pelo termo um tanto improprio de *perspectiva aerea*, os mesmos pintores mais experientes não esperavam que para os reproduzir com exactidão, lhes podesse servir d'algum auxilio a camara obscura. E por isso ninguem ha que depois de ter admirado a clareza dos contornos, a verdade de formas e de cor, a degradação exacta de cores que offerecem as imagens produzidas por este instrumento, não mostrasse grande magoa d'ellas se não conservarem *por si mesmas*, e não fizesse votos pela descoberta d'algum meio de as fixar sobre o papelão do foco. Taes desejos eram geralmente reputados chimeras, e com tudo nós os vemos hoje realisados.

Em outros tempos conseguiram os alchymistas



combinar a prata com o acido hydrochlorico. O producto desta combinação era um sal branco a que chamaram *lua* ou *prata cornea*. Este sal goza da singular propriedade de se fazer negro á luz, ennegrecendo tanto mais depressa quanto mais vivos são os raios luminosos que o tocam. Cubra-se uma folha de papel com uma camada de prata cornea, ou, como hoje se diz, chlorureto de prata: forme-se sobre esta camada por meio d'uma lente a imagem d'um objecto: as partes obscuras da imagem, ou aquellas em que não cabe a luz, conservam-se brancas, as partes muito illuminadas fazem-se completamente pretas: e as meias tintas serão representadas por cores pardas ou cinzentas mais ou menos carregadas.

Se sobre uma folha de papel coberto de chlorureto de prata collocarmos uma gravura, e expusermos isto assim á luz do sol, os traços da gravura cheios de tinta impedirão a passagem dos raios luminosos, e em virtude disto as partes correspondentes da capa de chlorureto de prata que cobre o papel, as partes tocadas por esses traços cheios de tinta conservarão sua primitiva alvura. Pelo contrario nos lugares onde não chegou a agua forte, ou que o buril não escavou, ou por outra, onde o papel não tomou tinta e conservou a sua semi transparencia, ali passará a luz solar, e irá fazer negra a camada salina; o resultado necessario da operação virá por tanto a ser uma imagem semelhante na forma á gravura, mas inversa no que diz respeito ás cores; o branco da gravura é aqui preto, e vice-versa.

Estas applicações da propriedade tão curiosa do chlorureto de prata descoberta pelos alchimistas, parece que deviam ter sido tomadas em consideração desde muito tempo; não procede porem assim o espirito humano. Só nos primeiros annos do seculo 19 é que se encontrão os primeiros vestigios da arte photographica.

Ja dissemos ( a ) que foram Wedgwood e o celebre H. Davy que primeiro se lembraram de copiar desenhos a camara obscura aproveitando a acção da luz sobre

---

( a ) Veja-se o numero 15 da Revista Litteraria de Março de 1839.

o nitrato de prata ou o chlorureto : mas ao mesmo tempo notamos que estes desenhos so se podiam ver ás furtadellas , porque em poucos momentos desappareciam se eram examinados á luz do dia.

Depois dos dous mencionados observadores seguem-se immediatamente Niepce e Daguerre.

Niepce era um proprietario que habitava junto de Chalons-sur-Saône ; e que consagrava todos os instantes d'ocio a observações scientificas ; e as que são relativas á photographia datam de 1814. As de M. Daguerre começam em 1826 : e foi no principio deste mesmo anno que os dous observadores se começaram a comunicar entre si , porque um fabricante d'instrumentos d'optica teve a indiscrição desculpavel de dizer a Niepce que M. Daguerre trabalhava por fixar as imagens representadas na camara obscura.

Em 1827 fez Niepce uma viagem a Inglaterra ; e em dezembro desse mesmo anno apresentou á sociedade real de Londres uma memoria sobre seus trabalhos photographicos. A memoria ia acompanhada de muitas amostras em metal , todas ellas resultantes dos differentes methodos por elle descobertos. Já a esse tempo Niepce tinha conseguido fazer corresponder exactamente as cores da copia ás do original , claros a claros , sombras a sombras &c. bem como tinha tornado insensiveis suas copias á acção *nigrista* dos raios solares.

O contracto de sociedade de Niepce e Daguerre para o trabalho em commum sobre os methodos photographicos tem a data de 14 de dezembro de 1829. Os contractos posteriores feitos entre Niepce filho , como herdeiro do pae , e Daguerre , fazem menção primeiramente d'aperfeiçoamentos feitos pelo pintor de Paris aos methodos do physico de Chalons ; em segundo lugar de processos inteiramente novos descobertos por Daguerre , e que offerecem a grande vantagem de reproduzir as imagens 60 ou 80 vezes mais depressa do que os processos antigos.

E na verdade Niepce depois de muitos ensaios infructuosos desanimou , porque nunca chegou a fazer uma preparação que promptamente se fizesse negra com o contacto da luz , a ponto de lhe serem pe-

cessarias 12 horas e mais para obter um desenho photographico, o qual necessariamente havia de ser imperfecto, porque não era possível que em tão grande espaço de tempo não mudassem de posição, e até ás vezes de forma, as sombras e os claros da imagem na camara obscura. Além disso era quasi impossível que em tão grande espaço de tempo não occorressem muitas causas imperceptíveis ou imprevisitas que deviam transtornar o trabalho chimico da fixação da imagem. E ultimamente a camada photographica de Niepce depois de receber a imagem, posto que não se fizesse negra com a acção dos raios solares, com tudo fendia-se e gretava.

Todos estes inconvenientes, e todas as imperfeições que temos notado, foram pouco e pouco corrigidas por M. Daguerre á custa de trabalhosos e dispendiosos ensaios.

Raios luminosos extremamente tenues e enfraquecidos modificam assim mesmo a substancia do Daguerreótypo, e com tanta promptidão que as sombras do sol não tem tempo de fazer sensível mudança de posição. Os resultados são sempre certos uma vez que haja conformidade com as regras simplicissimas d'arte. E finalmente as imagens ainda que estejam por espaço d'annos expostas ao sol, não se alteram nem na pureza, nem na nitidez, nem na harmonia.

As laminas ou chapas em que a luz pinta os admiraveis desenhos de M. Daguerre são folhas de casquinha — isto é, de cobre cobertas d'uma mui delgada capa de prata. Para commodidade dos viajantes, e por maior economia seria muito melhor usar do papel: e na verdade foi d'elle que primeiramente fez uso M. Daguerre; porem a falta de sensibilidade, a confusão das imagens, a pouca certeza dos resultados, e outros inconvenientes foram bastantes para elle trabalhar na descoberta d'outras chapas para receber os desenhos. As laminas metallicas de M. Daguerre custam 500 a 600 reis: mas podem receber successivamente cada uma cem differentes desenhos.

A incalculavel vantagem do methodo actual de M. Daguerre é em parte devido á tenuidade extrema da camada photogenica, de forma que se pode dizer

que elle opera sobre uma verdadeira pellicula. Por mais caros que sejam os ingredientes que elle emprega, a sua quantidade minima faz com que nem se possa determinar o preço.

As pessoas que tem visto operar o artista, e que tem trabalhado conforme as instrucções deste, affirmam que não se requer manipulação alguma que todo o mundo não possa fazer: que não é preciso saber desenho, nem ter habilidade e expedição manual, de modo que qualquer manaja o Daguerreótypo com tanta perfeição como o proprio inventor.

A promptidão do methodo é que tem feito maior admiração. Déz minutos a doze são sempre de mais para tirar a vista d'uma paisagem, mesmo nos dias ennevoados do inverno. No verão com bom sol gasta-se ametade do tempo; e menos se gastará no nosso Portugal, e nas regiões meridionaes. Advirta-se porém que este tempo é so o que a luz gasta a fazer a sua operação na chapa; não se contando o tempo que se emprega em preparar e collocar a camara obscura, a apparelhar a chapa, e a fazer a preparação posterior que torna essa chapa insensivel á acção da luz depois de feito o desenho.

A preparação sobre que opera M. Daguerre é um reagente muito mais sensivel á acção da luz do que qualquer dos que ate esse tempo se tinham descoberto. A luz da lua produz effeito appreciavel no Daguerreótypo. Esta propriedade provavelmente será origem de descobertas importantes para o progresso das sciencias que mais honram o espirito humano.

# INDEX

## do N.º XX.

---

I. SCIENCIAS — Economia politica — Comercio.....	105
II. MEDECINA — <i>Do Organicismo</i> .....	152
III. PHILOSOPHIA — Memoria sobre o ensino da Philosophia Racional,.....	126
IV. NAVEGAÇÃO DO RIO TEJO .....	136
V. VIAGENS SCIENTIFICAS.....	160
VI. POESIA — João Pires, ou o Alferes d'Affonso V. <i>Romance-historico</i> .....	169
VII. CHRONICA HISTORICO-POLITICA.....	187
VIII. BELLAS-ARTES — Daguerreotypia.....	200

---

( N.º XXI. )

REVISTA

# LITTERARIA

---

Jurisprudencia.

---

O SENHOR SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA  
E O SEU PROJECTO DE CODIGO POLITICO  
PARA A NAÇÃO PORTUGUEZA.

---

**E**ste projecto foi annuciado no *Nacional* numero 1264 em 14 de março de 1839; e no mez de maio do mesmo anno em diversos numeros daquelle jornal appareceu a conta circumstanciada que transcrevemos aqui por amor de sciencia, por interesse e gloria da patria, e por consideração devida ao autor de uma obra tão transcendente.

Aquelle projecto foi impresso em 1 vol. de 8.º na typographia de Casimir em Paris rue de la Vielle

Monnaie n.º 12 anno de 1838. Acha-se, em Pariz em casa de Rey e Gravier *quai des Augustins* n.º 55, e de J. P. Aillaud *quai Voltaire* n.º 11; e em Lisboa em casa de Rolland rua nova dos Martyres n.º 10.

---

O plano de organização que o nosso compatriota offerece á sua patria é não só radical, e logicamente coherente com os principios invariaveis do governo representativo considerado na abstracção theorica, mas apresenta ao mesmo tempo uma série de disposições facilmente exequiveis para quem o examinar com a precisa attenção, e o julgar com a devida imparcialidade.

Não dissimularemos todavia que um dos maiores merecimentos desta obra é tambem um grande obstaculo á sua prompta acceitação. E' assaz *systematica*, e ligada na relação que tem as suas disposições entre si, e com o principio fundamental do plano, e por isso demanda uma contenção de espirito de que nem todos os leitores são capazes. E' assaz vasta para comprehender todos os ramos da publica administração, e todas as necessidades sociaes, e por isso o seu estudo exige uma applicação tão aturada, e uma attenção tão seguida, que difficilmente será sustentada por pessoas a quem não sejam familiares estudos desta natureza.

Assim, um Projecto que ha-de representar algum dia um bem importante papel na historia da sciencia de governo, e dos esforços do mais nobre e desinteressado patriotismo, acha-se por óra collocado entre a ignorancia inerte, que por fastio e desleixo não ousa examinal-o, e a preocupação interessada em estorvar a propagação da luz, talvez porque pressente e receia ver destruidos, ou pelo menos abalados, os interesses, e a influencia de que gosa.

Nós deixaremos de parte os paralogismos, e pretenções de interesse particular, ou de partido para serem combatidos pela maioria da nação quando ella estiver assaz esclarecida, e por conseguinte assaz forte, para julgar, e vencer éssa opposição, por que *saber é poder*, dizia Lord Bacon.

E' pois á massa dos cidadãos ignorantes destas materias, mas sensatos, honrados, e despidos de philautia, de fatuidade, ou espirito de partido que nós nos dirigimos; e começaremos por mostrar-lhes qual é o conceito que os sabios estrangeiros fazem da pessoa, e das obras do nosso compatriota, autor do projecto, porque n'isso vae o interesse, e a gloria nacional, e o amor proprio de cada portuguez.

Procuraremos depois fazer uma exposição desta obra tão resumidamente quanto nos fôr possível, a fim de provocar o appetite, ou diminuir o fastio dos leitores menos acostumados ao estudo destas materias.

Todos os jornaes politicos ou literarios em Pariz annunciáram com grandes elogios o *curso de direito publico* do senhor Silvestre Pinheiro Ferreira; e as suas obras *moraes e politicas*, em geral, tem sido acolhidas com distincção, e lhe valêram a honra de ser recebido como correspondente do Instituto de França n'aquella classe.

Em um dos jornaes mais acreditados da Suissa o redactor depois de enumerar com distincta menção as disposições do *Projecto de codigo*, diz o seguinte;

“ Nesta obra do Senhor Pinheiro Ferreira numerosas garantias são accumuladas para assegurar a marcha constitucional; e os governos representativos ali poderão beber os principios de muitas reformas uteis, e melhoramentos necessarios para assegurar o desenvolvimento gradual, e pacifico de suas instituições ”

“ Na época de transição em que nos achamos lo regimen das monarchias absolutas para as constitucionas, semelhantes trabalhos são dignos de todo o favor publico, pois é só pelo estudo sério destas questões que se chegará á sua solução, e a fazer andar os povos com firmeza e rapidez no caminho da reforma. Alem disso é sublimar a politica ractal-a com o tom socegado e digno da sciencia, e ôr o raciocinio no lugar desse cêgo espirito de partido, que anima a polémica dos jornaes, e substituir a investigação da verdade ( unico fim de todo o trabalho verdadeiramente scientifico ) a essas vistas de interesse, ou ambição pessoal que cada dia produzem ovos sophismas ”



“ As obras do Senhor Pinheiro Ferreira são de grande proveito para a educação constitucional do seu paiz ; ellas farão comprehender á mocidade, quanto é grave, e hoje tão commum, o erro de imaginar que qualquer homem versado em manejar a penna, ainda mesmo sem nenhum estudo prévio, é apto para traçar projectos de lei, ou julgar aquelles que outros tem elaborado ; e quanto é insensata a opinião daquelles que fazem da quota das imposições um signal certo para designar os legisladores de um paiz. Os moços estudiosos aprenderão enfim a t er uma saudavel desconfiança de certas phrases pomposas, ou emphaticas, que á força de serem repetidas passam hoje por verdadeiros axiomas aos olhos da multidão, e todavia não exprimem senão generalidades vagas, algumas vezes falsas, e sempre inapplicaveis ”

“ Ainda que o Senhor Silvestre Pinheiro Ferreira não tivesse obtido outro resultado, esse já é assaz consideravel, pois os trocadilhos, como a *legitimidade do direito divino* ; — a *soberania do povo* ; — um *tr no cercado de instituições republicanas* : o *rei reina e governa, ou reina, e não governa* & & não tem servido ate agora senão para enganar os espiritos, e irritar as paixões. Já era tempo de trazer o debate ao seu verdadeiro terr no, isto é, o *saber*, e a *experiencia* ”

Nos Jornaes da Alemanha Mr. de Mittermayer, um dos mais distinctos professores, e jurisconsultos da escola e dos tribunaes de Heidelberg, referindo-se á publicação do 3.º volume do *curso de direito publico* do nosso autor, diz o seguinte : “ O Senhor Pinheiro Ferreira, já mui vantajosamente conhecido por suas obras moraes e politicas, havendo promettido fazer applicações praticas, acaba de publicar o seu *projecto de codigo*, e outras obras em que desempenha a sua promessa não só com honra, mas até com generosidade ”

“ Depois de haver analysado as Cartas ou constituições politicas de Portugal, Brazil, França, Belgica, e alguns estados constitucionaes d’Alemanha, publicou o seu *Projecto de Codigo* precedido de outros projectos, e dos *elementos de direito constitucional* ”

“ O Senhor Pinheiro Ferreira nos seus projectos e mais obras de applicação , sem se contradizer com os principios estabelecidos no seu *curso de direito publico* , e *Manual do cidadão* seguiu com tudo a lei do progresso , ja considerando as questões de direito constitucional debaixo dos mais interessantes pontos de vista , ja completando o systema de organização social , ja finalmente passando da Jurisprudencia para a Legislação , e apresentando a mais feliz applicação dos principios abstractos da sciencia do publicista á execução e ao projecto do legislador , ou reformador de um estado.”

“ Com effeito o autor do *Ensaio sobre a Psychologia* depois de haver feito applicação da sua luminosa *theoria da definição* á sciencia do direito publico , e pelo mesmo methodo applicando os principios do governo representativo a uma monarchia , fez um relevante serviço não só á humanidade e sciencia em geral , mas á liberdade , e ao systema constitucional em particular.”

“ Applicando a sua logica natural e conscienciosa ás questões de organização de um governo representativo , resolve ao mesmo tempo , e por um modo tão simples como victorioso , duas grandes difficuldades , a saber , deu á philosophia do publicista o desenvolvimento e evidencia que lhe faltavam , e á prudencia do legislador essa possibilidade de execução que espiritos , alias perspicazes , não poderiam ahi descobrir.”

“ As obras do Sr. Pinheiro Ferreira demonstram que não ha grande distancia da theoria á pratica ; que uma theoria póde ser boa , ou má ; porem a medida que for conforme aos verdadeiros principios , nem pode ser qualificada de impraticavel , nem encontrar inconvenientes na execução ” ( a )

“ O projecto do Senhor Pinheiro Ferreira pela sua vastidão , e pela força de raciocinio em que assenta , fará justiça a essas vulgares e cansadas distincções de theoria e de pratica , e a essa miseravel con-

---

(a) Quam diferente é o modo de pensar do sábio publicista , e jurisconsulto alemão do parecer que ácerca dos projectos de reforma do publicista portuguez emitiram os Senhores Deputados Garret , e Barão da Ribeira de Sabrosa , em uma Sessão do Congresso Constituinte em 1838 !

traposição entre as ideas communs, e as nobres concepções, embora apodadas de *utopias*, ou por que se elevam acima das *noções vulgares*, ou porque combatem os abusos. Veja-se Bentham no seu *Tractado da codificação* pag. 393 e 409.

“ Pelo systema Senhor Pinheiro Ferreira, formulado naquelle seu *Projecto deCodigo*, as pretenções do privilegio serão atacadas nos seus ultimos entrincheiramentos; — os monopólios, e as veleidades do podêr debaixo do protexto de segurança, e de utilidade publica, hão-de acabar; — os abusos do poder, ou serão raros e difficeis, — ou ao menos a impunidade se tornará impossivel, por quanto descobriu-se o meio de fazer em toda a parte effectiva a responsabilidade dos funcionarios publicos, e a fiscalisação, e syndicancia da nação.

“ Segundo os principios invocados pelo Senhor Pinheiro Ferreira, e as medidas legislativas por elle indicadas, ja não haverá na linguagem do systema constitucional, ficções, metaphoras, e phrases vazias de sentido; — não haverá evasiva para a ignorancia, e para a preguiça, — não haverá chicana, ou ardil de má fé, quer seja do interesse particular, quer da parte do podêr arbitrario; — e não faltarão garantias verdadeiras, nem aos direitos naturaes do cidadão, nem á manutenção da ordem social.”

“ Qual será pois esse meio tão efficaz, e tão prodigioso? O Senhor Pinheiro Ferreira o descobriu na sincera applicação do principio do mandato, e delegação nacional ao exercicio do podêr, e ao comportamento de todos os seus agentes.”

Todo o systema de organização social segundo o Senhor Pinheiro Ferreira é por elle mesmo comprehendido na formula seguinte, a saber:

*Independencia, e eleição nacional para todos os poderes.* =

*Responsabilidade, e publicidade para todos os actos.*

Taes são segundo o autor do *projecto de codigo politico* as condições essenciaes do governo representativo ou constitucional.

Considerando o nosso publicista que a lei do pro-

gresso impõe aos reformadores, bem como aos viajantes, o dever, e a necessidade de evitarem os erros, e os escôlhos marcados pela razão, e pela experiencia, começa por conceber ao mesmo tempo um sistema de leis constitutivas e organicas, pois estava bem demonstrado, assim entre nós, como em França e outros paizes, que por falta de leis organicas haviam caído, ou se achavam abaladas tantas constituições, alias defendidas pelos homens mais esclarecidos do nosso seculo.

Para evitar pois um erro tão grave e tão geral o autor ligou aquellas duas idéas, e dividiu o seu *Projecto de Codigo politico* em *leis fundamentaes*, e *leis organicas*, entendendo aqui por lei fundamental o complexo das disposições, que devem servir de base tanto ás leis organicas como ao codigo civil, que com ellas completam todo o corpo da legislação nacional, como declara o autor na introdução ao seu projecto (a).

A lei fundamental divide-se em duas partes. A 1.<sup>a</sup> debaixo da rubrica *da divisão do territorio e dos direitos civis dos moradores* comprehende = *as garantias individuaes* = *o estado da familia* = *o estado conjugal* = *os filhos familias* = *os orphaões e os adoptivos* = *a maioridade e emancipação*, e *os gremios das profissões e dos empregos*.

A 2.<sup>a</sup> parte da lei fundamental debaixo da rubrica = *dos direitos e poderes politicos do estado* = comprehende os cinco podêres distribuidos em outros tantos titulos, a saber: 1.<sup>o</sup> *o poder eleitoral* com o capitulo *das eleições*, e *nomeações*, e o *das promoções*, e *recompensas*; 2.<sup>o</sup> *o poder conservador* com os capitulos, a saber: *das pessoas revestidas deste poder*, e *suas attribuições*; e *do modo de tornar effectiva a responsabilidade*, e *censura constitucional*:— 3.<sup>o</sup> *o poder legislativo* com os quatro capitulos, a saber a compo-

---

(a) Por direito constitucional o *Codigo civil* deve limitar-se ás materias que dependem da Jurisprudencia dos contractos. Todo o resto da legislação deve comprehender-se na lei *fundamental*, ou nas *leis organicas*. As leis organicas subdividem-se em *constitutivas*, ou *transitorias*. As *constitutivas* são as que fazem parte do *Codigo politico*. As *transitorias* devem ser obra das seguintes legislaturas como dependentes que são por sua natureza da variedade dos tempos. *Nota do autor do Projecto*.

sição do congresso nacional, e assembléas provinciaes; os debates e as votações; a promulgação, e sanção das leis; — 4.º o poder judicial com os respectivos capitulos, e secções, a saber; da organização e competência dos tribunaes de justiça; da ordem do processo; da citação das partes e nomeação dos juizes; dos debates e alegações; da conclusão, e da sentença; dos recursos; da qualificação das infrações, e da applicação das penas; e da prescripção: — 5.º o poder executivo com os respectivos capitulos e secções, a saber 1.º do governo soberano do estado, que comprehende a composição e attribuições do governo supremo; a organização do ministerio; a secretaria d'estado, as estações diplomaticas e consulares, a criação das direcções administrativas, e do conselho d'estado; 2.º dos governos territoriaes; 3.º da jurisdição administrativa; 4.º da composição e attribuições das direcções administrativas, a saber: secção 1.ª disposições gerais; — 2.ª direcção dos negocios da justiça; — 3.ª dita dos negocios do exercito, e segurança publica; — 4.ª dita dos de marinha; — 5.ª dita de agricultura, artes e officios; — 6.ª dita dos de commercio; — 7.ª dita dos de fazenda; — 8.ª dita da administração das obras publicas; — 9.ª dita dos negocios da ordem nacional do merito; — 10.ª dita dos de saude; — 11.ª dita dos de educação e instrucção publica; — 12.ª dita dos d'estadistica.

A lei fundamental, ou constitutiva começa pois pela divisão do territorio e sua comprehensão em these geral, reservando para as leis organicas o que diz respeito á actualidade.

E' mister prevenir aqui o leitor que por descuido da typographia se omittiram sete importantes artigos, que deviam seguir-se logo depois dos onze do titulo primeiro, e vão no indice alfabético debaixo da palavra *territorio*. A disposição constante dos mencionados sete artigos, é destinada a regular o processo das resiliações do pacto social, no caso em que um povo quer separar-se de outros com quem vive formando uma só nação, para que se não renovem as scenas deploraveis de que tem sido acompanhadas taes separações por falta de uma conveniente legislação.

A importancia , e novidade da materia , e a sagacidade com que o autor a tracta , faz com que não possamos deixar de transcrever aqui as suas proprias palavras. “ Todas as nações , diz elle , se consideram divididas em duas classes , a saber: uma composta de homens livres , e outra de escravos , servos , ou vassallos. As primeiras é visto viverem debaixo de governos *representativos*. As outras debaixo de governos mais ou menos *absolutos*. Naquellas a todo o cidadão é licito retirar-se da sociedade quando lhe aprouver , com tanto que indemnize os prejuizos provenientes desta resilição do contracto social ,,. Este direito de cada individuo a respeito da familia , da sociedade industrial , ou do povo de que faz parte , verifica-se com mais forte razão a respeito da grande associação proveniente de um pacto igualmente livre. As nações passariam á condição de povos coactos senão fosse livre a cada povo , como a cada individuo , resiliir do contracto , salvo sempre o direito de indemnização ás partes interessadas. Em todas as nações em diferentes épocas os povos tem feito uso deste direito ; mas faltava uma providencia legislativa , capaz de prevenir os inconvenientes , que a experiencia tem mostrado.

O capitulo 1.º do titulo 2.º da lei fundamental é por assim dizer , um resumo do nosso pacto social em quanto regula e garante a todos , e a cada um dos cidadãos portuguezes , os direitos naturaes de *segurança*, *liberdade*, e *propriedade*, podendo cada um usar d'aquelles direitos individual , ou collectivamente , com tanto que no caso de abuso incorra na responsabilidade moral , politica , ou judicial , pelos modos determinados na lei.

Não bastava porem estabelecer garantias contra o abuso da liberdade da parte de cidadão , sem ao mesmo tempo assegurar as liberdades publicas contra os abusos do poder. Assim , o capitulo das *garantias individuais* acaba com a seguinte disposição. „ Toda a autoridade legislativa , judicial , ou administrativa , que por omissão , excesso , ou abuso do poder , estorvar o exercicio dos direitos individuais dos cidadãos , deve incorrer na responsabilidade politica , e judicial ,

No capitulo seguinte determina-se o modo *de adquirir a qualidade de cidadão* parecendo ao autor menos acertada a pratica de fazer entrar este assumpto no codigo civil ,, pois, diz elle , antes de se constituir o estado , é mister que esteja determinado quem sejam os seus membros , e quaes são habéis para exercer os podêres creados pela constituição. ,, Pela mesma razão , diz o autor , se segue logo depois, tudo o que respeita á *familia e ao estado civil* do morador , porque tudo isto precede a constituição do estado ,,

O capitulo 3.º tracta da criação dos *grêmios industriaes* ou *de profissão* , isto é , um dos mais valentes recursos que jámais se tem empregado em economia social , como diz o autor , e com muita razão. A instituição dos *grêmios de profissões* n'este systema é destinada a prestar tanto aos respectivos membros , como ao Estado os serviços seguintes : subministrar ao governo as informações de que elle carecer a bem dos diversos ramos de administração publica , e facilitar a derrama dos impostos pelos contribuintes , bem como a cobrança das respectivas quotas ; — e assegurar a cada um de seus membros os socorros de que elle possa precisar pela maneira determinada nas leis organicas.

Depois dos vinculos de familia e de profissão ha uma terceira ordem de relações sociaes, que constitue uma parte integrante do estado civil do morador , e vem a ser : as *jerarchias civil e administrativa*. O autor considera esta concepção como base de reforma , e origem fecunda de resultados uteis. ,, Com effeito é feliz a idéa de classificar , ou antes aperfeiçoar a classificação já existente dos cidadãos segundo seus empregos e profissões , sendo a escala das graduações consagrada na lei fundamental , e organica ; a colocação dos individuos determinada pelo poder eleitoral devidamente organizado ; e correspondendo a cada graduação administrativa ou civil a dotação que for regulada pelo congresso nacional.

Desta sorte virá a cessar a guerra de intriga e de ambição que no estado actual das cousas , se faz sentir em razão dos interesses inherentes aos empregos , e da arbitrariedade com que por ora são conferidos.

Admittida a reforma, e organização proposta pelo autor sobre o modo de prover os empregos, e de conferir as distincções e recompensas nacionaes com justiça, e conhecimento de causa, conseguir-se-hão numerosas vantagens já demonstradas n'este mesmo Projecto. Entre outras nós recommendamos ao leitor a que presta ás familias pondo-as ao abrigo da miseria em que diariamente as vemos precipitadas pelo desordenado comportamento de seus chefes. Veja-se o artigo 560 deste mesmo Projecto.

Para intelligencia da obra, de que damos conta ao publico, é mister que o seu autor seja considerado debaixo de tres pontos de vista, a saber: como philosopho, como publicista, e como legislador, ou reformador.

Como philosopho o nosso autor, bem longe de se conformar com o methodo, antes rotina dos *precedentes*, dos *exemplos*, ou *casos* adoptada pela escola historica ou doutrinaria, elle segue constantemente como base e principio invariavel da sua escola de philosophia, a definição exacta, e a legitima deducção dos principios fundamentaes da sciencia, de que se tracta; a verdade e o sentido natural antes do que as ficções, e as phrases figuradas, ou equivocas.

Como publicista o nosso autor fazendo applicação da sua logica rigorosa e verdadeira, depois de haver enriquecido a sciencia do direito constitucional com definições exactas, e theorias convenientes para fazer cessar toda a controversia, e tornar tão facil como accessivel a doutrina constitucional, o que se mostra pelo seu *Manual do cidadão*, veio por fim a resumir todo o systema constitucional e seus commentarios na seguinte formula, a saber:

*Independencia, e eleição nacional para todos os poderes;*

*Responsabilidade, e publicidade para todos os actos.*

Finalmente como legislador, reformador, ou antes architecto politico, movido pelo mais desinteressado patriotismo, e preparado por longo estudo, meditação, e exame sobre a legislação antiga, e moderna na patria, e fóra della, conciliando a theoria da sciencia com a pratica dos negocios no exercicio dos pri-



meiros cargos do governo, traçou esta planta do edificio social, tendo em visto a necessidade de se reformar um paiz inteiramente desorganizado, e onde as instituições liberaes, que se lhe tem pretendido exxertar, não só não tem podido vingar por mal definidas, e mal organisadas, mas tem por isso mesmo desacreditado o systema constitucional aos olhos da multidão.

Era mister pois que o plano fosse não só radical, coherente com o principio do governo representativo bem entendido e conscienciosamente applicado, mas assaz vasto para comprehender todos os ramos da publica administração, e abranger todas as partes do systema, com a unidade e nexó que faltava em todos os planos conhecidos.

Nós iremos seguindo a ordem das materias adoptadas pelo autor na segunda parte da sua *Lei fundamental*. Começando pois pelo *poder eleitoral*, duas são as reformas que elle propõe para a conveniente organização deste poder. A 1.<sup>a</sup> diz respeito ao principio fundamental da capacidade eleitoral, e candidatura ou elegibilidade. — A 2.<sup>a</sup> versa sobre o processo das eleições.

Pelo systema do autor as eleições devem ser annuaes, isto é, todos os annos devem entrar na urna eleitoral os nomes dos que actualmente occupam os empregos, e dos que são habeis para os exercer, a fim de se saber se os primeiros devem continuar a servir, ou ser substituidos por outros julgados mais dignos no tribunal da opinião publica.

A reforma proposta pelo autor quanto á capacidade eleitoral consiste na adopção do *voto universal*, não no sentido dos pseudo-liberaes, mas segundo os principios do direito constitucional. A *universalidade do voto* no sentido do autor consiste em que todo o cidadão que sobre o objecto das eleições póde emitir voto com conhecimento de causa, não só póde ser admittido, mas deve ser obrigado a votar.

Quanto á *elegibilidade* ou *candidatura* a qualquer emprego: primeiramente o cidadão que actualmente o exerce, e logo depois os que se acham em igual gradação do emprego, ou n'aquella que lhe é immediatamente inferior.

Quanto ao *processo das eleições* pelo systema actual, e geralmente adoptado, prefere o candidato que agrada mais ao maior numero dos eleitores.

Pelo systema do autor que é tambem o de Condorcet e Laplace prefere aquelle que agrada mais a todos os eleitores.

„ A razão desta reforma, diz o autor, é porque o funcionario, por exemplo, o deputado ao congresso, é representante de todos, e não do maior numero; e por isso que n'este projecto cada eleitor é obrigado a dizer a sua opinião sobre cada candidato, ainda que não seja senão para declarar que nada pode votar a seu respeito, ou que o reputa inadmissivel. E' destas quotas de estima, ou desestima que se compõe o conceito de que cada um gosa na opinião publica dos que são competentes para formar uma opinião a seu respeito; e ninguem nos contestará, diz o autor, que deve preferir aquelle que assim se achar que gosa de mais conceito na opinião publica para o emprego que fôr objecto da eleição.”

No processo das eleições proposto pelo autor ha publicidade de votos porque elles devem ser dados por escripto; ha commodidade de votar porque as listas dos candidatos são enviadas aos eleitores, e por estes devolvidas á autoridade marcada na lei.

O grande numero de eleitores que por este systema são chamados a votar, a publicidade da votação, e fazer-se isto por votos curiaes, e não por votos viris, atalha, diz o autor, quanto é possivel entre homens, a influencia do poder, e as manobras da intriga,„

Nós dizemos que as eleições se fazem por votos *curiaes*, porque os votos dos eleitores pertencentes ás diversas graduações se contam separadamente, e o voto da maioria de cada graduação conta-se por um só voto. „ Ora, diz o autor, é evidente que os motivos de sugestão que prevalecerem para com os eleitores de uma graduação raras vezes influirão sobre o espirito dos eleitores pertencentes a outras graduações. Alem disso por este modo desvanece-se a funesta influencia que os eleitores das classes inferiores costumam exercer em razão do maior numero de

votos quando se contam por cabeça. ,, Como porem por mais cautelas que se ponham no modo das eleições é impossivel evitar inteiramente a influencia dos partidos , o que o nosso autor mesmo reconhece, cumpria organizar um systema de fiscalisação capaz de occorrer a tempo aos abusos , e aos excessos de poder em que incorreram os empregados publicos.

Não basta, como se crê vulgarmente, que a constituição incumba em geral a todas as autoridades publicas de exercerem umas sobre outras uma vigilante fiscalisação, mas é preciso regular o modo como esta se deve exercer, e considera-la como um poder politico distincto dos poderes legislativo, judicial, e executivo, pois as suas funcções são absolutamente diversas das que constituem a especialidade de cada um daquelles poderes.

A este quinto poder politico deu o autor o nome de *poder conservador* consagrando á sua organização um titulo especial no Projecto, que estamos examinando.

Por esta ocasião diremos aqui com o autor ,, que o numero dos poderes politicos não é materia de convenção, e portanto o *poder conservador* não é creação do autor. Em toda a sociedade humana elle existe tão necessariamente como os poderes legislativo, e judicial. O que podem fazer o legislador, e o jurisconsulto é collocar á parte as funcções, que por serem d' uma natureza diversa da dos outros poderes, merecem não ser confundidas com elles, e reconhecido isto, designal-as por um nome especial.

Quando Benjamin Constant designou com o nome de *poder moderador* o complexo de attribuições, que não sendo legislativas, nem executivas formavam um grupo distincto, foi por haver observado que estas attribuições tinham por objecto reprimir a tendencia dos agentes do poder legislativo a excederem seus mandatos; mas não foi elle quem creou o objecto, elle não fez mais do que nomeal-o, e designal-o.

Ao mesmo tempo que Benjamin Constant na Europa marcava com aquelle nome as especiaes attribuições concedidas em alguns paizes constitucionaes aos monarchas, o nosso autor residente então no

Brazil escrevia = que em todas as constituições se conferem não só ao monarcha, mas a todas as autoridades superiores, certas attribuições que sendo por sua natureza distinctas das dos respectivos empregos, deviam ser designadas por um differente nome, e como todas ellas tinham por fim' conservar o harmonia e o equilibrio entre os diversos podêres politicos do estado, se lhes devia dar o nome de *podêr conservador*.

Cumpre pois advertir que o quinto podêr politico, de que se tracta, não é uma invenção de Benjamin Constant, nem do publicista portuguez. O que este faz no seu *Projecto deCodigo* é regular o uso deste podêr, e accrescentar ás funcções conservadoras algumas outras, que julgou necessarias para assegurar a efficacia deste mesmo podêr, taes são: o *conselho supremo de inspecção*, e *censura constitucional*; e os *comicios do bem commum*.

„ Ensinados pela experiencia dos seculos, diz o autor, nós reconhecemos que não bastava revestir os agentes dos diversos podêres politicos do direito de se fiscalisarem reciprocamente uns aos outros. Nada mais natural em tal caso do que tornar-se illusoria a responsabilidade de todas pela necessidade que cada um sente de condescender com as faltas dos outros. Era pois necessario crear uma magistratura que collocada no mais alto grao de jerarchia, e não podendo exercer nenhum dos outros podêres ficasse exempta, desta influencia que paraliza a acção das attribuições conservadoras, de que todas as outras autoridades se acham revestidas. Os leitores julgarão se o *conselho de inspecção* pelo modo que se acha organizado, corresponde aos fins da sua instituição „

Os *comicios do bem commum* são destinados a regular o exercicio do *direito de petição*, que em todas as constituições modernas se acha consagrado, mas que em nenhuma dellas se organiza de modo conveniente para ser uma verdadeira garantia das liberdades publicas. „ O resultado desta negligencia dos legisladores, observa o nosso autor, é que na maior parte dos paizes constitucionaes, pelo receio de vêr arriscada a tranquillidade publica apenas se permite aos cidadãos o dirigirem representações individuaes dis-

tituidas da força, que lhes concilia o número dos representantes, e a madureza da deliberação, que teria precedido, se lhes fôsse licito reunirem-se em pacíficas assembleas. Nos dois unicos paizes onde por effeito do antigo habito da liberdade aquellas reuniões se podem fazer sem risco de tumultos, observa-se comtudo que as mais das vezes se vê destruido todo o effeito desta poderosa alavanca do mecanismo constitucional, porque o descompassado numero de assistentes, e a falta de direcção, e de unidade das vistas, impede que se forme um centro commum de força, e de acção.

Depois de haver tractado dos poderes eleitoral, e conservador nos dous primeiros titulos desta segunda parte, o autor consagra o titulo 3.<sup>o</sup> ao *Podér Legislativo*. Tres são as reformas que nesta parte distinguem o Projecto deCodigo de que tractamos, a saber: 1.<sup>a</sup> quanto á composição do congresso, ou assemblea legislativa; 2.<sup>a</sup> sobre o methodo de debater e de votar; 3.<sup>a</sup> sobre o modo de sanção das suas decisões.

Admittindo a divisão d'assemblea legislativa em duas camaras o autor rejeita com tudo o principio em que se funda aquellá divisão, e por consequinte o modo como se confere o mandato aos membros destas duas camaras; o direito do *veto* concedido a cada uma daquellas camaras a respeito da outra; e finalmente em vez de deixar indecisa a natureza de suas attribuições, como infelizmente se pratica em todos os paizes que se dizem constitucionaes, o autor determina precisamente o especial objecto de cada uma das secções em que o bem do serviço publico exige que ellas se subdividam.

Quanto aos methodos actuaes de debates e votação, sendo geralmente reconhecidos perniciosos, o autor adopta uma reforma que é d'urgente necessidade, e funda-se no mesmo principio das estimações já mencionado quando tractámos das eleições.

De todas estas reformas pôde o leitor achar os motivos no *Manual do Cidadão*, 8.<sup>a</sup> conferencia, artigo 26, e seguintes.

Quanto ao terceiro artigo de reforma que diz respeito á sanção das decisões legislativas, o autor

offerece um novo testemunho da sua boa fé, confessando que por muito tempo participára do erro daquelles publicistas que reputavam a prerogativa do veto como inseparavel da perpetuidade da corôa.

„ Consistia o nosso engano, diz o autor, em considerar como um dever do monarcha, abdicar a corôa, se a constituição lhe não permittisse recusar a sua sancção a alguma lei, que elle reputasse contraria aos publicos interesses. Mais tarde reconhecemos que nisto havia equivocação, porque todas as razões que se podem allegar a respeito do monarcha são applicaveis a qualquer outro agente do poder executivo, donde se seguiria que todos elles seriam obrigados a demittir-se de seus cargos, logo que se lhes mandasse cumprir uma lei que lhes parecesse contraria aos publicos interesses; conclusão evidentemente absurda. Logo o que importa á dignidade do monarcha, e o que é licito a cada funcionario, bem como a todo o cidadão, é poder manifestar não ser aquella a sua opinião. Mas assim como a constituição e o bom senso determinam que o parecer da maioria prevaleça sobre o da minoria, do mesmo modo cumpre que a opinião de cada um dos cidadãos sem excepção, nem privilegio, ceda ao que pela maioria do congresso fôr determinado.

Entretanto como uma opinião emittida pelo governo contra a maioria de congresso hade, em regra, ser apoiada pelo assenso da maioria do conselho d'estado cujo voto vae reforçar o da minoria do mesmo congresso, pedia a boa razão que se lhes prestasse uma attenção mui particular, e por isso é que nos artigos 127 a 133 e 705 a 707 se determina que em taes casos se convoquem os substitutos dos membros ordinarios do congresso, a fim de que perante esta assemblea, cujo numero e composição excluem todo o receio de colusão, se instaurem os debates sobre os assumptos controversos.

Passando ao titulo 1.º da segunda parte da lei fundamental em que se tracta do *Poder Judicial*, duas são as principaes reformas que ahi se encontram: A 1.ª consiste na organização do Jury: a 2.ª na simplicidade do Código Penal.

O autor no seu *Manual do Cidadão* = conferência 9.<sup>a</sup>, já tinha demonstrado ser erro tanto dos antigos, como de alguns dos modernos publicistas, darem a qualificação de juizes a um grande numero de funcionarios, que não são mais do que agentes do poder executivo. No verdadeiro systema constitucional não pôde haver outros juizes senão os membros dos Jurys emanados da eleição nacional.

Naquelle mesma obra tinha o autor mostrado quão defeituosos eram os Jurys actualmente existentes nos diversos paizes constitucionaes, e quanto cumpria fazer a esta instituição as reformas ali mesmo apontadas; o que se torna tanto mais urgente quanto se mostram insufficientes as tentativas de reforma judicial que até agora se tem feito. As reformas indicadas pelo autor nas suas obras de jurisprudencia constitucional, se acham consignadas no *projecto de código politico* que vamos examinando.

O que porém é novo, e o autor offerece, como um dos mais notaveis e importantes progressos da sciencia constitucional, é a idea dos diversos predicamentos em que neste *projecto de código politico* se divide a magistratura ligada á condição de deverem os candidatos ser habilitados nas faculdades juridicas creadas nos artigos 1389, e seguintes.

„ Admittida esta organização, diz o autor, cahem por terra todas as objecções que até agora se tem opposto á introdução do Jury em alguns paizes constitucionaes, e que na verdade são irrefragaveis, quando se referem aos Jurys taes como elles se acham organizados mesmo nos Estados Unidos da America Setentrional.

„ A reforma do código penal constante dos artigos 200 e 243 e seguintes, diz o autor, esperamos que seja considerada como um dos maiores beneficios que podiamos fazer á nossa patria privando-a desses deploraveis manuaes de casos que debaixo do titulo de códigos penaes ou criminaes, ha tantos seculos fazem a desgraça da especie humana.,,

As razões em que o autor funda aquella sua esperanza acham-se resumidas na nota 22 do *projecto de código geral*, ou tomo 3.<sup>o</sup> do *Manual do Cida-*

dão a paginas 164, e os pormenores em que o autor entrou no presente projecto, quanto ao modo de julgar as cauzas criminaes, e quanto á applicação das penas. acabam de mostrar a possibilidade da reforma.

O quinto e ultimo titulo da parte segunda da *lei fundamental* é consagrada á organização do *poder executivo*. Nós já apresentámos o index dos capitulos e secções, que se comprehendem debaixo desta rubrica.

A importancia, e algumas vezes a novidade da theoria nos obriga a seguir passo a passo as ideas do autor, e mesmo quasi sempre a transcrever as suas proprias palavras.

“ Todas as constituições modernas, diz elle, copiando-se umas ás outras, dizem que este poder pertence ao monarcha, e que elle o exerce por via dos ministros d'estado, bem como estes o exercem por via de seus subalternos; e assim por diante, até ao ultimo grão de jerarchia administrativa. Esta theoria porem é tomada do absolutismo, onde com effeito os empregados publicos das diferentes ordens nada mais são do que subdelegados do monarcha mais ou menos immediatos segundo a cathegoria dos respectivos empregos.”

“ No sistema constitucional todo o empregado publico, sem excepção alguma, é delegado immediato da nação; posto que a sua nomeação dependa, quer seja do monarcha, quer seja de algum outro chefe de inferior categoria: e a prova é que nem ao monarcha, nem a nenhum dos outros chefes do poder executivo, é licito exercer por si mesmo as funcções dos respectivos subalternos, se assim lhes aprovesse. Ora se não ha direito de exercer as funcções do emprego, ou de as subdelegar, pode haver nomeação, mas não subdelegação.

Por tanto o poder executivo não pertence exclusivamente a ninguem em particular, mas acha-se distribuido por todos os agentes do governo desde o monarcha até ao ultimo dos seus subalternos. Todos elles se acham revestidos d'um poder discretionario para se poderem mover livremente, cada um no recinto das respectivas attribuições, sem esperar nem sollicitar



ordens, ou instrucções superiores, salvo se por si não poder resolver-se sobre a intelligencia das leis, e regulamentos a que tem de couformar-se.

A todos os chefes compete o direito de prevenirem as decisões de seus subalternos, prescrevendo-lhes o que devem fazer, e como se devem haver no exercicio de suas funcções, com tanto que nada ordenem que seja contrario ás leis, ou ás resoluções das autoridades superiores.

Acontecendo que algum superior intime a um seu subalterno, ordens que este entenda serem contrarias ás leis, ou aos legitimos interesses de terceiro, cidadão particular, ou ao estado, no artigo 297 e seguintes deste projecto, se determina como o subdito deve oppôr a essas determinações uma *resistencia legal*. Assumpto este da mais alta importancia, e que em nenhum codigo se acha regulado, resultando desta omissão que nesses paizes a resistencia é punida como rebeldia; dois extremos igualmente viciosos e funestos para as liberdades publicas.

Alem dos poderes individuaes acima indicados como pertencentes a todos os agentes do governo, quer sejam chefes, quer subalternos, no systema do autor pertence-lhes o direito de deliberação collectiva pela maneira seguinte:

O monarcha como presidente, os ministros d'estado, e os chefes, e intendentes das direcções administrativas, como membros do conselho d'estado, constituem o *governo supremo*; deliberam sobre todos os negocios de interesse geral do estado, e decidem sobre tudo o que cumprir a esse fim na conformidade das leis; as suas decisões tem força de obrigar a cada um dos individuos do conselho, e seus respectivos subalternos.

Do mesmo modo os membros de cada direcção deliberam reunidos sobre os negocios da sua competencia, e as suas resoluções tem, nos limites da sua jurisdicção, os mesmos effeitos que as decisões do conselho d'estado.

Outro tanto se entende das estações subalternas de cada uma das direcções administrativas. Em todas ellas o complexo dos respectivos membros delibera com

voto decisivo sobre os negócios da sua competencia; salva a obediencia ás ordens das superiores autoridades. Desta sorte se verifica o poder discricionario que acima dissemos competir a todos, e a cada um dos empregados publicos debaixo da sua individual responsabilidade.

“Tal é o modo, diz o autor, como nos parece que se podia obter o maximo de independencia com o maximo de união, a que se deve aspirar no manejo dos negocios publicos.”

As importantes attribuições que n'este *projecto de codigo* se conferem ao *conselho d'estado*, e o modo como elle é organizado fazem esperar, diz o autor, que se reconheça a sem-razão com que espiritos superficialles tem proclamado como um progresso do systema constitucional a proscripção de todo o conselho d'estado só porque todas as instituições, que conheciam debaixo deste nome, eram viciosas, e elles não sabiam atinar com a reforma.

A direcção administrativa da *justiça* tambem poderá parecer áquelles espiritos levianos, diz o autor, incompativel com a independencia do *poder judicial*. Esta estranheza porem procede de dois graves erros em que caíram os nossos antepassados, e que muito importa emendar. O primeiro consiste na accumulção de attribuições judiciaes, e outras puramente executivas nas pessoas de um mesmo magistrado. O segundo não menos grave, é o de se denominarem juizes magistrados que nada julgam, e cujas funções são puramente administrativas, ou auxiliares, taes como os chamados juizes da devassa &c.

Pelas attribuições que n'este *projecto* se conferem aos membros da direcção da *justiça*, e aos seus substitutos alternos, se vê que longe de usurpar o poder judicial, esta direcção faz o grande serviço de extremar as funções administrativas das judiciaes, e de prestar ao exercicio destas, bem como ás decisões dos juizes, o apoio que todos os poderes devem receber do poder executivo.

A *justiça*, e a *força armada* n'este *projecto* estão debaixo da direcção d'um mesmo ministerio, pela intima connexão que tem entre si a administração da

justiça com a segurança publica , principal objecto da força armada.

Quanto á organização e direcção administrativa d'um *exercito* verdadeiramente nacional, o autor lisongea-se de se haver aproximado á solução deste tão importante como difficil problema , e com effeito parece que pela primeira vez se póde dizer com verdade o que só por ficção se costumava proclamar em certos paizes : *que todo o cidadão é soldado , e todo o soldado é cidadão.*

Por este systema como o exercito denominado de *linha* se refunde na *guarda nacional* , tambem a marinha de guerra se identifica com a mercante ; sendo de esperar que desta sorte a nação portugueza torne a recuperar o posto honroso que com tanta gloria occupou entre as nações maritimas da Europa.

As direcções de *agricultura* , *artes* , *officinas* , e *commercio* , reúnem-se debaixo da direcção de um mesmo ministro pela estricta ligação que entre si tem.

O autor demorou-se talvez mais do que desejava nos pormenores d'estas direcções porque não existindo em paiz algum uma similhante organização , era de recear que a maior parte dos leitores fizesse uma idéa menos exacta do objecto especial destas direcções ; e talvez mesmo que as authoridades incumbidas de fazer os respectivos regulamentos , achem ainda diminuto o desenvolvimento que o autor lhes offerece.

A parte que n'este projecto diz respeito á fazenda , e correspondente ministerio , é sobremaneira recommendavel, não só pela simplicidade de sua organização, facilidade, e economia com que se regula a administração , a contabilidade , e a fiscalisação da fazenda , mas principalmente pela vantagem do systema dos *impostos* , e *meios circulantes* , que o autor propoem , e com que por ventura poderá conseguir-se ficar a nação resgatada , e independente da funesta influencia da agiotagem.

Não sendo obrigatoria a aceitação das cédulas do thesouro , que alias é de suppor virão a ser o unico meio circulante , posto que voluntario , nas transacções internas publicas e privadas , era mister que a moeda metalica fosse regulada por principios fixos e

analogos aos que no capitulo que diz respeito ao commercio se estabelece a respeito de *pezos*, e *medidas*.

Estes dois trabalhos, ainda mesmo abstrahindo da relação que tem com o projecto, são mui recommendaveis, e dignos da attenção das pessoas intelligentes.

Resta-nos tratar das tres ultimas direcções administrativas de *educação e instrução publica*; *sau-de*, e *estadística*; e que são comprehendidas debaixo da jurisdicção do *ministerio e secretaria d'estado*. Antes porém de apresentarmos a conta d'aquellas direcções, será conveniente dar uma idea da natureza desta repartição segundo o autor a concebeu.

Ainda que quasi em toda a parte se costuma dar a todos os ministros d'estado a qualificação de *secretarios d'estado*, o nosso autor julgou mais acertado reservar esta denominação para um unico ministro que necessariamente deve haver para os negocios que não dizem respeito a nenhum dos outros ministros em particular, ou porque dizem respeito a todos, ou porque não pertencem mais particularmente a um do que a outro. Tal é o caso em que se acham não só muitos dos negocios internos, mas quasi todos os externos.

„ Porisso nós entendemos, diz o autor, que ao ministerio d'estado dos negocios estrangeiros compete o conhecimento daquelles negocios geraes internos, e que esta generalidade inherente a natureza dos mesmos negocios, é o que em todas as nações conhecidas, se quiz designar pela denominação de *secretaria d'estado*.

Das direcções administrativas subordinadas a este ministerio, a que nos parece mais recommendavel é a da *educação e instrução publica*, ja pela sua novidade, ja pela influencia que tem no systema de organização social traçado n'este projecto. E mister porem observar n'este systema que os cidadãos não são declarados *maiores* para entrarem no exercicio de seus direitos civis, ou *emancipados* para adquirir os direitos politicos, nem pelo facto material de haverem completado certos annos de idade, nem por terem passado por illustorios ou insufficientes exames de capacidade intelle-

tual, mas sim em virtude de exames publicos, e sufficientes para provarem como possuem os conhecimentos indispensaveis para podêrem exercer aquelles direitos sem risco de seus proprios interesses, ou dos de terceiro.

O mesmo acontece a respeito das condições requeridas n'este systema para a candidatura aos diversos empregos, pois não se faz depender nem da idade nem da fazenda do cidadão, mas sim da sua *capacidade phisica, intellectual, e moral.*

Devendo a educação servir de base a todo o edificio social representado n'este projecto, é necessario que começasse o mais cedo possivel; — e que abrangesse a totalidade dos cidadãos; — e que procedesse de um modo uniforme a respeito de todos, sem outra differença que não seja a que resulta da capacidade individual de cada um. Entre tanto era mister conciliar os interesses geraes da sociedade com os sentimentos habituaes dos chefes de familia.

Era impossivel constranger os paes a fazerem educar seus filhos nas eschólas nacionaes, e por isso não restava outro recurso do que convidar-lhes por meio de vantagens reaes, tanto para elles, como para seus filhos, e fazer-lhes sentir que ao direito que se lhes mantem de dirigirem a educação destes, corresponde o dever de o fazerem em conformidade do plano de educação e instrucção adoptada pelas leis, e da maneira mais conveniente aos interesses dos educandos e da sociedade. Não cumprindo os paes com este dever é visto desistirem daquelle direito.

As vantagens, que pelas disposições deste systema resultarão aos alumnos, e por consequente aos paes de familias, são 1.º a certeza de adquirirem pela profissão em que necessariamente devem matricular-se (pena de serem punidos como vadios) um meio de subsistencia análogo á individual capacidade, e industria; 2.º uma infalivel garantia prestada pelo respectivo grémio contra qualquer sinistro de força maior que lhes possa sobrevir no decurso da sua vida.

Pelo que pertence ás profissões cuja prosperidade se acha avançada pelas necessidades habituaes dos consumidores, já foi sufficientemente providenciado nas

disposições que dizem respeito ás diversas direcções. Restava porem assegurar a sorte dos cidadãos que se dedicam á cultura das sciencias, litteratura, e bellas artes. A creação das academias que fazem o objecto dos artigos 1389, e seguintes; a candidatura a um grande numero de empregos que se adquire só pelo facto de fazer parte do corpo academico: as promoções e dotações a ellas annexas, tanto na jerarchia civil, como na ordem nacional do mérito, em virtude da illustração puramente litteraria, e artista, bastavam para elevar entre nós as artes, e sciencias ao gráo de consideração, que lhes compete, como meios que são os mais efficazes para assegurar os progressos da civilização, e da prosperidade nacional.

A *direcção da saúde publica* neste projecto é fundada sobre o mesmo principio da de educação publica. O legislador tinha de provêr a estas duas grandes necessidades geraes, e com a maior promptidão, regularidade, e economia, sem com tudo tolher a cada um a liberdade de recorrer ás pessoas, que lhes inspirarem maior confiança, quer seja para a sua instrueção, e das pessoas a seu cargo, quer seja para lhes assistir em suas enfermidades.

Sendo os hospícios especialmente destinados para os membros de ordem nacional do mérito, e devendo cada um ser tratado em quarto separado no hospício da respectiva graduação na dita ordem, é de esperar, diz o autor, que bem depressa se desvanêça o mal-entendido melindre que no primeiro momento pôde occasionar alguma repugnancia.

Entretanto as pessoas que antes quizerem ser tratadas em suas casas podem haver do hospício os socorros de que precisarem, satisfazendo unicamente á differença da despesa.

Aqui notaremos de passagem que o habito de viverem juntos nas escolas nacionaes, e nos quarteis dos corpos militares a que cada um pertencer, deve contribuir poderosamente para destruir aquella repugnancia, que hoje é bem fundada pela falta de arranjos proprios para conciliar os interesses materiaes com a delicadeza de sentimentos, que muito importa respeitar, e entreter.

A *direcção de estadística* com que termina o presente projecto, é uma das mais importantes instituições por elle criadas, porque não só satisfaz a uma das maiores necessidades publicas, que em nenhum paiz se acha providenciada, mas reúne em um feixe, diz o autor, um certo numero de attribuições que em toda a parte se acham distribuidas por diferentes authoridades com grave detrimento dos publicos interesses. „

Quanto á sciencia da estadística é esta a primeira vez que se encontra organizado um centro onde tem de vir a reunir-se as informações estadísticas de todas as diversas estações em que se dividem os cinco poderes politicos do estado.

Composta de membros das outras direcções, que tem a seu cargo registar tudo quanto respeita á estadística da sua repartição, nada do que interessa aos homens d'estado, ou dos escriptores que se occupam de economia publica, ficará d'ora em diante escondido nos archivos daquellas repartições; e o governo encontrará finalmente consignados de um modo authenticico, e irrefragavel todos os esclarecimentos, de que possa careger.

Não é porém este o unico serviço que a *direcção d'estadística* tem de prestar ao estado. Como os seus membros são ao mesmo tempo os que servem de secretarios nas respectivas direcções, o autor tirou partido do seu concurso nesta direcção para os incumbir, da importante função de estabelecer uniformidade no expediente das secretarias, chancellarias, e archivos das diversas estações publicas. A ésta direcção compete pois redigir os *formularios* que lhe parecerem precisos tanto para a regularidade, como para promptidão do expediente daquellas estações.

O autor ajunta ao corpo do projecto, por fórma de exemplos, varios formularios que facilitam a intelligencia de algumas disposições a que se referem.

Por connexão das materias commette-se neste projecto á mesma direcção de estadística o regulamento do *ceremonial* das festas e solemnídades nacionaes, bem como a *inspecção* sobre os publicos espectaculos e regosijos a fim de lhes dar, como diz o autor, uma tendencia moral, e conforme aos principios em que assenta o systema constitucional.

F. F. A. e C.

---

## NAVEGAÇÃO DO TEJO

( Continuação do N.º XX pag. 136 )

---

Artigo 3.º — *Motivos a que deve attribuir-se não se ter até agora levada a effeito a empreza da navegação do Tejo.*

Alem d'outros motivos que possam existir, e que por occultos não se podem conhecer, limitar-nos-hemos á exposição dos conhecidos; e são:

1.º — A forte despovoação das margens do Tejo, e paizes que lhe são adjacentes: 2.º — a escasez de conhecimentos relativos ao curso deste rio, e terrenos vizinhos: 3.º — a errada opinião dos proprietarios das obras do Tejo, e falta de direitos para a existencia d'algumas: 4.º — necessidade de caminhos de sirga: 5.º — constante escasez de numerario: 6.º — a separação de Portugal: 7.º — a preferencia dada aos canaes de derivação, em rasão da duplicada vantagem da rega e da navegação.

Examinemos cada um delles.

1.º *Despovoação das margens do Tejo, e dos paizes adjacentes.* Desde Talavera da la Reyna até Abrantes, é sem duvida mui sensivel, e tanto que em districto algum da Peninsula é tão grande. O Tejo (a)

---

(a) O Rio Tejo nasce no Reino d'Aragão, ao Oriente, entre Albaracin e Orihuela d'Aragão, d'um cerro muito elevado ao qual se dá o nome de Garcia, e dahi toma o seu curso logo em direcção ao poente até Lisboa, atravessando primeiro a provincia e serrania de Cuenca, Alcarrias, e Mancha até Aranjuez. Desde Valdominguete, que dista 3 leguas do nascimento do Tejo, el



a partir d'Aranjuez corre em Hespanha pelas provincia de Toledo e Extremadura, e em Portugal pelas do Alemtejo, e Extremadura Portugueza. Na Provincia de Toledo, é deserto desde Aranjuez até a cidade daquelle nome, sendo regularmente povoado o terreno que medeia entre este ponto e Talavera. Entrado em Portugal passa tambem pelo territorio mais despovoado até Abrantes, donde commecam aver-se importantissimas povoações até Lisboa: de modo que em tres partes de seu curso é elle quasi deserto, o que por certo é devido não só á escabrosidade de suas margens, mas aos minguados meios de o atravessar por falta de pontes; das quaes em Hespanha ha desde Aranjuez a Ponte Verde, — a da Alcega, — a de Alcantara, e San Martin em Toledo; — a da Puebla de Montalvan, — a de Talavera, — a del Arzobispo: — as del Conde, — de Almaraz, e del Cardenal estão destruidas; e a formosissima ponte d'Alcantara tem um arco quebrado. —

A' falta de povoação está inherente a incultura da

---

le pode navegar-se por vir já pejado com as aguas de muitos rios, regatos, e arroyos que até Trillo o fazem caudaloso, sendo o seu alveo invariavel até Bolarque, porque vem entre montanhas, e os unicos estorvos que se lhe encontram são os penedos cahidos das alturas. Desemboca neste Rio o Guadiela que nasce a 3 leguas do Tejo nas fontes de Penilla, distantes uma legua de Beteta, na serra de Cuenca, com alguma direcção ao meio dia; em sua origem é mais caudaloso que o Tejo; e vindo já crescido com as aguas dos rios *Cuerbo*, *Alcantud*, *Escabas*, e outros, é da mesma grandeza, que o Tejo quando com elle se confunde em Bolarque; o Guadiela passa por terrenos d'excellente qualidade, e ambos dispostos pela natureza para receber e conduzir as melhores e mais abundantes madeiras da Hespanha, e todos os fructos do Aragão, Cuenca, e Alcarrias. No Guadiela entra no sitio de Poyos o Gadamajud, já incorporado com o rio maior de Huete, que nasce das mesmas serranias junto ao Jucar (que se dirige ao Mediterraneo) e como entre este e o Guadamajud apenas se entrepõe um pequeno monte de 200 passos, de mui facil rompimento, era communicavel o Tejo com o Mediterraneo por meio do Guadiela.

maioria das propriedades, ou o estado languído da cultura d'outras; a insignificação da industria, a nullidade do trafico, e a inercia geral do paiz.

Mas este mesmo inconveniente deveria ser o incentivo da navegação, porque facilmente, e em pouco tempo daria vida a um paiz aparentemente morto, e que só o é por falta de communicações, e não pela natureza do solo, e do clima. —

2.<sup>o</sup> *Bscaxe de conhecimentos relativos ao curso do rio Tejo e terrenos vizinhos.* Um paiz pouco povoado raras vezes se conhece bem, porque supõe poucas relações, essas de pouco interesse: e porque como as margens do Tejo são muito escabrosas em grande parte do seu curso deixa de ser transitavel; muito mais não havendo pontes, nem estradas, que através d'elle deem communicação a povoações consideraveis; não admira por isto que por muito tempo não houvesse cabal conhecimento de sua corografia.

3.<sup>o</sup> *Errada opinião, em que estão os proprietarios, das obras construidas no rio, e falta de titulos que alguns tem para as possuir.*

Quando em 1582 se tentou esta empresa foram os Toledanos os que se opposeram a ella (Garibay), posto que os procuradores do reino, reunidos em Madrid no anno de 1583, muito a approvassem. A rasão da opposição fundava-se na opinião falsa dos proprietarios das obras, que se suppunham directos senhores dellas, e temeram que as obras da navegação prejudicassem as suas propriedades; erro mui palpavel, porque estas deviam precisamente augmentar de valor, porque os moinhos (que são em que consistem aquellas propriedades) teriam por certo muito mais grão para moer no caso da continua navegação do rio. Quanto aquelles que possuem seus titulos, é claro que intentando-se a navegação, e tendo de fazer-se indemnisações por aquillo que se destruisse, chegaria o ponto do reconhecer que nada se devia áquelles que sem titulo possuíam propriedades, que fosse mister inutilizar.

4.<sup>o</sup> *Falta de caminhos de sirga.* Antes da applicação do vapor, por certo era este um grande inconveniente, pois que pelos calculos d'Antonelli se vê a

despeza que exigem taes caminhos, em que era mister mui grande solidez, e corta-los nas rochas, e depenhadieiros d'uma grande extensão das margens do rio, devendo praticar-se em uma linha de perto de 120 leguas; e apesar desta mesma grande despeza, assim mesmo os diversos engenheiros que ficam citados julgaram, ser importante a execução final da empreza

5.º *A constante escasez de numerario.* Desta falta se queixaram todos aquelles a quem por differentes vezes foi incumbida a obra da navegação do Tejo. Se em tempo de Filippe 2.º, o monarcha talvez mais rico que tem havido no mundo, faltou o dinheiro, que não devia acontecer nos seguintes reinados!

6.º *A separação de Portugal.* E' indubitavel que a empreza foi facillima em tempo em que os Hespanhoes possuiram Portugal, em consequencia da usurpação feita por Filippe 2.º —; e que ella se devia tornar difficilima depois que com a separação dos dous reinos, veio a augmentar a antipathia, e animosidade entre as duas nações: a qual só o tempo, e serie de circumstancias notaveis a começar da invasão franceza, tem em grande parte diminuido, mas não de todo aniquilado. Depois da restauração de 1640 foi impossivel cuidar desta objecto por espaço de mais de 100 annos, e só no meio do seculo 18.º é que os dous governos começaram a entender-se a este respeito; havendo razão para crer que a politica das potencias alliadas de Portugal desviasse o governo portuguez de uma empreza, que tornando communs os interesses d'ambas as nações, e estreitando os vinculos de parentesco das familias reinantes dellas, tambem estabelecesse uma *politica peninsular* que não podia ser favoravel áquella. A cultura do seculo 19.º deve ter aberto os olhos d'ambos os povos da Peninsula, para lhes apresentar as immensas vantagens que devem resultar da empreza em questão; ellas foram já previstas na administração do Marquez de Pombal; e com esses fundamentos é que o governo da usurpação tambem conveio em levar-a a effeito por meio da convenção que logo apresentaremos.

7.º *Preferencia dada aos canaes de derivação pe-*

las duas utilidades que proporcionam; navegação, e régas. O desejo d'obter estas duas utilidades a um tempo, tem condemnado ao ridiculo, ou ao esquecimento a idéa de navegar os rios; sendo alem disto certo que a segurança da navegação por meio de canaes de derivação é objecto de grande consideração para a preferencia, do que não é licito duvidar: mas se a construcção de taes canaes é pouco possível, ou illusoria? Então, não se podendo aspirar a ter um canal de derivação, é mister tirar partido do álveo natural do rio; porque, por grande que seja a despesa para o fazer navegavel, o proveito que dahi vem ao paiz é sempre preferivel ao estado da miseria, e pobreza actual.

Sendo pois pouco possível construir um canal de 120 legoas, que substitúa o Tejo, porque o seu custo subiria a uma somma tal, que por tempo indeterminado não produziria interesse proporcional á despesa; fica o outro arbitrio, que é preparar o Tejo para que possa navegar-se, se não com tanta regularidade e segurança, pelo menos com facilidade sufficiente para o desejado effeito do commercio; e com a differença de uma vigessima quinta parte pelo menos na despesa: E podendo levar-se ao cabo esta empreza por meio d'um empréstimo, ou d'uma companhia d'accionistas, porque deve contar-se com a certeza de que ella forneceria os meios d'amortisar aquella, ou de dar bons interesses a estes.

Artigo 4.º *Importancia da empreza da navegação do Tejo, e indicação das vantagens mais notaveis que podem resultar da sua realisação.*

Quando a execução de projectos, de que ha razão para esperar grandes vantagens, demanda despesas enorres, e desproporcionadas com as utilidades, aquelles são sempre abandonados; e com effeito, se apesar de mui productivos, nunca os rendimentos podem corresponder aos desembolsos, a execução de taes projectos torna-se impossivel; e é isto o que succederia com a construcção d'um canal de derivação desde Aranjuez até o Athlantico, cuja despesa se orça em 50 milhões de cruzados: o mesmo resultado porem não pode jámais recear-se para a empreza da navegação do

Tejo, cuja possibilidade está hoje evidentemente demonstrada, e cujas vantagens são palpaveis

Primeiramente dar-se-hia valor centuplicado a immensos terrenos, condemnados no estado actual á miseria em que ha tantos seculos existem, ou a uma improdução fatal á prosperidade peninsular. Neste sentido as vantagens para Hespanha são mui grandes, pois que as sessenta leguas de terreno em linha recta que medêiam entre Aranjuez e a fronteira de Portugal, receberiam immediatamente um beneficio incalculavel; mas Portugal tambem ganharia, e muito no augmento do valor que teriam os terrenos adjacentes ao Tejo entré a fronteira e Abrantes, e na facil communição entre estes terrenos e a capital; muito mais se se chegassem a abrir as precisas estradas perpendiculares a uma e outra margem do rio: porque as produções daquelles terrenos teriam consumo certo naquella grande mercado; e delle iriam para as povoações adjacentes a esses terrenos todas aquellas commodidades que alli existem, e que não vão, não só porque não ha valor com que as pagar, mas porque o custo do transporte as elevaria a um preço incompativel com as posses daquelles que as dezeriam alias gosar.

Assim o augmento da população seria a consequencia immediata com o bem estar della, incomparavel áquelle, que logra a pequena população existente.

O maior consumo pois de objectos d'industria nacional, ou estrangeira traria vantagens incalculaveis: porque se aquelles objectos forem nacionaes, a industria fabril recebe da agricola um progressivo impulso; se forem estrangeiras, o thesouro publico verá augmentar o seu rendimento, com a certeza de que esses objectos hão-de precisamente ser pagos com produção nacional; pois que não tendo nós os Portuguezes, minas de metaes preciosos de lavra possível, os generos com que aquelles podem ser pagos, provem precisamente da industria agricola directa ou indirectamente.

Por este meio pois se abriria uma expedita communição entre Lisboa e Madrid, entre o centro da peninsula, e o mar por onde se poderiam extrahir os varia-

dos productos d'um territorio immenso, e introduzir commodamente os objectos ultramarinos, e estrangeiros, de que os habitantes daquelle territorio podem carecer. Assim ver-se-iam em cultura terras d'excelente qualidade que hoje estão incultas, veriamos melhorada a sorte de povoações hoje pobrissimas, augmentados os rendimentos dos proprietarios de taes terrenos, e por consequencia tambem augmentada a massa contribuinte do estado, e com meios de consumir os productos da industria fabril, habitantes e proprietarios hoje em situação mesquinha, e apenas sufficiente, se tanto, para acudir com a mais stricta economia ás necessidades mais urgentes da vida com a actual privação de commodidades as mais insignificantes quanto ao custo, mas importantes quanto ao gozo e conforto que dão. Estabelecidas frequentes relações entre as côrtes de Madrid, e Lisboa, bem como entre os povos intermedios, aquella capital participará das vantagens d'um povo maritimo, e esta se achará no pé d'uma nova escala de trafico, e movimento commercial, situada na embocadura d'um rio navegavel. Se Madrid viria a ter por preços commodos os artigos ultramarinos e estrangeiros de que precisa, e que agora com mais custo recebe por Santander, Alicante, e outros portos, tambem Lisboa estaria nas circumstancias d'aproveitar-se de quanto pode extrahir-se pelo Tejo; bem como o thesouro dos direitos de exportação dos generos que no porto de Lisboa s'embarquem para o mercado estrangeiro, ou da importação daquelles que destes procedem para terem consumo em Hespanha, isto é, em um territorio vastissimo habitavel por consumidores, successivamente em melhores circumstancias de possuirem o que dezejam gosar, e consumir: e como estes dous pontos ( Madrid e Lisboa ) são os dous centros do poder, dos conhecimentos, da civilisação, e riqueza da Peninsula, tudo isto se diffundirá d'ali para as extremidades, com o necessario augmento proveniente do facil contacto em que ficam por meio da navegação do Tejo.

Todas estas vantagens cresceriam por modo espantoso, se em algum porto proximo ás margens do rio se achassem minas de carvão de pedra, o que tal-

vez não fôra impossivel descobrir , se se instituísse a sua pesquisa por pessoas intelligentes e practicas ; mas em todo o caso não ficaria difficil estabelecer depositos marginaes para fornecer os barcos de vapor , com que se deviam levar a reboque os barcos de carga ; porque outra consequencia necessaria desta empreza devia ser a mudança do actual e antiquissimo systema de navegação , por outro mais seguro , e mais productivo , tanto em relação ao tempo da viagem , á quantidade de carga , e numero de braços empregados no trabalho , como em geral á despeza de transporte ; sendo certo que quanto menor este fôr , tanto mais facil e intenso será o consumo do genero transportado.

Pessoas intelligentes fallam com grande enthusiasmo deste meio de fazer prosperar ambas as nações a través das quaes o Tejo corre , e taes são Antonelli , Herrera , Garibay , Morales , Turiano , Carduchi , Martelli , Carvajal , Wall , Simon Pontero , Briz , Simó Gil etc. — Em geral , da realisação desta empreza devem resultar todas as vantagens que dá o commercio activo interno , através d'uma extensão mui consideravel de territorio : e é por isto que todas as nações industriaes se esmeram em tirar todo o partido da navegação fluvial , empregando barcos adequados ás variadas circumstancias dos rios ; movendo-se estes barcos pelo impulso de vento , ou dos braços , ou sendo rebocados por outros movidos por vapor , e dando este o movimento ás rodas motrizes ou remos horisontaes conforme a altura da agua. —

Artigo 5.º *Noticia concernente ao reconhecimento que no anno de 1828 se mandou praticar no Tejo desde Aranjuez até Portas de Rodas em Portugal , e considerações relativas á parte do rio comprehendida entre este ponto e Lisboa.*

Não faremos extracto algum deste artigo ; apenas diremos que foi empregado neste serviço o architecto de Madrid D. Agustin Marco Artú , que delineou o curso do Tejo , o qual delineamento acompanha a memoria de que estamos dando conta ; mencionando todas as difficuldades e passos que encontrou ; havendo reconhecido o alveo ou madre do rio , e suas margens em toda a extensão de seu curso ; orçando

por fim o custo da obra precisa em oito ou dez milhões de reales ; isto é , em um milhão de cruzados , pouco mais ou menos.

Artigo 6.º *Numero, dimensões, peso, capacidade, importe, tripulação, viagens, e mais circumstancias dos barcos, cujo uzo se propõe para esta navegação.*

Começa o A. por advertir mui judiciosamente, que mesmo estabelecida a navegação, não se deve contar com todas as vantagens que ella promette; senão passados alguns annos, precisos para o desenvolvimento da agricultura, e arroteamento de terrenos que actualmente nenhuma tem.

Quanto ao objecto especial d'este artigo, não sendo possível fazer extracto de objectos tão miudos posto que necesarios para a empresa da obra, e não offerecendo a materia interesse immediato de leitura, entendemos que sem inconveniente poderá passar-se ao

Artigo 7.º *Numero, qualidade, e forma das obras que se suppõe necessarias para habilitar a navegação do Tejo, e considerações acerca de seu custo.*

São 227 os pontos que carecem d'obras ; a saber 222 até Villa-Velha, e cinco entre este ponto e Abrantes. No Appendice da Memoria vem uma minuciosa descripção de todas ellas, bem como o orçamento do seu custo.

Aquellas que têm de fazer-se desde Abrantes até Lisboa pertencem á classe das limpezas, encaixotamentos, e profundamentos. Em geral as obras que se demandam podem reduzir-se a tres classes — : 1.ª as que exigem as prezas para effectuar-se o passo dellas : 2.º limpezas, e profundamentos ; 3.º diversos trabalhos, como cáes, preparações para passar algumas pontes &c. — Feitas ellas, e melhoradas com o andar dos tempos, poderá estabelecer se a applicação dos barcos de vapor para dar reboque aos barcos de carga debaixo dos mesmos principios com que se empregaram na navegação do Adour, ou em outros rios da França, aonde em vez de rodas, que no acto de subir a corrente não podem apoiar-se senão na mesma corrente, a qual por continuamente fugitiva produz por sua instabilidade maior ou menor perda no movimento, se usa tomar ponto



d'apoio no fundo mesmo do rio, para por este modo s'empregar toda a força da maquina; de modo que por meio deste novo invento um barco de vapor, com uma maquina da força de 50 cavallos, pode conduzir pelo rio a cima 1,800. toneladas com a velocidade de uma hora por legua; e por esta proporção podem construir-se os barcos motores.

E como esta empresa não deve ser feita senão por uma companhia d'accionistas, ella procurará obter meios engenhosos com que se redusam as operações á maior simplicidade.

Artigo 8.º. Este artigo é destinado a considerações especiaes sobre o privilegio concedido ao Autor por Fernando 7.º no decreto de 18 d'agosto de 1828, para intentar, e realisar a navegação do Tejo, auctorisando-o para formar uma companhia que deveria denominar-se — *Real sociedade de navegação do rio Tejo* com a duração de 15 annos; o qual decreto foi ampliado por outro de 3 de julho de 1829, por não serem sufficientes as concessões á sociedade outorgadas no primeiro; principalmente a do tempo que foi ampliada a 25 annos, contados desde o dia em que o governo de Portugal accedesse a que os barcos chegassem até Lisboa.

Artigo 9.º *Considerações ácerca da instancia dirigida ao Governo de Portugal, depois do privilegio concedido pelo de Hespanha, sollicitando a permissão da navegação da parte do Tejo comprehendido naquelle reino.*

Sendo Portugal senhor da embocadura do Tejo, sem a permissão de seu governo não poderia tentar-se a empresa; e para isto era preciso que das vantagens resultantes de sua execução coubesse a Portugal uma parte sufficiente para indemnisa-lo da concessão d'abrir á Hespanha as portas do Athlantico através de seu territorio.

A instancia dirigida a Portugal fundou-se na estipulação do Tratado de Vienna, relativa a navegação de rios (b) — ; ou ao mesmo tempo propunha as ga-

---

(b) *Extracto do Tratado geral firmado em Vienna a 9 de Julho de 1815, que comprehendo o que pelo Congresso foi determinado em relação á navegação fluvial.*

rantias competentes para aquella navegação, e como parte das suas vantagens tambem se propunha a livre entrada dos capitães portuguezes nesta empresa; a terça parte d'individuos portuguezes na composição da tripulação necessaria; — e o estabelecimento e custeamento d'um ponto de deposito das mercadorias hespanholas.

Artigo 10.º *Calculos relativos á empresa da navegação do Tejo; comprehendendo o das despesas necessarias para a levar a effeito, bem como a dos rendimentos annuaes comparados com as despesas annuaes; e por fim os objectos da companhia.*

Artigo 96. Os principios geraes adoptados pelo Congresso de Vienna para a navegação dos rios serão applicados á do P6.

Nomear-se hão commissões pelos estados marginaes, tres mezes ao mais tardar, depois de acabar o congresso, afim de regularem quanto seja em relação com este artigo.

### *Navegação dos rios.*

Artigo 108. As Potencias cujos Estados estão separados ou atravessados por um mesmo rio navegavel, se obrigam a regular de commum accordo tudo quanto esteja em relação com a navegação deste rio. Nomearão para esse fim commissarios, que se reunirão o mais tardar 6 mezes depois de haver terminado o Congresso, tomando por base os artigos seguintes:

#### *Liberdade de navegação.*

Artigo 189. A navegação em todo o curso dos rios indicados no artigo antecedente, desde o ponto em que cada um delles começa a ser navegavel até sua embocadura será inteiramente livre, e a ninguém poderá privar-se pelo que diz respeito aos objectos relativos ao commercio; conformando-se porem com os regulamentos concernentes á policia desta navegação, os quaes estarão concebidos de modo uniforme para todos, e tão favoravel quanto possivel ao commercio de todas as nações.

#### *Uniformidade do Systema.*

Artigo 110. O systema que houver de estabelecer-se, tanto para a percepção dos direitos, como para man-

Prescindiremos do extracto da primeira parte deste artigo ; porque só pode bem entender-se no original, e limitar-nos-hemos ao da ultima parte.

Os resultados que a companhia pode alcançar com a realisação da sua empresa são :

1.º Prolongar a navegação desde Aranjuez até Madrid por meio do rio Jarama, da valla deste nome, e do canal do Mansanares.

2.º Procurar estender a sua acção á navegação do Douro , Ebro , Guadiana , Pisuerga, e outros rios.

ter a policia da navegação , será quanto for possível o mesmo para todo o curso do rio , e se estenderá, salvas as circumstancias particulares que se lhe oppõem , ás ramificações e affluentes dos mesmos rios , que com seu curso navegavel separem ou atravessem diferentes Estados. —

### *Tarifas.*

Artigo 111. Os direitos sobre navegação serão fixados por maneira uniforme , invariavel , e bastante independente da diversa qualidade das mercadorias , a fim de não ser preciso um minucioso exame da carga , senão por causa de fraude e contravenção. A quantidade destes direitos , que por nenhum caso pode exceder aos actualmente existentes será determinada com attenção ás circumstancias locais , que raras vezes permitem estabelecer uma regra geral. Sem embargo , deverá ter-se presente ao formar a pauta tudo quanto possa fomentar o commercio facilitando a navegação : os direitos estabelecidos sobre o Rheno poderão servir de norma approximativa.

Uma vez reguladas as pautas não poderão ser augmentadas senão por uma disposição commum dos estados marginaes , nem a navegação , gravada com outros direitos que não sejam os fixados no regulamento.

### *Officinas de percepção.*

Artigo 112. As officinas de percepção , cujo numero se reduzirá o mais possível , serão fixadas pelo regulamento ; e nenhuma variação poderá fazer-se nellas, senão de commum accordo ; salvo se algum dos Estados marginaes quiser fazer diminuição no numero dos que exclusivamente lhe pertencem.

Quanto ao Douro diremos de passagem, que, conhecendo-se já por experiencia ser navegavel até á *Fregeneda*, na fronteira d'Hespanha, não havendo inconveniente algum na parte que corre entre Camora e Aranda del Dueño, o espaço intermedio entre Camora e Fregeneda é que offerece as maiores difficuldades, mas venciveis, como se vê pelo reconhecimento feito por D. Agustin Marco Artu: e sendo facilmente navegavel o Pisuerga, não seria difficil de es-

---

### *Caminhos de Sirga.*

Artigo 113. Cada Estado marginal se encarregará da conservação dos caminhos de sirga, que passem por seu territorio, e das obras necessarias na mesma extensão, e no alveo do rio, para que a navegação não experimente obstaculo algum.

Um regulamento posterior fixará o modo com que os Estados marginaes devem concorrer para estas ultimas obras, no caso em que as duas margens pertençam a differentes governos.

### *Direitos.*

Artigo 114. Em parte alguma se estabelecerão direitos *d'etape*, de *escala*, ou de *alto-forçoso*. Em quanto aos que já existem sómente serão conservados no caso em que os Estados marginaes sem ter consideração ao interesse local do sitio, ou paiz onde estão estabelecidos, os julgarem necessarios ou uteis á navegação, ou ao commercio em geral.

### *Alfandegas.*

Artigo 115. As Alfandegas dos Estados marginaes nada tem que entender com os direitos de navegação. Por disposições regulamentares se prohibirá que os dependentes das Alfandegas no exercicio de suas funcções ponham obstaculos á navegação; vigiar-se-ha porem por meio de policia exercida nas margens, toda a tentativa dos habitantes para fazer o contrabando com ajuda dos barqueiros.

### *Regulamento.*

Artigo 116. Tudo quanto fica indicado nos precedentes artigos será determinado por um regulamento geral, que

tabelecer uma linha de communicação entre o centro da Castella-velha e o Athlantico; por meio do rio Douro aproveitando-se aquelle rio para unir a parte dos canais feitos na mesma Castella com o Douro.

Artigo 11.º *Considerações sobre o Tratado celebrado entre Hespanha e Portugal relativo á navegação do Tejo*.

O commercio ajustado e de que falámos no fim da antecedente nota (c) teve a sua base nas estipulações

---

compreenderá o que se julgar preciso fixar para o diante

Uma vez accordado este regulamento não poderá ser alterado senão com o consentimento de todos os Estados marginaes; e haverá cuidado d'exigir sua execução por modo conveniente e adaptados ás circumstancias, e ás localidades.

*Navegação do Rheno, Necker etc.*

Artigo 117. Os regulamentos particulares relativos a navegação do Rheno, Necker, Mein, Morella, Mora, e Escalda, adjuntos á presente acta, terão a mesma força e vigor como se nella fossem textualmente insertos.

(c) O documento de que vamos dar conta é hoje assumpto puramente historico; por ser da época da usurpação, e só por este motivo o apresentamos, porque quanto ao seu effeito é como se não tivesse existido.

O protocolo, que servio de base ao Tratado, teve a data de 28 de Julho de 1829, e foi accordado entre o Cavalheiro d'Acosta e Montealegre por parte d'Hespanha, e pelo Visconde de Santarem, por parte de Portugal, e offerece os artigos seguintes:

1.º Que a base do tratado que se ha de celebrar, será a da livre navegação do rio Tejo nos dominios respectivos.

2.º Que os subditos d'ambos os estados terão a faculdade de navegar livremente pelo mencionado rio desde Arranjuez até o Oceano, e vice-versa.

3.º Que a continuação temporaria do privilegio dos 25 annos, que se concede actualmente á empresa, que deve desembarçar o rio para a navegação, como premio remunerativo dos gastos que tem de se fazer, deverá ficar todavia sujeita ás condições offerecidas pelo Brigadeiro D. Xavier Caballero, e que vão nas peças annexas ao presente protocolo, e que formam parte delle, e de mais todas aquellas que possam evitar o contrabando.

do congresso de Viena, e na proposta feita pela parte do postulante Hespanhol (d).

Por este convenio se estabelece que será livre a navegação do Tejo nos domínios Hespanhoes e Portuguezes, na forma estipulada no artigo 109 do Tratado geral de Vienna de 9 de Junho de 1815, desde A. ranjuez até o Athlantico; dando-se o privilegio exclusivo desta navegação a uma companhia por espaço de

4.º Que os emprehendedores serão obrigados á indemnizar assim o Estado como os subditos portuguezes, de todos os prejuizos que possam resultar ao mesmo Estado, e subditos, das obras que praticarem, cuja indemnisação deverá ser feita com a contemplação, que as leis costumam ter com os proprietarios que por motivos justos são compellidos a ceder a outrem as suas propriedades.

5.º Que o deposito de que trata a condição 5.ª das offerecidas pelo emprehendedor, deverá ser estabelecido na Cidade de Lisboa, ou nas suas immedições, conforme o Governo de Portugal julgar conveniente.

6.º Que ambos os Estados se obrigarão no futuro a manter desimpedida a navegação do referido rio, cada um na parte respectiva de seu territorio, fazendo aquellas obras necessarias para esse effeito, e isto unicamente pelo tempo que for indispensavel para haverem de ser executadas as reparações que estorvarem o transito dos barcos.

7.º Que da mesma forma que está universalmente recebido entre as potencias que gozam das aguas de um mesmo rio, o principio de que o systema que se adopta para a percepção do direito de navegação, e para a policia desta, seja uniforme para os subditos d'ambas as potencias, se accordou que assim se devia estabelecer,

8.º Que as tarifas do referido direito se fixarão de accordo entre ambos os Governos, percebendo cada um em seu proprio proveito, o que lhe resultar da navegação da parte do rio que atravessa o seu territorio.

9.º Que nenhum dos respectivos Governos pode augmentar aquelle direito de que se trata no artigo 8.º sem seu de common accordo, quando assim parecer conveniente, nem impor debaixo de outra denominação alguma outro que peze aos navegantes.

10.º Que quanto aos direitos das alfandegas, methodo da sua percepção, regras administrativas, e seguranças para evitar as fraudes contra as leis fiscaes, cada um dos

25 annos, debaixo das restricções e obrigações propostas pela Empreza; a qual têm alem disto a obrigações d'indemnizar o prejuizo occasionado a terceiro por causa da construcção das obras no rio Tejo, segundo a forma prevenida pelas leis dos respectivos paizes: tambem se determina e estipula o estabelecimento do deposito junto de Lisboa; bem como a igualdade de direitos que hão-de gozar os individuos d'ambas as na-

respectivos Governos procederá nos referidos pontos conforme sua independencia natural pelo methodo e forma que melhor convier a seus interesses.

Sobre este protocolo foi redigido o tratado que tem a data de 31 d'Agosto de 1829, e foi feito e assignado em Lisboa, com o artigo adicional seguinte:

— *Os dous Governos hespanhol, e portuguez* tem entre si accordado que a navegação da rio Douro será livre aos respectivos sudditos d'ambas as côroas, debaixo das condições, clausulas, e restricções, não só estipuladas no presente tratado, como se dellas se fizesse expressa menção neste artigo, mas tambem daquellas que de futuro se accordarem entre elles.

(d) *Extracto do requerimento de D. Francisco Xavier Cabanes, feito ao Governo de Portugal, em 23 de Outubro de 1828.*

— “ O animo do Supplicante não é obter por este meio do Governo Portuguez graça alguma que irrogue o menor prejuizo a seus sudditos, ao Estado, ou a suas rendas; o que aspira é obter o livre tranzito pelo Tejo, e poder praticar nos diversos pontos de seu curso, e por sua conta todas as obras necessarias para o effeito, e gozar um ponto de deposito nas immedições da sua desembocadura, e extrahir até o Oceano, segundo o curso do dito rio; os objectos excedentes no centro da Península, e proporcionar aos povos situados no mesmo centro os effeitos colóniaes e maritimos que necessitem para seu consumo: — sugeitando-se a todas as condições que o governo portuguez lhe impozer, como ás obrigações que elle mesmo offerece, concedendo-se-lhe a pedida auctorisação, a qual segundo se persuade, longe de prejudicar os interesses de Portugal, deve produzir-lhe notaveis vantagens. As obrigações a que allude são as séguientes. —  
1.ª Admittir na companhia da navegação do Tejo os capitalistas portuguezes, que se apresentarem para inter-

ções, segundo o principio do artigo 110.º do mencionado Tratado de Vienna: por fim estipula a maneira de receber os direitos e tarifas das diferentes mercadorias navegadas, sem ser permittido desembarcar em Portugal, e fóra do deposito, effeitos de qualquer natureza que sejam, sem inteiramente se sujeitar aos direitos, tarifas, e leis deste reino; devendo advertir-se que o exclusivo dos 25 annos é só no território hespanhol, porque no portuguez continuará sua navegação como actualmente se acha, não sendo permittido a barcos portuguezes passar alem da fronteira para dentro d'Hespanha, porque a navegação fica sendo exclusiva ali á companhia, salvas as obrigações e restricções designadas.

Neste mesmo Tratado ha já um artigo adicional relativo á navegação do Rio Douro.

Artigo 12.º *Considerações sobre as viagens practicadas no anno de 1829 por D. Agustin Marco Artu desde Aranjuez a Lisboa, e de Lisboa a Aranjuez, e sobre a opinião definitiva da navigabilidade do Tejo.*

Construido em Aranjuez um barco para esta navegação, a que foi posto o nome de Antonelli, Artu começou nelle a sua descida pelo Tejo em 8 de Abril de 1829.

2.º Empregar na dita navegação até uma terça parte do total da tripulação de individuos portuguezes.

3.º Satisfazer os gastos que occasiona o ponto de deposito que solicita.

4.º Arranjar e compôr os pontos do rio Tejo, que necessitem d'algumas obras para dispor a navegação nos terrenos que previne o privilegio de S. M. Catholica, em relação aos de igual natureza que hajam de practicar-se nos dominios portuguezes.

5.º Não desembarcar em ponto algum dos dominios de Portugal, fora do deposito, classe alguma d'effeitos sem previa auctorisação para isso pelo governo de Portugal.

6.º Transportar os viajantes que se embarcarem nos dominios portuguezes e na parte do rio nelles comprehendida pela tarifa que for approvada pelo governo portuguez.

7.º Verificar pelo menos a terça parte das recomposições do material da Companhia nos dominios portuguezes. —



Foi empreendida a viagem para Lishoa na época das *aguas altas*, e concluida em 40 dias, dos quaes só navegou 26; os restantes foram empregados na passagem das prezas, e reconhecimento dos promenores necessarios; bem como nos reparos frequentes do barco; parecendo impossivel a muitos habitantes das margens do Tejo, que um barco procedente d'Aranjuez podesse navegar o rio na época em que elle vai caudaloso sem ser arrebatado pela corrente, ou fazer-se em pedaços nos penhascos e penedias: o barco fundeou junto ao caes do Sodré no dia 17 de Maio pela uma hora da tarde; o que não se havia visto desde fins do seculo 16.\*

Para o regresso foi construido em Lisboa outro barco a que se poz o nome de Tejo, não só para não tornar a viagem dependente d'um só barco, mas para fazer experiencias de diversa especie; foi intentada na época das *aguas baixas*, e concluida em 138 dias, navegando só 112, e em muitos só determinadas horas, empregando-se grande parte do tempo no reconhecimento das prezas, e pontos em que se precisavam obras: concluindo de todas as averiguações feitas em relação a profundidade do rio, velocidade das *aguas*, e sua largura, que effectuadas as obras precisas, podem andar-se para baixo duas leguas por hora, e para cima pelo menos nma legua no mesmo tempo; de modo que as 120 leguas que hã desde Aranjuez a Lisboa por o rio podem descer-se em 3 dias, ou em 3 dias é meio; e subir-se em 6 ou 7 dias, incluso o tempo preciso para a demora de algumas horas da noite, e para a passagem das *comportas*. Para baixo a navegação foi feita só pelo impulso da corrente, e para cima com o auxilio do vento, que algumas vezes foi favoravel, mas quasi sempre pelo esforço dos braços da tripulação já com a vara, já com a singa; tirando-se de todo o exame a conclusão de que a viagem será sempre regular, para baixo por causa da corrente, e para cima por effeito do emprego do vapor. Igualmente foram determinados os passos mais difficeis da navegação. O mencionado Engenheiro chegou a Aranjuez (ponto da partida) no dia 6 de Novembro de 1829.

Tal é o resumo, ou extracto da Memoria, que

temos por mui importante, e instructiva. Se por ventura algum dia chegasse a realisar-se esta empreza, ou a da navegação d'outro rio, como por exemplo, o Douro, é nossa opinião, que posto que mui grande para Portugal, é incomparavelmente maior o interesse que della provem para as provincias contraes da Hespanha, que não podem exportar seus productos para o mar, a não ser pelo Douro, ou Tejo, sem despesas taes que os productos não poderiam com ellas, e por tanto na impossibilidade de comparecer no mercado estrangeiro em concurrencia dos analogos d'outras nações; de modo que a permissão dada por Portugal para a navegação destes rios, e exportação dos generos do centro da Hespanha, só pode ser concedida com uma indemnisação proporcional, e com certas e determinadas restricções sujeitas á mais severa fiscalisação.

Assim se a Hespanha interessa na conclusão desta empreza, ella deve dar a Portugal alguma concessão, com que este paiz s'indemnise do *desapossamento* d'uma prerogativa natural, qual é a de abrir á Hespanha uma porta que pode ter-lhe fechada sempre, e que aberta pode dar-lhe vantagens mui valiosas. A reclamação do territorio d'Olivença é objecto, que por tal occasião não devesse esquecer.

---

# ECONOMIA POLITICA

## DO COMMERCIO. (\*)

### SECÇÃO 2.ª *Industria Commercial.*

O commercio em razão ao seu exercicio é :

1.º *Commercio d'especulação em mercadorias*, e consiste em comprar as mercadorias pelo preço mais baixo, para as revender pelo preço a que as pode elevar a concorrência. Divide-se em

Commercio interno } por grosso.  
                          } por retalho.  
                          } de transporte.

2.º *Commercio de comissão*, que consiste em comprar, vender, trocar, e fazer toda a casta de negociações por conta d'outro, mediante uma certa retribuição fixa por convenção, ou estabelecida pelo uso.

3.º *Commercio de banco* consistindo no commercio de dinheiro por meio de saques, e remessas. —

4.º *Commercio de seguro*, e consiste no calculo dos riscos.

As operações de commercio suppõe o emprego de muitos outros agentes de differentes ordens, como fica dito; e todos estes agentes pela parte que tem nas operações commerciaes, e pelo modo como concorrem para ellas directa, ou indirectamente, fazem commercio; uns com o risco de sua fazenda, e pessoas; outros mediante um salario, que tem o nome de *comissão*, *corretagem*, &c. — Todos concorrem para o augmento do valor conferido ao producto; são por tanto productores que trabalharam, cada um por seu modo, para pôr na mão do consumidor os productos de que elle carece. A intelligencia destes agentes, seus cuidados. e trabalhos são pagos pelo excedente do preço que os

---

(\*) *Vêja-se o numero XX da R. Litteraria.*

consumidores pagam pelo producto posto entre suas mãos. Este excedente é riqueza creada por aquelles productores, e o preço da utilidade conferida ao producto transportado d'um lugar para outro, e posto á vista do consumidor, sem que este directamente haja concorrido para esta situação; todo os riscos do transporte foram por conta do commerciante, e por isto elle deve auferir um lucro proporcionado; este lucro é valor creado por elle.

#### ( A ) *Commercio interno:*

É aquelle que se faz dentro do território d'uma nação, e entre os seus proprios habitantes.

As mercadorias que servem a este trafico commercial não saem do paiz; ou ellas se transportem do vendedor ao comprador, e reciprocamente pelo interior da nação, ou o seu transporte se faça ao longo das costas maritimas; o qual meio de commercio se diz *commercio costeiro*, ou *de cabotagem*.

Considerado em relação á natureza das operações, subdivide-se em :

1.º *Commercio por grosso ou d'atacado*, quando o commerciante compra as mercadorias nas fabricas, e officinas em grandes porções, para as vender *por atacado*, em porções desproporcionadas ao consumo pessoal dos compradores, que são outros commerciantes. As mercadorias guardam-se neste caso em armazens.

2.º *Commercio de retalho*, ou *por miúdo*, quando o commerciante vende immediatamente em pequenas porções ao consumidor, e em quantias proporcionaes ao consumo dos compradores. As mercadorias estão neste caso em loges competentemente arranjadas, para serem vendidas em retalho. É principio incontroverso que será mais util aquelle genero de commercio que pozer mais trabalho em actividade, porque o trabalho é o que multiplica os objectos de consumo, e os meios d'adquirir; ora é visivel que o commercio feito entre os habitantes d'um paiz é o que pode dar estes resultados em mais alto gráo; porque uns produzem generos ou viveres, outros materias primas,

e outros as fabricam; assim muitos capitães a trabalho se acham empregados; e certamente em proporção maior que no commercio externo.

A liberdade do commercio interno deve ser illimitada, sem ella o transitto ou a cabotagem não faria senão augmentar os preços, e difficultar o consumo; e o monopolio mais que em outro genero d'industria, deve ser inteiramente proscripto e condemnado; barreiras, privilegios, direitos de transitto devem inteiramente desaparecer; esta é a norma seguida pelas nações cultas.

O Commercio interno (diz A. Smith) é o centro á roda do qual circulam constantemente os capitães d'uma nação, e para o qual elles tendem sempre, dando que algumas causas particulares algumas vezes os desviam, e dirigem para empregos remotos. —

A promptidão com que os capitães circulam, debaixo das vistas de seus donos, dá grande preeminencia ao commercio interior, o qual todavia é sempre subordinado ao estado de civilisação, aos meios de transporte, e ás necessidades locais, circumstancias que muito o limitam. Os meios de transporte sobre tudo são aquelles que mais devem merecer a attenção do Legislador; porque elles obram directamente sobre a civilisação, e esta sobre as necessidades que ella gera.

#### ( B ) Commercio externo.

E' aquelle que se faz entre diferentes nações; as mercadorias compram-se nas nações estrangeiras para se venderem dentro do paiz, ou compram-se dentro do paiz para se venderem fóra d'elle em outra nação. As mercadorias vem de fóra, e vão para fóra; entram e saem.

Considerado em relação á natureza das operações subdivide-se em

1.º *Commercio estrangeiro ou exterior de consumo*: exportam-se mercadorias nacionaes, e importam-se estrangeiras.

Este commercio faz-se umas vezes:

*Directamente* quando se compram as mercadorias estrangeiras com os proprios productos nacionaes.

*Por circuito*, quando se compram as mercadorias estrangeiras com outras mercadorias estrangeiras, importadas para as vender, e pagas ( estas ultimas ) com productos nacionaes.

2.º *Commercio exterior de transporte*, quando se compram mercadorias em paiz estrangeiro, para as vender em outro paiz estrangeiro.

O commercio com os estrangeiros, feita a abstracção dos lucros dos commerciantes, e considerando somente o principal das operações, reduz-se a substituir em nossos consumos productos estrangeiros a productos nacionaes. Mas uma nação fundamentalmente consome o que produz a sua industria, capitaes, e terras; não podendo haver os productos estrangeiros sem outros em troca: em ultima analyse vem a consumir os productos de sua industria, capitaes e terras, representados naquelles que por elles recebe em troca; e a vantagem que alcança consiste em dar menos gastos de producção, em pagar por menos os productos estrangeiros, adquirindo-os por meio dos gastos de producção feitos com os seus productos, que seriam muito maiores se ella quisesse por si mesma fazer os productos estrangeiros; e por este modo se faz mais habil emprego de nossas faculdades. Que ganharia um particular se para privar um çapateiro dos seus ganhos, procurasse fazer os çapatos em casa? Para não importar *schalls de cachemira* da India fabricam-se em Paris tão bons, custando sua producção 1800 dias de trabalho, ( diz Say ); mas se se mandassem moveis para a India, cujo valor fosse igual a 600 dias de trabalho, com os quaes se houvessem obtido aquelles *schalls de cachemira*, ter-se-hiam ganho neste mercado 1200 dias de trabalho, que applicados a outra producção teriam augmentado em igual valor os valores produzidos no paiz.

Ao que deve acrescentar-se, que os productos relativos a certos climas e pontos da terra, não podendo ser produzidos por nenhuma habilidade agricola ou manufactora, só o commercio estrangeiro, ou exterior é que pode fornecel-os, quando não queiramos privar nos delles.

E note-se bem; que mesmo quando não sejam

os nacionaes que façam o commercio exterior, que sejam estrangeiros que nos tragam os productos e generos de fóra que queiramos consumir, uma vez que nós lhos paguemos com productos nacionaes que elles nos comprem, nós recolheremos o interesse principal deste commercio, por que estendemos nossa producção e consumo, consumindo nossos proprios productos *debaixo d'outra forma*, mais vantajosa porem á nossa bolsa, e á satisfação de nossas necessidades.

Daqui se conclue que ambas as nações ganham; e que crasso e enorme é o erro por tanto tempo corrente de que — *uma nação commerciando com outra ganha o que esta perde!* —

Muitas vezes o commercio estrangeiro complica-se, não fazendo remessas e retornos directamente; a nação que se dedica a esta especie de commercio (de transporte) deve ter muitos capitães; não achando meios de os empregar melhor, procura diminuir os gastos da navegação mercante, e concorrer com os armadores no mercado, que tem de ceder-lhe o campo, mas sempre com vantagem para os productores nacionaes, porque o numero dos *procurantes* augmenta.

Quem se recorda da grandeza d'Alexandria e Palmyra, de Sidonia e Tyro, de Venesa, e Genova, das cidades anseaticas, cujo esplendor é certamente devido ao commercio exterior, dirá que este é o mais productivo.

Sem duvida elle é essencial para o progresso do commercio interior; as relações com os estrangeiros despertam as idéas, multiplicam as necessidades, excitam a emulação, e dilatam a industria, que toma actividade superior muitas vezes áquella que se tomaria, se taes relações não existissem; assim se a auctoridade, com vistas curtas, não vem acanhar o commercio externo, este obriga os manufactores nacionaes a redobrar seus esforços para sustentar a concorrência, e d'aqui provem perfeição, abundancia, e bom preço nas mercadorias.

O commercio exterior dará tambem a vantagem de fazer applicar os productores nacionaes á producção que mais em relação estiver com seus meios naturaes e artificiaes, com os quaes paga aos estrangeiros os productos, que muito mais caros lhe custariam, se

os quisessem fabricar ; o lucro por tanto que obtem daquelles , será muito maior , que aquelle que poderia obter destes.

Outra vantagem que provem do commercio exterior é a dos mercados, que por sua intervenção não tem limites. Elle equilibra o preço natural em todos os paizes , porque vae procurar as mercadorias ao lugar aonde se vendem por baixo preço para aquelle aonde se vendem por alto ; a procura n'um lugar , e a offerta no outro equilibram em pouco tempo os preços naturaes ; mas para isto é preciso que o commercio não tenha tropeços.

Os lucros que qualquer nação tira do commercio exterior provêm do que importa , e não do que exporta , seja qual for a forma dos productos importados ou exportados. Esta proposição tem sido contestada pelos sectarios do systema da balança do commercio, e com tudo ella é de primeira intuição , pois que este lucro consiste no excedente do preço dos generos importados sobre os exportados , e o valor destes já existia antes da exportação ; e como o valor do dinheiro é quasi o mesmo em toda a parte , e o das mercadorias varia e segue as leis do mercado , segue-se que as importações menos lucrativas são em geral do numerario.

Para que o commercio exterior possa fazer-se , é preciso que as mercadorias que fazem o seu objecto sejam mais facilmente produzidas na nação exportadora , que naquella que as importa , e portanto as mercadorias que se permutam devem ser de natureza differente.

O commerciante que conhece os preços correntes das mercadorias nos differentes paizes , não s'importa com a forma material com que lhe sejam pagas as suas mercadorias ; recebe sempre de preferencia aquella que lhe offereça maior valor em qualquer ponto , aonde possa leval-a ; será quasi impossivel que elle consinta em receber em troca das suas mercadorias , outras que importadas na sua nação lhe não deem lucros maiores do que se importasse ouro ou prata.

Os progressos da industria são devidos á accumulação dos capitaes ; estes não podem formar-se de



novo sem que o producto annual augmente, ou diminua o valor do consumo; e o commercio exterior tende directamente a facilitar aquella accumulação, e portanto a produção. Se pela perfeição das maquinas o valor dos objectos de consumo diminue 20 por 100 é como se os consumidores houvessem economisado tanto, ou crescido seus rendimentos 20 por 100; e o mesmo effeito tem lugar se por este preço podessem comprar os productos estrangeiros, e como estes se não comprem de graça, mas com productos indigenas, é evidente que o commercio estrangeiro não só augmenta a variedade das mercadorias susceptiveis de serem compradas, mas offerecendo-as mais baratas, do que ellas se fabricam em casa, dá occasião ao consumidor do poder accumular capitães, o que não poderia fazer comprando as mais caras, ainda que indigenas.

#### ( C ) *Commercio de Commissão.*

Fica anteriormente definido. O commerciante v. g. da Lisboa ou Porto envia mercadorias ao seu correspondente, v. g. do Rio de Janeiro, com ordem de as *vender*, e fazer os *retornos* nos generos do Rio de Janeiro que podem provavelmente vender-se com lucro no Porto ou Lisboa.

Esta operação é feita sem que o commerciante de Lisboa ou Porto saia mesmo de sua casa; toda a sua industria consiste em ter conhecimento dos preços correntes de diversos lugares do mundo; em combiná-los, e escolher as casas de *comissão* capazes de bem executar as suas ordens, isto é, de *vender*, e *comprar*, segundo suas instrucções restrictas, ou geraes; para o que informa-se primeiro da habilidade, probidade, solvabilidade, e relações commerciaes daquelle a quem commette as suas mercadorias; *este é o commissario.*

E' evidente que a maior ou menor perfeição do commercio influe directamente no preço das mercadorias; e aquelle estado de perfeição calcula-se pela nimia despeza que é mister fazer com a apresentação ao lugar do seu consumo; portanto examinando os

elementos desta despesa acharemos os meios de o elevar á perfeição.

1.º A divisão das operações commerciaes em tantos ramos separados, quantos possam manter-se independentemente; e a subdivisão destes ramos.

2.º O aperfeiçoamento das vias de comunicação canaes, estradas, portos marítimos, construções de vehicules, navegação &c.

3.º Aperfeiçoamento do systema monetario.

4.º Estabelecimentos de seguros, e de credito, e de todos os meios com que se facilitem as trocas.

5.º A baixa nos juros e nos lucros do commercio.

Estes melhoramentos estão intimamente ligados com o progresso de civilisação, e com o augmento da riqueza nacional; e portanto á proporção que esta cresce, o preço corrente das mercadorias desce, porque o preço necessario diminue, por se compor dos gastos de producção, em tal caso menores.

E' certo que o desenvolvimento social augmenta precisamente a procura, e esta faz subir o preço corrente ás producções agricolas especialmente, em razão do augmento da população, mas as producções de manufactoria são mais baratas, fazem diminuir os gastos da producção, augmentam os recursos dos individuos, e contrabalança-se assim aquelle effeito.

Na verdade nos países pobres os productos agricolas são mais baratos que nos países ricos, pois que é facil naquelles satisfazer a procura; mas se as despesas de circulação não elevassem o preço necessario, aquelles poderiam ser ainda mais baratos: em taes países as despesas de circulação tem muito mais subido preço porque todas as manufacturas são muito mais caras, todos os meios de transporte muito mais difficeis, os capitães são mais diminutos, e portanto mais altos os seus juros; em duas palavras o estado d'imperfeição da industria fabril, e da industria commercial, obra em sentido diametralmente opposto para que o preço necessario desça ao seu ponto mais baixo; e é por isto que a differença entre os preços dos productos agricolas d'um paiz rico nunca são tão grandes, como a differença entre os productos manufacturados.

Daqui sáe logo uma consequencia essencial — que as nações pobres interessam em comprar ás nações ricas os seus productos fabris , e vender-lhes os seus productos agricolas ; porque vendem pelo mais que podem , e compram pelo menos que podem ; e com effeito as nações pobres nunca produzirão os productos fabris pelo mesmo preço que as nações ricas , nem estas os productos agricolas pelo preço que aquelles os produzem ; logo as nações pobres agricolas devem abandonar o seu commercio externo ás nações fabris , em quanto não accumulam capitaes , quer numerarios quer industriaes para produzir em casa por igual preço ao que compram de fora ; isto é , para que a nação pobre se constitua independente é mister que ella enriqueça , o que só pode conseguir lentamente , reformando as suas instituições por modo que produza o mais possivel com o menor gasto possivel , a fim de que exportando os seus productos agricolas , e importando os fabris , ganhe uma differença que dê motivo ás accumulações , e á formação de capitaes , e d'industria.

---

IMPOSTOS. INDIRECTOS. (\*)

Os impostos indirectos são aquelles que recaem sobre os objectos de consumo.

Como elles parecem confundir-se com o preço das cousas, a sua apparencia tem sido mui seductora para convidar os governos a lançar mão deste meio d'aumentar o rendimento publico, sem immediato e sensivel gravame do contribuinte.

Examinemos as prerogativas deste modo de lançamento d'impostos.

1.º Confundem-se para o contribuinte com o preço real das cousas tributadas, que os paga quasi sem se aperceber.

2.º E' voluntario; porque ninguem paga imposto pelo que não usa ou compra.

3.º E' pago unicamente quando o comprador quer usar as cousas, e de mais a mais segundo a quantidade de cousas que seus meios e vontade lhe permitem comprar.

4.º Opéra-se naturalmente sem precisão de indagar a fortuna do contribuinte, por isso mesmo que o consumo é voluntario.

5.º Sendo lançado em todos os objectos de consumo affecta geralmente todas as classes, e não recae precisamente em uma só classe, como o imposto directo.

Taes vantagens são puramente apparentes, e não podem contrabalançar os inconvenientes, por quanto

1.º Se o imposto indirecto é lançado geralmente sobre todos os objectos de consumo, o seu effeito é augmentar precisamente o preço deesses generos, que é o mesmo que diminuir outro tanto o redito do consumidor, em consequencia do que já não pode consumir a mesma quantidade que d'antes.

2.º E' desigual e desproporcional ás faculdades dos contribuintes, pois os pobres pagam comparativamente mais que os ricos, porque são aquelles os que compram para seu consumo maior quantidade d'obje-

---

(\*) V.º Revista Litteraria N.ºs 15, 16, e 17 — pag. 5, 103, e 207.

ctos de primeira necessidade; em consequencia do que taes impostos peçam progressivamente nas diversas classes da sociedade na razão inversa de suas faculdades. O pobre consome v. g. mais bacalhao que o rico, e mais vinho que compra; o rico pode ter vinho de sua lavra, e já não paga o imposto de consumo; o rico consome, é verdade, mais carne de boi, v. g., mas seus meios são comparativamente muito maiores. Os 5, ou 10 rs. que paga d'imposto indirecto em cada arratel de carne, em proporção de seu rendimento são insignificante quantia comparada com 5 ou 10 rs que o operario seja obrigado a deduzir de seu salario: logo taes impostos cahindo immediatamente sobre os objectos que constituem a subsistencia do operario tendem a augmentar o seu salario, o qual não pode elevar-se sem diminuir na mesma proporção os lucros dos empresarios, e sem attenuar precisamente os meios d'accumular, ou a formação de capitaes, que são os motores da industria, crescendo esta na razão da abundancia daquelles.

8.<sup>a</sup> Os gastos d'arrecadação; este é um de seus mais duros inconvenientes; com effeito para a sua cobrança são precisos estabelecimentos fiscaes, e cohortes de vigias, cujo costeamento consideravel deduzido do imposto muitas vezes quasi aniquila a sua importancia; eis-aqui o que acontece com os guardas barreiras, instituidos para a vigia sobre a introdução d'objectos de consumo na cidade, cujos objectos se acham onerados com certo imposto: entre elles, v. g. o vinho: qual é a enorme despesa que tal fiscalisação demanda? e se a esta despesa acrescentarmos o que o thesouro perde no que lhe leva o contrabando, nas malversações praticadas pela cohorte fiscal? E se a tudo isto se acrescentar a violencia e vexação exercida por essa mesma cohorte com aquelles individuos que se não prestam a seu peculato e a suas concussões: violencias e vexações, que, segundo A. Smith, se avaliam pelo que aquelle que as sofre daria para as não sofrer, nós concluiremos, sem grande difficuldade, quaes os mais obvios e communs effeitos dos impostos indirectos para com o thesouro publico, e para com o povo.

E' evidente que taes effeitos são funestos ao

~~consumo, e a produção; elevando os preços dos ge-~~  
neros impõem privações ao consumidor, e suspendem  
por este modo o impulso da produção; este effeito  
é sempre consequencia necessaria de taes impostos :  
e todavia é apparentemente menos sensivel a acção  
dos impostos indirectos, como fica advertido, porque  
sendo como facultativa, affectando indirectamente a-  
quelle que os paga, este não os sente tanto como  
quando immediatamente desembolsa dinheiro para este  
fim; mas a economia politica tem plenamente desen-  
volvido sua influencia.

O augmento necessario do preço dos generos de  
primeira necessidade para a subsistencia do trabalhador,  
causado pelo imposto indirecto, traz em consequencia o  
augmento do salario, e dos gastos de produção; o pre-  
ço do genero assim augmentado não pode concorrer no  
mercado, ou não tem a precisa extracção e consumo, a  
consequencia é a diminuição da produção, a desoc-  
cupação dos trabalhadores, a subtracção dos capitães  
para serem empregados em empresa productiva, e a  
miseria social; porque para se conservarem os preços  
dos generos no mesmo pé na presença dos impostos  
indirectos, que augmentem o preço dos generos de  
consumo do operario, ou este ha-de trabalhar mais  
horas do que pode, para reparar o que tem de pagar  
de mais por sua subsistencia, ou hão-de diminuir as  
utilidades do capital: neste caso o capitalista retira  
os seus capitães, e a empresa paralysoou-se; no pri-  
meiro o trabalhador exhaure suas forças, e em pouco  
tempo se inhabilita para o trabalho. Taes contribui-  
ções ou impostos operam pois como o *selvagem que*  
*corta a arvore para colher-lhe a fructo*; e peor ainda,  
porque este quer colher o fructo produzido já, e por  
aquelle systema quer-se colher antes de produzido.

---

# Litteratura.

---

## **HENRIQUETA, OU O PROSCRIPTO**

**DRAMA EM TRES ACTOS, E EM VERSO.**

---

### **INTERLOCUTORES.**

*Carlos da Silva.*

*Narcizo FONSECA.*

*Manoel de Souza*

*D. João*

*Antonio*

*Henriqueta*

*Genovêva*

*Gertrudes*

*Soldados...*

---

A acção é no Porto, em casa de Carlos da Silva, que representa uma sala pobre, com uma porta á direita, outra á esquerda, e janella no fundo; o primeiro acto é de manhã, o segundo á tarde, o terceiro á noite. Em Junho de 1830 é que se figura a acção.

A' direita da Scena ha uma meza d'engomar, á esquerda uma meza com tudo o que é mister para escrever; cadeiras guarnecem a caza, tudo pobre mas acaado. A porta do lado direito é julgada a da entrada; a da esquerda da Scena, o quãtto d'Henriqueta, e Carlos.

A collocação dos actores em Scena é relativa á indicação de seus nomes, occupando o primeiro inscripto o primeiro lugar á direita da Scena, e assim os de mais; de forma que o ultimo inscripto occupa sempre o primeiro lugar á esquerda da Scena.

As alterações que a acção dramatica exige, quanto á collocação dos actores, irão marcadas em notas respectivas.

*Nota.* — Achando muito judiciozo o methodo de Moratim, e outros muitos poétas hespanhoes, não ponho letra majuscula no começo de cada verso, mas só quando é necessaria.



## ACTO PRIMEIRO.

### SCENA 1.ª

**HENRIQUETA** (*acabando d'engommar, e pondo em uma condessa a roupa engomada*), e **CARLOS** (*sentado ao pé da meza da esquerda.*)

**CARLOS**

(*á parte olhando para Henriqueta em quanto ella põe a roupa na condessa.*)

Anjo do Ceo, que á terra me prendeste  
com teu amor tão puro, e teus cuidados!  
por ti, é só por ti, que eu sinto as mágoas  
d'insoffrido penar ..... se tu não foras...  
os tormentos da vida acabaria...  
desta vida infernal peor que a morte...  
horrivel pensamento...! e meu filhinho...?  
innocente ... sobre elle meu duro fado  
descarrega tambem seu golpe injusto....

**HENRIQUETA** (*indo ao pé de Carlos*)

Adeus, Carlos! Adeus....

**CARLOS** (*com melancolia*)

Assim me deixas?

**HENRIQUETA** (*com candura*)

E' forçozo sahir... tu bem o sabes...  
vou levar essa roupa a meus freguezes...  
não lhes devo faltar... disso vivêmos.

CARLOS ( *erguendo-se com amargura* )

Obrigada a servir para que eu viva !  
tu ... ! qu'outróra feliz , e n'abundancia  
de nada carecias ... ! hoje .... tudo... !  
em vez de lauta mēsa , pão de rala.....  
em vez de festas... lagrimas , suspiros...  
que suffocas até porque os não veja...  
em vez d'uma pae qu' é rico , e poderoso...  
um marido proscripto ... homiziado ...  
cuja vida talvêz não seja longa ...  
e tenha de acabar n'um cadafalso...

HENRIQUETA ( *com ternura* )

Não digas tal...as penas que tu sentes  
eu as quero tambem soffrer contigo...  
qu' importa o que eu perdi ? ... sou tua espoza ;  
deste nome sagrado me glorio...  
Quando todos na terra te abandonam  
eu estou perto de ti... um peito amante  
palpita junto ao teu , por tí suspira ,  
e vive de te amar... e de provar-to...  
Se barbaros algozes te procuram ,  
e querem no teu sangue embriagar-se ,  
eu posso proteger tua existencia ,  
esconder-te a seus olhos carniceiros ,  
velar ao pé de ti , e defender-te.

CARLOS ( *com dôr profunda* )

Henriquêta... ! meu bem ! querida espoza... !  
¿ porque fatal destino fui levado  
a vêr os olhos teus , os teus encantos ?  
innocentes , felises. venturozos  
os teus dias passavam , tão fagueiros... !  
¿ porque fado cruel me conheceste ?  
desde então começou tua desdita ,  
porque foi desde então qu' em nossos peitos ,  
um desgraçado amor , fez seu imperio.  
Teu pae , apênas vio qu' eu te adorava ,  
repulsou meu amor , como um desdouro ;

eu não tinha braços , nem pergaminhos ,  
 eu não tinha riquezas que offerar-te...  
 só tinha , um coração singelo , e puro ,  
 incapaz de trahir seus juramentos ;  
 um braço affeito ás armas desde a infancia ,  
 incapaz de vender-se a preço d'ouro ,  
 incapaz d'algemar a liberdade.

Inuteis os meus rogos... os teus prantos...  
 teu pae não quiz ceder... e nós cazamos ;  
 mas a benção d'um pae não recebeste ;  
 talvez a maldição... por minha cauza...

Poucos dias de paz gozamos juntos ,  
 poucos dias tranquillos decorrêram....

Em Lisboa apportou novo Regente ,  
 que por maus conselheiros dirigido ,  
 a corôa quiz cingir sobre a cabeça ;  
 em despeito das leis , e das promessas ,  
 em despeito da fé por elle jurada ,  
 áquella que o seu preito recebêra ,  
 como vassallo seu , futuro espozoz...

A' voz da usurpação todos tremêram ;  
 mas no Porto o pendão da lealdade  
 ergueram nobres mãos em prol da patria ;  
 segui o regimento em que servia :  
 um destino fatal murchou as palmas ,  
 que no campo colhêmos da victoria ;  
 no combate do Vouga mal ferido ,  
 não pude acompanhar meus camaradas.

Assistido por ti , occulto a todos ,  
 muitos mezes vivi , sem que o sentisse :  
 só tarde pude vêr todo o abysmo  
 dos males que soffria , e que passaste ;  
 quiz fugir desta patria agrilhoada ,  
 unir o esforço meu ao de mil bravos ,  
 que valentes pelejam na Terceira  
 em sua defensão , e da Rainha.....  
 mas como abandonar-te ... ? sem azilo... ! !  
 sem meios de viver... ? Nasceu meu filho ,  
 e quazi a perecer , minha Henriqueta ,  
 não pudeste aleita-lo ; mãos estranhas  
 entre suspiros teus , o receberam....

Inutil para ti , e para a patria ,

nem posso combater por liberta-la,  
nem posso trabalhar p'ra teu sustento....

HENRIQUETA ( *confortando-o* )

Ainda o Céu um dia mais ditoso  
fará surgir p'ra nós ; a Providencia  
não se esquece jámais dos desgraçados.  
Ninguém sabe quem és ; nossos vizinhos  
suppõem que és meu irmão , que estás doênte ;  
infelises , não têmos invejозos.  
Adeus ! ...

( *Sente-se bater á porta da direita.* )

Mas quem será que bate á porta ?  
vai da pressa esconder-te ; não te veja  
alguem que te conheça , e denuncie.

CARLOS.

Terrivel situação ! ter d'esconder-me. !!  
viver como o gentio Americano... !!  
( *Sahe pela porta da esquerda.* )

## SCENA 2.ª

HENRIQUETA , ( *e depois* ) GENOVEVA.

( *Sente-se de novo bater á porta* )

HENRIQUETA.

O' meu deus ! quem será que a estas horas  
tão cedo , de manhã , já nos procura ?

GENOVEVA ( *da parte de fóra* )

Então abris ? ou não ? todos sois surdos ?

HENRIQUETA ( *abrindo a porta* )

E' a nossa vizinha Genoveva.....

Pode entrar. Deus lhe dê muito bons dias.

GENOVEVA

( *entrando* )

Os mesmos deus te dê , minha Henriqueta.  
Cuidei qu'inda dormias Somno soito.  
Muito custa subir estas escadas ;  
não é que eu seja velha , tenho forças ;  
sou capaz d'enterrar quarto marido ;  
muito tempo o Senhor lá tenha os outros  
em sua santa páz , sua santa glória ,  
e nos deixe por cá por muitos annos.  
Teu irmão está melhor ?

HENRIQUETA.

Muito obrigada ,  
Agora vai melhor , mas soffre ainda.

GENOVEVA.

Coitadinho ! Coitadinho ! E' tão bom moço !  
e tu és boa irmã , és uma joia ,  
tratas delle , como poucas o farião.

( *Fazendo affagos a Henriqueta.* )

HENRIQUETA ( *mostrando a condessa.* )

Eu tenho <sup>sahe</sup> que ; se dá licença....

GENOVEVA.

Pois sahe se tu quizeres , não te prendas ,  
nunca faças comigo cerimonia ;  
eu ficarei fazendo companhia  
a Carlos teu irmão , ao doentinho.

HENRIQUETA.

Eu von chama-lo , tia Genovéva ,  
espere aqui por mim alguns instantes.  
( *Sahe pela porta da esquerda.* )

SCENA 3.<sup>a</sup>GENOVEVA só. (*comicamente.*)

Inda bem ! Vae sahir , agora posso só com elle tratar do que me interessa. Elle é novo , eu tambem não sou velha , tenho apênas sessenta e sete annos ; inda fresca , gentil , como uma roza que os ventos , e sóes tem respeitado. Tenho um par de vintens na minha caixa , bôa roupa , cordões , boas fazendas ; que mais pode elle querer ? elle não tem nada. Cazarei sua irmãa com o meu néto ; tudo fica arranjado desta feita , e espero que o Senhor Deus ha-de ajudar-nos , ha-de dispôr de nós p'ra sua gloria. Que prazer não terei..... vendo os pequenos saltar no meu regaço... ! como outrora ! uni-los junto ao seio , acalenta-los,... cantar-lhe as cantigas do meu tempo , a xábra do Bernal , da bella Infante , e as cóplas de Santa Genovéva , que eu sei todas de cór... Eil-os que chegam.

SCENA 4.<sup>a</sup>

GENOVEVA , CARLOS , E HENRIQUETA.

CARLOS.

Bons dias ! Como está ?

GENOVEVA (*Sempre comicamente.*)

Estou muito bôa , e sempre a comprazer-lhe mui bem disposta. Como sahe sua irmãa , conversarêmos ; nós temos que fallar ; é necessario : (*baixo*) do que tenho a dizer depende a sorte de Carlos , e de quem muito o estima. (*Isto deve ser dito de forma comica.*)

CARLOS. ( á parte )

Talvez saiba quem sou , venha avizar-me  
que me querem prender , que me procuram. ( indo ao  
pé d'Henriqueta , que se está preparando para sahir ;  
em voz baixa )  
Henriqueta... meu bem , não tardes muito.

HENRIQUETA.

Bem pouco tardarei : adeus 'té logo. ( sahe pe  
porta da direita , Carlos acompanha-a até á porta , de  
pede-se della com ternura , beijando-a na testa. )

GENOVEVA. ( á parte. )

Parece que os irmãos são bem amigos ;  
se não fossem irmãos , fôra ciúme  
o que sinto cá dentro , quando vejo  
tão ternas despedidas , tanto abraço ,  
tanto beijo sem fim , que m'enraivecem.

SCENA 5.ª

CARLOS , E GENOVEVA.

CARLOS.

Agora estamos sós , minha vizinha ;  
que tem que me dizer ? ...

GENOVEVA. ( Sempre comicamente

Custa-me muito ;  
confesso que não sei como comece.  
( á parte ) Nem que eu fôra donzella não affeita  
às campanhas d'amor , a seus combates.  
( alto ) Meu vizinho ; bem sabe ha quanto tempo  
nós vivemos em boa vizinhança :  
sua irmã o tratava na doença  
de que esteve a morrer por tantas vezes ;  
eu tive compaixão de seus trabalhos ,

e muitas vezes vim acompanhá-la.  
Não quiz nunca saber de donde eram ,  
nem quem eram também eu perguntava;  
mas agora....

CARLOS. ( *interrompendo-a* )

Talvez queira sabê-lo ?

GENOVEVA.

Não quero ; já o sei.

CARLOS. ( *d' parte* )

Estou perdido !

se a velha me conhece , o bairro todo  
em breve o saberá. Maldita velha !

GENOVEVA.

Sim , já sei que se chama Carlos da Silva ;  
que já serviu também....

CARLOS. ( *com receio* )

E quem lho disse !

E' verdade ; servi ; fui demittido...

GENOVEVA. ( *comicamente* )

Tenho bons espiões , e são bem pagos ;  
sei tudo o que se diz cá pelo bairro ;  
de sorte que á policia poderia  
muito bem informar.....

CARLOS. ( *com receio* )

Tão má não fôra ...

e não fôra capaz...

GENOVEVA.

Talvêz , quem sabe ?



CARLOS. ( *com interesse* )

Mas qual segredo tem a revelar-me ?

GENOVEVA.

E' verdade ; já quasi m'esquecia ;  
sua irmãa é gentil , é mui formosa ,  
é pobre bem o sei , mas é prendada ;  
é preciso caza-la : eu tenho um néto  
que é mesmo do avô , fiel retrato ,  
que apénas a avistou ficou morrendo....

CARLOS. ( *interrompendo-a* )

Henriquêta cazar ? ! ? não é possível

GENOVEVA.

E então porque não ? Se vir o noivo  
eu lhe juro tambem ha-de estima-lo ;  
não ha moça por'hí que ~~o~~ não queira ,  
porque tem seus vintens , e é bem feito ;  
não é por me gabar....

CARLOS. ( *interrompendo-a* )

E' impossível.

GENOVEVA.

Neste mundo não ha couza impossível ,  
quando a couza de si é razoavel.  
( *á parte* ) Agora é que eu não sei como dizer-lhe  
que eu o quero tambem p'ra meu espozoz ;  
os rapazes d'outróra não esperavam ,  
iam logo ás do cabo : ah ! tempos ! tempos !  
( *alto* ) E como lhe parece o meu semblante ?  
não julga qu'inda estou bem conservada ?

CARLOS. ( *surrindo* )

'Stá capaz de cazar , está muito bella.

GENOVEVA. ( *muito desvanecida* )

Isso penso eu tambem quando me vejo  
ao espelho da manhã todos os dias.  
Regeitei inda á pouco bons partidos ;  
pois quando o coração não toma parte ,  
ninguem deve cazar ; por mim o digo :  
dos tres com quem casei , nenhum amava ;  
o amor é um só , e quando o temos ,  
não se pôde occultar por muito tempo.  
Talvez tarde o senti , a meu despeito.  
E Carlos... nunca amou ? não amou nunca ?...

CARLOS. ( *com tristeza* )

Henriqueta somente.

GENOVEVA. ( *comicamente* )

Não é isso ;  
não fallo d'uma irmãa ; fallo d'amante....

CARLOS. ( *triste* )

Té góra ninguém mais.

GENOVEVA. ( *á parte* )

Terrivel pêzo  
de sobre o coração tirei agora.)

CARLOS. ( *á parte* )

Talvez me queira dar alguma nêta :  
a velha quer cazar o mundo inteiro.  
( *alto* ) Alguem sinto subir....

GENOVEVA. ( *comicamente* )

Dê-me resposta.

CARLOS. ( *á parte* )

Não devo declarar que sou cazado.  
( *alto* ) Se Henriquêta quizer, eu não me opponho :  
julgo não quererá....

GENOVEVA.

As moças todas,  
todas querem cazar , em que o não digam.  
Tambem eu....

( *ouve-se bater á porta — á parte* )  
Maldita interrupção quanto m'opprimes. !!  
e o peito a palpitar sem desafogo !!

SCENA. 6.ª

GERTRUDES, ( *da parte de fora da porta* )  
CARLOS, E GENOVEVA.

GERTRUDES.

¿ Senhor Carlos da Silva está em caza ?

CARLOS. ( *á parte , e com prazer* )

E' a voz de Gertrudes ; não me engano ,  
da ama de meu filho ; que ventura !  
( *abre a porta da direita , Gertrudes entra* )

GERTRUDES. ( *entrando* )

Salve-os Nosso Senhor ; venho estafada.  
( *senta-se ao pé da meza da direita* )

GENOVEVA. ( *á parte* )

Parece que não é de cumprimento.  
A moça não é má , Deus me perdôe.

CARLOS. (*em voz baixa a Gertrudes*)

E meu filho onde está? porque não veio?

GERTRUDES. (*em voz alta; com grosseria*)

O seu filho! eu irei logo busca-lo;  
não estava para andar de rua, em rua  
carregada com elle: logo lho trago.

GENOVEVA. (*á parte cômicamente*)

Ingrato! não tem pêjo, ás minhas barbas,  
de confessar que é pae...! que tem um filho!

CARLOS. (*para Gertrudes*)

Vá buscar o meu filho; o meu Henrique;  
não se demore: quero beija-lo.

GERTRUDES. (*com grosseria,*)

Eu já o vou buscar; não está mui longe;  
voss'mecê o verá; está tão bonito:  
tão gordo, benza-o Deus, como um teixugo..  
(*ergue-se; Carlos acompanha-a até á porta conversan-  
do com ella em voz baixa*)

GENOVEVA. (*á parte em quanto  
Carlos falla com Gertrudes; com ciume comico*)

E não ama ninguém... o fementido...!  
de zêlos sinto o peito affogueado...!  
mal o haja o amor, e suas chamas...!  
mal o haja o ciume que me abraza...!  
e mal o haja elle... que assim me illude...!  
(*sahe Gertrudes; e Carlos fecha a porta apenas está  
sahe*)

SCENA 7.

GENOVEVA, E CARLOS.

CARLOS. (*á parte*)

Queira Deus que esta velha não suspeite,  
e descubra por fim o meu segredo...!

GENOVEVA. (*comicamente*)

Nunca esperei, senhor Carlos, tal engano ...  
e eu que o julgava, um innocente!?!  
e tem um filho!?! e ouza confessa-lo?!

CARLOS.

Fôra culpa maior se o negasse.

GENOVEVA. (*comicamente*)

Tem razão; não tem culpa a criancinha  
dos erros de seus páes. (*á parte*) Eu lhe perdôo;  
tambem eu... tambem eu já tenho filhos...  
e nétos tambem já... e elle não se queixa..  
(*alto*) Não me julgue sévêra, e rigorosa;  
bem sei que a mocidade tem desculpa...  
e eu quero-lhe tanto, como a filho,  
ou talvez inda mais. Quando Henriquêta.  
cazar com o meu Antonio.....

CARLOS. (*com enfado*)

Em tal não creia;  
não devo consentir que assim o pense:  
se Henriquêta não quer, eu não consinto...

GENOVEVA. (*com meiguice*)

Pois com ella farei que se decida.  
Bem quizera dizer-lhe outro segredo....  
mas outr'ora será em que o veja  
mais disposto a cedêr; com mais bom modo.

CARLOS.

Se acazo a offendi, peço desculpa....

GENOVEVA. (*com ternura comica*)

Ah! mal sabe o poder de suas vozes!

( á parte ) S'eu fosse rapaz, e elle moça... não estivera a guardar tanto decoro...

Mesquinha condição do bello sexo!

( alto ) Senhor Carlos; adeus!

CARLOS.

Vae, mal comigo?

GENOVEVA. ( comicamente )

Eu? mal eu! mal comsigo? e não m'entende! ...

( Sahe com a expressão do amor mais comico, dizendo a ultima fraze para os spectadores. )

## SCENA 8.ª

CARLOS. ( só )

Tremi que descobrisse quem eu era ;  
que á força de fallar me denuncie ,  
sem o querer, é verdade : e que me prendam  
se meu azilo chega a conhecer-se.

Ha dous annos que vivo desta sorte ,  
entre susto, e receios combatido...  
sem poder emigrar... não tenho meios....

nem força p'ra deixar a minha espoza  
exposta á seducção... ou á miseria...

Henriqueta! um futuro desgraçado  
só vêjo para ti... para o meu filho....

e se não fôras tu ... como vivêra...?

talvez tivesse á mingoa perecido....

Oh! feliz do soldado que no campo ,  
pode a vida arriscar entre os combates ;

que pode ouvir os gritos da victoria ,

e troar os canhões que a celebram....!!

Infeliz do proscripto... homiziado...

que vive nas cavernas escondido,

julgando vêr o algoz em cada sombra....

julgando cada som o som da morte....

e da morte horrorosa do patibulo!

E qu'importa morrer? findam as penas,

a loiza sepulcral acaba tudo...  
 tudo ? ah ! tudo não... eu blasfemava....  
 éra a força da dor que me pungia....  
 Meu Deus ! e pode o impio ser ditozo ?  
 o perjuro feliz ... viver tranquillo ?  
 e eu , por ser fiel ao qu'hei jurado....  
 e tantos como eu serão punidos  
 por crimes que não tem , sendo innocentes ?  
*( sahe pela porta da esquerda , como abatido por seus  
 pezares )*

## SCENA 9.ª

HENRIQUETA. *( entra pela porta  
 da direita , com uma carta na mão ; com a expressão  
 da maior angustia no semblante )*

Ouza inda o malvado perseguir-me ! !  
*( lendo )* ,, Poude em fim descobrir o teu azilo... ! !  
 ,, uma palavra só pode perder-te....  
 ,, que eu amo... e com furor ... se tu não cedes  
 ,, terrivel ha-de ser minha vingança....

Malvado ! quer vencêr o meu desprezo  
 por temor da vingança que medita ? !

*( lendo )* ,, Por sentença d'Alçada é condemnado  
 ,, a morrer n'uma *forca* o teu marido...

No *cadafalço* ! ! e quaes são os seus crimes ?  
 elle crimes não tem ; mas quantos outros  
 não morrêram tambem sem ser culpados... ?

*( lendo )* ,, Eu sei o teu segredo ; se desprezas  
 ,, o meu constante amor serás viuva...  
 ,, Eu irei procurar tua resposta ;  
 ,, ai de ti ! se recusas de fallar-me... ! !  
 ,, Põe um lenço de fóra da janella  
 ,, se queres que te guarde o teu segredo ;  
 ,, *Senão treme por elle , e por ti mesmo... !*

E não tenho ninguem que me proteja... !  
*ninguem* ! triste de mim ! que desventura !  
 Se não ponho o signal , somos perdidos ;  
 e se o ponho... meu Deus ! dou-lhe a certeza  
 de que cêdo por fim aos seus dezejós. *( chêga ao pé  
 da janella do fundo )*  
 Lá está parado ao pé daquella esquina ;

tem no rosto as paixões todas pintadas....

Não posso resistir aos meus receios.... ( *em uma scena muda, representa a lucta que dentro d'alma se lhe trava; como delirando ata em fim o lenço fora da janella* )

O' meu Deus ! neste apuro soccorrei-me...  
valei-me, por quem sois, Deus de piedade !

Já o sinto subir... faltam-me as forças.... ( *ouve-se bater á porta muito manso* )

E' elle... o meu algôz... o meu verdugo... ( *hesita um instante; abre a porta tremula* )

## SCENA 10.

NARCIZO, E HENRIQUETA

NARCIZO. ( *comò triunfando; com maldade* )

Já cedeste por fim; por fim és minha;  
não foi ao meu amor; foi ao receio:  
mas qu'importa o motivo que tua alma  
poude mover enfim: qualquer que elle seja,  
triunfarei por elle; eu o bem-digo.

HENRIQUETA. ( *supplicante* )

E serás tu capaz de tal maldade?  
assim abusarás da tua força? ...

NARCIZO. ( *com prazer feroz* )

Que não fizêra eu para gozar-te.... ? ! ?  
Foi em vão qu'empreguei todos os meios,  
não quizeste jámais corresponder-me...  
A teu pae te pedi para minha consorte,  
o teu pae consentia; não quizeste;  
foi outro que mer'ceu a preferencia....  
foi elle que possuio os teus encantos...  
Protestei que de ti me vingaria;  
esse dia feliz chegou, é hoje.....



HENRIQUETA. (*supplicante*)

NARCIZO. ! pensas tu que o teu projecto  
podes levar ao fim? E não receias  
os castigos do céu; quando os da terra  
tu possas illudir?? Não tens remorsos? !?...

NARCIZO. (*com terrível fôrça*)

Quem como eu senté amor, nada mais senté :  
embora o céu, a terra se conspirem,  
com elles luctarei se for preciso.

HENRIQUETA. (*com angustia*)

Narcizo...! por merecê... por Deus te peço...

NARCIZO. (*apontando para o lenço  
na janella*)

Tu foste que, a bandeira da victoria,  
arvoraste, em sinal do meu triunfo.

HENRIQUETA. (*supplicante*)

Narcizo...! sê comigo generoso...  
antes quero morrer... mata-me embóra...  
ao meu Carlos perdôa... não tem culpa;  
fui eu que desprezei os teus protestos,  
não te podia amar contra vontade.

NARCIZO. (*com despeito*)

Foi Carlos qu'impediu minha ventura...  
Se o não viesses... comigo cazarias :  
agora serei eu quem te possua,  
e como elle farei... virei roubar-te  
dos seus braços também... tú serás minha,  
que ou has-de agora mesmo acompanhar-me,  
ou irei daqui mesmo delata-lo.

HENRIQUETA. (*na maior afflicção*)

E podes têr uma alma tão perversa  
que, para saciar um vão capricho,  
queiras ser o algôz d'um innocente,  
que nunca t'empéceu, nem te conhece??

NARCIZO. (*com violencia*)

De tudo sou capaz... somente attendo

ao bem de possuir-te... embora eu seja  
condemnado por Deus eternamente.  
Vem comigo Henriqueta... *(pegando-lhe na braco para a conduzir)*

HENRIQUETA. *(ajoelhando)*

Por piedade !!

NARCIZO. *(com violencia)*

Inuteis são teus prantos... teus suspiros...

HENRIQUETA. *(erguendo-se com dignidade)*

Antes quero morrer que tal vileza...

Vae, barbaro, dizer a teus sicarios  
que nos venham prender, que nos arrastem  
ahi por essas ruas, manatados...  
Meu espazo segurai ao cadafalso,  
e com elle morrerei sem ter remorsos.  
E tu não colherás o fructo infame  
do teu crime tão vil, como tu mesmo.

- NARCIZO. *(com despeito)*

Nem rogos, nem insultos me commovem;  
tu não queres ceder? pois bem; verêmos...  
Nem te podem valer as tuas vozes. *(Trava-lhe pelo  
braco, como querendo arrasta-la; ao ruido, sente-se Car-  
los, que sahe do seu quarto; Narcizo larga-lhe o braco,  
fazendo um gesto ameaçador a Henriqueta, como impon-  
do-lhe silencio)*

SCENA II

NARCIZO, HENRIQUETA E CARLOS.

CARLOS. *(entrando arrebatado)*

Quem és tu? quem és tu? algum alcaide?!?  
Se vens para me prender... qual o meu crime...?

NARCIZO. *(baixo para Henriqueta)*

Não lhe digas quem sou: olha o que fazes...

*(alto para Carlos, disfarçando com arte)*  
 O seu crime qual é?... qualquer que seja,  
 não deve recear... eu lhe prometto  
 a minha protecção. Se a mereceres...  
*(a ultima frase deve ser dita em voz baixa para*  
*Henriqueta, com expressão de maldade horrivel)*

CARLOS. *(agradecido)*

O céo o recompense; e agradecido  
 p'ra sempre lhe serei...

NARCIZO. *(ironicamente)*

Por ora em nada...  
 O serviço porem que hei-de fazer-lhe  
 ha-de ter galardão... Bem me entendeste.  
*(esta ultima frase deve ser dita em voz baixa para*  
*Henriqueta com expressão infernal. Sahe pela porta da*  
*direita cumprimentando a Carlos, e fazendo a Hen-*  
*riqueta signal de calar-se.*

## SCENA 12.<sup>a</sup>

HENRIQUETA, e CARLOS.

CARLOS. *(com ternura)*

Bem me dizias tu que a Providencia  
 não deixa o desgraçado ao desamparo:  
 já temos protector: não o conheço;  
 mas se acazo quizesse, bem podia  
 fazer-nos muito mal...

HENRIQUETA. *(á parte)*

Oh! que tormento!

CARLOS. *(com prazer)*

Nosso filho tambem hoje terêmos;  
 Gértrudes o trará daqui a pouco.

HENRIQUETA. *(afflicta)*

Nosso filho...! Ó meu Deus! que desventura!

CARLOS. *(admirado)*

Desventura!!! por qué?

HENRIQUETA. *( com amargura )*

Porque não temos  
para pagar á ama alguma diheiro,  
nem temos qué vender, tudo vendemos.

CARLOS. *(fica abatido em instante,  
e como tomando resolução esperançosa).*

Talvêz nossa vizinha Genoveva... *(sentase ao  
pe da meza da esquerda).*

Vou escrever-lhe, Henriqueta...  
*(começa a escrever uma carta).*

HENRIQUETA. *(em quanto elle escreve)*

Se elle sonbesse...  
e visse a minha dôr, as minhas penas...  
não as deve sabêr... hei-de occulta-las...  
Julga seu protector um refalsado:  
a sua protecção, é a deshonra...,  
e é sua vingança o cada falço...

*(Henriqueta fica com a expressão de afflicção comprimida; Carlos acaba de escrever, dá-lhe a carta entregando-se; ella o abraça com transporte: cala o panno)*

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

## ACTO SEGUNDO.

### SCENA 1.ª

HENRIQUETA (So).

Levei a carta; a tia Genovêva  
em caza não achei, tinha sahido :...  
queira o céu nos empreste algum dinheiro...!  
Meu pae ! se tu podesses ver-me agora...  
a tua maldição não me darias...  
Inuteis minhas cartas, não responde...  
bem duro castigou d'amor o crime...  
Seguia outro partido o meu espôzo,  
não pensava como elle; eis sua culpa !  
Mas qu'importa o pensar seja diferente...?  
a honra não exclue algum partido;  
se em todos pode haver homens perversos,  
em todos há também homens honrados.  
Se elle ouvisse os meus ais, visse o meu pranto,  
e visse o lindo neto... não teria  
de tigre o coração, para deixar-nos  
sem termos protecção, ao desamparo.  
Protecção...! mas de quem? de quem a espero??  
desse vil seductor que á pouco ainda  
a veio offerecer?? mas pbr que preço?!?  
melhor fôra morrer morte affrontosa...  
E' preciso fugir... mas para onde?!...  
condemnado a morrer, quem quereria  
expor os dias seus para salva-lo...?!  
Se elle fosse feliz... todos corrêram,  
disputáram talvez para servil-o...  
mas quando o infeliz a mão estende,  
ninguem a mão lhe dá p'ra soccorrel-o...  
Infeliz condição ! pedir a estranhos...! !  
nas faces o rubor; no seio o pêjo...  
ouvir da compaixão inuteis vozes,  
„Impossivel não tê-lo = sinto muito,,

são respostas banaes que o desvalido  
 costuma sempre ouvir; quando não ouve  
 „Trabalha-preguiçoso, não o mendigues.“  
 Nos labios um sorriso de desprezo,  
 sorriso insultador... que o peito esnaga...  
 quantas vezes não é resposta unica ???  
 E pode haver quem diga taes palavras  
 tranquillo o coração...? ah! pode; pode:  
 no seio do prazer o rico esquece  
 que o pobre ao limiar do seu palacio  
 é mordido dos cães, que o affugentam...  
 No meio dos opiparos banquetes  
 não se lembra que um pae falece á mingoa,  
 e vê em torno a si os seus filhinhos  
 soluçando dizer... eu t'enho fome....  
 no meio das orgias, não attenta  
 que a morte, e a seducção luctam co'a 'espoza,  
 qu'ou ha-de corromper sua virtude,  
 ou ver o espozo seu no cada falso...!  
 Mas Carlosahi vêm: como occultar-lhe  
 as magoas de minha alma? e prevenil-o  
 dos crimes que medita um vil perverso!!

## SCENA 2.ª

HENRIQUETA, E CARLOS.

CARLOS. (*entra do seu quarto*)

Que resposta nos deu nossa vizinha?

HENRIQUETA. (*disfarçando a sua dôr*)

Algun tempo esperei; tinha saído;  
 mas não deve tardar; deixei-lhe a carta;  
 seu néto lha dará logo que volte.

CARLOS. (*gracejando*)

Não sabes que a vizinha Genovéva,  
 julgando és minha irmãa, veio pedir-te  
 para espoza d'Antonio; do seu néto??

Temendo indiscrição da sua parte  
receei confiar-lhe o meu segredo,  
pois sabes quanto a velha é palradora.  
Prometti-lhe que sim, cazo quizesse;  
mas disse, que talvez não quererias  
deixar o teu irmão...

HENRIQUETA. (*com enthusiasmo*)

Deixar-te?! nunca...  
Qualquer que seja, Carlos, teu destino,  
contigo o soffrerei; fosse qual fosse.. (*limpando a  
furto as lagrimas*).

CARLOS. (*commovido*)

Mas tu choras? que tens? porque me occultas  
teus lindos olhos humidos de pranto...?  
Um brinquedo innocente poderia  
cauzar-te desprazer? tal não pensava,  
que para te poupar uma só lagrima  
eu dera com prazer todo o meu sangue...

HENRIQUETA (*forcejando por dis-  
farçar a sua dôr*)

Não é nada; perdôa se os meus olhos  
trahiram minha dor...

CARLOS. (*com voz de branda queixa*)

E eu não devo  
contigo quinhoal-a? não mereço  
que a tua alma na minha se dilate,  
e exprima o seu pesar com desafoço?...  
e são tantos por certo os que nos pungem,  
que o nosso coração estalaria  
se occulta-los quizesse... Não me negues  
o prazer de chorar junto contigo... (*com a expres-  
são da maior ternura*)  
Por mim deixaste um pae que te adorava;  
por mim deixaste os bens, e os prazeres...

e nem ao menos eu posso os meus prantos  
unir ás tuas lagrimas...?

HENRIQUETA. *(á parte, com amargura, mas resolução)*

Não devo...  
não lhe dêvo dizer senão que fuja...  
*(alto)* E' preciso fugir... risco imminente  
aqui podes correr se te demoras...

CARLOS.

Fugir ! me dizes tu...! e o nosso filho...?  
como fugir com elle ? como deixal-o ?  
Mas que nova terrivel ha podido  
causar a tua dor ? qual é o p'riço ?  
quem te ponde avisar ? como a soubeste ?  
Fugir ! fugir ! p'ra onde ? com que meios ?  
deixar-te... ? só... a ti... ! ? ? !

HENRIQUETA. *(com resolução)*

Irei contigo.

CARLOS. *(com amargura)*

Comigo ! ? ! tu não vês que é impossível...  
ficará nosso filho sem abrigo...  
*(Sente-se bater á porta da direita ; susto d'ambos)*

HENRIQUETA.

O' meu Deus ! talvez já não seja tempo...!  
*(Senta-se abatida com a afflicção ; Carlos hesita se  
abrirá ou não a porta ; vae abri-la por fim como to-  
mando uma resolução desesperada)*

SCENA 3.<sup>a</sup>

HENRIQUETA, ANTONIO, e CARLOS.

ANTONIO.

Nosso Senhor lhes dê mui boas tardes.



HENRIQUETA. ( *erguendo-se, como livre do susto que teve* )

E' Antonio! inda, bem! que medo eu tive!

ANTONIO.

Sim, Senhora, sou eu; trago a resposta que me deu minha avó par' entregar-lhe. ( *dá um bilhete a Carlos* ).

CARLOS. ( *abre o bilhete, e lê em voz baixa para si* )

„ Sinto muito não ter dinheiro agora,  
„ para servil-o, como dezejava.  
„ Quem é pobre não tem irmãs suppostas  
„ para encobrir assim torpes amores.  
„ Sou sua muito attenta = Genoveva =  
( *desesperado amarrota o bilhete; dá-o a Henriqueta, para que o leia; senta-se abatido ao pe da meza da esquerda* ).

HENRIQUETA. ( *á parte* )

Bem o dizia eu... pedir a estranhos é dura condição... ( *lê a carta em silencio, e fica pensativa* )

ANTONIO. ( *em voz baixa para Henriqueta, com ternura ingenua, mas grosseria de homem do povo* )

Não se amofine,  
tenho pena trazer-lhe más noticias;  
não se afflija porem, faça o que eu faço;  
atire o coração por esses mares,  
deixe os ventos correr, não faça cazo.  
Eu queria-a por mulher, a avó deixava,  
mas quando entrou em caza prohibiu-me,  
pena de maldição que em tal cuidasse...  
Apenas lhe entreguei a sua carta,  
as pragas, maldições eram sem conto,  
par'cia o fim do mundo, o inferno em caza.  
A' pressa respondeu ao senhor Carlos,  
„ Ahi tens, volta já, não te demores,,  
assim disse mordendo-se de raiva ...

Seja embora verdade o que disseram,  
não lhe posso querer mal; é tão bonita!...  
Não sou rico, porem quando careça  
não falle a mais ninguem; conte comigo...  
( *á parte, como custando-lhe ver perdidas as suas es-*  
*peranças de felicidade* ).  
Serei tolo... serei... ( *alto* ) Adeus Senhora!...  
( *sabe com tristeza, mas sem affectação* ).

SCENA 4.<sup>a</sup>

HENRIQUETA, e CARLOS.

CARLOS. ( *erguendo-se com desesperação* )

D'um pae a maldição sempre nos segue...  
Genovéva até aqui nos protegia,  
agora nos despreza porque julga  
criminozo o amor, tão sancto, e puro.  
E' força o meu segredo revelar-lhe.

HENRIQUETA. ( *dissuadindo-o* )

Ai de nós se ella o sabe! desgraçados!  
incapaz de guardal-o, tu serias  
em breve descoberto...

CARLOS. ( *resoluto, mas com amargura* )

Embora o seja...  
não devo consentir que te desprezem;  
a ti, que da virtude és o modelo.  
E qu' importa a prisão? antes a quero  
do que viver assim, em sustos sempre...  
E meu crime qual é? servir com honra,  
não trahir as bandeiras que jurára...  
Ao menos, na prisão, meu alimento,  
não será teu suor quem mo procure...  
teu pae será então mais compassivo...  
seus braços te abrirá... e ao nosso filho... ( *péga na*  
*mão d'Henriqueta, com ternura* ).

HENRIQUETA. (*com a maior angustia*)

Se te prendessem, Carlos, morreria;  
as portas da prisão foram da morte,  
fora a loisa para mim, fora o sepulcro.  
Gertrudes voltará... nosso filhinho  
inda podes beijar, abençoa-lo;  
e a benção d'um pae dar-lhe-ha ventura...  
Depois tu fugirás: fuge p'ra bordo  
d'alguma embarcação, francesa, inglesa,  
só lá podes achar seguro asilo;  
força alguma de lá pode arrançar-te,  
o desvalido ali sempre acha abrigo.  
Tu me farás saber o teu destino...

CARLOS. (*interrompendo-a*)

E tu ficarás só? e o nosso Henrique??

HENRIQUETA.

Irei lançar-me aos pés d'um pae irado,  
seu neto levarei tambem comigo,  
e dir-lhe-hei em prantos debulhada...  
„ Nós somos filhos teus, filhos banidos...  
„ caia só sobre mim o teu castigo;  
„ culpa que elle não tem, elle a não pague...  
„ embora eu só o teu desprezo soffra,  
„ não o faças, como eu, tão desgraçado,,  
Suas mãos beijarei, os seus vestidos;  
d'um pae o coração não é de bronze...  
seus labios não dirão,, eu te perdôo,,  
seus prantos mo dirão com voz mais doce...  
E o céo fará que um dia mais ditoso  
tu venhas completar nossa ventura.  
Eu vou sahir; aguarda-me, to peço:  
irei buscar alguém que nos empreste  
dinheiro p'ra levares..... (*sahe arrebatadamente p-*  
*la porta da direita, tomando no braço a mantilha*)

SCENA 5.<sup>a</sup> CARLOS. (so, entrando de vapor, e

CARLOS. (so, entrando de vapor, e

Que motivo

tão grande pode haver, para que eu fuja  
agora, e já?? muito grande, é o prigo  
aliás Henriqueta não teria  
valor p'ra me dizer, fôge. n. s. a. t. a. n. d. e. s. p. a. c. e. M.  
e quizera também acompanhá-me.

( com amargura, e resignação )

Proscripto buscarei na terra estranha

asilo, e protecção que a patria nega...

ali mendigarei pão do destêrro...

E s p o z a, f i l h o, p a t r ã, vou deixar-vos,

talvez que nunca mais estes meus olhos

se revejam em vós... Inutil pranto

os vêm embaciar: ninguém me veja...

é fraqueza chorar ... seja-o embora...

que se o pranto do crime a Deus é grato,

o pranto da desgraça não deshonra.

( sai para o seu quarto )

SCENA 6.<sup>a</sup> NARCIZO. (so, entrando de vapor, e

NARCIZO. ( so, entrando de vapor, e

como espreitando)

Felizmente encontrei a porta aberta;

Henriqueta sahiu; ia chorando...

e o fogo abraçador que me devora

seu pranto accendeu mais, se é possível,

Ingrata! o meu amor tu repeliste.

insensível a elle, a meus suspiros...

Soffria com prazer os teus caprichos

por que esperava por fim me compensasses...

Obrigado a fazer uma jornada,

em quanto de saudades me nutria;

vio esse official... cazou com elle...

e meu amor lavrou como o incendio

em ressequidos troncos ateado.

Sua sorte seguiu; e foragidos

julguei em terra estranha existiriam...

O acazo me guiou ; cheguei ao Porto ,  
a todos perguntei por Henriqueta ,  
ninguem soube dizer-me onde parava.  
Porém hontem a vi nesta janélla ,  
por acazo tambem : em breve soube ,  
passava por irmã do seu espozoz...  
Agora tudo sei... do seu desprezo  
meu amor colherá doce vingança .  
Meu projecto não falha ; e será minha...  
( batendo com força , sobre a mesa ).  
Senhor Carlos da Silva !!

SCENA 7.ª

NARCIZO , e CARLOS .

CARLOS. ( admirado de o ver )

Quem me chama ?

NARCIZO. ( disfarçando )

Não receie , sou eu : minhas promessas  
que fiz esta manhã , venho cumpri-las.

CARLOS. ( como desconfiado )

E não posso eu saber com quem eu fallo ?  
e qual motivo tem para servir-me...?

NARCIZO. ( comprimindo um gesto  
d'ira )

O motivo que tenho p'ra servil-o ? ! ?  
Sou amigo do pae de sua espozaz...  
Meu nome ? sou Narcizo da Fonseca.

CARLOS. ( surprehendido )

Narcizo !! aquelle a quem...

NARCIZO. ( interrompendo-o )

Sua consorte  
recuzou por amante , e por marido.

CARLOS. ( *como dubitoso* )

Inda ha pouco julguei era um alcaide...

NARCIZO ( *com altivez* )

Alcaide não sou eu ; fui magistrado. ( *á parte* )  
Henriqueta , inda bem ! não contou nada.

CARLOS. ( *como fallando consigo mesmo , mas em voz alta* )

Henriqueta , assustada , receoza...  
não devia tremer á sua vista...

NARCIZO. ( *com ar maligno* )

Tremia , e com razão ; tinha-lhe dito  
noticias , que sua alma attribularam.  
( *tira um jornal d'algibeira , e entrega-lho , mostrando-lhe um artigo* )  
Queira ler , e verá se era sem cauza.  
[ *deve ter no rosto a expressão da maldade* ]

CARLOS. ( *pegando no jornal , e lendo o titulo do artigo* )

Uma sentença ! ó Deus ! e é d'Alça da...!!  
[ *lendo em voz alta , e lúgubre* ]

„ A' vista do processo , condemnamos  
„ o réo Carlos da Silva , á revelia ;  
„ de morte natural morra para sempre „

[ *com dor profunda* ]

„ As portas da prisão foram da morte „ ...  
assim disias tu , minha Henriqueta...

Morrer n'um cadafalso...! novo ainda...!!  
deixando a espoza , o filho envilecidos...!

envilecidos ? ! ? não : não é deshonra  
o ser martyr da lei , da liberdade...

[ *com enthuziasmo os dois ultimos versos* ]

NARCIZO. ( *com hypocrizia* )

Agora pode ver se generoso

eu sou com um rival, que aborrecia ;  
 exponho os dias meus ; quero salva-lo.  
 A policia, já, sabe o seu azilo,  
 talvez não tardará a vir prende-lo,  
 é preciso fugir, venha, comigo ;  
 ninguém o julgará em minha casa ;  
 ali estará seguro e sua espôza  
 ali poderá viver todos os dias.

*Carlos. (com franqueza, e gratidão)*

Generoso rival, suas virtudes  
 o céu compensará. Eu o julgava  
 o meu perseguidor ; vejo o contrario.  
 Perdão, se o offendi ; minhas suspeitas  
 não eram sem razão ; porém, agora  
 eu já lhe posso dar nome de amigo.  
*[apertando-lhe a mão, em prova de amizade.]*

*Narcizo. (com prazer maligno)*

Não perca um só instante, vá vestir-se ;  
 um disfarce qualquer... eu mordo pelo...  
 o chapéo carregado sobre os olhos ;  
 no capote embuçado, não recele  
 o possam conhecer. Venha de pressa!

*Carlos. (indo para o seu quarto)*

Pois sim ; eu volto já.  
*[sai pela porta da esquerda]*

SCENA, 8.<sup>a</sup>

*Narcizo. (so, com malignidade)*

Pobre, coitado !  
 Como facil me foi o convencer o...  
 agora em meu poder, a sua vida,  
 sua morte talvez, della depende...  
*(este ultimo verso dize-o, com furor)*

SCENA 9.<sup>a</sup>

HENRIQUETA, e NARCIZO.

HENRIQUETA. (ao entrar, vê Narcizo)  
(dá um ai e recua assustada e com horror)

Narcizo! tu aqui!!?

NARCIZO. (hypocritamente)

Arrepellido...  
eu venho do meu remorso comprovar-te.  
Malvado não me julgues; sou adiante,  
ou antes já o fui... agora escravo;  
só pertendo adorar tuas virtudes,  
salvar o teu esposo do patibulo.

HENRIQUETA. (receosa)

Salvar o meu esposo! não me illudas...  
eu leio no teu rosto a hypocrizia...

NARCIZO. (affectando verdade, e franqueza)

Se o quisesse perder viria acazo  
por elle comprometter minha existencia?  
Uma palavra só não poderia  
levá-lo da prisão ao cadafalso?...  
(com flegma amargura)

E o proprio não sou eu que lhe procuro  
os meios de te ver todos os dias?  
Não desmentem os factos, o conceito  
que tu, e com razão o tinhas formado  
de mim, porque te amei como um possesso?

HENRIQUETA. (entre o susto, e a  
esperança)

E Deus será juiz... não permita elle  
que a esposa, o filho, o pai sejam vendidos.



NARCIZO ( *com affectado remorso* )

Tens razão; tens razão, este o castigo  
d'um amor, qu'inda mal chameja ainda...

SCENA 10.ª

HENRIQUETA, NARCIZO, e CARLOS.

( *Carlos vem do seu quarto com um capote no braço, e o chapeo na mão; pousa ambas as couzas em cima de uma cadeira; vem mas bem vestido; traz sobre-casaca militar; e prompto, como quem vai sair; Henriqueta vai abraça-la com a maior ternura; e ficu entre Narcizo, e Carlos.* )

NARCIZO ( *vendo os esposos abraçados; com expressão de ciozo furor, á parte* )

Maldição...! maldição...! caia sobre elle  
que até na desventura, é tão ditoso...

CARLOS ( *separando-se dos braços de Henriqueta, e apresentando-lhe Narcizo.* )

Aqui tens o amigo generoso  
que me veio salvar; me dá guarida.  
Não me querias dizer minha sentença...  
já sei que fui á morte condemnado...!!

HENRIQUETA. ( *com instancia* )

E' por tanto mister que tu embarques;  
não podes ter em terra segurança.  
Apenas te deixei, corri a caza  
da tia Genovêva; ao bom Antonio  
a verdade contei; em soluços...  
jurou nos serviria em vida, e morte.  
Pegou no seu dinheiro offereceu-mo,  
obrigou-mo a aceitar: e foi correndo  
a caza d'um inglez buscar um passe,  
para poderes ir neste Paquete. ( *dá uma bolsa Carlos* ).

CARLOS. ( *com amargura* )

Eu quero ver primeiro o meu filhinho,  
a derradeira vez talvez que seja...

NARCIZO. [ *com disfarce* ]

Ainda o ha-de ver, e muitas vezes...  
porem não deve agora demorar-se,  
pode vir a policia; algum esbirro;  
surprender-nos aqui... seremos prezos,  
e depois, ai de nós ! ai de seu filho !

CARLOS. ( *abrãçando Henriqueta* )

Adeus querida espoza... ! o céu te guarde...  
e recompense alfin tuas virtudes...  
Longes terras correr, vou longês mares...  
porem qualquer que seja o sitio aonde  
a sorte me guiar no meu desterro...  
tu serás, Henriqueta, a minha esperança,  
meu conforto na dor, meu intentivo,  
para a vida prezar, que te é tão cara...  
Ouzado affrontarei da morte os p'rigos;  
no meio dos combates, o teu nome,  
será nome de guerra, e de victoria...  
E cheio de valor, cheio de brios  
eu virei resgatar a minha espoza,  
resgatar o meu filho, a minha patria,  
do jugo da oppressão, da tyrania...  
Mutilados então estes meus braços,  
não poderão, talvez, entrelaçar-se  
nos braços d'amor; porem meu peito  
sentirá palpitar, ao teu unido,  
teu puro coração; e os teus alentos  
meus labios sorverão, ébrios de gozo...  
Mas se acazo os meus olhos se fexarem  
p'ra nunca mais se abrir... diz ao meu filho  
que eu nunca fui traidor, que'elle o não seja...  
que as sentenças dos homens são falliveis,  
mas que da honra as leis não mudam nunca...  
Na tua viuvez não desesperes...

Deus é justo... e por fim no céu teremos  
existência feliz, imperturbavel...

Adeus !...  
(arranca-se a custo dos braços d'Henriqueta, como pa-  
ra sair ).

SCENA II.<sup>a</sup>

NARCIZO, ANTONIO, HENRIQUETA, e CARLOS.

ANTONIO. (com um bilhete na mão, esbaforido)

Pouco tardei; não é verdade?

Corri, minha cidade, n'um instante.

(entregando a Carlos o bilhete)

Aqui tem o bilhete para bordo;

mas só pode embarcar por alta noite;

então as sentinellas estão dormindo...

mas agora não tarde; vamos; vamos...

e tempo de chorar fica de sobra...

CARLOS. (pegando na mão d'Antonio, com  
a expressão de reconhecimento)

E como posso eu recompensá-lo...

ANTONIO. (como enfadado)

Se acaso me pagasse, não teria  
o prazer de o servir... homens do povo  
tambem tem coração... tambem tem alma.

HENRIQUETA. (abatida, temendo que  
a demora prejudique a fuga)

Adeus ! Carlos ! adeus !

CARLOS. (abraçando-a)

Adeus querida !

(tirando a bolsa que lhe deu Henriqueta).

Mas devo repartir este dinheiro,  
tu careces pagar ama Gertrudes...

ANTONIO (*zangado*)  
 Santo nome de Deus! Não deixa essas coisas... não ha tempo a perder; ama esta paga que eu lhe não sei quem lhe pagou... fosse quem fosse... Mas se ateima a ficar, fique-se a embôra, depois diga, "ó Jesus", chore na cama, ... que, segundo se diz, é lugar quente, (pega no capote de Carlos, põem-lhe aos hombros, e dá-lhe o chapéu). Quanto mais se demora mais lhe custa.

HENRIQUETA (*com interesse*)

Mas quem foi que pagou? talvez que fosse...

ANTONIO (*disfarçando*)

Eu de certo não fui; talvez seria aquelle Senhor além, tão disfarçado.

NARCIZO (*como aproveitando com prazer o engano; que lhe attribue aquella acção*)

Eu peço mil perdões...

CARLOS (*cheio de gratidão*)

Fico vencido...!

Tão nobres corações desconhecia; sem receio nenhum, a minha sorte confio em suas mãos... vambos... adeus! (Sahe arrebatadamente; dizendo este adeus a Henriqueta com a maior saudade: Narcizo, e Antonio sahem com elle.)

## SCENA 12.ª

HENRIQUETA (*só vae até ao pé da porta como para segui-los; para; escuta ao pé da porta*)

Inda sinto os seus passos na escada.

( como quem nada sente, vai á janella do fundo )

Lá sahio embaçado no capote.....

Narcizo vai com elle... Antonio segue-os...

em distancia porém... passa um soldado...

( com o maior susto : e tremendo )

parou... olhou p'ra ellea... vai segui-los...

não... não... lá vai seguindo o seu caminho...

Ao fim da rua tomam p'ra direita.....

a esquina se encobria... Antonio agora

tambem já se não vê... Meu Deus ! livrai-me

deste susto cruel... deste receio... ( senta-se abatido )

Narcizo de manhã jura vingança

agora o seu perdão submisso implora...

mas se, traidor, quizer a sua morte?? !

é horrivel de mais tão grande crime... ( Sente-se leve  
ruído á direita )

Eu creio sentir bulha ; alguém subindo...

( ergue-se assustada )

talvez seja a policia.....

hezitu um instante ; fêza a porta do seu quarto e tiru  
a chave, que mette na seio

No meu quarto ,

assim lhes farei vêr, está escondido...

a porta arrembarão, ganharei tempo...

( Entra Gertrudes com um menino dormindo nos braços, coberto com o capote, Henriqueta cheia de susto, cuidando ser a policia, olha com terror, vê o seu filho ; a sua physionomia deve mostrar a transição rapida de sentimentos tão oppositos ; corre para elles, como em delirio )

Ea te bem-digo ó seo ! é o meu filho...

( abraça o filho nos braços de Gertrudes, ficando em ex'azis, cala o panno )

FIM DO SEGUNDO ACTO.

---

## CHRONICA HISTORICO-POLITICA.

( Em 18 de Dezembro de 1839 )

---

### *Península Hispano-Luza — PORTUGAL.*

Depois de 18 de Novembro, data em que escrevemos o artigo *Chronica* de nosso antecedente numero, vimos em nossa terra um mui notavel acontecimento, e foi elle a mudança do ministerio occorrida em 26 daquelle mez. Sendo certo que taes mudanças são communs e frequentes nos paizes que se governam por uma constituição, por um systema representativo, e sempre feitas segundo a *livre vontade* do chefe do estado, a mudança ultimamente occorrida foi precisamente feita em virtude daquelle prerrogativa constitucional, a qual é ella mesma uma essencial condição para a manutenção da necessaria independencia do equilibrio dos poderes politicos. Ninguém dotado do mais commum senso, desassombrado de preconceitos, ou não fascinado pelo espirito de partido, se atreverá a sustentar que desde 10 de setembro de 1836 o chefe do estado, a quem a escolha de seus ministros ficou livre segundo as disposições escriptas, haja usado *livremente* desta faculdade; as provas que para esta asserção temos são materias, e exuberantes; foi esta a primeira vez que desde então o chefe do estado ponde fazer uma escolha propriamente sua; e todavia não faltou pena que escrevesse, e prelo que imprimisse, que a rainha de Portugal se achára em coacção quando entendeu que devia demittir uma administração, a qual pelo caminho que levava tanto no interior, como, e ainda muito mais, no exterior, ia conduzindo a nação a uma situação verdadeiramente arriscada. Que os negocios do estado ião levando esta direcção, é já de ha muito conhecido dos homens que pre-

rando a dignidade de seu paiz , não podem contudo desconhecer a peculiar situação em que elle se acha , e a que foi *progressivamente* conduzido , desde uma época ominosa ; mas cumpre tambem , respeitando religiosamente as instituições constitucionaes ultimamente vigentes , arredar quanto se possa as consequências a que evidentemente nos levariam principios exaltados , e incompatíveis não só com a constituição , mas com a opinião geral que voga no paiz , e que tão claro se tem pronunciado.

Dizendo que o chefe do estado tem a faculdade , garantida pela constituição , de escolher livremente seus ministros , não queremos entender , que elle os escolherá sem attenção alguma ás circumstancias do paiz , e só em attenção aos caprichos de sua vontade ; como elle , collocado acima de todas as paixões , e absolutamente estranho á influencia das mesmas , não pode ter outro dezejo , nem outra vontade que concorrer quanto pode dentro dos limites constitucionaes , para o maior bem do maior numero de seus subditos , é evidente que aquella escolha , quando unicamente vem da sua vontade , não pode prezidir outro pensamento , de modo que deve ter-se como certo que não escolherá individuos de quem não espere exactamente o complemento do seu dezejo : as circumstancias peculiares em que o paiz se acha devem ter grande parte nas razões que determinam a mesma escolha ; se estas circumstancias são *normaes* , a falta que o chefe do estado póde cometer de não dar-lhes quanta attenção ellas merecem , é facilmente remediavel ; lá está a *opinião publica livremente emitida* , e lá está o correctivo nos corpos colegiativos ; mas quando as circumstancias não são *normaes* , aquella opinião publica não é livre , nem sob o seu *necessario* e poderoso influxo foram escolhidos os membros daquelles corpos . E quem poderá dizer que o estado em que o paiz se collocou desde 10 de setembro de 1836 haja sido esse desejado estado normal ! Quem negará , que desde aquella época principalmente se tem arteiramente emitto , propagado , e affincadamente sustentado doutrinas exageradas , e perigosas , que se não fiseram brecha na maioria dos

indivíduos, que ou por seu natural bom senso, ou por sua lição, e instrucção tiveram em si cabedal de força sufficiente para as repellir, desfazer sofismas, e avaliar em seu devido toque os argumentos dos sofistas, e dos *pseudo liberaes* ( não tem os o menor receio de assim os denominar ) tiveram comtudo facillimo ingresso no espirito da classe menos illustrada, e a mais disposta para receber impressões novas, e capciosas, que lisongeando as paixões lhes fiseram abraçar a nuvem por Juno, a *licença pela liberdade*, a igualdade perante a lei pela igualdade chimerica da natureza ! E todavia tal foi o talismão com que effectivamente se alienou a razão de muita gente incauta, inexperta, e innocente ! foi por este meio que *interessados astutos* souberam formar as *virtuosas massas*, e estabelecer o poder occulto, que tem tyrannizado o paiz, e com que foi forçoso que o chefe do estado contemporisasse, para impedir graves, e talvez irreparaveis damnos; foi-lhe forçoso sofrer um grande mal para evitar outro muito maior, e sacrificar em holocausto ao verdadeiro bem publico muitos quilates da sua propria dignidade, e até uma grande porção da livre vontade; por que não tendo esta outro norte que a prosperidade do paiz, e *subordinando-se* ao imperio de circumstancias, que não podiam pela natureza das couzas deixar de ser transitorias, com este sacrificio evitava males a que necessariamente conduziria o estado, se na effervescencia e cegueira das paixões, se á violencia da torrente quisesse oppor uma resistencia inopportuna, imprudente, e temeraria, que desgraçadas experiencias haviam provado, em ensejo identico, debil e inefficaz ! Foi mister esperar do tempo o seu necessario offeito; e o tempo, que é o maximo calmante de paixões desordenadas, que é o mais poderoso antidoto das theorias abstractas, e o tremendo escolho dos projetos ambiciozos, produziu o seu salutar effecto ! O paiz tem plenamente reconhecido seus verdadeiros interesses, estrechado seus sinceros amigos, e aprendido por uma penosa experiencia, que o ruio que levava o não conduzia á prosperidade porque anheia, por que tanto se tem sacrificado, que tão seguramente lhe fora promettida, e que tão



ligeira vê fugir-lhe ! Foi pois eminentemente proveitozo o grande sacrificio, porque a mudança que em pouco se fez no espirito publico, foi o fructo das proprias sensações; a nação fascinada correndo após um fantasma, uma illusão, viu-se á borda do abysmo, prestes a precipitar-se nelle, viu esvacer-se o fantasma, reconheceu o perigo de sua situação, e recuando diante d'elle indigita com horror a fatal origem da sua desgraça !

Esta mudança palpavel, e de que, facilmente se apercebe qualquer que de boa fé examine o que se passa, e percorrendo o paiz converse com o povo, reconheça as suas tendencias, as suas necessidades, os seus desejos, e sincera cooperação, tem pouco e pouco restituído ao chefe do estado a dignidade, que deve ser seu attributo essencial, e o livre exercicio das attribuições que a constituição lhe marca, para com ella *na não* tornar em realidade suas disposições beneficás, e impôr silencio ao poder occulto que o assoberbava.

Mallemos claro : a revolução perdeu o prestigio com que se apresentou; não cumprindo couza alguma do que havia promettido, reproduzindo com mais intensidade os erros que condemnara, augmentando a vultosamente o mal que se propunha remediar, destruiu-se a si mesma, justificou a sua superfluidade, e não deixou a convicção da necessidade de sustentar o código fundamental que della proveio, como penhor d'alliança constitucional !

Reconheceu o chefe do estado que o seu ministerio, possuido sim d'um louvavel desejo de conservar intacta a dignidade nacional, havia comtudo errado o caminho menos arriscado, e mais proprio para conseguir esse nacional desejo; que destituido da precisa tactica, da circumspecção que necessariamente lhe dictava a situação difficil, em que o paiz se achava depois de tres formidaveis acontecimentos historicos, a *usurpação*, a *restauração*, e a *revolução*, ia compromettendo cada vez mais aquella mesma dignidade, que blasonava sustentar; e usando da prerogativa constitucional, de que ainda ha bem pouco não podéra usar sem a venia do poder occulto,

substitue seus ministros por outros, que como aquelles, com a constituição de 1838 na mão, com iguaes desejos de fazer respeitar as leis, possam com tudo ser mais afortunados *em promover a tranquillidade publica, a segurança individual de todas as classes, quaesquer que sejam seus principios politicos, uma vez que respeitem as leis vigentes; em melhorar os ramos da administração publica, — e em manter o decoro nacional assim nas suas relações exteriores com os paizes estrangeiros, como nos actos internos que ligam os governantes e governados, dando seguras garantias d'ordem e de liberdade;* e tal é o programma que o novo ministerio solidario apresentou no dia immediato ao da sua nomeação, por intermedio do ministro do reino. E sendo estes os principios que professamos, e que sempre sustentamos, seriamos inconsequentes se não prestassemos nosso debil apoio a uma administração em que reconhecemos a precisa capacidade de satisfazer aos desejos do chefe do estado, aos votos dos amigos da ordem, e da paz, e ás necessidades do paiz. —

Sem embargo do azedume com que a imprensa da opposição guerrea a nova administração; da anticipada censura com que stigmatiza *futuros* que ainda não foram *actos*, nem de certo *pensamentos*; e até do subito com que foi colhida quando a mesma administração appareceu formada, confiamos muito de boa fé dos membros mais conspicuos da opposição, que a mesma administração ha-de ser cavalheiramente recebida na proxima sessão do parlamento, perante o qual apparecerá firme em seus principios, e segura de suas intenções; e segundo cremos, apresentará propostas importantes, e necessarias para bem da ordem, e da paz publica.

Com o acontecimento sobre que acabamos de fazer as antecedentes reflexões, caducaram as conjecturas que sobre mui *claros symptomas* haviamos formado para o tempo da reunião dos representantes da nação; mas nem porisso deixam de suscitar-se novas, e que pelos precedentes nada tem de temerarias; confiamos porem em que a *vigilancia do governo*, e o leal desempenho de seu programma, ha-de desconcertar projectos, se por acaso alguma ha na mente.

Não podemos deixar d'elevant o nosso brado contra o inaudito, escandalozo, e temerario arrojo do capitão Elliot commandante do brigue Inglez Columbine, que entrou no Zaire, e ahi apresou alguns navios, tomando por pretexto a convenção celebrada entre o vice-almirante Noronha e o capitão Turker, em 29 de maio de 1839 em Angola, e talvez o decreto de 10 de dezembro de 1836, e principalmente pelo modo com que procedeu a respeito do brigue de Lisboa *Neptuno* e da escuna d'Angola *Angerona*, apresando estas embarcações, passando suas respectivas tipulações para o Paquete de Loanda que casualmente passava, e á vista do qual meteu a pique aquellas embarcações, em uma das quaes estava arvorado o pavilhão portuguez! E' muito para confiar da dignidade do governo britanico, que não deixará impune o attentado commettido pelo capitão Elliot, que tão desnecessaria e cobardemente comprometteu a sua nação, e governo, dando ao de S. Magestade Fidelissima a satisfação que lhe é devida.

ESPAHHA. — A suspensão das cortes até o dia 20 de novembro não foi senão o preludio da dissolução a que ellas haviam forçado o governo; o espirito dominante destas cortes estava claramente pronunciado; e o ministerio que tanto havia merecido da patria. pelo que havia concorrido para o glorioso *convenio* de Vergára, nada mereceu da maioria dos representantes, sem embargo da unanime approvação que deram ao mesmo *convenio*! contradicção notavel, e que por isso é uma prova sobeja de que naquella maioria fazia menos impressão a necessidade da *Parificação da Península*, que o interesse de partido! O governo pois reconhecendo sua posição e a força que aquelle feliz successo lhe havia grangeado, escudado pela opinião publica, e pela voz unisona da *Parificação*, publicou em 18 de novembro o decreto de dissolução das cortes, e a convocação de novas para o dia 18 de fevereiro.

Os trabalhos electoraes a que se vae procedendo fazem esperar que os desejos, e as necessidades pa-

blicas serão coroados dos mais lisongeiros resultados, e que as futuras cortes serão a expressão da verdadeira vontade nacional.

O ministerio foi por essa occasião reforçado com dois novos ministros, o snr. Montes de Occa para a marinha, e o Snr. Calderon Collantes para o reino: estes cavalleiros gozam d' uma reputação bem merecida: não menos por sua litteratura, que por sua probidade, e opiniões, de modo que seus illustres nomes são por si solidos penhores de ordem.

O estado de progressivo melhoramento no paiz vae-se sensivelmente conhecendo, como resultado feliz do convenio de Vergára. Na Catalunha tambem se sentiam ja seus beneficios, e a bem fundada esperanza de naquelle principado terminar a guerra civil por modo identico áquelle com que terminara nas vascogadas, e muito mais depois da expulsão do conde de Hespanha, pela propria junta carlista de Berga em 23 d' outubro, nomeando para seu successor no commando o general Segarra, carlista moderado, de quem o conde era emulo em razão da affeição que áquelle tinham os soldados. Tragico foi o fim de *sanhudo* conde d' Hespanha, que acompanhado pelos membros da junta Orteu, Ferrer, e Lavandero foi por elles conduzido pelo Valle d' Andorra para o meio dia de França, aonde o deixaram errante pelas montanhas; e no dia 2 de novembro foi o seu cadaver encontrado crivado de punhaladas, nos despenhadeiros de Col de Nargó.

Na Galliza, apesar de as hostilidades haverem novamente começado da parte dos facciosos, haviam elles encetado negociações para a pacificação, mas suas propostas sendo pouco proprias de sua situação, as authoridades legitimas entenderam que as não deviam acceitar; os facciosos comtudo tem soffrido reverses, e teram d' acolher-se á benevolencia da nação, e da rainha. Resta apenas no alto Aragão e nas montanhas do Maestrago a facção Cabrera occupando Morella, e Cantavieja ainda com forças consideraveis, mantidas em apparente união pelo temor e actividade daquelle facinhoso cardilho. O Duque de Victoria com numerosas forças vae occupando o terri-

torio circumjacente, e sem expôr seu exercito a desnecessarios empenhos, espera do tempo a oportunidade de acabar com a facção, ainda obstinada e esperançosa na sua formidável posição, e em mui parciaes vantagens em alguns recontros na Mancha obtidos pelo feroz Pallilos. —

INGLATERRA. — Movimento revolucionario em Newport no paiz de Galles, e no dia 4 de Novembro. *Frost* antigo Magistrado, e exaltado demagogo da seita dos *Cartistas*, á testa de 10 mil sectarios, pela maior parte operarios das ferrarias, entraram na cidade, a qual s' encheu de bem fundado terror, por que as intenções dos revolucionarios haviam-se manifestado tremendas. Poucos soldados d' um destacamento do regimento 45, e as bens acertadas providencias e denodo do Maire poderam suster os sediciosos, e salvar a cidade, ficando presos os chefes *Frost* e *Waters*. Reconheceu-se que esta tentativa tinha vastas ramificações, mas o governo empregava toda a sua vigilancia, energia, e actividade para as cortar, e destruir em sua raiz aquella perigosa e demagogica seita, e cujos primeiros e essenciaes principios são — o *suffragio universal*, e a *organisação d' uma camara alta electiva e temporaria*. Se a eleição do parlamento britannico fosse assim commettida á descripção d' uma avultada massa de proletarios, e de operarios fabricantes, que já por não poucas vezes tem posto Birmingham e Manchester em arriscadissima situação, qual seria o destino da soberba e rica Albion! A seita dos denominados *Cartistas* é hoje o mais terrivel flagello que afflige a Inglaterra.

FRANÇA. — Continua a polemica á cerca da *questão eleitoral*. E' sem duvida objecto vital a solução desta importante questão, a qual decidirá se deve ser o elemento d' uma revolução permanente, se o da paz e da ordem que ha-de presidir aos destinos da nação. A determinação *da capacidade eleitoral* segundo a *intelligencia e propriedade*, é objecto de mais alta importancia: o *censo*, isto é, a *quota contribuinte* deve ser o caminho do reconhecimento da *propriedade* sem a qual a ordem constitucional será sempre um ente de razão; cumpre fixal-o, como elemento

necessario d' uma *lei eleitoral* conforme ás necessidades d' uma sociedade constitucional, cuja prosperidade depende sobre tudo da paz publica, e do livre exercicio de trabalho productivo. —

As camaras haviam sido convocadas para 22 de dezembro corrente.

O Emir Abdel-Kader havia subitamente rompido as hostilidades em Africa, e adquirido decisivas vantagens sobre as armas francezas em dois recontros; vantagens que serão de pouca duração, porque o governo vae tomar as energicas medidas que a dignidade nacional reclama. Os Duques d' Orleans, Nemours, e d' Aumale pediram licença para combater nas fileiras do exercito francez.

QUESTÃO DO ORIENTE. — Acha-se pouco mais ou menos no mesmo estado em que a deixamos em nosso antecedente numero. Todavia depois das vantagens obtidas pelos Inglezes no Affghaniston a face dos negocios tem mudado a favor destes, em virtude das melhores disposições da parte da Persia para com elles; o que os fará socegar em relação aos projectos da Russia, sem embargo da boa intelligencia que agora existe entre o Czar e o Shah.

Esta protrahida questão resolver-se-ha talvez mais depressa pela parte que a Austria nella pretende tomar, porque acceitando a mediação para terminarem as desavenças ultimamente suscitadas entre a Prussia, Russia, e a corte de Roma, a condição essencial daquella mediação, é que aquellas potencias se não opporão ás medidas que a Austria vae tomar para a pacificação do Oriente.—

E' mui provavel que o Divan desistindo de pretensões hoje insustentaveis venha a arranjar-se com Mehemet-Ali, cuja essencial pretensão é a investidura hereditaria do Egypto e de Syria. —

# REVISTA LITTERARIA

## *Publicações Litterarias.*

**Economia Politica.** *Resumo dos principios d'Economia Politica de Mr. M.<sup>c</sup> Culloch, acompanhado d'algumas notas, e precedidos por um discurso preliminar, pelo Snr. Pinheiro Ferreira, Membro de muitas Academias e sociedades scientificas.* Entre as numerosas produções litterarias do Sr. S. Pinheiro, que como sabio distincto tanto tem horrado a sua patria, e tão conhecido é em todo o mundo litterario, havendo-se particularmente illustrado na Ideologia, e Direito Publico, e por modo tal que como publicista é hoje em dia um dos sabios que mais reputação goza na Europa, acabamos de ler aquella que annunciamos hoje. O nosso illustre compatriota propondo-se a abrir um curso d'Economia Politica, e hesitando pobre a escolha de um compendio que servisse de texto a suas preleções, deu a preferencia aos Principios de Mr. M.<sup>c</sup> Culloch, dos quaes fez um extracto reduzindo-os á forma puramente elementar, que publicou, fazendo preceder o mesmo resumo por um discurso preliminar, que é tambem o resumo da doutrina economico-politica por elle professada em seu curso, cujo principal objecto é para encher alguns vãos que o professor escocez havia deixado em sua obra. — Este discurso, com quanto resumido, encerra um rico thesouro daquella sciencia, merecendo particularissima menção o vigor, simplicidade, e appropriação das definições, que sendo a condição essencial de todas as obras didacticas, é nella que geralmente tropeçam todos os escriptores. Neste discurso aquelles que tem adquirido conhecimentos profundos da sciencia acharão um brilhante, methodico, e rico epilogo della; e os que se propõem a estudar a uma mui excellente guia para a collocação dos objectos, e arranjo das ideas. — Não acrescentamos mais cousa alguma a esta noticia, porque o nome de seu Auctor é recommendação sobeja.

O Snr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, acaba de publicar um excellente resumo de economia politica

reduzindo a estilo didactico o Cathecismo de J. B. Say. O joven Autor, que tanto se tem distinguido na Universidade de Coimbra, aonde ha mais de tres annos tem explicado aquella difficil sciencia, e da qual é hoje professor effectivo, reconhecendo que a forma dialogistica daquelle Cathecismo não podia jamais convir a um livro que se destina para compendio, e texto das prelecções, entendeu, que aproveitando o methodo, disposição, e ordem das materias, bem como as doutrinas do illustre professor de Paris, poderia do mesmo cathecismo coordenar-se um compendio que satisfizesse ás indicações exigidas; e com effeito coordenou os *Elementos de Economia Politica* com tal clareza, e exactidão, enriquecendo a sua obra não so com excellentes notas remissivas, mas com muita doutrina accrescentada ao texto, de modo que pode dizer-se que a publicação do joven professor de Coimbra é uma obra inteiramente nova. Mui pouco nos havia agradado a escolha que o conselho dos professores de direito havia feito do cathecismo de J. B. Say para compendio, e texto das prelecções na Universidade; dispensamos-nos aqui de produzir as razões em que fundamos nossa censura, por que são mui obvias; mas o Snr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio obviou todos estes inconvenientes reduzindo a obra do Snr. Say á forma competente, e dando-lhe por este modo um novo realce, sendo para o illustre professor mais um documento de seus talentos, e de quanto esta cadeira está tão bem preenchida. Recomendamos muito a leitura, e meditação desta obra. —

*Revista de Madrid* — Esta importante publicação para cujo credito e conservação tem contribuido e continuam a contribuir os principaes escriptores e litteratos hespanhoes, sahe todos os mezes em um folheto de 6 folhas d'impressão. Contem artigos escolhidos, e rubricados por seus autores, sobre *historia, litteratura, artes, politica, bibliographia, e biographia* d'algun contemporaneo illustre; e de mais disto a *chronica historico-politica* do mez anterior escripta com summa imparcialidade e sensatez.

Entre os nomes que se veem assignados no fim



dos artigos da *Revista de Madrid*, leem-se os do Marquez de Valgornera, D. Antonio Benavides, D. Francisco Martines de la Rosa, Duque de Rivas, D. Saturnino Calderon Collantes e muitos outros. Assigna-se em Lisboa na loge de livros de Antonio de Lemos — Rua Augusta; e no Porto — no Largo da Picaria N.º 1.

*Revista Medica Fluminense* — Temos lido esta publicação mensal desde o seu apparecimento ha mais de tres annos. Folgamos de a ver prosperar, e nos congratulamos com seu actual redactor que julgamos ser ainda o mesmo.

Os artigos originaes tem sido pela maior parte de grande interesse pelas novidades de materia medica e de therapeutica que nelles encontra um facultativo da Europa. O que ás vezes nos desconsola é o dialecto brasileiro, e a linguagem adulterada que se nota em quasi todos os artigos de correspondentes. Magôa-nos sobre modo o desprezo em que tanta gente tem a lingua materna! Aconselhamos ao Redactor que não mande para a imprensa as cartas de seus correspondentes sem primeiro as corrigir.

# INDICE

DO

N.º XXI.

I.	JURISPRUDENCIA — <i>O Snr. Silvestre Pinheiro, e o seu projecto deCodigo Politico.....</i>	209
II.	NAVEGAÇÃO DO TEJO.....	235
III.	ECONOMIA POLITICA — <i>Do Commercio..</i>	254
	..... <i>Dos Impostos indirectos.</i>	263
IV.	LITTERATURA — <i>Henriqueta ou o Proscrito. Drama.....</i>	266
V.	CHRONICA HISTORICO-POLITICA.....	305
VI.	REVISTA LITTERARIA. — <i>Bibliografia.....</i>	314

# 1916

1916

1916

1916

1916

1916

1916

1916

1916

---

(N.º XXII.)

REVISTA

# LITTERARIA

---

Um inedito.

---

EXCELLENCIAS DA IRMANDADE DA CAZA DA S. MISERICORDIA, COM A ORIGEM DOS PRIMEIROS HOSPITAES, QUE HOUE EM O MUNDO. OFFERECIDAS AO GENEROSO SENHOR DOM FERNANDO DE MELLO, DEÃO EM A S. SE' DA CIDADE DE EVORA; POR

*Francisco Rodrigues Cheirosó, da Villa de Borba natural. Recopilou-as em o anno de 1633 servindo de Escrivão da Misericordia da mesma Villa. (\*)*

---

Muito illustre Senhor. — Se eu tivera tal destreza (muito generoso Senhor) em escrever cousas dinas de ser lidas, como V. S. tem costume de fazer cousas dinas de ser escritas, estou certo que não podéra eu, a-sy para aproveitar á christandade com grandes exemplos de cousas novas, como para dila-

(\*) O A. deste opusculo escreveu varias Obras, nenhuma das quaes logrou ainda as honras do prelo. A *Biblioth.*

~~tar e augmentar~~ meu nome para sempre, empregar meu trabalho mais seguramente que escrevendo e engrandecendo com a rudeza de meu engenho os heroicos e generosos feitos de V. S., deixando-os como espelho e exemplo a todos os vindouros. Mas por que as forças são muito menores que a vontade, e nem a todos os pintores era concedido poderem pintar a imagem do grande Alexandre; deixando empreza tão grande para que novos Phidias e Lycippos as esculpão em *marmores de bronze* (a); offereço a V. S. estas excellências da Misericordia, virtude tão propria sua, que assy é conhecido por benigno e misericordioso, como outros por crueis e tirannos: as quaes o anno passado de 633 recopilei em o consistorio da Misericordia desta Villa, para allivio dos muitos negocios e papeis, com que me via oppresso e cansado, e pondo-lhe V. S. os olhos, estou certo levará tras sy os de todos. — De Borba em 10 de maio de 634.

A grande empreza aspiro, supposto que a facilitão bastantes cauzas. Recopilo ( meu intento é este )

*Lusit.* faz menção das seguintes = *Espelho de murmuradores.* *Espelho de bem criados.* *Pensil de sabios.* *Confusão de nescios.* *Descripção das artes liberaes.* = A estas podemos accrescentar mais outras duas cujos originaes temos á vista, e são = *Desengano da Vida.* *Em o qual se representão os innumeraveis trabalhos, traições, molestias, e enganos de muitos estados do mundo.* *Com hum tratado das excellências da irmandade da Santa misericordia.* = Publicamos este ultimo opusculo com o intento de servir como amostra do merito do A., para que se possa avaliar se seria ou não de proveito á litteratura patria a publicação das outras obras. Sem pertendermos prevenir o juizo de nossos leitores ácerca do presente opusculo, diremos somente que, dando desconto á ostentação da erudição sagrada e profana do A., ha nelle algumas noticias de aproveitar, mórmente a descripção do antigo Hospital Real de todos os Santos de Lisboa.

( *Advertencia dos editores* )

(a) Um homiem de Borba não podia ignorar a differença, que vae de marmores a bronze. Aqui houve lapso de penna. — J. H. da C. R

em summa e brevemente as excellencias da Irmandade da Sancta Misericordia: empreza, que requeria um grande e eminentissimo sugeito. A desculpa, que offereço, de haver emprehendido obra, que julgo tão grande, é que não accommeti o que pude eseuçar: porque a devação, que sempre tive desde meus primeiros annos a esta tão importante confraria, despertou minha vontade para mais com modestia que arrogancia descrever a menor parte de suas grandezas: quanto mais que por herança me toca este cuidado, como irmão seu que sou, e o menor de todos elles e menos caritativo; servindo este presente anno de 633, em que faço esta breve recopilção. Não duvido julgarão muitos a grande presumpção minha a haver reduzido a tão breve quantidade grandezas tantas: não ha sido senão considerada modestia, por que presumir em dilatada digressão medir por extenso maquina tão grande, fora a verdadeira presumpção se a livrassemos de arrogancia. — As cousas grandes a brevidade as comprehende, e a dilação não as alcança. Tal manifesta a terra um curto mappa; tal a maquina dos ceos uma breve esphera; em tal as portentosas grandezas da Irmandade da Sancta Misericordia, que ceos e terra comprehendem, se sujeitão a este breve epilogo e limitada narração.

Uma das cousas mais illustres, que ha em a christandade, é a Irmandade da Sancta Misericordia, que teve seu principio em Lisboa no tempo do felicissimo D. Manoel, e foi ordenada pela Rainha Dona Leonor no anno de 1498, e dahi se estendeu por todas as Cidades e Villas principaes de Portugal com grande gloria de Deos e edificacão da christandade, espanto da infidelidade, e geral proveito corporal e espirital de todos: porque de toda a Irmandade se elege um provedor e doze irmãos, e destes um escrivão, com que assistem as emprezas, que a oaza professa: seis delles são nobres, e outros seis de sorte inferior. Nesta Irmandade entra a maior nobreza de Portugal, e da gente da sorte inferior os mais limpos; e todos acodem ao serviço dos pobres; e exercicio de todas as obras de misericordia, como é curar os enfermos, servir-os, e enterrar os mortos, resgatar captivos, ca-

zar orfãos, visitar os pobres, e tudo o mais que a casa professa. E como o governo é tão grave e de gente escolhida para isso entre tantos, que por honra de Deos, e bem de suas almas sem interesse algum: servem; é grande a devação de toda a sorte de gente em dar esmolas a estas cazas, a quem muitos deixão por herdeiros de todos seus bens, para os despendarem ou nas obras assignaladas, que os defunctos declarão, ou conforme a disposição da Irmandade: e ha muitas heranças de cincoenta e sessenta, e cem mil cruzados, que todos se despendem em obras pias, porque a casa nenhuma renda pode ter, poro que podem ser administradores da que alguns defunctos deixão em seus testamentos, applicados a obras particulares, como a redempção de alguns captivos, ou cazamentos de orfãos, e cura de enfermos e necessitados: e com a caza não ter, nem poder ter renda, é ordinario na caza da Misericordia de Lisboa despendarem-se cada anno de quarenta até sessenta mil cruzados em obras pias.

E os Reis da corôa de Portugal são protectores, e de ordinario irmãos da Misericordia, o que muito augmenta o credito desta sancta irmandade como se viu em ElRei Dom Philippe o prudente, primeiro de Portugal, que vindo a este reino, sendo já conhecido o amor, que lhe tinha, e dezejo de honrar e fazer mercê a seus vassallos; determinou esta sancta irmandade que antes que entrasse em Lisboa fossem dous irmãos a dar-lhe conta de como os Reis de Portugal costumavão andar em ella, e assim forão ouvidos de Sua Magestade, que estimou muito o que lhes havião referido: e querendo os dous irmãos ao tempo de despedir-se beijar-lhe a mão, como o havião feito ao principio, não quiz Sua Magestade consentil-o, dizendo — Teneos, que si quando llegastes me besastes la „ mano como a vuestro rey, ahora que soy vuestro her- „ mano no ay para que uzeis de la misma ceremonia.—

Palavras dinas de sua grande christandade e prudencia, e de neto de taes Avós, como os de que descendia. Nem degenerou deste cuidado e precisa obrigação seu filho ElRei Dom Philippe o 3.º, antes uma das ceusas, que com maiores veras encomendou a

Infante Dona Anna sua filha , Rainha christianissima de França , antes de se partir pera aquelle reino , foi esta dizendo-lhe = Hareys lo posible , hija mia , que en  
 „ vuestro reino se instituya la Confraria de la santa  
 „ hermandad , para que los pobres sean mejor ali-  
 „ mentados , y sereis misericordiosa con ellos , so-  
 „ correndo sus necesidades , y no olvidareis la costum-  
 „ bre de darlles de comer ; algunas vezes hareys hi-  
 „ las para los que estuvierem en los hospitales , y  
 „ embiareysles los regalos que padiereis , y alguna  
 „ ves los visitareis , hareis lo que hazia mui a me-  
 „ nudo ElRei Luis : y aun que esto seria bien hazer  
 „ con todos , tendreis particular cuidado de hazerlo  
 „ con los de vuestro reino ; y esto os ajudara mucho  
 „ a gañar el coracion de Dios y de los vassallos , y  
 „ para satisfazer por las faltas que hisieredes en esta  
 „ vida. =

Não guardarão com menor zelo os nossos Chris-  
 tianissimos Reis de Portugal as leis da clemencia e  
 estatutos desta nobilissima Irmandade da Misericordia,  
 de que tanto se prezavão ; antes não se lhes offere-  
 cia occasião nesta parte que não executassem já com  
 viúvas , e orfãos , já com captivos e necessitados.

Atravessando ElRei Dom Sebastião a praça do  
 paço para o mosteiro de Enxobregas , eis que se che-  
 ga uma viúva pobre a elle com uma petição , dicen-  
 do a soccorresse como pai de affligidos e necessitados :  
 recebeo ElRey o papel , e remetteo a um dos que o  
 acompanhavão : mas ella affligida para ElRei ; — Se-  
 nhor , corre perigo minha vida e honra em a tardan-  
 ça. — Olhou-a ElRey , e pediu tinteiro e penna para  
 escrever , e en a mesma praça despachou o memoial  
 dizendo = As cousas desta qualidade em toda a par-  
 te se hão-de despachar , e se hã-de deferir a ellas =

Pois pera com os captivos quem com maiores ve-  
 ras guardou os estatutos desta grandiosa irmandade ,  
 que ElRei Dom Affonso o 4.º , porque havendo capti-  
 vo em a batalha do Salado ao Infante Abohamó , o  
 trouxe a Portugal , e tratou com toda a caridade e  
 cortezia , e depois o mandou a ElRey , seu pai , dan-  
 do-lhe liberdade livremente , que ainda que era ini-  
 migo , sempre fica resplandecendo o piedoso zelo des-



te magnanimo rei. Assemeilhando-se em este feito com o famoso philosopho Aristoteles , ao qual reprehendendo-o certos amigos seus , porqu e fazia bem a um homem perverso , respondeo = *Non mores , sed hominem commiseratus sum* = Não me compadeço de sua maldade , mas de sua humanidade ; não olho seus costumes , mas vejo que é homem , e de o ser me compadeço , porque não é bem que morra de mera pobreza = ; que os generosos ainda aos perversos soccorrem em suas necessidades , porque se deve esta obrigação á natureza , quando a merecimentos não seja devida ; quanto mais que quem me diz que este perverso se não tornará bom . Como se vio em aquella grande obra de misericordia espiritual , que o nosso christianissimo rei Dom João o 2.º fez sendopadrinho de um infiel , que se fazia christão , e se chamou mestre Antonio , que ao tempo do baptismo faltando por descuido um panno para se fazer certa cerimonia , o piedoso e caritativo rei não permittiu que houvesse dilacção em il-o buscar a outra parte , de uma manga de sua propria camisa rompeo um pedaço á vista de todos , com que se fez a cerimonia. Qual outro Alexandre Magno , do qual contão Rodiginio e Pierio Valeriano que para curar uma ferida que seu capitão Lysimacho havia recebido em certa batalha , tirou da cabeça uma touca , que trazia , que era em aquellos tempos o diadema dos reis , e fazendo-a pedaços lhe atou a ferida : mas ainda que são tão semelhantes estes casos entre si , differe muito o do nosso christianissimo rei ao de Alexandre , pois 'aquelle como catholico ia fundado em o essencial d'alma , e este como gentio em o particular do corpo.

Pois para com os necessitados quem foi mais piedoso que ElRei Dom João o 1.º quando estando sobre a villa de Torres Vedras , de que era Capitão João Cavalleiro , Castelhana , teve tanta compaixão da falta de sustento que tinham , que lhes mandou mantimento . e levantou o cerco , não lhes soffrendo seu generoso coração vêl-os estalar e perecer á fome.

O mesmo zelo teve o grande D. Nuno Alvares Pereira em cumprir e guardar o estatuto desta tam piedosa como christianissima irmandade da Miseri-

cordia , soccorrendo aos necessitados , quando havendo treguas entre Portugal , e Castella succedeeo em aquelle Reino uma esterilidade tam grande , que infinitos Castelhanos com suas mulheres e filhos , famintos , rotos , e descalços se passarão a Portugal a buscar remedio , e o acharão em D. Nuno Alvares , que a todos provêo larguissimamente.

E assim do zelo deste grande heróe , como da grande piedade e caridade christãa dos Reis passados , de que descendem , nasceo a muita que os Excellentissimos Duques de Bragança exercitão assim com esta tam importante Confraria , como com os pobres , e Conventos deste Reino , e ainda de fóra delle , não se contentando com ter certo Ordenado para se repartir com os pobres , e seminarios de meunos orfãos , como com tam grande zelo o faz o Serenissimo Duque de Bragança Dom João segundo do nome , e oitavo em a successão que hoje vive , e viva por largos annos para gloria do nosso Portugal.

Mas chegou a tanto a muita benignidade e piedade christãa da oaza de Bragança , que muitos Principes della se não derão por satisfeitos com menos que com exercitarem o officio de provedores da Mizericordia na sua Côrte de Villa Viçosa , como se vio no Excellentissimo Principe o Senhor D. Duarte , que fazendo officio de Abrahão reconhecia a Deos em qualquer pobre que via , esmollando-os a todos com um animo tão catholico , e caritativo , qual por extremado se louva em aquelle sancto Patriarcha imitando em este grande zelo , e piedade ao vivo ao virtuosissimo , e exemplo de honestidade o Duque Dom Theodozio seu irmão , Theodozio não só em o nome , mas em as virtudes daquelles celebrados Imperadores Theodozios : como se vio na ardente caridade que por toda a vida exercitou com os pobres , e necessitados , de que pudéra trazer innumeraveis exemplos : e em as ordinarias esmollas , que sempre deu aos Religiozos das Casas de seus Estados ao perto , e ao longe , que se espartou um grande de Hespanha de vêr no mosteiro de Sagres no Cabo de São Vicente , que chegavão lá tam longe as grandezas , e esmollas do principe Serenissimo , que não se contentando em a vida do bem que

fez a todos, não se esqueceo em a morte dos mais necessitados, principalmente dos Religiozos da Piedade, aos quaes provêo com tanta liberalidade, como a todos é notorio, tendo-lhes tam grande devoção, que algumas vezes por sua pessoa, e dos senhores seus filhos os servia á meza dizendo, que por sua dignidade, e religião merecião mais que Reis serem servidos, e quando com elles comia não soffria que o servissem, levando um moço fidalgo de menór idade para este ministerio.

E ao Catholico Dom João seu pae de glorioza memoria, que não se contentando com repartir muitas vezes as esmollas aos pobres com sua propria mão, desejava summamente de trocar seu grandiozo Estado por sua humilde pobreza.

Como se vio quando estando certos fidalgos de sua Caza numerando, e engrandecendo a grande somma de dinheiro, que tinha em o seu thesouro, elle como quem trazia mais o pensamento em as riquezas do ceo que sempre durão, que em as momentaneas da terra, que em o melhor perecem, lhes respondeo, qual outro Democrito, dizendo: “ rindo-me estou de vêr  
,, o grande cazo, que fazeis, e o excessivo cuidado que  
,, pondeis em o ouro e bens da terra; pois affirmo-vos na  
,, verdade, que se me fôra possivel deixar agora nes-  
,, te ponto todos os que eu possuo, que com grande  
,, gosto me trocara pelo mais humilde ganhão que tem  
,, a minha Tapada;” palavras dignas da grande christandade dos Catholicos progenitores, de que descendia.

Mas não há que espantar, que os nossos religiosissimos Reis se occupem em o exemplar exercicio das obras de Misericordia, e os principes, e os grandes os imitem, pois vamos ao Supremo Provedor da Misericordia Deus Nosso Senhor ainda no tempo em que andava representando-se aos homens com fausto e apparato divino por suas proprias mãos exercitar estas obras de Misericordia, serrava os olhos, amortalhava, e mettia em a sepultura aos que acabavão em seu serviço, e assim quando a Escripura falla da morte de Moises, diz = *Mortuus est Moises servus Domini, et sepelivit eum* = donde se verifica que o Senhor lhe assistio, e em seus braços acabou; e não só

esta obra de Mizericordia que é a ultima das corporaes exercitou este grande provedor; mas das mais não houve nenhuma de que nos não deixasse exemplo :

Elle remio cativos tirando tantos milhares de homens do duro cativeiro em que Faraó os tinha com tanta crueldade e rigores tam extraordinarios, como consta da Escriptura. Elle deu pouzada aos peregrinos em todo o tempo que aquelle povo andava pelo dezerto, trazendo una nuvem sobre suas cabeças, como tenda real que descansava aonde os arraiaes se havião de assentar, e se levantava quando se havião de mover, e levantar. — *Fuit illis in velamento diei, et in luce stellarum nocte.*

Deu de comer aos que tinham fome, fazendo descer grande copia de manná sobre os arraiaes, e provendo de manjar branco tantos milhares de almas com grande abastança, pondo-lhe cada dia meza de novo para mostrar o gosto com que o fazia.

Deu de beber aos que tinham sede, fazendo arrebentar de uma rocha agua em grande copia, e tam excellente no gosto, que se compara ao mel pela suavidade que tinha; = *De petra melle saturavit eos* = :

Vestio os nus conservando milagrozamente os vestidos a todo aquelle povo por espaço de quarenta annos, sem se gastarem, nem romperem.

Visitou os enfermos, e encarcerados, porque nas masmorras do Egypto consolava, e visitava aos affligidos.

Pois quando o Divino Provedor dá tal exemplo, que farão os irmãos da Mizericordia, os quaes devem imita-lo em ter muita caridade com os necessitados, fazendo-se semelhantes a elle em esta virtude.

Perguntado um'hora Demosthenes qual era a cousa que fazia aos homens semelhantes a Deus: respondeu o Philosopho = *Benigne facere* = o bem-fazer, e o bem-obrar; faz o homem semelhante a Deus.

Assemelhem-se pois os irmãos desta sancta irmandade com este divino Provedor, fazendo seu officio como devem, doendo-se dos pobres, soccorrendo-os, e amparando-os, tratando-os com brandura, e mizericordia, pois a esta chama, S. Chrisostomo arte liberal, que tem sua officina em os Céus, e por mestre a Deus, e não a homem algum.

Arte he a Mizericordia mais excellente , que todas as artes , porque as outras com a vida acabão , e com seus artífices enfermão , não são permanentes suas obras , apprendem-se de vagar , e com muito trabalho ; mas esta permanece depois da morte , resplandece em outra vida , acompanha-nos nesta , sempre connosco se occupa , nunca nos larga , e nunca nos deixa. Esta faz que não sejamos lançados , aonde aquelle avarento é atormentado , mas vai-nos guiando para o Ceo por caminho direito ; pelo que os irmãos desta sancta irmandade . que mais exercitarem esta arte , mais se enriquecerão de bens celestiaes.

E se não poderem dar a todos o que dezejão conforme sua ardente caridade , repartão com os mais necessitados , lembrando-lhes a viuva do Evangelho , que com dous ceitis exercitou esta arte ; e com isto satisfarão muito , e chegarão ao cume da perfeição , pela qual alcançarão maiores bens , que Reinos e Imperios : porque aquelles que distribuem com pobres , diz David = a justiça que tem de galardão eterno para sempre fica com elles = *justitia ejus manet in seculum.*

Salomão diz que quem se compadece do pobre dá dinheiro emprestado a Deus com ganho sabido = *foeneratur Domino , qui miseriter pauperibus* = quem empresta dinheiro a fim de cambio ou usura sempre se lhe restitue parte principal com augmento : e assim os irmãos da irmandade da Sancta Mizericordia repartindo com os pobres repartem com o mesmo Deus , pois a elle se faz o que aos pobres se faz ; pelo que elle toma á sua conta o galardão disso , como no-lo promette por S. Lucas o mesmo Christo : dizendo = não tem os pobres com que vos pagar o bem que lhes fazeis = *non habent retribuere tibi , retribuetur enim tibi in resurrectione mortuorum* =. Mas comtudo o galardão disso vos darei eu em a outra vida : consolação grande para os irmãos da Mizericordia , e para todos aquelles que exercitão esta grande obra como devem , repartindo suas esmollas com os pobres necessitados com bom semblante , caridade e diligencia , *non ex tristitia* , como diz S. Paulo , não com tristeza.

*Hilarem enim datorem diligit Deus.* Ama Deus a quem dá com alegre rosto, e quando se faz com pres-teza, porque são as obras de Misericórdia tam accei-tas a Deus quando se fazem como devem, que as es-tima mais que sacrificios, e holocaustos, assim diz elle por Oseas: *Misericordiam volo et non sacrificium* = quero misericórdia, e não sacrificio, porque a mize-ricórdia é o verdadeiro sacrificio, que lhe agrada muito.

Mandava Deus em a lei velha que entre os Judeos não houvesse pobres = *omnino non erit indigens et mendicus inter vos* = ; mas não quer isto dizer que os lançassem de si, como o fazem alguns irmãos da Misericórdia: mas que em vendo ao pobre lhe accu-dissem com tanta pressa, que não padecesse neces-sidade: e que assim não haveria entre elles pobres sendo logo soccorridos; muitas vezes lemos em os E-vangelistas Sagrados, que Christo nosso bem, indo an-dando parava; *stans autem Jesus*: e o seu parar sem-pre era para remediar misérias, porque como era official de Misericórdias em vendo misérias parava pa-ra soccorrer com misericórdias. Nos homens tudo são vagares e dilações, e estas muito extranhas, e ás vezes perigosas em os irmãos da Misericórdia, porque como affirma o Philosopho moral = *qui succurrere perituro potest, non succurrit, occidit* =, aquelle que po-dendo e tendo obrigação de soccorrer ao pobre o não soccorre, tira-lhe a vida. E Salomão diz em os pro-verbios; “nunca digaes ao vosso amigo, ide e tornai á-manhã que então vos darei o que pedis; dai logo a coisa que logo podeis dar, porque quem dilata a mercê que se lhe pede n’alguma coisa repara, e se re-para logo affronta a quem dilata a mercê:” donde de-licadamente veio a dizer o mesmo Seneca: —que mer-cês vagarosas erão injurias apressadas = *præcipientes injuriæ beneficia lenta* = ; porque quem de vagar vos faz a mercê, depressa vos faz a affronta: e os irmãos da Misericórdia que fizerem suas esmollas com tibieza e notavel tardança, affrontão ao mesmo Deus a quem as fazem: por isso lemos de Zacheo que quando houve de agasalhar a Christo em sua casa = *festinus descendit in domum suam* = depressa e a correr se foi a sua casa para mostrar a vontade com que o recibia.

Este cuidado que Zacheo teve em hospedar a Christo devem ter os irmãos da Misericordia em favorecer aos pobres, e enterrar os defuntos, pois esta ultima é sem duvida uma das grandes excellencias desta tam grandioza, como necessaria irmandade da Misericordia, da qual resulta aos irmãos grande honra, e se duvidarmos de verdade tam clara e manifesta ouçamos a S. Ambrosio fallando dos que enterrão aos mortos = *nihil est officio prostantius, quam vi conferre, qui tibi non potest reddere*; = não ha obra mais grandioza ( diz o Sancto ) que uzardes de Misericordia com quem vo-la não pode pagar; é obra desinteressada, e digna de uma irmandade da Misericordia, que não põe os olhos em mais que na miseria e necessidade, donde veio a dizer S. Agostinho = *sola misericordia comes est defunctorum* =.

Tudo o mais ( diz o Sancto ) falta em a morte, aonde parão os intentos dos que pertendem: a Misericordia passa adiante a fazer bem a defunctos de quem nada espera. Cuidou David que com nenhuma coisa Deus mais se honrava que com fazer mercês sem esperar retorno dellas.

Puz-me ( diz elle ) a fallar com Deus um dia, e que lhe disseste? *Deus meus es tu*; pera mim Senhor, nisto mostraes a honra de ser Deus, que com me fazerdes tantas mercês nada esperaes de mim: que espera o fogo de nós por nos aquestar? que espera o sol por nos alumiar? nenhuma coisa mais que nosso bem: pois esse fogo, esse sol declarão a natureza de Deus, e daqui se verifica a honra e grande merecimento, que resulta aos irmãos da Misericordia de enterrar aos mortos fazendo boas obras áquelles de quem não podem esperar recompensa em vida, e esta tanto maior, quanto é exercitada com gente mais humilde e abatida.

Que cousa de tanta edificação e exemplo é ver neste Reino tantos fidalgos, tantos illustres, e tantos grandes ir com a tumba da Sancta Misericordia ás costas a enterrar o pobreziinho, e o desamparado; e o que mais é de admirar levarem á sepultura homens infantes, com tantas solemnidades, e honras, como se vê em aquella grande obra que esta Sancta irman-

dade faz cada anno em o dia de todos os Sanctos, trazendo os corpos dos padecentes, e malfeitores para os enterrar em sagrado.

Um dos grandes castigos que Deus dava aos de Jerusalem por seus peccados era negar-lhes sepultura = *Erunť ( diz Jeremias ) projecti in vias Jerusalem ; non erit , qui sepeliat eos :* = achar-se-hão os corpos semortos lançados pelas ruas sem haver quem lhes dê pultura. Nem Eliseu teve outra pena maior que dar a Izabel mulher d'ElRei Acab, que faltar-lhe sepultura. Pois sendo tam grande mal o carecer de sepultura, grande é o merecimento e excessiva a honra, que os irmãos da Misericordia alcanção, de enterrar aos defuntos indo-os buscar ao lugar do supplicio, e aos hospitaes, que muitos irmãos da Misericordia fundão de novo pera que os pobres em vida sejam melhor servidos e alimentados: como se vio em esta nobre Villa de Borba patria minha aonde Jeronimo de Mello de Castro, fidalgo do habito d'Aviz, sendo Provedor em ella o anno de seiscentos e trinta, e os mais irmãos, que aquelle anno servirão levados de seu grande zelo, e ardente caridade tratarão de fundar um hospital na mesma Villa junto á casa da Sancta Misericordia, com tal traça e perfeição, que não ha mais que dezejar.

E os provedores e mais irmãos que de então para cá servirão, o vão aperfeçoando com excessiva caridade e notavel zelo. Verdadeiramente que com muita razão podemos chamar a esta grande obra de caridade obra herolca, e senão veja-se se é grande a obra do que funda um hospital publico para receber e curar enfermos pobres, porque ali a esse pobre se recebe confessando-o que é a primeira obra de Misericordia das espirituaes; se ensina ao ignorante; se roga a Deus pela saude do proximo, pois ali se vê a Deus, e se lhe diz Missa; se sacramenta, e se consola ao pobre; e se cumpre com as obras de Misericordia corporaes, pois se veste o nú; e visita, e cura o enfermo; e se morre em o hospital se lhe dá honroza sepultura. Logo esta obra de fundar hospital com razão merece nome de grande obra de Misericordia, pois abraça e leva após de si tantas Mize-



ricórdias. E daqui nasceu ao Papa Leão nono, como refere Segiberto em sua Chronica, e Platina em sua vida cumprir tanto com esta obra de Mizericordia, que até em sua própria cama deitava aos peregrinos enfermos; e assim em o anno de mil quarenta e oito havendo hospedado em sua casa e cama a um leprozo; logo desappareceu, e se entendeu haver sido o hospedado o mesmo Christo em figura de pobre; que não alcanção de Deus menores favores os que uzão de caridade com os seus próximos.

Donde veio a dizer o Apostolo: — quem ama com caridade ao proximo cumprio a lei: — porque não cometerás adulterio, não furtarás, não matarás, não dirás falso testemunho, não cobiçarás, e todo o outro mandamento nesta palavra se cumpre: = amarás ao proximo como a ti mesmo =. O amor do proximo não faz más obras, assim o cumprimento da lei é amor: e este se vê mais claramente em as obras de caridade, é esmollas que se fazem aos pobres: como se vio em a nossa Catholica Rainha a glorioza Sancta Izabel, que pela continua benignidade com os pobres, mãe dos pobres era chamada. Aos sãos provia as necessidades; aos afflictos consolava; aos enfermos visitava; aos defuntos á sua custa enterrava; e dos que via mais pobres fazia-se comadre, porque tivesse mais esuzas para lhes fazer bem. Se lhe faltava dinheiro, vendia os vestidos; vendo levar um nú á cova, tirou o Capello, que trazia na cabeça, e mandou cobrir ao corpo morto: em o tempo de grande fome deu aos pobres grande copia de trigo em tanta abundancia, que não pereceu ninguem á mingoa.

Nem teve menor zelo de caridade Hosualdo Rei de Inglaterra, do qual conta Marco Marulho em o livro primeiro dos exemplos, que tinha por costume de manter cada dia grande numero de pobres, que se ajuntavão em o Paço, e como um dia fosse maior a multidão dos pobres, que o comer que estava aparelhado, porque se não fossem os sobejos sem esmolla mandou fazer um prato de prata em pedaços, e repartio-o por elles. Acaso estava presente Adriano Bispo, e pasmado de tam notavel caridade, tomando a mão direita de El Rei, e beijando-a disse = mão

tão liberal em dar, nunca deve ser velha =. Dize-nos que ainda esta mão se mostra inteira, e sã, em o momento. Também Euphemiano Romano, e Aglaé sua mulher sendo ricos e sem filhos, cada dia com mezas postas davão de comer aos pobres, e os servião com suas mãos, pelas quaes obras, piaes merecerão ter tal filho como o bemaventurado Sancto Aleixo; com o qual só contentes guardarão dahi por diante continência: tantos fructos produzio a esmolla, deu á esteril parto, ao parto sanctidade, aos cazados castidade, e a todos o paraizo.

Destes exemplos devem de tomar exemplo os irmãos da irmandade da Sancta Mizericordia, assim nas esmollas que devem repartir com os pobres, como tambem em hospedar aos peregrinos, e necessitados, como obra que nasce da mesma fonte, porque o dar alguma cousa ao mendigo é obra de Mizericordia, assim hospedar aos peregrinos é obra de humanidade e clemencia, cuja virtude como e quando se ha-de exercitar, e quanto merecem para com Deus os que a exercitão, nos é manifesto pelos exemplos dos Padres antigos, e dos Sanctos, os quaes são celebrados pelas sanctas Escripturas, e pelas memorias dos Doutores da Igreja.

De S. Silvestre se escreve, que alem de outras muitas virtudes foi grandioso em hospedar peregrinos: e isto com tanto zelo, e caridade, que depois de ser Papa fez que de todos os peregrinos, que a Roma vinhão fosse sua casa hospital. De S. Gregorio Papa se escreve que não sómente concedia facil entrada em sua casa aos peregrinos, mas tambem os mandava chamar, pelas praças, e muitas vezes os servia á meza, pela qual humildade mereceo, ter a Christo por seu convidado, porque uma vez servindo virando-se para a outra parte, tornando a olhar achou menos um dos que comião, da qual cousa espantado consigo, a seguinte noite lhe appareceo o Senhor em vizão dizendo, que pois nos outros dias recebera os seus membros á caza e meza, era digno que em ella recebesse tambem a sua cabeça: e isto para nos deixar exemplo.

A estes se ajunte a maravilhoza diligencia de

Martha, a qual recebeu tambem ao Senhor em sua casa, intenta ao serviço ardente, e solicita em apanhar o comer, no que nos dá documento com quanto auidado, e amor devem os irmãos da Sancta Misericórdia hospedar e receber aos peregrinos, pois o Senhor lhes promette o premio dizendo = o que receber ao pequenino em meu nome a mim recebe = E em outra parte = o que a um dos meus pequeninos fizestes a mim o fizestes. =

Porque se todos desejamos ouvir aquella palavra em o juizo, — hospede fui, e me recebestes; — quanta maior razão será a quanta maior obrigação lhes corre aos irmãos desta Sancta irmandade em haver feito obras por onde mereção aqvil-a; pois tem a seu cargo os pobres e necessitados de sua Republica.

Mas pois me empenhei com a origem dos hospitaes; para acabar de rematar com este breve tratado direi sobre esta materia o que Auctores de credito referem.

Para entendimento da qual se deve saber quão antiquissima couza he assim em a Republica Romana; como em a Grega o haver hospitaes, de cuja verdade sejão testemunhas: Rosino, Thomaz Dempster seu commentador, e Alexandre ab Alexandro em seus dias Geniaes, e dos modernos o Padre Nicolau Canino da Companhia de Jezus em o seu livro da Sabedoria Simbolica dos Egipcios, referido pelo mestre Remon.

Mas se queremos fundar esta antiguidade em as letras sagradas, antiquissima cousa he o prezarem-se aquelles Patriarchas e Padres em a lei escripta, e em a da natureza de hospitaleiros: veja-se em Abraham, e em Loth quando receberão e hospedarão aos Anjos, e em Jetró Sacerdote do Madião, quando hospedou a Moises; e em a mulher Sunamitre fazendo sua casa hospedagem do profeta Eliseu. Se bem he verdade que em rigor não podemos dizer que estes propriamente fossem hospitaes em a forma que hoje os admitta e funda a Republica, fazendo á sua custa ou á dos particulares que os fundarão, e dotarão casas e lugares publicos, em que fossem recebidos e hospedados, e curados os enfermos pobres, peregrinos e forasteiros.

E disto também ha bastante antiguidade em as Republicas primeiras do mundo : em a Hebreá e Mo-saica algum rasto se descobre : em o Levitico mandava Deos , que em o enfermo tendo certos signaes de leprozo o encerrasse o Sacerdote , e o pozesse recluso por sete dias : alguns expozitores sentem que a estas partes , donde eram encerrados os leprozos se lhe devia nome de lugares publicos , de hospitaes e enfermarias , pelo menos o Abulenze chama lugar commum aquelle em que erão retirados os leprozos pelo Sacerdote ; com tudo o Padre João Lorino , da Companhia de Jezus , homem doutissimo e versado em as divinas letras lhe parece que tem mais probabilidade que os leprozos fossem encerrados aquelles sete dias em suas próprias cazas para separal-os dos mais a que não os infecionassem : seja o que fôr em proprias ou alheas por fim consta haver havido lugares deputados para hospitaes , e enfermarias , pelo menos pelos tempos adiante em a Republica Hebreá. Diz Jozeph , que o primeiro hospital que houve em Jerusalem o edificou , e fundou Hircanno ; e se houvessemos de falar das Republicas da Gentilidade , antiquissima cousa he em a Romana , e Grega o havel-os ; e fôra necessario fazer hum volume maior do que pede a brevidade que levo , para tratar dos hospitaes e enfermarias , que tinham os gentios em seus povos e Republicas : mas segundo os juristas , como consta do direito civil , Jotico ou Zotico foi o primeiro que servio em hospital publico de hospitaleiro , assim o traz e cita Stephano Doiz em seu indice , ou septima parte do Direito Civil em a palavra = Hospital =.

Mas chegando-nos mais á nossa Republica Christãa , o que sabemos he o ser tão antigo em ella o fundar hospitaes , e o exercitar-se esta virtude , que se vê claramente pelo muito que se encarrega em os Concilios Sanctos , pois já em o Concilio Caldenocense , e Quirgranense que se celebrou em tempo do Imperador Ludovico primeiro , ja se encommendava esta virtude , pois he tão filha de sua obrigação , e do officio que exercitão.

Conta Jorge Beneto em o tomo primeiro de seus problemas que em o valle de Ebron se fundou um hos-

pital aonde se dava cada dia de doze até treze mil pães de esmolla continuamente , mas não ha para que nos admirar desta grandeza se nos lembramos do grande hospital que mandou fazer S. Gregorio Papa junto a S. André de Jeruzalem; e o grandiozo da ordem de S. João primeiro fundado em Jeruzalem , e depois trasladado a Rhodes , e ultimamente a Malta.

Conta João Magno que entre os Godos , e Suevos promulgou Carlos Rei uma lei em que mandava que fosse queimado o que não hospedasse em sua casa ao forasteiro , e peregrino , e se houveramos de pôr em lembrança os princepes , Reis , e Senhores assim ecclesiasticos , como seculares , que em a Igreja Catholica por diversos tempos , e annos hão fundado hospitaes e hão sido zelosissimos desta virtude , bem pudemos estender a penna.

Mas basta saber-se em summa que um dos grandiozos hospitaes do mundo he o do Espirito Sancto em Roma , que Innocencio terceiro fundou ; o dos Florentins junto a S. João Baptista : o dos Flamengos junto da Torre Argentina : o dos Francezes junto a S. Luiz : e o dos Hungaros junto a S. Pedro.

Mas deixados estes , e outros muitos que poderamos trazer , que são infinitos , em que se pode ver o grande zelo que as Nações Christãs hão tido de hospedar peregrinos , e curar enfermos pobres : só em a nossa Hespanha os ha sumptuosissimos , principalmente em Valhadolid , Sevilha , Toledo , Valença , Saragoça , e Barcelona. E só em a Corte de Madrid com haver tam poucos annos que tem assistencia Real , de quarenta annos a esta parte se hão fundado muitos e todos sumptuosissimos , como é o hospital da Paixão : o dos Peregrinos ; o dos Convalescentes : o hospital da Corte : o dos Meninos Orfãos : e o de Antão Martins. E das Nações o hospital dos Italianos : dos Aragonezes ; dos Flamengos : e o dos Portuguezes. Ha mais em a corte de Madrid o hospital Real que fundou a princeza D. Joanna junto das suas Descalças Franciscanas com tanta piedade e grandeza que além da qualidade que hão de ter os que hão de ser recebidos , e as circumstancias das condições , que todas estão cheas de um valor real e de um zelo chris-

tianissimo, em nenhum hospital dos que se tem noticia se sabe que haja isto. Que cada pobre tem seu quarto de caza, salla e alcova e aposento de serviço, e seu irmão particular para que o sirva a elle só em o ministerio do sustento, e outras commodidades extraordinarias e avantajadissimas.

Mas ultimamente pera pormos o sello a este tratado, será bem que rematemos em summa e brevemente esta matéria dos hospitaes declarando a menor parte da magnificencia, sumptuosidade, excessivos gastos do hospital de todos os Santos da Cidade de Lisboa, que mostral-o em todo e por extenso seria impossivel, pois tanta grandeza requeria maior sufficiencia que a minha, e mais desocupações que as minhas.

Foi esta grande maquina do hospital de todos os Santos da Cidade de Lisboa, ou para melhor dizer, oitava maravilha do mundo, fundado por ElRei D. João o 2.<sup>o</sup>, e acabado e dotado por ElRei Dom Manoel, cuja obra e edificio está fabricado em figura de cruz de quatro braços iguaes, ficando-lhe em os quatro angulos quatro claustros mais grandes lageados de pedraria e um poço de agua em o meio de cada um. Um dos braços desta cruz occupa uma muy formosa e grande igreja, para a qual se entra por um portal de obra muito custosa; no outro braço desta cruz, que atravessa para a porta direita, está uma enfermaria de feridos com o titulo de S. Cosme: em o outro braço apezo este fica a enfermaria das mulheres com titulo de S. Clara: e no que fica no direito da igreja está uma enfermaria de febre com o titulo de S. Vicente. Alem destas enfermarias (coisa certo admiravel) ha mais as seguintes no mesmo hospital; a de S. Damião com 22 leitos; a dos feridos com 13; a dos doudos com quatro grandes e espasosas sallas; a dos males de homens com 77 leitos; a dos doudos com cinco cazas; a enfermaria dos convalescentes doze cazas com outras infinitas grandezas, que por innumeraveis deixo. Mas pelo muito que cada anno se gasta em este grande hospital se ficará conjecturando grande parte de sua grandeza, pois é cousa averiguada, e assim o sente

o Padre Fr. Nicoláo de Oliveira em as grandezas desta Cidade , e o mestre Gil Gonçalves Davila nas da Corte de Madrid , despendem-se em ella cada um anno com os ordenados , que se pagão a dinheiro oito contos setecentos e setenta e cinco mil rs.

A Misericordia de Lisboa é administradora deste grande hospital , e sendo os irmãos , que servem em ella cada anno , 128 homens entre nobres e officiaes , entre os quaes se élege um enfermeiro mór , que é sempre um fidalgo da Misericordia , e tendo elle algum legítimo impedimento entra em seu lugar o thesoureiro da fazenda do hospital , que he sempre um fidalgo principal ; e um escrivão , que é sempre um dos irmãos nobres ; dous mordomos dos engeitados , um nobre e um official ; e um roupeiro , ao qual pertence prover de colchões e enxergões , lençoes , travesseiros , e cobertores para as camas dos enfermos ; e todos estes officiaes são annuaes , por não soffrêrem as cousas que trazem entre mãos que entrem cada mez , como entrão na cozinha , dispensa , e bolça , succedendo cada um official a um nobre.

Isto é , Senhor , o que com meu curto talento e muitas occupações hei podido recolher desta tão importantissima virtude da Misericordia e sua confraria. Bem creio deixarei de referir muitas outras grandezas suas : asseguro-me que não é por falta de dezejo , mas de tempo e sufficiencia , que o philozophar a que se applica qualquer estudo , como o affirma Cicero , requer um homem dependente só de si , sem que obrigações publicas e forçosas o tirem dos livros.

## ACTO TERCEIRO. ( é noite )

( Continuação do numero antecedente , pag. 304 )

### SCENA 1.ª

HENRIQUETA. ( *sahindo do seu quarto , com uma luz na mão , que põe em cima da meza* )

Como é tranquillo o somno da innocencia !  
co'sorrizo nos labios s'tá dormindo... ( *olhando para dentro do seu quarto* )

Descança em doce paz filho querido... ! !  
inda estranho ao pezar , o desconheces...  
os prantos d' uma mãe não vez ainda...  
desgraças de teu pae não avalias...  
Talvez... carinhos seus nunca disfructes...  
talvez orfão... meu Deus ! não o abandones... !

A ternura d'um pae ninguem compensa ;  
o amor paternal é sympathia  
inspirada por Deus ás creaturas :  
a tudo superior , desinteressado...  
no berço começou , morre na campa...  
nem ali... que a travéz da sepultura  
seu fogo animador não arrefece.  
Eu offendi o meu , duro castigo  
em o seu desamor Deus me tem dado...

ninguem pense illudir impunemente  
as vontades d'um pae ; o ceo é justo ,  
mas severo tambem pune os seus filhos.  
A benção de meu pae não me protege...  
por ter o seu perdão dêra a existencia ,  
e morrêra feliz ás suas plantas.

Já no convento deram nove horas ,  
mas só por alta noite o meu espozó  
seguro pode estar , pode embarcar-se...

Antonio prometteu aqui viria  
trazer-me novas suas. Que tormento !  
Chegaria sem p'riço ? ou conhecido  
seria por alguém ? Esta incerteza



é quasi tão cruel como a tortura ,  
que sem nos acabar , nos rala os ossos ,  
e nos deixa da vida o sentimento  
para poder soffrer do inferno as dores...

( *com a maior angustia* )

Lá vae perigrinar terras estranhas ;  
os mares affrontar , e seus baixios ;  
com a morte lutar entre as batalhas ;  
e talvez nunca mais eu torne a vê-lo...  
mas se não foge... ó Deus ! o cadafalso...  
o algôz ... mais cruel do que os juizes...  
que apóz da execução insulta ainda , (\*)  
escarnece do corpo mutilado ,  
e ri... como no inferno as negras furias ,  
ao verem convulsões dos que atormentam.  
Ao menos se morrer... morra com gloria...  
embora o filho seu , sua viuva  
arrastem por ahi triste existencia  
esmolando o sustento mingoado....

## SCENA 2.ª

ANTONIO , E HENRIQUETA.

ANTONIO. ( *com polidéz d'homem do povo* )

Boas noites, Senhora , tardei muito ;  
mas foi a meu pezar minha demora.

HENRIQUETA. ( *com muito cuidado* )

E Carlos como está ? não teve p'riço ?

ANTONIO.

Até agora nenhum... porem receio...

HENRIQUETA. ( *assustada* )

O que receias ? dize...

---

(\*) Desgraçadamente esta allusão é uma verdade historica .  
de que todos se lembram com horror.

ANTONIO ( *como duvidando* )

O tal Narcizo  
pode ser boa rês... Deus o permitta...  
mas tem cara de réo... ! será loucura...  
talvez seja abuzão... não admira...  
mas não posso esquecer-me d'um dictado ,  
„ Quem Deus amou , na cara lho chimpou ,  
E de mais eu ouvi ao tal sabujo  
em vós baixa fallar co'seu criado...  
e veio esta manhã a nossa caza  
tirar informações do Senhor Carlos...

HENRIQUETA ( *com receio* )

Será crível , meu Deus ! que tão mau seja ? ?

ANTONIO.

Por o sim , por o não , eu estou á capa ,  
e creio illudirei as suas tramas ,  
se acazo alguma urdir ; á meia-noute ,  
tenho um barco afretado , embarearemos ,  
e Narcizo virá tambem connosco....  
se o vejo trahir nossa fugida ,  
comigo se haverá , não sou para brincos.

HENRIQUETA. ( *preocupada* )

Não ; não : não pode ser... arrependeu-se.  
( *mas com receio* )

ANTONIO. ( *com finura* )

Então é porque tinha algum peccado...  
Bem o dizia eu ! pois não me logra.

HENRIQUETA. ( *meditando* )

Foi elle quem pagou ama do Henrique.

ANTONIO. ( *sorrindo* )

Agora vêjo eu como é ladino...

„ Sardinha quiz tirar co' a mão do gato „  
Assim médre ! e que tal o sugeitinho !

HENRIQUETA. ( *admirada* )

Pois não foi elle ?

ANTONIO. ( *serio* )

Não; não foi, de certo.

HENRIQUETA. ( *agradecida* )

Antonio, foste tu... e quem seria  
capaz d'aquella acção ?

ANTONIO. ( *com modestia* )

Deixemos isso.

Mas foi a minha avó contar aráras ,  
e a fez acreditar , como lhe approuve ,  
quenão era irmãa do Senhor Carlos ;  
mas não disse tambem qu' eram cazados.  
Minha avó , boa velha , tem seu fraco ,  
tres vezes foi cazada , acostumou-se ,  
e pela quarta vez se preparaya  
a dar-me quarto avô... Deus lho perdôe !  
Mas eu já lhe contei a sua historia ;  
aqui não tardará , e não lhe diga  
qu' elle está condemnado.... Deus nos livre.  
ella é sancta mulher , mas falla muito ;  
„ Pela boca , se diz , que perde o peixe ,

HENRIQUETA.

Antonio quejra o céu recompensar-te... !  
Se o meu Carlos podesse vêr ainda ! ? !  
se elle podesse beijar o seu filhinho... ! ?

ANTONIO ( *reflectindo* )

Talvez possa... veremos... Não descanso

em quanto não souber que está seguro.  
Minha avó ahi vêm , sinto-a na escada ;  
ella fica a fazer-lhe companhia.  
Em breve tornarei : a porta aberta  
sem risco pode estar , porem no trinco ;  
seu espozó pode entrar , não o demore ;  
na rua ficarei de sentinella ;  
nem creio aqui virão hoje prendê-lo.  
( como envergonhado )  
Eu só tenho um favor para pedir-lhe....

HENRIQUETA.

Não receies : que é? dize o que queres...

ANTONIO. ( envergonhado )

Eu quero me perdôe o tál-a amado...  
não sabia quem era...

HENRIQUETA.

Não sabias  
a minha condição , e soccorreste-me...  
a minha gratidão tu penhoraste ,  
ella eterna será em quanto eu viva...  
Sou mulher do proscripto , bem o sabes ,  
e não temes perder tua existencia...  
Se todos como tu fossem honrados...  
se todos como tu fossem tão nobres...  
são as nobres acções que dão nobreza...  
um mesquinho papel não pode da-la.  
( dá a mão a Antonio em signal de estima ; elle beija-a  
respeitozo )

ANTONIO ( despedindo-se ; para  
Genoveva que entra )

Pode entrar minha avó.....

SCENA 3.ª

GENOVEVA, ANTONIO, E HENRIQUETA.

ANTONIO. (*para Genoveva no meio do theatro, em voz mais baixa*)

Seja polida,  
e falle com respeito; não se engane,  
não a trate por *tã*, nem por *menina*:  
dê-lhe *Dom, Excellencia, Senhoria*;  
não lhe dê *vos'mecê...* (*ao ouvido com muita intima-  
tiva*) Ella é fidalga. (*sahe pela porta da direita*)

GERTRUDES. (*como atoleimada pela noticia que lhe deu Antonio*)

Senhora Dona Henriqueta... Vos'sellencia...  
dá licença qu' eu entre? Vo'senhoria...  
bem pôde perdoar: com quem tratava  
eu não soube até aqui...

HENRIQUETA. (*com bom modo*)

Minha vizinha...  
eu não posso esquecer os seus cuidados,  
e o bem que nos fez, sempre que soube  
a nossa precizão, nossa miseria...

GENOVEVA. (*como temendo fallar*)

Eu tanto nunca fiz como devia...  
vosmecê... ó meu Deus! vossa excellencia  
hade comigo estar muito ar'negada...?

HENRIQUETA. (*com bondade*)

Não estou, minha vizinha; e o seu néto,  
me fizera esquecer todo o passado:  
tanto lhe devo já...

GENOVEVA. ( *com meiguice comica* )

Minha Henriqueta... ( *como emendando o que disse* )

Santo nome de Deus ! já me esquecia ;  
estava ha tanto tempo acostumada  
a chamar-lhe por *tu*. Se eu já estou tonta...

HENRIQUETA.

Esse *tu* que me dá , é de amizade ;  
eu o prézo bem mais que os tratamentos  
que nas salas se dão a êsmo , á tóa ;  
o que é do coração nasce espontaneo ;  
os outros ou da lei , ou do costume ,  
disputam entre si , zelozos sempre.  
Nivella as condições a desventura ,  
o orgulho as faz luctar..... mas quando a fome  
se mostra com seu rosto macilento ,  
descarnadas as mãos , os passos tremulos ,  
a vista desvairada , os beiços lividos...  
então falla sómente a natureza ;  
e esse que se julgou um deus na terra ,  
a sua pequenez conhece tarde.

GENOVEVA. ( *muito satisfeita* )

Bem se vê que é fidalga verdadeira ,  
pois soberba não tem , mesmo nenhuma ;  
não é como algumas que eu conheço ;  
mas não digo quem são , Deus me defenda ;  
a mulher do tenente das milicias ;  
a filha do escrivão ; a mãe do padre  
das freiras capellão , e outras muitas ,  
que em não lhes dando o *Dom* , a *Sephoria* ,  
torcem logo o nariz , fazem má cara.

( *como pedindo a medo , e comicamente* )  
Seeu não fosse atrevida , pediria  
que me deixasse ver o fidalguinho...

HENRIQUETA. ( *côm muito bom modo* )

Pois não ! com muito gosto : vamos vêl-o.

( *entram no quarto de Henriqueta , fuzendo Genovêva muito cumprimento para entrar primeiro* )

#### SCENA 4.ª

MANOEL DE SOUZA. ( *entra , examina a caza , como admirado da sua pobreza* )

E' acaso illusão da minha vista ?  
talvez eu me enganasse... não... de certo ,  
eu uão erreí o numero da porta ;  
de dia procurei , era esta a rua...  
Ali escassa luz... fogo apagado...  
tudo respira aqui fome... pobreza...  
Quantos dias em lagrimas desfeita  
querias um pão ? não o terias...  
e por culpa de quem ? por minha culpa...  
mas Deus me castigou... longa doença  
definhou os meus dias... tuas cartas  
eu não as pôde ler ; ninguém mas dava,  
temendo que , se as visse, peorasse.  
Bem cruél me julgavas ! e se eu pudesse  
fazer que do passado te olvidasses...!

( *indo ao pé da porta do quarto d'Henriqueta* )  
Não me enganei... é ella... uma criança...!  
não posso resistir ao prazer summo  
que tenho de os beijar , d'abençoa-los...

( *parando ao pé da porta* )  
Não devo despertá-lo... está dormindo...  
e quero prolongar mais este quadro ,  
do prazer paternal intimo gozo.

( *fica , como em extasis de prazer, olhando para dentro do quarto* ).

#### SCENA 5.ª

ANTONIO , e MANOEL.

ANTONIO. ( *entra de vagar , e vendo Manoel de Souza a espreitar , suppõe que é espião da policia; á parte* ).

Temos mouro na costa... algum esbirro...!  
ou talvez espião...! Como elle espreita...!  
estes senhores são bem curiosos...  
[ *chegando-se a elle de manso , e batendo-lhe com força  
no hombro* ]  
Amigo...! o seu officio é lucrativo ;  
mas ás vezes recebe alguns precalços  
que não são dos melhores ! ... que procura ?  
( *deve ter a expressão de arrogancia* )

MANOEL. ( *admirado , e medindo-o com os olhos* )

Em breve o saberá... está enganado ;  
não sabe quem eu sou ; não admira..

ANTONIO. ( *resolvido a uzar de violencia* )

Nem o quero saber ; ponha-se ao fresco ;  
e agradeça a Deus sua ventura ,  
não ir d'escantilhão... bem convidado.  
( *pegando-lhe n'um braço com violencia* )

MANOEL. ( *enfadado , e livrando-se d'elle* )

Atrevido ! não sabes com quem fallas ? ! ?  
quem es tu ? quem es tu ?

ANTONIO. ( *agarrando no páo de uma vassoura* )

Eu já lho digo... ( *corre sobre  
elle para bater-lhe ; porem ao ruido que fazem atodem  
Henriqueta , e Genoveva* )

## SCENA 6.ª

ANTONIO, MANOEL, HENRIQUETA, e GENOVEVA.

HENRIQUETA. ( *vendo seu pae , corre a lançar-  
se-lhe nos braços* )

Meu pae...!



ANTONIO. (*estupefacto, deixa cair a vassoura da mão*)

Elle é seu pae...! eu ia dar-lhe, cuidando era espião, tremenda coisa...

MANOEL. (*abraçando Henriqueta*)  
Minha filha!

HENRIQUETA. (*com ternura filial*)

Meu pae!!...

MANOEL,

Ditozo instante!...

HENRIQUETA.

Elle me faz esquecer dos meus tormentos.

ANTONIO. (*desculpando-se*)

Pensei qu'era espião... eu não sabia...

HENRIQUETA. (*para seu pae mostrando Antonio*)

E' o meu salvador... devo-lhe tudo...  
nem eu devo poupar sua modestia...

MANOEL. (*interrompendo-a*)

Tudo quero saber, porem primeiro  
quero ver o meu néto, e o teu espôzo...

(*entra cheio de prazer no quarto de Henriqueta ;  
ella segue-o*)

## SCENA 7.<sup>a</sup>

ANTONIO, e GENOVEVA.

GENOVEVA. (*rompendo com explosão os  
diques á sua cólera, até ali comprimida*)

Se tu és um bulhento ! um estouvado !

ANTONIO. (*fazendo-lhe mimos*)

Minha rica avózinha, não se ar'negue...

GENOVEVA. (*colerica*)

Eu quero-me ar'negar... és um maroto...

ANTONIO. (*affaganda-a*)

Sou tudo o que quizer... Eu não sabia qu'era pae da Senhora...

GENOVEVA. (*mais branda*)

Sempre abusas...

teu avô era assim... Deus-lhe perdoe...!  
se ralhava com elle, accomodava-se...  
nem mesmo o cachação o irritava.  
Eu não sabia então apprecia-lo...!  
mas os outros depois bem o vingaram...!

ANTONIO. (*com malignidade*)

Porem a minha avó não se lembrava;  
e queria experimentar como era o quarto...

GENOVEVA. (*como querendo dar-lhe*)

Brejeiro...! vens falar-me; nessas! abusas...!  
bem basta o meu pezar... inda escarnecos?...  
se te posso pilhar...! espêta...! espêta...!  
(*Genoveva corre atraz d'Antonio, este foge*)

SCENA 8.<sup>a</sup>

GENOVEVA, MANOEL, HENRIQUETA, e ANTONIO.

GENOVEVA. (*vendo entrar Henriqueta, e*  
*Manoel accomoda-se; e diz por entre dentes muito*  
*zangada com Antonio*)

Se não fosse o respeito... eu lho dissera.

MANOEL. (*para Henriqueta*)

Como é lindo o meu nêto... O teu espozo  
eu vou já procurar... Antonio vamos...  
inda o quero abraçar.  
(*para Genoveva*) Eu lhe agradeço,  
tudo quanto lhes fez; honrada velha...  
Meu genro vae partir para Inglaterra; (*para Hen-  
riqueta*) nós iremos tambem lá reunir-nos  
nem mais vos deixarei queridos filhos...

HENRIQUETA. (*beijando a mão a seu pae*)

Prezado pae! o balsamo da esperança  
cicatrizas as feridas da desgraça...  
Mal o pensara eu ha pouco ainda,  
que fora tão feliz neste momento.

MANOEL.

Pouco posso tardar... eu logo volto...  
amanhã partiremos p'ra Lisboa;  
venderei os meus bens; depois iremos  
disfructar em paiz hospitaleiro...  
socêgo, doce paz, e liberdade.  
Não te admires que eu falle desta sorte;  
mudei o meu pensar; julguei que fôra  
mais util ao paiz a monarchia  
sem mistura de formas; enganei-me...  
eu quero ter um rei; não um tiranno;  
eu quero protecção p'ra os Portuguezes,  
qualquer que seja a côr de seu partido.  
E agora que se vê...? mil cadafalsos,  
deportações, desterros, roubos, mortes,  
as prizões atulhadas d'infelices;  
igual á Inquisição a Inconfidência  
condemnando o pensar, quando não busca  
um pretexto qualquer para achar crimes...  
Basta um criado só para que seja  
envolta na miseria uma famillia...

para longe de nós quadro tão negro...  
e queira o céu que um dia os portuguezes  
se abracem como irmãos , sejam felices.

[ *Sahe acompanhado por Antonio* ]

SCENA 9.ª

GENOVEVA, e HENRIQUETA.

HENRIQUETA. *(com prazer)*

Muito feliz sou eu , minha vizinha ;  
meu pae , meu filho...

*( com tristeza )* E meu espozo...!?

Só por elle receios tenho agora...  
e o amor de uma espoza é mais que tudo...  
tudo faz esquecer , tudo compensa.  
Agora vou esperar junto de Henrique  
a volta de meu pae. Não me abandone...

GENOVEVA.

Pois sim , minha Senhora ; vos'sellencia  
pode ir ; eu ficarei : vá descançada. *( Sahe Henriqueta  
para o seu quarto )*

SCENA 10.ª

GENOVEVA. *( só , vai sentar-se á  
direita )*

Parece que anda aqui feitiçaria...!  
de manhã são irmãos , á tarde amantes ,  
á noute são cazados...! Senhor Carlos  
ha-de logo embarcar , não sei p'ra onde :  
já me lembra , já sei , vae p'ra Inglaterra...  
Mas não era melhor fosse a cavallo...? ?  
se o navio se tomba , vai ao fundo...  
por terra ia melhor ; é mais seguro...  
E logo vae p'ra-'li , terra d'hereges...  
que dizem que não tem alma de gente...!  
Desgraçada de mim ! foi bruxaria ,

foi quebranto maldito que me deram  
 neste amor desgraçado ! paciência...  
 Quando eu vi o meu Zé, era elle cazado ,  
 e depois viuvou... Máo pensamento...  
 santo nome de Deus ! eu te esconjuro...!!  
 contra o nono preceito...! *abrenuncio !*  
 eu não quero pensar... as minhas contas  
 vou rezar em voz baixa ; venha o démo ,  
 comigo se haverá ; faço-lhe figas... ( *Todo este monolo-  
 go deve ser dito comicamente , e com muitas visa-  
 gens ; tira as contas , começa a rezar em voz sumi-  
 da , pouco a pouco adormece , roncando , mas mexen-  
 do os beiços , e as contas maquinalmente* )  
 Da nossa morte... amen... Jezus .. Maria... ( *ador-  
 mece de todo , roncando* )

# SCENA 11.

GENOVEVA ( *dormindo* ) e NARCIZO ( *que apenas  
 entra , fexa a porta á chave* )

NARCIZO. ( *pé ante pé , vê a velha  
 dormindo* )

Quem é esta mulher que está dormindo ?  
 é a velha da escada , a avó d'Antonio —  
 Esta velha maldita aqui postada  
 pode ser testemunha do meu crime ,  
 ? não me fora melhor assassina-la...? ( *tira um pu-  
 nhal* )  
 Seus gritos poderão denunciar-me ,  
 ( *vibra o punhal , como quem escolhe o lugar do coração  
 para ferir seguro ; depois desiste* )  
 Não ; não ; mata-la ? não... deixa-la... viva...  
 ( *guarda o punhal* )

Outro plano é melhor , é mais seguro...  
 Mas se acazo não quer acompanhar-me...?  
 e porque não ? vae ver o seu espôzo...  
 não pode recear , virá comigo...  
 elle a quer vêr...? Mas o seu filho...?  
 eu mesmo o levarei ; penhor mais forte  
 será em minhas mãos... Ai ! se não cede...!  
 seu marido na força o pagaria ;

e seu filho? um punhal; não! o veneno  
não atraçôa as mãos do assassino...

(olhando para dentro do quarto d'Henriqueta vê-a;  
e com sorriso infernal)

Ali está... ali está... por fim é minha...

(entra como frenetico no quarto da esquerda.)

SCENA 12.

GENOVEVA (dormindo) HENRIQUETA (fugindo do  
seu quarto cheia de terror) NARCIZO (com agitação,  
mas disfarçando-a)

HENRIQUETA (assustada)

Que motivo tens tu p'ra aqui entrares...?

NARCIZO (hypocritamente)

Que motivo tenho eu? já não te lembras?  
teu espôzo vae partir dentro de pouco;  
mas sua alma ~~se~~ não se arranca  
tão facil destes sitios, sem primeiro  
outra vêz t'abraçar, ver o seu filho.  
Bem quizerá elle vir; não consentimos  
nem Antonio, nem eu; fôra loucura...

HENRIQUETA. (accordando Genoveva)

Accorde por quem é, venha comigo.  
(Genoveva accorda, mas somnarenta, esfrega os olhos  
e guarda as contas)

NARCIZO (com prazer diabolico  
parece cantar victoria, á parte)

No meu coração; não desconfia,  
e julga que vae ver o seu marido...  
e pensa que os rivaes são generosos!...

GENOVEVA. (erguendo-se, como pa-  
têta com o somno)

Eu não sei onde estou... na minha casa...

não é , não é aqui ! ! ,... Como foi isto ??

HENRIQUETA.

Adormeceu aqui , nesta cadeira...  
Sou eu... minha vizinha... que lhe peço  
queira ter a bondade de seguir-me.

GENOVEVA.

A táes deshoras ! sós , por essas ruas ? ! ?

HENRIQUETA ( apontando para Narcizo )

Este Senhor irá também connosco.

GENOVEVA.

Então é outro caso ; é boa guarda.  
( examina-o com curiosidade )

HENRIQUETA ( para Narcizo )

E Carlos quando viu meu pae que disse ?

NARCIZO ( preocupado )

Manoel de Souza... ! ! !

HENRIQUETA. ( admirada )

Pois inda o não viste ?  
Não sabes que chegou ? já aqui esteve...  
nem póde aqui tardar...

NARCIZO. ( preocupado )

Vamos depressa ,  
não ha tempo a perder : eu levo o Henrique.

GENOVEVA. ( *accordada* )

Não senhor... não senhor... sou eu que o levo.  
( *chega-se ao pé de Henriqueta ; em voz baixa* )  
Não se confie nelle ; tem más entranhas ;  
foi quem esta manhã lá foi dizer-me  
tantas couzas , tão más , contra a Senhora... !  
( *alto indo para o quarto d'Henriqueta* )  
Vou buscar o menino ; esta dormindo ,  
é mister accorda-lo com cuidado ;  
aliás põe-se a chorar como um cabrito.  
( *volta atraz , e diz a Henriqueta , baixo* )  
Mas não se fie nelle... faça o que eu digo.  
( *entra no quarto da esquerda* )

SCENA 13.

HENRIQUETA , E NARCIZO.

NARCIZO. ( *desconfiado* )

Que disse aquella velha ?

HENRIQUETA. ( *disfarçando* )

Nada ; nada :  
excesso d'amizade é seu receio.  
Mas eu mesmo , confesso , *tenho medo*.

NARCIZO. ( *frenético* )

Tu tens medo de mim ? ! então odeias-me ? !  
Nem ao menos t'inspiram confiança  
serviços , que tua alma captivaram  
sendo feitos por outro ? ... E tu tens medo...  
tu tens medo de mim ! ! eis o meu premio ! !  
tu tens medo de mim ! ! eis o teu crime.  
Sim... sim... não sou capaz d'uma virtude...  
*mas sou capaz d'amor... tenho crimes*  
le Carlos... , do teu filho... qu' eu detesto...  
como o vivo penhor d'uma ternura  
que o peito... o coração me dilacera...



Abaixei-me a fingir... para vingar-me...  
mas não creias medito a sua morte...  
não quero, não... não quero por tal preço  
tão fácil conseguir minha vingança...  
( com a expressão mais satânica )

HENRIQUETA. ( de joelhos )

Narcizo... ! tu deliras... não é crível  
que tu seja capaz d'atraíçoar-nos...

NARCIZO. ( erguendo-a ; disfarçando )

Não é crível... não é... um delírio...  
um delírio cruel... como o ciúme...  
Não te demores mais ; não temas : segue-me.

HENRIQUETA. ( cheia d'horror )

Acompanhar-te... eu ? não creias... nunca...

NARCIZO. ( com furor )

Foi palavra fatal a que proferiste...  
pois bem, tens a escolher o *ca da falso*...  
Teu marido em lugar tenho seguro ;  
não pode fugir-me  
( tirando uma chave da bolsa )

Vês esta chave... ?

é do seu quarto ; ali o deixei prezo...  
Só tu podes agora libertal-o...  
Então vens ? ou não vens ? dize... não temas ;  
tambem em meu poder tu estás agora... ( tirando o  
punhal )  
o teu filho está-li, naquelle quarto...  
Agora não respondes ? já consentas ? ... ( arrastando-a  
com violencia , abre a porta da direita )

HENRIQUETA. ( forçando por se  
livrar delle )

Meu Deus... ! soccorro ! ! deixa-me... ! malvado ?  
( cahe meia erguida por Narcizo , que á força a quer  
levar consigo )

SCENA 14.<sup>a</sup>

HENRIQUETA, NARCIZO, CARLOS, e GENOVEVA.

CARLOS. ( *entra apressado, coberto com o capote, atira-o ao chão; lança-se com fúria sobre Narcizo, luctando por deita-lo em terra* )

E' infame a traição que tu me urdias...  
mas caro a pagarás...

NARCIZO. ( *obligando-o a ajoelhar* )

Tu não tens força,  
e eu tenho um punhal... tu não tens nada. ( *como querendo cravar-lhe o punhal* )

HENRIQUETA. ( *impedindo o golpe* )

Morra eu primeiro... fere... não vacilles...

NARCIZO. ( *com expressão diabolica* )

Quem o ha-de matar, é o carrasco. ( *sahe furioso* )

SCENA 15.<sup>a</sup>

HENRIQUETA, CARLOS, e GENOVEVA.

CARLOS. ( *quer ir após Narcizo, Henriqueta o impede* )

Foi mais forte do que eu, ... e estava armado...  
a doença quebrou as minhas forças;  
não pôde nos meus braços suffoca-lo...  
(O malvado encerrou-me no seu quarto;  
muito tempo esperei, porem debalde...  
nil receios no peito me agouravam  
uma infame traição; mas não pensava  
que elle fosse o traidor... dirijo á porta  
da entrada, ouvi bater; abro a janella,  
vi Antonio com um desconhecido..

tremendo, corro a outra que deitava  
para rua diversa, n'um instante  
atei os dous lençoes da sua cama,  
e por elles desci em um momento...  
de certo era a policia... vim correndo;  
e cheguei inda a tempo... que dous homens  
corriam após mim, e me chamavam...

HENRIQUETA.

De certo era meu pae...

CARLOS.

Teu pae!! que dizes?  
( neste momento entra Manoel, que se lança nos braços de Carlos.)

SCENA 16.ª

HENRIQUETA, MANOEL, CARLOS, E GENOVEVA.

MANOEL.

E' teu pae! é teu pae! sim és meu filho...  
perdôa ás minhas cans... vê minhas lagrimas...

CARLOS, ( beijando-lhe a mão com  
respeito, e olhando para Henriqueta com amargura )

Meu pae... não abandone a sua filha...  
proteja os dias seus... os de seu neto...  
vou beija-lo, e partir; s'inda for tempo. [ corre ao  
seu quarto para beijar seu filho : Henriqueta segue-o ]

SCENA 17.ª

MANOEL, ANTONIO, GENOVEVA, e logo depois,  
HENRIQUETA, e CARLOS ( vem do seu quarto )

ANTONIO. [ entra apressado ]

Mal o haja o tal homem! não queria

talvez que o Senhor Carlos se escapasse...  
 tinha a porta fechada ; nós batêmos ,  
 ninguém a veio abrir ; da-hi a pouco  
 senti uma janella que se abria ;  
 ao depois ouvi passos de quem foge...  
 era um homem correndo... o Senhor Carlos...  
 eu bem o conheci... seu pae seguiu-o ;  
 eu fui correndo ao cáes : o catraieiro  
 por fortuna encontrei , já me esperava. [ *Carlos, e*  
*Henriqueta, entraram durante este espaço* ]  
 O barco já lá está ; quatro remeiros  
 n'um instante o porão a salvo , a bordo.  
 Não se perca um instante... venha... venha.

HENRIQUETA. [ *abraçando Carlos* ]  
 Adeus Carlos...!

CARLOS. [ *com amargura* ]

Adeus minha Henriqueta !

ANTONIO. ( *têm chegado á janella, e*  
*volta cheio de terror* )

Soldados .!! sancto Deus !!! já estão á porta...  
 impossivel fugir... Ali... esconda-se... ( *pegando no*  
*braço de Carlos, e empurrando-o para dentro do seu*  
*quarto, como para escondê-lo* )

E' preciso valor... vãos... não tema. [ *para Henri-*  
*queta animando-a* ]  
 ( *Sente-se trapél, e bater de rijo á porta* )

## SCENA 18.

MANOEL, HENRIQUETA ; ( *logo depois* ) DOM JOÃO  
 NARCIZO, e SOLDADOS ; ANTONIO, e GENOVEVA.

D. JOÃO. ( *da parte de fóra da*  
*porta* )

Soldados ! guardae bem as avenidas...  
 que não saia ninguém tende cuidado...  
 Pela parte d'ElRei abri a porta... ( *terror de todos* )

ANTONIO. ( *vae abrir a porta ; entram D. João , Narcizo , e Soldados* )

Pode entrar... ( *para D. João supplicando* )  
Mas não vê esta familia  
incapaz de fazer-lhe resistencia...

NARCIZO. ( *com furor* )

Aqui se occulta o réo... queira busca-lo...

HENRIQUETA. ( *lança-se aos pés de D. João , com a expressão mais afflicta* )

O réo! já cá não está! ... fugio ha muito...  
eu sou a sua espoza desgraçada...  
aquelle... é o meu pae... e não tem culpa... ( *como lembrando-lhe , tira um papel do seio* )  
Aqui tem a razão porque procura  
esse vil seductor nossa ruina...

D. JOÃO. ( *toma o papel da mão d'Henriqueta e lê-o em voz baixa , mas intelligivel* )

„ Uma palavra só pode perder-te  
„ que eu amo , e com furor ; se tu não cedes  
„ terrivel ha-de ser minha vingança.  
„ Por sentença d'Alçada é condemnado  
„ a morrer n'uma *f o r c a* o teu espôzo :  
„ eu sei o teu segredo... se desprezas  
„ o meu constante amor... serás viuva.  
„ Eu irrei procurar tua resposta...  
„ ai de ti ! se recuzas de fallar-me...!  
„ Põe um lenço de fora da janella  
„ se queres que te guarde o teu segredo...  
„ senão... treme por elle , e por ti mesma.

„ Narcizo da Fonseca. ,,  
( *D. João lança um olhar de desprezo , e horror sobre Narcizo* )

NARCIZO. ( *querendo justificar-se* )

Não a creia...  
e cumpra o seu dever... Aqui 'stá inda...  
é um réo condemnado pela Alçada...

D. JOÃO. ( *com dignidade* )

Eu sei o meu dever em que consiste; não se chama Narcizo da Fonseca??

NARCIZO. ( *com altivez* )

Sim, Senhor: sou eu mesmo...

D. JOÃO.

E de magistrado não foi ainda há pouco demittido??

NARCIZO. ( *aterrado* )

E' verdade... sou eu. Que tem com isso...?

D. JOÃO. ( *para os soldados* )

Soldados! escoltai com vigilância á prisão este réo

NARCIZO. ( *aterrado* )

Qual o meu crime?

D. JOÃO. ( *com nobreza, em voz baixa para Narcizo* )

O crime de ladrão dos cofres publicos... (os soldados prendem Narcizo)

NARCIZO. ( *levado pelos soldados* )

Maldição...! maldição...! ( *sáhe, e Antonio* )

SCENA 19.

MANOEL, HENRIQUETA, D. JOÃO, CARLOS,  
e GENOVÊA.

CARLOS. ( *sahindo do seu quarto* )

Mais não me busque :  
condemnado a morrer injustamente ,

procurava fugir... Esse malvado  
foi quem me delatou, já teve o premio.  
Não me avilto a pedir-lhe a liberdade...  
aqui estou... vamos lá... caminho á morte,  
sem medo, sem pavor... mas com saudade  
d'uma espôza... d'um filho idolatrado...  
( ouvem-se dous tiros, um após outro )

D. João. ( indo á porta )

Soldados! que foi isto...?

SCENA 20.<sup>a</sup>, e ultima.

Os PRECEDENTES, e ANTONIO.

ANTONIO.

Não foi nada...

Um soldado dos seus cahiu ferido...  
Narcizo disparou-lhe uma pistóla...  
mas elle as pagou já... ia fugindo;  
o soldado porem quiz desforrar-se,  
e tão bem lhe acertou pela cabeça,  
que nem disse,, ai Jezus,, foi pr'o inferno.

D. João. (com dignidade)

Foi castigo do céu, que justo é sempre.  
Não tem que recear; fuja, não tema:  
diverso o meu partido ao seu contrario,  
inimigos no campo só conheço.  
Se o dever o ligou ao seu partido,  
tambem eu, por desgraça... s'tou ligado  
ao meu... e a meu pezar... hei-de servi-lo.  
E quem sabe? talvez o que óra faço  
outra vez me fará... Adeus a m i g o...  
este nome sagrado não exclue  
nenhum h o m e m d e b e m... eu prézo sê-lo.

( Carlos suffocado com o prazer, e gratidão, aperta D. João em seus braços: Henriqueta e seu pae exprimem o seu reconhecimento; Antonio, e Genoveva o seu prazer. D. João, no meio do grupo; mostra no rosto, a doce ventura de fazer uma familia feliz após tão rudes provas. )

**FIM.**

## **Economia Politica**

### **DIVIDA PUBLICA PORTUGUEZA.**

Com este titulo um dos nossos collaboradores publicou em Julho deste anno de 1839 um escripto coordenado sobre os documentos mais authenticos até hoje conhecidos. Seu author nunca teve por original esta producção, para a qual com pouco mais concorreu do que com a coordenação dos factos que mais importantes lhe pareceram á cerca do objecto, e bem assim das reflexões que encontrou publicadas nos periodicos do tempo; e entendemos que sem duvida tirou partido de todos estes documentos para mostrar por um modo claro, e ao alcance de todas as intelligencias, a historia, progresso, e estado actual da divida publica portugueza, assumpto que não pode deixar de merecer as sympathias de quantos s'interessam pelo bem de seu paiz; porque só conhecendo verdadeiramente o mal, e averiguando cabalmente as suas causas, é que pode estudar-se o remedio com que mais efficaç, e radicalmente se possam estas destruir, e dissipar aquelle. Não menos deve interessar aos estrangeiros como objecto statistico, e historico; sendo por esta razão que tanto acolhimento tem merecido os escriptos; de Breton sobre a historia financeira de França; e de Peller, e Parnell, o primeiro sobre o mesmo objecto na Inglaterra, e o segundo sobre a reforma financeira deste paiz. O nosso collaborador por certo não-ouza elevar-se á cathegoria em que tão distincta, e merecidamente se acham collocados aquelles illustres, escriptores; mas entrando em caminho até aqui pouco trilhado, elle fez um serviço a seu paiz excitando



do a curiosidade de genios distinctos, já para emendar erros e lapsos que por ventura lhe hajam involuntariamente escapado, já para accrescentar quanto falta ao cabal conhecimento da materia.

Entendemos por tanto que mui proprio é d'uma *Revista Litteraria* dar a seus leitores noticia daquelle ~~escripto~~ *de um resumido extracto de seu principal* contheudo; julgamos mesmo muito opportuna a revista que d'elle passamos a fazer, porque a divida das nações sendo hoje em dia a *seta que lhes está agarrada aos ilhaes*, sendo este o mal tremendo que as tem em continuo penar, e em perenne desassocego, cumpre inquirir-lhe as causas com o mais severo exame, compara-las com as circumstancias especiaes do tempo e do lugar, applicar-lhe as regras consagradas pelas leis economico-politicas, e modificar estas segundo as mencionadas circumstancias. Parece-nos que assim procedeu o nosso collaborador, havendo-se com a maior imparcialidade; pois não poderá sem temeridade censurar-se de parcial o escriptor que expende os factos como os acha consignados, e lhe examina as consequencias; e se por ventura aquelles e o exame destas não agradam muito aos que tiveram parte na sua producção, nem por isso o nome de parcial com que parece estes querem desforçar-se, pode legitimamente quadrar ao escriptor, só porque suas opiniões politicas não concordam com as dos que se dão por offendidos com a exposição dos factos e com sua analyse: mas embora, os *factos não morrem (facta manent)*, e o tempo exercerá sobre elles a sua severa justiça.

Entraremos em materia. — Depois de o author do escripto haver dado uma historia succinta da divida portugueza, que vai topar no reinado d'El Rei D. Manoel, e enumerado os diversos empréstimos de que se tem feito commemoração regular, assim nacionaes como estrangeiros, começa a apresentar o algarismo da divida na epoca em que elle pela primeira vez foi traido á presença do publico. Esta epoca data do dia em que o ministro da fazenda Manoel Antonio de Carvalho apresenta o primeiro orçamento regular ao corpo legislativo, e foi elle o de

11 de fevereiro de 1828, na sessão da camara dos Deputados; referindo-se o orçamento da divida nacional, de janeiro do mesmo anno; nelle se vê que o total da divida naquelle dia montava a Rs. 39.100.350\$667 dos quaes pertencem 1.º á divida consolidada na Junta dos Juros, e Thesouro Publico 20.402.000\$000 2.º á divida fluctuante (Pap. moeda, liquidada e não liquidada) 13.920.000\$000 3.º e 4.º á divida corrente 4.778.350\$667.

Inexacto foi por certo o calculo do papel moeda então existente, computado em 6.000.000\$000, e já então se poderia obter com muito mais exactidão; e á mesma poderia também já dar-se em outros artigos; mas assim mesmo importante foi este serviço diligenciado pelo ministro, porque ao menos encostou o caminho, e estabeleceu a norma de formular um orçamento, de que pode aproveitar-se alguma coisa.

Neste tempo ainda não figurava a divida portugueza externa, porque o emprestimo feito em Inglaterra no anno de 1823 ficara todo a cargo do Brazil.

Os encargos da divida nacional montavam a 1.851.684\$982 comprehendendo-se nestes a importancia dos Juros Reaes calculados em 270.000\$000 quantia certamente diminuta como depois mostraremos; e pelo menos só exaeta quanto ao que effectivamente se pagasse, mas não quanto ao que realmente era devido.

Outra época notavel é a do estado da divida em 23 de Julho de 1833, dia em que na Capital entrou triunfante o benemerito Duque da Terceira.

A divida interna total, comprehendendo só aquella que se denominou legal, e não a que se denominou illegal, por ser relativa ao tempo da usurpação, ascendia a 38.698.677\$329. Aqui apparece o calculo do papel moeda existente levado á importancia de 8.462.163\$800 aonde se vê qual a inexactidão do orçamento de 1828, pois o diminuiu 2.462.168\$800.

Os encargos desta divida foram computados em 1.862:624\$463  
 nos quaes se comprehendem os Juros Reaes, importando em 545:582\$147

E feito o devido exame é facil ver que sendo os encargos nesta época quasi iguaes aos de 1828, estes todavia eram realmente maiores, porque contando os Juros Reaes em 270:000\$000, esta computação é menos de ametade daquellea que acima fica orçada: o que prova a conjectura de que o orçamento foi só feito em attenção ao que effectivamente se costumava pagar, e não ao que realmente era devido.

A divida pois nesta época excedia a da primeira em pouco mais de 3:000:000\$000, sendo os encargos quasi os mesmos. Isto pelo que pertence á divida nacional; mas então começa a figurar a divida contrahida em paizes estrangeiros para trazer a Portugal a expedição libertadora: e importando esta em 31 de julho de 1833 em 9.228:000\$000 e a nacional em 38.698:677\$329

---

vem o total de R. 47.926:677\$329

E sendo os encargos da divida estrangeira 615.400\$000 e os da nacional 1.862:624\$463

---

vem a ser o total destes 2.478:024\$463  
 na predita epoca de 31 de julho de 1833.

Exhaustos todos os recursos; sugeita ainda a maior parte do territorio ao poder do usurpador; limitados por tanto os renditos publicos litteralmente aos unicos recursos das cidades de Lisboa e Porto; e sendo mister sustentar mais de 60\$ homens em armas para acabar com a usurpação, como com effeito ella acabou em 29 de maio de 1834, forçoso foi recorrer a novo emprestimo fora do paiz, e este foi contrahido em 14 de setembro de 1833 na importancia de 2 milhões esterlinos, que em razão do preço medio porque foi negociado produzem liquidos £ 1.451:341, com que se continuou a guerra, e occorreu ás despezas correntes do estado.

Decidida a grande contenda, com o que au-

gmeptou consideravelmente o credito nacional; e tendo-se por incontroverso que o progresso da prosperidade d'um paiz para diante d'uma moeda ficticia; sem valor real, e com curso forçado; achando-se nestas precisas circumstancias o papel moeda, que como um cancro roia o paiz, e empecia a sua prosperidade desde 1797; julgou o governo, e em nosso entender acertadamente, que tinha chegado o momento opportuno para a extincção de tal moeda, porque não podendo fazer-se ella em tempo algum sem grande esforço e sacrificio, aquelle era o momento de a fazer com menor, e para isto se contrahiu novo emprestimo d'um milhão esterlino com o juro de 6 %.

Esta grande medida teria produzido o seu desejado effeito, se ella fosse completa e acabada, como o podia ser, porque o governo teve á sua disposição a dinheito preciso, e melhor fora fazer o sacrificio um pouco mais pezado conseguindo o resultado completo, do que expor a medida a eventualidades desastrosas, que depois sobrevieram; começando logo pela alteração que soffreu o decreto primitivo com a nova lei do 1.º de setembro de 1834.

Por consequencia desde 31 de julho de 1833 a divida externa cresceu 3 milhões esterlinos, ou 30 milhões de cruzados; contudo a divida interna, sem embargo das emissões que se fizeram, diminuiu consideravelmente, porque os novos acontecimentos, e as grandes medidas da extincção dos frades, e do papel moeda deram lugar á amortisação de avultados valores; assim a do papel moeda foi reduzida a menos de metade.

Conclue pois o nosso collaborador á vista dos documentos mais authenticos que poudo consultar, que o estado da divida publica em 31 de dezembro de 1834 era o seguinte:

Divida nacional ( interna )	35.753:689,760
Divida externa	22.914:216,700
Total	58.667:906,460

A primeira diminuiu mais de 3 mil contos, mas a segunda cresceu mais de 13 mil contos.

Os encargos da primeira	
ascendiam a	1.642:715\$521
os da segunda a	1.795:700\$435
Total	3.438:419\$956

E como o governo houvesse obtido das cortes pela carta de lei de 19 de dezembro de 1834 a autorização para poder tomar algumas opportunas medidas tendentes a consolidar o credito nacional, sem novo gravame da fazenda, assim a respeito da sua quantidade annual a pagar, como a respeito da duração e acção do fundo destinado para a amortisação, elle entendeu que devia aproveitar a vantagem da prosperidade do credito para converter a divida interna de 6 e 5 por  $\frac{2}{100}$ , em divida de 4  $\frac{2}{100}$ ; e a divida externa de 6 e 5  $\frac{2}{100}$  em divida de 3  $\frac{2}{100}$ . Para fazer esta conversão era preciso ter os capitães sufficientes com que pagasse á vista a importancia nominal dos titulos daquelles credores do Estado que voluntariamente não accedessem á conversão; e não possuindo estes capitães, preciso lhe era obterlos por novos empréstimos de juro inferior áquelles, cuja conversão se pretendia effectuar, para que della, visto o estado prospero do credito, se houvesse ainda hum excesso com que occorrer á despesa corrente, a qual não fora possivel costear com os renditos ordinarios do thesouro, parecendo menos acertado recorrer ao augmento de tributos, contra o qual se haviam pronunciado as cortes, e o bom senso. Em consequencia fiseram-se os empréstimos de 1, 3 e 29 d'Abril, na importancia de 6 milhões esterlinos, ou 60 milhões de cruzados para amortisar os 22 milhões da divida externa, e os capitães de 6 e 5  $\frac{2}{100}$  da divida interna, convertendo aquelles em divida com juro de 3  $\frac{2}{100}$ , e esta em divida com juro de 4  $\frac{2}{100}$ .

Esta collossal operação produziria seus necessarios resultados, se as occorrencias politicas do paiz, manejadas calculadamente para fazer cahir a administração, e que conseguiram o seu fim, levando ao poder outra de principios diametralmente oppos-

tos, não cortassem completamente o andamento da operação ! Este fatal acontecimento, que deve reputar-se como uma das horribéis calamidades lançadas sobre a nossa infeliz patria, decepou desde logo o credito nacional, então no seu apogéo de fulgor, e desde então não foi mais possível restaura-lo, nem mesmo com a queda da nova administração ; a que se seguiu outra, senão composta inteiramente dos mesmos homens, d'homens com tudo de grande valor politico; mas o mal estava feito, *heret lateri lethalis arundo ! !*

Assim não sendo cabalmente levada ao fim a operação que tão prosperamente começara, o resultado preciso era um augmento extraordinario de divida externa, porque os capitães destinados á conversão tiveram applicação diversa, e para que nos não chamem parceiros, não diremos com que intenção, e com que vista.

Mas na divida interna apesar de tudo houve sensivel diminuição, pois poderam fazer-se consideraveis reduções com a amortisação de valores, que nelle figuravam. Estas reduções consistiram principalmente na amortisação de quasi metade dos Juros Reaes, e portanto nos encargos provenientes delles.

A divida pois em 31 de dezembro de 1835 achava-se nos seguintes algarismos

Divida nacional ( interna )	29,935:545,567
Divida externa	40.964:781,020

---

Total	70:900:326,617
-------	----------------

E os seus respectivos encargos

Da primeira	1,414:927,004
Da segunda	2.164:517,866

---

Total	3.579:444,870
-------	---------------

Comparando-os com os respectivos a 31 de dezembro de 1834 acha-se que os da divida interna effectivamente diminuíram mais de 200 contos, mas subiram os da divida externa mais de 300, de modo que a differença a maior não é de mais de 141:024,914; differença bem pouco sensivel havendo attenção ao grande augmento que houve no capital da divida ex-

terna, ao custeamento das epochas correntes feito com os lueros da operação da conversão, começada, e não ultimada pela razão acima referida; e ao trans-torno que nella e em seus uteis resultados causou a queda da administração que a concebera; e á imprevista e fatal entrada da que lhe succedeu, depois da qual não foi mais possível pôr ordem nas finanças: e tal foi a commoção que nellas se sentiu que, sem embargo do poderoso apoio com que a opposição desse tempo a sustentava, ella não ponde suste-se senão uns quatro mezes, embora lhe succedesse outra em que entravam os mesmos cavalheiros que haviam concebido o plano das conversões, porque o mal produzido era irreparavel; e na queda daquella administração, elevada ao poder por um acto militar, que oxalá não tenha mais exemplos, o apuro em que o thesouro se achava era extremo, os recursos exhaustos, e a necessidade de prover a pagamentos correntes a mais urgente; foi então que occorreu a idéa das operações mixtas, que sendo verdadeiras antecipações sobre os rendimentos futuros, que é o mesmo que dizer *empréstimos* sobre estes, foram todavia então a unica taboa de salvação do Estado, e ja se prevê que a opposição elevou contra ella ter-ríveis brados por meio da imprensa periodica, sem attender ao apuro das circumstancias, sendo por outro lado evidente que por o modo como ellas então foram feitas, o governo recebeu recursos effectivos em numerario, sem ser obrigado a pagar no encontro dos papeis que hia recebendo, senão o que pelos mais sagrados direitos lhe cumpria pagar em boa moeda; assim mesmo este systema apenas produziu ao ministro que o adoptou uns 300 contos em dinheiro, e outros 300 contos em papeis de divida corrente que amortizou, dando inscripções de 4  $\frac{2}{3}$  por igual quantia.

A divida pois em 30 de Junho de 1836 achava-se nos seguintes termos.

Divida nacional ( interna )	29.648:600,854
Divida externa	40:964:781,020

---

Total	70:613:381,874
-------	----------------

Sendo os encargos

Da primeira	1.344.888,805
Da segunda	2.164.517,866

---

 3.499.501,671

 E sendo estes em 31 de dezembro 3.578.441,870
 

---

 A differença para menos 79.942,199  
 foi o resultado d'uma melhor administração.

O Ministro F. A. de Campos havia appresentado no seu orgamento da receita e despeza para o anno economico de 1836 para 1837, o estado da divida total consolidada, na qual, já se vê, não ficava comprehendida a divida interna corrente, e fluctuante, mas somente aquella que obrigava a encargos effectivos; e vinha nos seguintes termos.

Divida consolidada no 2.º semestre:

Nacional (interna)	20.718.419,881
Externa	40.398.750,000

---

 Total 61.117.169,881

E os encargos:

Da primeira	942.980,878
Da segunda	2.018.487,490

---

 Total 2.961.468,368

com um deficit entre a receita e despeza de 3.585.762,513

Mas o estado da Divida Publica de Portugal em 10. de setembro de 1836 era o seguinte:

Divida Total	Encargos
--------------	----------

Interna consolidada	19.612.006,698	1.384.868,805
---------------------	----------------	---------------

Dita sem juro	8.629.559,634	
---------------	---------------	--

Total	28.241.566,332	
-------	----------------	--

Externa	40.398.750,000	2.018.487,489
---------	----------------	---------------

Totaes	68.640.315,332	3.363.371,304
--------	----------------	---------------

---



No orçamento que para o mesmo anno economico de 1836 a 1837 apresentou o Ministro Silva Carvalho, na sessão extraordinaria de 29 de Maio de 1836, aquelle *deficit* era computado em 3.481:866\$060 e procurava diminui-lo por os seguintes recursos.

1.º o augmento provavel dos rendimentos das alfandegas, orçado em	800:000\$000
2.º D.º da decima e maneo	300:000\$000
3.º D.º da decima dos vencimentos dos empregados publicos	200:000\$000

---

	1.300:000\$000
o que reduzia o <i>deficit</i> a	2.181:866\$060

E o tempo justificou a razão com que estes augmentos haviam sido calculados.

O Ministro igualmente apresentou a proposta da conversão dos Padrões dos Juros Reaes em Inscriptões de 4  $\frac{2}{3}$ ; cujas bases foram litteralmente adoptadas no decreto de 9 de janeiro de 1837, pertencendo áquelle ministro a idéa de tal conversão, que mui opportunamente foi aproveitada pelo ministerio que se seguiu.

Tal era o estado da Divida Portugueza nas supramencionadas épocas, quando em 10 de setembro de 1836 rebentou a fatal revolução com que indisputavelmente nossas finanças receberam uma terrivel commoção; e foi, como os factos o tem mais que muito comprovado, uma verdadeira catastrophe para o paiz, um *terramoto politico*, ominosamente concebido, terrivelmente elaborado pelo *poder invisivel*, por este mesmo levado a effeito, e tambem por elle tenazmente sustentado; e não diremos que habilmente, porque se o houviera sido, se o seu *apparente programma* fôra mais fielmente cumprido; se lealmente se provassem todas as accusações assacadas ao systema, e aos homens derribados, se os factos não estivessem continuamente em contradicção com as promessas, se, em fim, apesar de tudo o melhoramento tanto no estado financeiro, como civil, e moral, fôra visivel por todos os olhos; experimentando por todos os sentidos, por certo a revolução não houvera tanto cabido de credito: mas passemos desta digressão ao objecto que temos em vista.

O ministerio da revolução apresentou ás cortes constituintes, eleitas sob o tremendo influxo daquelle, um orçamento no qual pretendia redazir o *deficit* em virtude das *economias e das operações financeiras* feitas, ao algarismo de 1.923:233\$613 no qual todavia não havia sido comprehendida a despesa com a congrua dos parochos, até então a cargo do thezouro, e depois da revolução a cargo immediato dos povos, orçada em 412 contos; mas no qual se computa 1.º, o rendimento da decima em 2 mil contos que no antecedente orçamento se limitava a 1.105 contos; 2.º a diminuição nos Juros Reaes, agora considerada como effectiva, quando no antecedente fôra apenas proposta; 3.º outras reduções no ministerio da guerra, que não poderam realisar-se; e bem assim algumas omissões; o que tudo no escripto do nosso collaborador se vê desenvolvido e demonstrado, de modo, que em abono da verdade e sem o minimo influxo de espirito de partido, a quelle *deficit* ficou tido por uma formal illusão.

Foi nesta epoca que o fulminado systema das operações mixtas, contra o qual tão violentas declamações se haviam feito, teve a maior voga; e na verdade, d'outros recursos não podia lançar-se mão em circumstancias tão apuradas, como omínozas; e para de seu effeito se fazer um rapido juizo, apresentaremos o resumo da sua importancia até o decreto de 31 d'agosto de 1837.

#### Entrada

Dinheiro	1.799:860\$000
Escriptos do Thesouro com vencimento	228:676\$715
Cautellas de distractes de apolices de 5 $\frac{c}{o}$	50.000\$000
Titulos de divida corrente	1.182:258\$597
Ditos de divida antiga	1.179:000\$000

Total 4.439:794\$812

#### Sahida

Escriptos admissiveis nas alfandegas	2.729:793\$000
Letras sobre o contracto do tabaco	775.000\$000
Escriptos das 3 operações	935.000\$000

4.439:793\$000

Dos quaes só pertencem á administração decahida :	
em títulos	330.897\$617
em dinheiro, ou escriptos do The- zouro, tidos como dinheiro	331.070\$383
Total	661:968\$400

As operações mixtas foram na verdade mui rui-  
nozas, nem podiam deixar de o ser; ellas foram  
feitas por antecipação da rendimentos do Estado,  
cobraveis dentro de curtissimo prazo; v. g., os *es-*  
*criptos admissiveis desde logo* nos pagamentos dos di-  
reitos das alfandegas; as letras sobre o contracto do  
tabaco; os escriptos das tres operações, que sem-  
pre tiveram valor subido no mercado, e receberam-  
se em troço *farrapos*, nome com que se denominam  
os títulos de divida antiga, e mesmo moderna, pelo  
insignificante valor que no mesmo mercado tem com-  
parado com o seu nominal, e sem vencimento al-  
gum de juro; pelo nominal dos quaes se deram ins-  
cripções de 4  $\frac{2}{3}$ , cujo juro está hoje figurando na  
soma dos encargos do Estado.

Foi preciso, nesta mesma epoca recorrer a novos  
*empréstimos estrangeiros*, sem embargo do anáthema  
com que haviam sido anteriormente stigmatizados; e  
de todos os promengres, que são correlativos a es-  
tes empréstimos, vem no mencionado escripto um  
sufficiente desenvolvimento; bem como das diversas  
occorrencias financeiras que tiveram lugar até 30 de  
junho de 1838, em que param os documentos *offi-*  
*ciaes* ao conhecimento do nosso collaborador, com  
poucas excepções.

A divida interna consolidada achava-se em 31 de  
dezembro de 1837 computada em 16.980:807\$966  
e sendo este em 10 de Setembro 19.612:006\$693

---

A differença para menos é 2.631.198\$725

E se aquelle não é o mesmo resultado que ap-  
parece no orçamento do ministro M. A. de Carvalho  
de 1838 para 1839, a differença proceda de neste  
se não comprehender a parte das apolices de 5  $\frac{2}{3}$ ,  
e das Inscriptções de 4  $\frac{2}{3}$  empenhadas no Banco de  
Lisboa, o que é facil de verificar.

A importancia da divida externa quanto a capitales, segundo o mappa apresentado pela commissão especialmente encarregada do exame desta divida monta a 11.372:150 £, ou R. 46:550:621\$776  
E sendo em 10 de setembro 40:398:750\$000

E' a differença para mais 6:151:871\$776  
A qual se deve acrescentar a importancia dos juros vencidos, e não pagos no 2.º semestre de 1838 na importancia de 415:220£, ou de R. 235:252\$220

A mesma divida, quanto a capitales, ascendia em 31 de dezembro de 1838 á quantia de 11.172:159£ tendo diminuido 200:000 £ do emprestimo feito em 1836, e que foi amortisado sendo só R. 45.717:301\$776 Mas havia crescido quanto aos juros vencido se não pagos 310:493 £ ou R. 877.049\$133 o que é facil de verificar á face do mappa inserto na pag. 166 e 167 do dito escripto.

Agora remontando-nos ao mappa n.º 30 do orçamento de 1838 para 1839 inserto a pag. 158 do mesmo escripto, acharemos o seguinte resultado para 30 de junho de 1838

(A) Divida fundada,	
interna	12.285:188\$217
externa	46.411:666\$606
(B) Divida corrente	11.669:247\$015
(C) Divida fluctuante	11.674:412\$023
Total	82.040:513\$021

Na qual se não mencionam 168.000 £ em Bonda empenhados na mão de M. Thornton em Londres, nem muitos creditos sobre que existem requerimentos pendentes.

Comparando este resultado com o que se achou para 10 de Setembro de 1836, e que era 68.640:315\$327

acharemos de augmento 13.400:198\$694

Quanto ao encargo annual em 30 de junho de 1838 importa o

Encargo da divida interna	869:790\$602
Dito da divida externa	2.144:311\$494
Total	3.014:102\$096

E comparado este resultado com o que achamos para  
10 de setembro 3.353:471\$804

Vem a differença para menos de 239:369\$208  
A qual procede de diminuição mui sensivel que  
houve pela inversão dos Juros Reaes em inscrições  
de 4  $\frac{5}{8}$ ; pelo resto do pagamento do emprestimo do  
Porto de 1898, e da diminuição rezultante da a-  
mortisação de 2.631:198\$723, que é a differença a-  
cima mencionada entre o estado da divida consolidada  
em 31 de dezembro de 1837, com o que ella era  
em 10 de setembro; sendo com tudo preciso ob-  
servar que os titulos respectivos a esta amortisação  
havião sido resgatados já antes desta ultima época,  
e pertenciam aos capitães de 6 e 5  $\frac{5}{8}$  que se havião  
invertido; podendo asseverar-se que as unicas amor-  
tisações reaes, que depois tem figurado nas contas  
publicas são, salvas pequenas excepções, aquellas que  
procedem do papel moeda entrado no Thezouro, em  
razão da venda de bens nacionaes; importancia que  
pertence á divida sem juro; e esta tem na verdade  
crescido muito quanto á divida corrente, pelo con-  
sideravel atrasamento em que se acham os pagamen-  
tos dos empregados publicos.

Mas o encargo annual do Estado quanto á di-  
vida interna deve augmentar em razão da auctori-  
sação dada ao governo pela Carta de Lei de 11 de  
julho de 1839, para realisar em dinheiro até 1400  
contos, já por meio de bilhetes do Thesouro, já  
por inscrições de 5  $\frac{5}{8}$ .

Parece que o governo effectivamente realizou os  
1400 contos em dinheiro, recebendo mais 2.800 con-  
tos em titulos vulgarmente denominados *farrapos*,  
e dando pela importancia total inscrições de 5  $\frac{5}{8}$  na  
concorrente quantia de 4.200 contos; que tem de  
acrescer á classe da *divida fundada*, devendo di-  
minuir-se os 2.800 contos na classe da *divida fluctu-  
ante*. A importancia do encargo proveniente desta  
operação é de rs. 220:000\$000 que ficam acrescen-  
do á conta do encargo annual.

E pelo que pertence á divida externa é evidente  
que tem de acrescentar-se na classe da divida cor-

rente os 235:252,220 dos dividendos relativos ao 2.º semestre de 1838, e os dous dividendos do anno de 1839: quantia de que os credores estrangeiros provavelmente exigirão também os respectivos juros, pois segundo as estipulações lhes devia ser entregue a sua importancia em duas épocas do anno marcadas nas mesmas estipulações. E quando consentam em capitalisar os dividendos vencidos e não pagos, a importancia de tal capitalisação vai accrescer á somma total daquella divida, e o seu juro ao encargo annual que lhe é correlativo.

Não sendo nosso objecto profundar este ultimo assumpto, nem prevenir juizos sobre o que deve precisamente partir do governo, que é quem está legitimamente habilitado para o fazer como cumpre, e apresentar ás cortes a proposta que mais convenientemente pareça aos interesses nacionaes e á dignidade do credito publico, aguardamos por ella e pela discussão sobre a mesma.

Parece-nos pois que feito assim a extracto do nosso collaborador, temos appresentado a nossos leitores o estado da divida publica de Portugal, e provaço que aquelle não pode legitimamente ser censurado como parcial, quando expoz factos comprovados, e sobre elles fez reflexões deduzindo as consequencias que também legitimamente delles decorrem; censura o que todavia não escaparia ainda que as não deduzisse, feita pelo partido a quem ellas parece que não agradaram, e que justamente mereceria da parte dos seus correligionarios politicos as delias prescindisse. O nosso collaborador não quiz, e pensamos que muito bem não quiz incorrer na censura destes, não estranhando a de seus antagonistas; muito ao contrario esperando-a sem a recear, confiado na boa fé com que emittê suas opiniões: uns e outros estão, como agora se diz, no seu direito; e como a verdade é uma só, o tempo mostrará de que lado ella está.

# Historia constitucional.

## A RAINHA VICTORIA

### SUA CÔRTE, E MINISTÉRIO. (\*)

Nossos principios, bons ou máos, tem em materia de semelhante gravidade e delicadeza uma decidida vantagem sobre os dos nossos adversarios; e é de que não foram, como os delles, estabelecidos depois das consequencias, e para servirem de apoio ás circumstancias.

Em julho de 1837, poucos dias depois da acclamação da rainha, quando nada indicava ainda mudança proxima na administração do reino, escrevia-mos nós as seguintes linhas, que ficaram sendo propheticas:

Com quanto não desconfiemos do zelo e sollicitude de Lord Melbourne pelos interesses essenciaes da rainha, dissemos entretanto que algumas das medidas por elle adoptadas tem sido com razão motivo de queixa para a nação. Referimo-nos principalmente ao caracter evidentemente politico attribuido a algumas das damas que elle escolheu para o serviço da rainha. Seria certamente em nós um grande absurdo queirermos-nos de tarem os altos empregados da casa real as mesmas opiniões do ministerio: os ministros devem necessariamente preferir a gente do seu pensar; e as damas não devem entrar para o paco com influencias hostis. Ha com tudo, e sempre houve, grande differença entre o ar-

(\*) O artigo que offerecemos a nossos leitores é extrahido do *Quarterly-Review*, jornal tory: nem levemente hesitamos em o publicar, porque as luzes, venham donde vierem, sempre allumiam, e a razão onde quer que se encontre sempre deve convencer. Este artigo é o manifesto do partido tory ácerca da ultima crise ministerial ingleza.

dor excessivo ou zelo exagerado, desculpavel nas pessoas envolvidas em algum conflicto politico, e as opiniões mais tolerantes, e mais moderadas que tão bem quadram aos governos dignatarios que compoem a sociedade privada. A corteza, os sentimentos de respeito que são devidos á magestade tem de soffrer necessariamente alguma quebra quando todos os individuos que cercam o monarcha tomam parte, mais activa na luta dos partidos. Nenhum de nós ignora as scenas escandalosas que em outros tempos produzio o esquecimento deste salutar principio; e posto que esperamos que taes scenas não mais se renovem, julgamos do nosso dever dizer que a nomeação de *mulheres de ministros*, e de *filhas de ministros* para os empregos da casa real, é a varios respeito um acto digno de ser altamente reprovado. Hoje o posto mais elevado em palacio é occupado pela filha d'um ministro, irmão d'um de seus collegas: o segundo pela mulher do lord presidente do conselho: o terceiro, quarto, e mais vincó ou seis pelas filhas do lord guarda do selo privado, e lord chanceller do thesouro, e de seus adherentes politicos. É impossivel dizer enqua alguma contra a reputação pessoal de qualquer destas damas; mas nem é de principios constitucionaes, nem é proprio das conveniencias da vida practica, que o soberano esteja encerrado nos estreitos limites d'uma facçãozinha, por mais respeitaveis que sejam as pessoas que a constituem: não é constitucional, nem conveniente que o soberano dado aos negocios do estado, ou aos prazeres, em publico, ou em particular encontre continuamente as mesmas caras, e ouça as mesmas vozes; vozes e caras que, logo se vê, pertencem a uma mesma familia.

Mais abaixo continuavamos assim:

Que por tal motivo o bem-estar domestico da rainha tarde ou cedo teria de correr graves riscos, pois que teria de soffrer todas as repercussões de qualquer mudança politica; ou o que seria mais grave, que as mudanças politicas chegariam a depender das affeições pessoaes, e do favor particular do monarcha (*Quarterly Review*; julho de 1837).

Eis-aqui o que nós previamos: não temos amor proprio em fazer sobresahir a exactidão de nossos calculos verificada por tristes acontecimentos. E se recomendamos a nossos leitores que os não risquem da memoria, é porque elles refutam d'um modo irrefragavel.



vel, as mil calumnias de que tem sido objecto o comportamento de sir Roberto Peel e de seus amigos. Os principios que elles sustentaram em maio de 1839, tinham já sido os seus principios em julho de 1837; elles os professavam então sem outro movel mais que o desejo de não ver arriscar a felicidade domestica, ou os deveres politicos da joven rainha.

Agora, que temos arranjado este ponto preliminar, focaremos uma questão d'outra importancia; e é a seguinte. — A applicação que destes principios fizeram o duque de Wellington e sir Roberto Peel, seria justa, constitucional, e necessaria, ou, como se disse com temeraria, leviandade, foi inutil, gratuitamente offensiva, e sem precedentes historicos?

Recordemos novamente os factos em poucas palavras.

Uma princeza da idade de 18 annos e um mez, educada no mais profundo retiro, e mais falta de experiencia do que em sua idade se deve presumir, e subitamente chamada para o governo d'um vasto imperio. Ella não escolhe mas acceita o ministro do rei seu predecessor. Este ministro que provavelmente não lhe tinha dirigido uma dúzia de palavras antes d'ella subir ao throno, nomea immediatamente todos os homens que devem compor o gabinete da rainha, a sua corte, e sua intimidade. Alem disto enche logo todos os lugares officiaes reservados para o sexo feminino, e confere estes empregos a damas, que pela maior parte a rainha nunca tinha visto; senhoras alias muito respeitaveis, mas de quem o publico apenas sabia que eram mulheres, irmans, filhas, e geralmente parentes dos ministros, ou de seus mais zelosos partidistas.

A mulher do presidente do conselho ficou primeira dama da rainha: a irman do secretario d'estado d'Irlanda dama guarda roupa: outra irman também dama; e da mesma sorte a mulher do lord lugar-tenente d'Irlanda. A mulher do ministro da guerra, é nomeada camarista; a cunhada do ministro do reino, e a filha do chanceler do thesouro ficaram damas d'honor; sem falar da mulher, irman, e filha dos lords Durham, Spencer, e Grey, os quaes apezar de estarem fora do gabinete, não são menos estimados pelo

partido Whig, como mais eminentes do que os proprios ministros.

Estas eleições inteiramente politicas, não tinham por pretexto a particular inclinação da rainha para esta ou para aquella pessoa. Apenas tres ou quatro das damas assim designadas tiveram a dita de ver a approvação regia realçar o favor que o ministro lhes conferia. E se se quizesse uma prova do que affirmamos, achar-se-ia em uma anedocta de palacio, em que muito se falou por ser muito significativa. Quando se compoz a lista definitiva das damas, a duqueza de Kent, mãe da rainha, não só não foi sciente da sua formação, mas até nem soube dos resultados senão pelo rumor publico, e leitura dos jornaes. Poderia por tanto alguma outra couza mostrar o caracter official da decisão de lord Melbourne melhor do que esta reserva reputada excessiva?

E virão dizer-nos agora que semelhante decisão, obra d'um ministro d'algum modo *imposto* á rainha, só porque o achou em exercicio no momento em que o sceptro cahio em suas mãos juvenis, virão dizer-nos, repito, que tal decisão é isenta de toda a fiscalisação, quando este ministro cede a outro o seu lugar?

Muito de proposito repetimos, (porque não é justo deixar o mais leve vestigio da mentira por via da qual entrou novamente para o poder o ministerio Whig) que entre as damas que compõem a comitiva da rainha, particularmente entre aquellas que foram investidas dos mais altos empregos, e ás quaes ameaçava mais proximamente o exercicio, do direito reclamado por sir Roberto Peel, não havia uma unica que fosse amiga d'infancia da rainha, nenhuma que estivesse ao seu serviço por uma manifestação de sua augusta vontade, nenhuma em fim que fosse da sua intimidade antes da determinação de lord Melbourne. As amigas d'infancia da rainha, são em pequeno numero, e bem conhecidas. Em primeiro lugar a duqueza de Kent, mãe terna e affectiva, a quem a rainha logo no principio de seu reinado deu um authentico testemunho de amor filial. (\*) Segue-se depois a go-

(\*) „..... Educada em Inglaterra, sob a direcção de mãe carinhosa, apprendi desde menina a amar e respeitar a constituição do paiz.”

( Discurso no conselho orivado em 20 de Junho 1837 .)

verdade de S. M. a excellente duqueza de Northumberland digna de toda a afeição e respeito; e finalmente algumas jovens companheiras escolhidas entre as melhores nobres e de espirito distincto, que a duqueza de Kent chamava para ao pé de si. Tais foram as amigas d'infância da rainha, as quaes todos sabem quantos respeitos e attensões tem tributado os actuaes conselheiros da coroa.

Em todo o caso, o que nós vimos de dizer é o que era a corte quando os interesses do paiz pareceram reclamar a demissão de lord Melbourne. A rainha cedendo á seus conselhos, e recorrendo aos homens do partido conservador, escreveu no dia 7 de maio a lord Wellington, mandando-lhe que viesse á sua presença no outro dia de manhã. As duas conversações que ella teve com Sua Graça, e os tres entretenimentos que ella facultou a sir Roberto Peel, não foram revelados ao publico. Todavia disse-se o bastante para estabelecer os factos principaes, e para indicar o resto.

O duque de Wellington declarou depois que tendo a noite de 7 para 8 para reflectir na entrevista do dia seguinte, ajustara consigo mesmo os pontos principaes que deviam ser tratados, sendo entre outros a necessidade que elle queria fazer sentir á rainha de escolher o seu primeiro ministro entre os membros da câmara baixa; e como pontos accessorios, mas indispensaveis, as escolhas que deviam modificar a composição do pessoal da casa real.

E' na verdade parecia impossivel ao duque que uma reunião d'homens politicos acceitasse o cargo de governar a Inglaterra sem ter sobre as pessoas que rodeavam a rainha a influencia e fiscalisação ordinarias, influencia e fiscalisação de que tão latamente haviam usado os ministros que se retiravam. Era mister que a nação conhecesse por este modo que os novos ministros tinham adquirido a plena confiança de Sua Magestade. A importancia da rainha reinante, como personagem politica, muito superior á d'uma rainha espora; a organização actual da casa real; seu caracter politico hostile ao partido conservador; a influencia que os empregados da casa real deviam exercer

sobre um soberano que por sua idade , sexo , e inesperienza relativa só faria o que elles quisessem : todas estas considerações foram pezadas pelo nobre duque com a alta prudencia que ninguem lhe pode contestar. Suas reflexões ainda se adiantaram mais :

Eu acreditei , diz elle (\*), na possibilidade de fazer condições ou estipulações relativas ao exercicio desta influencia ou direito de fiscalisação sobre a caza real . Pareceu-me que a pessoa que estivesse para tomar a direcção dos negocios do estado , e que houvesse de acceitar semelhantes restricções , promettia não cumprir com os seus deveres ; porque um de seus deveres seria talvez pedir ao soberano a remoção d'uma ou outra pessoa , que seria estorvo , e quem sabe se perigo , para a boa administração do governo. Nenhum homem digno da confiança do soberano julgava eu que devia acceitar uma tal estipulação ; assim como uma tal estipulação não me parecia poder ser proposta por Sua Magestade a um homem que ella julgasse com sufficiente integridade para lhe confiar os seus poderes.

Nestas disposições se dirigio lord Wellington na manhan de 8 de maio ao palacio da rainha. A' excepção do conselho que elle deu para que se chamasse para o ministerio sir Roberto Peel , declarou não estar autorizado para revelar couza alguma do que nesta conferencia se passasse ; mas quando elle accrescenta " que nada se passou que estivesse em opposição com seus principios geraes sobre a formação d'um gabinete , ou com seus principios particulares sobre a administração da caza real , " julgamo-nos então autorisados a crer que as reflexões do nobre duque taes quaes , segundo elle , acabamos de referir , expostas a Sua Magestade , nenhuma objecção séria suscitaram. E como a rainha acceitava sir Roberto Peel , e o mandava procurar , é claro que implicitamente annua aos outros prudentes conselhos que Sua Graça julgou acertado sugerir-lhe.

Havia Sua Magestade dado mostras de querer receber sir Roberto Peel no mesmo dia ( 4.<sup>a</sup> feira , 8 de maio ) ás 2 horas da tarde. Elle foi para obede-

---

(\*) *Sessões do parlamento de 14 de maio.*

cer ás ordens da rainha , acceitou a confiança que esta lhe offereceu , pedindo licença para voltar no dia seguinte á presença de Sua Magestade com um plano para a formação d'um gabinete.

Nesta primeira audiencia nada houve que podesse trazer á idea a difficuldade que ia apparecer. Sua Magestade unicamente declarou que, mao grado seu, se separava de seus antigos ministros, e que estava muito satisfeita com elles ; phrases lisongeiras, das quaes não temos senão uma consequencia a tirar ; e é que a rainha estava decidida a sacrificar suas affeições particulares , quando julgasse que ellas estavam em opposição com o bem geral.

Na quinta feira 9 de maio sir Roberto Peel admitido novamente á presença da rainha , apresentou-lhe a lista dos homens que tencionava chamar para occuparem os primeiros cargos do estado :

O duque de Wellington ,

Lord Lyndhurst ,

O conde d'Aberdeen ,

Lord Ellenborough ,

Lord Stanley ,

Sir James Graham ,

Sir H. Hardinge ,

M. Goulburne.

Alem disso pedio que a rainha o autorisasse para constituir a caza real , de modo que os novos empregados e criados de Sua Magestade tivessem um penhor publico da confiança que se lhes concedia , exprimindo ao mesmo tempo a intenção de se conformar , quanto fosse possivel, sem destruir o character da medida adoptada , com os sentimentos pessoaes e particulares da rainha. (\*)

E por este motivo tendo a rainha manifestado desejos de dar ao conde de Liverpool um emprego que o fizesse estar junto á sua pessoa , sir Roberto Peel sollicitou immediatamente autorisação para offerecer a lord Liverpool o lugar de alferes mór da caza real. (\*)

Disse mais que tinha os mais vivos desejos de poder applicar o mesmo modo de nomeação aos

---

(\*) *Carta de sir Roberto Peel á rainha , lida no parlamento.*

principaes empregos exercidos pelas damas da caza real; ao que Sua Magestade respondeu que esses empregos deviam ser todos conservados nas pessoas que ja os tinham, pois era muito do seu agrado; accrescentou ella, *que nenhuma mudança occorresse nesta parte do seu serviço.* (\*)

Uma tal declaração para que elle não estava preparado, por que nem a ultima entrevista com a rainha, nem o conhecimento que elle tem da historia constitucional do paiz, lho deviam fazer esperar, autorisava sir Roberto Peel a acabar com todas as negociações pendentes, e a retirar-se immediatamente; porém a idade e sexo do chefe do estado, ainda que não tenham influencia sobre seus direitos e prerogativas constitucionaes, influem com tudo muitissimo nas formas empregadas para tratar com elle. E d'aqui veio que em vez de resignar immediatamente seus poderes, como de certo teria feito se estivesse tratando com o rei Jorge ou com o rei Guilherme, sir Roberto julgou mais prudente sugerir á rainha que consultasse ainda o duque de Wellington antes de aventurar a sua autoridade na firmeza d'um principio, fútil talvez na apparencia, mas que envolvia gravissimas consequencias. Sua Magestade consentio em ver o nobre duque, o qual foi novamente chamado ao paço.

Sua Graça não fez publicos os pormenores desta segunda entrevista. Contendo-se nos termos vagos da formula que já havia empregado, sómente disse, que *pela sua parte* nada houve em opposição com os principios que desenvolvêra perante a rainha na sua primeira entrevista. " O certo é que a sua intervenção parece ter sido sem effeito. Sua Magestade declarou-lhe a elle, e depois a sir Roberto Peel, que a sua vontade não tinha mudado, mas que entretanto reservava para o dia seguinte o manifestar a sua final determinação.

Até ao presente temo-nos guiado nesta narração por testemunhos não suspeitos, e contra os quaes ainda ninguém reclamou; são elles as fallas de lord Wellington, e a correspondencia lida por sir Roberto

---

(\*) Carta citada:

Peel na camara dos commons. Segue-se agora vermos se as explicações de lord Melbourne e de lord John Russel nos darão resultados igualmente claros e satisfatórios.

Na 3.<sup>a</sup> feira de manhan depois da votação na camara dos commons sobre o bill relativo aos negocios da Jamaica, pediram os ministros suas demissões, que foram acceitas, declarando-se isto ao parlamento na tarde do mesmo dia.

Ainda nessa noite da 3.<sup>a</sup> feira ( se dermos credito a lord John Russel ), lord Melbourne aconselha a rainha para que chame o duque de Wellington “ *e cre conveniente fazer saber a S. M. o que era costume praticar-se em taes occasiões (\*)*. ”

Neste ponto ha uma leve, posto que importante, divergencia entre a versão de lord John Russel e a de lord Melbourne. Este ultimo affirma que só na *quarta feira* de manhan offerecêra á rainha seus conselhos *sobre a escolha que ella tinha a fazer*, e o *caminho que tinha a seguir*. (\*\*)

Lord John Russel tem por certo razão: porque a primeira carta da rainha ao duque de Wellington foi escrita na *terça feira de tarde*; mas por outra parte parece que o ministro que sahia, *depois* de pedida, recebida e annunciada ás camaras a sua demissão, *depois* de ter offerecido o seu parecer sobre o que a rainha devia fazer; *depois* da entrevista do seu successor com S. M. cuja confiança neste momento devia pertencer a este ultimo, tendo voltado ao paço na *quarta feira* de manhan apresentou ideas novas ácerca das pessoas, e ácerca das couzas.

E na verdade lord Melbourne declarou á camara dos lords, que nesta segunda entrevista nenhum conselho dera relativo ás damas da caza real. “ Elle não esperava, não podia pressentir, não se lhe mettia em cabeça que fosse possivel dirigirem-se a S. M. certas proposições. (\*\*\*) ”

Nós não duvidamos da asserção do nobre visconde, por mais insolita que nos pareça. Ella é uma

---

(\*) Debates parlamentares de 13 de maio.

(\*\*) Dito de 14 de maio.

(\*\*\*) Dito — dito.

prova, assás inutil por fim, de que as suas ideas de politica em nada se parecem com as de lord Wellington, de sir Roberto Peel e de lord Stanley, a cujos espiritos immediatamente se tinha apresentado a questão das damas da caza real: previsão esta bem natural, porque não havia em Londres um unico *club* onde fosse sabida a demissão dos ministros, e que não perguntasse logo pelas demissões femininas que iam ter lugar; previsão tambem em certo modo obrigada, porque ninguem imaginava que um ministro, digamos antes, um membro d'uma ou d'outra camara podia abandonar o seu emprego sem que sua mulher se julgasse obrigada a resignar o que elle occupava no paço. E finalmente asseverou-se, sem que se pensasse em contestar este facto, que na terça feira á noite fôra esta questão discutida no jantar por alguns collegas de lord Melbourne, em presença de sua senhoria, mas provavelmente sem que elle desse ouvidos ao que se dizia.

O exemplo recente de lady Durham não se apresentaria á sua memoria? pois seriam quatro mezes bastantes para fazer esquecer a lord Melbourne uma transacção em que elle fez uma das principaes figuras? Havia-se recusado a lord Durham uma audiencia real que elle sollicitava. Sua espoza largou immediatamente o lugar que occupava no paço. Depois de termos formalmente approvado, tanto o procedimento de S. M. como o dos dous esposos que acabavam de cahir ne desagrado, achavamos neste incidente, *menos pueril do que parecia*, um indicio pelo qual se revelava a inconveniencia do systema adoptado por lord Melbourne para a escolha das pessoas do serviço da rainha.

Eis-aqui agora, não já um vão boato, um rumor, ou uma interpretação mais ou menos certa, mas um facto positivo e muito significativo.

Appareceu no *Globe* jornal ministerial, com data de quinta feira 9 de maio, um artigo concebido nestes termos:

„ A bem conhecida resolução que S. M. tomou de não  
 „ consentir que uma mudança ministerial *tivesse influ-*  
 „ *encia nas damas da sua côrte*, indispoz fortemente os  
 „ torys „.



Agora convirá também saber que um jornal da tarde publicado ás 4 horas depois do meio dia costuma ir para o prelo quando muito, ás duas horas. Ora é verdade que nós não sabemos a que horas da manhã foi sir Roberto Peel chamado pela rainha ; mas não é provavel que fosse antes do meio dia ; e nós sabemos do proprio lord Melbourne (\*) que *só no fim* desta conferencia é que se succitou a primeira duvida sobre a questão das damas do paço. Seguiu-se logo uma discussão que não teve resultado algum : depois foi a missão ao duque de Wellington , chamado como mediador e árbitro. Nova discussão entre a rainha e Sua Graça , seguida de segunda entrevista de S. M. e sir Roberto Peel. Estas hesitações deviam levar tempo ; a determinação da rainha ficou por ultimo addiada para o dia seguinte , *sexta feira*. Seria tudo isto pura comedia ? A determinação de S. M. seria tomada antes de ver sir Roberto Peel ? Acaso o editor do *Globe* teria sido instruido por alguma communicação mysteriosa , *antes* que sir Roberto Peel fosse sabedor da difficuldade que ia apparecer ; e *antes* mesmo de ser conhecida pelo duque de Wellington ? Como finalmente é possível que ella fosse annunciada ao paiz por um órgão acreditado do poder, *em quanto* estes dous homens d'estado suppunham que ella ainda era objecto das reflexões de S. M. , e 24 horas *antes* de terem recebido a communicação official da dita difficuldade por uma carta da sexta feira de manhã ? A sagacidade dos leitores que resolva todas estas questões.

Em summa , o resultado das lições d'historia que lord Melbourne expoz á rainha na manhã de quarta feira , foi que no outro dia ás seis horas sua senhoria achou a rainha no seu gabinete envolta em novas difficuldades, que o mesmo lord Melbourne attribue a uma interpretação erronea.

E na verdade, conforme a sua opinião , a rainha enganando-se sobre o verdadeiro sentido das palavras de sir Roberto Peel , tinha pensado que o honrado *baronnet* exigia formalmente que ella despedisse *todos*

---

(\*) Debates parlamentares do mesmo dia.

as damas que compunham a actual caza real, quando, como se vio, a questão era tão sómente modificar *a certos respeito*s o pessoal feminino do paço.

Lord Melbourne declara ter tambem participado desta *impressão erronea* que no espirito da rainha havia deixado a obscuridade do discurso de sir Roberto; elle convocou immediatamente os seus antigos collegas, e S. M. escreveu a sir Roberto Peel os seguintes termos dictados por elle.

*Paço de Buckingham. 10 de maio.*

„ *A rainha havendo maduramente pensado sobre a*  
 „ *proposta que sir Roberto Peel kontem lhe fez de despe-*  
 „ *dir as suas damas e acafatas, não pode consentir em*  
 „ *uma medida que julga não só contraria dos usos esta-*  
 „ *belecidos, mas até offensiva ás suas affeições pessoas.* „

A malevolencia podia reparar na ambiguidade desta notificação, a qual não diz se a rainha julgou o principio, ou só a applicação que d'elle (conforme a opinião della) queria fazer o novo ministerio. E com tudo era este um ponto essencial.

E mais essencial se tornou ainda quando foi transmittida á rainha a resposta de sir Roberto Peel. Na verdade, esta resposta era tal que devia destruir a impressão erronea sob cuja influencia tinham deliberado S. M. e os actuaes conselheiros da coroa. Nella se lia, entre outras cousas, o seguinte: — *Era essencial ao mandado com que V. M. honrou sir Roberto Peel que elle tivesse uma prova insigne do benevolo accordo e da confiança de V. M.; prova que para a nação e para elle teria resultado do direito que V. M. lhe daria de modificar a certos respeito*s essa parte da sua caza *que declarou querer conservar integralmente.* —

Com isto acabavam todas as duvidas ácerca das intenções de sir Roberto Peel. Se elle foi obscuro em palavras, explicou-se mui claramente com a penna na mão. *A impressão erronea* não pode por mais tempo persistir; e lord Melbourne concorda nisto formalmente. As couzas voltam novamente ao ponto em que estavam na quinta feira de manhan, antes de todas as contestações entre a rainha e os representantes do

partido conservador. Os motivos politicos que haviam constrangido lord Melbourne a pedir a demissão ainda subsistem com toda a sua força ; o pretexto unico que elle tinha para recuperar seu posto, pretexto *erroneo*, escapa-lhe pela sua propria confissão. Enganam-se porem os que pensam que elle vae novamente ceder á necessidade já reconhecida. O antigo gabinete toma a estranha resolução de considerar como não succedido tudo o que acaba de occorrer, e vae-se conservando no poder como se a commissão dos negocios da Irlanda não tivesse sido encarregada de fiscalisar a administração de lord Normanby, como se o bill da Jamaica tivesse resistido ás duas provas parlamentares, como se lord Brougham e lord John Russell estivessem d'accordo sobre a doutrina do progresso indefinido, e finalmente como se a rainha nunca tivesse fallado a sir Roberto Peel e ao duque de Wellington.

Tudo isto é de tal sorte incomprehensivel, que dá vontade de crer verdadeira uma versão que teve muita voga nos salões da alta diplomacia, a saber, que lord Melbourne depois que soubera da carta de sir Roberto Peel, representára á rainha, juntamente com todos os collegas „ *que o principio de S. M. era „ insustentavel* ; e que era mister tratar de novo com „ sir Roberto Peel „. E como a rainha não annuisse a esta proposição, lord Melbourne, tirando de si o odioso, continuou com seus amigos a dirigir os negocios do Estado.

Foi então necessario sustentar o principio insustentavel, e o gabinete restaurado formulou nestes termos a sua resolução :

„ Os subditos investidos da confiança de S. M.  
 „ tendo tomado conhecimento da carta dirigida pela  
 „ soberana a sir Roberto Peel, e da resposta deste,  
 „ ambas datadas em 10 de maio, são de parecer : que  
 „ se para dar á administração um character sufficiente  
 „ d'influencia e estabilidade ; para lhe confirmar publicamente a especie de concorrencia constitucional,  
 „ sem a qual o ministerio não pode fazer couza alguma util, é rasoavel que os grandes officios da  
 „ corôa, e os empregos da casa real servidos por

„ membros do parlamento sejam comprehendidos nos  
 „ arranjos politicos deixados á disposição do minis-  
 „ terio novo , este principio não deve applicar-se ou  
 „ ampliar-se aos empregos occupados pelas damas no  
 „ paço da rainha. ”

Semelhante aphorismo politico não podia deixar de nos maravilhar , e a audacia practica do ministerio Melbourne com todas as maravilhas de que por vezes se tem revestido , não achou ninguem preparado para uma tal temeridade de theorias , a qual surprehende especialmente nos Whigs , que ha 200 annos escrevem , declamam , e fazem algumas vezes muito peor , contra tudo que se parece a influencias occultas , ou a intrigas femininas escondidas atraz das cortinas do throno. Elles esqueceram em um momento a pobre rainha Henriqueta , a duqueza d'Orleans , Maria de Modena , e a rainha Anna ; as Castlemaines , as Portsmouths e Orkneys ; as Mashams , as Howards , as Kilmanseggs , e tantas outras , cuja pretendida importancia governativa servio d'alvo ás calumniosas declamações , e envenenados escritos de cinco ou seis gerações Whigs , em que tambem entram os signatarios da extraordinaria declaração que vem de ler-se. Donde se collige que nem a contradicção mais evidente é capaz de intimidar estes heroes de probidade politica.

A questão por outro lado vale bem a pena de se discutir d'outra sorte , que não seja por argumentos *ad hominem* , ou mesmo argumentos *ad feminam*. O respeito com que os chefes do partido conservador acatam a rainha é que os tem feito guardar silencio até ao presente ; mas as pretensões inconstitueiconaes do ministerio Melbourne provocam o exame , e , até diremos , a censura parlamentar. Pertence-nos a nós anticipar os debates que sem duvida ha-de suscitar esta notavel invasão da prerogativa real.

Todavia antes de entrarmos na discussão do principio tão gabado hoje pelos Whigs , convem reduzir a seu justo valor os pretextos em que elles se fundam para fazerem do dito principio a applicação que querem.

Segundo elles começa por ser *contrario aos usos* aquillo que sir Roberto Peel exigia.

Para estabelecer este ponto foi necessario recorrer a lord John Russel; ao seu zelo de ministro, e á sua erudição d'historiador. Mais para diante veremos quaes eram, a este respeito, nos livros de lord John Russel as opiniões de sua senhoria. No entanto reproduziremos as palavras que elle proferio nas ultimas sessões :

Sera difficultoso encontrar em nossos annaes circumstancias perfeitamente analogas a aquellas que hoje se apresentam : a exactidão d'uma tal analogia requer imperiosamente que os precedentes invocados datem d'uma epoca, em que o nosso país se achou regido por uma rainha reinante ; e depois da morte da rainha Anna não se reproduzio mais entre nós outro facto semelhante. Alem disso em 1710 lord Sunderland deixando de exercer as funcções de secretario d'estado, e lord Rialton as de syndico da caza real, as espozas destes dous cavalheiros, filhas ambas do duque de Malborough, conserváram-se acafatas desde agosto de 1710 até dezembro de 1711, epoca em que o duque, seu pae, demittido de seus empregos, e victima segundo elle suppoz, d'uma atroz injustiça, lady Sunderland e lady Rialton tambem se demittiram. D'então para cá não se encontra em nossa historia um precedente bem identico para se poder citar como autoridade.

Notemos já como esta confissão ingenua contradiz a asserção real que appella para os *usos estabelecidos*, ao passo que, segundo lord John, Russel o ultima precedente tem já *cento e trinta annos de idade* ! A carta da rainha e o discurso do ministro desmentem-se evidentemente um ao outro ; e, cousa singular ! em nenhum dos documentos está a verdade. O ministro engana-se ; pois os precedentes que elle cita não são os unicos que se podem consultar. A rainha tambem se engana ; pois os precedentes omittidos pelo ministro attestam um uso contrario ao que ella allega.

Lord John Russel falla de lady Sunderland e de lady Rialton. Mas em quanto elle desta sorte se occupava dos primeiros annos do seculo 18, não lhe seria melhor recordar a mais elevada influencia politica que então se vio apparecer e brilhar ? A reminiscencia de lady Sunderland e de lady Rialton não lhe provocava a de sua mãe, a celebre Sarah, duqueza de Malborough, astro brilhante de que ellas apenas fo-

ram obscuros satellites? . Pois que ! Nem uma palavra acerca desta mulher por aqual se revelou aos olhos do nosso paiz o abuso mais flagrante do *favoritismo* feminino, e a influencia mais fatal das ilhargas do soberano sobre os destinos da nação ! Nossos leitores terão por certo melhor memoria do que o historiador ministro, e ainda não se esqueceram desse periodo importante em que a historia da Europa está, para assim dizer, resumida na historia d'uma açafata : bastará que lhe recordemos por uma rapida allusão o ministerio de lord Godolphin, ligado, com os interesses immensos de que era arbitro, á conservação da duqueza como dama guarda roupa. Bastará lembrarmos-lhes que o ministro que substituiu Godolphin só se julgou senhor do poder depois de ter obtido a despedida da favorita, a qual orgulhosa da sua influencia escreveu em suas *Memorias*: “ No anno seguinte *obriguei* a rainha a tirar o sello do Estado das mãos de sir N. Wright. , ,

Lord John Russel deixou tambem de mencionar Mrs. Masham, que sendo simples criada grave tornou-se nessa mesma epoca alma do mundo politico. Por ella, e por suas surdas machinações vio a altiva duqueza o seu credito primeiramente abalado, e por fim inteiramente destruido. O duque de Malborough, tão prudente como sir Roberto Peel, não tinha julgado dever desprezar uma rivalidade d'ante-camara, e suppunha-se com direito de pedir como ministro a despedida d'uma mulher ligada ao serviço da rainha. Lêa-se o que seu biographo nos diz desta curiosa luta entre o maior capitão daquelle tempo, e a criada grave da rainha reinante :

Malborough prestando attenção tão somente ao seu ressentimento causado pelas tenebrosas influencias desta mulher, resolveu, como era natural e conveniente, pedir a sua demissão se Mrs. Masham não fosse despedida; e ella escreveu á rainha uma carta, em que depois de contar os seus agravos, dizia: *Eu espero que V. M. despedirá Mrs Masham ou a mim.*

Esta carta escrita por Malborough d'accordo com os Whigs seus collegas, provaria, se necessario fosse, que na opinião do partido a que elles pertencem, o ministro tem o direito de syndicancia sobre os mais

infirmos officiaes da casa real; e na verdade o requerimento que elles dirigiam á rainha ficou plenamente justificado quando esta tendo a escolher entre o seu ministerio, e sua criada grave, deixou aquelle por esta. A' vista disto poderia arguir-se o vencedor de Vittoria e de Waterloo por não ter querido expor-se ao risco pouco honroso d'uma derrota já experimentada pelo vencedor de Blenheim e de Malplaquet?

E alem de Sarah e de Mrs Masham não saberia tambem lord John Russel que a duquesa de Somerset chegando a ser dama guarda-roupa inspirou fortissimos receios ao ministerio? O jornal de Swift (*Journal to Stella*) contem a este respeito particularidades mui positivas. Depois de narrar o celebre debate sobre a paz, e o desastre do ministerio na camara dos lords, continúa:

O lord do thesouro tinha levado a tal ponto a sua negligencia, que se deixou ficar no paço, em quanto na camara se agitava esta grave questão. Eu disse immediatamente a Mrs. Masham que o lord do thesouro e ella se tinham unido á rainha para nos trahir, ou que ambos tinham sido enganados pela rainha. Ella protestou solememente que era sem fundamento a primeira das supposições, e eu dei-lhe credito; mas indicou-me alguns symptomas que annunciavam que o espirito da rainha ia mudar. Hontem, por exemplo, ao sahir da camara, aonde tinha vindo assistir aos debates, o duque de Shrewsbury, lord camarista, perguntou-lhe quem teria a honra de a reconduzir, se elle ou o primeiro camarista Lindsay: "Nem um, nem outro,," replicou a rainha com máo modo, e apresentou a mão ao duque de Somerset, um dos partidistas mais exaltados da clausula contra a paz .....

Os Whigs triumpham: elles previam o que se havia de seguir; mas vós não davamos grande importancia ás suas jactancias. Agora dizem elles que o parlamento será dissolvido antes do Natal, o que pode muito bem ser. Tudo isto é obra da vossa damnada duquesa de Somerset. Ha nove mezes que eu os preveni contra ella; o secretario (Bolingbroke) sempre recebeu sua influencia. (*Journal to Stella*, 8 de dezembro de 1711.)

Mais adiante continua:

Estive esta manhan com o secretario, o qual falla como se tudo fosse ás mil maravilhas: — *Dar-me-heis vós credito*, dizia elle, *se virdes toda esta gente posta no andar da rua?* Sim, respondi eu, *se eu vir despedir o duque e duquesa de Somerset*. Elle então protestou que se não obtivesse a despedida delles, faria elle mesmo a sua. (*Ibid.* 13 de dezembro.)

Cincoenta testemunhos mais estabeleceriam, se

ainda restasse duvida, que esta guerra entre Godolphin e Malborough d'um lado, Oxford e Bolingbroke do outro, era conduzida na intimidade da rainha pela dama guarda-roupa que sustentava os Whigs, e pela criada grave, instrumento dos torys.

Eis-aqui os verdadeiros precedentes que lord John Russel cautelosamente omittio; declarando-se apenas sobre o comportamento de lady Sunderland e lady Rialton, *as quaes*, diz elle, *ficaram no paço muito tempo depois que seus maridos sahiram.*

Será bom saber que se lady Sunderland supportou com tanta paciencia a desgraça de seu marido, foi em attenção á posição de seu pae, o duque de Malborough, o qual apesar d'este indício da declinação do favor real, quiz ainda conservar-se no poder: era conveniente naquella occasião não dar motivos para augmentar aggravos verdadeiros ou inventados, que a rainha podia produzir contra a familia do ministro. Foi necessario disfarçar todos os ressentimentos que se tinham originado da despedida de Sunderland. Quando apesar desta submissão, o lord do thesouro Godolphin, a duqueza, e algum tempo depois o proprio duque foram privados de seus empregos, as duas filhas de Malborough julgaram inutil aviltarem-se continuando na companhia d'uma soberana que não apreciava os serviços de seu pae. Ellas retiraram-se cedendo á tempestade, e não com plena vontade. Pelo que respeita a lord Rialton, lord John Russel confundio as datas; elle deixou o seu lugar só depois da demissão do ministerio Godolphin, e não no mez d'agosto de 1710, ao mesmo tempo que Sunderland, seu cunhado.

Por aqui podemos ajuizar da exactidão das citações de lord John Russel, e tambem da pouco feliz escolha do unico precedente com que se quiz defender, mas que é contrario á argumentação de sua senhoria.

Vejamós agora a opinião do ministro historiador sobre factos analogos emittidos em tempos pouco remotos. No seu *Ensaio sobre a historia do governo e da constituição ingleza lê-se a seguinte mui notavel passagem* :



Os whigs estavam no poder por uma concessão muito precária. A rainha, inimiga delles desde todo o principio, havia concebido um implacavel ressentimento pela sua entrada arrogante para o ministerio. Alem disso todos os dias ella practicava ridiculos actos d'hostilidade provocada por Mrs. Masham, que tinha succedido ao imperio da duqueza de Malborough sobre esta fraca cabeça, e sobre este coração tão pouco elevado. Ella só esperava um motivo plausivel e popular para desviar da gerencia dos negocios publicos o general que por suas victorias havia illustrado a sua patria, e que devia sua fortuna politica não só a consummada prudencia, mas também ao culto sincero da liberdade. Malborough e Somerset cahiram; Harley e Saint-John appareceram: assim, quando se derribam estatuas dos heroes ou deoses, ficam á vista as serpentes e reptis ignobis. (\*)

Nós não levaremos a tão subido ponto como lord John Russel o desprezo pelos ministros (*serpentes e reptis*) que acceitam o poder sujeito a influencias femininas. Também não seremos nós quem stigmatise o espirito e coração da rainha Anna: mas também não podemos deixar passar a indolente indifferença com que lord John Russel, ministro, omitta precedentes tão notaveis, e que já em outra occasião tinham occupado tanto sua attenção.

Se em vez destes precedentes positivos nos contentassemos com analogias mais ou menos concludentes, bastariam aquellas que lord John Russel suscitou para porem patentes os verdadeiros principios da questão.

Elle falla de lord Rockingham, e este em 1782 demittio os primeiros officiaes da caza real, menos o estribeiro mor, o qual, conhecendo que também a elle podia ter chegado a sorte dos outros, vio-se obrigado ahi em diante, por gratidão ou por medo, a votar com o ministro.

Na crise ministerial de 1812 diz lord John Russel que lord Grey e lord Grenville exigiam a mudança tão somente dos primeiros officiaes da corôa, não se importando com os simples gentis-homens da camara; mas o facto é que o principio hoje contestado por lord John Russel, foi ao contrario estabelecido então pelos amigos, parentes e collegas de sua senhoria.

O principe regente desejava conservar sem mo-

---

(\*) *Essay on the history of English government and constitution*, p. 145. edição de 1821.

dificações o pessoal do seu palácio por motivos então geralmente sabidos. Entretanto elle julgou impossivel não annuir ás condições propostas por lords Grey e Grenville. Entregou á mercê de lord Moira, encarregado da formação do ministerio a inteira recomposição do pessoal do paço; que não se chegou a effectuar por desintelligencias a outro respeito com os futuros collegas. Seguiu-se a administração de lord Liverpool, a qual por certo não se conservaria oito dias no poder se não tivesse feito reconhecer o principio, antecedentemente apresentado por lord Grey e lord Grenville. E na verdade lord Herford ( nessa epoca lord Yarmouth e vice-mordomo ) e outros dos principaes officiaes sabendo das condições propostas pela administração, e acceitadas pelo regente, anticiparam-se a pedir as suas demissões. Aqui nós por tanto, que os Whigs queriam ter dominio temos absoluto sobre os empregados do paço, e a justiça destas suas pretensões nunca foi contestada por seus adversarios.

A pesar de não termos dito já pouco a respeito dos *usos estabelecidos*, accrescentaremos ainda que no reinado de Jorge III, o duque de Bedford, avô de lord John Russell, primeiro ministro de facto, quando não fosse de direito, fez com que fossem despedidos até os insignificantes porteiros da camara e os *ajudantes de Campo* por causa das suas opiniões politicos.

E note-se que estas medidas sempre foram, como era de esperar, adoptadas com preferencia pelos ministros Whigs; não só porque deviam ter mais que reccar em virtude de não terem a sua influencia solidamente estabelecida; mas tambem porque é dos principios dos Whigs testemunhar menos respeito e attensões ao soberano do que os torys.

A segunda objecção de lord Melbourne ás propostas de sir Roberto Peel consiste em dizer que ellas *seriam offensivas aos sentimentos intimos da joven rainha*.

Dado, mas não concedido, que o coração da rainha se magoase pela separação de pessoas que até alli tinham tido a honra de viver ao seu lado, e que ti-

nham tido a fortuna de merecer as suas sympathias; não era com tudo de admirar que se allegassem considerações que na presença de negocios graves e urgentes se devem reputar futeis? Muitos dos predecessores de S. M. não se resignaram por ventura a sacrificios muito mais penosos, e em idades, em que já não é possível substituir affectos perdidos?

... Mas se entendermos aquella expressão *sentimentos intimos* como denotando ou referindo-se ás susceptibilidades da rainha, e não de mulher, que S. M. manifestou para defender os direitos, autoridade e prerogativas da Corôa que ella julgou atacadas; a questão neste cazo varia, e iremos consideral-a por este lado.

Temos demonstrado com factos que os precedentes allegados pelo ministerio nunca tiveram a significação que se lhes quiz dar, mas a opposta. Não será porem este o nosso principal fundamento, porque os precedentes so valem como corollarios d'um principio, e por este principio é que devem ser decididas as questões constitucionaes.

Poderá dar-se alguma distincção entre os empregos confiados a mulheres na composição da caza real, e outros analogos occupados por pessoas d'outro sexo? Posto que a caza d'um rei e a d'uma rainha *reinante* não seja formada segundo as mesmas bazes, com tudo os empregos d'uma ou d'outra são igualmente officiaes, são dignidades conferidas para conservar o esplendor externo de que a monarchia deve estar sempre rodeada. O bem-estar, e o conforto (*comfort*) moral do soberano não é o objecto destas funcções, nem a occupação daquelles que as exercem. A maior parte do tempo elles são estranhos á pessoa do monarcha; quasi sempre em vez de contribuirem para a felicidade domestica do monarcha, são antes obstaculos á plena satisfação de seus desejos. Longe de nós a idea de que lhe é prohibido procurar nas affeições do corações ou entretenimentos do espirito um alivio aos solemnes cuidados com que o exercicio do poder supremo opprime inevitavelmente o chefe do estado; mas a caza d'um rei ou d'uma rainha não foi criada com o fim de lhe ministrar estes elementos de consolação ou d'alegria pessoal: é simplesmente um

appendice , um accrescentamento á sua representação exterior , e nada mais. O estado paga aos officiaes que fazem parte desta instituição publica ; estes officiaes exercem indirectamente uma influencia qualquer sobre a administração do paiz , e graves desgraças se seguiriam se entre elles se admittissem pessoas que não conviessem ás importantes funcções que lhes são confiadas.

Suppunhamos agora que as escolhas feitas por um ministro chamam para o lado da rainha pessoas que, é inconveniente e até perigoso ver elevadas a tão eminente posto ; suppunhamos tambem que essas escolhas em sua origem foram prudentes ; bem entendidas e perfectas , mas que o andar dos tempos mudou o seu character , modificando ou a posição , ou a nomeada , ou os interesses dos individuos que haviam sido escolhidos ; em tal caso , sobre quem pezará a responsabilidade dos inconvenientes , dos perigos , e das desgraças ? Sobre o soberano ? não ; porque *o rei é impeccavel*. Sobre o ministro ? é impossivel em virtude d'um principio admittido , que lhe tira toda a influencia e toda a syndicancia sobre a caza real ; e impossivel ainda mesmo que se limite essa influencia e syndicancia aos casos mui raros , em que uma grave falta , ou actos criminosos lhe dessem o direito de provocar sobre algum official da corôa a censura ou do parlamento , ou d'alguns tribunaes de justiça ; e com tudo os progressos da sciencia constitucional fizeram reconhecer como evidente a maxima de que nenhum acto publico pode deixar de ter um agente responsavel.

Por tanto a responsabilidade do ministro , e a irresponsabilidade do soberano , teriam que soffrer ambas , se se admittisse que este ultimo podia distribuir como entendesse os lugares da caza real , não só sem approvação , mas até contra vontade daquelle que deve sempre concorrer efficazmente para qualquer determinação em que se ache envolvido o interesse nacional.

Complicar esta grande questão com distincções tiradas do sexo e da idade do soberano , é um erro constitucional , e uma injuria á pessoa do soberano. A lei admittê a linha feminina á successão , e esta-

belece a maioridade aos 18 annos, sem fazer differenças de sexos, nem de idades. O soberano é rei d'Inglaterra: e a rainha Victoria é investida dos mesmos direitos e prerogativas que antes della possuiram os reis Jorge e Guilherme. Porem os ministros pronunciam contra ella uma sentença d'*indignidade* pessoal, ou concedendo-lhe mais, ou restringindo para menos a autoridade, que aquelles monarchas tiveram. Na verdade custa-nos a crer como haja inglez, por pouco entendido que seja no direito constitucional do paiz, que sustente que elrei Guilherme ou elrei Jorge ousariam reclamar como prerogativa especial o direito de conservar em um emprego, sem, ou contra o parecer do ministro, uma pessoa cuja existencia official depende do parlamento, porque é o parlamento quem vota a lista civil!

Se quando a rainha subio ao throno tivesse querido nomear para o seu serviço as mulheres e filhas dos antagonistas de lord Melbourne, este de certo não teria cedido, e se cedesse, não se conservaria no poder nem um mez. E se isto assim fosse, elle seria justamente censurado por ter sacrificado os direitos constitucionaes, e os deveres do seu cargo á curta e deploravel posse d'um lugar inutil. Foi por isto justamente que sir Roberto Peel recusou o poder.

Lord Melbourne no seu discurso de 14 de maio teve a bondade de dar conselhos amigaveis ao duque de Wellington e a sir Roberto Peel, sobre o modo com que se deviam tratar objectos tão delicados. Fallou dos inconvenientes que resultam das *demonstrações de força*, e de maneira tal que fez crer que prefere os *meios da astucia*; mostrando mui especialmente que nestas difficultosas transacções é admissivel uma pequena dose de malicia; o que certamente não é nada lisongeiro para o character ou para a intelligencia d'um soberano que se pertende dominar pela má fé. E julgamos do nosso dever declarar que o procedimento da rainha neste cazo em nada autorizava estas insinuações, que eram quasi um ultraje.

Na verdade estamos persuadidos que nem a idade, nem o sexo do soberano justificavam uma condescendencia qualquer da parte dos chefes do partido con-

servador : porquanto S. M. desenvolveu nesta circumstancia uma vontade e coragem que a fizeram julgar muito superior á sua idade , e que são pouco communs no seu sexo. Ora se esta vontade e esta coragem são *proprias* , é claro que ella não precisa d'uma complacencia facticia. Se pelo contrario ellas são *inspiradas* , esta circumstancia justifica o duque de Wellington e sir Roberto Peel , por terem receado as influencias secretas de que ella estava rodeada. Mas n'um e n'outro cazo o ministro que transigisse contra a sua dignidade , contra a sua autoridade, contra a honra nacional , contra os interesses publicos , e contra os primeiros principios constitucionaes por meio de estipulações que tornassem illusorias as consequencias da sua responsabilidade legal , deveria ser absolvido só porque o soberano é mulher , e ainda não completou 20 annos ? Aonde nos levaria uma tal proposição ? por certo que ao seguinte principio: que o sceptro não deve cair na linha feminina , principalmente quando a herdeira não tiver senão 18 annos. Mas não é isto o que determina a constituição ingleza.

Alem disso quando o soberano for novo e sem experiencia é que se torna mais necessario manter todos os direitos constitucionaes que protegem o throno ; porque então mais que nunca são para recear influencias illegitimas. A rainha Anna na sua idade viril , acostumada aos debates politicos desde a sua juventude , investida desde muitos annos com o poder real , cazada , e feliz com a união d'um marido instruido e prudente , não escapou apezar disto tudo á influencia d'uma. Mrs. Masham. E á vista disto , não deveremos nós ter receios das decepções que a idade juvenil torna mais facéis , e das fraquezas que a inexperiencia torna mais provaveis ?

[ *Quarterly Review.* ]

---

---

## CHRONICA HISTORICO-POLITICA

( Em 18 de Janeiro de 1840.)

---

*Peninsula Hispano-Lusa. PORTUGAL.*

**N**os 30 dias que hão decorrido desde a nossa ultima chronica poucos acontecimentos tem occorrido em nossa terra dignos d'especial commemoração alem — da reunião das Cortes, em 2 do corrente mez ; — o fallecimento do Cardeal Patriarcha de Lisboa em 3 do mesmo — ; a nomeação que S. M. a RAINHA fez do Bispo Reizgnatario de Coimbra D. Francisco de S. Luiz, para substituir o Prelado finado na qualidade de Patriarcha no Arcebispado de Lisboa, por Decreto de 5 do dito mez ; — e sobre cada um destes acontecimentos faremos algumas reflexões.

*Reunião das cortes ; — segunda sessão de legislatura.*

Muito agourada havia sido esta reunião. Antes do ministerio de 26 de novembro corriam boatos mui serios, e não sem mui razoavel fundamento, de que se preparavam tentativas de grave consequencia na proximidade do dia marcado pela Constituição para a reunião dos corpos colegislativos ; um precedente não mui remoto autorisava a desconfiança ; os rumores espalhados entre o povo, e alguns artigos incendiarios publicados em certos periodicos lhe davam mais corpo ; pois é bem sabido que a Constituição de 1838, ainda que consequencia da revolução de setembro, nem por isso sahira tanto á medida dos desejos de certos promotores da prosperidade nacional, que não carecesse de algum retoque que lhe des-se mais ademan republicano. A mudança ministerial que subitamente collheu muita gente fez variar o plano ; e foi concertado outro que se cifrava em divulgar

— que o novo ministerio fôra *imposto á Rainha* por a influencia estrangeira , que não tinha por fim senão *snfismar* a Constituição , e conduzir a nação ao absolutismo , — e que as cortes se não reuniriam no dia designado ! E ao mesmo passo que taes suspeitas s'emittiam no espirito do povo , não cessava , antes augmentava , a frequencia das *reuniões innocentes* que, ousamos asseverál-o , tem nossa patria em continuo sobressalto ! E' nellas que a revolução está incarnada , e ahi tem o seu principio vital.

Falharam , como de certo deviam falhar , os arteiros vaticinios , por que o pensamento do ministerio actual nunca foi , nem podia ser outro , que o de observar a Constituição jurada , e fazer respeitar o principio monarchico-representativo nella consignado.

E' bem sabido de todos , por que de toda a nação é infelizmente experimentado , que muito antes ( quinze mezes completos ) de ser a Constituição jurada , foi promulgado em 31 de dezembro de 1836 o codigo administrativo , que approuvado implicitamente com toda a volumosa legislação da dictadura pelas cortes constituintes , é ainda hoje lei vigente , e que este com a reforma judiciaria decretada em 29 de novembro do mesmo anno , e algumas outras leis , constituem a organização social da sociedade portugueza. O exame imparcial desta legislação mostrará por modo peremptorio , não só que ella foi coordenada sob a influencia puramente democratica , mas que esta fôra o pensamento e a tendencia da revolução de setembro. E com effeito poderá dar-se maior anomalia do que a de promulgar leis organicas para um paiz antes que a primeira de suas leis , — a lei das leis , — o fundamento do seu pacto social fosse constituido e jurado pela nação ?

Os coordenadores pois de taes leis pressupunham que a Constituição , que ia fazer-se teria só de monarchica o nome do chefe do Estado , porque suas attribuições deveriam orçar por aquellas que tem o presidente de uma republica ; e provavelmente tal seria a Constituição se tantos mezes não levasse ella a discutir , se acontecimentos interpostos não fizessem amplamente vêr a necessidade de nella consignar —



o principio do *veto* — , a faculdade de dissolver a camara dos deputados , e a livre escolha dos ministros , prerogativas essencialmente monarchicas , e que dão á Constituição uma feição totalmente distincta da que lhe fôra primitivamente destinada , prerogativas essencialmente conservadoras da ordem , e da tranquillidade publica , com as quaes estão em mui pouca harmonia as disposições do codigo administrativo , no qual o principio democratico exorbita demasiado , e por modo que o necessario equilibrio que deve dar-se entre este e o monarchico se acha completamente roto. A experiencia tem sobejamente justificado esta proposição ; e já na abertura da primeira sessão legislativa , depois da constituinte , o ministerio d'então o havia reconhecido , e em consequencia proposto alguma reforma , que a nova camara não considerou , ou deixou de considerar.

Sob as influencias de tal codigo administrativo , e d'uma lei eleitoral demagogica , e em nosso entender illuzoria do principio fundamental exarado no artigo 72 da Constituição , foram correeadas as eleições em agosto de 1839 : — então , contra toda a sua expectação , o partido da revolução vio a diligencia e cuidado com que uma grande porção de votantes correu á urna , para nella procurar o remedio constitucional á situação do paiz ; aquelle partido estremeceu então de ver a sua eminente derrota ; era já tarde para suffocar em seu principio aquella inesperada diligencia , e foi resolvido recorrer á violencia , e á força que algumas autoridades apoiaram ou claramente , ou com uma escandalosa indiferença , para impedir que os cidadãos continuassem a correr *livre e indistinctamente* á urna ; e assim mesmo , com a plena convicção ( posteriormente justificada ) de que os votos já nella depositados dariam um resultado contrario a seus intentos , recorreram a outros meios , e a tricas com que o primeiro escrutinio fosse *sosmado* , porque , para o segundo a violencia lhes segurarí o resultado. A prova sem replica do que asseveramos está no processo das eleições do Porto , de Braga , Guimarães , Lamego , Bragança &c. ; pois que naquelles circulos , onde não tiveram força para sustentar o mesmo plano , as eleições lhe foram todas

contrarias, como em Coimbra, Vianna, Penafiel, Alemquer, Santarem, &c.; e se em Lisboa as conseguiram foi por cauza d'um indesculpavel desleixo, ou indifferença dos amigos da ordem; por que cumprè confessal-o, na Capital a liberdade de votar foi ampla.

Tornámos a chamar á lembrança a dolorosa historia das eleições de 1838, por que ella explica mui naturalmente a organização do corpo colegislativo que forma a actual legislatura. Conseguido por taes e e tão reprehensiveis artificios ( de que toda a nação foi testemunha ) que os amigos da ordem perdessem a maioria nas camaras, grande tactica foi mister para evadir-lhe suas consequencias necessarias; o maior de todos os males que poderia sobrevir era uma nova eleição; o processo da anterior acabava de provar pelo modo mais evidente o que seria outra, na qual, *a opposição* mais precatada saberia fazer uzo do seu *poder eleitoral*; e foi então que avisadamente, e *não sem grande sacrificio de uma reputação bem merecida, e em momento pouco avaliado*, se conseguiu evitar tão fatal acontecimento, e procurar nas conveniencias da politica um pretexto justificado para aprovar as eleições; fica pois evidente que se grande numero dos eleitos não representava a livre expressão da vontade geral dos circulos electoraes, a outro grande numero não podia negar-se esta essencial condição. A camara dos deputados constituiu-se com os dois lados ( direito e esquerdo ) quasi igualmente fortes, e com um pouco numerozo centro a decidir das suas votações; e sendo sobre-modo certo que no pensamento deste centro se dá um principio d'ordem essencialmente conservador, uma decisiva disposição para repellir as tendencias da esquerda, comtudo uma não justificada desconfiança da sinceridade das tenções da direita impede a sua união. Eis-aqui o motivo por que as discussões se prolongaram, e a razão por que a primeira sessão foi tão longa na sua duração, e esteril nas medidas vitaes; e por que a resolução das propostas do governo, que com algumas essenciaes modificações poderiam passar, não foi reclamada por algum dos lados; pela esquerda por que receoza da união do centro com a direita, se ellas passassem, esse lado

receberia mais sensível revêz ; e pela direita porque incerta da adhesão do centro ás modificações que entendia essenciaes , receava arriscar a discussão ; e principalmente porque a divisão na votação devendo offerecer mui pequena differença , se dois ou tres de seus membros que por impedimentos inevitaveis , e independentes da sua vontade , deixassem de comparecer na votação , arriscariam o resultado. Assim mesmo , mui injustas tem sido as censuras que os proprios amigos de direita lhe tem feito , porque a inercia que lhe foi imputada contribuiu para se ganhar um precioso tempo , não qual o desengano tem feito grandes progressos , e a opinião publica tem podido mais claramente pronunciar-se ; e por tal modo que a rainha reconheceu a necessidade de organizar uma administração que representasse essa mesma opinião. A opposição reconheceu tambem a sua posição , e recorrendo a seus ordinarios meios não poupa algum , nem perde occasião , seja ou não opportuna , para desvairar aquella opinião , decidida a perpetuar o estado da revolução , como unica condição favoravel a seus designios.

Sob taes auspicios se reuniram as cortes no dia 2 de janeiro. Desde a restauração foi esta a primeira vez que no discurso do Throno se appresenta um programma d'administração claramente pronunciado ; o qual foi recebido em todo o paiz com a maior satisfação , por lhe dar as mais bem fundadas esperanças do estabelecimento da ordem dependente da emenda daquellas disposições da legislação existente , que a experiencia havia plenamente provado serem o manancial da desordem. A missão pois das cortes na presente sessão deve ser moderar as demasias da revolução , e os effeitos da preponderancia democratica , tão nocivos á prosperidade social , como os que procedem da preponderancia aristocratica.

E poderão as cortes actuaes , cuja organização é aquella que deixamos enunciada , e sobre que mui de proposito insistimos para bem poder chegar ao ponto da questão , — levar a effeito esta grande obra . satisfazer á sua missão ? Entendemos que não , e as razões em que nos fundamos ficam expostas ; todavia (e

tambem do nosso dever confessional-o ) sobre os objectos de que depende a vida normal da sociedade portugueza ha perfeita união e concordancia entre o lado direito e centro , mas temos tambem por certo que o lado esquerdo ha-de esgotar os seus recursos para empecer, protrahir, e embaraçar a decisão, mesmo até o ponto de provocar o uso que o Chefe do Estado pode fazer da sua prerogativa constitucional, na persuasão de que mesmo defferir aquella decisão é uma victoria conseguida, e de que no emtanto pode dar-se occurencia que lhe seja favoravel... Entendemos pois que o recurso daquella prerogativa é inevitavel, e que o governo, se mostrar firmeza e formal determinação de plantar no paiz os principios d'ordem de que carece, não pode ter o minimo receio de que mesmo na presença da actual lei eleitoral, o paiz deixe de mandar ao corpo legislativo representantes que coopérem com as intenções do governo, hoje plenamente definidas, depois que no dia 17 do corrente janeiro, veio pedir á camara dos deputados um complexo de providencias, que são o cabal desenvolvimento do seu programma , annuciado no discurso do Throno, e a expressão das necessidades do paiz. Se pois o governo escudado com a irresistivel força da opinião publica, empregar por sua parte os meios legaes para que aquella opinião possa *livremente* manifestar-se, para que a urna seja *franca* a todo o cidadão com direito de votar, e não seja *fraudada* a sua decisão, debalde o *poder occulto* tentará triúmfár daquella tão pronunciada opinião.

No discurso do Throno se annunciava o restabelecimento das relações diplomaticas com a Corte de Haya: e é indubitavel que cedo se restabelecerão, como tanto se deseja, as relações com a Corte de Roma. A nomeação de novos Bispos é um manifesto indicio da realisação de tão importante acontecimento.

*Fallecimento do Cardeal Patriarcha D. Patricio da Silva. —*

Com este acontecimento soffreu a Igreja Lusitana a perda d'um Prelado venerando por suas virtudes, luzes, e idade; e a patria mais um daquelles varões

que a illustravam. Este respeitabilissimo ancião nasceu em Leiria a 15 d'Outubro de 1756, e morreu em Lisboa a 3 de Janeiro de 1840; — chamado por sua vocação á vida monastica professou na Ordem de Santo Agostinho, na qual foi successivamente elevado aos cargos e dignidades mais eminentes della: foi Doutor na Faculdade de Theologia na Universidade de Coimbra, na qual foi depois Lente, e tendo anteriormente sido Director dos Estudos no Seminario Patriarchal do Santarem, Membro da Junta do Melhoramento, foi depois Socio da Academia Real das Sciencias — Bispo de Castello Branco, — Arcebispo de Evora — e Ministro Secretario d'Estado dos Negocios da Justiça no reinado do Sr. D. João 6.º — o ultimo Regedor das Justiças — Cardeal Presbiterado da St.ª Igreja de Roma — Patriarcha de Lisboa; Conselheiro d'Estado — Membro da Regencia que succedeu á morte do Sr. D. João 6.º — Vice-Presidente da Camara dos Pares — e Grã-Cruz da Ordem de Christo.

O seu funeral foi feito com toda a pompa, e decore devida á pessoa e jerarchia do illustre finado; assistiu o clero da Capital, a Corte, o novo Patriarcha Eleito (o Bispo resignatario de Coimbra, Conde de Arganil) os Bispo de Angra e Cabo-Verde; Officiaes Generaes, e diferentes ordens de pessoas; e para não faltar qualidade alguma d'honra ao varão que nascendo humilde foi por suas virtudes e saber elevado ás maiores dignidades espirituaes, e temporaes, tambem o corpo diplomatico assistiu em uma Tribuna, e Suas Magestades na Tribuna Real deram com Sua Presença o maior realce a este funebre acto.

Este fatal acontecimento sempre funesto para a nossa patria, poderia ser seguido de muito mais graves consequencias no momento em que elle se realison, dando margem ao desenvolvimento do scisma; que uma nefanda politica fez despontar em nossa patria, se para cortar pela raiz projectos detestaveis, não prezidisse aos conselhos da Rainha a mais assisada prudencia e circumspecção, porque resalvando-se todas as conveniencias foi canonicamente nomeado o Vigario Capitulár que devia succeder-lhe.

*Nomeação do Bispo Designatario de Coimbra para Patriarcha de Lisboa.*

Nenhum varão estava tão inquestionavelmente habilitado para merecer esta honra conferida pela Augusta Rainha de Portugal, como o Snr. D. Francisco de S. Luiz. Este varão prestante, estremado por suas eminentes virtudes, e em rasão dos principios constitucionaes que sempre professou, por seus prolongados soffrimentos, quer na queda da primeira constituição politica, em que resignou o Episcopado, e foi reeluzo por muito tempo no mosteiro da Batalha; quer na tempo da usurpação que o mandou deportado para o convento da Serra d'Ossa; estremado em fim por seu saber, sendo um dos litteratos mais distinctos da que nossa patria tanta se ufana, conhecido nella e em toda a Europa por suas diversas produções litterarias, aceitando a eminente honra que se lhe conferia, cedeu mais ao respeito devido á Augusta Rainha, e á gravidade das circumstancias, que aos impulsos de seu proprio coração, pois que apezar de tudo via com magoa ser-lhe mister preterir, por gravissimas responsabilidades, o seu mais a-prasivel recreio, que era a incessante applicação de seu tempo á litteratura; e em suas circumstancias e modo de pensar, não pode negar-se que fez grande serviço. — O mesmo venerando Prelado foi depois canonicamente eleito Vigario Capitular do Arcebispado. Esta nomeação foi recebida por todos os partidos com a mais completa approvação e applauso. —

**HESPAÑHA.** Uma das occorrencias mais notaveis durante estes 30 dias foi a celebre declaração do Brigadeiro Linage, Secretario do duque da Victoria, e inserta no *Ecco do Aragão*, donde a copiou o *Ecco do Commercio*; pela qual se fazia crer que nem o duque da Victoria, nem o exercito de seu commando approvavam a politica do actual ministerio, antes lhe seriam hostis; declaração arteiramente publicada, para influir no processo eleitoral, como na verdade alguma cousa chegou a influir, e muito maior fôra seu funesto influxo, se officialmente não fôra desmentida; por quanto o valerozo general não presta sua espada.

a apoiar o partido progressista, nem quer ser tido como chefe de partido, muito ao contrario o titulo que mais dezeja conservar e merecer, é o de Defensor do Throno, e da Constituição. — Todavia esta estrategia sempre de algum proveito foi á opposição, bem menor porem de que ella esperava.

As eleições progrediam, e ha as mais bens fundadas esperanças de que o partido monarchico-constitucional, e da ordem terá a desejada vantagem para a consolidação da tranquillidade da Peninsula. —

As operações militares permaneciam quasi no mesmo estado: em pequenos recontros com os rebeldes as armas da Rainha haviam sempre obtido decisiva superioridade.

Corria que Cabrera accometido de um *typho* se achava em perigo de vida; mas esta noticia carecia de confirmação. —

FRANÇA. — As Camaras legislativas tinham sido abertas no dia 23 de dezembro por El-Rei Luis Philippe, o qual em seu discurso allude ás diversas occorrenças que no intervallo da legislatura tiveram lugar no interior da França, e nas Colonias Africanas; menciona a terminação da guerra civil no norte da Hespanha, como principio da pacificação geral deste reino e da consolidação do throno d'Isabel Segunda.

Mr. Sauzet foi reeleito Presidente. —

Falava-se ultimamente d'uma recomposição na Administração.

Em Argel haviam os Francezes obtido consideraveis vantagens sobre os Arabes, e principalmente no combate da *Maison Canée*, aonde soffreram estes uma completa derrota. Uma nova conspiração tinha rebentado, que em rasão das medidas tomadas foi completamente inutilizada.

INGLATERRA. — O Parlamento devia abrir-se no dia 16 do corrente. —

O casamento da Rainha Victoria estava designado para o dia 8 de fevereiro.

Parece que havia intenção de mandar uma expedição naval á China, para tirar satisfação do governo

chinez por seus ultimos procedimentos com os Ingleses em Cantão, por cauza do contrabando do opio.

**DINAMARCA.** — Frederico 6.<sup>o</sup> Rei de Dinamarca falleceu em 3 de dezembro; — tinha nascido em 28 de janeiro de 1768. Foi chamado á regencia do reino, em rasão do estado da saude de seu pae Christierno 7.<sup>o</sup>, em 14 d'abril de 1784, e subio ao throno em 13 de março de 1804; — seu reinado tem sido um dos mais longos, e o mais completo que pode mencionar a historia de Dinamarca. O herdeiro do throno é um primo do rei defunto, o Principe Christierno Frederico, nascido em 18 de Novembro de 1786.

**CONSTANTINOPLA.** — O joven Grão-Senhor continua firmemente no systema de reformas emprehendidas por seu pai: — um dos seus actos mais memoraveis é o *Hatti-Scheriff* (Decreto.) de 3 de novembro de 1839 dado em *Gut-hané*, no qual se estabelece a nova Constituição do Estado, o qual será seguido de leis organicas em que muita interessam a justiça e a humanidade. E' aquelle acto o fundamento do principio regenerador, que abre a era da civilização da Turquia; e será tambem o preliminar dos definitivos arranjamientos entre o Sultão, e Melimet Ali.

A questão do Oriente achava-se ainda por decidir.

A Russia renunciava ao tratado de Unkiar Skellessi; mas este tratado devia acabar durante poucos mezes: e parece que estava disposta a unir-se á Inglaterra na questão do Oriente, e dos Dardanellos.



---

## Bibliografia

*Primeiras Linhas de Fysiologia por Jeronymo José de Mello, Lente cathedratice da Faculdade de sciencias Medicas, Professor de Fysiologia, e Hygiene na universidade de Coimbra, Membro de varias sociedades scientificas. Parte 1.<sup>a</sup> — Coimbra 1839.*

DANDO conta a nossos leitores desta nova produção científica, publicada em nossa terra, temos mais em vista dar ao distincto merecimento desta obra o publico testemunho de nossa opinião, como facultativo, do que ceder ao natural impulso que nos imprime a amizade, e homogeneidade d'outros sentimentos com que temos a satisfação de nos achar ligados com o erudito autor das primeiras linhas de Fysiologia.

Desde que a reforma da Universidade de Coimbra, emprehendida e concluida pelo celebre e illustre marquez de Pombal, no memoravel reinado de E. Rei D. José, e qualificada nos estremados Estatutos de 1772, fundou em nossa patria uma era scientific.: a Medecina já antes daquella época gozava d'alguma consideração, devida menos ás disposições universitarias e regulamentos d'estudos, que ao zelo, e, diremos a verdade, mesmo ao saber de alguns de seus Professores, do que o illustre reformador deu um publico testemunho aproveitando-os para continuar o magisterio na verdadeiramente nova faculdade constituida pelos Estatutos, chamando apenas um unico Estrangeiro para instituir a Anatomia. Mui notavel e prompto foi o impulso que a reforma deu a esta Faculdade, da qual cada anno foram por espaço de tempo sahindo discipulos eminentes, que passando ao magisterio na mesma Universidade, ou ao exercicio clinico no reino deram a mais ampla e cabal prova de quanto com a excellencia do methodo, e plano d'er-

sino pode distinguir-se o genio. A cadeira de Fysiologia primeiramente occupada pelo celebre Professor João Francisco Leal, discipulo do immortal Boerhaave, foi successivamente regida por Professores, cujo renome e reputação tem passado á posteridade, e dura e durará na Universidade em quanto ella existir: pagaremos um tributo devido á verdade e á justiça, commemorando os nomes de Francisco Tavares, Joaquim Navarro d'Andrade, José Felecinho de Castilho, e Francisco de Souza Loureiro, dos quaes ( á excepção do primeiro ) temos a honra de ser discipulo; e dado que cada um delles se haja grandemente illustrado por seu saber, eloquencia e genio, e feito figurar a Universidade, e especialmente a Faculdade Medica na Europa entre as mais distinctas, e afamadas, não podemos deixar de mui particularmente referir o nome de Joaquim Navarro, por ser aquelle que com mais rasão se pode dizer o fundador da Cadeira de *Instituições*, que comprehendia a *Fysiologia*, a *Pathologia*, a *Semiotica*, a *Hygiene*, e a *Therapeutica*: foi propriamente na explicação da Fysiologia pelas primeiras linhas do celeberrimo Haller, que o facundo, e illustre Professor se distinguio, e estremoou durante o longo espaço de tempo em que regeu esta Cadeira, porque depois da reforma foi elle o que a occupou por mais tempo que todos os outros, sendo tambem por esta razão que com especialidade mencionamos o seu nome.

Veio succeder o sr. Mello a tão conspicuos varões de quem elle mesmo havia sido discipulo, e cujas recordações estavam ainda mui presentes a muitos contemporaneos; e o sr. Mello, avaliando competentemente a sua posição, entendeu que não só o seu proprio credito se achava empenhado, mas o da Faculdade. E' certo que elle tinha em si recursos sufficientes para sahir do empenho; e tendo tirado tambem grande partido do que aproveitara durante a emigração a que se resignou depois da revolução de setembro: elle tem justificado a escolha do governo durante o tempo em que ha dirigido, a difficil cadeira de Fysiologia e Hygiene, e de que as suas Primeiras Linhas são a mais decisiva prova. O Autor mostra ha-

ver meditado as obras mais importantes publicadas em diferentes nações, bem como uma vasta erudição a respeito dos livros publicados antes e depois d'Haller.

Começa primeiro por dar idéa da Fysiologia geral, o que faz em dois capitulos; tratando no primeiro da definição de Fysiologia; do methodo de estudar esta sciencia, e do systema que se propõe seguir, do qual apresenta o programma: no segundo capitulo trata da vida; dá os caracteres differenciaes das diversas classes de corpos da natureza, e entra magistralmente na ardua questão da força vital, e propriedades vitaes; e decidindo-se pela existencia daquella força, discrimina bem estas: eis-aqui como elle termina esta discussão " — Formado o órgão, fôra absurdo dizer que a força que o formou o abandona e que outra lhe adveio, e donde? mas a força vital actuando em um tecido, ou n'um aggregado de tecidos, que d'antes não existiam, deve de produzir resultados differentes. A estrutura do órgão, e a força vital que o anima, são dois factores, de que deve nascer um resultado; este é o proprio órgão, e nelle se verifica em quanto não muda, ou se aniquila qualquer dos factores; e por isso se chama *propriedade*. Deste raciocínio se deduz a differença entre força vital; e propriedades vitaes. A força é uma; e as propriedades tantas, quantos os diversos órgãos."

Passa depois á Fysiologia especial; começa pelo sangue, como o manancial das materias das nutrições e secreções; deste liquido dá os caracteres physicos, e chymicos, e sua composição; indica demais quaes os limites ordinarios de sua quantidade no homem; admittê nelle a vitalidade; designa a sua formação, e passa depois ao phenomeno da circulação, que examina pelo modo mais claro, simples, e completo, comprehendendo a acção dos vasos sanguineos nos processos d'absorção, e exsudação: e como entre este phenomeno e o da respiração ha uma relação intima, o A. passa depois ao exame do processo e mecanismo da respiração; dos phenomenos chymicos que então tem lugar, das theorias propostas para a sua explicação, e finalmente examina a influencia que nelle tem os nervos, e o poder de associação nós musculos respiratorios.

Terminada esta discussão pela maneira mais elementar, e didactica, que pode admittir-se em um livro que elle modestamente denominou — Primeiras Linhas—continua a primeira parte da Fysiologia especial com os phenomenos da nutrição, crescimento, e regeneração; estabelecendo o processo nutritivo, as differenças nos processos regeneradores, e a theoria da calorificação animal. Passa depois á digestão, que examina em todos os seus promenores, e termina com a respectiva theoria.

Conclue esta primeira parte com a doutrina das secreções, de que dá a sua divisão, processo, e theoria; apresentando uma cabal idea da transpiração cutanea, da secreção cellular, mucosa, e renal, e dos órgãos de estrutura glandular, e secreção duvidosa.

Estamos bem persuadidos de que em pouco tempo o A. nos dará a satisfação de ler a segunda parte da sua obra, e de a ver concluida.

Entendemos que o A. tem já feito um grande serviço á sua patria; e que os Alunos que se propõem seguir as sciencias medicas achem nas Primeiras Linhas um rico thezouro da doutrina fysiologica, e o mais excellente guia para o ulterior e mais profundo estudo da sciencia.

---

*Elementos de Direito das Gentes* por Vicente Ferrer Neto Paiva, Lente Cathedratice da Faculdade de Direito na Universidade de Coimbra, Deputado da Nação Portugueza, e Membro do Conservatorio Geral da Arte Dramatica de Lisboa. — Coimbra 1836

Em todos os tempos houve na Universidade de Coimbra grande numero de Professores que por sua litteratura e vastidão de conhecimentos se fizeram respeitaveis, e cuja reputação ainda hoje ali se conserva. Grande pena nos causava ver que tão estreitados varões se contentassem unicamente de fazer-se conhecer dos seus discipulos; e dado que alguns houvessem publicado obras importantes, era comtudo tão limitado o numero destas em comparação do numero dos Professores sabejamente habilitados para escrever, e

fazer conhecer seus nomes na Europa, e augmentar com suas publicações o credito e renome da Universidade de Coimbra, que quasi pode dizer-se que por este meio pouco nomeada era tão respeitavel corporação, podendo-o ser muito. — Se não se publicassem em outro tempo as *Ephemerides*, que tão grande reputação obtiveram, quasi se não soubera fóra do Reino que existia a Faculdade de Mathematica, e todavia esta foi sempre uma das mais brilhantes; os nomes dos Monteiros da Rocha, Maías, Farias, Tristões, Andrades, são assaz conhecidos e respeitados, e na mesma cathegoria figuram muitos outros que ainda hoje illustram aquella distincta Faculdade. Sem a Flora do professor Brotero, e outras obras poucas em numero, e d'inferior cathegoria, posto que de grande merito, tambem se não soubera que em Coimbra existia a Faculdade de Philozofia; quasi o mesmo diriamos da de Medecina; e foi ella comtudo a que depois da Reforma de 1772 adquirio o mais justo e merecido renome, porque do seu seio sahiram numerosos discipulos, que com o maior proveito da humanidade exerceram sua profissão, e fizeram gear á Escola de Medecina de Coimbra o nome que ainda hoje conserva em toda a Europa.

Quanto ás Faculdades positivas, comprehendendo nellas a de Leis e de Canones, hoje refundidas em uma só, com o nome da Faculdade de Direito, e a de Theologia, é innegavel que mui distinctos e abalizados Professores as fizeram respeitaveis, e memoraveis; ali estão os escriptos de Pascoal José de Mello, de Alvares Fortuna, Joaquim José Rodrigues de Brito, e de alguns outros, que sobradamente provam o que asseveramos. Com tudo é mister confessar que do seio da Universidade sabiam em outro tempo muito menos producções do que deveriam sahir attento o grande numero de capacidades litterarias em que ella abundava. A repugnancia que os Professores tinham para eserever, por certo não procedia da mingoa de seus meios, mas do cabal conhecimento da difficuldade de o fazer por modo competente, e digno do nome do escriptor; tanto mais que em nossa terra houve sempre mais propensão para

censurar com azedume, e por ventura algumas vezes com acinte, qualquer producção litteraria, do que para desculpar lapsos, ou mesmo opiniões controversas. Quantos absolutamente avessos a escrever de motu proprio, aparavam com gosto a penna para criticar severamente producções que eram o resultado de grandes elucubrações, e vigílias? e o que mais é, quantos sem se dar ao trabalho d'escrever, as apodavam sem dó nem consideração! e por modo que não dando occasião á competente resposta, deixavam impressões muitas vezes injustas, e sempre desfavoráveis! Este espirito de mordacidade, ainda mais que o de uma critica litteraria com que a sciencia lucraria, está felizmente hoje muito embotado, não só porque a tolerancia litteraria tem feito grandes progressos, mas porque havendo mais tendencia para escrever, a emulação de muitos tem sido substituida por um mais nobre pensamento, o de apparecer com distincção entre o numero dos escriptores nacionaes. A esta feliz mudança se deve a louvavel disposição em que nossos litteratos hoje se acham de concorrer com o cabedal de seus conhecimentos para o progresso e diffusão das letras, e para confusão de muitos Estrangeiros que injustamente nos consideram em grande atrasamento litterario. Já em nosso anterior artigo deixamos um decisivo documento de tal injustiça, e agora lhes daremos outros annunciando a publicação dos Elementos do Direito das Gentes do Sr Vicente Ferrer, hoje bem conhecido como um dos mais conspicuos Professores da Faculdade de Direito na Universidade, e como um dos ornamentos da Camara dos Deputados; de modo que os talentos e profundos conhecimentos do sr. Ferrer circumscriptos ao limitado recinto em que concorrem seus discipulos, depois que elle ergueu a sua voz no seio da representação nacional, estão hoje reconhecidos e avaliados de todos os seus concidadãos, e de todo o mundo; e se por taes titulos não fôra elle ainda bem conhecido, por certo o será muito e devidamente pelo seu trabalho litterario.

O distincto Professor devendo dar a seus discipulos noções elementares; mas justas, e sufficientes,

tendo para isto de aproveitar o curto espaço de tempo que na actual distribuição das materias na Universidade cabe ao importante estudo de Direito das Gentes, e não achando entre as obras conhecidas alguma que bem pudesse accomodar ao seu intento, resolveu coordenar uns Elementos do mesmo direito que dando a seus discipulos todas as noções, os habilitasse ao mesmo tempo para profundar as materias lendo-as nos autores que melhor as haviam tratado, e desenvolvido; e parece-nos haver sido este o pensamento do illustre Professor, e entendemos que muito cabalmente o desempenhou, porque não só fez preceder á sua obra uma tabella dos escriptores que sobre o assumpto gozam de mais merecida reputação, e aos quaes recorre para coordenar os seus Elementos; mas ás noções elementares, apresenta nas respectivas notas uma importante referencia aos lugares dos diferentes escriptores, que melhor trataram a materia, formando por este artificio o muito tempo que seus discipulos podem empregar no estudo, e que aliás perderam só em procurar nellas as mesmas materias.

Mas não é só este o merecimento que encontramos na obra do Sr. Ferrer; porque a distribuição das materias, o methodo, o estilo, e a clareza com que ellas são expostas constituem em nossa opinião sua mais relevante qualidade.

O Illustre Professor distribue as materias em cinco secções: na primeira trata dos principios geraes do Direito das Gentes. No direito natural, a lei de sociabilidade acha a origem daquelle direito cujas leis essencialmente consistem na igualdade natural, na liberdade, e independencia, na prohibição de fazer seu semelhante, a obrigação de reparar o damno causado; e finalmente na beneficencia, e justiça: taes são as fontes do direito *primitivo* das gentes, ou *Lei primaria das nações*; as quaes ainda continuam a sê-lo quando applicadas ás convenções e tractados que entre si ellas tem feito, o que constitue o *direito positivo, e secundario das gentes*.

Na segunda sessão examina os deveres das nações em tempo de paz. Começa pela propriedade

nacional, em que se comprehende o *domínio* e o *imperio*; e por este principio explica o que é a *violação do territorio*, e *liberdade dos mares*. Passa depois a considerar o direito de *transito*, como primeiro manancial do commercio: e em mais poucas linhas estabelece a doutrina da liberdade de commercio, e a causa das restrições, a qual tem a ser uma necessaria consequencia da desigualdade com que as nações observam aquella liberdade. Examina depois o direito do *asilo*, sua extensão, e limites; o fundamento do commercio, e o infame *traffico* da escravatura; e conclue esta sessão com a doutrina sobre o acolhimento dos estrangeiros, e sua naturalisação; estabelecendo com a maior clareza e simplicidade, que devida ser permitida aos estrangeiros o seu estabelecimento em outra nação, estes ficam por esse facto sujeitos ás leis e tribunaes dessa nação, sem que contudo deixam de ser considerado como membro daquelle a que pertencem; em quanto não for *naturalizado*, por cujo facto entra no pacto social desta e adquire os direitos, e qualidades de cidadão como os naturaes.

Na terceira secção expõe os deveres das nações em tempo de guerra; começa pelos principios geraes do direito da guerra que define *pelo estado em que se prossegue a guerra pelo força*: examina depois suas differentes especies; a *privada*, e *pública*; nesta as circumstancias de *offensiva*, e *defensiva*, e os requisitos que a devem preceder, *tão como a declaração*, e o *manifesto*, sendo aquella a intimação dirigida immediatamente ao governo da nação inimiga, e este a demonstração ás outras nações da justiça daquelle que ataca: pondera então quanto uma nação deve ser tratada em emprehender uma guerra, só justificavel pela necessidade: passa depois a examinar os meios de fazer a guerra; e como consequencias desta o direito de fazer prisioneiros, cuja condição expõe; e bem assim o direito das represalias, seus limites, e abuzo; a doutrina sobre transfugas, corsarios e piratas; sobre o bloqueio, e sitio, e sobre a neutralidade, e suas essenciaes condições; e conclue esta secção com um bello artigo sobre a



victoria, e sobre direitos que ella confere, seu uso, e limites.

A secção quarta é destinada ao exame dos meios de conservar, e restabelecer a paz entre as nações.

Estes meios consistem nos tratados, e convenções feitas pelos soberanos sobre couzas tocantes a seus respectivos Estados; cujos caracteres examina, bem como suas diferentes especies, e taes são: os tratados de commercio, de federação, de alliança assim offensiva, como defensiva, e de subsidios: prosegue dando exactas noções das convenções denominadas treguas, salvo conducto, e salvaguarda, e capitulação; e conclue a secção com as noções sobre os tractados dessa, e segurança destes.

A quinta e ultima secção é consagrada á discussão das pessoas encarregadas de conservar, e restabelecer a paz entre as nações, as quaes comprehendendo os agentes diplomaticos, que segundo suas diferentes ordens assim se denominam 1.<sup>o</sup> *Embaixadores*, 2.<sup>o</sup> *Ministros plenipotenciarios e enviados*; 3.<sup>o</sup> *Ministros residentes encarregados de negocios*. Neste artigo pondera as diferentes qualificações de cada especie, seus attributos, direitos e deveres. Passa depois a considerar a instituição dos *consules*, ou agentes commerciaes, e seus attributos; os medianeiros e os arbitros, e termina com a doutrina dos congressos.

Em todo o tracto destes interessantes elementos notamos, como já fica dito, a maior clareza unida á concisão; o methodo mais natural e seguido pelos publicistas, e um estilo didactico, e dogmatico como se segue em obras elementares. Esta producção pois com as notas remissivas em que abunda é um decisivo testemunho do saber de seu autor, e será o melhor guia que podem seguir aquelles que se propõe ao estudo desta agradável sciencia.

1921

1921

# INDICE

## N.º XXII.

I.	UM INEDITO — <i>sobre as excellencias da Santa Caza da Mizericordia</i> .....	321
II.	HENRIQUETA ou o <i>Proscripto</i> . Drama continuado do N.º antecedente.	341
III.	DIVIDA PUBLICA PORTUGUEZA .....	365
IV.	HISTORIA CONSTITUCIONAL. — <i>A Rainha Victoria; sua Côrte ; e o Ministerio</i> .	380
V.	CHRONICA HISTORICO-POLITICA.....	404
VI.	BIBLIOGRAPHIA — <i>Primeiras Linhas de Fisiologia</i> .....	414
	———— <i>Elementos de Direito das Gentes</i> .....	417

---

(N.º XXIII.)

REVISTA

# LITTERARIA.

---

Historia Patria

**SOBRE A EXPEDIÇÃO DE TANGER**

NO ANNO DE 1437.

**A** EXPEDIÇÃO, que ElRei D. Duarte mandou á conquista de Tanger no anno de 1437 (\*), he hum dos acontecimentos mais notaveis do seu reinado. Esta empreza porem, que se fora bem succedida, obteria provavelmente os aplausos e admirações dos escriptores, veio pelo seu infeliz exito não só a dar materia a varias e encontradas reflexões e juizos; mas tambem a derramar huma côr sombria e triste sobre hum reinado, que á excepção desta desventura, nada teve de desgraçado ou infausto, senão o ser breve, e não

---

(\*) Alguns escriptores põem esta expedição no anno de 1436; mas com manifesto erro, como se convence do testamento do Infante D. Fernando, feito antes de sahir para Africa, e approvado em *Lisboa* a 18 de Agosto de 1437, quatro dias antes que a armada dêsse á vela.

chegarem os Portuguezes a gozar os bens que do governo de tão sabio e virtuoso Rei se podião esperar.

Tem-se falado variamente sobre a justiça da empreza; sobre o primeiro e verdadeiro autor, ou autores della; sobre os erros, imprudencias, e descuidos, que houve na sua execução; sobre a resolução que se tomou em Portugal de não entregar Ceuta aos Mouros com resgate do Infante D. Fernando; em fim sobre todas as circumstancias que acompanharão este successo: discorrendo os escriptores sobre cada cousa conforme suas inclinações, ou affectos; culpando, e reprehendendo com amarga censura, e sem bastante cauza algumas pessoas dignas de respeito, e acatamentos, e até attribuindo ao mau successo da empreza ulteriores consequencias, que della certamente se não originarão. Diremos alguma cousa sobre cada hum destes pontos, quanto baste para poder-se rectificar esta parte da historia de el Rei D. Duarte.

Em quanto á justiça da empreza de Tanger, se nos offerece logo reflectir, que não sendo a conquista de Ceuta por el Rei D. João I.<sup>o</sup> nem mais justa, nem mais provocada pelos Africanos, vemos comtudo esta exaltada e elogiada com o devido louvor, ao mesmo tempo que a de Tanger he vituperada e acremente reprehendida: como se as emprezas desta sorte, e a justiça dellas se devesse julgar e avaliar pelo seu resultado! (\*)

---

(\*) O proprio Faria e Souza, que tanto e tão indignamente reprova a empreza de Tanger; como depois diremos; com tudo quando fala da de Ceuta, e refere as grandes opposições que ella teve, e os votos que houve (estando a armada já sobre a costa de Africa) para se recolher a Lisboa sem fazer nada, exclama com toda a razão "*Desgraçados os grandes homens, se as suas emprezas houvessem de ser julgadas pelos resultados! Com ellas mãos se costuma ganhar muita gloria. Pouco o entendião os que d'antes abominavão o feito (de Ceuta), e agora (depois do successo) o punhão nas estrellas!*" Mas este mesmo escriptor, que aqui discorre com muito juizo, não tomou para si as suas proprias reflexões, quando veio a falar da expedição de Tanger, condemnando esta pelos fundamentos, com que a outra era impugnada

As principaes razões, com que se justificava a empreza de Ceuta erão 1.º que os Mouros Africanos se devião reputar como inimigos perpetuos, irreconciliaveis, e quasi hereditarios das nações christãs, e especialmente das Hespanholas, não só pela differença de religião, e pelos sentimentos, que a sua falsa seita lhes inspira contra os professores do Christianismo; mas tambem pelo antigo odio concebido contra povos, que por muitos seculos lhes fizeram continua, e crua guerra, até os expulsarem do vasto e rico territorio, a que elles pela conquista e longa posse julgavão ter direito. 2.º que por isso mesmo nunca assentárão com os Estados da Peninsula paz ou trégua, que fosse perpetua ou duradoura; nem lhes professárão jámais amizade leal e sincera, qual muitas vezes se observa entre as nações christãs, ainda as mais competidoras e rivaes nos interesses politicos. 3.º que outro sim pela mesma razão, e para auxiliarem os seus irmãos, que ainda então tinham terras e dominios nas Hespanhas, infestavão de continuo os mares, costas, e praias da Peninsula com suas esquadras, navios, e piratarías, roubando os habitantes, talando seus campos e searas, destruindo ou embaraçando o seu commercio, levando a duro e barbaro captiveiro todos os que tinham a infelicidade de cahir em suas mãos, e commetendo todo o genero de violencias e hostilidades.

Estas mesmas razões porem existião todas ainda no reinado d'el Rei D. Duarte, e podemos dizer, que com muita mais força e vigor; porque a perda de Ceuta, a affronta que os Mouros nella havião recebido, e as ontras que depois por vezes continuárão a experimentar nos differentes ataques que derão áquella praça, lhes tinha avivado, e augmentado todos os affectos hostis, em tal maneira que, se não fossem reprimidos, enfreados, e incessantemente bellados pelas armas Portuguezas, muito se poderia recear algum grave damno ás proprias terras desteo Reino, e dos outros da Hespanha.

Estas mesmas razões forão, sem duvida, as que moverão o Senhor D. João 1.º a deixar traçado, e mui recommendado a seu filho o plano daquella con-

quista de Africa, gloriosamente seguido pelos seus successores com grande empenho e perseverança até o fim do reinado d'el Rei D. Manoel, e apontado ora por el Rei D. Duarte entre as principaes razões, que o demoverão a esta expedição de Tanger, no Papel que sobre isso escreveo, e vem no 1.º tom. das *Prov. da Hist. Geneal.* a pag. 538, aonde diz, que huma destas razões foi "*por continuar o bom proposito e vontade, que sobre isto avia o dito Senhor Rei (seu Pai), e claramente mostrava em esta forma que o por graça de Deos encaminhei; e com menos poder, fazia delo figura de o poer em obra, na qual vontade até o fim de seus dias continuou, e finalmente disto foram as derradeiras palavras, que nos bem pode falar, e por muitas vezes nos disse taes palavras, que muito nos constrangião a proceder nesta conquista.*"

E ainda assim não foi a empresa tão voluntaria e imprudentemente resolvida, que elRei D. Duarte não escrevesse entre as ditas razões outra, que muito abona o seu bom juizo e sábia discripção "*por que (diz) sobre isto me conselhei com os do meu conselho, e grande parte se acordou em esta tençom; e a meus confessores o disse, os quaes mo louvarão e approvarão*". Por onde se vê com quanta sem razão alguns escritores ousão tachar a empresa de temeraria, e attribui-la a outras pessoas, e a outros motivos e interesses, que não tiverão realidade alguma senão na fantasia de quem os inventou, como se verá por este discurso.

Poderá parecer que ElRei D. Duarte, sem embargo de tudo isto, se mostrou duvidoso sobre a justiça da sua empresa, se com effeito chegou (como dizem) a consultar ácerca della a opinião do S. Padre, e dos Cardeaes do seu conselho. Mas esta especie de precaução (se a houve, do que muito duvidamos) (\*) deve attribuir-se a querer el Rei

---

(\*) Com razão duvidamos que o Papa fosse consultado em 1437 sobre a expedição de Tanger; porque em 8 de Setembro de 1436, quando ja estava projectada e decidida a expedição, expedia o Papa Eugenio 4.º a sua Bolla dada em Bolonha, pela qual exhorta a todos os Pr.

satisfazer aos que com razões theologicas desaprovavam aquella facção, e não a alguma verdadeira duvida, que elle mesmo sobre isso tivesse. E isto se prova, porquanto el Rei sem esperar a resposta de Roma, (porque a estação se hia adiantando muito), fez expedir a armada, o que certamente não faria hum Principe tão prudente, e tão exacto observador do justo e honesto, como elle era, se em seu animo houvesse alguma seria e escriptulosa duvida sobre o objecto de tanta ponderação; nem he verosimil que elle, com essa duvida, se abalançasse a preparar a armada e a gente della, sem primeiro assegurar o seu juizo e tranquillizar a sua consciencia sobre o que hia emprender. Deve pois, ao que parece, ter-se por certo, que a empresa de Tanger foi, ao menos, tão justa e necessaria, como tinha sido a de Ceuta, e como forão depois as de Alcacer, Arzilla, Cafim, Azamor, e outras: e que os escriptores, que referem todas estas sem censura, e talvez com exagorados louvores, devêrão ser, ou igualmente justos, ou igualmente indulgentes a respeito da de Tanger, e pelo menos não a notar com tão descomedidas expressões, como faz Faria e Souza na sua *Europa Port.* tom. 2 pag. 348. §. 15 e 16, aonde até tem a temeridade; ou antes a leveza de dizer, que o mau successo da expedição foi castigo do *desacato* de se não esperar a decisão do Papa &c.!

Menos facil parecerá por ventura, decidir, quem foi o principal e verdadeiro autor desta empresa, se tambem nisto consultarmos os escritores: porque uns a attribuem a elRei mesmo; outros ao Infante D. Fernando; e outros, e os mais delles, ao Infante D. Henrique, de quem Faria e Souza diz que foi o *motor unico daquella temeridade*, envolvendo tambem nisto como protectora das pretensões dos Infantes a

cipes seculares e ecclesiasticos a dar ajuda a elRei D. Duarte para ir contra os infieis, concedendo-lhe indulgencias &c.

Esta Bulla que começa "*Rex Regum*" acha-se no R. Arch. no maço 4 de Bullas num. 9, e he sem duvida a mesma, a que el Rei se refere no Papel, que fez sobre as razões que o moverão á expedição, apontando entre ellas a approvação do Papa etc.



Rainha D. Leonor , cunhada delles , e mulher de el-Rei. E nesta parte chega a tanto a atrevida e immodesta liberdade de Faria e Souza , que não sómente tacha de ambicioso o infante D. Henrique ( \* ) , e o accusa de tratar duplicidade com elRei seu Irmão , e de abusar da confiança , que este Soberano nelle punha ; mas também suppõe e diz que a rainha auxiliava os intentos dos infantes , tanto *pelo que era inclinada ao infante D. Henrique , como pelo interesse das promessas* , que elle lhe fizera de seus bens , e dos de seu irmão D. Fernando ( que ambos são solteiros ) cazo ella lhes alcançasse a graça que sollicitavão, isto he, o consentir elRei na expedição , á qual este escriptor e outros suppõe falsamente que elle repugnava.

Nós conflamos tão pouco na fidelidade, e exacção historica de Faria e Souza , e de outros escriptores , que com manifesta paixão fallão no assumpto , que nos julgamos desobrigado de seguir e adoptar o que elles dizem sem prova. Pode ser que o infante D. Henrique constante approvador da guerra de Africa, lembrando-se da facilidade e felicidade, com que se executou a empreza de Ceuta , e do pouco que os Mouros se havião mostrado peritos na disciplina militar nos differentes ataques que fizeram á mesma praça , e considerando também as recommendações de seu pae repetidas até aos ultimos momentos da sua vida , influísse nas resoluções de elRei D. Duarte a este respeito. Pode ser também , que persuadissem a seu irmão D. Fernando , e á propria Rainha D. Leonor a apoiarem perante elRei a execução do projecto , que lhe parecia bom, e justo, e exequivel. Mas tudo o mais que fóra disto se diz dos manejos, astucias, e traças

---

( \* ) Faria e Souza tachando o Infante D. Henrique de *ambicioso de gloria* , não lhe faz na verdade grande injuria ; porque esta especie de ambição he honrada, e nobre , e não vulgar. Mas que necessidade tinha o Infante de adquirir gloria nesta facção, tendo já alcançado tanta em outras , e maior e mais solida nas suas emprezas maritimas, e nos importantes descobrimentos , de que já se começavão a colher bem sazonados fructos ?

occultas deste Principe para conseguir aquelle intento, o havemos por alheio do seu character, e totalmente inverosimil: e não menos temos por indignos de credito esses grandes *interesses* promettidos á Rainha, e por ella esperados: até porque os infantes D. Henrique e D. Fernando mui poucos bens podião ter que passassem á Rainha por deixas testamentarias; e o primeiro destes principes despendia tão largamente nas suas expedições para o descobrimento e povoação de novos mares, terras, e ilhas, que sem embargo de desfructar grande parte das que já erão descobertas, falleceo com grandes dividas, que o infante D. Fernando seu sobrinho e filho adoptivo pagou em parte, e que depois continnuou ainda a pagar o Senhor D. Manoel seu neto tambem adoptivo, sendo Duque de Beja (\*). Mas não necessitamos de reflexões e conjecturas, quando fálão os factos, e documentos.

---

[\*] Pela historia não nos consta que o Infante D. Henrique tivesse outras rendas, senão as do seu Ducado de Viseu, as do Senhorio da Covilhã, e as do Mestrado da Ordem de Christo, com as quaes, administradas com boa economia, fez o que não sabemos que fizesse outro algum Principe particular. E posto que as ilhas por elle descobertas e povoadas, e depois o commercio das costas de Africa, que tambem mandou descobrir, lhe dessem pelo tempo adiante bons lucros, com tudo facil he de entender quanto estes serião inferiores aos avanços que se devião ter feito. Assim vemos que pelos annos de 1449 era o Infante devedor ao Duque de Bragança D. Fernando 1.º da quantia de 19:394 escudos de ouro, a que depois accrescerão outros 16:084, como consta das declarações do Duque, e das escrituras a que elle se refere apontadas na *Histor. Genealog.*, parte das quaes dividas pagou, como dissemos, o Infante seu filho adoptivo; e o Senhor D. Manoel sabemos, que sendo ainda Duque de Beja, e costumando apartar os residuos annuaes de suas avultadas rendas para satisfação de varias obrigações, incluia no numero destas *as dividas do Infante D. Henrique, cujo neto adoptivo era*, como testifica Goes na Chron. de elRei D. Manoel, Part. 1. cap. 6. Em quanto porém ao Infante D. Fernando era tanta a *pouquidade de seus bens* (como elle se explica no

O Infante D. Henrique por diploma seu de 7 de Março de 1436, tomou por filho adoptivo ao Infante D. Fernando seu sobrinho, e o instituiu logo herdeiro de seus bens, o que elRei D. Duarte confirmou na mesma data, e depois outra vez elRei D. Affonso V. em 26 Novembro de 1451. E o Infante Santo, fazendo o seu testamento, antes de partir para Africa, approvado em Lisboa a 18 de Agosto de 1437, tambem instituiu por herdeiro o mesmo Infante seu sobrinho: e nenhum destes Principes se lembrou da Rainha, nem lhe legou hum só seutil. Por onde, ou havemos de dizer que elles enganarão esta Senhora, e illudirão completamente as suas suppostas esperanças; ou havemos de confessar, que taes esperanças e promessas sómente existirão na fantazia dos escritores, que com ellas quizerão córar as suas preocupações.

O que temos por certo he que elRei D. Duarte foi o primeiro e principal autor da empreza de Tanger; tanto porque elle a si mesmo a attribue no Papel já citado, como pelos motivos que a isso o obrigarão, e que ahí aponta, os quaes são todos proprios da sua real consideração e prudencia. Estes motivos nos pareceo substanciar aqui, e são os seguintes:

1.º O serviço de Deus, e a *approvação* do Papa, manifestada nas Bullas da Cruzada, que para este fim tinha concedido a elRei D. João 1.º, e depois a elle mesmo.

2.º Ser o plano daquella conquista recommendado pelo Rei seu pai á hora da morte, e muitas vezes em vida.

3.º Conservar o *bom nome das armas Portuguezas*.

4.º Evitar a ociosidade de seus vassallos, e as consequencias della, e habilita-los no exercicio das armas.

5.º Empregar no serviço de Deus, e no seu, o desejo que os principaes do seu Reino lhe tinham mostrado de se assinalarem em feitos honrosos em outras partes, pedindo-lhe licença para isso.

---

seu testamento) que elRei D. Duarte lhe deu *Alvará de promessa de pagar suas dividas*, cazo fallecesse na expedição. Isto basta para mostrar que nenhum dos Infantes tinha riquezas que podessem tentar a cobiça da Rainha, dado que ella fosse capaz de se mover por taes sentimentos.

6.º *Ver seus Irmãos, o Conde ( de Arrayolos seu sobrinho ), e outra gente mui disposta para tal feito.*

7.º *Ver a guerra atuada entre Principes Christãos, e ter huma justa escusa de tomar partido por algum, caso lhe fosse requerido.*

8.º *Ter occasião e meio de experimentar a gente manceba do reino, e notar quaes erão dignos de louvor ou reprehensão.*

9.º *Fazerem-se todos prestes de armas, cavallos, e cousas pertencentes á guerra, e aprenderem a preparar-se, quando mais necessario fosse.*

10.º *Ver os Mouros em grandes discordias, e ser boa a occasião de os acommetter.*

11.º *Considerar o favor da Providencia na tomada, e defeza de Ceuta, e ver que muitos Principes por acrescentarem suas honras, terras, e fama tinhamo emprebendido outras semelhantes guerras, ainda sem justa querela nem direito fundamento, e que muito mais o elle podia e devia fazer.*

12.º *Tirar da mesma conquista de Africa com que acudir ás despesas da conservação, e defeza de Ceuta.*

13.º *Ver que grande parte dos do seu conselho se acordou na mesma tenção, e que os seus Confessores lha approvárão e louvárão.*

E com tudo isto não queremos negar, nem duvidar ( porque não he necessario ) que os Infantes D. Henrique e D. Fernando, e ainda a Rainha approvassem, e apoiassem o projecto, e confirmassem a elRei na sua resolução, mormente quando virão, que alguns Senhores a ella se oppunhão, e que os votos destes poderião ter alguma influencia no seu real animo.

Em fim resolveo-se definitivamente a expedição, e feita prestes a armada e a gente, deu á véla a 22 de Agosto de 1437, debaixo do mando geral do Infante D. Henrique. Mas aqui nos vemos outra vez embaraçados em fazer verdadeiro juizo das circumstancias, que concorrerão nesta facção, porque os escritores as quizerão tambem accommodar aos sentimentos, ou opiniões de que estavam possuidos.

Diz Faria e Souza “ *que a guerra appareceo primeiro sobre os vassallos de Portugal, que sobre as*

*Mouros d' Africa: porque não. havendo cabedal bastante para ella, foi necessario carregar o povo de novos impostos, que se hião cobrando bem molhados de lúgrima.*

O que consta da Historia he que nas Cortes de Evora celebradas em Abril de 1496, mais de hum anno antes de se despachar a expedição, pedindo el-Rei ao Estado dos Povos algum subsidio para as despesas della, lhe foi concedido *pedido e meio*.

O *pedido* era huma quantia determinada ( estabelecida provavelmente por costume ) com que os Povos em semelhantes occasiões costumavão concorrer para as despesas extraordinarias do Estado, quando os Reis assim o pedião, e pelos Procuradores dos mesmos Povos lhes era outorgado. E como nesta occasião foi liberalmente concedido com mais huma *ametade* do ordinario, bem se pode presumir, que não estavam os Povos em tanta estreiteza e miseria, que os seus Procuradores julgassem exorbitante a concessão alias voluntaria, e livre. Nem esta se pod. attribuir a lisonja dos Deputados, ou ao temor de desagradarem a elRei: porque naquelles felices tempos nem os Portuguezes costumavão de ordinario trahir em tal materia o seu dever por lisonja, ou temor, nem de el-Rei D. Duarte ( Principe, sem controversia, virtuosissimo ) se pode presumir que o consentisse.

Por outra parte este *pedido* não prova ( como se quer suppôr ) que as rendas publicas do Estado estivessem em grande decadencia, e fossem *muito somenos* á emproza, que se intentava. Os nossos Reis empregavão as rendas ordinarias nas despesas tambem ordinarias, e tal vez em conservar a reserva que sempre havia para as necessidades ou casos imprevistos. Pelo que quando era necessario fazer alguma extraordinaria despesa em facções militares, guerras, cazamentos, festas publicas etc., recorrião aos Povos, ainda que não houvesse quebra na fazenda publica, mas para que não viesse a havê-la, como fizeram ainda os nossos Reis mais ricos, mais economicos, e mais bons administradores.

Nem isto se pode chamar com propriedade ( como chama Faria e Souza ) *carregar o Povo de novos*

*impostos* ; porque não costumamos dar o nome de *imposto* a hum subsidio, ou contribuição voluntaria, paga por huma só vez, e que não ficava carregando perpetuamente sobre o Povo, como ficão os que hoje chamamos *impostos*, ou *tributos* : antes com mais propriedade lhe davão os antigos a denominação de *grados*, por isso mesmo que se reputavão e erão voluntarios, isto he, dados de grado, e não forçados, nem impostos sobre o povo ao arbitrio dos Principes.

Se o Povo pagava *murmurando* ( porque as *lagrimas* de que aqui se lembra Faria e Souza pertencem mui provavelmente ao ornato rhetorico do escriptor ), se o Povo, digo, pagava murmurando, fazia nisso o mesmo que costumava fazer quasi sempre que lhe pedem dinheiro, ou o obrigão a pagal-o, por mais santa e sagrada que seja a divida, e por mais que elle esteja persuadido do bom e justo emprego della.

Diz mais Faria e Souza, e dizem outros escriptores, que havendo se orçado em 14:000 homens a gente necessaria para a expedição, o Infante D. Henrique mandando ( depois de já estar em Africa ) fazer a resenha da gente, se achara com so 6:000.

Esta noticia he em si mesma tão inverosimil, que nós quizeramos vê-la apoiada em alguma prova para lhe darmos credito. He necessario suppor a mais extrema e criminosa negligencia no cabo, e no commandante geral da expedição para crer que a gente se embarcasse e recolhesse nos navios, sem se lhe passar resenha, e se calcular, ao menos pelo grosso, o seu numero. Os proprios vasos, ou navios subejarião muito além do necessario, se havendo-se contado com accommodações e lugares para 14:000 homens, sómente se embarcassem menos da ametade (\*): e isto arguiria em toda a operação não já alguma desordem, e precipitação culpavel ; mas hum total desprezo, ou

---

(\*) Faria e Souza diz que quando se ajuntára toda a gente, não havia baixeis para recolhêla, porque como muitos delles erão estrangeiros, não visrão a Lisboa por varios impedimentos. Mas não diz quaes forão estes impedimentos, nem quantos desses navios faltarão, nem dá prova alguma do seu dito,

abandono da regularidade ; e exacção ; e boa ordem com que se costuma proceder em taes occasiões , e de todos os deveres que a cada hum incumbião , tanto cabos principaes e subalternos ; como capitães e mestres dos navios.

Aceresce que el-Rei D. Duarte , além de recomendar por mais de huma vez nas instrucções geraes a boa ordenança e regimento , que em tudo se devia guardar ; nas particulaes que deu a seu Irmão o Infante D. Henrique , lhe lembra especialmente que antes de partir , e pelo caminho , *passse revista á gente da ordenança de batalha* : e he quasi impossivel que o Infante preterisse esta ordem á face de el-Rei seu Irmão , a quem havia de dar conta de a ter executado : maiormente quando sabemos estar o Infante acostumado a reger , ordenar , e despachar expedições maritimas , em que tão essencial he a boa ordem , e exacta disciplina.

O Chronicon de Cornelio Zantfriet ; falando desta expedição ; diz que os Christãos cercarão Tanger com hum exercito de quasi doze mil homens ( *cum exercitu fere duo decim millium hominum* ) ; e este numero , que parece verosimil , não tem nenhum dos inconvenientes que acabamos de ponderar : sendo certo que se em hum feito de armas , para o qual se julgão necessarios 14.000 homens ; faltão 2.000 , não será tachado de imprudencia e temeridade o capitão , que sem embargo desta falta , se arrojar ao combate : não assim porém , se se achar com menos de ametade da gente necessaria ; por quanto dado que no orçamento da gente que se requer para hum tal feito , se exceda sempre do estritamente necessario ; com tudo nunca este excesso chega a mais do dobro , que seria grande falta de economia , e até de ordem e regularidade no serviço.

Temos pois por certo que os escritores que disserão haverem-se achado sómente no exercito Portuguez 6.000 homens , ou intentarão com isto agravar mais a culpa do Infante D. Henrique , a quem falsamente imputão todos os erros desta expedição ; ou julgárão , que diminuindo o numero dos Christãos fazião menos grave a supposta quebra de gloria e re-

putação , que desta nota poderia resultar ás armas Portuguezas. E dizemos *supposta quebra* , porque nunca, nem o exercito, nem os cabos perdem huma , ou outra cousa , quando fazem o seu dever , por mais infeliz que seja o êxito da batalha. Pode perder-se tudo , sem se perder a honra.

Mais depressa acharíamos nós alguma cousa que notar na demora que houve na execução da empresa , e acaso tambem em alguma falta do segredo necessario e essencial em taes facções. A armada sahio de Lisboa a 22 de Agosto ; como dissemos ; apertou em Ceuta a 26 , e erão já 23 de Setembro quando o exercito chegou a Tanger. Hum mez quasi inteiro tiveram os Mouros para se prepararem para a defeza , e para appellidarem as comarcas circunvisinhas , que a ella concorrêrão em grande numero. Nota-se tambem que nos primeiros assaltos se achárão curtas as escadas , por onde se havia de subir aos muros , erro por certo indesculpavel ! e que mandando-se pedir outras a Ceuta , sómente viera huma , &c. Como quer que fosse , não se deve dissimular que se commetterão faltas ; porque el-Rei D. Duarte no fim do Rapel , de que acima falamos , reflecte que tudo se tinha considerado *para o feito vir a perfeição , se bem fôra regido por aquelles a que pertencia , e se bem se aproveitarão dos corregimentos , que para fêlhar a villa de Fanjar levávão* , etcet. E com tudo ahi mesmo acrescenta este religiosissimo Principe , que recebendo aquelle revés com paciencia , e como vindo da mão de Deus , lhe dá graças pela salvação da gente , e *victoria que lhes outorgou* : porque em verdade á excepção da gente que morneu pelejando (1) , e do baptiveiro do Infante D. Fernando , em tudo o mais se houverão os Portuguezes com admiravel , e nunca assás louvado valor e esforço ; de sorte que se não devem tomar como palavras de simples consolação e confor-

---

(1) Diz-Faria e Souza , que dos nossos faltarão *quinhentos* entre mortos , aprisionados , e fugidos : e que dos barbaros passarão de *cinco mil* os mortos. O Chronicon acima citado nota que „ *populus christianus ad sua navigia recessit incolumis.* ”



to, mas como expressões de bom discurso, e nascidas de huma alma nobre e generosa as que disse o illustre Alvaro Vaz de Almada a el-Rei D. Duarte, ponderando-lhe: Que não tinha Sua Alteza razão para tanto se affigir com o successo de Tanger: Que escapar o exercito com tão pequena perda de gente a huma tão innumeravel multidão de inimigos era o mesmo que ganhar huma insigne victoria: Que maior honra tinham alcançado os Portuguezes naquella facção, e nos grandes perigos della, do que alcançariam no facil vencimento de muitas outras mais felices: Que na verdade tinha ficado captivo o Infante D. Fernando, e que esta circunstancia era digna de lamentar-se; mas que este Principe além de ter ganhado immortal gloria nos combates, era tão generoso que com gosto dera a liberdade (\*), e daria a vida pela salvação do exercito; e de tão sublime virtude e religiosos sentimentos, que saberia morrer com varonil constancia, se necessario fosse; e finalmente que havia muitos meios de o libertar da escravidão, em que ficava. El-Rei não se descuidou deste ultimo ponto, a que naturalmente o obrigava o seu dever, e o amor de Irmão: e como o Infante havia ficado em refens da entrega de Ceuta, que se promettera aos Mouros pela segurança da retirada e embarcação do exercito, el-Rei convocou logo as Côrtes para se ajuntarem em Leiria no proximo Janeiro de 1438, e para discutirem e resolverem se convinha, ou não, aquella entrega.

Alguns votarão pela parte affirmativa, ou movidos da obrigação da promessa, ou da piedade e compaixão do Infante captivo: mas o Conde de Arraiolos, e com elle *os mais dos votos* forão de contrario parecer, opinando, que se devião empregar todos os meios possiveis de libertar o Infante, sem com tudo restituir huma praça, que sobre ser o monumento mais illustre do reinado de el-Rei D. João I.º, era

---

(\*) Alguns dizem, que o Infante D. Henrique fôra o que primeiro se offerecera a ficar em refens; e que não lho consentindo os cabos do exercito, se offerecera ao mesmo Infante D. Fernando.

de grande importancia para a segurança do Reino e de toda a Península. Do mesmo voto foi o Papa Eugénio IV, o qual escrevendo á Rainha, e consolando-a da morte de el-Rei, a exhortava a que por nenhum modo consentisse, que Ceuta se entregasse aos Mouros, como refere Duarte Nunes na Chron. de el-Rei Affonso V. Do mesmo voto forão alguns Principes, a quem dizem que el-Rei consultara: do mesmo foi o Infante D. Henrique, e (o que mais he) o proprio Infante captivo, o qual logo que se offereceo a ficar em refens, declarou que por nenhum caso consentiria se entregasse a praça de Ceuta para o libertar, porque elle de melhor vontade soffreria muitas vezes a morte do que vê-la novamente em poder dos infieis (\*).

Faria e Souza, e outros, repetem aqui os seus clamores contra o Infante D. Henrique; e Duarte Nunes o accuza de *homem austero, e pouco amoroso, quaes sóem ser (diz) os que não tem filhos*. Os autores Inglezes da *Histor. Universal*, referindo tambem o facto, põem como principio certo, que em taes casos não se devêrão sacrificar nem outras pessoas muito somenos; *porque em fim (dizem) quem se dá em refens não he senão huma testemunha do tratado, não já huma equivalencia, que afiance a sua execução, visto que a ser assim não haveria quem quizesse servir de refens, nem nação que os recebesse*.

Nós porém ouzamos hir contra todos estes escritores. E primeiramente, entendemos que ou o Infante D. Henrique fosse, ou não fosse o *primeiro e unico autor da expedição* (como aqui se torna a repetir para fazer mais grave a sua supposta culpa) era do seu dever, da sua honra, e da sua virtude votar no cazo da restituição de Ceuta, conforme o dictame da sua consciencia, e segundo entendesse que mais jus-

---

(\*) Chron de Zantfliet " *Porro ad suos quidquid, inquit, promiseritis paganis, nunquam illam nobilem Septum ad manus infidelium, colentium legem Mahometi, reverti permittatis. Ego pro vobis obses manebo in vinculis paganorum, paratus potius sustinere mille mortis genera, quam effistucationi Septae consentire.* „

to era, e mais proveitoso ao bem publico, quaesquer que fossem alias os affectos de amor, ternura e compaixão para com seu Irmão: porque o bom, virtuoso e honrado conselheiro tem rigorosa obrigação de aconselhar e votar segundo a sua consciencia, posposto qualquer affecto humano, e qualquer inspiração do interesse pessoal.

Suppôr que o voto de D. Henrique fôra dictado por um coração *pouco amoroso*, he o mesmo que suppôr que o juizo, a razão, e a consciencia do homem se deve regular e governar pelos affectos do coração. E suppôr que o Infante era *pouco amoroso porque não tinha filhos* he hum erro ainda mais absurdo. Não negamos que as afeições benevolas, ternas, e maviozas se desenvolvem, nutrem e conservão no homem pelo trato domestico, continuo, e perpetuo com a sua familia, porque todos os nossos affectos se vigorão com a pratica frequente. Mas negamos redondamente, que a simples razão de ter mulher e filhos seja bastante para criar e fazer nascer esses affectos no coração que não nasceo com elles, ou com disposição para elles. A historia dos homens, e a quotidiana experiencia mostra que ha muitos homens sem filhos, que são dotados de grande sensibilidade, e de affectos humanos e benovolos; e que ha muitos cazados e com filhos, que são monstros da humanidade, flagellos da sua familia, e pessimos cidadãos: e não dizemos isto de alguns poucos, que sejão como excepção da regra geral, mas de muitos, e frequentes, e amindados, que (ainda mal!) se encontrão a cada passo. Quanto mais que os homens, que não tem filhos, tem paes, parentes, amigos, criados talvez fieis, tem concidadãos, e tem huma patria; e tudo isto demanda do homem, e desenvolve em seu coração affectos ternos, compassivos, benevolos, e humanos, talvez mais fortes e energicos do que se costumão ter para com os filhos.

Do Infante D. Henrique nos dizem as memorias antigas, e refere o moderno escritor da sua vida que era chamado o *Pai dos soldados*, pela humanidade e benevolencia, com que tratava esta qualidade de gente, nascida (ao que parece) para carregar com todos os

males da pobreza : Que todas as pessoas que o servião, ou na sua casa, ou nas suas navegações achavão nelle liberal reconhecimento e ampla gratidão : Que nunca ninguém o vio descomposto em ira : Que favorecia com mão larga os pobres e miseraveis que recorrião á sua generosa beneficencia ... A caso serão estas virtudes demonstradoras de hum *genio austero*, e de hum *coração pouco amoroso* ?

Do Infante santo D. Fernando lêmos tambem nos escritores antigos „ *que as heroicas virtudes christãs brillarão neste santo e glorioso Principe, tão humano e tão movido para os seus e para a patria* “ E com tudo elle era solteiro ! e não tinha filhos !

O Infante D. Henrique foi hum Principe de tão alto merecimento, e de tão soberanas virtudes, que ainda quando commettesse alguns graves defeitos de vêra merecer benigna desculpa e disfarce aos que não ignorão as fraquezas, e a triste condição da nossa humanidade. Mas succede pelo contrario. Esquecem-se ou disfarção-se as mais nobres e sobreexcellentes qualidades do heróe, para se avultarem os seus defeitos; porque assim se vinga a vil e odiosa inveja da sombra que lhe fazem os grandes homens, e da humiliação que experimenta em não poder chegar á altura, em que elles se achão collocados ! (\*)

---

(\*) “ Este Infante D. Henrique ( dizem os autores Inglezes da *Histor. Univ.* ) não só foi hum dos maiores homens do seu tempo em Portugal; mas tambem *hum dos mais excellentes, que se tem visto em todas as nações, e em todas as idades*. E posto que isto he muito dizer em seu louvor, todavia não exageramos nada nem affirmamos cousa que não seja mui somenos dos seus merecimentos. E seja qual fór a differença que ha entre o estado da Europa agora, e o em que se achava nos tempos de D. Henrique, he indisputavel, que todas as vantagens procedidas do descobrimento da maior parte de Africa, e das Indias Oriental e Occidental, e todas as que dellas se derivarem até o fim dos seculos, se devem ao genio e diligencias deste Principe „ &c. Até aqui aquelles escritores estrangeiros, que certamente não querião lisongear os Portuguezes. Outro escritor Portuguez, entendido e judicioso diz ” *O Senhor D. Henrique, por si só, faz epoca na Historia do espirito huma-*

Os autores da *Historia Univ.* tambem nos parecem pouco exactos no seu discurso, quando dizem que nem o Infante D. Fernando, nem ainda outras pessoas mais somenos se devêrão sacrificar, porque os *refens são testemunhas do Tratado, e não equivalencia de suas condições.* *Refens* he o mesmo que os latinos dizião *obses e obsides*, que em vulgar quer dizer *pessoa ou pessoas*, que se entregão ao poder de outrem, com tal condição, que se o que deo os *refens* faltar ao promettido tenha o que os recebeo poder sobre o corpo e vida dessa pessoa, ou pessoas. Em menos palavras: *refens* he a pessoa ou pessoas que se dão em *penhor*, *caução*, ou *fiança* de algum ajuste, tratado, ou promessa, isto he o que o vocabulo significa, tanto na lingua hebraica, como na grega, e latina; e não já *testemunha*, como pretendem os autores Inglezes. A simples *testemunha* seria bem escusada em Tratados, lançados por escrito, authenticados e publicados á face das nações; nem he facil entender o para que servião, ou o que havião de fazer taes testemunhas, postas em poder das nações contratantes, quando alguma dellas faltasse ás condições, que entre si tivessem pactuado.

Tambem não são exactos os escritores em dizer, que se os *refens* fossem *equivalencia* das promessas, isto he, *penhor*, e *fiança* do seu cumprimento, *não haveria quem o quizesse ser.* — Haveria, por certo, porque por huma parte nunca se espera ou suppõe (regularmente falando) que huma nação falte ao cumprimento de obrigações justas, solemnemente contrahidas: e por outra parte não faltão homens (e certamente não faltavão Portuguezes no tempo de que tratamos) que estejam promptos, se o bem publico assim o demandar, a pôr por elle em risco e ventura a liberdade e a propria vida, do que temos muitos illustres exemplos na nossa Historia e na das outras nações.

---

no, e entre os homens grandes de verdadeira grandeza “ E este he o Principe de quem aqui se trata! E deste Principe se diz, que fôra *temerario* em aconselhar a empresa de Tanger, e imprudente e tambem temerario em a executar; que enganara seu Irmão e seu Rei; que era homem

Tambem as nações não deixariam de receber esta especie de penhor e caução, como sempre tem recebido, exigindo que se lhes dêem em refens, não quaesquer pessoas, que bastariam para *testemunhas*, mas pessoas de grande respeito, e de tanto maior importancia, quanto maior he o valor e estimação das cousas pactuadas, de maneira que a vida, ou liberdade desses refens pareça *equivalente* ao interesse que das mesmas condições se espera, e sirva a quem os dá de motivo bastante para não faltar a ellas, e a quem os recebe, de sufficiente indemnização, ou (embora tambem digamos) vingança de seus direitos. E daqui vem que os refens tem sido muitas vezes sacrificados pela falta do cumprimento dos pactos, sem que a História se atreva a condemnar esta especie de vingança; nem tambem d'ahi se haja seguido repugnancia a servir de refens em outras semelhantes occasiões.

Ja se vê que os escritores Inglezes discorrendo do modo que temos dito, mostram ser de opinião, que a praça de Ceuta se devia entregar segundo os ajustes feitos com os Mouros nas praias de Africa: e este mesmo foi o sentimento dos que nas Cortes de Leiria votaram por esta parte, e de alguns escritores que

---

*dura e pouco amoroso, porque não tinha filhos; e finalmente que mostrara cegueira e obstinação, porque esperava de Deus hum milagre!.. E tudo isto porque? — porque os Portuguezes pretenderão conquistar Tanger, e foram mal succedidos na expedição. — A isto se reduz tudo! Como se nunca no mundo houvesse succedido caso algum semelhante! A compaixão do Infante captivo he justa, e bem empregada, e mui propria do homem sensivel, e mavioso, ainda que não tenha filhos; mas nem o juizo, nem as intenções, nem os sentimentos de quem aconselhou, ou executou a empresa, se podem com justiça avaliar por hum acontecimento, ou resultado casual, inesperado, e imprevisto, ainda que infeliz. E de mais, nós estamos persuadidos, e he bem de crer, que se Tanger se conquistasse, ainda que o Infante morresse em algum dos combates, estes escritores falariaão talvez differente linguagem. Mas a Historia deve ser justa, imparcial, e independente nos seus juizos.*

depois disso tocarão ou tratarão este assumpto , allegando a obrigação da promessa , e o dever de libertar o Infante.

A questão he um pouco delicada , e o era muito , mais naquelle tempo , em que as opiniões podião de algum modo vacillar entre extremos oppostos , estando de uma parte a obrigação da promessa que se havia feito , e a piedade e compaixão , que inspirava um Infante virtuoso e captivo , e de outra parte a conservação de uma praça , que além de ser um padrão da gloria Portugueza , era tambem de grandissimo interesse para a segurança do Reino , para o credito das armas nacionaes , e para reprimir a ousadia dos Africanos.

Hoje , que se pode considerar o ponto com respeito sómente ás regras da justiça , e com o animo livre das impressões sympathicas da compaixão , nós não duvidariamos dizer , não só que se tomou o melhor partido ; mas tambem que não era liquida a obrigação rigorosa de cumprir aquella promessa.

1.º Parece-nos , que El-Rei de Portugal tinha em seu poder ratificar , ou não ratificar os pactos , que os seus capitães haviam feito , em Africa sem poderes bastantes seus para esse caso , muito mais entrando nesses pactos uma alienação tão notavel como era a de uma praça importante , e que já fazia parte integrante dos Estados Portuguezes. E esta circumstancia nos parece tão forte , que ainda sendo a alienação pactuada pelo proprio Monarca , sem a intervenção das cortès , se poderia ( a nosso parecer ) duvidar da sua validade.

2.º Os Mouros faltarão primeiro da sua parte á obrigação que tinham contrahido ; pelo que rescindirão o pacto , e constituirão os Portuguezes no estado de liberdade anterior ao ajuste. Esta perfidia com que os Mouros se houverão , accommettendo os Portuguezes , quando hião a recolher-se ás suas náos , posto que pareceo duvidosa a alguns escritores , e quasi a quizerão attribuir a artificio do Infante D. Henrique , he comtudo attestada pela antiga chronica que temos citado , a qual expressamente diz „ os Mouros , hindo contra o Tratado accommeterão os Chris-

lhos pela refagitarilla, sentindo muito, que ellas se retirassem impunemente,, Nisto mesmo concorda o escritor da vida do Inf. D. Henrique, dizendo, que os Mouros quebrarão os pactos, e tornarão a ac-commetter-nos... e que os nossos irritados de tão infame procedimento, fizeram rosto á multidão, e caida um se empenhou em castigar uma vileza, que nem entre barbaros esperavão,, E outros notão a generosa porfia, com que alguns illustres portuguezes contenderão a quem ficaria por ultimo na praia sustentando o pezo dos barbaros, em quanto os outros ganhavão os baixéis para o embarque.

Não sendo pois a entrega de Ceuta de rigorosa justiça por qualquer das razões, que deixamos apontadas, restava tamsómente a justa compaixão do Inf. D. Fernando, e o dever não menos urgente de o salvar da escravidão. Esta razão era sem duvida forte e ponderosa; mas nem todos serão de parecer que ella devesse preponderar ás que persuadião o contrario, principalmente havendo (como havia) varios outros meios de o resgatar, os quaes sem duvida se empregarião, e virião a ser efficazes, se a morte de ellei seu Irmão, e as subseqüentes perturbações do reino não posessem obstaculo á sua prompta execução: a qual por fim se tornou desnecessaria pela morte do Infante tão gloriosa aos olhos da Religião, quanto sentida dos Portuguezes.

Os escritores Inglezes, depois de narrarem a jornada de Tanger e o seu mau successo, ainda acrescentão, que *as desgraças desta fatal jornada augmentarão os males do Estado já assás graves, e entre elles a quebra das rendas de elRei, que se não restabelecerão pela Pragmatica sobre o luxo. Pelo que (dizem) D. Duarte se viu obrigado a buscar algum meio de supprir ás suas necessidades, e consultou sobre isso o chancelher João das Regras, que lhe apontou um meio efficaz &c.* E aqui parece que os escritores se querem referir á promulgação da *Lei mental*, que falão com mui pouca exacção.

Todo este paragrafo porêm he cheio de erros: porquanto nem a quebra das rendas publicas foi consequencia da jornada de Tanger; nem a lei sumptua-



ria foi posterior a ella, mas anterior; nem o Doutor João das Regras era já vivo, pois tinha fallecido trinta e tres annos antes; nem a *lei mental* foi então promulgada, pois o tinha sido em 1434; nem esta lei tinha por primario objecto acudir á quebra das rendas publicas &c. &c. Mas como já a este respeito dissemos alguma cousa em outra parte, nos parece escusado repetir aqui mesmo, nem o fazer mais extenso este discurso.

( *Pelo A. da Memoria sobre a expedição de Vasco da Gama; do Elogio de Leopoldo; e outros artigos.* )

# Philosophia.

## PHILOSOPHIA DE KANT.

Não é quando a frio-cinzenta aurora começa a raiar sobre o horisonte, e o estudante somnarento já se não sente com forças de atar de novo o enredo de alguns subtis argumentos: não é quando o sol toca em seu meridiano, e os sentidos se deleitam no espectáculo de emaranhadas grutas e fontes crystallinas: não é na bella hora vespertina, quando suaves emoções e doces sympathias se apoderam de nossa natureza: — mas sim no amortecido socego da noite, quando as scenas exteriores e as relações terrenas parecem perdidas n'um silencio solemne; quando a alma se retira da esphera externa para o mundo interior, e se maravilha de que os casos communs da vida possam ir perturbar seu sublime repouso; quando ella escuta, qual affectuoso discipulo, as lições da consciencia intuitiva: — é nesta occasião, digo, que a Philosophia de Kant é mais dignamente avaliada. — O estado da alma, que ella requer, não é a actividade, que é muito inquieta; não é o cansasso, que é muito soporifico; não é o affecto, que é muito brandido: mas requer uma elevada e vigilante submissão; quando as verdades são mais *communicadas* pela razão, do que *adquiridas* pela percepção.

Se tentarmos avaliar sympatheticamente a philosophia de Kant, acharemos que a principio se nos suscita uma indiferença, se não duvida, acerca da existencia material do mundo. Os pensamentos se dirigem a uma differente ordem de cousas, sendo plenamente compensados, trocando os encantos empiricos dos sentidos por uma percepção mais digna da razão moral e legislativa. E' verdade que Kant priva a razão d'uma multidão d'interesses com que outros mestres a associaram. Elle não dá attenção como *Piche*

ao combate que tem lugar entre a razão e o mundo externo, como uma especie de torção, no qual as faculdade mentaes são antagonistas perpetuas dos sentidos. Não procura, como Wolf, impôr á faculdade soberana a poderosa tarefa d'harmonisar as relações do espirito e da materia. — Elle nem exige como Shelling enthusiasmo para um systema religioso, nem apresenta as ideas d'Hegel a fim de serem realisadas na vida nacional, social ou familiar. Todas estas interessantes theorias se desvanecem ao acabar o dia, perdendo-se no esquecimento á hora da meia noite, quando Kant nos apresenta diante dos olhos o poder magico da *verdade*, e nos obriga a submeter-nos implicitamente á lei abstracta da razão practica, chamada *Dever*.

Kant faz esta lei ainda mais conspicua e distincta, ornando-a com todas as brilhantes galas, com que, em virtude da attracção, a adornaram os philosophos antigos e modernos. Elles mostraram os beneficos resultados provenientes d'um estreito cumprimento do dever, e procuraram aliar as faculdades mentaes e moraes para o serviço d'um soberano cruel, se bem que justo, formando esperanças d'uma prompta promoção psychologica, e a realisação de toda aquella magestade ideal, que os poetas tem attribuido á alma. Tais eram os principaes motivos expendidos para nos indusir á obediencia da lei do *dever*; não faltando outros d'um character menos elevado. Kant comtudo considerou tão lisongeira disciplina como futil e perniciosa. — A razão exige a acquiescencia; e de certo não faria pacto algum com a inclinação para as honras, que a Divindade tinha confiado ao seu poder.

O novo modo de pensar introduzido por Kant distingue-se não só por sua profundidade contemplativa, e o estranho mundo mental que abre ao discipulo; — mas tambem pela sua immensa progenie de noções, que agora estão inalienavelmente connexas com todas as theorias metaphisicas. Quantos usam fluentemente, e com elevada dicção das categorias de *sujeito* e do *objeto*, sem reflectirem que Kant, na sua critica da Razão, foi o primeiro que modelou aquellas noções

por um minucioso processo até chegar áquella profundidade philosophica, que desde então tornou geral e practica a sua applicação! Na verdade todos os modos existentes de pensar estão por toda a parte mesclados com as categorias de Kant, sem fazermos menção de varias theorias baseadas professionalmente no seu systema. Nem nós podemos viajar fora da sua esphera. Propundremos pois dar um breve e claro esboço daquelle poderoso systema, que tem causado tão grande revolução na philosophia moderna.

A doutrina de Kant é o idealismo; não o commun, mas o transcendental. — Entre ambos dá-se esta differença; — o idealismo commun considera todo o mundo que existe como uma decepção, ou uma sombra sem admitir a existencia dos objectos por si mesmo, porem só pelas noções que temos a seu respeito. — Por outro lado o idealismo transcendental concorda na existencia d'um universo externo, porem nega que nós o conheçamos como elle realmente é. — Só nos permite ter conhecimento daquellas appareções da natureza, que se levantam diante das nossas faculdades perceptivas. O idealismo commun nunca tracta com o mundo externo como um resultado, mas com as suas qualidades constitutivas; em quanto que o transcendentalismo somente nega uma perfeita correspondencia entre os proprios objectos, e as virtudes que o conhecimento simples e sem critica lhes sup põem. Assim o conhecimento simples considera que tudo o que modifica a percepção sensivel, como a côr, a forma, a continuação das partes, a sua conexão etc. se contém no proprio objecto, e constitue a sua substancia real; — em quanto o idealismo transcendental separa do objecto a mera reflexão do poder perceptivo no homem, o qual grava sobre a superficie da natureza sensivel a impressão d'uma lei innata, residente na natureza humana. Com o philosopho transcendental todo o mundo material está entre dous pontos inexoraveis, como os seus dous polos; d'um lado entre os proprios objectos, e do outro entre a faculdade do conhecimento. Estes dous pontos polares extremos, objecto absoluto, e sujeito absoluto, tem experimentado mais investigações pelos

successões de Kant. Conforme esta theoria com tudo o objecto e o sujeito formam os limites das theorias e experiencias.

Todas as noções que formamos dos objectos, — todas as qualidades que lhes attribuímos derivam-se ou da impressão da natureza externa nos nossos sentidos, ou das formas innatas que se dão na percepção humana. Tudo o que nós sabemos realmente ácerca dos objectos externos é que elles *existem*; — porem o *que* elles são, fica, segundo Kant, um mysterio perfeito. Com o mesmo mysterio elle igualmente esconde o verdadeiro caracter do puro sujeito na homem, desde que a sua existencia é real e pode ser contemplada como um objecto por si mesmo. Todas as qualidades proprias que o sujeito descobre em si mesmo para o entendimento, faculdades de pensar, sentir, desejar, &c. indicam somente as *partes* da experiencia innata e concepções de que é capaz. — Assim o nosso conhecimento verdadeiro do sujeito é limitado pela sua existencia: — pois que ignoramos a sua essencia absoluta. Por outro lado as muitas *formas* da nossa percepção (a qual pode ser denominada os olhos do sujeito) bem como os objectos do mundo externo, são julgados por Kant perfeitamente intelligiveis e plenamente desenvolvidos. Elle divide as formas em duas classes, distinguindo-as uma *a priori*, e outra *a posteriori*. Pela primeira entende tudo o que necessariamente se contém ao nosso entendimento, tirada a experiencia. A segunda, pelo contrario significa, tudo o que se pode deduzir da exhibição dos factos.

A classe *a priori* é d'um caracter duplicado. Comprehende formas pelas quaes vemos e observamos, e formas pelas quaes deliberamos e julgamos. Pertencem ás primeiras o *espaço* e o *tempo*, juntamente com tudo o que nós por elles e nelles conhecemos, a saber as tres dimensões como propriedades do espaço; as figuras mathematicas como suas divisões e secções possiveis; — as progressões arithmeticas que originam a subida e descida na esphera do tempo com todas as variadas formas de locomoção como mudanças do tempo manifestadas no espaço. O corpo destas *formas* de vistas, até onde tocam sido avaliadas pela sciencia,

nos apresenta um campo infinito d'interminaveis e variadas manifestações, nas quaes todos os phenomenos apparecem, por uma lei de necessidade, debaixo de um, ou outro aspecto.

A' proporção que os phenomenos apparecem revestidos d'aquellas formas, julgamos delles como objectos d'experiencia em maior ou menor gráo. As relações que descobrimos entre os phenomenos e as formas *a priori* do tempo e espaço constituem a substancia ou natureza do nosso juizo em materias d'experiencia. Com tudo para tornar o juizo completo devemos accrescentar-lhe a segunda classe das formas *a priori*.

Debaixo de quatro rubricas são consideradas as formas de julgar. Em primeiro lugar nós fazemos ou uma só cousa, ou muitas cousas, ou todas as cousas, — objecto da indagação e adjudicação. Kant denomina a forma que comprehende aquelle processo *cathegorias da quantidade*. Nossa razão depois passa a conceder ou a negar um certo predicado a um certo objecto. A' forma que comprehende este processo chama-lhe Kant *as cathegorias da qualidade*. Porem como ao procurar julgar d'um objecto somos obrigados a contemplar as qualidades, com que tentamos investil-o, segue-se uma terceira forma, que consiste na relação da substancia com os seus accidentes. Da mesma sorte duas conclusões, ou juisos podem ser combinados de sorte que um seja o accidente do outro. Assim dizendo, *quando o sol nasce, apparece o dia*, o apparecer o dia é o accidente ou effeito do nascer do sol. Kant distingue as formas do juizo, da substancia e accidente, da causa e effeito pelo titulo commum de *cathegoria da relação*.

A quarta forma consiste nas nossas conclusões positivas ou negativas pelo que diz respeito aos objectos do juizo. Um facto ou cousa toca o seu maior grao de certeza provando-se que a differença ou contrariedade são impossiveis com relação a si mesmo. Então a certeza se torna a exhibição da necessidade. Kant designa as formas da necessidade, possibilidade e certeza pelo termo de *cathegorias da modalidade*. — Assim conclue o segundo ramo das formas *a priori* em sua mais essencial posição

O nosso conhecimento é o resultado d'uma concurrente operação em ambas as divisões a priori ; — a saber as formas porque observamos , — e aquellas porque julgamos. Cada forma de julgar tem o seu modo peculiar d'operação ao que pertence a ver e observar. Assim se percebemos uma ordem regular de phenomenos successivos e analogos, taes como o som que resulta todas as vezes que tocamos n'um vidro ; — o gelar da agua todas as vezes que o frio chegou a um certo grau ; — o brilhar das cores onde quer que o sol resplandece ; — então lidamos com aquellos phenomenos que dão origem ás categorias da *Causa e Efeito*. O contrario acontece n'uma ordem regular de successão n'um objecto mudavel ; — por ex : a alteração que se observa na agua passando de gelo para liquido , e deste para vapor ; — o progresso de uma conversação — o aspecto da lua cheia mudando-se para a forma de crescente ; — a infancia á qual se segue a virilidade ; os sentidos sempre vigilantes durante o dia , e á noite rendendo-se ao somno ; — uma tal ordem de successão dá origem ás *categorias da substancia e accidente*. Chamamos aos estados mudaveis accidentes , e o objecto em que se verifica a mudança , substancia.

O conhecimento das cousas é , segundo Kant , o resultado d'uma machina extremamente artificial. As rodas andam umas dentro das outras, movem-se reciprocamente , e por sua complicada acção a sciencia é , por assim dizer , verdadeiramente manufacturada. Todas as cousas que conhecemos tem previamente experimentado o processo necessário para a *reconhecimento* ; — e na verdade , conhecer uma coisa é simplesmente revesti-la com o resultado das operações a priori , que lhe são complexas. Nós não conhecemos o *material cru* dos objectos. Assim a metaphisica de Kant nos recusa uma vista ao imperio super-sensual das cousas , taes quaes realmente são. A suspeita que muitas vezes se tem grassado de que o deceptivo e quimerico seja inseparavel do mero dominio dos sentidos , é sustentada pelas doutrinas deste philosopho. Por outro lado as suas maximas frustram as nossas esperanças quanto ao chegar ao conhecimento das cousas pela reflexão e raciocinio a respeito da natureza e do universo.

Somos chegados ao lugar, segundo o systema de Kant, em que uma profunda escuridão esconde á nossa vista a natureza do mundo externo. Em vão a alma em exclamações alternadamente imperatorias, submissas, e persuasivas interroga á natureza o seu segredo. Tudo jaz silencioso, como n'um tumulto, e uma opaca atmosphera suspende até mesmo a voz do echo.

Porem ainda que o entendimento fica indeciso perante o mysterio encerrado na esphera da indagação externa, descobre comtudo, quando reflecte para dentro de si mesmo, um systema de admiravel consolação na resolução *da vontade*. Inspirado por divino alvedrio já não leva o estudo e a investigação á região dos phenomenos naturaes, porem fortifica-se com uma forte determinação (na esphera onde recebe em vez de descobrir) para crer, e esperar todas as bemaventuranças para que o homem sem violencia se habilita quando practica conscienciosamente a lei moral expressa pela nossa razão practica.

A resolução de se considerar cada um como membro d'um mundo espirital, que se estende alem dos limites desta vida, é identico com a determinação de tomar a lei moral como estandarte do nosso comportamento. E pois que essa lei nos ordena obrar d'um modo conforme aos membros d'uma esphera mais elevada, é impossivel pratical-a sem lhe dar pleno credito. Assim a nossa resolução se identifica com a nossa crença, participando de todos os seus fructos e consequencias.

Apenas acreditámos na existencia d'um mundo espirital, e resolvemos obrar conforme convem aos seus membros, reconhecemo-nos como creaturas pertencentes a duas esferas, e chegamos á posição aonde Kant obrou, pensou e viveu.

O soberbo conhecimento de que nós, supposto ligados a uma natureza baixa pelas formas a priori de ambas as esferas, excedemos na majestade d'um ser individual, e na altura do nosso destino o inteiro agregado do universo material; e de que nós é permitida, mesmo da nossa baixa posição, uma vista em tão glorioso futuro; — este conhecimento derrama um bal-



samo na alma, e a obriga a esquecer-se dos trabalhos do caminho, com a perspectiva de seu fim.

A propria vida de Kant é um testemunho de que elle sentiu plenamente a verdade desta theoria. Nunca deixou por um só momento Königsberg onde havia nascido em 1724, anno do nascimento de Klopstock. Seus paes d'origem Escocesa eram pobres, mas respeitaveis. Toda a sua vida foi semelhante a um brando rio, em que se contempla a serena imagem dos céos. A sua existencia foi um perpetuo pensamento e continua contemplação. Foi nomeado professor ordinario no anno de 1770, quando publicou em latim o seu tractado = *De mundi sensibilis atque intelligibilis formâ et principiis*, no qual pela primeira vez revelou as ideas, depois plenamente desenvolvidas na sua *critica da razão pura*.

Este tractado não chegou ao conhecimento do publico em geral por causa da lingua morta em que foi escripto, e das strictas formas mathematicas com que foi desenvolvido. Desesese annos de esquecimento passaram sobre sua serena e pensativa existencia. Em 1787 publicou elle a sua celebre obra, *Critica da razão pura*. Com tudo esta não o elevou ao conhecimento do publico senão em 1792, depois de ter estado pelo espaço de cinco annos exposto aos ataques polemicos de todos os paizes. Contava Kant neste tempo sessenta e oito annos d'idade; — com tudo na idade de vinte e dous tinha publicado um tractado no qual descubria plenamente a idea fundamental expressa na sua grande obra dada á luz passado meio seculo. Neste tractado intentou o joven Kant nada menos do que uma expedição philosophica entre Leibnitz, Des Cartes, Benaali e muitos outros celebres escriptores do tempo, e constituiu-se arbitro para decidir as controversias que então se debatiam com grande calor entre as escholas de Leibnitz e Des Cartes.

O tractado permaneceu por muito tempo na escuridão, por isso que não defendia as opiniões de nenhuma das escolas. Kant soffreu este desprezo com o maior sangue frio. Tão inteiramente havia elle realiado a verdade, que suggeriam suas asserções, que isto se havia tornado um elemento na sua existencia. Sua existencia era o mundo em que sua phi-

losophia fazia de dia em dia progressos triumphantes, e suas vistas estavam demasiadamente associadas com a realidade para serem affectadas pelo patronato, ou dissentimento do publico.

O mundo pensante estava então dividido entre dous systemas oppostos, o dogmatismo de Wolf e o sensualismo de Locke. O entendimento gigantesco de Kant se havia occupado com igual força e influencia na investigação d'ambos estes systemas. Como professor publico de logica e metafisica foi obrigado a tomar Wolf por texto; — não obstante apresentou nas suas prelecções observações proprias e independentes, que lançaram duvidas sobre muitas doutrinas dogmaticas de Leibnitz. Por outro lado na sua obra sobre a razão pura, Kant se apartava das doutrinas de Locke, e tinha a deffender palmo a palmo os axiomas elementares do dogmatismo, que elle já em suas antecedentes prelecções havia admittido. Assim se achou Kant entre os fogos das partes contendentes; — e em breve espaço procuraremos desenvolver com que poder sobrenatural de genio e de pensamento elle procurou afrontar os perigos n'aquella conjunctura.

Wolf achou nos principios radicaes da razão as leis fundamentaes do mundo externo, bem como as relações da substancia e do accidente, causa e effeito, possibilidade &c. formas semelhantes ás condições elementares da nossa razão, e de tudo o que existe em torno de nós. Wolf asseverou pois que a unica realidade n'um objecto era a que cahia dentro dos limites das nossas percepções, em quanto que a actividade dos nossos sentidos, ou o quer que é que forma a condição da nossa individualidade o considerava como *accidentes das substancias*, = manifestações geraes da nossa razão.

Todavia Kant só admittio a primeira parte do axioma de Wolf, sem conceder que fosse corrente a conclusão. Além d'entreter muitas duvidas pelo que respeita á necessidade da inferencia tirada por Wolf, chegou mesmo a suspeitar que ella envolvia uma contradicção, por quanto as nossas noções indicam possibilidades, antes do que realidades, e se fosse corre-

eta a asserção de Wolf, que a existencia individual é o accidente das noções, seguir-se-hia que a realidade é o accidente da possibilidade, supposição absolutamente absurda.

Quando Kant resolveu depois buscar, como Locke e Hume, á sua philosophia sobre a experiencia, o caso tornou-se inteiramente o reverso. A conclusão da asserção de Wolf era facilmente estabelecida, em quanto que a primeira parte cahia redondamente. Kant não concordava de boamente com este resultado, e escapando d'elle foi obrigado a provar com argumentos que as leis fundamentais no mundo externo eram identificadas com as precepções primarias da nossa razão, ou por outras palavras, que as leis elementares da esphera sensivel, pertencem, como attributos essenciaes, á nossa razão.

O complicado trabalho de conciliar systemas tão oppostos como os de Wolf e Hume o involveram em difficuldades em todos os pontos; e não admira que toda a sua vida fosse continuamente dedicada a uma ardua tarefa. Wolf derivava todos os conhecimentos philosophicos da pura razão, em quanto que Hume os deduzia da experiencia dos sentidos. Kant, apartando-se do systema de Hume, pretendeu mostrar a posteriori todos os axiomas de Wolf.

Entre estes mesmos axiomas occorpa um logar proeminente o do mundo intelligivel, ou mundo de *noumenos* em opposição a mundo de *phenomenos*. Elucidemos esta materia.

Leibnitz, e Wolf com elle, sustentaram que o homem é um ser que vive em duas espheras oppostas, uma physica, que lhe é conhecida pela experiencia dos sentidos; e outra espirital, conhecida pelas operações da sua razão pura. Kant estava na generalidade penetrado da veracidade desta opinião, a qual formava de facto a essencia da sua propria philosophia; porem depois foi obrigado a suscitar muitas duvidas contra parte desta operação. Provou depois na sua *Critica da razão pura*; debaixo do titulo de = *antinomias* = que nada ha além dos limites da experiencia que possa servir como pedra de toque para a correcção dos nossos pensamentos. Nem tão pouco achou,

secundado pelos conhecimentos que nos subministra a psychologia, e ajudado da experiencia, sufficiente evidencia para substanciar a vida da natureza humana em dous mundos distinctos. Sendo com tudo *moralmente* convencido da verdade d'aquella proposição, Kant recorreu aos postulados moraes sustentar e affirmar. Assim oppoz a conhecimentos empiricos outros d'um caracter mais elevado. Confrontou, para nos servirmos da expressão, o obstinado silencio, ou apparente opposição dos sentidos com as affirmações directas do espirito. Achando que a natureza externa, e mesmo o pensamento especulativo eram inhabeis para o confirmar na concepção que premeditava como por instincto, resolveu a acceita-la em toda a sua vitalidade como resultado da necessidade moral. Esta evidencia implicita nas declarações da consciencia obriga a alma ao conhecimento da sua propria vontade, e lhe descobre os meios de evitar o engodo scientifico. Exige da alma, que não dará audiencia a philosophia alguma, excepto aquella que é d'um caracter intuitivo, e que nunca sujeitará as faculdades a investigações sómente no campo dos sentidos; que por uma tal disciplina nós possamos de tempos a tempos achar possível despirmo-nos d'impressões e propensões externas.

A philosophia de Kant, que não só aboliu todos os systemas precedentes, mas interlaçou-se, como já insinuámos, em todas as theorias subseqüentes, distingue-se por tres reformas; — no methodo do conhecimento; — nas deducções da crença; — e nas noções que respeitam á lei moral.

A tarefa dos systemas modernos e subseqüentes, e com especialidade o de Hegel, hoje em dia o mais em moda, consiste simplesmente em preencher o immenso vacuo que existe entre a eschola moderna de Kant, e a antiga de Wolf; afim de que as antigas vistas escholasticas possam ser transferidas com a maior facilidade e segurança para o novo systema.

Dissemos que a primeira reforma de Kant fôra no methodo do conhecimento. Antes do seu tempo não podia a philosophia occupar o lugar de sciencia absoluta. Em vez de se conservar, estrictamente nos co-

nhcimentos positivos , procurou elevar-se com respeito a cousas , cuja existencia não pode provar. Assim amalgamando conhecimentos perfectos com imperfeitos tornou-se suspeita de presumpção vã e especulativa , baseada em simples hypotheses. Com tudo Kant procurou banir da esphera philosophica todas as noções que não estavam investidas com o character de conhecimentos positivos e demonstrativos. Elle dispoz , um por um , d'aquelles motivos de contenda , que tinham continuamente dado lugar a controversias , e que estavam envolvidos na opposição que então se acreditava existir entre o dogmatismo e o scepticismo. Os philosophos que o precederam se julgaram obrigados a alistar se debaixo d'uma destas bandeiras. Os dogmatistas ; que reduziram a um principio todos os conhecimentos philosophicos , não podiam seguramente admitir a opinião dos scepticos que duvidavam da certeza dos conhecimentos philosophicos em geral ; — porem o systema de Kant , lançando uma linha de demarcação entre o conhecimento positivo e incerto , facilmente reconciliou ambas as opiniões.

O segundo objecto de contenda que Kant removeu pela sua reforma no methodo do conhecimento era a opposição que existia entre o intellectualismo e o sensualismo. — Conforme Kant , todos os conhecimentos , supposto comecem as suas operações com experiencias dos sentidos , com tudo não procedem delles desde que os factos são concebidos e convenientemente arrançados por percepções innatas e a priori , ou categorias da razão pura. Porem a exhibição particular d'aquelles factos depende da situação , posição e forma dos vasos sensuaes , que se tornam o recipiente da contemplação innata.

Por este methodo Kant mostrou-se o arbitro entre o Sensualismo e o Entendimento , e effectuou uma paz duravel entre as partes contendentes. — Desde Des Cartes até Kant foi sempre objecto da maior disputa , saber se os conhecimentos ou concepções philosophicas eram , segundo os sensualistas , derivadas da pura experiencia , ou , conforme os intellectualistas , da razão pura. Kant mostrou a fallacia d'ambas as opiniões , demonstrando que todos os conhecimentos

phenomenaes deviam provir da cooperação do interior e exterior. Um entendimento que perde de vista a experiencia não tem objecto algum em que trabalhar. Não se pode dizer que existam verdadeiramente os objectos que apresenta a experiencia até que o entendimento comece sobre elles as suas operações com o seu poder de combinar e arranjar.

O terceiro objecto de controversia que Kant fez na sua reforma no methodo do conhecimentos philosophicos, era a theologia especulativa em voga desde os tempos escolasticos, a qual até em Wolf havia achado um defensor. Aqui Kant não intentou uma reconciliação; porem extirpou a raiz do mal. Foi elle que aniquilou inteiramente aquelle sabio monstro, contra o qual muitos outros philosophos tinham previamente contendido com mais zelo do que fortuna. A theologia especulativa deduz as suas doutrinas, pelo que diz respeito a Deus, á criação do mundo, ao character da alma e seu futuro estado, sómente de noções da razão pura. Este systema ridiculo tinha infectado o mesmo Locke, o qual, supposto se apartasse do principio, de que todo o conhecimento é derivado da experiencia, estendeu as suas cathegorias da razão, derivadas, como elle suppunha, da mera experiencia, muito além dos limites de toda a experiencia, e formou postulados arbitrarios pelo que pertence á materia eterna, á criação, e á Divindade. Todavia Kant terminou a phantasia; e isto nos condaz d'uma vez á segunda reforma; que vem a ser na crença.

Os objectos de crença ou fé, taes como Deus, e a immortalidade, estão fóra do alcance do conhecimento humano. A crença não pertence a algum conhecimento ou percepção, porem somente a uma resolução moral d'um character especial. A crença é sempre e necessariamente associada a uma mudança na disposição mental. E' mesmo identificada com aquella tendencia phisica que distrahe o homem dos seus esforços terrenos e interesses mundanos para o serio cumprimento da lei moral. Desaparecendo aquella tendencia, desvanece-se a crença, a qual volta, tornando a disposição mental. E' um crente aquelle que perservera no cumprimento da lei moral, pois

que a crença nada mais é do que a operação d'aquella lei. A identidade entre a direcção necessaria da vontade pela lei moral por um lado, e a crença por outro, podem ser desenvolvidas da maneira seguinte.

A lei moral, inherente a todo o ser humano, e que nos obriga a obrar rectamente, exige uma submissão implicita e sem excepção. O homem nenhuma difficuldade encontrará na obediencia se lhe associar a idea d'utilidade, e considerar consigo o bem estar, a honra e fortuna, conforto interno e externo, e perfeição interior e exterior. Por quanto a virtude e a felicidade são ideas que tem a mesma relação com a causa e effeito no juizo da nossa razão practica. Assim onde quer que a lei moral for considerada como fonte de felicidade, pouca difficuldade haverá na obediencia a primeira. Com tudo nem sempre se percebe a existencia da connexão entre a virtude e a felicidade; pelo contrario casos ha em que as acções que parecem merecer o maior louvor, conduzem apparentemente á miseria, e mesmo á morte. Em taes casos o mandamento moral parece frequentemente absurdo, e aquelle que resolve implicitamente obedecer-lhe é considerado pela multidão quasi como insano. Muitos julgam que o reconhecimento da lei moral é limitado pelas consequencias benéficas, que resultam d'elle no mundo externo. Jámais cessará um tal estado em quanto esperarmos como recompensa da obediencia á lei moral a producção de circumstancias externamente favoraveis. Aquella lei nenhuma recompensa propõem durante o periodo da experiencia. Não contempla o homem como um mero guerreiro mimico, cuja batalha com as *circumstancias* deve ser pelejada por outra agencia, que não a sua. Não é destinado a combater por procuração, nem a ser recompensado em pessoa; porem deve sentir-se animado pela consciencia; — sustentado pela esperança; — e recompensado pela immortalidade. Na apreciação destas verdades — na realisação do *mundo futuro* — é que elle acha facilidade em dar á lei moral aquella conformidade que seria impossivel attribuir-lhe em outras circumstancias.

O crer em Deus e na immortalidade é assim trans-

formado por Kant de materia de demonstração em materia de resolução moral. Por isso o systema de Kant se aproxima neste particular, mais do que qualquer outro, á religião positiva; a qual obrigando-nos a crer mesmo sem vêr, nunca podia permittir o tentar uma demonstração metaphisica para supprir o lugar da resolução moral. O systema de Kant, pelo que diz respeito á religião, tem tambem uma estreita conexão com a primitiva fé patriarchal, a qual era caracterizada pela comunicação pessoal com Deus. Nesta parte Kant vai quasi só; por quanto a maior parte das crenças modernas substituíram a comunicação com os symbolos da Divindade, á antiga relação que havia com ella propria.

A terceira reforma que Kant introduzio foi em relação á lei moral. Os mestres de philosophia moral, que o precederam, haviam asseverado plausivelmente, que muito se podera ter feito no que toca á moral pelos principios do desejo do bem, do alcance da perfeição, e do conforto social, todos deduzidos da experiencia. Kant procurando estabelecer a moralidade, como um objecto abstracto e fóra do alcance dos motivos tirados da experiencia, annunciou a exigencia da lei nos termos seguintes; = obrae como se o vosso comportamento houvesse de servir de norma para todos os homens.

Não deve com tudo confundir-se a lei moral com o instincto moral, ou senso moral, por quanto o poder activo do primeiro está associado com a dignidade moral, e impede as nossas inclinações de experimentar o valor das nossas acções. Kant sentiu devidamente a importancia de distinguir o juizo moral do desejo, enthusiasmo, aversão, e recio. Elle designa por tanto propriamente a sua tarefa como — um processo chimico de composição. Pelo simples processo d'applycar o nosso instincto individual ao estado da sociedade em grande, dissolve-se a liga d'aquelle instincto, e nada resta delle excepto o que tem relação com a lei moral.

Entrando profundamente no espirito do systema de Kant, e vendo que envolve profunda e engenhosamente uma maquina extensa e complicada, não podemos deixar de exclamar: = eis um novo Socrates! ... Kant,



bem como Socrates , deu á philosophia o valor e certeza d'um caracter practico. = Kant , bem como Socrates , guerreou os sophistas ; e aboliu as illusões metaphisicas do seu tempo : = Kant , bem como Socrates , levou a cabo uma perfeita revolução no campo do pensamento ; oppoz o simples ao artificial : = e realidades positivas a reconditas especulações ; = Kant , bem como Socrates , conquistou a philosophia das nuvens para a terra , do estandarte d'investigações theoreticas para o d'uma crença practica ; = bem como Socrates foi hostil á Rhetorica em quanto conduz a decepções e extravios, supposto elle mesmo fosse mestre na arte de ligar e analysar as subtilezas logicas. Ha ainda outra semelhança entre estes dous grandes homens. Nenhum delles pertendeu fundar uma nova escola com um *systema completo* de sua propria lavra. Ambos elles pelo contrario , declararam sempre explicitamente , que as suas philosophias eram progressivas pelo que respeita a theorias, e mui distantes da perfeição. Por outro lado ambos declararam a certeza practica da lei a respeito de tudo o que é bom ; e que era dogmaticamente verdadeira a connexão que existe entre a alma e a Divindade. Kant considerou a sua critica da rasão pura como um estudo meramente preliminar para um *systema futuro* de metafisica ; e Socrates não deixou de renovar investigações em cada um de seus dialogos , a fim de determinar se poderia ser descoberto outro meio de conduzir ao Ser Supremo. Tanto Kant como Socrates dedicáram a sua vida á analyse dos *systemas* precedentes ; Socrates examinou os de Parmenides , Zenão , Heraclito, e o dos sophistas ; em quanto Kant sujeitou á critica os de Leibnitz , Wolf, Locke, Hume , e dos philosophos Francezes do seculo passado , á frente dos quaes se achava Voltaire. Kant difficilmente teria sido estimulado á defesa profunda do seu proprio *systema* pelas doutrinas de Wolf, as quaes o Philosopho da rasão pura tinha já ensinado na sua qualidade de professor publico.

Elle porem foi accomettido por cem mil differentes e encontrados pareceres. Semelhante ao philosopho Grego, o Alemão estava destinado a contender com os sublis theoristas do tempo. Helvecio , Condillac ,

La Mettrie, Maupertuis, Robinet, e Rousseau formavam o bando de sophistas modernos, que Kant tinha a combater. Na verdade existe uma semelhança tão notavel entre a situação, plano, fim e doutrina dos dous grandes homens, cujos caracteres acabamos de comparar, que somos indusidos a ellucidar um pouco mais plenamente a historia de philosophia.

Os philosophos antigos até Socrates empenharam-se constantemente em tentar separar a concepção d'uma cousa da propria cousa; — em formar como resultado do seu systema um modo abstracto de pensar, e em elevar o genero humano do reino de phenomenos sensuaes ao de um idealismo puro. Este processo, que agora nos parece tão facil, era difficil de levar a effecto naquelle tempo, — tanto assim que estava reservado só ao poderoso genio d'Aristoteles consolidar e arranjar systematicamente as leis communs essenciaes ao pensamento abstracto, ao juiso, e á inferencia. — Conclusões logicas mui simples, hoje tão claras, que até andam na boca das crianças, pareciam n'aquelle tempo enigmas e paradoxos. Assim hoje nenhuma contradicção achamos na asserção que, = “ainda que todos os negros sejam homens, com tudo nem todos os homens são negros,” = e entretanto antigamente quando as equações mathematicas eram mais conhecidas do que as logicas, esta asserção era comprehendida no sentido d'uma equação mathematica, e o resultado era que de *Negro* = *Homem* devia necessariamente seguir-se, *Homem* = *Negro*.

Esta proposição e outras semelhantes eram consideradas no tempo de Socrates do mesmo modo que hoje se consideram as antinomias e paralogismos que se contem na doutrina de Kant ácerca da razão pura. A sua theoria, que pelo menos suppõem conhecimento das leis da abstracção era inteiramente impossivel nos tempos antigos em que a logica estava na sua infancia. Não nos deve pois causar admiração que Socrates não procurasse meios de limitar o uso das noções abstractas em connexão com tudo o que é divino, e que antes pelo contrario recommendasse o seu livre uso; modo e-te de proceder encarecidamente pedido por Kant. Comtudo Socrates, e depois d'elle Platão,

tinham muitos conhecimentos scientificos para serem desviados do verdadeiro caminho pela liberdade, que concediam aos outros.

Pelo que diz respeito á parte practica da sua philosophia ha entre Socrates e Kant a seguinte differença, que o primeiro ensinando doutrinas moraes inteiramente novas era obrigado a explica-las e illustra-las pelas suas proprias acções tanto publicas, como privadas, em quanto que Kant só tinha a dirigir a attenção publica para aquella lei, por cuja obediencia mil martyres haviam perecido. Os Gregos eram um povo nascente, caracterizado principalmente por seu espirito d'emulação. Os seus jogos olympicos eram o typo de sua uniforme disposição. Se os principaes cidadãos seguiam o caminho da sobriedade, da moderação e da justiça, era isto mais por emulação do que por qual quer outro motivo.

Assim em suas theorias philosophicas os exercicios gymnasticos eram introduzidos na arena publica, e se tornavam thema de discussões publicas. O philosopho antigo era obrigado em grande parte a elucidar a sua crença com a sua vida; porem nos nossos dias as doutrinas mentaes não carecem de interpretação dos sentidos em consequencia do desenvolvimento geral da percepção; e as theorias, que effectuaram as maiores mudanças na sociedade devem a sua origem a homens que nunca deixaram o socego da cella, ou a reclusão da sua ermida para ter algum trato pessoal com o genero humano.

Podemos prophetisar que a philosophia de Kant ha-de exercer no desenvolvimento futuro da sciencia a mesma influencia que antigamente teve Socrates. Confirma-nos nesta expectação ver o fructo que já tem colhido no pequeno intervalo que tem decorrido depois da sua morte. Assim como Socrates apresentou antigamente um systema inteiramente novo para o desenvolvimento das idéas, o qual com tudo fez reviver d'algun modo as doutrinas precedentes de Parmenides, Pythagoras, Heraclito e Democrito, do mesmo modo a theoria de Kant, supposto seja perfeitamente original, reintroduziu as doutrinas de Spinoza, Leibnitz, Platon e Jacob Bohme. E' com effeito nobre preroga-

tiva do genio descobrir a verdade que existe em todas as erenças; por mais que desicam umas das outras. O sabio architecto não rejeita a ordem Dorica, ou a Jonica para se inclinar á Corinthia, porém acha que cada uma dellas se adapta a alguma parte do edificio. Kant combinou com o juizo d'um sabio e o gosto d'um artista os fragmentos e as diversas especies de varias ordens philosophicas, e nos construiu um templo mental em harmonia com a simples, porém magnifica, solemnidade dos sentimentos que existem no peito dos devotos e ardentes adoradores.

A theoria de Leibnitz pelo que pertence ao mundo sobrenatural e intellectual foi encorporada no systema de Kant, considerada como aquelle estado da razão em que vivemos espiritualmente; em quanto que nós, como entes phisicos, pertencemos aos reinos do espaço e do tempo. Esta theoria é além disso reconhecida por Hegel o qual affirma = que o reino de Deus é realisado na historia do mundo. =

O espirito de Spinoza foi apresentado por Kant, o qual trabalhou por achar um systema estritamente metaphisico sobre noções puras; — e neste respeito pode ser associado com Shelling, o qual considerou as varias apparencias da natureza como outros tantos differentes aspectos de percepção mental.

A tentativa de Locke para apresentar a imaginação debaixo do poder da experiencia, foi, quanto se pode avaliar, desenvolvida com a melhor fortuna por Kant, o qual separou e distinguio os elementos do conhecimento em classes materiaes e espirituaes. Esta doutrina é indicada na psychologia de Herbart e Benek, que sujeitam as potencias attractivas e repulsivas da imaginação a uma ordem demonstrativa.

As dialecticas de Platão, o qual tracta com admiravel ingenuidade das contradicções e labyrinthos do mundo ideal, encontram reflexo na doutrina de Kant das antinomias e paralogismos; onde elle mostra quão cega e impotente é a razão fóra da sua propria esphera. Quanto a isto a influencia de Kant pode ser traçada na tentativa de Hegel para reconciliar as difficuldades que se contem nas antinomias; bem como nos esforços de Herbart para as corrigir.

A construcção da natureza por Des Cartes , que disse = dá-me extensão e movimento, que eu crearei a natureza = é representada em Kant como uma *Dynamica physica* das potencias attractiva e repulsiva; e é firmada na philosophia d'Oken , o qual prova que o acto da propria consciencia é o mesmo na simples forma do atomo, que na organização do cerebro pensante.

Kant envolve as doutrinas de Grossio e Hobbes nas suas ideas de direito natural, o qual elle desenvolveu em theorias d'economia do estado, e que homens taes como Hegel e Krause julgaram superiores ao ideal da republica de Platão.

Kant descreve o racionalismo theologico criado por Abeilard o qual transfere a fé do dominio da auctoridade externa para o da consciencia interna do homem, como uma religião dentro dos limites da pura razão na qual a fé é produzida pelas vividas operações dos nossos sentimentos e sympathias. Esta doutrina achou um habil e bem succedido advogado em Schleiermacher.

A philosophia do tempo presente é semelhante a um vasto edificio, o qual no seu todo não pode ser abrangido por aquelle que o contempla. Muitos dos nossos pensadores modernos são versados n'uma só frente ou secção. Estava rezervado a Kant esboçar o plano de todo o edificio. Depois d'elle cada um escolheu um certo departamento, um as cathogorias; outro as vistas a priori, um terceiro a investigação dos objectes; e um quarto o sujeito absoluto. Assim se perdeu gradualmente a perspectiva geral. O conhecimento dos philosophos modernos é profundo e rico em experiencias; porem ao mesmo tempo limitado e parcial; por outro lado o de Kant, supposto abstracto e pobre em experiencias, abrangia tudo; e era idealmente distincto. Hoje é impossivel ser um adepto completo em philosophia sem se tornar familiar com os principios desenvolvidos por Kant na *Crítica da Razão pura*. Por outro lado apenas estamos senhores d'aquella critica, logo discernimos em todas as paginas as sementes de todos os systemas

agora em voga entre os homens. Com tudo estamos aptos para preferir a seara á semente; e esquecendo-se as escolas modernas de que não fazem mais do que colher o que Kant semeára, zombam do estado imperfeito das suas especulações. Fichte é o unico que confessou que o seu systema era um ramo do de Kant. Era costume na escola de Shelling haver em menos conta o philosopho de Konisgberg, ao mesmo passo que os discipulos d'Hegel consideravam a *critica sobre a razão* como emanação d'um entendimento ordinario. Podê com tudo desculpar-se d'algum modo esta severidade. A culpa é principalmente d'aquelles pedantes teimosos, que adherindo ao systema de Kant, e chamando a sua escola mui *impropriamente Kantiana*, não avançaram um só passo alem do seu prototype, supposto que elle mesmo houvesse declarado por mais de uma vez que o seu systema não estava completo. Acontecia pois que os profundos discipulos de Kant, que avançaram com admiravel rapidez pela estrada que elle lhes havia traçado, antes quizeram lançar de si d'uma vez o seu nome, do que cubrir-se com elle a par desses viajantes imbecis que não puderam progredir um passo alem do lugar onde foram levados.

Se analisarmos as admiraveis feições peculiares á philosophia de Kant ficamos abalados pelos nobres e elevados sentimentos que ella desperta. Se olharmos para a lei moral como aquella que deve dirigir o nosso comportamento, e como fonte donde devemos receber todas as communicações d'uma sciencia á priori, vimos no conhecimento da dignidade do character do homem, bem como da gloria do nosso destino final. O desenvolvimento das leis na região do espirito torna-se-nos tão familiar como a sua illustração no mundo da materia. Nós subimos á eminencia d'um observatorio moral; a alhua é o firmamento que descortinamos, e suas immortaes faculdades são os mundos de que calculamos a posição, a ascensão, e os eclipses.

Em segundo lugar somos levados a perceber que a lei universal que rege os mundos espirital e material, não é d'um character phisico nem intellectual, porem moral.

Em terceiro lugar somos induzidos a reconhecer que as feições mais características da philosophia antiga foram conservadas no systema de Kant, e que elle lhe accrescentára aquellas altas qualidades, e formas d'illustração com que o christianismo fora dotado por seu author.

Porem o que demanda mais particularmente a nossa admiração é a universalidade d'aquelle genio que soube aproveitar alguma cousa de cada um dos systemas precedentes, supposto extremamente differentes entre si; e que tendo colligido a affluencia dos pensamentos precedentes, e nos quaes apenas era visível parcialmente a estampa de maiores principios, soube apura-los no cadinho da intelligencia virtuosa, amalgamando-os em huma harmoniosa unidade, e selando a sua homogeneidade com o cunho indelevel da verdade.

---

Quando nos propozemos verter em linguagem esta exposição summaria da philosophia de Kant, não deixamos de nos atemorizar com as difficuldades que tínhamos de encontrar em semelhante intento: — difficuldades principalmente provenientes da appropriação de vocabulos estranhos ao nosso idioma, posto que derivados de boas raizes. Se só dessemos ouvidos aos conselhos do amor proprio não tomaríamos sobre nós os riscos d'uma empreza, de que é tão facil sahir mal, e da qual, ainda que sahíssemos o-vantes, não passariam de meia duzia os justos avaliadores. Doia-nos ver Kant mal julgado; lamentávamos ouvir o nome de Kant associado á idea do *inintelligivel*. Como complemento do artigo antecedente extrahido do *Foreign Quarterly Review*, accrescentaremos as seguintes linhas:

A analyse é o remedio universal contra todos os erros passados, presentes e futuros: e é so pelo me-

thodo que se pode chegar ao descobrimento de todas as verdades. Condillac fez um tratado especial contra os systemas abstractos, isto é, contra a *synthese*. A *hypothese* deve ser banida. Ella é para assim dizer o espantalho da philosophia do 18.º século. Ella aterrou o proprio Kant. Nos prolegomenos que vem no principio de todas as obras deste grande homem elle attribue todos os males da philosophia ao emprego prematuro da *synthese*, e não lhe conhece outro remedio alem da *analyse*, a *analyse* do pensamento e de suas leis, de nossas faculdades e de seus limites. Cada uma de suas grandes obras tem o titulo de *Critica*, e sua philosophia é chamada *criticismo*.

No seculo 18.º escreveu-se muito; mas em tantos livros publicados encontram-se raras as *hypotheses*: em alguns notar-se-ha falta de força *systematica*, mas em nenhum se achará motivo para deplorar os desvarios do espirito *systematico*. Não ha uma só parte da philosophia sobre a qual Kant não deixasse longos trabalhos: com tudo não se encontra entre elles nem uma *hypothese*. No 18.º seculo não se lê nada que se pareça com a *intuição em Deus* de Malebranche, com a *harmonia prestabelecida* de Leibnitz, e com a *veracidade divina de Descartes*.

Kant tão prudente e mais profundo que os Escossezes creou um movimento *analytico* bem combinado, e bem extenso. Segundo Kant, nada é mais incontestavel do que a parte sensivel do conhecimento humano: mas o conhecimento humano é uma couza muito complexa, na qual elle tambem encontra uma parte que não é propriedade da sensação, mas da intelligencia, e da razão, uma parte racional, perfeitamente real, que é mister separar de tudo para a estudar em si mesma. O estudo desta parte racional dos nossos conhecimentos, considerada de per si, isto é, o estudo da razão pura, em todas as materias é o que forma o character da philosophia de Kant. Elle fez este estudo *analytico*, esta critica da razão pura em materia de metaphysica, em materia de moral, em materia d'esthetica, em materia de legislação, e em materia de jurisprudencia. A linguagem de Kant é



mais ou menos agradável; e a sua idea é sempre exacta e profunda. Kant, á maneira d'Aristoteles, seu verdadeiro modelo, deixou um exame analytico dos caracteres geraes, e das leis do mundo exterior, uma physica philosophica. E não se pense que esta obra é algum montão d'hypotheses. Pelo contrario nem uma se encontra; e será bom lembrar que Kant amigo de Lambert e d'Euler não foi so um psychologista da primeira ordem, mas que para a sua epoca foi geometra, astrónomo e physico distincto: elle tambem foi um dos mais notaveis creadores ou promotores da geographia physica.

---

# Biographia

## O PRINCIPE DE TALLEYRAND.

O DISCURSO LIDO POR MR. MIGNET NA ACADEMIA  
DAS SCIENCIAS MORAES E POLITICAS EM SESSÃO  
DE 11 DE MAIO DE 1839.

---

Está quazi a fazer um anno que aos 84 de sua idade falleceu o ultimo grande representante do seculo 18.<sup>o</sup>, o homem espirituoso que ainda conversou com Voltaire, o celebre constituinte, que tão grande parte tomou nos actos da primeira revolução, o amigo de Sieyes, o executor do testamento de Mirabeau, o conselheiro de Napoleão nos primeiros oito annos do seu poder, o auctor da restauração, á qual tão depressa desamparou; e finalmente o diplomata consummado que tantas vezes se intrometteu na distribuição dos Estados.

Cumpre-me hoje narrar sua vida., tão estreitamente enlaçada com a historia da nossa época; apreciar suas acções, que pela maior parte se confundem com os successos contemporaneos. Empenho é este em demasia vasto para ser contrahido aos estreitos limites d'um discurso, e bem difficil de levar ao cabo em um tempo, ainda tão proximo dos actos, que tenho a referir. Farei todavia a maior diligencia para o conseguir; forcejarei por não ommittir cousa importante, e por só dizer a verdade sciente do que devo á corporação perante quem fallo, e ás recordações pessoas que me restam: julgar-me-hei na presença da historia. Mas, se neste recinto cumpro com os deveres de historiador, espero de encontrar nelle os sentimentos da benevola posteridade.

Carlos Mauricio de Talleyrand Perigord nasceu

em Paris a 13 de Fevereiro de 1754. Pertencente a uma antiga e grande familia, era o primogenito de sua caza: e com quanto fosse desde logo destinado para vir em algum tempo a ser o seu chefe, todavia mingoaram em seus primeiros annos os desvellos da providencia e da affeição; e foi abandonado em um dos arrabaldes de Paris á negligencia d'uma ama. — Uma queda, que deu na idade de um anno, o fez enfermo para sempre, e trocou o destino de sua vida. Seus paes ignoraram ao principio este desgraçado accidente, e quando o souberam, foi parte para estimarem em menos a este filho. Naquelle época destinava-se com anticipação aos filhos das grandes familias a posição que haviam de occupar no mundo; havia para elles uma especie de predestinação social. O primogenito era destinado ás armas; os segundos á igreja. Um tinha cargo de continuar a familia; os outros eram condemnados a sumirem-se n'uma esterilidade proficua a seu esplendor.

Mr. de Talleyrand, que por direito de primogenitura era chamado a ser o chefe de sua familia, foi por sua enfermidade destinado á carreira dos filhos segundos. Seus paes, dispondo d'elle sem contemplação para com suas inolinações, o metteram no serviço da igreja. Passou das mãos mercenarias, a que fôra confiado, ao collegio d'Harcourt, e deste para o de S. Sulpicio, e para a Sorbonna, sem ter desde o seu nascimento dormido uma só noite na caza paterna. Entregue a si mesmo na infancia e na juventude, criou-se por si só: começou a reflectir cedo; e aprendeu a concentrar sentimentos, que não podia exprimir e communicar. Se quando nasceu já vinha dotado pela natureza de raras qualidades, a educação de S. Sulpicio e da Sorbonna lhe accrescentou outras ainda; e mesmo algumas daquellas tomaram nova direcção. Era intelligente e fez-se instruido: era resolutos e fez-se reservado: era ardente e fez-se moderado: era forte e fez-se astuto. A ambição, que em qualquer posição teria desenvolvido, e que em certo modo era inseparavel do exercicio de suas grandes faculdades, tirou dos habitos da igreja a sua morosidade, e os seus meios; porque a igreja desde a sua fundação tem

sido testemunha de tão rapidas combinações, e de tantas ideas fugidias, que tem adoptado por politica a paciencia. Reputando-se a eternidade, tem sempre sabido supportar o tempo, e aguardar em tudo o momento propicio. Nesta grande escola é que Mr. de Talleyrand se instruiu na arte de penetrar os homens, de julgar as circumstancias, de aproveitar as oportunidades, de tirar partido do tempo sem correr á busca d'elle, e de servir-se das vontades sem as constringer.

Depois de concluir os estudos theologicos appareceu no mundo com o nome de *abbade de Perigord*. Como havia sido contrariado em seus gostos, estava descontente, e propenso a portar-se como revolucionario. Desde logo grangeou a reputação d'um homem de muita conta, e de que, possuindo um nome illustre, animo tranquillo, infinito espirito, uma certa graça que captivava, uma certa malicia que assustava, muito ardor temperado por sufficiente prudencia, e dirigido por extrema destreza; devia necessariamente levar ávante seus intentos.

Seus paes, que por longo tempo o haviam conservado no seminario, a fim de o habituarem á vida que lhe destinavam, o levaram á sagração de Luiz 16. Pensaram que o joven seminarista ficaria deslumbreado por estas magnificas pompas da igreja, e que a ambição viria auxiliar a vocação. Mas a experiencia só até certo ponto lhe sabia bem; e passados dous annos, quando Voltaire deixou Ferney para fazer uma visita a França antes de morrer, o abbade de Perigord mostrou por elle uma predilecção mais voluntaria. Durante esta viagem, na qual o celebre ancião disfructou o poder de seu dominio, então tão bem accedido como seu genio, na qual lançou a benção ao filho de Francklin em nome de Deus e da Liberdade, e na qual expirou fatigado do excesso de sua gloria; Mr. de Talleyrand lhe foi apresentado, e o viu duas vezes. Voltaire foi o primeiro poder perante quem elle se inclinou; e conservou indeleveis recordações destas conferencias, nas quaes nem d'uma nem d'outra parte fallecia espirito. Aprazia-lhe fallar nellas até mesmo nos ultimos tempos da sua vida, e o extremo de sua

admiração para com Voltaire nunca teve diminuição : o que é tanto mais facil de explicar quanto se conhece que entre elles havia alguma analogia ; por quanto Mr. de Talleyrand pela graça de seu espirito , pela simplicidade de seu bom senso , e pela selecta naturalidade de sua linguagem era como se fosse da propria familia de Voltaire.

Estas suas pouco orthodoxas admirações para com Voltaire não obstaram a que dentro de dous annos ( em 1780 ) chegasse a ser Agente geral do Clero de França , cargo importantissimo , e que por oito annos exerceu. A Igreja de França possuia então vastas propriedades , rendimentos consideraveis , congregava-se em assembleas regulares , governava-se por si , e a si propria lançava os tributos . O seu Agente geral era o seu ministro ; e foi neste cargo que Mr. de Talleyrand apprendeu a tratar negocios politicos . Se d'aantes tinha a reputação d'um homem espirituoso , adquirio aqui a de um homem de capacidade . O alto clero não era uma corporação separada do mundo , nem estranha ao que nelle se passava ; e o seguinte factio mostrará até que ponto o clero se intromettia nos negocios politicos . A guerra da America excitava então um interesse universal ; o abbade de Perigord , agente geral do clero de França , de combinação com seu amigo o Conde de Choiseul Gouffier , armou um corsario contra os Ingleses . O marechal de Castries , ministro da marinha , lhe forneceu artilharia . O armamento d'um corsario por um ecclesiastico pinta bem este tempo singular , em que o papa Benedicto 14.º acceitou de Voltaire a dedicatoria do *Mahomet* , e em que a corte applaudia os epigramas de Beaumarchais contra a nobreza ,

O *bello espirito* era o verdadeiro soberano da epocha . Tinha offuscado tudo sem destruir ainda cousa alguma ; tinha tornado a authoridade mais suave , o clero mais tolerante , a nobreza mais familiar : tinha aproximado as pessoas sem confundir as classes : tinha introduzido uma certa polidez e um encanto de convivencia na velha sociedade ; a qual parecia ter perdido as suas paixões , e conservado somente boas maneiras . Eram os homenes naquelle tempo felices e con-

fiados, como se é sempre nos momentos, em que as revoluções se operam ainda sómente nas intelligencias; em que se mudam só as ideas; em que as crenças, que se esvaecem, a ninguém dão cuidado; em que apenas se exerce uma acção puramente moral, e em que o enthusiasmo do que se espera não dá lugar ás saudades do que se perde. No meio d' um tal tempo e d'um tal mundo foi que Mr. de Talleyrand, viveu, alumno da eschola, que tinha Voltaire por mestre, soberanos e grandes senhores por discipulos, os direitos do espirito por crença, e os progressos da humanidade por alvo, a que se dirigia.

O momento da revolução, annunciado pelas novas ideas, ia-se chegando. Mr. de Talleyrand, nomeado bispo de Autun em 1788, fez parte da assemblea dos notaveis; congregados mais para verificar, do que para sanar, as publicas necessidades. Convocados os estados geraes, que só podiam operar as reformas, M. de Talleyrand recitou perante o clero dos quatro districtos ( *bailliages* ) de sua diocese, que o elegeu deputado, um discurso, em que era para notar um grande senhor aspirando á igualdade das classes e á communiidade dos direitos; e um bispo reclamando a liberdade das intelligencias. Com estes precedentes entrou nos estados geraes, onde veio a ser um dos mais zelosos coóperadores da revolução popular, a cuja causa dedicou sua habilidade, da mesma sorte que Sieyès seu pensamento, Mirabeau sua eloquencia, Bailly sua virtude, Lafayette seu character cavalheiresco, e tantos excellentes homens seu espirito e sua adhesão.

Apenas Mr. de Talleyrand entrou na assemblea constituinte, logo tomou nella o seu lugar, isto é, aquelle que lhe era designado por seu merito superior, e sua prematura experiencia. Depois da reunião das ordens, o mais importante ponto era a liberdade dos votos; para os quaes não havia permissão nos mandatos imperativos, que os deputados haviam recebido dos districtos ( *bailliages* ). Mr. de Talleyrand fez uma proposta contra elles, e provou mui bem a inopportuniidade destes mandatos, que reduziam os deputados a simples mensageiros dos districtos. Em conformida-

de com o seu voto , a assemblêa , que já d'antes se libertara da opposição das ordens , desenredou-se agora dos embaraços dos mandatos , e só lhe restava triumphar da força para marchar livremente para seu grande futuro. Com o auxilio do povo veio a conseguilo a 14 de julho. Na noite deste dia memoravel foi nomeada a commissão de constituição , que devia consagrar os resultados da victoria popular ; e Mr. de Talleyrand foi eleito em 2.º lugar , ficando entre Mounier e Sieyes. Dest'arte associado aos homens , que mais tinham meditado sobre a organização das sociedades , contribuiu com elles para a organização completa da França. Mas alem da parte , que tomou neste trabalho geral , o mais extraordinario e o mais extenso , que houve em tempo algum , foi encarregado de appresentar um plano d'instrucção publica , que preparasse as gerações futuras para seus novos destinos.

Pareceu á assemblea constituinte que o melhor meio de completar sua obra , e de assegurar a duração das mudanças , que fizesse , era operal-as na propria intelligencia. Assim o systema , que então foi projectado em seu nome , e que mais tarde veio a realisar-se com modificações , tinha por caracter principal secularisar o ensino , fundando-o , como tudo o mais , sobre uma base civil , e fazendo-o dar pelo estado , e não pela igreja. O vasto e bello relatorio , que Mr. de Talleyrand appresentou á assemblea , obteve e conservou uma grande celebridade. Considerava nelle a instrucção em sua origem , em seu objecto , em sua organização , e em seus methodos. E' o primeiro trabalho desta natureza concebido d'uma maneira philosophica , e appropriado na sua totalidade ao uso d'uma grande nação. A educação é alli offerecida a todas as graduações , destinada a todas as idades , proporcionada a todas as condições. Ella não se dirige sómente á intelligencia , que desenvolve á proporção de sua capacidade e de suas necessidades ; mas tambem á alma que cultiva nos seus melhores sentimentos , e ao corpo , cuja destreza exercita , e de cuja força tem cuidado. Sem desprezar os bellos conhecimentos e as linguas sabias , que põem os povos mo-

conservam a uniao espirital do genero humano, tem a instrucção por principal objecto ensinar o que é hoje necessario saber bem para obrar bem.

Escolas primarias, estabelecidas em cada concelho, devem ensinar á infancia todos os principios das cousas, que ella carece de conhecer, e que lhe é inutil saber a fundo. Escolas secundarias, fundadas na cabeça de cada comarca, são destinadas a preparar a mocidade por noções mais extensas a todos os estados, que ella um dia ha-de abraçar na sociedade. Escolas especiaes de departamento teem por fim ensinando o direito, a medecina, a theologia, a arte militar, formar a adolescencia para certas profissões publicas, que para serem exercidas reclamam uma instrucção particular. Finalmente um instituto nacional, ao mesmo tempo corpo cathedratico, que ensina o que se sabe de mais elevado nas sciencias, e corpo academico, que aperfeiçoa o que ainda se não sabe bem, tem a grande missao de centralisar o espirito da nação, assim como a assemblea legislativa lhe centralisa a vontade.

Neste systema d'educacão nacional os estudos estavam bem determinados, mas o magisterio era fracamente organizado. Por outra parte, posto que os principios moraes fossem nelle objecto d'uma grande sollicitude e d'um ensino continuado, procurava-se demasiadamente sua certeza no raciocinio, e sua sancção na utilidade. Os sentimentos que o espirito nem dá nem demonstra, tomavam alli a forma d'ideias: a moral assentava sobre o interesse, que sim pode servir-a, mas não fundal-a: a honradez era alli professada como uma sciencia, e a virtude recommendada como um calculo. Tal era, em ultimo resultado a disposicão do tempo, que arrastado por uma confiança sem limites nas forças da intelligencia humana, não admittia senão as suas concepções, e preferia o que se prova ao que se sente.

Durante este periodo regenerador Mr. de Talleyrand se entregou aos mais extensos e mais variados trabalhos. Propoz a adopção da unidade dos pesos e medidas, a fim de que o povo, que dava a si as mes-



mas leis, e que introduzia uniformidade no estado, podesse servir-se d'uma regra commum em suas transacções privadas. Procurou o elemento invariavel desta unidade n'uma divisão do gráo terrestre, ou no comprimento do pendulo simples de segundo relativo a uma latitude determinada. Isto era o principio da revolução applicado á avaliação material das cousas. Clamou contra a continuação das loterias, expondo a enorme desigualdade das suas probabilidades como jogo, e a immoralidade de seus productos como imposto. Concorreu para a declaração dos direitos, e provocou a abolição dos dizimos pelo justo principio do resgate. Como membro da commissão das contribuições cooperou para o sabio e engenhoso mechanismo, que applicando o dogma da igualdade aos bens assim como ás pessoas, fundou o actual systema dos impostos publicos. Neste systema, de que eu já tive occasião de fallar com alguma extensão, narrando a vida d'outro membro desta academia (a), todas as riquezas eram lançadas por um modo providente e proporcional. Mr. de Talleyrand teve o encargo de organizar a parte das rendas publicas, que assentam sobre os actos da vida civil e economica: apresentou a lei do registro, a qual em suas principaes bases subsiste ha quasi meio seculo com mui pouca differença do que foi decretada pela assemblea constituinte, e tem sido um dos mais fecundos recursos do estado, e desde então um dos seus mais seguros meios de grandeza.

Mas Mr. de Talleyrand não se distinguio menos como financeiro do que como um dos fundadores da constituição, e um dos autores do systema d'impostos. Havia adquirido as mais elevadas ideas e as mais practicas sobre estas difficeis materias na intima communicação com Mr. Panchaud, um dos profundos financeiros do tempo, fundador da caixa de desconto e da caixa de amortisação, habil operador, que n'um momento de penuria arranhou 600 milhões para o thesouro publico, *o unico hamem em França*, ( para me servir das

---

(a) Roederer. — Vem no Tom. 1.º da *Revue des deux Mondes*. 1838.

fazer por a galinha dos ovos de ouro, sem a matar.

A desordem das finanças tinha provocado a revolução, que era pouco propria para a remediar. A assemblea constituinte collocada entre suas theorias politicas e suas necessidades pecuniarias não podia realizar umas sem aggravar as outras. Tudo o que ella concedia a suas ideas desarranjava ainda mais suas finanças, pois a confusão das fortunas, que era a consequencia das reformas, paralysava momentaneamente a riqueza publica. Mr. de Talleyrand apoiou os diversos empréstimos propostos por Mr. Necker; recommendou fortemente a fidelidade para com os credores; tentou em bellos e sabios discursos fundar o credito da nação, que offerencia (segundo sua feliz expressão) *a mais bella hypotheca do universo*, sobre uma caixa de amortisação, que o facilitasse, e sobre a boa ordem, que o assegurasse. Todavia se elle se houvera limitado a propôr estes meios, que são proprios dos governos regulares, em um momento de crise social, em que as imaginações pouco confiam, e os poderes tem pouco vigor, mui fraco auxilio teria prestado ás publicas necessidades. Não parou aqui, e por um audaz expediente, tão conforme ao espirito da revolução, como aos principios da sciencia economica, poz dous milhões de milhões á disposição do thesouro.

Já se entende que quero fallar da celebre proposta, pela qual Mr. de Talleyrand provocou a venda dos bens ecclesiasticos.

Applicou-se a provar que estes bens eram uma propriedade nacional, que haviam sido dados não no interesse das pessoas, mas para o serviço de certas funcções, e que o Estado podia dispôr delles, com tanto que assegurasse o exercicio do culto, e a sustentação dos ecclesiasticos. Propoz ao mesmo tempo melhorar a sorte do clero inferior. A assemblea adoptou a sua proposta, mas não seguiu o plano justo e habil, que elle indicou para que o Estado satisfizesse a seus credores. Esta massa de propriedades serviu, contra a sua opinião, d'hypotheca a uma massa equivalente de assignados, ou apolices, cujo curso

foi forçado, e cuja historia elle prognosticou com summa exactidão. E por tanto o que aconteceu foi que esta grande operação retardou a ruína da fazenda publica, mas não a impediu. Comtudo, passada a crise, teve por effeito augmentar a riqueza deslocando e dividindo uma propriedade, até alli amortizada, destruir o regimen particular do clero como corporação, trocando as rendas dos seus bens em ordenados pelas suas funcções; e fazendo com que pelo orçamento fosse esta corporação considerada como parte do Estado.

Mr. de Talleyrand não offereceu em holocausto ás necessidades publicas os bens da sua ordem, sem incorrer em sua aversão. Mas este acto, um dos mais radicaes que se levaram a effeito naquella epocha, não foi o ultimo testemunho de sua cooperação para a revolução. Sobre proposta de Mr. de Talleyrand é que a assemblea constituinte designou o dia 14 de julho, anniversario da tomada da Bastilha, e origem da liberdade publica, para congregar em Paris em federação patriotica os deputados de toda a França. Neste dia solemne o bispo mais dedicado á causa popular celebrou o grande pacto, que devia unir a nação nova e o poder novo sob a mesma lei e pelo mesmo juramento. Em presença de trezentos mil espectadores ebrios d'enthusiasmo; no meio dos confederados de todos os departamentos, animados dos mesmos desejos que Paris; perante a familia real e a assemblea nacional, por um momento conformes nos mesmos sentimentos, subiu sobre o altar levantado no Campo de Marte para inaugurar em certo modo os futuros destinos da França.

Depois de ter consagrado a revolução, á qual havia offerecido um systema de educação publica, e a favor da qual havia tornado disponivel uma parte do territorio, até alli immobilizada; Mr. de Talleyrand associou-se a uma medida destinada a collocar ainda mais o clero na dependencia do estado, suggerindo-o a uma constituição civil. Verdade é que esta constituição não atacava a crença, mas somente os usos da igreja, e era antes um erro politico do que uma usurpação religiosa. Mr. de Talleyrand com quanto não fosse um dos que a provocaram, deu-lhe toda-

te e com energia a opinião de que os membros do clero, que não obedecessem á lei, gozassem da protecção della, e praticassem livremente o culto Catholico, tendo quasi todos os bispos antigos repugnado prestar o juramento, que se lhes exigia, os electores lhes nomearam successores, aos quaes o bispo de Antun e o bispo de Lida deram a instituição canonica. Mr. de Talleyrand que havia abraçado contra vontade o estado ecclesiastico, agora malquistado com o clero da sua diocese, ameaçado d'excommunição pelo papa, rejeitou a nomeação de Arcebispo de Paris, resignou o bispado d'Antun, e passou ao estado civil.

Pouco tempo depois Talleyrand, que antes da revolução tinha recebido a primeira confidencia de Sieyes a respeito do famoso folheto = *O que é o terceiro estado?* = acceitou os ultimos pensamentos de Mirabeau. Suas relações, por muito tempo intimas, tinham cessado desde o dia em que Mirabeau vendeu e publicou as cartas secretas sobre a corte de Berlim, escriptas no momento da morte do grande Frederico, e n'uma embaixada, em que por influencia de Mr. de Talleyrand elle fôra empregado. Mas quando Mirabeau se viu atacado da subita molestia, que consternou toda Paris, e que tão depressa o roubou á publica admiração, reconciliou-se com Mr. de Talleyrand. Tendo mostrado desejos de vê-lo, foi Talleyrand levado á cabeceira de sua cama no 1.º d'abril, e lhe dirigiu estas palavras = Metade de Paris está de continuo á vossa porta: a outra metade, e eu com ella, vem tres vezes por dia saber noticias vossas, e cada vez que eu vinha sentia amargamente não me ser permitido entrar. = Por duas horas se conservou só com o glorioso moribundo, que sensibilizado por esta reconciliação lhe entregou o seu discurso sobre a lei das successões em linha directa, a fim de o ler á assemblea. Assim no dia seguinte pela manhã, poucas horas depois da morte de Mirabeau, tendo Mr. de Talleyrand subido á tribuna para cumprir com aquelle dever, não se pode exprimir qual foi a emoção da assemblea, quando elle disse = Mirabeau já não existe. Aqui vos trago a sua

ultima obra ; e tão uniformes eram seus sentimentos e pensamentos em prol da causa publica , que ouvindo-a ler quasi que assistis a seu ultimo suspiro = .

Antes de concluir com esta importante epoca da vida de Mr. de Talleyrand , não devo passar em silencio que a assemblêa constituinte lhe confiou o empenho de justificar n'um manifesto á nação , a obra da revolução , atacada pelos partidos. Neste manifesto falla Mr. de Talleyrand , em nome da assemblêa uma nobre e espirituosa linguagem. A'arguição de ter destruido tudo , elle responde , que era precizo reconstruir tudo : á arguição de ter obrado com demaziada precipitação , responde , que se não consegue destruir os abusos , senão forem atacados todos ao mesmo tempo : á arguição de aspirar a uma perfeição quimerica , responde , que lhe não pareceu serem sómente destinadas a ornar os livros as ideias uteis ao genero humano , e que Deus quando deu ao homem a perfectibilidade não lhe vedou applica-la á ordem social = Elevados á categoria de cidadãos ( diz elle aos Francezes ), admissiveis a todos os empregos , illustrados censores da administração , quando não fordes seus depositarios , certos que tudo se faz por vós , e para vós , iguaes perante a lei , livres de obrar , de fallar , ou de escrever , não tendo que dar satisfações aos homens , mas sómente á vontade commum , que mais bella condição ! Poderá haver um só cidadão verdadeiramente digno deste nome , que ainda se atreva a olhar para trás , que queira levantar as ruinas de que nos achamos cercados para tornar a compor o antigo edificio ?

Mr. de Talleyrand entrou pouco depois na carreira esta que devia adquirir sua principal celebridade , e pôr-se a par dos maiores negociadores politicos. Nomeado membro do Directorio do departamento do Sena com Sieyes , com o Duque de la Rochefoucault , Roederer &c. foi encarregado no tempo da assemblea legislativa d'uma importante missão á Inglaterra. Como os deputados da Constituinte não podiam exercer funcções executivas , não se lhe confiou o titulo d'Embaixador , caracter que levava Mr. de Chauvelin ; mas desde a primavera de 1792 ficou Mr.

verno Inglez, a fim de contractar uma *alliança nacional* em opposição á *alliança de familia*, que os agentes da Corte vinculavam no Continente com as casas de Austria, e Bourbon.

O estado precario da revolução, e o violento desaccordo dos partidos dispunham pouco o governo Inglez para se comprometter n'uma estreita união com a França; mas á falta d'alliança alcançou Mr. de Talleyrand uma declaração de neutralidade, que tinha quazi a mesma utilidade, e que desesperou os partidarios da coalizão Europêa, cujo dezejo era apertar a revolução entre os exercitos continentaes, e as esquadras Britannicas. Tal foi a primeira negociação de Mr. de Talleyrand, que começou sua carreira diplomatica por onde a acabou, passados quarenta annos, com o mesmo fim, e no mesmo paiz. Tornando a Pariz pouco tempo antes do dia dez d'Agosto foi testemunha da queda do throno. Esta cathastrophe, e suas terriveis consequencias lhe inspiraram o dezejo de tornar de prompto a Londres; e posto que não tivesse ahi encargo de funcções publicas, querendo ser ainda util á cauza da revolução, quando não fosse por seus actos, ao menos por seus conselhos, dirigiu-lhe regras de conducta externa, em que se notava uma previdente moderação. Disse á nova republica, que se devia mostrar desinteressada, quando victoriosa; que o territorio da França era sufficiente para a sua grandeza, e para o futuro desenvolvimento de sua industria, e de sua riqueza; que era em abono de sua utilidade, e de sua honra nada accrescentar pela conquista; que toda a incorporação de paiz seria para ella uma cauza de perigo, excitando mais numerosas inimizades, e um labéo á sua gloria, desmentindo as solemnes declarações feitas no principio da revolução; e que sua politica seria mais habil, se tivesse por fundamento, não a aquisição de territorio, mas a emancipação dos povos.

Pouco tempo depois da communicação destas ideias, que por effeito das paixões não era possível serem realizadas, a revolução tornou-se mais violenta, e a Inglaterra deixou de ser neutral. Assim o partido de

Robespierre fez decretar accusação contra Mr. de Talleyrand , e recebeu de Mr. Pitt ordem de deixar Londres dentro em 24 horas. Toda a Europa lhe estava fechada : passou a America com Mr. Beaumetz , seu collega na Constituinte , e ali viveu mais de dous annos. Fatigado do seu exilio , e de sua inacção , estava prestes a embarcar-se em um navio para a India , quando lhe chegou a noticia , de que era chamado á França por um decreto da Convenção , que se tinha tornado independente , e moderada. Este decreto provocado por Chenier , que o exigiu em nome dos serviços prestados á revolução por Mr. de Talleyrand , ao mesmo tempo que lhe desimpediou o caminho da patria , lhe abriu tambem as portas do instituto , e logo após disso o accesso aos negócios.

Nesta epoca tinha sido fundado o Instituto Nacional, de qual Mr. de Talleyrand foi nomeado membro, posto que estivesse ausente : homenagem justamente devida áquelle que desde o tempo da assemblêa constituinte propusera a fundação desta grande sociedade, e anticipadamente lhe dá o nome , ora immortalizada por tantos trabalhos e por tantos homens illustres. Incorporado na classe das sciencias moraes e politicas , tomou nella o seu lugar quando chegou , e foi seu secretario. Pagou o tributo de suas observações e de seus pensamentos lendo duas memorias insignes : uma sobre as *Relações commerciaes dos Estados Unidos com a Inglaterra* , e outra sobre as *vantagens que se podem colher das colonias novas depois das revoluções*. A 1.<sup>a</sup> destas memorias era um painel completo da America do Norte , cujo estado politico era avaliado por Mr. de Talleyrand com o senso seguro d'um homem creado nas revoluções ; como sabio economista expunha as suas relações commerciaes ; descrevia os costumes como observador a que nada escapa , e figura o aspecto geral com as cores naturaes , que pintam tanto melhor os objectos , quanto com mais exactidão os reproduzem em toda a sua simplicidade. A 2.<sup>a</sup> memoria continha sublimes considerações sobre o estabelecimento de colonias destinadas a reparar a perda das antigas , e a facilitar a conclusão e o esquecimento das revoluções. O fim de Mr. de Talleyrand era a-

*nham necessidade de projectos, e a tantos homens infelizes, que tinham necessidade de esperanças.*

Com tão eminente capacidade, não podia Mr. de Talleyrand ficar por longo tempo fora da gerencia do governo do seu país. Favoráveis lhe eram as circumstancias; por quanto a revolução carecia de politicos habéis: que concluíssem a obra de seus irresistíveis soldados. A Europa, penetrada d'um respeituzo pavor, apressava-se a reconhecê-la a fim de a suspender. Já os reis de Hespanha e de Prussia haviam tratado com ella em Basilea, e o rei de Sardenha se lhe tinha submettido em Cherasque, quando Mr. de Talleyrand entrou para ministro dos negocios estrangeiros no tempo do Directorio. Foi então que se realisaram as ideas, que elle tinha emittido em 1792 ácerca da extensão do principio democratico pela guerra, e da sua consolidação pela paz. Por uma parte fundaram-se sobre o modelo francez as republicas liguriana, cisalpina, romana, helvetica, e batava; pela outra parte a paz de Campo Formio concluida com a Caza d'Austria pelo potente negociador que a havia vendido, as conferencias de Rastadt com o imperio d'Alemanha, e as de Lille com a Inglaterra, pareciam annunciar a resignação universal da Europa á nossa liberdade e á nossa grandeza.

A pezar dos estrondozos triumphos da revolução, mui fraco era o Directorio para que Mr. de Talleyrand acreditasse em sua duração. Servio-o sem illusão, e sua penetração, que via mais alem que todo o mundo, já tinha visto germinar sobre o horizonte da Italia seu infallivel successor. Sabia que a imaginação franceza tem necessidade do enthusiasmo, e que a imaginação franceza principalmente não pode passar sem elle por longo tempo. A um povo, que não quer jazer na indifferença é-lhe necessaria a fé ou em alguma coisa, ou em alguém; e como já se não acreditava nas ideas, Mr. de Talleyrand, descobriu que se passava a acreditar nas pessoas: reconheceu o objecto do novo culto nesse general mancebo já todo rodeado da aureola de fogo das batallas, formado nessa cachola da guerra, donde sabem os maiores homens, que nella



apprendem a pensar com rapidez , a obrar com exactidão , a dispor dos homens , a tratar com os governos , a decidir da sorte dos imperios , e a serem senhores de si no meio dos mais terriveis lances. Assim quando o vencedor de Italia tornou a Pariz depois de ter ganhado cinco batalhas campaes , destruido quatro exercitos inimigos , feito 150 mil prisioneiros , tomado 170 bandeiras , e mais de 6 mil canhões , constrangido a submissão os governos Italianos , e á paz a caza imperial d'Austria , então começaram a volver-se para elle assim as esperanças , como as admirações. Não lhe chamavam senão o joven heróe , e na ovação , que lhe foi preparada no Luxembourg , quando elle no meio das bandeiras , que tinha conquistado , e do estampido quasi real da artilharia , foi levar ao Directorio o tratado de Campo Formio, Mr. de Talleyrand , que como Ministro dos negocios estrangeiros acompanhou o general , annunciou publicamente seu proximo destino , e não recousou dizer , — longe de temer a sua ambição , está-me parecendo , que ainda algum dia nos será preciso sollicita-la. —

Assim depois que o General Buonaparte voltou do Egypto , Mr. de Talleyrand , que havia seis mezes tinha sahido do ministerio , se entendeu com elle , e com o Director Sieyes para realizarem os successos do 18 *Brumaire* : e tendo feito parte da empreza , que fundava um governo , associou-se ao systema , que restaurou a ordem social. Nomeado novamente Ministro dos negocios estrangeiros teve mui crescida influencia sobre a politica do 1.º Consul , pela vivacidade de sua admiração , pela prudencia de seus conselhos , e pela conformidade dos pensamentos d'um , e outro. Sabia ao mesmo tempo lizongear-lo , e aconselha-lo. Raras vezes o deixava , e quando se viu obrigado no verão do 1801 a ir tomar as aguas de Bourbon l'Archambaud , escreveu-lhe estas palavras = Parto com pena de me afastar de vós , porque o zelo , com que me entrego aos grandes projectos , que vós animam , não é inutil á sua execução. Que em ultimo resultado ( accrescentava elle ) quando o que vós pensaes , o que vós meditaes , o que eu vos vejo praticar , não fosse mais que um espectáculo , eu sinto que a mi-

nha auzencia seria para mim a mais sensivel das  
vações.

Associado aos diversos projectos do 1.<sup>o</sup> Con-  
auxiliou-o para levar ao cabo a pacificação religio-  
pela negociação da Concórdata. Foi por esta oc-  
ão que Mr. de Talleyrand recebeu do papa por um  
ve especial a authorisação de secularisar-se, que e-  
dez annos antes havia espontaneamente tomado.

A pacificação interna foi seguida d'uma p-  
cação geral, facilitada pelas victorias de Maren-  
d'Hohenlinden, e negociada por Mr. de Talleyrand  
tratado de Luneville que estendeu pela Alemanha  
pirito da revolução secularizando os principados e-  
siasticos; o tratado d'Amiens, pelo qual a Ingla-  
reconheceu as conquistas da França, e as obras d-  
volução sobre o continente; a consulta de Lyon  
constituiu a republica cisalpina, foram as grandes  
sacções politicas, em que Mr. de Talleyrand teve  
epoca a principal parte.

Mas tudo novamente começado a guerra  
depois com a Inglaterra, renovaram-se as hosti-  
des com as tramas da emigração. O 1.<sup>o</sup> consul  
em 1802 por milagre tinha escapado á explosã-  
maquina infernal, vendo-se exposto a taes per-  
quiz fazer tremer aquelles que pretendiam dar-  
morte. Excitado pela indignação, e levado das  
rencias lançou sua mão terrivel sobre o mais  
e o mais cavalheiro principe da casa de Bou-  
que posto a um dia de marcha da fronteira do R-  
esperava por ordem do conselho privado d'Ingla-  
o que houvesse de rebentar em França sem ni-  
intrometter, e até, pelo que parece, sem o saber  
duque d'Enghien conduzido á tarde ao castello de  
cennes, alli foi sentenciado durante a noite, e e-  
tado como cúmplice dos que tinham projectado a-  
do 1.<sup>o</sup> consul. Entrou Mr de Talleyrand no segred-  
tas mortiferas represalias, ou concorreu sómente  
captura do duque d'Enghien sem conhecer a  
que lhe estava reservada? Não ha indício algu-  
que elle fosse consultado ácerca deste acto sang-  
lento, que aliás era contrario a sua natural doçura  
deração. Mas cumpre dizer que Mr. de Talleyrand

execução: das ordens do 1.º consul coeperou para a captura do duque d'Enghien em territorio estrangeiro, e como ministro dos negocios estrangeiros consentiu na violação d'um principio sagrado do direito das gentes. Se no impeto de seu ressentimento, e para a segurança de sua pessoa não tinha o 1.º consul em conta o unico meio de protecção dos estados fracos, pelo menos aquelle que era o seu forçado conservador não se devia esquecer delle.

O 1.º consul para se subtrahir aos perigos em que se tinha visto, fez-se imperador; querendo subir mais alto para que as conjurações lhe não chegassem tão facilmente, e tornar seu poder hereditario, para tornar mais segura a sua vida. Mas a fundação do imperio acarretava consigo uma mudança de systema a respeito das republicas confederadas, mudança que devia levar á guerra. A primeira republica erigida em reino foi a Cisalpina. A Austria que não esperava mais que um pretexto; a Russia, que só pretendia que alguém lhe fosse adiante, immediatamente se declararam; e a não por a rapidez com que o imperador se catregou, ter-se-hia juntado a elle a Prussia, que ainda hesitava. Quando Napoleão partiu para esta immortal campanha, acompanhou Mr. de Talleyrand os acampamentos, para que o homem da paz andasse sempre junto do homem da victoria. Em Strasbourg estava elle quando teve a noticia de que o imperador por effeito d'uma bem dirigida marcha, havia feito depôr as armas em Ulm a um exercito austriaco inteiro. Nesta occasião contando com infallivel resultado remetteu ao imperador um plano de tratado com a Austria, e lhe propoz um vasto arranjo da Europa. Este plano, todo escripto por sua mão, e desconhecido até ao dia de hoje, merece fixar a attenção da historia, e portanto insistimos um pouco nelle.

... Não me compete (dizia Mr. de Talleyrand ao imperador) indagar qual seja o melhor systema de guerra: Vossa Magestade o patenteia neste momento a seus inimigos, e á Europa espantada. Mas querendo offerecer-lhe um tributo de meu zelo, tenho meditado sobre a paz futura, objecto, que assim por entrar na ordem de minhas funcções, como por ter mais intima

relação com a felicidade de Vossa Magestade , tem para mim um attractivo particular = Explicando-lhe então as suas ideias , atcrescitava que havia na Europa quatro grandes potencias , a França , a Austria , a Inglaterra , e a Russia : que a Prussia , se por um instante esteve na mesma conta , fora somente obra do genio de Frederico 2.º ; que a França era a *única potencia perfeita* ( palavras suas ) , porque só ella reunia em justa proporção os dous elementos de grandeza , que nas outras se achavam desigualmente repartidos ; isto é , as riquezas , e os homens ; que a Austria e a Inglaterra eram então as inimigas naturaes da França , e a Russia sua inimiga indirecta por sollicitação das outras duas , e por seus projectos sobre o imperio otomano ; que a Austria , em quanto não estivesse em rivalidade com a Russia , e a Prussia , em quanto estivesse em contacto com a Porta , seriam facilmente unidas pela Inglaterra n'uma alliança commum ; que da conservação d'um tal systema de relações entre os grandes estados da Europa resultariam causas permanentes de guerra ; que as pazes não passariam de treguas , e que o derramamento de sangue humano não terminaria definitivamente , e apenas se poderia reputar suspenso.

Nestes termos , perguntava qual era o novo systema de relações , que supprimindo todo o principio de desintelligencia entre a França e a Austria , separasse os interesses da Austria dos da Inglaterra , os puzesse em opposição com os da Russia , e por esta opposição affiançasse a segurança do imperio otomano , e fundasse um novo equilibrio europeu. Tal era o enunciado do problema ; e a solução eil-a aqui. Propunha desviar a Austria da Italia tirando-lhe o estado veneziano , da Suissa tirando-lhe o Tyrol , da Alemanha meridional tirando-lhe as suas possessões da Suabia. Desta sorte deixava de estar em contacto com os estados fundados ou protegidos pela França , e já não ficava em hostilidade natural com ella. Para maior cautella o estado veneziano não devia ser incorporado no reino d'Italia , mas ficar como estado republicano e independente entre aquelle reino e a Austria. Esta , se perdia por uma parte , augmen-

tava pela outra, e lhe dava no projecto compensações territoriaes proporcionadas a suas perdas, a fim de que, não se lhe deixando motivo de queixa, não tentasse recobrar o que lhe houvesse sido tirado. Estas compensações estavam no mesmo valle do Danubio, o maior rio da Austria, e eram a Valaquia, a Moldavia, a Bessarabia, e a parte mais septemtrional da Bulgaria.

Dest' arte ( diz elle por ultimo ) os Alemães ficariam para sempre excluidos da Italia, e para sempre extinctas as guerras, que as pretensões delles sobre este bello paiz tinham por tantos seculos sustentado. A Austria ficando de posse de todo o curso do Danubio, e de parte das costas do mar Negro, seria vizinha da Russia, e por isso mesmo sua rival; afastada da França e por isso sua alliada. O imperio otomano pelo sacrificio útil de provincias, que os Russos já invadiram, compraria sua segurança, e um longo futuro. A Inglaterra não acharia já alliados no continente, ou os acharia somente inuteis. Os Russos, apertados em seus desertos, dirigiriam sua inquietação e seus esforços para o meio dia da Asia, e o curso dos acontecimentos os poria em presença dos Ingleses, transformando em futuros adversarios, estes actuaes confederados.

Mr. de Talleyrand não se contentou de appresentar este bello projecto ao imperador depois do successo de Ulm: no mesmo dia que em Vianna recebeu a grande noticia da victoria d'Austrelitz, escreveu ao imperador, dizendo = Vossa Magestade pode agora ou desfazer ou sustentar a monarchia austriaca. A existencia desta monarchia em sua massa é indispensavel á futura salvação das nações civilisadas ..... Supplico a Vossa Magestade que torne a ler o projecto, que tive a honra de remetter-lhe de Strasbourg. Hoje mais que nunca me atrevo a julgal-o como o melhor e o mais salutar. Vossas victorias o tornam facil, e feliz seria eu se me auctorisasseis para fazer um arranjo, que estou convencido asseguraria a paz do continente para mais de um seculo. =

Este plano exequivel n'uma epoca, em que nada era impossivel, teria sem duvida preparado um novo

futuro á Europa , dando á Austria um vasto território justamente para aquella parte , para que mais ixtava extendel-a e engrandecel-a ; tornando-a h genea , o que não era ; interessando-a na civil do mundo em vez de a deixar immovel em um p do , em cuja defensão continuadamente se desfal Este plano teria fundado uma paz duravel por binações novas , e sobre interesses satisfeitos : não agradou ao imperador , que continuou , como alli tinha procedido , sem ganhar o vencido , e sem c truir. Contentou-se de se reforçar , e de o abater boliu o santo imperio romano , que existia desde los Magno , e formou a confederação do Rheno , d se fez protector ; engrandeceu os estados secund da Alemanha , que se achavam em sua alliança ral , e erigiu muitos em reinos : estendeu por e principio da revolução , supprimindo as soberanias daes da nobreza immediata , da mesma sorte que annos antes havia supprimido as soberanias ec asticas. Estreitou a Austria , tirando-lhe o que ainda possuia na Italia , sem lhe conceder o qu dia indemnisal-a sobre o Danubio , desta sorte teu-a sem a submeter. — Taes foram os resul da batalha d'Austrelitz e do tratado de Presb O imperador , adoptando um systema politico t do sobre meras expoliações de territorio , só descontentes ; e se condemnava a combater sem que elles que nem sempre poderia subjugar. As t que assignou não foram em certo modo mais d a suspensão da marcha de um conquistador na E

A divergencia de opinião neste particular entre poleão e Mr. de Talleyrand não embargou que e cassé seu ministro até depois do tratado de Tilsit concluido após das victorias de Jena , d'Eylau , Friedland , minorou a Prussia , submetteu a R estendeu a confederação do Rheno do meio-dia ao da Alemanha , e levou ao seu apice a grande Imperio e a gloria do Imperador. Mas nesta e brilhante , e no momento de suas mais inauditas peritades , Mr. de Talleyrand cessou por sua vontade de dirigir a diplomacia de Napoleão. Elle por ventura fatigado de fazer uma figura , e

sua moderação era ás vezes condemnada a sacrificios, ou pensava que a decadencia devia começar no ponto, a que tinha chegado a maior altura? ou antes, preferiria elle o titulo, que então lhe foi dado, de vice-grande eleitor, á gerencia dos mais importantes negocios? talvez que já nelle se desse ao mesmo tempo, o vago instincto do futuro e a aneia de possuir uma dignidade meramente apparente, quando em 9 d'agosto de 1807 tomou a resolução de largar a pasta dos negocios estrangeiros nas mãos do duque de Cadore, para ficar grande dignitario do imperio, ao mesmo tempo que era já camareiro mór e principe de Benevento.

Sua retirada foi lamentavel para o imperador. O grande espirito de Napoleão, e o bom senso de Mr. de Talleyrand pareciam feitos um para o outro. O que no primeiro havia de inventor, de fecundo, de ousado, de impetuozo, carecia do que no segundo havia de claro, de frio, de avisado, e de seguro. Um tinha o genio da acção, outro o do conselho: um projectava tudo quanto havia grande, outro evitava tudo quanto havia perigoso; e o fogo creador de um podia ser felizmente temperado pela lentura circumspecta do outro. Mr. de Talleyrand sabia fazer perder tempo ao imperador quando sua colera ou sua paixão o teriam impellido a medidas precipitadas; e dava-lhe o meio de se mostrar mais habil ficando mais tranquillo. Por isso dizia elle com uma exaggeração apparentemente cheia de espirito, mas com verdade — o imperador estava compromettido no dia, em que podesse fazer um quarto d'hora antes, o que eu conseguia que elle fizesse um quarto d'hora depois. — A perda d'um tal conselheiro foi para elle um infortunio, que se havia transformar em perigo.

Todavia separaram-se sem se desavir ainda, e mesmo passado um anno por occasião da famosa conferencia d'Erfurt entre Napoleão e o Imperador Alexandre, na qual este abandonou a Hespanha ao outro, que em troca lhe cedeu a Moldavia e a Valaquia, e em que ambos concordaram de bater em commun a Inglaterra se não consentisse na paz, e a Austria se não ficasse sujeita; foi M. de Talleyrand que

na qualidade de Camareiro-mór fez as honras de te imperial ao povo de reise de principes sobre que formavam o acompanhamento dos dous arbitrio mundo. No meio destas esplendidas festas , que tão importantes negociações, o Imperador não considerou sem utilidade a seu antigo ministro , e um dia disse com pena = nós nunca nos deveríamos ter separado = : e foi entre elles a ultima prova de concórdia.

O Imperador continuou o curso de suas empenhas. Até alli tinha elle enfraquecido os outros para defender a si proprio ; mas agora passou ávante ; pellido por sua posição , não esperou ser atacado para conquistar. Pela invasão da Hespanha sobre contra si um povo inteiro ; pela captura do paiz correu na temivel hostilidade do antigo e poderoso principe, com que elle assentou dever transição principio de sua dominação. Mr. de Talleyrand nheceu bem o perigo destes procedimentos ; e qual for o momento, em que elle desaprovou a eza da Hespanha , é certo que em 1809 tão publicamente já a sua censura , que o Imperador irritado lhe o titulo de Camareiro-mór, quando voltou da Itália. Elle por si tinha-se desviado dos negocios o Imperador o afastou de sua pessoa. Assim se que o ultimo vinculo , que ainda ligava estes dous homens um dos quaes podia tudo, em quanto duravam os seus sos felizes , e o outro poderia muito se em algum tempo começassem as adversidades. Desde este momento de Talleyrand tornou-se mais aspero censor , o Imperador mais desconfiado. Napoleão escandalizado com expressões pouco comedidas , e caiu no erro de fazer descontente sem lhe tirar o poder.

E' desta maneira que Mr. de Talleyrand nos ultimos cinco annos do imperio , cuja queda elle calculou desde 1812. E com effeito, quando Napoleão levou suas armas á Russia , atacando uma teucia quasi inaccessivel , ao mesmo tempo que que resistir aos ataques da Inglaterra , que dez havia lhe não deixara descansar algum quando que comprimir a insurreição da Hespanha, que elle mo apelidava em 14 de julho contra a sua conquista quando tinha de reanimar a frouxidão da Alemanha.



cuja paciência estava exausta ; quando tinha a recear o levantamento da Prussia minorada e humilhada ; e a vigiar o tenaz ressentimento da Austria, a quem os cazamentos não mudam as maximas, e que aspirava a recobrar os oito milhões de habitantes , que successivamente perdera pelos tratados , que em virtude dos infortunios da guerra se vira forçada a conceder ; foi então que Mr. de Talleyrand, considerou como mui proximo o fim do imperio. —

( Continuar se-ha. )

J. H. da C. R.

---

## JUSTA REPARAÇÃO;

*A proposito do Artigo ANDRÉ DE RESENDE i  
no N.º 18 da Revista Litterariu.*

---

Na bem traçada memoria que nos foi enviada e que com a maior satisfação inserimos no N.º relativo ao mez de junho do anno preterito, a é um novo monumento de respeito consagrado a memoria do nosso erudito escriptor André de Resende ha algumas inexactidões que cumpre emendar, por certo não escaparam ao erudito auctor da memoria com intenção de privar do merecido galardo a quem este é devido. Diz-se que pouco depois da extincção das Ordens Religiosas decreto de 28 maio de 1834, fôra decretada a deicação do Convento de S. Domingos d'Evora para seu lugar se formar uma nova praça com a denominação de = *Praça de D. Pedro* =; mas lê-se no Diario do Governo N.º 140 de 15 de junho de 1834 uma Portaria do Ministerio do Reino, na qual S. Magestade approvava e louvava a proposta do Governador Civil d'Evora, o Conselheiro *Antonio José d'Almeida* (hoje Deputado em Cortes) levada á presença da mesma Augusta Senhora com data de 21 de maio do dito anno de 1836, e com o fim de se construir local do edificio do Convento de S. Domingos da cidade uma praça com a denominação de *Praça de D. Pedro*, em grata recordação de que este e mui Poderoso Principe de saudosa memoria foi o Fundador do Throno da Augusta Rainha de Portugal, e das publicas liberdades.

Igualmente se diz na memoria — *que apenas se começou de começar a demolição não faltaram logo os amantes da honra da Patria, que pug-*

( 450 )  
pela conveniencia de salvar daquella inevitavel ruina os restos mortaes d'André de Resende, o mais famoso, e benemerito dos Eborenses. Chegou este objecto a ser tomado em consideração pela Camara Municipal, mas por então não teve effeito tão louvavel desejo. Nesta asserção ha alguma inexactidão; por que o benemerito autor da memoria talvez não tivesse noticia de que o mesmo Governador Civil foi quem em 21 de Maio de 1836 convidou por um officio a camara municipal para que fizesse trasladar as cinzas de André de Resende para a Igreja Parochial, que a camara julgasse conveniente, até que estando definitivamente organizado o Cemiterio Publico podessem as mesmas ali ser collocadas d'uma maneira digna, assim de merecimento daquelle illustre cidadão, como do Municipio de que elle foi um dos melhores ornamentos. A camara respondeu em 25 de maio, annuindo ao convite, que visto que o Governador Civil estava por momentos a partir para as Cortes, esperaria o seu regresso, por isso que em acção tão gloriosa desejava ir em tudo d'accordo com elle. Temos á vista as copias authenticas destes officios, que offerecem a mais cabal prova de que áquelle benemerito funcionario é devida a iniciativa em objectos de tanta importancia, e que tanta honra lhe fazem; assim como lhe é devida a iniciativa da fundação da Casa Pia d'Evora, do que tambem temos diante dos olhos os mais authenticos documentos, sendo destes: 1.º — o longo officio que o mesmo Governador Civil, o Conselheiro Antonio José d'Avila, dirigiu em data de 6 de setembro de 1836 ao Ministro dos Negocios do Reino, propondo o plano da fundação daquelle importantissimo. e philantropico estabelecimento, e o manancial dos recursos para o seu costeamento: — o 2.º o Projecto do Regulamento do mesmo: — o 3.º a copia authentica das instrucções regulamentares, mandadas por elle observar em data de 7 do mesmo setembro, em quanto se não organisava o Regulamento economico, por que a Casa Pia daquella cidade deveria reger-se.

São sem duvida estes os principaes fundamentos, além do modo porque aquelle illustre funcionario ali

exerceu tão alto emprego, que lhe carearam as acções dos habitantes daquelle Districto, e a que de a gloria e a honra de ser nelle eleito em 1836 1838 como seu Representante na Camara dos Deputados, apesar da opposição que lhe fizeram seus versarios politicos. Podemos accrescentar, que vez ao momento em que se estivesse coordenando quella memoria estava o Snr. Avila fazendo um n serviço á Cidade d'Evora, esforçando-se por obter Cerca do Convento dos Remedios para o estabelecimento do cemiterio, do que fomos presencial testemunha. —

Taes são os lapsos que julgamos dever reparar por que o escriptor publico e de boa fé nunca p negar-se a render a devida homenagem á verdade entendendo que o erudito autor da memoria não xaria de lha render se estas circumstancias estivessem ao alcance do seu conhecimento. (\*)

---

(\*) Menos reparo deve ainda fazer alguma omissão á epoca á que se allude, por que o nosso autor da memoria, não só não era natural d'Evora, residia nesse tempo em Coimbra, onde acabava o curso seus estudos, aos quaes exclusiva e proveitosamente se dedicava.

---

## CHRONICA HISTORICO POLITICA.

( *Em 18 de Fevereiro do 1840.* )

PORTUGAL. — Desde 18 do mez passado mui poucos tem sido os acontecimentos dignos d'a especial commemoração d'um periodico litterario em que a historia politica é a parte accessoria ao objecto principal , não deixa com tudo d'haver objecto sufficiente para largas observações ; nós porem , limitando-nos ao que temos por mais importante , contrahir-nos-hemos áquellas que nos sugerem os trabalhos das Camaras legislativas. Em um paiz constitucional representativo a historia parlamentar constitue a historia politica desse paiz ; é ahi como a um ponto central que a força centripeta politica attrahe os minimos acontecimentos occorridos durante a reunião dos Representantes da Nação ; e é esse então o lugar mais apropriado e vantajoso em que uma opposição vigorosa , intelligente, e consciencioza pode , dentro dos limites constitucionaes , analysar os factos , indagar-lhe as cauzas , examinar pelos actos do Governo qual a direcção da sua politica , e força-lo a proceder com a maior circumspecção ; e nestes termos não pode deixar de reconhecer-se que uma opposição pode fazer serviços relevantissimos ao seu paiz , já contendo o Governo nos limites prescriptos pela constituição , já forçando-o a apresentar medidas d'interesse material , e vivificadoras da prosperidade nacional , já syndicando escrupulozamente as despesas , para que das algibeiras dos contribuintes não saia um real mais do que é mister para que a ordem social se mantenha ; já emfim obrigando todos os funcionarios publicos a caminhar na linha de seus deveres : e cumpre tambem confessar que estes mesmos resultados se obtem por meio d'uma opposição tenaz , acintoza , hypocrita , e

até mesmo claramente facciosa, quando porem se ache em tal minoria que seus acintes possam victoriosamente rebatidos, suas exigencias limitadas ao que for justo, e sua tactica ardilosa luminosamente desmascarada. Mas cumpre tambem confessar que uma opposição tal é a maior *praga* que pode hir em uma nação, porque ella retarda ao paiz medidas reclamadas pelas necessidades publicas; e quando ellas chegam a passar, vão ás vezes tão coada mesmo tão eivadas, que ou não preenchem o seu objecto, ou chegam tão tarde que com ellas já se remediavam males de graves consequencias. Se as opposições tivessem só por mira inspirar sua propria politica ao governo, ou ligar-lhe os braços para nunca exorbitar da orbita de suas attribuições, e cutundo lealmente os pontos controversos para que povos tivessem por este modo uma prova cabal quanto seus interesses são zelados, abençoadas de am ellas ser, mas communmente o seu alvo é o poder e estes interesses são o pretexto com que cobrem intenções ambiciosas; a questão das opposições é o si sempre o *pessoal*; *governar a seu modo*, e só os seus, e para isto sacrificam-se as convicções mas, e os dictames da experiencia; o *pessoal* é t o paiz é pouco, ou nada; e para isto abusa-se credulidade inexperta, inspiram-se pretensões de cada, agitam-se as paixões, sofismam-se os principios consignados na Constituição para engrossar as *tuosas massas*, que hão-de sustentar as mais desuradas ambições revestidas com o manto hypocris mais acrisolado patriotismo! Não sereinos por calumniadores se dissermos, que esta tem sido a da opposição portugueza desde a restauração do gime constitucional, quer na emigração, quer de de installada a arena parlamentar; no pessoal siste todo o mysterio de sua politica, porque os accusados aos outros com as expressões mais mentes, algumas vezes com razão, as de mais dell justa e impertinentemente, foram seguidos, e ventura em mais larga escala, quando o poder veio ás mãos, já por effeito dos debates parlamentares, já por effeito d'uma revolução no paiz,

do as estratégias parlamentares não poderam produzir os resultados que uma triste experiencia havia condemnado. Embora a opposição s'esforce por fazer crer que ella não *cooperou* para a revolução, em quanto esta produziu o maior de quantos attentados politicos se podem produzir, — a *laceração da lei fundamental*; embora para cobrir este attentado, ella se apressasse em aproveitar o estado de estupor de que a nação se tomou, para o fazer passar como resultado de vontade geral, e quando o era da vontade de mui poucos, e para declarar como approvação e sanção o silencio em que a deixára tão inesperado acontecimento, evitando *arteiramente* o momento da reflexão, porque entre este e o da impressão recebida se fez interpor a voz do chefe do Estado!... Embora alguns de seus membros tivessem o accordo, e damos que o merito, de chamar das ruas a revolução para dentro das Secretarias de Estado, porque em todo o cazo sempre ficava a revolução: o que é certo é que da opposição nasceu a revolução, se formou o *ministerio revolucionario*, e se engrossaram as fileiras, que nas constituintes combateram por principios exaggerados, e que para serem limitados foi mister que a voz publica começasse a soar-lhe aos ouvidos, ou que os reacções, ainda que comprimidas, os trouxessem a termos mais razoaveis. Em todo o cazo a opposição ou deu origem á revolução; ou nasceu della, ou s'engrossou com ella; — em todo o cazo os principios da revolução estão incarnados nella, e ainda que a constituição de 1838 fosse o seu resultado, hoje legitimado pela aceitação franca e pura que della fez a nação, esta constituição não está em perfeita harmonia com os principios politicos da revolução. Se em Setembro de 1826 foi de novo proclamada a constituição de 1822 com as alterações que as cortes lhe fizessem, as alterações que então se lhe intentava fazer eram para a tornar mais democratica; foi esta tendencia a cauza que suscitou a malograda tentativa de Belem, mas ella teve assim mesmo um resultado vantajoso que foi definir essas alterações, fazendo-lhe tomar a direcção monarchica, e tal foi a estipulação do celebre *convenio* do campo de Ourique. Longa tem sido esta

digressão , porem entendemos que necessaria p  
mais facilmente se poder explicar o procedimento  
oposição nas Cortes ; cuja direcção com a exposi  
que fizemos em nosso anterior numero sobre orga  
sação das actuaes cortes , offerece os precisos da  
para avaliar aquelle procedimento , e fixar o juizo p  
blico sobre as esperanças que a nação pode ter dell

As cortes abriram-se , como manda a Constit  
ção , no dia 2 de Janeiro , e apenas no dia 14 pou  
o senado constituir-se em estado de poderem ser le  
timas as deliberações do Corpo legislativo !! A  
perencia vai justificando a razão com que tanto  
censurou a organização do Senado , determinada  
Constituição ; já o anno passado esta camara só po  
constituir-se nos ultimos dias do mez de Janeiro.

E no dia 13 de Janeiro do corrente , isto é ,  
dias depois da reunião , os unicos trabalhos da cam  
dos Deputados se redusiram á eleição das comi  
sões ! ... o projecto de resposta ao discurso do Thr  
foi apresentado no dia 25 , e a sua discussão co  
çou no dia 4 de Fevereiro. Começaram os tra  
lhos parlamentares na camara dos Deputados pela  
cussão do projecto de lei sobre a propriedade litt  
ria , fructo de profundo estudo do Sr. Garrett ; n  
se descobriu de todo a tactica da opposição , já  
indicada pela exigencia d'immensidade de escl  
mentos tidos por ella como necessarios para a dis  
são da resposta , e tendentes a *illustrar* a questão ir  
za sobre as negociações do Tratado para a repre  
do commercio da escravatura : a opposição , e  
reando até as virgulas , fez ver , que o seu sys  
era *empecer* o andamento dos negocios , e impedi  
nesta sessão se chegasse á discussão das propost  
Governo , offerecidas no dia 17 ; — eram estas ,  
projecto sobre o *censo* , ou baze fixa para verifi  
condição da capacidade eleitoral , ou do rendim  
de 80\$000 rs. exigidos no artigo 7.º da constituição  
e o complexo de providencias que contem as a  
ções precisas no Código administrativo , judici  
nas leis da fazenda , sem as quaes não é possive  
ganisar o paiz. —

O Governo , depois d'apresentar aquellas p



tas, veio dar a mais cabal demonstração da boa fé com que procedia, trazendo á camara uma *synopse* das respostas dadas pelos Administradores Geraes ás determinações do Governo, exigindo delles as observações que a experiencia lhes tivesse indicado sobre a execução daquellas leis; estas authoridades não podiam dizer-se suspeitas, todos os individuos que as exerciam tinham sido escolhidos pelos Ministerios anteriores, como affectos á Revolução, e decididos campeões das leis da Dictadura revolucionaria; e todas ellas, ou quazi todas indicaram os defeitos, que era mister emendar, e foram conformes. Já os Relatórios das Juntas de Districto, publicados no Diario do Governo os haviam mencionado na maior parte; mas estes defeitos eram já, e continuam a ser reconhecidos de qualquer, e só o poderão deixar de ser por quem for cego, e surdo, ou o queira ser. Estas propostas desconcertaram a opposição, que viô agonizante o poder de sua influencia; e imaginou reparar-se recorrendo á *estrategica* apresentação d'algumas representações de corpos electivos, taes como de Juntas de Parochia, pedindo a rejeição *in limine* de taes propostas! sem ver que esta supplica, feita por este modo, nada menos era que contraproducente argumento, pois que envolvendo aquellas propostas as mais intrincadas questões de direito publico constitucional, mui pouco habilitada estava para avaliar o merecimento das mesmas propostas, a maioria dos signatarios de taes representações; em pouco tempo affluiram, e continuam ainda a affluir ao Parlamento numerosas representações em sentido contrario áquellas, sem que possa contra ellas proceder o mesmo argumento; porque os signatarios destá haviam experimentalmente reconhecido os defeitos do recenseamento, e as fraudes a que elle tem dado lugar; tinham pois visto que era *precizo alguma medida* que possesse um termo a taes fraudes e qualquer que se indicasse, com tanto que fosse efficaz, a tinham por boa, foi-lhes como tal indicado o *censo*, e pediram a approvação do *censo*; sem bem avaliar a questão politica que este termo envolve, mas como meio de *reparar um mal*, porque o mal era conhecido, e o que que-

riam era um remedio. Nesta guerra surda em que a opposição dos requerimentos pedindo informações, esclarecimentos, estava fazendo um fogo seguido em que as *dilações* oppostas á discussão do projecto sobre a propriedade litteraria revelavam bem a tática da esquerda, ainda poderam escapar dois pequenos projectos, que já hoje estão proximos a ser convertidos em leis, faltando-lhes só a sancção Real, e são de grande utilidade publica; um permittindo exportação dos vinhos de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> qualidade do Douro em quaesquer embarcações e para quaesquer portos da Europa, pagando só meio por cento de direito *valorem*; e outro permittindo em nossas possessões e marinas a livre importação de maquinas, ferramentas e aparelhos em beneficio da agricultura, e industria. Começou pois no dia 4 a discussão sobre a resposta do discurso do Throno a qual foi apresentada em dois projectos, um da maioria, e outro da minoria da commissão especial: o pensamento do primeiro consistia em respondendo a cada um dos artigos do discurso, indicar que a politica da camara quanto á questião estrangeira se limitava a dezejar a conclusão d'um tratado com a Inglaterra para a repressão do trafico de escravatura, por modo tal que ficasse illesa, e não desafrentada a dignidade nacional; e quanto á politica interna em concordar na necessidade d'alterações nas leis administrativas, judiciaes, e fiscaes: o pensamento da minoria, revelado nos differentes artigos do projecto quanto á politica estrangeira, — consistia em exaltar o procedimento da transacção administrativa para forçar a actual a seguir o mesmo; bem certo que recrescendo assim os embaraços desta, e este o modo de a *deزالojar do posto*, a que *inesperadamente* a opposição viu elevados os homens, que põem a mesma actual Administração; — e quanto á politica interna convindo na necessidade de reconstituir a lei eleitoral, e de evitar as violencias, fraude, decepções que a tem enxovalhado, e escandalizado o paiz, não convinha com tudo nos meios propostos ao Governo. —

A opposição pois revelou inteiramente que seus *primeiros principios*, os principios de sua

gem não haviam soffrido alteração ou modificação ; já pela que podia nelles fazer a actual constituição ; já a que lhes resultasse da experiencia ; mas aquella parece não satisfazer os principios da opposição , e a experiencia tem para ella sido completamente perdida, porque a sua *experiencia é possuir o poder*.

Debaixo destes auspícios começou a discussão ; atormentou-se o verbo *cooperar* por quantos modos era possível ; discutindo-se no *sentido grammatical , logico ; figurado , poetico , politico , e strategico* , e só faltou discutir-o no *sentido economico* , porque a discussão durou sobre este verbo ( que a elle se reduzia a força do primeiro artigo ) uns cinco dias !! approvando-se por fim o artigo da maioria com uma maioria de *vinete votos*. Assim mesmo foi util a discussão porque a esquerda revelou bem a sua politica democratica , a direita justificou a sua sinceridade , e franqueza quanto aos principios monarchico - constitucionaes , e o centro reconhecendo as intenções da direita identificou-se com ellas, ao menos na parte essencial da politica interna , e externa.

Hoje 18 de Fevereiro ainda continua a discussão sobre a questão estrangeira !! — a sessão está em meio , e ainda se não passou do principio da resposta ao discurso do Throno ! — Está provada a necessidade d'appellar para o Povo , consultando-o sobre a escolha de novos Representantes , porque desta Camara , ainda que composta de notabilidades respectivas , não é possível esperar della remedio efficaç para a organização dos meios ; e quanto antes , para que as novas Camaras tenham tempo de se reunir a horas de votarem , ainda que provisoriamente , a continuação da percepção dos impostos , que acabam no fim do proximo Julho. Está igualmente provada a necessidade da coordenação d'um Regimento interno da Camara dos Deputados para regular definitivamente o andamento das discussões , e evitar o *processo dilatorio* com que se retardam as votações ; e não estará tambem provada a necessidade de por em quanto discutir em sessão secreta a resposta ao discurso do Throno ! A experiencia vaè mostrando que esta discussão clara só tem por fim dar *satisfações aos partidos*. Este inconveniente

é contudo remediavel quando na Câmara houver um ou outro lado uma maioria decidida, segura não fluctuante.

As declamações vagas, e as recriminações amoniosas com que os corifeus do lado esquerdo detam os Ingleses, parece terem por fim conduzir á guerra com esta nação! e se não, para que taes declamações, e taes recriminações? As amizas das nações nascem da reciprocidade de seus interesses; é este o motivo porque a nossa alliança com Inglaterra dura desde mais de quatro seculos; q outra poderia dar extracção aos productos da nãquazi unica e importantissima fabrica, cujos productos são os vinhos! E' ella quem nos compra o os fructos, a cortiça, as lãs, e actualmentē at trigo, e o azeite, porque graças ás beneficās leis primeira dictadura que emanciparam a agricultur até já se exportam estes dois ultimos productos ta productiva fabrica, para a qual é preciso que l tugal se volte, uma vez desenganado de que a intria fabril só pode ser entre nós objecto secunda porque o vinho, o trigo, o azeite, &c. se conv facilmente no cadinho do commercio; em tecidos lan, e d'algodão, em utensilios de ferro, e e em tudo enfim quanto se fabrica no estrange porque é preciso que por uma vez nos persuadam que a moeda é uma mercadoria como qualquer ou que quem não compra não vende, que productos gam se com productos. Ora sendo a Inglaterra nica Potencia que pode comprar-nos os generos que nós podemos abundar, e que nella se não pr sem, é ella tambem a unica que pode ter como ou nós com ella uma alliança duradoura, e con ente; e na verdade a Inglaterra pode ir procura ses generos a outras nações que tambem os produ de sobrá; e em tal cazo a que ficaria reduzida dustria do nosso proprio paiz? não nos convir na Inglaterra um mercado de mais de vinte e q milhões d'habitantes, que proporcionalmente á e são daquelle que Portugal lhe offerece faz por inclinar a balança a favor deste paiz? A cono pois d'um Tratado com a Inglaterra que asseg

manutenção da paz, no qual se ressalve a honra nacional é o objecto do mais vital interesse; e felizmente os Ministros da Coróa annunciaram que tal Tratado se concluiria em breve; é isto o que mais pungentemente fere a esquerda; á qual não foi possível concluir-o, durante os longos tres annos em que o poder lhe tem estado nas mãos.

Entre os objectos interessantes que sahiram da camara dos Deputados foi por certo a reforma da lei dos foraes; — cumpre confessar que ella ainda abunda em graves durezas, e seria bem para desejar que o senado attendendo que ella assim mesmo é um grande bem para o paiz, se esforçasse por levall-a á conclusão, emendando imparcialmente alguns defeitos que hajam escapado. —

O Senado acha-se organizado quasi pelo mesmo estilo que a camara dos Deputados, nelle predomina o mesmo espirito; do que é facil ainda tornar a concluir que a dissolução do corpo legislativo é hoje uma das primeiras necessidades do paiz. —

HESPAÑHA. O triumpho que acaba d'alcançar neste vasto Reino, a ordem, e a causa monarchico-representativa é o mais esplendido: a nação respondeu com a mais decidida franqueza ao appello que o Throno Constitucional de Isabel II. lhe havia feito: as eleições deram em resultado uma consideravel maioria, sem embargo de que os progressistas pozessem em acção todos os seus costumados recursos; — a fraude, a violencia, e as vias de facto estiveram em activo jogo, e só com estes meios poderam vencer em alguns circulos eleitoraes, e a despeito dellas perderam as eleições em muitos outros; as illegalidades com que aquellas foram feitas são flagrantissimas: a reunião do corpo legislativo, deve ter lugar em dous dias, e ella vê começar sob o mais favoravel horóscopo. Cabrera parece ter-se restabelecido da gravissima enfermidade que o teve em perigos de vida. A primavéra vem-se aproximando, e o Duque da Victoria vae dispondo as suas forças para nas seguintes estações acabar com a facção, e restituir a paz á Hespanha. Tudo annuncia que o reinado da anarquia

pe  
co  
na  
cez  
tugi  
hav  
post  
ção c  
ciaes  
e á  
da d  
Is  
de jane  
— a de  
reducc  
que foi  
lebre q  
nal do E  
ra dos  
os Sheri  
o tribuna  
dem de p  
et arms)  
tra os St  
Os t  
de Monmo  
denação  
na camara  
ções para  
reibo havir  
de deporta  
avas tenta

e das facções está na sua agonia em toda a Península iberica. —

FRANÇA. A guerra continua ainda na provincia Africana denominada *Argelia*, mas com grande vantagem da parte da França.

Os processos a respeito da conspiração Bucartista já se tinham concluido; o chefe *Blanqui* condemnado á morte, mas o Rei perdoou-lhe a vida ultima.

O casamento do Duque de Nemours com a Princesa Victoria, irmão d'El-Rei D. Fernando de Portugal, estava a verificar-se. As camaras francas haviam reduzido bastante a dotação do Duque, posta pelo Governo.

Os objectos principaes que occupavam a attenção das camaras eram relativos aos tribunaes communaes, ás fabricas de assucar indigena ou de betel e á conversão dos cinco por cento.

Mr. Guizot havia sido nomeado para a embaixada de Londres.

INGLATERRA. Abertura do Parlamento no dia de janeiro: os principaes objectos que occupavam — a dotação do Principe Alberto, que soffreu redução de 20 mil libras na proposta do Governo de 50 mil: a sua naturalisação; — a lebre questão do impressor *Hausard*, entre o throno do Banco da Rainha (*Queen's Bench*) e a camara dos communs, a qual havendo mandado prender os *Sheriffs*, e entregar o dinheiro áquelle impreso o tribunal, usando de suas prerogativas, expediu ordem de prisão contra os officiaes da camara (*Sergeants at arms*) afim de darem conta do procedimento contra os *Sheriffs*.

Os processos contra os revolucionarios *Carde de Monmouth* e *Newport* haviam acabado com a condemnção dos caudilhos *Frost*, *Williams*, e *Jones*. Na camara dos communs haviam-se apresentado petições para obter o seu perdão livre: parece que o conselho havia resolvido commutar a pena de morte de deportação. Todavia appareciam symptomas de novas tentativas cartistas.

.. A Rainha Victoria devia celebrar o seu casamento com o Principe Alberto no dia 10 de Fevereiro.

Parece que se destinava uma expedição para os mares da China, para bloquear alguns portos deste vasto imperio, em razão dos insultos e prejuizos que os subditos Inglezes haviam soffrido em Cantão por causa da negociação do Opio, e pela expulsão dos mesmos da cidade de Macáu, a que o Governo Chino havia forçado o Governador Portuguez de Macáu; em tão melindrosa e desgraçada occorrenciã o dito Governador (o Tenente Coronel Adrião Acaçio da Silveira Pinto) havia-se comportado com tão acertada dignidade, que os Inglezes lhe tributam os mais honrosos agradecimentos, e louvores, e o Lia (Governador de Cantão, e Commissionado do Imperador) foi em pessoa a Macáu congratulal-o pela maneira com que se havia conduzido. —

.. Espera-se alguma modificação no Ministerio, e que Lord Palmerston, elevado á cathedra de Par, deixará a pasta dos negocios estrangeiros.

RUSSIA. Parece ter-se descoberto uma vasta conspiração, na qual se dizia tinha a parte mais importante o Duque de Bestucheff, pretextado pelo descontentamento causado pelo casamento da Gran-Duqueza Maria com o Duque Leuchtemberg.

GRECIA. Tambem se descobriu uma conspiração, que deveria realisar-se no dia 13 de janeiro com intenção de forçar o Rei Othon a abraçar a religião grega, ou a abdicar.

SUECIA. A Dieta para 1840 foi aberta com o cerimonial do costume em Stokolmo no dia 14 de janeiro.

QUESTÃO DO ORIENTE. Parece que esta se acha quasi no seu termo. A Inglaterra nesta parte parece ter abandonado a politica da França, para se unir com a Austria e Russia, cuja negociação fora ultimada pelo internuncio d'Austria o Barão de Sturmer, fazendo inclinar a Inglaterra á acceitação das propostas da

Russia, apresentadas por Mr. Brunow, as quaes por fim um convenio entre as tres Potencias, a fim de forçar o Bachá do Egypto a ceder da maior parte suas pertenções; por este convenio a Inglaterra daria operar no Mediterraneo com suas esquadras a Russia enviaria um exercito á Asia Menor para fechar o caminho de Constantinopla no caso de Ibrahim ameaçar esta capital, e a Austria conteria em seranção a Turquia Europea; mas a França, mandando-se em sua politica anteriormente indicada, finesta questão em posição um tanto delicada; por outra parte Mehemet-Ali não desiste de nenhuma das suas pertenções, e as pretende sustentar a pua espada; e em tal caso a França virá a unir-se politica das outras Potencias. —

**TURQUIA EUROPEA.** O Divan, vae continuando o curso de suas reformas administrativas, estabelecendo um novo systema d'impostos. O systema antigo *iltizamj*, isto é, a delegação que o Governo do poder áquelle offerente; que cada anno se punha dar mais pelos governos das provincias; tema terrivel que dava lugar ás vexações com os Governadores opprimiam os povos, acaba ultimamente de ser abolido; e do corrente mez do vereiro em diante haverá em cada provincia um celho composto de musulmanos para as povoações musulmanas; — de christãos para as povoações christãs, — e mixto para aquellas em que haja mu e d'outros; seus membros são eleitos pelos habitantes das provincias, e os impostos serão fixados pelo celho segundo a riqueza do paiz, e posses individuaes. Assim o poder da civilisação vae entrando a p largos pelo imperio do Alcorão. —



**ABBADESSA DE CASTRO.**

( V.ª Revista Litteraria N.º 16 ).

Acabada esta longa narração, disse o Velho: — Eu bem vejo pelas vossas lagrimas que as vossas acções não forão premeditadas; mas isso não tira que a morte de Fabio vos seja muito funesta. E' absolutamente preciso que Helena declare a sua mãe que vós sois seu espozado desde muito tempo. —

Julio não respondeu; e o velho attribuiu este silencio a louvavel prudencia. Julio absorvido em profunda meditação, estava pensando se Helena irritada pela morte do irmão faria justiça á sua delicadeza; e arrependeu-se do que em outro tempo tinha feito, ou deixado de fazer. O velho depois, instado por elle, contou-lhe tudo quanto teve lugar em Albano no dia do combate. Fabio foi morto ás seis horas e meia da manhã a seis legoas de distancia de Albano, e, cousa incrível, as nove horas já ali se começava a fallar desta morte. Ao meio dia foi visto o velho Campireali com as lagrimas nos olhos, e sustentado por seus criados, dirigir-se ao convento dos Capuchinhos. Pouco tempo depois tres destes bons padres montados nos melhores cavallos de Campireali, e seguidos de muitos criados, tomáráo para a estrada da aldeia dos *Ciampi*, proximo á qual havia sido o combate. O velho Campireali queria por força acompanhá-los; mas dissuadirão-no disso, pelo motivo de que Fabricio Colonna estava furioso sem se saber por que, e então poderia tratá-lo muito mal se o fizesse prisioneiro.

( 311 )  
Perto da meia-noite parecia que se tinha pegado  
no matto da Faggiola, verão todos os frades, e os po-  
d' Albano que, com archotes acesos não esperar o  
de Fabio. — Eu não vos occultarei, continuou o vell-  
baixando o tom da voz com medo de ser ouvido, que  
tráda para Valerentone e para os Ciampi....

— E para que vem cá isso? perguntou Julio.

— Para que... Esta estrada passa por diante de  
sa caza, e diz-se que quando o cadaver de Fabio ch-  
a este ponto rebentou o sangue d'uma horrenda ferida  
tinha no peçoço.

— Oh! que horror! clamou Julio erguendo-se.  
— Socegae, meu amigo, disse o Velho, vós be-  
des que é necessario que tenhaes noticia de tudo. Já  
já posso dizer-vos que vossa presença aqui, no dia d'  
pareceu um tanto prematura. E se me pedissemos con-  
capitão, ea diria tambem que não é conveniente que  
rante um mez appareças em Albano; nem mesmo julg-  
dente que vos mostreis em Roma. Ainda se ignora  
o Padre Santo fará aos Colónnas; ha quem pense que  
dá credito á declaração de Fabricio que affirma ni-  
sabido do combate dos Ciampi senão pelas noticias  
cas; mas o governador de Roma, que é todo do  
dos Orsinis, está possuido de raiva, e grande gosto  
ria se podesse fazer enforcar alguns dos bravos solda-  
Fabricio, de que este não podia queixar-se com razão  
que jura não ter assistido ao combate. E não me  
tarei só a isto, porque vos vou dar um conselho n-  
sem mo pedirdes. Se vós não fosseis tão querido  
bano, olhae que não estarieis aqui seguro. Lemb-  
que já ha bastantes horas andaes na cidade, que  
dos partidistas dos Orsinis se pode reputar insulta-  
ao menos pensar na facilidade de ganhar uma bella  
pensa. O velho Campireali mil vezes repetio que  
melhor das suas terras a quem vos matasse. Teri-  
tanto feito bem em trazer convosco para Albano alg-  
soldados que tendes em vossa caza.

Nesse caso, capitão, não tendes juízo. Esta es-  
talagem tem um jardim, vamos sair por lá, para fugirmos  
por entre as vinhas. Eu irei com vós; e posto que seja  
velho, e não traga armas, se encontrarmos alguns mal-  
intencionados, travarei conversa com elles; e assim vos  
farei ganhar tempo para escapardes, sem perseguição.

Julio ficou com a alma traspassada de dor. Mal que  
soube que o palacio dos Campirealis estava fechado, e que  
todos os seus habitantes tinham partido para Roma, for-  
mou logo o louco projecto de ir tornar a ver aquelle jar-  
dim em que tantas vezes tinha estado com Helena; e es-  
perava até tornar a entrar no quarto, a que já fôra quan-  
do a mãe era ausente. Por este modo pretendia elle for-  
talecer-se contra a sua colera tornando a ver os sitios em  
que ella lhe tinha apparecido meiga e terna.

Branciforte e o velho não encontráram ninguem nas  
estreitas azinhagas que sobem por entre as vinhas, em di-  
recção ao lago.

Julio fez contar de novo e pelo miúdo a historia das  
exequias do moço Fabio. O cadaver deste bravo, accompa-  
nhado por muitos padres, foi levado a Roma, e sepultado  
na capella da sua familia no convento de Santo Onofre  
no cume do monte Janiculo. Havia-se notado, com circun-  
stancia muito singular, que na vespera desta lugubre cere-  
monia, Helena fôra de novo conduzida por seu pae para  
o convento da Visitação de Castro: o que havia confirma-  
do o boato geralmente espalhado, de que ella estava clau-  
destinamente cazada com o aventureiro que desgraçadamen-  
te tinha morto seu irmão.

Quando Julio chegou ao pé de caça encontrou o ca-  
bo da sua companhia e quatro soldados, os quaes lhe dis-  
serão que nunca o seu antigo capitão sahia da matta sem  
levar ao pé de si alguns da sua gente. O principe havia  
dito por muitas vezes que quando qualquer quizesse ser  
morto por imprudencia, devia pedir primeiro a sua baixa,



sincera. Os Orsinis, porém, são poderosos, e todos dizem que vós vós distinguistes nesta escaramuça. Os Orsinis até dizem, que forão muitos prisioneiros enforcados nos ramos das arvores, e apesar da falsidade desta asserção, como sabeis, ha costume de represalias a reccar.

A profunda admiração que se manifestava no olhar ingenuo do novo capitão divertia o príncipe; todavia á vista de tanta innocencia, julgou ser útil falar-lhe mais claramente. E então continuou:

— Estou vendo em vós aquella perfeita coragem e bravura, que fizeirão conhecido em toda Italia o nome de Branciforte. Eu espero que vós guardareis á minha casa aquella fidelidade, pela qual vosso pae mereceu a nossa estimação, e que eu quiz recompensar na vossa pessoa. O meu ou a senha da minha companhia é: *Não dizer nunca a verdade sobre qualquer coisa que me diga respeito a mim ou aos meus soldados.* Se na occasião em que sois obrigado a falar não conheceis a utilidade de uma mentira, assim mesmo menti em todo o caso, e livrae-vos de dizer a verdade, como se fosse peccado mortal. Vós entendeis que junta a outros esclarecimentos ella pode concorrer para a descoberta dos meus planos. Tambem sei que tendes uns amores no convento da Visitação, em Castro; vós podeis perder uns quinze dias nessa insignificante cidade, em que os Orsinis não deixão de ter amigos; e até agentes. Ide ter com o meu mordomo, que vos dará 200 sequins. A amizade que eu consagrava a vosso pae da-me vontade (continuou o príncipe rindo-se) de vos instruir um pouco sobre o modo de concluirdes com fortuna essa aventura amorosa e militar. Vós, e tres dos vossos soldados ireis disfarçados em negociantes; tereis occasião de vos arrenegardes com algum dos companheiros, que deve fazer por estar sempre bebado, e que alcançará muitos amigos pagando o vinho a todos os vadios de Castro....

Em ultimo caso, accrescentou o príncipe mudando de tom, se fordes apanhado pelos Orsinis, e vos quizerem matar,

nunca digaes o vosso verdadeiro nome, é muito menos tendes comigo alguma relação. Excusado é recomendar-vos que passeis sempre por fora das aldeas, e se precisdes alguma vez ir dentro, entrae sempre pelo lado posto ao lugar donde viudeis.

Estes paternaes conselhos enternecerão Julio; pôrão dados por um homem habitualmente severo. Ao principio começou por se rir das lagrimas que via correr olhos do mancebo; mas depois também a sua vez sentou. Tirou um dos numerosos auxilios que trazia nos bolsos, deu-o a Julio, o qual, recebendo-o, beijou-a que lho dava, celebre por tantas fuganças, e exclamou d'entusiasmo.

— Meu pae, nunca me adiria tão boas cousas!

Dahi a dous dias, e um pouco antes de amanhã entrava elle dentro dos muros da pequena cidade de C seguido de cinco soldados, que elle, como elle disfarç dous formárão um bando á parte, fingido não o com a elle, nem aos outros três. Ainda antes de entrar cidade avistou Julio o convento da Visitação, edificio cercado de altos e negros muros, e muito semelhante uma fortaleza. Foi á igreja onde primeiro se dirigio ella magestosa; e as religiosas, fidalgas todas, e familias opulentas, porfiávão entre si por qual mais a quecessem; porque em fim era esta parte do convento unica exposta aos olhos da multidão. Passava já a tarde que a senhora que o papa nomeasse abbadesa entre as que o Cardeal protector da ordem lhe apresentava em lista triplace, dêsse uma offerta valiosa que podesse nisar o seu nome. Aquella cuja offerta fosse infirma da sua predecessora cabia em desprezo; e juntamente familia.

Julio encaminhou-se tremulo para este edificio fco, brilhante com os seus marmores e douradura elle nem via, pois suppunha que já estava nos olhos de Helena. Dizião-lhe que só o altar-mor ha-

das riquezas do altar-mór, dirigia-se para uma grade dourada da altura de 140 pés, e dividida em três partes por duas pilastras de mármore. Esta grade, que por sua massa enorme infundia um certo terror, erguia-se por detrás do altar-mór, e separava o coro das religiosas da igreja patente a todos os fiéis.

Julio bem sabia que além desta grade dourada estavam durante o officio divino todas as freiras e seculares. A esta igreja interior podia ir a qualquer hora do dia uma religiosa ou uma secular que carecesse de orar; e nesta circumstancia de todos sabida é que estavam fundadas as esperanças do pobre amante.

E' verdade que um immenso veo preto guarnecia a grade do lado de dentro; mas Julio bem via que elle não devia interceptar a vista das seculares que olhassem para a igreja de fora, porque elle começara de não poder chegar mesmo junto ao veo; assim mesmo percebia perfeitamente através d'elle as janelas que davão luz para o coro, distinguindo muito bem as partes mais dedicadas da architectura. Cada varão de ferro desta grade magnificamente dourada tinha uma ponta aguçada virada para os assistentes.

Julio escolheu para se collocar, um lugar bem apparente, defronte da parte esquerda da grade, no sitio mais claro; e ali passava a sua vida ouvindo missas. Como ao pé de si não via senão camponezes, esperava que seria notado, mesmo a través do veo preto que guarnecia o interior da grade. Pela primeira vez em sua vida este mancebo, naturalmente simples, procurava fazer-se notavel; seu ar era estudado; e dava muitas esmolas a pobres ao entrar e sair da igreja. Seus companheiros e elle fazião muitas festas e comprimentos a quantos trabalhadores tiubão algumas relações com o convento. Entretanto só depois de passados tres dias é que elle teve a esperanza de fazer chegar uma carta ás mãos de Helena. Por ordem d'elle erão sempre seguidas as duas freiras leigas encarregadas de com-

para uma parte das provisões de lã para o convento : e ellas tinha relações com um negociante de pequeno trato. Um dos soldados de Julio, que fôra frade, alcançou a sede do negociante, e prometteu-lhe uma sequim, por carta que fosse entregue á secular Helena de Campfire.

— Santo Deus ! exclamou o negociante quando fez a primeira declaração sobre este negocio, uma para a mulher do saltador ! Este nome já estava conhecido em Castro, e ainda não serão passados lá de pois da chegada de Helena : tal é a rapidez com que se um povo apaixonado da exactidão e particularidade historial, se espelha tudo o que affecta a imaginação.

O negociante ainda acrescentou : — Esta não é a culpa, e com tudo se cobiça de fura alguma mais do que cartas !

Na primeira carta contava Julio com a mais minuciosa exactidão tudo o que se tinha passado desde o dia fatal signalado pela morte de Fabio ; e no fim perguntava : caso me aborreças ?

Helena respondeu com uma da linha, que se quer pessoa alguma se empregasse o resto da sua vida a fazer por se esquecer daquillo que quer seu irmão tin do morto !

Julio não demorou muito a resposta : e depois de algumas interjectivas contra o destino continuava : —

— E quereás tu esquecer toda a palavra de Deus nos foi transmittida pela sagrada escriptura ? Disse-lhe a mulher deixará a companhia de seus pais ; e de seus parentes para ir com seu esposo. O senhor diz não és minha mulher ? Lembra-te da noite de S. I. Quando a attora se transpareceu por detrás do Cavi tu ajelhaste a meus pés, e eu quize conceder-te me pedias ; tu serias então minha, se eu quizesse, e com o amor que me tinhas, por certo não poderias tirar. Em um momento me parou a quem tendo-te a



e de tudo o que ou tivesse de mais caro neste mundo .tu me podias responder, posto que nunca o fizesses, que não sendo nenhuns desses sacrificios verificados por um acto exterior, elles se podião reputar imaginarios. Veio então uma idea para mim cruel, mas exacta, allumiar as trevas da minha imaginação. Pensei eu que era para algum fim que o acazo me offereria uma occasião de sacrificar ao teu interesse a maior felicidade que eu podia imaginar. Tu ja estavas em meus braços e indefensa, olha se te lembras! tua bocca mesma não eusava recusar. Então, nesse momento soárão as *Ave Marias* da manha no convento do Monte-Cavi, e por um milagroso acaso chegou a nossos ouvidos o som das badaladas. Tu me disseste: *Faz este sacrificio a Nossa Senhora, á mãe de toda a pureza.* Ainda não era passado um instante depois que me tinha vindo a idea deste supremo sacrificio, o unico real que se me tinha offerecido para te fazer. Achei singular que te occorresse a mesma idea. O som longinquo daquellas *Ave Marias* realmente me abalou, eu annuí a teus rogos. O sacrificio porem não foi todo por ti: só: eu lembrei-me de por esta forma collocar a nossa união futura debaixo da protecção da Virgem. Nesse tempo suppunha eu que os obstaculos não virião de ti, perfida, mas da tua rica e nobre familia. Sé não fosse por intervenção sobrenatural como era possivel que o som das *Ave Marias* fosse ouvido a tanta distancia, por cima das arvores d'ametade da mata, então agitadas pelo vento fresco da manha? Tu então, não te lembras? ajoelhaste a meus pés, e eu levantei-me, tirei do meu seio a cruz que sempre trago comigo, e tu juraste sobre esta cruz, que agora tenho diante dos olhos, e pela tua salvação eterna, que em qualquer lugar que te podesse achar, e acontecesse o que acontecesse, tu, logo que eu o ordenasse, te entregarias á minha inteira disposição, como tu estavas no momento em que se ouvirão as *Ave Marias* do Monte-Cavi. Nós depois rezamos com a maior

devoção dous Padre-Nossos, e duas Ave-Márias.™ Ora  
pelo amor que tu então me tinhas, e se acazo o  
ceste, como receio, pela tua eterna salvação, ord  
que me recebás esta noite na tua cella, ou no jardim  
te convento da Visitação.„

( *Continua.* )

## Revista Scientifica.

*Aço fundido.* — Lancem-se em um cadinho vinte partes de ferro malleavel em pequenos pedaços, com seis parte de grêda em pó (carbonato calcareo), e seis partes de fragmentos de cadinhos de Hesse pulverisados; disponha-se isto de sorte que o ferro depois de fundido fique coberto, e livre por tanto do contacto do ar. Aqueça-se progressivamente até tomar a côr branca: e dentro d'uma hora duas libras de ferro ficarão convertidas em excellente aço fundido, susceptivel de se forjar, o que não acontece com os aços preparados pelos meios ordinarios. Nesta experiencia combina-se o ferro com o carvão contido na grêda e no pó dos cadinhos.

Entre as invenções que ultimamente tem enriquecido as artes, é sem duvida, uma das mais importantes a *siderographia*, ou o meio de gravar em aço, e de transportar a gravura da primeira chapa para uma segunda, terceira etc. O processo é o seguinte. Tome-se uma lamina d'aço; destempere-se, ou descarbonise-se; grave-se o desenho, e tempere-se de novo com todo o cuidado para que não se altere a delicadeza dos traços. Esta lamina assim gravada é levada a uma imprensa forte, em que ha um cylindro d'aço não temperado; faz-se com que a lamina passe muitas vezes por debaixo deste cylindro, cujo perimetro ou superficie se vae enchendo de relevos correspondentes aos traços abertos na gravura. Este cylindro, temperado depois, serve para transportar da mesma sorte o mesmo desenho para outras laminas d'aço, ou de cobre. E repetindo muitas vezes esta operação obtém-se chapas perfeitamente semelhantes com as quaes se pode tirar numero illimitado de gravuras, cujas ultimas provas serão tão perfeitas como as primeiras.

*Composição inalteravel e incombustivel para cobrir os edificios.* — Tome-se pedra calcarea muito dura e

peneire-se. Pulverise-se também e peneire-se barro bem cozido, e misture-se bem duas partes deste com uma do primeiro pó calcareo.

Alem disto tome-se uma parte de sulfato de cal (ges.o) calcinado e pulverisado, e juntem-se-lhe outras duas partes de barro calcinado e reduzido a pó; misturem-se intimamente os dois pós, e guardem-se em lugar secco onde lhes não chegue ar. Quando se quizer fazer uzo delles, forme-se uma massa espessa com pouco mais ou menos a quarta parte do seu pezo d'agua que se estende sobre as ripas, asnas, e travessas, com que ficam inteiramente incombustiveis.

Esta composição faz-se com o tempo tão dura como pedra, não deixa penetrar humidade, não greta com o calor, dura indifinidamente; alem disso toma todas as cores que lhe quizer dar.

*Meio de preservar as caixas dos effeitos da humidade.* — Este processo consiste em cobrir as paredes com folhas de chumbo laminado mui adelgado, e pregadas entre si e a parede por meio de pregos de cobre, os quaes merecem preferencia sobre os de ferro, porque não se oxidam. O papel pintado pode-se applicar immediatamente sobre o chumbo. As folhas de chumbo não são mais grossas do que as destinadas a forrar as caixas do chá; alguns fabricantes as tem feito que pesam 4 onças até 4 por pé quadrado, e que assim mesmo livram perfeitamente da humidade.

## Miscellanea.

„ Juizo do *Foreign Quarterly Review* sobre  
a nossa litteratura actual.

„ Não ha paiz algum na Europa em que a litteratura tenha desandado com tanta rapidez em pouco tempo, como em Portugal: a Polónia mesmo apesar de opprimida e espezinhada apresenta-nos com tudo algumas obras de grande valor litterario. A liberdade d'imprensa em Portugal, e com ella o *deseñfreamento politico*, produziрам, e produzem ainda um effeito muito contrario á geral expectação; desta sorte a litteratura, em vez de ser animada, tem soffrido incalculavel danno. E' verdade que existem em Portugal mais de vinte publicações periodicas, entretanto só as vemos recheadas de artigos politicos, e d'objectos particulares.

„ E' intelligavel que os antigos portuguezes foram mais estudiosos e eruditos do que os actuaes. Até ha vinte annos era muito difficuloso imprimir-se qualquer obra por mais util que ella fosse. O autor era obrigado a alcançar licença do santo officio aonde o manuscripto ia ser sujeito á mais severa critica. Attestava-se que a obra nada tinha de contrario ás leis de religião, e para se preencherem estas formulas, gastavam quazi sempre annos; a estes estorvos demasiados seguio-se logo o vagaroso progresso d'impressão.

„ E' sabido que Portugal não possui manuscripto algum anterior ao seculo 9.º; posto que o A. do Catalogo d'Alcobaça affirme que os M. SS. com o numero 17 são obras do sexto seculo; nisto porem errou elle.

„ Na livraria das Necessidades ha duas Biblias do 10.º

seculo. No archivo da Torre do Tombo ha manus-  
critos do seculo 12.<sup>o</sup> e de muito valor; Alcobaça pos-  
sua 72. MSS. do mesmo tempo, entre outros o Dic-  
cionario geographico de Monge Bartholomeu, e o Dic-  
cionario latino d'Affonso de Louriçal, e as cartas  
de Santo Agostinho escritas pelo padre Theotimo de  
Condença.

Na Torre do Tombo tambem ha um MS. do 14.<sup>o</sup>  
seculo, com desenhos de todas as cidades e praças fortes  
do reino, bem como outros documentos de grande in-  
teresse historico e geographico.

O Dante da livraria publica de Lisboa, e ma-  
to precioso. O Thesaurull MS. esta coberto d'ouro,  
de pedras preciosas, de miniaturas. O MS. da bi-  
bliotheca d'Aristoteles trasladado para o Hespanha por  
Carlos, principe de Navarra, e a bibliotheca fundada  
por Elrei D. Manuel aos frades de S. Catharina, to-  
da escaparam para a Bibliotheca publica, e sãõ mo-  
numentos pouco apreciados.

No numero correspondente a Janeiro de 1840,  
escreve o mesmo Periodico o seguinte: —

“ Em nenhum paiz da Europa tem tido a litte-  
ratura tantos desvios como em Portugal; os me-  
mos papeis quotidiannos estão cheios de invectivas pes-  
soaes, e de debates politicos. Nos toucadores das da-  
mas apenas se encontram algumas novellas francezas.  
Os escritores alemães attribuein este estado desgraçado  
á liberdade d'imprensa.,,

Copiamos fielmente o escritor inglez, sem lhe e-  
mendarmos alguns erros e inexactidões, só para que  
os nossos compatriotas conheçam como somos avalia-  
dos, e com quanta justiça ou injustiça.

As nossas publicações litterarias não são em tão  
pequeno numero, nem tão faltas de merecimento como  
ali gratuitamente se assevera. E' verdade que a im-  
prensa periodica tem merecido a gravissima censura que  
se lhe faz; porem nem toda a imprensa periodica se  
entretém com *invectivas pessoais e debates politicos*.  
Ha hoje em Portugal um bom numero de periodicos

litterarios e scientificos, dos quaes por certo não ha noticia fóra do paiz, por motivos tão bem sabidos.

A causa, talvez principal, do *vagoso progresso* da nossa litteratura não é nem a demasiada liberdade d'impressão, nem a tendencia dos animos para a politica, nem a falta de bons engenhos:—e sim 1.º o nenhum interesse, ou antes prejuizo com que já contam os litteratos que tentam publicar alguma obra; prejuizo que é devido á pouca população que é a do Reino Unido e a da França e a da Hespanha: 2.º a falta ou extrema difficuldade de communicações não só no interior do paiz, mas principalmente para as nossas, hoje limitadissimas possessões ultramarinas: 3.º a ignorancia quasi absoluta do nosso idioma nos paizes estrangeiros, da qual se segue a nenhuma exportação dos nossos livros. Se estas poucas linhas chegarem ao conhecimento do erudito escritor inglez, cremos que elle nos fará mais justiça.

FABULAS MORAES.

1.<sup>a</sup>

Hum homem devia a outro  
Conhecida obrigação  
Pezava-lhe o beneficio  
Muito mais que a ingratição.  
Quando menos o esperava  
Se vierão a encontrar;  
Voltou para o lado a cara  
Só para, lhe não fallar,  
Dirigindo mal os passos  
Foi cahir n' hum precipicio :  
O bemfeitor em socego,  
Nem deu de que via indicio.  
Pouco podemos dizer ,  
Que este exemplo nos não diga ;  
Porque nos mostra , que o ingrato  
A si mesmo se castiga,  
Hum passarinho ligeiro  
N' hum largo campo voava ;  
Ora pousa no ventre das flores ;  
Ora entre cardos pousava  
Sem conhecer a differença ;  
Ora aqui, ora ali, repouza  
Até que n' hum dsgracião  
Entre os cardos se picou.



~~O exemplo do parricida~~

Nos ensina no seu mal  
A distinguir nos amigos  
O fiel do desleal.

3.<sup>a</sup>

Hum homem precipitado  
Junto d' hum rio corria  
Quando vio sem o esperar  
Hum braço, que o soccorria.  
Por não mostrar-se obrigado,  
Fez o cavallo fugir;  
Perdendo de todo o timo,  
Foi entre as ondas cahir.

Vejão as almas ingratas  
Neste exemplo o seu castigo;  
Por que os braços faltarão  
Para lhe valer no p'riço.

Hum roussinol mávio  
Entre os ramos escondido  
Chamava em sonoro canto  
A que lhe tinha fugido.  
Vendo, que inda não chegava,  
Nem ao reclamo acudia;  
Desejoso de alcança-la  
Diligente a voz erguia.  
Entre tantos não traidora,  
Occulto filloz lhe armou  
Empenas abriçadas  
Praza de todo frouz.

O exemplo (do) reusado

Nos mostra bem claramente  
Que ás ciladas dos malvados  
Não escapa o innocente.

5.ª

Vivão ambos unidos

Dous Pastores innocentes ,

Sem temor e sem esperanças

Da sua sorte contentes.

A hum delles desgraçado

O rebanho lhe morreu ;

Mas ao outro prosperando

Hum grande lucro lhe deu.

Vendo no seu companheiro

Hum fortuna maior,

Esquecendo o que antes era ,

Trocou em odio o amor.

Mostra-nos esta pintura ,

Que he quasi sempre a ambição ,

Mãe fecunda da discordia

Da perfidia , e da traição.

( Compostas pela Ill.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Catharina  
de Souza Cezar e Lancastre , Viscondessa de Balsemão )

# INDICE

## N.º XXIII.

I.	HISTORIA PATRIA — <i>Sobre a expedição de Tanger no anno de 1487</i> .....	426
II.	PHILOSOPHIA — <i>Da Philosophia de Kant</i> .	447
III.	BIOGRAPHIA — <i>O Principe de Talleyrand</i> .	471
IV.	JUSTA REPARAÇÃO — <i>á cerca do artigo — André da Rezende</i> ...	495
V.	CHRONICA HISTORICO-POLITICA.....	498
VI.	<i>A Abbadessa de Castro</i> (continuada da <i>Revista Litteraria</i> N.º 16....	510
VII.	REVISTA SCIENTIFICA .....	520
VIII.	MISCELLANEA .....	522
IX.	<i>Fabulas Moraes</i> .....	525

---

(N.º XXIV.)

REVISTA

# LITTERARIA.

---

DIOGO TINOCO

OU A CÔRTE DE D. JOÃO 2.º EM 1484.

Drama historico em tres actos.

## INTERLOCUTORES

DOM JOÃO 2.º, *Rei de Portugal.*  
D. DIOGO D'ALEMCASTRO, *Duque de Vizeu.*  
D. GARCIA DE MENEZES, *Bispo d'Evora.*  
D. FERNANDO, *irmão do Bispo.*  
D. GOTTERRES COUTINHO, COMMENDADOR DE  
CEZIMMRA. *Conjurado.*  
D. PEDRO D'ATAÍDE. *Conjurado.*  
PERO D'ALBUQUERQUE. *Conjurado.*  
FERNÃO DA SILVEIRA. *Conjurado.*  
ANTÃO DE FARIA, *Camareiro d'ElRei.*  
DIOGO TINOCO, *criado do Bispo.*  
MARGARIDA, *irmã de Diogo.*  
MARIA, *tia de Diogo e de Murgarida.*  
PERO FERNANDES, *carcereiro.*  
DIOGO D'AZAMBUJA, *Navegador.*

---

FERNÃO MARTINS MASCARENHAS, CAPITÃO DA  
GUARDA D'ELREI, *(não falla)*  
LOPO MENDES DO RIO, *(não falla)*  
D. PEDRO D'EÇA, *(não falla)*  
DOUS PAGENS, *(não fallam)*

( Todos do serviço d'ElRei. )

# D. GARCIA DE MENEZES.

## ACTO 1.º

*Vista de sala em caza do Bispo d'Evora em Setubal ; ao lado direito uma meza , uma cadeira ao pé ; outras guarnecendo a sala ; porta no fundo , e duas de cada lado. (23 d'Agosto de 1484 , á tarde).*

### SCENA 1.ª

MARGARIDA (*sentada ao pé da meza , em attitude de meditação , e melancolia*) (a)

Ah ! como é desgraçada a minha sorte !...fatal amor ! quizera desterra-lo de minha alma .. ! . inuteis meus esforços . . ! quanto mais procuro extingui-lo... mais lavra no meu coração ; é como um incendio que me devora , que me abraza , e me consume sem reduzir a cinzas este meu peito... (*com afflicção*) que só por elle palpita ! . . Tormento insupportavel . ! que nem ao menos possa chorar as minhas penas . . ! devo occulta-las a todos ... para que ninguem as veja , nem as suspeite ao menos. Quizera fugir delle ... e de mim .... que tremo não descubra o que eu sinto ... e temo .. o seu amor , que ha muito li nos seus olhos. (*levanta-se , como tomando nova resolução*) Sim , uma barreira immensa me separará delle : ali achei forças para esquecê-lo. (*fica pensativa*).

### SCENA 2.ª

MARGARIDA , E D. FERNANDO (*pela segunda porta da esquerda* ).

(a) O primeiro nome inscripto designa o primeiro actor á direita da scena , e á esquerda do espectador ; assim por diante , de forma que o ultimo inscripto occupa a esquerda da scena , e fica á direita do espectador. Todas as indicações são tomadas em relação ao actor.

D. FERNANDO — (no fundo, vendo Margarida; á parte) Como é formosa! como deixar d'amal-la? nunca me atrevi a dizer-lho; sua modestia in'em-bargava; mas agora não posso occultar-lho por mais tempo ....

MARGARIDA (vendo-o; em quanto elle se a-dianta para fallar-lhe; á parte) — Queira Deus que não me ouvisse...!

D. FERNANDO (com ternura) — Margarida..!

MARGARIDA (assustada) — Senhor D. Fernan-do ... (como desculpando-se) tinha vindo a esta sala para estar só... não quero incommodar-vos (como in-do a retirar-se).

D. FERNANDO (impedindo-lhe o passo) — In-commodar-me a vossa presença! como comprehendis mal os sentimentos de minha alma...! (com ternura) longe de vós é que eu não tenho prazer, nem pos-so ter ventura... Se até aqui pude guardar o segre-do do meu coração, agora o depozito no vosso. Margarida! muito ha que vos adoro; meus labios não ouzavam dizê-lo... porem vós tereis lido nos meus ges-tos, ouvido nos meus suspiros a declaração, que só a-gora me atrevi a fazer-vos.

MARGARIDA (com magoa) — Que dizeis, Se-nhor? será crível!

D. FERNANDO (com ternura) — Como fôra possível não amar-vos...? acceitae o meu amor... elle é tão puro como vós que o inspirastes... acceitae-o... não me desprezeis... não me roubeis o prazer da ex-istencia... que só para vos amar prezo a vida, e para vos merecer quero prolonga-la. Vós sois o ar-bitro do meu destino... de vós depende a minha ven-tura, ou a minha...

MARGARIDA (interrompendo-o com tristeza) — Senhor! por quem sois, deixae-me... não devo ouvir vossas palavras, nem attender vossos discursos. Vós sois irmão de meu amo... não sou digna de vós... deixae-me...

D. FERNANDO (com prazer) — Margarida! se é esse o motivo unico porque vós repellis o meu amor, serei ditozo. Senhor de minhas acções, pos-so dispor de mim, e a minha ventura depende de vos possuir como espoza.

MARGARIDA (*com tristeza*) — E' impossivel, Senhor.

D. FERNANDO — Impossivel!!! porque...??

MARGARIDA (*á parte*) — Como desculpar-me? (*alto*) A vossa familia é das principaes do reino... não consentiria em tal.

D. FERNANDO (*com dignidade*) — Porém a vossa familia é nobre, e quando o não fosse, maior o meu prazer, porque emendaria a injustiça da sorte; eu vos ennobreceria. (*com ternura*) Vós tendes mais solida nobreza, as virtudes, os encantos que são dotes da providencia, e não o premio d'intrigas de cortezãos: a vossa é propria, a outra é emprestada, e de reflexo: a vossa é das leis de Deus, a minha das leis dos homens. Não busqueis pretextos para vos oppordes ao meu amor, todos são frivolos... todos destruirei. (*com tristeza*) Só uma pode ser a razão que me convença.

MARGARIDA — E qual é, Senhor, essa razão que pode convencer-vos?? (*com interesse*).

D. FERNANDO (*com tristeza e receio*) — Se vós amaes outro.... nesse cazo, acabaram minhas esperanças, feneceu minha ventura; (*com vehemencia*) mas sendo assim não mo digaes ... não me tireis a illusão, que me eucantava a existencia... não me acordéis do somno agradável que tinha sonhos tão fagueiros ... (*com tristeza*) Mas a incerteza é peor que a morte... dissei-mo... dissei-mo por piedade... (*com a maior ternura*) Margarida... se é crime o adorar-vos... deveis perdoar-me... vós sois a cauza do meu crime.

MARGARIDA (*com bondade*) — Cavalleiro! respeito vossas qualidades, dezejo vossa ventura; (*com magoa e tristeza*) mas querê-la-hieis vós á custa do meu coração? e quererieis vós um coração que não pode ser vosso? Para vos convencer é necessario que rasgue o véu que me cobre os sentimentos? que revele os meus segredos? (*com pesar profundo*) Eu vos satisfaço; o mais desgraçado amor avassalou minha alma... dentro em meu coração está gravada uma imagem que só a morte poderá riscar.

D. FERNANDO (*abatido, e consternado*) — Outra imagem está gravada em vosso peito, e para sem-

pre!! que me resta? morrer. Adeus Margarida. O punhal está cravado no meu seio... longe de vós irei acabar meus dias... e abençoarei o derradeiro de minha existencia, porque vós tereis uma lagrima então para derramar sobre minha campa... direis, sufocando um suspiro de compaixão "morreu por minha cauza" Adeus! (*vae a retirar-se*)

MARGARIDA (*detendo-o, com bondade*) — Não... não morrereis por minha cauza; vencereis uma paixão, que não posso, nem devo alimentar. Sois cavalleiro, nobre, esforçado, tendes a gloria que dará realce a vossos feitos; tendes a patria que vos excita os brios; os louros da victoria, os trofeos do inimigo dar-vos-hão momentos de ventura; esquecer-me heis, e vosso amor tambem. Uma mulher (*com tristeza*) é bem mais desgraçada; sua gloria, seus triunfos, a sensação unica de sua alma... é amor... e quando ama, é sempre desgraçada, ninguém avalia as suas penas, porque ninguém pode senti-las como ella.

D. FERNANDO (*com magoa*) — Vós amaes tambem... agora o vejo... não posso duvida-lo... Queira o ceo que sejaes ditoza! e que ámanhan seja o tumulto o meu leito de repouzo. Quem quer que seja aquelle a quem amaes, eu o respeitarei... (*com ciu-me*) mas não me digaes o seu nome, nem o saiba eu nunca. Adeus! (*sai pela porta do fundo*)

### SCENA 3.<sup>a</sup>

MARGARIDA, e logo DIOGO (*pela primeira porta da esquerda*)

MARGARIDA (*com tristeza*) — O nome de quem eu amo...; (*com horror*) nunca... nunca os meus labios o dirão... este segredo fatal morrerá comigo. (*vendo abrir a porta primeira da esquerda*) Ah! vein meu irmão: (*com receio*) não veja elle no meu semblante os meus tormentos.

DIOGO (*com bondade natural*) Margarida! (*vendo-a perturbada*) Que tens? a tua fisionomia está



pálida. Estás incommodada? o teu rosto mostra aflicção. ! !

MARGARIDA (*desculpando-se*) — Não, Diogo, não tenho nada: (*á parte*) como esconder a minha agitação?

DIOGO (*com affecto*) — Não tens nada..? mas a tua voz treme, escondes o rosto para que to eu não veja: d'antes tão alegre, ora tão triste..! que tens tu que te affija? não sou eu o teu irmão? o teu melhor amigo? não mereço a tua confiança? (*com brandura*) Que tens?

MARGARIDA (*á parte*) — Que tormento! (*alto*) Não mo perguntes. (*com melancolia*).

DIOGO (*sempre com affecto*) — E não terei eu o direito de perguntar a causa de tua tristeza? a quem podes confiar melhor os teus pezares? quem terá mais interesse por tua ventura?

MARGARIDA (*á parte*) — Dizer-lho? ! ! nunca.. (*alto, e com magoa*). Diogo... tenho luctado muito comigo mesmo... sou tua amiga... és meu segundo pae... não duvides da sinceridade de minhas palavras; não quizera separar-me da tua companhia.

DIOGO (*pegando-lhe na mão*) — Separar-te de mim? e porque? qual a razão da queixa? sahires da minha companhia? e para onde? (*com bondade*).

MARGARIDA (*com pesar*) — Não tenho a queixar-me de ti, nem de ninguém... mas se tens por mim a amizade de um pae, a complacencia de um irmão... permite que n'um mosteiro me recolha, e alli passe o resto de meus dias.

DIOGO (*com tristeza*) — E tu queres ser Freira!! para servir a Deus não careces entrar em um convento, qualquer que seja o estado, a condição, elle ouve as orações de todos.

MARGARIDA — Mas se para fugirmos do mundo, e de nós, buscamos na solidão do claustro um asilo contra nossas paixões, contra nossos pezares? se no rigor da penitencia procuramos refrigerio a nossos males? devemos repellir as consolações do ceo, quando as da terra nos abandonam? (*com ar suplicante*) Não me negues este favor... eu to rogo.

DIOGO (*meditando*). Devo pensar primeiro; con-

sultar a quem possa aconselhar-me. (*com bondade*) Descança, Margarida, a decisão de matéria tão importante não deve ser tomada sem reflexão; eu te darei a resposta. Na tua idade, quando o coração sente, é sempre com violência... não queiras arrependerte de votos proferidos no ardor de uma vocação mal entendida... elles não são agradaveis a Deus. Vae para o teu quarto; distrahe-te, e se és minha amiga, não deixes ver no teu rosto essa expressão de tristeza.

MARGARIDA—Tu não me negarás o favor que te eu peço... eu o espero de ti... e se fazes sacrificio, o meu é bem maior. (*sahe pela porta primeira da direita*).

#### SCENA 4.ª

DIOGO, e logo o Bispo (*pela segunda porta da esquerda*).

DIOGO (*meditando*)—Qual será o motivo de sua resolução? seja qual for, tenho obrigação de velar por sua ventura; devo servir-lhe de pae; devo guiá-la no caminho da vida. (*vendo entrar o Bispo*). O senhor Bispo me aconselhará.

BISPO (*pensativo vae sentar-se ao pé da meza*) Que novas me daes?

DIOGO (*com respeito*)—Senhor, nenhuma.

BISPO (*distrahido*)—Por ora nada transpirou, mas segredo de muitos não é segredo: basta a indiscrição, ou traição de um só para falhar o plano, (*para Diogo*) Não veio ninguém da parte de Dom Gotterres Coitinho?

DIOGO (*desculpando-se*)—Perdoae-me... (*tira uma carta da algibeira*) Veio Gonçalo de Rezende, seu criado, trazer este escripto para vos entregar; e recommendou-me que só a vós o desse, e com cautela.

BISPO (*toma o bilhete, abre-o, e lê em meia voz*) „ ElRei mandou chamar o Duqué; á tarde irei fallar-vos; os nossos lá serão comosco. „ (*para*

*Diogo*) Quando alguém vier da sua parte, tomae as precauções que vos tenho ordenado. Diogo! posso contar com a vossa fidelidade?

DIOGO (*com respeito, e amizade*) — Senhor..! seria eu capaz d'atraçoar-vos? não vos devo eu gratidão, e amor, como áquelle de quem tenho recebido tantos favores? A maldição de Deus cáia sobre minha cabeça, se vos fôr desleal um só instante.

BISPO — Assim seja. Provas sobejas tenho de vossa fidelidade. (*olhando para o bilhete, e com máo humor*) *E que vos parece este homem? vistes nunca tão máo rey, e tão inico, e tão tiranno cohiçoço, que com inveja matou o Duque? (\*)*

DIOGO — Todos dizem que o senhor Duque de Bragança estava innocente, e que foram intrigas do Camareiro d'ElRei que seduziu as testemunhas que contra elle juraram; que máo cabo levaram as que a seu favor depozeram...

BISPO (*com raiva*) — *Vistes como se finou em Castella dom Fillipe, o filho maior do Duque? vistes nunca tanta dita deste tão máo rei? o diabo lhe traz tal acerto, desde o mundo é mundo nunca foi tal rei que tivesse tanta dita, que toda lha Deus traz á mão: não durará muito que elle não haja máo fim.*

DIOGO — São bem desgraçados aquelles Principes! auzentes da sua patria, longe de sua mãe; em terra extranha mendigam axilo, que os seus lhe denegáram.

BISPO (*com furor*) — *Até já uza com peçonha! assim foi morto o Conde de Faro! (com gesto de ameaça) porem deixae-o, que antes que os annos sejam muitos elle haverá o fim, que não pode ser que não morra. (para Diogo) E eu vos prometto que vos faça grande homem.*

DIOGO (*com respeito*) — Pequena é minha ambição, viver, e morrer honrado: e ambas as couzas espero em vossa caza, onde já meus pacs as acharam.

BISPO — Sois pobre, mas fidalgo; eu vos farei rico, e poderoso.

---

(\*) *As falas em italico são historicas.*

DIOGO (*agradecendo*) — Seja qual for a minha sorte, será eterna a minha gratidão.

BISPO — Assim recompensarei vossos serviços. Ide saber se o Duque de Viseu já chegou de Palmela, dezejo vê-lo antes que vá ao Paço.

DIOGO (*vindo para sahir pela porta do fundo; volta atraz*) — Quizera pedir-vos uma mercê...

BISPO — Dizei pois o que quereis.

DIOGO — Um conselho; minha irman pediu-me licença para entrar em um mosteiro.

BISPO (*levantando-se*) — Em um mosteiro.!! e porque?

DIOGO (*sem affectação*) — Não me disse o motivo; e não lhe dei resposta, em quanto não tomasse o vosso parecer.

BISPO (*preocupado*) — A um mosteiro...!! e não suspeitais?....

DIOGO — Por certo, não: que vos parece que deva responder-lhe?

BISPO (*reflexivo*) — Que dezejo fallar-lhe.

DIOGO — Não vos poderá occultar a razão de seu dezejo; sois seu amo, e seu Bispo. Vou chamá-la; e depois levarei o recado para o Duque de Viseu. (*sahe pela primeira porta da direita*).

## SCENA 5.<sup>a</sup>

BISPO, e logo MARGARIDA [*conduzida por Diogo, pela primeira porta da direita; Diogo mostra-lhe o Bispo, e sahe pela porta do fundo*].

BISPO [*reflexivo*] — Recolher-se a um mosteiro...! deixar a minha caza...! a companhia dos seus...

MARGARIDA [*á parte*] — Como supportar a sua vista.!? [*alto, adiantando-se, e ficando á direita do Bispo*] Senhor, meu irmão disse-me, que vós me querieis fallar. [*com timidez*]

BISPO [*com brandura*] Sim, Margarida, quero fallar-vos. Será verdade o que me disse vosso irmão? será possível que queiraes deixar-nos?

MARGARIDA [*á parte*] — Que supplicio !! [*alto*]

*com timidez*] E' verdade, senhor; e Deus me dará forças....

BISPO [*interrompendo-a, arrebatado*]—E quem vos obriga? quem ousaria violentar-vos?

MARGARIDA [*com modestia*] — Ninguém, senhor; sou eu quem o dezeja; meu irmão não quer... mas vós o resolveis a consentir; vós me protegeis....

BISPO [*com violencia*] — E contra quem?

MARGARIDA [*com tristeza*] — Contra as magoas do meu coração... contra mim mesma. Não me pergunteis mais.... fizeti que ao pé dos altares de Deus, possa chorar meus pezares; meus soluços, meus suspiros quebrar-se-hão nas abobadas do templo do Senhor.... elle os ouvirá... e terá compaixão de mim.

BISPO [*com brandura*] — Margarida, vós amaes... essa linguagem é de uma amante desgraçada....

MARGARIDA [*com susto*] — Eu . ? . quem vello disse ....?

BISPO — Costumado a lêr no coração do homem... a vossa resolução repentina, vossa tristeza, tudo me descobriu o vosso segredo.

MARGARIDA [*afflicta, cobrindo o rosto*] — Meu Deus...! estou perdida...!! [*supplicando*] Por quem sois... por tudo quanto ha de sagrado para vós... alcancae de meu irmão a licença que vos peço...

BISPO [*com brandura*] — Para que tomar semelhante resolução? Margarida... o tempo acalmará a vossa dôr... e, como consentir eu mesmo que nos deixeis?

MARGARIDA [*com magoa*] — O ceo me dará valor para resistir ás vozes do meu coração. [*querendo ajoelhar, o Bispo impede-a*] Tende commiseracão d'uma infeliz....

BISPO [*com brandura*] — Infeliz! porque amaes? não, não devo consentir... (*com ciúme*) Mas quem é que vós amaes? de certo ha-de ser digno de vós...

MARGARIDA (*consternada*) — Ah Senhor! não mo pergunteis... não posso dizê-lo; fora um crime pronunciar o seu nome... não mo pergunteis... não devo dizê-lo: não o direi nunca.

BISPO (*com ciúme, e com imperio*) — Eu exijo sabê-lo. E como deixareis de dizer-me o seu nome?...

MARGARIDA ( *com horror* ) — A vós ? a vós ? nunca. Não vêdes que a dôr me soffoca ? não vêdes todas as angustias do meu tormento ?...

BISPO ( *com brandura* ) — E cuidaes vós que n'um mosteiro podeis esquecer vossas mágoas ? voêso amor ? se não vêr o objecto que amaes, pode fazer que vos deslambreis d'elle, deixae de vê-lo, esquecê-lo-heis.

MARGARIDA — Não é possível... vê-lo heia a cada instante... Só n'um mosteiro...

BISPO ( *com ciúme* ) — Sim... já sei o segredo que me occultaes. E' meu irmão...

MARGARIDA ( *com dignidade* ) — Elle ?! declarou-me o seu amor, e que me queria por esposa...

BISPO ( *com ciúme* ) — E vós não consentis ? não o amaes ? quem vo-lo pode impedir ? é nobre, vós tambem o sois ; é esforçado, vós formozas...

MARGARIDA ( *com bondade* ) — Senhor, vós sois injusto... que eu não o amo... nem posso ama-lo : ( *com mágoa* ) mas depois da minha repulsa, e da confissão que lhe eu fiz, que amava outro, não devo aqui ficar por mais tempo... o segredo do meu coração pode ser descoberto... e depois... que seria de mim ?

BISPO ( *com prazer* ) — E vós regeitastes sua mão ? posso ainda acredita-lo. ( *vue a querer pegar na mão de Margarida.* )

MARGARIDA ( *retirando-se com susto, pejo, e horror* ) — Pelo céo deixae-me fugir de mim, e de vós...

BISPO ( *com expressão de prazer* ) — De mim ! e é de mim que vós quereis fugir... não, não fugireis... ( *seguindo-a.* )

## SCENA 6.ª

MARGARIDA, MARIA ( *pela segunda porta da direita, vê, e ouve o final da scena antecedente* ) — o BISPO.

MARGARIDA ( *à parte, vendo Maria* ) — Desgraçada... ! meu amor está descoberto...

BISPO (*com furor concentrado*) — Maria ! que quereis ? que vindes fazer aqui ?

MARIA (*com ironia, e raiva suffocada*) — Outra hora buscarei mais opportuna para fallar-vos.

MARGARIDA (*com voz commovida*) — Se vós o permittis, eu me retiro. (*sahe pela primeira porta da direita, com o abatimento proprio de grande mágoa.*)

### SCENA 7.ª

MARIA, e o BISPO.

MARIA (*com despeito*) — Perdoar-me-heis, Senhor, o ter surprehendido os vossos segredos ?

BISPO (*com furor*) — Os meus segredos...!!!

MARIA (*sempre no mesmo tom*) — Sim, ... os vossos segredos... que não pensava eu que o Senhor Bispo d'Evora Dom Garcia de Menezes, tinha um coração tão sensível, uma alma tão apaixonada...

BISPO (*ressentido*) — Maria Tinôco... vossa linguagem offende-me... é illusão vossa; (*com furor*) e não queiraes que faça arrepender-vos de motejar comigo... (*indo para sahir*) Que eu.....

MARIA (*com raiva*) — Que vós sois meu amo, podeis expulsar-me de vossa caza ; sois poderoso, sois Bispo, chamareis sobre mim a vingança do céu, e da terra.

BISPO (*com furor*) — Maria !

MARIA — Que dizeis o meu nome suffocando a custo as maldições que tendes no peito .. no peito que outrora palpitou com sentimentos bem diversos... que vossos labios se comprimem agora, não para dizerem as expressões mais ternas, as palavras mais seductoras... mas para me insultardes...

BISPO (*com furor*) — Ai de vós se abuzaes da minha paciencia !! deixae-me.

MARIA (*com raiva*) — Não tardará muito que lhe não digaes o mesmo... depois de haverdes perverso a sua alma, corrompido seu coração... expulsa-la-heis com desprezo... e tareis della a mesma piedade que tivestes comigo... Sim, Margarida ouvirá o mesmo, e de vós...

BISPO ( *com furor* ) — Não pronuncieis o seu nome... estaes enganada... e trenei se...

MARIA ( *com despeito* ) — E quem vos impede que deis largas ao vosso furor... ? tendes um panhal... enterrae-o no meu seio... é a justa recompensa de vos têr amado... é o digno premio desse amor tão puro, que fez a ventura de minha infancia... ( *com magoa* ) E-reis nobre, cavalleiro, acreditei vossas promessas, vossos juramentos... e que seria vossa esposa... mas vós... tudo quebrasteis. !! a pompa de uma mitra... o poder de um báculo fez-vos perjuro... quasi succumbi á minha dôr... vós me pedistes perdão... eu perdoei-vos... ( *com despeito* ) e agora...

BISPO ( *com remorsos* ) — Maria... vós me perdoastes, e Deus tambem...

MARIA — Deus ! Deus ! E ouzaes invocar o seu nome... ? vós depois de me haveres trahido... ! ( *com raiva* ) e no momento em que pertendeis sacrificar uma victima aos caprixos do vosso coração ! ... ( *com dignidade* ) Não... não quero o vosso amor... ( *com horror* ) fôra um crime... quero impedir a torrente de vossas maldades... salvar uma innocente dos laços que lhe teceis... ( *com despeito* ) E Margarida terá quem a defenda ... vosso irmão a dezeja por espôza... e elle não será como vós...

BISPO ( *com ciume, disfarçando-o a custo* ) — Em bôa hora o seja'... ( *á parte* ) Eu saberei a verdade. ( *alto* ) E ai de vós se tornaes a importunar-me ! ( *sai pela segunda porta da esquerda.* )

## SCENA 8ª

MARIA, e logo Diogo ( *pela porta do fundo* )

MARIA ( *com despeito* ) — Esta a paga do meu sacrificio... o desprezo... ! ( *com furor* ) E ameaca-me com a sua vingança... elle que deve tremer da minha... uma mulher ultrajada no seu amor... excitada pelo ciu-me... é capaz de tudo... ( *vendo entrar Diogo; com expressão de vingança* ) Meu sobrinho será o instrumento de minha vingança.



*Diogo, e Maria.*

DIOGO — Boas tardes, minha tia ( *reparando na sua agitação* ) Vossa côr está demudada ! pareceis afflicta . ! !

MARIA — Sim, estou afflicta... e muito: ( *hesitando* ) devo dizer-te a razão... seria atraíçoar a tua honra... a da nossa familia...

DIOGO ( *surprehendido* ) — A minha honra ! ! a da nossa familia... ! não vos entendo ; explicae-vos... a desconfiança é o tormento peor...

MARIA ( *hesitando* ) — E' um segredo terrivel... até eu tremo ao dizê-lo...

DIOGO — Interessa a minha honra ! a da nossa familia ! !

MARIA — De certo... que a nossa familia é nobre...

DIOGO — E eu saberei desaggrava-la...

MARIA ( *com despeito* ) — Mas pobre...

DIOGO ( *com frenesi* ) — Pobre ! qu' importa ! a pobreza não deshonra... e eu, que sou pobre, não troco a minha pobreza honrada, pela riqueza á custa de vilania... ( *com raiva* ) Sou pobre... mas tenho um braço rico de valor para desaffrontar a minha honra, e a dos meus. ( *com desconfiança* ) E quem se atreveu a offender-nos ?

MARIA ( *hesitando* ) — Quem... ? senão vossa irman... Margarida Tinoco... minha Sobrinha...

DIOGO ( *aterrado* ) — Margarida ? minha irman... ! é impossivel ! quer professar em um mosteiro. ( *com furor* ) ? Como o sabeis vós ? qual seu cumplice

MARIA ( *hesitando* ) — O seu cumplice... ? eu to mostrarei... tu o verás com teus proprios olhos...

DIOGO ( *com furor, e impaciente* ) — Mas quem é o infame ? o seductor ?

MARIA ( *á parte* ) — Não me atrevo a dizê-lo. ( *alto* ) Sinto alguém que para aqui se encaminha... logo to mostrarei. ( *sahe pela segunda porta da direita* )

### SCENA 9.<sup>a</sup>

DIOGO, e logo o BISPO, PERO D'ALBUQUERQUE, D. GOTTERRES, FERNAO DA SILVEIRA, E D. PEDRO D'ATAIDE ( *pela porta do fundo* ).

DIOGO ( *passando com furor* ) — Deshonrado... e quem será o infame ? eu lavarei no seu sangue a minha affronta...

*Diogo. D. Gotterres, Bispo, D. Pedro d'Ataide, Pero d'Albuquerque, Fernão da Silveira.*

BISPO ( *entrando* ) — Entrae, Senhores: aqui estaremos com segurança. ( *para Diogo* ) Diogo, tomae conta não entre para esta sala alguém que não seja dos nossos; vós os conheceis. ? O Duque já chegou ?

DIOGO — Logo virá elle mesmo procurar-vos; assim me ordenou vo-lo dissesse da sua parte. ( *sahe pela porta do fundo* ).

D. GOTTERRES — Estaes vós certo da discrição deste criado ? o seu ar é de mau agouro.

BISPO — Descançae; de há muito elle e os seus tem criação na minha caza. Podemos aqui ter com liberdade as nossas conferencias. ? Porque não veio também vosso irmão D. Vasco ? ( *para D. Gotterres* ).

D. GOTTERRES — Não sei. Ha dias que foge de mim.

BISPO ( *com desconfiança* ) — Sendo elle quem mais agravos tem d'ElRei... elle, que dezeja deixar a patria para não servi-lo, agora segue-o sempre... não sei o que pensar delle.

D. GOTTERRES — Se elle quizerá, já o tyranno teria acabado ás suas mãos. Quando ElRei fui para Alcacer do Sal, foi embarcado, e n'albetoca (\*) devia ser morto por elle. ElRei mandou senta-lo junto a si, e que sobre a cabeça lhes deitassem uma capa, para os guardar do relento da noute: assim cobertos foram conversando toda a viagem...

BISPO ( *com despeito* ) — E porque o não matou vosso irmão ? que desculpa deu elle ?

D. GOTTERRES — Desculpou-se dizendo que não tivera lugar de o matar, que ElRei fora sempre apercebido, e que á mais leve demonstração que fizesse elle o preveniria, porque é desconfiado: muito feliz é elle, escapou nos montes, na procissão de corpus, em Santarem quando estava dormindo, n'albetoca; e hontem sexta feira vinte e dous d'Agosto do

---

(\*) Albetoca, especie d'embarcação sem coberta.

anno do Senhor de mil quatro centos e oitenta quatro, fôra o ultimo dia do reinado de Dom João 2.º se, tão destro cavalleiro, não encostasse o seu ginete á caza de Santa Maria Annunciada ; na sua volta d'Alcacer, Fernam Martins, e os gínetes da guarda tinham ficado para traz ; eramos nós quem o cercavamos ; duas vezes lancei a mão á espada, e firme nos estribos ia a desembainha-la, quando ElRei, olhando para mim sempre, me disse com agrado "*meu irmão Dom Gotterres, fizeti-me amigo com Dom Vasco, vosso irmão ; ao que eu respondi,, Senhor, vosso amigo foi elle, e sempre será,,*

BISPO ( *com impaciencia* ) — *Ide-vos aramá (\*)* dahi, Senhor, que se vós quizerreis, já estaria morto aquelle rapaz.

D. GOTTERRES — *Ha-de chegar-lhe o seu dia, e agora tenho eu melhor coração, que nunca tive, que elle é bem covardo, que o vi bem demudado da sua côr.*

BISPO — Se mais se demora o comettimento, podemos ser descobertos ; que muitos são os conjurados...

D. GOTTERRES ( *com receio* ) — Parece-me que sinto gente na sala proxima ; não seja alguem a escutar-nos. ( *O Bispo vae até á porta do fundo* ).

FERNAO DA SILVEIRA — Toda a cautéla é pouca : ElRei tem espias.

D. PEDRO — Será bem que vejaes quem é.

BISPO ( *abrindo a porta do fundo* ) — Descançae Cavalleiros, é o Senhor Duque de Vizeu, e meu irmão.

#### SCENA 10.ª

FERNAO 'DA SILVEIRA, D. GOTTERRES, BISPO, DUQUE, D. PEDRO, PERO D'ALBUQUERQUE, D. FERNANDO. ( *pela porta do fundo* ).

DUQUE ( *com dignidade* ) — Cavalleiros, muito folgo de vos encontrar reunidos.

( *Todos saudam o Duque, descobrindo-se, excepto D. Fernando* ).

BISPO — *Permitti Senhor, que seja eu o pri-*

---

(\*) *Aramá*, em hora má.

*meiro que vos beije a mão , como a Rei e natural Senhor.*

( Beija-lhe a mão , todos os de mais fazem o mesmo , excepto D. Fernando. )

DUQUE ( para os Cavalleiros ) — *Sempre estive certo de vossa fidelidade.*

BISPO ( vendo que D. Fernando não beijara a mão ao Duque ; com despeito ) — *E vós não a beijaes tambem ?*

D. FERNANDO ( com dignidade ) — *Quando virmos a noiva no taibo , então lhe beijaremos a mão ; agora beijar-lha-hei como a Duque , e meu ama. ( beija a mão ao Duque ).*

D. GOTTERRES ( com dignidade ) — E sereis vós capaz de negar vossos parentes , vossos amigos , vosso amo o Senhor Duque de Vizeu ?

D. FERNANDO ( com dignidade ) — Sou incapaz d'atraçoar o meu Rei.

BISPO ( com despeito ) — E julgaes dever lealdade a um tyranno ? a um assassino ? que nos decépa as cabeças , derroga as doações , e quer fazer de nós um rebanho de vis escravos ? ! E julgaes dever fidelidade á quem vo-la não guarda ?

D. FERNANDO ( com dignidade ) — Jurei guardar-lha , e hei-de mantê-la até ao derradeiro instante da minha vida. ( com enthusiasmo ) — O juramento é uma divida contrahida com Deus ; e é perjuro aquelle que ouza nega-la.

DUQUE ( como alliciando-o ao seu partido ) — *Dom Fernando , amigo ; vós sabeis bem que fostes criado do Infante meu Senhor , e pae ; depois de meu irmão o Duque : agora meu ; vós bem sabeis quantos desfavores , e grandes males me ElRei tem feito ; os quaes devo eu muito sentir , e todos os meus criados. Eu tenho determinado com certos de minha valia uma couza que me virá muito bem ; a couza é esta : eu determino matar ElRei , e o Principe , e de eu ser Rei , pelo qual vos prometto fazer muitas mercês ; e vos farei mais do que teve homem de vossa linagem ; e vós sêde de minha valia , que eu tenho os fidalgos que vêdes e muitos outros ; e com elles , e convosco a cabo levarei minha empreza.*

D. FERNANDO ( com dignidade ) *Guarde-me Deus*

*de tal cousa; quem vos aconselha não é vosso amigo. Nunca Deus mandará que eu seja em tal.*

BISPO ( *offendido* ) — Quem o aconselha somos nós, seus amigos, nós fidalgos portuguezes, que reclamamos vingança contra ElRei.

D. FERNANDO ( *com enthusiasmo* ) — Se delle tendes agravos, porque vos não queixaes a elle mesmo? se elle vos não faz justiça porque não recorreis aos tribunacs? A pessoa do Rei é sagrada para seus vassallos, que juraram defender-lhe a vida á custa da propria. E com que direito quereis vós assassinar um homem, vosso irmão d'armas? vosso Rei? Será proprio de cavalleiros esforçados cravar um punhal á traição? E vós que lhe chamaes assassino, não o sereis vós, e com aleivosia?? porque é Rei, tendes vós o direito de o julgardes.. assim cumpris vossos juramentos...??

D. GOTTERRES ( *interrompendo-o, com furor* ) — Basta, basta... cavalleiro... ( *com ironia* ) Muita foi nossa paciencia, em termos ouvido tanto. Ide agora a ElRei dizer os nossos planos... amanha tereis a recompensa.

DUQUE ( *com receio* ) — Não, não; D. Fernando não é capaz de vender-nos.

D. FERNANDO ( *com tristeza, e dignidade* ) — E já sei qual fim me espéra, o nome de traidor, e o cadafalço.

BISPO ( *em voz baixa para o Duque, e conjurados* ) — O cadafalço por certo, se hoje mesmo não damos fim a nosso plano.

DUQUE ( *no mesmo tom* ) — Amanhan talvez já seja tarde.

D. FERNANDO [ *com magoa* ] — Deus proteja a vida d'ElRei, e a vossa. Senhor [ *para o Duque* ] desde já deixo de ser vosso criado... E queira o céo que ao despertar amanha, o tanger das campas dos finados não seja o som que eu ouça. ( *Vae a sahir pela porta do fundo, D. Gotterres, e conjurados lhe embaraçam o passo.* )

D. GOTTERRES — Vós não sahireis... ficareis em refens de vossa discrição, della depende a nossa vida.

D. FERNANDO [ *desembrinhando a espada, os*

conjurados tiram as suas ; D. Gotterres cruza a sua com a de D. Fernando ] — E á custa da minha comprarei a liberdade.

DUQUE [ *apartando os e collocando-se entre elles* ] — (\*) D. Fernando ! D. Gotterres ! que fazeis ?

### SCENA 11.ª

OS PRECEDENTES e MARGARIDA, [ *pela primeira porta da direita* ]. MARIA, ( *pela segunda porta da direita* ) e DIOGO, [ *pela porta do fundo* ].

MARGARIDA [ *assustada* ] (\*\*) Senhores ! por quem sois ? [ *com ar supplicante* ].

D. FERNANDO [ *chegando-se ao pé de Margarida, com dignidade* ] Sois vós quem me desarmaes o braço ( *atira a espada ao chão ; e em vós baixa a Margarida* ) — E para que defender-me se após vós-so desprezo só dezejo a morte... ? !

DUQUE ( *avençando para um conjurado* ) — Cavalleiro, tomae a vossa espada, espero não a cruzareis com as nossas.

D. FERNANDO ( *tomando a espada que lhe dá um conjurado* ) — Como não pode servir para defender os objectos que me são caros, ( *partindo-a* ) nunca mais servirá. ( *sahе pela segunda porta da esquerda* )

### SCENA 12.ª

OS PRECEDENTES, menos D. FERNANDO (\*\*\*)

D. GOTTERES ( *para o Duque e conjurados* ) — Vamos já ao Paço antes que alguém nos denuncie.

DUQUE — Não será D. Fernando por certo. Vamos ( *sahem pela porta do fundo* ).

(\*) Fernão da Silveira, Bispo, D. Gotterres, Duque, D. Pedro, Pero d'Albuquerque.

(\*\*) Fernão da Silveira, Bispo, Margarida, D. Fernando, Duque, D. Gotterres, D. Pedro, Pero d'Albuquerque, Maria, e Diogo.

(\*\*\*) Margarida, Fernão da Silveira, Bispo, Duque, D. Gotterres, D. Pedro, Pero d'Albuquerque, Maria e Diogo.

SCENA 13.<sup>a</sup>

MARGARIDA E BISPO. MARIA , E DIOGO ( *mais no fundo* ).

BISPO ( *em vós baixa a Margarida, e com des- peito* ) — Margarida ! vós amaes meu irmão....

MARGARIDA ( *com magoa* ) — Senhor não me atormenteis ainda mais com vossas suspeitas.

BISPO ( *no mesmo tom* ) — Sim ... vós o amaes... ( *sahe pela porta do fundo* ).

MARIA ( *para Diogo* ) Prometti mostrar o seu cumplice , ( *apontando para a Bispo quando sahe* ) alli o tens...

DIOGO ( *tirando um punhal do cinto vae a que- rer seguir o Bispo para mata-lo , Maria o impede ; Margarida, vendo a acção de Diogo , cahe desfullecida na cadeira ; Diogo com a expressão de raiva suffoca- da* ) — Tendes razão... outra deve ser a sua morte

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

## DIOGO TINOCO.

### ACTO 2.º

*Vista de sala nos paços d'El-Rei D. João 2.º em Setubal: janella no fundo, duas portas de cada lado; á direita meza, e cadeira d'espaldar. O acto começa no fim da tarde de 23 d'Agosto de 1484; no fim da scena 4.ª é noite; o theatro fica escuro até á vinda dos pagens com brandões.*

#### SCENA I.

O REI (*sentado ao pé da meza*) — FERNAM MARTINS, D. PEDRO d'EÇA, LOPO MENDES do RIO, e DIOGO d'AZAMBUJA.

REI — Que vos parece, Diogo d'Azambuja, o offerecimento que vêm fazer-nos, Christovão Colombo, Italiano?

AZAMBUJA — Pode ser que Vossa Alteza ache suspeito o meu voto...

REI — A quem, senão a vós, hei-de pedi-lo? homem do mar, perito navegante, descobridor da foz do Zaira? a vós que tantos mares tendes percorrido?

AZAMBUJA — Attrahido pelas nobres recompensas que Vossa Alteza tem dado a seus descobridores, vêm buscar fortuna. Se as terras que elle promete descobrir existem, as náos de Vossa Alteza lá plantarão as quinas; que os Italianos não tem mais brios; affeitos ás navegações do Mediterraneo, não são tão bons marinheiros como os Portuguezes.



~~REI — As descobertas começadas pelo~~ Senhor Infante D. Henrique, estavam quasi esquecidas ; eu as mandei continuar ; e com a ajuda de Deus espero levar a crença aos gentios , e augmentar os meus estados por novas conquistas. Já temos na costa de Guiné a fortaleza de São Jorge da Mina , (*para Azambuja*) que vós mandastes levantar ; se meus avós se contentaram com o titulo de Reis de Portugal , e dos Algarves d'aquém , e além mar, a estes accrescentarei, Senhor de Guiné.

AZUMBUJA — Em nome de Vossa Altêza tomei posse das terras descobertas ; creio ninguem se arrojará a disputá-las.

RFI — Os Reis de Castella seduziram alguns de vossos mariheiros com os premios que lhes deram ; porém foram castigados como traidores á sua patria.

AZAMBUJA — E outros não se atreverão a ir pedir serviço a reis extranhos. Foi tanto o ouro, e marfim que trouxemos de Guiné , que todos os mariheiros queriam lá voltar.

REI — Diogo Cão , seguiu vossa derrota , e devia costear sempre até achar novas do Preste João, e das terras do Oriente. Com as tres náos que estão a apparellhar-se irá Bartholomeu Dias, e João da Covilhã ir por terra. Pode esse Italiano ir offerecer os seus serviços a quem os carecer ; que se mais navios pudesse armar para a descoberta , não vos deixaria (*para Azambuja*) a vós estar ociozo.

AZAMBUJA (*agradecendo*) — Beijô as mãos a Vossa Alteza.

REI — Quvirei os do meu conselho , e os demais navegadores , depois decidirei.

A quantidade d'ouro que trouxestes , fez alterar o valor dos metaes ; mandei fazer novo regimento para a moeda ; e cunhar-se-hão novas ; chamar-se-hão Justos , e outras Espadins.

AZAMBUJA — Vossa Alteza é em tudo o pac de seus vassallos.

REI — O primeiro dever de um Rei , é fazer os felizes.

## SCENA 2.ª

OS PRECEDENTES, e o Bispo (*pela segunda porta da direita*). (\*)

BISPO (*beijando a mão a ElRei*) — O céo prospere os dias de Vossa Alteza, e de seu feliz reinado.

REI — Creio sinceros vossos desejos, D. Garcia. Hoje mandei chamar a Palmella o Duque de Vizeu; de ha muito que penso em dar-lhe estado, como convem á sua qualidade, e ao interesse da minha corôa. Tenho resolvido casal-o com a Infanta D. Joanna, minha irmã; é formosa, tem virtudes, e fará a ventura de quem a tiver por esposa: e desta forma ficarão mais fortes os laços que já nos unem. Que vos parece, D. Garcia?

BISPO — Que não pôde ser mais acertada a escolha. A Santa Sé dará as Bullas de dispensa... ainda que algumas tem negado, para obrigar os Príncipes Christãos a casarem com Princezas estranhas, e fazer que as relações entre os fieis se extendam; como a irmãos, que são todos.

REI (*levantando-se*) — Estou certo que Sua Santidade o Papa Xisto 4.º não denegará a dispensa. (*com dignidade*) Quem tem feito baptizar, e converter os gentios, tem direito de esperar a benevolencia do chefe da Igreja. (*á parte*) Sempre o Bispo quer mostrar o poder do cléro. (*alto*) Vamos ao quarto do Príncipe. (*sahe pela primeira porta da esquerda, seguido de Fernam Martins, D. Pedro d'Eça, Lopo Mendes, e Azambuja*).

## SCENA 3.ª

Bispo, e logo D. GOTTERRES, D. PEDRO d'ATAIDE, PERO d'ALBUQUERQUE, e FERNAM da SILVEIRA (*pela segunda porta da direita*).

BISPO (*olhando para a porta por onde ElRei sahiu, com expressão de raiva*) — Vae vêr teu filho...

[\*] Rei, Bispo, Fernam Martins, D. Pedro d'Eça, Lopo Mendes, e Azambuja.

deita-lhe a tua benção... *será a ultima vez que o vejas... ouzaste attentar contra os nossos privilegios... nós... nos vingaremos... ( meditando )*. E quando vae executar-se o plano de ha tanto meditado... meu irmão recuza !!! não, elle não impedirá o golpe... *( entram os conjurados )* Ah! vêm os conjurados.

D. GOTTERRES [\*].— Tudo está disposto... e temo que vosso irmão...

BISPO *( toda esta scena é com agitação )* — Não lhe demos tempo. ElRei daqui sabiu agora, foi ao quarto do Principe; aqui ha-de voltar; aproveitae a occasião do crepusculo, antes que tragam luzes para a sala. Tomae conta com Fernão Martins; elle é esforçado, pode chamar a guarda. Eu vou para o quarto da Rainha, onde está o Duque, e quando ouvir o signal, tomarei o Principe...

D. GOTTERRES — E não será elle quem dispute a corôa ao Senhor Dom Diogo d'Alemcastro, Duque de Viseu. ElRei gosta de governar á moda de França, como Luiz 11.<sup>o</sup>, nós seguimos a moda d'Inglaterra, como Ricardo 3.<sup>o</sup>.

BISPO — Quando ouvir o signal, gritarei o Real Real, pelo Principe Dom Affonso... depois, elle é criança, facil é o resto. *( para D. Pedro d'Ataide )* Vosso pae, D. Alvaro d'Ataide, recolherá no Castello de Santarem, de que é Alcaide, a Excellente Snr.<sup>a</sup> Dona Joanna; assim teremos seguro o apoio de Castella. Temos por nós as fortalezas de Viseu, Lamego, Sérpa, Coimbra, Lisboa, e outras muitas; tudo nos afiança o resultado.

D. GOTTERRES — Descançae... hoje morrera.

BISPO — O signal, é tres vezes o grito de TRAIÇÃO *( sahe pela segunda porta da direita )*.

#### ( SCENA 4.<sup>a</sup> )

D. GOTTERRES, D. PEDRO d'ATAIDE, PÉRO d'ALBUQUERQUE, e FERNÃO da SILVEIRA. *( o theatro está escuro )*.

D. GOTTERRES *( toda esta scena é em meio*

---

(\*) D. Gotterres, D. Pedro d'Ataide, Bispo, Péro d'Albuquerque, e Fernão da Silveira.

voz, *mas com actividade*. — Tudo parece ajudar-nos; (*olhando para as diversas portas*) aqui só estamos nós e antes que possa vir socorro terá acabado as nossas mãos... Elle tem de passar por esta sala, não poderá escapar-nos. Tomemos todas as portas: Pero d'Albuquerque, guardae vós esta. (*Pero vai collocar-se ao pé da primeira porta da direita*). Fernão da Silveira, vós tomareis aquella; (*Fernão da Silveira vae pos-tur-se ao pé da segunda porta da esquerda*) D. Pedro d'Ataide, ficae defendendo essa; (*D. Pedro vae collocar-se ao pé da primeira porta da esquerda*). Eu tomarei esta (*colloca-se ao pé da segunda porta da direita*). Tende a mão firme, e o coração socegado: um punhal fácil é de cravar-se em inimigo, desapercibido. (*ouvem-se passos ao longe; estão todos no maior silencio, á escuta*).

D. PEDRO D'ATAIDE — Não é elle por ora... alguém que passou no corredor, (*momentos de silencio; todos com a mão no cabo dos punhales*).

PERO D'ALBUQUERQUE — Não pode tardar... e o escuro nos ajuda.

FERNÃO DA SILVEIRA — Não aconteça hoje como no quarto da Rainha; onde, por causa de uma dança que mandou fazer, escapou da morte.

PERO D'ALBUQUERQUE — Foi culpa de D. Pedro, que era quem o devia matar.

D. PEDRO D'ATAIDE (*com mau modo*) — Ou antes voêssa...

D. GOTTERRES — St! silencio... cavalleiros; não é esta a hora, e o lugar proprio para questões... tempo teneia de sobra.

FERNÃO DA SILVEIRA — Quem sabe...

D. PEDRO D'ATAIDE (*motejando*) — Fernão da Silveira, estaes desanimado?

PERO D'ALBUQUERQUE (*com impaciencia*) — Calae-vos.

D. GOTTERRES (*escutando*) — Agora é elle... vêm por esse lado... tomae conta não erreis o golpe. St!... (*Ficam todos em silencio alguns momentos; pela segunda porta da direita entra apressadamente Antão de Faria, e chega ao meio do theatro sem que D. Gotterres o possa ferir; e quando a attenção dos*

*conjurados está distraída com a entrada de Antão de Faria, ElRei entra pela primeira porta da esquerda, com Fernão Martins. D. Pedro d'Ataide segura o braço d'ElRei para o ferir; mas sacudindo-o com força livra-se das mãos de D. Pedro.)*

## SCENA 5.<sup>a</sup>

ANTÃO DE FARIA, REI, E FERNAM MARTINS (*á frente da theatro*): PERO D'ALBUQUERQUE, D. GOTTERRES, FERNÃO DA SILVEIRA, E D. PEDRO D'ATAIDE (*no fundo do theatro*).

REI (*com máo modo, para D. Pedro d'Ataide*)—  
*D. Pedro, queres de mim alguma couza?*

D. PEDRO D'ATAIDÉ (*desculpando-se*)—  
*Senhor, não.*

REI (*com magestade*)—  
*Cuidei que querieis de mim alguma couza.*

D. PEDRO D'ATAIDÉ—  
*Senhor empecei, e apeguei-me a Vossa Alteza. (disfarçando).*

ANTÃO (*baixo a ElRei*)—  
*Tomae conta, Senhor; querem hoje assassinar-vos.*

REI (*mostra no rosto surpresa, mas resolução*)—  
*Ainda não trouxeram luzes...!!... D. Pedro, dizei aos pagens que tragam tochas. (D. Pedro d'Ataide sahe pela segunda porta da esquerda).*

ANTÃO (*baixo para ElRei*)—  
*Mandae, Senhor, fechar as portas da villa... para que os traidores não possam evadir-se... preveni a vossa guarda... e fazei que estes cavalleiros não suspeitem o que vos eu digo.*

REI (*baixo para Antão*)—  
*E quem são os conjurados? quem vo-lo disse?*

ANTÃO (*sempre no mesmo tom*)—  
*Senhor não percaes tempo... dae as vossas ordens ao capitão dos ginetes...*

(*ElRei fala em segredo com Fernão Martins como dando-lhe ordens*).

D. GOTTERRES (*baixo para os conjurados, em quanto ElRei fala com Fernão Martins*)—  
*Aproveitemos agora esta occasião: Pêro, segure o cana-*

reito, eu ferirei ElRei; e vós (*para Fernão da Silveira*) o capitão da guarda... vamos unidos, não poderão escapar-nos. (*dão um passo para diante*).

REI (*apenas sente o primeiro movimento, volta-se para os conjurados, ficando com as costas para Fernão Martins*) — D. Gotterres, como está vosso irmão?

D. GOTTERRES — Sempre ao serviço de Vossa Alteza. (*ElRei continua a falar em segredo com Fernão Martins*).

FERNÃO DA SILVEIRA (*baiço para os conjurados*) — Vamos ... (*quando os conjurados dão mais um passo, entram dois pagens pela segunda porta da esquerda, com brandões accezos, que vão pôr nos lados da sala, nas suas escapulas respectivas; D. Pedro d'Ataide entra após elles*).

REI [*para os pagens*] — Caidei que não trazeis luzes.... para o futuro sede mais diligentes em cumprir vossos deveres. [*os pagens sahem pela segunda porta da esquerda*].

REI [*para D. Gotterres*] — E Dom Vasco, vosso irmão, ainda quer sahir para fora do reino?

D. GOTTERRES [*dissimulando*] — Eu tenho-o demorado; e como Vossa Alteza o ordene, creio não partirá.

REI — Fazei-o meu amigo; sentiria perder um tão esforçado cavalleiro. Bons noites. [*sahem ElRei Fernão Martins e Antão, pela segunda porta da esquerda*].

## SCENA 6.<sup>a</sup>

PERO D'ALBUQUERQUE, D. GOTTERRES, FERNÃO DA SILVEIRA, E D. PEDRO D'ATAIDE.

D. GOTTERRES — Mal o haja vossa toberdia; [*para D. Pedro*] parece quereis deixar perder todas as occasiões... se fossseis mais resolutos teríeis morto ElRei... [*com despeito*].

D. PEDRO D'ATAIDE [*com despeito*] — Sou fro agora vossas palavras... mas impunemente as não dissereis se...

PERO [*accommodando os*] — E quereis vós brigar agora?

FERNÃO DA SILVEIRA — ElRei esteve falando em voz baixa com o camareiro, e o capitão da guarda; quem sabe se desconfia de nós...? quem sabe o que lhes diria?

D. GOTTERRES — Talvez D. Fernando de Menezes nos denunciasse... bem fazia eu em querer que elle ficasse em refens.

FERNÃO DA SILVEIRA — Não é tempo agora de vans lamentações... ou ElRei ha-de ser morto hoje, ou amanhã o seremos nós.

D. PEDRO D'ATAIDE — Hoje é impossivel; quando ElRei dá as boas noites é signal que se recolhe á sua camara.

FERNÃO DA SILVEIRA — Ficae vós então... eu conheço ElRei; seu escrivão da puridade, tenbo estudado os seus modos; e a maneira porque elle perguntou por D. Vasco... dá-me a entender sabe já da conjuração...

D. GOTTERRES — E que intentaes fazer agora?

FERNÃO DA SILVEIRA — Pôr-me a salvo da cólera d'ElRei, sahindo de seus estados.

D. PEDRO — E' intuitiva para onde quer que fujaes, elle vos alcançará com sua vingança... olhae o que elle fezit aos maginheiros que foram pedir serviço á Castella; lá mesmo foram mortos.

D. GOTTERRES [escutando] — Mudemos de conversação; alguém sinto encaminhar-se para aqui. E' o Bispo D. Garcia... elle nos dirá o que devemos fazer.

ACORDAÇÃO. — SCENA 7.ª

PERO D'ALBUQUERQUE, D. GOTTERRES, BISPO [pela segunda porta da direita].

PERO D'ALBUQUERQUE, D. GOTTERRES, BISPO [pela segunda porta da direita] — FERNÃO DA SILVEIRA, E D. PEDRO D'ATAIDE, sempre [os outros entram].

BISPO [impaciente e colérico] — Então, Senhores, ainda não vistes ElRei?

D. GOTTERRES — Já esteve aqui; as portas estavam guardadas por nós... entrou pela que D. Pedro defendia... porém faltou-lhe o animo...

D. PEDRO — Ainda lhe segurei no braço, mas

foi tal a destreza com que se livrou, que não pude feri-lo.

BISPO [ralérco.] — E porque não atacastes d'improvizo, o fôra impossivel defender-se.

FERNÃO DA SILVEIRA — Com elle estavam Fernão Martins Mascarenhas, e Antão de Faria; quando iam os a acometê-los, vieram luzes... era impossivel... defender-se-hia n... o ruido nos denunciaria... ficaria malogrado nosso intento...

D. GOTTERRES — E se hoje mesmo não matarmos ElRei, Fernão da Silveira, quer fugir para fora do reino.

BISPO (com menentoria.) — No estado em que está a conspiração é impossivel retroceder. (pensando) O Duque ainda não fallou a ElRei... e elle mandou chamal-o... será elle quem dê fim á empreza... a distancia que o separa do throno é curta, o comprimento do ferro do seu punhal: não quererá perder o ensejo. Tratarão do cazamento com a Infanta D. Joanna... estarão sós.

FERNÃO DA SILVEIRA — Mas ElRei é esforcado... e o Duque...

BISPO — Ao seu proprio valor deverá a coroa. Ide vós tomar todas as entradas do Paço... faremos acreditar que ElRei foi morto por algum dos seus privados... os nossos desarmarão a guarda...

PERO D'ALBUQUERQUE — Os criados do Duque; e os de meu irmão, o Conde de Penamacor, estão nas vizinhanças... vou ter com elles... vós com os vossos... partamos em quanto é tempo. (sahe todos pela segunda porta da direita).

# SCENA 8.

DIOGO TINOCO (disfarçado no habito de frade franciscano) — e ANTÃO DE FARIA (ambos pela porta primeira da esquerda).

ANTÃO — ElRei está prevenido; quer falar-vos; esperae aqui por elle; eu vou chamal-o. (sahe pela segunda porta da esquerda).

DIOGO (com expressão de vingança.) — Sim...



vou denunciar-o... satisfarei minha vingança... não lhe valerá ser nobre... ser Bispo... o algôz fará correr o seu sangue no patíbulo... e eu terei o prazer de o vêr derramar... ouvirei os pregões que amaldiçoarão a sua memoria .. Infame...! encobria a sua torpeza com o manto da virtude... e sua ambição com a espá do amor da patria... E minha irman? não, já não é minha irman; seduzida por elle !!! o ferrete da deshonra manchou nossa familia .. que so com o sangue dos culpados pôde lavar-se. Mas elle é ungido do Senhor, se o eu matasse fora chamado sacrilego, julgado como tal... ElRei me viará... querem tirar-lhe a vida... Este disfarce não deixa conhecer-me; e se o manto da religião cobriu e protegeu o crime, elle será o instrumento do seu castigo...

### SCENA 9.ª

DIOGO; o REI, e ANTAÕ (*pela segunda porta da esquerda*).

REI [*ao entrar, para Antão*] — Fez as portas, e retirae-vos. (*Antão feza as portas, e sahe pela segunda da esquerda*).

REI — Estamos sós... podeis revelar-me o plano dos conjurados. Quem sois vós?

DIOGO — Diogo Timoco, fidalgo, criado do Bispo d'Evora, e da Guarda, D. Garcia de Menezes.

REI — E qual terrivel segredo tendes a revelar-me?

DIOGO — Senhor... querem hoje assassinar-vos.

REI — E quem são os conspirados?

DIOGO — D. Gotterres Coitinho...

REI (*interrompendo-o*) — Ingrato...! dei-lhe ainda ha pouco a commenda de Cezimbra...! já vejo a razão por que D. Vasco não quiz dizer-me o nome dos traidores... seu irmão era um delles...! Quem são os outros?...

DIOGO — Pêro d'Albuquerque...

REI — Dei-lhe a Alcaidaria do Sabugal !!... quem são os mais...??

DIOGO — O Conde de Penamacôr ; D. Alvaro, e D. Pedro d'Ataide... Fernão da Silveira...

REI — Fernão da Silveira !!! o meu Escrivão da puridade !! continuai... trêmo d'ouvir os outros nomes.

DIOGO — O Duque de Viseu, e e...

REI ( *interrompendo-o* ) — O Duque !!! meu cunhado, e primo !!! quer subir ao throno por cima do meu cadáver, e do de meu filho !.., tem fresco ainda o exemplo, e feliz resultado da conjuração de Ricardo 3.<sup>o</sup> contra o infeliz Eduardo d'Inglaterra... e seus filhos !! quer como elle... assassinar o irmão... e o sobrinho !! [ *com mágoa* ] E tinha-o mandado chamar a Palméla, para o cazar com minha irmã... ! agasalhava no seio a vibora que devia matar-me... ! Mas como o sabeis vós ??...

DIOGO — Por o Bispo d'Evora... seu conselheiro... que o incita á vossa morte... e dirige a conspiração contra Vossa Alteza. ( *com a expressão de vingança* )

REI [ *com magestade, e admiração* ] — O Bispo d'Evora ! o prelado mais poderoso de meus reinos ! o homem de letras mais distincto das Hespanhas ! esforçado no campo, sabio no conselho... ! ministro de um Deos de páz excita ás sedições, á traição, ao assassinio !!! e para que ? para se livrar de mim, que não sou capaz de consentir, que os direitos de minha coroa sejam usurpados, pelos nobres altivos de seu poder ; pelo clero orgulhozo, e rico, ufano de sua influencia ; que despreza a sua missão evangelica, para se intrometter nas cousas da terra... que debaixo do capcioso pretexto de suas immuniades quer dispôr a seu sabor de tudo !! querem um rei feito por elles, que lhes deva a sua autoridade, para tyranizarem os povos... !

DIOGO — Tomai, Senhor, todas as cautélas... aliás sereis morto.

REI [ *com magestade* ] — *Pola grey, e pola lei*, é a minha empresa. *¿ E se Deus é por mim, quem será contra mim ?* [\*] ( *reflectindo* ) Que provas tendes a produzir contra aquelles que accusais ? ?

---

(\*) *Pro grege, et lege, é o moto de D. João 2.<sup>o</sup>*

**DIOGO** — Ouvi seus planos... o Bispo fez-lhe subedor delles... e offereço a minha cabeça em utilidade da minha verdade. Mandai confessar-lhes... e a terra só dos teus, os fará dizer o seu crime.

**REI** — E quem vos moveu a denunciar os culpados? vosso amo?

**DIOGO** [com expressão de vingança] — A minha honra...

**REI** (dando-lhe a mão a beijar) — Não me chamareis ingrato; em quanto viva, tenho uma terra de seis centos mil reis: e Antão de Faria vive da minha parte, cinco mil cruzados em ouro.

**DIOGO** (agradecendo, mas com despeito) — Não foi a esperança do prêmio quem moveu a minha accusação: mas o desejo de ver perdido, quem abusa da lei divina, e humana.

**REI** — Chamai Antão de Faria, que está na minha guarda roupa; e esperai ali por mim. (sai Diogo pela segunda porta da esquerda).

#### SCENA 10.

**REI**, e depois **ANTAÕ DE FARIA** (pela segunda porta da esquerda).

**REI** (senta-se ao pé da meza; triste) — E ha quem dezeje o throno!! quem inveje a sorte de um monarcha!! só vêem a pompa que o cerca... os cortejões que o lisongeão... e o poder, que todos ambicionão...! embora os degrãos sejam cadaveres, o estrado seja de sangue, que lhes importa? querem o throno... Cogos...!!! não vêem os espinhos que o rodeão... os cuidados... sustos... receios... ingratidões... e ao cabo a morte por a mão d'um assassino!... um amigo... um irmão é a' mór parte das vezes quem nos crava o punhal, quem nos deita a peçonha no alimento...!! Se quer ser justo, e castiga os culpados, chamão-lhe tyranno... conspirão contra elle... se per-

---

*Si Deus pro nobis, quis contra nos? a inscripção das suas monedas, e que mandou esculpir na esquina do paço de Setubal, onde foi morto o Duque de Viseu.*

duas, chapam-lhe tímido, e a impunidade anima os malfeitores. Mesquinha condição! Assassina do rei (sic *renata*, e *menecorio*) e por quem? por esses a quem tenho feito mais favores, por esses, que me juraram fidelidade e amor. Querem como reis governar as suas terras, sem darem contas dos seus abusos... vexar os povos que lhe estão sujeitos; e temem, que as minhas justicias os protejam contra suas tyrannias... não o conseguirão (com *altivez*).

ANTAQ. (pela segunda porta da esquerda) — No gabinete ao pé da guarda-roupa de Vossa Alteza ficaram Diogo Tinoco, Lopo Mendes do Rio, Diogo d'Azambuja, e D. Pedro d'Eca. O capitão da guarda cumprio as vossas ordens: as portas da villa estão fechadas; os alabardeiros precavidos...

REI — Porem que tudo se faça com a maior cautela, e segredo... os conjurados estão no paco... e foi a providencia, quem ha pouco me salvou das mãos de D. Pedro d'Ataide. (meditando) Mas a denuncia de Tinoco só não basta... mandae chamar D. Vasco, irmão de D. Gotterres, o seu depoimento junto ao de Tinoco fará prova maior.

ANTAQ. — Gonçalo de Rezende, criado de D. Gotterres, está no quarto de um dos pagens de Vossa Alteza, o seu depoimento pode ser util.

REI — Ouvi-lhe tambem: confrontarei os seus ditos. Ide ao quarto da Rainha, chamae o Duque de Viseu: quero falar-lhe.

ANTAQ. (com respeito) — A sós com Vossa Alteza... não ousa arrisqueis, Senhor!

REI (com magestade, levantando-se) — Quem teme não é capaz de ser Rei... eu não sei temer. Ide... (pela segunda porta da esquerda: Antão pela segunda da direita).

SCENA II

O Bispo, e o Duque. — (pela segunda porta da direita)

BISPO (aniquilando-o) — Nada receeis... foi El-Rei quem mandou chamar-vos... o camareiro vol-o a

caba de dizer... estareis a sós com elle... tudo está disposto... de vós depende agora o ser Rei.

DUQUE ( *irresoluto* ) — Confesso-vos , D. Garcia , que no momento da execução o braço treme... tenho o coração agitado... um pressentimento fatal... ao sahir do meu quarto em Palmella dei uma pancada na cabeça; a Senhora Infanta, minha mãe-, pedio-me não viesse hoje a Setubal; era mau o agouro... a-lem do agouro , é véspera de S. Bartholomeu...

BISPO — Temores vãos, proprios do vulgo , conservados adrede para exercitarmos a sua credulidade. ( *animando-o* ) Mas vós deveis desprezar taes abusos. ( *o Duque mostra impaciencia* ) E se vós acreditaeis nelles , não vos disse aquelle Astrologo , que serieis Rei ? se tendes fé na astrologia , é agora a occasião de o mostrardes.

DUQUE ( *mais animado* ) — O Astrologo tirando o meu Horoscopo , e o d'ElRei ; depois de ter calculado a conjuncção dos planetas que nos dominam , fez esta profecia “ O sangue do néto de ,, Dom Duarte correrá por mãos do néto do mesmo ,, Rei; o néto de D. Affonso 5.º morrerá morte arrebatada; a corôa passará á linha immediata ” Estas são formaes palavras.

BISPO ( *persuadindo-o* ) — Sois vós quem a profecia designa claramente... néto de D. Duarte... mataes ElRei que é néto de D. Duarte tambem... o Principe é o néto d'Affonso 5.º morrerá morte arrebatada, nós lha daremos... a corôa de Portugal passará á linha immediata.. a vós , a quem de direito compete, pela morte d'ambos.

DUQUE ( *irresoluto* ) — Tendes razão... mas não sei expressar-vos o que sinto... quizera differir a empreza para outro dia...

BISPO ( *com intimativa* ) — E quereis ver ámanhan erguido o cadafalço ??

DUQUE ( *com energia* ) — Não... essa palavra só , fez renascer em mim toda a sede da vingança... deu ao meu coração o valor necessario para sacia-la... ( *tirando o punhal* ) e ao meu braço a força para feri-la... morrerá ás minhas mãos... eu cingirei a sua corôa... o mundo me applaudirá... como costuma fa-

zer ás grandes virtudes, aos grandes crimes... [*embainha o punhal*].

BISPO. — Vou agora, descansado... ElRei traz cota de malha debaixo dos vestidos... cravae o punhal no pescoço... não achareis resistencia. Adeus Senhor... [*sai pela segunda porta da direita*].

SCENA 12.

O DUQUE, e depois o Rei (*pela segunda porta da esquerda*).

DUQUE (*pensativo*) — A minha sorte depende do valor do meu braço... amanhã... ou terei a corôa... ou o patíbulo (*trovões ao longe*) Ouvem-se trovões ao longe... é um signal mais, que os astros me protegem (*ouvem-se mais trovões*) A trovoadá cresce... (*chega ao pé da janella do fundo, um relampago o fuscina*) Meu Deus! que terrivel clarão fascinou meus olhos!... parecia que uma fita de fogo nos queimava... funesto presagio... aquella janella é aziaga... (*tomando valor*) Agora... não posso vacillar... se o não mato... morrerei... (*com temor*) Sinto ruido... é elle...

REI (*com magestade*) — Folgo ver-vos esta noite ainda.

DUQUE — Venho receber as ordens de vossa Alteza. (*beija a mão a ElRei; á parte*) Falta-me o animo.....

REI — Queria tratar convosco negocios de vosso, e meu interesse... Sois solteiro, Principe, senhor de grandes estados; convem fixar vossa escolha. A Infante minha filha é formosa, vossa prima, conviria a ambos o casamento.

DUQUE (*hesitando*) — Senhor...

REI — Sei que ElRei Fernando de Castella vos quer casar com D. Joanna sua filha... porém a Infante é partido melhor... é legitima; darvos-ha o direito de succeder na corôa... a de Castella é bastarda, excluida por tanto da successão.

DUQUE (*confuso*) — Dezejo condescender em tudo com a vontade de vossa Alteza...

REI — Mostro assim que vos quero fazer merecer...

DUQUE ( *hesitando* ) — Peço porém me deis licença, para consultar a senhora Infante minha mãe.

REI — Eu mesmo lhe farei saber o resultado da nossa conferência. (*ouem-se trovões*) Grande trovoadá está imminente (*chega á janella*) E' uma scena espantosa, e terrivel. Duque, vede como o ar está carregado.

DUQUE (*indo á janella, e com temor*) — E' uma noite horrorosa... faz tremer o coração mais atrevido.

REI — E' um signal da colera de Deus.

DUQUE — Porém tanto soffrem os culpados, como os innocentes...

REI (*com gravidade*) — Na presença de Deus, quem ousará dizer-se justo? E se alguém vos offendesse, o que farieis?

DUQUE (*hesitando*) — Castigava-o...

REI — E se alguém vos quizesse matar?

DUQUE (*tirando o punhal para matar El-Rei*) *Matho na en' prímetro...*

REI (*segurando-lhe o braço do punhal com a mão esquerda, e ferindo-o com o seu*) *Tu mesmo te condemnaste.*

DUQUE (*caid' ao pé da janella*) — Meu Deus!... eu morro!!!

### SCENA 13.

ANTÃO DE FARIA, D. PEDRO D'EÇA, LOPO MENDES, AZAMBUJA, E DIOGO PINOCO. (*pela segunda porta da esquerda*) REI; (*no meio do theatro*) depois FERNÃO MARTINS E O BISPO. (*pela segunda porta da direita*).

REI (*com dignidade, para os cavalleiros*) — O Duque de Vizeu quiz assassinar-me; usei do direito natural a todos os homens, defendi-me... foi elle quem proferio a sua sentença. (*para um dos cavalleiros*) Lançae umpanco sobre o seu cadaver. A'manha serão julgados os seus cumplices.

~~BISPO (com despeto para o Bispo) — Não vejo o~~  
Duque !? que me quererá ElRei... ??

REI (com despeto para o Bispo) — Estaes distrahido... procuraes talvez o ~~duque~~

BISPO (disfarçando) — Cuidei que estaria com Vossa Alteza...

REI (apontando para o cadaver) — Agora podeis (\*\* ) beijar a mão ao vosso Rei.

BISPO (vendo o cadaver; horrorizado) — Assasinado !! .

REI — Fostes vós que o incitastes ao crime ... tereis o castigo que merecem os traidores ....

BISPO (com altivez) — Vós não podeis julgar-me... sou príncipe da Igreja... apelo para Roma...

REI (com majestade) — Não posso apelar para a Igreja... Fostes vós que o incitastes ao crime ... tereis o castigo que merecem os traidores ....

BISPO D. Garcia ao castelo de Palmela... Diogo (baixo a ElRei) — Para Palmela...

REI (baixo a Diogo) — E vós guardareis o prezo. ( Diogo Tinoco mostra prazer feroz no rosto )

O Bispo, O Duque, o cadaver do Duque.

Diogo Tinoco ao cadaver do Duque.

Diogo Tinoco ao cadaver do Duque.

Diogo Tinoco ao cadaver do Duque.

Diogo Tinoco ao cadaver do Duque.

Diogo Tinoco ao cadaver do Duque.

Diogo Tinoco ao cadaver do Duque.

Diogo Tinoco ao cadaver do Duque.

Diogo Tinoco ao cadaver do Duque.

Diogo Tinoco ao cadaver do Duque.

Diogo Tinoco ao cadaver do Duque.

Diogo Tinoco ao cadaver do Duque.



## DIOGO TINOCO

### ACTO 3.º

#### SCENA 1.ª

*Vista do interior da cisterna de Palmella; o theatro está allumiado pela frôuxa luz de uma alampada; uma pedra comprida serve de leito ao Bispo, collocada ao lado esquerdo da scena. E' alta noite; a 26 de Agosto de 1484.*

O BISPO, *(deitado sobre a pedra, dormindo, mas agitado por sonhas terriveis)* — E O CARCEREIRO *(entrando pelo fundo, que é o arco da aboboda da cisterna, com uma lanterna na mão)*...

CARCEREIRO *(olhando para o Bispo, com piedade)* — O Senhor Bispo d'Evora na cisterna de Palmella! quando pensára elle que a tal extremo chegaria!.

BISPO *(sonhando)* — Margarida ...! és tu ...! és tu que vens salvar-me ...?

CARCEREIRO — Está sonhando .... mas como sua voz está fraca ...! como estão demudadas suas feições ....

BISPO *(sonhando; com voz terrivel)* — Meu irmão!.. foi meu irmão ..!

CARCEREIRO — Fala no seu irmão ... ainda não sabe a sua sorte ...!

BISPO *(sonhando; com voz terrivel)* — Foi elle o delator ...! *(acordando)* O delator foi elle ...! *(com raiva)* E não prevenir a traição que me preparava, eu o teria feito calar para sempre... *(senta-se)*.

CARCEREIRO *(com piedade e respeito)* — Senhor...!

**BISPO** (*levantando-se arrebatadamente*) — Quem és tu? algum assassino...? Não penses que meus braços perderam já todo o seu vigor!... procura a hora em que estiver dormindo; assassina-me então...

**CARCEREIRO** — E não dormeis vós ainda ha pouco...?

**BISPO** — Tens razão... mas quem és tu?

**CARCEREIRO** — Um dos guardas da prisão...

**BISPO** — Ha tres dias, é a tua voz a primeira que fere meus ouvidos...

**CARCEREIRO** — Não tem permitido a ninguém que venha ver-vos — e eu fui mandado examinar se ainda viveis...

**BISPO** (*cheio de fúor*) — Malvados...! Querem que eu morra lentamente abandonado por todos...

**CARCEREIRO** — Deus não vos abandonará...

**BISPO** (*com remorsos*) — Eu desprezei as suas preceitos... e elle se esqueceu de mim... (*para o Carcereiro*) como te chamam...?

**CARCEREIRO** — Pero, Fernandes.

**BISPO** (*reflectindo*) — Foste soldado?

**CARCEREIRO** — Senhor, sim: fôra por morto no campo da batalha em Touro... nós passastes e ouvistes um gemido... e vendo que dava sinais de vida, mandastes tratar de mim... agora sou da guarda d'El-Rei, sou dos ginetes.

**BISPO** (*cobrando esperança*) — Perço, tu, podes salvar-me... és guarda da prisão... fugirás comigo... nada tens a recear...

**CARCEREIRO** — E' impossivel.. são muitos os guardas do castello, as portas estão fechadas, como se o inimigo o cercasse...

**BISPO** (*desesperado*) — E ficarei aqui por toda a eternidade...

**CARCEREIRO** — Quando desci agora fui palpado, para verem não vos trouxeste alguma cousa...

**BISPO** — O Duque foi mais feliz... uma palhçada no coração... e a morte... Pero, se a lembrança do bem que alguma hora pôdes fazer-te... e a esperança de grande recompensa... podem contigo alguma cousa... se és christão, lembra-te da preceito do Senhor... dá de comer a quem tem fome...

de de beber e quem tem sede... que eu tres dias ha,  
que sou como quem bebo...  
Sod CARREIREIRO: Quer a fazer a diligencia...  
ainda que arrisque a vida... eu vou traabi alguma coisa...  
Falei pelo fúndio... com M... CARREIREIRO



SCENA 5.<sup>a</sup>

Diego, e o Bispo.

**BISPO** (*á parte*) — Eu conheço esta voz... o meu coração palpitou com mais força ao ouvi-la... (*alto*) Creio conhecer-vos....+ qué mal recebestes de mim, para não terdes piedade comigo..? livrae-me desta prisão.... dar-vos-hei tudo que posso... vireis comigo para Roma... lá estaremos a coberto das perseguições d'ElRei... Meus parentes... meus amigos dar-vos-hão meios de fretar uma embarcação em que fujamos...

**DIOGO** (*com maldade*) — Vossos parentes... vossos amigos, de nada podem servir agora...

**BISPO** — Porque?... Conde de Penamacor....

**DIOGO** [*no mesmo tom*] — Fugio...

**BISPO** — E seu irmão Pero d'Albuquerque.....?

**DIOGO** — Está preso... e o seu processo começado...

**BISPO** — D. Gotterres Continho?

**DIOGO** — No Castello d'Aviz.

**BISPO** — Fernão da Silveira, D. Pedro d'Astaide...

**DIOGO** — Fernão da Silveira fugio... D. Pedro d'Astaide foi condemnado á morte...

**BISPO** (*aterrado*) — Já não pergunto pelos mais.... a fuga... a prisão... a morte... porem vós podeis salvar-me...

**DIOGO** (*com expressão de vingança*) — E que-reis vós de-vos-me a liberdade...? a mim?

**BISPO** (*com esperança*) — Chamar-vos-hia o meu libertador... beijar-vos-hia as mãos...

**DIOGO** (*dando-se á conhecer*)

**BISPO** (*como despertando de um sonho terrivel*) — Diego Tinoco... vós o Alcaide do Castello...! (*com pranto*) porque me não dissestes logo...? Diego... saí-amos daqui.....

**DIOGO** (*com maldade*) — Vós aqui ficareis para sempre...

**BISPO** (*atufefacto*) — Para sempre...! e vós não quereis salvar-me...!?

**DIOGO** (*com sorriso infernal*) — Estaes debai-

xô do meu poder; e fazei-vos-hei sentir todo o peso de minha vingança...

**BISPO** (*stupefacto*) — Ingrato, que mal vos fiz...!?...

**DIOGO** (*com furor*) — E ainda o perguntaes...? Em paga de meus serviços... seduzistes minha irmã...! deshonrastes a minha família... e ainda me perguntaes o mal que me fizestes...!? Não vos podia cravar um punhal no peito... ereis Bispo... disfarçado no habito de S. Francisco, denunciei-vos... vi a morte do Duque... e agora o vosso destino depende do meu alvitre.

**BISPO** (*aterrado*) — E quereis vós ser culpado da minha morte....?

**DIOGO** (*com vingança*) — E' a justa punição de vossos crimes, a recompensa de vossa perversidade...

**BISPO** (*querendo lançar-se a Diogo, elle tira um punhal; o Bispo recua, e pára*) — Maldita seja a fraqueza de um corpo, que se nega a satisfazer no teu sangue... a sede que me devora... e nas tuas carnes a fôrça que me consumiu as forças...

**DIOGO** (*com expressão do prazer da vingança*) — Ellas se desfinharão pouco a pouco... e vós tereis lugar d'arrepender-vos.... (*com ironia*). (*sahi pelo fundo*).

## SCENA 6.

**Bispo só.**

Arrepender-me...!? nunca...! (*com raiva*) Sim eu me arrependo de o não ter suffocado nos meus braços... (*com vergonha*) E' recuei diante do meu punhal... fugi... tremi como um cobarde... se me cravasse no peito, fora mercê para mim, deixava de pensar... O que é o homem...? mistura de fraqueza, e força, de valor, e cebardia...! E para que hei-de dezerjar a existencia...? para lhes dar o prazer de verem meus tormentos...! se uma mão caritativa abreviasse as horas do meu padecer...! mas são tão barbaros que nem esse favor querem fazer-me....! (*com*

remarças). A maldição de Deus peza sobre minha cabeça...! foi a vara de sua justiça quem me feriu... as remorsos, ralas, minha alma... e o fogo da vingança lavra no meu coração ainda... as esperanças da terra fenderam... E, como posso esperar (se) do céu?? (sentando-se abatido). Choro de orações como gizzarei imploro a misericórdia de Deus... (como sentindo dores internas). Um fogo abrasador me devora as entranhas... e o frio, talvez da morte, faz tremer o meu corpo... (foca abutido, com as mãos firmes na cabeça)... nem do abraço, outal... o fogo... ..

## SCENA 7.

Alguns dias antes do fim — (abertura). 09218  
MARIA (pelo fundo) E... o Bispo.

MARIA (entrando) — Terrível solidão...! carcere horrendo...!! (vendo o Bispo) Fui eu quem foi a causa de seus males... e a minha fatal... regou meus olhos... (chegando mais perto). Senhor...

BISPO (vendo-a) — Mas... não venhaes: perturbar os últimos momentos de um desgraçado...! deixae-me em paz... e perdoae-me...

MARIA (ajoelhando) — A culpada sou eu...! Senhor, vingae... eu que vos delatei a meu sobrinho...! fascinada pelo ciúme... desejosa de singar-me...

BISPO -- Erguei-vos... e deixae-me....

MARIA (com interesse) -- Fugi, senhor, destes lugares... (esquecendo-se) Vinde... vinde comigo... auxiliado pelo guarda podereis fugir... algum dos vossos amigos vos dará azilo, em quanto não podeis sahir do reino... com segurança...

BISPO (com expenencia) -- Maria... a minha gratidão será eterna... quando todos me abandonaram, vós não me esquestes... (levantando-se para segui-la) A força não abandonarei... não posso sahir daqui...! a exatidão da fraqueza não podem subir aquelles degraus... (sentando-se) deixae-me... fui ministro indigne de Deus... qui trahon do meu Rei... ingratos para com vós... infelizes... todos os meus deveres...

MARIA (cheio de remorso) -- Senhor... abraçai-me... (effeito) Eu preciso de culpada da sua mor-

te...? cobrai alento... ganhareis forças... salareis da-  
qui!!!

**BISPO** (com delírio) B poderei vingar-me...  
(tornando a si) A minha razão delirou... dá-me a  
morte... Hyrae-me dos tormentos que me davoram...  
que as dores que eu soffro são insuportaveis...

**MARIA** — Não... não morrereis... hei-de salvar-  
vos... (sahe apressada pelo fundo)

**SCENA 8.**

**Bispo** só

— E ainda não findaram minhas penas... o debil  
fio que me prende a vida, não se quebrou ainda...

Margarida!! tu não ouvirás os meus suspiros... não  
eu tornarei a ver-te... a morte, e a escuridão da  
campa embaciaram meus olhos... (com remorsos) E a  
minha alma...? (com terror) O meu Deus!! dá-me  
força para vos pedir perdão... eu fui bem criminoso...  
e ainda sou agora... uma hora de contrição expia  
séculos de crimes... os meus são muitos... mas a boni-  
dade de Deus é infinita... Nesta hora horrenda a  
alma do perverso quebra a alteza orgulhosa do  
ante a presença de um Deus que vai pedir-lhe stan-  
tas... quem ousará erguer a voz...? Poderia hontem  
dizer no meio dos banquetes, me' das orgias noctur-  
nas = não ha Deus = mas na hora do passamento,  
quando a morte lhe acena com a mão destichada, e  
fria... o ather conhece a miseria de sua alma... a  
pequenez de seu coração... eu sinto agora... (usa  
as mãos, como estando em oração mental)!!!

**SCENA 9.**

**Margarida, Carcereiro, e o Bispo**

**MARGARIDA, CARCEREIRO, e o Bispo**

**CARCEREIRO** (para Margarida no fundo do  
theatro): Demorentos-nos pouco tempo, o Alcaide  
pode vir... e se nos colhe estamos perdidos...

**MARGARIDA** (para o Carcereiro): Não ten-  
des todo o meu dinheiro... (dando-lhe uma bolsa)  
Elle será mais generoso para convosco.



**BISPO** (*sentindo gente*) — Maria...! (*olhando, e vendo Margarida*) Margarida!... sois vós...? ou será a última illusão da vida...?

**MARGARIDA** — Não, senhor... não é illusão... vimós salvar-vos... não percamos um só instante—

**BISPO** (*força-se por se levantar*) — Já não posso levantar-me... ajudas-me... (*Margarida do lado direito, o Carcereiro do lado esquerdo ajudam o Bispo a levantar se*).

**MARGARIDA** — Segurae-vos ao meu braço, vede se podeis caminhar....

**BISPO** [*fazendo esforços para andar, não pode*] — Però, Margarida... é inutil vossa compaixão... já não posso... não tenho forças.... [*volta a sentar-se*] Però afastae-vos, quero dizer a esta donzella as minhas ultimas disposições... [*O carcereiro retira-se pelo fundo do theatro*]

**MARGARIDA** [*com afflicção*] — Talvez descançando alguns instantes ganheis mais força.

**BISPO** (*com desengano*) — E' escusado esperar... sinto o frio percursor da morte.... Margarida... disse a vosso irmão que eu lhe perdoo... assim Deus perdoo a minha alma... julgava que vós ereis culpada... eu fui o instrumento da colera de Deus... disse a meu irmão....

**MARGARIDA** (*com magua*) — A vosso irmão!!! já morreu...

**BISPO** (*cachindo em si*) — Já morreu...!!!

**MARGARIDA** — Por não vos querer atrainçar, nem a El Rei, expirou no cadafalso....

**BISPO** (*com remorsos*) — E no meu delirio infernal, dezejava a sua morte...! para mim não pode haver salvação...as penas eternas me esperam... como justo castigo de meus crimes... Margarida...! orae a Deus por mim.... vossas preces chegarão aos pés do Todo poderoso... elle as ouvirá.... e terá compaixão da minha alma.... (*com remorsos*). Orae a Deus por mim... e não me abandoneis na hora terrivel da morte....

**MARGARIDA** (*commovida*) — Eu queria n'um mosteiro passar meus dias, para fugir de vós... alli

pedirei por vós a Deus... e minhas lágrimas alcan-  
çarão misericórdia... — (cobrindo o rosto) —

SCENA 10.ª

MARIA, MARGARIDA, e o BISPO.

MARIA (entrando com um vazo d'agoa, e um cabaz, vê Margarida; e com furor, á parte)—Que vejo...? Margarida...! (pouza o cabaz).

BISPO — Sinto os labios como carvões acce-  
zados... ah! eu! deita os risos da existência por uma  
sede d'agoa....

MARGARIDA (afflicta) — Meu Deus! onde  
busca-la...?

MARIA (com expressão diabolica; lançando ve-  
neno no vazo) — Aqui a tens .... eu a trazia para  
meu amo.... dada por ti ser-lhe-ha mais agradavel...

BISPO (agonisante) — Margarida.... agoa.....

MARGARIDA (chegando lhe o vazo aos beiços)—  
Aqui a tendes, Senhor...

BISPO (bebe a custo alguns golos d'agoa)— E'  
a minha ultima bebida ... o céu acabe meus tor-  
mentos....

MARIA (com expressão de vingança) — Elles  
não durarão muito... era veneno...

MARGARIDA (horrorisada) — Veneno .. e  
fui eu que lhe dei a morte...!

BISPO (atirando o vazo ao chão) — Margari-  
da... vós não tendes culpa... Maria eu vos perdão...  
abreviastes meus tormentos....

SCENA 11.ª

MARIA, MARGARIDA, DIOGO, e o BISPO.

MARIA (caindo em si) — O que fiz eu? (hor-  
rorisada) Assasinei-o....

DIOGO (entrando, vê Margarida, corre para  
ella com o punhal na mão)—Margarida...! tu aqui...!!  
inorrerás aos pés do seductor... (Margarida ainella  
aos pés de Diogo, com ar supplicante, elle fere-a,  
ella cahe):

MARGARIDA (expirando) — Meu irmão!

BISPO (expirando) — Estava sim nascentes...

MARIA — E eu fui a culpada... (ajoelhando aos pés de Diogo).

DIOGO (repellindo-a com horror; atira com o pinhal ao chão) — Fratricida! O rosto de Caim, está no meu rosto. (em acção de desesperação).

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV

ACTO V

ACTO VI

ACTO VII

ACTO VIII

ACTO IX

ACTO X

ACTO XI

ACTO XII

ACTO XIII

ACTO XIV

ACTO XV

ACTO XVI

ACTO XVII

ACTO XVIII

ACTO XIX

ACTO XX

---

# DONA

MARIA TELLES DE MENEZES.

ROMANCE HISTORICO

Com grande satisfação offerecemos neste numero a nossos leitores o bello Romance historico com que nosso amigo nos brinda; o joven author, procurando seguir o estilo, e versificação propria deste genero de poesia, não só deu uma exuberante prova de seu talento, mas até de sua instrucção, seguindo com fino tacto, e em bella dicção a verdade historica, com quanta exactidão a referem os nossos Chronistas e Cla-sicos. Já mais d'uma vez temos dito que este genero é por certo mui proprio para vulgarisar os acontecimentos mais notaveis em que nossa historia abunda, unindo o util ao delectoso. Outro nosso Amigo já encetou esta carreira com grande vantagem; um e outro offerecem uma indubitavel prova da tendencia de seus talentos para este genero de poesia historica, e seria de grande vantagem nacional, que continuassem a empregar-o para tratar outros igualmente interessantes assumptos: é pois com grande prazer nosso que lhe damos o testemunho de nossa gratidão, e de agradecimento em nome do publico litterato, esperando que prosigam na encetada carreira.

---

# DONA

MARIA TELLES DE MENEZES.

*Fizeste-me chorar .....  
Com nova magoa, nova saudade  
A dor que eu cá chorava .....*

( CARTAS DE PERO D'ANDRADE. )

## CANTO PRIMEIRO.

Conham mil e trezentos,  
Setenta e sete também,  
Anos assim já passados  
Dera que correndo vem :  
Stavam nos Paços d'Almada.  
Lianén, e o seu Fernando ;  
E elleco d'ella captivo,  
Do reino lhe esquece o mando :  
Quem pra mandar só nasceu ,  
Ora mandado se vê,  
Descuve os vozes do povo,  
De razões boas descêr,  
Que mór bem é enganado  
Viver a vida contente ;  
Que de tristuras cercado,  
Ter o mal sempre prezente.  
Neste tempo pois, um dia  
Do Rei dous Pagens estavam  
Recostados na muralha,  
D'onde em frente o rio olhavam.  
Attentando um pouco, vlrã  
Que já do esteiro d'além,  
Bem destramente equipado,

Para aqui nin' barco vem  
Apoz este outros partiam  
Do vento empavonados,  
Com gallardia seguíam  
Mui ricamente toldados.  
„ Trazem Donas, e donzellas,  
„ Vem Pagens, e Cavalheiros!  
„ Pode ser que de romagem,  
„ Venham estes viandeiros?  
Assim um d'elles dizia,  
Mas o outro lh'o negava,  
— Não são rómeiros por certo —  
Afincado elle affirmava;  
E quando assim fallava,  
Na praia os barcos surgiam,  
E sendo mais cerca d'elles,  
Que bem os rostos se viam;  
= Bem verdade tu dizias; =  
— Não — o outro lhe respondeu  
Não são por certo rómeiros,  
Ora quem seja sei eu:  
Não reparas tu na Dona  
No melhor lugar sentada,  
Que tão formosa, e moça,  
De triste dô vem trajada?  
Se não é vista enganada  
De meus olhos esta minha,  
Agora mui bem conheço,  
A irman ser d'a Rainha.  
Dona Maria é seu nome,  
E' Telles seu appellido;  
Alvaro Dias, já morto,  
Dizem que foi seu marido.  
E rogando-lhe segredo,  
Como tal caso pedis  
Com fallar mui resguardado,  
No seu contar proseguia:  
Parece que El-Rei Dom Pedro,  
No fim já do seu reinado,  
A distraídos amôres,  
Se diz andava ligado;  
E Alvaro Dias, que era

Da terra mui principal,  
 Não só por nobre, mas rico,  
 Abandonou Portugal :  
 Contam que fôra a cauza,  
 Que motivou a fugida,  
 Conversar elle tambem  
 A dama d'ElRei mantida ;  
 E sendo couza sabida,  
 Poz ElRei todo o cuidado,  
 Em ira todo abrasado  
 Para vê-lo castigado :  
 Mas elle mais precatado  
 Se foi da terra fugido,  
 Para não ser maltratado,  
 Ou em tormentos metido :  
 Na vida lá do desterro  
 Hi de todo se finou,  
 E d'esta Dona que chega  
 Somente um filho deixou.  
 E' o seu nome, Dom Lopo,  
 De Christo tem o Mestrado,  
 Tem de linhagem subida  
 De Souzas nome illustrado :  
 Como seus annos são nóvos,  
 E caber não dão ao sizo,  
 Prezando só brincos leves,  
 Que dão lagrimas, ou rizo ;  
 Com razão bem acertada  
 Tem elle a mãe portutora,  
 E de seus bens, e pessoa,  
 Ella só é regedora :  
 Assim pois traz grande caza,  
 Bem como grande senhora,  
 Nem tão luzida vivêra,  
 Se ella mui rica não fôra.  
 Apenas tinham findado,  
 Estas fallas de dizer,  
 A' praia os olhos lançaram  
 Cubiçozos de mais ver.  
 De caminhar começava  
 Uma tão grave companhia,  
 A' Dona todos açatam,

Seja de bem , ou de manha :  
 Aos apozentos reaes  
 Contento se encaminhava ,  
 Já com alegres signaes  
 Dentro a nova se dáva ;  
 Os Pagens n'isto correram  
 Mui prestes , e diligentes ;  
 Vão caminho do Paço ,  
 De tudo ver são contentes.

## CANTO SEGUNDO.

Por matar as saudades ,  
 Que são na ausencia alimento ,  
 E que , lizongeiças sempre ,  
 Nos minoram o tormento ;  
 Vinda das terras da Beira ,  
 Saudosa da irman ver ,  
 A formosa , e gentil Dama  
 Aqui a traz seu prazer :  
 Mui bem lhe quer , sem maldade ,  
 Nem d'ella cuida algum damno ,  
 Por lhe ser tão obrigada  
 Do seu estar tão soberano ;  
 Lianor tão avizada ,  
 Como mulher enganosa ,  
 De ser Rainha soberba ,  
 E na maldade manhosa ,  
 Correndo vem pressurosa ;  
 Nem se detem , ou demora ;  
 E a bella irman abraçando  
 A guia ao Paço onde mora :  
 Bom trato , e bom gazalhado  
 Recebeu n'estes lugares ,  
 Onde alegrias só eram ,  
 Onde havia só folgares ;  
 E poucos dias passados  
 Além , nos Paços d'Almada ,  
 Para a cidade voltaram.  
 Lisboa tão nomeada :  
 Fazem os Reis a pouzada  
 No seu Paço dos Infantes ,



Que junto, 'sta, do Castello;  
 Também da Sé não distantes;  
 A' irman e mais parentes,  
 Que ella consigo trazia,  
 Lianor nos mesmos Paços  
 Como seus os recebia:

Bem sempre, como sabia,  
 A todos mui bem tratava,  
 E por tal modo se havia,  
 Que a ninguem desagradava.

Branda, e toda, foyava  
 Solturas, e ligeireza,  
 E assim mais realçava,  
 Sem mostrar alguma aspereza;

No gallanteio primeira  
 Muito amava os festejos,  
 Livres folias, e danças,  
 Lhe prendem só os desejos.

Assim corriam nos Paços  
 As horas mui lizongueiras,  
 Mas, que, em delicias passadas,  
 São ás vezes, traiçoeiras;

E outras são as primeiras  
 Que nos levam no engano,  
 E sem o sentirmos nos trazem,  
 Entre alegrias, mór dano.

Por est'arte o peito humano  
 Folgando é, deffinhado,  
 E nem do mal se precata,  
 Como deyxera lavizado.

Assim as couzas se passam,  
 Pois que é geral condição,  
 Para uns, tudo ventura,  
 A outros só, perdição.

Nem presta a qualquer a lição,  
 D'alguns feitos já passados,  
 Que vendo o perigo tão perto,  
 Parecem mais descuidados.

Mas se a sorte nos não quer,  
 Nem ao menos nos consente,  
 Que de cuidados izentos,  
 Passemos vida contente.

Quer ser firme neste intento,  
 E não quer firmeza em nada;  
 Não consente á bella dama  
 Da paz a prenda estimada.  
 Telles d'amor deslembra  
 Vivia vida quieta;  
 Se seus agrados lhe esquecem;  
 Sobre os d'outrem não projecta;  
 Mas de repente inquieta  
 Pressente o seu mal nascer;  
 Qu' um irmão d'El-Rei na Corte  
 Veio algum tempo viver.  
 Dom João se chama o Príncipe,  
 D'Ignez e Pedro é nascido;  
 E de seus tristes amores  
 Foi penhor mul' bem querido;  
 De seu Pedro o Rei, e Nume,  
 A bella Castro tivera  
 Este filho bem amado;  
 Depois d'outro elle nascera.  
 De tempo o mais amorozo;  
 O melhor bem n'elle achára;  
 Que no termo das tristezas  
 Com mil lagrimas banhára;  
 Companheiro na desgraça,  
 Pela mãe a Affonso pede;  
 Nada alcançam régoes, graça;  
 E um crime atroz succede.  
 Como pois dizendo ia  
 Neste conto que contava,  
 De que um tanto me esquecia,  
 Pois delle assim me apartava;  
 Stava na Corte o Infante,  
 Mui gentil, e cavalleiro,  
 Em graças mil abonado,  
 E no valor sem parecido.  
 E' de todos estimado,  
 Por brando, e conversavel;  
 Tem o semblante risonho,  
 E' generoso, é affavel;  
 Tendo o tempo decorrido  
 Da sua estada na Corte,

Que por amor tem soffrido :  
 Dom João já attendido  
 Por aquella a quem amava ,  
 Entre fagueiras esp'ranças ,  
 D'amor thezouros mirava .  
 Mas já muito lhe tardava  
 Do bem a realidade ,  
 Pois se a paixão muito cresce ,  
 Muito mais cresce a vontade ;  
 Era sobeja em verdade  
 Uma tamanha tardança ,  
 Q'entre afanozos desejos  
 Lh' o coração triste lança :  
 Dom João já não descança  
 Até que a promessa feita  
 Pela linda, e gentil Dona  
 Lhe não seja satisfeita :  
 Pois que Maria suggeita ,  
 Do amor nos brandos laços ,  
 Quer , mas só por casamento ,  
 Recebe-lo nos seus braços ;  
 Mil projectos se idearam ;  
 Que por bons foram julgados ;  
 Mais bem outros parecendo ,  
 São aquelles desprezados ;  
 Pois que os bens mais desejados ,  
 P'r'as almas ennamoradas ,  
 Ainda que pouco tardem ,  
 São-lhe sempre demorados :  
 A fim de não faltar  
 A certas horas da noute ,  
 Para serem satisfeitas ,  
 Promessas já promettidas :  
 Depois da noute , partidas  
 Em meio as horas que tem ,  
 Dom João ir deve logo  
 Aonde o espera seu bem ;  
 Nem momentos se detem ,  
 As horas são já chegadas ,  
 Alegre , e contente parte  
 Vai de manso nas passadas ,  
 Pois que são horas vedadas

A Dona não percebia ;  
 Qual fosse a sua tenção ;  
 „ E' a vossa gentileza ,  
 „ Que me roub' o coração !  
 Dom João assim fallava ;  
 E com 'stranha turbacão  
 A Dona lhe respondia ;  
 „ E' de loucura esta acção ,  
 „ Mulher formosa , e linda ,  
 O Infante lhe tornava ,  
 „ Não é por certo loucura ,  
 'Elle lhe diz que a amava .  
 „ Ah ! Senhor que allucinado !  
 „ Em tamanho vosso engano !  
 „ Me procuraes a desgraça ,  
 „ E me trazéis o mór-damno !  
 „ E' serdes vós deshumano ,  
 „ E nem tal vos pertencia .  
 Dom João com meigas fallas  
 Então isto lhe dizia ;  
 „ E' porque sois tão-formosa ,  
 „ Que a vontade me prendeis ,  
 „ Vivereis vida mesquinha !  
 „ Se a meu amor não cedeis .  
 E como um pouco agastada ,  
 A Dona se retirou ;  
 Dom João como suspenso  
 Entre pezares ficou .

### CANTO TERCEIRO.

Largo tempo se passou ,  
 Sem contudó o nobre Infante ,  
 Por melhor tenção levado ,  
 A vida deixar d'amante .  
 Maria a todo o instante  
 Aos olbos seus apparece ,  
 E ante imagem tão bella  
 Muito mais o amor cresce :  
 A constancia sempre merece ,  
 Galardão o mais subido ;  
 Bastam amargos pezares ,

Jaspeada d'azulado ;  
 Tinha nos pés espartenhas  
 De seda azul , e tomadas  
 Com laços , e bolótas ,  
 D'ouro , e prata formadas ;  
 Da luzida côr dourada  
 Cabellos ennovellados ,  
 Graciosos lhe cahiam  
 Nos lindos hombros nevados :  
 Duas estrellas pareciam  
 Os seus olhos peregrinos ,  
 Que muito mais brilho tem ,  
 Que luzeiros matutinos ;  
 São verdes olhos rasgados ,  
 Com olhar mui engraçados ,  
 Onde nasce , e vive amor ,  
 De seu luzir assombrado.  
 A boca dous rubis finos ,  
 Airozamente engastados ,  
 E com natural esmero  
 Em uns cristaes relevados.  
 Tem no rosto amenidade  
 D'alvura , e claro cfeito ,  
 E do collo a grã beldade  
 Mostrava o bem mais perfeito ;  
 E da vontade tão querida ,  
 Que lh' anima a formozura ,  
 Parecendo quasi vencido ,  
 Assim falou com doçura ;  
 „ De longe em quanto eu via  
 „ O teu sentir amorozo ,  
 „ Como falso sempre o tive ,  
 „ E o pensei enganozo !  
 „ Vejo agora Dom João ,  
 „ Que por mim tu deixas tudo !  
 „ Praza a Deus , nunca dirás ,  
 „ Que eu aleivoza te illudo.  
 „ Este bem que tu venceste ,  
 „ E que todo era só meu ,  
 „ De teu querer só depende ,  
 „ Que p'ra sempre seja teu :  
 „ Tu mesmo tens a escolha ,

Para entrar nos apoquentos,  
 E é mui grandê o crime;  
 Punido, e com tormentos!  
 Os ouvidos leva attentos,  
 Passou grandes corredores,  
 Te que por fim lá vê  
 Onde pouzam seus amores;  
 Uma luz com brandas côres  
 Que o Alabastro condensa,  
 Pendente do alto tecto,  
 Bruxuleava suspensa;  
 Em sala mais graciosa,  
 E que mór luz aclarava,  
 E que com propria riqueza  
 Muito melhor s'adornava;  
 'Stava adressada camilha,  
 Em sobrado levantada,  
 Cheia toda de laçores,  
 D'ouro também marchetada;  
 D'ella junto levantada,  
 E no parecer mui airoza,  
 Com semblante rizonho,  
 Estava a Dama formosa,  
 Junto de si tem donzella;  
 Ao vê-la, Joane parou;  
 A Dóna dô não trajava,  
 Em louçans galas a achou;  
 Melhor vestida no traje,  
 A'maneira cá d'Espanha;  
 Roupas verdes de setim,  
 Não ha côr a que mais tenha;  
 Um corpinho mui custoso  
 De chaímalote encarnado,  
 Com pestanas também verdes,  
 De velludo debruado;  
 Como tem membros bem feitos,  
 Eram as roupas justadas,  
 Para que as perfeições d'elles  
 Se vissem mais relevadas;  
 São também, sim golpeados,  
 E com velludo bordado,  
 Cinta de prata lustroza,

Foi o desejo expresso :  
 A Dama já se despede ,  
 Da irman , e do cunhado ,  
 Leva também o Infante ;  
 Por lhe levar seu cuidado :  
 Uzo de bom cavalleiro ,  
 Sempre cortez , e seguido ,  
 A Dama diz vae guardando ,  
 Fingindo não ser marido .

### CANTO QUARTO.

SE vós oh ! Muzas suaves,  
 Não alentaes o meu peito ,  
 Hei medo que me faleça  
 De pura mingua o conceito :  
 Onde só chegam desejos  
 O meu canto levantaes ,  
 Qu' inda mais que elle se eleve ,  
 Brandas Muzas ordense.  
 Uma só ventade tendo ,  
 A vida vivem ditosa ,  
 Do celebrado Mondego  
 Na margem tão delectosa.  
 Maria , e seu Joane ,  
 Entre prazeres e gosto ,  
 Nem as tristezas , ou dancos ,  
 Lhe dão se quer um desgosto .  
 P'ra ser perfeito o composto ,  
 O que de si mais desejam ,  
 Que é d'amor doce fructo ,  
 Permite o Céu que elles vejam ;  
 Tem Fernando nascimento ,  
 E' tanto dos Pais amado ,  
 Quanto mais n'elle conhecem  
 O seu amor retratado :  
 E por si todos perdidos  
 De cuidados descuidados ,  
 Amorozos dias passam ,  
 Sem viver , mas encantados ,  
 Naquelles enleus d'alma ,  
 Que da terra desligados ,

Parecem fazer diviño  
 O viver dos namorados.  
 Passaram tempos marcados  
 P'ra gozar tanta ventura,  
 Pois que nas couzas humanas,  
 Nem mesmo o bem sempre dura.  
 Vae o Infante p'ra a Corte,  
 Porque foi d'ElRei chamado,  
 Diz adeus á bella Dona  
 E logo parte acedado.  
 Na despedida tão triste  
 Quizera a Dama fallar-lhe  
 Mas eu não creio por certo,  
 Que lugar isso tivesse  
 Pois se fallar pretendia,  
 As lagrimas por palavras  
 Dar-lhe só ella podia:  
 Mas o bem que ella via,  
 Para sempre lhe fugia,  
 E foi em má hora aquella  
 Em que mesquinha o viu!  
 Depois de á Corte chegado,  
 Dom João o nobre Infante,  
 Sendo d'ElRei obrigado,  
 Por gazalhado bastante,  
 Como o respeito pedia  
 Em busca fel da Rainha,  
 Que gracioza o recebe,  
 Como de costume tinha  
 Lianor como sobresse  
 Com elle a'irman carada,  
 Receou que no futuro  
 Lhe fosse cauza damnada,  
 De funda paixão tomada,  
 E por que sempre mandasse,  
 Visto ter só uma filha,  
 Que os Luzos Reinos herdasse:  
 Grande ciume lhe dava  
 Que filhos a'irman tivesse,  
 Pois sendo ElRei tão enfermo,  
 Temia o mando perdesse:  
 Que Beatriz sempre fôra,



Pois que ElRei se cazara  
Com ella, sendo cazado :  
E sendo tambem malquista ,  
Do povo principalmente ,  
Pois que , com Andeiro via  
Tinha conversa indecente ;  
Com maldade , e prudencia ,  
Como no cazô convinha ,  
Afim de perder a irman ,  
Insidia lhe armou azinha :  
Com astuto fingimento ,  
Fez saber ao nobre Infante  
Ser sua irman cazada ,  
Sendo até agora ignorante :  
Para urdir este engano ,  
E para em seu termo vel-o ,  
Que lhe fallasse induziu  
Dom João Afonso Tello ;  
A quem ordenou dizerlhe  
Que visto a Deus prouvéra ,  
Não lhe dar senão a filha ,  
A qual nubil já era ;  
Que ledo , e mui contente ,  
Seu coração folgaria ,  
De ver que com Beatriz  
Casar o Infante podia .  
Pois grande era a sem razão ,  
Ir o Reino a estranha gente ,  
Como fôra , se cazasse  
C'o Duque de Benavente :  
Estorvo que alguns diziam  
Muito , e muito , lhe pezava ,  
Pois ser com Telles cazada ,  
Já de a tempos se rosnava ;  
Com mais damnada tenção ,  
Para que o Infante excitasse ,  
A Garcia do Sobrado  
Ordenou que levantasse ,  
Que a elle a irman trahia ,  
E que má fé lhe guardava ,  
Sua honra lhe perdia ,

Pois com outrem conversava.  
 Dest' arte Lianor maldoza  
 A triste Telles perdeu,  
 Deslembra-lhe o próprio sangue,  
 Que por sua cauza correu :  
 E como couzas geradas  
 D'inveja, e crime bruto,  
 Só maldades produzem,  
 E maldades são seu fructo ;  
 Assim esta começou,  
 Como planta venenosa,  
 A ter alto crescimento,  
 E raiz mui vigorosa,  
 No coração abalado  
 Do Infante Dom Joane,  
 A quem não bast'o ciúme,  
 Mas tambem cobiça dane !  
 Que sempre lh'o peito afane  
 Com dezejós de reinar,  
 Pois é natural condição,  
 Querer sobre os outros mandar.  
 Assim pois o nobre Infante,  
 D'ambição todo perdido,  
 Por seu intento lograr,  
 Todo de si esquecido,  
 Deslembrados seus deveres,  
 Mudado seu gosto em ira,  
 Por matar a bella Dama  
 Seu coração só suspira !  
 Aguarda mui-mal quem arde  
 Na má tenção engolfado,  
 Aguardar para mais tarde  
 E' viver desesperado !  
 Foi seu mal tão ordenado,  
 Que está de quem certo esperava  
 Haver com a filha o reino,  
 Ella só armas lhe dava,  
 Lianor seu braço armava.  
 Dizem tambem que foi visto  
 Na despedida fallarem,  
 Sabe-se agora ser isto ;  
 Ao de Barcellos mandou

Nobre Conde que fallasse ,  
 Pois que este já disséra ,  
 Que as armas lhe entregasse :  
 Dom João Afonço Tello  
 Da irman ordens cumpriu,  
 A elle as armas entrega ,  
 Com que outra irman feriu.  
 Dom João quando se viu ,  
 Da Corte já despedido ,  
 Logo logo se partiu  
 De poucos dos seus seguido :  
 De Thomar segue o caminho ,  
 Deixa á direita Punhete ,  
 Que é na Beira do Téjo ,  
 Onde seu rio se mete.  
 Estava o Mestre de Christo ,  
 No Castello celebrado ,  
 Dom João não quiz ir vél-o ,  
 Apezar d'elle rogado ;  
 O Mestre como previsto  
 Na má tenção que levava ,  
 D'isto mesmo cuidadozo ,  
 A bôa mãe avizava :  
 Ella que mal não cuidava ,  
 Nem de João prezumia  
 Qualquer damno , ou má tenção ,  
 Pois que em si crime não via ,  
 Quieta como sohia ,  
 Só á yrtude sugeita ,  
 Recebe avizo do filho ,  
 Mas como falso o engeita.  
 Era já chegada a noute ,  
 Que os lassos membros convida  
 Ao socegado repouzo ,  
 Que rouba do dia a lida :  
 A bella Dama no leito  
 Em branda paz s'entregou ;  
 Carinhoza o filho afaga ,  
 Adormecida ficou.

---

**CANTO QUINTO.**

As doze horas soavam ,  
 Mas da noute , não do dia :  
 Do Espinhal apressado  
 P'ra Coimbra alguém partia :  
 Inda o arrebol da manhan  
 Mal com a luz amostrava  
 Cidade que sobranceira  
 Sobre o Mondego ficava :  
 Já pela ponte passava ,  
 Correndo um cavalleiro ,  
 O tropear do ginete ,  
 Ressoa lá no outeiro :  
 Traz o rosto carregado ,  
 Trajava um galleote ,  
 Com carapuça redonda  
 P'ra que o frio lhe embóte :  
 A' guiza de bazalarte ,  
 Leva bulhão mui guarnido ,  
 Leva faca mui fornoza ,  
 Uzo da caça seguido :  
 O dia já despontava ,  
 • O cavalleiro parou ;  
 No arrabalde que dizem  
 São Bartholomeu se chamou :  
 Eram ahi umas cazas ,  
 N'ellas Maria pouzava ;  
 E por Alvano Fernandes  
 O seu Dono se chamava.  
 Mal o Infante chegava ,  
 Uma servidora sabia ,  
 Que sempre lavar ao rio  
 De madrugada, sohia :  
 Pela porta que se abria  
 Para este effeito sómente ,  
 Dom João , e mais os seus ,  
 A entraram de repente ;  
 Com furor , e diligente ;  
 A' torre s'encaminhou ;  
 Sendo as portas fechadas ,  
 Arroinbal-as ordenou :

E ao fragor que soou ,  
 Muito grande , e rudento ,  
 A bella Dama acordou ,  
 Que dormindo estava dentro :  
 Sem animo , e sem tento ,  
 Não tomando algum vestido ,  
 Da colcha branca do leito  
 Foi o seu corpo cingido :  
 Nem lhe pôde ser trazido  
 No cazo tão apressado  
 Algum outro melhor trage ,  
 Mais honesto , e concertado ;  
 Pois Donas , e Camareiras ,  
 Como fossem sim despidas ,  
 A fazel-o não se atrevem ,  
 'Stando de medo tranzidas !  
 Sem forças , e temoroza ,  
 Maria neste momento ,  
 Vendo ser o nobre Infante ,  
 P'ra 'si cobra algum alento :  
 E com fallar mui attento  
 Lhe pergunta apaixonada ,  
 — Senhor que vinda é esta ? !  
 Assim desacostumada ? !  
 „ Agora Dona o sabereis ,  
 Dom João todo enfiado ,  
 Mui raivozo lhe responde ,  
 E com gesto arrebatado ,  
 Mas com fallar mui pauzado ,  
 Foi estas fallas dizendo :  
 „ Já sei que vós declarastes ,  
 „ Serdes comigo cazada ,  
 „ Assim mesmo m'isentastes ,  
 „ Qu' a nova a ElRei chegada  
 „ Em risco me poz a vida ,  
 „ De 'ser por isso acabada !  
 „ Mórte vos é bem merecida ,  
 „ Pois sendo mulher cazada ,  
 „ E' minha honra manchada ;  
 „ Que de noute , e com misterio  
 „ Aquí' outrem recebei ,  
 „ Fazendo-m' adulterio ,

Ao ouvir estas palavras,  
 A Dama s'estremeceu,  
 E as lagrimas chorando,  
 Seu rosto empaleceu,  
 E com vós mui magoada  
 „ Lhe diz, Senhor, attendei  
 „ Que mau conselho trazeis!  
 „ Vinde comigo fallar,  
 „ Ou mandai os vosso fóra,  
 „ Qu' eu bem vos posso mostrar  
 „ Quanto é grande a sem razão  
 „ De ser por vós ultrajada;  
 „ Assim perdeis minha fama  
 „ E me fazeis deshonrada!  
 — Escutar razões não quero  
 Dom João diz com paixão,  
 Puxando rijo da colcha,  
 Derruba-a logo no chão:  
 E levantando o bulhão,  
 No alvo peito o cravou!  
 Oh! Mãe de Deus acorreime!  
 A triste Dama bradon  
 De novo o ferro alçou,  
 • Outro golpe segundando;  
 A mesquinha a vida perde  
 Do peito o sangue bolhando,  
 Poucos instantes passados,  
 Tropeavam pela ponte  
 Os ginetes apressados;  
 E lá ia Dom João  
 Do fresco sangue manchado  
 Da espoza que assassinara!  
 D'alli fugia apressado.  
 Já o Sol ia subindo,  
 Quando na Sé se tocou,  
 Não era o som dos cantares,  
 Sinaes por quem se finou!  
 Grandes gritas mui doridas  
 E chorosas carpideiras  
 Atroavam do Mondego  
 As Campinas derradeiras!  
 Era em dó toda a Cidade,

A gente em pranto banhada  
 Cerca da Sé aguardava  
 O corpo da assassinada !  
 Tocam os Sinos de novo ,  
 São os sinaes de quem morre ,  
 Como d'uma só vontade ,  
 Repentina a gente corre :  
 Pois já na rua apontava  
 O comprido sahimento ,  
 E como funérea riqueza ,  
 E uzado luzimento :  
 Era geral o lamento  
 Dos Pagens , e Cavalleiros ,  
 E os Padres entoavam  
 Os Canticos derradeiros !  
 Entre cirios ardentes  
 Vinham os restos mortaes  
 Conduzidos por parentes ,  
 Que davam doridos ais !  
 Chegam da Sé aos umbraes ,  
 Parando um pouco entraram ,  
 E bem a meio do Templo ,  
 Hi o corpo collocaram !  
 Aquella que há pouco 'stava ,  
 Tão rica de formozura ,  
 Sem vida ali jaz , de morte  
 Com a pallida tristura !  
 Foi aberta a sepultura ,  
 Outros Padres mais rezaram ,  
 E os responsos cantando ,  
 O corpo d'alli mudaram :  
 Foi então mui altamente ,  
 O pranto alevantado ,  
 Em todos os rostos se via  
 Magoa , e dô pintado ;  
 Alguns instantes passaram ,  
 Um ruido se sentio ;  
 Eram os adeus da terra !  
 A louza fria cahio !

F I M.

( Por Aires Pinto de Souza de Mendonça e Menezes. )

# MACÁU

ESBOÇO HISTÓRICO DESTE ESTABELECIMENTO,  
MIDO DOS REGISTOS OFFICIAES EXISTENTES NA  
RE DO TOMBO, E SECRETARIAS D'ESTA

O PRIMEIRO estabelecimento mercante que  
tuguezes tiveram na China foi no continente  
perio celestial, junto da Cidade de *Niug-Po*  
chando-se elles independentes de governo alg  
foram as desordens que praticaram, que os  
expulsaram á viva força, e dali se foram es  
na ilha *Sanchoam* ( que em linguagem Chir  
dizer *verdudeiro*); e é tradição que pouco t  
pois ali aportára S. Francisco Xavier, e lá  
Eram então os mares da China infestados p  
rozos piratas, os Portuguezes os destruíram  
feito foi reputado pelos Chinos como de gr  
portancia; igualmente atacaram, venceram  
ram um poderoso régulo, que occupava  
*Auçam* da qual forma parte a Península  
está a cidade de Macau, e que muito inq  
Chinos; foi no anno de 1557 que os Portug  
metteram este feito, e conquistaram para  
Portugal a referida ilha, e ali se estabeleci  
para mais segurarem o estabelecimento, e m  
monia entreterem com o Imperio, pediram  
dor da China a confirmação da posse, co  
to dominio, e soberania plena para a cor  
tugal, o que elle lhes concedeu sem fare  
buto algum, e com diversas vantagens e  
que constam das chapas existentes nos A  
Macáu. O resumo destes privilegios e  
Apontamentos mandados de Lisboa para Ge



sobre os quaes deviam nesta cidade cooordenar-se as instrucções que se deram ao Bispo de Pekin, que na qualidade de Embaixador de Portugal devia apresentar certas reclamações ao Imperador da China. ( O registo destes apontamentos existe a f. 1 do L.º 2.º da monção de 1783).

Ficara a illha *Auçam* e península convisinha quasi inteiramente deserta, mas os grandes lucros do commercio da China e do Japão attrahiram tão grande numero de Portuguezes, assim commerciantes, como maritimos, que a população cresceu prodigiosamente, e começaram a edificar a povoação, que depois por Alvará do vice Rei da India D. Duarte de Menezes, Conde de Tarouca, datado de 10 d'Abril de 1586, confirmado pelo Alvará Regio de 18 d'Abril de 1596, foi elevada á cathegoria de Cidade com o nome de—Cidade do nome de Deos de Macáu, e com os privilegios da cidade d'Evora.

Antes disto porem já os Portuguezes ali reunidos haviam tratado d'estabelecer um governo provisório; e logo em 1560 elegeram para Governador a Diogo Pereira, com o titulo de capitão da terra; e em 1582 nomearam ouvidor a Mathias Penella, e ao cargo d'Ouvidor foi dado regimento em Madrid aos 16 de Fevereiro de 1587: do qual consta que ao capitão da viagem de Japão, quando chegava de Goa, competia o governo em quanto ali se demorasse, ficando a governar em sua ausencia o capitão de terra conjunctamente com o ouvidor. — As despesas do estabelecimento eram pagas pelo producto dos impostos arbitrados voluntariamente cada anno por um conselho dos habitantes principaes; e de que mais abaixo daremos conta.

Pertencia pois aos Portuguezes toda a península de *Macáo*, que forma parte da ilha—*Auçam*; muitas tinham fóra da cidade propriedades ruraes, e era recommendado pelo Governo de Goa que se evitasse que os subditos Chinos comprassem terrenos dentro da península.

Constituida a cidade, e formada a sua camara municipal, que passou a ter o nome de senado, foi a esta como representante de seus concidadãos, que

o governo politico; foi incumbido, e especialmente parte tocante ás relações com a China, que eram só mui frequentes, e necessárias, porem grande te melindrosas; mas ainda que investida deste raras vezes o exercitava, a não ser em objectos d' diente ordinario, sem a deliberação dos conselhe raes, que durante muitos annos foram frequen mos, sendo a elles chamados as auctoridades, radores, e pedindo mesmo o parecer por escrip pessoas doutas e conspicias que occasionalmen se achassem. — Assim se estabeleceu a intervenç Camara de Macáu, nos negocios com os Chinos firmada depois por ordens superiores; e a Camai s'esqueceu de augmentar esta auctoridade, usur as atribuições das demais, começando por a se da arrecadação das rendas publicas.

Logo que a povoação começou a crescer s ficaram dez casas religiosas, quatro fortalezas, fortes, cuja guarnição foi mandada de Goa, o Commandante e Governador da Cidade; e pe tas despesas se estabeleceram impostos, que pa a ser considerados como Fazenda Real, admi dos, e arrecadados por auctoridades nomeadas pe verno do Japão.

Os impostos tiveram na verdade uma orige luntaria; os habitantes pagavam nas alfandega nezas direitos d'importação e exportação, e a ragem de seus navios no porto de Macáu, disto s'imposeram a si mesmos os tantos por que todos os annos se deviam tirar dos generos cadorias que viessem naquelles navios.

As principais despesas consistiam na aec ção de negocios e questões com os Chinos, ujos darins lhes faziam grandes extorsões; e em pr os meios de commercio commum; chegando a contrahir empréstimos, e a tomar dinheiros pondencia, para com os ganhos destes Alinheiro fazerem as despesas; e de que ha varios ar

Entre estes nota-se o de 1632, — co qua sentou em conselho com o povo — que a cida é, o senado da camara, tomassê em Japão até 5 para ir pagando as dividas, porque os 7 pe

(que no anno antecedente se arbitraram) eram excessivas. Em 1634 foram estes reduzidos a 5 por cento, e o empréstimo contrahiu-se para tambem concorrer para pagar 70 e tantos mil *tacis*, que a cidade estava devendo aos Japões.

Em 1640, tempo em que os Portuguezes já haviam sido expulsos do Japão, se tratou em conselho geral de mandar ali uma mensagem a fim de ver se se renovava o commercio com a cidade, e se pagavam perto de 400\$ *tacis* em que ella estava empenhada com o Japão.

Aqueelles direitos, e os que se cobravam de navios estrangeiros que aquelle porto de Macáu procuravam, chamaram-se direitos da cidade, e os fundos procedentes delles, — *Fazenda da cidade* — diversa da Fazenda Real, ou publica, que ali tinha uma administração separada; e que consistia nos *quintos reais*, e outros direitos fiscaes, sendo por esta fazenda, ou pela Feitoria de Macáu que ao principio se pagavam os soldos do Presidio, o ordenado do ouvidor, a mesma congrua do Bispo, e outras despesas. A Camara pagava aos seus officiaes, e outros empregados de sua nomeação, e as despesas com os concertos das fortificações, e outras que de sua competencia julgava, oppondo-se sempre a novos encargos, porque quantos menos tivesse, menos seriam os direitos que de seus generos, e mercadorias houvessem de pagar naquelle interposto. Todavia em 1645 o conde d'Avieiros, Vice-Rei da India, ordenou por seu Alvará, que todas as embarcações que naquella cidade entrassem, ou della sahissesem, pagassem de suas fazendas, drogas, e prata 5 por 100 para a sustentação do Presidio, e outros gastos; mas o Povo em conselho resistiu ao cumprimento do Alvará, allegando a pobreza da terra, e fundando-se nos privilegios e mercês feitas pelos Reis de Portugal, ora confirmados por carta do Sr. D. João 4.<sup>o</sup> de 8 de Maio de 1641.

Mas no anno de 1669 já as despesas do Presidio se acham designadas como pagas pelas rendas da cidade; — desde 1691 foi ella tambem obrigada a pagar a congrua do Bispo, recebendo em compensação os 5 por 100 das viagens de Timor; e de dif-

ferentes aresos se colhe que nos annos de 1717 a 1735, a Camara tambem arrecadava os quintos e outros impostos regios; e contudo vê-se em algumas cartas do Governo da India, que os abuzos commettidos na administração destes rendimentos, e despesas, eram mui grandes; e tanto que em 1748 o Marquez de Castello Novo entre outras providencias a respeito das despesas, ordenou — (6.ª providencia) — que todo o dinheiro do mez se recolherá ao cofre, e se repartirá entre os officiaes da Camara, como muitas vezes succedeu.

A Camara uma vez apossada das Rendas tratou com o maior cuidado de aniquilar o poder e jurisdicção do Governador, no que trabalhou muitos annos, e chegou a conseguir apartal-o de toda a gerencia nos negocios publicos, não consentindo que elle exercesse a minima inspecção na arrecadação e administração dos fundos publicos, reduzindo-o a commandante d'uns 80 soldados indigentes, e rraes, a quem mui pensadamente a Camara attribuia os pagamentos, para os ter debaixo de sua dependência, e tornar de nenhum respeito um Commandante de mendigos; tendo demais a mais no orgão que era por ella nomeado, ou proposto, uma limitação de sua vontade para prender, e condemnar.

Assim se foi formando o enorme poder da Camara de Macáu; dado que de 1750 em diante o Governo da India começou a por-lhe algumas restrições e a modificar sua absoluta e pouco regular administração, assim no politico, como no economico. Já em 1749 o Marquez d'Alorna havia determinado que em pontos de religião com os Chinos, elle deliberasse sem primeiro consultar com o Bispo de Macáu e com o Governador, e que em negocios politicos pertencentes ao bem da cidade, e concessões aos Chinos, nenhum se resolvesse sem consultar o Governador; renovando-se assim as ordens e rescriptos expedidos em 1733 e 1735; reconfirmações reiteradas em 1779 pelo Vice Rei Marquês de Loureiro. A tão grande ponte subia o exco-municado da Camara de Macáu, que se apoderou da nomeação dos officiaes para as tropas da cidade, servindo-

te poder para conduzir aquelle importante Estabelecimento á sua completa ruina, consumando-se a perda de nossos mais importantes privilegios na China, e a quebra da dignidade da corôa de Portugal, no que o Governo de Goa tambem teve não pequena parte, até que chegou a necessaria reforma á administração do governo de Macáu, exarada na Carta Regia de 12 de Março e Providencias de 4 d'Abril de 1783, dirigidas ao capitão General da India D. Frederico Guilherme de Souza, o qual por effeito da auctorisação Real regulou sua execução em officio de 12 d'Abril de 1784, expedido ao Governador de Macáu Bernardo Aleixo de Leinos Faria. A extensão da reforma conhece-se nestes documentos, e no preambulo do Regimento da Alfandega de 29 de Março de 1784, creada então; mudando-se assim a antiga administração, e forma organica della.

Tinham-se insensivelmente introduzido, e estabelecido em Macáu grande numero d'artistas Chinos, pela falta de Portuguezes que professassem as artes fabris, e o senado sempre solícito em annullar a auctoridade do Governador, chegou até a conlujar-se com os Mandarins, deixando de cumprir as ordens superiores que estorvavam o estabelecimento de subditos do Imperador, e a aquisição por estes de propriedades urbanas, ou rusticas dentro da península pertencente a Portugal, de modo que em pouco tempo grande numero dos edificios e quasi a totalidade das almainhas da península eram propriedade china! E então o *suntó* de Cantão, e os Mandarins seus subalternos, que tambem queriam exercer sua rapacidade sobre os habitantes de Macáu, nada temendo d'um Governador sem tropa, e sempre contrariado pelas autoridades locais, acostumados a achar no senado a mais servil condescendencia, e nada receando do Governo da India, perante o qual eram acreditados os embustes do senado de Macáu, que lhe dizia que se elle senado não comprasse com grossas patacas (mas extrahidas do cofre da Fazenda) o favor dos Mandarins, estes fariam retirar os Chinos, e prohibiriam a entrada de mantimentos para a cidade; com o que todos os Portuguezes pereceriam de fome.

tomaram por pretexto a existência de grande número de subditos chinos, e pretenderam que as Leis da na deviam ter ali força e execução; condição vel que o senado accetou em menoscabo dos resses do Estabelecimento; e da gloria, e digni do nome portuguez, e consentiu que os Chinos cassem Macáu d'uma muralha, usurpando uma do terreno que pertencia á corôa portugueza, xando-lhe só meia legua de Norte a Sul, e um to e meio de legua de Leste a Oeste, collocando da muralha um Mandarin com jurisdicção sobre cao, chamando o *Mandarin de Moha* ou da casa ca, e prohibindo que nenhum portuguez passasse dentro da porta da muralha sem expressa licençaquelle Mandarin.

Ficou pois Macáu desde então governado por especie de jurisdicção mixta; em virtude da qual pre que um Chino delinquia era entregue aos darins para o julgarem e castigarem; sendo os taguezes julgados e punidos pelas justiças da cáu e Goa; mas nas materias civeis o Procura cidade podia proceder contra os Chinas até prisão. Mas esta nova ordem de couzas tornou melindrozas as pendencias quotidianas com as ridades da China, e mais precaria a situação da paragens; o que assim continuou até que succo do que um portuguez matasse um Chino, o rim de Moha veio á cidade fazer corpo de e teve a audacia d'intimar o senado para gu delinquente até ser julgado em Cantão, ao q nado accedeu cobardemente; e sendo o deli condemnado em Cantão, o Mandarin intimou nado para o mandar executar, o que elle h mente cumpriu!

Este successo animou o Suntó, e Mandar que annos depois acontecendo que dois Chino mortos por dois soldados portuguezes, elles e que o senado procedesse como antecedentem que o senado ia obedecer submisso, sem em que alguns de seus membros houvessem sid tores daquelles assassinios, quando o Govern então era o benemerito Antonio José Felles

nezes, indignado de tão servil condescendencia, e do desaire da coroa de Portugal, tirou os réos ao senado, e os mandou para Timor. Queixaram-se os Mandarins ao Imperador, mas este ordenou que visto que os delinquentes haviam sido mandados para fora de Macão, mais se não fallasse neste successo: o senado porem cuidou vingativo de desferrar-se do Governador, ligando-se com um inimigo deste, e grande negociante de Macáu, por nome Manoel Vicente Rosa, e com os Mandarins, que escreveram ao Vice Rei da India, então o Marquez d'Alorna, relatando-lhe o caso a seu modo, por maneira que este mandou um Ministro syndicar a Macáu; o resultado foi o que tinha de ser com taes precedentes; o Governador foi conduzido pelas ruas de Macáu prezo para a Fortaleza da Guia, e dahi para Goa.

Este mais que indigno procedimento excitou o orgulho dos Mandarins, que se arrojavam a mandar ao senado uma *Lei* ou *ordem* em nome do Suntó de Cantão, e não no do Imperador, para abolir em Macáu o exercicio da Religião Christian! mandando que logo fosse arrazado o seminario de N. Senhora do Amparo, aonde os Jesuitas instruiam os catechumenos; e esta ordem foi executada: pelo mesmo Decreto se abolia a soberania da Corte de Portugal na península de Macáu, se prohibia a execução das leis portuguezas, e a jurisdicção de sua justiça; e foi ordenado ao senado de Macáu que este Decreto fosse gravado em pedras nas duas linguas Chinez e Portugueza, e collocadas nos lugares mais publicos da cidade.

Ainda então se achava em Macáu o Ministro syndicante e a alçada, e presenciou a consternação geral dos habitantes; houve muitos conselhos, e o senado composto de gente ignorantissima (como repetidas vezes s'exprime o Governo de Portugal) possuido d'um terrivel panico, sem reflectir que tudo isto eram ordens dos Mandarins, e sem authorisação do Imperador, em vez de resistir digna e tenazmente, adoptou o vergonhoso partido de ir em corpo fora da muralha postrar-se ante o Mandarim da casa branca, supplicando-lhe que moderasse o rigor daquelle

ordem, e elle ainda mais orgulhoso com esta missão, apenas consentiu em que as pedras se locassem uma á porta delle, e outra em Macáutro do portal do senado, o que assim se exec

Desde então, e desde que o senado se fedatario do Imperador, pagando-lhe 600 taelsmamente, pode dizer-se que acabou a soberaniarôa de Portugal em Macáu, donde os Portugcontinuaram a residir por mera mercê dos Chicomu na sua dependencia. E' verdade que a do Suntó de Cantão não foi observada, mas mesmo acharam os Mandarins pretexto para cradas vexações aos Portuguezes com o fim d'extlhes patacas: — por outro lado a administração publica não podia ser peor, e posto que dimentos excedessem a despesa, o Estabelet constantemente s'empenhava mais. Os dinheiblicos davam-se a juro, aos proprios vereade seus parentes, ainda que fossem desabonado se cuidava da arrecadação dos juros, e até setiam pelo senado os sobejos dos rendimentos e nenhum cazo se fazia das ordens da corte Governo da India; chegando a tal excesso, dimento do senado, que o Marquez de Louri gou a mandar uma Fragata de guerra para lezo para Goa *todo o senado!* Os Governad Macáu estavam reduzidos a méros espectad todas estas infamias, cansados de lutar em, o senado, cujos embustes tinham prevalec então.

Tal foi o uzo que o indigno senado d fez do poder que usurpou, e da immensa ju de que gozou até 1784! Vê-se na carta R de Março de 1799 que por sua vergonhoza tração só por uma vez perdeu a Fazenda pu de 300 contos de reis de capital, fora os j cidos!

O que fica referido, como se disse, e extrahido dos documentos officiaes que ex archivos da secretaria do Governo de G secretaria d'Estado dos Negocios do Ultram nos citados Apontamentos para a Embaixa



po de Pekin, e nas instrucções que acompanharam a carta Regia de 12 de Março de 1783, dirigida ao já mencionado Governador da India D. Frederico Guilherme de Souza, na data de 4 d'Abril do mesmo anno.

Tal desordem deu causa a serias providencias, que todavia já foram tardias, porque o mal estava feito, e eram inevitaveis as consequencias; aquellas providencias, decretadas em 1783, e outras que posteriormente se mandaram até o Aviso do conde das Galvêas para Miguel d'Arriaga Brun da Silveira em 30 d'Outubro de 1812, e diferentes ordens do governo da India, constituíam a legislação pela qual se dirigia o systema governativo do Estabelecimento até 1835, e que se manteve em alguma ordem e methodo de administração por espaço de 50 annos.

O pensamento principal da reforma, e das providencias, consistiu em revestir o Governador de Macáu da autoridade e preeminencia, de que o senado o privára, e em collocar a administração do Estabelecimento nas mãos do Governador, e d'um ouvidor letrado, cujo cargo extinto desde 1740, foi restabelecido então, ficando a nomeação do ouvidor reservada ao Governo de Lisboa. Tão bem calculadas foram estas providencias, e tão conformes á indole particularíssima de Macáu que ellas produziram logo seu benéfico effeito, e difficil será, ou mesmo perigoso, mudar para outras que não estejam em harmonia com aquelle pensamento.

Comtudo jurando se em 1835 em Macáu obediência á Senhora D. Maria Segunda, e á carta constitucional de 1826, o senado entendeu ser este o ensejo favoravel de recuperar o poder, e a importancia que por fatalidade e desgraca tivera até 1784, sendo para isto apoiado pelo proprio Governador, que então era Bernardo José de Souza Soares d'Andréa, o qual ou porque assim o entendeu, ou por motivos d'indisposição pessoal, secundou o senado no proposito d'annullar a autoridade do ouvidor, tomando por pretexto a execução em Macáu da Legislação novíssima que para tal Estabelecimento nem fora calculada, nem podia ser executada sem gravíssimos inconvenientes,

o que a experiência tem posteriormente justificado certo é que o ouvidor, que então era, e achava em Lisboa (o Sr. Francisco José da Comaral, havendo sido eleito Senador por Goa despojado de toda a parte que tinha na acção politica, fiscal, e orfanologica, constituiu o senado em suprema authoridade Politica, e Municipal do Estabelecimento. Este procedimento foi reprovado pelo Governo em Portaria de 7 de Junho de 1836, mandou para ali novo Governador a quem deu novas instrucções, auctorisando-o para a devida prudencia restabelecer o anterior systema cuja vantagem se demonstrava pelo tempo de nos; e os Decretos de 7 de Dezembro de 1836 e de 16 de Janeiro de 1837, encerram uteis providencias sobre a administração daquelle importante estabelecimento.

Mas o senado de Macáu não desalentou seguir com o seu antigo pensamento; porquanto tumado desde muitos annos a desobedecer immune ás ordens da corte, era tal o afincamento que o premeditava levar a effeito, que couza alguma socobrar. Empregou todos os meios para enervar a autoridade que lhe não competia, e privar o novo Governador (Adrião Acacio da Silveira Pinheiro) Juiz de Direito accordes em sustenta-la, e mesmo a alliciar uma parte do Batalhão da Gendarmaria e por tal modo que o Juiz de Direito fatigado successivos conflictos com o senado, tomou expediente de se retirar do serviço, e de Macáu passando a vara ao Advogado mais antigo. Então o senado deputou a Goa um agente para sollicitar a suspensão da execução dos ultimos decretos, no que foi desattendido por Portaria do Governador em conselho, datada de 4 de Maio e confirmada depois pelo Governo da Corte e da India de 1.º de Dezembro do mesmo anno.

Foi posteriormente creada uma commissão para propor um plano de Regulamento para aquelle estabelecimento: em resultado de seus trabalhos a Commissão subir ao Governo uma consulta propoẽ um systema governativo inteiramente

ao espirito das Provindencias de 1783, justificadas pela experiencia, e pouco conforme com as disposições dos Decretos da 7 de Dezembro de 1836 e 16 de Janeiro de 1837 — e Portaria do 1.º de Dezembro de 1838. — E com effeito o objecto da commissão é entregar nas mãos da camara Municipal. (dito senado) toda a administração de Macáu, não só quanto aos negocios municipales, mas quanto ao que o não são, porque ainda que no Conselho da Governança, proposto por ella, presida o Governador, e assista o Delegado do Procurador Regio, como os membros da camara são em maior numero, e os negocios hão de decidir-se por votação, o vencimento será sempre feito com a camara quizer, mesmo no caso de que o Delegado vote em sentido contrario: o que não será muito natural, porque este emprego não poderá reahir senão em indigena, provavelmente mais ligado com seus compatriotas do que com o Governador. Fica pois a Camara com toda a influencia no manejo dos negocios politicos com os Chins e Estrangeiros, e bem assim no manejo dos negocios da Fazenda publica. Ora a experiencia tem já desgraçadamente mostrado o funesto uzo, ou antes o fatal abuzo, que em diversas epochas, no decurso de quasi 300 annos o senado de Macáu tem feito da autoridade que usurpou!! O resultado de tal consulta é collocar em Macáu um Governador que não governe, e constituir um corpo para resistir ao Governo de Lisboa, como muitas vezes já anteriormente aconteceu; quando muito ao contrario importa bem que nas pròvincias ultramarinas a supremacia governativa resida em autoridade, e pessoas nomeadas pelo Governo, e a elle responsaveis; para que não aconteçam factos semelhantes áquelles que em Macáu tiveram lugar quando o senado se investiu de toda a auctoridade, por que foi nessa desgraçada epocha, como fica dito, que Portugal perdeu a plena soberania, e parte do territorio da Ilha de Auçam; se tornou feudatário do Imperador da China, e viu introduzir em Macáu suas Leis e justicas soffrendo as maiores humiliações. E que outra couza podia esperar-se da camara de Macáu, composta sempre de gente ignorantissima, mai-

*estante em materia do governo* (§.º 26 das Instrucções de 4 d'Abril de 1789, e Arisp de 30 d'Outubro de 1812) somente cuidadosa da particular conveniencia de seus membros, e pouco ou nada dos interesses, gloria, e dignidade da coroa de Portugal? ora pode asseverar-se que actualmente em Macáu não ha elementos melhores para compôr a camara municipal. E não seria gravissimo erro entregar a administração da Fazenda a uma corporação d'eleição popular, cujos membros sahindo da massa dos cidadãos indigenas, interessados em usar dos dinheiros publicos para giro de seu proprio commercio, poriam em grande risco, como muitas vezes tem acontecido, não só os juros, mas os proprios capitães, em gravissimo detrimento do custeamento da administração! E para que os interesses da Fazenda publica, e os que respeitam á dignidade de Portugal sejam legítimos, e não fantasticamente representados, que se devem conter as ambições particulares dos indigenas, quasi sempre em inteira opposição com aquelles interesses. Parece pois que o antigo systema de votação no conselho, designado nas Providencias de 1783, e subsequentes, é o mais conforme ao estado do paiz; e está mesmo no espirito do Artigo 137 da constituição de 1838 que diz: "As Provincias ultramarinas poderão ser governadas por leis especiaes, segundo exigir a conveniencia de cada uma dellas."

E sendo da maior importancia prover de remedio o estado actual daquelle bello Estabelecimento, achando-se o Governo auctorisado, em quanto se não reúnem as côrtes (§.º 1.º do citado Artigo) para decretar as providencias indispensáveis com que occorrer ás necessidades instantes no mesmo Estabelecimento, ganharia muito em aproveitar o tempo, porque, reunidas as cortes, são muito longos os seus processos para que dellas s'espere o prompto remedio de que tanto se carece.

Daremos em seguida o Artigo que vem no *Colonial Magazine* traduzido no Correio N.º 526 — de 3 de Março de 1840.

Macáo; em lingua china *Mou-mun* ( entrada da bahia ), é uma pequena península de granito, a travéz da qual os Chins fizeram uma muralha, com uma casa de guarda e barreira. Para o Sul e Este da península a terra é alta, e atraz della se encontra um pedaço de terreno alagadiço, empregado na cultura do arroz: está a 22.º 11. 3. '' latitude N. e a 113.º 32. 30. '' de longitude E. de Greenwich. O clima é sadio, estando exposto livremente ao ar do mar, e o lugar tem boa agua, pão, e um excellente mercado. Ao desembarque se vê uma bahia semi-circular e espaciosa, entresemeada de alevados outeiros, coroados de fortalezas, conventos, igrejas, e edificios particulares. A circumferencia da península dizem ser de umas 8 milhas inglezas, na sua maior extensão tres, e sua maior largura perto de uma milha. O bello porto que Macao possui para navios de pequena carga, attrahiu a attenção dos europeos logo no principio de sua communicação com os chins, e depois de terem tido moradias temporarias alli por espaço de 20 annos, os portuguezes, em 1558, depois de expulsos de Ningpo, e Chinchew, obtiveram a faculdade dos officiaes locais de fixarem alli a sua residencia, levantando casas mais sólidas. Esta faculdade se obteve empregando o suborno a tempo para com as authoridades locais, e não por uma concessão imperial ou recompensa de serviço feito pelos portuguezes de expulsarem os piratas. Portanto Macao pertence ainda, de facto, ao governo chin: e elles assim o contemplam sempre. Os portuguezes por sua parte, reconhecem virtualmente o facto, pelo pagamento annual de um foro, que tem variado em diversas epochas, porem hoje está reduzido a 500 tael. Esta somma é paga no principio de cada anno ao magistrado de Hoan-Shang, entregando este um recibo assignado pelo Poo ching-sze, ou thesoureiro de Cantão.

Os portuguezes estão, comtudo, debaixo do governo de suas proprias authoridades, e sujeitos ás leis do seu paiz, ainda que varias authoridades chinas tenham sido collocadas entre elles em diversas occasiões. Os funcionarios portuguezes são ( quando se escreveu o artigo ) um governador e capitão general.

um ouvidor (ministro, ou desembargador), sendo que comprehende entre os seus membros leitores, ou inspectores de varios ramos dos dous juizes, e um procurador, que está em do em geral da cidade e da renda; e é o órgão de communicação com as autoridades. Macao foi tambem cedo elevada a bispado, hoje a Sé está vacante. Os officiaes são um Keun-min-foo, que é um ajudante do principal do departamento de Cantão; um tang, ou ajudante do Hang-shan magistrado: dous Wei-yuens, ou officiaes da deputados pelo hoppo de Cantão; e um officia com uma pequena força ás suas ordens, em Tsee-chan, ou casa branca, posto milita a pequena distancia além da barreira pelos chinas em 1597 para impedir o adianta estrangeiros.

Tanto os portuguezes como os chinas são regidos por suas leis e officiaes respectivos; aos outros estrangeiros estão por alguma forma sujeitos ao governo de ambas as partes. Entre os portuguezes e chinas as duas nações vivem mutuamente por meio do commercio; porem em diversas occasiões de impropriedade os primeiros tem mostrado uma determinação de alterar aos segundos o modo porque hão-de tratar, e que Cantão estive-se aberto ao commercio em geral, os portuguezes estiveram por esse seculo quasi na carreira da China para a Foz de Amoy, e tiveram um commercio com a Cantão por 50 a 60 annos, gosando então da vantagem do commercio com o Japão.

Macao era então um estabelecimento recente, o melhor e o mais importante que os portuguezes possuem no oriente. D'aqui foi quando as outras nações europeas começaram a competir com elles, se tornou um objecto das rixas e contendus. Se então se tivessem acceptado as offeras que os chinas fizeram em 1773 de que Macao fosse o imperio de todo o oriente estrangeiro, e recebesse os direitos sobre

portancias, seu antigo esplendor e affluencia, não só se conservaria ainda, porem teria até aumentado. Em ambos os casos, contudo, esta esplendida offerta foi rejeitada pelo senado, obrando debaixo da direcção do vice-rei de Goa.

A declinação gradual de Macao data deste periodo, quando outras nações europeas começaram a competir com os portuguezes na China, e no mercado geral da Azia. O principio cubicoso com que os negociantes obravam frequentemente accelerou a sua ruina, a qual foi quasi completa no reinado de Kanghe, por uma prohibição a todos os subditos phinsas (inclusos os habitantes de Macao), de navegarem para os mares do Sul. Neste tempo (1686) a armada consistia em 10 navios apenas, que em 1704 ficaram reduzidos apenas a 2, que estavam incapazes de tudo. Hoje o numero de navios pertencentes aquelle porto é de 15, sendo 10 menos do numero limitado pelos chinas.

Quando em 1581 Portugal se uniu á coroa de Hespanha, Macao teve tambem insinuação de se submeter ao governo de Filippe 1.º e na separação dos dous reinos, 60 annos depois, era ainda de tal importancia, que se considerava a sua posse digna de ser desejada. Fizeram-se então diligencias de a conservar para Hespanha; porem uma grande maioria dos cidadãos declarou a sua adhesão á nova dinastia portugueza.

Em 1622 os hollandezes anciosos por obterem um porto seu na China, tentaram uma invasão em Macao. Treze navios foram expedidos contra aquelle porto, e 800 homens fizeram um desembarque na bahia de Cassilhas, e começaram a marchar para a cidade, porem ao chegarem entre os dous fortes do Monte e da Guia foram derrotados e expulsos pelos portuguezes. Para então por alguma forma se resarcirem de sua derrota se passaram das ilhas dos Pescadores, no canal da ilha Formosa (pertencente á China), com o pretexto de que os chinas tinham auxiliado os portuguezes contra elles.

Cinco annos depois fizeram os hollandezes outra tentativa sobre Macao bloqueando o porto, e apresen-

do todos os navios que alli aportavam. Porém portugueses conseguiram tomar e queimar o navio pil; e os outros tendo noticia de que uma espanhola partia de Manilha em auxilio de T largaram logo para o mar.

Em 1808 uma expedição ingleza, ás ord almirante Drury, foi mandada de Bengala para par Macao, e defende-la para os portugueses os francezes. Porém o governo chinês suspende o commercio britannico, e não quiz receber a comunicação alguma do almirante, em quanto as alli se conservaram. Depois de cousa de de demora alli, retiraram-se pacificamente.

Ainda que a historia de Macao ser concedida por portugueses pelos seus serviços contra os piratas, não é contudo sem apparencias de damento, porque, desde que elles tem occu lugar, tem por mais de uma vez sido convidado a ajudar os chinas a expulsar e subjugar os raveis piratas que em todos os tempos tem i as costas de Cantão. Em 1809 estes piratas se tornado tão poderosos e atrevidos, que pizeram go a esquadra imperial, e frequentemente re embarcações tanto chinezas, como europeas. ta occasião Macao forneceu, a pedido dos c navios aparelhados e providos para 6 mezes este auxilio, acompanhado de promessas de pensas e honras, os piratas principaes foram a entregarem-se ao governo, ao passo que s panheiros immediatos foram severamente ca uns executados, outros deportados.

Macao é o ponto destinado pelos china residencia dos estrangeiros quando não estão dos em commercio em Cantão. O governo nega isto como materia de direito, e por zes tem-se mostrado disposto a negar a indi trangeiros a permissão de residirem: porem de Goa ha pouco passou uma ordem para que se concedida em todos os casos, em quanto se não mandasse o contrario.

Os officiaes d'alfandega chineses costum gir 100. pesos de direitos pelo desembarque



senhora, em Macão. Isto era em consequencia de uma antiga prohibição imperial contra a vinda áquelle logar de mais mulheres, publicada ao mesmo tempo com uma prohibição contra o edificar casas em novos logares, ou reedificar as antigas sem licença.

A primeira prohibição hoje é já sem effeito, porque a segunda ainda continua em vigor. Comtudo as casas se edificam agora, não sem grandes despesas por causa da venalidade dos funcçionarios locais.

## CHRONICA HISTORICO-POLITICA,

(Em 18 de Março de 1840.)

*Portugal. Factos mais notaveis occorridos desde 18 de Fevereiro.*

25 de Fevereiro. Dissolução das Cortes; Convocação de novas, e nos termos do Artigo 81.º §. 1.º e 2.º da Constituição para 25 de Maio. As eleições devem começar no dia 22 de Março.

### A DISSOLUÇÃO DAS CORTES.

Realisou-se o que ha muito haviamos previsto; a dissolução da camara dos Deputados era assim uma necessidade publica, como a sua continuação uma calamidade; reconhecia cabalmente o Governo que era mister attender á necessidade, e remover os effeitos da calamidade; porem via tambem que o lizo que a Corôa pode fazer da prerogativa constitucional devia ser mui calculado, e sempre plenamente justificado; que os motivos que a tal a houvessem de obrigar deviam ser manifestos, de immediata intuição, de facilissima comprehensão para a maioria do povo, a cujo appello se ia recorrer; e que em fim o momento deveria ser o mais escolhido, e opportuno. Todos os Deputados, em geral, assim do lado direito como do lado esquerdo, reconheciam tambem que das Cortes actuaes não podiam manar providencias salutaes; cada lado accusava a obstinação do opposto, em oppôr obstaculos e dilações, movendo longas e prolixas discussões, recorrendo a subtilzas e a ardilozas estrategias parlamentares para protelar as votações. Que o lado direito assim se queixasse, era efectiva-

~~mente~~ ~~que~~ ~~quero~~ ~~e~~ ~~reconhecido~~ ~~d'un~~ ~~facto~~ ~~visto~~; e reconhecido por quem de boa fé observa as couzas e que o lado esquerdo levado do ardor patriotico que alardêa, do sentimento puro e sublime de nacionalidade que ostenta, quizesse arrogar-se a pretensão de ser exclusivo naquelle ardor, e neste sentimento, é na verdade audacia miseravel, ou vaidade risivel! o lado esquerdo, contra o que cuidava, achou no direito o mesmo puro e sublime sentimento de nacionalidade, e talvez mais patriotico e mais sincero ardor pela dignidade e honra nacional, e vendo inutilisadas as armas que havia carregado, desmontadas as baterias em que se havia entrincheirado, lutando, com denodo sim, mas sem convicção, recorreu a ~~investivas~~, a ~~dêsconfianças~~, a ~~presumpções~~, a ~~subterfugios~~, a ~~ardis~~, e enfim a quanto podia dar-lhe um instante de vida, para fazer valer o recurso de que esperava colher o mais luzido triumpho, fazendo a multidão, lançando ao ar estrondosos, mas ôcos *palavrões*, esquecido de que os tempos tinham mudado, e que o effeito d'uma dolorosa experiencia fora uma terrivel prevenção que paralisava a boa fé d'uns, e tolhia a acção d'outros. Mas não antecipe-mos o processo das Cortes dissolvidas, e expendamos primeiro os factos.

Já em nossos anteriores números havemos reflectido sobre o vicio de sua origem, e sobre sua organização, consequencia necessaria daquelle vicio. Pouco e pouco se ia esvaecendo o prestigio que ellas haviam inspirado, e com que ainda se mantiveram até a decisão fatal, que as constituiu definitivamente; e durante esse debate memoravel, que ali se acha consignado em seu Diario para gloria d'uns, para desculpa d'outros, e para permanente accusação d'alguns, é que a justiça vigorosamente sustentada por um teve de ceder o campo á politica, brilhante e conscienciosamente invocada por outros, mas *artivamente* manejada por muitos! A sessão preparatoria do dia 7 de Janeiro de 1839, em que uma maioria de 29 votos, ou de 55 contra 82, approvou as eleições, com a unica excepção d'um circulo, decido dos electores politicos das transparentes Cortes! Era baldade

esperar que o poder só d'uma maioria devesse as con-  
 vicções firmadas sobre a inspecção ocular, sobre o  
 testemunho presencial dos factos. As Cortes estavam  
 civasdas de um vicio radical ; os 32 da minoria con-  
 tinuavam a occupar os seus lugares, contra sua opi-  
 nião e vontade, indubidos de os abandonar, porque  
 conscienciosamente não podiam renunciar á missão que  
 haviam recebido, e que entendiam legitima : só elles,  
 e alguns da maioria, em cujo espirito haviam feito  
 impressão profunda as apprehensões da politica sin-  
 ceras, e por isto desculpaveis, é que podia dizer-se  
 que eram os legitimos representantes da nação ; e  
 como debaixo desta convicção, e da responsabilidade  
 moral que nella se envolvia, poderiam ou deveriam  
 elles abandonar o posto que seus constituintes lhe ha-  
 viam confiado ? ! E sem embargo deste multigrave fun-  
 damento, assim mesmo foram aconselhados por les-  
 criptores judiciosos, e bem inclinados a si, mas ex-  
 cessivamente fascinados, para dar esse tremendo pas-  
 so ; e ainda mais, foram lincrepados por o não ha-  
 verem dado !

Assim mesmo, ainda o glorioso procedimento  
 dos trinta e dois, contribuia para não eclipsar de todo  
 o prestigio que as Cortes haviam inspirado ; ainda  
 uma meiga, bem que debil esperança, fazia conceber a  
 idéa, de que o reconhecimento do estado do paiz,  
 de que o brado unisome que de todos os seus angulos  
 retombava no seio de seus Representantes, abria nos  
 olhos áquelles que só podendo dizer-se representantes  
 d'um partido, legitimassem por actos *verdadeiramente*  
 nacionaes a duvida da sua origem !

Firme em suas convicções, mineiro sem seus de-  
 zejos, leal em seu procedimento, o lado direito en-  
 tendeu que devia sustentar um ministerio, que por seu  
 programma, e por as propostas que veio representar á  
 Camara, lhe dava uma garantia d'ordem, e de con-  
 ciliação ; elle fez o generoso sacrificio da opinião que  
 lhe faziam ter os individuos, precedentes pellicões do  
 maior numero dos membros do mesmo ministerio, a  
 justa desconfiança que aquelles precedentes lhe inspira-  
 vam desvanecia-se diante da prova das propostas ; o  
 sincero desejo d'organisar o paiz, de remediar os ma-  
 les

les das dissensões civis , de fazer parar a revolução, de fazer com que a nova constituição fosse uma realidade, e não um simulacro , a resistência que decidida e vigorosamente tinham d'oppor ao restabelecimento do *governo do Arsenal* , havia fixado a sua posição. A missão formal do lado direito fôra consolidar a constituição ; — reparar paulatinamente os danos causados pela dictadura revolucionaria ; fazer effectivos alguns de seus beneficios , — retocar e emendar aquellos actos, que para produzir um effeito benefico , careciam d'emenda e retoque ; — congraçar emfim os membros da familia portugueza , que fascinados , ou resentidos , se achavam como excentricos a ella. Esta missão falhou inteiramente desde o momento fatal, em que se deram por legitimadas as eleições designadas como nullas pela opinião publica : os actos emanados d'uma falsa representação nacional , não podiam deixar de levar consigo o defeito de seu nascimento, e só á força de decisões justas , de providencias correspondentes ás necessidades do paiz , não ás exigencias dos partidos , poderiam ellas fazer esquecer sua origem , e até fazer abençoar a sua obra.

Muito ao contrario ; providencias muy limitadas e mesquinhas foram o resultado da sua primeira e longa sessão. Nem uma reforma util ; nem uma só das muitas necessidades crescente etc reclamadas pelo estado do paiz , sahio de seus debates ! E para cumulo de males esse ministerio que havia annuciado a sua tendeneia para a ordem , e para a conciliação dos partidos , preocupados por uma deslocada , e podemos dizer que injusta desconfiança , foi entregar as pastas nas mãos d'individuos , que sem se poderem dizer exagerados então em suas opiniões politicas , sem se poderem reputar filhos do arsenal , que quando não fosse intenção sua secundar exagerações daquelle partido ( facção diremos nós com mais exactidão , e propriedade ) , dar satisfação cabal á suas exigencias , tinham para ali suas tendencias. Indubitavelmente a influencia do *poder occulto* , do espirito do *Arsenal* ; tinha trazido ao poder os homens do novo ministerio ; nem elles quando ao contrario entendessem , podiam evitar aquella influencia ; ou oppôr-

so francamente a seus oitantes. O ministerio de 18 de Abril de 1839 certo de que o lado direito não podia dar-lhe um apoio decidido, mas só eventual, naquelles actos em que a justiça exigia que se lhe não negasse, ou em que a politica aconselhava a prestar-lho; desconfiados de que o lado esquerdo se resolvesse a sustental-o com decizão; porque tambem não podia plenamente corresponder ás suas exigencias, em manifesta opposição com a opinião publica altamente pronunciada; esse ministerio de 18 de Abril appareceu receoso da opposição do lado direito, e receoso tambem do adjutorio do lado esquerdo, tendendo para este, mas respeitando aquella! posição terrivel para todos; para todos falsa, e fatal para o paiz! O lado direito forte por seus principios, por o numero de suas capacidades, e ainda mais forte pela opinião publica que representava, viu bem as tendencias no novo ministerio; reconheceu o estratégico procedimento do lado esquerdo; mas notando que aquella opinião publica não estava tão forte e decidida, para com sua força contar quando fosse mister apellar para ella; para com ella resistir aos instrumentos patentes do poder occulto; para com ella esmigalhar os cacêtes, quebrar os punhaes, enfrear a fraude, e fazer triumphar a lei; receoso de perder quanto já se havia ganhado á custa de tantos sacrificios, e de tornar a cahir nas garras do Arsenal, então disposto e prompto para empolgar a sua preza; o lado direito convencido da necessidade de se apresentar como opposição vigorosa, justa, e prudente, sem *ser acin-toza*, tremeu comtudo pelas consequencias! elle não hesitaria de largar as cadeiras ás capacidades do paiz, que ali podiam por ventura vir occupal-as, se com mais proveito nacional, não por certo com intenções mais puras, uma vez que tivesse uma bem fundada esperanza de que na presença daquelle ministerio, a opinião publica do paiz se sustentasse inconcussa, e denodada; se a sua convicção fôra de que os meios empregados em 1838 pelo partido exagerado não dariam em resultado consequencias ainda mais funestas, o lado direito tomaria a brilhante posição que se lhe apresentava, saberia sustental-a com vigor, com gloria;

mas estredaceu diante destas considerações; contentou-se com uma opposição da simples resistência; limitou-se a oppor-se ás pretensões do lado esquerdo, e a tirar do ministério todos os pretextos de seguir a força das suas tendencias; e, conhecendo a gravidade do seu sacrificio, offereceu-se em holocausto ao bem da patria, e deixou-se annullar! Debaixo d'uma impressão bem desagradavel e penosa, mal reconhecida e avaliada pelo paiz, terminou a sessão de 1839, e os Deputados da direita, se não plenamente satisfeitos com si mesmos, concios ao menos de não haverem comprometido o seu paiz, falseado seus principios e seu juramento á Constituição, ou arriscado as prerogativas da Corôa, esperançosos d'um melhor futuro, foram repousar do trabalho d'uma sessão longa, e por certo afflictiva.

Mas o ministério não podia fugir ao predomínio da influencia que o fez nascer, e que o sustentava; elle lutava contra circumstancias mui graves; e impellido por sentimentos, bem que louzaveis, mal condados, achou-se a borda de um precipicio aonde ia desacordada, posto que mui patrioticamente, levar a nação, que pelas revelações da imprensa, e pela talvez imprudente e inopportuna publicação da correspondencia diplomatica, apenas poudo um momento reconhecer a terrivel situação: mas o chefe do Estado ainda a tempo a poudo salvar, despedindo de seus concelhos aquella Administração, e chamando a elles outra, que menos prevenida, mais desapaixonada, e com mais reflexão podesse encaminhar as cousas para uma solução pacifica, sem contudo comprometter a dignidade, e honra nacional. — Este procedimento da Corôa era necessario, e Constitucional; mas o lado esquerdo vendo cahir uma Administração que era feitura sua, não poudo ver sem despeito a resolução tomada pelo Chefe do Estado, quando o Parlamento não estava reunido, como se algum artigo houvesse na Constituição que o obrigasse a esperar pelo tempo determinado da sua reunião, ou a convocá-lo extraordinariamente; como se ao perigo imminente não houvesse de dar-se prompto e necessario remedio! Grande e mui grande foi o despeito com

que o lado esquerdo, agora opposição, viu fugir-lhe o poder das mãos, inibida, se não annullada a sua influencia, e contramainados seus projectos: próximo estava o tempo de se abrir a campanha parlamentar, para ella appello, persuadido de que armadilha com a força da *nacionalidade* que suppunha exclusiva para si, em poucos dias abateria seus adversarios, e faria retirar vergonhosamente a Administração que a Corôa *spontaneamente* escolhera sem seu consentimento, por ventura pela primeira vez desde a fatal revolução de 1836.

Sob tuos auspícios começou a sessão ordinaria do anno de 1840! Uns dispostos para hostilizar a Administração por quantos meios podessem dar-lhe a victoria, e outros firmes em a sustentar, e resolidos a surgir da nullidade a que se haviam sacrificado por bem do paiz. Se a sanha d'uns redobrou, com a apresentação das importantes reformas no administrativo, judicial, e fiscal, com o projecto do censo, como garantia de ordem, e estabilidade das instituições juradas, com as numerosas representações pedindo a discussão e approvação de taes propostas; a firmeza d'outros cada vez mais apoiada em sua sincera convicção, tornou-se inabalavel, e o seu posto parlamentarmente inexpugnavel. A posição tomada pelo lado direito foi plenamente reconhecida pelo lado esquerdo, que descorçoado de a levar á viva força, envidou seus recursos todos parlamentares, e não parlamentares; mas enganou-se, porque cuidando poder conseguir uma victoria, *mesmo ingloria que fosse*, foi de dia em dia perdendo terreno, e a opinião publica medrando e fortificando-se: a opposição esgotou seus meios todos, nem receou de comprometter o systema representativo com o descredito que lhe estava provocando, revelando ao mesmo tempo seus ultteriores pensamentos: e por tal modo se achavam obcecadas suas intelligencias, que um de seus membros, que não goza da opinião de valoroso, e muito menos de corajoso, em um momento d'hallucinado despeito, mesmo ao ponto de levantar-se a sessão, e o Presidente da Camara da sua cadeira, em acto seguido, e em consequencia das attribuições da Presidencia, na presença das



galarias que também se levantavam, ousou insultar-o por modo tão grave, e atrevido, e muito mais ainda em relação ao genio docil do presidente, e seu estado pacífico, a sua bem merecida reputação civil, e litteraria, que este entendeu não dever mais voltar á Camara nesta qualidade: este facto occorrido no dia 21 de Fevereiro será memoravel na historia parlamentar, mas o que por certo o será ainda mais é a decisão da Camara no dia seguinte, em que trazido o objecto á discussão se decidiu por uma divisão de 53 votos contra 51, que sobre aquella occorrença não havia lugar a votar! Durante o calor da discussão escaparam expressões não menos memoraveis, que mais que muito revelaram o pensamento da opposição! Em taes circumstancias era desar para o lado direito, que representava a opinião publica do paiz conservar uma posição tão penosa, era indecoroso ao Governo continuar a tolerar tão indecentes combates; e deixar correr grave risco ao credito do systema representativo; e ainda mais indecorosa a dependencia d'uma maioria fluctuante, e caprichosa: a dissolução era inevitavel; e a Corôa usou constitucional e opportunamente da sua prerogativa: a Corôa appellou para a nação! E qual será o resultado deste appello! Em poucos dias o veremos.

Escrevemos justamente no momento da febre nacional, no momento em que o povo vai exercer a sua soberania, e grave censura correriamos, como escriptor publico, se deixássemos de mencionar algumas occorrencias importantes, e sobre ellas omittissemos reflexões, obvias sim, mas nem por isso desnecessarias.

Se todos os partidos reconheciam a necessidade, e a indispensabilidade da dissolução; cada um delles não deixava de reconhecer também o perigo de suas consequencias. O lado direito ficava justificado para com a nação da pureza de suas intenções, fazendo ver decididamente que em tal conjunctura, não havia mais que esperar. E bem certo de que uma vez desafrontada a urna, sem embargo da falta essencial da lei do censo, na presença d'uma lei eleitoral propicia ás facções, ella exprimiria a opinião geral, emittida livremente, mais plenamente se justificaria para com o

mundo inteiro d'haver instado pela dissolução. — O lado esquerdo porem , menos confiado nas *virtuosas massas*, no milagroso auxilio de seus instrumentos e-leitoraes , e sobre tudo na força da opinião , que vê todos os dias ir crescendo a seus adversarios , affectava uma serenidade que não tinha , disfarçava o receio que o lacerava , e deixava translusir o arrependimento de não haver solicitado e provocado esta medida no fim da sessão anterior , e durante o influxo da administração transacta ! mas seu receio cresceu de dia em dia depois de dado o golpe ; viu-se em min-gua de força , e procurou augmental-a fosse como fosse : daqui a origem dessa celebre alliança com o partido realista.

Este partido , ou antes , esta collecção de individuos chamados realistas , é na verdade numerosa , mas sem ter por si a opinião geral , nem outras sym-pathias alem daquellas que naturalmente excitam os vencidos — *Vae victis !* Poderemos dividil-os em tres mui caracteristicas classes. *A primeira*, dos *realistas por convicção*, é numeroza , e sem duvida respeitavel , porque comprehende o maior numero dos cavalheiros da antiga nobreza , e grande porção de proprietarios ricos ; elles adoptaram a usurpação como um facto , sem aconselharem ou approvarem os seus horrores ; abstrahiam de D. Miguel a qualidade de usurpador , para nelle verem o representante e chefe do absolutismo ; durante a usurpação haviam elles mesmo prestado valiosos auxilios aos perseguidos , e cooperado para minorar seus sofrimentos ; depois de consumada aquella , ou segundo suas idéas , depois de restabelecido a absolutismo , elles não viram nos constitucionaes vencidos senão cidadãos portuguezes , cujos actos anteriores deviam ficar em perpetuo esquecimento ; e era sua opinião , que desde o momento da restauração monarchico - aristocratica , começava para todos uma era nova ; os individuos desta classe combateram por sua propria cauza , cujo chefe era D. Miguel , como primeiro absolutista , não pelo usurpador da corôa de Portugal. E' para nós mui grato deparar-se-nos uma occasião de dar a seu respeito este publico testemunho da nossa consideração ; porque devedores a al-

guns dos membros desta classe de grandes favores, e de generosa protecção, durante o calamitoso tempo das perseguições miguelinas, seríamos torpemente ingratos se fôssemos esquecidos; então tivemos repetidas occasiões de conversar na mais perfeita franqueza com muitos destes individuos, e reconhecemos fundamentalmente quaes as suas idéas politicas, quaes os principios de sua tolerancia, qual sua aversão aos meios violentos em practica, e qual o desejo de valer aos perseguidos: em repetidas *palestras* a que assistimos com um escolhido numero de pessoas, aliás mui importantes então, e para nós sempre respeitaveis pela coherencia de seus principios, nunca deixamos de emittir livremente nossas proprias opiniões, nem de sustentar nossos principios constitucionaes; honra lhes seja! E destes cavalheiros ha muitos ainda, e são elles os que compõe esta primeira classe. — *A segunda é a dos realistas por interesse*; é tambem numeroza, comprehende alguns cavalheiros d'antiga nobreza, muitos *pretenciosos* (a que os francezes chamam *parvenus*), e interesseiros, que abraçaram cordialmente a cauza da usurpação como meio d'augmentar, ou de crear sua fortuna e influencia social; estes aconselhavam as perseguições como meio indispensavel para se conservarem, avultarem, e tornarem necessários. *A terceira é a de ralé*; comprehende os instrumentos brutos, e as massas agentes, mas não pensantes. Os individuos da primeira classe são naturalmente pacificos; os de segunda são forçosamente inquietos, são *proteus politicos*, que facilmente mudam de vestido, uma vez que bruxuleem interesse; nos da terceira classe poderemos fazer duas secções, a *primeira* pouco numeroza comprehende esses que manejando o *cacete azul e vermelho* não fiseram senão mudar-lhe a pintura para *azul e branco*; a *segunda* mui numeroza mas inerte e indifferente, deseja o socego, porque vive da industria sem lhe importar que reine a constituição, ou o absolutismo.

Longa tem sido esta digressão, mas ella era necessaria para melhor se entender e explicar a *alliança* intentada, seu fundamento, seu valor, e até seus resultados. —

Os nossos progressistas de Setembro reconheceram a sua posição; acharam-se em opinião decrescente, e em grande diminuição de sympathia; viram que suas promessas haviam-se tornado illusorias, e que as esperanças que haviam suscitado, estavam quasi inteiramente esvaecidas: as cortes tinham sido dissolvidas debaixo d'uma impressão para elles muito avessa; — o emprego de seus *meios favoritos*, eram de mui difficil execução; conheceram por consequencia que a sua derrota estava imminente, e que era mister reforçar-se. As suas esperanças foram postas nos realistas; nestes tinham achado bastante apoio, sem reflectir que esses que lho haviam dado pela imprensa, eram os *realistas interessiros*, e que este apoio puramente *machiavelico*, e *dolozo*, não tinha por fim senão manter a divisão constitucional, com a qual esperavam destruir a Constituição por seus proprios defensores, e restabelecer os principios do absolutismo! uns e outros se enganavam em seu calculo; por que a sinceridade e a convicção não era o cimento de sua ficticia, e impossivel união. — Os progressistas deram os primeiros passos, e suas proposições foram recebidas.

Os Realistas da primeira classe lisongearam-se um tanto de serem chamados á scena politica, da qual se haviam judiciosamente arredado; e cedendo á instancia dos realistas de segunda classe, consentiram em comparecer em uma reunião para deliberar sobre o objecto; todos aquelles por essa occasião declinaram o convite, e entenderam que não era ainda tempo de deixar a obscuridade em que o seu bom senso os collocara, para tomar parte na contenda eleitoral; — e que tomando a elles mesmos faziam uma formal renuncia de seus principios politicos; e quando não, o seu procedimento nunca podia ser justificado de boa fé, mas sim reputado como caviloso; ao que seu character repugnava.

Os Realistas da segunda classe vendo abrir-se-lhes uma porta a seus interesses, pouco escrupulosos sobre a legitimidade e decoro dos meios de franquear a passagem, e de sustentar-se no campo em que se collocavam; e entendendo que podiam sem receio, por cauza do apoio progressista, tomar parte no combate

eleitoral , e dahi marchar avante , rebateram as judiciozas reflexões dos primeiros ; e exigindo votação sobre o assumpto do debate acharam-se em uma pequena maioria a favor da projectada alliança : tudo isto foi publico na Capital. — Os primeiros porem determinados a seguir a linha de comportamento que haviam adoptado, resolveram permanecer no mesmo ponto , pezarozos porem de que os segundos seguissem uma resolução , que compromettendo de certo esses novos aventureiros , arriscavam mui desavisadamente a cauza de todos. Mas estes a quem talvez mui casualmente fosse lembrado , que , com não tomar parte na contenda eleitoral , o Governo poderia dar-lhes um testemunho de consideração , annistiando os prezos politicos por cauza do facto das *Marnotas*, tomaram a lembrança como uma *propos'a formal*, como uma *transacção* , que lhes reconhecia força , que os chamava á scena politica , e julgaram ter alcançado uma victoria , e achar-se os reguladores dos destinos dos dois partidos Constitucionaes ! Pouco lhes durou a illusão , se a tiveram ; diremos antes, pouco tempo bastou para os convencer que mui precipitadamente haviam começado a edificar no ar , sem embargo da ousada , mas fraudulenta fraze do *Echo* , que é o élo com que sua imprensa os conserva ainda unidos , e esperançosos. A opinião publica constitucional já tinha chamado á *larma* ; os sentimentos d'animosidade , de represalia , e até d'odio que iam a amortecer , começaram a resurgir , e uma bem fundada desconfiança entrou no animo dos verdadeiros constitucionaes ; e resolveram rebater extemporaneas e dolozas pretenções ; esta agitação progressivamente crescente desenganou os *aventureiros realistas* da falsidade de sua posição.

Com effeito , se os realistas , desvanecidas as esperanças de ver restabelecida a forma de governo absoluto , e monarchico aristocratico , acceitando a Constituição , e suas consequencias , se propussem a apparecer na Camara parlamentar como representantes de seus principios , promovendo restricções na Constituição pelos proprios meios nella consignados , longe d'achar sua pretenção criminosa , ou mesmo censuravel , a teriamos por mui respeitavel ; e estamos

convencidos que sentados na extrema direita, ali levados *exclusivamente* por sua propria força, pela *cooperação unica* de seus correligionarios politicos, ainda que representantes d'um partido morto, mas advogado só dos principios, teriam a consideração, e a veneração d'ambos os lados, quando com decencia, franqueza, e eloquencia os sustentassem. Muito ao contrario porem, penosa, arriscada, e de grave compromettimento fôra sua situação se a ella houvessem chegado pelo reciproco adjutorio dado a algum dos lados, e delle em compensação recebido. Assim o tinham entendido os Realistas da primeira classe, e disto mesmo, ainda que com custo, se convenceram os da segunda. Quanto aos da primeira secção da terceira classe, a *ralé*, é ella sempre a mesma em todos os partidos, ella não merece senão desprezo, e vigilancia; mas não deixa de concorrer para o descredito do partido a que pertence. Estamos pois convencidos que os realistas, como partido, tornarão a voltar á obscuridade, donde não deveram ter sahido; aquelles que se propozerem a usar do direito politico que a Constituição lhes dá, só o farão como individuos, e seguindo suas proprias inspirações, inclinações, ou afeições. —

Proximo está o momento do combate eleitoral, não faltam por um e por outro lado temores, e esperanças; se porem consultarmos o sentimento nacional, parece indubitavel o triunfo da ordem; acreditamos que a urna cedo irá apresentar o resultado real da vontade nacional. Reservamos para o numero seguinte considerações politicas, que temos por importantes.

**HESPAÑA.** As eleições deram em resultado uma grande maioria monarchico-representativa. A sessão Real das Cortes foi no dia 18 de Fevereiro; — A Rainha nomêa para Presidente do senado a D. José Maria Moscoso d'Altamira, Conde de Funtão; para Vice-Presidentes o Bispo Eleito da Zamora, e o Conde d'Espaleta.

19 — de Fevereiro. Insolito procedimento da minoria, sahindo seus Deputados da Camara para impedir uma votação! Signaes de proximo rompimento.

23 e 24. Tumultuarias sessões destes dias: as galarias pertenderam entrevir, alvoroços populares depois de fechada a sessão, que foram reprimidos pela força armada: pronunciam-se os indícios d'uma formal sedição. Madrid é declarado em estado de sitio: suspensão das sessões das Cortes. O *ayuntamiento* (Municipalidade) resiste a reconhecer o estado do sitio.

25. O socego é restituído á Capital em consequencia das acertadas e energicas providencias do Governo. O Ajuntamento submetteu-se.

29. — As Cortes tornam a começar os trabalhos preliminares da verificação das eleições. —

Quantas considerações dezejaramos aqui fazer sobre os factos occorridos em a Nação vizinha! Limitamos-nos unicamente a dizer, e com grande satisfação, que a *febre republicana* vae começando a fazer a sua crise. Esperamos que este acontecimento seja uma lição salutar para os nossos demagogos! ... Não podemos comtudo deixar de mencionar a tão judicioza, quanto honrada resposta do Duque da Victoria ás felicitações d'um D. Pedro Lasaro e Martin, que se intitula Presidente da Muito illustre ordem do Protectorado Hespanhol da independencia, e dignidade peninsular; resposta que se acha inserta no numero 464 do *Echo d'Aragão*: nella declara o Duque que os verdadeiros amigos da Constituição de 1837, e d'Izabel 2.<sup>a</sup> não carecem de conciliabulos clandestinos para defender estes caros objectos, e que todo aquelle que os ousasse atacar se tornaria réo d'alta traição.

3. d'Março — Tomada da fortaleza de Segura pelo Exercito do commando do Duque da Victoria: este acontecimento é o preludio para as operações militares que devem começar na proxima estação.

INGLATERRA. 10 de Março. = A Rainha Victoria celebrou o seu consorcio com o Principe Alberto.

Preparativos de guerra contra a China. O Exercito Inglez da India toma a Praça da Khelat.

Lord Wellington é acomettido d'um ataque d'apoplexia, de que se vai restabelecendo.

Os Cartistas Inglezes não desistem de seus projectos; Sheffield e Bolton são theatros de scenas horriveis, e d'incendios, perpetrados por aquelles.

FRANÇA. Fevereiro 20 = A Camara dos Deputados regeita a proposta para a dotação do Duque de Nemours por uma maioria de 226 contra 200 votos. Os ministros dão a sua demissão.

24. = M.<sup>r</sup> Guizot parte para Londres.

Março 3. = Novo Ministerio de que é Presidente M.<sup>r</sup> Thiers.

RUSSIA. Expedição contra o Khan da Khiva commandada pelo General Berowsky. Chega no dia 4 de Dezembro a Orembourg ; — o thermometro estava naquelle dia a 30° abaixo de Zero ! As operações começaram depois do dia 17 com desvantagem das tropas de Khiva.

QUESTÃO DO ORIENTE. Ainda sem decisão final: no entanto Mehemet-Ali faz grandes preparativos, e dispõe-se á resistencia , para a qual appresenta grandes meios. =



